

PORTVGALIAE
MONVMENTA NEOLATINA
VOL. XVI

D. JERÓNIMO OSÓRIO

OPERA OMNIA

TOMO III

COMENTÁRIOS
AOS PROVÉRBIOS
DE SALOMÃO

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

(Página deixada propositadamente em branco)

PORTVGALIAE
MONVMENTA NEOLATINA

Coordenação Científica

A P E N E L
Associação Portuguesa de Estudos Neolatinos



A P E N E L

COORDENAÇÃO CIENTÍFICA

Associação Portuguesa de Estudos Neolatinos - APENEL

DIREÇÃO

Sebastião Tavares de Pinho, Arnaldo do Espírito Santo,
Virgínia Soares Pereira, António Manuel R. Rebelo,
João Nunes Torrão, Carlos Ascenso André,
Manuel José de Sousa Barbosa

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Maria João Padez de Castro

EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra
Email: imprensa@uc.pt
URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc

CONCEÇÃO GRÁFICA

António Barros

PRÉ-IMPRESSÃO

Bookpaper

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Sersilito

ISBN

978-989-26-0988-1

ISBN DIGITAL

978-989-26-0989-8

DOI

<http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0989-8>

DEPÓSITO LEGAL

292459/09

APOIOS



PORTVGALIAE MONVMENTA NEOLATINA

VOL. XVI

D. JERÓNIMO OSÓRIO
OPERA OMNIA

TOMO III

COMENTÁRIOS
AOS PROVÉRBIOS
DE SALOMÃO

ESTABELECIMENTO DO TEXTO LATINO

SEBASTIÃO TAVARES DE PINHO
ANTÓNIO GUIMARÃES PINTO

INTRODUÇÃO, TRADUÇÃO, NOTAS E COMENTÁRIOS

ANTÓNIO GUIMARÃES PINTO

(Página deixada propositadamente em branco)

NOTA PRÉVIA DO TRADUTOR

Dando continuidade ao ambicioso projeto da edição dos *Opera Omnia* de D. Jerónimo Osório, apresentamos agora, como 3.º tomo da série, o texto latino, devidamente fixado, e tradução dos *Commentaria in Parabolas Salomonis*, obra póstuma, cuja 1.ª edição saiu no tomo III da edição que, em Roma, no ano de 1592, o cónego Jerónimo Osório Júnior fez da totalidade do espólio literário latino do seu ilustre tio homónimo. Tal como sucedeu com o 1.º volume desta série osoriana, a que coube o 4.º lugar nos *Portugaliae Monumenta Neolatina*, acatei também agora o conselho do Professor Pinho, de prosseguir a minha, já relativamente longa, empresa de recuperação do espólio literário do Cícero Lusitano, através da tradução, feita *ex professo* para esta coleção, de obras não só póstumas, mas que ainda não tinham sido anteriormente por mim traduzidas e editadas. Tal como daquela feita, coube agora também a vez à exegese que Osório realizou de um dos chamados ‘livros sapienciais’ da Bíblia, com a diferença de que, formalmente, a obra que aqui se apresenta, e cingindo-me ao critério adotado pelo sobrinho-editor, se integra no subgénero dos “comentários”.¹

Infelizmente, falecem-nos quaisquer informações, tanto internas como externas, que nos permitam datar com alguma certeza a época e circunstâncias de redação desta obra, seguramente merecedora de maior atenção do que o quase total silêncio a que foi remetida pelos críticos e estudiosos durante exatamente quatro centúrias, pois data precisamente de 1992 o estudo de M. Augusto Rodrigues, intitulado “O livro dos *Provérbios* na interpretação exegética de D. Jerónimo Osório. Aspectos filológicos”,² no qual, embora de forma sumária e numa perspetiva

¹ Para a definição desta variedade de literatura exegética e mais desenvolvida visão e contextualização da atividade osoriana neste domínio, deverá o leitor consultar as pp. 51-53 da minha Introdução a: D. Jerónimo Osório, *Opera Omnia. I. Paráfrases a Job e à Sabedoria de Salomão*, volume IV da coleção *Portugaliae Monumenta Neolatina*, Coimbra, Imprensa da Universidade / Universidade do Algarve, 2009.

² Publicado na revista *Humanitas* 43-44 (1991-1992), pp. 343-354.

confessadamente limitada, mesmo assim se chama a atenção para a importância real dos *Comentários aos Provérbios de Salomão* e o injusto descaso a que haviam sido votados. Nem na *Vita* nem no prefácio-dedicatória ao cardeal bolonhês Gabriel Paleotti faz o sobrinho-editor qualquer referência às motivações ou ensejo que estiveram na origem deste longo e por vezes eloquente texto do seu tio e protetor. É certo que, quem estiver medianamente ciente dos graves conflitos que opuseram o bispo do Algarve a algumas das personagens determinantes do reinado de D. Sebastião, talvez sinta a tentação de ver alusões e até frechadas diretas em muitas das passagens destes *Comentários*, nas quais o nosso Autor, com a sua usual truculência e cachoante indignação, arremete amiúde, não apenas contra os áulicos lisonjeiros e ruins conselheiros dos reis, mas igualmente contra os próprios reis pouco atilados na correta escolha dos seus colaboradores e remissos no cumprimento dos seus deveres, secundarizados perante o desejo de satisfazer apetites e paixões pouco congruentes com a dignidade régia.

De facto, além da exposição, glosa, paráfrase e anotações do texto propriamente salomónico, e ultrapassando as raias de um texto pura e exclusivamente de exegese bíblica, estes *Comentários* espraiam-se, com a sólita eloquência, por um feixe de temas que são transversais à quase totalidade da obra osoriana: educação e atuação do rei; sátira dos lisonjeiros; crítica feroz dos demagogos; insânia das turbas; verdadeira sabedoria. Ligado com esta temática, o Autor concede, neste livro, particular e interessante desenvolvimento à experiência mística,³ matéria que talvez mereça um estudo mais aprofundado, que deverá tomar também em consideração o que acerca do mesmo assunto escreveu no *In Haddonum* e no *De uera sapientia*.⁴ Finalmente, novidade em relação a outras obras de pendor teológico, já por mim traduzidas, é a veemência apaixonada com que a figura da Virgem Maria surge tratada neste livro, de que é bom exemplo o belíssimo hino de glória à Mãe de Cristo com que a obra finaliza.

Quanto à parte formal, notamos, em primeiro lugar, uma das características mais típicas do estilo osoriano, que é a necessidade de entrar em diálogo com um opositor ou questionador imaginário, desse modo conseguindo conferir não pequena vivacidade a matérias arriscadas a sossobrar num imenso mar de monotonia. Em segundo lugar, e em referência à linguagem propriamente dita, tratando-se de obra póstuma, é natural que vez ou outra, mas rara, se note algum enleio ou descuido de linguagem, resultado da falta da derradeira demão, que certamente acepilharia e desbastaria as rebarbas que uma primeira e corrida escrita sempre deixa, mesmo quando, tal o caso de Osório em relação ao latim ciceroniano, o escritor domina como poucos o instrumento do seu ofício. No

³ Vd. colunas 908-9.

⁴ Vd. pp. 364-5 do 2.º tomo da nossa obra *Humanismo e Controvérsia Religiosa*, Lisboa, INCM, 2006, onde transcrevemos e traduzimos os passos osorianos relativos a este ponto.

geral, porém, a linguagem apresenta-se correta, frequentes vezes brilhante e, embora com relativa raridade, desata-se ocasionalmente em deslumbrantes arrojados e aquilinos voos de estilo.

Para a fixação do texto latino, foi feita a colação das duas edições conhecidas: a que faz parte da supramencionada obra completa (*Opera Omnia*, tomo III, col. 657-950), publicada em Roma em 1592, e a 2.^a edição saída autonomamente em Antuérpia, Martinus Nutius, em 1596, ambas da responsabilidade do sobrinho e homónimo de Jerónimo Osório, e cujas variantes, aliás reduzidas, vão assinaladas em lugar próprio.

Lembro, enfim, que na tradução portuguesa dos textos da *Vulgata* citados por Osório, servi-me, salvo casos excepcionais, da modelar versão de António Pereira de Figueiredo, que aliás neste caso particular dos *Provérbios* de Salomão tem para mim um especial gosto familiar, pois desde bem jovem me acostumei a lê-los numa edição avulsa, que ainda conservo comigo, publicada na penúltima década do século XVIII, e que fazia parte da biblioteca do meu bisavô Villela, em Barbudo (Vila Verde, Braga), tendo antes pertencido, como se depreende da assinatura que consigna, a seu ilustre irmão o reverendo Dr. José António da Costa Machado Villela, cónego da primacial sé bracarense e licenciado em Direito, pela Universidade de Coimbra, onde foi condiscípulo e amigo do poeta luso-brasileiro Gonçalves Crespo.

Cumprimo-me registar um agradecimento muito particular ao exímio hebraísta Professor Doutor Manuel Augusto Rodrigues, pela sua colaboração, com a análise, fixação e transcrição do abundante vocabulário hebraico que D. Jerónimo Osório apresenta ao longo deste comentário bíblico.

Não posso concluir sem endereçar uma palavra de especial gratidão ao Professor Sebastião Tavares de Pinho, que com insuperável e contínua generosidade me tem ajudado como amigo, e iluminado como mestre, mitigando em grande medida as imensas dificuldades que inçam o caminho de quem se entrega ao campo de estudos, que é o nosso, vivendo no coração da selva amazónica: bem haja!

Manaus, 11 de junho de 2014.

(Página deixada propositadamente em branco)

TEXTO E TRADUÇÃO

[657-658]

ILLVSTRISSIMO ET SAPIENTISSIMO PATRI
GABRIELI PALAEOTO
S. R. E. CARDINALI

HIERONYMVS OSORIVS NEPOS

Cum rerum omnium ea sit condicio ut, breui temporis spatio circumscriptae, quasi confectae senio concidant, minime mirandum est si omni praesidio urbes munitissimae ita corruerint ut illarum uix aliquod monumentum appareat, quod enim erat naturae debitum persoluerunt. Illud uero esset omni admiratione dignum si haec nostra condicio, temporis uicissitudini obnoxia, tantis opibus fulciatur ut nulla temporis longitudo et iniuria eam de statu dimouere possit. Sic enim immortalitatem quamdam consecuta fuisse uideretur. Quod quam raro contingat, Syriae et Phoeniciae urbes, priscis temporibus imperio et doctrinae opinione florentes, breui e post omnium obliuione contritae declarant. Athenae, Corinthus, Magna Graecia in Italia, sempiterna obliuione obrutae, testantur omnia, licet sint summis opibus stabilita, aetate consumi. Verum, etsi haec rerum humanarum uarietas et mutatio ab ipsa natura proficiscatur, quae motu suo semper cietur et agitur, non tamen tantam uim haberet ut eas ita labefactaret ut etiam ex hominum memoria deleret, nisi ea fuisset hominum mens libidine obcaecata ut sapientiae studio diuitias, imperium et gloriam, fallaci quadam uirtutis specie animis blandientem, praeferrent. Diuinum enim quiddam et immortale sapientia continet, quod temporis diurnitati minime cedit, adeo ut, cum illarum gentium imperia, quae ante Romanam Rempublicam floruerunt, sint in nihilum redacta, urbes illae, quae tunc sapientiae laude praestabant, nunc etiam aliquam [665, **alias 659-660**] nominis auctoritatem retineant, eos enim, qui praeclaris disciplinis animos excolunt, ab obliuionis tenebris sapientiae splendor uindicat. Quamuis enim nationes illae numquam tam exitiales exitus haberent si eo quo coeperant conatu in sapientiae studium incumberent, quia tamen in eo studio per aliquod tempus praeclare se gesserant, non sunt ex hominum memoria penitus euulsae. Illarum quidem gloria, imperium et eruditio tenebris conticescit, at tamen nomen in hominum memoria uiuet.

[657-658]

JERÓNIMO OSÓRIO, SOBRINHO,
AO ILUSTRÍSSIMO E SAPIENTÍSSIMO PADRE
GABRIEL PALEOTO⁵
CARDEAL DA SANTA IGREJA ROMANA

Sendo tal a condição de todas as coisas que, limitadas por um breve período de tempo, como que destruídas pela velhice, acabam por sucumbir, não é de pasmar se as cidades fortificadas com toda a sorte de recursos defensivos de tal modo caem que dificilmente aparece algum vestígio delas, pois pagaram o que deviam à natureza. E seria algo merecedor de todo o espanto se esta nossa condição, sujeita às vicissitudes do tempo, estivesse fortificada com recursos tão poderosos que nenhuma longa duração ou agressão do tempo fossem capazes de movê-la da sua situação. De facto, se assim sucedesse, daria visos de que obtivera alguma espécie de imortalidade. O quão raramente isto acontece mostram-no as cidades da Síria e da Fenícia, que em épocas antigas floresceram em poderio e crédito de saber, e pouco depois foram tragadas pelo geral esquecimento. Atenas, Corinto e a Magna Grécia, na Itália, enterradas em perpétuo olvido, provam que o tempo devora todas as coisas, mesmo que estas se tenham apoiado nas mais robustas escoras. Na verdade, embora esta inconstância e mudança das coisas humanas proceda da própria natureza, que é incessantemente impelida e agitada pelo seu movimento, todavia não teria um tão grande poder, capaz de abalá-las a ponto de suprimi-las da lembrança dos homens, se o entendimento destes não tivesse sido cegado por um tão forte apetite irracional que ao amor da sabedoria antepõem as riquezas, o poder e a glória, que seduz as almas com uma enganosa aparência de virtude. É que a sabedoria encerra em si o quer que é de divino e imortal, que não cede diante da longa duração do tempo, em tal medida que, embora tenham ficado reduzidos a nada os impérios daqueles povos que floresceram antes da república romana, aquelas cidades que então se avantajavam pelo renome da sabedoria, ainda hoje conservam [659-660] algum nome prestigioso, uma vez que o resplendor da sabedoria resgata das trevas do esquecimento aqueles que cultivam o espírito com as ciências mais elevadas. É que, conquanto aquelas nações nunca viessem a acabar de modo tão funesto se se tivessem dedicado ao amor da sabedoria com aquele empenho com que começaram, todavia, porque durante algum período de tempo se consagraram a este amor de forma notável, não foram completamente expungidas da memória dos homens. Sendo verdade

⁵ Bolonhês, cuja vida decorreu entre 1522 e 1597, desempenhou o cargo de bispo (desde 1566) e depois arcebispo (a partir da 1582) da sua cidade natal. É hoje sobretudo conhecido pelo *Discorso intorno alle immagini sacre e profane*, obra em que estabelece as diretivas a que deveriam cingir-se as obras dos artistas católicos pós-tridentinos.

Vt igitur illarum omnium fuit is ad perniciem lapsus quia se ab studio sapientiae seuocarunt, ita ad immortalem gloriam studium sapientiae Bononiam euexit. Sapientiae enim praesidia rebus omnibus antetulit, quibus saepta eam iam multis ante saeculis gloriam singulari uirtute est adepta, quam nulla umquam diuturnitas temporum aut uarietas, non dicam exstinguere, sed neque aliqua ex parte ad hanc usque aetatem deformarit. Fuit enim illa ingeniorum altrix et artium maximarum parens neque umquam ea studia, quibus floruit ob impotentem animum, ut Rhodus, Corinthus et Athenae, ut nouis rebus studeret, deseruit, sed Sapientiae laudem, semel a maioribus partam, multis accessionibus amplificauit, ac tandem eam cumulauit, quia illis te disciplinis instituit, quibus Ecclesiam Christi mirifice exornas et nostrae memoriae es facile princeps. Non igitur mirandum est si, Corintho, Rodho, et Athenis, breui, post illam quam fuerant gloriam consecutae, dirutis, Bononia per tot saecula et rerum gestarum magnitudine et doctrina, uigeat, est enim haec sapientiae studio merces constituta.

Illud autem de se poterit Bononia gloriari quod singulis aetatibus, hominibus omni doctrina eruditissimis affluit. Eos uero qui in tuam aetatem inciderunt longum fuisset recensere, in quorum numero, ob praeclaram ingenii indolem et eximiam eruditionem eloquentiaeque uim singularem, Hieronymus Osorius reponi debuit. Ex eodem enim sapientiae fonte, illa dicendi ornamenta et maximarum rerum scientiam hausit, qua instructus et ornatus, multis in locis hostes religionis scriptis confixit, et Ecclesiam Christi ualde uehementer illustrauit. Quod quidem, etsi Bononiae tuae Respublica Christiana debeat, nisi tamen illius monumentis auctoritatem adiunxisses, compressa in tenebris iacerent, ut enim ea in Urbem e Lusitania adducerem et in lucem emitterem perfecisti. Vt ergo Bononiae quod Osorium habuimus sit tribuendum, eum tamen uita functum, e mortuis quodammodo excitatum, tibi Bononia iure optimo debet, quod in summi beneficii loco esse collocandum sapientiae studiosi iudicant et tibi quas maximas possunt gratias habent.

Quid igitur mihi, in quem tam multa singulari studio officia contulisti, faciendum erat? Num, quod alii praedicant, ego taciturnitate comprimerem? Et ingrati animi sceleris, quod semper horruui, suspicionem de me concitarem? [661-662] Minime, illud enim ipsa morte peius ducerem. Ex omnibus igitur Osorii scriptis hoc opus elegi, quod Amplitudini tuae dicarem, multiplicem enim rerum disciplinam et multas uariasque rationes continet. Te namque, ob eximiam uitae sanctimoniam et prudentiam singularem atque in omni disciplinarum genere laudem, qua circumfluis, Salomonis prouerbia, et Osorii in illis explicandis eruditio et eloquentia, decebant. Quamuis autem gratiam refferri non possim, illud tamen assequar ut omnis posteritas quod Osorium habeat ad te referat.

que a glória, poderio e saber delas se encontram enterrados nas trevas, de qualquer maneira o seu nome vive na memória dos homens.

Por conseguinte, da mesma maneira que todas elas caíram no aniquilamento por se terem apartado do amor da sabedoria, assim o amor desta conduziu Bolonha a imorredoura glória. É que antepôs a todas as coisas a proteção à sabedoria e, graças a esta defesa, com singular virtude alcançou já há muitos séculos uma glória tal que, até hoje, nenhum dilatado período de tempo ou as mudanças deste, jamais puderam, já não digo extinguir, mas de forma alguma afeiar. De facto, ela foi aleitadora das inteligências e progenitora das artes mais elevadas, e jamais abandonou, devido a fraqueza de espírito, aqueles estudos em que floresceu, como Rodes, Corinto e Atenas, para aplicar-se a novas atividades, mas aumentou com muitos acréscimos a nomeada de sabedoria, obtida outrora pelos antepassados, e, ao cabo, levou-a ao auge, porque vos instruiu com aquelas ciências com as quais ornamentais maravilhosamente a Igreja de Cristo e facilmente ocupais o primeiro lugar na nossa memória. Portanto, não é de espantar se, depois de rapidamente aniquiladas Corinto, Rodes e Atenas, após aquela glória que alcançaram, Bolonha se mantém viva durante tão grande número de séculos devido tanto à grandeza dos feitos cometidos, quanto à ciência: é que esta foi a recompensa estabelecida para o amor da sabedoria.

Por outro lado, Bolonha poderá ufanar-se de si mesma por em todas as épocas ter nutrido abundantemente em todos os ramos do saber os homens mais sábios. Seria moroso arrolar os que no vosso tempo ali coincidiram, no número dos quais, devido aos brilhantes dotes intelectuais, excepcional erudição e extraordinário vigor de eloquência, é mister colocar-se Jerónimo Osório. É que dessa fonte de sabedoria bebeu aquelas graças de expressão e a ciência das coisas mais importantes, com as quais aparelhado e ataviado trespassou em muitos passos nos seus escritos os inimigos da religião e assaz vivamente alumiou a Igreja. Isto, ainda que sem dúvida a Cristandade o deva a Bolonha, todavia, se às obras dele não tivésseis ajuntado a vossa autoridade, permaneceriam imersas nas trevas, pois fostes vós quem fez que eu as trouxesse de Portugal para Roma e as publicasse. Logo, do mesmo modo que devemos atribuir a Bolonha a dita de possuímos um Osório, assim também Bolonha com toda a justiça vos deve a dita de, depois desaparecido de entre os vivos, nós de certa maneira o termos ressuscitado de entre os mortos, algo que os amantes da sabedoria creem que deve ser tido na conta do maior dos favores e de que vos dão os maiores agradecimentos que podem.

Por conseguinte, que cumpria que fizesse eu a quem, com extraordinário desvelo, beneficiastes com tantos favores? Porventura silenciaria aquilo que os outros dizem alto e bom som? E despertaria contra mim a suspeita do crime da ingratidão, que sempre me horrorizou? [661-662] De forma alguma, pois consideraria tal como pior do que a própria morte. Portanto, de todos os escritos de Osório escolhi esta obra para dedicar a Vossa Eminência, uma vez que encerra um vasto conhecimento das coisas e muitos e variados pensamentos. Com efeito, a vós, devido à extraordinária santidade de vida e à excepcional prudência e superioridade em toda a sorte

Diutissime ualeas, Pater Amplissime, et hoc nostrum in te studium amplectere.
Romae. Idibus Apr. MDXCII.

[665]

HIERONYMI OSORII LVSITANI
IN COMMENTARIA IN PARABOLAS SALOMONIS

PROOEMIUM

Si uerum est illud tritum sermone prouerbium, nempe, “Pulchra omnia difficilia”¹, sequitur necessario, cum nihil sit uirtute pulchrius, ut nihil sit illa difficilium. Multa namque sunt uehementer ardua, excelsa, sine quibus uirtus lumen habere non potest. In primis enim ad eam parandam, insignis naturae praefianria flagitatur. Haec autem in duas partes tribuitur. Vna, ingenio summo continetur; altera, in animi magnitudine atque robore firmo consistit. Nec enim mens hebes potest ullo modo uirtutis elegantiam et decus intueri, nec animus mollis et effeminatus, uitiiis, quibus animi status oppugnarur, obsistere. Neque tamen id satis est ad uirtutem obtinendam, immo frequenter euenit ut, quo ingenium maius est et animi uis acrior et uehementior, eo mens, propter principatus appetitionem, erroribus inflata turbulentius ruat, usque eo dum se et uniuersam Rempublicam in perniciem furibunde praecipitet. Quod ne accadat, opus est disciplinae salutaris moderatione, quae regat animi partes et mentis statum ordine atque modo constituat. Huius autem disciplinae ratio tota in eo consistit ut doceat quod sit extremum bonorum et ultimum omnium rerum expetendarum, in quod sint cuncta uitae consilia [666] et actiones dirigendae, cuius qui compotes fuerint, merito felices atque beati possint existimari.

In huius enim ultimi finis iudicio omnis uitae ratio uertitur. Multi namque sunt qui ingenio quidem ualent et ad res magnas et arduas adspirant, sed propter uitia, quibus se penitus addixerunt, a ueris bonis auersi, falsa et inania acerrimo

¹ Vd. Erasmo, *Adágios*, 1012: “Difficilia quae pulchra”; Pontano, *Fabellae Aesopianae*, 87: “Quae pulchra, eadem difficilia”.

de saberes, que abundantemente vos esmalta, a vós vos quadravam os *Provérbios* de Salomão e a erudição e eloquência de Osório em expô-los. Por outro lado, ainda que não possa testemunhar-vos o meu agradecimento, de qualquer forma conseguirei que todos os vindouros vos atribuam a dita de possuírem Osório.

Ilustríssimo Padre, ficai bem por muitíssimo tempo e acolhei este nosso afeto por vós.

Em Roma, 13 de abril de 1592

[665]

PROÉMIO
DO PORTUGUÊS JERÓNIMO OSÓRIO
DOS *COMENTÁRIOS AOS PROVÉRBIOS DE SALOMÃO*

Se é verdadeiro aquele repisado rifão que diz que *Tudo que é formoso é custoso*, segue-se forçosamente que nada existe de mais difícil do que virtude, uma vez que nada é mais do que ela. De facto, são muitas e sobremaneira difíceis e elevadas as coisas sem as quais é impossível à virtude luzir. É que, antes de mais, para adquiri-la faz-se requer-se uma natureza de excepcional superioridade. Ora, esta divide-se em duas partes: uma, que consiste numa inteligência muito elevada; e outra, que assenta em grandeza e sólida firmeza de ânimo. É que nem um entendimento obtuso pode de forma alguma divisar a beleza e primor da virtude, nem um ânimo frouxo e apoucado faz frente aos defeitos e imperfeições que abalam a estabilidade do ânimo. Todavia, tão-pouco isto é bastante para alcançar-se a virtude, e até sucede amiúde que, quanto maior é a inteligência e mais enérgica e impetuosa a força de ânimo, tanto mais desordenadamente o entendimento se arruína, ensoberbecido com seus erros, devido ao desejo de obter a primazia, até chegar a desatinadamente se precipitar, a si e à comunidade, na perdição. Para que isto não aconteça, é mister a direção de um método salutar, capaz de senhorear as partes do espírito e estabelecer o equilíbrio intelectual com moderação e ordem. Ora, a essência deste método funda-se por inteiro em ensinar qual é o bem supremo e o fim de tudo quanto deve desejar-se, para o qual cumpre que se encaminhem todos os desígnios [666] e ações da vida, podendo com justiça considerar-se como felizes e bem-aventurados os homens que o possuem.

Ora, em torno da opinião acerca deste último fim é que gira a regra e sistema de toda a vida. É que existem muitas pessoas que indisputavelmente se avantajam pelos seus dotes intelectuais e aspiram a cometimentos grandes e difíceis, mas, por causa das imperfeições e defeitos a que completamente se entregaram, desviando-se dos verdadeiros bens, com impetuoso desvelo correm em pós dos falsos e vãos.

studio consecantur. Itaque, dum, ut beati sint, omnibus corporis et animi modis enituntur, se in summam miseriam praecipites eiiciunt totamque uitam in mendacio et uanitate consumunt. At beatam atque miseram uitam ueritate tantum et mendacio discriminari constat. Beati namque sunt qui ueras opes expetunt, uerum decus admirantur, ueras uoluptates exquirunt, in ipsius ueritatis studium omnes curas et labores impendunt; contra uero, miserrime uitam agunt qui, fallacissima specie delusi, in opes inanes, in popularem dignitatem, in noxias atque pestiferas uoluptates furenter impelluntur, ut ita tandem, dum bonis expleri desiderant, malis innumerabilibus obruantur.

Hoc igitur praestat uerissimae scientiae disciplina, ut, cum intellexerimus quantum inter uerum bonum et assimilatam boni speciem intersit, in ueritatis studium incitemur, et mendacium, tamquam taeterrimam pestem, summa contentione fugiamus. Sed nec hoc quidem satis est ad fructum uirtutis atque iustitiae capiendum. Quamuis [667] enim uerorum bonorum notitiam penitus exploratam et cognitam habeamus, si non habuerimus uires quibus libidinem refrenemus et omnia a nobis flagitia robore inuicto repellamus, nullum nobis fructum afferet scientiae uerissimae disciplina. At naturae imbecilitas tanta est ut facillime flecti et commutari et a studio honestitatis ad flagitia traduci, possit. Instat enim et urget immanis et fera libido; cupiditas multiplex et infinita animum uarie torquet tantisque uiribus in statum mentis insurgit ut illi repugnare sit difficillimum. Nulla namque Furia, colubris subcincta et facibus armata, tantas uires habet, quantas habet haec animorum pestis insita penitus in natura, quae animum saepenumero de omni statu conuellit. Tenebras enim offundit; furorem immanem concitat; morbos pestiferos inducit mentemque, postremo, ab adspectu uerissimae felicitatis auersam, ad res fluxas et inanes nimis attente contuendas inducit.

Vnde colligitur, neque ingenii praecellentis acumen, nec animi decoris studio uehementer incensi magnitudinem, neque artium maximarum disciplinam ad uirtutem comparandam sufficere. Si enim non interuenerit Diuini Spiritus appulsus, frustra disciplinae subsidia comparabuntur, immo, quo plures ingenii et philosophiae opes affluerint, eo taetriora flagitia ex animis ad multorum exitium pullulabunt. Vnde concluditur uirtutem non esse hominum inuentum, sed Dei munus atque beneficium. Quid enim conuenit, cum caeli adspectum, cum aeris spiritum, cum animantium usum, cum corporis motum et incessum, cum omnes denique terrenas opes in muneribus Diuinis numeremus, unumque solum fontem bonorum omnium, quibus corpora nostra continentur, agnoscamus, ut solam uirtutem, quae mentem, in qua uiget Diuinae mentis imago, alit et ornat sensibusque Diuinis afficit, ad humanam disciplinam et industriam reuocemus? Est enim Virtus splendore clarissima, opibus affluentissima, uoluptate iucundissima, status stabilitate sempiterna. Terra desidebit, mare consumetur, aer interibit, caelum incendio deflagrabit, omnia quæ complexu illius continentur ad nihilum

E assim, ao tempo em que, para serem venturosos, se esforçam com todos os recursos do corpo e espírito, estão a precipitar-se na mais completa infelicidade e consomem inteiramente a existência na mentira e aparência. É porém manifesto que a existência venturosa se distingue da mofina apenas pela verdade e mentira, pois são venturosos os que procuram as verdadeiras riquezas, admiram a honra verdadeira, vão atrás dos prazeres verdadeiros, despendem todos os desvelos e trabalhos na dedicação à própria verdade, ao passo que levam a mais desventurada das existências os que, enganados por uma aparência totalmente enganosa, são desatinadamente impelidos para riquezas vãs, para dignidades do agrado da população, para deleitações prejudiciais e ruinosas, de maneira a que assim, ao tempo em que anelam fartar-se de bens, acabam por ver-se esmagados por inumeráveis males.

Por conseguinte, o conhecimento da mais verdadeira ciência serve para que, ao entendermos quão grande é a distância entre o bem verdadeiro e a falsa aparência de bem, nos sintamos incitados ao amor à verdade e com o máximo empenho fujamos da mentira como do mais medonho dos males. Mas nem sequer isto basta para colhermos o fruto da virtude e da justiça. É que, ainda que [667] tenhamos conhecido e aprofundado o conhecimento dos verdadeiros bens, se não possuímos forças para enfrear a sensualidade e com invencível energia de nós repelirmos todas as indignidades, o conhecimento da mais verdadeira sabedoria não nos ocasionará benefício algum. Mas a fragilidade da natureza é tão grande que com a maior das facilidades pode ser dobrada, modificada e desviada do amor da vida digna para o das torpezas e infâmias. É que a monstruosa e feroz sensualidade persegue-nos e segue-nos de perto; a cobiça, sob formas variadas e infinitas, atormenta por diversos modos o espírito e arroja-se com tão grande violência sobre o entendimento que lhe é muitíssimo difícil fazer-lhe frente. Na realidade, nenhuma Fúria, cingida de serpes e empunhando tochas, possui tanta força quanta a que possui esta peste dos espíritos, profundamente enxertada na natureza, que mui amiúde faz sossobrar toda a tranquilidade de espírito. É que derrama as trevas; provoca um monstruoso desvario; causa ruinosas moléstias e, por derradeiro, arrasta o entendimento, desviado da visão da mais verdadeira felicidade, a olhar com excessiva atenção para coisas transitórias e vãs.

Daqui se colige que, nem a penetração de uma inteligência superior, nem a nobreza de um ânimo vivamente abrasado no amor da honra, nem o conhecimento das mais elevadas artes são suficientes para obter-se a virtude. De facto, se não se der a intervenção do Espírito de Deus, será de balde que se obterão os recursos da doutrina, e até quanto mais abundantes forem os recursos da inteligência e da filosofia, tanto mais medonhas infâmias surdirão copiosas dos espíritos para perdição de muitos. Daqui se conclui que a virtude não é um achado dos homens, mas uma dádiva e mercê de Deus. Na verdade, sendo certo que contamos entre as mercês de Deus a aparência do céu, a brisa do ar, a utilização dos seres vivos, o movimento e marcha do corpo e, numa palavra, todos os recursos e riquezas terrenos, e O reconhecemos como única fonte de todos os bens que

recident: fola uirtus, in omni aeternitate incolumis et ornamentis Diuinis [668] exulta, permanebit.

Verum, quo uirtutis species est amplior et magnificentior, eo magis illius fructus desperandus esse uidetur. Si enim ad eam comparandam ingenium summum flagitatur, si magnitudo animi fortis et inuicti requiritur, si absque sapientiae disciplina, ea percipi nequit, si praesidium Diuinum non est in hominum potestate situm, restat, cum gratissimum sit eorum genus, quod est omnibus his adiumentis instructum, ut spes uirtutis sit multis abiicienda. Esset quidem, si uirtus esset in hominum industria, et non in Dei benignitate, collocanda. Deus autem, cum sit summa bonitas, nemini inuidet, sed potius omnia bona sua cum eorum mentibus qui ad se supplices accedunt, admirabili beneficentia et largitate, communicat. Itaque mentes pias, quantumuis hebetes et obtusas, lumine suo collustrat, imbecillas inuicto praesidio communit, rudes et imperitas opibus sapientiae locupletat, easque postremo spiritu suo incitat, inflammat, Diuinisque uiribus instruit, ita ut nihil sit tantis difficultatibus obstructum aut tantis munitioibus obuallatum quod illas impediatur ne omnia uirtutis inuictae praemia cum insigni gloria consequantur.

Cum uero duplici ratione sint animi dignitatis appetentes ad ueram uirtutem erudiendi, una est posita in disciplina, quae admonet et pellit animos, et in illis insculpit ut credant nihil esse uirtute praestabilius; altera, in Sancti Spiritus afluat et impulsu, quo fit ut animi iam, non absque illius ope commoti, multo acrius incitentur et uires assequantur ad omnia, quae uehementer appetunt, felicissime comparanda: utrique rationi pater ille sanctissimus, uitae nostrae principium et finis, egregie prospexit. Nam et magistros Diuinis disciplinis instruxit, qui nos in studium uirtutis atque pietatis incitarent, et spiritum suum magnificentissime largitus est, quo facillime possemus uerissimis bonis, cum summa iucunditate, potiri. Sic igitur sit ut nemo possit uel inscitiae uel imbecilitatis excusatione defendere.

se conservam os nossos corpos, que sentido faz que entreguemos à instrução e cuidado humanos a virtude, que nutre e ornamenta e provê com sentidos divinos o entendimento, no qual vive a imagem do entendimento de Deus? De facto, a virtude é mais clara que todo o resplendor, mais abundosa que todas as riquezas, mais deleitosa que todos os prazeres e perpetuamente inabalável. A terra afundar-se-á; o mar há de exaurir-se; o ar perecerá; o céu há de abrasar-se em chamas, tudo que ele abrange no seu âmbito há de ficar reduzido a nada, e só a virtude há de permanecer por toda a eternidade incólume e ataviada [668] com ornamentos divinos.

Mas, quanto mais grandiosa e magnífica é a aparência da virtude, tanto menos esperanças parece dar de alcançar-se o seu fruto. É que, se para obtê-la se requer uma inteligência superior; se se faz mister uma forte e intrépida grandeza de ânimo; se ela não se pode adquirir sem a instrução da sabedoria; se a ajuda divina não depende do poder dos homens, e uma vez que é mui escasso o número dos que estão providos com estes adjutórios, resta que são muitos os que devem renunciar à esperança da virtude. E certamente que deveriam, se a virtude devesse depender do esforço dos homens, e não da bondade de Deus. Ora, como Deus é a bondade suprema, a ninguém desestima, mas antes com admirável generosidade e largueza reparte todos os Seus bens com o espírito daqueles que a Ele se dirigem em atitude de súplica. E assim ilumina com a Sua luz os espíritos piedosos, por mais obtusos e pouco dotados intelectualmente que sejam; fortifica os fracos com uma ajuda invencível; aos rudes e ignorantes, enrica-os com os tesouros da sabedoria: e ao cabo, incita-os e inflama-os com o Seu Espírito e provê-os com as Suas divinas forças, de tal maneira que não existe coisa embaraçada com tantas dificuldades ou resguardada com tão grandes recursos de defesa que os impeça de com extraordinária glória alcançarem todos os prémios da invencível virtude.

E, sendo certo que os espíritos, que almejam a dignidade, devem ser instruídos na verdadeira dignidade por dois modos: um, que consiste na instrução que aconselha e impele os espíritos e neles deixa gravado que creiam que nada existe de mais excelente do que a virtude; e o outro, que se funda na inspiração e impulso do Espírito Santo, sucedendo assim que os espíritos, não sem serem impelidos pela ajuda deste, já são muito mais fortemente incitados e obtêm forças, para com total êxito alcançarem tudo o que vivamente desejam.⁶ Aquele santíssimo Pai, princípio e fim da nossa vida, proveu de modo singular a estes dois modos. Com efeito, não só estabeleceu mestres nos conhecimentos divinos para nos incitarem ao zelo e amor da virtude e da piedade, mas também com a máxima generosidade presenteou-nos com o Seu Espírito para com ele podermos, com a maior alegria, conquistar sem qualquer dificuldade os

⁶ Período muito enleado no original latino.

Cum uero multos magistros huius tam praeclarae eruditionis habeamus, inter summos huius doctrinae Principes Salomon merito numerandus est. Adeo namque hoc summum beneficium impetrauit [669] ut omnibus summis uiris qui sapientiae gloria praestiterant longe antecelleret. Is terrarum uiscera penetrauit, is in caeli fastigium agitatione mentis euolauit, is uitalem aetheris ardorem, is salutarem aeris uim, is aquarum immensitatem cogitatione comprehendit; is sidera, is plantas, is animantia, is omnium rerum formas, quae caeli ambitu coercentur, explorauit, inspexit earumque rationes in mente defixit. Is, uniuersae naturae concinnitatem admiratus, ipsius naturae conditorem debita praedicatione celebrauit, et honores illi, quos potuit, ardentem instituit. Cum uero mundum omnem peragraret, non tamen existimauit esse sibi in partibus illius speculandis insistendum, cum multo maiora et ampliora animo secum moliretur. In Diuinae namque sapientiae thesauros intromissus, opes uirtutis, iustitiae, atque pietatis, inde deprompsit quas hominibus sapientiae cupidis Diuina uoluntate distribueret; quibus instructi, facillime possent totius mundi ornatum et pulchritudinem mentis pulchritudine superare.

Eas autem opes in hoc uolumen congeffit, quod omnium uirtutum disciplinam complectitur. Nam [670] et religionem mirifice sancit et iustitiae sanctissima praecepta tradit, et animos languentes robore confirmat, et ad hominum caritatem homines diligenter erudit. Tum etiam fraudes eorum qui fallaces opes et ludibria uitae uerissimis ornamentis anteponunt, in oculis et adspectu proponit; Principes autem potissimum ad studium iustitiae et religionis inflammat; et, cum uirtutis aeterna praemia oratione perfequatur, supplicia consequenter impiis constituta describit; nullam denique uirtutis partem, siue quae ad animi cultum, siue quae ad religionis sanctitatem, siue quae ad Reipublicae moderationem pertineat, omittit.

In huius operis explicatione quod illustrandum suscepimus, in eo tantum erat nobis elaborandum ut, omissis ornamentis, quae retineri non poterant, sententiarum grauitas explicaretur. Quod an fuerit a nobis abunde praestitum, Sanctae Romanae Ecclesiae auctoritati, quam semper sanctam habebimus, omnique pietate uenerabimur, examinandum relinquimus. Sed iam ipsum Salomonem lingua Latina loquentem audiamus.

bens mais verdadeiros. Portanto, deste modo sucede que não há ninguém que possa escusar-se com os pretextos quer da ignorância, quer da fraqueza.

Mas sendo certo que temos muitos mestres deste tão nobre saber, com toda a justiça deve contar-se Salomão entre os que detêm a primazia neste conhecimento. De facto, em tal grau alcançou esta suprema mercê [669] que de longe superou todos os varões mais eminentes que se notabilizaram pela glória de sábios. Ele penetrou as entranhas da terra; ele com a sua atividade intelectual guindou-se até ao mais elevado do céu; ele abarcou com o seu pensamento o calor vital do éter, a força salutar do ar e a imensidão das águas. Ele esquadrinhou, investigou e com o entendimento descobriu a natureza dos astros, das plantas, dos animais e de todas as formas que o âmbito do céu abarca. Ele, tomado de admiração perante a harmonia da inteira natureza, celebrou com os devidos encómios o Criador da mesma natureza e com todo o amor Lhe estabeleceu todas as honras que pôde. E ainda que tenha percorrido o mundo inteiro, todavia não pensou que devia perseverar em esquadrinhar as partes deste, uma vez que com o seu próprio espírito construiria coisas muito maiores e mais grandiosas. Na verdade, penetrando nos tesoiros da sabedoria divina, daí extraiu as riquezas da virtude, justiça e piedade, para de acordo com a vontade divina reparti-las pelos homens ávidos de sabedoria, para que, por ela ensinados, pudessem com a formosura do entendimento mui facilmente avantajarem-se aos ornamentos e beleza do mundo inteiro.

Ora, juntou estas riquezas neste volume, que abrange a ensinança e ciência de todas as virtudes. Com efeito, [670] sanciona de modo maravilhoso a religiosidade; transmite os santíssimos preceitos da justiça; fortalece e esforça os ânimos abatidos e desveladamente ensina aos homens o amor pelos homens. Também coloca diante dos olhos e mostra o engano dos que antepõem as falsas riquezas e dolos da vida aos seus mais verdadeiros ornamentos; por outro lado, inflama os príncipes acima de tudo no zelo da justiça e da religião; e, como fala dos prémios eternos da virtude, é de razão que descreva os castigos reservados para os ímpios; finalmente, não omite nenhuma das partes da virtude, quer a que pertence à cultura do espírito, quer a que diz respeito à santidade da religião, quer a que tange ao governo do Estado.

Na exposição desta obra que tomámos a peito comentar, cumpria-nos apenas esforçarmo-nos por, deixando de lado os ornatos, que não podiam conservar-se, explicar o verdadeiro sentido das sentenças. Se de sobejo cumprimos com este desígnio, deixamo-lo ao exame da autoridade da Santa Igreja Romana, que sempre teremos como santa e à qual reverenciamos com todo o acatamento. Mas já é tempo de escutarmos o próprio Salomão, falando em língua latina.

[673]

HIERONYMI OSORII LVSITANI
IN PARABOLAS SALOMONIS
COMMENTARIVS

CAP. I

[1.] *Parabola Salomonis filii Dauid Regis Israel.*

Operis titulus prooemii uice perfungitur. In singulis enim uerbis uim non mediocrem inesse perspicimus, mentem intelligendi cupiditate acriter incitantem. Primum enim Parabolae nomen erigit animum ad arcanæ sapientiæ disciplinam arripiendam. Est enim parabola, in Sanctis Litteris, Sententia grauis in breuissimam uerborum comprehensionem eleganter inclusa. Est etiam Carmen elaboratum, figuris atque similitudinibus, praecepta continens ad uitam utiliter instituendam aptissima. Est denique Prouerbum, mira orationis breuitate sensus Diuinos complectens. Sed non satis habuit Auctor operis, Parabolae nomen ad attentionem excitandam usurpare nisi etiam suum nomen apponeret, iam enim constabat illum sapientiæ admirabili laude praecellere. Neque sanctissimi atque sapientissimi Patris nomen silentio praetereundum existimauit, a quo fuerat ad sapientiæ studium sane diligenter instructus. Adiunxit Regis nomen, ut grauior auctoritas ad operis commendationem accederet. Neque Populi quidem, cui imperabat, nomen subticuit. Ostendit enim se non gentibus a numinis Diuini cognitione remotis, sed hominibus in legis Diuinae sanctionibus [674] educatis iura describere.

Consequens deinde est ut materiam operis percipiamus, ut acrius et attentius de utilitate illius cogitemus. Ait igitur:

[2.] *Ad sciendam sapientiam et disciplinam;* [3.] *ad intelligenda uerba prudentiae,*

Sapientia est altissimarum atque Diuinarum rerum scientia. Disciplina est ratio atque uia qua ad sapientiam peruenitur. Prudentia est uitae moderandae lex et humanae societatis recte conseruandae salutaris institutio. Ait deinde:

Et suscipiendam eruditionem doctrinae, iustitiam, et iudicium, et aequitatem.

[673]

COMENTÁRIO

DO PORTUGUÊS D. JERÓNIMO OSÓRIO
AOS *PROVÉRBIOS* DE SALOMÃO

CAPÍTULO I

1. *Provérbios de Salomão, filho de Davi, rei de Israel*

O título da obra desempenha a função de proémio. É que em cada palavra vemos que se encerra uma significação nada desprezível que fortemente acicata a inteligência com o desejo de compreender. De facto, em primeiro lugar, a palavra “provérbio” incita o espírito a apossar-se do conhecimento da oculta sabedoria. É que, na Sagrada Escritura, “provérbio” significa um dito sentencioso, que de modo elegante se compõe de uma brevíssima série de palavras. É também uma composição poética, elaborada com metáforas e comparações, que encerra preceitos muito adequados para de modo proveitoso orientarem a existência. É, por fim, um anexim, que numa frase extraordinariamente breve encerra sentidos divinos. Mas o autor da obra não considerou suficiente para despertar o interesse utilizar o nome “provérbios”, se também não lhe acrescentasse o seu próprio nome. É que já era notório que ele se avantajava pelos merecimentos de uma excepcional sabedoria. E considerou que tão-pouco deveria silenciar o nome do seu santíssimo e sapientíssimo pai, que com grande aplicação desveladamente o instruíra na dedicação à sabedoria. Ajuntou o título de rei para aditar maior autoridade à recomendação da obra. Nem sequer omitiu o nome do povo sobre o qual reinava. É que mostra que está a estabelecer leis, não para povos apartados do conhecimento da divindade, mas para homens criados nos preceitos da lei divina.

[674]

Em seguida, é lógico que tomemos conhecimento da matéria da obra, por forma a com maior atenção e rigor refletirmos acerca da sua utilidade. Ora, diz o seguinte:

Para se aprender a sabedoria e a instrução, 3. para se entenderem as palavras da prudência

A sabedoria é o conhecimento das coisas mais profundas e divinas. A instrução é o método e caminho pelo qual se chega à sabedoria. A prudência é a lei para governo da vida e o salutar ensinamento de como corretamente conservar a sociedade. Diz em seguida:

E receber o ensinamento da doutrina, a justiça, o juízo e a equidade.

Ordinem mirum caelestis eruditionis exponit. Primum enim est coercenda temeritas atque libido, nequid insit in animo quod tenebras offundat impediaturque mentem quo minus uerum cernat. Hoc autem disciplinae seueritate et morum sanctitate perficitur. Hanc uero rectam animorum institutionem lux mira consequitur, et continuo iustitiae claritas atque lumen offunditur. Ex iustitia uero recte constituta iudicii et aequitatis laudes oriuntur, quae uitam omnem continent hominumque coetus opibus admirandis [675] exornant. Aliam deinde utilitatem adiungit:

[4.] *Vt detur paruulis astutia, adolescenti scientia et intellectus.*

Non satis est tenere uirtutis atque iustitiae rationem, sed opus etiam est simulatae probitatis et effictae sanctitatis artem perspicere, ut non solum fidem et pietatem colas, sed etiam dolos, in ficta specie sanctitatis latentes, acute praecautas. Non enim sufficit columbae simplicitatem imitari, nisi etiam serpentinam calliditatem perspicias, ne facile, tamquam puer paruulus, specie probitatis illectus, in capitalem fraudem impellaris. Recte. Sed libenter audierim an solis paruulis utilitatem allatura sit haec disciplina solumque pueri et imperiti sint ad studium illius euocandi, et robustiores et intelligentes excludendi, quod uidelicet minime illius praeceptis indigeant. – Non ita est, inquit. Sapientiae enim opes non solum summo studio quaerendae sunt, sed modis omnibus amplificandae, summis enim atque uerissimis bonis nullus est terminus naturae lege praefinitus. Immo, quo affluentius² proueniunt, eo ardentius expetendae et accumulandae sunt. Nullus enim finis est cupiditati caelestium rerum, quibus ultimus uitae finis continetur, ullo modo constitutus. Inquit igitur:

[5.] *Audiens sapiens sapientior erit; et intelligens gubernacula possidebit.* [6.] *Animaduert et parabolam et interpretationem, uerba sapientum et aenigmata eorum.*

Qui sapientiae praecepta degustauit teneri uix poterit quin ulterius progredi uehementer cupiat usque eo dum non sibi solum consulat, sed multitudinem imperio salutari contineat: quod assequetur si legis Diuinae mysteria perspexerit. Quod fieri ab eo commode non poterit, nisi similitudines conferat; nisi se sapientibus in disciplinam tradat; nisi mentem assidue in speculandis sensibus Diuinis, quae uerborum inuolucris atque figuris obteguntur, exercent. Flagrat quidem animus sapientiae cupiditate. Sed, quid prodest?, inquiet fortasse aliquis. Ea namque ita est ab humanae mentis cogitatione remota ut nemo eam possit intueri. Verum. Sed miram, inquit Sapiens, illius parandae atque fruendae rationem aperiam.

² affluentius] affluentius *no original.*

Expõe a admirável organização do ensinamento celestial. É que em primeiro lugar cumpre reprimir a irreflexão e a sensualidade, para que no espírito nada se aloje que derrame as trevas e impeça o entendimento de divisar a verdade. Ora, isto leva-se a cabo mediante o rigor da instrução e a santidade dos costumes. E deste correto ensinamento do espírito nasce uma luz admirável, que derrama imediatamente a seguir a claridade e resplendor da justiça. E da justiça corretamente estabelecida procedem os merecimentos do juízo e da equidade, que conservam toda a vida e ornamentam a sociedade humana com admiráveis riquezas. [675] Depois adita outra utilidade:

4. *a fim de se dar aos pequeninos astúcia, ciência e entendimento ao mancebo.*

Não basta conhecer-se a essência da virtude e da justiça, mas também é preciso reconhecer os artifícios da honestidade simulada e da fingida santidade, para que não só honres a fé e a piedade, mas também sagazmente te acauteles contra os embustes que se ocultam por baixo da fingida aparência de santidade. É que não basta imitar a singeleza da pomba, se também não te apercebes da manha da serpente, a fim de não sermos facilmente empurrados, como uma criança de tenra idade, para um engano fatal, iludidos pela aparência de honestidade. É certo. Mas de bom grado escutaria se este ensinamento só há de trazer proveito aos pequeninos, e unicamente devem chamar-se para o seu aprendizado as crianças e os ignorantes, e dele excluídos os mais graúdos e inteligentes: como é óbvio, por não precisarem dos seus preceitos. – Não é assim. De facto, as riquezas da sabedoria não só devem ser procuradas com o máximo desvelo, mas acrescentadas por todas as vias, pois a lei da natureza não predefiniu limite algum para os supremos e mais verdadeiros bens. E até, quanto mais abundantes surgem, mais ardentemente devem ser desejados e acumulados. É que não se estabeleceu termo algum para o desejo das coisas celestiais, nas quais se encerra o último fim da vida. Portanto escreve:

5. *O sábio, ouvindo-as, ficará mais sábio, e entendendo-as possuirá o leme.*

6. *Atinará com o provérbio e sua interpretação, com as palavras dos sábios e seus enigmas.*

Quem saboreou os preceitos da sabedoria dificilmente poderá conseguir deixar de vivamente desejar avançar ainda mais, de maneira a não só olhar por si mesmo, mas também governar a multidão com um mando salutar: algo que acontecerá se perscrutar os mistérios da lei divina. Isto não poderá comodamente levar-se a cabo se não se entregar à orientação dos sábios, se não aplicar incessantemente o entendimento a esquadrinhar os sentidos divinos que se encontram ocultos pelos revestimentos e figuras das palavras. Certo que o espírito se abrasa no desejo da sabedoria. Mas, de que serve isso?, perguntará porventura alguém. De facto, ela

[7.] *Timor Domini, principium sapientiae.*

Nemo quidem erit ullo modo sapiens, nisi is quem Diuinus spiritus erudierit. Nec enim natura uniuersa poterit ullis uiribus ad opes Diuinas [676] adspirare. Quid autem magis in muneribus Diuinis excellat quam sapientia, animo cogitari non potest. Vnde sequitur eum tantum sapientiae compotem fore qui Deum uitae magistrum habuerit. Quis autem ille tam felix erit? Is, inquit, qui Dei numen pie ueneratur; qui iudicia illius pertimescit; qui, formidine sancta percussus, mentem a cogitatione sceleris auocat; qui manus ab opere nefario continet; qui sic animi statum moderatur ut nihil, quantumuis horrendum, magis, quam Dei offensionem, metuat. Qui ita se in uita gesserit sapientiae fructu carere non poterit. – Quo modo?, inquis. Quia summa probitas nemini aditum ad suam benignitatem intercludit. Omnes, igitur, qui mentis expertes non fuerint et ad Deum supplices adierint, sapientiae participes euadent, si ea impedimenta a se primum ope Diuina repulerint quae societatem et coniunctionem hominum cum Diuina mente dirimunt. Impedimenta sunt flagitia et impuritates quae cum lege Diuina assidue bellum gerunt. At flagitia omnia numinis Diuini metu funditus tolluntur. Restat, igitur, ut timor Dei sit firmissimum sapientiae fundamentum. Vnde sequitur ut illi solum sint habiles ad tantum munus accipiendum qui Deum metuunt; qui se coram Maiestate illius abiiciunt; qui nihil sibi arrogant et assumunt; qui ualde solliciti sunt ne quid gerant uel moliantur, uel cogitatione saltem meditentur, quod in numinis sempiterni offensionem possit incurrere. Humilitate, igitur, et pia animorum moderatione initium sapientiae continetur, quemadmodum in superbia et insolentia summae stultitiae caussa consistit. Vt statim sequitur:

Sapientiam atque doctrinam stulti despiciunt.

Qui sunt hi? Illi certe qui sibi ipsi peracuti uidentur; qui falsa sapientiae opinione se tumidos inferunt; qui, uanissimis opibus erecti, furenter insolescunt; qui probitatem atque iustitiam irrident, qui denique, tantum abest ut se ullius consilio indigere putent, ut potius opinentur posse consilio et auctoritate populis uniuersis imperare. Hi non solum insipientes sunt, uerum etiam, quamdiu hoc morbo oppressi fuerint, ab omni spe sapientiae, cuius disciplinam penitus oderunt, exclusi. Si, igitur, hi sunt detestabiles, si eorum furor execrandus qui salutarem disciplinam immani odio persequuntur, confequens est ut, qui beatum uitae statum expetunt, eorum exempla perhorrescant. Iccirco subiungit Sapiens:

encontra-se de tal maneira alongada da capacidade do entendimento humano que ninguém pode contemplá-la. É certo. “Mas”, diz o sábio, “mostrar-te-ei o método admirável para obtê-la e desfrutá-la.”

7. O temor do Senhor é o princípio da sabedoria.

Ninguém será de modo algum sábio a não ser aquele a quem ensinar o Espírito de Deus, pois a natureza inteira com todos os seus recursos não poderá aspirar às riquezas [676] divinas. Ora, entre as dádivas de Deus é impossível conjecturar-se algo que se avanteje à sabedoria. Daqui se segue que só há de possuir a sabedoria quem tiver a Deus como mestre de vida. Ora, quem há de ser o homem assim venturoso? Aquele, ensina Salomão, que venera piedosamente a divindade; aquele que se arreceia dos Seus juízos; aquele que, abalado por um santo temor, aparta o espírito de pensar no crime; aquele que desvia a sua mão de ações abomináveis; aquele que por tal forma senhoreia o equilíbrio do seu espírito que não há coisa, por mais assustadora que seja, que mais tema, do que ofender a Deus. Quem levar um teor de vida deste tipo não poderá deixar de gozar do fruto da sabedoria. – Mas como?, perguntar-me-eis. Porque a bondade suprema não impede a ninguém o acesso à sua generosidade. Por conseguinte, todos os que não estiverem desprovidos de entendimento e se dirigirem a Deus em atitude suplicante, tornar-se-ão quinhoeiros da sabedoria, se primeiramente, com a ajuda divina, repelirem de si estes empecos que quebram a união e ajuntamento dos homens com o entendimento divino. Os empecos são as indignidades e impurezas que causam incessante guerra com a lei divina. Mas todas as indignidades se suprimem totalmente mediante o temor à divindade. Resta portanto que o receio de Deus é o mais firme fundamento da sabedoria. Donde se segue que só estão em condições de receberem uma tão grande mercê os que temem a Deus, os que se prostram humildemente diante da Sua majestade, os que nada a si atribuem nem nada se arrogam, os que têm grande preocupação em nada fazerem ou emprenderem ou sequer imaginarem que possa redundar em ofensa à eterna divindade. Por conseguinte, o início da sabedoria cifra-se na humildade e no piedoso comedimento do espírito, assim como na soberba e insolência se encontra a causa da mais completa insensatez. Tal como imediatamente a seguir se escreve:

Os insensatos desprezam a sabedoria e o saber.

Quem são estes? Decerto aqueles homens que a si mesmos se veem como excecionalmente sagazes; os que se ensoberbecem com a falsa opinião de sábios; os que, inflados com riquezas totalmente vãs, se tornam desatinadamente arrogantes; os que zombam da honestidade e da justiça; os que, por derradeiro, estão tão longe de considerar que necessitam do conselho de alguém que antes são de parecer que podem com o seu conselho e autoridade governar sobre todos

[8.] *Audi fili mi disciplinam patris tui et ne dimittas legem matris tuae, [9.] ut addatur gratia capiti tuo et torques collo tuo.*

[677] Admonentur hoc in loco parentes ut ab incunabulis liberos suos instituant et monitis sanctis erudiant, si parentum nomen retinere cupiunt. Nam, qui filios moribus pravis, uel uerbis, uel exemplis inficiunt, non parentes, sed homicidae et parricidae sunt. Admonentur filii ut a primis annis parentibus honorem debitum tribuant illisque diligenter obtemperent, ut ea oboedientia assuescant amare disciplinam et in sapientiae studium uigilanter incumbere. Quaquam hoc in loco Sapiens his uerbis se in animos eorum quos instituendos suscipit, quos filios suos appellat, insinuat, ut facilius eos ad disciplinam salutarem alliciat. Et re uera magis Pater appellandus est is qui formae suae similitudinem in auditorum animis, optimis artibus et disciplinis, ingenerat, quam ille qui corpori tantum gignendo operam dedit. Ille namque mentem informat; hic corpori tantum fingendo materiam suppeditauit. Et ille consilio Diuinum opus suscipit; hic uero, naturae impetu et cupiditate, ad opus cunctis animantibus commune se petulanter applicuit. Ille postremo opus efficere studet nullis saeculis interiturum; hic uero in opere uersatur morte consumendo.

Iure igitur Salomon eos, quos disciplinis Diuinis instruit, Filios appellat; neque Patris nomine contentus, nomen etiam Matris usurpat. Nec enim solum in docendo operam ponit ut filios generet, quod patris officium est, uerum etiam de prole in lucem feliciter edenda sollicitus est, atque quodammodo parturiens ingemiscit, quod matris proprium est. Sic noster Paulus, ad Galatas scribens, ait: “Filioli mei, quos ego iterum parturio, donec formetur Christus in uobis”³. Ad hunc igitur modum inquit Salomon: “Audi, fili mi, non hominis alieni disciplinam, sed illius, qui te patrio amore complectitur; et legem illius, non qui salutem tuam sit umquam obliuione deserturus, sed qui de uita et statu tuo non est minus sollicitus quam si esset mater tua.”

³ Vd. Vulgata, *Gal.*, 4, 19.

os povos. Estes não apenas são ignorantes, mas igualmente, enquanto estiverem dominados por esta enfermidade, estão excluídos de toda a esperança de sabedoria, cujo ensinamento totalmente odeiam. Por conseguinte, se são detestáveis e se deve ser abominada a demência dos que votam monstruoso ódio a um ensinamento salutar, segue-se como consequência que, os que vivamente anelam uma condição de vida venturosa, olham com horror para os exemplos daqueles primeiros. Por isso acrescenta o Sábio:

8. Ouve, filho meu, a instrução de teu pai, e não largues a lei de tua mãe, 9. para se acrescentar engraçado adorno à tua cabeça e um colar ao teu pescoço.

[677] Nesta passagem aconselham-se os pais a desde o berço instruírem os seus filhos e a educá-los com santos conselhos, se desejam conservar a designação de pais. Com efeito, as pessoas que corrompem os filhos com costumes depravados, quer através de palavras, quer pelo exemplo, não são pais, mas homicidas e parricidas. Os filhos são aconselhados a, desde os primeiros anos, honrarem como é devido os seus pais e a escrupulosamente lhes obedecerem, por forma a com esta obediência se acostumarem a amar a instrução e a consagrarem-se atentamente ao estudo da sabedoria. Conquanto nesta passagem o Sábio com estas palavras insinua-se no espírito daqueles que se propõe instruir, aos quais chama seus filhos, para mais facilmente os atrair para um salutar ensino. E, na realidade, mais merece o nome de pai aquele que, mediante as mais excelentes artes e saberes, grava a imagem da sua forma nos espíritos de quem o escuta, do que aquele outro que, por ato de procriação, se limitou a formar o corpo. É que o primeiro dá forma ao entendimento, ao passo que o segundo se limitou a fornecer matéria para modelar o corpo. E o primeiro através do conselho leva a cabo uma obra divina, ao passo que o segundo se entregou lascivamente, arrebatado por um ímpeto e desejo instintivos, a um ato que é comum a todos os seres vivos. Finalmente, o primeiro empenha-se em realizar uma obra que jamais há de perecer, ao passo que o segundo se ocupa numa obra que deve desaparecer com a morte.

Por conseguinte, é com toda a justiça que Salomão chama “filhos” àqueles a quem ensina os conhecimentos divinos; e não satisfeito com o título de pai, usa também o de mãe. É que não só se ocupa em ensinar, por forma a gerar filhos, que é a obrigação do pai, mas também se preocupa em como dar à luz a prole com bom sucesso, e de certa maneira geme ao tempo que está a parir, algo que é próprio da mãe. Assim, o nosso S. Paulo, escrevendo aos Gálatas, disse o seguinte: “Filhinhos meus, por quem eu de novo sinto as dores de parto até que Jesus Cristo se forme em vós”. [Gl 4. 19.] Portanto, da mesma maneira se exprime Salomão: “Escuta, meu filho, a instrução não de um homem estranho, mas daquele que te abraça com amor de pai, e a lei daquele, não que há de votar alguma vez ao esquecimento a tua salvação, mas a de quem não se preocupa menos com a tua vida e situação do que se fosse tua mãe.”

Cum amorem suum huiusmodi uerbis ostendit, uehementius eos ad studium conatur adducere; at, cum praemium adiungit, acrius eos incendere conatur. “Vt addatur”, inquit, “gratia capiti tuo”. Hoc est, ut firmissime Regiae uirtutis insignibus exorneris imperioque dignus sis, et ut cum prudentiae atque iustitiae corona triumphes. Et, quia nemo potest has regias uirtutes adipisci nisi gratiae Diuinae munere et beneficio, pro corona Gratiam posuit.

Addit deinde “Et torques collo tuo”. – Hoc est, ut eloquentia tua insigni admirationem commoueas. Pro torque enim, nempe gutturis ornamento, eloquentia, quae est comes sapientiae intelligenda est.

Et hactenus quidem Sapiens exordii partes admodum luculenter exsecutus est, excitauit enim parabolarum exspectatione et nominis sui splendore uehementer attentionem, et praemia amplissima iis, quos sibi audientes [678] uolebat, proposuit, et uiam ad tantas opes parandas facilem et expeditam monstrauit; suumque amorem erga eos, quos sibi allicere cupiebat, aperuit; atque postremo eos ad summum imperii decus et eloquentiae Diuinae magnificentiam adhortatus est. Nunc uero praecepta tradit. Et, quia dixerat hac disciplina paruulis astutiam afferri, auditores admonet ne ullis uerborum lenociniis aut emolumentis fallacissimis perditorum hominum se decipi sinant. Inquit igitur:

[10.] *Fili mi, si te lactauerint peccatores, ne acquiescas eis.*

Non potest improbitas atque malitia terminis uliis contineri, serpit enim in dies sceleris lues ut contagione sua omnes, qui propius accesserint, periculose contaminet et in sempiternam calamitatem trahat. Sed, quibus uerbis homines perditum atque sceleratum ad suam plerumque societatem homines simplices allicere meditentur, operae pretium erit attendere.

– Ne te, inquit, rapiat in fraudem inane nomen decoris et honestatis, nec enim te uirtus, sed calliditas poterit florentem atque beatum efficere. Summum namque iustitiae studium est inopiae summae finitimum; simplicitas et innocentia est iniuriis infinitis obnoxia; probitas uero neque te ditescere sinet, immo, quidquid habueris, dissipare compellet. Religio est seruitutis uinculum minime ferendum illis qui appetunt in Republicae principatum; omne denique iuris studium est imbecillitatis indicium, tantisper enim quisque se deinctum legibus arbitratur, quamdiu nequit eas, uel ui et potentia frangere, uel fraudibus et dolis eludere. Quod si fuerit aliquis tam sine mente ut, cum possit iura uiolare, illis tamen obstringi, cum rei familiaris incommodo malit quam omnes illas ad suam utilitatem reuocare, hic certe non ueri decoris laudem obtinebit, sed summum in uita iustitiae documentum dabit. Quid enim insanius est quam opes aspernari et superstitioso nomine iuris impediri quominus uitam firmo praesidio communiat?

Ao mostrar o seu amor com palavras deste teor, está a esforçar-se por mais vivamente levá-los ao estudo; mas, ao juntar a recompensa, está a esforçar-se por mais vigorosamente os inflamar. Conforme diz: “Para se acrescentar engraçado adorno à tua cabeça”. – Isto é, “para que com a máxima determinação te atavies com os adereços da virtude régia e te tornes digno do exercício do poder, e para que triunfes com a coroa da prudência e da justiça.” E como ninguém pode alcançar estas virtudes realengas senão mediante a mercê e benefício da graça divina, por isso escreveu “engraçado” em vez de “de coroa”.

Adita em seguida: “e um colar ao teu pescoço”. – Ou seja, “para que causes admiração com a tua extraordinária eloquência.” É que por “colar”, a saber, um ornamento da garganta, cumpre que se entenda a eloquência, que é companheira da sabedoria.

E decerto que até aqui o Sábio cingiu-se de modo assaz perfeito às partes que compõem o exórdio, porquanto, através da expectativa dos provérbios e mediante o esplendor do seu nome, despertou fortemente a atenção; e propôs avantajadíssimos prêmios para aqueles que pretendia que fossem seus ouvintes; [678] e mostrou o caminho fácil e expedito para alcançar tão grandes riquezas; e revelou o seu amor para com aqueles que desejava atrair a si, e, por derradeiro, exortou-os às supremas honrarias da soberania e à magnificência da eloquência divina. E agora passa a transmitir os preceitos. E, porque dissera que, “com este ensino, se dá aos pequeninos astúcia”, aconselha os que o escutam a que não se deixem enganar por quaisquer seduções de palavras ou pelos ganhos totalmente enganosos dos homens perversos. Por isso diz:

10. *Filho meu, se os pecadores te atraírem com os seus afagos, não condescendas com eles.*

A ruindade e a malvadez não têm quaisquer limites, pois a peste do crime vai-se espalhando de dia para dia de maneira a, através do seu contágio, perigosamente contaminar todos os que se aproximarem e arrastá-los para a eterna perdição. Mas valerá a pena prestar atenção às palavras com que os homens perversos e criminosos ordinariamente se propõem atrair para a sua companhia os homens simples. Dizem:

– Não te deixes embair pelas ocas palavras “honra” e “honestidade”, pois nunca a virtude, mas a astúcia é que poderá tornar-te próspero e feliz. É que o máximo zelo da justiça convizinha com a máxima pobreza, a singeleza e a inocência estão sujeitas a infindos vexames; e a probidade não te deixará enriquecer, e até te obrigará a gastar tudo o que tiveres. A religião é um vínculo de escravidão intolerável para quem alcançar o poder no Estado: numa palavra, toda a preocupação com o direito é um indício de fraqueza, pois, enquanto alguém se julga obrigado às leis, não pode quebrá-las usando de violência e do poder, nem contorná-las, com embustes e enganos. Pelo que, se houver alguém tão privado de entendimento que, embora tenha poder para violar as leis, mesmo assim prefira acatá-las, com prejuízo dos

Non enim iniurias ferre, sed inferre, cum libet, praedicandum est; non iustitiam colere, sed dominatu multos mortales opprimere insignem gloriam parit. Quare, si inopiam metuis, si non uis in assidua mendicitate uersari, si cupis omnes a te iniurias atque pericula propulsare, desere iustitiam, contemne religionem, uindica te in libertatem, omnes animi neruos intende ut tandem possis efficere quidquid libuerit. Fundamentum porro totius amplitudinis est in pecunia collocatum, quocirca omnes conatus eo comparandi sunt ut pecuniam iure et iniuria coacerues. Nos igitur sequere; tuas rationes ad nostras [679] rationes adiunge, si cupis inter ciues tuos excellere.

His et aliis eiusmodi uerbis homines perdit ad simplicium perniciem abutuntur. Monet igitur Sapiens eos, quos instituendos suscipit, ne aures orationi adeo pestilenti ullo modo praebeant. Sequitur deinde:

[11.] *Si dixerint: "Veni nobiscum, insidiamur sanguini; abscondamus tendiculas contra insontem frustra (id est, sine caussa); [12.] deglutiamus eum sicut infernus uiuentem et integrum quasi descendentem in lacum. [13.] Omnem pretiosam substantiam reperiemus, implebimus domos nostras spoliis. [14.] Sortem mitte nobiscum, marsupium unum sit omnium nostrum". [15.] Fili mi ne ambules cum eis, prohibe pedem tuum a semitis eorum.*

O pestilentem et execrandam orationem, quae nihil aliud continet quam sceleris et immanitatis et crudelitatis et inexplebilis auaritiae disciplinam, cum detestabili furore et caecitate coniunctam! Nec enim uident homines amentissimi fieri non posse ut aliquis uel iustorum sanguinem fundat, uel innocentem insidiis circumueniat, uel alienas opes diripiat, quin multo grauiorem plagam sibi ipse, quam illis quos de medio tollere conatur, infligat. Dum enim aliorum corpora cruentat, animae suae pestem comparat; dum insidias intendit, se in laqueos induit e quibus numquam poterit explicari; dum opes alienas diripit, se ipsum opibus sempiternis spoliat; dum uitam denique, breuis aevi spatio definitam, eripit, se in mortem et supplicium sempiternum furenter iniicit.

Iam uero, quam impudenter id, quod praestare nullo modo possunt, quam temere, pollicentur? "Vnum", inquit, "marsupium erit omnium nostrum." Nihil enim inter homines impios, unum et simplex, esse poterit. Qui enim secum semper dissidet, quo tandem modo se ipsum ita ad sceleris socius adglutinabit ut aliquid inter illos unum sit? Tamdiu igitur fidem, si fidem licet appellare sceleris immanissimi consensionem, inuiolatam improbi conseruabunt, quamdiu communis utilitatis species eos adstrinxerit. At, ubi primum facultatem fraudis oblatam adspexerint, eam minime praeteribunt, neque teneri poterunt quin in mutuam perniciem furibunde rapiantur. Numquam enim fuit inter homines, indomita cupiditate flagrantes, stabilis atque firma conuentio, quilibet enim ferre

seus interesses privados, a pô-las totalmente de parte para seu proveito pessoal, tal pessoa seguramente que não obterá o elogio da verdadeira honra, mas dará a mais cabal prova de loucura na vida. De facto, que existe de mais desatinado do que menosprezar as riquezas e deixar que o supersticioso nome do direito nos impeça de proteger a vida com uma sólida defesa? É que cumpre elogiar-se, não o suportar as injustiças, mas o inferi-las, quando há ensejo; o que concede fama insigne, não é o respeitar a justiça, mas o tiranizar com o poderio grande número de pessoas. Motivo pelo qual, se sentis medo da pobreza, se não quereis viver em incessante indignância, se desejais afastar de vós todas as ofensas e perigos: ponde de lado a justiça, desprezai a religião, libertai-vos, aplicai todo o vosso esforço no sentido de, no final, conseguirdes levar a cabo tudo o que vos aprouver. Ora, o fundamento da grandeza está inteiramente colocado na riqueza, pelo que deveis empregar todo o empenho em ajuntar riqueza, por meios lícitos ou ilícitos. Por conseguinte, segui-nos, juntai às nossas as vossas [679] razões, se pretendes sobressair entre os vossos concidadãos.”

Destas e outras palavras deste teor se servem os homens perversos para levarem à perdição as pessoas simples. Por conseguinte, o Sábio aconselha aqueles a quem pretende ensinar a que de forma alguma prestem ouvidos a raciocínios tão pestilenciais. Seguem-se depois estas palavras:

11. *Se te disserem: ‘Vem connosco, façamos emboscadas para derramar sangue, armemos laços ocultos ao inocente que nos não fez mal algum; 12. devoremo-lo vivo como o sepulcro e inteiro como o que dá consigo no calabouço. 13. Nisto acharemos toda a sorte de bens preciosos, encheremos as nossas casas de despojos. 14. Deita connosco a tua sorte, seja uma só a bolsa de nós todos.’ 15. Filho meu, não vás com eles, guarda-te de andar pelas suas veredas.*

Ó linguagem pestilencial e abominável, que só encerra o ensino do crime, da desumanidade, da crueldade e de uma inqualificável ambição, unido a uma vesânia e cegueira detestáveis! É que esses homens totalmente desvairados não veem que é impossível acontecer que alguém derrame sangue de justos ou arme laços contra inocentes ou se aposse da riqueza alheia sem que inflija a si mesmo um golpe muito mais profundo do que àqueles que pretendia eliminar. Na verdade, ao tempo em que cobre de sangue os corpos dos outros, está a obter a perdição para a sua alma; ao tempo em que prepara ciladas, está a armar contra si mesmo laços dos quais nunca poderá soltar-se; ao tempo em que se apossa da riqueza alheia, está a despojar-se dos tesouros eternos; ao tempo, finalmente, em que arranca aos outros a vida, delimitada por curto prazo de tempo, está loucamente a arremessar-se na morte e suplício que não têm fim.

E depois, quanta impudência, ao dizerem algo que de modo algum são capazes de fazer! Quanto desatino, ao fazerem tais promessas! “Será uma só a bolsa de nós todos”, dizem eles. Ora, entre homens ímpios, nada poderá ser uno e

non potest id inter multos tribui quod totum uni sibi concupiscit. Sapiens igitur omnes a tam nefario scelere deterret, inquires: [680] Fili mi prohibe pedem tuum a seminis eorum. Rationem uero continuo adiungit:

[16.] *Pedes enim eorum ad malum currunt.*

Hoc est, dum, ut bona sibi parent, approperant, in pestem ruunt. Quo modo? Quia, inquit,

Festinant ut effundant sanguinem.

At nemo humanum sanguinem fudit quin cæde et exitio poenas immanitatis exsolueret. Sic enim est lege Diuina, quae mutari non potest, statutum ut crudelitatis scelus crudelitate uindicetur. Cum igitur tantam ad hominem innocentem occidendum celeritatem suscipiunt, ut sibi ipsis caedem machinentur, accelerant.

[17.] *Frustra autem iacitur rete ante oculos pennatorum.*

Pennatos hoc in loco eos impios appellat qui ualent ingenio, et tamen, cupiditate caecati, in pestem ruunt. “Ita”, inquit, “sunt amentes ut, quamuis oculos habeant natura ualde uigentes et acutos, et quamuis industria et celeritate præditi sint qua, tamquam alis, erigi possint, ad insidias fugiendas, cupiditate tamen uicti, in rete expansum, hoc est, in pestem ante oculos positam sponte sua ferantur, perinde atque si uolucris in rete, quod cernit, inuolaret. Frustra igitur expansum rete uident, quod minime uitabunt. Teneri enim non possunt ne, iudiciorum laqueis impediti, in funestum exitium rapiantur. Quod quidem minime mirandum est.” Sequitur enim:

[18.] *Ipsi quoque contra sanguinem suum insidiantur, et moliuntur fraudes contra animas suas.*

simples, porquanto quem sempre está em desacordo consigo mesmo, como há de ao cabo de tal maneira agregar-se aos companheiros de crime que entre eles coisa alguma seja “uma só”? Por conseguinte, os ímpios não quebrantarão a mútua lealdade, se é lícito chamar lealdade a um acordo em relação a um crime totalmente desumano, enquanto os conservar unidos a aparência de proveito comum. Mas, logo que lobrigarem que se lhes oferece uma oportunidade de enganar, não a deixarão passar, e não poderão resistir a ensanhadamente se precipitarem em recíproca destruição. É que jamais existiu acordo firme e estável entre homens abrasados em indômita cobiça, porquanto ninguém pode tolerar que se reparta entre muitos aquilo que alguém inteiramente deseja para si. Portanto, o Sábio a todos desvia de um crime tão abominável, dizendo:

[680] 16. *Porque os seus pés correm para o mal*

Isto é, “ao tempo que, para obterem bens, se apressam, precipitam-se na ruína.” Como? Porque, segundo diz:

e se dão pressa a derramar sangue.

Mas ninguém derramou sangue humano que não pagasse com uma morte violenta e a destruição a pena pela monstruosidade. É que foi estabelecido pela lei divina, que não pode mudar-se, que o crime da crueldade fosse cruelmente castigado. Por conseguinte, quando mostram tão grande rapidez para matar um homem inocente, estão a dar-se pressa a urdir contra si mesmos uma morte violenta.

17. *Mas debalde se lança a rede diante dos olhos dos que têm asas.*

Nesta passagem chama “os que têm asas” aos ímpios que sobressaem pela inteligência, e que não obstante, cegos pela ambição, se precipitam na perdição. Diz: “De tal maneira são loucos que, embora tenham olhos, por natureza muito potentes e penetrantes, e embora tenham sido dotados de rapidez e espírito esforçado, mediante os quais, como se fossem asas, fossem capazes de se elevar para fugir das armadilhas, todavia vencidos pela cobiça, por sua livre e espontânea vontade deixam-se cair na rede armada, isto é, na perdição colocada diante dos olhos, como uma ave que voasse para a rede que está a ver. Por conseguinte, é debalde que veem estendida a rede, porque não a evitarão. É que não conseguem, impedidos pelos laços da reflexão, deixar de precipitar-se na funesta perdição. Algo que decerto não deve causar espanto.” Com efeito, diz-se a seguir:

18. *Eles mesmos também fazem traições contra o seu próprio sangue e tramam enganos para ruína de suas almas.*

Qui sibi ipsis insidias faciunt, et se ipsos in capitalem fraudem inducunt, quo tandem modo insidias ab aliis positas praecauebunt ?

[19.] *Sic semitae omnis auari, animas possidentium rapiunt.*

Hic uersus praecedentium sensum aperit. Per Semitas enim studia et actiones intelliguntur. Itaque Semitae auari, sunt fraudes et insidiae quibus ciues suos circumueniunt. Auari igitur, dum aliena diripiunt, animas suas rapiunt, hoc est, ipsi se furenter interimunt. Possident auari animas suas, dum uiuunt; sed ipsa uita se ipsos priuant, dum fraudes moliuntur. Nam auium, quae in rete incidunt, similitudo, et ea quae deinde sequuntur, eo pertinent, ut [681] intelligatur se ipsos in miseriam sempiternam detrudere qui, propter immanem pecuniae cupiditatem, facinora faciunt, ut multos mortales spolient. Sed, unde tantum malum ortum habet? Ab amentia profecto. Nam in uitae tenebris, in cupiditatis effrenatae magnitudine, in summna naturae imbecillitate, calamitas summa exitiique sempiterni periculum uitari minime potest. Vnde sequitur, omnes mortales, qui tuendae uitae curam suscipiunt et huius rei gratia negotia gerunt, si sapientes non fuerint, in miseriam sempiternam natos esse.

“Sed”, inquires, “rarissimum genus esse eorum qui beati esse possunt, cum constet esse difficillimum sapientia potiri.” “Minime”, inquit noster Sapiens, “nihil enim est tam promptum atque paratum omnibus, qui sapientia frui concupierint, quam sapientia. Ipsa namque se omnibus ostentat et offert, ipsa copias suas explicat et omnes mortales ad eas perfruendas inuitat et allicit; ita ut nemo se possit imbecillitatis excusatione defendere. In hac igitur facilitatis summae parte, quae quidem est in hoc genere quod rhetores deliberatiuum nominant, potissima. Salomon succulentissime uersatur. Sic enim ait:

[20.] *Sapientia foris praedicat, in plateis dat uocem suam; [21.] in capite turbarum clamitat; in foribus portarum Urbis profert uerba sua.*

Apud Hebræos Sapientia numero multitudinis explicatur. Non est enim scriptum הכמה Sapientia, sed הכמות nempe Sapientiae. Verbum tamen singulari numero ponitur, ut intelligamus multiplicem sapientiae uim unico atque singulati numero contineri. Itaque uidemus, hoc in loco, sapientiam, qua caelum extensum et sideribus illustratum est, qua terra exstructa et firmissime stabilita fuit, qua omnes naturae partes designatae et constitutae sunt, quae omnia quae super subterque sunt numero et pondere definiuit et foedere firmissimo colligauit, opes suas minime reconditas habere, sed propalam collocare. Nec enim solum caelestis splendor, et astrorum cursus, et terrae fecunditas, et maris immensitas, et utilitates eximiae, quae nobis ex omnibus mundi regionibus afferuntur, Diuinae sapientiae moderationem apertissime declarant, uerum et ea loca quae maxime uidentur a

Os que fazem traições contra si mesmos e se deixam induzir no maior dos enganos, como hão de ao cabo acautelar-se contra as ciladas armadas pelos outros?

19. *Tais são os caminhos de todos os avarentos, eles surpreendem as almas dos que estão possuídos desta paixão.*

Este versículo esclarece o sentido dos anteriores. Com efeito, por “caminhos” entendem-se as ações e desvelos, e assim “os caminhos de todos os avarentos” são os enganos e ardis com que iludem os seus concidadãos. Portanto, os avarentos, ao arrebatarem o alheio, estão a ser surpreendidos e roubados: isto é, desvairadamente se matam a si mesmos. Os avarentos possuem as suas almas enquanto estão vivos, mas privam-se a si mesmos da sua própria vida ao maquinarem enganos. Ora, aplica-se a eles a comparação com as aves que caem na rede e tudo que depois se segue, para [681] que se compreenda que se precipitam na sempiterna desventura os que, devido a um desejo monstruoso de riqueza, praticam malfetorias para esbulharem inúmeros mortais. Mas, donde procede um mal tão grande? Totalmente do desatino. É que, nas trevas da vida, na imensidão da desenfreada cobiça e na mais completa fraqueza da natureza, é impossível evitar-se a total perdição e o perigo da ruína eterna. Daqui se segue que todos os mortais que tomam a peito velar pelos interesses da sua vida e obram em função deste cuidado, se não forem sábios, estão destinados à perdição eterna.

“Mas”, dir-se-á, “é muitíssimo escasso o número dos que podem ser venturosos, uma vez que é manifesto que é difícilimo alcançar-se a sabedoria.” “De forma alguma”, responde o nosso Sábio, “pois, para todos os que desejarem desfrutar da sabedoria, nada está tão à mão e é mais acessível do que ela. De facto, ela mostra-se e oferece-se a todos; ela expõe as suas riquezas e convida e atrai todos os mortais a delas gozarem, por tal forma que ninguém pode defender-se escusando-se com a fraqueza.” Portanto, Salomão encontra-se às suas anchas nesta parte da suma facilidade de locução, que é decerto a mais importante neste género a que os retóricos chamam deliberativo. De facto, pronuncia-se do modo seguinte:

20. *A sabedoria ensina de fora, nas praças dá as suas vozes; 21. ela grita de contínuo à testa dos ajuntamentos do povo, à entrada das portas da cidade profere as suas palavras*

Em hebraico, a palavra “sabedoria” exprime-se em número plural. É que não se encontra escrito חכמה, ou seja, “sabedoria”, mas חכמות, a saber, “sabedorias”. Todavia o verbo coloca-se no singular, para que entendamos que a natureza múltipla da sabedoria se encerra numa única e singular palavra. E assim, nesta passagem, vemos que a sabedoria, mediante a qual o céu se dilatou e iluminou com astros, mediante a qual a terra se levantou e firmemente se assentou, mediante a qual todas as partes da natureza tomaram os seus lugares e se estabeleceram, a qual

sapientiae ratione disiuncta, et cum furore et amentia coniuncta, eius uim clare testificantur. Quid enim furentius incondita multitudine? Quod igitur sapientiae opus in terris admirabilius eo quod frenum temeritati effrenatae multitudinis iniecit? Quid enim potuisset monstrum indomitum, ex omni feritate conflatum, coercere, nisi sapientiae Diuinae munus affuisset? Ea namque effecit ut leges describerentur, [682] ut imperia sancirentur, ut multitudo magistratibus obtemperaret, ut omnes uni parere condicerent, ut pudor furorem contineret, ut legum metus impetum plebis coeceret, ut denique in turbis atque tumultibus ordo admirabilis eluceret furentemque multitudinem iure inter se mutuo deuinciret. Haec quidem omnia, unde ad homines manare potuerunt, nisi ab illa summa rerum omnium moderatrice sapientia, e qua omnes leges salutare et mores laudabiles oriuntur ?

In plateis igitur, ubi conuentus agebantur, in portis ciuitatum, ubi olim iudicia exercebantur, in omni denique coetu, ubi de Reipublicae salute consultatur, lumen aliquod sapientiae offusum perspicitur. In his locis omnibus clare cernitur, non iniuria, non temeritate, non publicae salutis negligentia, Deum placari, sed iustitiae sanctitate, sed iudiciorum integritate et salutari consilio, sed ardenti communis salutis studio, iram Diuini numinis auerti. Adde quod, in publicis locis, aut leges Diuinae, aut leges a legibus Diuinis haustae atque delibatae, proferuntur, quibus iniuria plectitur et iustitia collaudatur. Adde quod crebrae conciones hominum sapientium non deerant ad studia pietatis acriter excitanda. Adde, quod est omnium maximum, quod Diuinus spiritus, cum singulos homines, tum multitudinem, impulsu suo motus in animis ciens, omnes mortales ad opes suas euocat easque omnibus proponit qui tantam benignitatem non aspernantur. Itaque multis modis sapientia clamat: naturae operibus, legis sanctitate, publicis moribus recte constitutis, sapientiae ministris atque postremo uocibus interno motu atque pulsu animos frequenter excitantibus. Sed ipsius Sapientiae uoces audiamus. Quid igitur dicit ?

regulou com peso e medida tudo quanto existe no céu e na terra e tudo ligou através de uma solidíssima aliança: a sabedoria não conserva escondidas as suas riquezas, mas coloca-as à vista de todos. É que não são apenas o resplendor dos céus, a carreira dos astros, a fecundidade da terra, a imensidade do mar e os extraordinários proveitos, que todas as regiões do mundo para nós produzem, que manifestam à evidência a direção e governo da divina sabedoria, mas também claramente dão testemunho da sua força aquelas situações que parecem completamente apartadas da essência da sabedoria e ligadas à loucura e desvario. De facto, que existe de mais vesânico do que a desordenada multidão? Por conseguinte, que obra de sabedoria existe na terra mais admirável do que aquela que refreia o desatino da desvairada multidão? De facto, que teria podido conter um monstro indómito, formado com toda a sorte de bravezas, se não interviesse a mercê da divina sabedoria? Foi ela que fez que se escrevessem as leis, [682] para que se ratificasse o poder, para que o povo obedecesse aos magistrados, para que todos aprendessem a obedecer a um só, para que o pudor contivesse o desatino, para que o medo das leis refreasse os arrebatamentos da plebe, para que, enfim, sobre as desordens e tumultos brilhasse a luz de uma ordem admirável e a desvairada multidão se ligasse entre si mediante uma reciprocidade de direitos. Ora, tudo isto donde poderá manar para os homens senão daquela suprema sabedoria, que regula e dirige todas as coisas, da qual nascem todas as leis salutare e louváveis costumes?

Por conseguinte, nas praças, onde se faziam os ajuntamentos, nas portas das cidades, onde antigamente se faziam os julgamentos e, enfim, em todas as aglomerações de gente onde se trata dos interesses da comunidade, divisa-se espalhada alguma luz de sabedoria. Em todas estas situações claramente se vê que Deus não se aplaca com a injustiça, nem com o desatino, nem com a negligência pela prosperidade pública, mas que é com a integridade nos julgamentos, com as salutare decisões e com o ardente zelo do bem-estar público que se desvia a ira da divindade. Acresce que é nos lugares públicos que se divulgam quer as leis divinas, quer as leis extraídas e retiradas das leis divinas, com as quais se quebranta a injustiça e a justiça é elogiada. Acresce que não faltavam amiudados discursos dos homens sábios a incitarem vivamente ao zelo da piedade. Acresce (algo que é o mais importante de tudo) que o Espírito divino, abalando e comovendo com o seu toque tanto cada um dos homens como as multidões, chama todos os mortais para as suas riquezas e oferece-as a todos os que desprezam uma tão grande generosidade. E assim a sabedoria brada de muitos modos: através das obras da natureza, através da santidade da lei, através dos costumes públicos estabelecidos de forma correta, através dos servidores da sabedoria e, por derradeiro, através das vozes que, mediante um apelo e toque interiores, frequentemente incitam o espírito. Ora, que diz?

[22.] *Vsquequo, paruuli, diligitis infantiam, et stulti ea quae sibi sunt noxia cupient, (ex Hebraeo dicere possemus “Et illusores ludis oblectantur”) et imprudentes odibunt scientiam?*

Sapientiae querimonia, cum indignatione prolata, illius acrem cupiditatem publicae salutis exponit. Paruuli sunt qui, propter mentis imbecillitatem et rerum ignoracionem, opes fallaces ueris opibus anteponunt. Stulti autem et illusores, illi sunt qui, cum sint amentissimi, sibi tamen ingenii acumen arrogant insulsissimaque dicacitate subnixa, sapientiae sectatores irrident. Summum postremo dementiae genus est eorum qui non solum uera bona despiciunt, neque solum sanctos homines ludibrio habent, uerum et eos omnes acerbo et immani odio persequantur.

“O miseri”, inquit, “mortales, qui uitam in uanitatis studio consumitis, neque mentes umquam uestras ad cogitationem sempiternae utilitatis erigitis, quibus uerbis de puerili uestro [683] sensu conquerar? Quid de illis disseram qui, cum exsecranda caecitate et amentia laborent, sibi tamen sapientiae laudem assumunt et eos, qui ad summam sapientiam peruenerunt, derideant, quibus nempe uident humanas opes pro nihilo putari?” Illi tamen omnium scelestissimi sunt qui, non risu, sed immani crudelitate, sectatores sapientiae insequantur.

[23.] *Conuertimini ad correptionem meam: en proferam uobis spiritum meum et ostendam uobis uerba mea.*

O summam et inexplicabilem Diuinae sapientiae in humanum genus benignitatem et caritatis amplitudinem in omni saeculorum aeternitate praedicandam! Non flagitiis offensa demigrat, non sceleribus ueniam denegat, non homines impuros ab aditu suae liberalitatis excludit, dummodo uelint in uiam redire et a flagitio et impuritate ad honestatis uerissimae studium tota mente traduci. At, quod praemium conuersionis proponit? Opes immensas atque sempiternas spiritus Diuini illis fore paratas et explicatas ostendit qui ad se conuersi fuerint et pro iustitia summa sapientiae summum decus amplectari uoluerint. Hoc est autem, ut uno uerbo dicam, Diuinae naturae consortes efficit. Qui enim spiritui Diuino adhaerescit, Diuinitatem assequitur. Quid igitur a summo rerum omnium conditore hominibus praestari poterit magnificentius? Sed, quo beneficium clarius et amplius est, eo scelus eorum qui tantum munus aspernantur, est odio maiore dignum acrioreque supplicio uindicandum. Ob id igitur sapientia ingratis poenas quae sunt illis subeundae proponit. Sic enim ait:

22. *Até quando amareis, ó crianças, a infância, e os insensatos cobiçarão as coisas que lhes são nocivas, [de acordo com o hebraico, poderíamos dizer “os zombadores que se divertam com as brincadeiras”] e os imprudentes aborrecerão a ciência?*

A queixa da sabedoria, proferida com indignação, revela o seu penetrante desejo da prosperidade pública. As crianças são os que, devido à fraqueza do entendimento e ignorância das coisas, antepõem as falsas às verdadeiras riquezas. Por outro lado, os insensatos e os zombadores são aquelas pessoas que, embora sejam completamente privados de entendimento, todavia arrogam-se uma inteligência penetrante, e, confiantes na mordacidade, zombam dos seguidores da sabedoria. Por derradeiro, a espécie suprema de demência é a daqueles que não só desprezam os verdadeiros bens e não se limitam a votar à irrisão os homens santos, mas também os perseguem a todos com uma sanha entranhada e desumana.

Diz: “Ó mofinos mortais, que gastais a vida no amor pelo que é vão, e nunca levais os vossos entendimentos ao conhecimento do proveito eterno, com que palavras me queixarei da vossa infantilidade? [683] Que discorrerei sobre aqueles que, apesar de viverem na mais execrável cegueira e vesânia, todavia se ufanam de superior sabedoria, e troçam dos que se guindaram à mais elevada sabedoria, ao verem que estes têm as riquezas humanas na conta de coisa nenhuma?” Todavia, os mais celerados de todos são aqueles que perseguem os seguidores da sabedoria, não com o riso, mas com desumana crueldade.

23. *Convertei-vos à minha correção; eis aqui vou eu a propor-vos já o meu espírito e a intimar-vos as minhas palavras.*

Ó suprema e inefável bondade da divina sabedoria para com o género humano! Ó imensidão de amor que cumpre proclamar-se pela eternidade dos séculos! Não foge, escandalizada com as ruindades; não recusa o perdão para os crimes; não exclui os homens impuros do acesso à sua liberalidade, contanto que queiram regressar ao bom caminho e com a totalidade do espírito passarem da infâmia e da impureza para o zelo da mais genuína honestidade. Mas qual é o prémio que oferece para a conversão? O Espírito de Deus mostra que hão de estar preparadas e expostas riquezas imensas e eternas para os que se converterem a Ele e, em vez da mais total loucura, quiserem abraçar a suma dignidade da sabedoria. Ora, para dizê-lo numa palavras, isto é: torna-os partícipes da natureza divina. É que, quem se liga ao Espírito divino, obtém a divindade. Por conseguinte, que de mais magnificente poderá oferecer aos homens o supremo Criador de todas as coisas? Mas, quanto mais elevado e amplo é o benefício, tanto maior é o crime dos que desprezam uma tamanha mercê, tanto é digno de maior detestação e com tanto

[24.] *Quia uocauit, et renuisti; extendi manum meam, et non fuit qui aspiceret.*
 [25.] *Despexistis omne consilium meum, et increpationes meas, neglexistis.* [26.]
Ego quoque in interitu uestro ridebo et subsannabo, cum uobis id quod timebatis
aduenerit.

Ridere dicitur Sapientia dum quam irriti et inanes sunt hominum conatus ostendit, dum illorum etiam improbiter ad suam gloriam transfert, ut ex malis etiam bona frequenter eliciat. Sed, quid est quod ait: “cum uobis id quod timebatis euenerit” ? Quid enim timent improbi ? An non in scelere triumphant? An non Dei iudicia contemnunt? An non eos, quos Dei metus in officio continet, irrident ? Verum. Sed non tantum ualet diuturna peccandi consuetudo ut possit funditus extinguere sensum illum in natura penitus insitum, quo iudicamus et uirtutis elegantiam esse amabilem atque iucundam, et turpitudinis deformitatem odio sempiterno dignissimam. Naturae namque lex, praecordiis humanis incisa, deleri et abrogari non potest. Vnde fit ut, quamuis impii interdum [684] in sceleribus exsultent et furiales uoces emittant, nullo tamen modo possit id ex eorum animis euelli quod illorum mentes excruciat. Insidet enim et urget maleficiorum recordario, poenas ab illis expetit scelerum conscientia, affliguntur curis tristissimis, ita sunt oppressi ut respirare prae metu non possint. Quin etiam in somniis illis horrenda uisa obiiciuntur, ita neque die neque nocte licet illis a sollicitudine, quae eorum animos exedit, conquiescere. “Non est pax impiis dixit Dominus”⁴.

Porro autem omnium hominum mentes longe in posterum quid sibi sit euenturum acute praesentiunt. Cum enim spes beatæ uitæ sit cum iustitiæ studio coniuncta, necessario fit ut boni spe gloriæ immortalis erecti gaudeant et in stabili uoluptate assidue uersentur; contra uero malefici homines et iniusti metu supplicii, quod est sceleri constitutum, assidue torqueantur. Ob id igitur sapientia improbis euenturum dicit ut a praesidio, quod ingratis repulerant, omnino deserti, illis poenis, quas extimuerant, crucientur. Eam autem sententiam deinde uberius explicat:

[27.] *Cum irruerit repentina calamitas et interitus quasi tempestas ingruerit;*
quando uenerit super uos tribulatio et angustia. [28.] *Tunc inuocabunt me et non*
exaudiam: mane consurgent et non inuenient me.

⁴ Vd. Vulgata, Is. 48, 22.

maior castigo deve ser punido. Por conseqüência, por esse motivo a sabedoria põe diante dos olhos dos ingratos as penas em que devem incorrer:

24. Porque eu vos chamei, e vós não quisestes ouvir-me; estendi a minha mão, e não houve quem olhasse para mim; 25. desprezastes todos os meus conselhos e não fizestes caso das minhas repreensões. 26. Pois eu me rirei também na vossa morte e zombarei de vós, quando vos suceder o que temíeis.

Diz-se que a sabedoria ri quando mostra quão vão e inúteis são os esforços dos homens, quando também faz redundar a perversidade deles em glória dela, por forma a frequentemente extrair bens dos males. Mas, que quer dizer quando afirma: “quando vos acontecer o que temíeis”? Pois, que temem os perversos? Porventura não se ufanam com o crime? Acaso não desprezam os juízos de Deus? Acaso não zombam daqueles aos quais o temor de Deus mantém no cumprimento das suas obrigações? É verdade. Mas o hábito contínuo de pecar não possui tão grande eficácia que consiga extinguir totalmente aquele sentimento profundamente gravado na natureza que nos faz julgar que não só a formosura da virtude é agradável e deve ser amada, mas também que a deformidade da torpeza totalmente merece um ódio imorredouro. É que é impossível expungir-se e anular-se a lei da natureza, gravada no íntimo dos homens. Daqui procede que, embora os ímpios por vezes [684] nos crimes exultem e lancem palavras de dementada alegria, todavia é impossível arrancar-lhes do espírito aquilo que atormenta as suas almas. É que nelas se instala e os atormenta a lembrança das malfeitorias, a consciência dos crimes brada-lhes pelos castigos, são torturados por pungentíssimos cuidados, de tal maneira se sentem oprimidos que devido ao medo não conseguem respirar. E até nos sonhos lhes aparecem medonhas visões, de tal guisa que nem de dia nem de noite lhes é dado descansar da preocupação que mina as suas almas: “Para os ímpios não há paz, diz o Senhor”. [Is 48. 22.]

Ora, por outro lado, os entendimentos de todos os homens penetrantemente sabem com grande antecipação o que há de suceder-lhes. É que, uma vez que a esperança de uma vida venturosa está unida ao zelo da justiça, resulta forçosamente que os bons, animados pela esperança da glória imortal, sentem-se alegres e vivem num incessante e invariável estado de prazer, ao passo que os homens ruins e injustos, são continuamente atormentados pelo medo dos suplícios que estão reservados para o crime. Por conseguinte, por esse motivo a sabedoria diz aos ruins que hão de ser totalmente privados da ajuda que ingratamente rejeitaram, e hão de ser atormentadas com aqueles castigos que receram. Ora, desenvolve em seguida mais amplamente este pensamento:

27. Quando vos assaltar a calamidade repentina e colher a morte como um temporal; quando vier sobre vós a tribulação e angústia: 28. então me invocarão eles e eu não os ouvirei; levantar-se-ão de madrugada e não me acharão.

Rationem autem huius tam horrendi supplicii subiungit:

[29.] *Eo quod exosam habuerint disciplinam, et timorem Domini non susceperint.*

In aegrotis periculose laborantibus mortis est certissimum signum medicinam respuere. Cum uero animi medicina sit in Dei cognitione et in Diuini iudicii metu constituta, restat ut desperemus eorum salutem qui haec remedia diuinitus oblata fastidiose reiiciunt.

[30.] *Nec acquieuerint consilio meo, et detraxerint uniuersae correptioni meae.*

Hoc est, tantum abest ut sanari et e morbis emergi uoluerint ut potius in eos inuecti sint quorum monitis sanari facillime potuissent, erant enim Diuini sermonis administrari. Et praeterea Spiritui Sancto impudentissime resisterunt.

[31.] *Comedent igitur fructus uiae suae suisque consiliis saturabuntur.*

Quemadmodum enim opera erant pestilentia, ita necesse est ut fructibus pestilentibus expleantur.

[32.] *Auersio paruulorum interficiet eos et prosperitas stultorum perdet illos.*

Paruuli sunt omnes qui grauibus rebus leuis, [685] solidis inania, seriis ludicra, sempiternis breuia, praeferunt, eaque dementia caeci, mentem a rebus diuinis auertunt omnemque illius uim in opes fluxas et interituras intendunt. Hanc igitur auersionem mors importuna consequitur. Se namque miseri homines a Deo, qui est perennis uitae fons, sponte atque uoluntate sua diuellunt. Iam uero, cum insipientes homines opibus affluunt, animi efferuntur et intemperanter exsultant, tantoque furore et amentia flagrant ut non se tantum, uerum et uniuersam plerumque Rempublicam perturbent, omniaque tandem funditus euertant.

[33.] *Qui autem me audierit, absque terrore requiescet, et abundantia perfruetur, timore malorum sublato.*

Constat igitur sapientiam non modo dignitatis amplitudinem et diuitiarum affluentiam, sed etiam firmum et inuictum praesidium continere.

Ora, coloca logo a seguir a razão de um suplício tão horrível:

29. Pois que eles aborreceram as instruções e não abraçaram o temor do Senhor

Rejeitar os medicamentos é indício seguríssimo de morte nos enfermos em estado crítico. E, sendo certo que o remédio da alma assenta no conhecimento de Deus e no receio do juízo divino, conclui-se que devemos desesperar da salvação daqueles que enojados rejeitam estes medicamentos oferecidos pelo Céu.

30. nem se submeteram ao meu conselho e desacreditaram toda a minha re-preensão.

Isto é: tanto estiveram longe de quererem curar-se e livrar-se das enfermidades que preferiram atacar os homens com cujos conselhos mui facilmente teriam podido curar-se, pois eram ministros da palavra divina. E além disso com o maior dos despejos resistiram ao Espírito Santo.

31. Comerão pois os frutos do seu caminho e fartar-se-ão dos seus conselhos.

É que, assim como as obras eram perniciosas, da mesma forma é forçoso que se encham de frutos perniciosos.

32. A aversão dos meninos os matará e a prosperidade dos insensatos os virá a perder.

Os meninos são todos os que preferem as coisas ligeiras às sérias, [685] as vãs às sólidas, as de folguedo às ponderadas, as breves às que nunca acabam e, cegos com este desvario, apartam o entendimento das coisas divinas e consagram todo o seu esforço nas riquezas vãs e perecíveis. Por conseguinte, este apartamento acarreta uma dura morte. É que eles, homens mofinos, por sua livre e espontânea vontade separam-se de Deus, que é a fonte perene da vida. Ora, os homens ignorantes, quando enriquecem, ensoberbecem-se e alegram-se de modo desmedido, e abrasam-se em tão grande loucura e vesânia que, não só a si mesmos se inquietam, mas ordinariamente a toda a comunidade, acabando por levar a destruição a todas as coisas.

33. Aquele que me ouvir, descansará sem terror e gozará de abundância de bens, sem receio de mal algum.

Por conseguinte, é manifesto que a sabedoria encerra em si não só o primor da dignidade e a abundância de riquezas, mas também uma ajuda firme e invencível.

CAP. II

[1.] *Fili mi, si susceperis sermones meos et mandata mea absconderis penes te; [2.] ut audiat sapiendam auris tua, inclina cor tuum ad cognoscendam prudentiam.*

In eo commoratur Sapiens et totis uiribus insistit ut auditores in studium incitet intelligentiae. Praemia uero rursus ingentia studiosis pollicetur. Ait igitur:

[3.] *Si enim sapientiam inuocaueris, et inclinaueris cor tuum prudentiae; [4.] si quaesieris eam quasi pecuniam, et sicut thesauros effoderis illam, [5.] tunc intelliges timorem Domini et scientiam Dei inuenies.*

Docet hoc in loco Sapiens qua mente, qua uigilantia, qua cupiditate sit elaborandum illis qui sibi diuinas opes sapientiae proponunt. Qui enim segniter, qui lente, qui oscitanter munus aliquod suscipiunt, tempus sine fructu consumunt. Nullum enim opus efficient quod sit umquam in uera laude ponendum. Omnia namque otiosis atque negligentibus euanescunt. Contra uero, qui in re qualibet industriam adhibet et diligentiam, omnia quae ardentem appetit plerumque consequitur. Quo autem res illa quam desideras est illustrior et amplior et magnificentior, est acrius et uehementius enitendum ut eam adipiscaris. Cum igitur nihil sit, nec ad uitam propagandam salutaris, nec ad decus et honestatem illustrius, nec ad securitatem munitius sapientia, sequitur ut in nulla re alia sit nobis maior opera collocanda. Primum quidem necesse est ut plurimi faciamus illa quae sunt amplissima laude dignissima. Porro autem hanc aestimationem cupiditas infinita consequitur, aliter enim apparebit nos ea contemnere quae magnitudine decoris antecellunt. Quo modo [686] igitur tunc poterit ut earum rerum causa, quas minimi facimus, summum laborem suscipiamus?

Praeterea, in sapientiae contemptu duobus flagitiis longe taeterrimis inquinabimur. Primum erit stuporis et amentiae, qua res uilissimas, diuinis atque sempiternis, praefereudas arbitramur; alterum est ingrati animi crimen, quo diuina beneficia, admodum clementer oblata, reiicimus. Nullo igitur modo ad sapientiam peruenire licebit ei qui in illius studio se negligentem praebueri. Opus igitur est ardentissima cupiditate. Ea uero quo fuerit ardentior, eo studium acrius excitabit ut id quod expetit assequatur. Hoc est autem quod inquit Sapiens, cum admonet ut eam quasi argentum inquiramus et quasi thesaurum inuestigemus. Non est apta comparatio. Quo enim sapientia cunctis opibus atque diuitiis dignitate praecellit, eo maiori studio et contentione quaerenda nobis est, si uolumus illius pulchritudine et utilitate potiri. Sed non erant alia uerba quibus Salomon sententiam suam clarius exprimeret. Nihil enim cernimus in terris tanta cupiditate desiderari,

CAPÍTULO II

1. Filho meu, se tu receberes os meus discursos e tiveres os meus mandamentos escondidos dentro do teu coração, 2. de sorte que o teu ouvido ouça atento o que a sabedoria lhe diz, inclina o teu coração a conhecer a prudência.

O Sábio detém-se e com toda a energia insiste em incitar os ouvintes ao amor à sabedoria. E de novo anuncia os imensos prémios reservados aos que a ela se aplicarem. Pois diz:

3. Porque se tu invocares a sabedoria e inclinares o teu coração para a prudência, 4. se a buscares como o dinheiro e cavares para achá-la, como os que desenterram os tesouros, 5. então compreenderás tu o temor do Senhor e acharás a ciência de Deus,

O Sábio nesta passagem ensina o desígnio, a vigilância, o vivo anelo com que devem operar os que desejam alcançar para si as riquezas divinas da sabedoria. É que os que empreendem seja o que for de modo remisso, lento e negligente, estão a gastar tempo sem fruto. É que não realizarão obra alguma que jamais mereça verdadeiro louvor, pois para os ociosos e negligentes tudo se resolve em nada. Ao passo que, pelo contrário, quem aplica a sua atividade e diligência a alguma coisa, as mais das vezes alcança tudo que ardentemente deseja. Ora, quanto mais elevada, grandiosa e magnificente é aquela coisa que desejamos, tanto mais profunda e fortemente devemos esforçarmo-nos por consegui-la. Por conseguinte, uma vez que a sabedoria é a coisa mais salutar para prolongar a existência, mais nobre para a honra e boa fama e mais bem aparelhada para a segurança, segue-se que em nenhuma outra coisa devemos colocar maior empenho. Em primeiro lugar, é necessário que demos a máxima importância àquelas coisas que são merecedoras do mais irrestrito louvor. Ora, um grandíssimo desejo acompanha esta consideração, porquanto, a não ser assim, dará visos que menosprezamos aquilo que é superior à grandeza da honra. Portanto, de que modo [686] poderá acontecer então que suportemos as maiores dificuldades por causa daquelas coisas a que não damos qualquer importância?

Além disso, com o menosprezo da sabedoria manchar-nos-emos com duas indignidades que são de longe as mais horríveis. A primeira será a insensatez e a loucura, com a qual consideramos que as coisas mais baixas devem ser preferidas às divinas e eternas; a segunda é o crime da ingratidão, com o qual rejeitamos os benefícios de Deus, oferecidos com grande bondade. Por conseguinte, de forma alguma será possível chegar à sabedoria aquela pessoa que se mostrar negligente em aplicar-se a ela. Por consequência, faz-se mister um abrasadíssimo desejo. E quanto mais abrasado este for, tanto mais fortemente despertará o desejo de alcançar aquilo a que almeja. Ora, é isto o que diz o Sábio, quando nos aconselha a que “a busquemos como dinheiro e a procuremos como

tanta industria quaeri, tanta sollicitudine recondi quam pecunia. Si igitur idem studium fuerit a pecunia ad sapientiam traductum, nemini dubium esse poterit quin ex eo amplissimi fructus oriantur. “Tunc intelliges timorem Domini”: hoc est, tum demum uidebis quantas utilitates afferat Domini timor, eo namque Dei cognitionem tibi comparabis. Quo modo?, inquires:

[6.] *Quia Dominus dat sapientiam, et ex ore eius prudentia et scientia.*

“Non est”, inquit, “opus ut ultimas terras sapientiae studio peragres, et uitam in disciplinis artium, quae sunt hominum ingeniis inuentae, conficias. Spiritus enim diuinus est sapientiae origo et fons. Non igitur ueram sapientiam consequere, quamuis hominibus operam des, si Spiritus Sancti disciplina carueris; contra uero, si te ad illius numen adiunxeris et a Deo precibus assiduis scientiam postulaueris, sine ullis hominum inuentis uerae sapientiae doctrinam facillime comparabis. Cum enim illa sit donum Dei, et donum omnium Diuinorum maximum, a Deo est summa fide, acerrima contentione, precibus ardentissimis, sine ulla intermissione flagitanda.

[7.] *Custodiet rectorum salutem et proteget gradientes simpliciter.*

Nihil callidum et ueteratorium, nihil simulationis artificio subnixum, illi summae probitati placere ullo modo poterit, sed uerum et simplex et a fraude atque malitia remotissimum.

[8.] *Seruans semitas iustitiae, et uias sanctorum custodiens.*

Annotandum est hoc in loco, ubi nos habemus [687] sanctorum suorum, esse apud Hebraeos, חסידו, hoc est, beneficorum suorum, quod in multis aliis Sanctae Scripturae locis reperimus. Sed interpres sapienter admodum misericordiae nomen, Sanctitatis nomine declarauit, ut intelligatur potissimum sanctitatis rationem in clementiae studio collocatam esse. Quemadmodum ait Dominus: “Misericordiam uolo, et non sacrificium”⁵.

⁵ Vd. Vulgata, *Mat.* 9, 13.

um tesouro.” A comparação não é ajustada. É que, quanto mais a sabedoria se avanta em dignidade a todas as riquezas e tesouros, com tanto maior desvelo e esforço devemos procurá-la, se queremos obter a sua formosura e proveitos. Mas Salomão não tinha outras palavras com as quais pudesse mais claramente expressar a sua opinião. De facto, na terra não vemos coisa que se deseje com tanta cobiça, se procure com tanto desvelo e se esconda com tanto cuidado como o dinheiro. Por conseguinte, se o mesmo desvelo for desviado do dinheiro para a sabedoria, ninguém poderá duvidar de que dele hão de nascer frutos imensos. “*Então compreenderás tu o temor do Senhor*”: ou seja, então verás plenamente os grandes proveitos que traz consigo o temor do Senhor, porquanto através dele alcançarás o conhecimento de Deus. Mas como?, perguntareis:

6. porque o Senhor é o que dá a sabedoria e da sua boca sai a prudência e a ciência.

Diz: “Não é necessário que, por amor da sabedoria, percorrais as derradeiras paragens, nem que gasteis a existência no aprendizado das artes descobertas pela inteligência humana. É que o Espírito de Deus é a origem e fonte da sabedoria. Por conseguinte, não obtereis a verdadeira sabedoria, embora presteis atenção às lições dos homens, se carecerdes do ensino do Espírito Santo; mas, pelo contrário, se vos unirdes ao Seu divino poder e com incessantes rogativas a Deus pedirdes a sabedoria, com a maior facilidade alcançareis a instrução da verdadeira sabedoria sem quaisquer invenções humanas. É que, uma vez que ela é uma dádiva de Deus, e de todas as dádivas divinas a maior, cumpre que ininterruptamente seja pedida a Deus com a fé mais completa, com intensíssimo fervor e mui ardentes preces.

7. Ele reservará a salvação para os retos e protegerá os que caminham em simplicidade.

Àquela suprema proibidade de forma alguma poderá aprazer nada de astucioso ou arteiro, nada que se funde no embuste e dissimulação, mas só o verdadeiro e singelo, totalmente apartado do engano e da malícia.

8. Sendo ele mesmo o que guarda as veredas da justiça e o que está de vigia sobre os caminhos dos santos.

Aqui cumpre anotar-se que, onde a nossa versão [687] tem “dos seus santos”, em hebraico encontra-se *יְרֵבֵנִי*, ou seja, “dos seus benéficos”, palavra que encontramos em muitas outras passagens da Sagrada Escritura. Mas o tradutor mui sabiamente traduziu pela palavra “santos” a palavra “misericordiosos”, para que se entenda que a principal regra da santidade deve colocar-se no zelo da

[9.] *Tunc intelliges iustitiam et iudicium et aequitatem, et omnem semitam bonam.*

O praeclaram speciem admirabilis pulchritudinis, quam sapientes in splendore iustitiae et aequitatis intuebuntur, cum fuerint a summo Domino disciplinis salutaribus eruditi! Quid enim illa praeclarius animo cogitari potest, aut quid propius ad similitudinem diuinae pulchritudinis et amplitudinis accedat?

[10.] *Si intrauerit sapientia cor tuum, et scientia animae tuae placuerit, [11.] consiliurn custodiet te, et prudentia seruabit te, [12.] ut eruaris a uia mala et ab homine qui peruersa loquitur.*

Viae quidem huius uitae sunt ualde lubricae, in quibus uix uestigium sine graui ruinae periculo imprimere liceat; hostes innumerabiles; loca insidiis infesta. Verum, cum omnia sint periculis cincta, uix tamen ullum cogitatione fingi potest quod sit cum eo, quod ab hominis fallaciis nascitur, conferendum. Nam, intra uerborum dulcedinem ueneni mortiferi uis inclusa delitescit, priusque uitam mentis eripit quam dolus animaduerti possit. Non mediocris igitur hominis, sed ualde sapientis, officium est perditorum hominum fraudes astutissime praecauere. Vt autem Sapiens magis periculum, quod ab hominibus perditissinis intenditur, ob oculos ponat, eorum naturam consequenter explicat. Sequitur igitur:

[13.] *Qui relinquunt iter rectum et ambulant per uias tenebrosas; [14.] qui laetantur cum malefecerint et exsultant in rebus pessimis, [15.] quorum uiae peruersae sunt, et infames gressus eorum.*

Extremi furoris argumenta certissima sunt lucem odio persequi, tenebras consecrari, a recta uia deflectere et itineribus deuiis, nullum exitum habentibus, implicari. Sed nihil magis execrandum est quam exsultare intemperanter in grauissima omnium aerumna et calamitate. Quid enim taetrius, quid magis horrificum et pertimescendum est, hominibus ad Dei imaginem factis et insita natura ad Dei uirtutem imitandam propensis, sceleris immanitate? Si enim utilitas quaeritur, in scelere inest salutis atque totius commoditatis euersio. Si dignitas est appetenda, scelus continet in se Stygiam deformitatis speciem, odio sempiterno dignissimam. Si melioris condicionis spes animum erigit, scelus ab omni salutis spe miseros mortales excludit. Si curae tristes, si sollicitudines et angores, mentes [688] excruciant, scelerati homines numquam a supplicio, quo animi lacerantur, liberi sunt. Si igitur qui graui et periculoso morbo iactantur, cum in mortifera febris cachinnos tollunt, non solum furere se et insanire demonstrant, uerum et mortem sibi appropinquare significant, quid de illis est existimandum qui in summis malis, quibus non tantum corpus, sed, quod est multo grauius, animus ipse conficitur, rident et gestiunt et efferuntur?

misericórdia. Da mesma maneira que o Senhor diz: “Misericórdia quero, e não sacrifício”. [Mt 9. 13.]

9. Então conhecerás tu a justiça e o juízo e a equidade e todas as veredas que são boas.

Ó nobilíssima imagem de admirável formosura, que os sábios hão de contemplar no resplendor da justiça e da equidade, quando o supremo Senhor lhes ensinar os conhecimentos salutares! De facto, que pode imaginar-se de mais nobre do que ela ou que mais se aproxime da semelhança com a formosura e grandiosidade de Deus?

10. Se a sabedoria entrar no teu coração e a ciência agradar à tua alma, 11. o conselho te guardará e a prudência te conservará. 11. A fim de seres livre do caminho mau e do homem que fala coisas perversas;

É certo que os caminhos desta vida são assaz resvaladiços e neles dificilmente se pode pôr o pé sem grave risco de vida; os inimigos são inúmeros; as situações sujeitas a ciladas. Mas, embora tudo se encontre rodeado de perigos, todavia dificilmente pode imaginar-se algum comparável com aquele que nasce dos enganamentos do homem. Com efeito, entre a doçura das palavras oculta-se a força da peçonha mortal, que arrebatava a vida do espírito antes de que se possa dar conta do embuste. Por conseguinte, é dever, não de homem mediano, mas sobremaneira sábio, com grande astúcia pôr-se de sobreaviso contra os enganamentos dos homens perversos. Ora, o Sábio, a fim de melhor colocar diante dos olhos o perigo que os homens mais perversos aparelham, expõe em seguida a sua natureza. Segue-se, pois:

13. dos que deixam o caminho direito e andam por caminhos tenebrosos; 14. que se alegram depois de terem feito o mal e triunfam de prazer nas piores coisas; 15. cujos caminhos são todos corrompidos e cujos passos são infames.

São provas indubitáveis de rematado desatino perseguir com sanha a luz, seguir as trevas, desviar-se do caminho direito e meter-se por veredas desviadas que não levam a lado algum. Mas não há nada de mais abominável do que alegrar-se descomedidamente com a mais completa desgraça e tribulação. De facto, que há de mais horrível, de mais medonho e que mais deve assustar homens criados à semelhança de Deus e inclinados, por instinto natural, à imitação da virtude de Deus, do que a monstruosidade do crime? É que, se se procura o proveito, no crime reside a total destruição da salvação e das comodidades. Se a dignidade é apetecível, o crime encerra em si uma infernal imagem de fealdade, inteiramente digna de ódio eterno. Se o espírito sente viva esperança de uma condição me-

Ab horum igitur familiaritate et consuetudine deterret Sapiens omnes qui sapientiae luce frui desiderant. Male enim sectatoribus consulunt ii qui se ipsos interimunt. Non enim celerius pestis contagium ad eos peruadit qui se cum illis coniungunt qui pestifera tabe confecti sunt, quam perditorum hominum sermo contaminat eos qui illorum societatem minime reformidant. Non tamen solum improborum hominum conuictus fugiendus est, sed multo etiam magis mulierum impudicarum familiaritas execranda. Nam uerborum illecebris facilius occultat insidias et in sensus celerius penetrat seueritatisque sententias perfringit animique uires elidit, usque eo dum mentem de statu deiiciat seque nefariae libidini constringendam dedat. In hoc igitur tanto discrimine uis sapientiae summa perspicitur. Sequitur enim.

[16.] *Vt eruaris a muliere aliena et ab extranea, quae mollit sermones suos,*
[17.] *relinquit ducem pubertatis suae,* [18.] *et pacti Dei sui oblita est.*

Cum mulierem adulteram Alienam, cum Extraneam appellat, maximum periculum ab illa denuntiat. Quid enim est odio in amoris nomine latitante perniciosius? Adspergit enim occulte uenenum; in sensus latenter irrepit; luce mentem spoliat; taetras tenebras offundit; hominesque, fallacissima uoluptate liquefactos, in sempiternos dolores praecipites exturbat. Non amat igitur mulier, sed pessime odit eos quos in tam graues calamitates impellit. Vt enim insitae libidini pareat, amatores laqueis sempiternae mortis adstringit. Recte igitur Sapiens eam Alienam nominat, non modo quia uiri alterius matrimonium tenet, sed etiam quia pestem illi ipsi, quem se amare fingit, nefarie machinatur. Hoc enim Alieni nomen in sanctis Litteris saepenumero animum hostilem significat.

Scelus autem nefariae mulieris explicat, cum ait eam “reliquisse ducem pubertatis suae”, hoc est, maritum, cui fuerat in iuuentutis flore collocata, cum quo legitimi amoris fidem sanxerat, cui se regendam tradiderat. In quo non modo genialem lectum inceste commaculauit, matrimonii sanctitatem uiolauit, sed etiam in Deum impia et scelerata fuit, nam foedus, quo se cum legitimo uiro coniunxerat, lege Diuina percussum et numinis sanctissimi testimonio confirmatum, fregit. Tanti sceleris immanitas et turpitude, in oculis constituta, satis magnam uim habebat ad omnes homines, qui salutem et dignitatem caram habent, absterrendos et admonendos ut mulieris perditissimae [689] communionem effugerent. Sed non id satis habuit Salomon. Vterius progreditur, ut rationem, quare sit scelestus et effrenata mulier fugienda, magis explanet. Ait enim.

lhor, o crime exclui os mofinos mortais de qualquer esperança de salvação. Se a alma é atribulada por tristes cuidados, por inquietações e angústias, [688] os homens perversos nunca estão livres do suplício que lhes tortura o espírito. Por conseqüência, se os que se encontram atingidos por uma enfermidade grave e de risco, quando soltam gargalhadas no meio de uma febre mortal, não apenas estão a provar que ensandeceram e ficaram doudos, mas também demonstram que a morte se está a aproximar: que cumpre que pensemos em relação àqueles que, imersos nos males maiores, com os quais se destrói, não só o corpo, mas, o que é muito mais grave, a própria alma, se põem a rir e pulam de alegria e rejubilam?

Portanto, o Sábio desvia da intimidade e familiaridade com tais pessoas todos os que desejam desfrutar do fruto da sabedoria, porquanto são maus conselheiros dos seus seguidores aqueles homens que a si mesmos se destroem. É que não é mais rápida a peste a contagiar aquelas pessoas que se juntam com as que foram afetadas pelo flagelo epidémico, do que as palavras dos homens perversos a contaminarem os que não se receiam do trato com eles. Todavia, não apenas se deve fugir da comunicação com os homens ruins, mas até muito mais se deve abominar a intimidade com as mulheres desavergonhadas. É que, com os amálgamas de palavras mais facilmente oculta os ardis e entra mais rapidamente pelos sentidos e quebranta os conselhos da austeridade e debilita as forças do ânimo, até desestabilizar o espírito e entregá-lo escravizado à abominável sensualidade. Portanto neste tão grande perigo é que se vê a insuperável força da sabedoria. Com efeito, vem a seguir:

16. *A fim de seres livre da mulher alheia e da estranha, que usa dos brandos discursos* 17. *e deixa o guia da sua puberdade e se tem esquecido do pacto do seu Deus.*

Ao chamar “alheia” e “estranha” à mulher adúltera, está a ensinar que dela resulta o maior dos perigos. Na verdade, que existe de mais prejudicial do que o ódio que se oculta sob o nome de amor? De facto, espalha ocultamente a peçonha, insinua-se de sorrante nos sentidos, despoja de luzes o entendimento e destrói, precipitando-os na sempiterna dor, os homens, debilitados por uma deleitação totalmente falsa. Por conseguinte, a mulher não ama, mas odeia profundamente os homens aos quais impele para desgraças tão terríveis. É que, para obedecer à sua conatural sensualidade, envolve os que a amam nos laços da morte eterna. Por conseguinte, é com razão que o Sábio a designa por “alheia”: não só porque está casada com outro varão, mas também porque de modo abominável maquina a desgraça contra aquele mesmo que finge que ama. De facto, nas Sagradas Escrituras esta palavra “alheio” tem amiúde o sentido de “hostilidade”.

Por outro lado, descreve o crime da mulher abominável quando diz que ela “deixou o guia da sua puberdade”, isto é, o marido, a quem fora prometida na flor da sua mocidade, com o qual se comprometera pelos laços do amor legítimo

Inclinata est enim ad mortem domus eius, et ad inferos semitae ipsius.

Primum quidem illa sese libidinis explendae gratia ad mortem obtulit. Deinde adulterum eodem iudicio obstrinxit, utrique enim erat lege Diuina mortis poena constituta.⁶ Deinde, uniuersa domus, amoris infandi gratia, dissipatur. Nec enim mulier adultera rem familiarem curat, sed eam potius, ut amatorem diutius sibi deuinctum teneat, disperdit atque dissipat. Tum, etiam maritum negligit, filios non educat, et ita fit ut domus uniuersa labefactata corruat. Postremo, omnis illius impetus eo tendit ut apud inferos, simul cum amatore, sempiternis suppliciis excrucietur.

[19.] *Omnes qui ingrediuntur ad eam, non reuertentur neque apprehendent semitas uitae.*

In loco lubrico et periculoso, maxime si fuerit decliuus, qui semel prolabitur, uix potest resistendi locum reperire. In imam igitur uoraginem deuoluentur ferme omnes qui semel in impudicae mulieris illecebras inciderunt. Non enim in amissam uiam redire facile possunt, ut uiam uitae teneant, qui sunt meretriciis uinculis impediti.

[20.] *Vt ambules in uia bona, et calles iustorum custodias.* [21.] *Qui enim recti sunt, habitabunt in terra, et simplices permanebunt in ea.*

Haec sententia est ad illam annectenda, qua dixerat “Vt eruaris a muliere aliena”. Illis enim qui se se a meretriciis amoribus longe remouerint et sanctorum uiam tenuerint, semper erit Dei numen propitium. Nam illius ope in hac uita perpetuo muniuntur et in futura hereditatem sempiternam consequuntur.

⁶ Vd. Vulgata: *Lev.* 22, 10; *Deut.* 22, 22.

e a quem se entregara para que a guiasse. Com tal proceder, não só manchou de modo impuro o leito conjugal e violou a santidade do matrimônio, como também se mostrou ímpia e criminosa contra Deus, porquanto quebrou o contrato, promulgado pela lei divina e corroborado pelo testemunho da santíssima divindade pelo qual se unira com o legítimo esposo. A monstruosidade e torpeza de um crime tão grande, posta diante dos olhos, tinha eficácia suficientemente grande para advertir e aconselhar todos os homens, que prezam a salvação e a dignidade, a evitarem a comunicação com as mais perversas das mulheres. [689] Mas Salomão não considera isto bastante. Vai mais adiante, no fito de explicar melhor o motivo pelo qual devemos fugir da mulher perversa e desenfreada. Com efeito, escreve:

Porquanto a sua casa pende para a morte e as suas veredas para os infernos.

Em primeiro lugar, por causa do desejo de satisfazer a sua sensualidade, ofereceu-se à morte. Em segundo lugar, tornou o adúltero réu no mesmo julgamento, uma vez que a lei divina estabelecia a pena de morte para ambos. [Lv 20. 10.; Dt 22. 22.] Depois, a casa arruína-se por completo, devido ao infamante amor. Tão-pouco a mulher adúltera cuida do patrimônio doméstico, mas antes o esbanja e desperdiça para manter por mais tempo a ela ligado o amante. Depois, também não trata do marido e não cria os filhos e assim sucede que a casa se arruína e abate completamente. Por derradeiro, emprega todos os seus esforços no sentido de vir a ser atormentada nos infernos, com suplícios eternos, juntamente com o seu amante.

19. *Todos os que têm trato com ela, não voltarão nem tomarão as veredas da vida.*

Quem uma vez cai em lugar resvaladiço e perigoso, e sobretudo se for inclinado, tem dificuldade em encontrar um lugar em que parar. Por conseguinte, regra geral precipitam-se no mais profundo abismo todos os homens que alguma vez caíram nas seduções da mulher desavergonhada. É que, os que se deixaram enlear pelos laços das meretrizes, não conseguem facilmente regressar ao caminho perdido, de maneira a perseverarem no caminho da vida.

20. *Para que andes pelo bom caminho e não largues as veredas dos justos.*

21. *Porque os que são retos habitarão na terra e nela permanecerão os íntegros.*

Esta frase deve ligar-se com aquela em que dissera: “a fim de seres livre da mulher alheia”, pois a divindade sempre se mostrará propícia com aqueles que se mantiverem longe de amores meretrícios e perseverarem no caminho dos santos. Na verdade, com a ajuda d’ Ela, nesta vida incessantemente se encontram protegidos e na que há de vir alcançam uma herança eterna.

[22.] *Impii uero de terra perdentur, et qui inique agunt auferentur ex ea.*

Impii, omni praesidio destituti, duplicique supplicio mactari et in hac uita graues poenas dabunt, et in futuro saeculo cruciamenta sempiterna patientur.

CAP. III

[1.] *Fili mi, ne obliuiscaris legis meae, et praecepta mea cor tuum custodiat.*

Caritatis sollicitudo contineri non potest quin eandem sententiam, in qua cernit uitam omnem consistere, saepenumero repetat. Lege autem Diuina uitam omnem contineri satis explicat ipsius legislatoris sententia. “Si uis”, inquit, “in uitam ingredi, serua mandata.”⁷ Sed quaerendum [690] est cur Salomon legem Diuinam suam nominat. Num ardens legis studium faciebat ut suum nominaret quod erat in illius mente penitus insitum et quodammodo in naturam illius conuersum? Diuina enim munera multo magis nostra sunt existimanda, si illis ad nostram salutem sapienter utimur, quam illa quae in patrimonio numeramus. Ex nostris enim bonis quae uel hereditate, uel industria, uel quauis alia ratione, nobis obueniunt, minimam plerumque partem ad nostros usus traducimus, uniuersis enim frui non possumus. At, quae sunt in animos nostros Diuina benignitate congesta, ita sunt ad nostram salutem accommodata ut nulla pars illorum sit quae superflua aut parum utilis possit appellari. Et reliqua omnia nobis eripi possunt, Diuina uero non possunt. Quocirca Dominus ipse dicit, ut est apud Lucam: “Si in iniquo mammona fideles non fuistis, quod uerum est, quis credet uobis? Et, si in alieno fideles non fuistis, quod uerum est, quis dabit uobis?”⁸

Ex quo loco possumus intelligere opes humanas proprias appellari a nemine posse, cum, praeter eam partem qua alimur et sustentamur, inclusae minime iuuant; absumptae, desiderium inane relinquunt; praeterea, curas non eximunt, morbos non sanant, morte non liberant et sunt interim casibus infinitis expositae. Quid est igitur nostrum? – Id quod a Deo consequimur, nempe fidem, benignitatem, immortalitatis studium et reliqua clementiae Diuinae munera et beneficia. Quod si Deum nostrum iure nominamus quamdiu sumus spiritu illius ardentius incitati, cur non illius etiam legem quamdiu illa uitam instituimus nostram legem appellabimus? Cum igitur Salomon, eo tempore quo haec praecepta dabat, legis obseruantissimus

⁷ Vd. Vulgata, *Mt.* 19, 17.

⁸ Vd. Vulgata, *Luc.*, 16, 11-12.

22. *Porém os ímpios serão arrancados de cima da terra e os que obram iniquamente serão dela exterminados.*

Os ímpios, privados de todo o socorro e punidos com um duplo tormento, não só serão gravemente castigados nesta vida, mas também padecerão no século que há de vir suplicios eternos.

CAPÍTULO III

1. *Filho meu, não te esqueças da minha lei e guarda no teu coração os meus preceitos.*

O desvelo da caridade não consegue evitar repetir várias vezes aquela opinião na qual vê que assenta toda a vida. Ora, que toda a vida se encerra na lei divina é algo que de sobejo exprimem as palavras do próprio legislador, que diz: “Se queres entrar na vida, guarda os mandamentos”. [Mt 19. 17.] Mas deve procurar saber-se [690] a razão pela qual Salomão chama sua à lei divina. Acaso amava tão ardentemente a lei que chamava seu aquilo que estava profundamente gravado no seu espírito e em certa maneira transformado na sua própria natureza? É que as mercês divinas, se sabiamente as usamos para nossa salvação, muito mais devem ser consideradas nossas do que aquelas que contamos como nosso património. De facto, dos nossos bens, que chegam à nossa posse quer por herança, quer pelo nosso trabalho, quer por outra qualquer via, ordinariamente é mínima a parte que empregamos em nosso proveito, pois não podemos gozá-los a todos. Aqueles, porém, que a divina bondade acumulou na nossa alma, de tal maneira são adequados para a nossa salvação que não existe parte alguma deles que possa chamar-se supérflua ou pouco útil. E todos os demais nos podem ser arrebatados, mas os divinos não podem. Motivo pelo qual o próprio Senhor diz, tal como se lê em Lc 16. 11-12: “Se não fostes fiéis nas riquezas injustas, quem haverá que confie de vós as verdadeiras? E se vós não fostes fiéis no alheio, quem vos dará o que é vosso?”

Por este passo podemos entender que ninguém pode chamar próprias às riquezas humanas, quando, exceto a parte com que nos alimentamos e sustentamos, estando guardadas, de nada servem; consumidas, deixam uma inútil saudade; além disso, não isentam de preocupações, não curam doenças, não livram da morte e estão entretanto sujeitas a infinitos percalços. Por conseguinte, que é que é nosso? – Aquilo que obtemos de Deus: a saber, a fé, a bondade, o zelo da imortalidade e as restantes mercês e benefícios da misericórdia de Deus. Pelo que, se com justiça chamamos a Deus nosso sempre que o seu Espírito nos incita com maior ardor, por que motivo não chamaremos também nossa à Sua lei sempre que com ela orientamos a nossa vida? Por conseguinte,

esset, recte legem suam eam dicebat. Inculcat igitur rursus amantissime Diuinae legis studium et munera rursus ingentia pollicetur.

[2.] *Longitudinem enim dierum et annos uitae et pacem apponent tibi.*

Dierum longitudo, si fuerit grauissimis molestiis implicata, non beneficium, sed supplicium potius est appellanda. Mors enim diuturna est, et non uita, ea quae morbis pestiferis aut curis tristissimis est assidue conflictata. Et ideo adiungit Salomon, “Et annos uitae”. Postremo, in pace omnia bona constituta sunt. Ea pace fruitur animus cum libidinem refrenat, cupiditatem circumcidit, omnes motus inanes coercet et imperium sapienter administrat; cum, firmissima spe in Diuino praesidio collocata, hostes externos minime pertimescit; cum denique confidit fore ut ius caelestis ciuitatis Diuina gratia consequatur. Est praeterea intelligendum, in Sanctis Litteris “pacis” nomine omnia bona uerissima designari. Est igitur promissum amplissimum, quod maximam uim habere potest ad animos cupiditate illius uehementer et acriter inflammandos.

[3.] *Misericordia et ueritas te non deserant, circumda eas gutturi tuo et describe [691] in tabulis cordis tui; [4.] et inuenies gratiam et disciplinam bonam coram Deo et hominibus.*

Legis uim in summam confert. Ea namque in caritate et fide consistit. Plenitudo enim legis est dilectio. Sed est intelligendum misericordiam, seclusa fide et caritate, esse nomine “caritatis” indignam. Est igitur praestanda fides hominibus, est unice colenda iustitia, est humana societas summo studio conseruanda, si cupimus misericordiae sacrificio Deum nobis propitium reddere. Religionis quidem sanctitate Deo fidem praestamus, ueritatis et iuris obseruantia homines nobis adstringimus. Itaque fit ut eodem studio Dei gratiam acquiramus et hominibus etiam cari simus et, quod est omnium maximum, Spiritus Sancti disciplina in dies magis illustremur.

Hae autem uirtutes uult ut a gutture, quasi quaedam maximi pretii monilia, sint appensae, ad insigne decoris ornamentum et gloriae uerissimae monumentum, ut scilicet omnia quae loquimur faciant tam praeclarae dignitatis indicium et omnis eloquentiae uis ad hominum salutem conferatur. Vult praeterea ut, non in tabulis lapideis, ut olim cum lex fuit a Mose promulgata, sed in tabulis cordis carnalibus inscribatur. Hoc igitur sancit Salomon ut timoris angor assiduus expellatur et amor in illius locum succedat et, abrogata lege, gratia Christi in animis dominetur, et, pro mortis administratione (sic enim Paulus noster instituta antiquae legis appellat⁹), lex spiritus uitae in nobis regnum possideat.

⁹ Vd. Vulgata, *Rom.* 8, 2; *2 Cor.* 3, 6.

sendo certo que Salomão, na época em que escrevia estes preceitos, era um rigoroso observante da lei, era com razão que chamava sua à lei. Por isso de novo inculca com entranhado afeto o amor à lei divina e de novo promete imensas mercês.

2. Porque eles aumentarão os teus dias e te acrescentarão anos de vida e paz.

“Aumentar os dias”, se este aumento estiver ligado com molestíssimas incomodidades, antes deve chamar-se suplício do que benefício. É que é uma morte prolongada, e não vida, a que é incessantemente atribulada por terríveis enfermidades ou pungentíssimos cuidados. Razão pela qual Salomão adita: “e anos de vida”. Finalmente, todos os bens assentam na paz. O espírito desfruta desta paz quando refreia a sensualidade, suprime a cobiça, sopeia todas as emoções vãs e sabiamente exerce o mando; quando, com firmíssima esperança depositada na ajuda divina, não se arreceia de inimigos de fora; quando, enfim, tem confiança em que, mediante a graça divina, há de alcançar o direito à Cidade celestial. Além disso, deve ter-se presente que nas Escrituras Sagradas através da palavra “paz” designam-se todos os mais verdadeiros bens. É, por conseguinte, uma promessa muito grande que pode possuir a máxima eficácia para forte e penetrantemente abrasar os espíritos no desejo dela.

3. Não te desamparem a misericórdia e a verdade, põe-nas à roda do teu pescoço e [691] grava-as sobre as tábuas do teu coração; 4. e acharás graça e sábia conduta diante de Deus e dos homens.

Faz um resumo da essência da lei. É que ela consiste na caridade e na fé. É que a plenitude da lei é o amor. Mas cumpre que se entenda que a misericórdia, separada da fé e da caridade, é indigna do nome de caridade. Por conseguinte, se desejamos tornar Deus propício em relação a nós através do sacrifício da misericórdia, cumpre que sejamos leais com os homens, que respeitemos a justiça de modo especial, que com o máximo desvelo conservemos a comunidade humana. Através da santidade da religião, prestamos preito de lealdade a Deus; através da observância da verdade e da lei, ligamos os homens a nós. E assim sucede que, através do mesmo procedimento, adquirimos a graça de Deus e também nos tornamos estimados pelos homens, e, algo que é o mais importante de tudo, vamos sendo de dia para dia mais iluminados pelo ensino do Espírito Santo.

Ora, quer que estas virtudes sejam postas à roda do pescoço, como uma espécie de colar de enorme preço, para ornamento insigne de honra e monumento da mais verdadeira glória: a saber, para que tudo que falamos dê testemunho de uma tão elevada dignidade e toda a energia da eloquência seja consagrada à salvação dos homens. Quer, além disso, que se grave, não em tábuas de pedra, como antigamente quando a lei foi promulgada por Moisés, mas nas tábuas de

[5.] *Habe fiduciam in Domino ex toto corde tuo, et ne innitaris prudentiae tuæ.*

O sanctissimæ sapientiae disciplina, quae intra se omnes salutis sempiternae opes continet. Cum primus homo a Deo conditus est, legem accepit qua non poterat, sine scelere nefario, fructum ex arbore scientiae boni et mali ad comedendum decerpere.¹⁰ Erat tamen illi usus arboris uitae, summa Dei beneficentia, concessus. Is uero, dum contra legem Diuinam uetitum fructum comedit, ab arbore uitae exclusus fuit et in perpetuo exsilio multas calamitates hausit. Quid autem arbor illa scientiae designabat? Humani ingenii acumen atque sollertiam. Quid uero Arbor uitae? Non aliud certe quam spiritus Diuini praesidium. Sub illis igitur signis praecipiebat Deus generis humani parenti ut minime ingenio suo niteretur et totam salutis et dignitatis spem in uerbo Diuino reponeret.

Quid enim est quod humanum ingenium, seclusa fide, quæ semper uerbum Diuinum intuetur, consequi possit? In fraude concinnanda calliditatem, in uita instituenda flagitium, in bonis summa sollicitudine comparandis amentiam, in cupiditate summae felicitatis extremam miseriam. Fere enim semper errat mens orbata Diuino lumine et, dum maxime ad florentem [692] statum enititur, tum maxime sibi pestem sempiternam comparat. Contra uero, dum ardenti fide sese ad studium sanctissimi numinis adiungit, dum omnes suas rationes ex Diuino Spiritu suspensas habet, dum omnem uitam, omnes cogitationes et studia lege Diuina conformat, illustratur mirifice, uires Diuinas assumit, pace tranquillissima fruitur, omnia quæ uult de bonorum omnium fonte consequitur.

Vnde colligitur seminarium malorum omnium in ingenii confidentia esse constitutum unamque esse certissimam uitae beatæ uiam et rationem, quae in uigente fide consistit. Fides enim opem Diuinam fidenter implorat, confidentia porro se Diuina ope indigere non putat. Iustissime igitur a Deo deferuntur qui tantum sibi arrogat et assumunt ut sine Dei praesidio se ad beatæ uitae statum peruenturos opinentur. Nam Diuinitatem quodammodo sibi nimis insolenter attribuunt qui in se ipsis uitae praesidia reponunt, nec in Deum, ut in salutis auctorem, pura mente respiciunt. Continet igitur praeceptum hoc omne salutis sempiternae et immortalis uitae firmamentum, quod iubet ut non in nostra prudentia, sed in Diuina clementia totam spem salutis colloceamus.

¹⁰ Vd. Vulgata, *Gen.* 2, 17.

carne do coração. Por conseguinte, Salomão estabelece que se ponha de parte a incessante angústia do temor e se coloque no seu lugar o amor, e que, depois de ab-rogada a lei, a graça de Cristo senhoreie as almas, e que, em vez do *ministério da morte* (pois é assim que o nosso S. Paulo [2 Cor 3.7.] designa as instituições da lei antiga), a lei do Espírito da vida reine dentro de nós.

5. Tem confiança no Senhor, de todo teu coração, e não te estribes na tua prudência.

Ó ensinamento da santíssima sabedoria, que encerra dentro de si todas as riquezas da salvação eterna. Quando o primeiro homem foi criado por Deus, recebeu a lei segundo a qual não poderia, sem incorrer em crime abominável, colher, para comê-lo, o fruto da árvore da ciência do bem e do mal. Todavia, Deus, com a maior das bondades, tinha-lhe concedido o uso da árvore da vida. Mas ele, quando, contrariando a lei divina, comeu o fruto defeso, foi excluído da árvore da vida e, em perpétuo desterro, padeceu inúmeras desgraças. Ora, que é que simbolizava aquela árvore da ciência? A penetração e sagacidade da inteligência humana. E a árvore da vida? Certamente que não outra coisa senão a ajuda do Espírito de Deus. Por conseguinte, sob aquela forma simbólica, Deus preceituava ao progenitor da espécie humana que não se estribasse na sua inteligência e inteiramente depositasse na palavra divina a esperança da salvação e dignidade.

De facto, que é que a inteligência humana logra conseguir, se estiver separada da fé, que incessantemente contempla a palavra divina? Manha para urdir embustes, infâmia na organização da existência, loucura na busca sumamente ansiosa de bens, a mais completa infelicidade em meio ao desejo da felicidade suprema. É que quase sempre erra o entendimento privado da luz divina e, quando mais se esforça para alcançar uma condição próspera, [692] então é quando mais aparelha para si mesmo a perdição eterna. Ao invés, quando com fé ardente se consagra ao amor da santíssima divindade, quando faz que todas as suas decisões dependam da inspiração divina, quando regula toda a existência, todos os pensamentos e diligências em conformidade com a lei divina, então é extraordinariamente iluminado, adquire energias divinas, goza da paz mais imperturbada e alcança tudo o que quer da fonte de todos os bens.

Daqui se colige que a origem de todos os males se encontra em confiar na inteligência e que é um só o mais certo caminho para a vida bem-aventurada, que é o que se funda numa fé viva e atuante. É que a fé pede confiadamente a ajuda divina, ao passo que a confiança não pensa que necessita da ajuda de Deus. Por consequência, é com toda a justiça que Deus abandona aqueles que tanto se ufanam e presumem de si mesmos que creem que hão chegar a um estado de vida bem-aventurada sem o auxílio de Deus. Na verdade, com desmedida insolência, de certa maneira atribuem-se a si mesmos a divindade os homens que colocam

[6.] *In omnibus uis tuis cogita illum, et ipse diriget gressus tuos.*

Incidunt saepenumero multa in consiliis uitae capiendis quae uidentur esse ad consequenda ea quae nimis ardentem cupimus accommodata, quae tamen spem nostram saepe frustrantur, ita ut ea quae ad salutem parabamus perniciem nobis importent. Quare? Quia non semper in Deum tota mente respicimus. Caput enim consilii est diligenter animaduertere an ea quae molimur sint Deo offensionem allatura. Si enim aliquid occurrat quod sanctitati Diuinae legis aduersetur, repudiandum est, quamuis praesentis utilitatis species oculis nostris obuersetur. Nihil enim utile poterit esse quod iram in nos Diuinam concitat. Hoc igitur praescribit Sapiens ut, in omnibus uitae consiliis, in Deum respiciamus, nec aliquid umquam agamus quod Deo gratum minime sit. Quod si fecerimus, ille nobis dux erit, ille lucem praeferet, ille uiam monstrabit qua, sine ullo errore, iter ad omnia quae uolumus feliciter habeamus.

Sint qui in consilium adhibentur acutissimi, sint usu longo rerum et cognitione totius antiquitatis instructissimi: si tamen Dei metu caruerint, a uia salutis aberrabunt et patrias suas funditus euertent. “Dissipat enim Dominus consilia gentium: consilium uero illius in aeternum manet.”¹¹ At consilium Domini hoc semper fuit ut numquam spes eos falleret qui nihil magis curant quam ne quid ab illis accidat uoluntati Diuinae contrarium.

[7.] *Ne sis sapiens apud te metipsum: time Deum et recede a malo.*

[693] Idem aliis uerbis repetit, nec est superuacanea repetitio, tam salutatis enim sententia saepius est inculcanda ut firmiter in mente defixa sit. Quid est autem quod dicit “Ne sis sapiens apud te metipsum”? Ne sis amentissimus et insolentissimus. Quid enim amentius est quam, in tantis uitae tenebris, sibi quemquam sapientiam arrogare? Quid superbius et insolentius quam falsa sapientiae opinione tumidum semper inferri? “Vae”, inquit Isaias, “uobis qui sapientes estis in oculis uestris, et coram uobismetipsis prudentes”¹².

¹¹ Vd. Vulgata, Ps. 32, 10-11.

¹² Vd. Vulgata, Is. 5, 21.

em si mesmos as defesas da vida e não olham com entendimento puro para Deus como Autor da salvação. Por conseguinte, encerra todo o alicerce da salvação eterna e da vida imortal o preceito que ordena que coloquemos, não na nossa prudência, mas na misericórdia divina toda a esperança da salvação.

6. Traze-o no pensamento em todos os teus caminhos e ele mesmo dirigirá os teus passos.

Amiúde no tomar decisões na vida sobrevêm muitas coisas que parecem ser adequadas para se conseguir aquilo que mui ardentemente desejamos, as quais, sem embargo, muitas vezes frustram a nossa esperança, por tal forma que aquilo que procurávamos conseguir para nossa salvação ocasiona a nossa perdição. Por que razão? Porque não olhamos sempre para Deus com a totalidade do entendimento. De facto, o essencial do conselho é estar diligentemente atentos a se aquilo que realizamos há de ofender a Deus. É que se nos ocorrer seja o que for que esteja em oposição com a santidade da lei divina, devemos rejeitá-lo, ainda que aos nossos olhos mostre uma aparência de proveito imediato, pois não poderá ser de proveito seja o que for que desperte a ira de Deus contra nós. Por isso, o Sábio prescreve que, em todas as decisões da vida, olhemos para Deus e que jamais nada façamos que não seja agradável a Deus. Se assim procedermos, Ele será o nosso guia, Ele levará à frente a luz, Ele mostrará o caminho, que, sem qualquer desvio, nos permita fazer próspera jornada até tudo aquilo que desejamos.

Há pessoas a quem recorrer como conselheiros dotadas de agudíssima inteligência, outras muito bem preparadas por uma longa experiência e pelo conhecimento de toda a antiguidade: todavia, se estiverem privadas do medo de Deus, desviar-se-ão do caminho da salvação e arruinarão por completo as suas pátrias. É que “O Senhor dissipa os projetos das nações, mas o Seu conselho permanece eternamente”. [Sl 33. 10-11] Ora o conselho do Senhor foi sempre o de que nunca faltasse a esperança àqueles cuja única preocupação é nada fazerem que seja contrário à vontade de Deus:

7. Não sejas sábio a teus próprios olhos; teme a Deus e aparta-te do mal.

[693] Repete a mesma coisa por outras palavras, mas a repetição não é superflua, pois uma opinião tão salutar deve inculcar-se mui amiúde, para mais firmemente se gravar no espírito. Ora, porque é que diz o que diz: “Não sejas sábio a teus próprios olhos?” “Não sejas totalmente louco e ensoberbecido”. De facto, que existe de mais louco do que, em meio de tão espessas trevas da existência, alguém arrogar-se sabedoria? Que existe de mais soberbo e insolente do que sempre se apresentar inchado com a presunção de sábio? “Ai de vós, diz Isaías, os que sois sábios a vossos olhos e diante de vós mesmos prudentes!” [Is 5. 21.]

Haec igitur temeritatis exempla detestanda sunt et illud certissimum sapientiae uerissimae fundamentum constantissime retinendum, quod sequitur, nempe, “Time Deum et recede a malo”. Sapiens, qui sibi prodesse nescit, ne quidquam sapit. At, qui opinione sapientiae uanissimae insolentius efferuntur, tantum abest ut sibi prosint ut potius pestem sibi taererrimam machinentur. Contra uero, qui timent Deum et flagitiorum dedecus exsecrantur, Dei semper salutari praesidio muniuntur, ut statim sequitur:

[8.] *Sanitas quippe erit umbilico tuo et irrigatio ossium tuorum.*

Principium alenda uitae umbilico continetur. Quamdiu enim puer est utero matris inclusus, per umbilicum humorem genialem elicit, quo alitur et paullatim adolescit. Inde etiam sanguis ad ossa nutrienda et sensim roboranda permanat. Similitudine igitur inde sumpta, Salomon, illos quos quodammodo parturit, alloquitur. Quasi dicat: “Frustra in uobis informandis operam ponam nisi uobis uis insita fuerit qua in lucem edi, partu felicissimo, possitis. Si Deum uerum timueritis et eo metu a peccato uos abstineritis, poteritis robur assumere quo, sine ullo abortionis periculo, in communem piorum hominum uitam ingredi atque caelesti luce perfrui sit uobis gratia Diuina concessum.”

[9.] *Honora Dominum de tua substantia et de primitiis omnium frugum tuarum.*

Honorem Deo tribuit qui beneficia illius agnoscit. Beneficia illius agnoscit qui intelligit non hominum industriae, non uiribus et artificio, fruges et reliqua omnia quibus hominum uita sustentatur, sed magnificentiae Diuinae deberi. Frustra enim sementem faciet agricola, nisi Dominus incrementum dederit. Omnes igitur, ut animum Deo gratum testificentur, decimas omnium frugum et pecudum iubentur offerre, ut et qui sacris operantur ali et inopes opera illorum refici, et religio procurari sanctissime possit. Idcirco legem Dei de decimis et primitiis optima fide persoluendis non semel scriptam perspicimus. Continet enim insigne pietatis officium, insitae religionis argumentum, mentis gratissimae documentum, fidei sanctissimae testimonium. Est praeterea decimarum solutio uia ad rem familiarem augendam certissima, ut enim eorum, qui in Deum minime grati [694] sunt opes, illius iudicio minuuntur, ita illorum, qui grata atque memori mente Deum colunt, opes amplificantur. Vnde constat illis naturae opes augeri qui in soluendis decimis fidem rerum omnium Domino praestant quam debent. Ideo sequitur:

Por conseguinte, devem abominar-se estes exemplos de desatino e com toda a perseverança respeitar aquele certíssimo fundamento da mais verdadeira sabedoria, que vem a seguir: “teme a Deus e aparta-te do mal”. O sábio, que não sabe ser útil a si mesmo, nada sabe. Mas, os que mais insolentemente se ensoberbecem com a infundada presunção de sábios, estão tão longe de serem úteis a si mesmos que antes estão preparar para si mesmos a mais terrível ruína. Ao invés, os que temem a Deus e abominam o desdouro das infâmias, são sempre protegidos pela salutar ajuda de Deus, tal como logo a seguir se lê:

8. Isto será saúde para o teu umbigo e a regadura dos teus ossos.

No umbigo se contém o princípio que alimenta a vida, pois durante o tempo em que a criança se encontra encerrada no útero materno, obtém através do umbigo o humor fecundante, com o qual se alimenta e aos poucos cresce. Daí também mana o sangue que deve nutrir os ossos e aos poucos fortalecê-los. Por conseguinte, Salomão, depois de tomar dali a comparação, dirige-se àqueles aos quais de uma certa maneira está a dar à luz, como se dissesse: “Será de balde que me aplicarei a dar-vos forma se em vós não tiver sido enxertada a força e essência que vos permita, mediante um parto de feliz sucesso, ser dados à luz. Se temerdes o Deus verdadeiro e devido a este medo vos absterdes do pecado, podereis adquirir a robustez mediante a qual, por graça divina, vos seja concedido, sem qualquer risco de aborto, entrar na sociedade dos homens piedosos.”

9. Honra ao Senhor com a tua fazenda e dá-lhe as primícias de todos os teus frutos;

Honra a Deus quem reconhece os Seus benefícios. Reconhece os Seus benefícios quem compreende que não é à atividade dos homens, nem às suas forças e habilidade que se devem as produções da terra e tudo o mais com que se sustenta a vida humana, mas sim à generosidade de Deus. É que será em vão que o agricultor semeará se Deus não fizer a semente medrar. Por conseguinte, como prova de gratidão a Deus, a todos se ordena que ofereçam o dízimo do gado e de todas as produções da terra, para não só puder sustentar os que se consagram ao culto religioso e mitigar a sorte dos indigentes através daquelas dádivas, mas também de modo mui santo satisfazer-se à religiosidade. Por isso encontramos escrita mais de uma vez a lei de Deus relativa a pagar com o máximo escrúpulo o dízimo e as primícias. É que encerra uma extraordinária obrigação da piedade, uma prova de entranhada religiosidade, um testemunho de um espírito muitíssimo agradecido e uma garantia de uma fé santíssima. Além disso, o pagamento do dízimo é um caminho infalível para aumentar o património, porquanto, da mesma maneira que, os que não são agradecidos a Deus [694] por Seu juízo veem diminuídas as suas riquezas, assim aumentam as riquezas dos que adoram a Deus

[10.] *Et implebuntur horrea tua saturitate, et uino torcularia tua redundabunt.*

Ex hac oratione colligi poterat homines iustos et Diuinae legis obseruantes numquam ullis incommodis afficiendos, decimas enim soluunt. Non ita semper est, inquit Sapiens. Immo, cum summus ille pater maiorem operam ponat in filiis opibus Diuinis cumulandis, quam diuitiis terrestribus augendis, incidunt saepe tempora quibus necesse est eos, qui in sobole Diuina censi sunt, incommodis afflictari, uel ut, tamquam epoto pharmaco, noxios humores expellant atque sanitatem recuperent, uel ut, doloribus exerciti, acrius robur assumant ad hostes reprimendos. Ideo subiungit:

[11.] *Disciplinam Domini, fili mi, ne abiicias, nec deficias, cum ab eo corripieris.*
[12.] *Quem enim diligit Dominus, corripit; et quasi pater in filio complacet sibi.*

Cohortatur nos Salomon ad animi firmitatem et admone ne langescat fides in aerumna, ne opinemur, Deum eos, quos flagris erudit, odio prosequi: immo credamus non esse mediocre Diuini amoris indicium flagellis, cum opus est, caedi. Vt enim patres indulgentes exitio sunt liberis, seueri autem salutem filiis afferre solent, dum nullum eorum flagitium impunitum relinquunt: ita optimus ille pater filios suos indulgentia periculosa minime corrumpi sinit, sed plagas illis salutes, ut a flagitiis auocet, ualde clementer imponit.

[13.] *Beatus homo qui inuenit sapientiam, et qui affluit prudentia.*

Rursus ad laudes sapientiae reuertitur atque docet omnem uitae beatae rationem in sapientiae fructu consistere. Quod ut magis explanet, utitur comparatione rerum earum quarum desiderio mortales intabescunt.

[14.] *Melior est acquisitio eius negotiatione auri et argenti, primi et purissimi fructus eius; [15.] pretiosior est cunctis opibus: et omnia quae desiderantur, huic non ualent comparari.*

com um espírito grato e reconhecido. Daqui se conclui que são acrescentados em riquezas da natureza os homens que cumprem a sua palavra em pagarem o dízimo ao Senhor de todas as coisas. Por isso se diz a seguir:

10. e se encherão os teus celeiros de fartura e transbordarão de vinho os teus lagares.

Destas palavras poderia coligir-se que os homens justos e cumpridores da lei divina nunca deveriam ser atribulados por quaisquer contrariedades, pois pagam os dízimos. Não acontece sempre assim, diz o Sábio, e até, como aquele Pai supremo se aplica mais em cumular os filhos de riquezas divinas do que em acrescentá-los com tesouros terrenos, muitas vezes sobrevêm tempos em que é necessário atribular com contrariedades aqueles que foram arrolados na linhagem divina, ou para que, como se tivessem bebido um remédio, bolsem os humores nocivos e recuperem a saúde, ou para que, depois de atormentados pelas dores, recobrem forças mais robustas para levarem de vencida os inimigos. Por isso acrescenta:

11. Não rejeites, filho meu, a correção do Senhor, nem caias em abatimento quando por Ele és castigado, 12. porque o Senhor castiga aquele a quem ama, e acha nele a Sua complacência, como um pai em seu filho.

Salomão exorta-nos à coragem e admoesta-nos a que a fé não afroixe na tribulação e a que não pensemos que Deus sente ódio contra aqueles a quem ensina através de açoites: e até nos aconselha a que creíamos que não é pequena prova do amor de Deus ser açoitado, quando é necessário. É que, assim como os pais indulgentes causam a perdição dos filhos, ao passo que os rigorosos costumam ocasionar o bom sucesso da sua prole, da mesma maneira Aquele que é o melhor dos pais não deixa que os Seus filhos se corrompam por culpa de uma perigosa indulgência, mas com desígnio compassivo inflige-lhes salutares açoites, a fim de apartá-los das infâmias.

13. Bem-aventurado o homem que achou a sabedoria e que está rico de prudência.

De novo regressa aos louvores da sabedoria e ensina que toda a essência da vida bem-aventurada se cifra no fruto da sabedoria. Para explicar isto melhor, serve-se da comparação com aquelas coisas com cujo desejo os homens se consomem.

14. Melhor é a sua aquisição do que o tráfico da prata e os seus frutos melhores do que o ouro mais fino e mais depurado; 15. mais preciosa é do que todas as riquezas, e tudo o mais que se deseja não se pode comparar com ela.

“Beatus”, inquit, “esse uehementer expetis: beatam uitam in bonorum omnium complexione sitam esse constituis. Ideo igitur, ut bonis affluas, argentum quaeris, auri cupiditate flagras, gemmis expleri desideras. Verumtamen sine ullo fructu uitam in earum diuitiarum studio consumis, nec enim eas tibi parare facile poteris. Elabuntur enim plerumque et auaras manus effugiunt et, quamuis omnia tibi suppetant [695] quae nimis sitienter appetis, nullam tibi utilitatem afferent. Nec enim morbos expellent, neque sollicitudines euellent, neque te doloribus leuabunt, neque uitam denique tuebuntur. Sapientia uero contra, si illam fueris assecutus, omnia tibi magnificentissime conferet ad quorum cupiditatem exardescis.” Sequitur enim continuo:

[16.] *Longitudo dierum in dextera eius, et in sinistra illius diuitiae et gloria.*

Longitudo dierum est aeternitas, nullum enim uitae spatium termino aliquo definitum longum esse poterit illis qui cupiditate immortalitatis incensi rapiuntur. Immortalitas autem praeclaris studiis et actionibus comparatur, et ideo dextera sapientiae contineri dicitur. Immortalem porro uitam diuitiae sempiternae cum gloria Diuina consequuntur, quae omnia ad sinistram manum sapientiae, qua opes partae constantissime retinentur, pertinere dicuntur. Est tamen intelligendum hoc in loco, usitato more sacrarum Litterarum, inter manum dexteram et sinistram non magnum discrimen inesse, sed tantum significari nullam esse partem sapientiae opibus sempiternis affluat.

[17.] *Viae eius uix pulchrae, et omnes semitae illius pacificae.*

Non efl, inquit, Sapientia solum omnibus opibus opulenta, uerum architectrix iucunditatis atque uerissimae uoluptatis. Efficit enim ut omni dolore deposito et omnibus molestis, quae animum perturbant, expulsis, mens laetitia exsultet et iucundissima pace perfruatur.

[18.] *Lignum uitae est his qui apprehenderint eam, et qui tenuerit eam, beatus.*

Quod aliud uitae lignum possumus mente percipere quam Dei uerbum, per quod omnia facta sunt, in quo uita est, quod luce sua omnes ad se suppliciter atque fidenter adeuntes illustrat, et quod denique uoce et imperio mortuos in uitam exsuscitat? Ab hoc ligno, propter admissum dedecus atque flagitium, fuere primi parentes exclusi; ad hoc rursus, propter sceleris detestationem et acre pietatis studium, adiungimur. Vis igitur sapientiae in hoc tota consistit, ut Dei filium amplectamur et imperium illius minime recusemus; sed sapientiae Diuinae uim, artificium, bonitatem, quoad licet et fas est, mente percipiamus. Ait enim deinde uir sapientiae laude praecellens:

Diz: “Vivamente desejas ser bem-aventurado: assentas que a vida bem-aventurada se cifra na reunião de todos os bens. Por conseguinte, para possuíres bens em abundância, procuras prata, abrasas-te no desejo de ouro, anelas locupletar-te com pedras preciosas. Todavia, é sem qualquer fruto que consumes a vida na busca destas riquezas, pois tão-pouco poderás facilmente consegui-las para ti. É que, as mais das vezes, escapam-se e fogem das mãos avaras e, ainda que tenhas de sobejo tudo [695] o que com ávido desejo apetece, não te será de nenhuma utilidade, pois não rechaçará as doenças, nem arrancará as preocupações, nem te aliviará as dores, nem, por derradeiro, te defenderá a vida. Ao passo que, pelo contrário, a sabedoria, se seguires os seus passos, com a máxima generosidade há de oferecer-te tudo aquilo em cujo desejo te abrasas”. Com efeito, escreve logo a seguir:

16. *Vida longa de dias está na sua mão direita e as riquezas e a glória na sua esquerda.*

“Vida longa de dias” é a eternidade, pois nenhum prazo de vida delimitado por algum termo poderá ser longo para aqueles que são arrebatados pelo desejo da imortalidade. Por outro lado, a imortalidade alcança-se como consequência de atividades e dedicações muito nobres, e por isso se diz que se encontra na mão direita da sabedoria. Ora, as riquezas eternas juntamente com a glória de Deus acompanham a vida imortal, coisas estas que se diz que totalmente pertencem à mão esquerda da sabedoria, com a qual se seguram as riquezas obtidas com a máxima perseverança. Todavia, deve entender-se que nesta passagem, de acordo com o que é costume nas Sagradas Escrituras, não existe grande diferença entre mão direita e esquerda, mas só se pretende significar que não existe parte alguma da sabedoria que não abunde em riquezas eternas.

17. *Os seus caminhos são caminhos formosos e há paz em todas as suas veredas.*

Diz que a sabedoria é não só opulenta de todas as riquezas, mas autora da alegria e do mais verdadeiro prazer. É que faz que, depois de afastar toda a espécie de dor e expulsar todas as moléstias que perturbam o espírito, o espírito exulte de contentamento e goze de uma paz muitíssimo agradável.

18. *É árvore da vida para aqueles que lançarem mão dela, e bem-aventurado o que a não largar.*

Que outra árvore da vida podemos imaginar que não seja a palavra de Deus, mediante a qual tudo foi feito, na qual se encontra a vida, que com a sua luz ilumina todos os que, em atitude súplice e confiantes, dela se aproximam, e que, finalmente, com a sua voz e intimação, faz os mortos ressuscitarem para a vida.

[19.] *Dominus sapienti fundauit terram, stabiliuit caelos prudentia.*

Non temeritas, inquit, non naturae minime intelligentis uiolentia, non casus atque fortunae [696] motus in inanitate interminata concitati, tam admirabilis fabricae magnitudinem, tanti decoris et pulchritudinis ornamentum, tam excellentem in omni genere utilitatis amplitudinem, efficere potuere. Obmutescat impietas, comprimatur audacia, furor et insania perditorum hominum, qui sibi sapientiam falso uindicant, Dei iudicium pertimescat. An poterit aliquid esse ad speciem uenustum ad stabilitatem firmum, ad salutem aptum, quod non sit numero, lege, ordine, ratione, definitum? Aut fieri potest ut aliquid modo et ratione dimensum sit, nisi fuerit summa ratione et ordine stabilitum? Quae tanta igitur temeritas fuit eorum, qui uindicabant iugenum et sapientiae laudem aucupari nitebantur, ut opera sapientiae clarissima ad temeritatem reuocarent? Viderantne umquam oculis suis aliquid pulchrius astris? caelestium orbium conuersione constantius? aeris et aetheris moderatione salutaris? terrae atque maris immensitate fecundius? Et tamen ausi sunt id, quod cernere poterant magnitudine amplissimum, splendore clarissimum, elegantia et concinnitate pulcherrimum, fructu maxime salutare, ad uim naturae, mentis et rationis expertem, reuocare? In quo quidem satis ostendebant se non solum fide et religione, sed etiam intelligentia et ratione, atque adeo sensibus, orbatos exstitisse. “Euanuerunt enim in cogitationibus suis; et obscuratum est insipiens cor eorum. Dicentes enim se esse sapientes, stulti facti sunt”¹³. Haec est autem summa dementia, ad cuius magnitudinem nihil possit accedere. Sed nos perditorum hominum detestabilem furorem et amentiam omittamus, ut sapientiae opera, mente et cogitatione, aliqua ex parte, comprehendere possimus. Sequitur deinde:

[20.] *Sapientia illius eruperunt abyssi, et nubes rore concresecunt, (siue potius, distillarunt).*

¹³ Vd. Vulgata, *Rom.* 1, 21-22.

Desta árvore foram excluídos os primeiros pais, devido à infâmia e desdouro em que incorreram; a ela de novo nos ligamos, devido ao ódio ao crime e ao entranhado zelo da piedade. Por conseguinte, a essência da sabedoria consiste totalmente em abraçarmos o Filho de Deus e não recusarmos o seu senhorio; mas, dentro do possível e do que nos é permitido, figuremo-nos a essência, modo de operar e bondade da sabedoria divina. De facto, diz em seguida o varão eminente pelos seus méritos de sábio:

19. *O Senhor fundou a terra pela sabedoria, estabeleceu os céus pela prudência.*

Diz que não foi o desatino, não foi a força desatada de uma natureza sem inteligência, não foi o acaso nem o destino, [696] nem os movimentos surgidos num vazio infinito, o que pôde fazer a grandiosidade de uma tão admirável criação, uma ornamentação de tamanha formosura e beleza, uma tão excelente abundância de toda a sorte de coisas úteis. Emudeça a impiedade, contenha-se com decisão a loucura e arreceie-se do juízo de Deus o desatino dos homens perversos que falsamente se atribuem a sabedoria. Poderá porventura existir algo, que seja belo quanto à aparência, firme quanto à solidez, adequado quanto à saúde, e que não se encontre sujeito a número, lei, ordem e regra? Ou pode suceder que alguma coisa esteja regulada com ordem e medida se não assentar na mais completa ordem e regra? Por conseguinte, que desatino tão grande foi o daqueles homens, que se arrogavam inteligência e se empenhavam em obter o louvor de sábios, capaz de os levar a atribuírem ao acaso as nobilíssimas obras da sabedoria? Acaso viram jamais com os seus olhos algo mais formoso do que os astros? Mais constante do que a revolução das esferas celestiais? Mais salutar do que o equilíbrio do ar e do éter? Mais fecundo do que a imensidão da terra e do mar? E mesmo assim atreveram-se a atribuir a uma força, privada de natureza, entendimento e razão, aquilo que podiam enxergar que em grandeza era o maior, o mais brilhante em resplendor, o mais formoso em elegância e harmonia e insuperavelmente salutar em benefícios? Ao procederem assim davam mostras sobejas de que estavam privados, não apenas de fé e religião, mas também de inteligência e razão, e até de sentidos. “Porquanto, desvaneceram-se nos seus pensamentos e se obscureceu o seu coração insensato, porque, atribuindo-se o nome de sábios, se tornaram estultos.” [Rm 1. 21-22] Ora esta é a demência suprema, a cuja grandeza nada pode acrescentar-se. Mas nós esqueçamos a detestável vesânia e loucura dos homens perversos, a fim de podermos, em alguma medida, compreendermos e imaginarmos as obras da sabedoria. Seguem-se depois estas palavras:

20. *Pela sua sabedoria é que os abismos se romperam e as nuvens se condensam [ou destilaram] em orvalho.*

Scientia Diuina, quae numquam est a benignitate disiuncta, ut animantium sitim exstingeret et fecunditatem terris induceret, instituit ut fontes perennibus aquis redundarent et flumina perpetuo laberentur et nubes rorem et pluuiam tempore opportuno superne demitterent, ne terrae ardoribus exustae fruges et pabula denegarent. Ex his operibus omnipotens Dei sapientia, quae tam admirabile opus exstruxit, clare cernitur, et insignis bonitas, qua cunctis animantibus prospicit, ualde perspicitur. Vnde colligitur numquam ope salurari destitutum fore qui se totum sapientiae crediderit, cum nec illius potestas possit uiribus ullis impediri nec illius benignitas ullis hostium fraudibus intercludi. Subiungit deinde:

[21.] *Fili mi, ne effluent haec ab oculis tuis. Custodi legem atque consilium:*
[22.] *et erit uita animae tuae, et gratia faucibus tuis.*

Is demum uiuit qui Diuinis sensibus incitaturus eloquentiae opibus et ornamentis instruitur [697] (erit inquit gratia faucibus tuis) e cuius pectore disciplina legis emanat. Vnde sequitur nemini concessum esse uita frui aut eloquentiae laudibus ornari, nisi illi qui de sapientia Diuina, qua omnia cohaerent et permanent, noctes et dies cogitauerit. Nec hoc solum praestabit sapientia ut uitam retinere et orationis copia et ubertate ad salutem circumfluere possimus, uerum etiam ut, in omni periculo, caelesti praesidio muniamur. Inquit igitur:

[23.] *Tunc ambulabis fiducialiter in uia tua, et pes tuus non impinget.* [24.] *Si dormieris, non timebis: quiesces, et suauis erit somnus tuus.* [25.] *Ne pau eas repentino terrore et irruentes tibi potentias impiorum.* [26.] *Dominus enim erit in latere tuo et custodiet pedem tuum ne capiaris.*

O securitatem mirificam, omnibus notis expetendam! Quid enim est in uniuersa natura homine fragilius? Quid magis caducum et imbecillum aut pluribus malis obiectum? Domi plerumque fides claudicat; foris insidiae comparantur; curae mentem dilacerant; uiae latrocinii infestae sunt; in patria odium et inuidia in exitium saepe conspirant; in exsilio nullum datur angoris alleuamentum; non somnus sollicitudine uacuuus est; uigiliae sunt sexcentis molestiis et anxietatibus affines; die atque nocte pericula improuisis casibus intenduntur. In tanta igitur uitae communis acerbitate, quid iucundius cogitari potest ea tranquillitate qua uerissimae sapientiae studiosi perfruuntur? In uia enim Angelorum comitatu atque praesidio saepiuntur; domi uitam periculo et sollicitudine uacuum degunt; neque uigilantes, neque dormientes, hostiles impetus extimescunt, cum ipsius domini praesentis ope et auxilio defensi sint. Ita, neque uiribus ullis expugnari neque dolis circumueniri ullo modo poterunt qui sese, ad sapientiae ductum et imperium, totis animi uiribus applicauerint.

A ciência divina, que nunca se encontra separada da bondade, a fim de matar a sede dos seres vivos e causar a fertilidade da terra, estabeleceu que as fontes jorrassem incessante e abundantemente águas e que os rios corressem sem parar e que, na sazão apropriada, as nuvens deixassem cair do céu chuva e orvalho, para que a terra, queimada pela estiagem, não negasse as suas produções e alimentos. Por estas obras claramente se vê a onipotente sabedoria de Deus, que edificou uma obra tão admirável, e assaz se dá a conhecer a extraordinária bondade com que olhou por todos os seres vivos. Daqui se colige que nunca há de ficar privado da ajuda divina o homem que se entregar inteiramente à sabedoria, uma vez que nem o seu poder pode ser impedido por quaisquer forças nem a sua bondade embargada por quaisquer enganos dos inimigos. Acrescenta em seguida:

21. Filho meu, não te escapem estas coisas de diante dos teus olhos; guarda a lei e o conselho, 22. e terá vida a tua alma e engraçado adorno a tua garganta.

Vive deveras quem é animado pelos sentidos divinos; está aparelhado com as riquezas e atavios da eloquência [697] (segundo ele diz: “terá engraçado adorno a tua palavra”) aquele de cujo peito emana o ensinamento da lei divina. Daqui se segue que só foi concedido gozar da vida ou ornar-se com os louvores de eloquente aquele que noite e dia ocupar o seu pensamento com a sabedoria divina, mediante a qual tudo se harmoniza e permanece. A sabedoria não servirá apenas para podermos conservar a vida e transbordar de facúndia e eloquência a bem da nossa salvação, mas igualmente para em todas as situações de perigo estarmos defendidos com a ajuda celestial. Por conseguinte, diz:

23. Então andarás tu com confiança pelo teu caminho e o teu pé não tropeçará. 24. Se dormires, não temerás: descansarás, e o teu sono será tranquilo. 25. Não te assustes do repentino pavor nem das poderosas arremetidas com que os ímpios te acometam. 26. Porque o Senhor estará ao teu lado, e Ele guarda o teu pé para não seres apanhado no laço.

Ó segurança maravilhosa, que deve ser desejada com toda a alma! De facto, em toda a natureza que existe de mais frágil do que o homem? Que é mais perecível e débil ou sujeito a maior número de males? Em casa, ordinariamente a fé vacila; fora, armam-lhe ciladas; as preocupações dilaceram-lhe o espírito; os caminhos estão infestados de salteadores; na pátria, o ódio e a inveja amiúde conspiram para perdê-lo; no desterro, a sua angústia não recebe qualquer consolação; não tem um sono isento de inquietações; a vigília traz consigo infinitas moléstias e ansiedades; durante o dia e a noite ronda-o o perigo de inesperados acidentes. Por conseguinte, no meio de tantas calamidades da vida corrente, que pode imaginar-se de mais agradável do que aquela tranquilidade de que gozam

[27.] *Noli prohibere benefacere eum qui potest; si uales, et ipse benefac.* (Hebraice: *Noli prohibere bonum a Domino suo, si potes*).

Hoc praeceptum ad iustitiam pertinet. Praecipit enim ut debita quibus adstricti sumus disoluamus cum primum poterimus, quemadmodum Paulus inquit: “Reddite ergo omnibus debita: cui tributum, tributum; cui uectigal, uectigal; cui timorem, timorem; cui honorem, honorem. Nemini quidquam habeatis¹⁴, nisi ut inuicem diligatis”¹⁵. Nam “Benefacere” pro eo usurpatur quod Latine dicimus debitum officium persolvere. Est tamen animaduertendum multos esse dominos qui non sunt iure suo fraudandi. Nam, qui mihi mutuo pecuniam dedit, Dominus potest appellari eiusdem summae quam credidit. Itaque, cum pecuniam die praestituta postulauerit, ius suum rectissime postulabit. Qui mihi similiter beneficium [698] contulit quodammodo dominus est etiam similis beneficii, ita ut iure possit, cum illi fuerit opus, eandem operam a me repetere. Ad hunc modum, studium, gratia, diligentia, in aliquem benigne collata et reliqua eiusmodi munera amice tributa debitorem reddunt eum in quem conferuntur, et possunt qui ea praestiterunt eadem uicissim, cum casus ita tulerit, ab amicis exigere. Aliter enim, qui parem uoluntatem amicis minime reddunt et sunt in referenda gratia negligentes, in ingrati animi crimen incurrunt, odio sempiterno dignissimum.

Sed, ut longius progrediamur, egentes et inopes, quibus opem afferre in aerumnis possumus, Domini possunt appellari, si fuerimus tantis opibus affluentes, quantis sat sit ad eorum inopiam facile subleuandam. Ea enim beneficia quae a Deo accepimus, non solum nobis accepimus, sed illis etiam qui nostra benignitate recreari refici in calamitate possunt. Vt enim Paulus se debitorem omnium esse profitetur cum quibus opes Diuinae communicare poterat,¹⁶ sic, non adsimili ratione, diuites et opulenti debitores egentium sunt existimandi. Cum igitur hominibus in commodo oppressis subueniunt, non liberalitatis tantum officium, uerum etiam iustitiae munus exsequuntur. Iccirco scriptum est “Beatus qui intelligit super egenum et pauperem, in die mala liberabit eum Dominus.”¹⁷ Nec folum docet nos Sapiens ut nostram fidem huius debiti solutione liberemus, uerum ut in eo munere perfungendo diligentiam suscipiamus. Sequitur enim:

¹⁴ habeatis] debeatis *Vulgata, Rom.13, 8.*

¹⁵ Vd. *Vulgata, Rom. 13, 7-8.*

¹⁶ Vd. *Vulgata, Rom. 1, 13-15.*

¹⁷ Vd. *Vulgata, Ps. 40, 2.*

os que se entregam à mais verdadeira sabedoria? Porquanto, no caminho estão protegidos pela escolta e guarda dos anjos; em casa, passam uma vida isenta de perigo e cuidados; quer estejam acordados, quer a dormir, não sentem receio dos ataques dos inimigos, uma vez que se encontram defendidos pela ajuda e auxílio presenciais do próprio Senhor. Deste modo, de forma alguma poderão ser vencidos por nenhuns ataques violentos nem enganados por nenhuns embustes aqueles que, com toda a energia da alma, se entregarem à direção e mando da sabedoria.

27. Não impeças que faça bem aquele que pode; se podes, faze-o tu mesmo também. [No hebraico. “não desvies o bem do seu senhor, se podes”]

Este preceito tem a ver com a justiça. De facto, preceitua que saldemos as dívidas que nos oneram logo que pudermos, tal como S. Paulo diz: “Pagai pois a todos o que lhes é devido: a quem tributo, tributo; a quem imposto, imposto; a quem temor, temor; a quem honra, honra. A ninguém devais coisa alguma, se não é o amor com que vos ameis uns aos outros”. [Rm 13. 7-8] Com efeito, a expressão “fazer bem” está utilizada em vez da locução que em latim significa “cumprir a devida obrigação”. Todavia deve ter-se presente que são muitos os senhores que com toda a justiça não devem ser enganados. Com efeito, quem me emprestou dinheiro pode ser chamado senhor daquela soma que me emprestou. E assim quando, no dia aprazado, me pedir o dinheiro, pedirá corretamente o que de justiça lhe é devido. Do mesmo modo, quem me fez um favor, [698] em certa medida também é senhor do mesmo favor, de tal maneira que com justiça pode, quando precisar, pedir-me o mesmo serviço ou favor. De forma semelhante, o desvelo, o obséquio, a diligência empregues de boa vontade em relação a alguém, e as restantes mercês deste género oferecidas amigavelmente, tornam devedora aquela pessoa que as recebe, e aqueles que as fizeram podem, quando se der o caso, exigir por sua vez o mesmo da parte dos amigos. É que, caso contrário, os que não correspondem com igual boa vontade aos seus amigos e se mostram negligentes no agradecimento, incorrerão no crime de ingratidão, muitíssimo merecedor de eterno ódio.

Mas, para irmos mais avante, podem chamar-se senhores os pobres e necessitados, aos quais podemos prestar auxílio nas tribulações, se possuímos riquezas em tão grande abundância que baste para facilmente lhes aliviar a pobreza. É que estes benefícios, que recebemos de Deus, não os recebemos só para nós, mas também para aqueles que na desgraça podem recuperar e refazer-se graças à nossa generosidade. De facto, da mesma maneira que S. Paulo confessa que é devedor a todos com quem podia partilhar as riquezas divinas, [Rm 1. 14.] assim, por motivo não dessemelhante, os ricos e opulentos devem ser considerados devedores dos pobres. Por conseguinte, quando ajudam os homens atribulados pelas incomodidades, estão a cumprir não só a obrigação da generosidade, mas também a função da justiça. Por isso se escreveu: “Bem-aventurado o que cuida

[28.] *Nec dicas amico tuo “Vade, et reuertere, et cras dabo tibi”, cum statim possis dare.*

Corrumpit uirtutis officium negligentia. Signum est enim non debito studio fieri id quod negligenter fit. Praeterea, dilatio atque procrastinatio animos eorum afflicta qui rerum inopia uexantur aut calamitatibus opprimuntur.

[29.] *Ne moliaris amico tuo malum, cum ille in te habeat fiduciam.*

Semper quidem malorum machinatio detestabilis est, sed, cum pestis et exitium ab illo comparatur in cuius fide et patrimonio latitabat is, cui periculum intenditur, tantum scelus nulla grauitate orationis explicari potest. Fides enim de medio tollitur; uitae praesidium disturbatur; societas humana dirimitur; miseriae perfrugium omnino conuellitur; nec quidquam in uita relinquitur quod possit miseris consolari. Si enim is quem patronum adoptaueras et in cuius fide omnem spem salutis constitutam habueras te improviso fraudulenter oppresserit, quo tandem confugies?

[30.] *Ne contendas aduersus hominem frustra (id est sine causa), cum ipse tibi nihil mali fecerit.*

Cum ad mutuam beneuolentiam et uitae communionem [699] nati simus, satis se indicat legem naturae perfringere qui ita est ad rixam concitus ut minime lacessitus irascatur et litem temere suscipiat.

[31.] *Ne aemuleris hominem iniustum, nec imiteris uias eius: [32.] quia abominatio Domini est omnis illusor, et cum simplicibus sermocinatio eius; (hoc est, et cum iustis consilium eius.)*

sobre o necessitado e o pobre; o Senhor o livrará no dia mau”. [Sl 41. 1.] E o Sábio ensina não só que cumpramos a nossa palavra com o pagamento desta dívida, mas também que mostremos diligência em cumprir esta obrigação. Com efeito, diz-se a seguir:

28. *Não digas ao teu amigo: ‘Vai e torna; amanhã te darei’, quando tu lhe podes dar logo.*

A negligência corrompe o dever da virtude. De facto, é indício⁷ não fazer-se com o devido desvelo o que se faz de modo negligente. Além disso, a dilação e o protelamento aflige o espírito das pessoas atormentadas pela escassez de bens ou esmagadas pelas desgraças.

29. *Não traces fazer mal ao teu amigo, tendo ele confiança em ti.*

Decerto que são sempre abomináveis as maquinações dos ruins, mas, quando a ruína e destruição é causada por aquele em cuja lealdade e património confiava⁸ a pessoa contra quem se dirige o perigo, trata-se de um crime de gravidade impossível de se expor por palavras. É que acaba-se com a confiança, perturba-se a defesa da vida, quebra-se a solidariedade humana, aniquila-se por completo o refúgio para a desventura, e nada resta na vida que possa consolar os atribulados. É que, se o homem a quem tomaras como protetor e em cuja lealdade depositaras toda a esperança de salvação, de modo imprevisto te oprimir, para onde hás de finalmente fugir?

30. *Não faças processo contra qualquer homem sem motivo, quando ele te não fez mal nenhum.*

Porquanto nascemos para fazermos bem uns aos outros e vivermos em comum, [699] mostra de sobejo que quebranta a lei da natureza quem de tal modo é propenso à briga que, sem provocação, entra em ira e de modo irrefletido entra em litígio.

31. *Não invejes o homem injusto nem imites os seus caminhos, 32. porque abominação do Senhor é todo o enganador, e a Sua conversação é com os sinceros.* [isto é, o Seu conselho é com os justos]

⁷ Parece faltar alguma palavra no original.

⁸ No original *latitabat* ‘se ocultava’.

Cum homo maleficus iniuriis atque tyrannica uiolentia opes amplificat et industriae laudem uirique fortis nomen apud imperitos aucupatur, periculum est ne multi fortunis eius inuideant et illius exemplum sequi meditentur. Hos omnes Salomon minis grauissimis absterret, dum ait fore tandem ut omnes iniusti, cum Deum uehementer iratum habeant, funditus euertantur, quia “abominatio”, inquit, “est Domino omnis illusor”, contra uero iusti firmo et inuicto praesidio cincti sint. Ita namque Domino cari sint ut cum illis consilia sua communicet. Quemadmodum Dauid ait sibi fuisse arcana sapientiae Diuinae ab ipso Deo ualde amanter enuntiata.¹⁸

[33.] *Egestas a Domino in domo impii habitacula autem iustorum benedicentur.*

Pro maledictione interpres posuit “Egestatem”, non male, maledicere enim Deus in sanctis litteris dicitur cum quem bonis euertit, similiter benedicere illum quem opibus auget.

[34.] *Ipsa deludet illusores et mansuetis dabit gratiam.*

O proiectam audaciam et impudentiam eorum qui non solum religionem contemnunt, Diuina iura omni studio conuellunt sempiternisque suppliciis sese furenter obiiciunt, uerum etiam pro delectamento habent omnes sanctitates irridere! At Dominus eos illudet cum eorum furorem et amentiam in oculis omnium proponet et risum petulantem doloribus sempiternis uindicabit. Praeterea, dicitur Deus impios eludere cum, eadem ipsa opera qua sibi dignitatem parare nituntur, se ipsos in summum dedecus furenter iniiciunt. Nec enim uerum decus acuminis inani fiducia et insolentia, sed uerissimae sapientiae studio, comparatur. Vt continuo Sapiens subiungit. Inquit enim.

[35.] *Gloriam sapientes possidebunt, stultorum uero exaltatio, ignominia.*

Aliud rursus exordium capit Salomon ut uehementius in animis eorum, quos ad salutem et dignitatem instruit, monita defigat. Ait igitur:

CAP. IV

[1.] *Audite filii disciplinam patris, et attendite, ut sciatis prudentiam.* [2.] *Donum [700] bonum tribuam uobis; legem meam ne derelinquatis.*

¹⁸ Vd. Vulgata, Ps. 50, 8.

Uma vez que o homem perverso aumenta as suas riquezas mediante as injustiças e a violência tirânica e ganha entre os ignorantes fama de ativo e reputação de varão forte, existe o risco de que muitos invejem os seus êxitos e pensem em seguir-lhes o exemplo. A todos Salomão põe de sobreaviso com ameaças terríveis, ao dizer que ao cabo há de acontecer que todos os injustos, como suscitaram a violenta cólera de Deus, virão a ser completamente destruídos, *porque*, consoante escreve, *abominação do Senhor é todo o enganador*, ao passo que, pelo contrário, os justos estão protegidos por uma defesa firme e invencível. É que de tal maneira são queridos a Deus que Ele partilha com eles as Suas decisões. Tal como diz Davi, ao afirmar que o próprio Deus lhe revelou com muito amor os segredos da sabedoria divina. [Sl 51. 8.]

33. Haverá indignação na casa do ímpio, enviada pelo Senhor, porém as habitações dos justos serão abençoadas.

Em vez de “maldição” o tradutor verteu por “indignação”, e corretamente, porquanto nas Sagradas Escrituras diz-se que diz amaldiçoa aquele a quem destrói os bens, e semelhantemente que abençoa aquele a quem acrescenta as riquezas.

34. Ele escarnecerá dos escarnecedores e dará graça aos mansos.

Ó impudente audácia e atrevimento daqueles que não só desprezam a religião, com todo o empenho acalcanham as leis divinas e desatinadamente se arrojam nos suplícios eternos, mas que também se comprazem em zombar de tudo que é sagrado! Deus porém deles escarnecerá quando mostrar à vista de todos o seu desatino e demência e castigar com tormentos sempiternos o seu riso petulante. Além disso, diz-se que Deus escarnece os ímpios quando, através das mesmas ações com que se esforçam por obter a dignidade, desvairadamente se lançam a si mesmos no mais completo desdouro. É que, o verdadeiro luzimento da penetração intelectual adquire-se, não através da vã confiança ou da soberba, mas graças ao zelo da mais verdadeira sabedoria. Tal como logo a seguir Salomão acrescenta, pois escreve:

35. Os sábios possuirão a glória; a exaltação dos insensatos será a sua ignomínia.

Salomão torna a fazer novo exórdio, com o intento de mais profundamente gravar os seus conselhos nos espíritos daqueles aos quais instrui na dignidade e na salvação. Por isso, diz:

CAPÍTULO IV

1. Ouvi, filhos, as instruções de um pai e estai atentos para conhecerdes a prudência. 2. Contribuir-vos-ei com um belo dom,[700] não deixeis a minha lei.

Dulcissimo filiorum nomine eos ad se rursus allicit atque plane docet se animo uere patrio ad illos instituendos et erudiendos accedere. Praeterea, ipsius disciplinae iucunditate eos incitat ad salutis studium. “Non”, inquit, “disciplinam truce[m] et immitem et odiosam uobis propono, sed ualde clementem atque benignam. Non enim uos minacibus uerbis exterreo, sed orationis lenitate ad summas opes perfruendas inuito. Non legis asperae truculentiam, sed caelestis gratiae beneficentiam uobis offero. Non igitur repudietis patris amantissimi beneficium. Si enim amor ualet ad persuadendum, uos patrio animo complector. Si rerum gerendarum cognitio, a primis incunabulis fui ad omne genus officiorum admodum diligenter eruditus. Si praemium constitutum, nullum amplius esse potest eo quod uobis ostendo. Si exemplum uim magnam possidet ad animos excitandos, uobis etiam meae pueritiae exempla proponam.”

[3.] *Nam et ego filius fui patris mei, tenellus et unigenitus coram matre mea.*

“Patrem”, inquit, “habui minime in educatione mea negligentem, et matrem similiter, quae me, ut unicum filium sibi que carissimum, in oculis femper habebat. Sic igitur eram institutus a patre ut mater, quod erat mihi a patre meo traditum, indulgentia muliebri minime deprauaret. Nostis uero quantum pater meus sapientiae gloria inter homines sapientes memoriae illius excelleret, et mater mea quantis uirtutibus ornata fuerit, quae me unice amabat, et, quasi non alium filium haberet, ita me in animo semper habebat. Audite igitur non tam meam, quam patris mei, hominis diuini, sententiam.”

[4.] *Docebat atque dicebat: Suscipiat uerba mea cor tuum; custodi praecepta mea, et uiues.*

Non satis est auribus tantum accipere quae dicuntur, nisi fuerint animo firmissime retenta et memoria diligentissime conseruata ad uitae custodiam. Non enim legis audirores, sed officiorum actores, a Deo uitam consequuntur.

[5.] *Posside sapientiam, posside prudentiam. Ne obliuiscaris, neque declines a uerbis oris mei.*

Verbum Hebraeum קנה, pro quo interpres uertit ‘posside’, significat rei comparandae et augendae studium atque sollicitudinem. Quasi dicat: “statue, fili mi, omnes facultates et possessiones esse in sapientiae studio constitutas. Quantum igitur reliqui mortales in comparando auro et argento et eiusmodi opibus elaborant, tantum tu in quaerendis et amplificandis sapientiae diuitiis euigila, et eo ardentius ad eas parandas atque fruendas enitere, quo hae [701] pretio et magnitudine et iucunditatis stabilitate omnibus diuitiis antecellunt.”

Atrai-os de novo para si com o mui doce nome de filhos e claramente mostra que, para instruí-los e ensiná-los, deles se aproxima com um sentimento deveras paternal. Além disso, incita-os ao zelo da salvação com o agradável das próprias instruções. Diz: “Não vos proponho uma matéria de estudo cruel, terrível e odiosa, mas antes sobremaneira agradável e benfazeja. De facto, não vos assusto com palavras ameaçadoras, mas convido-vos para as mais elevadas riquezas com uma linguagem amena. Não vos apresento a violência de uma lei desabrida, mas o benefício da graça celestial. Por conseguinte, não repudieis a dádiva do amantíssimo Pai. De facto, se o amor tem poder para persuadir, eu abraço-vos com sentimento paternal; se o tem o conhecimento do que deve fazer-se, eu fui desde o berço com o máximo cuidado instruído em toda a espécie de deveres; se o tem o oferecimento de uma recompensa, não pode existir nenhuma maior do que esta que vos mostro; se o exemplo tem grande eficácia para incitar o ânimo, oferecer-vos-ei também os exemplos da minha meninice.”

3. Porque eu fui também filho de meu pai, tenrinho e unigénito diante de minha mãe.

Diz: “Tive pai, que em nada negligenciou a minha criação, e também mãe, que sempre me tinha na menina dos olhos, como filho único a quem muito amava. Por conseguinte, era instruído pelo meu pai de tal maneira que a minha mãe não prejudicava com a indulgência feminina os ensinamentos que meu pai me transmitia. E sabeis quanto o meu pai se avantajava pela fama de sábio entre os homens sábios daquela época, e com quão grandes virtudes foi ornamentada a minha mãe, que me amava de modo singular e sempre me tinha no seu coração, como se não tivesse outro filho. Ouvi, portanto, não tanto a minha opinião, quanto a do meu pai, homem de Deus.”

4. E ele me ensinava e dizia: O teu coração receba as minhas palavras; guarda os meus preceitos, e viverás.

Não basta escutar apenas com os ouvidos as coisas que se dizem, se o espírito não as retém com firmeza nem a memória diligentemente as conserva, para guarda da vida. É que Deus não concede a vida aos que escutam a lei, mas aos que cumprem as obrigações.

5. Possui a sabedoria, possui a prudência; não te esqueças nem te desvies das palavras da minha boca.

O verbo hebraico נָחַם, que o tradutor verteu como “possui” significa o cuidado e desvelo para adquirir e aumentar património. Como se dissesse: “Tem para ti, filho meu, que todos os recursos e bens se fundam no zelo pela sabedoria. Por conse-

[6.] *Ne dimittas eam, et custodiet te; dilige eam, et conseruabit te.*

Non fatis est semel sapientiae instituta percipere, nisi constantia summa fuerint in mente recondita. Opes enim negligenter asseruatae facillime dilabuntur. Et reliquae diuitiae inuidiam conflant, cupiditatem irritant multosque ad comparandas insidias illi qui eas possidet saepe sollicitant. Tantum abest igitur ut eorum salutem tueantur, qui ditissimi sunt, ut potius minime sinant eos uitam sine assiduo metu et angore traducere. In sola igitur sapientia est firma uitae custodia, non est igitur illius studium ullo tempore remittendum. “Ne dimittas eam”, si uitam caram habes. Studium uero tuum minime remittes, si illam dilexeris, non enim patietur amor te a complexu illius aliqua ratione diuelli.

[7.] *Principium sapientiae, posside sapientiam; et in omni possessione tua acquire prudentiam.*

Sensus huius loci subobscurus esse uidetur, sed si quae ante scripta sunt et quae sequuntur cogitatione complexi fuerimus, ualde facilis apparebit. Admonerat ne intermitteretur studium sapientiae; ne autem intermittere facile posset, dixit eam esse maximo opere diligendam. Dilectio uero cuiuslibet rei, illius aestimatione continetur. Quanti enim rem quamcumque facis, tantum amoris in illam conferes. Iubet igitur ut plurimi sapientiam aestimemus, si ad illam peruenire cupimus. In hac porro aestimatione statuit esse positum sapientiae fundamentum. Nam rei alicuius aestimationem consequitur appetitio. Appetitio uero studium concitat. Studium porro, in rebus praeclaris consumptum, eximium fructum consequitur. Restat igitur ut, qui plurimi sapientiam facit, ea tandem felicissime potiatur. Annotandum tamen est hoc etiam in loco esse idem uerbum apud Hebraeos, quod ante diximus, nempe קָנָה, quod ‘emere’, ‘parare’, et ‘possidere’, cum non uulgari ipsius rei partae aestimatione, significat.

Hoc igitur, ut in summam conferam, est quod Sapiens dicit: principium sapientiae est plurimi facere sapientiam et omnibus possessionibus anteferre prudentiam. Hanc autem sanctitatem confirmat id quod sequitur:

[8.] *Arripe illam, et exaltabit te; glorificaberis ab ea cum eam fueris amplexatus.*
 [9.] *Dabit capiti tuo augmenta gratiarum, et corona inclita proteget te.*

guinte, quanto os restantes mortais se empenham em obter oiro, prata e riquezas deste género, tanto te desvela tu por procurar e acrescentar os tesoiros da sabedoria, e tanto mais ardentemente te aplica em alcançá-las e gozá-las, quanto elas [701] mais se avantajam a todas as riquezas em preço, grandeza e em estável deleitação.”

6. *Não a abandones, e ela te guardará; ama-a, e ela te conservará.*

Não basta escutar uma vez os ensinamentos da sabedoria se não se guardarem no espírito com a máxima perseverança. É que mui facilmente desaparecem as riquezas mal vigiadas. E os restantes bens acirram a inveja, excitam a cobiça e amiúde impelem muitos a tramarem ciladas contra quem os possui. Por conseguinte, tanto estão longe de velarem pela segurança dos que são mais ricos que até nem lhes permitem levar uma existência isenta de medo e ansiedade incessantes. Portanto, só na sabedoria se encontra uma firme guardiã da vida, pelo que em momento algum se deve afrouxar no seu zelo. *Não a abandones*, se prezas a vida. E não afrouxarás no seu zelo, se a amares, pois o amor não consentirá que de maneira alguma te separe do seu abraço.

7. *Possui tu a sabedoria, que este é o princípio da mesma sabedoria, e adquire a prudência com todas as tuas posses.*

O sentido desta passagem parece ser um pouco obscuro, mas tornar-se-á muito claro se refletirmos nas palavras que antecedem e nas que se seguem. Aconselhara a que não se afroixasse no zelo da sabedoria; por outro lado, disse que, para que facilmente se pudesse não afroixar, era mister amá-la com todo o empenho. Ora, o amor de qualquer coisa cifra-se na estima por essa coisa. É que, conforme o preço que atribuis a alguma coisa, tão grande será o amor que lhe dedicarás. Por conseguinte, ordena que tenhamos a sabedoria em grande apreço, se desejamos chegar até ela. Ora, estabeleceu que o fundamento da sabedoria se encontra nesta estima. É que à estima de alguma coisa segue-se o apetite da mesma, e o apetite incita ao zelo. Ora, o zelo aplicado a coisas muito elevadas traz como consequência um fruto extraordinário. Conclui-se, por conseguinte, que, quem tem em muito apreço a sabedoria, acaba por possuí-la com grande sucesso. Todavia deve observar-se que também nesta passagem encontra-se no texto hebraico o mesmo verbo קנה, que atrás referimos, que significa “comprar”, “obter” e “possuir”, com uma estima não corrente da coisa obtida.

Por conseguinte, para resumir, o que o Sábio diz é o seguinte: o princípio da sabedoria é tê-la em muito apreço e antepor a prudência a todas as posses. Por outro lado, corroboram esta interpretação as palavras que se seguem:

8. *Arrebata-a, e ela te exaltará; glorificado serás por ela, quando a tiveres abraçado.* 9. *Ela dará à tua cabeça aumentos de graças e te cobrirá com uma ínclita coroa.*

“Si eam”, inquit, “plurimi feceritis, si omnes facultates et possessiones prae illa contempseris, illa te alto gradu dignitatis collocabit. Regiis namque te uirtutibus exornabit Regiisque praesidiis circumuallabit, ne umquam labes ulla possit amplitudini tuae dignitatis adspergi aut status tuus ullis uiribus aut machinis labefactari.”

[702] [10.] *Audi fili mi, et suscipe uerba mea, ut multiplicentur tibi anni uitae.*

Quoties eandem admonitionem repetit, toties uim amoris, quo flagrat, ostendit. Praemio uero, quod pollicetur, nihil potest amplius excogitari. Aeternitatem namque pollicetur. Nec enim longa uita potest, ut iam diximus, appellari, quae aliquo fine concluditur. Tunc igitur anni multiplicantur, cum immortalitas comparatur.

[11.] *Viam sapientiae monstrabo tibi, ducam te per semitas aequitatis.*

Docet iustitiae et aequitatis studio esse uiam ad immortalitatem praeclare munitam. Eo igitur instituta sapientiae ad iustitiam diriguntur. – Recte!, inquires. Sed est nimis arduum atque difficile ita uitae cursum tenere ut a uis iustitiae non aberres. – Non ita est, inquit. Si enim sapientiam secutus fueris, illa tibi uiam curabit et aspera complanabit et angusta dilatabit, ne quidquam tibi sit impedimento quominus eo, quo tendis, cum felicitate peruenias.

[12.] *Quas cum ingressus fueris, non artabuntur gressus tui, et currens non habebis offendiculum.*

Restat igitur ut nihil sit sapienti difficile. Spiritum enim Diuinum sequitur, qui quidem spiritus ita praeit ut numquam a uia rectissima deflectat; ita uires confirmat ut numquam debilitentur. Reliquum est ne ipsi nobis desimus. Si enim quod in nobis fuerit praestiterimus, ille nos numquam praesenti ope destituet. Est igitur elaborandum ne langore atque desidia nostra caelestem opem a nobis repellamus. Ideo subiungit:

[13.] *Tene disciplinam, ne dimittas eam; custodi illam, quia ipsa est uia tua.*

Non potest mors in illos impetum facere qui sunt cum uita sempiterna foedere sempiterno copulati. At, qui legis Diuina praecepta perpetuo sequuntur, numquam a sempiterna uita deseruntur.

Diz: “Se a tiveres em muito apreço, se por amor dela desprezares todos os bens e posses: ela colocar-te-á num alto grau de dignidade, pois ornamentar-te-á com virtudes régias e proteger-te-á com defesas realengas, para que jamais nenhuma desonra possa manchar a tua dignidade nem nenhuma violência ou maquinações possam fazer vacilar a tua firme condição.

[702] 10. *Ouve, filho meu, e recebe as minhas palavras, para que se multipliquem os anos da tua vida.*

Sempre que repete a mesma admoestação, dá mostras da força do amor em que se abrasa. E não pode conceber-se nada maior do que o prémio que promete: é que promete a eternidade. Na realidade, tão-pouco pode dar-se o nome de longa vida, consoante já dissemos, à que se encontra delimitada por algum fim. Por conseguinte, os anos multiplicam-se quando se alcança a imortalidade.

11. *Eu te mostrarei o caminho da sabedoria, guiar-te-ei pelas veredas da equidade;*

Ensina que com o zelo da justiça e da equidade se protege mui brilhantemente o caminho para a imortalidade. Por conseguinte, os ensinamentos da sabedoria encaminham-se para a justiça. – Muito bem!, objetareis. Mas é assaz dificultoso e árduo manter o rumo da vida de tal maneira que não nos afastemos dos caminhos da justiça. –Não é assim, diz ele. É que se seguirdes a sabedoria, ela consertará para ti o caminho e aplanará os desníveis e alargará os passos estreitos, para que nada te impeça de chegares com êxito ao lugar para onde te diriges.

12. *nas quais, depois que tiveres entrado, não se estreitarão os teus passos e correndo não terás tropeço.*

Conclui-se, portanto, que para o sábio nada é difícil. É que segue o Espírito divino, o qual de tal maneira vai à frente e guia que nunca se desvia do caminho mais direto, de tal maneira acrescenta as forças, que nunca se debilitam. Resta que da nossa parte não faltemos. É que, se fizermos aquilo que está em nossas mãos, ele nunca nos privará da sua ajuda imediata. Por conseguinte, cumpre que nos esforcemos por não repelir de nós, com a nossa frouxidão e indolência, a ajuda celestial. Por isso adita:

13. *Apega-te à instrução e não a largues; guarda-a, porque ela é a tua vida.*

A morte não pode atacar aqueles que estão unidos por pacto eterno com a vida eterna. Mas os que incessantemente seguem os preceitos da lei divina, nunca se separam da vida eterna.

[14.] *Ne delecteris in semitis impiorum, nec tibi placeat malorum uia.*

Impiorum uia est in Deum scelestissima. Religionem sanctissimam uiolat, caeleste numen despicit et in Deum conuicia iacit. Iter autem malorum est in humanum genus tæterrimum. Est enim libidine flagitiosum, iniuriis maleficum, immanitate truculentum, fraudibus exsecrandum. Sed animaduertendum est, ab impietate in Deum, iniurias in homines oriri. Ideo namque ius humanum uiolatur quia Diuinum negligitur. Homines enim impii, uel Deum non esse putant, uel ab illo res humanas minime curari statuunt, et iccirco per omnia genera scelerum cum proiecta audacia uagantur et exemplo sunt imperitis ut paullatim ex animo [703]sensum omnem religionis eiiciant. Vtraque igitur uia est ut pestifera quaedam lues summa contentione fugienda. Quemadmodum statim Sapiens ait:

[15.] *Fuge ea, nec transeas per illam; declina et desere eam.*

Vt maiorem metum incutiat et periculum, quod impendet, magis explicet, multis uerbis idem significantibus utitur; nempe, fuge pestem, deuita periculum, exitium detestare, et quantum potes te ab imminente plaga et interitu proripe. Ad mortem enim properat et in pestem sempiternam incurrit qui se cum impiis et sceleratis hominibus, similitudine uitae, coniungit.

[16.] *Non enim dormiunt nisi malefecerint: et non rapitur somnus ab eis nisi supplantauerint.*

“Ita sunt”, inquit, “capitales ut nullo modo, nisi patrato facinore, conquiescant; ita sunt immanes et inuidi ut in aliorum ruina et interitu maxime gloriantur, et iccirco dormire nequeunt quamdiu non alios in exitium precipites eiiciunt.”

[17.] *Comedunt panem impietatis, et uinum iniquitatis bibunt.*

Ex impietate opes ad uitam in luxu maximo traducendam comparant; per uim aliena bona diripiunt quae sumptibus immodicis exhauriant.

[18.] *Iustorum autem semita, quasi lux splendens, procedit et crescit usque ad perfectam diem.*

Aurora quidem appropinquans tenebras paullatim fugat et caliginem dispersit: tum Sol exoriens cuncta clarissima luce collustrat. “Sic est”, inquit, “iustorum uita. Primum quidem illis lux caelestis exoritur, quae in dies magis illustrior existit, usque eo dum mens ipsa Solis ipsius imaginem clarissimo quodam splendore repraesentet.” “Eratis”, inquit Paulus, “aliquando tenebrae, nunc autem

14. *Não te deleites nas veredas dos ímpios nem te agrade o caminho dos maus.*

O caminho dos ímpios é o mais criminoso contra Deus. Viola a santíssima religião, despreza a divindade e lança insultos contra Deus. Por outro lado, o caminho dos maus é o mais terrível contra o género humano. É que, pela sensualidade é vergonhoso; pelas injustiças, maléfico; pela desumanidade, violento; pelos enganos, abominável. Mas deve ter-se em conta que da impiedade para com Deus nascem as injustiças contra os homens. É que viola-se o direito humano porque se tem o divino em menos conta. De facto, os homens ímpios, ou pensam que Deus não existe, ou têm para si que não se preocupa com as coisas humanas, e por isso entregam-se com impudente atrevimento a toda a sorte de crimes e servem de exemplo aos ignorantes para que aos poucos expulsem da alma [703] todo o sentimento de religiosidade. Por conseguinte, com todo o empenho deve fugir-se desses dois caminhos como de uma espécie de flagelo pestilencial.

15. *Foge dele e não passes por ele; desvia-te e deixa-o.*

A fim de incutir maior receio e expor melhor o perigo que espreita serve-se de muitas palavras que significam a mesma coisa: foge da perdição, desvia-te do perigo e ruína da vida e, o mais que puderes, arranca-te da destruição e golpe que estão iminentes. É que avança para a morte e incorre na ruína sempiterna quem, pela semelhança de vida, se junta aos homens ímpios e pecadores.

16. *Porque eles não dormem sem terem feito mal e foge deles o sono se não tiverem armado alguma sancadilha.*

Diz: “De tal maneira são perniciosos que de forma alguma se aquietam senão depois de terem perpetrado uma malfeitoria; de tal maneira são desumanos e odientos que rejubilam sobremaneira com a ruína e desgraça dos outros, e por isso não conseguem adormecer enquanto não precipitam os demais na destruição.”

17. *Comem o pão da impiedade e bebem o vinho da iniquidade.*

Mediante a impiedade obtêm riquezas para levarem uma vida de opulência inigualável; através da violência arrebatam os bens alheios que esbanjam com gastos imoderados.

18. *Mas a vereda dos justos, como luz que resplandece, vai adiante e cresce até ao dia perfeito.*

A aurora, quando se aproxima, afasta aos poucos as trevas e dispersa a escuridão: então o Sol, ao nascer, tudo ilumina com uma luz claríssima.”Assim é”,

lux in Domino¹⁹. Itaque noxia uitant, salutaria consecantur, metu soluti sunt, spe firmissima diriguntur, omni sollicitudine carent. Numquam ab ope Diuina deseruntur, nusquam offendunt, quia cernunt oculis omnia quae ruinae periculum struere possunt, et ab illis se longissime remouent, ne labantur et concidant.

[19.] *Via impiorum tenebrosa; nesciunt ubi corruant.*

Cum sint tenebris oppleti omnes qui lucem Diuinam aspernantur, neque saxa uident neque terrae profundos hiatus sentiunt neque loca praeupta conspiciunt et ita, dum confidenter accelerant, miserrime prolabantur et corruunt.

[20.] *Fili mi, ausculta sermones meos; et ad [704] eloquia mea inclina aurem tuam.*

Quoties amorem uere paternum et sollicitudinem ex eodem amore profectam testificatur? Periculi enim magnitudo facit ut numquam satis habeat quod saepe iam dixerat, nisi saepius idem ad maiorem memoriae firmitatem referat.

[21.] *Ne recedant ab oculis tuis, custodi ea in medio cordis tui; [22.] uita enim sunt inuenientibus ea, et uniuersae carnis sanitas.*

Cum dicit caelestis disciplinae sententiam esse uitam inuenientibus eam, studium requirit eorum qui uitam habere atque tueri cupiunt. Nemo enim inuenire potest quod minime quaerit.

[23.] *Omni custodia serua cor tuum, quia ex ipso uita procedit.*

Nihil esse in toto corpore maiore sollicitudine conseruandum quam cor est satis omnibus exploratum. Inde namque calor uitalis atque salutaris, in omnes partes pertinens, excitatur; inde sanguis in uenas diffunditur; inde spiritus, quibus actiones uitae continentur, exsistunt. Quamdiu cor uiget, uita fruimur; illo extincto, confestim extinguimur. Sed non de corde hoc quod corporis uitam continet loquitur hoc in loco Salomon, sed de mente atque ratione, e qua uel uita profluit ad aeternitatem uel mors erumpit ad sempiternam perniciem. Vt enim de corde exeunt cogitationes malae, homicidia, adulteria et reliqua scelera et flagitia quibus pestis animi comparatur, ita ex eodem sanae cogitationes, pietatis et caritatis studia proficiscuntur, quibus ad uitam sempiternam uia munitur.

¹⁹ Vd. Vulgata, *Epb.* 5, 8.

diz ele, “a vida dos justos. Primeiramente, a luz celeste nasce para eles, a qual de dia para dia se vai tornando mais luminosa, até que o próprio espírito imita a imagem do próprio Sol com uma espécie de resplendor muitíssimo claro.” “Noutro tempo”, diz S. Paulo, “éreis trevas, mas agora sois luz no Senhor”. [Ef 5. 8.] E assim evitam as coisas nocivas, seguem as salutares, estão livres do medo, são guiados por uma firmíssima esperança e sentem-se isentos de qualquer espécie de cuidados. A ajuda de Deus nunca os abandona, nunca tropeçam, porque esquadrinham atentamente todas as coisas que podem constituir risco de ruína e apartam-se para muitíssimo longe delas, para evitar escorregar e cair.

19. *O caminho dos ímpios é tenebroso; eles não sabem aonde vão cair.*

Porque estão imersos em trevas todos os que desprezam a luz divina, não veem as pedras nem se apercebem dos profundos boqueirões nem se dão conta dos lugares escarpados e assim, quando confiadamente apressam a passada, resvalam e caem da forma mais mofina.

20. *Filho meu, escuta os meus discursos e inclina [704] o teu ouvido para as minhas expressões.*

Quantas vezes prova o seu amor deveras paternal e a preocupação que resulta deste mesmo amor? É que a grandeza do perigo faz que nunca considere suficiente o que já dissera, a menos que repita mais amiúde a mesma coisa para se gravar mais firmemente na memória.

21. *Elas se não tirem de diante dos teus olhos, conserva-as no meio do teu coração, 22. porque são vida para os que as acham e saúde para toda a carne.*

Quando diz que a expressão dos ensinamentos celestiais é vida para os que a encontram, está a exigir o zelo daqueles que vivamente desejam possuir e conservar a vida. É que ninguém pode encontrar aquilo que não procura.

23. *Aplica-te com todo o cuidado possível à guarda do teu coração, porque dele é que procede a vida.*

É de sobejo manifesto que em todo o corpo não há nada que se deva conservar com maior cuidado do que o coração. Com efeito, dali sai o calor vital e salutar, que se estende a todas as partes; a partir dali o sangue se espalha pelas veias; a partir dali se forma o sopro vital de que dependem todas as atividades da vida. Enquanto o coração trabalha, estamos vivos; uma vez ele parado, imediatamente nos extinguimos. Mas Salomão nesta passagem não se refere a este coração, de que depende a vida do corpo, mas fala do entendimento e da razão, em função

Quid est igitur tanta uigilantia seruandum, tanto praesidio muniendum, tanto studio, cura, sollicitudine, custodiendum? Si enim libidinis furor animum exagitauerit, si odium aut inuidia in statum illius irruerit, si reliquae pestes eiusmodi ualetudinem illius infecerint, uitam pronus exhaurient et in ipsius mentis corde et interitu bacchabunrur. Vt autem uno uerbo omnia complectamur, bonae cogitationes Deum, qui uera uita est, praesentem retinent, malae uero eum expellunt: ita fit ut omnis uitae nostrae ratio in mentis custodia sita sit. Qualis enim est intestina mentis affectio, talia extrinsecus opera consequuntur.

[24.] *Remoue a te os prauum, et detrahentia labia sint procul a te.*

Quo modo sit cor custodiendum edocet, cum monet ne uerbis nostris insitae prauitatis indicium faciamus. Nihil est enim tam pestilens atque mortiferum quod sit cum calumnia et maledicentia comparandum. Linguae namque peruersitas innocentibus necem affert, bonorum dignitatem testimonio falso commaculat, societate fraterna dissoluit, discordias ciuiles concitat [705] atque postremo uniuersam Rempublicam euertit. Vt enim exiguus ignis, quemadmodum Iacobus ait²⁰, ingentem materiam incendit et horrendum incendium saepe concitat, ita impurus hominis malefici sermo principio quidem paucorum animos latenter corripit, deinde, ubi magis atque magis inualescit, quocumque fert impetum, omnia populatur. Rectissime igitur uir ille Diuinus ait: “Dixi custodiam uias meas ut non delinquam, in lingua mea”²¹. Sequitur deinde:

[25.] *Oculi tui recta uideant, et palpebrae tuae praecedant gressus tuos.*

Hoc est: “Nihil temere, nihil praecipitanter agas; antequam uerbum ullum facias, cogita quid sit dicendum, quid silentio suppressendum, ne offensionem periculose concites; cum aliquam actionem suscipis, antecedit sanum consilium, ut actio salutaris consequatur. Vt enim qui uiam quam tenet non animaduertit, sed festinanter et inconsiderate progreditur, ruina frequenter opprimitur, ita qui non, antequam aliquid moliatur, quid euenire possit, mente considerat, in graues saepe calamitates incurrit.”

²⁰ Vd. Vulgata, *Iac.* 3, 5.

²¹ Vd. Vulgata, *Ps.* 38, 2 (Cf. a nova versão latina do Instituto Bíblico, aprovada em 4/03/1945 por Pio XII, que está mais próxima da de J. Osório: “Dixi: custodiam uias meas, / Ut non peccem lingua mea).

dos quais a vida ou transita para a eternidade ou a morte se precipita na eterna perdição. É que, assim como é do coração que saem os ruins pensamentos, os homicídios, os adultérios e os demais crimes e infâmias, que arrastam à perdição da alma, assim do mesmo nascem os pensamentos santos e o zelo da piedade e da caridade, com os quais se constroi o caminho para a vida eterna.

Por conseguinte, que deve preservar-se com tão grande vigilância, que deve guardar-se com tamanha proteção, que deve acautelar-se com zelo, cuidado e solicitude tamanhos? É que se o desatino da sensualidade perturbar o espírito, se o ódio ou a inveja atacarem a sua paz, se as restantes contrariedades desta espécie lhe corromperem a saúde, acabar-lhe-ão totalmente com a vida e desatar-se-ão como loucas na morte e ruína do próprio espírito. Ora, para abreviarmos tudo numa palavra, os bons pensamentos mantêm presente Deus, que é a verdadeira vida, ao passo que os ruins O afastam, sucedendo assim que toda a orientação da nossa vida assenta na guarda do entendimento. Consoante é a disposição do nosso entendimento, assim são do mesmo teor as obras que no exterior se realizam.

24. Remove de ti a boca maligna e estejam longe de ti os lábios que detraem.

Ensina de que modo se deve guardar o coração quando aconselha a que com as nossas palavras não demos indício da íntima perversidade. É que nada é tão pestilencial e mortífero que seja comparável com a calúnia e a maledicência. Na realidade, a perversidade da língua ocasiona a morte violenta dos inocentes, mancha com o falso testemunho a dignidade dos bons, acaba com a amizade fraterna, provoca as discórdias entre os cidadãos [705] e, enfim, destrói inteiramente o Estado. É que, assim como, consoante diz Tiago, “um pequeno fogo incendeia um grande bosque” [Tg 3. 5.] e amiúde origina um medonho incêndio, da mesma maneira a linguagem impura do homem malévolo, no princípio às ocultas apodera-se do espírito de poucos, em seguida, quando cada vez mais se vai fortalecendo, para onde quer que ataque, tudo assola. Por conseguinte, foi com toda a propriedade que aquele celebrado varão de Deus escreveu: *Guardarei os meus caminhos para não delinquir com a minha língua.* [Sl 59. 1.] Vem em seguida:

25. Os teus olhos olhem direitos e as tuas pálpebras precedam os teus passos.

Isto é: “Não faças nada de modo inconsiderado e precipitado; antes de dizer seja o que for, pensa no que cumpre dizer e no que convém calar, para perigosamente não despertares descontentamento; quando empreendes alguma ação, reflete primeiro com madureza por forma a praticares uma ação prudente. É que, assim como a pessoa que não presta atenção ao caminho pelo qual segue, mas avança de modo apressado e descuidado, muitas vezes sofre acidente, da mesma forma quem, antes de se abalançar a alguma coisa, não reflete sobre o que pode acontecer, amiúde é vítima de grandes desgraças.”

[26.] *Dirige semitam pedibus tuis, et omnes uiae tuae stabilientur.*

Eamdem sententiam aliis uerbis exornat. “Cogita”, inquit, “quam uiam in eas, ut omnia officia tua felicem exitum habere possint.” – Quo modo?, dicit aliquis. Numquid non fieri potest ut, quae sunt diligentissime cogitata, taeterrime cadant? Quid proderit igitur de suscipiendo itinere ualde cogitare, si ita eueneri ut, quo longius progressus fuero ab ea regione, quam peto, longius aberrem?

Hoc ne dici merito possit, continuo Sapiens adiungit:

[27.] *Ne declines ad dexteram, neque ad sinistram; auerte pedem tuum a malo.*

Times ne, re etiam deliberata, parum feliciter dirigantur gressus tui? Timere desine: legem serua; per uiam quam Deus monstrauit incede, ne ad dexteram, aut sinistram declines; intellige omne peccatum esse legi Diuinae contrarium. Ab illo igitur, tamquam a peste, fuge, ut recte tibi omnia procedant. In omni igitur consultatione hoc firmissime tenendum est, ne ulla utilitatis aut uoluptatis specie delentus a legis Diuinae studio deducaris.

Ait deinde:

CAP. V

[1.] *Fili mi, attende ad sapientiam meam, et prudentiae meae inclina aurem tuam.*

Rursus beneuolentiam conciliat, et attentionem excitat et nomine spectatae multis in locis [706] sapientiae atque prudentiae auctoritatem suam constituit.

[2.] *Vt custodias cogitationes, et disciplinam labia tua conseruent.*

Non inquit, “Vt audias tantum elaboro”, uerum “Vt ea quae audieris memoria saepias, ne umquam ex animo tuo elabantur. Neque satis est ea, quae audis, memori mente tueri, sed est etiam necesse ut, his disciplinis instructus, ad alios docendos te conferas. Hanc igitur scientiam praescribo ut cum aliis benigne communicates, ut, tuis monitis et consiliis eruditi, salutis uiam ineant summumque tandem bonum adipiscantur. Non igitur solum te ad intelligendum erudio, uerum

26. *Dirige a vereda em que pões os teus pés e todos os teus caminhos serão firmes.*

Engalana com outras palavras a mesma opinião. Diz: “Toma atenção ao tipo de caminho por onde entras para que todos os teus esforços possam conseguir venturoso sucesso.” – De que maneira?, perguntará alguém. Porventura não pode acontecer que aquilo que foi ponderado com o máximo cuidado tenha o mais desafortunado dos fins? Por conseguinte, que utilidade terá cuidar muito na viagem que vamos empreender se acontecer de tal modo que quanto mais longe tiver avançado, tanto mais me desviar daquela região para onde me dirijo?

Para que tal não se possa dizer com fundado motivo, o Sábio ajunta logo a seguir:

27. *Não declines, nem para a direita nem para a esquerda; retira o teu pé do mal.*

Temes que, mesmo depois de uma coisa ponderada, os teus passos avancem com escassa ventura? Deixa de temer: observa a lei; avança pelo caminho que Deus mostrou, para não declinares, nem para a direita nem para a esquerda. Capacita-te de que qualquer pecado é contrário à lei divina. Por conseguinte, foge dele como da peste, para que tudo te suceda venturosamente. Portanto, em toda a deliberação cumpre que se observe com a máxima firmeza esta regra, para evitar que, seduzidos por alguma aparência de proveito ou prazer, vos aparteis do zelo da lei divina. Diz em seguida:

CAPÍTULO V

1. *Filho meu, atende à minha sabedoria e inclina o teu ouvido para a minha prudência.*

De novo apela à benevolência, e chama a atenção e funda a sua autoridade no nome [706] de sábio e prudente referido em muitas passagens.

2. *Para que guardes os meus conselhos e para que os teus lábios conservem o conhecimento.*

Não diz: “Empenho-me somente em que me ouças”, mas: “esforço-me para que guardes na memória o que ouvires, de maneira a que nunca saia do teu espírito. Tão-pouco basta guardar na memória aquilo que ouves, mas também é necessário que, instruído com estes ensinamentos, te consagres a transmiti-los a outros. Por conseguinte, prescrevo-te estes conhecimentos para que generosamente os repartas com outros, por forma a que, instruídos com os teus conselhos e ad-

etiam ad eloquendum. Nam doctrina mea non solum te uirtutibus exornabit, uerum et opibus eloquentia locuplectabit.

Sed intelligendum est non prius esse in eloquentiae quam in uirtutis, studio laborandum. Iccirco nolo ut prius animum tuum bonarum cogitationum epulis enutrias deinde labiis tuis, hoc est, orationis ubertate, te ad alios instituendos et confirmandos accommodes.”

Cum uero, inquit, scientiam labia tua conseruent, materiam praescribit in qua hominis sapientis oratio perpetuo uersari debet. Flagitia namque sunt longissime repellenda, mendacia remouenda, adulatio detestanda, ita ut nihil in oratione ponatur quod non sit sententiis grauissimis illustratum et sapientissimo dicendi studio et labore perpolitum.

[3.] *Fauus enim stillans labia meretricis, et nitidius oleo guttur eius.*

Hoc in loco apud Hebraeos est positum nomen זרה, quod est ‘aliena’, cuius loco interpres posuit ‘meretricem’, quod idem propemodum ualeat, quamquam ‘alienae’ nomen magis proprie in adulteram quam in quamuis meretricem conuenit. Sed hoc minus ad institutum pertinet. Illud est potius animaduertendum quam sit haec sententia apta et nexa ex his quæ sunt ante dicta. Vidimus nouum orationis exordium, quod animos excitauit ad rerum mirabilium expectationem, cum repente Sapiens in loco, qui minime flagitare uidebatur, hanc impudicae mulieris speciem nobis, interrupta quodammodo oratione, in oculis et adspectu proponit. Sed intelligendum est nihil potuisse fieri conuenientius. Instruit Sapiens auditores ad sapientiam. Quid igitur commodius fieri poterat quam insidias contra sapientiae studium comparatas in mente defigere? Instruit ad eloquentiam. Quid igitur prouidentius quam falsam eloquentiae uim, medicamentis infectam, ab eloquentiam grauitate et puritate discernere? Cum uero uix quidquam sit quod magis uitae seueritate frangat et debilitet quam nefariae uoluptatis appetitio, nihil quod citius molliat et liquefaciat animum quam meretricis oratio, sapientissime a sapientissimo uiro factum est ut hæc hostium praesidia, quae erant illius [707] instituto contraria, disturbaret.

Praeterea, est animaduertendum ‘alienae’ nomen in falacissimae disciplinae rationem apte congruere. Adultera est enim omnis impia multitudo sceleris consensione conspirans, in ficta specie sanctitatis sanctitatem acriter oppugnans. Haec igitur meretriciis blandimentis atque lenociniis imperitos in fraudem impellit. Per dulces sermones, inquit Paulus,²² esse permultos qui imperitorum corda de

²² Vd. Vulgata, *Rom.* 16, 18.

moestações, entrem no caminho da salvação e atinjam ao cabo o bem supremo. Por consequência, ensino-te não apenas a entenderes, mas igualmente a falares. É que as minhas ensinações não só te ataviarão com virtudes, mas também te enricarão com os recursos da eloquência.

Mas cumpre que se entenda que é mister que primeiro nos apliquemos ao zelo da virtude do que ao estudo da eloquência. Por isso quero que, em primeiro lugar, alimentes o teu espírito com os manjares dos bons pensamentos; e que, em segundo lugar, te consagres a instruir e fortalecer os outros através dos teus lábios, isto é, de uma linguagem eloquente.”

E uma vez que os teus lábios (conforme ele diz) conservam o conhecimento, prescreve a matéria com a qual incessantemente se deve ocupar a conversação do homem sábio. É que deve rechaçar para muito longe as infâmias, pôr de parte as mentiras, abominar a adulação, por tal forma que na sua conversação nada se apresente que não venha iluminado com as mais ponderadas opiniões e acepilhado com o mais sábio cuidado e primor de elocução.

3. Porque os lábios da prostituta são como o favo que distila o mel e a sua garganta é mais lustrosa do que o azeite,

Nesta passagem, o texto hebraico usa a palavra *זרה*, que significa “alheia”, que o tradutor substituiu por “prostituta”, que significa quase a mesma coisa, embora a palavra “alheia” se adeque com mais propriedade a adúltera do que a “prostituta” em geral. Mas isto não importa muito para o que se pretende dizer. Mais cumpre que se note o quanto este dito sentencioso depende e está ligado ao que antes se disse. Vimos um novo exórdio do discurso, que incitou o espírito a ficar na expectativa de coisas admiráveis, e eis que de repente o Sábio, nesta passagem, que não parecia pedi-lo, coloca-nos diante dos nossos olhos e vista, quebrando de certa maneira o fio do discurso, este transunto da mulher desavergonhada. Mas deve entender-se que não poderia ter-se feito nada de mais apropriado. O Sábio ensina aos seus ouvintes a sabedoria. Ora, que poderia fazer-se de mais adequado do que gravar no espírito os ardis que estão armados contra o aprendizado da sabedoria? Está a ensinar a eloquência. Ora, que coisa mais avisada do que fazer a destrinça entre uma eloquência de natureza bastarda, infectada com peçonha, e a gravidade e pureza da eloquência? E, sendo certo que é difícil que exista alguma coisa que mais debilite e quebrante uma vida austera do que o desejo da abominável deleitação, e que não há coisa que mais rapidamente amoleça e derrube o ânimo do que a linguagem da prostituta, o sapientíssimo varão procedeu mui sabiamente ao derribar estas defesas dos inimigos, [707] que se opunham ao seu desígnio.

Além disso, deve notar-se que o nome de “alheia” perfeitamente se ajusta à natureza de um saber totalmente falso, porquanto “adúltera” é toda a multidão ímpia, que está de acordo em conspirar o crime e que, sob uma fingida aparên-

omni statu deiiciunt. Haec est igitur aliena, haec adultera, haec capitalis, quae, cum dulcia pollicetur, amara porrigit; dum ad uoluptates allicit, dolores inuehit; dum se tueri uitam simulat, tela mortifera contorquet. At, quo eloquentiae genere perditorum hominum Synagoga homines nihil hostile suspicantes erroribus perniciosus imbuit? Quam blande imperitos alloquitur? Quae praemia pollicetur, ut incautos irretiat? Euangelii puritatem in ore semper habet; Christianae caritatis laudes amplificat; pietatis simulationem horrendis uerbis execratur; iustitiae opes sempiternas se explicaturam, promittit atque confirmat.

Quid igitur hac oratione mollius, quid dulcius fingi potest? Haec quidem est meretricis eloquentia. Sed finem uideamus. Reperies tandem, si mel illius uenenatum gustare uolueris, pro puritate flagitium, pro caritate bellum dirissimum, pro pietate sacrilegium, pro iustitiae splendore nefarium facinus, ad hominum perniciem scelestissime comparatum.

Sed ad adulterae mulieris insidias institutam orationem referamus. “Fauus”, inquit, “distillans, oratio illius et blandius oleo dicendi genus, quo mentibus incautis errores pestilentes obiicit. Caue igitur ne te in laqueum mortis induas. Si enim aurem illi praebueris, intolerandam acerbiter senties.”

[4.] *Nouissima autem illius amara quasi absynthium et acuta quasi gladius biceps.*

Quae sunt illius nouissima? Egestas, turpitude, dedecus et ignominia, odium hominum, legum metus atque postremo supplicium. Siue enim adulteri poenam lege constitutam subeant, siue non subeant, semper eorum animi conscientia sceleris anguntur, formidine concutiuntur, intentum gutturi gladium pertimescunt. Est enim illa biceps gladius. Quo modo biceps? Quia in uiscera penetrat et corpus et animum simul interimit.

[5.] *Pedes eius descendunt in mortem, et ad inferos gressus eius penetrant.*

Illa quidem festinat, ut incurrat in mortem, et secum amatores in inferorum regionem praecipites impellit.

[6.] *Per semitam uitae non ambulant, uagi sunt gressus eius et inuestigabiles.*

cia de santidade, violentamente se opõe à santidade. Ela, por conseguinte, com amavios e seduções meretrícios, induz em engano os ignorantes, e, segundo diz S. Paulo, há muitos que “com suaves palavras transtornam completamente os corações dos simples.” [Rm 16. 18.] Portanto, é “alheia” e é “adúltera” aquela que, quando promete coisas doces, as oferece amargas; quando seduz para o prazer, acarreta dores; quando simula velar pela vida, arremessa dardos mortíferos. E, com que espécie de eloquência inculca erros perniciosos a sinagoga dos homens perversos nas pessoas que não suspeitam nada de mal? Com que meiguice fala aos ignorantes? Que prêmios promete, para cativar os incautos? Tem sempre na boca a pureza do Evangelho; encarece os merecimentos da caridade cristã; com palavras de horror verbera a piedade fingida; promete e assegura que há de mostrar as riquezas eternas da justiça.

Ora, que pode imaginar-se de mais suave e doce do que esta linguagem? É esta decerto a eloquência da prostituta. Mas vejamos em que acaba. No final, se quiserdes provar o seu mel envenenado, em vez de pureza encontrarás infâmia, em vez da caridade, os mais medonhos conflitos, em vez da piedade o sacrilégio, em vez do esplendor da justiça, crimes sacrílegos, com o mais ímpio propósito aparelhados para a perdição dos homens.

Mas apliquemos aos ardis da mulher adúltera o que estávamos a dizer. Diz: “As palavras dele são um favo que distila e a sua eloquência é mais suave que o azeite, com a qual instila nos espíritos desprevenidos erros pestilenciais. Por conseguinte, toma cuidado para não caíres no laço da morte. É que se lhe deres ouvidos, sentirás uma agrura intolerável.”

4. mas o seu fim é amargoso como o absinto, talhante como a espada de dois gumes.

Qual é o seu fim? Pobreza, infâmia, desdouro e ignomínia, o ódio dos homens, o medo das leis e, por derradeiro, o suplício. É que, quer sofram a pena para o adultério estabelecida pela lei, quer não a sofram, sempre o seu espírito se atormenta com a consciência do crime; vivem agitados pelo temor; arreceiam-se da espada dirigida aos seus pescoços. É que ela é uma espada de dois gumes. Como de dois gumes? Porque penetra nas entranhas e do mesmo passo mata o espírito.

5. Os seus pés descem à morte e os seus passos penetram até aos infernos.

Ela dá-se pressa para cair na morte e empurra os seus amantes precipitando-os consigo na região dos infernos.

6. Não andam pela vereda da vida, os seus passos são vagabundos e ininvestigáveis.

Quo modo sint inuestigabiles gressus illius [708] intelligi uix potest. Mulieris enim impudicae flagitium occultari diu nequit; libidinis enim furor illam frequenter exagitat ut indicia temeritatis emineant, cum multis in locis impressa nequitiae uestigia relinquat. Sed inuestigabiles esse dicit illos Sapiens, uel propter illius mobilitatem et inconstantiam, qua, effrenatae libidinis furore percita, in uarias partes ita discurrit ut, quo in loco insistere uelit, prorsus ignores; uel, propterea quod homo, illius amore caecus, minime perpendit gressus illius in sempiternam pestem amatores attrahere. Et secundum hunc sensum, oratio haec multo clarius ita ex Hebraeo uerti potuisset: “Ne uiuentium uitam expendas, uagantur gressus illius, et non intelliges.” Hoc est autem: cum illa per omnia genera flagitiorum et scelerum uagetur, et te sibi deuinctum teneat, impedimento est quominus expendas quam expetenda sit uiuentium, hoc est iustorum, uia. Itaque non intelliges neque beatorum uiam, quam deseruisti, neque miseriae extremae uiam, quam, ut ei morem gereres, tenuisti. Itaque facit illa ut non solum in caecitate et amentia uerseris, uerum ut spem melioris condicionis abiicias.

[7.] *Nunc ergo, fili mi, audi me, et ne recedas a uerbis oris mei.*

Quando tantum malorum a consuetudine et familiaritate adulterae mulieris impendet, audite monita mea quibus uos a tam horrenda calamitate deterreo.

[8.] *Longe fac ab ea uiam tuam, et ne appropinques foribus domus eius.*

Numerum, more suo, mutat, et, cum fuisset numero multitudinis usus, nunc ad singularem conuertitur. Ait igitur: “Non satis est, fili mi, illius usum detestari, nisi magnum inter te et illam interuallum intersit, ne te spiritu suo contaminato, quasi uenenata serpens, inficiat.”

[9.] *Ne des alienis honorem tuum, et annos tuos crudeli.*

Alieni sunt ueneris satellites, adultores, lenones et impurae libidinis administri. Hi alieni, hoc est, hostes accerrimi sunt. Nam decore et honestate spoliunt, opes exhauriunt et uitam eripiunt. Crudelis est adultera, quæ nec uitae neque famae tuae parcat, dum amorem fraudulenter ostentat, in te pestem nefarie machinatur.

Difícilmente se pode entender como é que os seus passos são ininvestigáveis. [708] É que a infâmia da mulher desavergonhada não pode ocultar-se por muito tempo, pois o desvario da sensualidade perturba-a amiúde de maneira que aparecem indícios de desatino, uma vez que deixa impressas em muitos lugares as marcas da sua ruindade. Mas o Sábio diz que os passos são ininvestigáveis ou devido à inconstância e volubilidade dela, em consequência das quais, agitada pelo desvario da sensualidade, de tal guisa corre em diferentes direções que totalmente ignoramos qual o lugar em que quer deter-se; ou porque o homem, que ficou cego com o amor por ela, não pondera que os passos dela atraem os seus amantes para a perdição eterna. E em conformidade com esta interpretação, esta frase teria podido verter-se do hebraico muito mais claramente do hebraico da forma seguinte: “Para que não ponderes a vida dos que vivem, os passos dela erram por aqui e por ali, e não entenderás.” Ora, isto significa: uma vez que ela erra por aqui e por ali através de toda a espécie de infâmias e crimes, e te mantém preso a ela, isso impede-te de que ponderes quão desejável é o caminho dos que vivem, isto é, dos justos. E assim não entenderás nem o caminho dos bem-aventurados, que abandonaste, nem o caminho da extrema mofina, que, para lhe obedecer, tu seguiste. E assim ela faz que tu não só vivas na cegueira e na loucura, mas que ponhas de parte a esperança de uma condição melhor.

7. Agora pois, filho meu, ouve-me, e não te apartes das palavras da minha boca.

Visto que são tão grandes os males que decorrem do trato e intimidade com a mulher adúltera, escutai os meus conselhos, com os quais vos aparto de uma tão horrenda calamidade.

8. Alonga dela o teu caminho e não chegues às portas da sua casa.

Consoante é seu costume, modifica o número e, tendo antes usado o número plural, agora regressa ao singular. Diz portanto: “Filho meu, não basta execrar o trato íntimo com ela, se não se interpõe um grande espaço entre ela e tu, para evitar que ela te infecte com o seu sopro contaminado, como uma peçonhenta serpente.”

9. Não dês a tua honra aos alheios nem os teus anos à cruel,

Os alheios são a escolta de Vénus, os adulares, os proxenetas e coadjuvantes da impura sensualidade. Estes são “alheios”, ou seja, acérrimos inimigos. É que despojam da honra e honestidade, exaurem as riquezas e acabam com a vida. Cruel é a adúltera, que não poupa nem a tua vida nem a tua fama e, ao mesmo tempo que dá falsas mostras de amor, de modo abominável maquina a tua perdição.

[10.] *Ne forte impleantur extranei uiribus tuis, et labores tui sint in domo aliena.*

Ex hac dementia duo mala grauissima nascuntur. Vnum est egestas turpissima, homines enim flagitiosi culpa sua fiunt egentissimi. Alterum est dolor ex opibus ad alienos cum dedecore summo translatis. Ideo, subiungit:

[709] [11.] *Et gemas in nouissimis, quando consumpseris carnes tuas et corpus tuum, et dicas:* [12.] *Cur detestatus sum disciplinam, et increpationibus non acquieuit cor meum,* [13.] *nec audiui uocem docentium me, et magistris non inclinaui aurem meam?*

Inconsolabilis dolor est peccati recordatio, maxime uero cum nulla spes instaurandi opes per flagitium amissas ostenditur. Concludit dedecoris penitus insiti querimoniam:

[14.] *Paene fui in omni malo, in medio ecclesiae et synagogae.*

Hoc est: “Non fuit satis mihi opes effundere, annos in nequitia consumere, ignominiam subire, bona mea in hostiurn domibus inclusa lamentari, nisi, praeter haec omnia, poenam legum et iudiciorum frequenter extimescerem. Parum enim abfuit quin, in medio iudicum conuentu, coram omni multitudine, cum summo dedecore et ignominia, crudelissimas poenas exsoluerem.”

Hoc exemplo nequitiae luculenter explicato, redit Sapiens ad recti officii disciplinam:

[15.] *Bibe aquam de cisterna tua, et fluenta putei tui.* [16.] *Deriuentur fontes tui foras, et in plateis aquas tuas diuide.*

Non opineris esse tibi interdictum omni uoluptate: fruere uxore tua legitima; restingue cupiditatis sitim sine flagitio. Non est cur ualde sollicitus sis ne quid in uulgus emanet, quemadmodum hi sunt qui mulieribus alienis commiscuntur. Riuli, hoc est, liberi, ex fonte proprio deriuentur in hominum conuentum, nec enim erit tibi pudenda soboles, ut est ea quae adulterio suscipitur. Prodeant in publicum filii tui, sine ulla nota originis incestae.

[17.] *Habeto eas solus, nec sint alieni participes tui.*

10. *para que não suceda que os estranhos enriqueçam dos teus bens e que os teus trabalhos estejam na casa de outrem.*

Deste desvario nascem dois gravíssimos males. Um é a infamíssima indigência, pois os homens infames tornam-se muitíssimo pobres por sua culpa. O outro é a dor que resulta de ver os bens próprios passarem, com o maior dos desdouros, para a posse de outros. Por isso acrescenta

[709] 11. *E que tu gemas no fim, quando tiveres consumido as tuas carnes e o teu corpo, e digas: 12. porque detestei eu os ensinamentos e porque não cedeu às repreensões o meu coração, 13. nem ouvi as vozes dos que me ensinavam nem apliquei aos mestres o meu ouvido?*

A lembrança do pecado é uma dor inconsolável, mas sobretudo quando não se vislumbra esperança alguma de recuperar as riquezas perdidas por culpa da depravação. Finaliza o queixume do desdouro profundamente gravado:

14. *Quase que em todo o mal me achei, no meio da igreja e da sinagoga.*

Isto é: “Para mim não foi suficiente esbanjar as riquezas, gastar na devassidão os anos, cair na ignomínia, lastimar-me de ver os meus bens dentro das casas dos meus inimigos, se, para além de tudo isto, não temesse frequentemente o castigo das leis e dos juízos. De facto, pouco faltou para que, no meio da assembleia dos juízes, diante do povo todo reunido, eu, com a maior infâmia e ignomínia, sofresse crudelíssimos castigos.”

Uma vez perfeitamente exposto este exemplo de perversidade, o Sábio regressa ao ensinamento do reto dever:

15. *Bebe da água da tua cisterna e das correntes do teu poço. 16. Corram fora os regatos da tua fonte e reparte as tuas águas nas ruas.*

Não penses que te é defeso todo o prazer: desfruta da tua legítima esposa; satisfaz a sede do desejo sem infâmia. Não há razão para que te preocupes muito com que alguma coisa se torne pública, como acontece com aqueles que se ajuntam com as mulheres alheias. Os regatos, isto é, os filhos, corram, a partir da própria fonte, para os ajuntamentos dos homens, pois não sentirás vergonha da tua linhagem, como causa aquela que é gerada pelo adultério. Mostrem-se em público os teus filhos, sem qualquer nódoa de origem impura.

17. *Possui-as tu só e não tenham parte nelas os estranhos.*

Vt enim summum scelus est lectum alienum adulterio maculare, ita non mediocri flagitium est aliorum libidinem a propria uxore minime prohibere. “Ne sis igitur”, inquit, “in illius custodia quae tuum matrimonium tenet negligens et dissolutus. Fac ut matrimonii sanctitatem immaculatam conseruet, ne uagetur huc et illuc, ne aut iocis petulantibus aut oculorum nutibus, iuuentem alliciat, ne denique otio diffluat et ita paulatim ad flagitium delabatur. Amore mutuo et prouidentia salutari cura ut te solum amet, rem familiarem curet, filiis tuis sedulo prospiciat, ne ulla umquam suspicio labis ullius recipiatur.”

Ait deinde:

[18.] *Sit uena tua benedicta, et laetare cum muliere adolescentiae tuae.*

Insistit in eadem metaphora. Dixerat enim [710] ut quilibet de fonte suo biberet; id autem est ut, uxoribus alienis omissis, sua tantum uxore frueretur, ut ita liberi minime pudendi, tamquam riuuli, in hominum conuentum profluerent. Hic uero ait: “Sit uena tua benedicta”. – Vena est fons et scaturigo unde riui deriuandi sunt. Ait, igitur: “Vxor tua sit pudoris studio sancta, pariendi felicitate fecunda, amore et fidelitate, carissima. Illam, quam tibi a iuuentute coniunxisti, amantem amplectere et cum illa te oblecta, si cupis sine crimine uoluptatem percipere, et liberos nulla nota labis adpersos creare.”

[19.] *Cerua carissima, et gratissimus hinnulus.*

Si animantia bruta inter se amant et partus suos diligunt, quid tibi faciendum est, cum sis ratione praeditus et naturae lege ad amorem uxoris tuae compellaris? Cerua, cuius natura agrestis atque fera est, ceruo est periucunda; hinnuli sunt parentibus gratissimi. Cur igitur tu uxorem legitimam non amabis? Cur non similiter filios tuos amore eximio complecteris?

Vbera eius inebrient te in omni tempore, in amore illius delectare iugiter.

Metonymia est, qua per ‘ubera’ amores intelliguntur. Vini copia sensum eripit. Similiter in uenerea uoluptate intelligentia mentis opprimitur, ut tamdiu animus officio rationis orbetur, quamdiu uiget ipsa uoluptas. Et ea de causa, ubi nos habemus “delectare iugiter”, est apud Hebraeos תשגה תמיד, hoc est, “erra iugiter”. Recte tamen interpres uerbo “delectationis” usus est. Ea namque delectatio homines usu rationis spoliat. At tunc ‘errare’ dicimur, cum rationis usu caremus. Quid igitur? Non est ‘errare’ flagitium? Non semper. Nam, legitimo amore desipere interdum laudis est, et magnitudine amoris aliquando insanire, summae sapientiae est: ut hi faciunt qui, amore Diuinæ pulchritudinis incensi, extra se longissime rapiuntur.

De facto, assim como é o maior dos crimes manchar com o adultério o leito alheio, da mesma maneira não é pequena infâmia não desviar da nossa própria mulher a sensualidade dos outros. Diz, por conseguinte: “Não sejas negligente e remisso na guarda daquela com quem estás casado. Procede de modo que conserve imaculada a santidade do matrimónio, que não ande vagueando para aqui e para ali, que não alicie a mocidade nem com brincadeiras lascivas nem com piscares de olho, que, por derradeiro, não se amolente na ociosidade e dessarte gradualmente caia na infâmia. Mediante a reciprocidade no amor e uma salutar prudência, empenha-te em que te ame só a ti, cuide do património familiar, se ocupe zelosamente dos teus filhos e que jamais se espalhe qualquer suspeita de desonra. Diz em seguida:

18. A tua veia seja bendita e vive alegre com a mulher que tomaste na tua mocidade.

Insiste na mesma metáfora. É que aconselhara [710] a que cada um bebesse da sua fonte; ora, isto quer dizer que cada um, deixando as mulheres alheias, desfrutasse somente da sua mulher, para que assim os filhos, sem serem para ele motivo de vergonha, corresse, à semelhança de regatos, para as reuniões dos homens. E aqui diz: “a tua veia seja bendita”. – Veia é a fonte e manancial de onde devem manar os regatos. Por conseguinte, diz: “Que a tua mulher, pelo zelo do pudor, seja santa, que seja fecunda pela felicidade dos partos e muito querida pelo seu amor e fidelidade. Abraça com amor aquela a quem te uniste desde a juventude e deleita-te com ela, se desejas ter prazer sem pecado e gerar filhos desprovidos de qualquer nódoa de infâmia.

19. Ela seja para ti a corça que muito amas e o teu engraçadinho veadinho;

Se os brutos animais se amam uns aos outros e têm afeto pela sua prole, que te cumpre fazer, sendo dotado de razão e impelido pela lei da natureza a amares a tua esposa? A corça, que é de natureza selvagem e montesinha, causa muito agrado ao cervo; os veadinhos são muitíssimo amados pelos seus pais. Por conseguinte, por que motivo não hás de tu amar a tua legítima esposa? Por que motivo não hás de igualmente abraçar com singular amor os teus filhos?

Os seus peitos te embebedem em todo o tempo, no seu amor busca sempre o teu prazer;

Trata-se de uma metonímia mediante a qual por “peitos” se entendem os amores. A grande quantidade de vinho suprime a consciência. De modo idêntico, no prazer venéreo a penetração intelectual fica anulada, por forma que o espírito está privado das funções racionais durante o tempo que dura o mesmo prazer. E por este motivo, onde no texto latino temos “busca sempre o teu prazer”, no

[20.] *Quare seduceris, fili mi, ab aliena, et foueris in sinu alterius?*

“Cur, o fili”, inquit, “cum liceat uoluptatem sine crimine, sine dedecore, sine metu capere, maus cum scelere, cum turpitudine, cum assiduo angore atque poenae metu, a muliere infami seductus, uoluptatem furenter exquirere? Quae est haec dementia? Quae furiae te persequuntur, ut malis uoluptatem ueneno pestifero corruptam haurire, quam pura, absque ulla formidine, perfrui? Si perstas in flagitio, confirmare tibi possum te id impune minime laturum.”

[21.] *Respicit Dominus uias hominis, et omnes gressus eius considerat.*

Nihil est latebris occultum, nihil abstrusum [711] atque reconditum, aut in terrae uisceribus abditum, quod oculi Domini non clarissime cernant. Mentis recessus peruestigant, officia diligentissime perpendunt, ut cuiuslibet hominis actiones aut praemiis cumulate remuneret aut poenis grauissimis ulciscatur.

[22.] *Iniquitates quae capiunt impium, et funibus peccatorum suorum constringitur.*

Ergo, cum quilibet iniquitatem suscipit, seipsum uinculis adstringit et in carcerem detrudit, ut supplicio debito mactetur. Quod autem aliud potest assignari miseriae sempiternae, quae est flagitiosis subeunda, fundamentum, praeter odium disciplinae quam aspernati sunt?

[23.] *Ipse morietur, quia non habuit disciplinam, et in multitudine stultitiae suae decipietur.*

Si turpitudinem honestati praetulit, si cupiditatis gratia iura uiolauit, si omne studiurn uitae in flagitia transtulit, si denique in his uitae pestibus ad extremum permansit, ut tandem sempiternam poenam sustineret, omnia haec mala sunt ad contemptionem disciplinae reuocanda. Vnde sequitur nihil esse cum studio sapientiae comparandum, cum non solum eo summas opes acquiri, uerum omnem metum malorum depelli certissime constet.

hebraico lê-se: תשגה תמיד, isto é, “erra sempre”. Sem embargo, o tradutor usou corretamente a palavra “prazer”. Porquanto este prazer priva os homens do uso da razão. E assim diz-se que erramos quando estamos privados do uso da razão. Então quê? O errar não é uma infâmia? Nem sempre. Com efeito, desvairar por causa de um amor legítimo por vezes é louvável e, às vezes, ensandecer devido à imensidão do amor é próprio da mais elevada sabedoria, como acontece com aqueles que, abrasados no amor da formosura divina, são arrebatados em espírito para muito longe de si mesmos.

20. Porque te deixas, filho meu, enganar da alheia e repousas no seio de uma outra?

Diz: “Por que é que, ó filho, sendo-te lícito gozar do prazer sem crime, sem desdouro e sem medo, preferes procurar loucamente o prazer, seduzido por uma mulher infame, incorrendo em pecado, sofrendo incessante angústia e medo do castigo? Que loucura é esta? Que vesânia te persegue, para que prefiras gozar de um prazer corrompido por um veneno pestilencial, a desfrutar daquele que é puro e isento de motivos de receio? Se perseveras na infâmia, posso garantir-te que ela não ficará impune.”

21. O Senhor olha atentamente para os caminhos do homem e considera todos os seus passos.

Não há coisa oculta em esconderijos, nem dissimulada [711] e esconsa, ou encerrada nas entranhas da terra, que os olhos do Senhor não enxerguem com toda a nitidez. Esquadrinham os recessos do espírito e examinam com detença e escrúpulo o cumprimento dos deveres, por forma a que as ações de qualquer homem sejam recompensadas com prémios ou punidas com pesadíssimos castigos.

22. As suas mesmas impiedades prendem o ímpio e é apertado com as ataduras dos seus pecados.

Logo, quando quem quer que seja pratica uma iniquidade, amarra-se a si mesmo com cadeias e precipita-se no cárcere, para ser punido com o merecido castigo. Ora, que outra causa pode atribuir-se à perdição eterna, em que os infames devem incorrer, que não seja o ódio aos ensinamentos, que desprezaram?

23. Ele morrerá, porque não admitiu a correção, e se achará enganado pelo excesso da sua loucura.

Se preferiu a infâmia à honestidade, se violou as leis por causa do desejo imoderado, se consagrou todos os cuidados da sua existência às torpezas, se, por

His argumentis explicatis, ad alia continuo gradum facit. Ait enim:

CAP. VI

[1.] *Fili mi, si sponderis pro amico tuo, defixisti apud extraneum manum tuam; [2.] illaqueatus es uerbis oris tui, et captus propriis sermonibus.*

Quanta cura et sollicitudine sit praestanda fides ostendit, cum tam multis uerbis explanat sponsionis artissimum uinculum quo sponsores se pro aliis deuinciunt. “Defixisti”, inquit, “manum tuam, illaqueatus es uerbis tuis, captus” denique “es uerbis” oris tui. “Libertatem”, inquit, “amisisti; te iuris nexu artissime deuinxisti; te denique homini alieno in seruitutem addixisti. Cum igitur fidem tuam pro aliis obligare uolueris, cogita quam rem geras, quod discrimen adeas et quid de illius fide sit sperandum, pro cuius emolumento te laqueis adstringi sinis. Eiusmodi enim sponsiones inopia et ignominia saepe consequitur. Attamen, postquam semel ad praestitutam diem, si creditori satisfactum minime fuisset, te soluturum promisisti atque recepisti, noli tergiuersari, noli fraudes moliri, noli differre atque procrastinare. Intellige quanti sit facienda fides. Tollit enim uitae communionem et turbat ciuilem societatem, qui fidem datam uiolat.”

[712] [3.] *Fac ergo quod dico, fili mi, et temetipsum libera, quia incidisti in manum proximi tui. Discurre, festina, suscita amicum tuum* (ex Hebraeo uerti potuisset “Abi, abiice te, proximum tuum honore prosequere”) [4.] *ne dederis somnum oculis tuis, nec dormitent palpebrae tuae.* [5.] *Eruere quasi damula de manu et quasi auis de manu aucupis.*

Te hortor et moneo, fili, ne fidem datam negligas. Si potes, libera statim fidem; si non potes, supplex esto creditori; te abiicias opus est et illi honorem deferas ut libenter te exspectet, tantisper dum commodo tuo pecuniam cures. Aliter enim tibi diem dicet et apud iudicem cogeris cum dedecore ad teruncium soluere. Est autem hoc praeceptum simile illi quod est apud Matthaeum: “Esto consentiens aduersario tuo, dum es in uia cum eo, ne forte tradat te aduersarius iudici, et iudex tradat te ministro, et mittaris in carcerem. Amen dico tibi, non

derradeiro, perseverou até ao fim nesta vida abominável, por forma a sofrer ao cabo o castigo sempiterno: todos estes males devem ser atribuídos ao desprezo dos ensinamentos. Daqui se segue que nada é comparável com o zelo da sabedoria, uma vez que é clarissimamente manifesto que graças a ele não só se alcançam as maiores riquezas, mas também se afasta todo o receio de males.

Depois de expostos estes argumentos, avança em seguida para outras coisas, pois diz:

CAPÍTULO VI

1. *Filho meu, se ficares por fiador do teu amigo, deste por ele a tua mão a um estranho.* 2. *Com as palavras da tua boca te meteste no laço e ficaste preso pelas tuas próprias expressões.*

Mostra o grande cuidado e zelo com que se deve manter a palavra, ao expor com tanta cópia de palavras o estreitíssimo vínculo do compromisso mediante o qual os fiadores se responsabilizam por outras pessoas. Diz: “a tua mão. Com as tuas palavras te meteste no laço” e, finalmente, “ficaste preso” pelas palavras da tua boca”. Quer dizer: “Perdeste a liberdade; ficaste mui estreitamente atado pelo vínculo da lei; reduziste-te, numa palavra, a ser escravo de um homem alheio. Por conseguinte, quando quiseres dar a tua palavra a favor dos outros, pensa no tipo de compromisso que assumas, no perigo que corres e o que pode esperar-se da lealdade daquele em benefício de quem te deixas meter no laço. É que compromissos deste tipo muitas vezes acarretam consigo a pobreza e a infâmia. Todavia se, depois que uma vez garantiste e te comprometeste que haverias de pagar no dia marcado, se não se tivesse pago ao credor, então não uses de evasivas, não empregues embustes, não proteles nem adies. Compreende quanta importância se deve outorgar à palavra dada. É que destrói a solidariedade e perturba a vida em sociedade quem não cumpre a sua palavra.”

[712] 3. *Faze pois, filho meu, o que te digo e livra-te a ti mesmo, pois que caíste nas mãos do teu próximo. Discorre de uma para outra parte, apressa-te, desperta ao teu amigo; [de acordo com o hebraico, ter-se-ia podido traduzir: “Renuncia, deixa-te abater, honra o teu próximo”]* 4. *não deixes entregarem-se ao sono os teus olhos nem dormitem as tuas pálpebras.* 5. *Salva-te como uma corçazinha que escapa da mão e como um pássaro que foge de entre as mãos do passarinho.*

Exorto-te e aconselho-te, filho, a não faltares à palavra que deste. Se podes, satisfaz de imediato aquilo a que te comprometeste; se não podes, dirige a tua súplica ao credor; é mister que te humilhes e lhe dês mostras de deferência, para que de bom talante fique esperando enquanto, sem sobressaltos, trata de ajuntar

exibis inde, donec reddas nouissimum quadrantem.”²³ Similiter hoc in loco nos admonet uir sapientissimum ut intelligamus nos esse creditoribus nostris obnoxios et, si possumus, sine ulla mora illis satisfaciamus; si non statim possumus, illos suppliciter oremus ne summo iure nobiscum agant, sed diem prorogent, ut possimus aere hoc alieno liberari. Interim uero, summo studio, cura, sollicitudine, uigilantia, ne iudicium turpissimum subeamus operam demus, ut a uinculo, quo sumus adstricti, solutione relaxemur.

Sed, quorsum hoc praeceptum potissimum spectet, est diligenter animaduertendum. Paulo ante dixerat oculos Domini omnes actiones hominum speculari, ut unicuique pro meritis uel praemium uel supplicium reponat. Vult igitur ut iudicium illud, in quo neque est gratiae neque fraudi neque potentiae locus horreamus, operamque demus ut uitae castimonia et sanctitate nobis Dominum placemus, aliter enim futurum est ut acerrime puniantur.

“Si enim”, inquit, “fides homini minime necessario data tantam uim habet ut tibi libertatem eripiat, usque adeo ut, si uelis turpe iudicium declinare, opus sit tibi illi, cui te pro amico deuinxisti, humiliter atque demisse supplicare, ut tibi ueniam tribuat, tantisper dum liceat tibi curare pecuniam, quam te redditurum promisisti: quid tibi faciendum erit, pro te ipso, ut rerum omnium Domino, cui tot modis obstrictus es, opportune satisfacias? Primum enim est naturae Dominus, cuius numine et imperio fuisti ad felicissima seruitutem in lucem editus. Est deinde pater amantissimus, cuius opera fuisti ad Diuinae mentis effigiem mirabiliter informatus. Deinde tantis te atque tam excellentibus auxit beneficiis ut te sibi uehementer obstringeret. Postremo, te foedere sanctissimo sibi artissime deuinxit, ita ut nequeas quidquam contra uoluntatem illius, tacita etiam cogitatione, meditari quin summo perfidiae crimine conuincaris.

Debes igitur illi, ut summo Domino, metum; ut parenti, pietatem; [713] ut benefico, gratum animum; ut auctori foederis salutaris, fidem; et denique tam multis uinculis es alligatus ut tibi non liceat sine cura et sollicitudine uitam traducere. Si enim, cum fidem pro amico homini alieno obligas, tibi dormire non licet quamdiu fidem non praestas quam dedisti, quid tibi, pro te ipso, laborandum est, ut non alieno, sed Domino tuo et uitae atque salutis tuae parenti et auctori, pactioni sanctissimae satisfacias? Et, si pecuniae debitum tantum studium in liberanda fide requirit, quid erit existimandum de condicione hominum, qui uitam, qui salutem, qui dignitatem, qui praesidium, qui denique ius hereditatis sempiternae, si officium tueri uoluerint, acceperunt? Et, si quiuis homo, cui te penitus addixisti, te potest, si iudicia recte facta fuerint, in carcerem detrudere,

²³ Vid. Vulgata, *Mt.*, 5, 25-26.

o dinheiro. É que, caso contrário, marcar-te-á um prazo fixo e serás obrigado diante do juiz a, com desdouro teu, pagar a dívida até ao último ceitel. Ora, este preceito é semelhante àquele que encontramos em *Mt 5. 25-26*: “Concilia-te depressa com o teu adversário, enquanto estás no caminho com ele, para que não aconteça que o adversário te entregue ao juiz, e o juiz te entregue ao oficial, e te lancem na prisão. Em verdade te digo que de maneira nenhuma sairás dali enquanto não pagares o último centavo”. De modo idêntico, nesta passagem o mais sábio dos homens nos aconselha a que nos capacitemos de que estamos sujeitos aos nossos credores e a que, se podemos, lhes paguemos sem tardança o devido; se não podemos fazê-lo de imediato, roguemos-lhes humildemente que não procedam contra nós com todo o rigor da lei, mas que prorroguem o prazo, para podermos saldar esta dívida. E entretanto, com a máxima diligência, cuidado, zelo e empenho, a fim de não incorreremos num juízo infamante, consagremos os nossos esforços a cumprir os compromissos a que nos obrigáramos.

Mas cumpre que diligentemente se tenha presente qual a finalidade a que sobretudo visa este preceito. Pouco antes dissera que os olhos do Senhor veem todas as ações dos homens por forma a conceder a cada um ou o prémio ou o castigo em conformidade com o que merece. Por conseguinte, quer que sintamos medo daquele juízo no qual não há lugar nem para o favor, nem para o embuste, nem para o poder, e que empreguemos os nossos esforços em conciliar-nos com o Senhor mediante a pureza e santidade das nossas vidas, pois se o não fizermos seremos pesadamente punidos.

“É que”, conforme diz, “se a palavra que livremente deste a um homem tem tanta importância que te tira a liberdade, a tal ponto que, se quiseres evitar um juízo infamante, te é mister humilhar-te e rojar-te aos pés daquele com quem te comprometeste para ajudar um amigo, para que ele condescenda contigo durante o tempo de que precisas para juntar o dinheiro que te comprometeste a entregar-lhe: que te cumprirá fazer, a favor de ti mesmo, a fim de pagares a tempo o que deves ao Senhor de todas as cousas, ao qual te encontras ligado e obrigado de tantos modos? É que, em primeiro lugar, é o Senhor da natureza, mediante cujo poder e senhorio divinos foste dado à luz para uma venturosíssima servidão. Em segundo lugar, é Pai amantíssimo, por obra do qual foste maravilhosamente feito à imagem do entendimento divino. Além disso, acrescentou-te com tantos e tão excelentes benefícios que fortemente te vinculou a Si. Por derradeiro, ligou-te a Si de modo estreitíssimo através de santíssimo pacto, por forma a que não possas ter nenhum pensamento, mesmo que não formulado, que vá contra a Sua vontade, sem que te tornes culpado do crime máximo da traição.

Por conseguinte, a Ele deves, como a supremo Senhor, medo; como a Pai, respeito filial; [713] como a benfeitor, agradecimento; como a autor de um pacto salutar, lealdade; e, finalmente, estás ligado a Ele por tão grande número de vínculos que não te é possível passar a vida sem cuidados e inquietações. De facto, se quando dás a tua palavra a um estranho a favor de um homem amigo não te

ut omnia persoluas: quam iustum iudicium erit illud, quo te Dominus tenebris includet, “usque eo dum”, ut ille ait, “nouissimum” quadrantem “reddas” ?

Quod, si soluendo non fueris, in tenebris perpetuo permanebis. Quid est igitur tibi faciendum, dum es in uia, hoc est, dum uita suppetit? Primum quidem est summopere laborandum ut debitum reddas. Quod si uel egestas, uel obliuio, uel negligentia fuit in caussa quominus ad diem solueres, imitare debitores cum uadimonium pertimescunt. Abiice te coram Deo, illum honore debito prosequere, clementiam illius implora atque summo studio et contentione ab eo pete ut diem proferat; deinde sollicite cura ut, quod debes, fidelissime reddas, nempe ut illum deinceps timeas et ames et assecteris et pietatem unice colas et legem diligenter obserues atque sis in retinendo mentis statu sollicitus, ne te umquam a muliere aliena uel, quod est magis metuendum, ne te ab aliena et pestilenti doctrina corrumpi patiaris?

Agitur enim uita tua, agitur salus et dignitas. Cauendum ergo est ne, dum somnum amplecteris, omnibus simul bonis funditus euertaris. Sed hic potuisset aliquis dicere: “Quis poterit tam multos labores in uita tuenda sustinere?” Ne hoc merito dici possit, continuo subiungit:

[6.] *Vade ad formicam o piger, et considera uias eius, et disce sapientiam.* [7.] *Quae, cum non habeat ducem, nec praeceptorem, nec principem,* [8.] *parat in aestate cibum sibi et congregat in messe quod comedat.*

In rebus omnibus cernere licet mentis Diuinae prouidentiam. Quid est in insectorum genere formica minutius aut magis contemnendum? Quid rursus rem acute considerantibus magis admirandum est? Animal sociabile turmatim semper ingreditur; ut se tueatur, sub terram latitat; cibum aestate comparat, quo hieme ali atque sustentari queat; pro corpore est ualentissimum, onera namque sustinet corpore suo longe grauiora; est laboriosum atque sollicitum et in commune confert quidquid potest acquirere. Non, enim est inuidum, segnitiem exsecratur, usque [714] adeo ut quaelibet formica tardiores ad laborem excitet et ad celeritatem acriter impellat.

é lícito dormir enquanto não cumpres a palavra que deste, que esforços deves fazer, a favor de ti mesmo, para honrares um compromisso santíssimo pactuado, não com um estranho, mas com o teu Senhor, autor e Pai da tua vida e salvação? E, se para honrar a palavra, demanda tamanho desvelo o que se deve em dinheiro, que cumprirá pensar-se sobre a condição de homens, se quiserem cumprir a sua obrigação, que receberam a vida, a salvação, a dignidade, a proteção e, enfim, o direito a uma herança eterna?⁹ E, se qualquer homem, a quem totalmente te ofereceste como fiador, se a lei se cumprir com exaçação, te pode enviar para a cadeia para que saldes a totalidade da dívida: quão justo será aquele juízo pelo qual o Senhor te encerrará nas trevas “*enquanto não pagares o último*” centavo, consoante Ele diz?

Pelo que, se não puderes pagar, permanecerás para sempre nas trevas. Por conseguinte, que te cumpre fazer enquanto te encontras no caminho, isto é, enquanto gozas de vida? Em primeiro lugar deves empregar o máximo empenho em restituir o que deves. Pelo que, se quer a penúria, quer o esquecimento, quer a negligência te levaram a não saldares as dívidas no prazo marcado, imita os devedores quando têm medo de comparecer em juízo por incumprimento do prazo estipulado. Humilha-te diante de Deus; honra-O como é devido; implora-Lhe a sua clemência; e com o maior empenho e perseverança roga-Lhe que dilate o prazo; depois, trata de desveladamente restituíres com todo o escrúpulo o que deves: a saber, que logo a seguir o temas e ames e sigas e o adores com amor filial e exclusivo e cumpras zelosamente a lei e sejas solícito em manter firme o teu espírito, por forma a nunca te deixares corromper por mulher alheia ou, o que é mais de recear, por ensinamentos alheios e pestilenciais.

É que está em jogo a tua vida, em jogo estão a tua salvação e dignidade. Logo, cumpre tomar cuidado para evitar que, enquanto te entregas ao sono, estejas ao mesmo tempo a ser completamente desapossado de todos os bens. Mas aqui alguém teria podido dizer: “– Quem conseguirá suportar tão grande número de trabalhos para velar pela sua vida?” Para que isto não possa dizer-se de modo fundamentado, acrescenta logo a seguir:

6. Vai ter, ó preguiçoso, com a formiga, e considera os seus caminhos, e aprende dela a sabedoria; 7. a qual, não tendo condutor, nem mestre, nem príncipe, 8. faz o seu provimento no estio e ajunta no tempo da ceifa de que se sustentar.

Em todas as coisas se pode divisar a providência da inteligência divina. Na família dos insetos, que existe de mais pequeno ou de mais desprezível do que a formiga? Por outro lado, para quem considera atentamente esta matéria, que há de

⁹ Procede do original o tal ou qual enleio de frase, que sem embargo não obsta à cabal inteligência da ideia.

Formicae igitur exemplo Salomon socordiam increpat et ignauiam pigris obiecat. “O piger”, inquit, “formicam intuere et ex illa tandem disciplinam arripe, quando tam tardus et hebes es ut per te ipsum non intelligas quam turpe sit homini, ad immortalitatem nato, laborem, quo immortalitas est necessario comparanda, defugere. Formica animal minimum tenuissimoque sensu praeditum, nullo monente atque praecipiente, admirabili cura uictum quaeritat: tu, homo, animantium princeps, mente et ratione praeditus, cum Deum principem et monitorem habeas, legique te ad laborem sollicitanti subditus sis, et multos principes legis ministros assidue atque frequenter audire possis, qui te ad laborem erudiant, tamen otium turpissimum industriae honestissimae praeferes, et langore atque desidia ita difflues ut torpore paullatim intabescas et corrumparis? Formica, ut una hieme ali possit, aestatem in assiduo labore consumit; tu, ut in perpetuum cum gloria uiuas, non de somno suscitaberis?

Neque te propositi muneris amplitudo, neque periculi magnitudo, neque decoris et gloriae cupiditas, neque sempiternae ignominia metus, neque magnorum hominum exempla tibi stimulos admouebunt, quibus aliquando uigilantis hominis sensum recipias? Quae haec est stupiditas? Quae salutis obliuio? Quae ueterni magnitudo te tantis rebus indormire compellit?” Adiungit deinde egestatis formidinem, quae magnam uim habet ad animos incitandos:

[9.] *Vsquequo, piger, dormies? Quando consurges e somno tuo?* [10.] *Paululum dormies, paululum dormitabis, paululum conferes manus ut dormias;* [11.] *ueniet tibi quasi uiator egestas, et pauperies quasi uir armatus.*

Mirifice ponit ante oculos mores hominum qui somno dediti sunt. Similiter faciunt illi qui nihil transigunt, nihil expediunt, qui rei gerendae tempus elabi sine fructu patiuntur. Egebunt igitur necessario. Si enim agricola, dum alii terram proscindunt, ipse stertat; si, dum alii sementem faciunt, ille desideat, cum uenerit aestas quid ex agris incultis atque squalidis percipiet? Sic de reliquis dicendum est qui munus suum obire opportuno tempore recusant. Eos omnes “inuadet egestas, ut uiator”: hoc est, sensim ad eos accedet, et fortunas paullatim conficiet; “et pauperies, ut uir armatus”, hoc est, inopia repente inuadet, ut improuiso opibus cunctis spoliet.

mais admirável? Animal sociável, sempre avança em grupos organizados; para se proteger, esconde-se debaixo da terra; junta durante o estio alimento para com ele poder nutrir-se e sustentar-se no inverno; em proporção com o seu corpo, tem forças imensas, pois carrega cargas muitíssimo mais pesadas que o seu corpo; é laboriosa e infatigável e destina à comunidade tudo que consegue obter. É que, não é invejosa, abomina a preguiça, a tal [714] ponto que qualquer formiga incita ao trabalho as mais lentas e energeticamente as impele a apressarem-se.

Por conseguinte, através do exemplo da formiga Salomão critica a indolência e verbera aos preguiçosos a sua moleza. Diz: “Ó preguiçoso, olha para a formiga e aprende depois com ela, uma vez que és tão lento e obtuso que por ti mesmo não entendes quão grande infâmia é para o homem, que nasceu para a imortalidade, fugir do trabalho, através do qual necessariamente se alcança a imortalidade. A formiga, o mais pequeno dos animais e provido de sentidos muito rudimentares, sem que ninguém a aconselhe nem mande, procura a sua subsistência com admirável diligência; tu, que és homem, o rei dos seres vivos, dotado de entendimento e razão, embora tenhas a Deus como teu príncipe e conselheiro, e tenhas sido submetido a uma lei que te exorta ao trabalho, e possas escutar amiúde e frequentemente muitos altos senhores, servidores da lei, capazes de te ensinarem a trabalhar, todavia hás de preferir a infamante ociosidade à honestíssima atividade, e por tal forma amolecerás na inatividade e na indolência que gradualmente te deixes apodrentar e consumir pela inércia? A formiga, para conseguir alimentar-se durante um único inverno, gasta o estio em incessante trabalho; tu, para viveres eternamente na glória, não despertarás do sono?”

Nem a grandeza do prémio prometido, nem a magnitude do perigo, nem o desejo de honra e glória, nem o receio da eterna infâmia, nem os exemplos dos grandes homens te hão de incitar a que algum dia adquiras os sentidos de um homem que está desperto e atento? Que falta de senso é esta? Que esquecimento da salvação? Que grande letargia te obriga a ser indiferente a coisas tão importantes?” Adita em seguida o receio da pobreza, que tem grande eficácia para esforçar o ânimo:

9. *Até quando dormirás tu, ó preguiçoso? Quando te levantarás de teu sono?*
 10. *Um poucochinbo dormirás, outro poucochinbo dormirarás, outro poucochinbo cruzarás as mãos para dormires; 11. e virá sobre ti a indigência como um caminheiro e a pobreza como um homem armado.*

De modo maravilhoso coloca diante dos nossos olhos os costumes dos homens que se entregam ao sono. De modo semelhante procedem aqueles que nada concluem, nada levam a cabo e que deixam correr sem fruto o tempo de realizar as coisas. Por consequência, viverão forçosamente na pobreza. É que, se o agricultor, ao tempo em que os outros aram a terra, ronca na cama; se, ao tempo em que os outros fazem a sementeira, se deixa ficar sentado: quando chegar o estio, que

Nam, cum omnes qui otium nimis amplexantur ad inopiam tendant, alii paullatim eo delabuntur ut egestate tandem conflictentur, alii uero subito, euersis cunctis opibus, opprimuntur. Similiter sunt illi qui, cum uideant opus esse labore et industria ut gratiam Diuinam acquirant, tamen in flagitiis immorantur, uirtutis et pietatis colendae tempus in aliud tempus amentissime [715] reseruant. Itaque, dum differunt, dum stulte procrastinant, mors paullatim appropinquat, in eos tandem irruit atque a rebus omnibus inopes in conspectu Diuino constituit. Hac igitur sententia Sapiens homines ad laborem pro salute tuenda suscipiendum uehementer exhortatur. Sequens porro sententia eos a malitia et fraudulenta calliditate deterret. Inquit enim:

[12.] *Homo apostata uir inutilis, graditur ore peruerso, [13.] annuit oculis, terit pede, digito loquitur. [14.] Prauo corde machinatur malum, et omni tempore iurgia seminat. [15.] Huic extemplo ueniet perditio sua, et subito conteretur, nec habebit ultra medicinam.*

Signa foris ostensa quid intus in animo lateat ostendunt. Quemadmodum, dum animus simplex et purus constantiam et grauitatem retinet, nullam significationem fraudis et uanitatis dare potest, ita qui cogitationibus malitiosis et impuris in partes uarias deducitur, multis modis quibus furiis intrinsecus agitetur indicat. Multa namque machinatur, multa atque uaria fraudis intestinae praesidia molitur; et cum numquam ualde firmum exitum malitiae reperiat, infinitas fraudes animo uersar; et, cum multa furenter excogitet, nullo in loco conquiescit. Ex animo igitur turbulentis motibus agitato, multa signa opus est intestinae turbationis foris emineant. Praeterea, cum uir, numinis Diuini contemptor, malitia plerumque subnixus, sibi ualde sapiens esse uideatur, ita ut bonos pro nihilo ducat, et in summa prauitate summam sapientiae opinionem aucupetur, tam multa concipit animo ut ea lingua explanari minime possint. Itaque multis corporis partibus illi opus est ut, quod est in mente illius inclusum, designetur. Facit igitur idem quod a multis passim fieri uidemus, ut oculorum nutibus petulanter illudat, ut pedum succussu insitum odium demonstret, ut digitorum indicio multos ad perniciem notet multisque modis animum de statu conuulsum in adspectu proponat.

há de colher dos campos incultos e áridos? E assim deve dizer-se o mesmo em relação aos restantes homens que se negam a cumprirem as suas obrigações no momento oportuno. A todos estes “a indigência há de atacá-los, como um caminheiro”: isto é, aproximar-se-á deles aos poucos e consumir-lhes-á gradualmente as fortunas; “e a pobreza, como um homem armado”: isto é, a pobreza atacará de supetão, de maneira a esbulhá-los inesperadamente de todas as riquezas.

Com efeito, uma vez que todos os que gostam excessivamente da ociosidade estão na pendente para a pobreza, uns aos poucos nela cairão, por forma a acabarem por ser atribulados pela indigência, ao passo que outros se veem subitamente por ela esmagados, depois de perderem todos os seus bens. Semelhantemente, existem aqueles que, apesar de verem que é preciso trabalho e atividade para alcançarem a graça de Deus, todavia perseveram nas indignidades e com o maior dos desatinos consagram a outras coisas o tempo que deviam dedicar à virtude e à piedade. [715] E assim, enquanto vão adiando e estultamente protelando, a morte passo a passo se aproxima, arremessa-se enfim sobre eles e torna-os pobres de todas as coisas na presença de Deus. Por conseguinte, com estas palavras sentenciosas o Sábio vivamente exorta os homens a abalançarem-se ao trabalho em prol da sua prosperidade e salvação.

Ora, as palavras que se seguem apartam-nos da malícia e da enganosa manha, pois rezam assim

12. O homem apóstata é um homem inútil, caminha com boca perversa. 13. Ele faz sinais com os olhos, bate com o pé, fala com os dedos. 14. Com depravado coração máquina o mal e em todo o tempo semeia distúrbios. 15. A este tal virá de repente a sua perdição, e de improviso será quebrantado, e não terá mais daí por diante remédio.

Os sinais que se mostram por fora revelam o que se esconde por dentro no espírito. Da mesma maneira que, enquanto um espírito singelo e puro conserva a firmeza e a ponderação, não pode dar nenhum indício de engano e vaidade, assim quem é arrastado em diferentes direções por pensamentos perversos e impuros indica por muitos modos quais os desvarios que interiormente o agitam. É que máquina e urde muitas e variadas defesas para o engano que intimamente oculta e, como nunca descobre uma saída muito firme para a malícia, revolve no espírito infinitos embustes; e, como de modo insano imagina muitas coisas, em parte alguma encontra repouso. Por conseguinte, de um espírito agitado por emoções turbulentas é forçoso que se manifestem exteriormente muitos sinais da perturbação interior. Além disso, sendo certo que o varão, que despreza a majestade divina, de ordinário apoiado na malícia, aos seus próprios olhos se vê como muito sábio, de tal maneira que tem os bons na conta de coisa nenhuma e procura, no grau sumo da perversidade, alcançar a reputação da mais elevada sabedoria, imagina tantas coisas que é impossível exporem-se só com esta língua. E assim necessita

Cum igitur tantis morbis intestinis homines fraudulentum, qui in scelere gloriantur, oppressi sint, e quibus emergere nullo pacto uolunt, ius Diuinum postulat ut inopinato iudicio conerantur. Insanabile namque fere malum est superbia immanis, armis calliditatis atque malitiae succincta. Ferro igitur resecandum est, et non medicina depellendum.

[16.] *Sex sunt quae odit Dominus, et septimum detestatur anima eius:* [17.] *oculos sublimes, linguam mendacem, manus effundentes innoxium sanguinem,* [18.] *cor machinans cogitationes pessimas, pedes ueloces ad currendum in malum,* [19.] *proferentem mendacia, testem fallacem,* (clarius [716] secundum Hebraeum, Testem fallacem, cuius spiritus eructat mendacia) *et eum qui seminat inter fratres discordias.*

Quae sunt maxime fugienda, ne in offensionem Dei incidamus, in summa perstringit. Primum malum numerat fastum et insolentiam, quae in oculorum elatione et in fastidio minime tolerando perspicitur. Superbi namque sunt Diuini numinis hostes sempiterni. Illius enim iudicia contemnunt, et quasi a se ipsis orti sint, efferuntur, gloriamque Diuinam ad se transferre conantur.

Secundum uero malum in lingua mendaci positum esse docet. Ab animo namque uanissimo mendacium profluit, et ad perniciem humani generis erumpit, et est turpissimae seruituti finitimum. Nemo enim mentitur aliis qui non prius spe inani decipiat et, quemadmodum ueris bonis beata uita continetur, ita miseria tota uanitate conficitur atque, postremo, cum mendacium ex metu plerumque ortum habeat, consequens est ut sit cum animi abiectio et seruili humilitate coniunctum.

Tertium malum numerat, in sanguinis effusione sine causa uersari. Non enim homo putandus est qui hominem innocentem uita spoliatur, sed immanis et truculenta bellua et dirum monstrum, atque prodigium e terris exterminandum. Humanitatem namque exsui et feritatem uiolenter arripit et ius humanum scelestissime uiolat et Dei iudicium minime pertimescit.

Quartum uero malum censet esse cor fraudes et insidias perpetuo cogitans, ita, ut nihil umquam rectum, nihil simplex, nihil salutare, nihil commodum possit aliquando meditari, eo quod sit multiplici ui prauitatis infectum et in potestate totius sceleris et perfidiae constitutum. Est igitur in illo perennis fons ueneni pestiferi, unde morbi pestilentes, qui hominum coetus inficiunt, continenter emanant.

de muitas partes do corpo para expressar o que está encerrado no seu entendimento. Portanto, faz aquilo mesmo que a cada passo vemos que muitos fazem, de maneira a escarnecer com os insolentes trejeitos dos olhos, a mostrar com o bater do pé o ódio que o rala no íntimo, a condenar muitos à ruína com o apontar dos dedos e por muitos modos dar a conhecer externamente o espírito perturbado.

Por consequência, uma vez que os homens falsos, que se ufanam do crime, são assoberbados por tão grandes enfermidades internas, das quais de forma alguma querem libertar-se, a lei divina requer que sejam esmagados por um juízo inesperado. É que a monstruosa soberba, armada com os recursos da astúcia e da malícia, é um mal quase incurável. Portanto, deve ser cortado pelo ferro e não debelado com mezinhas.

16. *Seis são as coisas que o Senhor aborrece e a sua alma detesta a sétima: 17. olhos altivos, língua mentirosa, mãos que derramam sangue inocente, 18. coração que maquina malvadíssimos projetos, pés velozes para correr ao mal, 19. testemunha falsa que profere mentiras* [mais claramente [716] de acordo com texto hebraico: “testemunha falsa, cujo espírito revessa mentiras”] *e o que semeia discórdias entre seus irmãos.*

Apresenta um resumo daquilo de que mais devemos fugir para não incorremos no desagrado de Deus. Enumera como o primeiro mal a soberba e a arrogância, que se dá a conhecer através da altivez do olhar e da intolerável altaneria. É que os soberbos são inimigos eternos da divindade, pois desprezam os Seus conselhos e, como se tivessem nascido de si mesmos, ensoberbecem-se e empenham-se em transferir para si a glória divina.

E ensina que o segundo mal se encontra na língua mentirosa. De facto, a mentira procede de um espírito falso, surge para perdição do género humano e está paredes meias com a mais infame servidão. É que ninguém mente a outros sem primeiro enganar com uma esperança vã e, da mesma maneira que a vida bem-aventurada se encerra nos verdadeiros bens, assim a desgraça resulta inteiramente da vaidade e, por derradeiro, uma vez que ordinariamente a mentira nasce do medo, segue-se como consequência necessária que esteja unida com a baixaza de ânimo e a humildade servil.

Enumera como terceiro mal o derramar sangue sem motivo. Com efeito, não deve ser tido na conta de homem quem priva de vida um homem inocente, mas antes como uma besta-fera desumana e violenta e um terrível monstro e uma aberração da natureza, que merece ser exterminado da face da terra. É que renegou a humanidade e violentamente se apossou da natureza de fera e do modo mais criminoso transgride o direito humano e não mostra temor pelo juízo de Deus.

Considera, depois, que o quarto mal é um coração que incessantemente maquina enganos e ardis, de maneira que jamais consegue alguma vez meditar seja o que for de reto, de puro, de salutar e de proveitoso, porque se encontra

Quintum porro malum docet esse in scelesto facinore perpetrando festinationem atque nimiam celeritatem. Signum enim est id libentissime et cum insigni uoluptate fieri quod nimis properanter efficitur. Cum igitur ab aliquo facinus scelestissimum cum uoluptate fit, plane liquet naturam illius qui facinus fecit esse immutatam et in totius feritatis immanitatem conuersam.

Quid de sexto malo dicendum? Non enim solum ius societatis humanae uiolat, sed, quod est longe detestabilius, in Deum conuicia iactat. Iusiurandum enim suscipit, Deum testem inuocat, se dirissima execratione deuincit, cum mendacia perpetuo fundat nomenque Domini insigni conuicio prosequatur.

Sed septimum facinus, quod est omnium scelestissimum, uideamus. Illo namque obligati sunt qui discordias inter fratres ferunt. “Quo tamen modo”, inquires, “hoc malum ultimo loco positum, quasi omnium, maximum et maxime Deo et hominibus execrandum?” Quia causam continet omnium malorum quae memorata sunt. Nemo enim pacem turbare facile potest, nisi confidens et elatus et oculorum elatione nimis insolenter innixus. [717] Nemo umquam saepius et confidentius mentietur eo qui dissidia concitare contendit. At uero multa sanguinis effusio unde prouenit, nisi ex turbulenta dissensione qua homines etiam coniunctissimi caedem suis furibunde moliuntur? Ergo, qui dissensionis causam attulit is est qui crimine infando nefariae caedis alligatus est. Iam uero, quis non uidet eum qui hoc suscipit, ut societatem et coniunctiorem animorum dirimat et odium inflammet, efficere tantum facinus minime posse, nisi noctes et dies de instituto scelere cogitet et mente perpetuo perniciem machinetur?

Deinde, quis maiorem celeritatem ad maleficia facienda suscipiet eo qui, pessimis cogitationibus expletus et quodammodo scelere grauidus, anxie parturit omnibusque modis nititur ut in lucem tandem editum uideat quod mente corrupta et contaminata nimis flagitiose concepit? Tantam enim ex desiderio sceleris efficiendi molestiam capit, tantaque sollicitudine et cura cruciatur, tantoque metu ne prius in uulgus emanet inclusum corde facinus, ad quod meditatus atque paratus est, quam illud effectum cernat, afficitur, ut nullo modo possit angore aliqua ex parte releuari. Id autem eum impellit ut, quoties opus illi sit, fraudes, quas impura et contaminata mente concinnat, sine ullo Dei metu, iureiurando confirmet, ut facilius discordia concitetur et ad communem perniciem, quoad fieri possit, erumpat.

envenenado pela força multiforme da perversidade e está totalmente em poder do crime e da traição. Por consequência, nele se encontra uma fonte perene de pestilencial peçonha, da qual jorram incessantemente as terríveis enfermidades que corrompem as sociedades humanas.

Depois, ensina que o quinto mal consiste na pressa e sobeja rapidez no perpetrar das malfetorias. É que, o fazer-se algo com muita celeridade, é prova de que se faz de muito bom grado e com imenso prazer. Por conseguinte, quando alguém pratica com prazer uma ação muitíssimo criminosa, conclui-se sem margem para dúvidas que a natureza de quem perpetrou a malfetoria se transformou e metamorfoseou totalmente em bárbara crueldade.

Que cumpre dizer-se acerca do sexto mal? É que não só viola as leis da sociedade humana, mas, algo que é de longe mais abominável, profere insultos contra Deus. De facto, faz juramento, invoca a Deus como testemunha, obriga-se a uma terrível maldição, sendo certo que incessantemente profere mentiras e ultraja o nome do Senhor com um imenso insulto.

Mas vejamos a sétima malfetoria, aquela que é de todas a mais criminosa. É que de facto nela incorrem os que espalham a desavença entre irmãos. “Todavia, porquê,” perguntarás, “se citou em último lugar este mal, como se fosse o mais grave de todos e o que Deus e os homens mais devem execrar?” Porque contém a causa de todos os males que foram referidos. É que ninguém pode perturbar facilmente a paz, senão o confiado e soberbo, com sobeja insolência apoiado na sua altivez. [717] Nunca ninguém mentirá mais amiúde e confiadamente do que aquele que se esforça por atizar desentendimentos. Mas donde provém a muita efusão de sangue senão das violentas desavenças devido às quais homens até estreitissimamente ligados entre si ensanhadamente provocam a morte violenta dos seus? Logo, quem deu causa às dissensões tornou-se culpado do inominável crime de sacrílego assassinio. Ora, quem não se apercebe de que, quem emprende desunir a união e proximidade dos espíritos e atizar o ódio, não pode levar a cabo tão grande malfetoria se, durante dias e noites, não se dedicar a pensar sobre o crime que maquina e a incessantemente urdir no seu espírito projetos de destruição?

Em segundo lugar, quem mostrará maior rapidez para realizar as malfetorias do que aquele que, a transbordar dos mais perversos pensamentos e em certa maneira grávido de crime, ansiosamente dá à luz e por todos os modos se esforça por ver finalmente dado à luz aquilo que de modo assaz vergonhoso concebeu com o seu entendimento corrupto e empeçonhado? É que o desejo de perpetrar o crime causa-lhe tão grande inquietação, e é atormentado por tão grande preocupação e cuidado, e tortura-o tamanho medo de que a malfetoria, oculta no peito, que meditou e urdiu, se venha a tornar pública antes de ele a ver levada a efeito, que de forma alguma consegue sentir-se parcialmente aliviado dessa ansiedade. Por outro lado, isto impele-o a, sempre que precisar, confirmar através de juramento, sem qualquer temor de Deus, os enganos que inventa com mente

Rectissime igitur septimo loco scelus illud, tamquam malorum omnium maximum, a Sapiente positum est, quod reliqua omnia, quae sunt ante dicta, ambitu suo complectitur. Est igitur hoc facinus Deo omnium illorum maxime detestandum et acerrime uindicandum; et si, quemadmodum ipsa sapientia testificatur, “qui pacem faciunt sunt Dei filii annumerandi”²⁴, nonne liquet eos qui dissensiones inter fratres et amicos atque necessarios excitant esse in Satanae stirpe censendos?

[20.] *Conserua, fili mi, praecepta patris tui, et ne dimittas legem matris tuae.*
 [21.] *Liga eam in corde tuo iugiter, et circumda gutturi tuo.* [22.] *Cum ambulaueris, gradientur tecum; cum dormieris, custodiant te; et euigilans loquere cum eis.* [23.] *Quia mandatum lucerna est, et lex lux, et uia uitae increpatio disciplinae.*

Rursus se uis amoris indicat. Rursus patris sapientis auctoritas et matris sollicitudo perspicitur. Rursus eadem monita repetuntur, ut in animo firmius infixae permaneant, ne umquam elabantur.

[24.] *Vt custodiant te a muliere mala, et a blanda lingua extraneae.*

Tantum ne periculi a muliere impudica uiris impendet ut toties admonendi sint ut earum insidias declinent? Tantum profecto. Libertatem [718]namque tollunt, uirtutis neruos incidunt, mentibus tenebras offundunt, religionem frequenter euellunt, opiniones animis pestilentes inferunt, domos dedecore omni contaminant et uniuersam saepe Rempubicam funditus euertunt. Plenae historiae sunt, et uitae communis exemplis confirmari potest, uix esse ullum Satanae telum ad stragem edendam uehementius.

[25.] *Non concupiscat pulchritudinem eius cor tuum, ne capiaris nutibus illius.*

Principiis malorum est acriter obsistendum, si cupimus uictoriam adipisci. Inueteratum namque malum uires colligit quibus difficillime repugnatur. Porro autem mali huius principium est mulierem speciosam libenter adspicere et absentis imaginem in corde defixam periculosa recordatione contemplari. Has insidias fugere iubet Sapiens, has fraudes astutia salutari deuitare, haec pericula multo ante, quam necem inferant, praecauere.

²⁴ Vd. Vulgata, Mt. 5, 9.

corrupta e impura, a fim de que a discórdia mais facilmente se desperte e, para perdição de todos, se desencadeie, até aonde lhe for possível.

Por conseguinte, foi com todo o rigor que o Sábio colocou em sétimo lugar aquele crime, como o maior de todos os crimes, que no seu âmbito abarca todos os restantes que antes se tinham referido. Este crime, portanto, é de todos aqueles o que Deus mais deve aborrecer e severamente castigar; e se, tal como a própria sabedoria testifica, “os que fazem a paz devem ser contados entre os filhos de Deus”, [Mt 5. 9.] porventura não se conclui que os homens que atijam as desavenças entre irmãos, amigos e parentes devem ser arrolados na linhagem de Satanás.

20. *Conserva, filho meu, os preceitos de teu pai e não largues a lei de tua mãe.*
 21. *Traze-os incessantemente atados ao teu coração e põe-nos à roda da tua garganta.* 22. *Quando andares, eles te acompanhem; quando dormires, eles te guardem, e em acordando fala com eles,* 23. *porque o mandamento é uma candeia, e a lei uma luz, e a repreensão da correção o caminho da vida;*

De novo aponta a força do amor. De novo se vê a autoridade do pai sábio e o desvelo da mãe. De novo se repetem os mesmos conselhos, para que fiquem mais firmemente gravados no espírito, por forma a nunca se desvanecerem.

24. *para que te guardem da má mulher e da língua lisonjeira da estranha.*

Acaso é tamanho o perigo com que a mulher desavergonhada ameaça os homens para que seja mister aconselhá-los tantas vezes a que não cedam aos seus ardis? Sem dúvida que esse perigo é assim grande. É que suprimem a liberdade, [718] cerceiam os músculos da virtude, derramam sombras nos entendimentos, frequentemente arrancam a religiosidade, introduzem opiniões pestilenciais nos espíritos, mancham as casas com toda a sorte de ignomínias e amiúde arruinam por completo a comunidade. As histórias estão cheias de exemplos, e com os da vida corrente pode confirmar-se que dificilmente Satanás possui alguma arma mais violenta para causar a destruição.

25. *Não cobice o teu coração a sua formosura nem te deixes prender dos seus acenos,*

Se desejamos alcançar vitória, devemos resistir vigorosamente aos males no seu começo. É que um mal arreigado ajunta forças às quais mui dificilmente se resiste. Ora, por outro lado, o princípio deste mal é olhar com complacência a mulher formosa e contemplar com perigosa lembrança a imagem da ausente gravada no coração. O Sábio ordena que se fujam destes ardis, que com salutar astúcia se evitem estes enganos e que se tomem precauções contra estes riscos muito antes de ocasionarem a ruína.

[26.] *Pretium enim scorti uix est unius panis, mulier autem uiri pretiosam animam capit.*

Duplex libidinis impurae genus commemorat. Vnum cum meretricibus, alterum cum nuptis. Nuptam uiri mulierem nominat ad discrimen meretricis, quae nullum uirum proprium agnoscit. Meretrices quidem homines bonis spoliunt atque ad mendicitatem redigunt. Hoc significat Salomon, cum ait, “Pretium scorti uix est unius panis”, hoc est, eo rediguntur homines ut sit illis, propter inopiam, cibus emendicandus. Adulterae autem uitam eripiunt. Adulterii enim crimen morte uindicatur.²⁵ Hoc uero in loco uisum est eorum confidentiam castigare qui confidunt se posse ita consuetudine et familiaritate nuptae mulieris implicari ut minime corruant. Summa namque temeritas est opinari posse quemquam libidinem in lubrico et periculoso loco incitatum continere, ne labatur. Quid autem magis periculosum sit, specie pulchritudinis oculis saepius obiectae et sermonis lasciuī blanditiis et oculorum lenociniis, quae flammās furoris suscitant, cogitari non potest.

Ab hoc igitur tanto uitae discrimine ut auocet Sapiens plus nimio sibi praefidentes et incautos, ait:

[27.] *Numquid potest homo abscondere ignem in sinu suo, ut uestimenta illius non ardeant?* [28.] *Aut ambulare super prunas, ut non comburantur plantae eius?* [29.] *Sic qui ingreditur ad mulierem proximi sui, non erit mundus cum tetigerit eam.*

Vt ignis in sinum immissus pectus adurit et ut plantae quae prunas calcant necessario comburantur, sic necesse est ut, qui nupta muliere familiariter utitur, flamma libidinis incendatur. [719] Quod crimen non erit impunitum, acerrimi enim iudicii poenam sustinebit omnis qui eam attigerit.

[30.] *Non grandis est culpa, cum quis furatus fuerit: furatur enim ut esurientem impleat animum.* [31.] *deprebensus quoque reddet septuplum, et omnem substantiam domus suae tradit.*

Docet quanto grauius sit adulterii crimen furto. “Non contemnent”, inquit Hebraeus, nempe iudices furem. Hoc est, non negligent illius salutem. Nec enim inferent illi necem, uel, ut noster Latinus ait, non grandis est culpa cum quis furatus fuerit. Nondum uidelicet haec lex quae furtum morte plectit fuerat, auctoritate eorum qui iuridicundo praeerant, comprobata. Quod quidem neque a Diuinæ

²⁵ Vd. Vulgata, *Lev.* 20, 10.

26. porque o preço da meretriz apenas é de um pão, mas a mulher cativa a alma do homem, a qual não tem preço.

Refere-se a duas espécies de impura sensualidade: uma com as meretrizes, a outra com as esposas. Chama esposa à mulher do varão para a distinguir da meretriz, que não reconhece nenhum varão como seu marido. As meretrizes despojam os homens de bens e reduzem os homens à mendicidade. Isto quer dizer Salomão, quando escreve: “o preço da meretriz apenas é de um pão”, ou seja, reduzem os homens a tal estado que, devido à penúria, se lhes torna necessário mendigar o alimento. Por outro lado, as adúlteras arrancam a vida, porquanto o crime de adultério é punido com a morte. [Lv 20. 10.] Nesta passagem parece que profliga a confiança dos que confiam que podem tratar com intimidade e familiaridade as mulheres casadas de tal maneira que não sucumbem. Na verdade é o maior dos desatinos pensar que pode alguém refrear a sensualidade atijada numa situação de grande perigo e risco, por forma a não claudicar. Ora, não pode imaginar-se que haja coisa mais perigosa do que a aparência da beleza postada mui amiúde diante dos olhos ou os afagos de uma linguagem licenciosa ou as seduções do olhar, que ateiam as chamas do desvario.

Por conseguinte, para apartar de um tão grande perigo de vida os que excessivamente confiam em si mesmos e os incautos, o Sábio diz:

27. Acaso pode o homem esconder o fogo no seu seio sem que ardam os seus vestidos? 28. Ou pode ele andar por cima das brasas sem que se queime a planta de seus pés? 29. Assim o que se chega à mulber de seu próximo não ficará limpo depois de a tocar.

Como o fogo lançado sobre o seio queima o peito e como as plantas dos pés que calcam as brasas necessariamente se abrasam, do mesmo modo é forçoso que quem trata familiarmente uma mulher casada se abrase na chama da concupiscência. [719] Crime este que não ficará impune, pois sofrerá o castigo de um juízo severíssimo todo aquele que lhe tocar.

30. Não é grande culpa quando algum furtar, porque furta para saciar a sua esfaimada alma; 31. também, depois de colhido às mãos, pagará sete vezes em dobro e entregará todos os bens da sua casa.

Ensina o quão mais grave é o crime de adultério do que o de furto. “Não condenarão”, diz o texto hebraico: a saber, “os juízes o ladrão”. Os seja, não serão indiferentes à salvação dele. É que não lhe infligirão a pena de morte, ou, como diz o nosso tradutor latino, a culpa não é grande quando alguém roubar. Como é óbvio, ainda não fora aprovada, por autoridade dos homens que tinham o encargo de legislar, aquela lei que pune o furto com a morte. Algo que não foi

legis seueritate sancitum fuit nec ab ullis Rerumpublicarum conditoribus statum nec ullis olim iureconsultis in mentem uenit ut non ita magnae pecuniae gratia, non per uim aut per ignominiam, sed astute atque fraudulentè ereptae, furibus poenam mortis irrogarent. Et, quod est multo magis mirandum, sunt plerumque homines multo magis furibus, quam adulteris atque homicidis, infesti. Adulteris enim ignoscendum putant, homicidas autem, si possunt, contra magistratus omni ope tuendos existimant; fures autem crudelissime persequuntur et, cum apud nos liceat marito, tributa uenia, uxorem a morte legibus constituta uindicare, non licet ei, cui furtum factum fuit, ueniam furi tribuere.

Vnde hanc opinionem hominum, qui maius supplicium furto quam adulterio aut homicidio imponendum arbitrantur, ortum habuisse dicemus? Num iccirco quia pluris pecuniam quam honestatem aut hominum caritatem faciunt? Non dico furtum minime puniendum esse. Sed temporum condicio fecit ut ea poena contenti non essemus quam lex Diuina proposuit, et non propterea contra legislatoris mentem et sententiam iustam, legis seueritatem immanitate nostra cumulare ab aliquibus iudicandi sumus. Non enim Deo iustiores existimari cupimus et indulgentiam illius emendare conamur, esset enim facinus audax et cum suspicionis temeritatis et amentia conflatum. Sed temporum diuersitas hoc nunc flagitat quod tunc in ea Republica erat merito reprehendendum. Sed ad institutum reuertantur.

Salomon, ut doceat quanto minus odiosum sit furtum quam adulterium, excusat quodammodo furem, ait enim furem habere excusatione egestatis et famis qua premebatur atque praeterea posse maleficium re familiari compensare. Cogebatur enim reddere septuplum, hoc est, id ipsum quod furatus fuerat, multis accessionibus amplificatum restituere, aut saltem totam rem familiarem tradere²⁶. At adulter absque ulla necessitate eripit alienae mulieri pudorem, eripit proximo suo dignitatem, facit incertam prolis condicionem, [720] matrimonii sanctitatem uiolat, foedus Diuinum frangit idque postremo facinus suscipit quod non potest ulla ratione compensari.

[32.] *Qui autem adulter est, propter cordis inopiam perdet animam suam, [33.] turpitudinem et ignominiam congregat sibi, et opprobrium illius non delebitur.*

Hoc est, mentis inops est qui, dum uoluptatem exquirat, dolorem sibi et exitium comparat, et praeterea minime cernit se in sempiternum dedecus incurrere.

²⁶ Vd. Vulgata, Ex. 22, 12.

promulgado pelo rigor da lei divina nem estabelecido por nenhuns fundadores de Estados nem antigamente acudiu à lembrança de nenhuns jurisconsultos, a irrogarem a pena de morte aos ladrões por causa de quantias de dinheiro não muito elevadas, roubadas não de modo violento ou ignominioso, mas mediante manha e embuste. E, algo que é muito mais espantoso, ordinariamente os homens sentem muito maior hostilidade contra os ladrões do que contra os adúlteros e homicidas. É que acham que os adúlteros devem ser perdoados, ao passo que em relação aos homicidas, se podem, consideram que devem prestar-lhes toda a espécie de ajuda contra os representantes da lei; aos ladrões, porém, perseguem-nos com toda a sanha, e, sendo certo que entre nós é permitido ao marido, depois de lhe conceder o perdão, livrar a esposa da morte estabelecida pela lei, não é lícito a quem foi vítima de furto perdoar ao ladrão.

Donde diremos que se originou esta opinião dos homens, que consideram que se deve impor um castigo maior ao furto do que ao adultério ou ao homicídio? Porventura porque prezam mais o dinheiro do que a honra ou o amor ao próximo? Não afirmo que o furto não deva ser castigado. Mas a condição dos tempos fez que não nos contentássemos com a pena que a lei divina impôs, e não por causa disso devem alguns julgar que, contrariando a intenção e justa sentença do legislador, aumentamos o rigor da lei com a nossa desumanidade. De facto, não desejamos ser considerados mais justos do que Deus nem nos empenhamos em corrigir a Sua indulgência, pois tal seria uma atitude atrevida e assacável ao desatino e vesânia. Mas a diferença das épocas exige hoje aquilo que então nesta comunidade merecia com motivo repreensão. Mas regressemos ao nosso tema.

Salomão, a fim de ensinar o quão menos odioso é o furto do que o adultério, de uma certa maneira desculpa o ladrão, pois diz que o ladrão tem a desculpa da pobreza e da fome que o oprime e além disso pode compensar a sua malfeitoria com o seu património. É que era obrigado a entregar o sétuplo, isto é, aquilo que furtara, aumentado com muitos acréscimos, ou pelo menos a entregar todo o seu património. [Éx 22.] Mas o adúltero rouba sem qualquer necessidade o pudor da mulher alheia, rouba ao próximo a sua dignidade, torna incerta a sorte da prole, [720] viola a santidade do matrimónio, quebra um contrato divino e, finalmente, comete uma malfeitoria para a qual de modo algum existe ressarcimento.

32. Porém o que é adúltero perderá a sua alma por causa da loucura do seu coração. 33. Ele ajunta para si a infâmia e a ignomínia e não se apagará o seu opróbrio;

Isto é, encontra-se privado de entendimento quem, ao ir empós da deleitação, adquire para si dor e perdição, e além disso não enxerga que incorre em infâmia sempiterna.

[34.] *Quia zelus et furor uiri non parcat in die uindictae, [35.] nec acquiescet cuiusquam precibus, nec suscipiet pro redemptione dona plurima.*

Nihil est quod grauiore sensu doloris animum uiri qui honestatem plurimi facit, excruciet. Cernit enim amoris legitimi foedus nefarie uiolatum; uidet fuisse sibi hominem nequam a muliere quam amabat antelatum; conspicit domum suam impurissima labe maculatam; aestuat, extra se rapitur et propemodum insanit; et quo ardentius uxorem amabat, eo magis, grauitate criminis offensus, odio ducitur, ita ut nullius precibus possit ad misericordiam inflecti aut muneribus impediri quominus mulieris nomen ad iudices deferat et adulteros accuse reumque tandem peragat, ut illius nece et interitu suum dolorem ulciscatur.

“Diem uindictae” diem iudicii nominat, quo adulteri ad supplicium trudentur. Est quidem haec dies, quo nocentes iudicum sententia morte poenas exsoluunt, horribilis et pertimescenda. Illa tamen est maxime omnium metuenda qua nobis, in summi atque sanctissimi iudicis adspectu constitutis, est uitae totius ratio reddenda et occulta etiam cogitationes in apertum proferendae et mentes omni integumento spoliandae, ut turpitudine libidinis et impuritatis et furor immanitatis emineat, ignominiaque sempiterna, cum cruciatibus sempiternis, eos quos importuna mors in flagitiis oppressit, excipiat. Haec est uindictae dies, cuius reliquae, quae ad timorem proponuntur, sunt imagines et umbrae, nec ullo modo cum illo tremendo iudicio comparandae.

Hic enim metus ab hominibus pendet; illum irati numinis uultus incutiet. Hic angusto termino definitur; ille nullis finibus in omni saeculorum aeternitate terminabitur. Dolores humano iudicio constituti sunt modici et ad corporis tantum interitum destinati; illic erunt ingentes ad corporis et animi cruciatum comparati; illic igitur adulteria et caedes atque flagitia debitis poenis punientur et infinita contumacia eorum qui redire ad officium nullo modo uoluerunt, pro merito plectetur; non hic, ubi non possunt excogitari poenae quae pro magnitudine sceleris contemptum caelestis numinis ulciscantur.

Salomon igitur, cum de iudicio cum iudicio humano loquitur, ita loquitur ut, ex [721] huius tenui similitudine, quam horribile sit futurum illud iudicium cogitemus. Hoc igitur timore iniecto, Salomon ad eadem monita eadem mente reuertitur.

34. *porque o ciúme e o furor do marido não lhe perdoará no dia da vingança,*
35. *nem ele se dobrará aos rogos de nenhum, nem receberá em satisfação presentes,*
ainda que sejam em mui grande número.

Não há coisa que atormente com mais excruciante dor a alma do marido que muito preza a sua honra. É que vê sacrilegamente violado o pacto do amor legítimo; vê que a mulher, a quem amava, a ele preferiu um homem que nada vale; contempla a sua casa manchada por uma impuríssima nódoa; entra em agitação, fica fora de si e quase ensandece e, quanto mais ardente era o amor que sentia pela esposa, tanto mais, ofendido pela gravidade do crime, é senhoreado pelo ódio, de tal maneira que não há rogos capazes de dobrá-lo à compaixão ou dádivas que o impeçam de acusar perante os juizes a sua mulher e apresentar queixa contra os adúlteros e condenar enfim o réu, a fim de com a morte e execução deste vingar o seu desgosto.

Chama “dia da vingança” ao dia do juízo, em que os adúlteros são arrastados para a execução. É decerto horrível e mui de temer este dia em que os culpados, por sentença dos juizes, expiam com a morte os seus crimes. Todavia, mais do que todos deve temer-se aquele em que, postados na presença do supremo e santíssimo Juiz, nós devemos prestar contas da nossa vida inteira e mostrar, diante de todos, até os pensamentos secretos e os entendimentos despojados de toda a sorte de encobrimentos, por forma a que se mostre à luz a torpeza da sensualidade e da impureza e a vesânia da desumanidade e a que a imorredoura infâmia, com tormentos sempiternos, acolha aqueles a quem uma morte inesperada ceifou no meio das infâmias. É este o dia da vingança, cujos restos, que se colocam diante dos nossos olhos para assustar-nos, são imagens e sombras, que de forma alguma padecem confronto com aquele tremendo julgamento.

É que este medo depende dos homens; ao passo que aquele há de inspirá-lo a catadura da divindade irada.

Aquele está delimitado por breve prazo; este não há de ter qualquer termo por toda a eternidade dos séculos. As dores estabelecidas pelo julgamento humano são moderadas e dirigidas unicamente à morte do corpo; ao passo que neste lugar elas são imensuráveis e pensadas para atormentar o corpo e o espírito. Neste lugar, por conseguinte, os adultérios e os homicídios e as infâmias serão castigados com as merecidas penas, e a infinita contumácia daqueles que, de forma alguma, quiseram regressar ao cumprimento dos seus deveres, será punida de acordo com o que merecem: não naquele lugar, onde não é possível imaginarem-se penas que vinguem o desprezo pela divindade de modo proporcionado à enormidade do crime.

Salomão, portanto, quando fala acerca do juízo humano, fala por forma a que, a partir [721] de uma ténue semelhança com este, nos capacitemos de quão horrível há de ser aquele juízo. Portanto, depois de suscitado este temor, Salomão com o mesmo desígnio retorna aos mesmos conselhos.

Ait enim:

CAP. VII

[1.] *Fili mi, custodi sermones meos, et praecepta mea reconde tibi.* [2.] *Serua mandata mea, et uiues; et legem meam quasi pupillam oculi tui.*

Vt enim nihil est in sensibus nostris adspectu praestantibus, ita nihil est in toto corpore maiore naturae prouidentia et sedulitate munitum. Palpebris enim oculi saepiuntur, quae tanta celeritate, quoties opus est, ut a pupilla noxia cuncta repellant, accurrunt, ut uix quidquam possit incidere quod oculis noceat. Non potuit igitur magis diligentiae, qua lex seruanda est, praeceptum describere, quam similitudine qua, naturae monitu, adspectum repentino subsidio tuemur.

[3.] *Liga eam in digitis tuis, scribe illam in tabulis cordis tui.*

Digitis gestamus rei illius quam memoria tradere uolumus signa et quod memoria conseruare cupimus in corde recondimus. Vult igitur Sapiens ut perpetuo de lege Diuina cogitemus, omnibus modis enitamur et uigilemus ne umquam ex animis nostris excidant ea in quibus salus nostra consistit.

[4.] *Dic sapientiae: Soror mea es, et prudentiam uoca amicam tuam.* [5.] *Vt custodiat te a muliere extranea et ab aliena quae uerba sua dulcia facit.*

Eumdem metum rursus iniicit et simul ostendit quanto sapientiae atque prudentiae praesidio opus sit ad magnitudinem tanti periculi declinandum. Difficillimum namque est uoluptatis cupiditati, quae est implicita in natura, repugnare, et blanditiis, quibus impudicae mulieres libidinis incedium suscitant, obsistere est perfectae uirtutis officium. Quocirca monuit ut sapientiam sororem et prudentiam necessariam et propinquam et affinem perpetuo nominemus, nempe, ut, illius custodia muniti, tam capitales insidias a nostris capitibus arceamus.

Periculum autem oculis paene subiicit et orationem perditae mulieris, mortiferis lenociniis adiunctam, sane luculenter exponit.

Com efeito, diz:

CAPÍTULO VII

1. Filho meu, guarda as minhas expressões e esconde dentro de ti os meus preceitos. 2. Filho, observa os meus mandamentos, e viverás; e guarda a minha lei como a menina do teu olho.

Na verdade, assim como nos nossos sentidos nenhum é mais excelente do que o da vista, assim nada existe em todo o corpo que a natureza tenha defendido com maior providência e cuidado. É que os olhos estão protegidos pelas pálpebras, que, sempre que é preciso, para repelirem da pupila tudo que é nocivo, acorrem em seu auxílio com tamanha rapidez que dificilmente pode sobrevir alguma coisa que cause dano aos olhos. Por conseguinte, não pode expor melhor o preceito da diligência com que se deve observar a lei do que através da comparação com o que, por instinto natural, fazemos, defendendo a vista com um movimento de proteção repentino.

3. Traze-a atada aos teus dedos, escreve-a nas tábuas do teu coração.

Nos dedos colocamos os sinais daquela coisa que queremos confiar à memória e guardamos no coração o que desejamos conservar na memória. Por conseguinte, o Sábio pretende que pensemos incessantemente sobre a lei divina, que por todos os modos nos esforcemos e desvelemos por que jamais das nossas almas desapareçam aquelas coisas nas quais assenta a nossa salvação.

4. Dize à sabedoria: “Tu és minha irmã”, e chama à prudência a tua amiga. 5. Para que te guarde da mulher estranha e da albeia, que adoça as suas palavras.

Incute de novo o mesmo receio e do mesmo passo mostra quão grande proteção da sabedoria e da prudência se fazem mister para esquivar um perigo de tamanhas dimensões. De facto, é muitíssimo difícil fazer frente ao desejo de prazer, que está implantado na natureza, e o dever da virtude perfeita é resistir às blandícias com que as mulheres despejadas atizam o incêndio da sensualidade. Razão pela qual aconselhou que sempre designemos a sabedoria como irmã e a prudência como amiga e parente: a saber, para que, protegidos pela sua guarda, afastemos das nossas cabeças ardis tão mortíferos.

Por outro lado, quase nos põe à frente dos olhos e com muita propriedade dá a conhecer a linguagem da mulher perdida, jungida a letais seduções.

[6.] *De fenestra enim domus meae per cancellos prospexi; [7.] et uideo paruulos, considero uecordem iuuenem [8.] qui transit per plateas iuxta angulum et prope [722] uiam domus illius graditur.*

Sapientis est perditos etiam mores hominum mente ad praecauendum percipere et omnia quae uersantur in uita considerare, ut melius sapientiae fructum, qua est ex tantis laqueis expeditus, recognoscat, et quam sit obstrictus Diuinae gratiae, qua ex tam multis periculis emersit, intelligat. Fenestra uero, ex qua Sapiens uagos ingressus perditae iuuentutis prospicit, est intima cogitatio, et exterioris etiam sensus intentionem, qua se ipsum ad flagitiorum recordationem erigit, “cancellos” appellat. Dicit uecordem iuuenem incedere prope angulum domus illius. Cuius? Illius certe quam extraneam et alienam nominauit. Quorsum? Vt illam precibus ad consensum turpissimae uoluptatis alliceret? Vt de uulnere, quo erat ictus, querimoniam haberet, ut cum lacrimis etiam misericordiam imploraret? Nihil opus fuit, ipsa namque illi ultro occurrit, ut incensam cupiditatem multo acrius inflammaret. Sed, quo tempore adolescens uagari coepit, est animaduertendum.

[9.] *In obscuro, aduesperascente die, in noctis tenebris et caligine.*

Tempus uariis modis describit, ut explanet iuuenis amentis in flagitii meditatione perseuerantiam. Nam, a principio noctis ad mediam noctem, exspectans tenebras et caliginem, occultandis impuritatibus opportunam, uagabatur.

[10.] *Et ecce occurrit illi mulier ornatu meretricio, praeparata ad decipiendas animas, garrula et uaga, [11.] quietis impatiens, nec ualens in domo consistere pedibus suis.*

Graphice depingit perditae mulieris leuitatem, qua se proiicit; perfidiam qua a marito deficit; inconstantiam, qua quietem nullo modo patitur.

[12.] *Nunc foris, nunc in plateis, nunc iuxta angulos insidians.*

Instigante libidine ruit, ut uenetur imperitum adolescentem; deinde se proiicit, ut tam illi quam sibi pestem machinetur.

[13.] *Apprehensum deosculatur iuuenem, et procaci uultu blanditur, dicens.*

6. *Porque desde a janela da minha casa me tenho posto a olhar por entre as grades, 7. e vejo os incautos, considero a um mancebo insensato, 8. que passa pela rua junto da esquina, [722] e pelo pé da casa daquela, anda,*

É próprio do sábio conhecer, para precaver-se, até os costumes perversos dos homens e considerar tudo que acontece na vida, a fim de conhecer melhor o fruto da sabedoria, com a qual se liberta de tantos laços, e compreender o quanto deve à graça divina, mediante a qual saiu ileso de tão numerosos perigos. Ora, a janela a partir da qual o Sábio observa os passos levianos da mocidade perdida, é a reflexão interior, e também designa por “grades” a atenção dos sentidos exteriores, com a qual se incita a si mesmo para lembrar-se das infâmias. Diz que o mancebo insensato caminha perto da esquina da casa dela. De quem? Certamente daquela que designou por estranha e alheia. Com que fim? Para seduzi-la com os seus rogos a consentir na torpíssima deleitação? Para que sentisse pesar pela ferida com que o golpeara? Para até com lágrimas lhe implorar compaixão? Nada disso foi necessário, pois ela espontaneamente correu para ele, por forma a inflamar com muito maior intensidade a sensualidade ateadada. Mas deve reparar-se no momento em que o moço começa a vaguear.

9. *sendo já escuro, quando o dia se vai acabando nas trevas e obscuridade da noite.*

Descreve por vários modos o momento para dar a conhecer a perseverança do moço na preparação da infâmia. É que vagueava desde o começo até ao meio da noite, à espera das trevas e obscuridade, propícias para ocultar a devassidão.

10. *E eis que lhe sai ao encontro esta mulher, ornada à moda das prostitutas, prevenida para caçar as almas, faladora e andeja, 11. não lhe sofrendo o coração estar queda nem podendo ter os pés dentro em casa.*

Pinta com esmero a leviandade com que a mulher perdida se abalança; a perfídia, com que trai o marido; a inconstância, que de modo algum lhe permite estar quieta.

12. *Pondo-se de emboscada, umas vezes fora, outras nas praças, outras às esquinas;*

Atiçada pela sensualidade, lança-se à caça do moço inexperiente; em seguida, avança, por forma a urdir a perdição tanto dele como dela.

13. *e tendo mão num mancebo, o beija, e com uma cara sem vergonha lhe faz carícias, dizendo:*

Orationem audiamus, an moribus et uitae respondeat:

[14.] *Victimas pro salute deuoui, hodie reddidi uota mea.*

Religiosam mulierem, quae tanto studio properauit ut nuncupata uota persolueret! Sed uideamus quam sancte susceptam religionem tueatur:

[723] [15.] *Iccirco egressa sum in occursum tuum, desiderans te uidere et reperi.*

Præclaram rationem sacrificiorum assignat, docet enim se causa libidinis impurissimae uota fecisse. O sacrificium acceptissimum, non Deo, sed Furiis atque amoribus turpissimis oblatum maximeque dignum quod ad se omnes inferos manes eliceret!

[16.] *Intexui funibus lectulum meum, strauitapetibus pictis ex Aegypto; [17.] aspersi cubile meum myrrha, et aloe, et cinnamomo.*

Quam elaborato libidinis inuitamento cupit placere adolescenti perditissimo et quibus odoribus sensum auertere, ne metuat pestilentem taeterrimae serpentis afflatum?

[18.] *Veni, inebriemur uberibus, et fruamur cupitis amplexibus donec illucescat dies.*

Hic fortasse potuisset iuuenis tardior esse ad explendam libidinem, propter metum poenae adulterio constitutae. Vt nihil igitur obstare possit libidini, metum omnem tollit. Ait enim:

[19.] *Non est enim uir in domo sua, abiit uia longissima.*

Libidinosa mulier una nocte contenta esse non potest et ideo regionem, in quam uirum profectum esse narrat, nimis longinquam asserit. Quod ut magis abstergendi metus gratia confirmet, adiungit:

[20.] *Sacculum pecuniae secum tulit; in die plenae lunae reuersurus est in domum suam.*

Ouçamos as suas palavras, para ver se correspondem aos seus costumes e teor de vida:

14. *Pela tua saúde ofereci vítimas, hoje dei cumprimento aos meus votos;*

Oh religiosa mulher, que com tamanha diligência se deu pressa para cumprir os votos prometidos! Mas vejamos com quão grande santidade honra a obrigação que assumiu:

[723] 15. *por isso te saí ao encontro, desejando ver-te, e eis que te achei.*

Indica o preclaro motivo dos sacrifícios, pois mostra que fez promessas que tinham como causa a impuríssima sensualidade. Oh sacrifício mui aceito, oferecido, não a Deus, mas às Fúrias e amores infamíssimos e totalmente digno de chamar a si todos os espíritos infernais!

16. *Fiz sobre cordões a minha cama, cobri-a com colchas bordadas do Egito; perfumei a minha câmara de mirra e de aloé e de cinamomo.*

Com quão sofisticados engodos da sensualidade deseja agradar ao perdidíssimo mancebo e com que essências aromáticas desviar-lhe a atenção para que não sinta receio do bafo pestilento da terribilíssima serpente!

18. *Vem, embriaguemo-nos de amores e gozemos dos abraços desejados até que amanheça o dia.*

Aqui é possível que o jovem tivesse podido mostrar-se mais tardo em dar livre curso à sensualidade, devido ao medo à pena imposta ao adultério. Por conseguinte, para que nada possa obstar à sensualidade, suprime toda a espécie de receios. Com efeito, diz:

19. *Porque o meu marido não está em sua casa, foi fazer uma jornada muito dilatada.*

A mulher libidinosa não pode contentar-se com uma única noite e por isso afirma que a região, para onde conta que o marido se deslocara, ficava muitíssimo longe. Para confirmar isto e a fim de dissipar o medo, acrescenta:

20. *Levou consigo um saquitel de dinheiro; lá para o dia de lua cheia é que há de voltar a sua casa.*

Signum erat, cum pecuniam non mediocrem attulisset, illum rei strenue gerendae gratia iter illud suscepisse quod non exiguo tempore fieri poterat. Maxime uero cum is diem, ad quem erat rediturus, condixisset. Quam facile uero sit hominem labentem in imum detrudere, id quod statim sequitur aperte declarat:

[21.] *Irretiuit eum multis sermonibus, et blanditiis labiorum protraxit illum.*
 [22.] *Statim eam sequitur quasi bos ductus ad uictimam, et quasi agnus lasciuiens; et ignorans quod ad uincula stultus trabatur:* (uel sic: Et tamquam insanus, cui uincula sunt iniecta, ne libere ruat, incedit.) [23.] *donec transfigat sagitta iecur eius; uelut si auis festinet ad laqueum, et nescit quod de periculo animae illius agitur.*

Variis similitudinibus amentiam iuuenis, qui mulieris impurae sermonibus assentitur, explanat. Quae maior amentia potest excogitari quam [724] esse aliquem qui sponte sua in exitium feratur et lubens se in baratrum praecipitem det et in mortem, quam detestatur, cum festinatione proiciat? Hoc igitur furore animaduerso, facilius erit, quod in aliorum exitio cernitur, uitare et exempla calamitatis extremae perhorrescere. Ait igitur Sapiens:

[24.] *Nunc ergo, fili mi, audi me, et attende uerbis oris mei.*

Multitudinis numero omnes excitat ad salutarem disciplinam attentissima mente capiendam. Deinde, ut praecipuam curam et sollicitudinem melius explicet, singulari numero admonitionem contexit. Ait enim:

[25.] *Ne abstrahatur in uiis illius mens tua, neque decipiaris semitis eius;* [26.] *multos enim uulneratos deiecit, et fortissimi quique interfecti sunt ab ea.* [27.] *Viae inferi domus eius, penetrantes interiora mortis.*

Non de una tantum muliere loquitur, sed in uniuerso genere uersatur. Mulieres enim impudicae mentem eripiunt, uirtutis robur infringunt, statum animi labefactant, corda uenenato telo transuerberant, sapientum etiam sensum liquefaciunt, usque eo dum sapientiae totius opes exhauriant. Illae mortis administratae sunt, illae domus disturbant, illae Republicas excindunt, illae postremo ad miseriae sempiternae regionem uiam muniunt, et omnes quos sibi deuinctos habent in inferorum tenebras praecipites impellunt. Non igitur immerito Sapiens toties homines ab illarum consuetudine et familiaritate deterret, et a libidinis flagitio et impuritate ad sapientiae studium traducere conatur. Quod ut uehementius fieri possit, ipsam Sapientiam loquentem maximisque uocibus homines ad se uocantem inducit. Sic enim sequitur.

O ter levado uma boa quantidade de dinheiro era indício de que empreendera aquela viagem para negócios importantes, algo que não poderia realizar-se em pouco tempo. E sobretudo tendo aprazado ele o dia no qual haveria de regressar. E o quão fácil é empurrar para o abismo o homem que cai é o que claramente mostram as palavras que se seguem:

21. *Meteu-o assim na rede com os seus longos discursos e o arrastou com as lisonjas dos seus lábios.* 22. *Segue-a logo como boi que é levado ao sacrifício, e como cordeiro que vai saltando, e ignora o nêscio que é arrastado para uma prisão* [ou assim: “e avança como o nêscio, a quem se colocaram grilhões para que não corra livremente”], 23. *até que uma seta lhe trespassa o fígado, como ave que apressada corre ao laço e não sabe que se trata do perigo da sua vida.*

Expõe através de várias comparações a loucura do jovem que dá o seu assentimento às palavras da mulher impura. Que maior loucura pode imaginar-se do que [724] a de alguém que por sua livre e espontânea vontade é levado para a sua perdição e de bom talante se precipita no báratro e se arremessa com pressa na morte, que abomina? Por conseguinte, uma vez conscientes desta loucura, será mais fácil evitar o que vemos na perdição dos outros e olhar com horror para os exemplos da derradeira desgraça. Portanto, diz o Sábio:

24. *Ouve-me, pois, agora, filho meu, e está atento às palavras da minha boca.*

Com o número plural,¹⁰ incita todos a aprenderem os salutares ensinamentos com a máxima atenção. Depois, a fim de explicitar melhor o principal cuidado e preocupação, na redação da admoestação usou o número singular, pois escreve:

25. *Não se deixe arrastar o teu espírito a ir pelos caminhos desta mulher; nem tu te deixes enganar das suas veredas;* 26. *porque a muitos derribou feridos e os mais fortes por ela foram mortos.* 27. *Caminhos do inferno são a sua casa, que penetram até às entranhas da morte.*

Não fala apenas de uma única mulher, mas refere-se ao género inteiro. É que as mulheres desavergonhadas arrancam o siso, quebrantam as forças da virtude, destroem o equilíbrio do espírito, trespassam os corações com dardos empeçonhados, anulam o senso até dos sábios, até exaurirem por completo as riquezas da sabedoria. Elas são servidoras da morte, elas perturbam os lares, elas despedaçam os Estados, elas, enfim, abrem o caminho para a região da sempiterna mofina,

¹⁰ Como se pode ver, o texto da *Vulgata* usa o número singular, ao invés do original e da versão dos *Setenta*.

CAP. VIII

[1.] *Numquid non sapientia clamitat, et prudentia dat uocem suam?* [2.] *In summis excelsisque uerticibus supra uiam, in mediis semitis stans, [3.] iuxta portas ciuitatis in ipsis foribus loquitur, dicens:*

Quam prompta atque parata sint sapientiae munera atque beneficia omnibus qui ad illius cupiditatem exarserint, ex studio sapientiae ipsius, ex uocibus editis, ex clamoribus quibus cunctos ad se mortales allicit et inuitat clare cernitur. Non enim se abdit, non opes suas comprimit, sed potius euolutas et explicatas ostendit, non paucis, sed omnibus qui illis frui uoluerint. Non enim cum singulis tantum hominibus, sed etiam cum uniuersis se communicare desiderat, et iccirco, quamuis paucis, qui se excellentius gerere in studio illius statuunt, se clarius demonstret, [725] non tamen multitudinem negligit, sed in omni coetu atque multitudine clamat multisque modis omnes hortatur et admonet et, ut ita dicam, suppliciter rogat ut miseriae uiam deserant et beatae uitae rationem summo studio consecentur. Sed illius uerba percipiamus. Sic enim ait:

[4.] *O uiri, ad uos clamito, et uox mea ad filios hominum.*

Nullum est apud illam generis aut condicionis discrimen, omnibus enim, siue illi sint claris natalibus orti aut diuitiis a plebis multitudine segregati, siue ignobiles et obscuri et inopia miserrime conflictati, diuitias suas ex aequo pollicetur.

[5.] *Intelligite paruuli astutiam, et insipientes animaduertite.*

Imperitis et fraudibus frequenter obnoxiiis, astutiam et intelligentiam promittit, ne facile possint in fraudem induci. Satis magnum pondus hoc promissum habebat, ad attentionem acriter excitandam. Sed illa non fatis habet mediocris admonitionis utilitatem, sed, quantum potest, animos incendere et inflammare desiderat.

e impelem a que se precipitem nas trevas dos infernos todos os que a elas se ligaram. Por conseguinte, não é sem motivo que o Sábio tão repetidamente aparta os homens do trato e intimidade com elas, e se esforça por fazê-los trocar a infâmia e impureza da sensualidade pelo zelo da sabedoria. Para que isto se possa levar a cabo mais eficazmente, apresenta a própria Sabedoria a falar e mostra-a chamando os homens a si com as palavras mais veementes. É que a seguir diz:

CAPÍTULO VIII

1. Porventura a sabedoria não está repetidas vezes clamando e a prudência não faz ouvir a sua voz? 2. No mais alto e elevado das eminências, ao longo do caminho, no meio das veredas posta em pé, 3. junto às portas da cidade, na mesma entrada, fala, dizendo:

Quão disponíveis e à mão se encontram as mercês e benefícios da sabedoria para todos os que se abrasarem no desejo dela, é algo que claramente se vê a partir do zelo da própria sabedoria, das palavras que profere e dos brados com que seduz e convida para si todos os mortais. É que não se oculta, não resguarda as suas riquezas, mas antes as mostra descobertas e expostas, não a poucos, mas a todos os que quiserem servir-se delas. De facto, deseja repartir-se não apenas com cada homem, mas com todos em geral, e por isso, ainda que se mostre com maior clareza a poucos, que se propõem consagrar-se ao zelo dela de forma mais elevada, [725] todavia não despreza a multidão, mas em todos os ajuntamentos e reuniões de povo solta os seus brados e por muitas vias a todos exorta e aconselha e, por assim dizer, humildemente suplica que abandonem o caminho da mofina e com o máximo desvelo sigam a regra da vida bem-aventurada. Com efeito, diz o seguinte:

4. A vós, ó homens, é que eu estou continuamente clamando, aos filhos dos homens é que se dirige a minha voz.

Ela não faz nenhuma distinção de género ou condição, pois promete as suas riquezas por igual a todos, quer sejam de linhagem ilustre ou separados do povo comum pela abundância de bens materiais, quer sejam plebeus e de baixa estirpe e atribulados pela mais extrema penúria.

5. Aprendei, ó pequeninos, a astúcia, e vós, insensatos, prestai-me atenção.

Promete a astúcia e penetração intelectual aos inexperientes e amiúde sujeitos a embustes, para que não possam ser facilmente enganados. Esta promessa encerrava um peso sobejamente grande, para mais vivamente despertar a atenção.

[6.] *Audite, quoniam de rebus magnis locutura sum, et aperientur labia mea ut recta praedicent.* [7.] *Veritatem meditabitur guttur meum, et labia mea detestabuntur impium.* [8.] *Iusti sunt omnes sermones mei, non est in eis prauum quid, neque peruersum.*

Rerum excellentium magnitudine, iustitiae splendore et magnificentia, ueritatis sempiternae constantia, impietatis exitio rerumque Diuinarum claritate se in animos nostros insinuat et mentes nostras, expectatione orationis admirabilis, erigit ut acrius et attentius, quae sunt dicenda, suscipiant. Sed dixisset aliquis: “Frustra oratio de tantis et tam Diuinis rebus habita ad nostras aures perueniet, cum ex sapientia, quae tam procul est ab humana cognitione remota, nullum fructum ferre possimus.” Ne hoc dici possit, facilitatem sapientiae percipiendae demonstrat. Ait enim:

[9.] *Recti sunt intelligentibus, (Hebraeus sic: Expositi sunt omnes intelligentibus) et aequi inuenientibus scientiam.*

“Intelligentes” appellat eos qui in studio sapientiae uehementer elaborant. Qui enim se ad illius studium applicant, ea quidem animorum alacritate iam sunt non contemnendam partem intelligentiae consecuti. Praeterea usus atque meditatio et in doctrina progressio in dies magis mentem illustrat, ut clarius cernat eo studio contineri ueritatis et iustitiae disciplinam. Quemadmodum ipsamet Sapientia alibi dicit: “Si uos manseritis in sermone meo, et uerba mea in uobis manserint, cognoscetis ueritatem, et ueritas liberabit uos.”²⁷ [726] Similiter, hoc in loco promittit fore ut inuenientibus scientiam aequitas atque iustitia disciplinae caelestis innotescat. Instat deinde et urget, et ab instituta admonitione minime desistit.

[10.] *Accipite disciplinam meam, et non pecuniam; doctrinam magis quam aurum eligite.*

In animo est enim, et non in arca, diuitiarum magnitudo et opulentia reponenda. Animum porro, non aurum et argentum, sed sapientia, locupletat.

[11.] *Melior est enim sapientia cunctis opibus pretiosissimis, et omne desiderabile ei non potest comparari.*

²⁷ Vulgata, Jo., 8, 31-32.

Mas ela não acha bastante a utilidade de um conselho mediano, mas, na medida do possível, deseja abrasar e inflamar os espíritos.

6. Ouvi, porque tenho de vos falar acerca de grandes coisas, e os meus lábios se abrirão para anunciarem o que é reto. 7. A minha garganta meditará a verdade e os meus lábios detestarão o ímpio. 8. Justos são todos os meus discursos, neles não há coisa má nem depravada.

Insinua-se no nosso espírito através da grandiosidade das matérias extraordinárias, da magnificência e brilho da justiça, da constância da verdade eterna, da ruína da impiedade e da nobreza das coisas divinas, e, mediante a expectativa de uma linguagem admirável, incita os nossos entendimentos a que mais atenta e ardentemente acolham o que deve ser dito. Mas talvez que alguém diga: “Debalde chegará aos nossos ouvidos um discurso pronunciado acerca de matérias tão grandes e tão divinas, uma vez que não podemos colher fruto algum de uma sabedoria que se encontra tão distante do conhecimento humano.” Para que não possa afirmar-se isto, dá a conhecer como é fácil adquirir a sabedoria, pois diz:

9. Retos são para os que os entendem [em hebraico está assim: “Todos são patentes para os que os entendem”] e de equidade para os que acham ciência.

Chama “os que entendem” àqueles que empenhadamente consagram o seu esforço ao zelo da sabedoria. É que, os que se aplicam ao seu zelo, mediante este entusiasmo do espírito já conseguiram uma parte nada desprezível de entendimento. Além disso, o hábito e o treino e o avanço nos conhecimentos ilumina de dia para dia cada vez mais o entendimento, de maneira a aperceber-se mais claramente de que neste zelo se cifra o ensinamento da verdade e da justiça. Tal como a própria Sabedoria diz em outro lugar: “Se vós permanecerdes na minha palavra, e as minhas palavras permanecerem em vós, conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”. [Jo 31-32 e 15. 7.] [726] Do mesmo modo, nesta passagem promete que para os que acham a ciência há de brilhar a equidade e a justiça dos ensinamentos celestiais. Em seguida, exorta e insiste e não desfalece nas admoestações que tomou a peito fazer.

10. Recebei as minhas instruções com maior gosto do que se recebêsseis dinheiro; escolhei antes o conhecimento do que o oiro.

É que a magnitude e opulência das riquezas devem depositar-se, não nas arcas, mas na alma. Ora, o que enriquece a alma não é o oiro nem a prata, mas a sabedoria.

11. Porque melhor é a sabedoria do que todas as riquezas do mais subido valor; e tudo quanto é apetecível com ela se não pode comparar.

Quo modo enim fieri potest ut terrestria possint Diuinorum aestimatione censerī? Nunc igitur, ut melius amplitudinem illius aliqua ex parte complectamur, Sapientia dignitatem sua luculenter explanat. Ait enim:

[12.] *Ego sapientia habito in consilio, et eruditus intersum cogitationibus.* (hoc est, ut Hebraeus inquit: Ego sapientia habito in sollertia, et consiliorum scientiam assequor.)

Iam nos ad Theologiae disciplinam erudit et docet quae sua sedes sit atque domicilium. In patre namque insidet, qui est sapientiae fons perennis et inexhaustus, qua mundum condidit, et omnia quae subteret supra sunt sollertissime designauit, et admirabili potentia et consilio perpoliuit. Patrem igitur, quamuis minime uideamus, eum tamen ex sollertia, qua mundum extruxit, agnoscimus. At pater, ex omni aeternitate, consilia sua cum filio communicat, quem filium Sapientiam, ut nos sanctae Litterae facere admonent, appellamus. Hac igitur oratione Sapientia Diuinitatem suam testificatur, cum docet se esse consilii sempiterni participem atque adeo patris sinu atque gremio contineri. Ait deinde:

[13.] *Timor Domini odit malum. Arrogantiam et superbiam et uiam prauam et os bilingue detestor.*

Dixerat Sapientiae fundamentum esse in Dei timore constitutum. Nunc uero quibus se rebus indicet sanctus Dei timor explanat. “Non”, inquit, “Deum timet is qui non detestatur omnia quae Deus odio habet, nempe, cum legis Diuinae sanctitate pugnant, quae sanctionibus illius aduersantur, quae Diuino iudicio peruertuntur.” Quae sunt illa? Maleficium, iniustitia, mens arrogans et insolenter elata, oris impuri et spiritus contaminati maledicentia. Vnde concluditur omnes qui cum his hominibus qui sunt huiusmodi flagitiis affines commercium habent et ad eorum se nomen adiungunt, quamuis iisdem uitii careant, Deum non timere. Non mediocrem igitur laudem [727] arbitror esse Regis illius sanctissimi, qui hanc uirtutem suam in maximis numerabat, dicens: “Nonne omnes qui te oderunt, Domine, oderam et super inimicos tuos tabescebam? Perfecto odio oderam istos, et inimici facti sunt mihi.”

Interim uero repellit sapientia fallacis sapientiae uanitatem, quae superbia, malitia et peruersitate nititur atque confidit. Persequitur deinde reliquas utilitates quae numine illius continentur, et ait:

[14.] *Meum est consilium et aequitas, mea est prudentia, mea est fortitudo.*
 [15.] *Per me Reges regnunt, et legum conditores iusta decernunt.* [16.] *Per me principes imperant, et potentes decernunt iustitiam.* (Hoc est: Et qui iura populis dant, officia liberalitatis exsequuntur).

De facto, como pode suceder que os bens terrenos sejam avaliados ao mesmo preço dos divinos? Por conseguinte, agora a Sabedoria, para em alguma medida abarcarmos a sua importância, dá a conhecer de modo perfeito a sua dignidade. Com efeito, diz.

12. *Eu, a sabedoria, habito no conselho e me acho presente aos pensamentos judiciosos.* [Isto é, consoante diz o texto hebraico: “Eu, a sabedoria, habito na sagacidade e sigo o conhecimento dos conselhos”]

Já nos instrui nos ensinamentos da teologia e ensina onde é o seu poiso e domicílio. Com efeito, ela mora no Pai, que é a fonte perene e inesgotável da sabedoria, com a qual criou o mundo e com a máxima sagacidade dispôs tudo quanto existe por cima e por baixo e o acepilhou com poder e inteligência admiráveis. Por conseguinte, embora não vejamos o Pai, todavia conhecemo-Lo pela superior inteligência com que criou o mundo. E, por toda a eternidade, o Pai partilha os Seus desígnios com o Filho, Filho ao qual nós chamamos Sabedoria, consoante as Sagradas Escrituras nos admoestam a fazer. Portanto, através deste discurso a Sabedoria testemunha a sua divindade, ao ensinar que partilha do conselho eterno e mesmo está encerrada no seio e regaço do Pai. Diz em seguida:

13. *O temor do Senhor aborrece o mal; eu detesto a arrogância e a soberba e o caminho corrompido e a boca de duas línguas.*

Dissera que o fundamento da Sabedoria se alicerça sobre o temor de Deus. E agora expõe com que coisas se mostra o santo temor de Deus. Diz: “Não teme a Deus o homem que não detesta tudo aquilo que Deus desestima: a saber, aquilo que está em contradição com a santidade da lei divina, aquilo que se opõe às Suas determinações, aquilo que o juízo divino abate.” – Que coisas são essas? A malvadez, a injustiça, um espírito arrogante e ensoberbecido, a maledicência de uma boca impura e de um hálito corrupto. Daqui se conclui que não temem a Deus todos os que têm trato com este tipo de homens que são atreitos a estas infâmias e se juntam com eles, ainda que estejam isentos dos mesmos defeitos. Por conseguinte, considero que não é pequeno louvor [727] o daquele rei santíssimo, que contava esta virtude sua como uma das maiores, ao escrever: “Porventura, não aborrecia eu, Senhor, os que te aborreceram? E não me consumia por causa dos teus inimigos? Com ódio consumado eu os aborrecia e eles se tornaram meus inimigos”. [Sl 139. 21-22]

Mas entretanto a Sabedoria rechaça a mentira da falsa sabedoria, que se apoia e confia na soberba, malícia e perversidade. Prossegue em seguida apontando os restantes proveitos que se encerram na sua natureza divina, e diz:

14. *Meu é o conselho e a equidade, minha é a prudência, minha é a fortaleza.* 15. *Por mim reinam os reis e por mim decretam os legisladores o que é justo;*

Ergo, ut ipsa Sapientia testificatur, ubi illa non affuerit, pro consilio, temeritas; pro legis sempiternae constantia, sententiarum uarietas; pro Regni moderatione, tyrannis existet; et pro magnificentiae laudibus, auaritia immanis omnia comminuet atque dissipabit.

[17.] *Ego diligentes me diligo; et qui mane uigilant ad me, inuenient me.*

Minime somno atque socordia comparatur, quod est summa uigilantia procurandum. Signum enim est negligi atque contemni, quod negligenter atque per otium quaeritur. At contemptio rerum Diuinarum scelere uacare non potest. Ita fit ut, qui non diluculo surgit sapientiae cupiditate, numquam sapientiam consequatur. “Omnis”, inquit ille, “qui quaerit inuenit”²⁸. Quod sic est intelligendum ut, qui quaerit, cupiditate flagret, uigilanter inquirat, diligenter elaboret, nihil sapientiae opibus anteponat, ut sic tandem opibus sapientiae cumuletur.

[18.] *Mecum sunt diuitiae et gloria, opes superbae et iustitiae.* [19.] *Melior est enim fructus meus auro et lapide pretioso, et genimina mea (hoc est, prouentus meus) argento electo.*

Si diuitiarum cupiditas animos ad labores immensos assidue perferendos excitat, si metus inopiae mortales omnia pericula illius depellendae gratia subire compellit, cur non omnes certatim in comparanda sapientia constanter elaborant? Cum constet in sapientiae numine atque potestate esse fixas et stabiles opes constitutas, ita ut qui illius participes sunt nullo pacto inopes esse possint. Sed, quando illius compotes esse possimus, ipsa sane luculenter explanat. Inquit enim:

[20.] *In uis iustitiae ambulo, in medio semitarum iudicii,* [21.] *ut ditem diligentes me, et thesauros eorum repleam.*

[728] Si sapientia per iustitiae uiam graditur, si numquam a recto iudiciorum tramite discedit, certe qui illam uere diligunt, illius uestigiis semper insistent nec a uia iustitiae in alterutram partem declinabunt, ut sic tandem caelestis patrimonii hereditatem adeant et opibus summis expleantur. Vt uero doceat se facillime posse promissa conficere, suum numen et potentiam diuinitus explanat. Inquit enim.

²⁸ Vd. Vulgata, *Mt.* 7, 8.

16. *por mim imperam os príncipes e os poderosos decretam a justiça.* [Isto é: “Os que dão as leis às nações, cumprem os deveres da liberalidade”]

Por consequência, tal como a própria Sabedoria testifica, onde ela não estiver presente, haverá, em vez de conselho, irreflexão, em vez da firmeza da lei sempiterna, a diversidade de sentenças, em vez de comedimento no exercício da soberania, a tirania, e, em lugar da glória da generosidade, a desumana avareza tudo há de despedaçar e consumir.

17. *Eu amo os que me amam e os que vigiam desde a manhã, por me buscarem, achar-me-ão.*

Não se obtém com o sono e a inação o que deve procurar-se com o máximo desvelo. É que buscar algo de modo remisso e remachado é sinal de que o temos em pouca conta e desprezamos. Mas o desprezo das coisas de Deus não pode ficar isento de pecado. Assim sucede que, quem não se levanta ao romper de alva com o desejo da sabedoria, não a alcança jamais. Consoante diz Cristo: “todo o que busca, acha”. [Mt. 7. 8.] O que deve entender-se como significando que, quem busca, abrasa-se em desejo, procura atentamente, trabalha com desvelo, nada antepõe às riquezas da sabedoria, para destarte acabar cumulado com elas.

18. *Comigo estão as riquezas e a glória, a magnífica opulência e a justiça.* 19. *Porque melhor é o meu fruto do que o ouro, e do que a pedra preciosa, e as minhas produções [isto é, “colheitas”] melhores do que a prata escolhida.*

Se o desejo de riquezas incita o ânimo a suportar sem tréguas trabalhos imensos, se o medo à pobreza impele os mortais a arrostarem todos os perigos a fim de afastá-la: por que motivo é que não se esforçam firmemente todos os homens à porfia em alcançarem a sabedoria? Uma vez que é manifesto que no poder e majestade divina da sabedoria têm o seu fundamento as riquezas fixas e imutáveis, de tal maneira que, os que dela se tornam quinhoeiros, de forma alguma podem ser pobres. Mas ela explica à perfeição quando é que podemos obtê-la. De facto, escreve:

20. *Eu ando nos caminhos da justiça, no meio das veredas do juízo,* 21. *para enriquecer os que me amam e para encher os seus tesouros.*

[728] Se a sabedoria avança pelo caminho da justiça, se nunca se afasta da reta vereda dos juízos, com certeza que aqueles que deveras a amam, seguirão sempre as suas pisadas e não se desviarão do caminho da justiça nem para um lado nem para o outro, para que assim ao cabo se aproximem da herança do património celestial e fiquem colmados com os mais ricos tesoiros. E a fim de

[22.] *Dominus possedit me initio uiarum suarum, antequam quidquam faceret a principio.*

Conueniant Iudaei, erigant animos, rabini student, uociferentur et commentaria sua plena sceleris et impietatis euoluant ut hunc nodum expediant et ita, si fieri possit, elabantur: quaeramus ab illis quae sit haec sapientia quam Salomon loquentem inducit. Non enim deam quamdam esse dicent, non licet enim illis per religionem id asseuerare. Quid igitur est? Num qualitas inhaerens in natura diuina? Nullo modo! Nihil enim in summa naturae simplicitate et infinita perfectione potest excogitari ex naturali forma et aliquo accidente conflatum. Num angelicam naturam appellabunt? Non est illis hoc commentum ulla ratione concessum. De eo namque tempore disserit sapientia, quo nondum mentes caelestes exstiterant. Dicit enim se fuisse a Deo antequam quidquam efficeret ab initio possessam, at Angeli in rebus conditis numerandi sunt.

Si igitur Sapientia haec neque terrestris neque caelestis natura nec accidens est, quid ergo est? Praeterea, quid “Initium” appellent, libenter audierim. Num illud de quo Moses ait: “In principio creauit Deus caelum et terram”²⁹? Non profecto. Illa namque ante res omnes conditas se ex Deo ortum habuisse profitetur atque adeo demonstrat opera sua fuisse mundum perfectum et ornamentis admirabilibus excultum. Quod igitur aliud initium poterit assignari ante res omnes a Deo conditas, praeter aeternitatem? Si enim aliquid ante sapientiae exortum esse potuit, nullo modo sapientia fuit ab initio possessa, initii namque uerbum tunc in illud tempus quod fuerat antegressum, et non in id quo sapientia in lucem edita fuit, aptius certe multo conueniret.

Vertant se se in omnia; uersent in uarias partes ingenium; monstra, ut solent, parturiant: opus tandem erit ut, uelint, nolint, ad naturam diuinam recurrant. Nihil enim esse potest ex omni parte sempiternum, nisi solus Deus. Praeterea, si mundi conditi gloriam nullo modo licet nisi soli Deo tribuere, et hoc in loco Sapientia per se mundum aedificatum esse testificatur, non admodum clare perspicitur hanc Sapientiam, quae loquitur, Deum esse?

Et hactenus quidem non opinor fore ut Iudaei sint admodum pertinaces. Sit igitur hoc primum a nobis rectissime constitutum: hanc Sapientiam, quae mysteria sacrosancta nobis enuntiat, Diuinam mentem esse. [729] Quaeramus deinde quo modo sit intelligendum quod dicit: “Dominus possedit me”. Sapientiam constat Deum esse, et se a Deo possessam asseuerat. At alius est qui possidet, et alia quae possidetur. Discrimen uides: distinctionem negare non potes. Non naturae, Deus

²⁹ Vd. Vulgata, *Gen.* 1, 1.

ensinar que pode cumprir com a maior facilidade o prometido, dá a conhecer por inspiração divina a sua majestade e poder:

22. O Senhor me possuiu no princípio dos seus caminhos, desde o princípio, antes que criasse coisa alguma.

Que os judeus se ajuntem e mutuamente se esforcem, que os rabinos suem, vociferem e vasculhem os seus comentários cheios de impiedade e sacrilégio para conseguirem desatar este nó e, se tal for possível, se desenlearem: queremos que eles nos digam quem é esta sabedoria que Salomão nos apresenta a falar. É que não dirão que se trata de uma qualquer deusa, pois a sua religião não lhes permite afirmar tal coisa. Então que é? Porventura uma qualidade inerente à natureza divina? De forma alguma! Porquanto na suma simplicidade e infinita perfeição da natureza nada pode imaginar-se fraguado com forma natural e com algum acidente. Acaso lhe darão o nome de natureza angelical? De modo algum lhes é lícito tal sugestão, uma vez que a Sabedoria está a falar acerca de um tempo em que ainda não existiam os entendimentos celestiais. É que ela diz que Deus a possuiu desde o princípio, antes de ter criado coisa alguma, e os anjos devem ser contados entre os seres criados.

Por conseguinte, se esta Sabedoria não é uma natureza terrena nem celestial nem um acidente, então que é? Além disso, gostaria que me dissessem a que é que chamam “princípio”. Porventura aquilo em relação ao qual Moisés disse: “No princípio criou Deus o céu e a terra?” [Gn 1. 1.] Certamente que não. É que ela confessa que procedeu de Deus antes da criação de todas as coisas e até mostra que foi por obra sua que o mundo foi feito e ornamentado com admiráveis atavios. Portanto, que outro princípio, senão a eternidade, poderá conceber-se antes da criação de todas as coisas? É que, se algo pôde existir antes do nascimento da sabedoria, então de modo algum a sabedoria foi possuída desde o princípio, porquanto nesse caso decerto que a palavra “princípio” adequar-se-ia muito mais àquele tempo que precedera, e não a este em que a Sabedoria foi dada à luz.

Perscrutem tudo, apliquem a inteligência em várias direções, parturejem aberrações, como é sua usança, mas ao cabo, queiram ou não, ser-lhes-á forçoso recorrerem à natureza divina. É que só e exclusivamente Deus pode ser absolutamente eterno. Além disso, se só e exclusivamente a Deus se pode atribuir a glória da criação do mundo, e nesta passagem a sabedoria testemunha que o mundo foi obra sua, não se enxerga com meridiana clareza que esta Sabedoria que aqui fala é Deus?

E penso que até este ponto os judeus não hão de mostrar-se muito renitentes. Por conseguinte, assentemos, em primeiro lugar e com toda a segurança, que esta Sabedoria, que nos revela mistérios sacrossantos, é o entendimento divino. [729] Procuremos saber, em segundo lugar, como deve entender-se aquilo que diz: “O Senhor me possuiu”. É manifesto que a Sabedoria é Deus, e afirma que

enim unus est. Personarum igitur tantum, non est enim aliquid aliud tertium, quo discriminari Sapientia a Deo possit. Videmus igitur Deum a Deo possessum. Quo modo? Pater, ut sempiterni generis origo, filium, quem sibi ex omni aeternitate generavit, “per quem fecit et saecula, quem uniuersitatis heredem constituit,”³⁰ cui est indissolubili unius et eiusdem naturae uinculo copulatus, quem amore summo complectitur, possideri dicitur. Filius uero, ut splendor infinitus, ex splendore summi patris exortus,³¹ quem unice colit, quem infinita pietate ueneratur, ex cuius uoluntate res omnes administrat, a patre possessus esse perhibetur.

“Initium uiae” quod sit, explicandum, quoad licet, nobis est. Via Domini est operis molitio, mundi perfectio et finis in quem est totius haec tantae machinae pulchritudo referenda. Num uia haec initium aliquod habuit? Non certe, mundi namque constitutio est ad aeternitatem reuocanda, nam ex omni aeuo Deus mente intima, nempe sapientia, quam ex se ab initio protulit, hanc fabricam et molitionem designauit, quam erat tempore definito perfecturus. Initium igitur uiae Domini est summi conditoris et opificis intelligentia, qua mundi totius formam et speciem, exaedificatam mente ab aeterno tempore, continebat, ad cuius exemplum, cum ei uisum fuit, hunc mundum, quem intuemur oculis, effecit.

Ergo, cum Sapientia se initium uiae illius esse dicit, se sempiternam mentem summi patris esse docet, quod apertius ea, quae sequuntur, ostendunt. Sic enim subiungit:

[23.] *Ab aeterno ordinata sum, et ex antiquis antequam terra fieret.*

Se in principatu locatam esse dicit, antequam terrae fundamenta iacerentur.

[24.] *Nondum erant abyssi, et ego iam concepta eram, necdum fontes aquarum eruperant; [25] necdum montes graui mole constiterant* (uel sic: *Necdum montes mersi fuerant), ante colles ego parturiebar.*

Abyssos interminatam aquarum congeriem nominat, qua etiam montium cacumina demersa iacebant, cum omnes terrae aquis opertae fuissent antequam ipsarum aquarum distributio fieret. Nam postea factum ab ipsa Sapientia fuit ut pars regionem superam attenuata capesseret, pars in ima deflueret, ut terra tandem, ex aquis emersa, fruges effunderet et cunctis animantibus pabula suppeditaret.]

³⁰ Vd Vulgata, *Hebr.* 1, 2-3.

³¹ Vd. *Ibidem.*

é possuída por Deus. Mas é um o que possui, e outra a que é possuída. Vês a diferença: não podes negar a destrição. Não de natureza, pois Deus é uno. Por conseguinte, só de pessoas, pois não existe algum outro terceiro mediante o qual se possa estabelecer a distinção entre a Sabedoria e Deus. Vemos portanto que Deus é possuído por Deus. Como? Diz-se que o Pai, como origem de raça sempiterna, possui o Filho, que gerou para Si por toda a eternidade, “por quem fez também os séculos, ao qual constituiu herdeiro de tudo”, [Hb 1. 2.] ao qual se uniu através de um indissolúvel vínculo de uma única e mesma natureza e a quem abraça com amor sumo. E afirma-se que o Filho é possuído pelo Pai, como resplendor infinito, nascido do resplendor do sumo Pai, a quem ama de modo único, a quem reverencia com um infinito afeto filial e de acordo com cuja vontade tudo governa. [Hb 1. 3.]

Cumpre-nos explicar, na medida do possível, o que é o “princípio do caminho”. O caminho do Senhor é a construção da obra, a perfeição e finalidade do mundo, às quais deve atribuir-se esta formosura da totalidade de tão grande máquina. Acaso este caminho teve algum princípio? Certamente que não, porquanto a constituição do mundo remonta à eternidade, uma vez que Deus desde sempre teve no seu entendimento íntimo, ou seja, na Sabedoria, que desde o princípio está procedendo d’ Ele mesmo, o desígnio desta fábrica e construção, que haveria de ser criada num momento definido. Por conseguinte, o princípio do caminho de Deus é a inteligência do supremo Criador e Autor, na qual continha a forma e aparência de mundo inteiro, construídas no Seu entendimento desde a eternidade, em conformidade com as quais, quando a Ele Lhe pareceu bem, deu realidade a este mundo que os nossos olhos divisam.

Logo, uma vez que a Sabedoria diz que é o princípio do caminho d’Ele, está a ensinar-nos que ela é o entendimento eterno do Pai supremo, tal como mais patentemente mostram as palavras que vêm a seguir, pois acrescenta isto:

23. Desde a eternidade fui constituída e desde o princípio, antes de a terra ser criada.

Diz que foi colocada no principado, antes de se lançarem os fundamentos da terra.

24. Ainda não havia os abismos e eu estava já concebida; ainda as fontes das águas não tinham arreventado; 25. ainda não tinham assentado os montes sobre a sua pesada massa; [ou assim: “Os montes ainda não tinham sido engolidos”] antes de haver outeiros, era eu dada à luz.

Chama “abismos” ao volume ilimitado das águas, sob o qual jaziam submersas até as cumeadas dos montes, quando toda terra ficara coberta pelas águas, antes de fazer-se a repartição das mesmas águas. É que depois a própria Sabedoria fez

[730] [26.] *Adhuc terram non fecerat, et flumina, et cardines orbis terrae.* (hoc est: Adhuc terram non fecerat, et camporum planities, et orbis terrarum pulueres ad summam reuocarat.)

Naturae partes enumerat et splendido orationis ornatu operis sui excellens decus amplificat. Inquit igitur: “Antequam naturae parens terram faceret et stabiliret atque dilataret, puluerisque magnitudinem pondere, numero et ratione definirer, ne, uel nimia siccitate perusta, uel aquis immodicis oppressa, fruges efferre non posset, iam eram ab eo progenita.” In mundi fabrica recensenda ordinem dierum, quo cuncta formata fuerunt, sequitur. Porro autem, primo die, constat terram fuisse aquis obrutam atque in medio demersam, ita ut cerni minime posset. Aquis deinde in locum unum, imperio summi opificis, confluentibus, terra tandem emittit, quae, humore modico compacta et calore etiam modico tepefacta, herbas et fruges extulit, ad animantium uitam salutari pabulo propagandam. Vt autem hoc temperamentum Sapientia designet, “pulueres terrae ad summam reductos esse” asserit. Est enim animaduertendum nomen Hebraeum $\Psi\aleph$, pro quo interpres Latinus “cardines” posuit, non “caput” tantum, sed certi numeri summam significare.

[27.] *Quando praeparabat caelos, aderam; quando certa lege et gyro ualabat abyssos; [28.] quando aethera firmabat sursum, et liberabat fontes aquarum: [29.] quando circumdabat mari terminum suum, et legem ponebat aquis, ne transirent fines suos; quando appendebat fundamenta terrae, [30.] cum eo eram, cuncta componens. Et delectabar per singulos dies, ludens coram eo omni tempore, [31.] ludens in orbe terrarum.*

Quae Sapientiae deliciae fuerint est animaduertendum. Artificis excellentis maximam uoluptas est opus excellens a se perfectum omnibusque numeris absolutum. Consequens igitur erat ut summus artifex summam uoluptatem caperet cum cerneret mundum a se aedificatum, tantoque splendore et pulchritudine cultum tantisque opibus in omni genere rerum locupletatum, usque adeo ut nulla pars illius ab ope Diuina, aliqua ex parte, neglecta fuerit. “Vidit”, inquit Moses, “Deus cuncta quae fecerat, et erant ualde bona”³². Haec igitur operis comprobatio est uoluptas illa et gaudium quo mens Diuina egregie cumulatur. “Laetabitur”, inquit Dauid, “Dominus in operibus suis”³³. Nihil enim tunc exstitit imperfectum, nihil mutilum, nihil imminutum, nihil denique in cuius natura aliquid requiri posset aut ad cuius usum quidquam minime necessarium redundaret. Ergo, cum Sapientia haec omnia [731] perfecisset (“Omnia enim per ipsum facta sunt, et

³² Vd. Vulgata, *Gen.* 1, 31.

³³ Vd. Vulgata, *Ps.* 103, 31.

que uma parte diminuta ocupasse as regiões elevadas, e outra parte corresse para os lugares profundos, para que ao cabo a terra, emergindo das águas, produzisse frutos e oferecesse alimentos a todos os seres vivos.

[730] 26. *Ainda não tinha feito a terra nem os rios nem tinha firmado o mundo sobre os seus pólos.* [Isto é: “Ainda não tinha feito a terra nem os campos nem a totalidade do pó do mundo”]

Enumera as partes da natureza e encarece o extraordinário primor da sua obra mediante um brilhante esmero de linguagem. Por conseguinte, afirma: “Antes que o progenitor da natureza fizesse a terra e a tornasse firme e dilatasse, e delimitasse a quantidade do pó de acordo com número, peso e medida, para evitar que, ou queimada pela excessiva sequeidão ou esmagada pelo excesso de águas, não pudesse produzir frutos, já eu tinha sido gerado por Ele.” No relembrar a criação do mundo, segue a ordem dos dias segundo a qual tudo foi feito. Ora, é sabido que no primeiro dia a terra foi coberta pelas águas e submersa no meio delas, de modo tal que não podia ver-se. Em seguida, depois que as águas, por ordem do supremo Criador, se ajuntaram num mesmo lugar, a terra apareceu enfim, a qual, junta com uma quantidade moderada de líquido e aquecida também com algum calor, produziu as ervas e os frutos, a fim de perpetuar a vida dos animais através de um alimento salutar. Ora, a Sabedoria, a fim de designar esta justa medida, afirma que “fizera o princípio do pó do mundo”. É que deve ter-se em conta que a palavra hebraica שֵׁרָא, que o tradutor latino verteu por “pólos”, não significa apenas “cabeça, parte principal”, mas também a totalidade de certo número.

27. *Quando Ele preparava os céus, eu me achava presente; quando, como lei certa e dentro de seu âmbito, encerrava os abismos; 28. quando firmava lá no alto a região etérea e quando equilibrava as fontes das águas; 29. quando circunscrevia ao mar o seu termo e punha lei às águas para que não passassem os seus limites; quando sustentava pendentes os fundamentos da terra: 30. estava eu com Ele regulando todas as coisas, e cada dia me deleitava brincando em todo o tempo diante d’ Ele, 31. brincando na redondeza da terra,*

Cumpre prestarmos atenção a quais foram os encantos e delícias da Sabedoria. O máximo prazer de um criador é ter concluído uma obra excelente e perfeita em todas as suas partes. Por conseguinte, era consequência forçosa que o supremo Criador recebesse um extraordinário prazer ao olhar para o mundo que criara, formado com tamanho esplendor e formosura e enriquecido com tão grandes tesouros em toda a sorte de coisas, a tal ponto que nele não existia parte alguma que em algum grau tenha sido privada da ajuda divina. Diz Moisés: “E viu Deus todas as coisas que tinha feito, e eram muito boas”. [Gn 1. 31.] Por conseguinte, esta aprovação da obra é aquele prazer e satisfação de que o entendimento divino

sine ipso factum est nihil³⁴), necessario concluditur illam in naturae operibus inexplicabili iucunditate perfusam fuisse. Haec est illa laetitia qua efferebatur et hic ludus quo se perpetuo coram patre uehementer oblectat:

Et deliciae meae esse cum filiis hominum.

Si Sapientia gaudio triumphabat cum cerneret caelum astris distinctum et mirifico splendore collucens; si, cum caelestis naturae conuersiones et symphoniam intuebatur, exsultabat; si, cum utilitatem quam caelum rebus inferioribus afferebat mente et cogitatione complectebatur, deliciis redundabat; si, cum terram herbis et plantis et floribus et fructibus onustam uariisque animantium generibus frequentatam adspiciebat, erat mirabili suauitate referta; si maris imensitas, si animantium quae mare procreat uarietas et multitudo, si, postremo, uniuersae naturae concinnitas qua supera infimis, per media aptissima disposita, firmissimo foedere connectuntur, eam non mediocri gaudio afficiebat: quid erit de gaudio illo existimandum quo fuit affecta, cum hominem ad formam et speciem Diuinam effictum et informatum ornamentisque caelestibus excultum, animaduertit? Nec enim in caelo, nec in astris, nec in Sole quidem ipso, astrorum omnium principe, nec in ulla denique forma quae corpore et anima constet, legimus fuisse imaginem Diuinae mentis impressam, sed in homine tantum, ut, quasi Deus, in terris, animantibus iura describeret et omnibus terrae atque maris opibus libere frueretur.

Praeterea, cum probitatis Diuinae officium sit opes suas communicare uniuersamque naturam, quantum uniuscuiusque naturae condicio patitur, ad suam similitudinem perducere, nihilque sit intra caeli complexum quod perfecte possit similitudinem Diuinae pulchritudinis atque dignitatis arripere, praeter hominem, sequitur ut, quoties homo minime probitati Diuinae repugnat seque illi regendum et informandum tradit, speciem Diuinam mente concipiat, ex qua in ipsum Dominum uoluptas eximia redundet. Nam, inter omnia summi opificis opera quae oculis intuemur, nihil est quod sit cum iustitiae splendore, quo mens hominis pii collustratur, ulla ex parte conferendum. Est enim clarior astrorum fulgore, utilior telluris fecunditate, elegantior naturae totius ordine, ualentior mundi stabilitate tantumque inter res omnes conditas excellit ut omnia magnitudine insitae lucis obscurat.

³⁴ Vd. Vulgata, *Io.* 1, 3.

singularmente se enche. “Alegrar-se-á,” escreve Davi, “o Senhor nas suas obras.” [Sl 104. 31.] É que então nada havia de imperfeito, nada de mutilado, nada de debilitado, nada, enfim, em cuja natureza algo faltasse ou para cuja utilidade algo estivesse de sobejo. Logo, uma vez que esta Sabedoria [731] foi quem tudo fez (pois “todas as coisas foram feitas por ele, e nada do que foi feito, foi feito sem ele”), [Jo 1. 3.] conclui-se forçosamente que perante as obras da natureza ela tenha sido inundada por uma imensa alegria. É esta a satisfação que a arrebatava e esta a brincadeira com que sem cessar vivamente se recreia diante do Pai:

e achando as minbas delicias em estar com os filhos dos homens.

Se a Sabedoria exultava de contentamento ao contemplar o céu matizado de astros e luzindo com um maravilhoso resplendor; se, quando olhava para as rotações e harmonia da natureza celeste, se alegrava; se transbordava de júbilo, quando pensava e refletia na utilidade que o céu oferecia às coisas de baixo; se ficava colmada de uma extraordinária satisfação ao fitar os olhos na terra, carregada de ervas, plantas, flores e frutos e habitada por variadas espécies de animais; se a enchiam de enorme gáudio a imensidade do mar e a diversidade e grande número de seres vivos que o mar gera; se, finalmente, a inundava de prazer a simetria e harmonia de toda a natureza, mediante a qual as coisas do alto, através dos meios mais apropriados, se encontram ligadas às mais baixas por um vínculo fortíssimo: que deveremos pensar em relação ao prazer que a inundou quando contemplou o homem, feito e moldado à imagem e semelhança divina, e aformoseado com ornamentos celestiais? É que não lemos que a imagem do divino entendimento de Deus tenha sido impressa no céu, nos astros e nem sequer no sol, príncipe de todos os astros, ou, enfim, em alguma forma que conste de alma e corpo, mas foi-o unicamente no homem, para que, quase como Deus, na terra impusesse leis aos seres vivos e livremente gozasse de todas as riquezas da terra e do mar.

Além disso, uma vez que é da essência da bondade de Deus repartir as Suas riquezas e levar todas as coisas da natureza, conforme a condição da natureza de cada uma o consente, a assemelharem-se com Ele, e sendo certo que dentro daquilo que o céu abarca nada existe, a não ser o homem, que perfeitamente possa assumir a semelhança com a formosura e dignidade divinas, segue-se que sempre que o homem não se opõe à bondade divina e a ela se entrega para que o governe e instrua, está a conceber no seu entendimento uma imagem divina, que inunda o próprio Senhor de um excecional prazer. É que entre todas as obras do supremo Criador, que contemplamos com os nossos olhos, nada existe que em alguma medida possa comparar-se com o resplendor da justiça que ilumina o entendimento do homem piedoso. É que é mais clara que o fulgor dos astros, mais útil que a fecundidade do solo, mais harmoniosa que a ordem da natureza inteira, mais sólida que a firmeza do mundo e vantaja-se

Praeterea, cum terra, caelum, maria et cuncta quae, uel in terra nascuntur, uel in aquis uersantur, uel aethere atque aere fruuntur, hominum usibus seruiant, non liquido constat hominem esse cunctis rebus, quas cernimus, antelatum statumque Diuinum quodammodo consecutum? Postremo, illud est ualde considerandum, nihil esse quod Dei mentem, ut Scripturae Sanctae more [732] loquamur, praeter flagitiorum dedecus et turpitudinem, dolore afficiat. Iccirco conqueritur apud Prophetas de dolore quem illius animo frequenter inferunt hominum perditorum, qui illius probitate impudentissime resistunt, quotidiana facinora; et Paulus nos admonet ne maestitiam Domini Spiritui per nostrum scelus aut obliuionem afferamus³⁵, et alio in loco demonstrat Deum in perferendis peccatis nostris summa patientia uti solere³⁶. At patientia in dolore, non in gaudio, cernitur. Cum Deus igitur patientia non mediocri, quoties peccamus, uti soleat, apparet certe, quoties in officio delinquimus, illius spiritum uehementer afflicti. Nam, si patres, quoties filii in flagitio et turpitudine uoluntantur, id aegerrime patiuntur, quid de patre illo optimo atque sanctissimo erit cogitandum, cum munera illius aspernamur? Cum salutare imperium recusamus? Cum uinculis nefariae cupiditatis adstringimur? Cum Satanae tyrannidem placitis illius anteponimus?

Ille nos uocat ad salutem, nos in pestem ruimus; ille spem Diuinitatis ostendit, nos auctorem sempiterni doloris amplectimur; ille nos sibi filios adoptare desiderat, nos immanissimis hostibus seruire malumus; et ita beatam uitam odio prosequimur, ut in sempiternam miseriam praecipites exturbemur. Si igitur tantum dolorem patri sanctissimo peccata nostra faciunt, quantam tandem uoluptatem illi nostrae uirtutes, si officio nostro perfuncti fuerimus, importabunt? Nam, quo maior est illius caritas et quo opus quod in nobis efficere nititur est illustrius, eo gaudium illius erit plenius et cumulatius. Caritas tanta fuit ut pro salute nostra filium unicum ad necem tradidetur; opus tam excellens ut omnibus operibus illius, quae solertissime in tota mundi fabrica machinatus est, multis partibus antecellat. Ex quo sequitur delicias illius esse in hominum bonorum familiaritate et consuetudine constitutas.

Cum igitur illum casta et pura mente ueneramus; cum illius gratiam precibus efflagitamus; cum illius muneribus atque donis afficimur; cum nos totos ad illius imitationem conferimus et, spiritus illius nixi, ad dignitatem et amplitudinem gloriae caelistis enitimus: illius mentem mira iucunditate perfundimus. Omnibus igitur modis est nobis in iustitiae et probitatis studio laborandum, ut beati simus, et simul ut bonis nostris materiam Diuinae sapientiae summae uoluptatis afferamus,

³⁵ Vd. Vulgata, *Epb.* 4, 30.

³⁶ Vd. Vulgata, *Rom.* 5, 3-4.

tanto entre todas as coisas criadas que tudo obscurece com a grandeza da luz de que está dotada.

Acresce que, sendo certo que a terra, o céu, os mares e tudo que ou nasce na terra ou vive nas águas ou goza do ar e do éter, está posto ao serviço da utilidade do homem, não é claramente manifesto que o homem foi preferido a todas as coisas que contemplamos e obteve uma condição em certa maneira divina? Finalmente, deve ponderar-se assaz o facto de que ao entendimento de Deus, para falarmos ao modo das Sagradas Escrituras, só [732] ocasiona dor o desdouro e torpeza das infâmias. Razão pela qual se queixa através dos profetas da dor que ao seu espírito frequentemente infligem as malfetorias diárias dos homens perversos, que de modo o mais impudente resistem à Sua bondade; e S. Paulo admoesta-nos a que, com os nossos pecados e esquecimento, “não entristecemos o Espírito do Senhor”, [Ef 4. 30.] e noutra passagem mostra que Deus costuma usar de muita paciência em sofrer os nossos pecados. [Rm 9. 23.] Ora, a paciência vê-se na dor, e não no prazer. Por conseguinte, uma vez que Deus costuma usar de imensa paciência sempre que pecamos, conclui-se claramente que, sempre que falhamos no cumprimento dos nossos deveres, estamos a causar ao Seu espírito profunda dor. Com efeito, se os pais, sempre que os filhos se espojam na infâmia e na torpeza, é com grande desgosto que suportam isso, que cumprirá pensar-se em relação Àquele que é o melhor e mais santo dos pais, quando desprezamos as Suas mercês? Quando recusamos o Seu salutar senhorio? Quando nos deixamos prender pelos laços da sacrílega cobiça? Quando antepomos a tirania de Satanás aos Seus desejos?

Ele chama-nos para a salvação, e nós precipitamo-nos na perdição; Ele mostra-nos a esperança da divindade, e nós abraçamos o autor da dor eterna; Ele deseja adotar-nos como Seus filhos, e nós preferimos escravizar-nos aos mais monstruosos inimigos; e assim perseguimos com sanha a vida bem-aventurada, para nos arrojarmos na perdição sempiterna. Por conseguinte, se os nossos pecados causam ao Pai santíssimo tão grande dor, quão grande prazer lhe acarretarão ao cabo as nossas virtudes, se cumprirmos o nosso dever? É que, quanto maior é o Seu amor e quanto mais ilustre é a obra que se esforça por realizar em nós, tanto mais pleno e abundante será o Seu prazer. Foi tão grande o Seu amor que entregou à morte o Seu único Filho; a Sua obra foi tão excelente que em muitas partes se avantajava a todas as Suas obras que com a maior sagacidade imaginou na inteira fábrica do mundo. Daqui se segue que as Suas delícias se encontram no trato e familiaridade com os homens bons.

Por consequência, quando O veneramos com espírito puro e casto; quando com as nossas preces pedimos a Sua graça; quando beneficiamos das Suas mercês e dádivas; quando inteiramente nos consagramos a imitá-Lo e, apoiados no Seu Espírito, procuramos alcançar a dignidade e grandeza da glória celestial: então estamos a inundar o Seu entendimento com uma alegria extraordinária. Portanto, cumpre que por todos os modos nos empenhemos no zelo da justiça

quae quidem nos hortari et admonere, et propemodum rogare et obsecrare, minime desistit ut nostrae saluti prospiciamus. Ait igitur:

[32.] *Nunc ergo, fili, audite me: Beati qui custodiunt uias meas.* [33.] *Audite disciplinam, et estote sapientes, et nolite abiicere eam.* [34.] *Beatus homo qui audit me, qui uigilat ad fores meas quotidie et obseruat ad postes ostii mei.*

Quantum sit opus, ad parandam sapientiam, [733] alacritate et uigilantia satis explicatum arbitror. Nec est etiam ignotum omnem fructum inconstantibus interire, soli enim qui perseuerauerint usque ad finem salui erunt³⁷. Restat nunc ut intelligamus quae sint sapientiae fores, quis sit ad illam aditus, quo modo tandem possimus in illius penetralia, quae patent familiaribus aque domesticis, intromitti.

Fores sunt timoris et religionis officia. “Initium” namque “sapientiae est timor Domini”³⁸, ostium est omnium caritas, per eam enim a peccatis emergimus et in amissam puritatem restituimur. Aditus apertus est legis Diuinae custodia. Vt enim ipsa Sapientia testificatur, si uerba illius in animis nostris insederint, cognoscemus ueritatem. Vitae igitur castimonia, morum integritate, incenso uerae uirtutis studio, eum statum assequemur in quo Deum Doctorem et magistrum praeclarissimae eruditionis habeamus, ut sapientiae tandem caelestis compotes esse possimus.³⁹

[35.] *Qui me inuenerit inueniet uitam, et hauriet salutem a Domino.*

Sapientiae fructus uita est; uita autem Dei fauore et gratia comparatur. Cum igitur sapiens ille tantum habendus sit qui sibi consulit, restat ut ille uerae sapientiae nomen obtineat qui uita caelesti fruitur, eo quod numquam gratiam Diuini spiritus effunderit et semper in studio pietatis animo constante permanserit. Is autem est qui sapientiam inuenit, et non illi qui caeco impetu in mortem, sponte sua, rapiuntur, ut Sapientia statim subiungit, inquiring:

[36.] *Qui autem in me peccauerit, laedet animam suam; omnes qui me oderunt diligunt mortem.*

Furoris igitur immanitas, summa dementia in sapientiae contemptu et in flagitio et impuritate perspicitur, summus enim furor est uitae fontem aspernari et sempiternae mortis acerbitatem libenter amplecti.

³⁷ Vd. Vulgata, *Mt.* 10, 22.

³⁸ Vd. Vulgata, *Ps.* 110,10; *Prov.* 1, 7.

³⁹ Vd. Vulgata, *Io.* 8, 8-11.

e da probidade, para sermos bem-aventurados e, do mesmo passo, oferecermos matéria da mais elevada deleitação à divina Sabedoria, a qual não desiste de nos exortar e admoestar, e quase rogar e suplicar, que estejamos atentos à nossa salvação. Por conseguinte, diz:

32. Agora, pois, filhos, ouvi-me: bem-aventurados os que guardam os meus caminhos. 33. Ouvi a instrução e sede sábios e não queirais rejeitá-la. 34. Bem-aventurado o homem que me ouve, e que vela todos os dias à entrada da minha casa, e que está feito espia às ombreiras da minha porta.

Penso que ficou assaz claro quão grande ardor e perseverança se fazem mister para alcançar a sabedoria. [733] Tão-pouco ninguém ignora que para os inconstantes todo o fruto se perde, pois apenas os que perseverarem até ao fim serão salvos. [Mt 10. 22.] Resta agora que compreendamos quais são as portas da sabedoria, qual é a entrada para ela, de que modo podemos ao cabo ser admitidos no seu santuário, que se abre franco aos seus íntimos e familiares.

As portas são os deveres do temor e da religião. É que “o temor do Senhor é o princípio da sabedoria”, [Pr 1. 7.] e a entrada é a caridade dos homens, pois através dela saímos dos pecados e somos restituídos à pureza que perdêramos. O acesso franco é a observância da lei divina. É que, tal como a própria Sabedoria testemunha, se as suas palavras habitarem nas nossas almas, conheceremos a verdade. [Jo 8. 31-32] Por conseguinte, através da pureza de vida, da inteireza de costumes e de um abrasado zelo da verdadeira virtude alcançaremos aquele estado em que teremos a Deus como mestre e doutor da mais preclara ciência, por forma a podermos ao cabo possuir a sabedoria celestial.

35. Aquele que me achar, achará a vida e haverá do Senhor a salvação;

O fruto da sabedoria é a vida; ora, a vida obtém-se por favor e graça de Deus. Por conseguinte, uma vez que só deve ter-se na conta de sábio aquele que olha por si mesmo, conclui-se que só alcança o título de verdadeiro sábio o homem que goza de vida celestial, por nunca ter desperdiçado a graça do Espírito divino e sempre ter permanecido com perseverança no zelo da piedade. Ora, é este o que acha a sabedoria, e não aqueles que, com cego arrebatamento, por sua livre e espontânea vontade, se precipitam na morte, consoante a Sabedoria imediatamente a seguir acrescenta, dizendo:

36. aquele porém que pecar contra mim, fará mal à sua alma. Todos os que me aborrecem amam a morte.

Por conseguinte, a monstruosidade do desvario e a mais completa vesânia revelam-se no desprezo da sabedoria, na infâmia e na impureza, porquanto é

CAP. IX

[1.] *Sapientia aedificauit sibi domum, excidit columnas septem.* [2.] *Immolauit uictimas suas, miscuit uinum suum, et proposuit mensam suam.*

Mirum uideri potuisset, cum caelum sit sapientiae sedes maiestasque illius non possit totius mundi ambitu contineri, quid illi uenerit in mentem nouae domus aedificationem in terra moliri. Si laxitatem quaerebat, quid mundo poterit esse capacius? Si pulchritudinem, quid illo cerni potest elegantius? Sed intelligendum est fieri posse ut intra caeli ambitum sit aliquid ipso caelo amplius et magnificentius. Quid illud tandem est? [734] Mens et ratio hominis, si fuerit sanctis disciplinis erudita et diuinis ornamentis exulta. Nam Diuinum sapientiae numen, quod caelo atque terra coerceri et contineri nequit, mente uiri iusti, eaque de causa sapientis, includitur. “Nescitis”, inquit Paulus, “quod templum Dei estis, et Spiritus Sanctus habitat in uobis?”⁴⁰ Itaque quaelibet anima sancti hominis est sanum atque adeo templum mira religione consecratum, in quo Deus sibi sedem atque domicilium constituit.

Quid igitur dicendum non de uno aut de paucis sanctis hominibus, sed de uniuerso coetu fidelium, quem Diuini iuris nexu artissime deuinxit et ardentissimo caritatis uinculo copulauit? Quid hoc templo cogitari animo potest augustius? Ecclesiam enim, id est, multitudinem fidei sanctissimae communionem sociatam, appellat Paulus “donum Dei et firmamentum atque columnam ueritatis”⁴¹. In hac enim perpetuo numen illius uersatur, in hac domo sanctissime colitur, ab huius complexu numquam diuellitur, in hac summa ueritas elucet, haec caelesti praesidio cingitur, ab hac omnes hostium conatus fortissime repelluntur. Haec est domus quam Sapientia opere Diuino perfecit et clarissimis ornamentis instruxit.

“Septem columnas excisas a sapientia” Sapiens esse dicit. Numerus septenarius omnem perfectionem designat, nam quaternarius iustitiam et uirtutis humanae moderationem significat. Ternarius uero est numerus pietati atque religioni consecratus. Itaque ex quaternario atque ternario, septenarius efficitur, qui

⁴⁰ Vd. Vulgata, *1 Cor.* 3, 16.

⁴¹ Vd. Vulgata, *1 Tim.* 3, 15; *Hebr.* 3, 6.

o cúmulo da demência menosprezar a fonte da vida e abraçar de bom grado a calamidade da morte sempiterna.

CAPÍTULO IX

1. A sabedoria edificou para si uma casa, cortou sete colunas. 2. Imolou as suas vítimas, preparou o vinho e dispôs a sua mesa.

Teria podido parecer espantoso, sendo certo que o céu é a morada da sabedoria e que a majestade dela não pode conter-se no âmbito do mundo inteiro, por que é que lhe ocorreu a ideia de edificar na terra uma nova casa. Se procurava amplidão, que poderá ser mais extenso do que o mundo? Se formosura, que pode contemplar-se de mais belo do que ele? Mas deve ter-se em conta que pode acontecer que dentro do âmbito do céu exista algo mais amplo e mais maravilhoso do que o próprio céu. E que coisa é então essa? [734] O entendimento e a razão do homem, se tiver sido instruída pelos santos ensinamentos e ataviada com os ornamentos divinos. É que a majestade divina da sabedoria, que o céu e a terra são incapazes de abarcar e conter, cabe dentro do entendimento do varão justo, e, por este motivo, do sábio. Não sabeis, diz S. Paulo, que “sois o templo de Deus e o Espírito Santo habita em vós”? [2 Cor 6. 16.] E assim qualquer alma de um homem santo é um lugar consagrado e até um templo santificado por um maravilhoso caráter religioso, no qual Deus estabeleceu para Si a Sua morada e domicílio.

Por consequência, que cumpre dizer-se, não em relação a um só ou a poucos homens santos, mas acerca da totalidade da comunidade dos fiéis, à qual uniu mediante o estreitíssimo vínculo da lei divina e as ataduras ardentíssimas do amor? Que pode imaginar-se de mais elevado do que este templo? É que S. Paulo à Igreja, isto é, assembleia unida pela comunhão na santíssima fé, chama-lhe “casa de Deus” [Hb 3. 5.] e “coluna e firmamento da verdade”. [1 Tm 3. 15.] É que nela perpetuamente mora a Sua divindade, nesta casa é santíssimamente adorada, da união íntima com Ele nunca se aparta, nela resplandece a verdade suprema, ela está protegida pela defesa celestial e ela rechaça com o máximo denodo todos os ataques dos inimigos. É esta a casa que a Sabedoria com arte divina edificou e guarneceu com os mais brilhantes ornamentos.

O Sábio diz que “a sabedoria cortou sete colunas”. O número sete significa toda a perfeição, ao passo que o quatro simboliza a justiça e o comedimento da virtude humana. Quanto ao três, é o número que se aplica à piedade e à religiosidade. E assim, com o quatro e o três se obtém o sete, que do mais adequado modo reúne todos os números da justiça e da piedade. Por conseguinte, pelas

iustitiae atque pietatis numeros omnes aptissima ratione complectitur. Per septem igitur columnas, nihil aliud quam summum atque perfectissimum totius operis firmamentum intelligitur.

“Immolauit”, inquit, “uictimas”. – Instruxit conuiuium ut inuitatos exciperet. Quae sunt uictimae quas immolauit? Primum quidem sacrificium quod offertur in templo Dei uiuo est cor perculsum et abiectum, ad dedecoris admissi detestationem acriter incitatum. Alterum est sacrificium laudis, quod beneficiorum memoriam repraesentat. Tertium porro est sacrificium iustitiae, postquam enim sumus peccati crimine liberati et laudis nota persoluimus; reliquum deinceps est ut omnem uitam in iustitiae studium conferamus. Quartum postremo sacrificium est Diuini amoris incendium quo flagrat animus, cum accepta beneficia recognoscit et Diuinae bonitatis et pulchritudinis speciem assidue contemplantur.

Et has quidem omnes uictimas Sapientia diuinitus instaurat, ut numquam ritus religionis sanctissimae in terra deficiat, quo numen Diuinum propitium nobis fiat. Verum, cum sint permulti uiri sanctissimi qui multo excellentius se in studio pietatis exercent, ea sacrificia necesse est ut sint Deo longe gratiora, ita ut ab eorum fructu qui ea procurauerunt multum etiam in communem Ecclesiae totius utilitatem redundet. Hi fuerunt Prophetae, qui nobis uiam ad fidei sanctitatem et religionem Diuinis praedictionibus egregie munierunt. Fuere martyres, [735] qui sanguine profuso fidem nostram corroborauerunt. Fuere multi in omne genere iustitiae atque pietatis excellentes, qui scriptis et monumentis, qui admirandae uirtutis exemplis nos ad gloriae immortalitatis amorem excitauerunt.

Sed, quid dicendum? Vnde haec uictimarum sanctitas emanauit? Num illa a terris exorta est aut in natura humani generis insita, ut terrenae fertilitati possimus hanc Diuinam uim sanctissimae religionis adscribere? Nullo modo! Sed unicum illud sacrificium Agni pro nobis immolati, qui occisus fuit, ut Ioannes testificatur, “ab origine mundi”,⁴² (non solum enim praesentibus atque futuris opitulatum est, sed etiam antiquitatem omnem, fide Diuinae benignitatis innixam, scelere omni liberauit): illa, inquam, uictima salutaris tantum pondus infinitae uirtutis habuit, ut eas omnes uictimas quas oratione persecuti sumus Deo gratas atque iucundas efficeret. “Omnes”, inquit uir ille Diuinus, “de plenitudine eius accepimus”⁴³.

Conuiuium igitur fuit magnifice satis instructum et apparatus. Dapes fuerunt fidei robur inuictum, uirtutis Diuinae constantia, iustitiae regium decus et ornamentum atque postremo panis ille, a caelo demissus ut uitam mundo daret

⁴² Vd. Vulgata, *Apoc.* 13, 8.

⁴³ Vd. Vulgata, *Io.* 1, 16.

sete colunas não se entende outra coisa do que o supremo e perfeitíssimo sustentáculo de toda a obra.

Diz: “imolou as suas vítimas”. – Preparou um banquete para receber os convidados. Quais são as vítimas que imolou? Ora, o primeiro sacrifício que oferece no templo vivo de Deus é um coração compungido e humilhado, vivamente incitado ao ódio contra a infâmia em que caíra. O segundo é o sacrifício de louvor, que representa a lembrança dos benefícios. E o terceiro é o sacrifício da justiça, pois, depois que nos libertamos do crime do pecado e cumprimos os votos de louvor, resta que em seguida consagremos toda a existência ao zelo da justiça. O quarto sacrifício, finalmente, é o incêndio de amor em que se abrsa o espírito, quando reconhece os benefícios recebidos e incessantemente contempla a visão da bondade e formosura divinas.

Ora, a Sabedoria prepara por inspiração divina todas estas vítimas para que na terra nunca faltem os ritos da santíssima religião, para com eles tornar propícia a divindade em relação a nós. Mas, sendo certo que existem inúmeros varões muitíssimo santos, capazes de se ocuparem de modo muito mais excelente no zelo da piedade, é forçoso que estes sacrifícios sejam de longe mais gratos aos olhos de Deus, por tal forma que do fruto, obtido por estes homens que os fizeram, resulte também muito em proveito comum de toda a Igreja. Tais foram os profetas, que com as divinas profecias nos prepararam de modo extraordinário o caminho para a santidade da fé e a religião. Tais foram os mártires, [735] que com o sangue que derramaram fortaleceram a nossa fé. Tais foram inúmeros varões, superiores em toda a espécie de justiça e de piedade, que, com seus feitos e escritos, e que, mediante exemplos de admirável virtude, nos incitaram ao amor da glória imortal.

Mas, que cumpre dizer-se? Donde procedeu esta santidade das vítimas? Acaso nasceu ela da terra ou foi enxertada na natureza do género humano, de maneira a que possamos atribuir à fertilidade da terra esta força divina da santíssima religião? De forma alguma! Mas aquele único sacrifício do Cordeiro imolado por nós, que, como testemunha S. João, “foi morto desde a fundação do mundo,” [*Apoc 13. 8.*] (é que ele veio em socorro, não apenas dos presentes e dos que hão de vir, mas também libertou de todo o pecado todos antigos que se apoiavam na fé na bondade divina): aquela, repito, vítima salutar teve tanto peso de infinita virtude que torna agradáveis e gratas aos olhos de Deus todas as vítimas que sacrificamos mediante a oração. “Todos nós recebemos da sua plenitude”, [*Joh 1. 16.*] disse o grande varão de Deus.

Por conseguinte, o banquete foi preparado e aparelhado de modo assaz esplêndido. Os manjares foram a força invencível da fé, a perseverança da virtude divina, o lustre e beleza da justiça e, por derradeiro, aquele pão, baixado do céu para dar a vida ao mundo e fortalecer e avigorar o espírito dos homens: coisas todas estas que provieram das santíssimas vítimas. E o vinho é aquela alegria que nasce das mercês do Espírito de Deus, alegria que rejubila os cora-

et animos hominum robore confirmaret: quae omnia ex sanctissimis uictimis exstiterunt. Vinum uero est iucunditas illa ex spiritus Diuini muneribus exorta, quae corda laetificat, quae animos incendit, quae amore Diuinitatis inflammat. Mensa insternitur, dapes apponuntur. Reliquum est ut conuiuiae confestim euocentur, ne sine fructu tantum operis atque negotii in apparando conuiuio consumatur.

“Misit ancillas suas”: utitur genere feminino, partim ut eodem genere quo Domina appellari sustinuit appellentur; partim ut naturae mollitudo, ad benignitatem magis propensa, et etiam humilitas, explicetur. Ait enim.

[3.] *Misit ancillas suas ut uocarent ad arcem et ad moenia ciuitatis.*

Metum omnem abstergit cum docet in arce summa, quo nullus hostium impetus penetrare ullo modo poterat, esse conuiuium apparatus, ut sine ulla sollicitudine et cum summa iucunditate comederent. Sed animaduertendum est qui tandem uocati fuerint. Num soli principes? Num optimates? Num uiri multum dignitate praestantes? Neminem excludunt apostoli, omnes inuitant et ad conuiuium, omnium quae umquam in terris exstiterunt magnificentissimum, maximis uocibus exhortantur. Et tamen erit quisquam qui uenire recuset et tam exquisitis epulis cum tanta dignitate frui minime uelit? – Erunt certe. Alius enim cupiditate nimia rei familiaris impeditus, inuitantis liberalitatem aspernatur; alius, immanitate libidinis excaecatus, aures obstruit; alius, alia cura districtus, oblata beneficia contemnit.⁴⁴

[4.] *Si quis est paruulus, ueniat ad me. Et [736] insipientibus locuta est: [5.] Venite, comedite panem meum, et bibite uinum quod miscui uobis. [6.] Relinquitte infantiam, et uiuite et ambulate per uias prudentiae.*

Paruuli sunt omnes qui iustitiae expertes sunt, qui huius uitae ludibria maximo studio consectantur et minime ad ea quae uitam omnem continent adspirant. Mentis expertes sunt omnes qui Dei cognitionem minime perceperunt totumque ingenii acumen in huius uitae commodis parandis et accumulandis, sine ullo solido fructu, consumunt. Hos omnes uocat Sapientia, ut paruulis sensum uirilem largiatur, insipientes autem sapientiae opibus et ornamentis afficiat. Aurum non poscit, argumentum non exigit, gratis panem suum atque uinum suum, omnibus qui uoluerint uitae statum commutare, liberalissime pollicetur. “Difficile”, inquis, “negotium est et asperum minimeque ferendum.” Quomodo? Dominatu mortis opprimi, tenebris obrui atque adeo sepeliri, ad sempiternum supplicium trudi: id erit suaue nimis et omni dulcedine perfusum? Vita uero cum libertate tranquillissima

⁴⁴ Vd. Vulgata, *Lc.* 14, 18-20.

ções, que abrasa os espíritos e os inflama no amor da divindade. Põe-se a mesa e colocam-se as iguarias. Falta chamar imediatamente os convidados, para que não se desperdice sem fruto tão grande trabalho e atividade despendidos na preparação do banquete.

“Enviou as suas escravas”: usa o género feminino, em parte para serem chamadas com o mesmo género com que consentiu ser chamada Senhora; em parte para tornar mais explícita a natureza branda, mais propensa à bondade, e até a humildade. Com efeito, diz:

3. Enviou as suas escravas a chamar à fortaleza e às muralhas da cidade.

Dissipa toda a espécie de medo quando ensina que o banquete foi preparado na mais elevada cidadela, na qual de forma alguma poderia penetrar nenhum ataque dos inimigos, para que comessem sem qualquer preocupação e com plena alegria. Mas cumpre reparar-se em quem foram ao cabo os chamados. Porventura unicamente príncipes? Acaso aristocratas? Ou varões que muito se avantajavam em dignidade? Os apóstolos a ninguém excluem, a todos convidam e com os mais elevados brados exortam a participarem no mais esplêndido de todos os banquetes que alguma vez se realizaram na terra. E mesmo assim existirá alguém que se recuse a vir e não queira desfrutar de tão refinadas iguarias em meio de tão grande dignidade? – Certamente que existirá. É que um, enleado pela excessiva cobiça de bens patrimoniais, despreza a liberalidade de quem o convida; outro, cego pela monstruosa sensualidade, fecha os ouvidos; outro, ocupado com outros cuidados, dá de mão aos benefícios que se lhe oferecem. [Lc 14. 17-21]

4. Todo o que é simples, venha a mim. E [736] aos insensatos disse: 5. ‘Vinde, comei o pão que vos dou e bebei o vinho que eu vos preparei. 6. Deixai a infância, e vivei, e andai pelos caminhos da prudência.

Simples são todos os que estão desprovidos de justiça, que com o máximo desvelo vão empós dos enganamentos deste mundo e não aspiram àquelas coisas em que se encerra toda a vida. Privados de entendimento são todos os que não adquiriram o conhecimento de Deus e gastam toda a sua penetração intelectual em conseguir e acumular as comodidades desta vida, sem qualquer fruto sólido. A todos estes chama a Sabedoria, para oferecer aos simples e infantis um juízo viril maduro, ao passo que aos insensatos os orna com os atavios e riquezas da sabedoria. Não pede oiro, não exige prata, com a máxima liberalidade promete grátis o seu pão e o seu vinho a todos os que quiserem mudar de estado de vida. Dir-se-á: “É algo de dificultoso, trabalhoso e intolerável!” Como? Ser oprimido pelo senhorio da morte, esmagado pelas trevas e até enterrado, e arrastado para o suplício eterno: será isso algo de assaz agradável e transbordante de toda a sorte de doçuras? E desfrutar a vida com a mais tranquila liberdade, e ser ilu-

frui et luce clarissima collustrari, et ad spem firmissimam sempiternae felicitatis excitari: id erit asperum et acerbum perpessuque difficillimum? Quae poterit maior insania cogitari?

At Sapiencia ad uitam uocat, ad uoluptatem stabilem inuitat, ad spem immortalitatis excitat, et tamen magna pars hominum aures illi praeberere non uult, quia totam se puerilibus sensibus addixit. Illa nihilominus clamat et homines obtestatur ut uiuere uelint. Quod fieri non potest, nisi pueritiam omiserint et prudentiam amplexi fuerint.

[7.] *Qui erudit derisorem, ipse iniuriam sibi facit; et qui arguit impium, sibi maculam generat.*

Non deterret Sapiens sanctos homines ab Euangelii ministerio, sed admonet ut uideant quae sint illis in tam praeclari muneris functione subeunda. Aliter enim fieri potuisset ut, inopi nato malo percussi, fluctuarent et ab officio desisterent. Quasi dicat: “Animo confirmet omnes qui munus Euangelii praedicandi suscipiunt et se contra omnia potestatis aduersariae tela robore inuicto communiunt.” Non enim omnes credent Euangelio.⁴⁵

Duo autem praecipue hominum genera sibi ex aduerso constituta sunt. Primum est derisorum factio, quae, superbia et insolentia subnixa, omnia quae non fuerint suis sensibus consentanea, deliramenta quaedam ualde deridenda putabit, ueluti si dictum fuerit auaro ut hominum caritatem pecuniae praefendam existimet, aut libidinoso ut corporis puritatem uenereis deliciis anteponat, hi cachinnos repente tollunt et eos, qui talia suadent, stultissimos arbitrantur.

Aliud est impiorum genus, qui pietatem odio nimis acerbo et immani persequantur.[737] Hi non risu, sed ferro pugnant operamque enixe dant ut omnes uerissimae pietatis disciplinam ex omni memoria funditus euellant. Sic et apostoli primum risu oppugnati sunt ab illis qui dicebant eos, musto ebrios, ea, quae diuinitus enuntiabant, effari.⁴⁶ Deinde, uinculis, exsilio, morte multati sunt, ut crudelitatem impiorum sanguine suo satiarent. Sed alium sensum designare uidetur id quod sequitur:

[8.] *Noli arguere derisorem, ne oderit te. Argue sapientem, et diliget te.*

⁴⁵ Vd. Vulgata, *Rom.* 3, 3.

⁴⁶ Vd. Vulgata, *Act.* 2, 13-16.

minado pela luz mais resplandecente e incitado a uma firmíssima esperança de eterna felicidade: será isso algo de trabalhoso e pungente e muitíssimo dificultoso de suportar-se? Que maior loucura poderia fantasiar-se?

Mas a Sabedoria chama para a vida, convida a um prazer estável, incita à esperança da eternidade, e mesmo assim grande parte dos homens não quer dar-lhe ouvidos, porque inteiramente se abandonou a sentimentos e faculdades infantis. Ela, não obstante, brada e roga aos homens que queiram viver: algo que não pode acontecer se não puserem de parte a infância e não abraçarem a madureza.

7. Aquele que instrui ao mofador a si mesmo se faz injúria; e aquele que repreende ao ímpio a si mesmo se desonra.

O Sábio não aparta os santos homens da pregação do Evangelho, mas aconselha a que ponderem os riscos que lhes cumpre correrem no desempenho de tão nobre função. É que, caso contrário, poderia acontecer que, abalados por um mal inesperado, se sentissem hesitantes e renunciassem ao cumprimento do seu dever. Como se dissesse: “Encham-se de coragem todos os que empreendem a função de pregar o Evangelho e fortifiquem-se com invencível vigor contra todos os dardos do poder inimigo.” É que nem todos hão de crer no Evangelho. [Rm 3. 3.]

Ora, estão postados diante dele principalmente duas espécies de homens. A primeira é o grupo dos mofadores que, apoiando-se na soberba e na arrogância, julgará como uma espécie de delírios sobremodo ridículos tudo aquilo que não estiver em conformidade com o seu modo de ver e sentir, como, se se disser ao avarento que se capacite de que o amor pelo próximo é preferível ao dinheiro, ou ao libidinoso que anteponha a pureza do corpo aos prazeres venéreos, eles desatam às gargalhadas e têm na conta de completamente loucos os que de tais coisas os querem persuadir.

A outra variedade de homens é a dos ímpios que sentem pela piedade um ódio assaz sanhudo e entranhado. [737] Estes lutam, não com o riso, mas com o ferro, e envidam todos os esforços no sentido de arrancarem de raiz e por completo da memória todo o ensinamento da mais verdadeira piedade. Assim também os apóstolos, no começo, foram atacados através da zombaria, por parte daqueles que afirmavam que eles diziam sob efeito do mosto aquilo que anunciavam da parte de Deus. [At 2. 13.] Em seguida, foram castigados com a cadeia, o desterro e a morte, por forma a saciarem com o seu sangue a crueldade dos ímpios. Mas o que vem a seguir parece indicar outro sentido:

8. Não repreendas ao mofador para que ele não te aborreça. Repreende ao sábio, e ele te amará.

Hic plane deterret homines sanctos ab irrisoribus admonendis. Non igitur uerum esse uidetur quod paulo ante diximus, non eam esse sapientiae mentem ut metu popularis ignominiae aut acerbioris odii ab Euangelii munere sanctos homines auocaret, sed ut eos contra omnes hostiles conatus, seu scurrili dicacitate seu immani credulitate, comparatos amaret. Sed est intelligendum dissimilem esse rationem concionis et singularis admonitionis. Qui enim in concione de pietate, disserit pro certo habere debet in ea multitudine non defuturos qui partim irrideant ea quae dicuntur, partim pietatis magistros odio persequuntur; sed, non illius uel ignominiae uel periculi metu, impediri ullo modo debent qui tantam prouinciam susceperunt quo minus ea strenue perfungantur. Non enim, propter ullam perditorum hominum importunitatem, sunt boni fructu suo destituendi. Aliter enim numquam “ancillae sapientiae”, ut uocem in hominum coetu ederent, “missae fuissent”; numquam Iudaei manus apostolis iniiecissent; numquam denique iustitiae sanctissimus magister, ut est apud Lucam,⁴⁷ a pharisaeis auaris in concione derisus exstitisset. Et haec quidem, quod ad concionem attinet, cum populus uniuersus admonetur seruanda sunt.

Secus autem in priuato colloquio facere Sapiens iubet. Non enim medicina desperatis adhibenda. Desperati porro sunt qui sibi sapientiam insolenter arrogant, qui se ipsos nimis amant, qui se mortalibus cunctis antefurunt, qui denique in sceleribus obstinati et obfirmati sunt. Superbia enim, diuturnitate corroborata, non potest, de statu suo in quo eam temeritas statuit, facile dimoueri. Quid ergo proficies, si hominem furiosum et insanum, opinione acuminis elatum et inflatum, admonere uolueris ut opinionem sapientiae deponat et alterius monitis assentiatur? Nihil prorsus. Id tantum efficies ut te, uelut insanum, petulanter irrideat, uelut hostem crudeliter insequatur. Non igitur sequens sententia antecedenti repugnat, sed est illi ualde congruens et consentanea.

Illud tamen mirum uideri fortasse poterit, in quo praecipit ut “sapientem arguamus, ut amorem illius conciliemus”. Sapiens enim arguendus non est, cum minime delinquat. Ad hoc responsio facilis est. Nomen enim Sapientiae duplicem uim habet, nam et perfectam sapientiam significat, et docilitatem ad sapientiam. Qui enim se immoderate [738] non iactat, qui sibi nihil insolenter assumit, qui, quamuis nondum sit sapientiam assecutus, illius tamen desiderio tenetur, sapiens iam appellari quodammodo potest. Possidet enim iam in se firmissimum sapientiae fundamentum, quod in humilitate et moderatione consistit, Deus enim, qui est sapientiae parens, superbis infensus est et humilibus dat gratiam, et praeterea mentes rebelles et obduratas odio habet, et in animis mollibus et qui sunt ad bonitatem flexibiles legem suam inscribit. Sapientem igitur nominare licet eum

⁴⁷ Vd. Vulgata, *Lc.* 16, 14.

Aqui claramente desvia os homens santos de repreenderem os mofadores. Por conseguinte, parece que não é verdade o que pouco atrás dissemos, de que a intenção da sabedoria não é desviar os santos homens, mediante o temor da afronta popular ou de um ódio mais violento, da função de pregarem o Evangelho, mas aparelhá-los contra todas as arremetidas dos inimigos, quer revistam a forma da chocarrice zombeteira, quer da desumana crueldade. Mas cumpre compreender-se que são diferentes os procedimentos da pregação e da admoestação particular. É que, quem discorre num sermão acerca da piedade, deve ter por garantido que entre a assistência não hão de faltar pessoas que, em parte, se riam do que se diz, em parte sintam ódio contra os mestres da piedade, mas os que tomaram a peito uma tão importante função, de forma alguma devem ser impedidos, quer pelo medo daquela zombaria vexatória quer daquele perigo, de a desempenharem com intrepidez. É que os bons não devem ser privados do seu fruto por causa de alguma importunação dos homens perversos. De facto, a não ser assim, nunca “as escravas da sabedoria teriam sido enviadas” a falar nos ajuntamentos dos homens, nunca os judeus teriam prendido os apóstolos, nunca, finalmente, o santíssimo mestre da justiça, como se lê em *Lc 16. 14.*, teria sido zombado pelos fariseus avarentos. E isto que diz respeito à pregação cumpre que se observe quando o conselho se dirige ao povo todo.

Por outro lado, o Sábio ordena que se proceda diferentemente nas conversas privadas. De facto, não devem aplicar-se medicamentos aos casos desesperados. Ora, são desesperados aqueles homens que com insolência se arrogam a sabedoria, que a si mesmos exageradamente se amam, que se antepõem a todos os mortais e que, enfim, se mostram obstinados e pertinazes nos pecados. É que não pode facilmente fazer-se baixar a soberba, fortalecida por uma prolongada duração, da posição a que a alçapremou o desatino. Então, que bom êxito conseguirás, se, a um homem desvairado e ensandecido, ensoberbecido e inflado com a convicção pessoal de grande penetração intelectual, o quiseses aconselhar a que ponha de parte essa suposição de que é sábio e aceite as admoestações de outrem? Certamente que nenhum. Só ganharás com isso que ele impudentemente zombe de ti como se fosses um orate e sanhudamente te persiga como a um inimigo. Por conseguinte, a segunda frase não está em contradição com a anterior, mas com ela se harmoniza e ajusta.

Todavia, poderá talvez parecer estranho o que preceitua, ao mandar-nos “repreender o sábio, para que ele nos ame.” De facto, não deve repreender-se o sábio, uma vez que ele não erra. Ora, é fácil responder a isto. Na realidade, a palavra “sabedoria” tem duas acepções, porquanto significa não apenas a consumada sabedoria, mas também a boa disposição para aprender. De facto, quem não se ensoberbece descomedidamente, [738] quem nada presume de si mesmo de forma arrogante, quem, embora ainda não tenha alcançado a sabedoria, todavia está dominado pelo desejo dela, já em certa maneira pode chamar-se sábio. É que já possui em si o mais sólido fundamento da sabedoria, que consiste na humildade e no comedimento, porquanto Deus, que é o Pai da sabedoria, é

qui ad sapientiam se praeparat. Nam, si sapiens est qui sibi prospicit, sapiens est certe qui sapientiae desiderio tenetur, fructum enim maxime salutarem ex tam praeclara cupiditate percipiet.

Sed quaerendum est quid faciendum sit homini qui iam ad sapientiam peruenit. Num erit etiam in loco de officio admonendus et, si aliquid negligenter egerit, arguendus? Erit certe. Habet enim sapientia gradus, et nemo tam sapiens est qui sapientior esse non possit. Et, cum aliarum rerum cupiditas in hominibus qui terris affixi sunt inexplebilis sit, ita et sapientiae cupiditas modum non habet, immo qui illi modum praefinit insipientiae significatione dat. Nam, cum aliorum bonorum cupiditates sint certis finibus arcendae et eorum infinita cupiditas semper sceleribus sit affinis, sola cupiditas sapientiae, si fuerit moderata, flagitio minime uacat et immoderata iure laudatur. Prudentiae namque lex mediis qui sunt ad beatam uitam commodi fines statuit, tantum enim ex qualibet re delibandum est quantum naturae necessitas requirit et quod superfluit negligendum: at id, in quo uitae finis ultimus collocandus est, non patitur animi natura, quae cupiditate infinita summi boni perpetuo ducitur, ut aliquo fine terminetur. Sic fit ut, qui in sapientiam quasi in ultimum et extremum omnium rerum expendarum intuetur, in nullo sapientiae gradu resistat, sed, cum multum profecerit, multo ardentius ultra progrediatur.

Sed quorsum haec tam multa in hanc sententiam dicta sunt? Vt uideamus, cum sapientia augeri possit, numquam fore superuacaneam admonitionem ad fructum hominis sapientis adhibitam. Rectissime igitur Sapiens adiungit:

[9.] *Da sapienti occasionem, et addetur ei sapientia; doce iustum, et festinabit accipere* (hoc est: Augebit disciplinam.).

Nullum discrimen inter sapientem atque iustum ponit. Summus enim fructus sapientiae iustitia continetur et qui iustitiae laude circumfluit est perfecte sapientiam consecutus. Quomodo uero id fiat docet continuo Sapiens, eadem sententia qua non semel usus est:

[10.] *Principium sapientiae timor Domini, et scientia sanctorum prudentia.*

hostil aos soberbos e oferece graça aos humildes, e além disso tem ódio contra os espíritos rebeldes e obstinados, e grava a Sua lei nas almas delicadas e que se dobram à bondade. Portanto, é lícito chamar-se sábio àquele que se prepara para a sabedoria. De facto, se é sábio quem se examina a si mesmo, certamente que é sábio quem está possuído pelo desejo da sabedoria, pois de um desejo tão elevado receberá o mais salutar de todos os frutos.

Mas cumpre que se procure saber que é que deve fazer-se com o homem que já chegou à sabedoria. Acaso também deverá ser convenientemente aconselhado acerca do seu dever e repreendido, se tiver praticado algo de modo remisso? Certamente que deverá. É que a sabedoria tem graus, e ninguém é tão sábio que não possa tornar-se mais sábio. E sendo certo que nos homens, que estão presos à terra, é insaciável o desejo das outras coisas, também da mesma maneira o desejo de sabedoria não tem medida, e até quem lhe marca limites dá mostras de ignorância. De facto, sendo certo que os desejos dos outros bens devem conter-se dentro de certos limites e o desejo ilimitado deles está sempre associado ao pecado, só o desejo de sabedoria, se for moderado, não incorre em infâmia e, se ilimitado, é justamente louvado. É que a lei da prudência estabeleceu limites aos meios que são ajustados para a vida venturosa, pois de uma qualquer coisa deve tirar-se apenas o que a necessidade da natureza requer e deixar-se de parte o que sobeja: mas a natureza do espírito, a qual incessantemente é guiada pelo desejo infinito do bem supremo, não consente que tenha algum limite aquilo em que deve colocar-se o último fim da vida. Assim sucede que, quem olha para a sabedoria como a mais importante e derradeira de todas as coisas desejáveis, não pára em nenhum dos seus degraus, mas, ainda que avance muito, muito mais ardentemente continua a avançar.

Mas por que razão discorremos tanto a propósito destes conselhos? Para que vejamos que, uma vez que a sabedoria pode aumentar, nunca há de ser supérfluo o conselho que se dá para beneficiar o homem sábio. Por conseguinte, é muito acertadamente que o Sábido acrescenta:

9. Dá ocasião ao sábio, e se lhe acrescentará sabedoria. Ensina ao justo, e se apressará em aprender. [isto é: “aumentará os conhecimentos”]

Não faz nenhuma distinção entre o sábio e o justo. É que o supremo fruto da sabedoria encerra-se na justiça e obteve de modo perfeito a sabedoria o homem que abunda nos merecimentos da justiça. E como isto se leva a cabo é o que de seguida ensina o Sábido, com a mesma sentença de que usou mais do que uma vez:

10. O princípio da sabedoria é o temor do Senhor, e a ciência dos santos é a prudência.

Timor Domini iustitiam efficit et sanctorum scientia ad Dei cognitionem instruit. Vnde sequitur [739] ut soli sancti omnes sapientes sint et reliqui omnes, qui sanctitatis sunt expertes, insaniant.

[11.] *Per me enim multiplicabuntur dies tui, et addentur tibi anni uitae.*

“Mors”, inquit Sapientia, “numquam in te, si me audieris, impetum feret. Erit enim tibi per me immortalitas comparata.”

[12.] *Si sapiens fueris, tibimetipsi eris; si autem illusor, solus portabis malum.*

“Non meum negotium ago”, inquit Sapientia, “non rem meam gero, nec enim rebus tuis indigeo. Nec enim, si sapiens fueris, quidquam ad opes accedet; si illusor, hoc est, stultissimus, nihil erit de mei numinis amplitudine deminutum. Tibi consulo, tibi prospicio, pro tua salute laboro: res tua agitur. Si dederis operam sapientiae, tu solum fructum feres; si dementia praeceps irriseris, tu solus poenam furoris et amentiae sustinebis.”

Est insignis ad persuadendum locus, cum ostendimus nos non locus nostra caussa laborare, sed illius cui consilium damus. Quem locum Sapientia, eloquentiae magistra, sibi minime negligendum existimavit.

[13.] *Mulier stulta et clamosa, plenaque illecebris, et nihil omnino sciens, [14.] sedit in foribus⁴⁸ domus suae, super sellam in excelso urbis loco, [15.] ut uocaret transeuntes per uiam, et pergentes itinere suo.*

Non satis habuit Sapientia opes suas explicatas proponere ut homines illarum cupiditate uehementer incenderet, nisi etiam nos admoneret ut insidias falsae sapientiae fugeremus. Eam primum Stultam uocat, nulla namque maior dementia fingi potest illa quae, cum sit totius disciplinae salutaris expertis et a cogitatione rerum Diuinarum remotissima, in sapientiae tamen nomen inuadit atque persuadere nititur imperitis ut sibi dent operam, si uelint uitae beatae compotes esse.

Dicit eam plenam illecebris esse, hoc est, dicendi quodam artificio et orationis ornatu ad persuadendum aptissimo. Dicit illam turbulentam esse, quia, cum firmissimis argumentis careat, ubi se ratione destitutam cernit, clamoribus et conuiciis omnia conficit. Et tamen, cum tantum sibi arroget et assumat, nihil omnino sapit, ita ut, quamuis totos dies clamet, nihil tamen uerum et simplex, nihil solidum

⁴⁸ in foribus] in furoribus *no original.*

O temor do Senhor produz a justiça e a ciência dos santos instrui no conhecimento de Deus. Daqui se segue [739] que só os homens santos são sábios e vivem na insensatez os que estão privados da santidade.

11. *Porque por mim se aumentará o número dos teus dias e acrescentados serão novos anos à tua vida.*

A Sabedoria diz: “Se me escutares, a morte nunca te atacará, pois através de mim alcançarás a imortalidade.”

12. *Se fores sábio, para ti mesmo o serás; e se fores mofador, tu só experimentarás o mal.*

Diz a Sabedoria: “Não me ocupo do meu interesse nem trato de negócio meu, pois tão-pouco tenho falta das tuas coisas. Tão-pouco, se se tornares sábio, há de acrescentar-se seja o que for às minhas riquezas; se fores mofador, isto é, totalmente insensato, a grandeza da minha divindade não padecerá qualquer decréscimo. Aconselho-te, velo por ti, trabalho pela tua salvação: trata-se do teu interesse. Se te consagrares à sabedoria, tu serás o único a colher o fruto; se, precipitando-te na sandice, mofares, tu serás o único a sofrer a pena da loucura e desvario.”

Trata-se de um argumento excelente para a persuasão, mostrarmos que nos empenhamos, não por nossa causa, mas daquele a quem damos conselho, argumento este que a Sabedoria, mestra da eloquência, considerou que não deveria deixar de parte.

13. *A mulher insensata e gritadeira, e cheia de atrativos, e que de todo não sabe nada, 14. assentou-se à porta de sua casa sobre uma cadeira, num lugar alto da cidade, 15. para chamar os que passavam pela estrada e que iam andando o seu caminho.*

A Sabedoria achou que não era bastante colocar expostas diante de nós as suas riquezas para vivamente abrasar os homens no desejo delas, se também não nos aconselhasse a esquivarmos os ardis da falsa sabedoria. Em primeiro lugar chama-lhe insensata, porquanto não pode imaginar-se maior loucura do que aquela que, embora esteja inteiramente de quaisquer conhecimentos e deveras apartada do pensamento das coisas divinas, mesmo assim se apodera do nome de sabedoria e se esforça por persuadir os ignorantes a que a ela se entreguem se quiserem obter uma vida venturosa.

Diz que ela está cheia de atrativos: isto é, que usa de uns certos recursos de eloquência e atavios de linguagem muitíssimo adequados para persuadir. Diz que ela é turbulenta, porque, ainda que desprovida de argumentos sólidos, quando se vê privada de razão, tudo confunde com brados e insultos. E todavia, apesar de tanta soberba e arrogância, não sabe absolutamente nada, de tal maneira que,

et expressum proferat, sed tantum uoces inanes sine ullo fructu pronuntiet. Et in ostio domus suae sedere dicitur, ut omnes ad se et ad penetralia insiti furoris alliciat. In edito et excelso loco solium suum collocasse perhibetur, quia principatum appetit et nimis insolenter extollitur, ut iura det et imperium administret. Inde porro [740] homines simplices et incautos et nihil hostile suspicantes a uita recta deducere conatur, ut eos erroribus turbulentis inficiat et uiam inire compellat, qua praecipites in sempiternae miseriae regionem retrudantur.

O fallacissimam inanissimae philosophiae disciplinam! O pestilentem Tartareae doctrinae sedem et exsecrandam infandi sceleris officinam, quam multis hominibus et olim et nostris etiam temporibus causam sempiternae mortis attulisti? Prodeunt homines fronte et supercilio seueri, flagitiis quamplurimis infames, moribus et uita turbulenti, orationis concinnitate (ut imperitis quidem uidentur) exculi, tritam religionis sanctissimae uiam deserentes et nouam, ut sectae principes appellari possint, excogitantes, qui in eo neruos omnes intendunt ut imperitam multitudinem ad se furiosis concionibus multisque uerborum lenociniis abducant. Qui quidem, cum se rerum omnium scientiam tenere profiteantur, nihil omnino sciunt, nemo enim quidquam scit nisi quem summus ille magister erudit. Deus uero non erudit insolentes, non incontinentes, non flagitiosos, non discordiarum ministros, non pacis turbatores, non legum contemptores, neque scelerum magistros. Omnes enim qui fallacis sapientiae opinione subnixi ambulant ueram sapientiam aspernantur, et qui tenebris assueti sunt lucem pessime oderunt. Vnde sequitur neque Lutherum nec eos qui a Luthero orti sunt (quamuis enim uariis nominibus appellentur, unum tamen factionis principem habent) fuisse ueram scientiam consecutos. Clamant illi quidem, turbant et ruunt, omnes homines prae se contemnunt, se solos omnia percepisse gloriantur, cum tamen nullam sapientiae significationem dare possint. Nullum est enim sapientiae cum flagitio et impuritate commercium.

Verum enimuero, hae personae, quae sapientiae fabulam agere conantur, et priscis temporibus multis mortalibus illuserunt, et nostris etiam officio suo perfunguntur, nec aetate consequente idem facinus facere desistent, ut electi ardentius in studio pietatis exerceri ad ampliorem gloriam possint et homines profligati acriores poenas luant, quando sic amentes exstiterunt ut uerae sapientiae monita contemnerent et temeritatis uoces ad aures libenter admitterent. Sed mulieris insanae clamores audiamus:

[16.] *Qui est paruulus, declinet ad me.*

embora passe o dia todo a bradar, sem embargo nada diz de verdadeiro e puro, nada de sólido e claro, mas apenas pronuncia palavras vãs sem qualquer utilidade. E diz-se que se assenta à porta da sua casa, a fim de a todos atrair para si e para o íntimo da sua conatural demência. Afirma-se que colocou num lugar alto e elevado o seu assento, porque vivamente deseja o principado e com sobeja insolência se ensoberbece, por forma a dar leis e a exercer o poder. E é por isso que [740] se esforça por desviar do reto caminho os homens simples e descautelados e que não suspeitam de nada de mal, a fim de os corromper com erros turbulentos e impeli-los a entrarem no caminho pelo qual se precipitam na região da desgraça sempiterna.

Oh enganosos ensinamentos da mais vã filosofia! Oh pestilencial morada de doutrina infernal e execrável escola do sacrílego crime, a quão grande número de homens, tanto antanho como também nos nossos dias, ocasionaste tu a eterna morte? Aparecem em cena homens, de cenho e catadura severos, infames pelas torpezas, de vida e costumes turbulentos, polidos (tais parecem aos olhos dos ignorantes) pela elegância de linguagem, que abandonaram o caminho trilhado da santíssima religião e inventaram uma nova, para poderem ser designados como chefes de uma seita, os quais empenham todos os seus esforços no sentido de, mediante pregações ensandecidas e muitas seduções de palavras, desviarem e atraírem para si a multidão ignorante. Os quais na verdade, ainda que proclamem que detêm o conhecimento de todas as coisas, não sabem absolutamente nada, pois ninguém sabe seja o que for senão aquele a quem ensina o supremo Mestre. E Deus não ensina os insolentes, nem os impuros, nem os infames, nem os instigadores das discórdias, nem os perturbadores da paz, nem os desprezadores das leis, nem os mestres dos pecados. É que todos os que caminham apoiados na opinião de uma falsa sabedoria, desprezam a verdadeira, e os que estão acostumados às trevas, odeiam de morte a luz. Daqui se segue que nem Lutero nem os que nasceram de Lutero (pois, ainda que sejam designados por vários nomes, todavia o chefe da seita é um só) alcançaram a verdadeira ciência. Certo que eles bradam, inquietam e precipitam-se, votam a desprezo todos os homens, comparando-os consigo, ufanam-se de só eles tudo terem entendido, sem embargo de não puderem oferecer qualquer mostra de sabedoria. É que não existe nenhuma relação da sabedoria com a infâmia e a impureza.

Na realidade, estas personagens, que se esforçam por representar o papel de sábios, não só nos tempos antigos enganaram muitos mortais, como também nos nossos desempenham o seu ofício e no futuro não desistirão de perpetrar o mesmo crime, por forma a que os escolhidos, para sua maior glória, possam ocupar-se mais ardentemente com o zelo da piedade e os homens depravados sofram castigos mais pesados, visto que se mostraram tão loucos que desprezaram os conselhos da verdadeira sabedoria e de bom grado deram ouvidos às vozes do desatino. Mas escutemos os brados da mulher insensata:

16. *O que é simples, volte-se para mim.*

Recte. Non enim uiri robusti poterunt ludis puerilibus oblectari et fallacissimis blandimentis in errorem induci.

Et uecordi locuta est: [17.] aquae furtiuae dulciores sunt, et panis absconditus suauior.

Causam totius erroris assignat, quae continet malorum omnium seminarium, in omni siquidem negotio uidemus homines flagitiosos furtiua⁴⁹ [741] propriis longe praeponere⁵⁰. Nam uiri libidinosi, quamuis uxores habeant et forma eleganti et moribus honestis egregie praeditas, alias tamen mulieres multo inferiores furenter appetunt; et auari, quamuis sint opulentissimi, alienis tamen opibus, ubi primum possunt, manus afferunt, ut plura possidendi sitim extinguere conentur. Quid de ambitiosis dicendum? Quid⁵¹ de reliquis uitae pestibus existimandum? An parum⁵² liquet plerisque mortalibus adiunctum esse ad res, quas optimo iure possident, fastidium, cum insana rerum alienarum cupiditate? Quam igitur causam tam peruersae opinionis assignabimus? An quia cupiditas insaturabilis proprio contenta esse non potest, et iccirco aliena, quae nimis sitienter expetit, meliora putat? An potius quia immanitas inuidiae facit ut homines aliena longe pulchriora iudicent? An, quia assueta contemnunt, ideo, falsa erroris opinione moniti, noua sempre exquirunt? Nam, cum lucrum perpetuo ligurriant, non sua, sed aliena in lucro ponenda statuunt. Hoc etiam dici potest: cum omnes libertatis appetentes simus, arbitrantur homines, quoties illis aliquo emolumento legibus interdictum sit, libertatem suam impediri, et ea de causa, cum aliena bona impune diripiunt, multi gloriantur, quasi sint perfectam libertatem assecuti. Haec uero falsa impunitae libertatis opinio, tyrannos efficit, quorum laus et gloria in gerenda, quod minime licet, tota consistit.

Huius doctrinae tam pestiferae falsa sapientia dux et magistra semper exstitit, quae persuadere nititur hominibus, ad decus et gloriam natis, leges esse eis contemnendas et iura omnia proculcanda, ut principatum obtineant. Similiter in sectis pestilentibus nouitatis iucunditas ex superbia et inuidia et appetitu principatus exoritur. Vetera despiciunt homines insani, nouitate gaudent, et, dum sapientiae rarae et insolitae nomen aucupantur, in opiniones temeritatis et amentiae plenas incidunt, cum libertatem suis ostendunt atque pollicentur, uincula durissimae seruitutis iniiciunt. Sic enim eos legibus soluunt, ut seruos impurissimae cupiditatis efficiant; splendidis nominibus religionis atque pietatis

⁴⁹ furtiua, em vez de praetiuua emendado na errata.

⁵⁰ praeponere, em vez de ponere emendado na errata.

⁵¹ Quid, em vez de An quid emendado na errata.

⁵² An parum, em vez Parum emendado da errata.

Está certo. De facto, os varões fortes não poderão recrear-se com jogos infantis nem ser induzidos em erro com blandícias totalmente fingidas.

E ao insensato disse ela: 17. 'As águas furtivas são mais doces e o pão tomado às escondidas é mais gostoso.'

Aponta a causa de todos os erros, que contém a fonte de todos os males, visto que em todos os negócios observamos que os homens ruins [741] preferem de longe as coisas furtadas às próprias. Com efeito, os homens libidinosos, ainda que tenham esposas não só de bom parecer, mas também providas de costumes singularmente honestos, todavia desejam com desvario mulheres muito inferiores, e os avarentos, ainda que possuam imensas riquezas, todavia, logo que têm ensejo, lançam as mãos sobre os bens alheios, para procurarem saciar a sede de possuir mais. Que cumpre dizer-se acerca dos ambiciosos? Ou que deve pensar-se sobre os restantes flagelos da existência? É pouco evidente que a maioria dos mortais associa o fastio àquelas coisas que possui com todo o direito, juntamente com um insensato desejo do alheio? Por conseguinte, que causa atribuiremos a um sentir tão perverso? Será porventura porque o desejo insaciável não pode satisfazer-se com o próprio e por isso considera melhores as coisas alheias que apetece com sobeja avidez? Ou antes porque a desumana inveja faz que os homens julguem por muitíssimo mais belas as coisas alheias? Ou, porque desprezam o costumeiro, por isso, induzidos por uma falsa e errada opinião, buscam sempre novidades? É que, uma vez que incessantemente almejam o lucro, reputam como lucrativos não os bens próprios, mas os dos outros. Também pode dizer-se o seguinte: sendo certo que todos sentimos vivo desejo de liberdade, os homens pensam que a sua liberdade é impedida sempre que por lei se lhes proíbe algum ganho, e por este motivo quando impunemente se apossam de bens alheios, muitos sentem-se orgulhosos, como se tivessem alcançado a perfeita liberdade. E esta falsa opinião de liberdade impune dá origem aos tiranos, cuja glória e motivo de orgulho inteiramente assenta em fazer o que não é lícito.

A falsa sabedoria foi sempre a mestra e guia desta doutrina tão pestilencial, que se esforça por persuadir aos homens, nascidos para honra e glória, que devem desprezar as leis e conculcar todo o direito, para se guindarem ao poder supremo. De modo idêntico, nas seitas pestilenciais o gosto da novidade nasce da soberba, da inveja e do apetite de poder. Os homens insensatos menosprezam as coisas antigas e comprazem-se com o novo, e, ao procurarem o prestígio de um saber raro e fora do comum, precipitam-se em opiniões cheias de desatino e desvario, e ao mostrarem e prometerem aos seus a liberdade, estão a lançá-los nas masmorras de uma duríssima escravidão. É que destarte os libertam das leis para torná-los escravos do impuríssimo desejo, aliciam os incautos com os nomes brilhantes de religião e piedade, para ao cabo despojá-los de toda a proteção da mais verdadeira santidade. E aproveitam-se desta opinião, gravada nas almas

incautos alliciunt, ut tandem eos omni praesidio uerissimae sanctitatis⁵³ spolient. Ea uero opinione, in multorum animis insita, ad fraudem faciendam abutuntur, qua existimant aquas furtiuas esse iucundiores. Nomine “aquarum” utitur quia, ut aqua exstinguit sitim, sic plerique putant cupiditatis et libidinis immanitatem non legitimo iure, sed iniuriis, exstinguendam. Sic etiam, “pane abscondito”, hoc est, per fraudem ablato, famem iucundius expelli.

Sed contra euenit, nam, ex eo studio quo perditii homines uoluptatem exquirunt, infinitam uim doloris accersunt. Hoc est autem quod continuo sequitur:

[18.] *Et ignorauit quod ibi sint gigantes.*

Vbi?, quaeso. In superbia, in inuidia, in rapacitate, in omnia possidendi libidine, et, ut uno [742] uerbo dicam, in tyrannidis impotentia et in furoris immanitate. Gigantes enim, cum essent corporum proceritate uastissimi, uirium magnitudine ualentissimi, ualetudinis firmitate robustissimi, modum seruare non poterant. Viribus igitur, non iure; insolentia, non moderatione; truculentia, non mansuetudine, uitam instituendam esse ducebant. Quaecumque igitur impetum ferebant, terras populabantur atque uastabant, iniuriis omnia infesta faciebant et impotenti dominatu reliquos homines opprimebant, et ad tyrannidem totis animorum uiribus adspirabant. Nec aliter fieri poterat. Nam, si modo qui uiribus, uel opibus, uel nobilitate, uel gratia praecellunt⁵⁴ tanta plerumque insolentia rapiuntur ut, Diuini et humani iuris obliti, societatem humanam pro nihilo putent et in Deum scelera infanda suscipiant, quid de illis existimandum est qui tantum uiribus homines nostrae aetatis antecedeant ut nostri cum illis comparati simiis non absimiles exstitissent?

Accedebat quod mors longius aberat, cum illi uitam diutissime propagassent. A morbis deinde immunes erant, ita ut nihil esset quod eorum statum perturbaret aut uires infringeret. “Isti sunt”, inquit Moses, “uiri famosi, potentes a saeculo”⁵⁵. Difficillimum uero est in condicione nimis dispari iuris aequabilitatem conseruari. Consequens igitur est ut eorum nemo, tam uasta et immani uirium magnitudine, modum ullum in uita retineret. Sic igitur eueniebat ut non solum in homines reliquos essent taeterrimi, sed in Deum etiam scelestissimi. Itaque in Dei legem bellum omni odio imbutum perpetuo comparabant. Quod materiam praebuit poetis antiquissimis ut dicerent Gigantes moles ingentes montium altissimorum extruxisse, quibus caelum oppugnarent Iouemque de solio detruderent. Quos tamen, ferunt,

⁵³ sanctitatis] sanctissitatis *no original.*

⁵⁴ praecellunt] peraecllunt *no original.*

⁵⁵ Vd. Vulgata, *Gen.* 6, 4.

de muitos e de acordo com a qual consideram que as águas furtivas são mais doces, para embaiarem. Usa a palavra “águas” porque, assim como a água mata a sede, do mesmo modo a maioria cuida que a monstruosidade do desejo e da sensualidade devem saciar-se não através de leis legítimas, mas de injustiças. Da mesma forma, o “pão escondido”, ou seja, tomado através de engano, satisfaz mais agradavelmente a fome.

Mas sucede ao invés, pois, deste desvelo com que os homens perversos buscam o prazer, colhem como fruto uma infinita carga de dor. Ora, é isto que imediatamente se segue:

18. *E ignorou que ali estão os gigantes.*

Onde?, pergunto. Na soberba, na inveja, na rapacidade, no apetite de possuir todas as coisas e, para [742] dizê-lo numa única palavra, no poder violento do tirano e na monstruosidade do desvario. É que os gigantes, uma vez que eram imensos pela vastidão dos corpos, fortíssimos pela grandeza das energias físicas e muitíssimo robustos pela solidez da sua boa saúde, não podiam estar sujeitos a moderação. Por conseguinte, pensavam que a vida deveria pautar-se pela força, e não pelo direito; pela insolência, e não pelo comedimento; pela violência, e não pela mansidão. Portanto, para onde quer que acometiam, assolavam e destruíam as terras; tudo tornavam inseguro com as suas injustiças; e oprimiam os restantes homens com prepotente senhorio; e com todas as veras das suas almas aspiravam à tirania. E as coisas não podiam suceder diferentemente. É que, se até os que se avantajam por forças ou riquezas ou nobreza ou graça ordinariamente ficam possuídos de tamanha insolência que, esquecidos dos direitos divino e humano, têm a sociedade humana na conta de coisa nenhuma e perpetraram contra Deus infandos crimes, que deve cuidar-se acerca daqueles que tanto superavam em forças os homens da nossa época que as nossas comparadas com as deles não teriam sido diferentes das de macacos?

Acrescia que a morte estava ausente, visto como as suas vidas se prolongavam durante muitíssimo tempo. Além disso, eram imunes às doenças, por tal forma que nada existia que lhes perturbasse a tranquilidade ou quebrantasse as forças. *Estes foram uns homens possantes e afamados no século*, [Gn 6. 4.] diz Moisés. É muitíssimo difícil que numa condição muitíssimo desigual se conserve a equidade do direito. Por consequência, resulta manifesto que nenhum deles, devido a uma tão imensa e inumana grandeza de forças, se manteria na vida sujeito a alguma moderação. Por conseguinte, deste modo acontecia que não só se mostravam sumamente cruéis contra os demais homens, mas também totalmente sacrílegos contra Deus. E assim faziam incessantemente contra a lei de Deus uma guerra cheia de todo o ódio, que deu matéria aos poetas mais antigos para dizerem que os gigantes arrancaram imensas massas dos montes mais altos, para com elas atacarem o céu e expulsarem Jove do seu trono. E contam todavia que eles foram

iactis e caelo fulminibus conflagrasse. Intellexerunt enim numquam superbiam et immanitatem debito supplicio caruisse. Sed nos a fabulis poetarum ad Sanctarum Litterarum fidem reuertamur. Constat igitur Gigantes in terra exstitisse multosque mortales iniuriis innummerabilibus affecisse. Sed quid tandem de illis factum est? Diuino iudicio conciderunt et nomen eorum exstinctum atque deletum est tantoque acriori supplicio necati sunt, quanto maiorem terrorem eorum furor et insolentia terris attulit, maioreque scelere iura Diuina perfringenda susceperunt. Amentissimi igitur sunt qui Gigantum mores imitantur et eorum exitum non perhorrescunt. Quod si fecissent, aquis furtiuus sitim extinguere minime uoluissent. Sed miseri homines sic a muliere scelestissima se decipi sinunt ut, cum omnibus tyrannis, in profundis inferorum penetralibus aeuo sempiterno crucientur.

[743]

CAP. X

PARABOLAE SALOMONIS

Hinc aliud exordium capit nec orationem ordine continuato contexit, sed sententias selectas in aceruum congerit, quemadmodum Graeci sapientes, a quibus antiqua philosophia orta fuit, soliti sunt. Huius autem philosophiae Salomon princeps exstitit. Sententiae sunt breues, numero adstrictae, ex contrariis eleganter admodum concinnatae, quamuis ea uenustas non potuerit nec in Graeca nec in Latina lingua retineri. Ornamenta namque uerborum difficillime ex una in aliam linguam transferuntur, sententiarum tamen lumina, quamuis in uarias linguas uertantur, obscurari minime possunt. Sunt enim uitae leges sanctissimae, quae hominis statum firmo praesidio muniunt, quae hostium impetum fortissime repellunt, quae salutis sempiternae uiam monstrant, quae denique omnem rationem uitae beatae et immortalis aperiunt. Non sunt igitur legendae tantum, sed etiam ediscendae. Numquam enim errare poterit qui eas summo studio in mente defixerit. Sed nos, Diuini uiri breuitatem sequentes, ad Diuinarum sententiarum explicationem accedamus.

[1.] *Filius sapiens laetificat patrem, filius uero stultus maestitia est matris suae.* [2.] *Nil proderunt thesauri impietatis, iustitia uero liberabit a morte.* [3.] *Non affliget Dominus fame animam iusti, et insidias impiorum subuertet.* [4.] *Egestatem operata est manus remissa; manus autem fortium diuitias parat.* [5.] *Qui*

abrasados pelos raios lançados do céu. É que tiveram a noção de que a soberba e a desumanidade nunca ficaram isentos do merecido castigo.

Mas nós deixemos as fábulas dos poetas e regressemos à fé das Sagradas Escrituras. Portanto, é manifesto que na terra houve gigantes e que atribularam com muitas injustiças os mortais. Mas, que acabou por lhes acontecer? Sucumbiram por decisão divina e o seu nome extinguiu-se e desapareceu, e foram mortos com um suplício tanto mais doloroso quanto foi maior o terror que a sua loucura e soberba ocasionou à terra, e com quanto maior sacrilégio se empenharam em violar as leis divinas. Por conseguinte, são totalmente sandeus os que imitam os costumes dos gigantes e não se arreceiam do fim que eles tiveram. Se tivessem feito isto, não teriam querido matar a sua sede com águas furtivas. Mas os mofinos homens de tal maneira se deixam enganar pela mais criminosa das mulheres que são atormentados durante toda a eternidade nas profundezas dos infernos na companhia de todos os tiranos.

[743]

CAPÍTULO X

PROVÉRBIOS DE SALOMÃO

A partir daqui faz um novo exórdio e não liga a exposição de modo contínuo, mas vai juntando frases seletas, tal como costumavam fazer os sábios gregos que deram origem à antiga filosofia. Ora, Salomão revelou-se como o primeiro nesta espécie de filosofia. As sentenças são breves, concisas, mui elegantemente dispostas em construções paralelas, conquanto esta beleza não se tenha podido conservar nem em grego nem em latim. Na verdade, os ornamentos das palavras mui dificilmente se podem trasladar de uma língua para outra; todavia, o lustre das sentenças, mesmo ao traduzir-se para diversos idiomas, não é possível que se desvaneça. É que são leis santíssimas da vida, que com firme proteção defendem a condição estável dos homens, que vigorosamente rechaçam as acometidas dos inimigos, que mostram o caminho eterno da salvação, que, enfim, franqueiam todos os ensinamentos para a vida bem-aventurada e imortal. Por conseguinte, não são apenas para ler-se, mas também para decorar-se. É que nunca poderá errar quem com o máximo desvelo as gravar no espírito. Mas nós, imitando a brevidade do varão divino, tratemos de expor as sentenças divinas.

1. *O filho sábio a seu pai dá alegria; porém o filho insensato é a tristeza de sua mãe.* 2. *Os tesouros da impiedade de nada servirão, mas a justiça livrará da morte.* 3. *O Senhor não afligirá com fome a alma do justo e desfará as traições dos ímpios.* 4. *A mão remissa tem produzido indigência, mas a mão dos fortes*

congregat in messe, filius sapiens est; qui autem sternit aestate, filius confusionis (id est, ignominiae affinis est.).

Prima sententia patres monet ut liberos suos diligenter educant et optimis moribus instruant, ut non solum legimus heredibus amplissimum uirtutis patrimonium relinquunt, uerum et ipsi gloria insigni cumulentur. Prudentia namque filiorum parentes qui eos sapienter instituendos curauerunt ornat, quemadmodum stultitia filiorum parentes dedecore afficit. Sed, cur ait parentes laetitiam capere ex filiorum prudentia, matres uero maestitiam ex eorum stultitia percipere? Quia plerumque fit ut patres sint seueriores in filiorum disciplina, matres uero filios indulgentia corrumpant. Et sic tandem euenit ut patres ex filiorum sapientia, cuius ipsi magna ex parte auctores exstiterunt, insigni laetitia efferantur; matres autem, cum filiorum stultitia infames sint, ex ea morum corruptela, cui illae caussam [744] attulerunt, insigni maestitia contabescant.

Sed, cum insitus in parentibus amor erga filios eos mire sollicitet ut patrimonium omnibus modis amplificent et ea de caussa, ne filii inopia laborent, saepenumero iura uiolent: eos a tam impia et nefaria opinione deterret et hortatur ut magis in iustitiae disciplina liberis tradenda quam in patrimonio multis accessionibus augendo laborent. Thesaurus enim impietate partos nullum fructum afferre dicit, immo dilabitur et euanescit, at iustitiae opes a morte liberant. Est enim Deus infensus impiae nationi, iustorum uero filiis qui parentum uestigiis ingrediuntur, ualde propitius.

“Times”, inquit, “ne filii tui fame crucientur? Timere desine. Nam optimus ille Pater et Dominus, qui iustos sibi indissolubili caritatis uinculo deuinxit, numquam patietur ut iustis inopia premantur, immo perficiet ut, cum iustis in omni rerum asperitate opem praesentem attulerit, impii funditus euertantur. Si uis igitur filiis egregie consulerem, in eo contende ut illi iustitiae opibus gregie cumulati sint et ita neque famem nec ullum alium incommodum pertimescent.”

Sed est quaerendum num otiosos esse liceat illis qui praesidio caelestis numinis innituntur “Minime”, inquit. “Egestatem namque operatur manus remissa. At manus eorum qui uigilantia et industria praediti sunt diuitias comparat.” Hoc in loco est animaduertendum, ubi nos habemus “manus remissa”, esse apud Hebraeos “manus fraudulenta”. Noster tamen interpres sapienter admodum, pro “fraudentae” nomine, “remissam” posuit. Vt enim diuitiae sunt egestati contrariae, sic necesse erat ut industriae, qua opes acquiruntur, ignauia, quae inopiam efficit, ex parte contraria responderet. Praeterea, est intelligendum nihil esse remissa manu fraudulentius. Cum enim laborem fugit, fraudes consecatur, et cum sibi uitae remedium, inopia et egestate conficitur. Itaque ipsa se in fraudem deducit. Minime consequitur quod spe inanissima deorabat.

adquire riquezas. 5. Aquele que ajunta no tempo da messe, é filho sábio, mas o que ronca no estio, é filho da confusão. [isto é: “participa da infâmia”]

A primeira frase aconselha os pais a criarem desveladamente os seus filhos e a ensinar-lhes os melhores costumes, para não só deixarem um riquíssimo património de virtude aos legítimos herdeiros, mas também eles mesmos ficarem cheios de uma extraordinária glória. Na verdade, a prudência dos filhos atavia os pais que se preocuparam em educá-los sabiamente, da mesma maneira que a insensatez dos filhos cobre de desdouro os progenitores. Mas, por que razão diz que os pais ficam alegres com a prudência dos filhos, e a mãe se entristece com a insensatez deles? Porque ordinariamente acontece que os pais são mais rigorosos na educação dos filhos, ao passo que as mães os estragam com a complacência. E assim acaba por acontecer que os pais sentem enorme contentamento com a sabedoria dos filhos, de que em grande parte foram os responsáveis, ao passo que as mães, porque ficaram desonradas devido à insensatez dos filhos, nascida daquele estrago de costumes, de que elas foram as causadoras, [744] sentem-se abatidas por uma imensa tristeza.

Mas, uma vez que o instintivo amor dos pais para com os filhos de modo espantoso os impele a por todas as vias aumentarem o património e por este motivo, para que os filhos não vivam na pobreza, violam frequentemente a lei: aparta-os de uma opinião tão ímpia e sacrílega, e exorta-os a que mais se apliquem a transmitir o conhecimento da justiça aos filhos do que a aumentarem o património com muitos acréscimos. De facto, diz que os tesoiros obtidos através da impiedade não trazem fruto algum, e até se desvanecem e desaparecem, ao passo que as riquezas da justiça libertam da morte. É que Deus é hostil à nação ímpia, e sobremaneira propício aos filhos dos justos, que seguem as pisadas dos pais.

Diz: “Temes que os teus filhos sejam atribulados pela fome? Deixa de temer, pois aquele ótimo Pai e Senhor, que a Si uniu os justos através do vínculo indissolúvel da caridade, nunca permitirá que os justos sejam oprimidos pela pobreza, e até, ao prestar ajuda eficaz em todas as situações difíceis, fará que os ímpios sejam totalmente destruídos. Por conseguinte, se queres olhar muito bem pelos teus filhos, envida todos os esforços para que eles fiquem extraordinariamente cheios das riquezas da justiça e de sorte não se arreciem nem da morte nem de outro qualquer contratempo.”

Mas cumpre saber-se se é lícito permanecerem ociosos aqueles que se apoiam na proteção da majestade divina. Responde: “De forma alguma. É que “a mão remissa tem produzido indigência”. Mas obtém riquezas a mão daqueles que estão dotados de diligência e atividade.” Nesta passagem deve observar-se que, onde o latim tem “mão remissa”, em hebraico está “mão fraudulenta”. Sem embargo, assaz sabiamente o nosso tradutor em vez de “fraudulenta” verteu pela palavra “remissa”. É que, assim como as riquezas são o oposto da indigência, do mesmo modo era necessário que à diligência, com que se adquirem as riquezas, cor-

Insistit deinde in eo Sapiens ut industriam laude prosequatur et ignauiam uituperet, cum ait fore ut, qui aestate congregat quo possit hieme sustentari, prudentiae clarum nomen obtineat; qui uero, dum uigilandum et laborandum est, somno torpet atque desidia, maculis ignominiae deformatur. Haec autem omnia eo permittent ut intelligamus non esse satis Diuino praesidio niti, nisi accedat acris, in studio iustitiae atque pietatis, industria. Nec enim Deus otiosos et negligentes, sed laboriosos et industrios, fauore suo prosequitur, ita tamen ut nemo industria sua, sed gratia Diuina, fretus, opera molitur.

Sequitur deinde:

[6.] *Benedictio super caput iusti; os autem impiorum operit iniquitas.* [7.] *Memoria iusti cum laudibus; et nomen impiorum putrescet.* [8.] *Sapiens corde praecepta suscipiet; stultus caeditur labiis.* [9.] *Qui ambulat simpliciter ambulat confidenter; qui autem deprauat uias suas manifestus erit.* [745] [10.] *Qui annuit oculo dabit dolorem; et stultus labiis uerberabitur.*

“Non solum”, inquit, “gratiam acquirat a Deo uir iustus, uerum et hominum egregiam sibi beneuolentiam conciliabit, ita ut ferme omnes ei multa bona precentur et pro salute illius atque uitae diuturnitate assidue uota faciant; contra uero eueniet impiis. Iniuriae namque quas per uim multis mortalibus intulerunt, cum in iudicium uentum fuerit, eorum os adeo obstructum reddent ut, maleficiorum conscientia perturbati, uocem mittere non audeant. Dirae namque quas multi fuerant illis imprecari eos stupore defixos de omni statu deiicient. Iusti porro non in uita tantum laudibus cumulantur, sed multo etiam magis post mortem, exstincta prorsus inuidia, nomen eorum in gloria uiget; contra uero, impiorum nomen exsecrandae infamiae maculis inustum, est omnibus, qui eorum flagitia recordantur, odiosum et inuisum atque, ut pestilenti tabe corruptum, maxime detestandum.

Inter sapientem uero et insipientem hoc interest quod sapiens uere et ex animo iussis Diuinis obtemperat et ita iustitiae opibus et ornamentis egregie redundat contra uero insipiens “caeditur labiis”, ut interpretes inquit, hoc est, labiis deprehenditur. Nam ore tantum imperium accipit, cum mens illius instituta legis aspernetur, et ita orationis uanitas, qua oboedientiam simulabat, aperte conuincitur. Quam stulti uero sint qui uanitate et mendacio res suas stabilire nituntur, ex eo perspicitur quod numquam illis qui fallacis gaudent prospere cadunt ea quae diligentissime cogitarant. Multa namque foras emanant intimae cogitationis indicia, oculi enim loquuntur, uultus enuntiat, manus ostendit, opera testificantur. Nihil denique intra pectus hominis callidi et ueteratoris esse potest quod non multis signis emineat. Adde quod non ualent homines tantum memoria ut semper quae dixerint aut promiserint recordentur. Itaque sibi ipsis frequenter aduersantur, et secum ipsi saepenumero pugnant, se produnt et arguunt et, quo

respondesse do ponto de vista contrário a preguiça, que causa a pobreza. Além disso, cumpre que se entenda que nada é mais fraudulento que a mão remissa. De facto, quando foge do trabalho, corre atrás dos embustes, e quando se promete remédio para a vida, é acabrunhada pela pobreza e indignidade. E assim se deixa cair no embuste, pois não consegue o que devorava com uma esperança totalmente vã.

Em seguida, o Sábio insiste no seu louvor da diligência e vitupério da preguiça, ao dizer que, quem ajunta no estio aquilo com que possa sustentar-se no inverno, há de alcançar um nome ilustre, e o que se entrega à imobilidade do sono, quando deveria estar ativo e trabalhar, há de manchar-se com a vilta da ignomínia. Ora, tudo isto visa a que compreendamos que não basta apoiarmos na proteção divina, se não se junta um intenso desvelo no zelo da justiça e da piedade. É que Deus não ajuda com o Seu favor os ociosos e negligentes, mas os aplicados e laboriosos, de tal maneira todavia que ninguém leva a cabo a obra apoiado na sua atividade, mas na graça divina.

Segue-se depois:

6. A bênção do Senhor é sobre a cabeça do justo, mas a iniquidade dos ímpios cobre-lhes o rosto. 7. A memória do justo será acompanhada de louvores, e o nome dos ímpios apodrecerá. 8. O que é sábio de coração recebe os avisos; o insensato é ferido pelos lábios. 9. Aquele que anda em simplicidade, anda afoitamente; aquele porém que perverte os seus caminhos, será descoberto. [745] 10. O que dá de olho, causará dor; e o insensato será estimulado pelos lábios.

Diz: “O homem justo não só alcançará de Deus a graça, mas também obterá para si uma extraordinária boa vontade da parte dos homens, de tal maneira que quase todos lhe desejem muitos bens e incessantemente façam votos por uma vida prolongada, ao passo que com os ímpios há de suceder ao invés. É que as injustiças, que violentamente perpetraram contra muitos mortais, quando chegar o dia do Juízo de tal modo hão tapar-lhes a boca que, perturbados com a consciência das malfeitorias, não se atreverão a soltar a voz. De facto, as terríveis imprecações que muitos lançaram contra eles, hão de deixá-los prostrados, transidos de espanto. Ora, os justos não se veem cumulados de louvores apenas durante a vida, mas é até muito mais depois da morte, uma vez de todo desaparecida a inveja, que o nome deles adquire viçosa glória; ao passo que, pelo contrário, o nome dos ímpios, aviltado pelas manchas da abominável infâmia, é odioso, execrando e sobremaneira detestável, como apodrentado por pestilencial pus, para todos os que se lembram das suas indignidades.

E entre o sábio e o insensato existe a diferença de que o sábio obedece deveras e de todo o coração aos mandados de Deus e desse modo possui em extraordinária abundância as riquezas e ornamentos da justiça, ao passo que, ao invés, “o insensato é ferido pelos lábios”, como verte o tradutor: ou seja, “é apanhado

artificiosius malitiam occultare conantur, eo clarius uenenum, quod in animo latitabat, aperiunt.

Dicit Sapiens “oculorum nutibus dolorem effici”, quia nemo ferme est qui nimis annuat oculis, qui non sit animo duplex et uarius et inconstans et ad dolos ualde propensus: quibus artibus perniciem, cum aliis tum sibi ipsi, callide machinatur. Sed, cum malitia a sapientia necessario deserta sit, opus est ut malitiosi tandem, uerbis suis euicti, corruant et obmutescant. Sic igitur fit ut, cum casti et integri homines et fidem constantissime retinentes confidenter ambulent (ueritas enim eadem semper est et ita numquam erubescit), nefarii et iniusti, suis ipsorum machinis impediti, capiantur et doloris et ignominiae poenam subeant. [746]

[11.] *Vena uitae os iusti, et os impiorum operit iniquitatem.* [12.] *Odium suscitatur rixas, et uniuersa delicta operit caritas.* [13.] *In labiis sapientis inuenitur sapientia, et uirga in dorso eius qui indiget corde.* [14.] *Sapientes abscondunt scientiam; os autem stulti confusioni proximum est.*

Vitam continet iustitia. Animus uero iusti est iustitiae praesidiis et ornamentis instructissimus. At, quod in animo redundat ex ore cuiusuis hominis erumpit. Vnde sequitur ut, quidquid iustus eloquitur, ad ueram uitam referatur, iccirco “uena”, id est scatebram uitae, “os” iusti Sapiens appellat; contra uero, iniusti oratio, cum sit iniquitatibus et iniuriis opletus, pestem comparat. In odio dicitur esse dissensionum omnium materies atque seminarium. Qui enim odio tenetur obseruat aduersarium, rumusculus aucupatur, leuissimis de caussis commouetur, nullam rixandi occasionem praetermittit. Numquam igitur illi qui odii pestilenti morbo laborat deesse poterit contentionis turbulentae causa, nec enim ullam umquam parum iustam rationem irascendi putat, qui est odio exulceratus. Contra uero, qui caritate omnia metitur, etiam cum iustam irarum caussam habet, dissimulat, ignoscit, offensiones ex animo delet, tempori cedit et singulari animi magnitudine hominis cuiusuis imbecillitatem perfert atque tolerat. Vnde colligitur nec esse quidquam in hominum conuictu odio periculosius neque caritate salutaris.

pelos lábios”. É que só acata o poder com a boca, uma vez que o seu espírito despreza as ordenações da lei, e assim claramente se demonstra a fatuidade das palavras com que simulava obediência. E quão loucos são os que se empenham em fundar as suas coisas na vaidade e na mentira é algo que se conclui a partir do facto de que, aos que se comprazem com os embustes, nunca lhes sucedem a contento aquelas coisas que tinham planejado com o máximo desvelo. Na realidade, são muitos os indícios que fazem transparecer exteriormente o íntimo sentir, pois os olhos falam, a fisionomia tem expressão, a mão mostra e as obras dão testemunho. Enfim, nada pode existir dentro do peito do homem astucioso e matreiro que não se dê a conhecer por muitos sinais. Acresce que os homens não possuem uma memória tão poderosa que sempre se recordem do que disseram ou prometeram. E assim estão amiúde em contradição consigo mesmos, e frequentes vezes entram em conflito íntimo; denunciam-se e acusam-se, e, quanto com maiores artifícios se esforçam por ocultar a maldade, tanto mais claramente dão a conhecer a peçonha que se ocultava na alma.

Diz o Sábio que “o que dá de olho causará dor”, porque praticamente não existe ninguém, que faça muitos sinais com os olhos, que não possua uma alma inconstante, volúvel e dobre e assaz propensa para enganar: artes estas com as quais astutamente se maquina a perdição, tanto dos outros, como de si mesmo. Mas, uma vez que a maldade forçosamente se apartou da sabedoria, é preciso que os malvados, vencidos pelas suas palavras, acabem por cair prostrados e calar-se. Deste modo, por conseguinte, acontece que, uma vez que os homens puros, íntegros e de fé inquebrantável caminham confiadamente (é que a verdade é sempre a mesma e assim nunca sente vergonha), os sacrílegos e injustos, enleados pelas suas próprias maquinações, são colhidos no crime e sofrem o castigo da dor e da infâmia.

[746] 11. *A boca do justo é veia da vida, e a boca dos ímpios esconde a iniquidade.* 12. *O ódio excita rixas, e a caridade cobre todos os delitos.* 13. *Nos lábios do sábio se acha a sabedoria, e a vara sobre as costas daquele que não tem senso.* 14. *Os sábios escondem a ciência, mas a boca do insensato está próxima à confusão.*

A justiça contém a vida. E o espírito do justo está muitíssimo defendido com as proteções e ornamentos da justiça. Mas, o que enche a alma, irrompe pela boca de qualquer homem. Daqui se segue que, seja o que for que o justo diz, tem a ver com a verdadeira vida, e por isso o Sábio chama à boca do justo *veia*, isto é, jorro *da vida*, ao passo que, pelo contrário, as palavras do injusto, porque estão cheias de iniquidades e injustiças, trazem consigo a perdição. Diz-se que no ódio se encontra a matéria-prima e origem de todos os desentendimentos. É que, quem está senhoreado pelo ódio, tem os olhos postos no inimigo; anda atrás de rumores de cutiliquê; altera-se com os motivos mais ligeiros; não deixa passar nenhum ensejo para brigar. Por conseguinte, nunca àquele que padece

Sequitur deinde insigne prudentiae documentum. Qui enim sapiens est, antequam loquatur, quae sunt dicenda et quae tacenda considerat. Ita uero fit ut numquam ex illius ore uerbum prodeat quod illi uel damnum uel dedecus inferat. Contra uero, homo dementia praecipit, cum multa temere loquatur neque modum ullum loquacitati statuatur, ea saepe ualde furenter effutit quae sunt ei corpore luenda. Iccirco dicit Sapiens uirgam dorso uesani hominis impactam. Verba namque illius offensionem concitant et eos qui possunt iniurias ulcisci ad imponendas plagas impellunt. Ait deinde Sapientem non omnia quae mente complectitur enuntiare. Quomodo? Num inuidus est? Num opes suas recondit, ne in communem hominum utilitatem conferantur? Minime! Sed habet rationem temporis, aetatis, condicionis et personarum atque locorum, multaque alia sapienter expendit antequam aliquid edisserat. Aliud enim tempus est rebus aliis enuntiandis accommodatum, nec enim licet, in ludis publicis, si legitime fiant, lamentari; neque pueris seniles sententias, quas percipere nequeant, inculcare; neque rusticanis ea, quae sunt solum eruditibus tradenda, praescribere; nec in publicis locis ea quae sunt paucis referenda sine delectu proponere.

Iam uero, cum ea dicuntur, quae non possunt ullo modo nisi in animos qui magnos in pietatis studio progressus habent, [747] influere, quis non uidet quam sine fructu laboret is qui ea cum nouitiis communicare nititur? Quid, si porci circumstant, suntne margaritae illis obicienda ut, conculcatis margaritis, in dominos impetum faciant? Nullo modo! Quamuis igitur prodesse quam plurimis uelit sapiens, multa tamen interdum silentio comprimit, dum impendens multis periculum suspicione consequitur. Contra uero, stulti quae norunt, quae ignorant, quae sunt proferenda, quae subticenda opportune et importune sine ullo delectu pronuntiant, et ita fit ut multis in locis, per orationis garrulitatem et sermonis intemperantiam, casibus repentinis oppressi contremiscant.

[15.] *Substantia diuitis, urbs fortitudinis eius; pauor pauperum egestas eorum.*
 [16.] *Opus iusti ad uitam, fructus autem impii ad peccatum.* [17.] *Via uitae custodienti disciplinam; qui autem increpationes relinquit, errat.* [18.] *Abscondunt odium labia mendacia; qui profert contumeliam, insipens est.* [19.] *In multiloquio non deerit peccatum, qui autem moderatur labia sua prudentissimus est.*

da enfermidade de um ódio entranhado poderá faltar um motivo de turbulento conflito, pois quem está dominado pelo ódio nunca considera pouco justo o motivo para irar-se. Ao passo que, pelo contrário, quem tudo mede pelo estalão da caridade, até quando tem justa causa para irar-se, não faz caso, perdoa, esquece sinceramente os agravos, cede às circunstâncias e com extraordinária grandeza de ânimo suporta e tolera a fraqueza de qualquer homem. Daqui se conclui que na sociedade humana nada existe de mais perigoso do que o ódio nem mais salutar do que a caridade.

Segue-se depois uma notável lição de prudência. É que quem é sábio pondera antes de falar aquilo que cumpre dizer-se e calar-se. E assim acontece que nunca da sua boca sai uma palavra que redunde em seu prejuízo ou desdouro. Ao invés, porém, o homem precipitado na vesânia, como diz muitas coisas irrefletidamente e não estabelece qualquer limite à sua loquacidade, amiúde faz tresloucadamente sair pela boca palavras que tem de pagar com o corpo. Por isso diz o Sábio que a vara cai sobre as costas do varão tresloucado. É que as palavras dele despertam indignação e impelem a que o agridam fisicamente aquelas pessoas que podem tirar revide das injúrias. Diz em seguida que o Sábio não dá a conhecer tudo que guarda no seu espírito. Como? Porventura é ele invejoso? Acaso esconde as suas riquezas para que se não usem em geral proveito dos homens? De forma alguma! Mas tem em consideração os tempos, a idade e a condição, tanto das pessoas como dos lugares, e sabiamente ponderou muitas outras coisas antes de dizer fosse o que fosse. É que um certo tempo é adequado para exprimir umas certas coisas, pois não é lícito soltar lamentos em jogos públicos, se estes são feitos legalmente; nem obrigar crianças a decorarem à força sentenças de velhos, que não são capazes de entender; nem prescrever ao povo do campo coisas que só devem ensinar-se aos sábios; nem, sem discernimento, apresentar em lugares públicos coisas que só têm interesse para poucos.

Ora, quando se dizem tais coisas, que de forma alguma podem penetrar senão nas almas que fizeram grandes avanços no zelo da piedade, [747] quem não vê que é sem fruto que trabalha aquele que se empenha em partilhá-las com os bisonhos? Pois quê, se estivermos rodeados de cevados, acaso devemos lançar-lhes pérolas? Para que, depois de esmagarem as pérolas, se arremessarem contra os seus donos? De forma alguma! Por conseguinte, embora o sábio queira ser útil a muitos homens, todavia por vezes cala muita coisa, quando suspeita que acarreta sobre muitos um perigo iminente. Pelo contrário, os insensatos tudo dizem sem qualquer discernimento, oportuna e inoportunamente, o que sabem e o que ignoram, o que deve dizer-se e o que cumpre calar-se, e assim acontece que, em muitas situações, por causa da tagarelice e intemperança de palavra, ficam tomados de temor, esmagados por situações imprevistas.

15. *O cabedal do rico é a cidade da sua fortaleza; a indigência dos pobres os enche de pavor.* 16. *A obra do justo conduz à vida; mas o fruto do ímpio tende*

Opibus dicit animos efferri, quemadmodum et pauperie frangi atque metu debilitari. Inde adeo fit ut diuites nimis furenter insolescant, egentes porro nimis humiliter atque demisse seruiant. Sed non hoc tantum dicit Salomon, uerum, ex hac similitudine quam a uita communi ducit, pronuntiat neque ueras opes animi ulla formidine conquassandas, neque inopiam ullo salutari praesidio muniendam. Adhortatur igitur omnes qui cupiunt omni metu atque perturbatione liberari ut in ueris opibus quaerendis, augendis et cumulandis, omnem diligentiam et industriam ponant, neque a tam praeclaro studio aliqua ratione deducantur. Quo modo autem opes sint exquirendae demonstrat, dum ait uiam uitae egregie curatam illi esse qui disciplinam studiose conseruat. Opes enim sunt illae quae conferunt uitam, in eum enim finem congeruntur ut uitam tueantur et exornent. Opes igitur quae hoc opus non efficiunt, opes minime sunt appellandae. Vnde colligitur illum solum esse diuitem et opulentum qui minime salutarem disciplinam aspernatur. In uiam enim rectam deducitur. Contra uero, qui contemnit disciplinam imperiumque legitimum recusat in peccatum properat. Sed cur non dicit “In mortem properat”, quemadmodum dicit de illo, qui monitis sanctis obtemperat, eum per uitae uiam ingredi? Quia peccatum mortem inuehit. Satis igitur erat “peccati” nomen ad acerbitatem mortis explicandam. Praeterea, cum omnes, naturae admonitu, in uitam [748] ingredi uelimus, et peccatum sit error quo a uia quam inire uolumus longe deflectimus, satis dicitur illum qui peccat, hoc est, qui a proposito procul aberrat, in mortem tendere.

Duplex deinde genus hominum esse recenset uitae communi longe molestissimum. Vnum sagax et acutum, ex fraude et malitia conflatum, quod odium comprimit et intima mente insidias machinatur; alterum uero, audax et iracundum et in summa impudentia sceleris apertum, quod non clam uenenum mortiferum diffundit, sed palam contumeliarum tela contorquet. Et illud quidem magis capitale est; hoc autem quodammodo longe dementius, nam et uera sapientia caret et falsam minime retinet. Nocendi enim summam uoluntatem demonstrat, cum multo minus nocere possit quam illud quod beneuolentiam in odio pestifero simulat. Verum illud magis fraude et malitia nititur; hoc autem est uirium opinione confidentius.

ao pecado. 17. O que guarda a instrução está no caminho da vida; o que porém não faz caso das repreensões, anda errado. 18. Os lábios mentirosos escondem o ódio; aquele que abertamente ultraja, é um insensato. 19. No muito falar não faltará pecado, mas o que modera os seus lábios é prudentíssimo.

Diz que as riquezas exaltam o ânimo, da mesma maneira que a pobreza o quebranta e o medo o enfraquece. Por isso acontece que os ricos se ensoberbecem com sobejo desatino, ao passo que os indigentes se rebaixam com excessiva humildade e abjeção. Mas Salomão não diz apenas isto, mas também, partindo desta comparação extraída da vida corrente, assevera que nem as verdadeiras riquezas devem ser postas em risco por qualquer receio da alma, nem a indigência defendida por qualquer salutar proteção. Por conseguinte, exorta todos os que desejam libertar-se de toda a espécie de medo e perturbação a que ponham todo o desvelo e atividade em procurar, aumentar e ajuntar as verdadeiras riquezas, e a que nenhum motivo os desvie de tão nobre zelo. Por outro lado, mostra como cumpre que se procurem as riquezas, quando diz que guarda o caminho da vida aquele que desveladamente segue a instrução. É que riquezas são aquelas que concedem a vida, pois acumulam-se tendo em vista defenderem e ornamentarem a vida. Por conseguinte, as riquezas que não cumprem este desiderato não merecem o nome de riquezas. Daqui se colige que só é rico e opulento quem não despreza a salutar instrução. É que é conduzido para o caminho reto. Pelo contrário, porém, quem menospreza a instrução e recusa o legítimo senhorio, avança para o pecado. Mas por que é que não diz “avança para a morte”, tal como, acerca daquele que acata os santos conselhos, dissera que ele entra no caminho da vida? Porque o pecado acarreta a morte. Portanto, o nome “pecado” era suficiente para dar a conhecer a violência da morte. Além disso, uma vez que todos, por conselho da natureza, queremos entrar na vida, [748] e sendo certo que o pecado é um erro por causa do qual nos desviamos para longe do caminho que pretendemos seguir, é bastante o dizer-se que tende para a morte aquele que peca, isto é, que se aparta para longe da meta que se propôs.

Seguidamente, aponta dois tipos de homens muitíssimo prejudiciais à vida corrente. Um é astuto e de entendimento agudo, fraguado de engano e maldade, que oculta o ódio e maquina os seus ardis no íntimo da mente; ao passo que o outro é atrevido e assomadiço, e sem reboço na mais descarada impudência do crime, e que não derrama às ocultas o veneno letal, mas lança às claras os dardos do ultraje. E decerto que aquele é mais mortífero, ao passo que este em certa maneira é muito mais desatinado, porquanto não só está privado da verdadeira sabedoria, como tão-pouco conserva a falsa. É que mostra um imenso desejo de fazer mal, sendo certo que pode prejudicar muito menos do que aquele que finge benevolência no ódio pestilencial. Mas aquele apoia-se mais no engano e na maldade, ao passo que este tem mais confiança na opinião e prestígio da sua força.

Ait deinde “multiloquium non carere peccato”. Qui enim multum loquitur, sine iudicio uerba fundit, itaque necesse est ut, aut amicum laedat, aut in odium multitudinis incurrat, aut principes offendat, aut secretum commissum enuntiet, aut innocenti labem dedecoris adspersat et, ut nihil aliud sit, aures omnium obtundat et in omni conuictu molestus et odiosus sit. Nam omnes submouet et excludit ut ipse solus impune garriat et gloriam, nimis intempestiuae atque adeo scurrilis, loquacitatis assequatur.

[20.] *Argentum electum lingua iusti; cor autem impiorum pro nihilo.* [21.] *Labia iusti erudiunt plurimos; qui autem indocti sunt in cordis egestate morientur.* [22.] *Benedictio Domini diuites facit, nec sociabitur eis afflictio.* [23.] *Quasi per risum stultus operatur scelus, Sapientia autem est uiro prudentia.*

Argentum purum non sonitus inanes edit, sed uerissimam aestimationis suae significationem facit. Sic est iusti hominis eloquentia. Pure sonat, ueritatem effatur, candide cuncta pronuntiat, insitam fidem oratione castissima profitetur atque, ut nihil est in illius animo fallax et subdolum, ita nihil potest in illius oratione reperiri ueteratorium. At, impiorum animis cum nihil insit expressum et solidum, ita nihil in ore eorum uersari potest quod sit ullius momenti. Necesse namque est ut cordis inanitatem orationis inanitas consequatur. “Labia iusti plurimos erudire” et, ut legimus apud Hebraeum, pascere dicuntur, quia oratio iustorum est animorum pabulum, quo uita fulcitur atque sustinetur. At impii tantum abest ut aliis esse subsidio possint ut ipsi sibi opitulari non possint. Omnes enim morientur, quod iustis nullo modo continget, cum sint cum uita sempiterna sociati. Sapientia [749] namque in perpetuum propagat, at amentia necem infert. Cum ergo iusti omnes sapientiae gloria praestent, impii autem stultissimi sint, restat ut iusti uita sempiterna fruantur, iniusti funditus intereant nec umquam possint caelestem lucem adspicere.

Cum uero maxima pars illorum qui nefarium bellum contra iustitiae sanctitatem comparant ardentis auaritia tam insigne facinus moliantur, ostendit Sapiens quam amentes sint qui sine Dei praesentis auxilio diuites fieri concupiscunt. Nemo enim diues esse potest, nisi quem Deus in gratiam suam receperit, is enim demum uere diues erit cui nihil umquam deerit ad bene beateque uiuendum; illis autem solum nihil deest qui sunt Dei gratiam consecuti. Adde quod reliquae, quae appellantur diuitiae, cum multis laboribus atque periculis quaeruntur, cum ingenti metu et sollicitudine custodiuntur, cum intolerabili dolore consumuntur atque dissipantur. Itaque fit ut uita eorum qui diuites existimantur sit acerbissima, cum tristissimis curis assidue conflictetur. At illi, quos Dei locupletat, ita copiis et opibus referti sunt ut nulla eos cura et sollicitudo conturbet, et, cum sint uerorum bonorum copia redundantes, in omnibus rebus quae ad uitae cultum necessariae sunt ab optimo Domino minime reseruntur.

Diz em seguida que “no muito falar não falta pecado”. É que quem fala muito, solta palavras sem ponderação, e assim é forçoso que ou fira os amigos, ou incorra no ódio da multidão, ou ofenda os príncipes, ou revele o segredo que lhe foi confiado, ou tisne o inocente com o labéu do desdouro, e, quanto mais não seja, aturde os ouvidos de todos e se torne odioso e molesto em todo o ajuntamento de pessoas. É que a todos afasta e exclui, para só ele impunemente tagarelar e obter a glória, sobremaneira inoportuna e até chocarreira, de loquaz.

20. A língua do justo é uma prata depurada, mas o coração dos ímpios é de nenhum preço. 21. Os lábios do justo ensinam a muitíssimos, mas os que são ignorantes morrerão na indigência do coração. 22. A bênção do Senhor faz os ricos, e não se achará com eles a aflição. 23. O insensato comete o crime como por galhofa, mas a sabedoria é para o homem prudência.

A prata pura não lança ruídos falsos, mas dá uma genuína demonstração do seu valor. Assim acontece com a eloquência do homem justo. Soa pura, profere a verdade, tudo diz com sinceridade, com uma linguagem puríssima revela a fé íntima e, assim como na sua alma nada existe de falso e enganoso, do mesmo modo nas suas palavras não pode encontrar-se alguma arteirice. Mas, da mesma maneira que nas almas dos ímpios nada existe de sólido e definido, assim nas suas bocas é impossível que se encontre cousa de algum peso. De facto, é mister que ao vazio de coração corresponda o vazio das palavras. Diz-se que “os lábios do justo ensinam a muitíssimos” e, consoante se lê no texto hebraico, “alimentam”, porque as palavras dos justos são a nutrição das almas, com as quais se sustenta e ampara a vida. Mas os ímpios estão tão longe de poderem ser de préstimo aos outros que não são capazes de se ajudarem a si mesmos. É que todos hão de morrer, algo que de forma alguma acontecerá aos justos, uma vez que foram associados à vida sempiterna. De facto, a sabedoria [749] prolonga a vida para sempre, ao passo que a loucura ocasiona a morte violenta. Logo, sendo certo que os homens justos se avantajam pela glória da sabedoria, conclui-se que os justos gozam de vida sempiterna e os injustos perecem por completo, e jamais podem enxergar a luz celestial.

E, uma vez que a maior parte daqueles que movem guerra sacrílega contra a santidade da justiça, põem por obra tão monstruoso crime abrasados pela avaréza, o Sábio mostra o quanto são desatinados os que almejam tornar-se ricos sem a ajuda eficaz e direta de Deus. É que só pode ser rico quem Deus receber em Sua graça, porquanto só deveras será rico o homem a quem jamais nada faltar para viver bem e venturosamente; por outro lado, nada falta unicamente àqueles que alcançaram a graça de Deus. Acresce o facto de que o sobejo, a que chamam riquezas, é procurado com muitos trabalhos e riscos; é guardado com inquietação e temor imensos; é consumido e gasto com insuportável dor. E assim sucede que, a vida dos que são considerados ricos, é muitíssimo penosa e

Ait stultum scelestum facinus quasi per risum et iocum moliri, cum ipsi sibi pestem et exitium moliatur, in tenebras sempiternas ruat, cum dolorem sempiternum sibi manu sua conficiat, cum denique in eo uehementer elaborat ut semper in omni aeternitate miserimus sit, et tamen ludus est illi pessima facinora designare, quasi tunc laude uiri fortis et uehementer acris antecellat. At sapientia uiri est prudentia. Quomodo? Valde enim differre uidentur. Est enim sapientia rerum Diuinarum cognitio; prudentia uero humanarum recta moderatio. Animaduertendum tamen est neminem posse uel rem familiarem uel publicam recte gubernare nisi qui Dei notitiam habuerit. Is enim solus iustitiam colet et scelus execrabitur et omnes actiones in communem utilitatem conferet; et sic demum, Diuino praesidio fultus, omnia feliciter administrabit.

Sapientia igitur prudentiae causam continet. Id autem, usitata loquendi ratione, quidlibet esse dicitur cuius causa est, ueluti cum “salutem meam” appello eum qui mihi salutem attulit. Cum igitur sapientia prudentiam efficiat, recte dicitur sapientiam esse prudentiam. Ergo, quemadmodum is qui, per ludum et iocum, scelus designat, est insanissimus (non habet enim scientiam Dei), ita is qui Deum timet, eo timore non solum se sapientem esse demonstrat, uerum et prudentiae laude praecellentem.

[750] [24.] *Quod timet impius ueniet super eum; desiderium suum iustis dabitur.* [25.] *Quasi tempestas transiens non erit impius; iustus autem quasi fundamentum sempiternum.* [26.] *Sicut acetum dentibus, et fumus oculis, sic piger his qui miserunt eum.* [27.] *Timor Domini apponet dies, et anni impiorum breuiabuntur.* [28.] *Expectatio iustorum laetitia, spes autem impiorum peribit.* [29.] *Fortitudo simplicis uia Domini, et pauor his qui operantur malum.* [30.] *Iustus in aeternum non commouebitur, impii autem non habitabunt super terram.* [31.] *Os iusti parturiet sapientiam; lingua prauorum peribit.* [32.] *Labia iusti considerant placita, et os impiorum peruersa.*

Impius, cum tamquam Furiis agitur, cum maleficiorum conscientia dies et noctes opprimitur, cum iniurias, quas multis mortalibus intulerat, extimescit, certe supplicium impendens sollicita mente prospicit et ea de causa nec unquam libere respirat nec ulla in sede consistit, nam, quod euenturum sibi est, praesagione consequitur. Contra uero, iustus spe mirifica sustentatur et cupiditate summi boni perpetuo flagrat, et, cum Diuina promissione nixus sit, quod sperat, quod expetit, quod efflagitat, impetrabit. Itaque impii, quamdiu in hac uita manserint, metu atque formidine cruciabuntur; iusti autem, in corpore manentes, gaudia summa percipient et, in altera uita, uoluptate atque gloria sempiterna circumfluent. Quod, si putat aliquis fortunas impiorum in hac uita saltem esse fundatissimas, repetat animo casus uarios atque repentinos quibus hominum uita, multorum opinione florens, obruitur. Videbit enim illorum opes,

incessantemente atribulada com pungentíssimos cuidados. Mas aqueles, aos quais a graça de Deus torna ricos, de tal maneira são colmados de recursos e riquezas que nenhum cuidado e inquietação os perturba, e, porque possuem em grande abundância os verdadeiros bens, o ótimo Deus com nada lhes falta em todas as coisas que são necessárias para o manejo da vida.

Diz que o insensato comete o crime como por galhofa e brincadeira, sendo certo que está a aparelhar a sua perdição e ruína, e a arremessar-se nas trevas eternas, e a infligir a si mesmo por sua própria mão um sofrimento sem termo, e, enfim, a esforçadamente se empenhar em ser por toda a eternidade o mais mofino dos homens, e mesmo assim é para ele brincadeira maquinar os piores crimes, como se então se avantajasse pelos merecimentos de varão valente e de vivo denodo. Mas a sabedoria do homem é a prudência. De que maneira? É que parecem diferir muito. De facto, a sabedoria é o conhecimento das coisas divinas, ao passo que a prudência a correta direção das coisas humanas. Todavia cumpre que se tenha presente que só pode corretamente governar o Estado ou o património particular aquele homem que tiver conhecimento de Deus. É que só ele respeitará a justiça, abominará o crime e consagrará toda a sua atividade ao proveito geral, e apenas assim, apoiado na proteção divina, tudo administrará de modo satisfatório.

Por conseguinte, a sabedoria encerra em si a causa da prudência. Ora, isto entende-se usando do habitual modo de falar, segundo o qual se diz que algo é aquilo de que é a causa, tal como quando dou o nome de “minha salvação” a quem me trouxe a salvação. Por conseguinte, uma vez que a sabedoria causa a prudência, diz-se acertadamente que a sabedoria é a prudência. Logo, da mesma maneira que é totalmente louco (pois não possui a ciência de Deus) quem por brincadeira e galhofa trama o crime, assim o homem que receia a Deus com este receio demonstra não só que é sábio, mas também que se avanta nos merecimentos da prudência.

[750] 24. *O que o ímpio teme, isso virá sobre ele; aos justos se lhes concederá o seu desejo.* 25. *O ímpio desaparecerá como uma tempestade que passa, mas o justo será como um fundamento eterno.* 26. *Qual o vinagre para os dentes e o fumo para os olhos, tal é o preguiçoso para aqueles que o mandaram.* 27. *O temor do Senhor prolongará os dias, e os anos dos ímpios serão abreviados.* 28. *A expectativa dos justos é alegria, mas a esperança dos ímpios perecerá.* 29. *O caminho do Senhor é a fortaleza do inocente e pavor para os que obram o mal.* 30. *O justo não será nunca abalado, porém os ímpios não habitarão sobre a terra.* 31. *A boca do justo frutificará sabedoria, a língua dos depravados perecerá.* 32. *Os lábios do justo consideram o que pode agradar, e a boca dos ímpios coisas perversas.*

O ímpio, quando é agitado como que pelas Fúrias, quando dia e noite é oprimido pela consciência das suas malfetorias, quando se aterra com as injustiças

inuecta tempestate atque calamitate, prosterni, ita ut ne tenue quidem earum uestigium in rebus humanis appareat.

Iustorum porro domicilium in omni saeculorum aeternitate firmum et stabile permanebit. Sed dicet fortasse aliquis: “Licebitne nobis ad tantam felicitatem adspirare ita ut nullum casum aut ruinam metuamus?” – Licebit sane! “Qua tandem uia et ratione?” – Sanctissimae legis cultu et oboedientia. Omnis enim qui uitam et immortalitatem expetit praeceptis Diuinis oboediat et sic tandem in beatissimam illam uitam feliciter immigrabit. Ita tamen se conferat opus est ad Diuinae legis studium ut intelligat scelus esse in tam paeclaro studio negligentiam. Vt enim acetum obstupescit dentes ne possint cibum cum iucunditate sumere, et ut fumus ita oculos offendit ut lacrimas [751]excutiat, sic est, inquit, omnis piger illis a quibus missus est. Grauius namque molestiam dominis lenti ministri atque satellites inferunt: negotia, quae instabant, impediunt et rei nauiter gerendae cupidus mora discruciat. Omnem igitur suscepti laboris mercedem ministri lentitudo peruertit. Similiter, illi qui lente atque negligenter officia pietatis exsequuntur, in grauem offensionem Diuini numinis incidunt, negligentia namque contemptionem designat earum rerum quae sunt bonis omnibus longissimo interuallo praeferendae.

Docet deinde Sapiens quae sit aetatis maturitas. “Timor”, inquit, “Domini dies ad uitam adiungit.” Quo modo uero id fiat consideremus. Maturitas aetatis est sapientiae perfectio atque uerissimae uirtutis absolutio. Non enim perspicendum est in proceritate corporis, sed in altitudine mentis incrementum, neque multum refert quam multi anni uitae numerentur, sed quam multis honestatis opibus aetas acta cumuletur. Non enim est senectus in annorum multitudine, sed in maximarum uirtutum perfunctione constituta. Qui igitur hanc uirtutis aetatem et fructus excellentis maturitatem fuerit assequutus, satis senex habendus est, quamuis a uita in aetatis flore discedat. Contra uero, impius, quocumque tempore moriatur, semper adulescens, atque adeo puer, appellandus est. Numquam enim ullum signum uirilis sensus in uita dedit et, cum fuit a corpore diuulsus, multa uersabat in animo, quasi tunc uitam inchoaret, et ex inanitate omnes uiuendi rationes suspensas habebat. Quamuis igitur illius senectus summa uideretur, immatura tamen morte sublatus repente fuit. Semper enim fructus illius fuerunt acerbissimi.

que inferira contra muitos mortais, certamente que com o espírito em sobressalto vê pender sobre si o suplício e por esse motivo nunca respira livremente nem se detém em lugar algum, pois sabe antecipadamente o que há de acontecer-lhe. Ao invés, porém, o justo é alentado por uma extraordinária esperança e incessantemente se abrasa no desejo do bem supremo, e, como se apoia na promessa divina, obterá o que espera, o que pede e o que roga. E assim os ímpios, durante o tempo em que se mantiverem nesta vida, serão atormentados pelo receio e temor, ao passo que os justos, enquanto permanecerem nos corpos, sentirão os maiores prazeres e, na outra vida, gozarão abundantemente de deleições e da glória sempiterna. Pelo que, se alguém pensa que nesta vida pelo menos os bens materiais dos ímpios têm um fundamento muito sólido, recorde-se dos variados e inesperados ensejos através dos quais se vê destruída a vida dos homens, próspera ao parecer de muitos. É que perceberá que as riquezas destes se perdem, ao desencadear-se a tempestade e desgraça, de tal maneira que entre os homens nem sequer o mais leve vestígio delas assoma.

Ora, a morada dos justos permanecerá firme e estável por toda a eternidade. Mas dirá porventura alguém: “Acaso não nos será permitido aspirar a uma tão grande felicidade, de tal sorte que não sintamos receio de nenhum percalço ou ruína?” – Certamente que será! “E por que modo e caminho?” – Através do respeito e obediência à lei santíssima. Que todo o que vivamente anela a vida e a imortalidade obedeça aos preceitos de Deus e assim acabará por venturosamente entrar naquela vida imensamente bem-aventurada. Todavia, é mister que de tal maneira se consagre ao zelo da lei divina que compreenda que é crime a negligência numa dedicação e zelo de tanta elevação. É que assim como o vinagre afeta os dentes por forma a impedi-los de tomarem o alimento com prazer, e assim como a fumaça de tal modo incomoda os olhos que provoca lágrimas, [751] assim diz que é o preguiçoso para aqueles que o mandaram. É que os criados e servidores tardos ocasionam um enorme enfado aos patrões: embarçam os negócios urgentes e a demora atenaza quem está desejoso de atuar com rapidez. Por consequência, a lentidão do criado destrói todo o ganho do trabalho realizado. Do mesmo modo, incorrem em grave ofensa contra a majestade divina aqueles que cumprem de modo remanchado e remisso os deveres da piedade, porquanto a negligência traduz o desprezo por aquelas coisas que de longe devem ser preferidas a todos os bens.

Ensina seguidamente o Sábio qual é a idade perfeita. Diz que “o temor de Deus aumenta os dias à vida”. E consideremos como é que isso se leva a efeito. A idade perfeita é a perfeição da sabedoria e o coroamento da mais verdadeira virtude. De facto, não deve buscar-se aumento na estatura do corpo, mas na profundidade do entendimento, e não importa muito o grande número de anos que se contam, mas o grande número de riquezas honestas que a idade transcorrida acumulou. É que a velhice não se cifra no grande número de anos, mas no pôr em prática as mais elevadas virtudes. Por conseguinte, quem tiver alcançado esta idade da virtude e a madureza dos excelentes frutos, deverá ser tido na conta de assaz

Sensus igitur huius loci hic est: timor Domini uitam propagat. Non enim patietur pater ille clementissimus ut qui numen illius timent ante quam ad uirtutis maturitatem perueniant extinguantur; at impiorum uitam in medio cursu, quasi inflicta securi, praecidet. At deinde sequitur quod non iam semel dictum est: “iustorum expectationem in perpetua laetitia et iucunditate uersari, impiorum uero cogitationem exitialem exitum perhorrescere”. Legem deinde demonstrat uarie homines commouere. Aliter enim afficit castos et integros et sanctionibus Diuinis alacriter obtemperantes, aliter autem impuros et flagitiosos, imperium Diuinum recusantes. Bonos enim inuicto robore communit, malos autem suppliciorum minis exterret. Quid enim metuat is qui se caelesti praesidio et comitatu circumsaeptum animaduertit? Quomodo non maximo animi motu trepidabit is qui Deum iratum habet seque omni praesidio nudatum cernit? Cum ergo boni ad legis trutinam uitae officia perpendant, mali porro bellum omni odio imbutum cum lege Diuina gerant, consequens est ut boni, lege, quam unice coluerunt, confirmati, omnia quae contra illos incitari possunt [752] animo maximo despiciant, improbi, iniuriarum recordatione perturbati, contremiscant.

Iam quod sequitur apud Matthaëum a Domino, qui Salomonem disciplinis instruxit, dictum legimus. Sic enim ait: “Omnis, qui audit uerba mea haec, et facit ea, assimilabitur uiro sapienti qui aedificauit domum suam super petram; et descendit pluuia, et uenerunt flumina, et flauerunt uenti, et irruerunt in domum illam, et non cecidit. Fundata enim erat super petram. Et omnis qui audit uerba mea haec, et non facit ea, similis erit uiro stulto qui aedificauit domum suam super arenam; et descendit pluuia, et uenerunt flumina, et flauerunt uenti, et irruerunt in domum illam, et cecidit, et fuit ruina illius magna.”⁵⁶ Similiter hoc in loco Salomon futurum ait ut iustus nullis tempestatibus de statu conuelli ullo modo possit, iniusti contra sedes quouis aduersae tempestatibus impetu corruat et dissipetur.

Omnes, deinde, iustos sapientes esse confirmat, aliter enim numquam sapientiae disciplinam protulissent. Praeterea, si sapiens est qui sibi consulit, sapiens certe iustus erit. Mens enim pura et integra morbos ex animo pellit et Spiritui Sancto domicilium aedificat et sacrarium construit, in quo Diuimum numen sedem sibi collocet, et oratio similiter iusti uulnera sanat, sanitatem confirmat multosque desiderium gloriae sempiternae acriter incendit. At impiorum lingua peruersa meditatur et ad flagitia suscipienda multos impellit. Excinditur igitur, nec enim tam audax facinus erit impunitum. Causa uero discriminis in eo tota consistit quod iustus omnes conatus animi eo comparat ut nihil agat, nihil moliat, nihil proferat, nisi quod gratum Deo fore uidet. Cum igitur id maximo opere uelit et

⁵⁶ Vd. Vulgata, *Mt.* 7, 24-27.

velho, mesmo que deixe a vida na flor da idade. Ao passo que, pelo contrário, o ímpio, seja qual for o tempo da vida em que morrer, deverá ser sempre chamado moço e até criança. É que durante a sua existência nunca deu sinal algum de maturidade viril e, quando faleceu, no seu íntimo cogitava muitas coisas de natureza tal, como se então começasse a viver, e tinha suspensas do vácuo todas as regras para a vida. Por conseguinte, embora a sua velhice parecesse muito avançada, todavia foi arrebatado de súbito por uma morte prematura. É que os frutos dela sempre foram muitíssimo amargos.

Portanto, o sentido desta passagem é o seguinte: o temor do Senhor prolonga a vida. É que aquele clementíssimo Pai não há de consentir que os que temem a Sua majestade divina se extingam antes de atingirem a maturidade da virtude, mas, como um golpe de machado, abaterá a vida dos ímpios a meio da jornada. E depois segue-se algo que já foi dito mais de uma vez, ou seja: “a expectativa dos justos é perpétua alegria e contentamento”, ao passo que “a esperança dos ímpios arreceia-se de um desfecho ruinoso”. Mostra depois que a lei afeta diferentemente os homens. É que provê de modo diverso, por um lado, aos castos e puros e que de bom grado obedecem aos mandados de Deus, e, por outro, aos impuros e infames, que recusam o senhorio divino. É que aos bons fortalece-os com um vigor invencível, ao passo que atemoriza os maus com ameaças de suplícios. De facto, que teme o homem que está ciente de que se encontra cercado pela proteção e companhia de Deus? Como não há de tremer, com o ânimo transido de pavor, o homem contra o qual Deus está irado e que vê que se acha desprovido de toda a proteção? Logo, uma vez que os bons medem todas as suas obrigações da vida pelo estalão da lei, ao passo que os maus travam com a lei divina uma guerra cheia de todo o ódio, segue-se como consequência natural que os bons, fortificados pela lei que respeitaram de modo extraordinário, com a máxima determinação votam ao desprezo tudo o que pode lançar-se sobre eles, [752] e os ruins sentem-se tomados pelo medo, inquietados pela lembrança das injustiças.

Quanto ao que vem a seguir, já o lemos em S. Mateus, dito pelo Senhor que transmitiu a Salomão os ensinamentos. De facto, diz assim: “Todo aquele que ouve estas minhas palavras e as observa, será comparado ao homem sábio, que edificou a sua casa sobre a rocha; e veio a chuva e transbordaram os rios e assopraram os ventos e combateram aquela casa, e ela não caiu, porque estava fundada sobre a rocha. E todo o que ouve estas minhas palavras e não as observa, será comparado ao homem sem consideração, que edificou a sua casa sobre areia; e veio a chuva e transbordaram os rios e assopraram os ventos e combateram aquela casa, e ela caiu e foi grande a sua ruína.” [Mt 24-27] Da mesma maneira, nesta passagem Salomão diz que tempestade alguma poderá de modo algum derrubar o justo da sua firme posição, ao invés do que sucederá com a morada do injusto, que será derribada e destruída por qualquer arremetida de uma procela hostil.

Confirma depois que todos os justos são sábios, pois, caso contrário, nunca teriam divulgado os ensinamentos da sabedoria. Além disso, se é sábio quem olha

cupiat, Deus mentem illius illustrat et orationem moderatur, ita ut nihil homo probus enuntiet nisi rectum et sapiens et moderatum et fructu saluberrimum. Porro autem, iniustus sit a sapientiae fonte deuius et a sanctissimis iustitiae placitis abhorreat, nefaria et iniusta pronuntiat et longe multumque a sanctionibus Diuinis aliena. Et haec est illa peruersitas detestabilis et execranda qua perdit homines a recta salutis uia sese longissime diuersos abducunt.

CAP. XI

[1.] *Statera dolosa abominatio est apud Deum, et pondus aequum uoluntas eius.* [2.] *Vbi fuerit superbia, ibi erit et contumelia; ubi autem est humilitas, ibi et sapientia.*

Humana societas fide continetur. Sublata igitur [753]fide, communio tollitur et uitae coniunctio ita ut nihil relinquatur quamobrem quisquam in uita manere uelit. Quod, si, cum fides priuatim uiolatur, ius societatis humanae uiolatur, quid erit existimandum cum publica fides, qua uniuersa Respublica deuincta est, de medio tollitur? Cum igitur bilancis pondus sit publica uenialium rerum aestimatio, qua pactiones rite fiunt et mutui commercii aequabilitas conseruatur: qui ponderibus fallacibus utitur, quantum in se est publicam fidem peruertit. Sed hoc effatum non ad bilancis tantum examen pertinet, sed multo etiam magis ad alia ponderum momenta, quibus sunt munera publica diligenter examinanda. Hi sunt iudices et magistratus; hi sunt publici iuris administri; hi denique sunt principes et reges ad quorum iudicium sunt omnes disceptationes et controuersiae reuocandae. Horum officium est demere de iniuriae cumulo quod resarciat illius, qui iniuriam passus est, intertrimentum; coercere cupiditatem; tueri innocentiam; summa cum infimis eadem iuris aequabilitate moderari unicuique dignitatem suam tribuere; et sic

e zela por si mesmo, o sábio certamente que será justo, porquanto um espírito puro e íntegro expulsa de si as enfermidades e edifica uma morada e constrói um sacrário para o Espírito Santo, no qual a divindade colocará um trono para si, e semelhantemente as palavras do justo saram as feridas, fortalecem a saúde e vivamente abramam muitos no desejo da glória sempiterna. Mas a língua dos ímpios maquina coisas perversas e impele muitos a cometerem infâmias. Por consequência, é destruída, pois um atentado tão audaz não ficará impune. E a causa da diferença estriba inteiramente em que o justo consagra todos os esforços do seu espírito no sentido de nada fazer, nada empreender e nada proferir senão aquilo que vê que será do agrado de Deus. Por conseguinte, uma vez que é isso que com o máximo empenho quer e deseja, Deus ilumina-lhe o espírito e inspira-lhe as palavras, de tal maneira que o homem probo nada pronunciará que não seja reto, sábio, comedido e do mais salutar proveito. Ora, por outro lado, o injusto, porquanto se desviou da fonte da sabedoria e sente aversão pelos santíssimos mandados da justiça, profere coisas sacrílegas e injustas e totalmente alheias das determinações de Deus. E esta é aquela perversidade execrável e abominável através da qual os homens perdidos se desviam para muito longe do reto caminho da salvação.

CAPÍTULO XI

1. A balança enganosa é abominável diante do Senhor, e o peso justo é a sua vontade. 2. Onde houver soberba, aí haverá também ignomínia; onde porém há humildade, aí há igualmente sabedoria.

A sociedade humana baseia-se na mútua confiança e lealdade. Portanto, uma vez suprimida [753] a confiança, acaba-se com a solidariedade e a vida em comunidade por tal forma que nada resta por amor do qual alguém queira continuar a viver. Pelo que, se, quando a confiança é violada a título particular, se está a violar o direito da sociedade humana: que deverá pensar-se quando se suprime a confiança pública, a que a totalidade do Estado está obrigada? Por conseguinte, uma vez que o peso da balança é a avaliação pública das coisas que se vendem, mediante a qual se fazem da forma devida os contratos e se preserva a equidade do comércio recíproco: quem usa pesos falsificados está, na medida do que pode, a destruir a confiança pública. Mas esta proposição não diz apenas respeito aos pesos da balança, mas até muito mais a outros tipos de pesos, mediante os quais devem ser diligentemente avaliados os cargos públicos. Estes são os juízes e os magistrados; estes são os ministros do direito público; estão são, enfim, os príncipes e reis a cujo julgamento devem ser remetidas todas as contestações e controvérsias. O dever destes é tirar do acervo da injustiça o que baste para

denique omnia, pro uniuscuiusque meritis, exaequare ut neque multitudini materia iustae querimoniae detur neque summi uiri debita honestate spolientur.

Qui igitur hoc trutinatum genus ita deprauauerint ut omnia quae sunt rectis examinanda ponderibus iudicio corruptissimo ponderentur, erunt publicae salutis euersores et iccirco hominibus inuisi et Deo uehementer execrandi. Cum uero plura possidendi, quam iuris ratio patiatur, cupiditas, plerumque a superbia nascatur (ideo namque multi manum opibus alienis afferunt ut magnificentia cultus et populari dignitate possint excellere), ostendit Sapiens quam amentes sint illi qui ex superbia dignitatem quaerendam statuunt. Nam superbiam ignominia consequitur et modestia sapientiae nomine commendatur. Superbia enim concitat odium, moderatio conciliat amorem. Superbia deinde est cum obliuione imbecillitatis humanae coniuncta; humilitas autem, ex iudicio quo se quisque diligenter examinat, existit. Praeterea, qui se nimis insolenter efferunt, cum sibi multa impudenter arrogent, se deridendos ostentant; modesti contra, dum se prudenter abiiciunt, ad reliquas laudes, quas assecuti fuerant, laudem moderationis adiungunt. Atque postremo superbia iram Diuinam prouocat, humilitas autem Dei gratiam acquirit.

[3.] *Simplicitas iustorum diriget eos, et supplantatio (hoc est, peruersitas) peruersorum uastabit illos.* [4.] *Non proderunt diuitiae in die ultionis; iustitia autem liberabit a morte.* [5.] *Iustitia simplicis diriget uiam eius, et in impietate sua corruiet impius.* [6.] *Iustitia rectorum liberabit eos, et in insidiis suis capientur iniqui.*

[754] Nullum est tantum acumen, nulla tanta calliditas quae possit hominem uafrum et subdolum a tristissimis curis eximere. Nam sollicitus est ne, quod est ementitus, emanet; ne fraus quam concepit, appareat; ne insidias quas facit, repellantur; ne, dum sibi praesidium astutia sua comparabat, uitae suae periculum intendant; eisdemque machinis, quibus ad salutem utebatur, perniciem omnibus rebus suis importet. Quod quidem homo simplex et integer numquam metuet, nihil enim astute, nihil malitiose, nihil fraudulenter in uita gerit; mendacium numquam dicit; recta uia graditur; in luce ambulat, ita ut nusquam offendat aut uerborum laqueis capiatur. Probitas enim illius eum diriget, cum improbi natura, immanis et importuna, eum a recta uia transuersum in horas singulas abstrahat et in capitalem fraudem frequenter impellat.

ressarcir o prejuízo daquele que a sofreu, atalhar à cobiça, defender a inocência, governar os mais humildes com a mesma máxima imparcialidade do direito, dar a cada um a dignidade que lhe cabe, e assim, ao cabo, tudo igualar, em conformidade com os merecimentos de cada um, para nem se dar à multidão motivo de justa queixa nem se privarem os varões mais insignes das merecidas honrarias.

Por consequência, os que falsificarem esta espécie de balanças de tal maneira que pesem com juízo totalmente adulterado tudo que deve ser examinado e ponderado com pesos corretos, serão destruidores da prosperidade pública e por isso odiosos aos olhos dos homens e deverão ser vivamente abominados por Deus. E sendo certo que a cobiça de possuir muitas coisas, que a natureza do direito tolera, as mais das vezes nasce da soberba (de facto, muitos lançam a mão às riquezas alheias a fim de poderem sobressair pela esplendidez do luxo e pela ostentação diante da população), o Sábio mostra o como são tresloucados os homens que têm para si que a dignidade deve procurar-se por soberba. É que a soberba acarreta a ignomínia e a modéstia recomenda-se pelo título de sábia. De facto, a soberba atrai o ódio e o comedimento chama o amor. Em segundo lugar, a soberba está associada ao esquecimento da fraqueza humana, ao passo que a humildade resulta do julgamento mediante o qual cada um escrupulosamente se examina. Além disso, os que com sobeja arrogância se ensoberbecem, ao de si mesmo impudentemente presumirem muito cousa, tornam-se objeto de irrisão; os modestos, pelo contrário, ao sensatamente se humilharem, acrescentam o merecimento da moderação aos restantes motivos de louvor que obtiveram. E, por derradeiro, a soberba provoca a ira divina, ao passo que a humildade adquire a graça de Deus.

3. A simplicidade dos justos conduzi-los-á felizmente, e as sancadilhas [isto é: "a perversidade"] dos perversos serão a sua ruína. 4. As riquezas não servirão de nada no dia da vingança, mas a justiça livrará da morte. 5. A justiça do simples fará feliz o seu caminho, e pela sua impiedade se precipitará o ímpio. 6. A justiça dos retos livrá-los-á, e em seus mesmos laços serão apanhados os iníquos.

[754] Não há nenhuma agudeza de espírito nem nenhuma astúcia tão grandes que possam eximir de mui pungentes cuidados o homem arditoso e matreiro. É que vive preocupado com que venham a público as mentiras que inventou, e se conheçam os embustes que tramou, e sejam desmascaradas as tramas que urdiu, e que, ao tempo em que com a sua manha aparelhava a sua proteção, esteja a pôr em perigo a sua vida, e que com estas maquinações, de que usava para proveito seu, acarrete a perdição para todas as suas coisas. Algo que o homem simples e íntegro nunca há de temer, porquanto, durante a sua existência, nunca fez coisa alguma de modo arditoso, malicioso ou enganoso; nunca pronunciou mentiras; avança pelo caminho reto; caminha na luz, de tal maneira que vez alguma escandaliza ou é colhido pelos laços das palavras. É que a sua retidão há de dirigi-lo,

Vt autem prospere omnia procedant illis qui fraudibus opes accumulunt, quem tandem fructum poterunt ex diuitiis per iniuriam partis in die ultionis percipere? Cum enim Dominus iudicium constituerit, ut unicuique pro meritis praemium uel poenam rependat, num poterit sanctissimum illud iudicium uel pecunia redimi, uel fraudibus eludi, uel institutis sacris expiari? Nullo modo! Non igitur immanes diuitiae, sed opes iustitiae homines a morte sempiterna liberabunt. Sed quaerendum est quibus artibus praeditum esse oportet illum qui uult huius uitae cursum sine prolapsione conficere. Num mathematicos consulat? Num philosophis operam dabit? Num se ad eorum studium, qui se politicos existimari uolunt, adiunget?

“Nihil opus”, inquit, “est. Iustitiam tantum unice colat; illius uestigiis insistat; numquam oculos ab illa deiiciat; a uia, quam illa monstrat, numquam in partem alterutram deflectat; et sic tandem, quamuis nullis artibus imbutus sit, uiam certam tenebit, qua sine ullo errore ad uitam sempiternam perueniat. Contra porro impius. Quamuis enim omnibus summis artibus instructissimus sit et dicendi etiam facultate praecellat, cum tamen iustitiae expers omnino sit, miserrime concidet atque funditus interibit. Itaque iustita est quae rectis salutem dat; quemadmodum et iniqui uinculis ipsius iniquitatis artissime constringuntur ut poenas sempiternas exsoluant.”

[7.] *Mortuo homine impio, nulla erit ultra spes, et exspectatio sollicitorum peribit.* [8.] *Iustus de angustia liberatus est, et tradetur impius pro eo.* [9.] *Simulator ore decepit amicum suum; iusti autem liberabuntur scientia.* [10.] *In bonis iustorum exsultabit ciuitas, et in perditione impiorum erit laudatio* (hoc est, publica gratulatio). [11.] *Benedictione iustorum exaltabitur ciuitas, et ore impiorum subuertetur.*

[755] Omnes, qui perfidia et impietate diuitias augent et accumulunt, uel summo studio et sollicitudine opibus parandis incumbunt, quamuis nullum scelestum facinus in comparanda pecunia moliantur, sunt amentissimi. Omnes enim spes illorum interitu corporis extinguuntur. Quid enim poterit esse dementius quam omnem industriam et sollicitudinem in cultu corporis, quod est breuissimo temporis spatio delendum, reponere, et interim animam, natura sempiternam et ad imaginem Dei factam, flagitiorum sordibus infectam et turpificatam, relinquere? Nec solum spes impiorum interibit et solliciti, sine ullo fructu, opes coaceruabunt, uerum etiam, si permanserint in flagitio, sempiternae mortis immanitatem sustinebunt. Iustus enim, ut ad aliquod tempus crucietur, omni tamen angore et cruciatu liberabitur; impius uero tradetur pro eo, hoc est, acerbissimae atque sempiternae ultionis tela excipiet. Omnia namque mala quae fuerat in hominem iustum machinatus perferet et, praeterea, illius gloriae seruiet inuitus, atque tandem poenas dabit sceleris illius quo infestus in sanctos homines perpetuo ferebatur.

ainda que a natureza monstruosa e importuna do perverso a cada hora o procure desviar do reto caminho e amiúde o empurre para enganos fatais.

Ora, ainda que tudo corra a contento aos que ajuntam riquezas através do engano, por derradeiro, no dia da vingança, que fruto poderão colher das riquezas obtidas através da injustiça? É que, quando o Senhor proceder ao Juízo, a fim de a cada um dar ou o prémio ou o castigo em conformidade com os seus merecimentos, acaso poderá aquele santíssimo julgamento remir-se com dinheiro ou evitar-se com enganos ou afastar-se mediante cerimónias religiosas? De forma alguma! Por conseguinte, não serão as descomedidas riquezas, mas os tesouros da justiça que libertarão os homens da morte sempiterna. Mas cumpre procurar saber com que artes convém que esteja dotado aquele que quer completar sem queda a carreira desta vida. Porventura há de consultar os matemáticos? Acaso se entregará ao ensino dos filósofos? Ou consagrar-se-á à ensinância daqueles que pretendem ser considerados como políticos?

“Nada disso é necessário”, responde o Sábio. “Basta que unicamente cultive a justiça; que siga os seus passos; que nunca aparte dela os seus olhos; que nunca se desvie, nem para um lado, nem para o outro, do caminho que ela aponta; e assim ao cabo, embora não tenha estudado nenhuma arte, conservará o caminho certo, pelo qual há de chegar sem qualquer desvio à vida sempiterna. Ora, o contrário se passa com o ímpio, pois, ainda que tenha aprendido a fundo as artes mais elevadas e se singularize também pelo talento oratório, todavia, uma vez que não possui em absoluto a justiça, há de sucumbir da forma mais mofina e perecer por completo. E assim é a justiça que dá a saúde aos retos, da mesma maneira que os iníquos são mui estreitamente amarrados pelos grillhões da sua própria iniquidade, por forma a serem castigados pelas penas sempiternas.”

7. Morto o homem ímpio, não restará mais esperança alguma; e a expectativa dos ambiciosos perecerá. 8. O justo foi livre da angústia, e o ímpio será entregue em lugar dele. 9. O fingidor com a boca engana ao seu amigo, mas os justos serão livres pela ciência. 10. Nos bens dos justos exultará a cidade, e na perdição dos ímpios haverá ação de graças. [isto é: “manifestações públicas de alegria”] 11. A cidade será exaltada pela bênção dos justos, e destruída pela boca dos ímpios.

[755] Todos os que acumulam e aumentam riquezas através da má-fé e da impiedade, ou consagram enorme desvelo e dedicação à obtenção de bens materiais, são pessoas completamente destituídas de senso, mesmo que não pratiquem nenhum crime na aquisição de fortuna. É que todas as suas esperanças se extinguem com a morte do corpo. De facto, que poderá existir de mais desatinado do que reservar toda a atividade e cuidados para o luxo do corpo, que deve ser destruído num prazo brevíssimo de tempo, e entretanto deixar a alma, eterna por natureza e feita à imagem de Deus, manchada e envilecida pela sujidade dos pecados? E não só perecerá a esperança dos ímpios e os desassossegados amon-

Quantum deinde periculum creet os fraudulentum illius qui simulat amicitiam, cum necem inferat, apparet; uerbis blanditur, corde sanguinem petit; religionem ostentat, et sacrilegium admittit; Deo se carum esse profitetur, cum sanctitatem illius modis omnibus oppugnet; itaque, dum se ministrum salutis esse iactat, proximum suum in perniciem praecipitem exturbat. Quomodo igitur insidiae deitari poterunt ore impio comparatae? Scientia sane. Sed quis nos scientia, qua nobis sedulo caueamus, instruet? Iustitia profecto. Si enim fuerimus in studio iustitiae uigilantes, splendore collucebimus quo facillime fictam iustitiae speciem a uera et solida iustitiae ratione distinguamus. Recte igitur dictum est iustos scientia a fallacia simulatae iustitiae liberari.

Ait deinde “in iustorum bonis ciuitatem mirifice laetari”, quia bona quibus affluunt iusti ad communem utilitatem Reipublicae conferuntur. Deinde, non ii sunt qui, opibus elati, ad tyrannidem adspirent, sed potius omnia quae possident instrumenta iustitiae atque pietatis arbitrentur. Postremo, cum sint plerumque cari multitudini, fit ut ex eorum secundis rebus gaudium insigne multitudine percipiat. At, cum impii corrunt, omnis multitudo laetitiam, editis uocibus et signis apertissimis, ostendit. Est enim impietas, cum inuisa atque uehementer odiosa, tum etiam malefica nimis et iniusta, ita, ut, cum impii hominis florens fortuna perfringitur, multi libertatem omnino constitui suspicentur. Et hoc non absque ratione. Neque enim solum opes bonorum adiumentum afferunt ciuitati, uerum illorum rationes sunt uniuersae Reipublicae salutes. Quemadmodum Sapiens continuo subiungit: salutari iustorum oratione ciuitatem in gradu dignitatis amplissimo collocari, oratione autem pestifera impiorum conuelli et excindi.

Ait deinde:

[756] [12.] *Qui despicit amicum suum indigens corde est: uir autem prudens tacebit.* [13.] *Qui ambulat fraudulenter, reuelat arcana; qui autem fidelis est, celat amici commissum.* [14.] *Vbi non est gubernator, populus corruet; salus autem, ubi multa consilia.* [15.] *Affligetur malo qui fidem facit pro extraneo; qui autem cauet laqueos securus erit.*

toarão riquezas sem qualquer fruto, mas também, se perseverarem no pecado, padecerão o horror da morte eterna. É que o justo, ainda que durante algum tempo seja atormentado, todavia será livre de toda a espécie de angústia e tormento, ao passo que o ímpio será entregue em lugar dele, isto é, será trespassado pelos dardos da eterna e dolorosíssima vingança. Na verdade, há de padecer todos os males que maquinara contra o homem justo, e, além disso, contrariado, há de ser posto ao serviço da glória dele, e sofrerá ao cabo o castigo daquele crime com que incessantemente se mostrava hostil contra os homens santos.

Mostra-se depois o grande perigo que origina a boca mentirosa do que simula amizade, ao tempo que infere o golpe mortífero; afaga com palavras, com o coração deseja o sangue; dá mostras de religiosidade, e comete sacrilégios; proclama que é caro aos olhos de Deus, ao mesmo tempo que por todas as vias persegue a santidade d'Ele, e assim, enquanto se jacta de ser ministro da salvação, inquieta o seu próximo precipitando-o na perdição. Por conseguinte, de que modo poderão evitar-se as ciladas armadas pela boca ímpia? Certamente que com a ciência. Mas quem há de instruir-nos na ciência com que diligentemente cuidarmos de nós mesmos? Com certeza que a justiça. É que, se formos desvelados no zelo da justiça, resplandeceremos com uma luz que nos permitirá com a maior facilidade destrinçar a fingida aparência de justiça da verdadeira e sólida natureza da justiça. Por conseguinte, é com razão que se diz que a ciência livra os justos da mentira da justiça simulada.

Diz em seguida que “a cidade espantosamente se alegra nos bens dos justos”, porque os bens em que os justos abundam são aplicados em benefício comum da república. Depois, a condição deles não é tal que, ensoberbecidos com as riquezas, aspirem à tirania, mas antes consideram tudo o que possuem como instrumentos da justiça e da piedade. Finalmente, uma vez que ordinariamente a multidão os estima, sucede que esta sente grande regozijo com os bons sucessos deles. Ao invés, quando os ímpios sucumbem, a multidão inteira manifesta o seu contentamento, soltando brados e mostras inequívocas de júbilo. É que a impiedade é não só detestável e vivamente odiosa, mas também assaz malfazeja e injusta, de tal maneira que, quando se arruína a prosperidade do homem ímpio, muitos conjecturam que por completo se instaurou a liberdade. E não sem motivo, pois não só as riquezas dos bons trazem ajuda à cidade, mas também os seus conselhos são salutares para a totalidade do Estado. Tal como logo a seguir o Sábio acrescenta, ao dizer que, pelas salutares palavras dos justos a cidade ascende a um mui elevado grau de dignidade, ao passo que é assolada e destruída pelas palavras pestilenciais dos ímpios. Diz em seguida:

[756] 12. *O que não tem senso despreza ao seu amigo, mas o homem prudente calar-se-á.* 13. *O que anda com dobreza descobre os segredos, mas o que é de coração leal, cala o que o amigo lhe confiou.* 14. *Onde não há quem governe perecerá o povo; onde porém há muitos conselhos, aí haverá salvação.* 15. *Aquele*

Despiciat amicum qui, ut risum faciat, siquid est in amico labe aliqua dedecoris adpersum atque deridendum, id passim peruulgat: quod quidem est insiti furoris indicium. Tu amicum contemnes atque deridebis, et non potius secreto admonebis? Et risus furentis insulsiatatem fidei amicitiae praeponendam existimabis? Qui amicos ad hunc modum tractas, quid alienis efficias? Aut quos tibi tandem amicos fideles inuenies? Reliquum igitur erit ut “te corde indigere”, ut Salomon dicit, aperte fatearis, eum id contra amicitiae legem flagitium admittis, quod tandem in ignominiam tuam iure atque merito redundabit. Prudens uero id, quod diuulgare omnibus desideras, secretum certe tenebit.

In uniuersum autem quanta fide sit amici arcanum silentio comprimendum consequenter exponitur. Ait enim Sapiens eum qui secretum minime seruat esse perfidum atque fraudulentum, multo magis quam si amicum magna pecunia fraudaret. Non enim tanto periculo pecuniae quam arcana committuntur. Dicit populum sine gubernatore periturum. Sed dicet aliquis fortasse nullam esse nationem quae gubernatore careat. Verum. Sed qui recte munere suo perfungantur erunt paucissimi. Et ii qui inuenti fuerint, si non ad se multos consiliarios adscuerint, multis in locis claudicabunt. Pauci enim pauca norunt, multi multa peruestigant. Dum quilibet igitur ex iis qui in consilium adhibentur in commune confert quod reperit, multa consilia poterunt cum utilitate summa Reipublicae comprobari. Est autem animaduertendum non dixisse Salomonem salutem inueniri, ubi aliquod consilium uiget, sed salus, ubi multa consilia. Vnde colligitur sine multorum prudentum consilio non posse ullo modo Rempubicam administrari.

Quod uero attinet ad praeceptum quod continuo sequitur, fieri non potest quin sapiens in eo magnam uim securitatis sitam esse censeat. Quam periculosa enim sponsio pro amico facta sit, iam ante monuerat. Quo quidem in loco, non sponsonem omnino prohibuit (ius enim amicitiae postulat ut pro amicis discrimen subeamus), sed tantum admonuit ut uideremus quibus laqueis nos ipsos, cum pro amicis spondemus, adstringimus, et ad fidem nostram sollicitate praestandam adhortatus est. Nunc uero a fide pro extraneis interponenda, quorum fides nobis explorata non est, uehementissime deterret:

[757] [16.] *Mulier gratiosa inueniet gloriam, et robusti habebunt diuitias.* [17.] *Benefacit animae suae uir misericors; qui autem crudelis est etiam propinquos abiicit.* [18.] *Impius facit opus instabile, seminanti autem iustitiam merces fidelis.* [19.] *Clementia praeparat uitam, et sectatio malorum mortem.* [20.] *Abominabile Domino cor prauum, et uoluntas eius in iis qui simpliciter ambulat.*

que se faz responsável por um estranho, cairá na desventura; mas o que evita os laços estará em segurança.

Despreza ao amigo quem, para mover a riso, se algum desdouro manchou com alguma nódoa o amigo ou algo o tornou risível, dá a conhecer estas fraquezas por toda a parte: o que é indício da sua íntima loucura. Tu desprezarás o amigo e dele zombarás, em vez de preferires aconselhá-lo em segredo? E considerarás que a sensaboria de um riso atoleimado deve antepor-se à lealdade da amizade? Quem como tu trata os amigos deste modo, que fará com os estranhos? Ou que amigos fiéis hás de tu encontrar? A conclusão, portanto, será que abertamente reconheces que “não tens senso”, consoante diz Salomão, quando praticas contra a lei da amizade aquela ignomínia que com justiça e razão acabará por redundar em infâmia tua. E o prudente certamente que manterá em segredo aquilo que desejas que se divulgue entre todos.

Por outro lado, expõe-se seguidamente de modo geral a grande fidelidade com que se devem remeter ao silêncio os segredos do amigo. É que o Sábio diz que quem não guarda um segredo é desleal e dobre, muito mais do que se enganasse o amigo numa grande quantia de dinheiro: de facto, corre-se maior risco em confiar segredos do que dinheiro. Diz que o povo há de perecer se não tiver quem o governe. Mas talvez alguém observe que não existe nação alguma que não tenha quem a governe. É certo. Mas serão muito poucos os que desempenham corretamente a sua função. E os que se encontrarem, se não chamarem para junto de si muitos conselheiros, enganar-se-ão em inúmeras ocasiões. É que os poucos sabem pouco, e os muitos inquirir muita coisa. Por consequência, quando qualquer um, de entre os que participam nos conselhos, comunica aos demais o que descobriu, poderão aprovar-se muitas deliberações com proveito enorme da república. Por outro lado, convém ter-se presente que Salomão não disse que se encontra a salvação onde viça algum conselho, mas onde há muitos conselhos. Daqui se conclui que de forma alguma se pode governar o Estado sem o conselho de muitos homens prudentes.

Ora, no que tange ao preceito que imediatamente se segue, é impossível que o Sábio não considere que nele assenta grande parte da segurança, pois já antes advertira de quão perigosa é a garantia dada a favor de um amigo. Ora, nessa passagem não proíbe completamente este tipo de compromissos (pois os foros da amizade exigem que nos arrisquemos em defesa dos amigos), mas apenas aconselhou a que vejamos com que laços nos atamos a nós mesmos, quando ficamos como fiadores dos amigos, e exortou a que escrupulosamente mantenhemos a nossa palavra. E agora vivamente dissuade de ficarmos como fiadores de estranhos, cuja lealdade não conhecemos..

[757] 16. *A mulher de engraçada compostura alcançará glória, e os robustos terão riquezas.* 17. *O homem caritativo faz bem à sua alma, mas, o que é cruel,*

Neque mulier uiribus partam uiri gloriam tuetur, sed gratia, hoc est, prudentia et moderatione, cum insigni laude pudoris et continentiae coniuncta; neque uir tam gratia quam uiribus et industria pugnat, ut domus sit rebus omnibus, quibus indiget uita communis, oppleta. Dum quilibet igitur muneri suo satisfacit, domus integre omni bono cumulatur. Sed uidendum est num satis sit intra priuatos parietes abundare, et numquam eos qui foris inopia premuntur inuisere. Non certe. Qui enim misericors est, sibi ipsi faenori dat quod aliis elargitur, anima enim illius qui est in egentes misericors ditescit, at crudelis, cum etiam suis sit acriter infestus, extrema tandem inopia cruciabitur. Sic igitur fiet ut boni sumptibus rem familiarem uehementer amplificent; improbi uero nimia parsimonia patrimonium disperdant.

Sed inquiet aliquis fortasse longe secus interdum fieri, multos enim nouimus qui, cum fuissent multis sceleribus affines et amplum patrimonium liberis reliquerunt, et in uita multis gloriae popularis ornamentis exculi sunt. -- Verum, sed illorum mens fuit multis curis exercita et molestiis innumerabilibus miserrime circumuenta et eorum posteritas funditus excisa. Nec enim diu permanere potest genus sanctitatis inuisum. Nam iudicium Diuinum sceleratam sobolem debitis poenis insequitur, usque eo dum memoriam illius euellat. Rectissime igitur scriptum est "impium facere opus instabile", at ei, qui iustitiam serit, esse solidam mercedem operis constitutam.

Quaerit impius dignitatem et incurrit in dedecus; quaerit iucunditatem, et dolores accersit; quaerit opes, et inopia summa conficitur; quaerit uitam, et in mortem truditur. "Clementia" namque, ut interpretes uertit, "praeparat uitam". Est autem clementia ad iustitiam reuocanda. Vt igitur Hebraeus inquit: "Opus rectum iustitiae ad uitam tendit, quemadmodum improbitas ad exitium." Minime igitur ferendi sunt quidam homines amentissimi qui in summo furore sibi laudem acuminis et sagacitatis assumunt, et, dum pestem intra pectus continent, sibi bona nimis insolenter attribuunt. Quid est miserius improbitate? Quid insolentius calliditate? Quia igitur dementius eo qui, cum improbus et uaffer atque uerterator sit, ita sibi placet in malitia atque si in ea sapientia totius summa consisteret?

repele até os seus mesmos propínquos. 18. O ímpio faz obra que não subsiste, mas para o que semeia justiça há fiel recompensa. 19. A clemência abre o caminho para a vida, e o seguimento dos males conduz para a morte. 20. Abominável é para o Senhor o coração corrompido; e o seu afeto é para os que andam em simplicidade.

Nem é através das forças que a mulher vela pela glória, que o varão obtém graças a elas, mas através da graça, isto é, da prudência e do comedimento, unidas com singulares merecimentos de pudor e sobriedade; nem o varão combate mais com a graça do que com as forças e a atividade para que o lar se encha com todas as coisas de que necessita a vida corrente. Por conseguinte, quando qualquer pessoa cumpre a sua obrigação, o lar fica completamente cheio de toda a espécie de bens. Mas cumpre que se veja se é suficiente possuir em abundância no interior da casa, e nunca olhar para os que no exterior são assoberbados pela pobreza. Certamente que não. É que quem é caritativo, está a emprestar a juros a si mesmo aquilo que prodigamente deu aos outros, pois torna-se rica a alma que é caritativa com os indigentes, ao passo que a insensível, ao mostrar-se duramente inimiga até dos seus, ao cabo será atribulada com a mais extrema pobreza. Por conseguinte, assim sucederá que os bons hão de aumentar de modo mui significativo o seu património, ao passo que os desonestos, com a sua excessiva escassez, perdem os seus haveres.

Mas é possível que alguém diga que por vezes acontece totalmente ao invés, pois temos conhecimento de muitos homens que, embora tenham sido culpados de muitos crimes, não só deixaram aos filhos um amplo património, mas também durante a vida foram condecorados com inúmeras mostras do apreço popular. – É certo, mas o seu espírito foi atribulado por muitas preocupações e mui mofinamente assoberbado por enfados sem conta e a sua descendência foi totalmente aniquilada. É que não pode durar por muito tempo uma linhagem odiosa ao que é santo. De facto, o juízo divino condena com as merecidas penas a raça criminosa, até suprimir totalmente a sua lembrança. Por consequência, foi mui acertadamente que se escreveu que *o ímpio faz obra que não susbsiste*, e que para aquele, que semeia a justiça, está reservada uma sólida recompensa para o seu trabalho.

O ímpio procura dignidade, e incorre em desdouro; procura contentamento, e atrai para si dores; procura riquezas, e é oprimido pela mais completa penúria; procura vida, e é empurrado para a morte. Com efeito, conforme verte o tradutor: “a clemência abre o caminho para a vida”. Ora, a clemência deve ser posta em ligação com a justiça. Portanto, como diz o texto hebraico: “A obra reta da justiça encaminha para a vida, da mesma maneira que a improbidade para a morte.” Portanto, não devem tolerar-se certos homens vesânicos que, mergulhados no mais completo desvario, se arrogam o mérito da penetração intelectual e da sagacidade, e, ao tempo em que encerram no peito a perdição, com sobeja

Cum autem Deus sit beatissimus, maxime miser est ille qui est a Deo remotissimus. [758] At a Deo longissime dissidet ille cuius cor est ueneno prauitatis infectum. Deus enim mentem deprauatam odio persequitur et simpliciter ambulantes amplexatur.

[21.] *Manus in manu non erit innocens malus; semen autem iustorum saluabitur.* [22.] *Circulus aureus in naribus suis, mulier pulchra et fatua.* [23.] *Desiderium iustorum omne bonum est; praestolatio impiorum furor.* [24.] *Alii diuidunt propria, et ditiores fiunt; alii rapiunt non sua, et semper in egestate sunt.* [25.] *Anima quae benedicit, impinguabitur; et qui inebriat ipse quoque inebriabitur.*

Impii manus manumprehendit, cum foedus fit et fides mutua datur, fore ut alter alterum falso testimonio iuuet, ut sic is qui scelere se alligauit, iudicium sententia liberetur, frustra tamen id fiet. Est enim numen in caelis quod omnia uidet et nullum maleficium inultum esse patitur. Sic igitur eueniet necessario ut, qui scelere se constrinxit, merito supplicio crucietur, at iustorum natio erit omni crimine soluta. Illorum enim caussam tuetur Dominus, qui iustorum patronus atque parens est. Quam periculosa deinde sit mulieris amentis species atque pulchritudo declarat aptissima similitudine. Quid esse potuisset minus aptum quam aureum monile ex rictu suis appensum? Primum enim, ridiculum nimis esset aurum optime factum in rostri porcini deformitate alligari. Deinde, satis indignum, pretiosum monile in caeno atque luto prouolui. Postremo, quid conueniebat ornari eleganti cultu animal ab omni cultu remotissimum et sordibus semper immersum, cuius uoluptas tota est in uolutationibus lutulentissimis constituta?

Nunc transferamus hanc similitudinem ad pulchritudinem corporis, cum abest mentis sanitas. Est autem pulchritudo aureo monili absimilis. Est enim apta membrorum compositio, certa partium dimensione terminata, candore splendida, uenustate circumfluens, oculis admodum grata, amorem mire concilians. Intelligendum tamen est non esse certam uerissimae pulchritudinis rationem in corpore, sed in animo, ponendam. Cum enim omnes animorum partes inter se singulari lepore consentiunt, cum ratione purissima collustrantur, cum mens imperium pro dignitate tuetur, cum omnes affectiones legi naturae parent et rationi subiiciuntur, tunc existit in animo excellens decus et elegantia cuius decoris haec corporis pulchritudo, quam cernimus oculis, imago quaedam est. Cum igitur haec corporis dignitas animi dignitati respondet, tunc ornatus est minime contemnendus, est enim liberalis species, cum est cum uirtute et moderatione coniuncta, regii cuiusdam decoris insigne, amorem admirabilem excitans.

insolência atribuem a si mesmos os bens. Que existe de mais mofino do que a desonestidade? Que existe de mais insolente do que a arteirice? Por conseguinte, que há de mais louco do que o homem que, sendo desonesto, ardiloso e matreiro, de tal guisa se compraz com a malícia como se nela consistisse inteiramente o essencial da sabedoria?

Por outro lado, sendo certo que Deus é sumamente feliz, é infeliz no grau supremo aquele homem que está totalmente apartado de Deus. [758] E encontra-se muitíssimo desviado de Deus aquele cujo coração está corrompido pela peçonha da ruindade. É que Deus sente ódio pelo espírito pervertido e abraça os que caminham em simplicidade.

21. O mau não será inocente, ainda quando tiver uma mão sobre a outra; mas a linbagem dos justos será salva. 22. A mulher formosa e insensata é como um anel de oiro na tromba de uma porca. 23. O desejo dos justos estende-se a todo o bem; a expectação dos ímpios é o furor. 24. Uns repartem o que é seu, e ficam mais ricos; outros arrebatam o que não é seu, e sempre estão em pobreza. 25. A alma que faz bem, será engrossada; e o que embriaga, também ele será embriagado.

A mão do ímpio aperta uma mão quando se faz um pacto e cada um dá a sua palavra de que um há de ajudar o outro com falso testemunho; ainda que deste modo o que cometeu o crime fique livre por sentença dos juizes, mesmo assim este manejo será em vão. É que existe nos céus uma divindade que tudo vê e não consente que malfeitoria alguma fique sem castigo. Por conseguinte, assim forçosamente há de acontecer que, quem se tornou culpado de crime, há de ser atormentado pelo suplício que merece, mas o povo dos justos será isento de toda a culpabilidade. É que pela causa deles vela o Senhor, que é protetor e Pai dos justos.

Em seguida, mostra com uma comparação muitíssimo adequada o quanto é perigosa a aparência e beleza da mulher insensata. Que teria podido existir de menos razoável do que uma argola de oiro pendurada no focinho de uma suína? É que, em primeiro lugar, seria demasiado ridículo enganchar no disforme focinho de uma porca oiro primorosamente trabalhado. Em segundo lugar, é muito impróprio que se espoje na lama e na vasa uma joia de alto valor. Por derradeiro, qual a conveniência de ornamentar-se com elegante luxo um animal totalmente alheio a qualquer luxo e sempre espojado na sujidade, cuja deleitação inteiramente se cifra em chafurdar na lama?

Transponhamos agora esta comparação para a formosura corporal, quando não existe sensatez. Ora, a beleza não é dissemelhante de um colar de oiro. É que é uma adequada harmonia dos membros, resultante de uma regular medida das partes, de brilho resplandecente, largamente provida de graça e que atrai de modo espantoso o amor. Todavia, cumpre que se entenda que a verdadeira essência da mais genuína beleza não se deve colocar no corpo, mas na alma. De facto, uma vez que as diferentes partes da alma combinam entre si com uma graciosidade

Verum enimvero, si corpus speciem claram habuerit, animus uero fuerit deformis [759] atque lutulentus; si ratio fuerit serua cupiditatis, ministra libidinis, contaminata flagitiis, infecta sordibus et in omni turpitudine prouoluta, quid aliud erit tunc forma decens corporis quam aureum monile in rostro suis? Num pulchritudo uirum flagitiis infamem dignitate aliqua commendabit? Nullo modo! Immo quo species corporis fuerit liberalior, eo turpior animi deformitas apparebit. Omnis autem mulier, quae pulchritudine antecellit, si non fuerit sana mente praedita, ipsa opinione pulchritudinis insolescit et a mente et ratione deducitur. Furit igitur et insanit, et oculis, uoce, gestu, manibus et uariis corporis motibus insitam amentiam testificatur, et turpitudinem insignem facit. Non igitur tunc apte conuenit corporis species excellens cum animi turpissimi deformitate, maxime uero cum immoderata mulier insitam pulchritudinem dedecore maculauerit et libidinis sordibus petulanter infecerit. Iusti, cum fallacis et interituri boni desiderio minime teneantur, sed summi boni cupiditate flagrent, quod ardentissime cupiunt feliciter obtinebunt.

Sic igitur fit ut eorum animi, firmissima spe salutis et dignitatis excitati, semper in iucunditate uersentur, cum interim impii, exspectatione malorum, quae nimis formidant, exanimentur. Quamuis enim impii diuturna peccandi consuetudine obduruerint et conscientiam foedissimis factis, quoad licet, oppresserint, fieri tamen non potest quin saepenumero iudicia diuina perhorrescant.

Ostendit praeterea Sapiens non omnia quae ad curam rei familiaris augendae pertinent esse in nimia parsimonia collocanda. Multi namque sumptus ingentes faciunt, quorum opes in dies crescunt. Aliorum autem diuitiae qui pecuniam suam, propter auaritiam, attingere non audent, in dies minuuntur. Vnde colligitur magis nauitate et industria quam uitae sordibus pecuniam augeri. Est et alia ratio, quam Sapiens apponit.: pecunia dignus est qui pecunia uti scit. Pecunia uero uti sciunt qui benefici sunt. Ea autem de caussa Deus saepenumero eorum opes auget qui sunt liberales atque munifici, qui opes suas in medium afferunt ut multis opulentur, et eorum utilitates amplificat qui sunt ad largiendum de suo propensi. “Qui irrigat”, inquit Hebraeus, “ipse pluuiam est.” Hoc est, ipse, reliquis benigne faciendo, pluuiam frugibus suis, ut latissimae fiant, inducit: quod noster Latinus explicat, inquit: “Qui inebriat, ipse quoque inebriabitur.”

espantosa, quando são iluminadas por uma razão puríssima, quando o entendimento mantém o seu senhorio com dignidade, quando todos os afetos acatam a lei da natureza e se submetem à razão, então existe na alma um extraordinária formosura e garbo, garbo de que é uma espécie de imagem esta beleza corporal que enxergamos com os olhos. Por conseguinte, quando a dignidade deste corpo corresponde à dignidade da alma, então não deve desprezar-se o seu atavio, pois é uma aparência garbosa, quando se encontra associada à virtude e ao comedimento, e uma insígnia de uma espécie de ornamento régio, que desperta um espantoso amor.

De facto, se o corpo possuir uma bela aparência, mas a alma for feia [759] e vil; se a razão for escrava da cobiça, servidora da sensualidade, manchada pelas infâmias, corrompida pelas sujidades e espojada em toda a sorte de torpezas, que outra coisa será então a bela aparência do corpo senão um anel de oiro na tromba de uma porca? Acaso a beleza comunicará alguma dignidade que o torne recomendável ao varão infame pelas suas malfeitorias? De forma alguma! E até quanto mais garbosa for a aparência do corpo, tanto mais avultará a fealdade da alma. Ora, toda a mulher que se singulariza pela formosura, se não estiver dotada de sensatez, ensoberbece-se com a fama de bela e desvia-se do bom senso e da razão. Por conseguinte, tresvaria e ensandece, e não só dá a conhecer a insânia interior através dos olhos, da voz, dos trejeitos e de variados movimentos do corpo, como também torna notória a sua infâmia. Por conseguinte, uma excelente aparência do corpo não se adequa à fealdade de uma alma muito vil, e sobretudo quando a mulher descomedida manchar com a indignidade a beleza interior e insolentemente a estragar com as sujidades da sensualidade. Os justos, porque não são senhareados pelo desejo de um bem falaz e perecível, mas se abrasam no anseio do bem supremo, hão de conseguir com bom êxito aquilo que mui ardentemente anelam.

Por consequência, deste modo sucede que as almas destes, incitadas pela firmíssima esperança da salvação e da dignidade, vivem em perpétua alegria, enquanto, entretanto, os ímpios vivem amedrontados, à espera de que sobrevenham os males que sobremaneira receiam. É que, embora os ímpios se tenham tornado insensíveis pelo prolongado costume de pecar e tenham, na medida do possível, esmagado a consciência com os seus horrendos atos, todavia é impossível que não sintam amiúde medo dos juízos de Deus.

Além disso, o Sábio mostra que nem tudo o que tange à preocupação por aumentar o património se deve cifrar num excessivo espírito de poupança. De facto, muitas pessoas fazem gastos imensos, e as suas riquezas crescem de dia para dia. Ao passo que os bens de outros, que por avareza não se atrevem a tocar no seu dinheiro, de dia para dia diminuem. Donde se conclui que o dinheiro aumenta mais com a atividade e a diligência do que com a mesquinharia. Existe também outra razão, que o Sábio aponta: é digno da riqueza quem sabe usar dela. E sabem usar dela os que são generosos. Ora, por este motivo Deus muitas vezes

[26.] *Qui abscondit frumenta maledicetur in populis; benedictio autem super caput uendentium.* [27.] *Bene consurgit diluculo qui quaerit bona* (clarius apud Hebraeum: “Qui diluculo bonum sectatur, inuenit quod expetit.”); *qui autem inuestigator malorum est opprimetur ab eis.* [28.] *Qui confidit in diuitiis suis corruet, iusti autem quasi uirens folium germinabunt.* [29.] *Qui conturbat domum [760] suam possidebit uentos, et qui stultus est seruiet sapienti.* [30.] *Fructus iusti lignum uitae, et qui suscipit animas sapiens est.* [31.] *Si iustus in terra recipit, quanto magis impius et peccator!*

In annonae caritate frumentum comprimere dira immanitas est. Eo enim tendit auaritia ut, propter pecuniae cupiditatem, uelit Rempubicam uniuersam fame conficere. Merito igitur multi eos qui frumentum uendere nolunt exsecrantur, quemadmodum bona precantur omnibus qui non procrastinant, sed publicae necessitati mature subueniunt. Rursus docet omnia iis qui in ueris bonis parandis diligentiam adhibent felicissime procedere, omnia enim quae desiderant adipiscuntur. Sic etiam, qui malis artibus praediti sunt et mala summo studio consecantur, ab ipsis malis opprimuntur. Nullum uitium est quod singulari quadam ratione tam pugnet cum sanctitate et religione quam auaritia. Est enim, ut noster Paulus ait, “simulacrorum seruitus”⁵⁷. Quomodo? Quia idololatria est constituere honorem Deo debitum simulacris, simulacra uero sunt omnia quibus homines falso Diuinitatem tribuunt. At auari pecuniam in sede Diuina ponunt, fidem enim, quae Deo tantum debetur, ad pecuniam transferunt. In pecunia enim spem salutis et dignitatis et bonorum omnium collocant, iccirco corruent, et sero intelligent se sine ullo fructu uitam omnem in studio pecuniae contriuisse. Quod certe non eueniet iustis, cum enim omnem spem in Deo reposuerunt, eorum res in dies uirescent atque germinabunt et immortales fructus ad gloriam sempiternam proferent.

“Qui conturbat”, inquit, “domum suam hereditate sortietur uentum.” – Conturbat autem domum suam qui nihil ordine gerit, qui non rem suam praesentem administrat, sed inania tantum meditatur et quae sunt ante oculos transilit, ut quae sunt remotissima transigat, et solidas opes contemnit, ut inanes exquirat. Is igitur, ut auram persequitur, auram possidebit. Merito igitur Sapiens adiungit non posse quemquam imperium, neque in re publica neque in familiari, exercere, nisi sapientiae particeps fuerit. Sic enim natura comparatum est ut “stultus sapienti seruiat”, aliter enim non poterit stultus ullo modo statum suum tueri.

⁵⁷ Vd. Vulgata, 3, 5.

aumenta as riquezas dos que são liberais e generosos e disponibilizam os seus bens para com eles ajudar a muita gente, e acrescenta os proveitos dos que são propensos a distribuir generosamente o que lhes pertence. “Quem rega”, diz o texto hebraico, “torna-se a chuva”. Isto é, fazendo bem aos demais, leva a chuva até às suas searas, para que se tornem muitíssimo abundantes: algo que o nosso tradutor latino explica ao dizer: “o que embriaga também será embriagado”.

26. O que esconde o trigo será amaldiçoado entre os povos, e a bênção virá sobre a cabeça dos que o vendem. 27. Aquele que anda vendo como fará bem, é ditoso em se levantar ao romper da manhã; [mais claro no texto hebraico: “Quem segue o bem ao romper da manhã, encontra o que procura”] aquele porém que anda buscando como fará mal, será dele oprimido. 28. O que confia nas suas riquezas cairá; mas os justos abrolharão como a árvore que tem a folha sempre verde. 29. O que traz a sua casa inquieta [760] não possuirá senão ventos, e o que é insensato servirá ao sábio. 30. O fruto do justo é árvore de vida, e o que ampara as almas é sábio. 31. Se o justo é punido na terra, quanto mais será o ímpio e o pecador?

Durante a carestia dos cereais esconder o trigo é uma terrível desumanidade. É que a avareza, devido à cobiça de dinheiro, tende a desejar que toda a comunidade sofra de fome. Por conseguinte, é com motivo que muitos abominam dos homens que não querem vender trigo, da mesma maneira que desejam o bem a todos os que não adiam, mas na sazão apropriada acodem às necessidades públicas. Ensina de novo que tudo sucede com a máxima prosperidade àqueles que se mostram diligentes em obter os verdadeiros bens, pois alcançam tudo que desejam. Assim também, os que estão providos de ruins talentos e com o maior empenho vão empós dos males, são oprimidos pelos mesmos males. Não existe nenhum defeito moral que, por um certo modo singular, mais esteja em contradição com a santidade e a religião do que a avareza. É que, como diz o nosso S. Paulo, “a avareza é serviço de ídolos”. [Cl 3. 5.] De que modo? Porque é idolatria atribuir a simulacros a honra devida a Deus, e são simulacros ou ídolos todas as coisas às quais os homens falsamente atribuem a divindade. E os avaros põem o dinheiro em lugar divino, pois transferem para o dinheiro a fé, que unicamente se deve a Deus. É que colocam no dinheiro a esperança da salvação, da dignidade e de todos os bens, e por isso sucumbirão, e compreenderão tarde que gastaram sem qualquer fruto a inteira existência na busca ansiosa do dinheiro. Algo que certamente não acontecerá aos justos, porquanto, uma vez que depositaram em Deus toda a sua esperança, os seus negócios de dia para dia viçarão e abrolharão e para glória sempiterna hão de produzir frutos imortais.

Diz: “Ao que traz a sua casa inquieta, há de calhar-lhe em herança o vento.” – Ora, traz a sua casa inquieta quem nada executa com ordem, quem não se ocupa pessoalmente do seu patrimônio, mas só pensa em coisas vãs, e despreza o que

“Fructus”, inquit, “iusti, lignum uitae est.” – Lignum uitae uerbum summi patris est. “Fructus illius”, inquit Sponsa, “dulcis gutturi meo est.”⁵⁸ Cum igitur lignum hoc sit resurrectio et uita, sequitur necessario ut omnes qui hoc fructu nutriuntur sint immortales atque plane Diuini. Et “qui capit animas sapiens est.” Capit autem animas qui multos instruit ad pietatem et ab inanitate ad studium immortalitatis et sempiternae gloriae traducit. Hic autem, ut Daniel asserit, quasi Sol, in perpetuas claritates splendebit.⁵⁹

Sed quaero: numquam ne iusti in uita aerumnas patientur? Numquam dolores et incommoda sustinebunt? – Et multa quidem! [761] Partim enim ut uirtutem exercent in uarias calamitates incident, partim ut poenas eorum quae deliquerunt in terris exsoluant. Non enim iusti ad supplicium aeternum in futuro saeculo reseruantur. Sed hoc considerandum est: cum iustus non ita crimine soluitur ut admissi flagitii poenam minime luat, impius et flagitiosus, ut Petrus affirmat, quam tandem poenam atque supplicium sustinebunt?⁶⁰

CAP. XII

[1.] *Qui diligit disciplinam diligit scientiam; qui autem odit increpationes insipiens est.* [2.] *Qui bonus est hauriet gratiam a Domino, qui autem confidit in cogitationibus suis impie agit.* [3.] *Non roborabitur homo ex impietate, et radix iustorum non commouebitur.* [4.] *Mulier diligens corona est uiro suo; et putredo in ossibus eius, quae confusione res dignas gerit.*

Vt scientiam comparemus opus est animi tranquillitate et recta morum constitutione. Quamdiu enim amor, odium, cupiditas atque libido et reliquae

⁵⁸ Vd. Vulgata, *Cant.* 2, 3.

⁵⁹ Vd. Vulgata, *Dan.* 12, 3.

⁶⁰ Vd. Vulgata, *1 Petr.* 4, 18.

tem diante dos olhos, a fim de realizar projetos muitíssimo distantes, e dá de mão a riquezas sólidas, a fim de ir atrás das vãs. Este, por consequência, como persegue ventos, possuirá ventos. Portanto, com razão ajunta o Sábio que pessoa alguma pode exercer o poder, quer nos negócios públicos quer nos privados, se não participar da sabedoria. É que a natureza dispôs as coisas de maneira que “o insensato sirva ao sábio”, pois, caso contrário, o insensato de forma alguma poderá olhar pela sua situação.

Diz: *O fruto do justo é a árvore de vida.* – A árvore de vida é a palavra do Pai supremo. *O seu fruto é doce à minha garganta,* [Ct 2. 3.] diz a Esposa. Por conseguinte, uma vez que esta árvore é a ressurreição e a vida, segue-se forçosamente que todos os que se alimentam deste fruto, são imortais e totalmente divinos. E, “quem ampara almas é sábio”. Ora, ampara almas quem a muitos homens instrui na piedade e os faz passarem da vaidade para o amor da imortalidade e da eterna glória. Ora, este, como um sol, consoante escreve Daniel, há de resplandecer com claridade eterna. [cf. Dn 12. 3.; Ct 6. 9.]

Mas pergunto: porventura os justos nunca hão de padecer tribulações? Nunca sofrerão dores e incômodos? – E decerto que muitos! [761] É que suportarão muitas desgraças, em parte para exercitarem a virtude, e em parte para pagarem na terra as penas pelos pecados que cometeram. É que os justos não estão destinados ao suplício eterno na vida vindoura. Mas deve ponderar-se o seguinte: quando o justo não fica de tal maneira desligado do crime que não deixa de pagar o castigo pela infâmia cometida, que castigo e suplício, consoante S. Pedro escreve, [1 Ped 4. 18.] hão de suportar ao cabo o ímpio e o pecador?

CAPÍTULO XII

1. *Aquele que ama a instrução ama a ciência; mas o que aborrece as repreensões é um insensato.* 2. *Aquele que é bom terá do Senhor graça; mas o que põe a confiança nos seus próprios pensamentos, obra como ímpio.* 3. *O homem não se corroborará pela impiedade, e a raiz dos justos não será abalada.* 4. *A mulher diligente é a coroa de seu marido, e a que obra coisas dignas de confusão, far-lhe-á apodrecer os ossos.*

Para obtermos a ciência faz-se mister tranquilidade de espírito e correção de costumes. É que, enquanto o amor, o ódio, a cobiça e a sensualidade e as demais perturbações de vários modos inquietam o espírito e o arrebatam em diferentes direções, de forma alguma pode a razão desfrutar da luz da verdade, mas, rodeada de trevas e cerração, vive nos erros mais inquietadores. Por conseguinte, é necessária a instrução, para com ela atalhar ao desatino, para com ela enfrear a sensualidade, para com ela reprimir o ódio e a ira, para com ela, enfim, arran-

perturbationes animum uarie uersant et in diuersas partes rapiunt, non potest ullo modo ratio ueritatis luce frui, sed, tenebris et caligine circumfusa, in erroribus turbulentissimis uersatur. Opus est igitur disciplina, quae coerceat temeritatem, quae refrenet libidinem, quae comprimat odium et iracundiam, quae denique extrahat radicibus omnes falsas opiniones, ne quid resideat in animo quod contemplationi ipsius ueritatis officiat. Hoc est autem opus disciplinae: legem statuere cupiditati, ne uictrix insultet et rationem de gradu dimoueat. Sic autem animo recte moribus et uita constituto, facillimum erit cognitionem ueritatis acquirere sapientiaque potiri. Iccirco dicitur “eum qui disciplinam diligit, scientiam diligere”, in moribus enim optimis est praeclarissime ad scientiam munita uita. Contra uero, qui odit magistros et monitores atque adeo leges et omnia denique quae deterrent a flagitiis, et se totum libidini constringendum dat, is non homo, sed immanis bellua existimandus est.

Maximum uero sapientiae fundamentum est bonitas. Quod enim certius sapientiae munus est quam sapientis utilitas? At bonus magnas sibi utilitates a gratia Diuina consequitur, quod nullo modo faciet improbus, quamuis multum ingenio et industria ualeat et acumine inter omnes suos aequales excellat. Immo, quo magis elaborauerit, eo grauius impietatis scelus concipiet, et ita maiorem offensionem in se Diuini numinis excitabit. Non autem poterit homo statum suum impietate confirmare, at iustorum radix numquam de statu conuelli poterit. Iustos enim Deus opera sua praesentissima fulsit, impios autem inuecta [762] calamitate peruertit. Vnde sequitur sapientiam probitate et innocentia, stultitiam improbitate et maleficio contineri.

Vt autem uir munere suo perfungi cum insigni gloria possit, est opus illi ut uxorem habeat quae non a studio uirtutis auocet, sed potius ita cum illo in uirtutis officio conspiret, ut nihil interueniat quod tam praeclarum opus impediatur. Et haec quidem erit inclita uiri corona. Vt enim mulier, quae illecebris suis uirum frangit atque debilitat et a contentione uirtutis absterret, uirum ignominia afficit, ita, quae se uiro in uirtutis studio comitem egregiam praebet, uirum insigni gloria coronat. Non enim ferendum est ut mulier uirum effeminet, sed illud potius postulandum ut uir feminam uirtute uirili corroboret. Quod si secus euenerit, et mulier in uiro principatum occupauerit, malum erit insanabile. Vt enim putredo in ossibus abstergi non potest, ita sanitas mulieris quae turpitudini seruit et pudorem amisit desperanda prorsus est.

[5.] *Cogitationes iustorum iudicia, et consilia impiorum fraudulentia.* [6.] *Verba impiorum insidiantur sanguini; os iustorum liberabit eos.* [7.] *Verte impios, et non erunt; domus autem iustorum permanebit.* [8.] *Doctrina sua noscitur uir; qui autem uanus et excors est patebit contemptui.* [9] *Melior est pauper et sufficiens sibi, quam gloriosus et indigens pane.* [10.] *Nouit iustus iumentorum suorum animas,*

car de raiz todas as falsas opiniões, a fim de que não exista no espírito coisa alguma que se oponha à contemplação da própria verdade. Ora, é esta a obra da instrução: impor lei ao desejo imoderado, para evitar que exulte triunfante e arranque a razão do seu posto. Ora, uma vez o espírito assim aparelhado com o teor de vida e costumes devidos, será muitíssimo fácil adquirir o conhecimento da verdade e obter a sabedoria. Por isso se diz que “aquele que ama a instrução ama a ciência”, pois com os melhores costumes se constrói na maior perfeição o caminho para a ciência. Ora, pelo contrário, quem detesta mestres e conselheiros e até leis e, numa palavra, tudo aquilo que desvia das infâmias, e inteiramente se deixa acorrentar pela sensualidade, deve ser tido não na conta de homem, mas de fera monstruosa.

E o mais firme fundamento da sabedoria é a bondade. De facto, qual a função mais certa da sabedoria senão a de ser útil ao sábio? E o bom obtém para si grandes proveitos da graça de Deus, algo que de modo algum conseguirá o ímpio, ainda que sobressaia muito pela inteligência e atividade e seja superior a todos os seus iguais em penetração intelectual. E até, quanto mais se esforçar, tanto mais grave crime há de maquinar, e assim despertará contra si maior descontentamento da parte da majestade divina. Por outro lado, o homem não poderá fortalecer a sua condição através da impiedade, ao passo que a raiz dos justos nunca poderá ser arrancada da sua posição. É que Deus apoia com a Sua ajuda imediata e presente os justos, ao passo que aos ímpios os destrói [762] com as desgraças que sobre eles caem. Daqui se segue que a sabedoria se encerra na probidade e na inocência, e a loucura, na desonestidade e no mal-fazer.

Ora, para que um varão possa desempenhar com grande honra a sua função, é necessário que tenha uma esposa que não o desvie do zelo da virtude, mas antes de tal forma o coadjuve nos deveres da virtude que nada sobrevenha que o embarace em tão nobre empresa. E ela será decerto a coroa ilustre do marido. É que, assim como a mulher, que com os seus amavios quebranta e enfraquece o homem e o aparta do esforço da virtude, o cobre de ignomínia, da mesma maneira a que se mostra extraordinária companheira do marido no zelo da virtude, coroa-o com uma insigne glória. De facto, não é tolerável que a mulher afine o homem, mas antes se deve desejar que o marido fortaleça a esposa com a determinação varonil. Se isto suceder ao invés, e a mulher dominar sobre o marido, o mal será sem cura, pois assim como a podridão não se pode fazer desaparecer nos ossos, assim também deve desesperar-se de que recobre a saúde a mulher que foi escrava da torpeza e perdeu o pudor.

5. Os pensamentos dos justos são cheios de justiça, e os conselhos dos ímpios são cheios de fraudulência. 6. As palavras dos ímpios armam traições a fim de verter sangue; a boca dos justos será a que os livre. 7. Transtorna aos ímpios, e não subsistirão; mas a casa dos justos permanecerá firme. 8. O homem será conhecido pela sua doutrina; mas o que é vão e não tem senso, estará exposto ao desprezo.

uiscera autem impiorum crudelia. [11.] Qui operatur terram suam satiabitur panibus; qui autem sectatur otium stultissimus est.

In religione leges atque iudicia consistere ita perspicuum est ut probatione non indigeat. Qui enim Deum timet iudicia illius pertimescit et ita numquam malum proximo machinatur, at, qui Dei iudicia contemnit, animo semper fraudes uersat, nec umquam de benignitate, semper autem de cupiditate, cogitat, quod, si uita alicuius commodis suis obstare uidebitur, illi insidias intendere minime dubitabit. Contra uero, iustus non modo sanguinem non petet, uerum omnem conatum eo comparabit ut capitis periculum ab innocente propulset. “Ne te fallat”, inquit, “splendor inanis hominis impuri. Vt enim illorum species illustris et ampla uideatur imagoque illius omnibus summis ornamentis exulta, si eos inuerteris et paullulum e loco commoueris, interibunt omnisque illorum decor euanescet. At iustorum domicilia labefieri non poterunt, sed eodem semper statu permanebunt.”

Qui uero sunt casti et integri et pietatem colentes, qui rursus impuri et a studio pietatis abhorrentes uniuscuiusque oratio demonstrabit. Pro ratione namque mentis intimae, disciplina foras emanat. Itaque uir pius, cum ex animi thesauro promat opes sapientiae, iure laudatur, at, qui peruersum animum gerit, cum sordes in apertum [763] proferat, tandem contemnetur et ignominia insigni maculabitur. Cum uero multa sint extremae dementiae signa, tum nullum esse potest magis deridendum eo quod in pudore laboris iusti atque necessarii perspicitur: urget inopia, fames instat, cibus labore parandus est aut uita deserenda. “Non possum”, inquit, “laborare.” “Cur ita tandem?” “Lautus”, inquit, “hucusque fui; non est mihi rusticari concessum; mollis educatio, uita delicata, gentilitatis antiquissimae cognomentum uincula sunt quibus manus impediuntur quo minus uictum quaeritent.” Ergo in pauperie summa uersaberis. “Malus enim pudor”, ut inquit antiquissimus quidam poeta, “homines in egestate summa constituit.” Qui tam amentes sunt ut, cum eos laborare pudeat, furari non erubescant. Hos damnat hoc in loco Salomon. Dicit enim hominem obscurum, qui sibi uictum labore suo parat, esse multo praestantiorum homine glorioso qui inopia atque fame conflictatur.

9. *Mais vale o pobre, que ainda assim tem o que lhe basta para passar, do que o jactancioso e necessitado de pão.* 10. *O justo atende pela vida dos seus animais, mas as entranhas dos ímpios são cruéis.* 11. *Aquele que lavra a sua terra, será farto de pão; mas o que se entrega ao ócio, é quanto pode ser insensato.*

É de tal modo óbvio que as leis e os julgamentos se fundam na religião que não é necessário provar-se. É que, quem teme a Deus, sente medo dos Seus juízos e assim nunca maquina o mal do próximo, ao passo que, quem despreza os juízos de Deus, revolve incessantemente no seu espírito enganos, e nunca ocupa o seu pensamento com o bem fazer, mas sempre com a cobiça, pelo que, se lhe parecer que a vida de alguém é empeco para os seus interesses, não hesitará em contra ele armar ciladas. Pelo contrário, o justo não só não desejará sangue, mas envidará todos os esforços no sentido de desviar o perigo da cabeça do inocente. “Que não te engane”, diz, “o resplendor do homem vão. É que, ainda que a sua aparência dê visos de brilhante e grandiosa e a sua imagem semelhe adornada com toda a sorte dos mais refinados atavios, se os removerdes e deslocardes do seu lugar um pouquinho, perecerão e todo seu encanto se desvanecerá. Mas a morada dos justos não poderá ser abalada, mas conservar-se-ão sempre na mesma condição.”

As palavras de cada um hão de mostrar quem são os puros, íntegros e piedosos, e quem os impuros e contrários ao zelo da piedade. Com efeito, a ciência dá-se exteriormente a conhecer em conformidade com o íntimo sentir. E assim o varão piedoso, como extrai do tesouro do seu espírito as riquezas da sabedoria, é com razão louvado, ao passo que o que tem um espírito perverso, como só dá mostras públicas de infâmia e torpeza, [763] será ao cabo desprezado e manchar-se-á com um desdouro imenso. E, sendo certo que são muitos os sinais de rematada loucura, nenhum pode ser mais ridículo do que o que se vê na vergonha pelo trabalho justo e necessário: a pobreza espreita, a fome aperta, cumpre conseguir-se o alimento com o trabalho ou deixar de viver. “Não posso trabalhar”, diz a criatura. “Pois porquê?” “Fui rico até aqui; não me é permitido ocupar-me com trabalhos do campo; uma criação mimosa, uma vida regalada e uma linhagem antiquíssima são grillhões que impedem as mãos de procurarem o passadio”. Então, hás de viver na mais completa penúria. É que, conforme disse certo poeta muitíssimo antigo, *a vergonha mal entendida leva os homens à mais completa indigência*.¹¹ Os quais são tão loucos que, tendo vergonha de trabalhar, não sentem pejo em roubar. Salomão condena-os nesta passagem, pois diz que o homem de baixa condição social, que com o seu trabalho obtém o seu sustento, vale muito mais do que o homem presunçoso que é açoitado pela pobreza e pela fome.

¹¹ Hesíodo, *Trabalhos e dias*, v. 311.

Insignem deinde notam apponit Sapiens, qua hominem pium ab impio internoscamus. Pius, inquit, ita clemens est ut iumentis suis benigne prospiciat; contra uero impius adeo immanis est ut ne domesticis quidem suis misericordiam tribuere sciat. Cum uero ita praecepta sua coniungat Sapiens ut cum pietatis decretis industriae decreta connectat, rursus docet non inerti otio, sed iusto negotio, fructum sapientiae contineri. Ait enim eum qui terram arat et subigit, qui sementem opportuno tempore facit, eum esse qui magnum frumenti numerum exarat, et non illum qui, dum strenuus colonus laborat, somno atque desidiosa languescit, quem ait esse “stultissimum”. Fames enim illum acerrime conflictabit, atque postremo conficiet. Quod quidem praeceptum non ad corporis tantum statum pabulo necessario sustentandum, sed multo etiam magis ad animi salutem et incolumitatem conseruandam referendum est. Nullum enim opus laude dignum sine assidua uigilantia et labore perficitur.

[12.] *Desiderium impii monumentum⁶¹ est pessimorum* (Hebraeus sic: Desiderat impius uenationem malorum), *radix autem iustorum proficiet*. [13.] *Propter peccata labiorum ruina proximat malo, effugit autem iustus de angustia*. [14.] *De fructu oris sui unusquisque replebitur bonis, et iuxta opera manuum suarum retribuetur ei*. [15.] *Via stulti recta in oculis eius; qui autem sapiens est audit consilia*. [16.] *Fatuus statim indicat iram suam; qui autem dissimulat iniuriam callidus est*. [17.] *Qui quod nouit loquitur, index⁶² iustitiae est; qui autem mentitur testis est fraudulentus*. [18.] *Est qui promittit, et quasi gladio pungitur conscientiae* (hoc est, Oratio temere prolata quasi quodam gladio uulnerat), *lingua autem sapientium sanitas est*. [19.] *Labium [764] ueritatis firmum erit in perpetuum; qui autem testis est repentinus concinnat linguam mendacii*. (id est, Lingua mendax singulis momentis uariatur.)

Quam uani sunt impiorum sensus exponit, cum dicit eorum cupiditates in malorum uenatione uersari. Interpres pro uenatione et rete, “monumentum” reddidit, ut exstructionem significaret qua illi ceteris hominibus omnium malorum genera animo exstruunt. Nam pestem expetunt, perniciem captant, exitium consecretantur, ita ut ipsi sibi sint hostes acerrimi. At ex iustorum intimis cogitationibus uberrimi fructus oriuntur. Nec enim solum sibi salutare sunt, sed multis etiam aliis admodum benigne prospiciunt. Cum uero improbi multis modis se in iuris laqueos induant, tum nulla ratione frequentius quam uerbis suis alligantur. Nec enim tantum ualet impiorum calliditas, neque tam firma potest esse memoria, neque fides, impuris hominibus habita, tam constans est ut non saepissime fallatur improbitas et suo

⁶¹ monumentum] munimentum *Vulgata*.

⁶² index] iudex *no original*.

Em seguida, o Sábio oferece-nos um sinal pelo qual nos é possível distinguirmos o homem piedoso do ímpio. É que, segundo diz, o piedoso é de tal maneira compassivo que trata bem os seus jumentos, ao passo que o ímpio é a tal ponto desumano que nem sequer se compadece dos seus domésticos. E, uma vez que o Sábio de tal sorte une os seus preceitos que liga os mandados da piedade com os da atividade e zelo, torna de novo a ensinar que o fruto da sabedoria se encerra, não na estéril ociosidade, mas na atividade justa. É que diz que o homem que lavra e revolve a terra e que semeia na sazão apropriada é o que obtém grande quantidade de cereal, e não aquele outro que, ao tempo em que o esforçado agricultor trabalha, se entrega languidamente ao sono e à preguiça, sobre ele dizendo que “é quanto pode ser insensato”. É que a fome há de atormentá-lo de modo violentíssimo e, por fim, acabar com ele. Ora, cumpre que se aplique este preceito não apenas ao sustento da condição do corpo mediante o necessário alimento, mas também e muito mais à saúde e imunidade do espírito. É que não se conclui trabalho algum merecedor de louvor sem incessante desvelo e trabalho.

12. *O desejo do ímpio é um monumento dos que são os piores de todos*, [no texto hebraico assim: “o ímpio deseja a caçada dos maus”] *mas a raiz dos justos cada vez lançará mais garfos*. 13. *Pelos pecados dos lábios se vai aproximando a ruína ao mau, porém o justo escapará dos transeis mais apertados*. 14. *Cada um será cheio de bens conforme for o fruto da sua boca, e ser-lhe-á dada a retribuição conforme forem as obras das suas mãos*. 15. *O caminho do insensato é direito aos seus olhos; o que porém é sábio ouve os conselhos*. 16. *O fátuo logo mostra a sua ira, mas o que dissimula a injúria é prudente*. 17. *Aquele que afirma o que bem sabe, é um manifestador de justiça; mas o que mente é uma testemunha enganadora*. 18. *Há quem promete e, como ferido com uma espada, é pela consciência estimulado*; [isto é: “as palavras irrefletidamente pronunciadas ferem como uma espécie de espada”] *mas a língua dos sábios é saúde*. 19. *O lábio [764] da verdade será sempre constante, mas a testemunha que é considerada, urde uma linguagem de mentira*. [isto é: “a língua mentirosa varia a cada momento”]

Mostra o quanto são vãos os sentidos dos ímpios, ao dizer que os desejos deles se encontram na caçada dos maus. O tradutor, como equivalente de “caçada e rede”, usou a palavra “monumento”, por forma a significar a construção com que no espírito eles constroem para os restantes homens as castas de todos os males. É que procuram a perdição, vão empós da ruína, seguem a destruição, de tal maneira que são acérrimos inimigos de si mesmos. Mas dos pensamentos íntimos dos justos nascem os mais abundantes frutos. E é que não salutares apenas para si mesmos, mas também se mostram sobremodo bondosos com muitos outros. E, sendo certo que os desonestos são colhidos por muitos modos pelos laços da lei, a verdade é que de nenhuma maneira são mais amiúde tomados do que pelas suas palavras. É que, a arteirice dos ímpios não tem tanto poder, nem

ipsius testimonio conuincatur. At iusti, quamuis illis periculum ex impiorum maleuolentia creari contingat, ueritatis tamen luce atque praesidio liberantur.

Vt autem impuri homines orationis impurae poenas meritas luunt, ita boni ex oratione beneuola atque salutari maximum fructum percipient, et praemio sempiterno cumulabuntur: stultitia porro est cum superbia copulata. Illa namque omnium summa stultitia est quae, sapientiae opinione nixa, omnia sibi de suo ingenio pollicetur. Itaque fit ut, qui maxime omnium consilio indiget, consilium minime requirat. At sapiens numquam effertur et insolescit, numquam aliorum sententiam spernit, numquam sibi tantum tribuit ut alios minime consulendos arbitretur. Multis quidem modis se indicat stultitia, unus tamen est maxime insignis, qui cernitur in iracundiae modo nimis repentino. In quo quidem multa simul peccata insunt. Vnum est imbecillitas animi, qui minimo offensionis impetu de gradu deiicitur et omni dignitate spoliatur. Alterum est ipsius impotentiae, quam occultare conueniebat, indicium. Armatur enim contra se aduersarios qui se nimis iratum et grauiter offensum ostendit. Postremo, se uictum et abiectum esse demonstrat, quod non est inuictae uirtutis officium. At sapiens, cum insigni grauitate et constantia praeditus sit et, maximo animi robore communitus, leuitatem amentium hominum pro nihilo ducat, facillime eorum temeritatem despicit atque contemnit. Quod, si offensio est aliqua satisfactione compensanda, id prudenter dissimulat, ut in tempus magis opportunum reseruet.

“Qui, quod nouit,” inquit Sapiens, “loquitur, index iustitiae est”. Hoc est, qui ueritatem loquitur, iustitiam indicat. “– Recte. Sed quid est quod adiungit, testis mendax est fraudulentus? An hoc non satis apertum est falsum testem esse fraudulentum?” An hoc, quod est ualde notum, nobis Sapiens, [765] quasi ignotum, testificatur? Non prorsus. Sed hoc dicit, frustra falsum testem laborem in peierando suscipere, ideo enim peierat ut eum subleuet cuius gratia testimonium falsum dicit. Quod quidem minime faciet, immo illum longe grauioribus criminibus alligabit, et oppressum multo capitaliore iudicio continebit. Erit igitur testimonium fraudulentum, quia nullo modo praestabit quod summa ope praestare nitebatur.

Quantum autem mali aut boni ex oratione proueniat ostendit, dum ait oratione hominis uesani altissimum uulnus imponi et oratione sapientis hominis salutare remedium illatis uulneribus adhiberi. Quam quietus sit illius animus, qui ueritatem in ore semper habet, luculentissime demonstrat, numquam enim uarius et inconstans est; numquam redargui potest; numquam comminiscitur quo modo possit elabi aut, quod est exploratum, frustra inficiendo subterfugere. Quod semel protulit ad extremum conseruat neque cogitur infirmare quod asseruerat. At qui mendax est, singulis horis atque adeo momentis orationem inuertit et uarie commutat.

pode ser tão segura a sua memória, nem a confiança que se tem em homens impuros é tão constante que as mais das vezes a desonestidade não se engane e não seja vencida pelo seu próprio testemunho. Mas os justos, ainda que aconteça advir-lhes perigo da malevolência dos ímpios, todavia libertam-se graças à luz e proteção da verdade.

Ora, assim como os homens impuros pagam as merecidas penas pelas palavras impuras, da mesma maneira os bons receberão o mais grado fruto das suas palavras benévolas e salutares, e serão galardoados com prêmio sempiterno: pois a insensatez está ligada com a soberba. É que a suprema loucura é aquela que, apoiando-se na opinião de sábia, tudo promete a si mesma como parto da sua inteligência. E assim sucede que, aquele que mais necessita do conselho de todos, não pede conselhos. Mas o sábio nunca se ensoberbece nem torna altivo, nunca despreza a opinião dos outros, nunca a si mesmo se atribui tão grandes méritos que não pense que deve consultar os outros. A insensatez dá indícios de si por muitos modos, todavia um é mais que todos notório, que é o que se enxerga no inopinado arrebatamento da ira. No qual de resto estão simultaneamente presentes inúmeros pecados. Um é a fraqueza de ânimo, que à mínima ofensa se abate da sua posição e se despoja de toda a dignidade. O outro é indício da impotência própria, que conviria esconder. É que está a armar contra si os adversários quem se mostra excessivamente colérico e gravemente ofendido. Em último lugar, dá a conhecer que foi vencido e abatido, algo que não é a função da invencível virtude. Mas o sábio, uma vez que foi dotado de excepcional ponderação e constância e, fortalecido com o máximo vigor de ânimo, tem na conta de cousa nenhuma a petulância dos homens sandeus, com a maior facilidade despreza e não dá importância aos seus desatinos. Pelo que, se existe alguma ofensa de que cumpra pedir satisfação, dissimula prudentemente, por forma a reservá-la para um momento mais oportuno.

“Aquele que afirma o que bem sabe” diz o Sábio, “é um manifestador de justiça.” Isto é: quem fala verdade, aponta a justiça. “– Certo. Mas que significa o que acrescenta, dizendo que o que mente é uma testemunha enganadora?” Porventura não é sobejamente claro que uma falsa testemunha é enganadora? Porventura o Sábio nos testifica como quase desconhecido aquilo que é sobremaneira sabido? [765] Certamente que não. Mas diz que a falsa testemunha em vão se empenha em cometer perjúrio, pois comete perjúrio para ajudar aquele por causa do qual dá um falso testemunho. Algo que não ocorrerá, e até o tornará culpado de crimes muito mais graves e o manterá sujeito a um julgamento em que muito mais se arrisca à pena capital. Por conseguinte, será um testemunho enganador porque de forma alguma conseguirá aquilo que com a maior energia se esforçava por conseguir.

Por outro lado, mostra quão grande mal ou bem resulta das palavras, ao dizer que, com as palavras do homem desatinado se inflige uma profundíssima ferida e com a linguagem do homem sábio se aplica um salutar remédio às feridas in-

Ait deinde:

[20.] *Dolus in corde cogitantium mala; qui autem pacis ineunt consilia, sequitur eos gaudium.* [21.] *Non contristabit iustum quidquid ei acciderit, impii autem replebuntur malo.* [22.] *Abominatio est Domino labia mendacia: qui autem fideliter agunt placent ei.* [23.] *Homo uersutus celat scientiam, et cor insipientium prouocat stultitiam.* [24.] *Manus fortium dominabitur: quae autem remissa est, tributis seruiet.* [25.] *Maeror in corde uiri humiliabit illum, et sermone bono laetificabitur.* [26.] *Qui negligit damnum propter amicum, iustus est; iter autem impiorum decipiet eos.* [27.] *Non inueniet fraudulentus lucrum, et substantia hominis erit auri pretium.* [28.] *In semita iustitiae, uita: iter autem deuium ducit ad mortem.*

“Dolus est”, inquit, “in corde eorum qui perniciem machinantur”. Ipsi namque sibi ipsis fraudem inferunt. Ideo enim moliuntur insidias ut ex aliorum damno ipsi uoluptates et emolumenta percipiant. Quod non illis, ut cogitauerant, procedit, immo quo diutius mala meditantur, eo grauioribus molestiis anguntur et longius absunt a fructu quem sibi proponebant. At, qui non mala, sed bona, cogitant et eo conatus comparant ut pacem concilient, fructu iucundissimo potiuntur et ex caritatis studio gaudia summa percipiunt. Non mediocris est haec iustitiae merces, quae est perpetuo cum laetitiae magnitudine coniuncta. Illa tamen quae sequitur longe uberior est, quae salutis atque dignitatis firmissimum praesidium continet. Nulla enim iniquitatis calumnia poterit ullo modo iustum hominem [766] damnis afficere. Diligentibus enim Deum omnia cooperantur in bonum. Sic autem fit ut, quo magis in exitium hominis sancti perdit homines incitantur, eo clarius eorum nomen illustrent et uirtutem corroborent et opes amplificent. Contra uero, mali, quo magis de aliorum pernicie cogitant, eo grauioribus malis obruuntur.

Sic autem fit ut omnis improborum hominum cogitatio, omnis machinatio, omnis molitio, in mendacio atque uanitate uersetur. Neque enim solum aliis, sed sibi ipsi primum mentiuntur, sibi fraudes struunt, sibi insidias parant, se ipsos decipiunt, opes inanes exquirunt, uoluptates futiles atque fallaces expetunt, honores uanissimos ambiunt, ut in inopia extrema uersentur, doloribus summis crucientur, omni dedecori cumulentur, et ita, experiundo sine fructu, sentiunt se uitam omnem in mendacio consumpsisse, et ea de causa esse se Deo uehementer execrandos. Cum enim Deus sit ueritas summa atque sempiterna, mendacium detestatur et omnes qui ueritatem oderunt debitis poenis insequitur; contra uero, omnes qui ueritatem conseruant, summis beneficiis uaget et inuicto praesidio communit.

fligidas. Dá a conhecer à perfeição o quanto é tranquilo o espírito daquele que sempre tem a verdade na boca, porquanto nunca é tornado e inconstante; nunca pode ser refutado; nunca maquina de que modo pode escapular-se ou esquivar-se com subterfúgios, camuflando debalde aquilo que é manifesto. Sustenta até ao fim aquilo que uma vez proferiu e não é constrangido a dar por não dito aquilo que afirma. Mas o que é mentiroso, a cada hora e até momento altera o que disse e modifica-o de vários modos. Diz em seguida:

20. No coração dos que pensam males há engano, porém àqueles que têm conselhos de paz, segue o gozo. 21. Não entristecerá ao justo coisa alguma, qualquer que for a que lhe acontecer; mas os ímpios estarão cheios de mal. 22. Os lábios mentirosos são abominação para o Senhor, mas os que obram fielmente lhe agradam. 23. O homem sagaz encobre a ciência, e o coração dos insipientes apressa-se a manifestar a sua estultícia. 24. A mão dos fortes dominará; porém a que é remissa, será sujeita a pagar tributos. 25. A melancolia no coração do homem o abaterá, e com boas palavras se alegrará. 26. Aquele que por amor do seu amigo não faz caso de passar por alguma perda, é justo; mas o caminho dos ímpios seduzi-los-á. 27. O fraudulento não achará ganância, e o cabedal do homem será oiro precioso. 28. A vida está na vereda da justiça; mas o caminho que é descaminho guia para a morte.

Diz que “o engano se encontra no coração daqueles que maquinam a perdição”. É que tramam enganos contra si mesmos. De facto, urdem os ardis com o propósito de extraírem do prejuízo dos outros prazeres e ganhos. Algo que não lhes corre como tinham pensado, e até quanto mais prolongadamente congemina os males, tanto com mais pesadas moléstias são atormentados e se afastam para mais longe do fruto que se tinham proposto alcançar. Mas os que pensam em coisas boas, e não más, e empregam os seus esforços no sentido de conseguirem a paz, obtêm um mui agradável fruto e recebem os mais elevados contentamentos do zelo da caridade. Não é pequena esta recompensa da justiça, que sempre vai unida a uma imensa alegria. Todavia, aquela que se segue é de longe mais fecunda, e contém uma firmíssima protecção da saúde e dignidade. É que nenhuma calúnia da iniquidade poderá de modo algum causar danos ao homem justo. [766] De facto, para os que amam a Deus, tudo coopera no sentido do bem. Ora, assim sucede que quanto mais os homens perversos se sentem impelidos a destruírem o homem santo, tanto mais brilhantemente tornam ilustre o seu nome e lhe fortalecem a virtude e lhe acrescentam as riquezas. Pelo contrário, porém, os maus quanto mais pensam na ruína dos outros, tanto são assoberbados por males mais pesados.

Ora, assim sucede que todo o pensamento dos homens desonestos, tudo que maquinam e todo seu empenho estão colocados na mentira e na vaidade. É que não é só aos outros, mas a si mesmos que em primeiro lugar mentem, contra si

Hic singulare discrimen inter sapientem et stultum apponit. Sapiens enim non omnia, quae mente comprehensa continet, enuntiat, tempus enim et locus et personarum condicio et, quod caput est, caritatis necessitas, orationi illius moderatur. At stultus, quasi nihil aliud muneris habeat quam ut stultitiam suam omnibus proferat, quae nouit et ignorat, quae sunt dicenda et tacenda, quae tempus minime flagitat et quae maius offensionis, quam utilitatis pondus habent, sine ullo delectu profundit.

Sententia uero quae sequitur est ualde illustris et ampla, latissime namque patet. Dignitatis enim amplitudo, nominis claritas, imperium latissimum, uirtutis egregiae monumentum et omnia denique quae homines e tenebris eductos immortalis memoriae commendant, ex animi maximi uiribus oriuntur. At animi maximi otium pati nequeunt, opera ingentia moliuntur, ad immortalitatem nominis adspirant. Quod, si falsae opiniones non homines in errorem impulissent et qui gloriae nimis appetentes sunt, non pro dominatione, sed pro iustitiae defensione dimicationem suscepissent, imperio certe digni fuissent. Homines enim iusti animoque maximo praediti ad imperium nati sunt, quemadmodum molles et eneruati omniaque pericula fugientes ad seruitutem.

Hic ad uitam suauissime degendam singulare praeceptum adiungitur. Quod nam tandem illud est? Vt tristes curas ex animo dimoueamus, et maerorem, quoad fieri poterit, expellamus, et cogitationibus iucundissimis oblectemur. Maeror, inquit, deiicit animum, quemadmodum iucunda bonorum recordatio eundem erigit atque confirmat. Quod, si iustitiam fuerimus tota mente complexi, multo plura nobis occurrent quae laetitiae quam quae maestitiae caussam nobis afferant. Quae enim ad laetitiam ualent, eripi nobis non possunt, quae [767] uero ad maestitiam bonorum compensatione leniuntur, et temporis breuitate contemuntur, et spe amplissimi praemii iucundissima interdum fiunt.

“Qui negligit damnum propter amicum, iustus est.” Hanc orationem sic interpretamur: praestantior erit iustus proximo suo. Iustum enim ab officio nulla malorum acerbitas poterit seuocare. Quare in uniuersum qui iustitiam colit semper omnes notos suos, quamuis multo magis florentes atque beati uideantur, opibus et dignitate uincit. “– Longe secus”, inquis, “opinantur.” Verum. Sed, quid refert? Ipsi namque se decipiunt: iniustitiae uia, in quam se dederunt, eos ita deludit ut, quo magis ad uitam beatam omnibus modis enituntur, eo magis in miseriam irruant. Numquam enim fraudulentus homo, ut inquit Hebraeus, uenationis suae alas aduret: id est, ut sapienter noster Latinus interpretatur, numquam ullum solidum fructum ex sua calliditate feret, ut ex ea iucunditatem ullam percipiat. Spes euanescit, tranquillitas remouetur, fructus inaniter effluunt, omnia improbis exstinguuntur, ita ut, cum frui commodis uolunt, elusi, turpissime relinquuntur. At uero, opes iustorum sunt firmatae et stabiles et nullis umquam

mesmos aparelham embustes, contra si mesmos tramam ciladas, a si mesmos se enganam, vão atrás de riquezas vãs, vivamente desejam prazeres fúteis e enganadores, pretendem alcançar honrarias totalmente ocas, por forma a viverem na mais extrema pobreza, serem atormentados pelas mais acerbadas dores e cobertos por toda a espécie de desdouros, e deste modo, através de uma experiência sem qualquer fruto, sentem que consumiram toda a sua vida na mentira e que por esse motivo devem ser vivamente abominados por Deus. É que, uma vez que Deus é a verdade suprema e eterna, abomina a mentira e castiga com as merecidas penas todos os que odeiam a verdade, ao passo que, pelo contrário, acrescenta com os maiores benefícios e fortifica com uma proteção invencível todos os que mantêm a verdade.

Assenta aqui um diferença essencial entre o sábio e o estulto. É que o sábio não assoalha tudo que encerra no seu espírito, pois as suas palavras são acomodadas ao ensejo, à condição das pessoas e, o que é o principal, às necessidades da caridade. Mas o estulto, como se não tivesse outra função senão manifestar a todos a sua estultícia, sem qualquer critério profere o que sabe e o que ignora, o que deve dizer-se e o que deve calar-se, o que a ocasião não requer e aquelas coisas que têm mais peso de escândalo do que de utilidade.

A frase sentenciosa que se segue é muito evidente e ampla, pois tem dilatada extensão. É que, a grandeza da dignidade, o prestígio de nome, o poder muito amplo, a lembrança de uma virtude singular e, enfim, tudo aquilo que recomenda à imortalidade homens saídos do anonimato, nascem das forças de um espírito muito elevado. Mas os espíritos muito elevados não conseguem suportar a ociosidade; empreendem obras imensas; aspiram à imortalidade de nome. Pelo que, se falsas opiniões não tivessem impelido os homens ao erro e os que sentem sobejo apetite de glória tivessem empreendido a peleja, não em prol do poder, mas em defesa da justiça, certamente que teriam sido dignos do poder. É que os homens justos e dotados de um espírito muito elevado nasceram para mandar, da mesma maneira que para a servidão os frouxos, os remissos e os que fogem de todos os perigos.

Ajunta-se aqui um preceito extraordinário para se passar a vida suavemente. Pois qual é então ele? Que apartemos do espírito os tristes cuidados e, na medida do possível, expulsemos a melancolia e nos recreemos com pensamentos muitíssimo alegres. É que, segundo diz, a melancolia abate o espírito, da mesma maneira que a aprazível lembrança dos bens o anima e fortalece. Pelo que, se com o nosso espírito totalmente abraçarmos a justiça, muito mais coisas hão de suceder-nos que nos causem mais motivos de alegria do que de melancolia. É que as que têm eficácia para a alegria não nos podem ser arrancadas, e as que [767] a têm para a melancolia são suavizadas mediante a compensação dos bens, e não só são desprezadas por serem de curta duração, mas também por vezes se tornam mui aprazíveis devido à esperança de um grandíssimo prémio.

“Aquele que por amor do seu amigo não faz caso de passar por alguma perda, é justo”. Interpretamos estas palavras do modo seguinte: o justo será superior ao

saeculis interiturae. Eorum enim aurum non a furibus auertitur, non ab hostibus diripitur, non uetustate ulla consumitur. Vt autem omnia in summam conferantur, in iustitia est uia uitae. Cum “uitam” dicimus, omnes simul opes et facultates et honores quae uere uiuendi rationem consequuntur intelligimus. At contra, cum, a uia iustitiae seclusi, iter deuium iniuriae et iniquitatis ingredimur, in mortem impetu caeco properamus.

CAP. XIII

[1.] *Filius sapiens doctrina patris, qui autem illusor est non audit cum arguitur.*
 [2.] *De fructu oris sui homo satiabitur bonis, anima autem praeuaricatorum iniqua.*
 [3.] *Qui custodit os suum custodit animam suam; qui autem inconsideratus est ad loquendum sentiet mala.* [4.] *Vult et non uult piger; anima autem operantium impinguabitur.* [5.] *Verbum mendax iustus detestabitur; impius autem confundit, et confundetur.* [6.] *Iustitia custodit innocentis uiam, impietas autem peccatorem supplantat.*

Sapiens filius est qui patrem audit et disciplina illius informatur; qui autem patris monita contemnit eaque deliramenta putat, est insanissimus, ita ut sit illius salus desperanda. Duplici ratione poterit aliquis in Republica principem locum obtinere: aut eloquentia aut uolentia. Eloquentia est iustitiae magistra, libertatis custos, legum uindex, Reipublicae patrona, amoris conciliatrix, ciuitatis laborantis medicina, florentis autem decus et ornamentum. Violentia porro est furor immanis, libertatis euersio, legum interitus, Reipublicae totius [768] exitium, crudelitatis officina, ciuitatis uniuersae pestis et patriae totius, cum extremo dedecore, ruina.

seu próximo. É que os males, por mais acerbos que sejam, não poderão desviar o justo do cumprimento do dever. Razão pela qual em geral quem honra a justiça sempre leva a palma em riquezas e dignidade a todos os seus conhecidos, embora pareçam muito mais prósperos e felizes. “– Pensam de maneira muitíssimo diferente”, dir-me-ão. Mas, que importa? É que eles enganam-se a si mesmos: o caminho da injustiça, a que se entregaram, de tal maneira os ilude que, quanto mais, por todas as vias, se esforçam no sentido da vida venturosa, tanto mais se precipitam na desventura. De facto, nunca o homem fraudulento, consoante diz o texto hebraico, assará as asas da sua caça: isto é, tal como sabiamente verteu o nosso tradutor latino, nunca a sua arteirice produzirá nenhum fruto sólido, por forma a receber dela algum contentamento. A esperança desvanece-se; a tranquilidade desaparece; os frutos perdem-se em vão; tudo acaba para os desonestos, de tal maneira que, quando querem gozar das comodidades, são escarnecidos e vergonhosamente abandonados. As riquezas, porém, dos justos, são firmes e estáveis e jamais hão de morrer por toda a eternidade. É que o oiro deles não é roubado pelos ladrões, nem arrebatado pelos inimigos nem é consumido pelo longo tempo. Ora, para tudo resumirmos numa frase, na justiça está o caminho da vida. Quando dizemos “vida”, entendemos simultaneamente todas as riquezas, recursos e honrarias que acompanham a regra de verdadeiramente viver. Pelo contrário, quando, separados da vereda da justiça, entramos no caminho transviado da injustiça e da iniquidade, estamos a avançar com cego ímpeto para a morte.

CAPÍTULO XIII

1. O filho sábio é a instrução do pai; o que, porém, é mofador, não ouve quando é arguido. 2. O homem será farto de bens pelo fruto da sua boca, mas a alma dos prevaricadores é cheia de iniquidade. 3. Aquele que guarda a sua boca, guarda a sua alma; mas o que é inconsiderado para falar, sentirá males. 4. O preguiçoso quer e não quer, mas a alma dos que trabalham engordará. 5. O justo detestará a palavra mentirosa; mas o ímpio confunde e será confundido. 6. A justiça guarda o caminho do inocente, mas a impiedade faz dar sancadilha ao pecador.

É filho sábio o que escuta o pai e é educado pela sua instrução; o que porém despreza os conselhos do pai e os considera como extravagâncias, é completamente louco, a tal ponto que deve desesperar-se da sua salvação. São dois os modos pelos quais poderá alguém alcançar o primeiro lugar na república: ou pela eloquência ou pela violência. A eloquência é a mestra da justiça, a guardiã da liberdade, a defensora das leis, a patrona da república, a medianeira do amor, o remédio da cidade atribulada, e a honra e ornamento da que prospera. Por outro lado, a violência é um desumano desvario, a ruína da liberdade, a morte

Qui igitur eloquentia nititur fructum oris sui comedet, legitimum enim imperium, cum Reipublicae totius amore, administrabit. At, qui leges et instituta transgreditur, uiolentiam cibum suum existimat. Sic enim inquit Hebraeus: “De fructu oris sui comedet bonum, et anima praeuaricatorum uiolentiam.” Summam enim principatus rationem in uiolentia et immanitate constituit, et tyrannus truculentus efficitur. Flagrabit igitur odio et in perpetuo metu. Et cruciatus angore uersabitur.

Ait deinde “eum qui os suum custodit”, uitam custodire. Multa enim ex ore hominis parum considerati prodeunt quae possunt illi necem afferre. Incenditur ira, concitatur odium, erumpit inuidia, offensiones graues oriuntur quae uel exitium inferunt, uel saltem assidua mortis formidine perterrent. Quantum autem flagitium sit pigritia exponit, cum illius imbecillitatem in adpectu constituit. Vult et non uult piger. Vult quidem quia res magnas et magno opere expetendas desiderat. Non uult quia, cum sit animo pusillo et angusto praeditus, et laborem extimescit et successum omnino desperat. Spes enim est animi magni comes, desparatio autem animi demissi et abiecti desidiam consequitur. Iccirco fit ut pigri angantur, uigilantes autem et industrii opibus abundant.

Ait deinde esse iustis cum mendacio odium semper insitum, et ideo fieri ut numquam iusti conuicti erubescant, sed inuiolatam dignitatem pura et integra mente retineant. At impii, cum mendacio subnixi semper ambulent, et dedecus suis frequenter inuehunt et ipsi saepissime dedecore summo deformantur. Quam tuto autem fungantur officio suo homines qui iustitiam colunt uerbis explicari uix potest. Ipsa namque iustitia gressum dirigit, praesidia confirmat, pericula repellit et facit denique ut uita hominis integri numquam Dei ope praesentissima nudata sit. Quod nullo modo continget ímpio, quamuis enim sit ingenio uaffer et insigni calliditate praeditus, numquam poterit ita uestigium imprimere ut non concidat, numquam cursum tenere ut non longissime ab eo, quo tendit, abducatur. Impietas enim illum, quasi tempestas quaedam, arripit, ut ad peccati caecos scopulos allidat.

[7.] *Est quasi diues, cum nihil habeat, et quasi pauper, cum in multis diuitiis sit.* [8.] *Redemptio animae uiri diuitiae suae; qui autem pauper est increpationem non sustinet.* [9.] *Lux iustorum laetificat, lucerna autem impiorum extinguetur.* [10.] *Inter superbos semper iurgia sunt; qui autem agunt omnia cum consilio, reguntur sapientia.* [11.] *Substantia festinata minuetur; quae autem laulatim colligitur manu, multiplicabitur.* [13.] *Spes quae differtur affligit animam; lignum uitae desiderium ueniens.*

das leis, a total destruição da república, [768] uma escola de crueldade, a peste da cidade inteira e a total aniquilação da pátria, juntamente com o seu completo desdouro. Por conseguinte, quem se apoia na eloquência comerá o fruto da sua boca, pois exercerá um poder legítimo, com o amor de toda a república. Mas quem viola as leis e os costumes, considera a violência como seu alimento. De facto, o texto hebraico exprime-se assim: “Do fruto da boca cada um comerá o bem, mas a alma dos prevaricadores comerá a violência”. É que faz consistir na violência e na desumanidade a essência do principado e torna-se um tirano truculento. Por consequência, abrasar-se-á em ódio e viverá em incessante medo e atribulado pela angústia.

Diz depois que o homem que “guarda a sua boca”, guarda a sua vida. É que da boca do homem pouco ponderado saem muitas palavras que podem ocasionar-lhe a morte. Ateia-se a ira, atrai-se o ódio, a inveja irrompe, surgem graves ofensas que ou causam a destruição ou pelo menos aterrorizam com um incessante temor da morte. Por outro lado, mostra quão grande infâmia é a preguiça, ao representar diante de nós a sua fraqueza. O preguiçoso quer e não quer. Quer, porque deseja coisas grandes e muito apetecíveis. Não quer, porque, ao estar dotado de um espírito tacanho e estreito, não só tem medo do trabalho, como também não tem qualquer esperança no sucesso. É que a esperança é a companheira de um espírito elevado, ao passo que a desesperança traz consigo a indolência de um espírito baixo e abatido. Por isso acontece que os preguiçosos vivem atormentados, ao passo que os industriais e ativos possuem abundantes riquezas.

Diz em seguida que o justo foi sempre provido de ódio à mentira, e por isso acontece que os justos nunca coram de vergonha vencidos, mas, com espírito puro e íntegro, conservam inviolada a sua dignidade. Ao passo que os ímpios, como sempre andam apoiados na mentira, não só frequentemente levam aos seus o desdouro, mas também eles mesmos mui amiúde se aviltam com o maior desdouro. Por outro lado, dificilmente se pode exprimir por palavras a grande segurança com que cumprem o seu dever os homens que praticam a justiça. É que a própria justiça dirige os passos, fortalece as proteções, repele os perigos e, por derradeiro, faz que a vida do homem íntegro nunca esteja privada da efficacíssima ajuda de Deus. Algo que de maneira alguma há de acontecer ao ímpio, pois, embora seja de espírito astuto e esteja provido de excepcional arteirice, nunca poderá caminhar de tal forma que não caia, nunca conseguirá manter o seu rumo sem se desviar para muito longe do lugar para onde se dirige. É que a impiedade o arrebatava como uma espécie de tempestade, por forma a fazê-lo espedaçar-se contra os ocultos escolhos do pecado.

7. Há um que parece rico, não tendo nada; e há outro que parece pobre, achando-se no meio de muitas riquezas. 8. O resgate da vida do homem são as suas riquezas, mas o que é pobre não suporta a increpação. 9. A luz dos justos alegre, mas a candeia dos impuros apagar-se-á. 10. Entre os soberbos sempre há

[769] Cum diuitiae non sint in structis pecuniae aceruis, sed in animo moderato opibusque uerissimis expleto constitutae, fit ut multi in magnis opibus semper indigeant, et non pauci tenui uictu cum singulari animi aequitate contenti semper abundant. Non enim opes immanes, sed exaggeratae uirtutes diuitem efficiunt. Si enim diues est qui nulla re indiget, cum nullae diuitiae possint indomitam et infinitam cupiditatem eorum qui pecuniae student explere, et qui uirtutibus exculti sunt ita sint ueris opibus affluentes ut nihil praeterea requirant, constat certe eos quibus satis est quidquid ad uitae necessitatem possident et in studio uerissimae uirtutis, cum egregiae dignitatis fructu, uehementer elaborant, opulentissimos esse; cum interim illi qui omnem uitam in augenda et accumulanda pecunia, cum sollicitudine et angore, consumunt, in mendicitate uersentur. Est enim eorum cupiditas insatiabilis, ita ut semper egeant. Recte igitur a uiris sapientissimis dictum est opulentiam non pecuniae amplificatione, sed cupiditatis moderatione atque adeo interitu contineri. Iccirco fit ut multi qui diuites esse uidentur egentissimi sint; contra uero non pauci, cum nihil habeant, omnia possideant.

Quid deinde sequitur? Vt, qui uere diuites sunt, uitam suam diuitiarum magnitudine facillime conseruent et ab omni periculo redimantur, disciplinam enim accipiunt, lege salutari uitam instituunt et sapientum monitis obsequuntur. Contra uero, pauperes, hoc est, qui, fallacissimis opibus inflati, temere ruunt et nimis insolenter efferuntur, uitam redimere nequeunt; increpationem enim non audiunt, immo salutarem disciplinam immani odio persequuntur.

“Lux iustorum”, inquit, “laetitiam affert”. Est enim uera atque sempiterna. Tenebras omnes dispellit, maeroris caussam exterminat, omnem metum abstergit, spem salutis confirmat, opes immortales proponit et a uia sempiternae calamitatis abducit. Haec enim “lux est quae illuminat omnem hominem ueniuentem in hunc mundum”⁶³. Nemo enim est qui possit luce aliqua collustrari, nisi Dei filius (per quem omnia quae cernimus oculis et mente complectimur designata, constituta et conseruata sunt, et cuius numine et beneficio cohaerent et permanent) illius animum splendoris sui radiis illustrauerit. At qui aliam lucem inani studio consecretantur, nempe, qui rationem suam sententiae Diuinae praeferunt humanamque prudentiam caelestibus disciplinis anteponunt, tenebris oppressi permanebunt. Eorum namque consilia irrita fient, et ita, quo maiora sibi ex malitia et calliditate pollicebantur, eo grauiore supplicio cruciabuntur. Cum uero hoc potissimum signo distinguantur ii qui uerissimo splendore collucent ab iis qui fallacissima luce nituntur, quod ii, quibus Diuina lux exoritur, sint mites atque mansueti et, in uerissimis opibus, summis humilitatis et moderationis laudibus antecellant, contra uero, qui a uera

⁶³ Vd. Vulgata, *Io.* 1, 9.

contendas; mas os que tudo fazem com conselho, regem-se pela sabedoria. 11. Os bens que se ajuntam muito depressa, diminuir-se-ão; mas os que se colhem à mão pouco a pouco, multiplicar-se-ão. 12. A esperança que se retarda aflige a alma, o desejo que se cumpre é uma árvore da vida.

[769] Uma vez que as riquezas não se fundam em montões de dinheiro, mas num espírito comedido e cheio dos mais verdadeiros bens, sucede que muitos homens entre grandes riquezas sempre estão pobres, e que não poucos, com poucos haveres, satisfeitos com uma extraordinária equidade de alma, vivem sempre na abundância. De facto, quem faz o rico não são as riquezas enormes, mas as virtudes acumuladas. É que, se é rico quem não tem falta de coisa nenhuma, uma vez que nenhuma riqueza pode saciar a infinita e indomável cobiça daqueles que procuram o dinheiro, e que os que foram ornados pelas virtudes de tal modo possuem em abundância as verdadeiras riquezas que para além disso nada procuram: conclui-se como certo que são riquíssimos aqueles homens para os quais é suficiente o que quer que possuem para as necessidades da vida e empenhadamente se esforçam no zelo da mais verdadeira virtude, com singular fruto de piedade; sendo entretanto certo que vivem na indigência aqueles que gastam toda a sua existência em acumular e aumentar o dinheiro, com inquietação e angústia. É que a sua cobiça é insaciável, de tal modo que sempre estão pobres. Por conseguinte, foi acertadamente que os mais sábios varões disseram que a opulência consiste, não no acréscimo de dinheiro, mas na moderação e até supressão da cobiça. Por isso acontece que muitos, que parecem ser ricos, são totalmente indigentes, ao passo que, pelo contrário, não poucos, apesar de não terem nada, tudo possuem.

Que se segue depois? Que, os que deveras são ricos, facilmente conservam com as grandes riquezas a sua vida e estão livres de todo o perigo, porquanto aceitam o ensino, regulam a vida de acordo com a lei salutar e acatam os conselhos do sábio. Pelo contrário, porém, os pobres, ou seja, os que ensoberbecidos com riquezas totalmente falsas, desatinadamente se precipitam e com sobeja insolência se tornam arrogantes, não podem libertar a sua vida, pois não escutam a increpação, e até perseguem com sanha monstruosa os ensinamentos salutares.

Diz que “a luz dos justos traz alegria”. É que é verdadeira e eterna. Dispersa todas as trevas, desterra os motivos de melancolia, suprime todo o medo, fortalece toda a esperança de salvação, oferece riquezas imortais e desvia do caminho da desgraça sempiterna. É que esta é a luz “que ilumina a todo o homem que vem a este mundo”. [Jo 1. 9.] De facto, não existe ninguém que possa ser iluminado por luz alguma, se o Filho de Deus (por quem foram pensadas, criadas e conservadas todas as coisas que enxergamos com os olhos e abarcamos com a mente, e mediante cujo poder divino e bondade se harmonizam e permanecem) não iluminar o seu espírito com os raios do seu resplendor. Mas, os que com vão desvelo seguem outra luz: a saber, os que preferem a sua razão à opinião de

luce deseruntur, sint superbi et insolentes effrenataque mente praediti, docet Sapiens quid utriusque statum in uita consequatur.

Superbos enim, inquit, [770] nihil aliud quam iurgia et contentiones assidue meditari. Itaque ira, odio, temeritate ducuntur, offensiones excitant, hominibus odiosi sunt, in Deum scelera infinita concipiunt, iccirco necesse est ut nihil illis ex animi sententia contingat, sed omnibus simul ruinis opprimantur. At uero, qui humiles sunt, cum nihil eorum animos perturbet aut sanitate mentis spoliet, consilio gubernantur et sapientiae uerissimae significationem dant.

Inquit deinde opes male partas dilabi, industria uero comparatas permanere et amplificari. “Substantia”, ut interpret reddidit, “festinata minuetur.” Quod enim maleficio quaeritur, iudicio Diuinae seueritatis amittitur; quod autem labore et diligentia paratur, Dei beneficio diutissime retinetur.

Tum ait spem dilatam esse molestissimam. Omnis enim uita expectatione pendet, et labores spe condicionis felicioris leniuntur. Non enim possumus omnibus bonis, quae expetenda iudicamus, repente potiri. Interim eo solatio utimur quod spes afferre solet: futurum nempe ut aliquando iis quae uehementer appetimus cum insigni iucunditate perfruamur. Itaque, quibusdam inanibus animi motibus elati, gaudia percipimus, et uana uoluptate, quasi somniorum uisis illusi, perfundimur, ita tamen ut, quo uehementior cupiditas est et maioribus motibus mentem exagitat, eo, cum fructus differtur, maioribus curis et angoribus animum afflictet. Quid, cum id, ad cuius spem erigebamur, aduenerit? “Lignum”, inquit, “uitae est”, ita ut immortalitatem nobis afferat.

Sed quorsum haec sententia pertineat opus est ut uideamus.

Spes dilata cruciat animum. Quid igitur dicendum de spe fallacissima qua homines in uita de opibus humanis sibi munera ingentia pollicentur? Nam, si dilatio solidi etiam fructus excruciat, quantum cruciatum mendacium spei ipsius, qua nitebamur, importabit? Accedit deinde summum dedecus, cum temeritas nostra, euentu delusa, conuincitur; cum perspicitur nos, relicto uerissimae spei fructu, fallacissima spe totius uanitatis atque mendacii nixos fuisse. Reliquum igitur est ut, cum certissime constet eos qui spem in humanis opibus collocant, spem in uanitate reponere, hanc tam insignem uanitatem detestemur et omne uitae praesidium in Diuini uerbi constantia firmissime constitutum habeamus. Nam spes haec neminem fallit: “nec” enim “est Deus ut homo, ut mentiatur; nec, ut filius hominis, ut mutetur”⁶⁴. “Omnis” igitur “qui inuocauerit nomen Domini

⁶⁴ Vd. Vulgata, *Num.* 23, 19.

Deus e antepõem a prudência humana aos ensinamentos celestiais, permanecerão oprimidos pelas trevas. Na verdade, os seus desígnios tornar-se-ão vãos, e assim, quanto maiores coisas se prometerem da sua malícia e astúcia, com tanto maior suplício serão atormentados. E, uma vez que o principal sinal que distingue os que brilham com o verdadeiro esplendor dos que se apoiam na mais falsa das luzes consiste em que são mansos e afáveis aqueles nos quais nasce a luz divina e, no meio das mais verdadeiras riquezas, se avantajam nos mais elevados merecimentos da humildade e comedimento, ao passo que, pelo contrário, são soberbos e insolentes e providos de espírito altaneiro os que se separam da verdadeira luz, o Sábio mostra o que acompanha na vida a condição de cada um.

De facto, segundo diz, os soberbos [770] só pensam incessantemente em contendas e conflitos. E assim são arrastados pela ira, pelo ódio e pelo desatino, provocam descontentamento, são odiosos para os homens, concebem infinitos crimes contra Deus, e por isso é forçoso que nada lhes aconteça de acordo com os seus desejos, mas que simultaneamente os oprima toda a espécie de desastres. Pelo contrário, os que são humildes, porquanto nada lhes perturba o espírito ou os priva da sanidade mental, são governados pelo bom conselho e dão provas de verdadeira sabedoria.

Diz depois que as riquezas mal adquiridas desaparecem, e permanecem e aumentam as obtidas com desvelo. Conforme verteu o tradutor latino: “Os bens que se ajuntam muito depressa, diminuir-se-ão”. É que aquilo que se busca através do crime, perde-se, por juízo do rigor de Deus, ao passo que aquilo que se consegue com trabalho e diligência, conserva-se durante muitíssimo tempo, por benefício de Deus.

Diz seguidamente que é muitíssimo desagradável a esperança dilatada. É que toda a vida pende da expectativa, e é refrigério nos trabalhos a esperança de uma situação mais venturosa. Na verdade, não podemos obter de repente todos os bens que julgamos desejáveis. Entretanto, lançamos mão da consolação que a esperança costuma trazer: ou seja, que algum dia gozaremos com imensa alegria daquelas coisas que vivamente apeteçemos. E assim, arrebatados por certas vãs emoções do ânimo, nos alegramos, e somos invadidos por um vão prazer, como enganados por visões de sonhos, de tal maneira todavia que, quanto mais veemente é o desejo e com mais vivas emoções agita o espírito, tanto com maiores cuidados e angústias o atormenta, quando o fruto se retarda. – E que há de suceder quando chegar isso cuja esperança nos estimulava? É, conforme ele diz, “uma árvore da vida”, de tal maneira que nos traz a imortalidade.

Mas é mister que vejamos a que visa este provérbio.

A esperança adiada atormenta o espírito. Por conseguinte, que deve dizer-se acerca daquela esperança totalmente falsa com que os homens se prometem durante a vida dádivas imensas de riquezas humanas? Com efeito, se até o adiamento do fruto garantido e sólido atormenta, que grande tortura há de acarretar a mentira da própria esperança em que nos apoiávamos? Acresce, em segundo lugar, o

saluus erit”⁶⁵. Fructus igitur spei erit ipse Dei filius, qui “uitae lignum” in Sanctis Litteris appellatur. Itaque fructus illius uitam eorum, qui se totos cum ardentissima fide ad nomen illius adiunxerunt, cum uoluptate sempiterna, cum opibus Diuinis, cum amplissima dignitate in omni saeculorum aeternitate propagabit.

[13.] *Qui detrabit alicui rei ipse se in futurum obligat, qui autem timet praeceptum in pace uersabitur.* [14.] *Lex sapientis fons [771] uitae, ut declinet a ruina mortis.* [15.] *Doctrina bona dabit gratiam; in itinere contemptorum uorago.* [16.] *Astutus omnia agit cum consilio, qui autem fatuus est aperit stultitiam.* [17.] *Nuntius impii cadit in malum; legatus autem fidelis, sanitas.* [18.] *Egestas et ignominia ei qui deserit disciplinam, qui autem acquiescit arguenti glorificabitur.* [19.] *Desiderium si compleatur, delectat animam; detestantur stulti eos qui fugiunt mala.*

בן לדבר יהבל לו. His uerbis duae subiiciuntur sententiae. Nam is qui, superbia elatus, alios despicit et, ut interpretes Latine reddidit, in aliorum res gestas atque uitam maledicta coniicit, est non mediocri scelere adstrictus, cuius quidem poenas luet, quia Deus superbos et maledicos odio habet, quos impositis supplicii excidet; ille etiam struit sibi calamitatem qui Dei iussa paruipendit: sic enim Hebraeum uerterem: “Qui uerbum contemnit, sibi malum importabit”. Verbum autem contemnere est Dei legem effrenata mente perfringere: quod scelus non erit impunitum. Sibi igitur perniciem molitur qui Diuinis sanctionibus non obtemperat. Contra uero, qui Dei numen ueretur et ad legis normam uitam dirigit, praemium sempiternum percipiet. Lex enim sapientis est in oboedientia constituta, qua quidem sese cum uitae fonte coniungit et a laqueis mortis procul abscedit. Potissimum tamen legis praeceptum est in benignitate constitutum, quam “doctrinam bonam” interpretes appellauit et iccirco, qui benignus et misericors est, gratiam Diuinam acquirat. Contra uero, qui asper et immitis est, multo magis ad crudelitatem implicatus quam ad mansuetudinem propensus, demonstrat se a legis Diuinae studio remotissimum. Sic igitur fiet ut nullo modo Dei gratiam consequatur, sed in iram illius incidat. Astutum, inquit deinde, numquam temeritate duci aut repentino motu turbide concitari, sed omnia consilio gerere, at hominem temerarium et insanum praecipiti animi commotione et impetu nimis inconsiderato insitum furorem indicare, ruit enim et, tenebris oppletus, omnia turbat atque tandem sibi exitium molitur.

⁶⁵ Vd. Vulgata, *Jl.* 2, 32.

enorme desprestígio, quando se tornar manifesto o nosso desatino, comprovado pelo resultado; quando se reconhecer que nós, deixando de lado o fruto da mais verdadeira esperança, nos apoiámos na falsíssima esperança de toda a vaidade e mentira. Resta, por conseguinte, que, uma vez que é indubitavelmente manifesto que aqueles que põem a sua esperança nas riquezas humanas, estão a depositar a esperança no vazio, abominemos esta tão notória vacuidade e coloquemos com toda a firmeza toda a proteção da vida na constância da palavra de Deus. De facto, esta esperança não é infiel a ninguém: é que “Deus não é como o homem, capaz de mentir, nem como o filho do homem, sujeito a mudanças”. [Nm 23. 19.] Por conseguinte, “todo o que invocar o nome do Senhor será salvo”. [Jl 2. 32.] Portanto, o fruto da esperança será o próprio Filho de Deus, que na Sagrada Escritura é designado por “árvore da vida”. E assim o fruto dela prolongará, com prazer eterno, com riquezas divinas e com a mais elevada dignidade, a vida dos que inteiramente se uniram ao seu nome com ardentíssima fé.

13. *Aquele que detrai de alguma coisa, por si mesmo se obriga para o futuro; mas o que teme o preceito andarà em paz.* 14. *A lei do sábio é uma fonte [771] de vida, para evitar a ruína da morte.* 15. *A boa doutrina darà graça; no caminho dos desprezadores há voragem.* 16. *O homem prudente tudo faz com conselho, mas o que é insensato descobre a sua loucura.* 17. *O mensageiro do ímpio cairà no mal, mas o embaixador fiel é saúde.* 18. *Aquele que deixa os ensinamentos experimentarà indigência e ignomínia; mas o que se sujeita a quem o repreende, será glorificado.* 19. *O desejo, no caso que se cumpra, deleita a alma; os insensatos detestam aos que fogem do mal.*

בז לדבר יחבל לו. Estas palavras sugerem dois sentidos. Com efeito, o homem que, tomado de soberba, despreza os outros e, conforme verteu o tradutor latino, fala mal das ações e vida dos outros, torna-se culpado de um crime não pequeno, do qual decerto pagará as penas, porque Deus abomina os soberbos e maldizentes, aos quais destruirá com os suplícios que lhes impõe; também prepara a sua própria desgraça aquele que faz pouco caso dos mandados de Deus: de facto, eu traduziria assim o hebraico: “Quem despreza a palavra, acarretará sobre si o mal.” Ora, desprezar a palavra é quebrantar a lei de Deus com espírito desenfreado: crime este que não ficará impune. Por conseguinte, prepara a sua própria perdição quem não obedece aos preceitos divinos. E, ao invés, quem respeita a majestade divina e pauta a sua vida de acordo com a norma da lei, receberá um prémio eterno. É que a lei do sábio funda-se na obediência, mediante a qual se une com a fonte da vida e se aparta para longe dos laços da morte. Todavia o principal preceito da lei cifra-se na bondade, a que o tradutor chamou “boa doutrina” e, por isso, quem é bondoso e misericordioso, alcançará a graça de Deus. E, ao invés, quem é desabrido e duro, e muito mais inclinado à crueldade do que propenso à mansidão, mostra que se encontra muito afastado do amor pela

“Legatus impius corruet in malum”: legatus impius est qui mendax est et mittentis sententiam inuertit, ut, pro pace, seditionem concitet, ex qua omnia mala ad Reipublicae perniciem erumpunt. Dabit igitur perfidiae poenas, et malum, quod multis mortalibus intulit, sempiternum supplicio luet. At qui summa fide et religione officio suo perfungitur, salutem conferet et ita praemium dignum uirtute sua consequetur. Hic tamen eo sententia pertinere uidetur ut falsos apostolos a ueris discriminet. Qui enim se Christi legatos esse profitentur et Euangelium ementiuntur fallaciamque doctrinam, nomine religionis inuolutam, imperitis inculcant, cum perniciem multis mortalibus inferant, ipsi tandem corruent, ut tanti sceleris poenas exsoluant. Quod non eueniet iis qui pure legationem suam obeunt. Non enim perniciem, [772] sed salutem hominibus importabunt, et ita praemio Diuini splendoris et gloriae aeuo sempiterno perfruentur.

Docet consequenter Sapiens omnem salutem et dignitatem in doctrina salutari consistere, ut intelligamus quam sapientes uitae suae consulunt qui Diuinis legatis obtemperant illorumque disciplinis omnes actiones suas moderantur. Qui enim sanctorum monita despiciunt necesse est ut egentissimi sint et praeterea insigni dedecore cumulentur. Egentissimi quidem, quia omnibus ueris opibus erunt in omni uita destituti et fallacibus expleri nullo modo poterunt; dedecore uero insigni maculati, quia summam turpitudinem, qua sunt foedissime deformati, ab hominum conspectu remouere non poterunt, et eadem turpitudine sanctos angelos a praesidio suo longissime repellent. Contra uero, qui Diuinorum Principum sanctionibus acquiescunt, in gloria sempiterna uigebunt, nam Diuinis opibus affluent et honoris summi ornamentis in omni aeternitate redundabunt.

Cum desiderium expletur uoluptas summa percipitur. Recte! Sed, qui sunt illi qui uoti compotes esse possunt? Qui iustitiae student, qui pietatem colunt, qui praesidio caelestis numinis inuntur. Qui uero ita sunt flagitiis addicti ut in malorum detestatione summam miseriam esse statuunt, et iccirco eos qui a flagitiis discedunt exsecrantur et homines esse non iudicant: cum ope Diuina nudati sint nulla ratione possunt, quod expetunt adipisci. Sic igitur necesse erit ut assiduis curis atque molestiis intabescant.

lei de Deus. Por conseguinte, assim acontecerá que de modo algum alcançará a graça de Deus, mas incorrerá na Sua ira.

Em seguida, diz que o homem prudente nunca é levado pela irreflexão nem se deixa desordenadamente dominar por um impulso repentino, mas tudo faz com conselho, ao passo que o homem insensato e vesânico dá a conhecer o desvario que o possui pela precipitada agitação do espírito e pelo excessivo e irrefletido arrebatamento, porquanto cegamente se arroja e, com o espírito senhoreado pelas trevas, tudo perturba e acaba por aparelhar a sua própria destruição.

“O mensageiro ímpio cairá no mal”: mensageiro ímpio é quem é mentiroso e adultera a mensagem de quem o envia, de maneira a, em vez da paz, suscitar a discórdia, da qual irrompem todos os males para a perdição da república. Por conseguinte, será punido pela perfídia e pagará com suplício eterno o mal que inferiu a muitos mortais. Mas, quem com a máxima fidelidade e escrúpulo cumpre o seu dever, obterá a salvação e assim alcançará o prêmio digno da sua virtude. Aqui todavia parece que o provérbio tem por fim destrinçar os falsos apóstolos dos verdadeiros. É que os que afirmam ser mensageiros de Cristo e alegam falsamente o Evangelho e inculcam aos ignorantes uma falsíssima doutrina, disfarçada sob o nome de religião, ao ocasionarem a muitos mortais a perdição, acabarão eles mesmos por sucumbir, por forma a pagarem as penas por tamanho crime. Algo que não acontecerá aos que com pureza desempenham a sua missão. É que não [772] acarretarão para os homens a perdição, mas a salvação, e desse modo gozarão por toda a eternidade do prêmio da glória e resplendor divinos.

Diz em seguida o Sábio que toda a salvação e dignidade consistem na doutrina salutar, para que entendamos o quão sabiamente zelam pela sua vida aqueles que obedecem aos mensageiros de Deus e governam todos os seus atos pelos ensinamentos deles. É que é forçoso que os que desprezam os conselhos dos santos sejam muitíssimo pobres e além disso se vejam cobertos de um enorme desdouro. Decerto muitíssimo pobres, porque durante toda a existência serão privados de todas as verdadeiras riquezas e de forma alguma poderão encher-se com as falsas; e ver-se-ão cobertos com enorme desdouro, porque não conseguirão apartar da vista dos homens a torpeza suprema com que horripelmente foram desfigurados e, devido à mesma torpeza, hão de repelir para muito longe a proteção dos santos anjos. Ao invés, os que acatam as determinações dos divinos soberanos, viçarão na glória sempiterna, pois possuirão em abundância as riquezas divinas e por toda a eternidade transbordarão com os ornamentos da mais elevada honra.

Quando se satisfaz um desejo recebe-se o mais elevado prazer. É certo! Mas quem são aqueles que podem satisfazer o que almejam? Os que se entregam à justiça, os que cultivam a piedade e os que se apoiam na proteção da divindade. E os que em tal grau estão ligados às indignidade, que assentam para si mesmos que em abominar os males se encontra a maior das desgraças, e por este motivo detestam os que se apartam das indignidades e julgam que estes não são seres

[20.] *Qui cum sapientibus graditur sapiens erit; amicus stultorum similis efficietur.* [21.] *Peccatores persequitur malum, et iustis retribuentur bona* (Hebraeus sic: *Malum sontes insequitur, bonum uero iustos remunerat*). [22.] *Bonus relinquit heredes filios et nepotes, et custoditur iusto substantia peccatoris.* [23.] *Multi cibi in noualibus patrum, et aliis congregantur absque iudicio.* [24.] *Qui parcit uirgae odit filium suum; qui autem diligit illum instanter erudit.* [25.] *Iustus comedit et replet animam suam; uenter autem impiorum insaturabilis.*

Familiaritas et consuetudo tantam uim habet ut cuiusque naturam facillime commutet. Quilibet enim mores illius ad cuius se studium adiungit, primum approbat, deinde imitari conatur, postremo se totum ad similitudinem proximi, quem plurimi facit, diligenter effingit. Sic autem, qui cum sapientibus societatem coit, sapientiae laudibus ornabitur. Similiter, qui cum stultis uiuit, stultitiae infamia flagrabit. Itaque, cum natura humana solitaria esse nequeat, cum ad societatem maxime apta atque nata sit, magnae consultationis est eligere quos tibi socios adsciscas, quorum te imitatione conformes, cum quibus amicitiae foedus percutias. In eo enim uita, dignitas et fama uertitur. Ex improborum enim societate uitae periculum multis modis intenditur, dignitatis lumen exstinguitur, nomen infamiae maculis afficitur: quae quidem nullo [773] modo nisi acerrina conuersione atque diutissima commentatione uerissimae uirtutis eluuntur. Contra uero bonorum conuictu, uitae firmum praesidium et dignitatis splendor et gloria comparatur. In quo uero?

Sapiens ait “malum sontes insequi, bonum uero iustos remunerari”, et extremae miseriae actorem et summae beatitudinis effectorem indicat. Quid autem esse potest longe miserrimum nisi id quod a Deo, qui est beatissimus et totius felicitatis architectus, longissime dissidet? – Diabolus certe, qui pestilentissima rebellione sese a bonorum omnium fonte distraxit. Cum uero a Dei imperio deficiamus illiusque iura scelere infando conculcamus, hostem Diuini numinis sempiternum ut duces et imperatores sequimur tyrannisque illius legibus alligamur. Cum uero illius tyrannidem execramur et ad Dei sanctissimum nomen adiungimur, Dei imperium accipimus et sub illius signo militamus. Cum autem tyrannus importunus in miseria summa atque sempiterna uersetur, nihil potest suis, praeter miseriae societatem et dirissimas tenebras, elargiri. Contra uero, summus ille Dominus, mali totius expers et bonorum omnium parens, nullo modo potest malum suis afferre, sed omnes qui ad illum suppliciter adeunt bonis omnibus cumulare.

humanos: uma vez que se encontram privados da ajuda divina de forma alguma podem conseguir aquilo que vivamente desejam. E assim, por conseguinte, forçosamente não ser atribulados por incessantes cuidados e enfadamentos.

20. *Aquele que anda com os sábios, será sábio; o amigo dos insensatos far-se-á semelhante a eles.* 21. *O mal persegue aos pecadores, e os bens serão a recompensa dos justos.* [no texto hebraico assim: “o mal persegue os culpados, e o bem recompensa os justos”] 22. *O homem virtuoso deixa por berdeiros a seus filhos e seus netos, e os bens do pecador estão reservados para o justo.* 23. *Nos campos que se herdaram dos pais nascem abundantes frutos; e estes vêm a ajuntar-se a outros, por falta de juízo.* 24. *Aquele que poupa a vara, aborrece seu filho; mas o que o ama, continuamente o corrige.* 25. *O justo come e enche a sua alma, mas o ventre dos ímpios é insaciável.*

A familiaridade e o trato íntimo têm tanta força que mui facilmente mudam a natureza de cada um. É que qualquer pessoa, primeiro aprova os costumes daquele por quem sentiu simpatia, depois esforça-se por imitá-lo, e, por derradeiro, com diligência inteiramente se molda à imagem daquele próximo por quem tem grande apreço. Ora, deste modo será ornamentado com os louvores de sábio quem se ajunta com os sábios. Semelhantemente, quem convive com os insensatos, gravará sobre si o ferrete de insensato. E assim, uma vez que a natureza humana não pode estar solitária e uma vez que nasceu e está sobremaneira adaptada para viver em sociedade, merece grande ponderação a escolha daqueles aos quais nos associamos como companheiros, daqueles que tomamos como modelo a imitar e daqueles com os quais contraímos pactos de amizade. É que nisto se resume a vida, a dignidade e a fama. De facto, da companhia com os pecadores resulta o perigo por muitas vias, extingue-se o lustre da dignidade, mancha-se o nome com a vilta da infâmia: pechas estas que [773] só e exclusivamente se limpam com uma radical conversão e uma mui prolongada exercitação da mais verdadeira virtude. Ao invés, porém, mediante a convivência com os bons, obtém-se uma firme proteção e o brilho e glória da dignidade. Mas em quê?

O Sábio diz que “o mal persegue os culpados, e o bem recompensa os justos”, e aponta o responsável pela maior das desventuras e o causador da suprema bem-aventurança. Ora, que é que pode ser a coisa mais desventurada senão aquilo que está em desacordo com Deus, que é totalmente bem-aventurado e o criador de toda a felicidade? – Certamente que o diabo, que mediante uma abominável rebelião se apartou da fonte de todos os bens. E quando abandonamos o senhorio de Deus e através de sacrílego pecado calcamos a Sua lei, estamos a seguir como nosso chefe e general o inimigo eterno da divindade e a submetermo-nos às suas leis tirânicas. E quando abominamos a tirania do diabo e nos ligamos ao santíssimo nome de Deus, aceitamos o senhorio de Deus e passamos a militar sob a Sua bandeira. Ora, uma vez que o cruel tirano vive em suprema e eterna

Hoc est autem quod in hoc loco Sapiens dicit: malum, hoc est, infestissimum daemonem, miseriae totius architectum, omnes qui se ad imperium illius adiungunt, omnibus malis afficere; bonum uero, hoc est, Deum, omnibus qui Diuinis iussis obtemperant omnium honorum praemia constituere. Quis est igitur miser? Ille certe qui principi miseriae totius obsequitur. Quis beatus? Ille profecto qui ad uoluntatem beatissimi illius parentis omnes uitae actiones administrat. Pater enim optimus clementia sua et iustos et iustorum filios atque nepotes amplectitur, eorumque patrimonium adauctum et amplificatum praesidio sempiterno confirmat, atque tandem efficit ut opes, quas sibi homines iniusti proponebant, ad iustorum fructum et utilitatem referantur. Boni namque mundi totius hereditatem cernent, et omnes impiorum conatus impiorum hominum utilitatem et gloriam redundabunt.

Sed dixisset fortasse aliquis quotidiana uitae communis exempla longe secus testificari, cernimus enim multos, qui Satanae nomina dederunt, diuitiis affluere, illos autem, qui fraudibus uti noluerunt iustitiaeque studium omnibus uitae commodis antetulerunt, inopia cruciari. “– Non est ita”, inquit Sapiens. Sed “multi cibi in noualibus patrum”, ut interpret uertit, uel, ut etiam uerba Hebraea significant: “in nouali pauperum.” Non enim in horreis ingenti numero frumenti refertis saturitas inest, sed in animo moderato summisque uirtutibus exulto, quem “patrum” nomine interpret significat. Nam, cum uirtus se ipsa contenta sit, in uitae emolumentis parandis modum cupiditati praefinit, ita ut nihil ultra quam familiae necessitas flagitat expetendum arbitretur. At, qui uirtutis opibus caret, cum in inopia summa [774] uersetur, nullis opibus externis expleri ullo modo potest. Tanta enim est animi humani capacitas ut, quamuis omnes humanae diuitiae in unam domum congerantur, satiari non queat. Sola namque uirtus, cum a Diuinitatis fonte hausta atque delibata sit, animum locupletat atque stabili uoluptate perfundit. Sic autem fit ut iusti satiari facillime possint, iniusti autem semper esuriant.

desgraça, nada pode oferecer aos seus, a não ser a companhia na desventura e as trevas mais terríveis. Ao invés, porém, aquele supremo Senhor, isento de toda a espécie de mal e progenitor de todos os bens, de modo algum pode causar mal aos Seus, mas cumula de todos os bens todos os que d' Ele se aproximam em atitude suplicante.

Ora, é isto o que nesta passagem diz o Sábio: o mal, ou seja, o inimigo demônio, urdidor de todas as desgraças, atinge com todos os males todos os que se põem sob o seu mando, ao passo que o bem, ou seja, Deus, estabelece os prêmios de todos os bens para todos os que obedecem aos mandados divinos. Por conseguinte, quem é desventurado? Certamente que aquele que obedece ao príncipe de toda a infelicidade. Quem é bem-aventurado e feliz? Com certeza que aquele que realiza todos os atos da sua vida em conformidade com a vontade d'Aquele bem-aventuradíssimo progenitor. É que o melhor dos pais, devido à Sua compaixão, abraça os justos e os filhos e netos dos justos, e com a Sua eterna proteção amplia-lhes e aumenta-lhes o patrimônio, e, por derradeiro, faz que as riquezas que os homens injustos imaginavam para si redundem em proveito e fruto dos justos. É que os bons receberão a herança do mundo inteiro e todos os esforços dos ímpios hão de redundar em utilidade e glória dos homens piedosos.

Mas é possível que alguém tivesse dito que os exemplos quotidianos da vida corrente testemunham de longe o contrário, porquanto vemos abundarem em bens materiais muitos homens que militam sob as ordens de Satanás, ao passo que são atribulados pela pobreza aqueles que não quiseram usar de embustes e antepuseram o amor da justiça a todas as comodidades da vida. – “Não é assim”, respondeu-lhes o Sábio. “Nos campos que se herdaram dos pais nascem abundantes frutos”, consoante verteu o tradutor latino, ou, como também podem significar as palavras hebraicas, “no campo dos pobres”. É que a fartura não se encontra nos celeiros a abarrotarem de imensa quantidade de cereal, mas num espírito comedido e provido das mais elevadas virtudes, que o tradutor latino quis significar com a palavra “pais”. Com efeito, uma vez que a virtude se contenta consigo mesma, na obtenção dos lucros da vida fixa antecipadamente um justo limite à cobiça, de tal maneira que não se considere como desejável nada para além do que requerem as necessidades da família. Mas, quem tem falta das riquezas da virtude, uma vez que vive na mais completa pobreza, [774] de forma alguma pode saciar-se com quaisquer riquezas exteriores. É que a capacidade do espírito humano é tão grande que, mesmo que se amontoassem numa única casa todos os tesouros humanos, ele não ficaria satisfeito. Na verdade, unicamente a virtude, porque foi tirada e recolhida da fonte da divindade, enrica o espírito e sobre ele derrama um prazer duradouro. Ora, deste modo acontece que os justos conseguem muito facilmente ficar saciados, ao passo que os injustos sempre sentem sede.

CAP. XIV

[1.] *Sapiens mulier aedificat domum suam; insipiens exstructam quoque manibus destruet.* [2.] *Ambulans recto itinere, et timens Deum, despicitur ab eo qui infami graditur uia.* [3.] *In ore stulti uirga superbiae, labia autem sapientum custodiunt eos.* [4.] *Vbi non sunt boues praesepe uacuum est; ubi autem plurimae segetes, ibi manifesta est fortitudo bouis.* [5.] *Testis fidelis non mentitur, profert autem mendacium dolosus testis.*

Vt uir sit nauus et industrius et rem foris bene gerat, omnes labores illius erunt irriti atque prorsus inanes nisi domi uxor diligentia, fide atque parsimonia officio suo perfuncta fuerit. Si enim opes a uiro quaesitas mulier per socordiam imminui atque dissipari permiserit; si magis de uenustate et elegancia quam de rei familiaris custodia uigilanti cogitauerit; si faciem multis medicamentis infecerit et, quae uir summis laboribus quaesierit, per luxuriam effuderit: quae diuitiae tam ingentes esse poterunt, quae non intra breuissimum spatium temporis absumantur? Qui igitur rem suam stabilire cupit, non tam bene dotatam mulierem, quam sapientem in matrimonium ducat. Dotata enim, si iners et ignauia, aut petulans atque lasciuia fuerit, omnes opes quas secum tulit, et quas a marito partas offendit, euertet. At mulier sapiens, diligentia et sedulitate et egregia fide, non magnum patrimonium magnis accessionibus amplificat. Muliebrem uero sapientiam non multae litterae, sed multae puri amoris et meditationis et castimoniae laudes efficiunt.

Apponit deinde Sapiens signum quo intelligamus qui sint illi qui Deum metuunt et qui illius numen despiciunt. “Qui recte”, inquit, ambulat”, hoc est, qui iustitiam colit, qui ius humanae societatis non uiolat, qui legem Diuinam seruat, Deum metuit; qui uero rectam iustitiae uiam deserit et iura omnia conculcat Dei iudicia contemnit. Qualis igitur est cuiusque uita, talem de illius religione suspicionem recipimus.

“In ore”, inquit, “stulti inesse superbiae uirgam”. Hoc in loco per “uirgam” non est intelligendum insigne regium neque poenae illius instrumentum, neque enim est apud Hebraeos חטת, quod utrumque significat, sed חטת. Est autem plerumque [775] חטת non “uirga” ex arbore praecisa, sed insita cum spe fructus ex illa proferendi. Talis autem fructus exspectatur, qualis est ipsius surculi natura. At stultitia superbiae fructum effundere solet. Quid enim stultius esse potest quam hominem imbecillitatis humanae minime recordari? Quam uitae breuitatem non in memoriam redigere? Quam casus humanos tam multiplices, tam uarios, tam repentinos, non metuere? Quam mortem denique, quae semper instat, non cogitatione percipere? In tantis igitur miseriis, quantis est uita communis exposita, insolenter extolli non solum est extremae dementiae atque temeritatis argumentum, sed etiam summae impietatis indicium. Superbus enim Dei beneficia ad laudem suam reuocat et ita

CAPÍTULO XIV

1. *A mulher prudente edifica a sua casa, a insipiente destruirá ainda com as suas mãos a que está já feita.* 2. *Aquele que anda pelo caminho direito e que teme a Deus, é desprezado pelo outro que anda pelo caminho infame.* 3. *Na boca do insensato está a vara da soberba, mas os lábios dos sábios são os que os conservam.* 4. *Onde não há bois, despejada está a abegoaria; mas onde há muitíssimas searas, aí está manifesta a força do boi.* 5. *A testemunha fiel não mente, mas a testemunha dolosa profere a mentira.*

Ainda que o homem seja diligente e ativo e administre bem os seus negócios fora de casa, todos os seus trabalhos serão inúteis e totalmente em vão se em casa a sua esposa não cumprir as suas obrigações com desvelo, lealdade e espírito de poupança. É que, se a mulher, pela sua negligência, deixar que se diminuam e dissipem as riquezas adquiridas pelo marido; se se preocupar mais com a sua beleza e elegância do que com o cuidado zeloso pelo património familiar; se tingir o rosto com muitos cosméticos e, por amor ao luxo, gastar o que o marido adquirira com enorme trabalho: que riquezas haverá tão imensas que não se esgotem em brevíssimo prazo de tempo? Por conseguinte, quem deseja consolidar o seu património, case não tanto com uma mulher com dote, mas antes com uma sensata. É que a mulher com dote, se for indolente, preguiçosa ou presumida e sensual, acabará com todas as riquezas que trouxe consigo e com as que encontrou, adquiridas pelo marido. Ao passo que a mulher prudente, com a sua diligência, zelo e singular fidelidade faz aumentar com grandes acréscimos um património que não era grande. E o que causa a prudência feminina não são as muitas letras, mas o grande merecimento do puro amor, da ponderação e da castidade.

Em seguida o Sábio aponta um sinal que nos permita perceber quais são aqueles que temem a Deus e aqueles que desprezam a Sua majestade divina. Diz: “Aquele que anda pelo caminho direito”, isto é, teme a Deus quem respeita a justiça, quem não transgride as leis da sociedade humana, quem acata a lei divina, ao passo que despreza os juízos de Deus quem se desvia do direito caminho da justiça e calca aos pés todas as leis. Por conseguinte, conforme for a vida de cada um, assim podemos conjeturar acerca da sua religiosidade.

Diz que “na boca do insensato está a vara da soberba”. Neste passo, pela palavra “vara” não deve entender-se a insígnia do poder régio, nem o instrumento de punição, pois no texto hebraico não se encontra a palavra חטה, que significa ambas as coisas, mas חטר. Por outro lado, as mais das vezes [775] חטר não significa “vara” feita com madeira de uma árvore não cortada, mas enxertada, com esperança de produzir frutos dela. Ora, o fruto que se espera é em conformidade com a natureza do próprio garfo enxertado. E a insensatez costuma produzir fruto de soberba. De facto, que pode existir de mais insensato do que

opibus insolescit quasi ipse sibi omnia quae possidet insita uirtute comparasset. Itaque “os stulti”, hoc est, orationis temeritas, alit superbiam, nutrit insolentiam, germinat arrogantiam atque fructum impietatis ex se perpetuo fundit, et ita iram in se Diuinam concitat. Deus enim est superbis, quasi perennibus sui nominis hostibus, infensus illosque acerrimo iudicio peruertit. Oratio igitur stulti stulto perniciem infert, at oratio sapientum eorum salutem tuetur. Non enim furenter extolluntur, non inaniter efferuntur, non gloriam Diuinae benignitatis usurpant, non denique ex ore illorum uerbum aut petulans aut perniciosum umquam progreditur.

“Vbi”, inquit, “non sunt boues, praesepe uacuum est.” Docet hac sententia Sapiens in omni officio multis ministris opus esse, si uelimus munere nobis commisso cum laude perfungi. Vt enim, si multi boues terram minime proscindant et arent et subigant, tellus fruges multas efferre haud quaquam poterit, ita neque principes, si non multos ministros ad societatem sui muneris adsciuerint, non poterunt ullo modo suorum saluti prospicere. Nec enim imperator umquam solus, aut cum paucis, ex hostibus uictoriam reportabit; neque Rex paucorum consilio Republicam recte gubernabit, nec ministrorum paucorum uigilantia subditos in officio continebit. Contra uero, inquit “ubi plurimae segetes, ibi manifesta est bouis fortitudo.” – Vt enim inopia Reipublicae est indicium uel ignauiae uel auaritiae principis illius qui multis ministris uti noluit, ita opes publicae atque florens ciuitatis status indicat non paucos publicae salutis et incolumitatis ministros fuisse ad publica munera debitis industriae praemiis euocatos.

Quod autem sequitur apparet prudentia cuiusuis hominis mediocris indignum. Ait enim Sapiens “testem fidelem non mentiri, fallacem uero mendacia exhalare.” – Quid hoc est? Quis dubitat testem fidelem non mentiri, aut fallacem mendacia proferre? Vix fore uidetur ut ineptiarum suspicionem uitet qui similem sententiam protulerit. Verum, qui diligenter in mentem Salomonis inspexerit non minus illius sapientiam hoc in loco, quam in aliis, admirabitur. Praeceptum enim antecedens ad principum disciplinam pertinet, quos admonet ut intelligant multis ministris atque sociis [776] et adiutoribus opus esse ad regium munus laudabiliter administrandum. Hoc autem praeepto, quod continuo sequitur, admonet non esse sine delectu et examine quemquam in regis consilium adhibendum. Primam uero laudem, in eo qui Regi operam egregiam nauaturus est, fidem intelligit. Qui enim mendax est, fraudes et insidias perpetuo machinatur, numquam simpliciter et pure loquitur, omnes suas cogitationes ad insitam cupiditatem refert. Et, cum maxime erga principes fidem et Reipublicae caritatem simulat, tum uel maxime ingenium ad calliditatem et malitiam uersat. Est igitur tamquam hostis intestinus maiori industria a regum latere repellendus quam hostes externi a finibus patriae reprimendi. Ab hostibus enim externis ut nobis caueamus uiribus ostensis admonemur, hostes uero domestici prius omnia peruertunt quam fraus pestifera possit animaduerti.

o homem não se lembrar da fraqueza humana? Do que não guardar na memória a brevidade da existência? Do que não sentir receio das desgraças humanas, tão variadas, tão numerosas e tão repentinas? Do que, enfim, não ter noção da morte, que está sempre à espreita? Por conseguinte, no meio de tantas desventuras quantas aquelas a que está exposta a vida corrente, ensoberbecer-se é prova não só de rematada loucura e desatino, mas também indício da mais completa impiedade. É que o soberbo atribui a mérito seu os benefícios de Deus e assim ensoberbece-se com as riquezas como se tudo o que possui o tivesse adquirido para si graças à sua congénita virtude. E assim “a boca do insensato”, isto é, a irreflexão das palavras, alimenta a soberba, nutre a insolência, gera a arrogância e dá de si incessantemente o fruto da impiedade, e deste modo desperta contra si a ira divina. É que Deus é hostil aos soberbos, como a incessantes inimigos do Seu nome, e destrói-os com juízo mui severo. Por conseguinte, as palavras do insensato causam a perdição, ao passo que as dos sábios protegem a sua segurança. É que não se ensoberbecem loucamente, não se tornam sem fundamento altivos, não usurpam a glória da bondade divina nem, por derradeiro, sai alguma vez das suas bocas uma palavra petulante ou prejudicial.

Diz: *Onde não há bois, despejada está a abegoaria.* Com este provérbio o Sábio ensina que em cada ofício são necessários muitos servidores, se queremos desempenhar com louvor a função que nos foi incumbida. É que, da mesma maneira que, se muitos bois não lavrarem e ararem e revolverem a leiva, a terra de modo algum poderá produzir muitos frutos, assim tão-pouco os príncipes, se muitos servidores não se associarem para cumprirem a sua função, de modo algum poderão velar pela prosperidade dos seus. De facto, nunca um general sozinho, ou acompanhado de poucos, alcançará vitória sobre os inimigos, nem um rei governará bem o seu país aconselhado por poucos, nem obrigará os súbditos ao cumprimento dos seus deveres mediante a vigilância de poucos servidores. Pelo contrário, porém, diz que “onde há muitíssimas searas, aí está manifesta a força do boi”. – Na verdade, assim como a pobreza de um país é indício ou de indolência ou de avareza do seu governante que não quis servir-se de muitos funcionários, da mesma maneira as riquezas públicas e uma situação próspera da comunidade indicam que foram não poucos os servidores da segurança e salvação públicas, atraídos para as funções públicas pelas recompensas devidas ao seu desvelo.

Ora, o que vem a seguir, parece impróprio da prudência de qualquer homem mediano. De facto, diz o Sábio que “a testemunha fiel não mente, mas a testemunha dolosa profere a mentira”. – Que é isto? Quem tem dúvidas de que a testemunha fiel não mente ou de que a dolosa profere a mentira? Quem proferir semelhante frase parece que dificilmente há de evitar ser suspeitado de inepto. Mas, quem diligentemente procurar entender a intenção de Salomão, espantar-se-á da sua sabedoria, não menor nesta passagem do que nas outras. É que o preceito anterior diz respeito à instrução dos príncipes, aos quais aconselha

Sed dicet fortasse aliquis omnes mortales esse morbis infinitis obnoxios, quocirca multos esse in principum familiaritate tolerandos, quamuis sint aliquot flagitiis affines. Aliter enim nemo erit qui possit ad principum familiaritatem introduci. – Verum. Sed aliqua uitia neque sunt ita pestifera et praeterea sanari ratione et disciplina possunt. At mentiendi et fallendi consuetudo est malum aegre sanabile quod numquam fuit ullo remedio atque medicina depulsum, et alia quidem mala paucis nocent, hoc autem uniuersam Rempublicam funditus perdit. Hoc igitur ut admoneat Salomon, ait fore ut, “perinde atque homo uerax non mentitur, ita futurum ut testis fallax perpetuo mentiatur.” Est enim mentiendi libido in natura illius penitus insita. Hoc cum fuerit firmissime constitutum, quamuis homo uaffer et astutus ad principem accedat, summam dicendi rationem afferat, opes orationis mirabiles adhibeat, sese ad pedes abiiciat egregiamque probitatem simulet, numquam princeps sapiens illi, quam scit esse mendacem, fidem adiunget. Qui enim mendax est numquam de more decedet, sed eandem peruersitatem perpetuo retinebit.

Sensus igitur hic est: ut “praesepe uacuum est ubi boues non sunt”, sic Reipublicae princeps tenues opes habebit si non sibi multos adiutores atque ministros adsciuerit. Cauendum tamen est illi ne inter eos quos in societatem muneris aduocauerit, aliquis sit qui periurio numen sanctissimum uiolauisset. Qui enim peierat mendacia semper eructat.

[6.] *Quaerit derisor sapientiam et non inuenit; doctrina prudentium facilis.*
 [7.] *Vade contra uirum stultum, et nescit labia prudentiae* (hoc est: Remoue te a facie stulti, qui non nouit labia scientiae). [8.] *Sapientia callidi est intelligere uiam suam, et imprudentia stultorum errans* (hoc est: Stultitia autem stultorum est dolus). [9.] *Stultus illudet peccatum, et inter iustos morabitur gratia.* [10.] *Cor quod nouit amaritudinem animae suae, in gaudio eius non miscebitur extraneus.*
 [11.] *Domus impiorum [777] delebitur, tabernacula iustorum germinabunt.*

que entendam que, para desempenharem com louvor a função régia, são-lhe necessários muitos ministros, associados [776] e coadjutores. Por outro lado, com este preceito, que imediatamente se segue, aconselha que não se deve acolher qualquer pessoa no conselho régio sem prévia seleção e exame. E entende que a fidelidade é a primeira qualidade na pessoa que há de servir muito bem o rei. É que quem é falso, incessantemente trama embustes e ardis, nunca fala com singeleza e pureza e endereça todos seus pensamentos à satisfação da sua natural cobiça. E é sobretudo quando simula a fidelidade ao príncipe e o amor pela república, que mais do que nunca amolda a sua inteligência à arteirice e à malícia. Por conseguinte, como inimigo interno deve ser afastado do lado dos reis com maior empenho do que o posto em rechaçar os inimigos externos das fronteiras da pátria. É que, para nos acautelarmos contra os inimigos externos somos advertidos pelas tropas que vemos, ao passo que os inimigos domésticos tudo arruinam antes de podermos dar-nos conta do funesto engano.

Mas porventura dirá alguém que todos os mortais estão sujeitos a infinitas moléstias, pelo que cumpre que entre os íntimos dos príncipes se tolerem muitas pessoas, ainda que sejam culpadas de algumas infâmias. É que, caso contrário, não haverá ninguém que possa ter trato íntimo com os príncipes. – É certo. E alguns defeitos não são assim tão nocivos e além disso podem curar-se com a razão e os ensinamentos. O costume, porém, de mentir e enganar é um mal dificilmente curável, que nunca foi debelado por nenhum remédio ou mezinha, e sendo certo que os outros males são prejudiciais a poucas pessoas, este todavia leva à ruína total do Estado. Salomão, para nos avisar acerca disto, diz que, assim como “o homem veraz não há de mentir, da mesma maneira há de mentir sempre a testemunha dolosa.” É que o apetite de mentir está profundamente enraizado na sua índole. Uma vez isto firmemente estabelecido, mesmo que o homem matreiro e astuto se aproxime do príncipe, e apresente extraordinária capacidade dialética, e dê mostras dos mais elevados dotes oratórios, e se roje aos pés do soberano e simule uma probidade fora do comum, nunca o príncipe sábio dará crédito ao homem que sabe que é falso. É que quem é falso nunca há de perder essa pecha, mas conservará para sempre o mesmo vício.

Por consequência, o sentido é o seguinte: assim como *onde não há bois, despejada está a abegouaria*, da mesma maneira o governante da nação terá minúsculas riquezas se não chamar para junto de si muitos auxiliares e ministros. Todavia deve tomar cautelas para evitar que, entre aqueles que tiver chamado para o coadjuvarem na sua função, exista algum que tenha ultrajado por prejuízo a santíssima divindade, porquanto quem jura falso sempre revessa mentiras.

6. *O mofador busca a sabedoria, e não a acha; a doutrina dos prudentes é fácil.* 7. *Caminha ao contrário do homem insensato, pois não sabe as palavras da prudência.* [ou seja: “Vai-te de diante do homem insensato, que não conhece os lábios da ciência”] 8. *A sabedoria do homem sagaz é compreender bem o seu*

Derisorum genus est detestabile et odiosum, superbum et arrogans, et in summa dicacitatis et calliditatis opinione dementissimum; oculos uarie flectit; labia huc et illuc contorquet; risus captat; gestus agit; conuicia iactat; ingenium assumit et acuminis egregii laude gloriatur. Et tamen, quo sibi acutius esse uidetur, eo magis stultitia illius eminet. Quamuis enim se ad disciplinarum studia conferre uelit, nihil tamen progreditur, est enim illi falsae urbanitatis opinio impedimento quominus in disciplina proficiat, omnia siquidem quae traduntur, prae mente sua, ut inanitatis plena contemnit. At, qui intelligens est, hoc est autem qui modum seruat, qui superbiam execratur, qui magistris operam dat, qui denique est ad uirtutem docilis, facillime ad sapientiam peruenit.

“Tu igitur”, inquit Sapiens, “a stultis te remoue qui, uanissimis opinionibus inflati, aures praeberere noluerunt illis quorum disciplinis instrui ad sapientiam potuissent.” Qui enim sapientiam oderunt, flagitia consectantur et periculosi et infesti sunt omnibus qui se ad illos adiungunt. Et, quo magis leues homines sibi sapientiam arrogant, eo magis capitales habendi sunt. “At uide”, inquit, “quid inter sapientem et stultum, qui se sapientem existimat, interest. Sapiens enim in eo summam operam et studium ponit, ut se ipsum scrutetur et inspiciat.” Sic enim clarissime cernit quid sibi sit commune cum beluis, quid a Diuina mente delibatum, ut alteram sui partem rationis imperio comprimat, alteram muneribus Diuinis exornandam curet. At stultus, dum sapiens in hoc tam praeclaro studio occupatus est, toto pectore in insidias comparandas incumbit. Summa namque sapientia, ad quam stultus adspirat, est fraudis pestiferae machination, illum enim, qui summo studio struere fraudem et hominem insidiis circumuenire nouit, admiratur, et ad illius sapientiam nihil accedere posse credit.

At uide qua in re stulti dolus, plerumque sine solido tamen fructu, uersetur. Naturae quidem uis cogit omnes homines, quamuis sint impurissimi et scelestissimi, opinionem iustitiae atque uirtutis aucupari. Itaque boni insitae probitatis fama gaudent, mali uero, ut eam fraudibus assequantur, elaborant. Iccirco dicit Sapiens stultos, hoc est, improbos, crimen eludere. Subterfugere namque, uel dicendi artificio, uel falso testimonio, scelerum et flagitiorum infamiam conantur, cum iustos interim nulla uexet huiusmodi sollicitudo. Diuina namque gratia suffulti uirtutis uerissimae fructum colligunt, et iccirco gloria solida perfruuntur. At insipientes, cum uirtutem simulare diu nequeant, assidua cura et sollicitudine conficiuntur.

caminho, e a imprudência dos insensatos é errante. [isto é: “mas a estultícia dos insensatos é engano”] 9. *O insensato zombará com o pecado e entre os justos morará a graça.* 10. *Quanto o coração conhece bem a amargura da sua alma, não se misturará o estranho na sua alegria.* 11. *A casa dos ímpios [777] será destruída, mas as tendas dos justos florescerão.*

A raça dos mofadores é detestável e odiosa, soberba e arrogante e completamente vesânica na opinião em que se tem de mordaz e astuta; olha em várias direções; contorce os lábios para aqui e para ali; procura excitar o riso; gesticula; lança baldões; atribui-se inteligência e jacta-se de uma penetração intelectual fora do comum. E todavia, quanto mais se julga subtil, tanto mais faz avultar a sua insensatez. É que, embora ele queira consagrar-se ao estudo das ciências, todavia nada avança, porquanto a falsa opinião de espirituoso impede-o de progredir na aprendizagem, visto que despreza como totalmente vãos, em comparação com as suas capacidades intelectuais, os ensinamentos que lhe são transmitidos. Ao passo que mui facilmente chega à sabedoria o sensato, ou seja, o que conserva o comedimento, o que abomina a soberba, o que se entrega ao ensino dos mestres e o que, enfim, está disposto para a virtude.

“Por conseguinte, tu”, diz o Sábio, “afasta-te dos insensatos que, ensoberbecidos com opiniões totalmente vãs, não quiseram prestar ouvidos àqueles mediante cujos ensinamentos teriam podido instruir-se na sabedoria.” É que aqueles odeiam a sabedoria, vão empós dos pecados e são perigosos e hostis a todos os homens que a estes se associam. E, quanto mais os homens inconstantes se arrogam a sabedoria, tanto mais devem ser tidos na conta de perniciosos. “Mas vê”, continua o Sábio, “qual a diferença que existe entre o sábio e o insensato que se julga sábio. É que o sábio põe todo o desvelo e esforço em esquadriñar-se e examinar-se a si mesmo.” De facto, deste modo com toda a clareza há de enxergar o que é que tem em comum com os animais selvagens, e o que foi tomado do entendimento de Deus, a fim de sujeitar aquela parte ao senhorio da razão, e de se ocupar em ornamentar a segunda com os dons divinos. Ao passo que o insensato, enquanto o sábio se ocupa com este tão nobre empenho, entrega-se com todo o ânimo a tramar ardis. É que a mais elevada sabedoria, a que aspira o insensato, é maquinar o funesto engano, pois admira o homem que com enorme desvelo urde o embuste e que sabe enganar com ardis o próximo, e crê que nada pode acrescentar-se à sua sabedoria.

Mas repare-se em que é que consiste o dolo do insensato, as mais das vezes sem fruto. O instinto da natureza obriga todos os homens, mesmo que sejam os mais impuros e pecadores, a procurarem ser tidos na conta de justos e virtuosos. E assim os bons gozam da fama da sua natural honestidade, ao passo que os ruins se esforçam por obtê-la mediante enganos. Por isso diz o Sábio que os insensatos, isto é, os desonestos escarnekem do pecado. Na verdade, esforçam-se por evitar a desonra que resulta dos crimes e indignidades, quer através de artifícios

Quid igitur? Sapiens dolorem nullum sentiet? Numquam curis ullis afflictabitur? Nulla umquam res illum sollicitabit? – Sollicitabit certe. Flagitiorum namque quae in se admiserat recordatio illum uehementer anget, et praeterea uehementer [778] erit sollicitus ne rursus in Dei offensionem aliquo modo prolabatur. Attamen, cum doloris sui acerbitatem sentiat, medicinam assequetur, et ita, loco maeroris, uoluptatem insignem percipiet, quam nulla externa aegritudo contaminabit. Quid enim iucundius esse poterit homini, Diuina benignitate e flagitiorum tenebris emerso, quam Diuinam repente lucem respicere et opibus sempiternis affluere? At impii, falsa uoluptate deleniti, ueris cruciatibus torquebuntur atque tandem funditus interibunt. Opes enim eorum euertentur, memoria conticescet, mors tandem omnia populabitur, ita ut nihil florenti statui reliquum fiat, praeter dirissimae uastitatis exemplum. Contra uero, domus iustorum germinabit, numquam enim mors in illos inuadet qui sub praesidio numinis Duini perpetuo delitescunt, immo, cum imperitis morte deleti uidebuntur, tum uel maxime in sempiterna gloria uigebunt exemploque suo sobolem florentissimam ad hereditatis sempiternae patrimonium propagabunt.

[12.] *Est uia quae uidetur homini iusta, nouissima autem eius deducunt ad mortem.* [13.] *Risus dolore miscebitur, et extrema gaudii luctus occupat.* [14.] *Viis suis replebitur stultus, et super eum erit uir bonus.* [15.] *Innocens (hoc est, simplex) credit omni uerbo; stultus considerat gressus suos.* [16.] *Sapiens timet, et declinat a malo; stultus transilit et confidit.* [17.] *Impatiens operabitur stultitiam, et uir uersutus odiosus est.* [18.] *Possidebunt paruuli stultitiam, et exspectabunt astuti scientiam.* [19.] *Iacebunt mali ante bonos, et impii ante portas iustorum.*

Nemo est in uita qui uelit a bene beateque uiuendi uia deduci. Sed insita in natura cupiditas atque libido et corrupti mores institutaque uitae ratio a studio uerissimae dignitatis auersa sic excaecat mentem ut, quo maius ingenium est, eo furentius in perniciem ruat. Hic est autem falsae sapientiae fructus, ut audaces et confidentes et arrogantes et infestos efficiat, ut homines, felicitatis specie decepti, praecipites in summam miseriam detrudantur. Porro autem, in uita nihil est fixum et stabile, nullum commodum a calamitatibus immune. Risum lacrimae consequuntur et gaudium dolore concluditur. Quid igitur erit de futura uita dicendum? “Quilibet tunc ita metet, quemadmodum hic sementem fecit.” Improbis enim sceleris et improbitatis fructum percipiet, ut poenis sempiternis excruciat, malis exsaturetur; bonus uero tunc bonis sempiternis egrege cumulabitur.

de linguagem, quer mediante falso testemunho, sendo certo que entretanto este cuidado de modo algum inquieta os justos. De facto, apoiados pela graça divina, colhem o fruto da mais verdadeira virtude, e por essa razão desfrutam de uma glória inabalável. Mas os ignorantes, como não podem simular a virtude durante muito tempo, são atribulados por incessantes cuidados e inquietações.

Pois quê? O sábio não sentirá dor alguma? Nunca será atormentado por nenhuns cuidados? Jamais coisa alguma o inquietará? – Decerto que o inquietará. De facto, a lembrança das infâmias de que foi culpado há de fortemente angustiá-lo, e além disso sentir-se-á fortemente [778] preocupado com o risco de, por alguma forma, ofender de novo a Deus. Todavia, uma vez que sente a pungente dor do seu arrependimento, há de conseguir o remédio, e assim, em vez da melancolia, há de sentir um extraordinário prazer, que nenhum dissabor externo há de contaminar. De facto, que poderá existir de mais alegre para o homem, por divina bondade arrancado das trevas do pecado, do que de repente contemplar a luz divina e possuir em abundância as riquezas eternas? Os ímpios, porém, seduzidos pelo falso prazer, serão atormentados por suplícios e ao cabo totalmente perecerão. É que as riquezas deles serão destruídas, a sua lembrança apagar-se-á e por derradeiro a morte tudo aniquilará, de tal maneira que nada reste de uma condição florescente, senão o exemplo de uma mui terrível ruína. Inversamente, a casa dos justos prosperará, pois a morte nunca atacará aqueles que sempre se abrigam sob a proteção da divindade, e até, quando aos ignorantes parecer que foram destruídos pela morte, então mais do que nunca florescerão na glória sempiterna e com o seu exemplo legarão uma florentíssima linhagem ao património da herança eterna.

12. *Há um caminho que parece direito ao homem e no cabo ele guia para a morte.* 13. *O riso será misturado com a dor, e aos fins do gosto sucede a tristeza.* 14. *O insensato será farto dos seus caminhos e o homem virtuoso ficará superior a ele.* 15. *O inocente [isto é: “o homem simples”] dá crédito a tudo o que se lhe diz; o sagaz considera os seus passos.* 16. *O sábio teme e desvia-se do mal; o insensato passa adiante e dá-se por seguro.* 17. *O impaciente fará ações de loucura, e o homem dissimulado é odioso.* 18. *Os imprudentes possuirão a loucura, e os sagazes esperarão a ciência.* 19. *Estarão deitados por terra os maus diante dos bons, e os ímpios diante das portas dos justos.*

Não existe ninguém neste mundo que queira ser desviado do caminho da vida boa e venturosa. Mas a cobiça e sensualidade enraizadas na natureza humana, os costumes depravados e um teor de vida desviado do zelo da verdadeira dignidade por tal modo cegam o entendimento que, quanto maior é a inteligência, tanto mais desatinadamente se precipita na perdição. Ora, o fruto da falsa sabedoria é fazer que os homens atrevidos, confiantes, arrogantes e perniciosos sejam levados, como criaturas iludidas pela aparência da felicidade, a arrojarem-se na mais

Cum uero multae sint erroris et amentiae uiae, tum nulla uulgatior est ea quae in credulitate consistit. Princeps enim et inconsiderata multitudo, ficta specie uirtutis atque pietatis illecta, duces perditissimos facillime consecatur et illis obtemperat, [779] qui sunt eis causam dirissimae calamitatis allaturi. Haec stultitia tyrannos praesidio, ad ciuium perniciem circumsaepsit. Haec errorum principes innumerabili multitudine constipauit. Haec populos innumerabiles a uia salutis abstractos in pestem atque perniciem sempiternam praecipites eiecit. Quocirca nihil interdum uidetur esse incredulitate atque diffidentia salutaris. “Nolite”, inquit uir ille Diuinus, “omni spiritui credere, sed probate spiritus utrum ex Deo sint”⁶⁶. Nihil est enim periculosius praepropera iudicandi et sine examine comprobandi ratione. Prius enim multi laqueos induunt quam se captos esse considerent. Homo igitur cautus assensionem sustinet et diu deliberat antequam fidem adiungat. Sic autem fit ut firme uestigium ponat gressusque suos recta dirigat. Timet enim ne offendat ne labatur et concidat et ita numquam, nisi explorato, iter ullum suscipit, ut statim sequitur.

Adiungitur enim: “Sapiens timet et declinat a malo; at stultus transgreditur atque confidit.” Sapientiae munus est praeterita recordari, futura prospicere, instantia praecauere, pestifera summa contentione fugere, bona acerrimo studio consecrari et postremo nihil umquam gerere priusquam id, quod aggreditur, examinet an tale sit quod firmam spem uerissimae salutis ostendat. At stultus nihil horum cogitat, nihil timet, nihil expendit, sed quocumque illum libido immanis impellit, eo se proiicit et in omne facinus cum summa impudentia et audacia prorumpit. Cum uero duae sint conflandi scelesti facinoris rationes, utriusque discrimen Sapiens apponit. Alteram enim iracundus rabide suscipit cum per uim in eum, quem perdere uult, furenter inuadit. Alteram homo ueterator et callidus per artificium machinatur, cum dolum comparat ut eum, quem odit, imperatum opprimat. Et ille quidem stultitiam suam indicat cum nocendi uoluntatem ante tempus aperit, hic uero malitiam suam patrato facinore demonstrat. Illius igitur amentiam omnes facillime contemnunt, huius autem improbitatem oderunt et exsecrantur. Omnes tamen qui, uel per uim, uel per fraudem, iniuriam inferunt, non solum erunt in hac uuita flagitiorum maculis, quae deleri numquam poterunt, inusti, sed, quod longe grauius est, seuerissima sanctissimi iudicis sententia ad aeterna supplicia condemnati. Vt statim sequitur.

⁶⁶ Vd. Vulgata, *1 Io.* 4, 1.

completa desgraça. Ora, por outro lado, na vida nada existe de fixo e estável, nenhuma comodidade que seja imune às desgraças. Ao riso seguem-se as lágrimas e o prazer acaba em dor. Por conseguinte, que cumprirá dizer-se acerca da vida futura? “Como semeares, assim colherás.”¹² De facto, o desonesto colherá o fruto do crime e da falta de probidade, por forma a, atormentado por castigos eternos, ficar saciado de males, ao passo que o bom será então singularmente cumulado com os bens sempiternos.

E, sendo certo que são muitos os caminhos do erro e do desatino, todavia nenhum é mais usual do que o que se funda na credulidade. É que a soberana e irrefletida multidão, seduzida por uma falsa aparência de virtude e piedade, mui facilmente segue chefes perversíssimos e lhes obedece, [779] os quais lhes ocasionarão terríveis desgraças. Esta demência rodeou os tiranos de proteção, para perdição dos cidadãos. Foi ela quem ajuntou os mestres dos erros em inumerável multidão. Foi ela quem precipitou em ruína e perdição sempiternas inumeráveis povos, arrancados do caminho da salvação. Motivo pelo qual por vezes parece que nada existe de mais salutar do que a incredulidade e a desconfiança. “Não creiais a todo o espírito, mas provai se os espíritos são de Deus”, [1 Jo 4. 1.] como disse aquele grande varão de Deus. É que nada existe de mais perigoso do que um juízo precipitado e uma aprovação sem exame. De facto, muitos caem nas ciladas antes de se darem conta de que foram apanhados. Por conseguinte, o homem precavido adia o seu assentimento e delibera durante muito tempo antes de se comprometer. Ora, deste modo ocorre que dá passadas firmes e avança a direito. É que tem receio de topar em algum obstáculo, de sucumbir e cair, e assim nunca empreende caminho algum, senão depois de explorado: tal como imediatamente a seguir se diz.

Com efeito, escreve: “O sábio teme e desvia-se do mal; o insensato passa adiante e dá-se por seguro”. A função da sabedoria é ver antecipadamente o futuro, precaver o presente e com o máximo empenho fugir do pernicioso, com entranhado desvelo ir atrás do bem e, por derradeiro, jamais fazer seja o que for sem antes examinar se o que empreende tem condições tais que mostre sólida esperança de verdadeira prosperidade. Ao passo que o insensato não pensa em nada disto, de nada se arreceia, nada pondera, mas, para onde quer que a desatada paixão o impele, para aí se lança e com a maior das impudências e atrevimentos se abalança a toda a sorte de malfetorias. E uma vez que são dois os modos de urdir ações criminosas, o Sábio mostra a diferença entre ambos. É que o asomadiço põe em prática o primeiro deles quando desatinadamente ataca pela força aquele a quem quer destruir. O segundo destes modos é o que, através de manha, utiliza o homem astuto e matreiro, quando apronta o engano por forma a colher despercebido aquele a quem odeia. E aquele primeiro dá a conhecer a

¹² Cf. Cícero, *De oratore* 2. 65.

Futurum enim ait ut “stulti, stultitiae hereditatem obtineant, sapientes uero”, quos sollertes et industrios appellat, “coronam scientiae consequantur”. – Quae autem alia est stultitiae hereditas quam sempiternae miseriae magnitudo? Quae uero scientiae uerissimae corona quam summa beatitudinis, atque sempiterni decoris, amplitudo? Vt autem hoc magis explicet, iudicium Diuinum proponit, quo mali sunt ad supplicia tradendi, boni uero ad uitam aeternam Diuinitus euocandi. Sic enim ait: “Abiicient se mali ante bonos, et impii ante portas iusti.” – Hoc est autem quod ait: cum improbi in splendorem, in decus et pulchritudinem in Regiam [780] maiestatem bonorum inspexerint, obstupefacti concident, horrore nimio perfusi contremiscent, supplices erunt sine fructu illis quos in uita despexerant, dolore et inuidia confecti, lugubres uoces edent et ad portam iusti, hoc est, ad aditum summi iudicis (non enim illis propius accedere licebit) eiulabunt.

[20.] *Etiam proximo suo pauper odiosus est, amici uero diuitum multi.* [21.] *Qui despicit proximum suum peccat; qui autem miseretur pauperis beatus erit.* [22.] *Errant qui operantur malum; misericordia et ueritas praeparant bona.* [23.] *In omni opere abundantia est; ubi autem uerba sunt plurima, ibi frequenter egestas.* [24.] *Corona sapientum diuitiae eorum; fatuitas stultorum imprudentia.* [25.] *Liberat animas testis fidelis, et profert mendacia uersipellis* (hoc est: Dolosus autem mendaciis illaqueat).

Quam rarum sit uerae atque simplicis amicitiae studium ex eo plane deprehenditur quod uix quisquam reperitur qui sese ad amicitiam hominis inopis applicare uelit. Quod quidem firmum argumentum est omnes ferme in amicitias conciliandis non amicorum bona, sed suam utilitatem sequi. Aliter enim numquam diuitem flagitiosum pauperi uirtutibus ornato praeponerent. Quantum uero flagitium sit pauperem, propter inopiam, despiciere docet, dum ait eum qui proximum contemnit nefario crimine alligari, illum autem qui misericordiam tribuit inopi, omni crimine liberari et ea benignitate uiam ad uitam beatam atque sempiternam moliri. Amentes sunt igitur omnes qui, neglecto benignitatis studio, alias uitae beatae uias, summa cura et sollicitudine, ineundas suscipiunt. Longissime namque a fine proposito aberrant et, erroribus impliciti, dum, ut beati sint, modis omnibus enituntur, artissimis extremae miseriae uinculis alligantur.

sua insensatez quando antes do tempo revela a vontade de fazer mal, ao passo que este último mostra a sua perversidade depois de o crime perpetrado. Por consequência, todos sem qualquer hesitação desprezam a demência do primeiro, ao passo que odeiam e abominam a desonestidade do segundo. Todavia, todos os que, quer pela força, quer através de enganos, cometem injustiças, não só serão durante esta vida manchados com as nódoas das infâmias, que jamais poderão ser apagadas, mas, algo que de longe é muito mais grave, serão condenados aos suplícios eternos por severíssima sentença do mais santo dos juízes. Tal como imediatamente a seguir se diz.

De facto, diz que “os imprudentes hão de obter a herança da imprudência, ao passo que os sábios”, aos quais chama sagazes e industriosos, alcançarão a coroa da ciência”. – Ora, que outra cousa é a herança da imprudência senão a imensidão da desgraça sempiterna? E que é a coroa da mais verdadeira ciência senão a inexcedível grandeza da bem-aventurança e da honra sempiterna? Por outro lado, a fim de explicar isto melhor, põe-nos por diante o Juízo divino, em resultado do qual os maus devem ser arrojados nos tormentos, e os bons chamados por Deus para a vida eterna. Com efeito, diz o seguinte: “Os maus inclinam-se diante dos bons, e os ímpios diante das portas dos justos”. – Ora, o que ele diz é o seguinte: quando os desonestos contemplarem o esplendor, a honra e beleza e a régia [780] majestade dos bons, varados de espanto cairão por terra, tomados de imenso terror tremerão, prostrar-se-ão debalde em atitude suplicante diante daqueles que desprezaram durante a vida, atribulados pela dor e a inveja, soltarão palavras tristes e lamentar-se-ão diante da porta do justo, isto é, diante da entrada (pois não lhes era permitido irem mais além) do Juiz Supremo.

20. O pobre será odioso até ao seu parente mais chegado, porém os amigos dos ricos serão muitos. 21. Aquele que despreza ao seu próximo, peca; mas o que se compadece do pobre, será bem-aventurado. 22. Os que obram mal, pecam; a misericórdia e a verdade são as que nos adquirem os bens. 23. Em todo o trabalho haverá abundância; mas onde há muitíssimas palavras, aí frequentemente se acha a indigência. 24. As riquezas dos sábios são a sua coroa; a fatuidade dos insensatos é imprudência. 25. A testemunha fiel livra as almas, a que porém é dobre profere mentiras. [isto é: “ao passo que o enganador seduz com mentiras”]

Quão rara seja a verdadeira e genuína amizade é algo que claramente se conclui do facto de que dificilmente se encontra alguém que se queira entregar à amizade com um homem pobre. Algo que é sólida prova de que quase todos no granjear amizades não vão empós do bem dos seus amigos, mas do seu proveito. É que, caso contrário, nunca anteporiam um rico pecador a um pobre ornado de virtudes. E ensina quão grande infâmia é desprezar o pobre por causa da pobreza, quando diz que quem despreza o próximo, se torna culpado de um

“Errant”, inquit, “qui machinantur malum.” Ideo namque aliis insidias intendunt ut sibi bonum aliquod ex aliorum pernicie comparent: at illi sibi ipsis taeterrimam pestem moliuntur. Longe uero secus euenit illis qui misericordes atque benigni sunt, dum enim aliis benigne prospiciunt, sibi ipsis opes accumulunt. Ne uero quisquam arbitretur otio et negligentia bonum aliquod comparari, diligentiae rursus studium commendat. Vt enim neque imperator uictoriam desidiam atque sopore consequitur, neque agricola desidendo fruges exarat, neque mercator, per socordiam et ignauiam, pecuniam coaceruat, ita neque illi qui ueras diuitias expetunt sine labore et industria uoti compotes esse poterunt. Non enim est uirtutis fructus in uerborum ostentatione, sed in studio et exercitatione ponendus. Qui enim laborem gloriosum acerrima contentione suscipiunt, uirtutis opes immensas exaggerabunt. [781] At, qui de uirtute totos dies edisserunt nullumque opus uera uirtute dignum moliuntur, inopes semper erunt.

Laudat deinde diuitias sapientum, quibus cum gloriae sempiternae laudibus excoluntur. Ait enim “coronam sapientum esse diuitias eorum.” Non aurum, non argentum nominat, non gemmarum ullam mentionem infert. Non enim eae sapientum diuitiae sunt; sed uirtutis splendor et dignitas, sed iustitiae claritas et mentis altitudo, sed religionis sanctitas atque benignitas et uirtutes reliquae quibus animus humanus ad quamdam similitudinem Diuinitatis adspirat. Qui autem his tantis opibus expletus est, satis ostendit se non fuisse languori atque desidiae deditum, sed summo studio et contentione, ut eum statum assequeretur, elaborasse, iccirco fuisse hanc tam insignem coronam a Dei benignitate consecutum. Stultitiam porro nihil aliud ex uerborum multitudine et inani loquacitate quam stultitiae ipsius ostentationem adeptam. Itaque, ut sapientia semper operibus clarissimis sui significationem dat, ita et stultitia, ex uerborum inanitate, quam sit inanis ostendit.

Quam salutaris ueritas sit et quantam uitae pestem inferat mendacium docet, cum ait uero testimonio innocentes e periculis expediri, falso autem necem innocentibus inferri ut intelligi possit nihil esse neque ueritate salutaris neque calumnia atque mendacio pestilentius. Ait deinde:

crime sacrílego, ao passo que quem se mostra misericordioso com o indigente, fica livre de todo o pecado e graças a esta bondade constrói o caminho para a vida bem-aventurada e eterna. São por conseguinte loucos todos os que, pondo de parte o zelo do bem-fazer, empreendem, com enorme inquietação e cuidado, tomar outros caminhos para a vida venturosa. De facto, desviam-se para muitíssimo longe da meta que se propuseram e, enleados em erros, ao tempo em que, por todos os modos envidam esforços para serem bem-aventurados, com os mais apertados grilhões ficam presos à mais completa desventura.

“Os que maquinam o mal, pecam”, diz o Sábio. De facto, tramam ardis contra os outros a fim de obterem da perdição dos outros algum bem para si: mas aparelham contra si mesmos a mais terrível perdição. E sucede totalmente ao invés com aqueles que são misericordiosos e benfazejos, pois ao serem compassivos com os outros, estão a acumular riquezas para si mesmos. E para que ninguém cuide que algum bem se alcança através do ócio e da incúria, recomenda de novo o amor pela diligência. É que, assim como o general não consegue a vitória com a inércia e a indolência, nem o agricultor faz a terra produzir permanecendo inativo, nem o mercador amontoa dinheiro mediante a apatia e a preguiça, assim tão-pouco poderão satisfazer sem trabalho e perseverança o seu desejo aqueles que vivamente anelam as verdadeiras riquezas. De facto, o fruto da virtude não deve colocar-se na ostentação de palavras, mas no desvelo e no exercício. É que, os que empreendem um trabalho glorioso com o mais vigoroso empenho, acumularão imensas riquezas de virtude. [781] Mas aqueles que dissertam o dia inteiro acerca da virtude e não levam a cabo nenhuma obra digna da verdadeira virtude, serão sempre pobres.

Louva em seguida os tesouros dos sábios, mediante os quais são ornamentados com os louvores da sempiterna glória. De facto, diz: “as riquezas dos sábios são a sua coroa”. Não nomeia o ouro ou a prata, não menciona nenhuma das pedras preciosas. É que não são estas as riquezas dos sábios; são-no sim o esplendor e dignidade da virtude, a nobreza da justiça e a elevação de espírito, a santidade e bondade do sentimento religioso e as demais virtudes com as quais o espírito humano aspira a uma espécie de semelhança com a divindade. Por outro lado, quem se encontra cogulado com tão grandes riquezas mostra de sobejo que não se entregou à languidez e à preguiça, mas que trabalhou com o máximo desvelo e esforço para alcançar essa condição e por isso conseguiu da bondade de Deus esta coroa tão insigne. Além disso, a insensatez não obtém da grande cópia de palavras e da tagarelice outra coisa que não seja a ostentação da sua mesma insensatez. E assim, da mesma maneira que a sabedoria sempre dá mostras de si através de obras muito ilustres, assim também a insensatez revela, através do vazio das palavras, o quanto é fátua.

Ensina o quanto a verdade é salutar e como é grande a ruína que a mentira causa, ao dizer que o testemunho verdadeiro livra dos perigos os inocentes, ao passo que o falso lhes infere a morte, para que se possa entender que nada existe

[26.] *In timore Domini fiducia fortitudinis, et filiis eius erit spes.* [27.] *Timor Domini fons uitae, ut declinet a ruina mortis.* [28.] *In multitudine populi dignitas regis, et in paucitate plebis ignominia principis* (hoc est: Vbi populus deest, pauet animus principis). [29.] *Qui patiens est multa gubernatur prudentia; qui autem impatiens est exaltat stultitiam suam.* [30.] *Vita carniū* (hoc est, corporis) *sanitas cordis; putredo ossium inuidia.* [31.] *Qui calumniatur egentem exprobat factori eius, honorat autem eum qui miseretur pauperis.* [32.] *In malitia sua expelletur impius, sperat autem iustus in morte sua.* [33.] *In corde prudentis requiescit sapientia, et indoctos quosque erudiet* (siue: Et inter stultos eminebit). [34.] *Iustitia eleuat gentem; miseros autem facit populos peccatum.* [35.] *Acceptus est regi minister intelligens; iracundiam eius inutilis sustinebit* (uel sic: Iram autem illius excitat, qui subit ignominiam).

Multa sunt in uita hominibus ualde metuenda quae non possunt, propter imbecillitatem naturae, facile propulsari. Sunt enim innumerabiles morbi, sunt fraudes et insidiae, quas partim odium suscitāt, partim inuidia comparat, partim cupiditas atque malitia machinatur. Nulla est hora [782] periculo uacua, ita ut animus humanus semper anxius atque sollicitus sit usque adeo ut ne somnus quidem illi sit metu solutus, uisa enim in somnis obiiciuntur quae illum nimio terrore conturbant et de mentis statu deiiciunt. Ad haec omnia pericula contemnenda unicum nobis remedium Salomon paratum esse demonstrat, quod est in timore Domini constitutum. Qui enim Deum timet a uitiiis omnibus abstinet et iustitiam amplectatur et ita in Dei fidem atque patrociniū recipitur. Qui autem in Dei praesidio latet, cuius uim poterit umquam metuere? Itaque non solum uir pius poterit sibi securitatem ab omnibus rebus aduersis polliceri, sed omnes illius filii, qui patris uestigiis institerint, eodem praesidio tecti permanebunt. Recte igitur timor Domini “uitae fons” ab eodem Sapiente nominatur, mors enim locum non habet in iis qui sunt ad Deum semper adiuncti.

Praeceptum uero quod sequitur explanat illud quod ante dixerat, nempe, “praesepe uacuum esse, ubi boues non sunt.” Ait enim in hominum multitudine esse regis maiestatem et amplitudinem constitutam. Nam, quomodo bellum geret, si non fuerit magno exercitu constipatus? Quomodo magnificentia retinebit sine ministrorum frequentia et celebritate? Vectigalia qua ratione tractabit sine multorum hominum fide et sedulitate? Iura quo pacto populis administrabit, sine multis magistratibus? Consilia uero quomodo capiet, si non multos homines uirtute praecellentes ad societatem tam praeclari muneris adsciuerit? At multitudinem ad studium sui nominis applicare non poterit nisi eam sibi uirtutis admiratione et humanitatis atque facilitatis laude atque iuris aequabilitate deuinxerit. Duplici igitur ratione hominum praesidio nudatus apparebit: una, si admodum paucis imperauerit; altera, si multos animo a se nimis alieno coercere uoluerit. Vtroque autem modo erit imbecillus et ad omnes belli rumusculos animo nimis anxio

nem de mais salutar do que a verdade nem de mais nocivo do que a calúnia e a mentira. Diz em seguida:

26. *No temor do Senhor há confiança cheia de fortaleza, e seus filhos terão esperança.* 27. *O temor do Senhor é uma fonte de vida, para que se desviem da ruína da morte.* 28. *Na multidão do povo está a dignidade do rei; e na pouquidade da plebe a ignomínia do príncipe.* [ou seja: “Onde falta o povo, o príncipe sente medo”] 29. *O que é paciente governa-se com muita prudência; o que porém é impaciente assinala a sua loucura.* 30. *A saúde do coração é a vida da carne* [isto é: “do corpo”]; *a inveja é a podridão dos ossos.* 31. *O que calunia ao necessitado, insulta ao que o criou; mas honra-o aquele que se compadece do pobre.* 32. *O ímpio será expelido na sua malícia, mas o justo espera na sua morte.* 33. *A sabedoria descansa no coração do prudente, e ele instruirá todos os ignorantes.* [ou: “e elevar-se-á entre os insensatos”] 34. *A justiça exalta as nações, mas o pecado faz miseráveis os povos.* 35. *O ministro inteligente é aceito ao rei, o inútil sentirá a sua ira.* [ou assim: “mas desperta a sua ira quem incorre em ignomínia”]

Existem na vida muitas coisas assaz temíveis para os homens que, devido à fraqueza da natureza, não podem facilmente afastar-se. É que existem inúmeras doenças e são sem conta os embustes e ardis que, em parte, o ódio ocasiona, em parte, a inveja aparelha e, em parte, a cobiça e a malícia maquinam. Não há hora [782] alguma isenta de perigo, de tal maneira que o espírito humano sempre se encontra ansioso e inquieto a tal ponto que nem sequer o sono está para ele livre do medo, porquanto nos sonhos aparecem-lhes visões que o aterrorizam assaz e o fazem perder a serenidade. Salomão mostra que para dar de mão a estes perigos foi-nos oferecido um único remédio, o qual consiste no temor do Senhor. É que quem teme a Deus abstém-se de todos os defeitos e abraça a justiça e assim é acolhido sob a proteção e patrocínio de Deus. Ora, quem se coloca sob a proteção de Deus, poderá jamais recear os ataques de alguém? E assim não só o varão piedoso poderá prometer-se a si mesmo a segurança em relação a todas as adversidades, mas todos os seus filhos, que seguirem as pisadas do pai, permanecerão resguardados pela mesma proteção. Por conseguinte, é acertadamente que o mesmo Sábio designa o temor do Senhor como “fonte de vida”, pois não cabe lugar para a morte naqueles que estão sempre unidos a Deus.

Ora, o preceito que se segue explica aquilo que anteriormente dissera: a saber, “onde não há bois, despejada está a abegoaria”. É que diz que no grande número de gente se funda a majestade e grandeza do rei. De facto, como fará guerra, se não estiver rodeado de um grande exército? Como manterá a grandiosidade, sem a afluência e grande número de ministros e servidores? Como se ocupará das rendas públicas, sem a lealdade e zelo de muitos homens? De que maneira aplicará as leis, sem inúmeros magistrados? E como se aconselhará, se para tão elevada função não se associar a muitos varões de avantajada virtude? Mas não

trepidabit. Ex quo sequitur ut neque princeps, qui publicam salutem negligit, neque tyrannus, qui subditos iniuriis onerare minime desistit, assiduo angore et cruciatu liberari possit. Vterque enim est iustis copiis ad salutis atque uitae praesidium destitutus.

Iracundia porro quam sit rectae rationi contraria uerbis explicari non potest. Furor enim est turbulentos motus in animo concitans, nullum locum consilio relinquens, omnes animorum partes exagitans, ita ut qui iracundia commouetur nihil omnino ab homine, totius mentis experte atque furioso, distet. Vnde colligitur non esse mediocris prudentiae iracundiam refrenare.

Sequens autem sententia docet animi uel sanitatem uel angorem in corporis etiam statum saepenumero redundare. Nam, dum animus tranquillus est et statum suum facile tuetur, corporis etiam sanitas nulla sollicitudine uiolatur. At, cum animus tristibus curis opprimitur, corpus etiam afflicturn, usque adeo ut interdum uitae discrimen adeat. Cum uero multis animi motibus status animi labefieri contingat, ex quibus corporis sanitas [783] attentatur, tum uix est quod grauius animum cruciet quam inuidia, ex qua corpus etiam intabescit. Tantas enim uires habet tranquilla pax animi, quam maximae uirtutes efficiunt, ut non solum mentem opibus diuinis exornet, uerum et corpori sit multis in locis admodum salutaris.

Ea uero sententia, quae sequitur, misericordiam et benignitatem grauissima poena sanxit. Ait enim eum qui uexat iniuria pauperem, Deum, a quo pauper ipse factus est et quem non minore cura, quam principes, tuendum suscepit, contumelia uexare. Illum enim quem summus Dominus, qui omnia potestate infinita complectitur, et quem ad sempiternam gloriam destinauit, peruertere summopere conatur. At clementissimus ille Dominus patronus est pauperum, ita ut qui pauperum ope Diuina confidentem oppugnat, in Deum bellum impium comparat. Contra uero, qui pauperi opem affert, Deum acceptissimo misericordiae sacrificio ueneratur.

Ostendit deinde quam infima sit impii sedes atque domicilium. Impius enim, quamuis nullos hostes habere uideatur et nemo in statum illius insurgat, eo etiam tempore, quo res suas maxime secundas existimat, miserabiliter occumbit. Malitia enim illum impellit, atque labentem praecipitabit. Nullus enim hostis esse poterit cuius magis infestus quam cuiusque scelus atque flagitium. At iustus, quamuis nimis oppressus esse uideatur et mors etiam appropinquet, ad spem tamen firmissimam salutis et immortalitatis erigitur. Intelligentem, siue “prudentem”, ut interpres reddidit, appellat Salomon, hominem qui est ad disciplinam docilis, qui non est insolens et immoderatus, sed modestus et ita sapientiae cupidus ut eam facillime omnibus uitae emolumentis anteponat. Hoc autem studium asserit numquam sine fructu constitisse. Nam sapientia in animis eorum qui hac mente

conseguirá encaminhar a multidão a servir o seu nome se a não tiver ligado a si pela admiração pela sua virtude, pelos seus dotes de afabilidade e acessibilidade e pela imparcialidade na justiça. Por conseguinte, mostrar-se-á desprovido da proteção dos homens por dois modos: um, se reinar sobre muito poucos; o outro, se quiser exercer coação sobre muitos que não lhe são nada afetos. Ora, por ambos estes modos será fraco e tremerá de ansioso receio diante de quaisquer rumores de guerra. Daqui se segue que não conseguem livrar-se de incessante angústia e ansiedade nem o príncipe, que descuida a prosperidade pública, nem o tirano, que não descontinua em agravar os súbditos com injustiças. É que ambos estão privados dos recursos necessários para a proteção da segurança e da vida.

Ora, é impossível expor-se por palavras o quanto a ira é contrária à reta razão. É que é uma fúria que agita emoções violentas na alma, que não deixa qualquer espaço para a deliberação ponderada e transtorna todas as partes do espírito, de tal maneira que quem se encontra senhoreado pela ira não se distingue absolutamente nada de um homem totalmente privado de entendimento e desvairado. Daqui se conclui que refrear a ira requer uma prudência acima do normal.

O provérbio seguinte ensina que a sanidade ou angústia do espírito refletem-se também amiúde nas condições corporais. Com efeito, quando o espírito está tranquilo e facilmente conserva o seu equilíbrio, a saúde do corpo também não é perturbada por nenhuma inquietação. Quando, porém, o espírito é atribulado por tristes cuidados, o corpo também padece, a tal ponto que por vezes a vida corre risco. E, assim como acontece que o equilíbrio do espírito é abalado por muitas emoções que afetam a saúde do corpo, [783] da mesma maneira é difícil que alguma coisa atormente mais gravemente o espírito do que o ódio, que também destrói o corpo. É que a tranquila paz de espírito, que as virtudes mais elevadas conquistam, tem tão grande eficácia que não só adorna o entendimento com as riquezas divinas, mas também em muitas situações é sobremodo salutar para o corpo.

O provérbio que se segue sanciona com pena gravíssima as transgressões contra a compaixão e a bondade. Pois diz que o homem que insulta o pobre está a lançar injúrias contra Deus, pelo qual o próprio pobre foi criado e de quem tomou a Seu cargo cuidar com não menos cuidado do que dos príncipes. É que com grande empenho esforça-se por destruir aquela pessoa a quem o supremo Deus, que tudo abraça com Seu poder infinito, destinou para a glória eterna. Mas aquele mui compassivo Senhor é patrono dos pobres, de tal maneira que quem ataca o pobre, que está confiante na ajuda divina, move guerra sacrílega contra Deus. Ao passo que, pelo contrário, quem ajuda o pobre está a adorar a Deus com um sacrifício de misericórdia muitíssimo aceito.

Mostra em seguida o quanto é baixa a morada e domicílio do ímpio. É que o ímpio, embora pareça que não tem inimigos e que ninguém o ameaça na sua segurança, sucumbe mofinamente até na ocasião em que considera que a sua situação é mais próspera. De facto, a malícia há de impeli-lo e precipitá-lo-á na

praediti sunt insidet, et ita fit ut qui hoc modo sapientia illustratum animum gerunt tantum inter reliquos homines excellant ut omnes in illorum conspectu sint amentissimi iudicandi.

Grauis deinde sententia sequitur: quae, si a regibus et populis summo studio comprobaretur, non esset profecto tanta uarietas et inconstantia, in Rebuspublicis neque tam saepe imperiosi populi de statu conciderent. Cernimus enim gentem, opibus florentem, ad summam dignitatem euectam, imperium latissime propagare; cernimus eandem alterius gentis quae erat ualde tenuis et obscura uiribus oppressam corruere. Quam uero aliam causam assignare possumus huius calamitatis atque ruinae quam Diuinum iudicium, quo, propter hominum scelera, Rerumpublicarum summa fastigia deprimuntur, et aliae gentes humiles ad poenas de inueterata immanitate atque tyrannide repetendas extolluntur? Scelera uero, propter quae Deus a gente in gentem imperium transfert, sunt libidines indomitae et immensae cupiditates, et iniquitas et auaritia et immanitas eorum qui plurimum in Republica possunt. Ab his fontibus multa flagitia in multitudinem transfusa, uniuersam [784] Rempubicam mortiferis morbis inficiunt. Quod, si iniustitiae scelus et immanitatis impotentia uniuersam Rempubicam insanabili peste contaminat, an parum liquet propter iustitiam posse Rempubicam opibus augeri et propter misericordiam in Dei gratiam amissam restitui?

Ait deinde “gratum esse regi seruum intelligentem”. Regis certe officium minime peruertet is qui sapientiae laude praestiterit, nec enim negligentia tempus rei bene gerendae elabi patietur, neque temeritate et importuno conuicio hostes in regis opes incitabit, neque timiditate et ignauia regis nomen ludibrio esse patietur, sed in omni loco et opibus regis et dignitati prospiciet. Contra uero, qui insanus fuerit omnia quae fuerint illi commissa furenter administrabit, et ita regem insigni dedecore afficiet. Itaque, in omni negotio, siue publico, siue priuato, prudentia ualde necessaria est, et, ubi illa defuerit, nihil recte, nihil ordine, nihil feliciter geri ullo modo poterit.

queda. É que não poderá existir inimigo mais hostil a qualquer pessoa do que o crime e a infâmia que ela mesma comete. Ao passo que o justo, ainda que dê visos de cercado de ameaças e até com a morte próxima, mesmo assim anima-se com a firmíssima esperança da salvação e da imortalidade. Salomão chama inteligente, ou “prudente”, como verte o tradutor, ao homem que se deixa instruir, que não é insolente nem descomedido, mas discreto e de tal sorte desejoso de sabedoria que sem hesitação a antepõe a todas as vantagens da vida. Por outro lado, assevera que este estudo nunca ficou sem fruto. Na verdade, a sabedoria reside no espírito dos que estão providos deste propósito, e assim sucede que desta maneira possuem um espírito iluminado pela sabedoria, sobressaem tanto entre os restantes homens que diante deles todos devem ser tidos na conta de totalmente loucos.

Vem em seguida um importante provérbio, que, se fosse acolhido pelos reis e povos, certamente que não existiria tamanha variação e inconstância nos estados nem tão amiúde os povos dominadores tombariam da sua posição. É que vemos um povo, próspero em riquezas, elevado à mais elevada dignidade, aumentar vastamente o seu senhorio; vemos o mesmo povo sucumbir, derrotado pela força de outro que era assaz fraco e obscuro. E que outra causa podemos atribuir a esta desgraça e ruína senão o juízo de Deus, pelo qual, devido aos crimes dos homens, as nações são abatidas das mais elevadas alturas, e outros povos são elevados para castigarem a prolongada desumanidade e tirania? E os crimes por causa dos quais Deus transfere o poder de um povo para outro são as paixões indômitas e a cobiça desenfreada, e a iniquidade, avareza e desumanidade dos homens que têm mais influência no Estado. Muitas infâmias, derramando-se destas fontes sobre a multidão, infetam com mortíferas doenças a totalidade [784] da república. Pelo que, se o crime da injustiça e a prepotência da desumanidade contaminam a república inteira com uma peste incurável, acaso é pouco evidente que, devido à justiça, a república pode aumentar de riquezas e, devido à misericórdia, ser restituída à graça de Deus, que perdera?

Diz em seguida que “é grato ao rei o servidor inteligente”. Seguramente que não deixará de cumprir a sua obrigação o homem que se avantajou pelo merecimento da sabedoria, pois nem por negligência deixará passar o ensejo de fazer bem as coisas, nem por irreflexão e inoportuno insulto incitará os inimigos contra as riquezas do rei, nem por espírito timorato e frouxidão admitirá que o prestígio do rei seja escarnecido, mas em todas as situações velará pelas riquezas e dignidade do rei. Ao invés, porém, quem for insensato, ocupar-se-á de modo tresloucado de tudo de que o encarregarem, e deste modo ocasionará ao rei um enorme desprestígio. E assim, a prudência é assaz necessária em todas as atividades, quer públicas, quer privadas, e, onde ela faltar, de modo algum poderá fazer-se seja o que for com correção, com ordem e com bom êxito.

CAP. XV

[1.] *Responsio mollis frangit iram; sermo durus suscitatur furorem.* [2.] *Lingua sapientum ornat scientiam* (siue: Commode utitur scientia); *os fatuorum ebullit stultitiam.* [3.] *In omni loco, oculi Domini contemplantur bonos et malos.* [4.] *Lingua placabilis lignum uitae; quae autem immoderata est conteret spiritum.* [5.] *Stultus irridet disciplinam patris sui; qui autem custodit increpationes astutior fiet.*

Vt nihil est in rebus humanis effrenata lingua pestilentius, ita, cum est moderata, nihil poterit ex cogitari salutaris. Ea namque furoris impetum reprimat, pacem conciliat, obsistit sceleri, studium religionis excitat, statum Reipublicae tuetur et opes uirtutis amplificat. Contra uero, cum disciplinae salutaris legem transgreditur, incendium suscitatur, quo tandem omnia conflagrare facillime possunt. Vt autem numquam ita simus amentes ut quod neque decet nec expedit, efferamus, multum refert in mentem saepe reuocare Dei prouidentiam, quae semper est omnibus rebus, quae in uita uel geruntur uel proferuntur, intenta, ut bonos praemiis afficiat, malos autem debitis poenis insequatur. Nihil est abstrusum et abditum quod non penetret; nihil ita tenebris immersum quod non adspiciat; nihil ita remotum quod non manibus attingat: omnia semper illi patent atque dilucescunt. Haec qui secum cogitauerit dies atque noctes numen Diuinum metuet et linguae motus inconsideratos refrenabit, ut numquam ore suo patietur uerbum prodire quod humanam societatem laedat aut religionis purissimae sanctitatem uiolet. Oratio namque, si ex pura et integra mente profecta fuerit, uitam conferet, si uero ex animo impuro processerit, multa mala rebus communibus importabit.

[785] Fundamentum autem prudentiae in iis qui nondum ad aetatem maturam peruenere in eo positum est ut, quod per se assequi nondum possunt, ab iis qui ualent ingenio et sunt longo rerum usu satis eruditi percipiant. Duo uero in doctore atque monitore requirunt, ut consiliu illius libenter accipiamus. Vnum est prudentia multarum rerum usu comparata; alterum, beneuolentia qua in consiliis dandis nihil aliud quam fructum illius quem instituendum suscipit sibi proponat. Vtrumque autem “patris sui” nomine declaratur. Nam “patris” nomine prudentiae maturitatem, quae illius aetatis propria est, designat. Cum uero “sui” uox additur, non uulgaris amoris uim aperte significat. Recte igitur decretum est eum qui monita patris sui aspernatur et respuit esse dementissimum, qui uero parentis consiliis obtemperat, prudentiam adepturum. Quod, si hoc de patribus, qui nos humano more genuerunt, dicendum est, quid erit de illo patre sanctissimo, qui nos finxit et informauit tam multisque muneribus affecit existimandum? An maior stultitia cogitari potest quam monita Diuina contemnere? Aut certior summae prudentiae laus quam Dei imperium mente castissima reuereri?

CAPÍTULO XV

1. *A resposta branda quebra a ira, e a palavra dura suscita o furor.* 2. *A língua dos sábios orna a ciência; [ou: “usa adequadamente a ciência”] a boca dos insensatos toda se desfaz em dizer loucuras.* 3. *Os olhos do Senhor em todo o lugar contemplam aos bons e aos maus.* 4. *A língua pacífica é uma árvore de vida, mas a que é imoderada quebrantará o espírito.* 5. *O insensato faz escárnio da correção de seu pai; mas o que toma para si as repreensões, far-se-á mais avisado.*

Assim como na vida humana nada existe de mais pernicioso do que uma língua desenfreada, assim nada poderá imaginar-se de mais salutar do que a comedida. Com efeito, esta rechaça o ataque da ira, atrai a paz, opõe-se ao crime, incita ao zelo da religião, vela pela estabilidade da república e aumenta as riquezas da virtude. E, pelo contrário, quando transpõe a lei do salutar ensino, atea o incêndio com que ao cabo tudo com a maior facilidade pode queimar-se. Ora, para que nunca sejamos a tal ponto loucos que façamos aquilo que nem nos fica bem nem nos é útil, importa muito lembrarmo-nos frequentemente da providência de Deus, que está sempre atenta a todas as coisas que se fazem ou se proferem durante a vida, a fim de premiar os bons e castigar os maus com as merecidas penas. Nada existe de oculto e recôndito que não alcance; nada tão mergulhado em trevas que não enxergue; nada de tão afastado que não toque com as mãos: tudo lhe é patente e manifesto. Quem pensar consigo mesmo nestas coisas, arreçar-se-á dia e noite da majestade divina e refreará os impulsos irrefletidos da língua, por forma a nunca deixar que da sua boca saia uma palavra que possa prejudicar a sociedade humana ou violar a santidade da puríssima religião. É que, se as palavras procederem de um entendimento puro e íntegro, darão vida, mas se nascerem de um espírito impuro, trarão muitos males à comunidade.

[785] Por outro lado, o fundamento da prudência naqueles que ainda não chegaram à idade madura cifra-se em que recebam, daqueles que se avantajam em inteligência e foram assaz ensinados por uma longa experiência, aquilo que por si mesmos ainda não podem alcançar. E no mestre e conselheiro, para de bom talante aceitarmos o seu conselho, requerem-se duas coisas. Uma, é uma prudência obtida pela experiência de muitas coisas; a outra, a boa vontade, em virtude da qual no aconselhar não se propõe outra coisa que não seja o benefício daquela pessoa que pretendeu ensinar. Ora, designa ambos os requisitos pela expressão “seu pai”. De facto, a palavra “pai” representa a madureza da prudência, que é própria da sua idade. E ao acrescentar a palavra “seu”, está a significar abertamente a energia de um afeto não ordinário. Por conseguinte, acertadamente deixou assente que aquele que despreza e rejeita os conselhos do seu pai é completamente insensato, ao passo que quem acata as admoestações do progenitor há de alcançar a prudência. Pelo que, se deve dizer-se isto acerca dos pais que nos gerarão ao modo humano, que cumprirá pensar-se acerca da-

[6.] *Domus iusti plurima fortitudo, et in fructibus impii conturbatio.* [7.] *Labia sapientum disseminabunt scientiam; cor stultorum dissimile erit.* [8.] *Victimae impiorum abominabiles Domino; uota iustorum placabilia.* [9.] *Abominatio est Domino uia impii; qui sequitur iustitiam diligitur ab eo.* [10.] *Doctrina mala deserentium uiam; qui increpationes odit, morietur.* [11.] *Infernus est perditio coram Domino; quanto magis corda filiorum hominum!* [12.] *Non amat pestilens (siue, illusor) eum qui se corripit, nec ad sapientes graditur.* [13.] *Cor gaudens exhilarat faciem; in maerore animi deiicitur spiritus.*

Nomen “fortitudinis”, דָּוָרָא apud Hebraeum, pro “diuitiis” usurpatur. Expetuntur autem diuitiae non solum ad usus uitae necessarios, sed etiam ad dignitatis amplificationem, ad malorum depulsionem, ad Reipublicae praesidium. Vbi igitur pecuniae uel compressae perpetuo retinentur, uel in nequitia consumuntur, non sunt appellandae diuitiae, sed uel inuidiae faces uel omnium malorum instrumenta. At iustus opibus suis ad familiae suae salutem et Reipublicae, cum potest, utilitatem ualde libenter utitur. Vnde sequitur illum solum diuitem esse qui iustitiam colit. Praeterea, opes uerissimae non in arca, sed in animo reconduntur, quae uirtutum maximarum praesidiis et ornamentis continentur. Hae namque sunt quae uitam tuentur, quae pericula propulsant, quae hostes repellunt, quae dignitatem conseruant, [786] quae denique statum ab omni calamitate incolumem et opibus sempiternis exaggeratum custodiunt. At hae diuitiae in domo tantum hominis iusti reperiuntur. Vnde colligitur neminem esse diuitem nisi eum qui iustus fuerit. Postremo, si diuitiarum opus est subsidio semper occurrere, cum iustus numquam sit Dei praesidio nudatus, et impii, quamuis sint opulentissimi, in magnis calamitatibus a pecuniarum praesidio deserantur, sequitur ut iusti sint ditissimi et iniusti semper egentissimi.

Quis enim est opulentior existimandus? Isne qui, rei familiaris mediocritate contentus, in singulari tranquillitate uersantur? An is cuius animus, cum nihil illius cupiditati umquam sufficiat, curis assidue conturbatur et perpetuo angore conficitur? “In fructibus”, inquit, “impii conturbatio.” Nam, in augenda re, labore conteritur; in custodienda, sollicitudine conflictatur; in iactura, intolerando dolore percussus, obruit, experiundoque sentit nullam sibi utilitatem opes, in quas omne studium uitae contulerat, attulisse. Nec enim animi curas eximunt, neque morbis medicantur, neque mortem arcere queunt, neque postremo seueritatem Diuini iuris effugiunt, ita ut semper summa perturbatio auaritiam consequatur.

quele Pai Santíssimo, que nos criou e modelou e nos proveu de tão numerosas mercês? Acaso pode imaginar-se maior desatino do que desprezar os conselhos de Deus? Ou mais seguro louvor de suma prudência do que reverenciar com espírito totalmente puro o senhorio de Deus?

6. A casa do justo é mui grande fortaleza, e nos frutos do ímpio não há senão turbação. 7. Os lábios dos sábios difundiram a ciência; o coração dos insensatos será dissemelhante. 8. As vítimas dos ímpios são abomináveis ao Senhor; os votos dos justos o aplacam. 9. O caminho do ímpio é abominação para o Senhor; o que segue a justiça é amado d' Ele. 10. A doutrina é má para o que deixa o caminho da vida; aquele que aborrece as repreensões, morrerá. 11. O inferno e a perdição estão diante do Senhor; quanto mais o estarão os corações dos filhos dos homens? 12. O homem pestilente [ou: "escarnecedor"] não ama a quem o repreende nem vai buscar os sábios. 13. O coração contente alegre o semblante; com a tristeza de alma se abate o espírito.

Usa a palavra "fortaleza", צבן em hebraico, em vez de "riquezas". Ora, as riquezas são procuradas não apenas para os usos necessários à vida, mas também para acréscimo da dignidade, para expulsar os maus e para proteção da república. Por conseguinte, quando o dinheiro ou se mantém perpetuamente escondido, ou se gasta indignamente, não deve ser designado como riqueza, mas como aguilhão da inveja ou instrumento de todos os males. Mas o justo usa de muito bom grado as suas riquezas para proveito da sua família e, quando pode, utilidade da república. Daqui se segue que só é rico o homem que respeita a justiça. Além disso, não é em arcas, mas no espírito que se guardam as mais verdadeiras riquezas, que se cifram nos ornamentos e proteção das mais elevadas virtudes. É que são elas as que velam pela vida, as que afastam os perigos, as que rechaçam os inimigos, as que conservam a dignidade, [786] as que, finalmente, preservam uma condição livre de toda a desgraça e cumulada de riquezas eternas. Estas riquezas, porém, só se encontram na casa do homem justo. Daqui se conclui que só é rico quem for justo. Por derradeiro, se é função das riquezas sempre socorrer, uma vez que o justo nunca está privado da proteção de Deus, e os ímpios, ainda que sejam muitíssimo ricos, nas grandes desgraças se vejam privados da proteção do dinheiro, segue-se que os justos são riquíssimos e os injustos sempre totalmente indigentes.

De facto, quem deve ser considerado como mais opulento? Porventura aquele que, satisfeito com o seu mediano património, vive extraordinariamente tranquilo? Ou aquele cujo espírito, porque nada jamais satisfaz a sua cobiça, incessantemente se sente perturbado pelos cuidados e atormentado por uma contínua ansiedade? Diz: "nos frutos do ímpio não há senão turbação". É que, ao aumentar o seu património, é esmagado pelo trabalho; ao guardá-lo, é atribulado pela preocupação; ao perdê-lo, abalado por uma dor intolerável, sente-se aniquilado, e descobre

Sequitur deinde quid intersit inter sapientis et insipientis orationem. Oratio namque sapientis uitae legem continet, salutare sententias enuntiat, disciplinam uerissimae scientiae tradit; at insipientis cor, hoc est, oratio (nam contraria contrariis opponuntur et a corde fluit omnis oratio), uel cupiditatem irritat, uel iram suscitatur, uel odium incendit, uel certe in otio flagitioso atque uanitate consumitur. Cum autem sacrificium impiorum ait Deo esse uehementer execrandum, Diuinae iustitiae sanctitatem indignissima calumnia liberat. Pessime namque de mente Diuina sentit is qui suspicatur eam scelestissimorum hominum muneribus posse placari et a debita seueritate ad iniquam lenitatem inflecti. Quid enim? Quod in hominibus est maxime detestandum, ut pecunia caussam, contra ius et fas, iniustus adiudicent, id summae illi bonitati tribuere quisquam audeat, ut opinetur eam a scelere puniendo sacrificiis abduci? Sint sacrificia magnificentissima maximisque sumptibus et singulari caerimonia procurata, et scelus idem in animis impuris inhaereat, plurimum aberit ut Dei numen propitium fiat. Sceleris enim suscepti crimen perdit homines nouo scelere imprudentiae et turbulentissimi erroris accumulatur. At oratio iusti, etiam sine sumptibus ullis, est sacrificium Deo acceptissimum. Caelum enim penetrat, ueniam impetrat, opem Diuinam consequitur et ad statum Diuinum perducit, et ab illius administratione nemo, quantumuis pauper, excluditur.

In quo autem sit summa religionis sanctitas constituta demonstratur, ut intelligamus quid potissimum sit in sacrificiis adhibendum. Cum enim sacrificia sint ad placationem numinis instituta, intelligendum est Deum placari non posse perfidis et sceleratis. Odit enim [787] et execratur uiam iniustitiae, et omnes qui iustitiae studio dediti sunt amore summo complectitur. Pessime igitur secum agit qui mala disciplina corruptus a iustitiae uia declinat et uoces eorum a quibus, ut in uiam redeant, admonetur, audire recusat. Vitam enim fugit et in mortem impetu caeco rapitur. Quod, si quisquam tam mentis expers est opinetur posse latebris occultari ne flagitia sua a Deo possint animaduerti, eo furore praeditus est ad quem nihil possit accedere. Si enim quod est densissimis tenebris inferae regionis abditum, si quod in mortis sempiternae penetralibus abstrusum, si denique ea quae maxime sunt ab illius conspectu et prouidentia remota speculatur et inspicit: quomodo non multo magis hominum corda, quae ad salutem frequenter euocat, intuebitur? Non igitur solum actiones, uerum et cogitationes animaduertit et exactissime perpendit.

através da experiência que as riquezas, às quais consagrara todo o desvelo da sua vida, não lhe trouxeram qualquer utilidade. De facto, nem suprimem os cuidados do espírito, nem curam as doenças, nem podem repelir a morte, nem, finalmente, escapam ao rigor das leis divinas, de tal maneira que a avareza sempre tem como companheira a maior das perturbações.

Segue-se depois a diferença que existe entre a linguagem da sabedoria e a da insensatez. É que a linguagem do sábio encerra a lei da vida, exprime opiniões salutares, transmite os ensinamentos da mais verdadeira ciência, ao passo que o coração, ou seja, a linguagem (pois os opostos estão em recíproca correspondência) do insensato ou atíça a cobiça, ou desperta a ira, ou ateia o ódio, ou se gasta em ócio infame ou em futilidades. Por outro lado, ao dizer que os sacrifícios dos ímpios são profundamente abomináveis aos olhos de Deus, está a isentar de indigníssima calúnia a santidade da justiça divina. É que tem uma péssima ideia acerca do entendimento divino o homem que pensa que ele se pode aplacar com os presentes dos homens mais criminosos e trocar o devido rigor por uma iníqua bondade. Pois quê? Aquilo que entre os homens é a coisa mais abominada, ou seja, que por dinheiro, contra a lei e a decência, se decida uma causa a favor dos injustos: que alguém se atreva a atribuí-lo àquela bondade suprema, a ponto de pensar que ela deixa de punir os crimes por causa de sacrifícios? Mesmo que os sacrifícios sejam imensamente pomposos e celebrados com as maiores despesas e requintado cerimonial, se o pecado continuar arreigado nas almas impuras, estar-se-á muito longe de tornar propícia a majestade divina. É que os homens perversos ao crime do pecado cometido ajuntam o novo pecado da insensatez e do erro turbulentíssimo. Mas a oração do justo, mesmo sem quaisquer gastos, é um sacrifício muitíssimo aceito a Deus. De facto, penetra nos céus, pede perdão, alcança a ajuda divina e conduz a uma condição divina, e ninguém é excluído desta proteção, por mais pobre que seja.

Por outro lado, mostra em que é que consiste a mais alta santidade da religião, para que entendamos que é que acima de tudo devemos oferecer nos sacrifícios. É que, uma vez que os sacrifícios foram estabelecidos para aplacar a divindade, cumpre que se entenda que os pérfidos e os criminosos não conseguem aplacar Deus. De facto, Ele odeia [787] e execra o caminho da injustiça, e abraça com o maior dos amores todos os que se consagraram ao zelo da justiça. Por conseguinte, age pessimamente contra si mesmo a pessoa que, estragada por ruins ensinamentos, se desvia do caminho da justiça e se recusa a escutar as palavras daqueles que o aconselham a regressarem ao caminho. É que foge da vida e com arrebatamento cego precipita-se na morte. Razão pela qual, se alguém é tão privado de entendimento que cuide que consegue esconder-se em algum refúgio de modo a que as suas infâmias não possam ser vistas por Deus, está possuído de uma insânia tal que a ela nada pode acrescentar-se. De facto, se Ele vê e esquadrinha aquilo que se encontra escondido pelas densíssimas trevas da região infernal, e aquilo que está oculto nas entranhas da morte eterna e, enfim, aque-

Neque potest interim dici Dei inclementia fieri ut tam multi mortales in sempiternum supplicium detrudantur, neque enim Deus homines ad salutem uocare desistit, neque desunt sapientes qui Diuino beneficio ad multorum salutem sint instructissimi, sed hominum perfidia et contumacia fit ut salutis uia deseratur. Irrident enim salutis disciplinam, sapientum uoces aspernantur et ab illorum usu et familiaritate se longissime remouent. Quam felix et florens sit eorum status qui iustitiae disciplinam percipiunt, ex eo perspicitur quod non solum animum explet Diuinis opibus, uerum et corpus iucunditate perfundit. Fons enim laetitiae Spiritus Diuinus est, at spiritus Diuinus in iustorum animus insidet. Vnde fit ut solum iustis lux caelestis oriatur et recti gaudio perpetuo cumulentur.

Ex animo autem laeto ad corpus non uulgaris iucunditas emanat. Hoc autem est quod Sapiens ait: “cor laetum faciem exhilarare, cor maerens spiritum deprimere”, ut corpus etiam curis ingrauescentibus saepe languescat.

[14.] *Cor sapientis quaerit doctrinam, et os stultorum pascitur imperitia.* [15.] *Omnes dies pauperis, mali; segura mens* (hoc est: Cor autem laetum) *quasi iuge conuiuuium.* [16.] *Melius est parum cum timore Domini, quam thesauri magni et insatiabiles.* [17.] *Melius est uocari ad olera cum caritate, quam ad uitulum saginatum cum odio.* [18.] *Vir iracundus prouocat rixas; qui patiens est mitigat suscitatas.* [19.] *Iter pigrorum quasi sepes spinarum, uia iustorum absque offendiculo.* [20.] *Filius sapiens laetificat patrem, et stultus homo despicit matrem suam.* [21.] *Stultitia gaudium stulto, et uir prudens dirigit gressus suos.* [22.] *Dissipantur cogitationes ubi non est consilium; ubi uero sunt plures consilarii, confirmantur.*

[788] Expleri nequit animus hominis iis rebus in quibus summum bonum collocandum existimat. Sic autem fit ut, quemadmodum nec auari pecunia, neque libidinosi uoluptate, nec ambitiosi honoribus satiari possunt, ita neque sapientes sapientiae cupiditati modum statuunt. Inde adeo fit ut Sapiens, quamuis in sapientiae studio multum profecerit, ultra tamen progredi non desistat et ab iis quos sapientiores iudicat assidue de sapientiae Diuinae uia et ratione multa percunctetur, cum interim omnis stultorum oratio ad stultitiae pabulum comparandum perpetuo festinet. Pascitur igitur stultus amentia, pascitur inanitate omnemque operam suam in uanitate et mendacio consumit, ea enim appetit et consecratur quae nihil ad beatae uitae rationem conferunt. Omnes igitur dies illius sunt aerumnosi, curis tristissimis afflicti et metu atque sollicitudine perpetua conturbati. Tristitia uero est assiduus animi cruciatus, uitam morsu dilacerans atque paullatim conficiens. Laetus autem animus est perpetua conuiuuii celebritas quam gaudii perpetuitatem nemo poterit assequi nisi iustus exstiterit. Quemadmodum inquit ille summus iustitiae magister: “Et gaudium uestrum nemo tollet a uobis”⁶⁷.

⁶⁷ Vd. Vulgata, *Io.* 16, 22.

las coisas que mais se acham apartadas da Sua vista e providência: como é que não há de enxergar muito melhor os corações dos homens que incessantemente chama para a salvação? Por consequência, conhece e rigorosamente avalia não só os atos, mas também os pensamentos.

Entretanto, tão-pouco pode dizer-se que é por falta de clemência de Deus que tão grande número de homens é lançado no suplício eterno, pois Deus não renuncia a chamar os homens para a salvação, nem faltam sábios que por benefício divino foram instruídos para promoverem a salvação de muitos, mas a perfídia e obstinação dos homens faz que se abandone o caminho da salvação. De facto, escarnecem da doutrina da salvação, menosprezam as palavras dos sábios e desviam-se para muito longe do trato e intimidade com eles. Quão venturosa e próspera é a condição dos que acolhem os ensinamentos da justiça, é algo que se vê pelo facto de que não só enche o espírito com as riquezas divinas, mas também inunda de contentamento o corpo. É que a fonte da alegria é o Espírito de Deus, mas o Espírito de Deus mora nas almas dos justos. Daqui resulta que a luz celestial só nasce para os justos e só os retos são colmados com um contentamento que não tem fim.

Ora, de uma alma alegre passa para o corpo um contentamento fora do comum. Ora, isto é o que o Sábio diz: “um coração feliz alegra o semblante, um coração triste abate o espírito”, por forma a que muitas vezes também o corpo cai enfermo com os crescentes cuidados.

14. O coração do sábio busca a doutrina, e a boca dos insensatos se apascenta de imperícia. 15. Todos os dias do pobre são maus; a alma tranquila é como um banquete contínuo. 16. Com o temor do Senhor mais vale o pouco do que os grandes tesouros que nunca jamais saciam. 17. Mais vale ser chamado com afeto a comer umas ervas do que comer um gordo novilho com desamor. 18. O homem iracundo provoca contendas; o que é paciente aplaca as que se têm já excitado. 19. O caminho dos preguiçosos é como uma sebe de espinhos; o caminho dos justos é sem tropeço. 20. O filho sábio alegra a seu pai, e o homem insensato despreza a sua mãe. 21. A loucura é gosto para o insensato, e o varão prudente mede os seus passos. 22. Os pensamentos se dissipam onde não há conselho; mas onde há muitos conselheiros se confirmam.

[788] O espírito do homem não pode fartar-se com aquelas coisas nas quais considera que deve colocar-se o bem supremo. Ora, deste modo acontece que, da mesma maneira que não conseguem saciar-se nem o avarento com o dinheiro, nem o libidinoso com a deleitação, nem o ambicioso com as honrarias, assim os sábios tão-pouco estabelecem um limite ao desejo de sabedoria. Daí decorre que o sábio, embora muito tenha adiantado no estudo da sabedoria, todavia não desiste de avançar ainda mais e pergunta muitas coisas acerca do caminho e essência da sabedoria divina àqueles que considera mais sábios, sendo certo

Quod autem sequitur, nempe, “multo melius esse parum cum timore Domini quam thesaurum magnum et”, ut interpretes inquit, “insatiabilem”, hoc est, cum tumultu –, quis non uidet? Quod enim est cum iustitia comparatum, ut plurimum inuidia caret, lites non intendit, a iurgiis semper abstinet, familiam tuetur, animum conscientia sceleris non angit, et, quod caput est, Dei praesidio nititur atque confidit.⁶⁸ Contra uero, immanes diuitiae, cum plerumque iniuria et iniquitate partae sint, odium excitant, inuidia flagrant, perpetuas contentiones adhibent, animis grauissimum uulnus imponunt, in offensionem sanctissimi numinis incurrunt atque, postremo, cum magis fundatae uidentur, euanescunt. “Melius”, inquit, “est ad olera uocari cum caritate quam ad conuiuium epulis exquisitis instructum cum odio”, omne siquidem quod est a caritate profectum est sine ullo discrimine iucundum, odium uero est non modo sollicitum et acerbum, sed etiam suspiciosum.

Ponit rursus ante oculos iracundiae excitatae discrimen. Si enim nihil esse potest caritate salutaris et odio perniciosius, si concordia tenues opes inuicto praesidio fulciuntur, discordia maximae dissipantur, quid esse poterit iracundia detestabilis, cum ea odium exsuscitet et discordiam frequenter inducat, qua multae imperiosae ciuitates atque regna funditus euertuntur?

Pigritia est pusilli animi et angusti flagitium, et iccirco est semper cum desperatione coniuncta. Itaque semper piger diffidit, omnia timet, nihil umquam fidenter aggreditur et, quasi sint omnia saepimentis difficillimis obuallata, laborem omnem fugit et ad hunc modum se ipsum omni fructu uirtutis spoliat. At iusti, cum sint animo maximo praediti, nulla formidine impediuntur quominus omnia pietatis munera [789] inuicta uirtute sustineant. Hoc in loco est annotandum Sapientem pigritiae recti animi constantiam opposuisse, ut intelligamus nec pigritiam iniquitate uacare neque salutarem industriam sine iustitiae integritate consistere.

⁶⁸ Nas duas edições *conficit*.

que entretanto todas as falas dos insensatos incessantemente se apressam para preparar o alimento da insensatez. Por conseguinte, o insensato alimenta-se de tolice, alimenta-se de futilidades e despense todo o seu esforço com vaidades e mentiras, pois vivamente deseja e persegue coisas que não são de utilidade para o regime da vida bem-aventurada. Por consequência, todos os seus dias são infelizes, atribulados por tristíssimos cuidados e perturbados pelo medo e por incessante inquietação. É que a tristeza é um perpétuo tormento do espírito, que dilacera a existência com a sua mordedura e aos poucos a destrói. Ora, a alegria é uma contínua celebração de um banquete, e ninguém poderá conseguir esta alegria ininterrupta se não for justo. Tal como diz o supremo mestre da justiça: “e o vosso gozo ninguém vo-lo tirará”. [Jo 16. 22.]

Ora, quanto ao que vem a seguir: ou seja, que “é muito melhor o pouco com o temor de Deus do que um grande tesouro e”, como verte o tradutor, “insaciável”, isto é, com perturbação –, quem não se apercebe disto? É que aquilo que se obtém com justiça, como geralmente está isento de ódio, não intenta processos, abstém-se sempre de contendas, vela pela família, não angustia o espírito com a consciência do crime e, o que é mais importante, apoia-se e confia¹³ na proteção de Deus. Ao invés, porém, as enormes riquezas, como as mais das vezes se adquiriram mediante injustiça e iniquidade, despertam o ódio, ateam a inveja, suscitam contínuas contendas, infligem ao espírito feridas gravíssimas, incorrem na indignação da santíssima divindade e, por derradeiro, desvanecem-se, quando parecem mais sólidas. “Mais vale,” diz o Sábio, “ser chamado com afeto a comer umas ervas do que comer com desamor num banquete em que se servem as mais refinadas iguarias”, visto que tudo o que procede do afeto é sem qualquer risco alegre, ao passo que o ódio é não apenas desperto e pungente, mas também desconfiado.

Põe de novo diante dos nossos olhos o perigo da ira desatada. É que, se nada pode haver de mais salutar do que o afeto e a caridade, se graças à concórdia pequenas riquezas se tornam fortes com uma proteção invencível e se por causa da discórdia as maiores se desvanecem, que poderá existir de mais detestável do que a iracúndia, sendo certo que ela desperta o ódio e frequentemente introduz a discórdia, que leva à completa ruína de muitas cidade e reinos poderosos?

A preguiça é uma balda própria de um espírito mesquinho e tacanho, e por isso está sempre unida com o desespero. E por isso o preguiçoso está sempre desconfiado, tem medo de tudo, jamais empreende com intrepidez seja o que for e, como se todas as coisas estivessem rodeadas de intransponíveis cercas, foge de toda a espécie de trabalho e deste modo priva-se a si mesmo de todo o fruto da virtude. Mas os justos, uma vez que estão dotados da mais completa coragem, nenhum receio os impede de com invencível coragem cumprirem

¹³ Nas duas edições quinhentistas *conficit*, que parece gralha por *confidit*.

Filium sapientem asserit laetitia patrem afficere. Ante dixerat filium sapientem patrem gloria cumulare: idem nunc uerbis aliis repetit, ut hanc sententiam fortius in animis infigat. Gloriam namque ueram laetitia stabilis atque firma consequitur. Percipit autem pater ex intelligentia filii laetitiam cum eum obsequentem uidet, cum ad honestatis disciplinam docilem cernit, cum eum moribus recte constitutum intuetur, quemadmodum et mater dolorem eximium capit cum se deceptam a filio considerat, nec enim potest filium, quem nimis amat, perditum intueri quin doloribus summis excrucietur. Sed, quid in mentem uenit filio matris monita ludibrio habere? Qui se ipsum nimis diligit et, hoc stulto amore excaecatus, in flagitiis et impuritatibus summum ingenii acumen et disertissimae urbanitatis elegantiam ponit. Ad hunc igitur modum stultitia gaudet et errore opinionis insolescit. Aberrat igitur a salutis uia. Numquam enim quod mirifice cupit assequitur, nam, dum uoluptates exquirat, ingentes dolores haurit; animi quietem desiderat, et curis assiduis agitur; ad decus enititur, et ignominiae maculis sempiternis inuritur; ut pericula propulset contendit, et assidua formidine perterretur; atque postremo, dum se uiam felicitatis tenere putat, in extremam miseriam deiicitur. Quod quidem iustis minime continget. Sapientes enim sunt et ideo in beatam uitam rectissime diriguntur.

Cum uero multa sint temeritatis indicia, unum est certissimum illius argumentum: nempe, summa confidentia. Arbitrantur enim homines leuissimi se nullius consilio indigere, non uident enim quam parum unus homo per se solus possit in posterum prouidere. Vt enim in actionibus multorum auxiliis opus est ut omnia ex animi sententia gerantur, ita in consiliis capiendis multorum amicorum iudicia necessaria sunt ut, quod cogitatur, recte cadat, ea enim quae sine consilio geruntur exitus felices habere non possunt.

[23.] *Laetatur homo in sententia oris sui, et sermo opportunus est optimus.*
 [24.] *Semita uitae super eruditum, ut declinet de inferno nouissimo.* [25.] *Domum superbiorum demolietur Dominus, et firmos faciet terminos uiduae.* [26.] *Abominatio Domini cogitationes malae, et purus sermo pulcherrimus.* [27.] *Conturbat domum suam qui sectatur auaritiam; qui autem odit munera uiuet.* [28.] *Mens iusti meditaturoboedientiam; os impiorum redundat malis.* [29.] *Longe est Dominus ab impiis, et orationes iustorum exaudiet.* [30.] *Lux oculorum laetificat animam; fama bona impinguat ossa.* [790] [31.] *Auris quae audit increpationes uitae, in medio sapientum commorabitur.* [32.] *Qui abiicit disciplinam despicit animam suam; qui autem acquiescit increpationibus possessor est cordis.* [33.] *Timor Domini disciplina sapientiae, et gloriam praecedat humilitas.*

todos os deveres da piedade. [789] Neste lugar deve observar-se que o Sábio opôs à preguiça a constância do espírito reto, para que compreendamos que nem a preguiça está isenta de iniquidade nem a atividade salutar existe sem a integridade da justiça.

Afirma que o filho sábio causa a felicidade do seu pai. Anteriormente dissera que o filho sábio enche de glória o pai: repete agora o mesmo com diferentes palavras, para mais fortemente gravar no espírito este parecer. De facto, a verdadeira glória vai de par com uma estável e firme alegria. Por outro lado, o pai sente contentamento com a inteligência do filho quando o vê obediente, quando se dá conta de que tem disposição para aprender os ensinamentos da honestidade e quando se apercebe de que ele possui bons costumes, da mesma maneira que a mãe padece uma grande dor quando verifica que foi enganada pelo filho, pois não pode ver perdido o filho a quem muito ama sem ser torturada pelas dores mais lancinantes. Mas porque acode ao espírito do filho zombar das admoestações da mãe? Quem se ama demasiado a si mesmo, cego por este insensato amor, faz consistir nas torpezas e atividades impuras não só o ápice da inteligência, como também o primor da mais discreta urbanidade. Por conseguinte, desta maneira alegra-se com a insensatez e ensoberbece-se com o erro da sua opinião. Portanto, desvia-se do caminho da salvação. É que nunca consegue aquilo que intensamente deseja, pois, quando busca os prazeres, sofre dores imensas; deseja a tranquilidade de espírito, e é assoberbado por incessantes cuidados; esforça-se por conseguir a honra, e é marcado pelo labéu eterno da ignomínia; empenha-se em afastar os perigos, e sente-se aterrorizado por um medo contínuo, e, por derradeiro, quando pensa que está a trilhar o caminho da felicidade, precipita-se na mais completa desventura. Algo que aos justos decerto não acontecerá. É que são sábios e por isso dirigem-se em linha retíssima para a vida bem-aventurada.

Ora, sendo numerosos os indícios do desatino, há um que é a mais certa prova dele: a saber, a total confiança. É que os homens mais inconsiderados cuidam que não necessitam do conselho de ninguém, pois não percebem o quão pouco um só homem por si mesmo pode prever para o futuro. De facto, assim como nos atos da vida é necessária a ajuda de muitos para os realizarmos a nosso contento, da mesma maneira para nos aconselharmos são necessários os pareceres de muitos amigos para que se realize perfeitamente aquilo que se tem em mente, porquanto não pode ter afortunado fim o que se levou a cabo sem conselho.

23. Alegra-se o homem na sentença da sua boca, mas a palavra oportuna é a melhor. 24. A vereda da vida está sobre o instruído, para se desviar do mais profundo do inferno. 25. O Senhor demolirá a casa dos soberbos, e firmará os termos da viúva. 26. Os maus pensamentos são a abominação do Senhor; e a palavra pura, como mais agradável, será por ele aprovada. 27. Aquele que vai atrás da avareza perturba a sua casa; o que porém aborrece as dádivas, viverá. 28. A alma do justo medita a obediência; a boca dos ímpios transborda em males.

Omnes actiones praeclarae stabilem uoluptatem efficiunt, quemadmodum et turpes maestitiam inducunt. Sed nulla uoluptatis iucunditas est cum honestae atque salutaris orationis iucunditate comparanda, maxime uero cum uis orationis importunae, quae est saluti contraria, illius acrimonia atque moderatione retunditur. Est enim a summo ingenio et a maxima uirtute profecta, et utilitas illius latissime in omnes partes diffunditur et maximo malo, quod est in pestilenti lingua constitutum, acerrime repugnat. Summa autem dicendi laus in opportunitate consistit. Vt enim qui intempestiue quod non decet loquitur, aut qui orationis infantia bonam causam tueri nequit, uel temeritate omnia disturbat, uel inopia minime perditis conatibus improbitatis obsistit et ita uel Rempublicam laedit uel certe nullam opem communibus rebus importat, ita qui in tempore quod oportet loquitur Rempublicam egregie multis in locis constituit.

“Via uitae” est lex Diuina. Haec, ut noster interpret uertit, “super eruditum”: id est, in superam regionem euehit prudentem, “ut declinet de inferno nouissimo”, ut scilicet declinet ab inferis qui in ima sede sunt. Itaque omnes qui in studium illius incumbunt Diuini fiunt et in caelum adscendunt, ut cum caelitibus Diuinitate aeuo sempiterno perfruantur. Quemadmodum et qui legem negligunt in imam Tartari regionem detruduntur. Si igitur uitae cuiuslibet euentum respicimus, et non tantum quod praesens est et fallaci specie animis illudit, intuemur, cum omnes uitae et dignitatis appetentes simus, consequens necessario est ut legis sanctiones ob oculos semper habeamus et flagitia, cum sint legis sanctitati contraria, detestemur. Aliter enim supplicia quae sunt in miseriae sempiternae regione subeunda uitare non possumus. Quod, si quis, propter obtusae mentis angustias, uitae futurae gloriam non cogitat et in huius uitae tantum opibus exquirendis est occupatus, intelligat etiam in hac uita Diuinum numen apparere, ut potentium sedes, qui opibus insolescunt, euertat, et inopes omni que praesidio destitutos ope salutari communiat.

29. *O Senhor está longe dos ímpios, e ele atenderá as orações dos justos.* 30. *A luz dos olhos alegra a alma; a boa reputação engorda os ossos.* [790] 31. *O ouvido que ouve as repreensões da vida terá a sua morada no meio dos sábios.* 32. *Aquele que rejeita a instrução, despreza a sua alma; mas o que está pelas repreensões é possuidor do seu coração.* 33. *O temor do Senhor é instrução da sabedoria, e a humildade precede a glória.*

Todas as ações nobres provocam um prazer duradouro, da mesma maneira que as infames ocasionam tristeza. Mas nenhuma alegria de prazer é comparável à alegria de uma linguagem honesta e salutar, e sobretudo quando a violência de uma linguagem importuna, que se opõe à salvação, é rebatida pela eficácia e comedimento daquela. É que ela procede da mais elevada inteligência e da maior das virtudes, e a sua utilidade espalha-se amplamente por todas as partes e rechaça com enorme veemência o maior dos males, que é o que se encontra numa língua pestilencial. Ora, o supremo merecimento da arte de falar consiste no sentido de oportunidade. É que, assim como o que fala de modo intempestivo aquilo que não deve, ou o que não pode defender a boa causa por dificuldade em se exprimir, ou o que tudo perturba por irreflexão, ou por pobreza de linguagem não faz frente às perversas investidas da desonestidade, e assim ou prejudica a república, ou certamente não presta qualquer ajuda aos interesses da comunidade, da mesma maneira quem na devida altura fala o que convém contribui extraordinariamente em muitos aspetos para a prosperidade do Estado.

“O caminho da vida” é a lei de Deus. Esta, conforme a versão do tradutor latino, “está sobre o erudito”: isto é, eleva o prudente até à região do alto, “para se desviar do mais profundo do inferno”, que se encontra nas paragens que se acham mais em baixo. E assim tornam-se divinos e ascendem ao céu todos os que se consagram ao amor dela, por forma a desfrutarem por toda a eternidade da divindade, na companhia das criaturas celestiais. Da mesma maneira que os que desprezam a lei são lançados na mais profunda região do Tártaro. Por conseguinte, se olhamos para o resultado de qualquer existência, e não apenas contemplamos o presente, que ilude o espírito com uma aparência enganadora, uma vez que todos temos vivo desejo de vida e de dignidade, segue-se como consequência necessária que sempre tenhamos diante dos olhos as sanções da lei e abominemos as infâmias, pois são contrárias à santidade da lei. É que, caso contrário, não podemos esquivar-nos aos tormentos que devem padecer-se na região da desgraça sempiterna. Pelo que, se alguém, devido às limitações de um entendimento obtuso, não pensa na glória da vida eterna e se preocupa apenas em obter as riquezas desta vida, capacite-se de que a majestade divina se mostra também nesta vida, para fazer cair das suas posições os poderosos que se ensoberbecem com as riquezas e fortalecer com ajuda salutar os pobres, e os privados de toda a proteção.

Vt autem inopiam et orbitatem designet “uiduae” nomen usurpat, Nnm uidua primum mulier est, et ideo natura fragilis et imbecilla. Deinde, est omni ope nudata et eadem caussa multorum iniuriis exposita. Ob id Deus illarum patrocinium suscipit et orphanorum pater et uiduarum iudex nominari uoluit et iis qui pupillis et uiduis iniuriam intulerint acerrime comminatur. Hoc igitur in loco satis apposite “uiduae” nomine orbitatis summae ratio significatur, ut intelligi possit Deum [791] non uiduarum tantum, sed omnium qui non minus quam uiduae fuerint inopes et ab hominum praesidio deserti uindicem futurum.

Est autem animaduertendum in toto hoc opere sapientem ita uerae sapientiae praecepta describere ut falsae malitiam refellat. Et, quia falsae sapientiae proprium est aliud ore proferre et aliud animo continere et summam ingenii laudem in malitiosa simulatione collocare, ideo cernimus sapientem tam saepe fallaces cogitationes exsecrari. Dicit igitur Deum cogitationes malitiosas, quae perniciem meditantur, odio summo prosequi atque detestari, et orationis puritatem, quae ab intestinis fraudibus uehementer abhorret, gratia et fauore suo complecti.

Quam male rei familiari consulit qui sectatur auaritiam, maxime uero cum iudicandi munus est ad hominem auarum delegatum explicatur. Nam, cum is qui pecuniae studet omnia prae pecunia contemnat, nihil est tanta religione munitum quod non uenale proponat. Cum igitur nihil sit iustitia in Republica sanctius, is qui pecuniam, ob rem iudicandam, accipit, Rempubicam, quantum in se est, uniuersam discerpit atque dilacerat. Nam, si iustitia incolumem Rempubicam conseruat, consequens est ut eam iniustitia labefactet atque funditus perdat. Cum igitur auarus iuris sanctitatem uiolet et societatem humanam nefarie dirimat, iram in se Diuinam concitat, et sic tandem fit ut, qui putabat se domui suae praecclare consulere, domui suae exitium moliatur. Deus enim, cum sit summa iustitia et iniustos et iniustorum sobolem, quae iisdem uestigiis ingreditur, exstinguit. At, “qui munus odit”, hoc est, cuius animus muneribus minime ad perperam iudicandum labitur, uita perfruitur et illius domus florens et incolumis praesidio inuicto permanebit.

Ait deinde “mentem iusti meditari responsionem”. In quo est animaduertendum omnes iustos esse sapientes, quae enim maior sapientia excogitari potest quam summi boni ardens appetitus, ac in eo comparando studium et Diuina in eo tuendo constantia? Aut, quod bonum dari potest a Deo hominibus iustitiae splendore praestabilius? Cum igitur omnes iusti sapientiae laude praecellant, recte factum est a Sapiente ut, quod sapientiae proprium est, iustis attribueret. At sapientis est non temere proiici, non loquendo praecipitari, sed, antequam uerbum ex ore prodeat, quid sit dicturus expendere. At impii, cum sint furore et amentia praediti, quidquid corrupta mente conceperant foras nimis inconsiderate proiiciunt.

Ora, a fim de simbolizar a pobreza e privação usa a palavra “viúva”, porquanto antes de mais é uma mulher, e por isso fraca e débil por natureza. Em segundo lugar, encontra-se destituída de toda a proteção e por esse motivo exposta às injustiças de muitos. Por esta causa Deus toma a Seu cargo o patrocínio delas e quis ser designado como Pai dos órfãos e Juiz das viúvas e severamente ameaça os que cometerem injustiças contra os órfãos e as viúvas. Por conseguinte, é com grande propriedade que nesta passagem se significa com o nome de “viúva” a essência da mais completa pobreza, para que se possa entender que Deus [791] há de ser o protetor não só das viúvas, mas de todos os que, não em menor grau do que as viúvas, forem pobres e desprovidos de toda a proteção dos homens.

Por outro lado, cumpre ter-se presente que em todo este livro o Sábio apresenta os preceitos da verdadeira sabedoria de forma a repelir a malícia da falsa. E, porque é próprio da falsa sabedoria dizer uma coisa com a boca e esconder outra na alma e considerar como o maior mérito da inteligência a simulação maliciosa, por isso vemos o Sábio tão amiúde abominar os pensamentos falsos. Por conseguinte, diz que Deus odeia profundamente os pensamentos maliciosos, que tramam a perdição, e abraça com a Sua graça e favor a palavra pura, que tem viva aversão à mentira interior.

Dá-se a conhecer quão desavisado é no manuseio do seu patrimônio quem vai empós a avareza, e sobretudo quando a função de julgar foi entregue a um homem avarento. É que, sendo certo que quem ama o dinheiro tudo acalcanha por amor dele, não existe coisa tão sagrada que ele não ponha em almoeda. Por conseguinte, uma vez que na república nada existe de mais sagrado do que a justiça, o homem que se deixa subornar para favorecer uma das partes em juízo, está, tanto quanto pode, a despedaçar e rasgar todo o Estado. Com efeito, se a justiça mantém o Estado ileso, segue-se como consequência necessária que a injustiça o arruína e totalmente destrói. Por consequência, uma vez que o avaro viola a santidade da lei e sacrilegamente desune a sociedade humana, desperta contra si a ira de Deus, e assim acaba por acontecer que, quem cuidava que estava a zelar muito bem pelos seus interesses da sua casa, está a aprontar a ruína da mesma casa. É que Deus, uma vez que é a suma justiça, extingue não apenas os injustos, mas igualmente a descendência deles, que segue as mesmas pisadas. Ao passo que, “aquele que aborrece as dádivas”, ou seja, cujo ânimo não se presta a julgar iniquamente, desfruta da vida e a sua casa permanecerá próspera e incólume graças a uma proteção invencível.

Diz em seguida que “a alma do justo medita no que há de responder”. Aqui deve advertir-se que todos os justos são sábios, pois que maior sabedoria pode imaginar-se do que o ardente desejo do supremo bem, o intenso desvelo na sua consecução e a divina perseverança em guardá-lo? Ou, que bem pode dar Deus aos homens mais excelente do que o esplendor da justiça? Por conseguinte, sendo certo que todos os justos se notabilizam pelo merecimento da sabedoria, o Sábio procedeu acertadamente ao atribuir aos justos aquilo que é próprio da

Quam miser et aerumnosus status impiorum sit summatim ea sententia, quae sequitur, plane demonstrat. “Longe”, inquit, “est Dominus ab impiis.” Longe igitur est ab illis salus, longe lux, longe dignitas, longe morborum remedium, longe uitae praesidium, longe denique miseriae perfugium aut angoris alleuamentum. Omnia enim haec Dei solius beneficio et numine continentur. At iusti bonorum omnium possessionem perpetuo tenebunt, Deus enim eorum orationem exaudit, et ita semper illis in precibus et uotis occurrit ut, quidquid [792] petunt, magnificentissime largiatur. Iusti igitur solum florentes atque beati sunt, cum soli, uerissimis bonis expleti, gaudio mirabili cumulentur. Nam, si lux oculis iucunda est, soli iucundissima luce perfruuntur, cum splendore Diuino colliceant; si uirtutis nomen animum insigni suauitate perfundit, cum solum iusti uerissima uirtute communiti sint, restat ut soli in suauitate perpetua uersentur.

Hoc est autem quod significat cum ait “oculos luce laetari et ossa”, hoc est, uirtutis firmamenta, “bonae famae praeconio saginari”, id est, miris accessionibus augeri. Sed, quo tandem pacto hunc statum assequuntur ii qui uoluerint tanta iucunditate potiri? Moderatione, inquit, qua operam sapientibus dandam esse perspexerint; studio quo in discendi contentione laborauerint; humilitate qua illis, a quibus sunt admoniti ne in se flagitorum ullam maculam aut labem sceleris admittant, obsecuti fuerint. “Auris” enim “quae salutarem increpationem audit, ad sapientiam perueniet”, ita ut alios sapientiae decretis instruere possit. Quanta uero sit temeritas illius qui disciplinam abiicit ostendit, dum ait eum non tam magistros quam animam suam contemnere. Animae enim medicinam aspernatur, salutis remedium negligit interitumque sibi, cum proiecta audacia, molitur. Contra uero, eum qui bene monenti libenter obtemperat et a flagitio facillime reuocatur ait animi sui statum facillime tueri atque conseruare.

Hic rursus Dei timorem fundamentum esse sapientiae constituit. Non enim sapientia potest aliunde quam a Diuina mente delibari. Diuina porro beneficia ad eos tantum permanant qui Dei iudicia metuunt et, ne in illius offensionem incidant, summa cura, sollicitudine, studio et uigilantia contendunt. Id quod statim adiungitur est Diuinum decretum maxima sedulitate conseruandum omnibus qui sunt gloriae atque dignitatis appetentes. Vt enim superbia in dedecus incurrit, ita humilitate ad gloriam aditus aperitur. Qui enim insolescit, nihil altum sapit, nihil Diuinum cernit, nihil de sempiterna laude cogitat, humi mentem defixam habet et ea de caussa intemperanter extollitur et, praeterea, in Deum, qui est sempiternus decoris fons atque totius dignitatis architectus, oculos minime coniiicit. Ita igitur fit ut non solum hominum inuidia et odio flagret et ignomia etiam populari deformetur, uerum, Dei sanctissimo iudicio, fictae etiam dignitatis ornamentis exspolietur. Contra uero, humilis ideo de se humiliter atque demisse sentit, quia supera atque caelestia suspicit et ad Diuinitatem uerissimae uirtutis adspirat, a qua se longissime dissidere suspicatur, quia nullo uirtutis gradu contentus esse

sabedoria. Mas é próprio do sábio não se lançar para a frente de modo irrefletido, não se precipitar quando fala, mas, antes de soltar alguma palavra, ponderar o que irá dizer. Ao passo que os ímpios, como estão possuídos pelo desatino e vesânia, assaz inconsideradamente dão a conhecer o que conceberam no seu espírito corrupto.

Quão mofina e atribulada é a condição dos ímpios é algo que abertamente mostra de forma resumida o provérbio que vem a seguir. Diz: “O Senhor está longe dos ímpios”. Por conseguinte, está longe deles a salvação, longe deles a luz, longe deles a dignidade, longe deles o remédio para as enfermidades, longe deles a proteção da vida, longe deles, enfim, o refúgio contra a desgraça e o refrigério para a angústia. É que tudo isto se encerra unicamente no poder e bondade de Deus. E os justos ficarão para sempre na posse de todos os bens, pois Deus escuta as suas orações e assim satisfaz as suas preces e desejos, de tal maneira que com a máxima largueza lhes concede tudo o que [792] pedem. Por conseguinte, só os justos são prósperos e bem-aventurados, pois só eles, cogulados de todos os bens mais verdadeiros, se sentem cheios de uma extraordinária alegria. Com efeito, se a luz alegra os olhos, só eles gozam de uma alegríssima luz, uma vez que são iluminados pelo resplendor divino; se o nome da virtude inunda o espírito com uma imensa suavidade, uma vez que só os justos estão fortificados com a mais verdadeira virtude, conclui-se que só eles vivem numa perpétua alegria.

Ora, é isso que pretende dizer quando escreve que “os olhos se alegram com a luz e os ossos”, ou seja, os fundamentos da virtude, “se alimentam”, isto é, têm um aumento considerável, “com a boa reputação”. Mas, de que maneira alcançarão esta condição os homens que quiserem obter esta alegria? Responde dizendo que através da prudência que os leve a entenderem que devem seguir as lições dos sábios; e do desvelo com que se aplicarem ao empenho de aprender; e da humildade com que se submeterem àqueles que os aconselharam a não consentirem em si nenhuma mancha de infâmia ou desdouro de ignomínia. É que “o ouvido que ouve as repreensões salutares há de chegar à sabedoria, por forma a poder ensinar a outros os princípios da sabedoria. E mostra como é grande o desatino daquele que despreza a sabedoria, quando diz que está a votar a desprezo não tanto os mestres, quanto a sua alma. É que despreza o remédio da alma, dá de mão ao medicamento para a sua saúde e, com insolente atrevimento, aparelha a sua própria perdição. Pelo contrário, afirma que o homem que de bom grado obedece a quem o bem aconselha e mui facilmente se aparta das torpezas, mui facilmente defende e conserva a condição estável do seu espírito.

Aqui mais uma vez assenta que o temor de Deus é a base da sabedoria. É que não se pode colher a sabedoria de outra origem que não seja o entendimento de Deus. Ora, os benefícios de Deus chegam apenas até àqueles que temem os juízos de Deus e se esforçam com o máximo cuidado, preocupação, desvelo e vigilância por não incorrerem no Seu desagrado.

potest qui est illius studio acriter incitatus. Et praeterea nihil sibi arrogat, nihil assumit, sed omnia ad Dei immensam benignitatem reuocanda esse decernit. Itaque semper se abiicit et, quo magis in pietatis uia progreditur, eo minus sibi ipsi tribuendum existimat. Hac igitur ratione maiorem in dies gratiam acquirit et maiore a Deo gloria cumulatur.

[793]

CAP. XVI

[1.] *Hominis est animam praeparare, et Domini gubernare linguam.* [2.] *Omnes uiae hominis patent oculis eius; spirituum ponderator est Dominus.* [3.] *Reuela Domino* (Hebraice: Deuolue ad Dominum) *opera tua, et dirigentur* (siue: Confirmabit) *cogitationes tuas.* [4.] *Vniuersa propter semetipsum operatus est Dominus: impium quoque ad diem malum.* [5.] *Abominatio Domini est omnis arrogans; etiam si manus ad manum fuerit, non est innocens.* [6.] *Misericordia et ueritate redimitur iniquitas, et in timore Domini declinatur a malo.*

Cum Sapiens tribuit homini cordis praeparationem ad Diuinae gratiae satum feliciter accipiendum, non repellit illud praesentissimae benignitatis auxilium quo ad Domini uocem audiendam exitatur et, ut se praeparet, admonetur. Numquam enim mens ad salutem erigitur quin Dei praesentis auxilium antecedit. Sed ideo dicitur esse praeparationem animi in hominis potestate, quia liberum est illi, si uelit, aspernari beneficium et uoces Diuinas contemnere. Cum igitur opem minime repudiat, sed animum libenter inducit, “praeparari” dicitur. Intelligendum tamen

Aquilo que imediatamente a seguir se acrescenta é um decreto divino que devem respeitar todos os que têm vivo desejo de glória e de dignidade. De facto, assim como a soberba incorre em desdouro, do mesmo modo através da humildade se franqueiam as portas da glória. É que quem se ensoberbece, nada conhece de profundo, nada sabe sobre a divindade, nada pensa sobre a glória sempiterna, tem o espírito preso à terra e por este motivo enche-se de desmedido orgulho e, além disso, não põe os olhos em Deus, que é a fonte eterna da honra e o autor de toda a dignidade. Por conseguinte, deste modo sucede que não só se abrasa em inveja e ódio dos homens e é também aviltado pelo descrédito popular, mas também, por santíssimo juízo de Deus, é despojado dos ornatos até da falsa dignidade. Ao invés, porém, o humilde tem-se na conta de baixo e vil porque tem os olhos postos nas coisas celestiais e do Alto, e aspira à divindade da mais verdadeira virtude, da qual pensa que se afastou muitíssimo, porque não pode sentir-se satisfeito com nenhum grau de virtude o homem que foi vivamente incitado a amá-la. E além disso nada se arroga, nada atribui a si mesmo, mas pensa que tudo deve ser atribuído à imensa bondade de Deus. E por isso sempre se abate e, quanto mais avança no caminho da piedade, tanto menos considera que se deve atribuir a si mesmo. Por conseguinte, por esta razão adquire de dia para dia maior graça e Deus o cumula com maior glória.

[793]

CAPÍTULO XVI

1. *Da parte do homem está o preparar a sua alma, e da parte do Senhor o governar-lhe a língua.* 2. *Todos os caminhos do homem estão patentes aos seus olhos; o Senhor pesa os espíritos.* 3. *Descobre ao Senhor [em hebraico: “Dá ao Senhor”] as tuas obras, e serão dirigidos [ou: “fortificará”] os teus pensamentos.* 4. *Tudo fez o Senhor por causa de Si mesmo; até o ímpio para o dia mau.* 5. *Todo o arrogante é abominação do Senhor; ainda quando estiver com uma mão sobre a outra, não é inocente.* 6. *A iniquidade perdoa-se pela misericórdia e pela verdade, e o mal evita-se pelo temor do Senhor.*

Quando o Sábio atribui ao homem a preparação da alma para acolher com bom êxito a semente da graça divina, não está a rechaçar aquela ajuda da bondade presente e atuante, mediante a qual é incitado a escutar a voz do Senhor e avisado para que se prepare. É que o espírito nunca se levanta para a salvação se não vier primeiro a ajuda de Deus diretamente atuante. Mas diz-se que a preparação do espírito está em poder do homem porque ele tem a liberdade, se quiser, de recusar o benefício e desprezar as palavras divinas. Por conseguinte,

est non satis esse animum praeparari nisi consequatur illud perfectae pietatis officium ad cuius functionem praeparatio requiritur. Id tamen effici non potest nisi beneficium aliud uehementius spiritus Diuini consequenter accedat, cuius ui quod est imperatum feliciter exsequamur.

Hoc est igitur quod dicit Sapiens: ut sit in homine situm mentem Diuinis uocibus incitatam ad officium perfectae uirtutis intendere et conatum animi ad praeclarum aliquod opus comparare, nihil tamen umquam geret laude uerissima dignum nisi Sancti Spiritus gratia illius mentem illustret, animum corroboret et ita numine suo dirigat atque confirmet ut opus, quod deinde fit, magis sit Dei ipsius opus quam sancti hominis appellandum. Nam sine Diuina gratia nihil est quod recte cogitari possit,⁶⁹ nihil feliciter administrari, nihil ad optatum exitum atque ueram gloriam peruenire. Vt enim operis initium a Diuina clementia ducitur, ita et extremum summa illius benignitate et gratia continetur. Et hoc adeo uerum est ut neque linguam quidem, quae maxime in nostra potestate posita esse uidetur, moderari sine singulari ope caelestis numinis possimus. Exempli enim gratia linguae moderationem posuit, ut eandem sententiam ad omnia alia uitae munera transferre queamus. Nam, si neque linguam, quae tam nobilis et flexibilis est et quae tanta facilitate uersatur et quocumque uelis impellitur, licet sine numinis [794] praesentis auxilio recte gubernare et continere ne se proiciat, quomodo alia, quae extra nos sunt et longe a nostra uoluntate atque moderatione remota, continebimus? Reliquum igitur est ut, non in nobis ipsis, sed in Dei gratia omnia bona nostra collocemus, et semper dicamus: “Non nobis, Domine, non nobis, sed nomini tuo da gloriam”.⁷⁰

Quantum uero mali cuius homini ex sui ipsius ignorance nascatur est explicatu difficillimum. Cum enim quam parum per se possit non intelligat, sibi nititur atque confidit, intolerabili arrogancia ducitur, opem Diuinam minime requirit et ita fit ut, cum multa conetur, numquam tamen id, quod miserrime cupit, assequatur. Atqui paucissimi sunt qui hoc uitio non laborent. Quilibet sibi iudex esse uult, suas actiones ad suum examen reuocat et sic, cum sui ipsius amore caecus sit, se omni crimine liberat. At Deus est qui uere hominum actiones et officia perpendit, ita ut “Non qui se ipsum commendat, sed quem Deus commendat, ille probatus sit”⁷¹. Ab hac tanta dementia nos deterret Sapiens, cum admonet ut omnes cogitationes et actiones ad Dei moderationem et uoluntatem et gloriam dirigamus, nihilque in nobis, sed omnes uitae, salutis et dignitatis rationes in illius praesidio et

⁶⁹ Vd. Vulgata, *1 Cor.* 3, 10 sqq.

⁷⁰ Vd. Vulgata, *Ps.* 113 B, 1.

⁷¹ Vd. Vulgata, *2 Cor.* 10, 18.

quando não rejeita a ajuda, mas de bom grado entrega o seu espírito, diz-se que “se prepara”. Todavia é mister que se compreenda que não basta preparar-se a alma se não se cumpre aquela obrigação da piedade para cujo desempenho se requer a preparação. Ora, isso não pode levar-se a cabo se em seguida não sobrevém outro benefício mais veemente do Espírito de Deus, graças a cuja eficácia podemos realizar com bom êxito aquilo que nos foi ordenado.

Portanto, é o seguinte o que diz o Sábio: ainda que dependa do homem aplicar o espírito, incitado pela voz de Deus, a cumprir o dever da perfeita virtude e adquirir o esforço de ânimo necessário para a realização de alguma obra elevada, todavia jamais fará coisa alguma digna de verdadeiro louvor se a graça do Espírito Santo não lhe iluminar o entendimento, fortalecer o espírito e de tal maneira o encaminhar e fortificar com o seu poder divino que a obra, que em seguida se empreende, mais deva ser chamada obra do próprio Deus do que do homem santo. É que, sem a graça divina nada se pode pensar com retidão, ou dirigir com acerto, ou fazer chegar ao desejado desfecho e verdadeira glória. [1 Cor 3. 10.] De facto, assim como o início da obra é dirigido pela misericórdia de Deus, também da mesma maneira o desfecho depende da Sua suma bondade e graça. E isto a tal ponto é verdade que, sem a singular ajuda da divindade, nem sequer podemos refrear a língua, que parece mais do que nada depender da nossa vontade. É que estabeleceu o refrear da língua como exemplo, por forma a podermos aplicar o mesmo provérbio a todas as outras funções da vida. Na verdade, se não é possível, sem o auxílio direto da divindade, governar devidamente e impedir de descomedir-se a língua, que é tão móvel e flexível e que se revolve com tamanha facilidade e se deixa mover para onde quisermos, [794] de que maneira controlaremos as outras coisas, que se encontram fora de nós e muitíssimo apartadas da nossa vontade e governo? Por conseguinte, resta que coloquemos todos os nossos bens não em nós mesmos, mas na graça de Deus, e que sempre digamos: “Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao teu nome dá a glória”. [Sl 115. 1.]

E é muito difícil dar-se a entender o grande mal que resulta de qualquer homem não se conhecer a si mesmo. É que, como não entende o quão pouco pode por si, apoia-se e confia em si mesmo, deixa-se conduzir por uma intolerável arrogância e não procura a ajuda de Deus, sucedendo assim que, ainda que intente muitas coisas, todavia nunca consegue aquilo que vivamente deseja. São porém muitíssimo poucos os que não incorrem neste defeito. Qualquer um pretende ser juiz de si mesmo, chama a si mesmo o exame das suas ações e deste modo isenta-se de toda a culpa, pois cega-o o amor a si mesmo. Mas é Deus quem deveras pesa as ações e obrigações dos homens, de tal maneira que “não é o que a si mesmo recomenda o que é estimável, mas é sim aquele a quem Deus recomenda”. [2 Cor 10. 18.] O Sábio desvia-nos de tão grande desvario ao aconselhar-nos a encaminharmos todos os pensamentos e atos ao governo, vontade e glória de Deus, e a nada fazermos depender de nós, mas colocarmos

benignitate collocemus. Sic enim futurum ait ut nostras cogitationes Deus ope sua confirmet et ad finem quem optamus perducat.

Ait deinde “omnia fecit Dominus propter se, etiam impium ad diem malum.” – Quid hoc est? Num rerum omnium Dominus in mundi molitione utilitatem suam quaesit? Nullo modo! Si enim ille, antequam mundum aedificaret et mentes etiam caelestes ex nihilo conderet, aliqua re ad gloriae suae cumulum indiguisset, sequeretur ut perfectione Diuini status infinito tempore caruisset. Quo dici potest amentius? Deinde, quid cogitari potest absurdius quam id summae bonitati tribuere quod in hominibus est uituperatione summa dignissimum? Quid enim est flagitiosius et impudentius Reipublicae principe qui non Reipublicae salutem sed suam ipsius utilitatem respicit, et omnia quae cogitat, quae molitur, quae gerit ad suum tantum commodum et emolumentum reuocat? Quid enim aliud est Epicurum uenerari et flagitiosissimam disciplinam ad Deum auctorem referre, si hoc non est? Est autem uoluntas sine ratione, dementia; consilium sine delectu, temeritas; actio sine praeuia consultatione, mentis insania; praemium sine laboris honesti functione, libido; supplicium sine crimine uoluntarii sceleris, immanitas. Qui igitur statuunt Deum sine ulla ratione, sed tantum quia uoluit, alios quidem ad gloriam fruendam condidisse, alios autem in sempiternum supplicium creauisse, orbant illum ratione, consilio, sanitate, iustitia, benignitate, summamque temeritatem immensae sapientiae, iniquitatem immensae iustitiae, credulitatem infinitae benignitati [795] nimis scelerate et impudenter attribuunt.

Non igitur nullo modo ferendi sunt qui hac sententia Salomonis ad confirmationem infandi sceleris abutuntur. Non enim ea umquam fuit sapientissimi uiri mens ut fatalem necessitatem adstrueret et iniquitatem sanctissimo atque iustissimo rectori totius uniuersitatis affingeret. Quid igitur dicit? Id certe quod est diuino sensu dignissimum et cum diuinorum hominum sententia congruens et puritati sanctissimae religionis accommodatum. Sic enim inquit Deus apud Isaiam: “Ego sum, ego sum qui deleo iniquitates tuas propter me, et peccatorum tuorum non recordabor.”⁷² “Non tuis”, inquit, “meritis lacessitus te mecum in gratia posui, eras enim flagitiorum maculis inustus, neque patrum tuorum officiis obligatus tibi ueniam impertiui, nam et ipsi apud me in grauibus offensis fuerunt, neque religio tua labes quibus eras adpersus eluere poterat, erat enim imaginibus tantum atque adeo umbris constituta. Nihil igitur est in te quo glories et insolescas. Ego namque, “propter me”, hoc est, propter benignitatem meam, te gratis a sempiterna peste seduxi et ad spem firmissimam salutis, si me audire uelles, erexi.”

⁷² Vd. Vulgata, Is. 43, 25.

todos os interesses da vida, salvação e dignidade na Sua proteção e bondade. É que diz que deste modo Deus há de fortalecer os nossos pensamentos com a Sua ajuda e conduzi-los para o fim que desejamos.

Diz em seguida que “tudo fez o Senhor por causa de Si mesmo, até o ímpio para o dia mau”. – Que é isto? Acaso o Senhor de todas as coisas na criação do mundo procurou o Seu proveito? De forma alguma! É que se Ele, antes de criar o mundo e formar a partir do nada até os entendimentos celestiais tivesse falta de alguma coisa para aperfeiçoamento da Sua glória, seguir-se-ia que durante um tempo infinito carecera da perfeição da condição divina. Pode dizer-se coisa mais louca que esta? Em segundo lugar, que pode imaginar-se de mais absurdo do que atribuir-se à bondade suprema aquilo que nos homens é muitíssimo merecedor do maior dos vitupérios? De facto, que existe de mais impudente e infame do que um príncipe que não atende à prosperidade do Estado, mas ao seu proveito pessoal, e tudo pensa, empreende e faz em função unicamente da sua comodidade e lucro? Na verdade, se não é isto, que outra coisa é venerar Epicuro e fazer de Deus o autor do mais infame dos ensinamentos? Ora, uma vontade sem razão, é demência; uma deliberação sem discernimento, é desatino; uma ação sem prévia reflexão, é vesânia; um prémio sem o desempenho de um trabalho honesto, é capricho; uma tortura sem a culpa de um crime voluntário, é desumanidade. Por conseguinte, os que sustentam que Deus, sem qualquer razão, mas unicamente porque quis, criou a uns para que gozassem da glória, ao passo que a outros os fez para os suplícios eternos, estão a privá-Lo de razão, deliberação, bom senso, justiça e bondade, e, com crime e impudência sobejos, a atribuir o mais cabal desatino à sabedoria imensa, a mais completa iniquidade à imensa justiça e a suma crueldade à infinita bondade.

[795] Por consequência, de forma alguma se devem tolerar aqueles homens que indevidamente se servem deste provérbio de Salomão para coonestarem crimes horrendos. É que jamais foi intenção do sapientíssimo varão afirmar a fatal necessidade e atribuir iniquidade ao santíssimo e justíssimo Senhor de todo o universo. Ora, que diz ele? Certamente algo que é totalmente conforme com o sentir de Deus e está em consonância com a opinião dos homens divinos e se harmoniza com a pureza da santíssima religião. Com efeito, é assim que fala Deus em Isaías: “Eu sou, eu mesmo sou o que apago as tuas iniquidades por amor de mim, e não me lembrarei dos teus pecados”. [Is 43. 25.] Diz. “Não foi tocado pelos teus merecimentos que te fiz ficar na minha graça, pois estavas marcado com o ferrete da infâmia, nem te perdoei obrigado pelos serviços dos teus antepassados, pois eles me ofenderam gravemente, nem a tua religiosidade poderia limpar as nódoas que te sujaram, porquanto se fundava unicamente em imagens e até em sombras. Por conseguinte, nada existe em ti de que te ufanes e ensoberbeças. É que eu, ‘por amor de mim’, isto é, devido à minha bondade, te livreii gratuitamente da perdição eterna e te despertei para uma firmíssima esperança de salvação, se me quiseres escutar.”

Alibi uero similiter ait: “Propter me longe faciam furorem meum.”⁷³ Infinita sunt in hanc sententiam testimonia in Litteris Sanctis e quibus clare cerni potest quid sit “Deum propter se omnia creauisse”. Hoc enim plane significat nulla opera quae ad hominum salutem et gloriam gessit esse aut rationi, aut legi, aut religioni, aut ullis denique meritis antecedentibus adscribenda, sed omnia ad illius gratiam referenda. Sed, quid est quod adiungit: “etiam impium ad diem malum”? – Num Deus impietatis auctor esse potest? Non prorsus! Angelos rebelles et homines impios creauit, sed non rebellionem qua daemonum princeps ab illius imperio defecit, neque impietatem, qua homines impii se ab illius tutela et patrocinio distraxerunt. Itaque naturam condidit, naturae uero corruptelam, ut Paulus ait, “cum patientia summa sustinuit.”⁷⁴ “In diem”, inquit, “malum”, hoc est, in diem iudicii. Non enim semper “malum” iniquitatem designat, sed supplicium iniquitati constitutum. Cum igitur ille dies, “irae dies et calamitatis et miseriae et clangoris et caliginis appelletur”⁷⁵, “dies malus” aptissime nominatur. Illo uero die iustitiae Diuinae ratio, cum insigni gloria Diuini nominis, apparebit. Intelligent enim omnes caelestes et humanae mentes esse in omnes qui fidem et officium prodiderunt et imperium summi Domini contempserunt et in instituto scelere ad extremum perstiterunt rectissime uindicatum.

Sed inquit: “Cur eos Deus, quos sciebat fore scelestissimos, in uitam ingredi permisit?” – Quia non erat sapientiae et benignitati consentaneum ut hominum improbitas Diuinam probitatem impediret, et quia consentaneum erat ut Diuinae misericordiae atque [796] iustitiae locus daretur: quod fieri non poterat nisi fuisset in hominum potestate relictum uel iustitiam et pietatem colere, uel impietatem et scelus consecrari, et quia sic conueniebat ut, quemadmodum thesauri misericordiae erant explicandi, sic etiam irae thesauri essent in omnium conspectu proponendi. Postremo, cum omnia a Deo fiant propter electos, erat opus ut ad tempus aliquod libera uolitare improbitas, quae pios homines exerceret uirtutemque perditis conatibus illustraret, ut ita tandem, in perditorum hominum interitu, bonorum gloria clarius emineret. Sic igitur propter se Dominus, id est, propter insitae clementiae magnitudinem, qua omnia ad electorum gloriam conferebant, “sustinuit patientissime uasa irae, ut uasa misericordiae multo magnificentius omnibus opibus Diuinis afficeret”⁷⁶.

Non sine causa hoc in loco commoratus sum. Hostes enim Diuinae gloriae, quo se gloriae Diuinae, quam acriter et impudenter oppugnant, patronos haberi

⁷³ Vd. Vulgata, *Is.* 48, 9.

⁷⁴ Vd. Vulgata, *Rom.* 9, 22.

⁷⁵ Vd. Vulgata, *Soph.* 1, 15.

⁷⁶ Vd. Vulgata, *Rom.* 9, 22.

E noutra passagem diz de modo semelhante: “Por amor de mim alongarei o meu furor”. [Is 48. 9.] Nas Sagradas Escrituras são infinitos os testemunhos neste sentido, a partir dos quais claramente pode ver-se o que significa “Deus tudo ter criado por amor de Si”. É que isto claramente significa que nenhuma das obras, que fez para a salvação e glória dos homens, deve ser atribuída quer à razão, quer à lei, quer à religiosidade, quer, enfim, a quaisquer outros merecimentos anteriores, mas tudo deve ser imputado à Sua graça. Mas que significa o que o Sábio acrescenta: “até o ímpio para o dia mau”? – Porventura Deus pode ser o criador da impiedade? Decerto que não! Criou os anjos rebeldes e os homens ímpios, mas não a rebelião, mediante a qual o príncipe dos demónios se apartou do Seu senhorio, nem a impiedade, devido à qual os homens ímpios abandonaram a Sua tutela e proteção. E assim criou a natureza, mas “sofreu com muita paciência,” [Rm 9. 22.] como escreve S. Paulo, a corrupção da natureza. Diz o Sábio: “para o dia mau”; isto é, para o dia do Juízo. É que nem sempre “mau” significa iniquidade, mas o tormento estabelecido para a iniquidade. Por conseguinte, uma vez que aquele dia é chamado “dia de ira, um dia de calamidade e de miséria, um dia de névoas em que soará a trombeta”, [Sf 1. 15-16] com muita propriedade é designado como “dia mau”. E naquele dia mostrar-se-á, com extraordinária glória do nome divino, a essência da justiça divina. É que todos os entendimentos celestiais e humanos compreenderão que com a máxima retidão se punem todos os que faltaram à sua palavra e não cumpriram as suas obrigações e votaram ao desprezo o senhorio do Senhor supremo e se obstinaram até ao fim no crime em que incorreram.

Mas dizem: “Por que motivo Deus permitiu que vivessem aquelas pessoas que sabia que haveriam de ser consumadamente pecadoras?” – Porque não era consentâneo com a sabedoria e a bondade que a desonestidade dos homens fosse impedimento para a probidade de Deus, e porque era razoável que se desse ensejo para a misericórdia e [796] justiça divinas, algo que não poderia suceder se não tivesse sido deixado em poder dos homens quer honrar a justiça e a piedade, quer seguir a impiedade e o crime, e porque assim convinha, para que, da mesma maneira que deveriam ser expostos os tesoiros da misericórdia, assim devessem ser colocados diante da vista de todos os tesoiros da ira. Finalmente, uma vez que Deus tudo faz por amor dos eleitos, era necessário que a desonestidade durante algum tempo esvoaçasse em liberdade, para ela pôr à prova os homens piedosos e dar lustre à virtude com suas tentativas frustradas, por forma a que assim ao cabo, com a destruição dos perversos, a glória mais brilhantemente avultasse. Por conseguinte, deste modo o Senhor por amor de Si, ou seja, devido à grandeza da Sua conatural clemência, pela qual tudo encaminhava para a glória dos eleitos, “sofreu com muita paciência os vasos de ira, a fim de dotar com muita maior abundância os vasos de misericórdia com todas as riquezas divinas.” [Rm 9. 22-23]

Não foi por acaso que me atardei nesta passagem. É que os inimigos da glória divina (e por isso pretendem ser considerados como defensores da glória divi-

uolunt, ex hoc loco demonstrare nituntur Deum absque delectu, sed tantum quia uoluit, ex communi generis humani massa alios quidem secreuisse, quos instrumenta pietatis esse uellet, alios autem sceleris ministros effecisse, ita ut neque boni neque mali, quidquam gerant, sed tantum eo, quo illos Diuina uoluntas impellit, necessario compellantur. Sed haec alibi fusius disseruimus. Quocirca id tantum, quod inest, exsequamur.

Ait deinde Salomon arrogantiam esse Deo uehementer odiosam, detestabilem et execrandam. Dei namque ipsius gloriam ad se impudentissime transferre conatur. Asserit deinde quod iam ante dixerat: nullum iniquitatis et calumniae foedus in Diuino iudicio salutem perditis omnibus allaturum. Iam enim superius dictum est per manum unius cum alterius manu complicatam foedus intelligi, manibus enim consortis fides datur et accipitur. Ait igitur Salomon frustra conari homines qui ad iudicium redimendum sceleris socios adsciscunt, quorum testimonium et gratia liberentur. Vt enim humana iudicia interdum eludant, Diuinum certe iudicium non effugient, immo tanto grauiore supplicio peribunt, quanto impotentius in humanis iudiciis dominati fuerant. Qua ratione igitur sanctissimi iudicii periculum fugiemus? Misericordia, fide et Diuini numinis metu. Misericordia enim flagitiorum maculas delet; fides in studium religionis incitat; timor Domini ad omni peccatorum impuritate deterret.

[7.] *Cum placuerint Domino uiae hominis, inimicos quoque eius conuertet ad pacem.* [8.] *Melius est parum cum iustitia, quam multi fructus cum iniquitate.* [9.] *Cor hominis disponit uiam suam, sed Domini est dirigere gressus eius.* [10.] *Diuinatio in labiis regis; in iudicio non errabit os eius.* [11.] *Pondus et statera iudicia Domini [797] sunt, et opera eius omnes lapides sacculi.* [12.] *Abominabiles regi qui agunt impie, quoniam iustitia firmatur solium.* [13.] *Voluntas regum (hoc est: Grata sunt regi) labia iusta; qui recta loquitur diligetur.* [14.] *Indignatio regis nuntii mortis, et uir sapiens placabit eam.* [15.] *In hilaritate uultus regis uita, et clementia eius quasi imber serotinus.*

na, que violenta e impudentemente atacam), fundados neste passo, esforçam-se por provar que Deus sem escolha, mas somente porque quis, de entre a massa comum do género humano, separa uns, que quer que sejam instrumentos de piedade, ao passo que faz de outros servidores do pecado, de tal maneira que nem os bons nem os ruins fazem seja o que for, mas são forçosamente coagidos no sentido em que os impele a vontade divina. Mas noutro lugar discorreremos mais derramadamente sobre isto.¹⁴ Pelo que nos ocupamos aqui apenas do que vem a talho de foice.

Salomão diz em seguida que a arrogância é muitíssimo odiosa, detestável e abominável aos olhos de Deus. É que com monstruosa desfaçatez ela se esforça em transferir para si a glória do próprio Deus. Afirma depois o que já antes dissera: ou seja, que nenhuma aliança da iniquidade e da calúnia hão de dar no juízo divino a salvação aos homens perversos. De facto, já mais atrás se disse que, por uma mão apertada na outra, se pretende significar uma aliança ou pacto, pois com o aperto de mão se faz e aceita uma promessa. Por conseguinte, Salomão diz que são baldados os esforços dos homens que para se livrarem do julgamento chamam a si os companheiros do crime, para que com o seu testemunho e favor os salvem. É que, embora por vezes escapem aos julgamentos humanos, seguramente que não se livrarão do juízo divino, e até padecerão um suplício tanto mais grave quanto mais obraram como amos dos tribunais. Por consequência, como fugiremos do perigo do mais santo dos juízos? Mediante a misericórdia, a fé e o medo à divindade. É que a misericórdia apaga as nódoas das infâmias; a fé incita ao zelo da religião; e o temor de Deus desvia de toda a impureza dos pecados.

7. *Quando os caminhos do homem agradarem ao Senhor, até reduzirá à paz os seus inimigos.* 8. *Melhor é o pouco com justiça do que muitos frutos com iniquidade.* 9. *O coração do homem dispõe o seu caminho, mas da parte do Senhor está dirigir os seus passos.* 10. *A adivinhação se acha nos lábios do rei, a sua boca não errará no juízo.* 11. *Os juízos do Senhor são peso e balança, [797] e as suas obras são todas as pedras do saco.* 12. *Os que obram impiamente são abomináveis ao rei, porque o trono se firma com justiça.* 13. *A vontade dos reis são [isto é: "são agradáveis aos reis"] os lábios justos; o que fala coisas retas será amado.* 14. *A indignação do rei são uns correios da morte, e o varão sábio a aplacará.* 15. *Na alegria do semblante do rei está a vida, a sua clemência é como a chuva serôdia.*

¹⁴ Referência ao *De iustitia libri decem*, cuja 1.^a edição se publicou em Veneza, em 1564. A tradução que fizemos para português, antecedida de introdução, em que se dá conta de alguns dos avatares que sofreu devido ao melindre do tema versado, foi publicada em 1999, pela INCM, de Lisboa, tendo saído com o título de *Tratado da Justiça*.

Summa prudentia in Diuinae legis obseruatione et in pietatis studio consistit. Frustra enim uigilabit, frustra sollicite huc et illuc rei gerendae gratia discurret, frustra denique dies atque noctes in opibus accumulandis elaborabit is qui a Domini uia diuersus incedit. Nihil enim feliciter illi porcedet cui caeleste numen iratum est. Contra uero, illi qui, ut Deo gratus sit, uehementer elaborat, omnia feliciter euenient, usque adeo ut hostes tandem illius imperium accipiant et uoluntati obsequantur.

Quod deinde sequitur, nempe, “melius esse parum cum iustitia, quam multum cum iniquitate”, et iam superius dictum est et est saepius etiam merito repetendum. Non intelligunt enim homines, cupiditate caeci, quanto plus possideat qui modum opibus parandis statuit illo qui omnia solus obtinere conatur. Neminem enim iniuria laedit, non est inuidiae telis expositus, non multorum odio in salutis discrimen incidit, non sollicitudine conflictatur, non curis tristissimis intabescit et, quamuis minus possideat, possessio tamen illius est multo magis diuturna et, quod caput est, Deum habet propitium et, illius praesidio defensus, nullas hostiles incursiones extimescit. Itaque multo maius atque praestantius existimari debet quod est minus sollicitum et inuidiosum, magis quietum atque tranquillum et multo magis diuturnum, quam id quod est metu et sollicitudine perpetua concussum et periculis expositum et, ut nihil aliud dicam, Diuino tandem iudicio peruertendum.

Ait deinde omnem uitam hominis, non hominis consilio, sed Dei prouidentia, gubernari. Vix enim umquam quod homo cogitat, quod animo frequenter agitat, quod sibi proponit assequitur. Si iustus est, cum non semper id quod expedit illius saluti desideret, homines enim plerumque, quamuis boni sint, in consiliis capiendis ignorant quid euenturum sit et in eligendis mediis saepissime falluntur: Deus, qui illorum pater est, eos ab errore deducit et, quo ipse uult, eos impellit, ut facilius, quod ipsi cupiunt, adipiscantur. Improbiorum autem conatibus frequenter obsistit eoque tandem illos abducit ut inuiti gloriae Diuinae seruiant. Vtraque igitur ratione hominum consultatio non ultra Dei sententiam atque uoluntatem progreditur.

Sententia quae sequitur est admirabilis. Regibus enim sapientiam Diuinam tribuit, Diuinum enim est futura praedicere et ita Republicam gerere ut numquam error ullus existat. At uidemus reges plerumque errare, [798] decipi et in fraudem opera suorum frequenter induci. Vnde natum est prouerbum illud quod in ore multorum olim uersabatur, nempe “Aut regem aut fatuum esse oportet”. Quid ergo dicendum? Hoc, opinor: multos esse reges hoc nomine prorsus indignos. Reges enim tantum illos esse qui non tam suis opibus quam suorum saluti et incolumitati prospiciunt; qui non se dominos, sed patriae parentes esse et haberi percipiunt; quibus nihil est studio iustitiae atque pietatis antiquius; qui, ut suos animo patrio

O principal da prudência consiste na observância da lei divina e no zelo da piedade. É que, quem entra no caminho oposto ao do Senhor, em vão velará, em vão discorrerá inquieto por aqui e por ali para tratar dos seus interesses, em vão se esforçará durante os dias e as noites no empenho de acumular riquezas. De facto, nada correrá de modo próspero àquele contra o qual a majestade de Deus se encolerizou. Mas, pelo contrário, àquele que vivamente envida todos os esforços para tornar-se grato aos olhos de Deus, tudo lhe sucederá a contento a tal ponto que os inimigos acabem por aceitar o seu domínio e obedecer à sua vontade.

Quanto ao provérbio seguinte, a saber, que “é melhor o pouco com justiça, do que muito com iniquidade”, não só já ficou dito mais atrás, como também deve com razão repetir-se amiudadas vezes. É que os homens, cegos pela cobiça, não entendem o quanto possui mais aquele que estabelece um limite para a aquisição de riquezas do que aquele outro que só se esforça por obter todas as coisas. De facto, não lesa ninguém com a injustiça, não está exposto aos dardos da inveja, não incorre em risco de vida devido ao ódio de muitos, não é atormentado pela inquietação, não definha por causa de cuidados muitíssimo desagradáveis e, ainda que possua menos, todavia o que possui é muito mais duradouro e, o que é o principal, tem Deus a seu favor e, defendido pela Sua proteção, não sente temor de nenhuma arremetidas inimigas. E por isso deve considerar-se muito melhor e superior aquilo que causa menos inquietação e inveja, e é mais tranquilo e sossegado e muito mais duradouro, do que aquilo que é abatido pelo medo e pela incessante inquietação e está exposto aos perigos e, para não dizer mais nada, deve ser destruído ao cabo pelo Juízo divino.

Diz depois que toda a vida do homem é governada, não pelos seus conselhos, mas pela providência de Deus. É que dificilmente alguma vez o homem obtém aquilo em que pensa, aquilo que frequentemente revolve no seu espírito, aquilo que se propõe. Se é justo, uma vez que nem sempre deseja aquilo que convém à sua salvação, pois as mais das vezes os homens, embora sejam bons, ao aconselharem-se ignoram o que há de sobrevir e enganam-se mui amiúde na escolha dos meios: Deus, que é o Pai deles, desvia-os¹⁵ do erro e impele-os para onde quer, a fim de que mais facilmente alcancem aquilo que eles mesmos desejam. Por outro lado, frequentemente se opõe aos esforços dos ímprobos e encaminha-os ao cabo de tal modo que contra a sua própria vontade ficam ao serviço da glória divina. Por conseguinte, de uma ou de outra forma, as deliberações dos homens não ultrapassam as decisões e vontade de Deus.

O provérbio que vem a seguir é digno de admiração. De facto, atribui aos reis a sabedoria divina, pois é próprio da divindade predizer o futuro e governar de tal modo o Estado que nunca apareça nenhum erro. Vemos porém que os reis

¹⁵ Respeitámos na tradução a concordância gramaticalmente irregular do original latino.

tueantur, sese facillime in uitae discrimen iniiciunt; qui magis de Reipublicae defensione quam de laude populari sibi perpetuo cogitandum existimant; qui, ut hoc tam praeclarum munus gerere possint, semper in caeli rectorem intuentur et ab illo opem et auxilium flagitant, ut cum felicitate regnum administrent. Qui ita se gesserit, uir Diuinus existimari debet, et ita fiet ut, quid euenturum sit, multo ante prospiciat et in iurisdictione numquam a lege Diuina discedat, immo regnum ad Regis sempiterni uoluntatem semper administret. Hos igitur uere reges appellat Salomon et de his tantum loquitur, reliquos autem hoc nomine prorsus indignos arbitratur. Itaque reges qui uere hoc nomine usurpant, Diuini Spiritus radiis illustrati, cum Diuina prudentia longe in posterum prospiciant, diuinatione quadam praediti sunt.

Quod autem sit regis officium explicat, dum ait pondus et numerum Domini iudicio contineri, usque adeo ut etiam lapites sacculi, id est, calculi quibus rationes exactissime referuntur, sint ad Diuinum consilium referendi. Vt enim ille omnia quae super subterque sunt pondere atque numero definiuit et dimensus est et inter se lege certa atque ratione colligauit, ita statuit etiam in terris ut omnia certis ponderibus atque numeris tenerentur et nihil posset stabiliri atque inter se foedere coniungi, quod non esset rata quadam ratione deuinctum et aequabili moderatione copulatum. Vnde colligitur numerandi atque metiendi disciplinam regibus esse necessariam, si iustitia ad illorum munus et officium pertinet. Iustitia enim aequalitate et moderatione continetur. Qui igitur rationem numerorum atque ponderum disturbat, uitae societatem disturbat et legem et ordinem a Deo in uita constitutum transgreditur.

“Abominatio”, inquit, “est regibus impietas”. Pietas enim potissima iustitiae pars. Iustitiae namque munus est ius suum unicuique tribuere, pietas uero ius suum, quoad licet et fas est, Deo persoluit, illum namque fide, religione, caritate, animo grato atque pura mente ueneratur. Qui igitur religionem uiolat, iustitiae maximum officium prodit omnemque iustitiae rationem peruertit. Cum igitur iustitia sit quae regis maiestatem tuetur et solium confirmat, quomodo fieri potest ut non eos odio prosequatur qui se impie gerunt et prae sua cupiditate religionem despiciunt? Inde adeo fit ut, quemadmodum rex est infestus improbis et iniustus, ita iustos [799] fauore suo complectatur, orationes eorum ad aures libenter admittat et eos qui recta loquuntur non uulgariter amet.

de ordinário erram, [798] são iludidos e frequentemente levados a enganar-se por obra dos seus. Daqui nasceu aquele rifão que antigamente corria pela boca de muitos: a saber, “convém ser-se ou rei ou louco.”¹⁶ Ora, que cumpre dizer-se? Em minha opinião, o seguinte: que existem muitos reis totalmente indignos deste nome. É que só são reis aqueles que atendem, não tanto às suas riquezas quanto à prosperidade e segurança dos seus súbditos; aqueles que vivamente desejam ser, e ser tidos, não na conta de amos, mas de pais da pátria; aqueles para os quais nada é mais precioso do que o zelo da justiça e da piedade; aqueles que, para protegerem os seus súbditos com paternal amor, com a maior facilidade põem em risco a própria vida; aqueles que consideram que incessantemente devem pensar mais na defesa do Estado do que no aplauso popular; aqueles que, para poderem desempenhar este tão nobre cargo, sempre têm os olhos fitos no Senhor do Céu e a Ele pedem ajuda e socorro, para governarem o reino com felicidade. Quem assim proceder, deve ser considerado um varão divino, e deste modo sucederá que muito antes há de antecipar aquilo que virá a acontecer e na administração da justiça nunca se apartará da lei divina, e até sempre governará o reino de acordo com a vontade do Rei eterno. Por conseguinte, é a estes que Salomão chama verdadeiramente reis e é acerca deles que exclusivamente fala, ao passo que pensa que os outros são totalmente indignos deste título. E assim, os que usam com verdade este nome, iluminados pelos raios do Espírito de Deus, uma vez que graças à divina prudência veem antecipadamente o futuro, encontram-se providos de uma espécie de poder divinatório.

Por outro lado, expõe o que é o dever do rei quando diz que no juízo do Senhor se contém peso e balança, a tal ponto que até as pedras do saco, ou seja, as pedrinhas com as quais se fazem com todo o rigor as contas, devem ser atribuídas ao conselho de Deus. É que, assim como Ele delimitou e mediu com peso e medida tudo que existe por cima e por baixo, e o ligou entre si de acordo com certa lei e regra, da mesma maneira estabeleceu também na terra que todas as coisas obedeçam a certos pesos e medidas e que nada possa subsistir e ajuntar-se por aliança, se não tiver sido unido de acordo com uma certa regra de proporção e associado em conformidade com a justa medida. Daqui se conclui que é necessário aos reis o conhecimento do medir e do contar, se a justiça tem a ver com as funções e obrigações deles. É que a justiça se cifra na imparcialidade e no comedimento. Por conseguinte, quem subverte a boa regra dos pesos e medidas está a subverter a vida em sociedade, e está a violar a lei e ordem que Deus determinou para a existência.

Diz que os reis abominam a impiedade. É que a piedade é a parte mais importante da justiça, porquanto é função da justiça conceder a cada um o direito que

¹⁶ Cf. Séneca, *Apocolocyntosis* 1: *aut regem aut fatuum nasci oportet*. Sobre a origem e fortuna deste provérbio, veja-se Renzo Tosi, *Dicionário de Sentenças Latinas e Gregas*, S. Paulo, Martins Fontes, 1996, pp. 460-461.

“Regis indignationem esse nuntium mortis” asserit, quia rex de quo loquitur numquam animo commouetur, nisi cum cernit leges et iudicia conculcari iusque Diuinum pro nihilo duci. Vt igitur est bonis amicus, ita est acer et infensus improbis et non mediocri supplicio scelus ulciscitur. “Vir” autem “sapiens regem placabit”. Quomodo? Iuris studio, sanctitate, religione, hominum caritate. Aliter enim regem qui se totum sempiterni Regis exemplo confirmare nititur placare non poterit. Vt autem in irato regis uultu, hominum metus et conturbatio summa consistit (ira namque illius acerrime comminatur), ita hilaritatem uultus atque serenitatem asserit rex sapientissimus uitam polliceri clementiamque illius esse instar nubis quae pluuiam diu desideratam segetibus inducit. Haec tamen omnia ad summum Regem potissimum reuocanda sunt, cuius seueritas est maxime formidanda et benignitas appetenda. Ira namque illius in mortem sempiternam impios detrudit et benignitas in uitam sempiternam atque gloriam caelestem pios euehit, ut in statu Diuino collocentur.

[16.] *Posside sapientiam, quia auro melior est, et acquire prudentiam, quia pretiosior est argento* (siue: Et possidere prudentiam praestantius est argento). [17.] *Semita iustorum declinat mala; custos animae suae seruat uiam suam.* [18.] *Contritionem praecedit superbia, et ante ruinam exaltatur spiritus.* [19.] *Melius est humiliari cum mitibus, quam diuidere spolia cum superbis.* [20.] *Eruditus in uerbo reperiet bona, et qui sperat in Domino beatus est.* [21.] *Qui sapiens est corde appellabitur prudens, et qui dulcis eloquio maiora reperiet* (hoc est: Addet doctrinam). [22.] *Fons uitae eruditio possidentis; doctrina stultorum, fatuitas.* [23.] *Cor sapientis erudiet os eius, et labiis eius addet gratiam* (siue: Doctrinam). [24.] *Fauus mellis composita uerba; dulcedo animae et sanitas ossium.*

lhe pertence, e a piedade paga a Deus, na medida do que pode e é lícito, o foro que Lhe deve, pois reverencia-O com a fé, a religiosidade, a caridade, a gratidão e a pureza de espírito. Por conseguinte, quem viola a religião está a atraiçoar o mais importante dever da justiça e a destruir toda a essência da justiça. Portanto, uma vez que é a justiça quem defende a majestade do rei e fortalece o seu sólio, como pode suceder que não deteste os que agem de modo ímpio e por amor da sua cobiça votam a desprezo a religião? Daqui resulta que, da mesma maneira que o rei é inimigo dos desonestos e dos injustos, assim favorece os justos, [799] de bom grado escuta as palavras deles e ama com particular afeto os que dizem o que é justo.

Afirma que “a indignação do rei é um correio da morte”, porque o rei de que fala nunca se altera, a não ser quando vê que as leis e a administração da justiça são desprezadas e o direito de Deus é tido na conta de coisa nenhuma. Por conseguinte, da mesma maneira que é amigo dos bons, assim é hostil e implacável com os desonestos e castiga o crime com tormentos nada pequenos. Por outro lado, “o varão sábio o aplacará”. Como? Através do amor à justiça, da santidade, da religiosidade e da caridade para com os homens. É que, caso contrário, não poderá aplacar o rei que por inteiro se empenha em fortificar-se com o exemplo do Rei eterno. Ora, da mesma maneira que no semblante irado do rei têm o seu fundamento o medo e a completa perturbação dos homens (pois está a ameaçar violentamente com a sua ira), assim o mais sábio dos reis afirma que um semblante alegre e sereno promete vida e que a clemência dele é como as nuvens que trazem a chuva desejada durante muito tempo pelas searas. Todavia tudo isto deve ser aplicado ao poderosíssimo Rei supremo, cuja severidade deve ser sobremaneira temida e cuja bondade mais do que nada desejada. É que a ira d’Ele lança na morte eterna os ímpios e a Sua bondade eleva para a vida eterna e glória celestial os piedosos, a fim de os colocar num estado divino.

16. *Possui a sabedoria, pois que ela é melhor do que o ouro; e adquire a prudência, pois que ela é mais preciosa do que a prata.* [ou: “e possuir a prudência mais precioso do que a prata”] 17. *A vereda dos justos aparta os males; o que guarda a sua alma conserva o seu caminho.* 18. *A soberba precede a ruína e o espírito eleva-se antes da queda.* 19. *Mais vale ser humilhado com os mansos do que repartir despojos com os soberbos.* 20. *O que é instruído na palavra, achará bens; e o que espera no Senhor é bem-aventurado.* 21. *O que é sábio no coração será chamado prudente, e o que é doce no falar receberá coisas maiores.* [ou: “aumentará o ensino”] 22. *A erudição do que a possui é uma fonte de vida; a instrução dos insensatos é fatuidade.* 23. *O coração do sábio instruirá a sua boca e acrescentará graça aos seus lábios.* 24. *As palavras compostas são um favo de mel, a doçura de alma é a saúde dos ossos.*

Possidere sapientiam, ut iam diximus, est in illius fructu omnes facultates esse positas arbitrari et eam omnibus diuitiis longe praeferre. Aurum enim, illius comparatione, est ualde contemnendum et argentum pro nihilo putandum. Quanti autem rem quamlibet facimus, tantum illius potiundae gratia laboramus. Si igitur sapientiam rebus omnibus praetulerimus, omnes cogitationes et studia ad illam conferemus et sic tandem illa cum insigni gloria perfruemur. Hoc enim etiam illius studium est felicitate summa [800] praeditum, quod in rebus aliis exquirendis, quamuis uehementer et assidue laboremus, non semper, quod appetimus, obtinemus, et quo ardentius erat desiderium, eo frustratione dolentius afflictamur. At, in sapientiae uerissimae studio, nullus conatus est irritus, nulla spes fallax, nullus labor inanis, quisquis enim illius causa uigilauerit et in ea multum laboris et studii contulerit, eam plenissime consequetur.

Quam facile uero sit illius studium, consequenter adiungit Sapiens, cum ait “iustorum”, hoc est, sapientum, “semitam esse a malo declinare.” Non dicit astra speculari et plagas caeli atque terrae metiri, sed tantum mala, hoc est, flagitia atque scelera detestari et ab omni uia peccati longissime remoueri. Nam, cum sapientiae munus sit salutem dare, sapiens profecto non est qui sibi perniciem molitur. Sibi autem pestem et perniciem comparat qui peccati uiam non deserit. At, qui uiam suam seruat, hoc est, qui cauet ne criminibus alligetur et flagitiis inficiatur, is animam incolumem ab interitu conseruat.

Commendat deinde Sapiens humilitatem, in qua est firmissimum pietatis et innocentiae fundamentum. Quod ut melius faciat, docet fieri uix posse ut aliquis ex statu suo concidat et grauibus ruinis opprimatur, nisi superbia et arrogantia praecedat. Est enim calamitas atque ruina supplicium spiritus elationi constitutum. Longe igitur ad utilitatem melius, ad honestatem clarius, ad uitae praesidium tutius est, cum humilibus animum sapienter abiicere quam cum superbis triumphare. Humiles enim Diuino praesidio fulciuntur, superbi autem illius iudicio conteruntur.

Ait deinde “eos qui uerbo erudiuntur omnia bona reperire”. Quo uerbo?, quaeso. Num humano? Non certe. “Omnis enim homo medax⁷⁷ est” et in summa imbecillitate uersatur. Diuino igitur. Quocirca sapiens ille dicebat se longe pleniore gaudio cumulari in Diuinorum testimoniorum meditatione⁷⁸ quam si omnes diuitias inuenisset. Quis igitur diues? Quis opulentus? Quis denique beatus est, nisi is tantum qui uerbo Diuino nititur et omnem spem uitae, salutis et dignitatis in Deo reponit?

⁷⁷ Vd. Vulgata, Ps. 115, 11.

⁷⁸ Vd. Vulgata, Ps. 118, 24 e 99.

Possuir a sabedoria é, conforme já dissemos, pensar que no fruto dela se contêm todos os recursos e preferi-la de longe a todas as riquezas. É que o ouro, cotejado com ela, é assaz desprezível e a prata deve ser reputada na conta de coisa nenhuma. Ora, consoante a importância que damos a qualquer coisa, na mesma proporção nos esforçamos para consegui-la. Por conseguinte, se preferirmos a sabedoria a todas as coisas, a ela consagraremos todos os nossos pensamentos e desvelos e por amor dela trabalharemos incessantemente e deste modo acabaremos por gozar dela com glória imorredoura. De facto, esta entrega à sabedoria traz também consigo a suprema felicidade, [800] algo que não sucede na procura das demais coisas, pois, ainda que trabalhemos com veemência e assiduidade, nem sempre conseguimos o que desejamos, e quanto mais ardente era o desejo, tanto com maior pesar a sua frustração nos atribula. Mas, na entrega à mais verdadeira sabedoria, nenhum esforço é em vão, nenhuma esperança enganosa, nenhum trabalho baldado, pois quem quer que por amor dela velar e a ela consagrar muito trabalho e desvelo, há de alcançá-la por inteiro.

E quão fácil seja a entrega à sabedoria é o que o Sábio acrescenta logo a seguir, ao dizer: “a vereda dos justos”, isto é, dos sábios, “é desviar do mal”. Não diz que é observar os astros e medir os espaços do céu e da terra, mas apenas abominar os males, isto é, as infâmias e crimes, e manter-se totalmente apartado de todo o caminho do pecado. De facto, uma vez que a função da sabedoria é oferecer a salvação, com certeza que não é sábio quem aparelha a sua própria ruína. Ora, prepara a sua própria perdição e destruição quem não abandona o caminho do pecado. Quem porém persiste no seu caminho, isto é, quem evita incorrer em crime e manchar-se com infâmias, conserva a sua alma a salvo da morte.

Em seguida, o Sábio recomenda a humildade, na qual se encontra o mais firme alicerce da piedade e da inocência. Para cumprir melhor este desígnio, ensina que é muito difícil que alguém caia da sua posição e seja esmagado pelo peso da ruína, se precedentemente não deu mostras de soberba e arrogância, pois a desgraça e a ruína são o castigo que foi estabelecido para o ensoberbecimento. Por conseguinte, é muito melhor para o proveito, mais nobre para a honra, mais seguro para proteger a vida, sabiamente rebaixar-se na companhia dos humildes do que ufanar-se ao lado dos soberbos. É que os humildes são amparados pela proteção divina, ao passo que os soberbos são abatidos pelo juízo de Deus.

Diz depois que “os que são instruídos na palavra encontram todos os bens”. Em que palavras?, pergunto eu. Porventura nas humanas? Não com certeza. É que *todo o homem é mentiroso* [Sl 116. 11.] e vive na mais completa fraqueza. Por conseguinte nas divinas, razão pela qual aquele outro sábio dizia que foi inundado por um prazer muito maior com a meditação dos testemunhos divinos do que se tivesse encontrado todas as riquezas. [Sl 119. 14.] Por conseguinte, quem é rico? Quem é opulento? Quem, enfim, é bem-aventurado, senão apenas o homem que se apoia na palavra de Deus e coloca em Deus toda a esperança de vida, salvação e dignidade?

“Qui sapiens”, inquit, “est corde appellabitur prudens”. Inter sapientiam atque prudentiam discrimen ponitur. Sapientiam enim dicunt esse in naturae peruestigatione, in ueritatis inquisitione, in Diuinarum et altissimarum rerum speculatione constitutam. Prudentiam uero in Reipublicae moderatione, in familiae conseruatione, in rebus noxiis acerrime repellendis, in salutaribus adsciscendis sitam esse statuunt. Itaque multos sapientes esse dicunt humanarum rerum prorsus ignaros et ad Rempublicam gerendam inutiles, et ea de caussa ab omni negotiorum tractatione repellendos, alios uero sapientiae expertes appellant, quos tamen ut uiros acres et ad mala propulsanda fortissimos et ad bona comparanda promptissimos Reipublicae praeficiendos statuunt. Hunc errorem tollit Sapiens et eos reprehendit qui sapientes a Reipublicae procuratione reiiciunt, [801] quasi fieri non possit ut qui sapientes sunt prudentiae laude praecellant. Sit ea sapientia, cui se dederunt, non ostentatio; sit Spiritu Diuino tributa, non humano ingenio, magis acute quam salutariter inuenta; publicam salutem, non popularem admirationem, spectet; actiones suas ad Dei gloriam, non ad propriam dominationem, referat: quis poterit uerius prudens, quam huiusmodi sapiens, appellari? Quis enim acutius quae sunt Reipublicae noxia atque pestifera praecauebit? Quis clarius ea quae sunt utilia atque salutaria prouidebit? Quis prouidentius insidias, in specie fictae pietatis latentes, inspiciet? Quis fortius impendentia mala propulsabit? Quis uera bona diligentius ad totius Reipublicae salutem comparabit?

Diuina namque disciplina ad notitiam bonorum sic instructus est ut nihil interuenire possit quod eum fallat, eoque robore confirmatus ut nullius metu impediri possit quominus ea quae Reipublicae profutura cernit animo maximo et alacritate summa conficiat. Quid, si ad illius sapientiam eloquentia fuerit adiuncta? Poteritne aliquid communibus rebus utilius inueniri? Eloquentiam igitur sapientis extollit continuo Sapiens, inquens: “Dulcis”, inquit, “eloquio maiora reperiet”. – Duplicem eloquentiae fructum proponit. Vnum, iucunditatis; alterum, utilitatis, quorum alterum, sine alterius ope, est imbecillum. Iucunditas enim, nisi sequatur utilitas, est inanis et ludicra et magis comoediis quam grauitati sapientis hominis accommodata. Vtilitas uero, nisi antecedit iucunditas, constitui commode non potest, cum enim humana natura laborem fugiat et uoluptatis appetens sit, uoluptate honesta est allicienda, ut laborem non inuita suscipiat. Nomen autem “dulcedinis” eloquentiae suauitatem declarauit, “maiorum” uero (hoc est, doctrinae) nomen, utilitatem.

Diz: “o que é sábio de coração será chamado prudente”. Estabelece uma diferença entre sabedoria e prudência. É que diz-se que a sabedoria consiste na investigação da natureza, na busca da verdade e na especulação sobre as coisas divinas e mais profundas. Ao passo que se afirma que a prudência reside no governo dos Estados, na conservação da família, em saber repelir com a máxima energia as coisas prejudiciais e em adotar as salutares. E por isso se diz que muitos sábios ignoram por completo todos os negócios humanos e que são incapazes de governarem o Estado e, por essa razão, devem ser afastados de todo o manejo de assuntos práticos, ao passo que se recorre a outros, privados de sabedoria, aos quais todavia acham preferível pôr à testa da república, como varões determinados e muitíssimo enérgicos para rechaçar os males e aptos para conseguir os bens. O Sábio põe fim a este erro e repreende os que rejeitam os sábios para o governo do Estado, [801] como se fosse impossível que quem é sábio pudesse avantajá-lo em prudência. Que seja sabedoria, e não ostentação, aquela a que se entregaram; que seja atribuída ao Espírito de Deus, e não descoberta pela inteligência humana com mais agudeza do que utilidade; que tenha em vista a prosperidade pública, e não a admiração popular; e que com as suas ações vise a glória de Deus, e não o seu poder pessoal: quem poderá ser chamado prudente com mais propriedade do que um sábio com estas características? Pois quem há de evitar com mais penetração aquilo que é prejudicial e fatal para a república? Quem há de providenciar com mais facilidade aquilo que é útil e salutar? Quem mais acauteladamente há de dar-se conta dos ardis que se escondem sob a aparência da falsa piedade? Quem com maior determinação há de repelir os males iminentes? Quem com maior diligência há de conseguir os bens verdadeiros para prosperidade de todo o Estado?

Na verdade, de tal modo se instruiu nos ensinamentos divinos para o conhecimento do bem que nada pode sobrevir que o engane, e de tal maneira se fortificou com esta energia que medo algum pode impedi-lo de mui animosamente e com o máximo entusiasmo levar a cabo aquilo que vê que há de ser útil para a república. E que dizer se à sua sabedoria se ajuntar a eloquência? Acaso poderá encontrar-se algo de mais útil para a comunidade? Por conseguinte, o Sábio logo a seguir encarece a eloquência de quem sabe, ao dizer: “o que é doce no falar receberá coisas maiores”. – Apresenta os dois frutos da eloquência. Um, é a alegria, e o outro, a utilidade, sendo certo que qualquer uma de ambas é fraca sem a ajuda da outra. É que a alegria, se não se lhe segue a utilidade, é vã e divertida, e mais adequada às comédias do que à gravidade do homem sábio. E a utilidade, se não estiver precedida pela alegria, não pode lograr-se adequadamente, porquanto, uma vez que a natureza humana foge do trabalho e sente vivo desejo de prazer, cumpre que seja atraída por um prazer honesto, a fim de não se abalançar à labuta a contragosto. Ora, a palavra “doce” significou a suavidade da eloquência, e com a expressão “coisas maiores” (isto é, os ensinamentos), a utilidade.

Ait deinde “intellectum esse fontem uitae” illis ipsis qui uera intelligentia praediti sunt. “Ex illorum enim uentre”, ut ipse Dominus ait, “flumina continenter emanant”,⁷⁹ quae cupiditatis sitim facillime restinguunt et immortalitatis fructus efferunt. Doctrina uero stultorum dementiae fructus ad perniciem producit. Cum uero sapientiae partus eloquentia sit, congruum fuit ut, qui tam Diuinis laudibus ornauit sapientiam, eloquentiae etiam laudes explicaret. Inquit igitur: “Cor sapientis erudiet os eius, et labiis eius addet gratiam”. – Si uim eloquentiae admiramur, si illius iucunditate perfundimur, si magnificentiam illius uehementer expetimus, sapientiae operam demus. Ex illius enim splendore eloquentiae lumen exoritur et qui sapiens non fuerit stulta loquacitate et immodica garrulitate aures obtundet, eloquens uero esse nullo modo poterit. Haec igitur est prima eloquentiae laus, quod sit ex sapientia partu felicissimo generata; secunda uero laus, quod sapientiae lumen longe lateque diffundat. Muta namque sapientia illi tantum prodest in quo insidet, aliis uero nullum adiumentum affert. At, cum eloquentiae sibi praesidium adiungit, admirabiles utilitates habet. Erudit enim imperitos, [802] consolatur afflictos, iacentes erigit, languentes excitat, audaces reprimit, timidos corroborat, morbos animi pellit, a maestitia auditores auocat et omnes, denique, qui attente aures orationi praebent, studio uerae uirtutis incendit.

Has omnes eloquentiae laudes Salomon animo complectens ait: “Fauus mellis est sermo iucundus, dulcedo animi et sanitas ossium”. Non dulcedinem tantum, sed etiam utilitatem illius exponit. Ossa namque, id est, mentis afflictiae uires, excitat et languidam uim ad robur amissum reuocat et animi statum collocat. Non solum igitur honestissima uoluptate animum refficit, uerum etiam firmo robore communit.

[25.] *Est uia quae uidetur homini recta, et nouissima eius ducunt ad mortem.*
 [26.] *Anima laborantis laborat sibi, quia compulit eum os suum.* [27.] *Vir impius fodit malum, et in labiis eius ignis ardescit.* [28.] *Homo peruersus suscitatur lites, et uerbosus separat principes* (hoc ex Hebraeo explicari sic potest: Et delator principum societatem dissoluit). [29.] *Vir iniquus lactat amicum suum, et ducit eum per uiam non bonam.* [30.] *Qui attonitis oculis cogitat praua, mordens labia sua perficit malum* (hoc est: Qui oculos suos occludit, aliquid peruersum cogitat; qui labia uersat, malum perfecit.). [31.] *Corona dignitatis senectus, quae in uis iustitiae reperietur.* [32.] *Melior est patiens uiro forti; et qui dominatur animo suo, expugnatore urbium.* [33.] *Sortes mittuntur in sinum, sed a Domino temperantur.*

⁷⁹ Vd. Vulgata, Io. 7, 38.

Diz depois que “o conhecimento é uma fonte de vida” para aqueles mesmos que foram dotados de verdadeira inteligência. É que, consoante diz o próprio Senhor, do “ventre deles continuamente correm rios” [Jo 7. 38.] que facilmente extinguem a sede da cobiça e transportam o fruto da imortalidade. E pela instrução dos insensatos o fruto da demência conduz à ruína. E, uma vez que o resultado da sabedoria é a eloquência, foi apropriado que, quem ataviou a sabedoria com tão divinos louvores, também desse a conhecer os méritos da eloquência. Por conseguinte diz: “O coração do sábio instruirá a sua boca e acrescentará graça aos seus lábios”. – Se admiramos a força da eloquência, se nos inunda de contentamento, se vivamente desejamos a sua grandiosidade, consagremo-nos à sabedoria. É que do seu resplendor nasce a luz da eloquência e quem não for sábio, importunará os ouvidos com insensata tagarelice e desmedida loquacidade, mas de forma alguma poderá tornar-se eloquente. Por conseguinte, o primeiro título de glória da eloquência é ter sido gerada, com felicíssimo parto, pela sabedoria, e o seu segundo merecimento estriba em que derrama ao longe e ao largo a luz da sabedoria. Na verdade, a silenciosa sabedoria só é útil para aqueles em quem mora, mas não traz qualquer ajuda aos demais. Mas, quando a si ajunta o recurso da eloquência, é de admirável proveito. É que ensina os ignorantes, [802] consola os atribulados, alenta os abatidos, incita os fracos, refreia os audazes, esforça os frouxos, expulsa as enfermidades da alma, desvia da tristeza os que a escutam e, por derradeiro, aos que lhe prestam ouvidos atentos, abrasa-os no amor da verdadeira virtude.

Salomão, abarcando no seu espírito todos estes motivos de louvor da eloquência, escreve que “as palavras agradáveis são um favo de mel; a doçura da alma é a saúde dos ossos”. Dá a conhecer não apenas a doçura da eloquência, mas também a sua utilidade. De facto, estimula os ossos, ou seja, as forças do espírito atribulado, repõe a energia esmorecida na sua perda robustez e restabelece o equilíbrio do espírito. Por conseguinte, não apenas restaura o espírito com um prazer totalmente honesto, como também o fortalece com um sólido vigor.

25. *Há um caminho que parece ao homem que é direito, e contudo o seu fim guia para a morte.* 26. *A alma do que trabalha, para si trabalha; porque a sua boca o constrangeu a isso.* 27. *O varão ímpio cava o mal e nos seus lábios se vai ateando o fogo.* 28. *O homem perverso move pleitos e o verboso divide os príncipes.* [a partir do texto hebraico pode expor-se isto do modo seguinte: “e o delator de príncipes acaba com as amizades”] 29. *O homem iníquo atrai o seu amigo e o conduz por um caminho não bom.* 30. *Aquele que cogita em malvados projetos, com os olhos espantados, executa o mal mordendo os seus beijos.* [isto é: “O que fecha os olhos, pensa alguma coisa ruim; quem remexe os lábios, acabou de fazer algo de mau”] 31. *Coroa de dignidade é a velhice, a qual se achará nos caminhos da justiça.* 32. *O homem paciente vale mais do que o valoroso; e o que domina o*

Hoc certe planum est, in tantis tenebris hominum uitam et in tanta rerum ignoratione uersari ut, quamuis ingenium sit sagacissimum et acutissimum et multorum negotiorum usu instructissimum, nemini tamen exploratum esse possit an id quod uult et expetit et omni labore et studio consecratur, sit sibi caussam taeterrimae pestis allaturum. Quocirca una tantum est prudentiae uia certissima, ea nempe quae uera fide nititur et uitae suae custodiam et rei bene gerendae consilium Deo credit atque permittit. Non quidem ut interim otio diffluat, sed ut laboris et industriae fructum ad Dei prouidentiam et benignitatem referat, et quidquid euenerit, ut illius uoluntate gestum aequo animo comprobet, et intelligat id esse quod suae saluti conducit.

Ostendit deinde Sapiens quot modis homines uarios labores in uita suscipiant. Omnes enim uictum sollicite quaerunt et os, hoc est, edendi necessitas, laborare et sudare atque etiam pericula subire compellit. Alii namque terram arant, alii arbores conferunt, alii rei pecuariae operam dant, alii artes fabriles exercent, quidam rempublicam capessunt, quidam postremo ex militia rem parare et augere contendunt. Omnes tamen ex diuersis laboribus unum sibi finem proponunt, qui est in [803] explenda cupiditate uitae tuendae positus. Hi tamen omnes uituperandi minime sunt, labore namque legitimo et Reipublicae non inutili, immo ualde necessario, ad suam atque familiae incolumitatem opes exquirunt. Alii uero sunt qui laborem honestum fugiunt aliamque uiam, plenam sollicitudinis, ineunt, quae est malitia et calliditate ad perniciem munita. Hi sunt illi quos non hominum pudor, non legum sanctitas, non Dei metus a maleficio continet, sed omnia iuris repagula conuellunt ut immanes opes per summum scelus adipiscantur. Nec enim mediocribus contenti esse possunt, quos infinita cupiditas exagitat. Hos dicit Sapiens summo studio et contentione sibi ipsis pestem machinari et, dum mediocrem laborem subterfugere student, curis et angoribus assiduis afflicti et immensis laboribus defatigari, ut principatum obtineant; qui tamen tantum abest ut quod appetunt adipiscantur ut potius ipsa cura et sollicitudine, qua sibi summas opes parare nituntur, malum infinitum sibi moliantur, et ignem sempiternum, quo excrucientur, incendiant.

Quot autem modis iniqui in iniquitatis studio et contentione laborent, consequenter Sapiens exponit. Alii namque pacem turbant et lites excitant et amicitias dirimunt et, quaestus gratia, seditioum fluctus extollunt. Alii eos quos sibi socios adiunxerunt, quamuis natura malitiosi non sint, eo tantum importunitate orationis impellunt ut, spe ostensae utilitatis illecti, sceleris societatem ineant. Itaque non satis habent sibi ruinam struere, nisi multos etiam simul in eadem calamitatem trahant et secum miseros esse compellant.

seu ânimo, do que o expugnador de cidades. 33. Os bilhetes da sorte lançam-se numa dobra do vestido, mas o Senhor é quem os tempera.

Não há dúvida alguma de que a existência dos homens decorre em trevas tão grandes e num desconhecimento tamanho das coisas que, embora a inteligência seja muitíssimo sagaz e penetrante e tenha tido grande experiência de muitos negócios, mesmo assim ninguém pode ter a certeza sobre se aquilo que quer e deseja e procura alcançar com toda a diligência e trabalho, lhe há de ocasionar uma crudelíssima ruína. Razão pela qual existe apenas um único caminho certíssimo para a prudência, a saber, aquele que se apoia na verdadeira fé e confia e entrega a Deus a guarda da sua vida e a decisão para em tudo obrar corretamente. Não decerto para entretanto se amolentar na ociosidade, mas para atribuir à providência e bondade de Deus o fruto da sua atividade e trabalho, e para aprovar com acatamento, como obrado pela Sua vontade, tudo o que sobrevier, e para que compreenda que isso é o que convém à sua salvação.

Mostra em seguida o Sábio por quantas maneiras os homens empreendem diversos trabalhos na vida. É que todos andam com solicitude atrás dos meios de subsistência e a boca, isto é, a necessidade de comer, obriga a trabalhar e a suar e também a correr riscos. Na verdade, uns lavram a terra, outros plantam árvores, outros entregam-se à criação de gado, outros exercem ofícios mecânicos, certos abraçam a carreira política, certos, por derradeiro, empenham-se em obter património e aumentá-lo através da vida militar. Todavia todos, através desta diversidade de atividades, têm em vista um único fim, que se cifra em satisfazer [803] o desejo de velar pela sua vida. Todavia todos estes homens não devem ser criticados, porquanto com um trabalho legítimo e não inútil à comunidade, e até assaz necessário, procuram obter riquezas para sua conservação e da sua família. Mas existem outros que fogem do trabalho honesto e entram num outro caminho, cheio de inquietação, que está construído com a astúcia e a malvadez e conduz à perdição. Trata-se daqueles homens aos quais nem a vergonha dos outros, nem a santidade das leis, nem o temor de Deus afastam da maldade, mas destroem todas as barreiras do direito para conseguirem através do maior dos crimes riquezas imensas. É que não podem satisfazer-se com as medianas aqueles aos quais inquieta uma cobiça infinita. O Sábio diz que com o máximo desvelo e esforço maquinam a sua própria perdição e, enquanto se empenham em evitar um trabalho mediano, são incessantemente atribulados por cuidados e angústias e fatigam-se com trabalhos imensos, para alcançarem o primeiro lugar; os quais, todavia, estão tão longe de conseguirem o que vivamente desejam que, com o mesmo cuidado e inquietação com que se esforçam por conseguir para si as maiores riquezas, estão a aparelhar contra si mesmos um mal infinito e ateam o fogo eterno com que são atormentados.

Ora, por quantos modos são atribulados os iníquos ao entregarem-se e empenharem-se na iniquidade é o que o Sábio expõe a seguir. Com efeito, uns

Faciem uero eorum qui toti sunt in conflandis sceleribus occupati luculenter exponit. Qui “attonitis oculis”, ut interpretis uertit, id est: qui oculos, inquit, occludit, peruersum cogitat, qui labia mordet et uersat malum perfecit. Quod non sic est intelligendum ut tum demum uir maleficus labia uerset cum id facinus quod cogitat ad exitum perducit, sed, cum mente secum agitaret quo modo fraudem machinaretur, oculos paene clausit, ne aliquid oculis obiectum animum alio auocaret, et ita meditationi sceleris officeret. At, postquam, cogitando, rationem sceleris inuenit, quasi perfecto iam scelere, triumphauit, et labia, comminando, uersare coepit. “Cum uideris”, inquit, “hominem profligatum atque perditum, oculis demissis attentissime cogitantem, intellige illum ad aliquod insigne facinus meditari. Cum rursus eundem, iam elatis oculis, labia commouere conspexeris, scito iam illi plenum sceleris consilium in animo consistere et iccirco, tamquam patrato iam facinore, gloriari.”

“Corona summa decoris et dignitatis est Senectus, quae in uia iustitiae considit.”
 – Numquam enim senex iustitiae laudem retineret nisi, in iuuentute, in uirtutis et honestatis gloria uiguisset, omnia siquidem in extrema aetate, siue bona siue mala, ad summum perueniunt, ita ut mali perditissimi in extrema senecta fiant, boni tunc summam uirtutis atque iustitiae maturitatem assequantur. Qui igitur ad extremum in [804] studio iustitiae perstiterunt et omnes impetus cupiditatis a se constantissime represserunt, summa laude atque gloria dignissimi sunt atque, tamquam Diuini uiri, summis honoribus affiendi.

Ait uirum “longanimum” esse uiro forti praestantiorem. “Longanimitas” uerbum est, iis qui pure loquuntur, ignotum, sed in Sanctis Litteris usitatum. Est autem “longanimitas” animi grauitas et constantia qua iracundiae repugnatur et uindicta in commodum tempus reseruatur, ut spatium resipiscendi habeat is qui iniuriam intulit. Is, inquit, qui non ira commouetur, qui statum retinet, qui se ipsum superat, clarius opus fecit eo qui bellum profligauit et urbes hostium excidit. Multi namque de hostibus uictorias consecuti sunt qui, a se ipsis uicti, turpissime conciderunt.

perturbam a paz, provocam pleitos e rompem amizades e, por amor do lucro, levantam as ondas das sedições. Outros, àqueles com quem se associaram, embora por natureza não sejam perversos, através de uma linguagem violenta, tanto os instigam que, seduzidos pela esperança de um proveito com que acenam, entram numa parceria de crime. E assim não lhes basta tramarem a sua destruição, se ao mesmo tempo também não arrastarem muitos para a mesma desgraça e os não obrigarem a ser mofinos juntamente com eles.

E descreve muito bem o semblante dos que inteiramente se consagram a fraguar crimes. Os quais, “com os olhos espantados”, consoante a versão do tradutor latino, ou seja: diz que quem fecha os olhos cogita projetos perversos e quem morde e remexe os lábios executou o mal. Isto não deve entender-se como significando que o varão malfeitor só remexe os lábios quando leva a efeito a malfeitoria que cogita, mas que, uma vez que matutava no seu íntimo de que modo tramaria o engano, quase fechou os olhos para que alguma coisa postada diante dele os não desviasse para outro lugar, e assim se opusesse à maquinação do crime. Mas, depois que, matutando, descobriu o modo como executaria a ação criminosa, como se já a tivesse perpetrado, exultou triunfante e, ameaçando, começou a remexer os lábios. Diz: “Quando vires um homem depravado e perdido, com olhos baixos e muitíssimo concentrado a pensar, entende que ele está a cogitar em alguma assinalada malfeitoria. Quando de novo vires o mesmo mover os lábios, com os olhos já abertos, fica sabendo que já se decidiu por uma ação totalmente criminosa e por isso está ufano como por um crime já perpetrado.”

“Suprema coroa de dignidade é a velhice, que se encontra nos caminhos da justiça.” – De facto, nunca o idoso conservaria o louvor de justo se na mocidade não tivesse brilhado com a glória de virtuoso e honesto, visto que na derradeira idade tudo alcança o seu ápice, tanto o bom como o ruim, de tal maneira que os ruins tornam-se perversíssimos na extrema velhice, e os bons guindam-se então ao grau mais elevado da virtude e da justiça. Por conseguinte, os que perseveraram até ao fim [804] no amor à justiça e com firmeza rechaçaram todas as arremetidas da cobiça, são digníssimos dos mais elevados encómios e da suprema glória e, como varões divinos, devem ser condecorados com as máximas honrarias.

Diz que o varão “sofredor”¹⁷ é mais valioso do que o varão corajoso. “Sofrimento” é palavra desconhecida por aqueles que se exprimem em latim com pureza, mas muito corrente nas Sagradas Escrituras. Ora, “sofrimento” é a gravidade e firmeza de ânimo com que se enfrenta a iracúndia e se reserva para o ensejo adequado o revide, por forma a que aquela pessoa que praticou a injustiça tenha algum espaço de tempo para se arrepender. Diz que o homem que não se deixa mover pela ira e que se mantém sereno e que se domina a si mesmo,

¹⁷ Osório usa aqui *longanimus* como sinónimo de *patiens*, que é o vocábulo que consta na *Vulgata*.

Docet deinde Sapiens neque fortunam neque casum in uita dominari, sed omnia sic euenire ut Deus, uel ab initio designauit, uel, ut gloriae suae seruirent, cadere permisit. Quod adeo uerum est ut eductae ex sinu sortes non sine Diuino consilio educantur.

CAP. XVII

[1.] *Melior est buccella sicca cum gaudio (siue, Cum pace), quam domus plena uictimis cum iurgio.* [2.] *Seruus sapiens dominabitur filiis stultis et inter fratres hereditatem diuidet.* [3.] *Sicut igne probatur argentum et aurum comino, ita corda probat Dominus.* [4.] *Malus oboedit linguae iniquae, et fallax obtemperat labiis mendacibus.* [5.] *Qui despicit pauperem exprobrat factori eius, et qui ruina laetatur alterius non erit impunitus.* [6.] *Corona senum filii filiorum, et gloria filiorum patres eorum.*

Diuitiae expetuntur ad animi quietem et tranquillitatem, existimant enim homines fore, postquam congestas habuerint opes domi, quibus necessitates omnes subleuare queant, ut nihil interueniat quod illos sollicitudine ulla conturbet. Quod si secus euenierit, nonne liquet esse multo praestantius solo pane cum animi tranquillitate uesci quam uictimas in conuiuio iugulare cum assiduo iurgio et contentione? Erat enim in more positum ut prius religionis gratia homines uictimas immolarent quam conuiuium ex iisdem carnibus instruerent. Sed domus plena uictimis cum iurgio, pacem, cuius gratia opes expetuntur, minime consequitur. At pauper, solo pane contentus, tranquillissima pace fruitur.

“Seruus sapiens dominatur in filiis Domini sui, si fuerint infames et flagitiosi.”
– Serui namque sapientes naturae lege non serui, sed liberi sunt. Sic enim natura comparatum est, ut sapientia coerceat temeritatem et non temeritas sapientiam oppressam dominatu teneat. Cum igitur sapiens, aduerso aliquo casu, seruitutem aliquando seruit, [805] id contra naturae legem fit, quae semper ad sapientes imperium defert. Qui tamen, etiam in seruitute, cum dederit insitae sapientiae documentum, imperium adipiscitur, intelligunt enim domini salutem suam eorum moderatione contineri. Itaque illos saepenumero non solum rei familiari, sed liberorum etiam educationi praeficiunt. Neque solum eos libertate donant, uerum et heredes cum filiis instituunt. Quin etiam ad summum interdum, propter

pratica uma façanha mais ilustre do que aquele outro que venceu a guerra e assolou as cidades dos inimigos. Na verdade, foram muitos os que alcançaram vitórias sobre os inimigos e que, vencidos por si mesmos, foram derrotados do modo mais infame.

Ensina em seguida o Sábio que a vida não é dominada pelo destino nem pelo acaso, mas tudo acontece tal como Deus ou determinou desde o princípio ou, para servir à Sua glória, permitiu que sucedesse. Algo que a tal ponto é verdade que os bilhetes da sorte não são retirados da dobra do vestido sem deliberação divina.

CAPÍTULO XVII

1. Um bocadinho de pão seco com alegria [ou: “com paz”] vale mais do que uma casa cheia de vítimas com peleja. 2. O servo com juízo dominará os filhos insensatos e repartirá a herança entre os irmãos. 3. Bem como a prata se prova no fogo e o ouro no crisol, assim o Senhor prova os corações. 4. O mau obedece à língua iníqua e o enganador dá ouvidos aos lábios mentirosos. 5. Aquele que despreza ao pobre, insulta ao seu Criador; e o que se alegra com a ruína de outrem não ficará impunido. 6. Os filhos dos filhos são a coroa dos velhos; e a glória dos filhos são os pais deles.

Procuram-se as riquezas para quietação e tranquilidade do espírito, pois os homens consideram que, depois de as terem amontoadas em casa, poderão com elas acudir a todas as necessidades, por forma a que nada sobrevenha que os perturbe com qualquer espécie de cuidado. Pelo que, se suceder diferentemente, acaso não é evidente que é muito melhor alimentar-se só de pão com tranquilidade de espírito do que degolar reses num banquete com incessante alteração e briga? É que fazia parte dos costumes que os homens, por amor da religião, imolassem sacrificialmente os animais antes de prepararem o banquete com as suas carnes. Mas uma casa cheia de reses onde há contenda não terá a paz por amor da qual se procuram obter as riquezas. Ao passo que o pobre, satisfeito apenas com o pão, goza da mais tranquila paz.

“O servo com juízo domina os filhos do seu senhor, se forem indignos e infames.” É que os servos sábios, pela lei da natureza, não são servos, mas homens livres. De facto, a natureza ordenou as coisas de tal modo que a sabedoria re-freia o desatino e o desatino não mantém a sabedoria subjugada debaixo do seu poder. Por conseguinte, quando por vezes o sábio, devido a algum infeliz acaso, serve como escravo, [805] tal sucede em contradição com a lei da natureza, que sempre concede o poder aos sábios. O qual, todavia, mesmo na servidão, alcança o poder, quando der provas da sua natural sabedoria, pois os senhores compreendem que a sua prosperidade assenta no governo dos sábios. E por isso muitas

adirationem uirtutis, euehuntur. Sic Ioseph in Aegypto imperium consecutus est; sic Daniel et illius sodales imperium Babyloniae atque Mediae consecuti sunt. Sic alii permulti iungum seruitutis depulerunt ut sapientia sua multorum mortalium saluti prospicerent.

Qui enim natura serui sunt salui esse non alia ratione poterunt quam sub sapientum dominatu. Sed cur non semper ita fit? Et cur imperium, quod est sapienti committendum, principi temerario et insano permittitur? Quia multitudinis flagitia, cum ad summum peruenient, tyrannide constituta puniuntur. Et praeterea aerumnae, quas sapientes sub tyrannorum immanitate animo inuicto perferunt, eorum gloriam et decus amplificant. Vt enim aurum aut argentum igne probatur, sic probat suorum corda Dominus ut, tamquam ex conflatura quadam, puriora et longe clariora ad immortale decus euadant. Cum uero non desint qui ad ueritatem erudiant, qui pietatis disciplinam tradant, qui uiam uitae monstrent, cur tam multi sunt qui perditos homines disciplinae fallacissimae magistros affectentur malintque illis aures praebere qui ad pestem et exitium sempiternum duces sunt, quam auscultare illis qui ad sempiternam salutem uocant? Quia multo plures sunt qui animum corruptum gerant et ex fraude et fallacia compositi sint, quam qui pura mente uitam instituere et ex ueritate suspensas rationes habere studeant.

Perinde autem cuiusque docilitas est quales illius mores sunt, improbi enim facillime, propter insitam in animo prauitatem, se ad eorum studium applicant quorum doctrina impunitatem improbitati propositam animaduertunt, et fraudulentum mendaciis atque fraudibus admodum libenter obtemperant. Inde fit ut errorum auctores et principes tam multos sectatores habeant qui eos admirentur atque suspiciant. Plerique enim impudenter elatos et inflatos homines qui ingenium ostentant et uirtutem simulant et sanctimoniam ementiuntur et multos mortales ad se magnificis promissis alliciunt diuinos arbitrantur, cum interim modestos et humiles uerissimaque uirtute, et non inani ostentatione, florentes, iocis et sibilis insectentur eorumque disciplinam ingrate repudient. “Hos”, inquit Sapiens, “non tam pauperes ipsos, quam eorum patrem, nempe Deum, qui eos benignitate sua complectitur, probris afficere, et eos, qui alterius ruina laetantur, impunitos minime fore.” Immanitas enim non potest clementissimo Domino placere.

Homines igitur humanae imbecillitatis immemores, qui in aliorum [806] ruina se posse eisdem calamitatibus uexari et suppliciis torqueri minime recordantur, superbia et crudelitate iram Diuinam in se acrius prouocant atque perficiunt ut seuerissimo Dei iudicio corruant grauioreque supplicio mactentur quam illud fuerat in quo nimis intemperanter insultauerant. Et, quamuis haec sententia in omnes qui in aliorum miseria laetantur conueniat, ad eos tamen praecipue pertinet qui in sanctorum hominum cruciatibus exsultabant. Christi enim discipulos primum contemptione atque derisione persequebantur; deinde, omni crudelitate

vezes encarregam os servos não só de cuidar do seu patrimônio, mas também da criação dos seus filhos. E não somente lhes concedem a liberdade, como também os instituem como herdeiros ao lados dos filhos. E até por vezes são elevados ao poder supremo devido à admiração pela sua virtude. Assim José alcançou no Egito o poder; assim Daniel e seus companheiros alcançaram o poder na Babilónia e na Média. Assim inúmeros outros depuseram o jugo da servidão a fim de com a sua sabedoria velarem pela prosperidade de muitos mortais.

De facto, os que por natureza são servos não poderão salvar-se de outra modo senão sob o mando dos sábios. Mas por que motivo tal não acontece sempre e por que é que a soberania, que deveria ser entregue a um sábio, é confiada a um príncipe irrefletido e desatinado? Porque as infâmias da multidão, quando chegarem ao extremo, castigam-se com o estabelecimento de uma tirania. E, além disso, as provações que os sábios suportam com ânimo invencível aumentam a sua glória e honra. É que, da mesma forma que o ouro ou a prata se provam no fogo, assim o Senhor põe à prova os corações dos Seus para que, como por uma espécie de processo de fundição, cheguem mais puros e muito mais nobres à honra imortal. Mas, sendo certo que não faltam homens que instruem na verdade, que ensinam a piedade e que mostram o caminho da vida, por que é que são tão numerosos os que vão empós de homens perversos, mestres dos mais falsos ensinamentos, e preferem dar ouvidos aos que são guias para a perdição e a ruína, a escutar aqueles que os chamam para a salvação eterna? Porque é muito maior o número dos que têm um espírito corrupto e estão moldados pelo engano e o embuste, do que o daqueles que se esforçam por regular a vida com espírito puro e fazer depender da verdade os seus pensamentos.

Por outro lado, a facilidade em aprender de cada um é como são os seus costumes, pois os desonestos, devido à depravação instalada no seu espírito, aplicam-se com a maior facilidade ao estudo daquelas coisas com a aprendizagem das quais se apercebem de que se oferece impunidade à desonestidade, e os enganadores de muito bom grado obedecem às mentiras e embustes. Por isso acontece que os autores e promotores dos erros têm tantos seguidores que os admiram e olham com respeito. É que a maioria considera divinos os homens impudentemente ensoberbecidos e altivos, que fazem alarde de inteligência, simulam a virtude, fingem a santidade e, com magníficas promessas, atraem para si muitos mortais, ao mesmo tempo que perseguem com vaias e zombarias os modestos, humildes e ricos, não de vã aparência, mas da verdadeira virtude, rejeitando com ingratidão os seus ensinamentos. Diz o Sábio que “estes cobrem de baldões não tanto os próprios pobres, mas antes o Pai deles, a saber, Deus, que os abraça com a Sua bondade, e não há de deixar sem castigo os que se regozijam com a desgraça de outrem.” É que a desumanidade não pode agradar ao mais compassivo dos Senhores.

Por conseguinte, os homens que não se lembram da fraqueza humana, que esquecem que [806] na ruína dos outros podem ser atingidos pelas mesmas

lacerabant et ex eorum nece magnam uoluptatem capiebant: quod scelus minime impunitum fuit. Omnes enim qui tam immane facinus susceperunt dirissimo supplicio consumpti sunt.

Ait deinde diuturnam propagationem et sobolem esse parentum decus eximium, quod fit, cum posterii maiorum, qui cum laude uixerant, uestigiis insistunt et ad eandem uirtutem liberos erudiunt, ut eiusdem uirtutis exemplum diutissime permaneat et generis princeps immortalis memoria celebretur. Vt enim filiorum decus et turpido patres dedecore afficit, ita filiorum atque nepotum decus insigne parentum gloriam laudibus eximiis atque propemodum sempiternis illustrat. Similiter, qui bonis parentibus procreati sunt merito maiorum suorum nomine gloriantur, quemadmodum ii, quorum maiores fuere aliqua macula non uulgaris dedecoris adpersi, mentione illius turpitudinis erubescunt. Deicit animos generis macula et posteritatem infamiae labe contaminat. Cum hoc ita sit, quid ad nominis claritatem magnificentius esse potest quam sanctissimis disciplinis multos filios gignere satuque Diuino posteritatem procreare ad sempiterni nominis gloriam et regni caelestis hereditatem, nullis saeculis interituram? Quid rursus filiis illustrius quam in maioribus suis Diuinos uiros enumerare, quorum disciplinis et exemplis instituti, ad studium immortalitatis atque Diuinitatis adspirant?

[7.] *Non decent stultum uerba composita, neque principem labium mentiens.*
 [8.] *Gemma gratissima exspectatio praestolantis;* (Ex Hebraeo sic explicari potuisset: Gemma gratissima est munus in oculis illius, qui illud possidet); *quoquumque se uertit, prudenter intelligit.* [9.] *Qui celat delictum quaerit amicitias; qui altero sermone repetit separat foederatos.* [10.] *Plus proficit correptio apud prudentem, quam centum plagae apud stultum.* [11.] *Semper iurgia quaerit malus; angelus autem crudelis mittetur contra eum.* [12.] *Expedit magis ursae occurrere raptis fetibus, quam fatuo confidenti in stultitia sua.* [13.] *Qui reddit mala pro bonis, non recedet malum de domo eius.* [14.] *Qui dimittit aquam* (hoc est: Qui aquae uiam aperit) *caput [807] est iurgiorum, et antequam patiatur contumeliam iudicium deserit* (id est: Antequam contentio suscitetur, litis materia tollenda est). [15.] *Qui iustificat impium, et qui condemnat iustum, abominabilis est uterque apud Deum.* [16.] *Quid prodest stulto habere diuitias, cum sapientiam emere non possit?*

desgraças e atormentados pelos mesmos suplícios, com a sua soberba e crueldade estão a provocar mais violentamente contra si mesmos a ira de Deus e a conseguir que o severíssimo juízo de Deus os abata e que os puna um suplício mais pesado do que fora aquele em relação ao qual se mostraram demasiado insolentes. E, embora este provérbio se aplique a todos os que se alegram com a desgraça dos outros, todavia abrange sobretudo aqueles que se regozijavam com os tormentos dos homens santos. É que, primeiramente perseguiram os discípulos de Cristo com o desprezo e a zombaria; depois, torturavam-nos com toda a crueldade e sentiam grande prazer com a morte deles: crime este que não ficou impune. É que todos os que perpetraram um tão monstruoso atentado foram destruídos por um suplício muitíssimo terrível.

Diz em seguida que uma longa continuidade e descendência são um extraordinário motivo de honra dos progenitores, o que faz que, quando os descendentes seguem as pisadas dos antepassados, que viveram com renome, e instruem os seus filhos na mesma virtude, o exemplo da mesma virtude permaneça durante muitíssimo tempo e se celebre com imortal lembrança o fundador da linhagem. É que, da mesma maneira que a torpeza e infâmia dos filhos cobre de desdouro os pais, assim o insigne lustre dos filhos e netos enobrece a glória dos progenitores com extraordinários e quase eternos elogios. Do mesmo modo, os que foram gerados por bons progenitores, com razão se ufanam do prestígio dos seus antepassados, tal como aqueles cujos antepassados se aviltaram com alguma mancha de desdouro fora do comum, sentem pejo quando se alude a essa infâmia. Uma mancha na linhagem abate o ânimo e contamina a descendência com o labéu da infâmia. Uma vez que as coisas são assim, que pode haver de mais poderoso para o prestígio do nome do que, através dos mais santos ensinamentos, gerar muitos filhos e, mediante uma paternidade divina, procriar descendência para glória do nome sempiterno e herança do reino celestial, que nunca há de acabar pelos séculos dos séculos? Por sua vez, que existe de mais nobre para os filhos do que contar entre os seus antepassados varões de Deus, que, depois de os terem instruído com os seus ensinamentos e exemplos, os levam a aspirar ao amor da imortalidade e de uma condição divina?

7. As palavras compostas não convêm ao insensato, nem a um príncipe o lábio mentiroso. 8. A exultação de quem espera é uma pérola belíssima; [Tendo em conta o texto hebraico, teria podido verter-se assim: “Uma pedra preciosa muito bela é o presente para os olhos daquele que o possui”] para qualquer parte que ele se volta, obra com prudência. 9. Aquele que encobre o delito busca amizades; o que por outro teor o repete, separa os unidos. 10. Ao homem prudente serve-lhe mais uma repreensão do que ao insensato um cento de golpes. 11. O mau sempre anda buscando distúrbios, mas o anjo cruel será enviado contra ele. 12. É melhor encontrar uma urso, à qual foram roubados os seus filhinhos, do que um insensato que se fia na sua loucura. 13. Não se apartará o mal da casa daquele

Non decet, inquit, elegans sermo dementem qui ornamentis orationem illustrare nititur, cum interim nihil hominum prudentum approbatione proferat, sed tantum inanes uerborum sonitus absque ullo argumento profundat, et, quo oratio illius est magis elaborata, eo clarius illius inanitas apparet. Quod, si stultum parum decet orationis concinnitas, quanto minus decebit principem mentiri? Stultus enim in dicendo inuitus errat, at princeps sponte sua delinquit. Et stultus, cum eleganter loqui studet, ad laudem enititur; princeps, mentiendo, turpitudinem insignem subire minime ueretur. Quid enim magis turpe sit principi quam mendacium excogitari non potest.

Primum enim mendacium est a metu profectum, qui enim mentitur aut iudicium metuit aut offensionem aut uitae periculum. Timor autem est miserrimae seruitutis indicium et animi minime constantis argumentum. Vnde sequitur ut princeps meticulousus sit nomine principis prorsus indignus. Nec enim princeps appellari debet, nisi is qui excelso et elato animo est et humana infra se posita iudicat. Qui autem timet, id certe quod timet longe superius atque fortius opinatur. Praeterea, si iudicium timet, est iniustus; si hominum offensiones, obnoxius; si pericula, parum fortis. Cum igitur neque iniquus nec adulator neque imbecillus principis dignitatem obtinere possit et qui mentitur omnibus his flagitiis opertus necessario sit, constat certe nihil esse principe mendace flagitiosius. Postremo, cum principis officium sit Rempublicam florentem atque beatam efficere, beatam porro Rempublicam non falsa bona, sed opes uerissimae faciunt, princeps igitur qui mendax exstiterit non poterit esse huius tam praeclari muneris architectus. Non enim uera bona in Rempublicam conferet, sed falsa et inania. Quomodo enim efficiet Rempublicam uerissimis bonis affluentem, nisi perpetuo in illum summum Dominum, qui est summa atque sempiterna ueritas, mentem intenderit? At, qui mentitur, non in Deum, sed in Diuini nominis hostem, qui mendacii auctor atque adeo parens est, oculos conicit.

Vnde colligitur non posse ullo modo principem mendacem Rempublicam procurare. Cum igitur uidemus homines amentissimos dicendi laudem aucupari aut principes mendacii oblectari, possumus, non absque ratione, suspicari eos sub hoste generis humani stipendia facere, seque totos ad Antichristi similitudinem atque mores effingere.

que dá males por bem. 14. O que dá saída à água represada, é origem [807] de contendas; e antes de padecer a afronta, desampara a justiça. [isto é: “antes que surja a contenda, cumpre suprimir-se a matéria de litígio”] 15. Aquele que justifica ao ímpio e aquele que condena ao justo, ambos são abomináveis diante de Deus. 16. De que serve ao insensato ter grandes riquezas, se ele não pode comprar com elas a sabedoria?

Diz que não ficam bem palavras elegantes ao louco, que se empenha em dar brilho ao seu discurso com galas de locução, uma vez que entretanto nada profere que mereça a aprovação dos homens sensatos, mas apenas solta vãos sóidos de palavras, sem qualquer conteúdo, e, quanto mais elaborado é o seu discurso, tanto mais evidente se torna a sua futilidade. Pelo que, se pouco quadra ao insensato a elegância de linguagem, quanto menos quadrará ao príncipe a mentira? É que o insensato erra involuntariamente ao falar, ao passo que o príncipe delinque de livre e espontânea vontade. E o insensato, quando se empenha em falar com elegância, está a esforçar-se para ser elogiado; o príncipe, ao mentir, não receia incorrer numa enorme infâmia. De facto não pode imaginar-se nada que seja mais infame para um príncipe do que a mentira.

É que, em primeiro lugar, a mentira procede do medo, pois quem mente ou receia o julgamento ou ofender ou perigo de vida. Por outro lado, o temor é indício da mais mofina servidão e prova de um espírito pouco firme. Daqui se segue que o príncipe assustado é totalmente indigno do título de príncipe. De facto, só deve chamar-se príncipe aquele que tem um espírito elevado e nobre e julga as coisas humanas como colocadas abaixo de si. Ora, quem teme pensa que certamente isso que teme é muito mais elevado e mais forte. Além disso, se teme o julgamento, é injusto; se teme ofender os homens, é covarde; se teme os perigos, pouco valente. Por conseguinte, uma vez que nem o iníquo, nem o servil, nem o frouxo podem obter a dignidade de príncipe e quem mente forçosamente se cobre com todas estas indignidades, conclui-se logicamente que nada existe de mais infame do que um príncipe mentiroso. Finalmente, uma vez que é obrigação do príncipe tornar o Estado próspero e feliz, e o que faz feliz o Estado não são os falsos bens, mas as verdadeiras riquezas, por conseguinte, o príncipe que for mentiroso não poderá ser o executor de uma tão ilustre função. É que não oferecerá à república bens verdadeiros, mas falsos e vãos. De facto, de que modo tornará ele uma república abundante nos mais verdadeiros bens se não dirigir incessantemente o espírito para aquele supremo Senhor que é a verdade suprema e eterna? Por outra lado, quem mente está a dirigir o olhar, não para Deus, mas para o inimigo do nome de Deus, que é o autor e até o pai da mentira.

Daqui se conclui que de forma alguma um príncipe mentiroso pode estar à testa de um Estado. Por conseguinte, quando vemos que homens totalmente loucos procuram o louvor de eloquentes ou que os príncipes se recreiam com mentiras, podemos fundadamente imaginar que eles militam sob a bandeira do

“Gemmam gratissimam esse” dicit “munus illis quibus donatum est”. Non enim ponunt in lucro quod antea possidebant. Id igitur quod [808] aduentivum est, quod minime sperabant, plurimi faciunt et illius recenti possessione egregie laetantur. Quare prudenter ab interprete “exsultatio praestolantis” fuit appellatum. Munus igitur missum hominibus aditum ad gratiam aperit; munus negotium sollertissime gerit; et muneribus denique omnia ad uoluntatem illius qui potentibus gratificari studet efficiuntur. Sed quid hoc est quod Sapiens ait? Num nos admonet ut, cum fuerit nobis aliquid cum principibus agendum, non ueritate, sed muneribus innitatur, iudices etiam donis expugnemus? Credibile certe non est. Sed, uel principes accusat iniquitatis qui id quod est iustitiae debitum ad munera transferunt, et eos, qui non tam causae quam donis confidunt illis quos uirtutum merita confidentes facit, longe praeponunt; uel, quod magis reor, ex hac hominum iniquorum similitudine exemplum sumit ad negotia apud rerum omnium Dominum sapienter administranda. Quemadmodum Dominus, ut est apud Lucam,⁸⁰ exemplo, ab iniquo seruo, callido tamen, qui “sibi amicos ex mammona iniquitatis effecit”, deducto, nos instruit ad benignitatem et misericordiam egentibus tribuendam.

Quasi dicat: “Si ab hominibus aliquid impetrare uis aut in iudiciis litem obtinere cupis, munera largiris, aliter enim arbitraris futurum ut nihil tibi ex animi sententia procedat. Similiter, si cum Deo aliquid agere uis quod ad salutem et dignitatem ualeat, est tibi etiam muneribus pugnandum, quemadmodum illi dicit: “Non apparebis ante me uacuus”⁸¹. Sed, dices: “Quae munera illi possum offerre in cuius potestate omnia sunt?” – Illa certe quae scis illi fore gratissima: uitae nempe conuersionem, animi puritatem, hominum caritatem, uiduarum et pupillorum patrociniū, et Diuinae legis studium et reliqua eiusmodi munera, quibus delentur et a seueritate ad gratiam frequenter inflectitur.” Nec est etiam parum prudens admonitio ut, secundum Deum, te illis gratum ostendas, quorum beneficiis obligatus es uoluntatemque tuam muneribus missis testificeris, ut sic illum oblectes qui te sibi deuinxit et dignus beneficiis multo amplioribus uidearis.

Ostendit deinde quomodo sit cum hominibus uiuendum et iniuriae uicissim tolerandae, si uolumus pacem et concordiam perpetuo tueri. Si enim nimis exacte ius nostrum exquirimus et cum amicis et necessariis acriter expostulamus, fieri non potest ut pristina coniunctio diu maneat, immo plerumque accidit ut amor summus in odium acerbum conuertatur. Sunt enim quidam ita natura queruli et contentionis cupidi ut numquam de iure suo decedere uelint, licet magnum periculum acerbissimae dissensionis impendeat. Quod quidem uiris magnis

⁸⁰ Vd. Vulgata, *Lc.* 16, 8 sqq.

⁸¹ Vd. Vulgata, *Ex.* 23, 15; 34, 20.

inimigo do género humano e se moldaram inteiramente à imagem e semelhança do Anticristo.

Diz que “o presente é uma pedra preciosa para aqueles a quem é dado”. É que não consideram como um lucro aquilo que antes possuíam. Por conseguinte, têm em grande apreço o que [808] vem de modo inesperado e fortuito, e regozijam-se singularmente com a sua recente posse. Motivo pelo qual de modo sagaz o tradutor verteu por “exultação do que espera”. Portanto, o presente oferecido franqueia aos homens o acesso à graça; o presente resolve mui expeditamente os negócios; e, enfim, com presentes tudo se leva a cabo de acordo com a vontade daquele que se aplica a obsequiar os poderosos. Mas que é isto que o Sábio afirma? Porventura aconselha-nos a que, quando tivermos de tratar de algum assunto com os príncipes, nos apoiemos não na verdade, mas nos presentes, e que até assediemos os juízes com peitas? Decerto que tal não é de crer. Mas, ou acusa de iniquidade os príncipes que transformam em presentes aquilo que se deve à justiça, e que de longe antepõem os que confiam mais nas dádivas do que na justiça da causa, àqueles aos quais os merecimentos das virtudes tornam confiantes; ou, interpretação para que mais propendo, desta analogia com os homens iníquos toma exemplo para a sábia gestão dos assuntos por parte do Senhor de todas as coisas. Da mesma maneira que o Senhor, como se pode ver em S. Lucas, a partir do exemplo do servo iníquo, mas astucioso, que “granjeou amigos com as riquezas da iniquidade”, [Lc 16. 9.] nos ensinou o bem-fazer e a misericórdia de que devemos usar com os necessitados.

Como se dissesse: “Se queres obter alguma coisa dos homens ou desejas ganhar uma questão em juízo, dás presentes, pois de outro modo consideras que nada te há de correr a contento. Semelhantemente, se queres tratar alguma coisa com Deus, que vise à salvação e dignidade, também te cumpre pelejar com presentes, tal como Ele disse: “Não aparecerás na minha presença com as mãos vazias.” [Êx 23. 15.] Mas dir-se-á: “Que presentes podemos oferecer Àquele que tudo tem em Seu poder?” – Certamente que aqueles que sabemos que Lhe serão muitíssimo agradáveis: a saber, a transformação da vida, a pureza de espírito, o amor pelos homens, o amparo das viúvas e dos órfãos, o apego pela lei divina e os restantes presentes deste teor, com os quais se abranda e frequentemente põe de parte a ira e se desvia para a graça. E tão-pouco se trata de um conselho pouco avisado, o de, seguindo a Deus, te mostrares agradecido àqueles cujos benefícios te deixaram penhorado e que testemunhes o teu agradecimento mediante a oferta de presentes, para assim agradares àquela pessoa que se uniu a ti e para pareceres merecedor de benefícios muito maiores.

Mostra em seguida como se deve viver com os homens e, por sua vez, suportar as injustiças, se queremos conservar sempre a paz e a harmonia. É que, se procuramos exigir o nosso direito com excessivo rigor e de modo desabrido pedimos satisfações aos nossos amigos e parentes, é impossível que a antiga amizade se mantenha por muito tempo, e até ordinariamente acontece que um grande amor

magnaque uirtute praeditis non potest accidere, sed amicorum errata dissimulant, intelligunt enim fieri uix posse ut quisquam ita legem amicitiae seruet ut numquam in officio delinquat. Iccirco, inquit Salomon, “qui amicitiae firmitatem quaerit, delictum celare, qui uero querimoniam iterat et saepe eandem [809] accusationem repetit, animos alienat usque adeo ut etiam principem, a quo sibi malum grauius metuere debeat, aduersarium sibi constituere minime uereatur.” Hi sunt qui, ut est in uetere prouerbio, malunt perdere amicum quam dictum.

Ratio autem uel amicitiae retinendae uel alienatae uoluntatis reconciliandae est in offensionis obliuione, et non in illius intempestiua commemoratione ponenda. Quam facilis autem sit medicina quae prudentibus adhibetur ex eo perspicitur quod illorum morbi una tantum admonitione depelluntur, at stulti neque centum plagis ad sanitatem reducuntur. Prudentiae autem munus est pacem unice tueri, temeritatis et insaniae dissensiones excitare, cuius quidem improbitatis stulti capite tandem plerumque poenas luunt, ea enim moliuntur et efficiunt ut sit illis extremum supplicium legibus irrogandum. Hoc est autem quod significat Sapiens cum ait malum illis angelum, id est, nuntium, impendentis uidelicet necis, afferendum. Horum omnium malorum stultitia mater est, quae quidem, ut pestilentior sit, est plerumque cum insigni confidentia coniuncta. At, cum furiosus et insanus confidens est sibique prudentiam et acumen arrogat, neque pudore contineri, neque metu deterreri, neque officii religione prohiberi potest quin in suorum etiam perniciem erumpat. Tunc igitur multo tolerabilius est in ursam catulis orbatam incidere quam stulto nimis confidenti occurrere.

Quid autem de furore illius dicendum est qui non solum se infestum praestat illis a quibus fuit leuissima iniuria lacesitus, neque illis tantum a quibus numquam fuit iniuria uiolatus, sed in illos etiam furenter inuehitur quibus est multis beneficiis obligatus? Huius quidem perfidia non erit impunita, numen enim Diuinum est ingratis acriter infensum. Cum autem in discordia sit legum contemptio, morum corruptio, Reipublicae totius euersio, is qui discordiae auctor est omnium malorum causam sustinet. Vt enim qui aggeres fluuii oppositos distubat atque disiicit causam dat uastitati quae frugibus infertur, ita qui in Republica aditum discordiis aperit est qui statum Reipublicae impetu furibundo prosternit. Qui igitur patriam suam tueri et conseruare desiderat, summo studio, cura, uigilantia prouidere debet, ne dissensiones oriantur. In principiis enim omnium malorum causa consistit. Est igitur in principio omnis discordiarum materia subtrahenda et nascentibus morbis occurrendum; nam, postquam uires collegerint, sanari difficillime poterunt.

se transforma em violento ódio. É que existem certas pessoas por natureza de tal maneira lamurientas e ávidas de conflito que nunca querem ceder no seu direito, mesmo que se corra um grande risco de um desentendimento muitíssimo violento. Situação que decerto não pode acontecer com varões de sentimentos elevados e dotados de grande virtude, que não fazem caso dos erros dos amigos, pois entendem que dificilmente pode suceder que alguém de tal modo respeite a lei da amizade que nunca falhe no cumprimento das suas obrigações. Por isso diz Salomão que “quem busca a firmeza da amizade, encobre o delito, e quem repete a queixa e amiúde [809] reitera a mesma acusação, cria inimigos, a tal ponto que não teme tornar-se adversário do príncipe de quem deve recear um mal mais pesado. Este é o tipo de pessoas que, como reza o antigo rifão, “antes querem perder um amigo do que um bom dito”.¹⁸

Por outro lado, o método para conservar a amizade ou para recuperar o afeto perdido assenta no esquecimento das ofensas, e não na lembrança inoportuna das mesmas. Ora, quão fácil seja o remédio que se oferece aos prudentes é algo que facilmente se vê a partir do facto de que as enfermidades deles se curam apenas mediante admoestações, ao passo que os insensatos nem com um cento de golpes recuperam a sanidade. Por outro lado, a função da prudência é velar de modo particular pela paz, e a do desatino e da demência provocar dissensões, sendo certo que os insensatos acabam ordinariamente por sofrer na sua cabeça o castigo desta ruindade, pois aprontam tais coisas que pela lei devem incorrer na pena capital. Ora, é isto o que o Sábio quer dizer, quando escreve que o mau anjo, isto é, o mensageiro, deve anunciar-lhes a morte iminente. A mãe de todos estes males é a insensatez, a qual, para ser mais perniciosa, de ordinário encontra-se associada a uma enorme confiança. Mas, uma vez que o vesano e louco é confiado e arroga-se a sensatez e a penetração intelectual, não pode ser refreado pelo pudor, nem dissuadido pelo medo, nem impedido pelos escrúpulos do dever, de precipitar-se na perdição, até do que é seu. Por conseguinte, é muito mais seguro dar de frente com uma urso a quem roubaram as crias do que encontramos com um insensato cheio de confiança em si mesmo.

Ora, que cumpre dizer-se acerca do desatino daquele que não apenas se mostra hostil contra aqueles pelos quais foi ferido com um ligeiríssimo agravo, e arremete não só contra aqueles que nunca o ofenderam com qualquer agravo, mas também com sanha irracional contra aqueles que o penhoraram com muitos benefícios? A sua perfídia não ficará impune, pois a divindade hostiliza vivamente os ingratos. Por outro lado, uma vez que a discórdia traz consigo o desprezo das leis, a corrupção dos costumes e a total ruína da república, quem provoca a discórdia está a defender a causa de todos os males. De facto, assim como quem derruba e destrói os açudes opostos às águas ocasiona a devastação que se

¹⁸ Veja-se Quintiliano, *Inst.* 6. 3. 28.

Intelligendum tamen est omnem discordiarum causam a corruptis iudiciis exsistere. Est enim discordia civilis poena Diuina populis, propter legis contemptum et iudiciorum corruptelam et flagitiorum impunitam licentiam, seueritate sanctissimi numinis irrogata. Consequens igitur fuit ut, post discordiarum mentionem, causa uerissima civilis dissensionis explicaretur. Ait igitur Sapiens non solum Deum offendere eum qui crimine liberat impium, sed etiam illum qui iustum et innocentem crimine condemnat. Vterque igitur infando scelere [810] constrictus in se iram Diuinam concitat. Neque solum in iudicio, cum ferenda est de uno quoque sententia, cum ab aequitate disceditur, Dei numen ad uindictam incenditur, sed etiam in sermone quotidiano peccat is qui hominem impium laudibus ornat et qui hominem iustum et pium uituperat. Cum enim laudatur impius, hostis numinis Diuini laudatur: quod est facinus impudentissimum. Cum uero iustus uituperatur, amicus Dei probris afficitur: quod similiter est crimen scelestissimum. Itaque oportet, antequam sententiam de hominum moribus atque uita feramus, illorum facta diligenter expendere, ne temerario et repentino iudicio iram in nos Diuinam prouocemus.

Ait deinde nullum umquam fructum opes immanes stulto allaturas. Emat ille quidem agros, emat supellectilem, emat gemmas atque monilia: cum tamen sapientiam emere non possit, quam utilitatem ex opibus summis percipiet? Fructus enim diuitiarum non in possessione, sed earum recto usu consistit. Rectus autem diuitiarum usus sapientia continetur. Vt enim non multae citharae, sed recte pulsandi artificium citharoedum faciunt, ita non grandis pecunia, sed pecuniae salutaris usus hominem uere diuitem reddit. Qui igitur huius artis experts fuerit, quem fructum ex pecunia seret? Nullum prorsus, immo, quo magis opulentus exstiterit, eo magis infelix et miser erit. Pecuniam enim ad dedecus et exitium conferet et, quod potuerat esse salutis publicae materia erit illi, propter stultitiae magnitudinem, sempiternae pestis instrumentum. Est igitur illi qui diues esse uelit sapientia comparanda; quod stultus facere non potest, pretio enim caret quo sapientia emitur: nempe, modestia et humilitate incensoque immortalitatis studio et ardenti pietate et religione. Odit enim disciplinam, monitores insectatur, insolenter extollitur, Dei iudicia contemnit et, opinione sapientiae inflatus, ita se gerit quasi possit ipse Rempublicam uniuersam prudentia, quam sibi impudenter assumit, facillime moderari.

causa às produções da terra, da mesma maneira quem na república franqueia a entrada às discórdias, é quem com tresloucado ímpeto arruína a estabilidade da república. Por conseguinte, quem deseja defender e conservar a sua pátria, deve com o máximo empenho, cuidado e vigilância velar por que não surjam dissensões. É que a causa de todos os males encontra-se nos começos. Portanto, logo no princípio deve fazer-se desaparecer toda a matéria de discórdia e acudir-se às enfermidades que começam a nascer, porquanto, depois de ganharem forças, mui dificilmente poderão curar-se.

Todavia deve entender-se que toda a causa das discórdias provém de juízos corruptos. É que a discórdia civil é um castigo divino, infligido aos povos pela severidade da santíssima majestade de Deus, por causa do desprezo da lei, da corrupção dos juízos e da liberdade impune das infâmias. Portanto, foi lógico que, depois da menção das discórdias, se expusesse a verdadeira causa da dissensão civil. Por conseguinte, o Sábio diz que ofende Deus não apenas aquele que isenta o ímpio de culpa, mas também aquele que condena ao justo e inocente. Portanto, ambos se tornam culpados de um crime abominável [810] e atraem sobre si a ira divina. E não só a majestade divina se sente provocada à vingança, no juízo, quando se deve pronunciar sentença acerca de cada um e esta se desvia da equidade, mas também erra na linguagem comum a pessoa que cobre de elogios o homem ímpio e que vituperava o homem justo e piedoso. É que, quando se louva o ímpio, está-se a louvar um inimigo do nome de Deus: algo que é o mais desafortado dos atentados. Por outro lado, quando o justo é vituperado, está-se a cobrir de ultrajes um amigo de Deus: algo que, do mesmo modo, é o mais infame dos crimes. E assim convém que, antes de emitirmos opinião acerca dos costumes e vida dos homens, pesemos com ponderação os seus atos, para evitarmos despertar contra nós a ira divina devido ao nosso juízo temerário e apressado.

Afirma em seguida que jamais hão de ser de algum proveito ao insensato as imensas riquezas. Compre muito embora campos, compre baixelas, compre joias e colares: se mesmo assim não pode comprar a sabedoria, que proveito há de tirar das maiores riquezas? É que o fruto dos bens não consiste na sua posse, mas sim na sua correta utilização. Ora, a correta utilização dos bens depende da sabedoria. De facto, assim como o que faz de alguém guitarrista não é o grande número de cítaras, mas a arte de bem tocar, da mesma maneira o que torna um homem deveras rico não é a grande quantidade de dinheiro, mas o seu uso salutar. Portanto, quem estiver privado deste conhecimento, que fruto há de colher da riqueza? Absolutamente nenhum, e até, quanto mais opulento for, tanto mais infeliz e desventurado será. É que empregará o dinheiro no desdouro e na infâmia e, aquilo que tinha podido servir para a prosperidade pública, será para ele, devido à sua enorme insensatez, instrumento de eterna perdição. Portanto, aquele que quiser ser rico, deve obter a sabedoria; algo que o insensato não consegue fazer, pois tem falta daquilo com que se compra a sabedoria: a saber, a modéstia e a humildade, o abrasado amor da imortalidade e uma piedade e

[17.] *Omni tempore diligit qui amicus est, et frater in angustiis comprobatur.*
 [18.] *Stultus homo plaudet manibus, cum sponderit pro amico suo.* [19.] *Qui meditatur discordias diligit rixas, et qui exaltat ostium suum quaerit ruinam.*
 [20.] *Qui peruersi cordis est non inueniet bonum, et qui uertit linguam incedit in malum.* [21.] *Natus est stultus in ignominiam suam; sed nec pater in fatuo laetabitur.* [22.] *Animus gaudens aetatem floridam facit; spiritus tristis exciccat ossa.* [24.] *Munera de sinu impius accipit, ut peruertat semitas iudicii.*

Anteponit Sapiens uerum amicum fratri, fratrem enim facit sanguinis necessitudo, amicum autem morum bonorum similitudo, et frater est [811] a natura tributus, amicus autem libero iudicio delectus. Praeterea, amici nomen, si amor qui animos conglutinauit refrixerit, exstinguitur; at fratris nomen in odio etiam capitali permanebit. Itaque amici nomen numquam ab amoris ui et ratione seiungitur, fratris uero nomen in odio etiam immani retinetur. Nullae sunt enim capitaliores insidiae illis quae a fratribus in fratres saepenumero comparantur. Itaque amicus semper diligit; frater, cum angustia premitur, fratrem a quo flagitat opem, fratrem appellat, ita ut tum demum exoriri et fratris nomen agnoscere uideatur. Et hoc etiam est ualde odiosum, quod officium ab amico tributum accidit semper amico gratissimum; quod autem fratri confertur, minime gratum. Existimat enim is, qui a fratre beneficium accipit, multo minus sibi tributum esse, quam debebatur, omnes namque fratris opes in suis numerat.

Non autem est ea mens Sapientis ut fratrem ab amicitiae coniunctione secludat, sed ut doceat amicitiae nomen esse per se sanguinis propinquitati praefendum. Et hac sententia docet Sapiens quanti sit amicus faciendus, ea uero quae sequitur ostendit quanto iudicii pondere sit examinandus is quem ut amicum diligimus. Stultus enim nimis est qui fidem suam obligat pro eo cuius fidem exploratam non habet. Non intelligit enim quantis se periculis exponat is qui pro ignotis et alienis, qui nullum umquam uerae uirtutis specimen in uita praebuerunt, sponsores esse uolunt. Hoc enim sponsionis officium amicis spectatis et cognitis, et non illis de quorum uirtute et constantia, nulla umquam opinio fuit, debitum est, et optimo iure, cum necessitas efflagitat, tribuendum.

religiosidade ardentes. Na verdade, ele odeia os ensinamentos, persegue quem o aconselha, insolentemente se ensoberbece, despreza os juízos de Deus e, inchado com a presunção de sábio, de tal modo se comporta como se com a maior das facilidades pudesse governar a totalidade do Estado com a prudência que de modo impudente se arrogou.

17. Aquele que é amigo, é-o em todo o tempo, e o irmão conhece-se nos transe apertados. 18. O homem insensato baterá com as mãos, quando se declarar fiador pelo seu amigo. 19. Aquele que medita discórdias, ama contendias; e o que levanta a sua porta, busca a sua ruína. 20. O que é de coração perverso não achará o bem; e o que tem a língua dobre cairá no mal. 21. O insensato nasceu para ignomínia sua, pois nem o pai se alegrará com o filho estulto. 22. O ânimo alegre faz a idade florida; o espírito triste seca os ossos. 23. O ímpio recebe presentes do seio, para perverter as veredas da justiça.

O Sábio antepõe o verdadeiro amigo ao irmão, pois os laços de sangue é que fazem o irmão, ao passo que quem faz o amigo é a semelhança de costumes, e o irmão é dado [811] pela natureza, enquanto o amigo é escolhido por deliberação livre. Além disso, o nome de amigo extingue-se se esmorecer o amor que ajuntou as almas, ao passo que o nome de irmão há manter-se mesmo existindo um ódio de morte. E por isso o nome de amigo nunca se separa da essência e natureza do amor, ao passo que o nome de irmão se conserva mesmo existindo ódio desmedido. De facto, não há ciladas mais mortíferas do que aquelas que muitas vezes irmãos maquinam contra irmãos. E assim, o amigo sempre ama; o irmão, quando se vê acabrunhado pela aflicção, ao irmão a quem pede ajuda, chama-lhe irmão, de tal maneira que parece que só então aparece e ele reconhece o nome de irmão. E também é muito desagradável o facto de que o obséquio prestado por um amigo é sempre muito grato ao amigo, ao passo que o que se faz a um irmão, não suscita a gratidão do irmão. É que o que recebe um favor do irmão considera que lhe foi dado muito menos do que lhe era devido, pois tem na conta de coisas suas as riquezas do irmão.

Ora, a intenção do Sábio não é excluir o irmão dos laços da amizade, mas ensinar que em si mesmo o nome de amizade deve ser preferido ao da proximidade pelo sangue. E com este provérbio o Sábio ensina o quanto se deve prezar o amigo, e o que se segue mostra com quão grande ponderação devemos examinar aquele a quem escolhemos como amigo. É que é muito insensato quem empenha a sua palavra a favor de alguém de cuja palavra não tem experiência. Com efeito, não entende a quão grandes perigos se expõe a pessoa que quer ser fiadora de desconhecidos e estranhos que nunca deram na vida nenhuma mostra de verdadeira virtude. É que este serviço de fiador deve-se prestar, e com toda a razão oferecer, quando a necessidade o requer, a amigos provados e conhecidos, e não àqueles sobre cujas virtude e constância nunca se soube nada.

Ab iniuriis deinde absterret et admonet ne umquam nobis impunitatem proponamus, qui enim ab imperio legitimo deficit contentionem suscitatur; ex ea uero contentione periculum sibi ipse extremae calamitatis intendit et damnum quod intulerat necessario compensabit. Vt enim sit aliquis tam mollis animi ut iniuriam persequi nolit, aut tam timidus, ut ius postulare non audeat, in illo certe iudicio sanctissimo, in quo non potest ulla fraus aut immanis potentia dominari, is qui fecit iniuriam debito supplicio cruciabitur. Qui igitur iniquitatem suscipit, grauissimam poenam suscipit. Qui autem opinatur sibi nullum iudicium, propter summas opes, esse subeundum est amentissimus. Vt enim qui domum nimis excelsam aedificat, quo ostium altius est et magis in altum prominet, eo grauius, cum labitur, in ruina conteritur, ita qui nimis extollitur eo grauiore supplicio mactabitur, quo insolentius efferebatur. Et tamen mirum est quantam uim bonorum homines amentes, non modo e summa⁸² potentia, uerum e cordis iniquitate et e linguae⁸³ impuritate sibi polliceantur. Itaque mirifice sibi placent et eos despiciunt qui fraudes concipere timent et insidias struere nesciunt, sed simplici et pura mente uitam instituunt. At nemo illorum, quod fraude atque mendacio linguaeque uersutia consequi nititur, ullo modo consequetur: immo, ea calliditate, qua nimis efferuntur, [812] omnes sempiternum sibi exitium comparabunt.

Et tantum ita sunt amentes ut non solum malitia glorientur, uerum et filios suos ad prauitatem monitis et exemplis erudiant. Erroris igitur pestilentissimi poenas luent et homines improbi et illi etiam qui fuerint in filiorum educationem negligentes. Filius enim stultus afficit patrem dedecore eximioque dolore cruciatur et apud inferos etiam illis, qui sunt in sempiternam miseriam detrudendi, ex filiorum amentia et improbitate doloris non mediocris cumulus accedet.

Mirum est, cum tantum animus a corporis natura distet, esse tamen tantum inter utrumque foedus ut uix quidquam esse possit uni ab altero seiunctum. Inde fit ut laetus animus corpori sanitatis et bonae uoletudinis causam afferat, quemadmodum et animi angor assiduus corporis robur paulatim absumit. Cum igitur nulla possit esse in mente iustitiae experte iucunditas, consequens est ut, qui firmam uoletudinem tueri perpetuo uelit, in iustitiae studio perseueret. Quod quidem impius non facit, immo, muneribus delentus, leges atque iudicia perfringit et contra ius et fas causas impuris hominibus adiudicat. Sed, quid est quod Sapiens ait “impium de sinu munus accipere”? Per “sinum” intelligit intimum animi recessum et cordis peruersissimi machinationes. Qui fraudem igitur mente concipit pecunia, iudicium redimere statuit, et ideo dicitur impius de sinu illius munus accipere cuius gratia secundum illum iudicat qui munus obtulit.

⁸² summa] summae *no original*.

⁸³ linguae] lingua *no original*.

Em seguida afasta-nos das injustiças e admoesta a que nunca nos determi-nemos à impunidade, pois quem se desliga do legítimo poder está a despertar a contenda, e com esta contenda está a aparelhar contra si mesmo o perigo do mais completo desastre e forçosamente há de ressarcir o prejuízo que inferira. É que, ainda que alguém seja tão frouxo que não queira vingar as ofensas, ou tão pusilânime que não se atreva a reclamar a justiça, certamente que naquele santíssimo juízo, em que nenhum engano ou imenso poderio podem ter domí-nio, quem praticou a injustiça há de ser castigado com o merecido suplício. Por conseguinte, quem incorre na iniquidade, incorre numa pena gravíssima. Por outro lado, quem pensa que não deve ser sujeito a nenhum julgamento por causa das suas imensas riquezas, é completamente louco. De facto, assim como quem edifica uma casa demasiado elevada, quanto mais alta é a porta e mais se abre para o alto, tanto mais fica esmagado entre as ruínas quando ela cai, da mesma maneira quem se ensoberbece será castigado com um suplício tanto maior quanto mais insolentemente se mostrava altivo. E todavia é espantoso a grande quanti-dade de bens que os desatinados homens a si mesmos se prometem não só do poder supremo, mas também da iniquidade de coração e da impureza de língua. E assim espantosamente se comparam consigo mesmos e desprezam aqueles que receiam conceber enganos e não sabem maquinar ardis, mas pautam a sua vida pela singeleza e pureza de espírito. Mas nenhum deles de forma alguma conseguirá aquilo que se esforça por conseguir através do engano, da mentira e de uma língua astuciosa: e até por causa desta arteirice, com que assaz se ensoberbecem, [812] todos eles não de obter para si a infâmia eterna.

E todavia a tal ponto são loucos que não só se ufanam da malícia, mas também com exemplos e conselhos ensinam aos seus filhos a depravação. Por conseguinte, sofrerão as penas do erro mui pestilencial, não apenas os homens desonestos, como igualmente aqueles que forem negligentes na educação dos filhos. É que o filho insensato mancha o pai com o desdouro e atormenta-o com uma enorme dor, e até no inferno, àqueles que devem ser lançados na desgraça sempiterna, aumentar-lhes-á não pouco a dor a loucura e desonestidade dos filhos.

É espantoso, como sendo tão grande a distância entre o espírito e o corpo, mesmo assim exista uma tamanha união entre ambos que dificilmente pode existir para um alguma coisa separada do outro. Daqui resulta que um ânimo alegre ocasiona ao corpo uma causa de próspera saúde, da mesma maneira que também a contínua melancolia consome aos poucos a robustez do corpo. Por conseguinte, uma vez que no espírito desprovido de justiça não pode existir nenhum conten-tamento, segue-se logicamente que, quem pretender conservar perpetuamente uma sólida saúde, persevera no amor à justiça. Algo que decerto o ímpio não faz, e até, seduzido pelas peitas, quebranta as leis e os juízos e, contra o que é justo e lícito, dá ganho de causa aos homens impuros.

Mas porque é que o Sábio diz que “o ímpio recebe presentes do seio”? Por “seio” pretende significar os mais profundos recessos da alma e as perversíssi-

[24.] *In facie prudentis lucet sapientia; oculi stultorum in finibus terrae.* [25.] *Ira patris filius stultus, et dolor matris quae genuit eum.* [26.] *Non est bonum damnum inferre iusto, nec percutere principem qui recta iudicat.* [27.] *Qui moderatur sermones suos doctus et prudens est, et pretiosi spiritus uir eruditus.* [28.] *Stultus quoque, si tacuerit, sapiens reputabitur, et si compresserit labia sua, intelligens.*

Prudens salutem cogitat, utilia meditatur, suum officium facit, alienum non usurpat. Ne autem labatur diligentissime cauet, cum his curis noctes et dies excubat ne quidquam sibi sit impedimento quominus ad beatam uitam perueniat. Nullam igitur temeritatis et inconstantiae significationem dat, sed uultu et taciturnitate quam graui iudicio sit praeditus ostendit. Nec enim fieri potest ut ex animo in tam graues curas intento aliqua species leuitatis foras emineat. At stultus, insitae imbecillitatis immemor, sibi minime prospicit, suum officium negligit, in alienum furenter inuadit, salutem suam non curat, in alios pestem machinatur; uariis curis distentus, in contrarias partes impellitur, et nunc huc, nunc illuc animo discurrit; quae sunt in adspectu posita non uidet et ultimas terras temere peruagatur. Hoc enim est illi propositum, ut solidum [813] officii fructum pro nihilo ducat et leuia et inania cogitatione peruestiget. Itaque temere ruit, inaniter exultat, furibunde concitatur et, cum tantis motibus animi horis singulis atque adeo momentis agitur, fieri non potest quin multis signis insitam leuitatem et inconstantiam demonstret.

Ne autem parentes sint in disciplina filiorum dissoluti, docet quanta uis malorum ex filiorum insania in parentes redundet. Dolet et angitur pater cum filium cernit in furore uersari; maeret et lamentatur mater cum uidet filium, quem cum multis doloribus fuerat enixa, in pernicie bacchari. Ad maiorem autem acerbatis et doloris cumulum, accedit desperatio sanitatis, furiosi enim respuunt omnem medicinam et in ipsos medicos inuehuntur. Tales autem erant illi qui dicebant: “Circumueniamus iustum, quoniam inutilis est nobis et contrarius operibus nostris”⁸⁴. Non possunt enim homines furiosi, tenebris assueti, ferre lucem et iustitiae splendorem odio immani persequuntur. Hoc odium prophetas crudelissime persecutum est, hoc multos homines sanctos afflixit, hoc innumerabili iustorum multitudini necem attulit, hoc denique summum iustitiae parentem nostraeque salutis architectum in crucem egit.

⁸⁴ Vd. Vulgata, *Sap.* 2, 12.

mas maquinações do coração. Por consequência, quem no seu íntimo concebe o engano, está decidido a comprar a decisão judicial com dinheiro, e por isso se diz que o ímpio recebe presentes do seio daquele por causa do qual julga de acordo com aquele que ofereceu os presentes.

24. A sabedoria reluz no rosto do prudente; os olhos dos insensatos nas extremidades da terra. 25. O filho insensato é a indignação do pai e a dor da mãe que o gerou. 26. Não é bom fazer dano ao justo nem ferir ao príncipe que julga segundo a justiça. 27. Aquele que é moderado nas suas palavras é douto e prudente; e o homem erudito é de espírito precioso. 28. Até o insensato passará por sábio se estiver calado, e por inteligente, se cerrar os seus lábios.

O prudente pensa na salvação, medita no que é útil, cumpre a sua obrigação, não se apropria do alheio. Por outro lado, com a máxima diligência se acautela para não cair, durante o dia e a noite vela com estes cuidados para que nada o impeça de chegar à vida bem-aventurada. Por conseguinte, não dá nenhum sinal de desatino e inconstância, mas mostra com seu semblante e silêncio de quão grave ponderação é dotado. É que tão-pouco pode acontecer que de um espírito absorvido por tão graves cuidados transpareça para o exterior alguma aparência de ligeireza. Ao passo que o insensato, ignorante da sua ingênita fraqueza, não vela por si mesmo, negligencia as suas obrigações, apodera-se furiosamente do alheio, não se preocupa com a sua salvação, maquina a perdição dos outros; repartido por diferentes cuidados, é impelidos em direções opostas, e o seu espírito discorre ora para aqui, ora para ali; não enxerga o que está diante de si e desatinadamente vagueia pelos confins da terra. É que ele propôs-se a ter na conta de coisa nenhuma o sólido [813] fruto do dever e a esquadriñar futilidades e ninharias. E assim precipita-se de modo desatinado, exulta em vão, excita-se como um louco furioso e, uma vez que a cada hora e até a cada instante se agita com tão diversas paixões, é impossível que através de muitos sinais não dê a conhecer a sua conatural ligeireza e inconstância.

Por outro lado, para que os pais não sejam negligentes na educação dos filhos, mostra como é grande a força de males que para os progenitores resulta da insensatez dos filhos. O pai sofre e angustia-se quando vê o filho viver na loucura; a mãe aflige-se e lastima-se ao ver o filho, que dera à luz com muito sofrimento, errar perdido em vesânico delírio. Ora, para maior intensidade de dor e amargura, acresce o desespero da cura, pois os ensandecidos desprezam toda a medicação e arremetem contra os próprios médicos. Ora, deste jaez eram aqueles que diziam: “Armemos laços ao justo porque não nos serve para nada e se opõe à nossa forma de atuar”. [Sb 2. 12.] É que os homens dementes, acostumados às trevas, não conseguem suportar a luz e perseguem com monstruosa sanha o resplendor da justiça. Esta sanha perseguiu os profetas com a maior ferocidade, atribulou inúmeros santos homens, ocasionou a morte violenta a incontáveis

Cum autem homines conscelerati hoc infandum facinus aggressi sunt, existimabant se praeclare rebus suis consulere. Nam, occasu lucis, ipsius insitae turpitudinis infamiam occultare cupiebant et praeterea licentiam flagitiorum obtinere desiderabant. Vtrique autem rei erat impedimento clarissimae lucis amplitudo, flagitiorum namque turpitudine multo clarius in luce meridiana perspicitur et in iustitiae ipsius splendore minus liberae sunt hominum uoluntates ad peccandum. Ex interitu igitur Christi, homines perditum sibi et dignitatem et impunitatem pollicebantur et maximas simul utilitates spe inanissima deorabant. – Non ita erit, inquit Sapiens, nullum enim bonum ex iusti ipsius interitu consequentur illi qui eum omni crudelitate lacerandum suscipient, nec illi quidem qui principes, hoc est, Christi discipulos, odio iustitiae quam praedicaturi sunt, crudelem in modum percutient. Vtitur autem ea figura qua dicimus hominem minime laetari, cum eum summa tristitia confectum significare uolumus. Ita Salomon, cum dicit: “Non est bonum damnum inferre iusto neque percutere principes propter inaequitatem”, hoc plane dicit: non, ut sperabant, impii utilitatem ex immanitate sua percipient, immo, malorum omnium tempestate iactabuntur et suppliciorum fluctibus obruentur.

Quod Salomon praedixit effectum cernimus. Iudaei namque, post Christi necem, libertatem amiserunt, bonis omnibus spoliati sunt, calamitates dirissimas patiuntur, extorres et exsules uagantur, angore, metu, sollicitudine cruciantur, omnium mortalium odio flagrant, undique expelluntur et eiiciuntur, nec ullum in tantis malis solatium aut laboris alleuamentum inueniunt. Similiter, qui Christi discipulos, propter odium aequitatis, immanissime persecuti sunt, nullum ex ea crudelitate emolumentum consecuti [814] sunt, sed potius grauissimas poenas exsoluerunt.

Quantum periculum ex effrenatae linguae petulantia rebus humanis impendat est explicatu difficillimum. Sapiens igitur, quemadmodum coercet animi motus, ita linguae frenum iniicit, ne quidquam ex ore prodeat quod damnum inferat aut offensionem excitet aut nomen ignominia deformet. Itaque uerba diligenter examinat et officiorum momenta perpendit ante quam aliquid e corde depromat. “Dixi:”, inquit Dauid, “Custodiam uias meas, ut non delinquam lingua meam”⁸⁵. Et Iacobus, “Siquis in uerbo non offenderit, hic perfectus est uir”⁸⁶. Recte igitur Salomon sapientes appellat eos qui orationi modum statuunt, et “pretiosum spiritum”, id est, salutaris eloquentiae fructum esse dicit in eo qui iudicio loquitur et orationem ita moderatur ne umquam in perniciem et dedecus erumpat.

⁸⁵ Vd. Vulgata, *Ps.* 38, 2.

⁸⁶ Vd. Vulgata, *Iac.* 3, 2.

multidões de justos e, por derradeiro, foi ela que crucificou o supremo Pai da justiça e autor da nossa salvação.

Ora, quando os sacrílegos homens perpetraram este inominável atentado, cuidavam que estavam a velar da melhor maneira pelos seus interesses. De facto, com o desaparecimento da luz, pretendiam ocultar a infâmia da sua íntima torpeza e além disso desejavam obter a licença para os pecados. Ora, a mais clara das luzes era impedimento para ambas estas coisas, porquanto a vileza das infâmias enxerga-se muito mais claramente sob a luz meridiana e sob o resplendor da própria justiça sente-se menos livre a vontade dos homens para pecar. Por conseguinte, os homens perversos com a morte de Cristo a si mesmos se prometiam a dignidade e a impunidade e simultaneamente, com uma esperança totalmente vã, se viam na posse dos maiores proveitos. – Assim não acontecerá, diz o Sábio, pois com a morte do justo não alcançarão para si bem algum aqueles que empreenderem atormentá-lo com toda a espécie de crueldades, nem sequer aqueles que ferirem de modo bárbaro os príncipes, ou seja, os discípulos de Cristo, por ódio à justiça que eles hão de pregar. Por outro lado, serve-se daquela figura de estilo mediante a qual dizemos que um homem não se alegra, quando pretendemos significar que ele está mergulhado na mais profunda tristeza. Assim Salomão, quando diz: “Não é bom fazer dano ao justo nem ferir ao príncipe que julga segundo a justiça”, está a dizer o seguinte: os ímpios não tirarão proveito, consoante esperavam, da sua desumanidade, e até serão perseguidos pela tempestade de todos os males e engolidos pelas ondas dos suplícios.

Vemos o efeito daquilo que Salomão predisse. É que os judeus, depois da morte de Cristo, perderam a liberdade, foram despojados de todos os bens, padecem as mais terríveis desgraças, erram banidos e exilados, são atormentados pela angústia, medo e inquietação, ardem de ódio de todos os mortais, são expulsos e lançados fora de todas as partes e, no meio de tão grandes males, não encontram algum refrigério ou alívio. Do mesmo modo, aqueles que com a máxima desumanidade perseguiram os discípulos de Cristo por causa do ódio à justiça, não obtiveram nenhum proveito dessa crueldade, [814] mas antes sofreram as penas mais pesadas.

É mui difícil explicar-se como é grande o perigo que para os negócios humanos resulta da desfaçatez de uma língua desenfreada. Por conseguinte, o sábio, da mesma maneira que contém as emoções, assim prende com um freio a língua, para evitar que saia da boca alguma palavra que infira dano ou escandalize ou tisne o bom nome com a ignomínia. E assim pondera cuidadosamente as palavras e avalia o peso das obrigações antes de fazer sair alguma coisa do seu peito. Escreve Davi: “Disse: ‘Guardarei os meus caminhos, para não delinquir com a minha língua”. [Sl 39. 2.] E Tiago: “Se alguém não tropeçar em qualquer palavra, este é varão perfeito”. [Tg 3. 2.] Por conseguinte, Salomão chama acertadamente sábios àqueles que impõem moderação às suas palavras, e diz que tem “espírito precioso”, isto é, o fruto da salutar eloquência, o homem que fala com juízo e

Tantum autem momentum in opportuna taciturnitate ponit ut afferat stultum etiam in tacendo aliquam sapientiae laudem non immerito consequi. Non enim est contemnendum prudentiae signum, mentis inopiam silentio tegere et, quod officere nomini atque dignitati potest, taciturnitate comprimere.

CAP. XVIII

[1.] *Occasiones quaerit qui uult recedere ab amico, omni tempore erit exprobabilis* (Hebraice, sic: Qui desiderio tenetur, separatus inquiri, et in omni solida doctrina se commiscet). [2.] *Non recipit stultus uerba prudentia, nisi ea dixeris quae uersantur in corde eius.* [3.] *Impius, cum in profundum uenerit peccatorum, contemnit; sed sequitur eum ignominia et opprobrium.* [4.] *Aqua profunda uerba ex ore uiri, et torrens redundans fons sapientiae.*

Desiderium ducit hominem et in eo uehementer elaborat ut quod appetit adipiscatur. Quo autem desiderium est ardentius, eo incitatur animus uehementius. Iccirco fit ut, qui flagrat sapientiae cupiditate, curam saepenumero rei familiaris abiiciat, hominum familiaritatem refugiat, communionem sanguinis aspernetur et omnia tandem deserat quae possunt contemplationi ueritatis officere, usque eo dum quod acerrime cupit assequatur. Itaque, neque naturae peruestigationem negligit, neque parum naturae partes inter se foedere consentientes admiratur, neque negligenter astrorum splendorem et caelestis naturae conuersiones intuetur, neque reliquarum artium disciplinas fastidiose reiicit, ut illis, tamquam admiculis, erectus, facilius ad Dei cognitionem perueniat. Haec omnia stultus irridet neque aliud comprobat quam id quod inaniter in animo uersat, et cogitationes cordis sui studiis sapientiae longe anteponit. Hanc sententiam, si Hebraeum consulamus, ad sapientiae studium pertinere [815] non ambigo. Interpres illam ad infidelitatem amicitiae retulit, cuius sceleris offensionem nulla inquit posse temporis longitudine obliterari. Certissimum uero summae stultitiae argumentum est in impietate constitutum.

Summa porro uilitas est in omnium flagitiorum colluione. Soli igitur sunt maxime contemni et probris omnibus affiendi qui pietatem oderunt et in flagitiorum sordibus perpetuo uoluntantur. Contra tamen fieri uidemus. Nam, qui sunt omnium mortalium contemptissimi, uirtutis amplitudinem et sapientiae claritatem despiciunt; et qui sunt omnium turpitudinum maculis inusti, probra in

modera o seu discurso de maneira tal que não se precipita jamais na perdição e no desdouro.

Por outro lado, concede tamanha importância ao silêncio oportuno que afirma que até o insensato, ficando calado, não sem razão consegue algum jus a ser elogiado como sábio. De facto, não é sinal desprezível de sensatez esconder com o silêncio a escassez de inteligência e emudecer em relação àquilo que pode empecer ao bom nome e prestígio.

CAPÍTULO XVIII

1. *O que quer deixar-se do seu amigo, busca-lhe as ocasiões; ele será coberto de opróbrio em todo o tempo.* [no texto hebraico, do modo seguinte: “Quem é senhareado pelo desejo, procura isolado; e em todo sólido ensinamento se imiscui.”] 2. *O insensato não recebe as palavras da prudência, se tu lhe não falares em correspondência das coisas que passam dentro no seu coração.* 3. *O ímpio, depois de haver chegado ao profundo dos pecados, tudo despreza; mas a ignomínia e opróbrio o vão seguindo.* 4. *As palavras saem da boca do varão como uma água profunda; e a fonte da sabedoria é como a torrente que transborda.*

O desejo dirige o homem e afincadamente trabalha dentro dele para que alcance o que apetece. Ora, quanto mais ardente é o desejo, tanto mais vivamente o espírito se sente incitado. E por isso acontece que, quem se abrasa no desejo de sabedoria, muitas vezes põe de parte o cuidado com o seu património, esquiva-se ao trato com os homens, menospreza os laços de sangue e, por derradeiro, negligencia tudo aquilo que pode prejudicar a contemplação da verdade, até conseguir aquilo que vivamente deseja. E assim, nem desleixa a investigação aprofundada da natureza, nem admira pouco as partes da natureza que entre si se harmonizam mediante acordo mútuo, nem contempla de modo remisso o brilho dos astros e os movimentos circulares da natureza celeste, nem rechaça com enfado os ensinamentos das restantes artes, por forma a, por elas alentado, como arrimos e ajudas, mais facilmente chegar ao conhecimento de Deus. De tudo isto zomba o insensato e não reconhece por verdadeiro senão aquilo que em vão revolve no seu espírito, e de longe antepõe o que cogita em seu peito aos frutos da sabedoria. Não duvido de que este provérbio, se temos em conta o texto hebraico, diz respeito à dedicação à sabedoria. [815] O tradutor latino interpretou este provérbio como estando a referir-se à deslealdade na amizade, crime cuja gravidade diz que nenhum tempo transcorrido pode apagar. E a mais certa prova da mais rematada insensatez consiste na impiedade.

Ora, a suprema vileza funda-se na mescla imunda de todas as indignidades. Por conseguinte, só devem ser sobremaneira desprezados e vituperados com

eos iaciunt qui uerae dignitatis gloria praecellunt. Hoc est autem quod Sapiens dicit: cum impietate contumeliam coniungi et cum uilitate contumeliam. Vt enim quisque maxime impius est, ita maxime ludibrio habet pietatem, et qui sunt maxime flagitiis infames in hostes uerissimae dignitatis ornamentis excultos contumelias intorquent.

At, cum uenenum ex ore impiorum profluit, aquae dulcissimae ex ore piorum hominum continenter emanant. “Aguas” autem “profundas” appellat Sapiens ut ostendat non esse torrentium similes qui hieme tantum fluunt, accedente autem aestate Solis ardore consumuntur. Aquae enim uerae sapientiae perennes sunt, et tum uel maxime sitim restinguunt cum ardentius expetuntur. Sic enim ait summus atque sempiternus sapientiae magister: “Qui biberit ex aqua quam ego dabo ei, non sitiet in aeternum: sed aqua quam ego dabo ei, fiet in eo fons aquae salientis in uitam aeternam”⁸⁷. Alibi uero similiter inquit futurum ut, “ex animis eorum qui in illum crediderint, perennes aquae fluant”⁸⁸; hae autem aquae quas ipse Dominus ostendit sunt illae quas Salomon hoc in loco demonstrat atque “profundas” appellat, quod exhauriri et consumi minime possint. Sunt enim salutare atque sempiternae quae ex ore uiri sapientis emanant, omnes enim illius orationes ex Diuinae gratiae perennitate nascuntur et ad Diuinam gloriam conferuntur.

[5.] *Accipere personam impii non est bonum, ut declines a ueritate iudicii.*
 [6.] *Labia stulti miscent se rixis, et os eius iurgia prouocat.* [7.] *Os stulti contritio eius, et labia ipsius ruina animae eius.* [8.] *Verba bilinguis quasi simplicia, et ipsa perueniunt usque ad interiora uentris.* [9.] *Qui mollis et dissolutus est in opere suo frater est opera dissipantis.* [10.] *Turris fortissima nomen Domini; ad ipsam currit iustus, et exaltabitur.* [11.] *Substantia diuitis urbs roboris eius, et quasi murus ualidus circumdans eum.*

Vtilitatis species illudit hominibus amentissimis, ita ut, contra ius, litem secundum illos dent in iudiciis qui multum in Republica uel opibus, uel gratia possunt. Nam, uel illorum potentiam **[816]** extimescunt, uel ab illis gratiam inire student ut res suas eorum fauore communiant. Non cernunt interim miseri quanto magis metuenda sit infinita illius summi Domini potentia, qui est grauiter infensus iniquis, et quanto ardentius sit gratia illius expetenda, cuius summa benignitate et inuicto praesidio bonorum opes egregie muniuntur.

⁸⁷ Vd. Vulgata, *Io.* 4, 13-14.

⁸⁸ Vd. Vulgata, *ibidem*, 7, 38.

toda a sorte de baldões os que odeiam a piedade e incessantemente se espejam na sordidez das indignidades. Todavia, vemos fazer-se o contrário. De facto, os que são os mais desprezíveis de todos os mortais, desprezam a superior virtude e a nobre sabedoria e os que se encontram manchados pelas nódoas de toda a espécie de torpezas, ultrajam com insultos os que se avantajam pela glória da verdadeira dignidade. Ora, o que o Sábio diz é que o desprezo se une com a impiedade e o insulto vai de par com a vileza. É que, da mesma maneira que alguém é inexcedível na impiedade, assim o é no desprezo à piedade e os homens que se infamaram com as maiores indignidades ultrajam os varões ornados com os atavios da mais verdadeira dignidade.

Mas, quando o veneno corre da boca dos ímpios, águas suavíssimas manam incessantemente da boca dos homens piedosos. Ora, o sábio chama-lhes “águas profundas” para mostrar que não são iguais às torrentes que só correm no inverno, mas, com a chegada do estio, se desvanecem com o calor do Sol. É que as águas da verdadeira sabedoria são perenes e até matam mais completamente a sede quando são mais ardentemente procuradas. De facto, assim se exprime o eterno e sumo mestre da sabedoria: “O que beber da água que eu lhe hei de dar, nunca jamais terá sede; mas a água, que eu lhe der, virá a ser nele uma fonte de água que salte para a vida eterna”. [Jo 4. 13-14] E noutro passo diz de modo semelhante que “haveriam de correr fontes de água viva das almas daqueles que cressem nele”; [Jo 7. 38.] ora, estas águas que o próprio Senhor mostra, são aquelas que nesta passagem Salomão apresenta e a que chama “profundas”, porque não podem exaurir-se e acabar. É que são salutares e eternas as que manam da boca do varão sábio, pois todas as suas palavras nascem da perene graça divina e vão encaminhadas à glória de Deus.

5. Não é bom guardar respeito à pessoa do ímpio, para te desviares da verdade do juízo. 6. Os lábios do insensato metem-se em disputas e a sua boca provoca a contendas. 7. A boca do insensato fere-o a ele mesmo, e os seus lábios são a ruína da sua alma. 8. As palavras do homem de língua dobre parecem singelas, mas elas penetram até ao íntimo das entranhas. 9. Aquele que é mole e frouxo no seu trabalho é irmão do que dissipa as suas obras. 10. O nome do Senhor é uma torre fortíssima; a ele mesmo se acolhe o justo, e será exaltado. 11. O cabedal do rico é a cidade da sua fortaleza, e uma como grossa muralha que o cerca.

A aparência de proveito engana os homens tresloucados, de tal maneira que, contra o que é de direito, nos juízos pronunciam sentença favorável àqueles que pelas riquezas ou influência são muito poderosos na república. É que, ou se arreceiam do poder deles, [816] ou desejam alcançar a sua graça para com o favor deles consolidarem os seus interesses. Os mofinos entretanto não se dão conta de quanto mais se devem arrecear do infinito poder d' Aquele Senhor supremo, que vivamente hostiliza os iníquos, e o quanto mais ardentemente se deve anelar

“Non est bonum”, inquit, “personam accipere”. – Hoc est, potentiam, aut gratiam, aut necessitudinem, aut nobilitatem, sed tantum aequitatem in iudicii examine perpendere. Cum dicit: “Non est bonum”, hoc plane dicit: “Non, ut sperabant improbi iudices, erit illis fructuosum perperam alicuius hominis potentis gratia iudicare. Immo, iudicium illud corruptissimum illis pestem et sempiternum exitium afferet. Oratio stulti lites et contentiones excitat, quantam enim offensionem sermo inconsideratus afferat minime cogitat, sed tantum ut quod mente parum sana conceperat foras eiiciat elaborat. Neque uidet interim cum, ut temeritati suae satisfacit, id, quod erat silentio suppressendum, effudit non solum se multis nocere, quos conseruare praestitisset, sed sibi ipsi grauissimae cladis periculum moliri, quod praecauere debuisset. Qui enim multa loquitur et quidquid illi in mentem uenit festinenter effundit, sibi saepenumero pestem comparat.

Quid de uersuti et callidi oratione dicendum est? Is qui non se in loquendo praecipitat, sed operam dat ne eorum animos qui rerum potiuntur offendant, num sibi prospiciet? Nullo modo! Cum enim malitia in homine dominatur, multa uersat in animo, multa subdole fingit, multa callide machinatur. At omnis oratio, cum ad animi naturam efficta sit, consequens est ut hominis astuti et ueteratoris oratio multiplex et uaria et inconstans sit et in tot se species induat, quot sunt fraudes quae in animo uersantur. Nunc igitur adulabatur, nunc illius nomen quem ante laudauerat insectabitur; aliquando se periculum propulsare simulabit rursus, eundem quem ante defenderat capitis arcesset. Erit igitur calumniator atque confidens mendaciis innixus. Itaque se in animos hominum, sermone fraudulententer efficto, insinuare conabitur, ut eos tandem, nihil hostile suspicantes, euertat.

Hoc est autem quod Sapiens asserit: hominis uafri et astuti sermones prima specie blandiri, deinde in intima uentris, id est, in ipsam uitae sedem et cordis penetralia mortiferum telum iaculari. Sed inquires: “Is qui ita fuerit instructus, aliis quidem nocebit, suum uero statum astutissime conseruabit.” – Non est ita. Nec enim tantas uires habet calliditas ut inclusas libidines et intestinas fraudes celare diu possit. Cum igitur quod impuri homines secretum tenebant apparuerit, tanto maiorem offensionem incurrent quanto maiore odio dignae sunt inuidiae occultae quam facinus apertum. Operis feliciter absoluti laus in diligentia consistit. Qui enim negligenter aliquid gerit non efficit, sed quod efficiendum susceperat euertit et dissipat, est enim negligentia officii contemptio, imperii legitimi recusatio, desidia [817] ualde turpis argumentum, mollis et effeminati animi languor atque perfidiae insignis indicium. Contra fidem enim facit qui commissum munus negligenter exsequitur. Quocirca merito exsecratur Ieremias

pela graça d' Aquele mediante cuja suprema bondade e invencível proteção são defendidas de modo extraordinário as riquezas dos bons.

Diz: *Não é bom guardar respeito à pessoa.* – Isto é, no julgar, atender apenas à equidade, e não ao poder, ou influência, ou parentesco ou nobreza. Quando diz “não é bom”, quer claramente dizer: “Não lhes será vantajoso, consoante esperavam os juízes desonestos, julgar mal por causa de algum homem poderoso.” E até aquele julgamento corrupto ocasionar-lhes-á a perdição e a condenação eterna. As palavras do insensato provocam contendas e dissensões, pois não pensa nos grandes agravos que inflige uma linguagem inconsiderada, mas apenas se preocupa em lançar da boca para fora o que concebera no seu entendimento pouco equilibrado. E entrementes não se dá conta de que, quando, para satisfazer o seu desatino, deixa escapar o que devia ser mantido em silêncio, não só está a prejudicar a muitos aos quais teria sido preferível poupar, mas também a aparelhar contra si mesmo o perigo de uma terrível calamidade, contra a qual se deveria ter precavido. É que quem fala muito e se dá pressa em comunicar tudo que lhe acode ao espírito, amiúde aparelha a sua própria desgraça.

Que cumpre dizer-se acerca das falas do homem velhaco e astuto? Aquele que não se precipita no falar, mas se empenha em não melindrar os que detêm o poder, acaso está a velar por si mesmo? De forma alguma! É que, quando a ruindade senhoreia o homem, revolve no íntimo muitas coisas, muitas outras finge ardidamente e muitas maquina com manha. Mas, sendo certo que todo o discurso se molda em conformidade com a natureza da alma, é lógico que as palavras do homem astuto e dobre sejam inconstantes, tornadiças e mudáveis e que assumam tantas aparências quantos são os embustes que aninham na sua alma. Por conseguinte, ora adulará, ora cobrirá de insultos o nome daquele que anteriormente elogiara; por vezes simulará defender-se do perigo e fará acusações de pena capital contra o mesmo a quem antes defendera. Será portanto caluniador e confiado, apoiando-se na mentira. E por isso esforçar-se-á por insinuar-se na alma das pessoas, com uma linguagem astuciosamente composta, a fim de acabar por destruir aqueles, que não suspeitavam de nada de hostil.

Ora, é isto que o Sábio assevera: que as palavras do homem astuto e arteiro à primeira vista acariciam, e em seguida atingem com um dardo o íntimo das entranhas, isto é, a própria sede da vida e o mais profundo do coração. Mas retrucar-se-á: “O home que tiver esta disposição de ânimo, decerto que prejudicará os outros, mas com a maior das astúcias conservará a firmeza da sua posição.” – As coisas não se passam assim. É que tão-pouco a arteirice tem tanta eficácia que possa esconder durante muito tempo as paixões que encerra e os embustes que oculta. Por conseguinte, quando se mostrar aquilo que os homens impuros mantinham secreto incorrerão em tanto maior desfavor quanto são merecedoras de maior ódio as invejas ocultas do que o crime aberto. Assenta na diligência o título de glória de uma obra concluída com bom êxito. É que quem realiza algo de modo remisso não o executa, mas destrói e arruína aquilo que empreendera

qui negligenter gerit opus Domini⁸⁹. Iure similiter sapiens non minus criminis censeat opus susceptum negligenter geri quam idem opus dissipari.

Infinita sunt hominibus intenta pericula. Alii tamen alias opes sibi parandas existimant, quibus se tueantur. Sapientes quidem opem sibi a Deo tantum flagitandam existimant et, hoc praesidio firme constituto, omnia mala, quae possunt incidere, sibi minime metuenda putant. Multi uero, hoc neglecto praesidio, cum sibi multa auxilia parare conantur, tum uel maxime ad coaceruandam pecuniam modos omnibus enituntur. Sunt igitur hominum factiones bipartito distributae, una siquidem in nomine Domini salutis arcem sibi egregie munitam fore confidit; alia pecuniam ut firmissimum uitae praesidium intuetur. Qui sunt igitur sapientes existimandi? Illine qui praesidio pecuniae, quam fures auertunt, hostes diripiunt, inuecta morte morte deseruntur? Nullo modo! Sed illi potius quorum praesidium et firmissimum uitae propugnaculum est in nomine Domini constitutum.

Quod est autem nomen Domini? Si nomen, quod praecellentissimae naturae uim, numen, imperium, maiestatem explicet, exquiris, nobis ignotum est atque, ut rectius dicam, nullum prorsus est, nullum enim nomen, nulla oratio, nulla cogitatio id comprehendere potest quod est natura sempiternum, magnitudine maiestatis amplissimum, potentia et uiribus infinitum atque, propter lucis immensitatem, longissime a caelitis etiam cognitione remotum. Si uero nomen scire uis quo mentes nostrae ad spem firmissimam salutis erigantur, multa sunt. Ea tamen omnia uno potissimum continentur: eo nempe quo et benignitas erga nos atque potentia declaratur. Alterutrum enim sine alterius ope imbecillum est, nec enim iuuat ulla benignitas sine potentia, neque rursus potentia sine benignitate fructum aliquem poterit afferre. Vtrumque igitur est necessarium: ut is, cuius praesidio nitimur, et uelit et possit. “Semel”, inquit Dauid, “locutus est Deus; et duo haec audiui: quia potestas Dei est, et tibi, Domine, misericordia”⁹⁰.

Vtraque autem uis et immensae potestatis et clementissimae uoluntatis, Iesu sanctissimo et augustissimo nomine satis luculenter exponitur. Hoc enim salus uera atque sempiterna designatur. Salus autem a Deo tantum est postulanda et expetenda, qui solus omnia quaecumque uult efficit in caelo et in terra, et cuius tanta bonitas est ut non solum sceleribus nostris ignoscat, uerum et nos, per unici filii merita, in societatem Regni caelestis inuitet. Hoc est igitur unicum miseriae humanae [818] perfugium, hoc salutis inuictum praesidium, hoc gloriae uerissimae firmamentum, haec turris fortitudinis in quam omnes iusti confugiunt,

⁸⁹ Vd. Vulgata, *Ier.* 48, 10.

⁹⁰ Vd. Vulgata, *Ps.* 61, 12.

executar, pois a negligência é o desprezo do dever, a recusa do legítimo poder, [817] prova muito vil de preguiça, frouxidão de um ânimo mole e efeminado e indício de uma extraordinária deslealdade, pois não cumpre a sua palavra quem executa de modo negligente a função que lhe foi cometida. Motivo pela qual com razão Jeremias exprime a sua execração contra o homem que faz a obra do Senhor com negligência. [*Jr 48. 10.*] Do mesmo modo com toda a justiça o Sábio considera que não é ação menos criminoso realizar de forma frouxa a obra que se empreende do que destruir a mesma obra.

São infinitos os perigos que ameaçam os homens. Todavia alguns pensam que devem obter para si riquezas para com elas se protegerem. Ao passo que os sábios pensam que só a Deus devem pedir ajuda e consideram que, uma vez firmemente conseguida esta proteção, não cumpre que sintam receio de todos os males que possam sobrevir. Mas muitos, desprezando esta proteção, empenham-se não só em conseguir muitos auxílios, mas muito especialmente a por todas as vias se aplicarem a juntar dinheiro. Por conseguinte, os homens repartem-se por duas categorias, visto que uma confia em que no nome do Senhor há de ser construída para ela uma extraordinária fortaleza de salvação, ao passo que a outra olha para o dinheiro como a mais sólida proteção da vida. Por conseguinte, quais é que devem ser considerados sábios? Porventura aqueles que, quando a morte ataca, são abandonados pela proteção do dinheiro, que os ladrões roubam e os inimigos saqueiam? De forma alguma! Mas antes aqueles cuja proteção e firmíssima defesa de vida assenta no nome do Senhor.

Ora, qual é o nome do Senhor? Se procuramos saber o nome, que dê a conhecer a essência, a divindade, o senhorio e a majestade da mais excelente das naturezas, ignoramo-lo e, para falar com maior propriedade, não é absolutamente nenhum, porquanto nenhum nome, nenhuma linguagem, nenhum pensamento pode abarcar o que por natureza é eterno, imenso pela grandeza da majestade, infinito pelo poder e forças e, devido à intensidade da luz, muitíssimo afastado do conhecimento até dos seres celestiais. Mas, se quereis conhecer o nome com o qual os nossos espíritos se sentem estimulados para uma firmíssima esperança de salvação, eles são muitos. Todavia todos eles encerram-se sobretudo em um único: a saber, naquele no qual se declara tanto a Sua bondade para conosco, como o Seu poder. É que qualquer um destes dois atributos é fraco sem a ajuda do outro, pois nem qualquer bondade é útil sem poder, nem pelo seu lado conseguirá o poder oferecer algum fruto sem a bondade. Por conseguinte, duas cousas são necessárias: que este, em cuja proteção nos apoiamos, não só queira, como também possa. Diz Davi: “Uma vez falou Deus, estas duas coisas tenho ouvido: que o poder é de Deus, e a ti, Senhor, a misericórdia”. [*Sl 62. 12-13*]

Ora, ambos os atributos, quer o do imenso poder, quer o da clementíssima vontade, com sobeja perfeição se dão a conhecer com o santíssimo e augustíssimo nome de Jesus. É que com ele se designa a verdadeira e eterna salvação. Por outro lado, a salvação deve pedir-se e suplicar-se unicamente a Deus, que é o único que

ut hostium impetum facillime repellant et ornamentis Diuinis et gloria sempiterna circumfluant.

Quid diuites? Opinantur illi quidem in exstructis pecuniae aceruis esse sibi urbem muro fortissimo cinctam. Non uident enim homines amentissimi opes humanas odio et inuidia circumsideri, insidiis circumueniri, hostili incursione deleri, cladibus infinitis exponi et dira uastitate consumi et, quod dirissimum est, earum cupiditate uiam ad sempiternam miseriam egregie muniri. “Videbunt”, inquit ille uir Diuinus, “iusti, et ridebunt; et dicent: Ecce homo qui non posuit Deum adiutorem suum; sed sperauit in multitudine diuitiarum suarum, et praeualuit in uanitate sua”⁹¹. Cum igitur aliquod periculum imminet, non est nobis ad pecuniam, sed ad nomen Domini recurrendum, si salui et ornati esse uolumus et in omni rerum discrimine semper inuicti. Omnis enim qui inuocauerit nomen Domini saluus erit.

[12.] *Antequam conteratur exaltatur cor hominis, et antequam glorificetur humiliatur.* [13.] *Qui prius respondet quam audiat, stultum se esse demonstrat et confusione dignum.* [14.] *Spiritus uiri sustentat imbecillitatem suam; spiritum uero ad irascendum facilem quis poterit sustinere?* [15.] *Cor prudens possidebit scientiam, et auris sapientium quaerit doctrinam.* [16.] *Donum hominis dilatat uiam eius; et ante principes spatium ei facit.* [17.] *Iustus prior est accusator sui; uenit amicus eius, et inuestigabit eum* (hoc est ex Hebraeo: Iustus prius examinat litem suam cum uenit proximus eius ut inquiret in eum). [18.] *Contradictiones comprimit sors, et inter potentes quoque diiudicat.*

Nihil est magis gloriae Diuinae contrarium quam superbia, superbus enim in se omnia ponit, Dei beneficia ad uirtutem suam transfert, muneribus Diuinis inflatur et insolescit et quodammodo sibi Diuinitatem tribuit. Consequens igitur est ut de statu suo concidat Diuinoque iudicio peruertatur. Contra uero, humilis, qui omnem spem salutis in Diuina benignitate reponit, Dei clementia de puluere excitatur ut honoribus summis illustretur. Itaque semper casum calamitosum antecedit superbia et delati honoris amplitudinem antecedit humilitas.

Repentinum iudicium est non solum temeritatis, sed [819] etiam iniquitatis argumentum. Qui enim respondet antequam audiat aut decernit antequam causam diligenter examinat, et mentis et aequitatis expers habendus est. Mentis quidem quia in re, quam prorsus ignorat, iudicium nimis festinanter interponit; aequitatis quia indicta causa condemnat. Si igitur temeritas est ignominia notanda et iniquitas maledictis omnium configenda, restat ut is qui responsum dat antequam aliquid

⁹¹ Vd. Vulgata, Ps. 51, 8-9

faz tudo o que quer no céu e na terra, e que possui uma bondade tão grande que não só perdoa os nossos pecados, mas também nos convida, pelos merecimentos do Seu Filho unigênito, a fazermos parte do Reino celestial. Por consequência, este é o único refúgio para a miséria [818] humana, este o invencível baluarte da salvação, este é o esteio da mais verdadeira glória; esta é a torre fortíssima, na qual todos os justos se refugiam para mui facilmente repelirem o ataque dos inimigos e serem abundantemente providos dos ornamentos divinos e da glória eterna.

Que dizer dos ricos? Pensam eles que no dinheiro amontoado têm para si uma cidade cingida por fortíssima muralha. É que esses homens totalmente loucos não enxergam que as riquezas humanas são cercadas pelo ódio e a inveja, rodeadas por ciladas, destruídas por incursões inimigas, expostas a infinitos desastres e consumidas por terríveis devastações e, o que é o mais terrível, com o desejo delas se constrói de modo especial o caminho para a desgraça sempiterna. Diz aquele celebrado varão de Deus: “Eis aqui o homem que não tomou a Deus por seu protetor, mas que esperou na multidão das suas riquezas e prevaleceu na sua vaidade”. [Sl 52. 9.] Por conseguinte, quando algum perigo nos ameaça, devemos recorrer, não ao dinheiro, mas ao nome de Deus, se queremos salvar-nos e ser honrados e sempre vitoriosos em todas as situações de perigo. É que todo o que invocar o nome do Senhor será salvo.

12. O coração do homem eleva-se antes de ser quebrantado e humilha-se antes de ser glorificado. 13. Aquele que responde antes de ouvir mostra ser um insensato e digno de confusão. 14. O espírito do homem sustém a sua debilidade, mas quem poderá suster a um espírito que facilmente se deixa levar da ira? 15. O coração prudente possuirá a ciência e o ouvido dos sábios busca a doutrina. 16. O presente que um homem faz abre-lhe um dilatado caminho e dá-lhe lugar diante dos príncipes. 17. O justo é o primeiro que a si mesmo se acusa; vem depois o seu amigo, e ele o sondará. [isto é, segundo o texto hebraico: “O justo primeiro examina a sua causa quando vem o seu próximo para inquiri-lo”] 18. A sorte apazigua as diferenças e decide ainda entre os poderosos.

Nada existe mais contrário à glória de Deus do que a soberba, pois o soberbo tudo atribui a si mesmo, transfere para a sua virtude os benefícios de Deus, incha de orgulho e ensoberbece-se com os presentes de Deus e de certa maneira atribui a si mesmo a divindade. Segue-se forçosamente que cai da sua posição e é destruído pelo julgamento de Deus. Pelo contrário, o humilde, que deposita toda a esperança de salvação na bondade divina, é erguido do pó pela clemência de Deus para ser honrado com as mais elevadas dignidades. E assim a soberba sempre precede a queda calamitosa e a humildade antecede o grande prestígio da honra que lhe é concedida.

Um juízo apressado é prova não só de irreflexão, mas [819] também de injustiça. É que, quem responde antes de ouvir ou sentença antes de examinar

audiat, sit omnium prudentum iudicio uituperandus et a Reipublicae moderatione repellendus. Prudentia igitur et singulari mentis aequabilitate praeditus sit, necesse est is cui aliquod publicum munus assignatur. Sed hoc non est satis uel ad rem familiarem recte constituendam uel ad publicam salutaribus institutis egregie temperandam, est enim opus etiam animo magno et excelso, opibus Diuinis innixio et uirtutibus exaggerato. Signum est enim non adesse fidem in Diuino subsidio firmissime collocatam, cum animus spem salutis abiicit et metu conficitur. At sine firma fide nulla uirtus exstare potest.

“Spiritus uiri”, inquit Sapiens, “sustentat imbecillitatem”. “Virum” appellat hominem uirtute praecellentem et inuicto robore firmatum. Hunc igitur nulli casus exterrant, nulli terrarum motus exanimant neque uniuersi quidem orbis ruinae de statu deiiciunt, cum sit praesidio Diuino circumsaeptus, ita ut facillime “naturae imbecillitatem fulciat” et inuicta uirtute corroboret. Vt enim in morbis corporis aegrotantis fiducia magnam uim habet ad recuperandam sanitatem et aegroti desperatio medicorum spem debilitat et omnem plerumque medicinam inutilem reddit, sic animum ope Diuina confidentem nullae res aduersae frangunt, abiectum uero conturbant atque conficiunt. Quis igitur tunc animum iacentem excitabit? Quis fractum confirmabit? Quis abiectum atque diffidentem eriget? Frustra namque manum porrigemus illi qui sibi ipsi opitulari, propter desperationem, recusat. Hoc in loco interpretes pro פֶּחַח “facilem ad irascendum reddidit”, quod Septuaginta, ὀλιγότουχον δὲ ἄνδρα, “hominem, qui est animo abiecto”, Graece uerterunt.⁹² Est autem פֶּחַח “dolere, tristitia affici et morbo afflictari”.

“Cor prudens”, hoc est, intelligens, inquit Sapiens, “scientiam possidebit”. Intelligens autem est qui sapientiam omnibus bonis anteponebat. Nemo enim hoc studio flagrauit et illi diligenter incubuit quin uoti compos euaderet. Ad reliqua enim bona paranda, quae uulgi hominum praeclarissima putat, humanis uiribus homines enituntur; ad ea uero quae Diuina sunt adspirare nemo poterit qui non ope Diuina fultus exstiterit. At hominum conatus irriti plerumque fiunt, Spiritu autem Diuino confirmati omnia quae cupiunt assequuntur. Sed quaerendum est num scientiae cupiditati sit aliquis modus constituendus. Non prorsus! Si enim ab iis rebus quae certis finibus circumscriptae sunt nullis finibus humana cupiditas [820] arceri potest, quo tandem modo terminari poterit infiniti boni cupiditas? Nec enim auari ulla pecunia satiantur, nec ambitiosi ullum terminum honoribus et imperiis ratione praefiniunt, neque libidinosi uoluptatibus ullis expleri possunt, neque crudeles ullo sanguine satiantur, neque denique homines amentes et perditii, qui summum bonum in rebus interituris situm esse statuunt, ullo termino continentur. Quo modo igitur uerum est, cum humana boni summi cupiditas

⁹² Vd. SPT, *Prov.* 14, 29; *Is.* 57, 15; *1 Thess.* 5, 14.

diligentemente a causa deve ser tido na conta de privado de entendimento e de senso de justiça. De entendimento porque com sobeja pressa emite juízo num assunto que totalmente ignora, e de senso de justiça porque condena sem ouvir a defesa. Por conseguinte, se a irreflexão merece ser condenada como infame e a iniquidade tem jus a todas as maldições, resta que aquele que responde antes de escutar seja o que for deve ser censurado pelo juízo de todos e afastado da governação da república. Por conseguinte, é necessário que esteja dotado de prudência e de excepcional imparcialidade de juízo o homem a quem se entrega alguma função pública. Mas isto não basta nem para administrar acertadamente os negócios particulares nem para dirigir na perfeição o Estado mediante determinações salutares, porquanto se faz também mister grandeza e elevação de ânimo, apoiado nas recursos divinos e cumulado de virtudes. De facto, quando o espírito põe de parte a esperança de salvação e é tomado pelo medo, é sinal de que não está presente uma fé posta com a máxima firmeza na ajuda divina. Mas sem uma fé firme nenhuma virtude pode existir.

“O espírito do homem sustém a sua debilidade”, diz o Sábio. Chama “homem” ao varão que se avanteja em virtude e que se apoia numa força invencível. Por consequência, nenhuma desgraça o assustam, nenhuns terremotos o amedrontam e nem sequer a ruína do mundo inteiro o faz perder a quietação de ânimo, uma vez que está rodeado pela divina protecção, de tal maneira que com a maior facilidade “sustém a debilidade” da natureza e a fortalece com a invencível virtude. De facto, da mesma maneira que nas enfermidades a confiança do doente tem grande eficácia para a recuperação da saúde e o desespero do mesmo enfraquece as boas expectativas dos médicos e as mais das vezes torna ineficazes todos os remédios, assim nenhuma adversidade quebrantam uma alma que tem confiança na ajuda divina, ao passo que perturbam e acabrunham a alma frouxa. Por conseguinte, quem alentará então um ânimo abatido? Quem fortalecerá o quebrantado? Quem há de encorajar o tímido e desconfiado? É que é em vão que estendemos a mão ao homem que, por causa do desespero, se recusa a ser ajudado. Nesta passagem o tradutor latino verteu o hebraico נַחֲמָנָה por “que facilmente se deixa levar da ira”, ao passo que os Setenta traduziram por ὀλιγότουχον δὲ ἄνδρα, “o homem de espírito abatido”. Ora, נַחֲמָנָה significa “sofrer, entristecer-se e ser atribulado pela doença”.

“O coração prudente”, isto é, o inteligente, diz o Sábio que “possuirá a ciência”. Ora, inteligente é quem antepõe a sabedoria a todos os bens. É que ninguém se abrasou neste empenho e a ela diligentemente se consagrou que não tenha visto satisfeito o seu desejo. De facto, os homens apóiam-se nas forças humanas para a obtenção dos restantes bens que o comum dos homens considera os mais elevados, ao passo que àqueles que são divinos não poderá aspirar ninguém que não esteja amparado pela ajuda divina. Mas os esforços dos homens ordinariamente volvem-se estéreis, ao passo que, fortalecidos com o Espírito divino conseguem tudo o que desejam. Mas cumpre perguntar se deve estabelecer-se algum limite

infinita sit eo quod ad infinita bona perfruenda nati simus, ut ea cupiditas, quae uerissimum sibi bonum proponit, ullo fine terminetur? Necessario igitur fit ut, qui iam sapiens est, eo gradu sapientiae in quo iam locatus est contentus minime sit, sed ultra progredi et plura scire desideret.

Ideo sequitur: “auris sapientis quaeret scientiam”. Mens enim sapiens in bonum infinitum intenta est et ita numquam potest ad extremum peruenire, potest tamen diebus singulis opibus augeri; parui autem animi est nolle, cum potest, in re tanta proficere et diuitiarum caelestium accessione locupletari.

Dixerat Sapiens muneribus negotia feliciter expediri. Hic eandem sententiam repetit, cum, similitudine ex humanis negotiis ducta, significat ei, qui uult apud Deum negotium ex animi sententia gerere, esse muneribus agendum operamque dandam ut ad principes, qui apud Deum multum gratia possunt, muneribus introducatur. Munera sunt pietas in Deum, caritas in homines, religionis sanctitas, uitae puritas et castimonia et continuum precatationis studium.

Ostendit deinde Sapiens nullum fore homini iusto culpa sua certamen, nam, antequam iustus in iudicium uocetur, ipse sibi iudex est. In iudicium uero amorem sui non adhibet; iram, inuidiam, odium, cupiditatem repellit; omnia quae mentem tenebris opplere solent a se longissime remouet; tum litem secum diligenter expendit et, si proximus ius aequum postulat, nullam moram interponit quin illi causam libenter adiudicet. Quod, si ius fuerit anceps et dubium, facillime, si aduersarius ab ea mente non fuerit alienus, sorti iudicium committit, adeo enim sunt omnia in consilio Diuino constituta ut neque sors quidem, cum ita conuenit, extra iudicium illius educatur. In rebus autem dubiis et controuersis, sors discordiam sedat, pacem conciliat, motus comprimit et omnes occasiones dissensionum circumcidit. Haec autem facillime fiunt cum cupiditas immanis et importuna resecatur. Cum autem cupiditas dominatur, nulla potest esse, nec inter fratres quidem, foederis firma conuentio, ut omnino sequitur:

para o desejo de ciência. De forma alguma! É que, se o desejo humano não se deixa circunscrever por nenhuns limites em relação às coisas que estão delimitadas por certas balizas, [820] como é que poderá ao cabo pôr-se um limite ao desejo do bem infinito? Na verdade, nem os avarentos se saciam com nenhum dinheiro, nem os ambiciosos prescrevem com a razão algum termo às honrarias e altos cargos, nem os libidinosos podem ficar satisfeitos com quaisquer deleitações, nem os cruéis se fartam nunca de sangue, nem, por derradeiro, são contidos por quaisquer limites os homens loucos e perversos, que afirmam que o bem supremo se encontra colocado nas coisas perecíveis. Por conseguinte, sendo certo que é infinito o desejo humano do bem supremo, uma vez que nascemos para o gozo de bens infinitos, como é que é verdade que se encontra circunscrito por algum limite este desejo, que a si mesmo se propõe o mais verdadeiro dos bens? Portanto, torna-se forçoso que, quem já é sábio, não se sinta satisfeito com esse grau de sabedoria em que já se encontra, mas deseje avançar mais além e conhecer mais coisas.

Por isso vem a seguir: “o ouvido dos sábios busca a doutrina”. De facto, o entendimento do sábio está aplicado ao bem infinito e assim nunca pode chegar a um extremo, podendo todavia em cada dia aumentar em riquezas; por outro lado, é próprio de espírito apoucado não querer, quando pode, progredir em empresa tão grandiosa e ir-se enriquecendo com as riquezas celestiais.

O Sábio dissera que com os presentes os negócios facilmente se resolvem. Repete aqui a mesma opinião, quando dá a entender, com uma comparação extraída dos negócios humanos, que deve dar presentes o homem que, por deliberação do espírito, quer tratar diante de Deus de um assunto, e que mediante presentes deve esforçar-se por ser conduzido até aos príncipes que gozam de grande estima junto de Deus. Os presentes são a piedade para com Deus, a caridade para com os homens, a santidade da religião, uma vida pura e casta e um contínuo zelo da oração.

Mostra em seguida o Sábio que o homem justo não terá nenhum conflito por culpa sua, porquanto o justo é juiz de si mesmo antes de ser chamado a juízo. E em juízo não revela nenhum amor de si mesmo; repele a ira, a inveja, o ódio e a cobiça; aparta para muito longe de si tudo que costuma encher de trevas o entendimento; então escrupulosamente avalia consigo mesmo o motivo do litígio e, se o próximo pretende algo que é justo, não interpõe demora alguma para de bom grado lhe conceder ganho de causa. Pelo que, se o direito for duvidoso e ambíguo, mostrará toda a disponibilidade, se o adversário não for de parecer diferente, para que a decisão seja tirada à sorte, pois a tal ponto tudo depende da deliberação de Deus que nem sequer qualquer sorte, quando assim convém, é tirada sem assentimento do Seu juízo. Por outro lado, nas matérias duvidosas e controversas o tirar sortes apazigua a discórdia, consegue a paz, contém as agitações e atalha a todos os ensejos de dissensão. Ora, isto facilmente se leva a bom termo quando se suprime a monstruosa e importuna cobiça. Mas quando

[19.] *Frater qui adiuuatur a fratre quasi ciuitas firma, et iudicia quasi uectes urbium* (Hebraei sic interpretantur: Frater desertor durior est urbe munita, et contentiones sunt ut arcis repagula).

[821] Quanta uis sit cupiditatis indomitae ex eo perspicitur quod non solum societates foedere sacro sancto firmatas dissoluit, sed etiam naturae iura perrumpit et fratres in fratres incitat eosque in mutuam perniciem impellit. Si enim uolumina sacra consulimus ex illis cernimus primos duos fratres, a primo generis humani parente generatos, ita dissimile inter se uitae institutum tenuisse ut alter alteri necem, per summum scelus, intulerit. Si te ad Romanorum annales contuleris, reperies Romae fundamenta fuisse a Romulo, ipsius Urbis conditore, fraterno sanguine polluta et infecta. Quid de fabulis dicemus? Est aliquid magis poetarum carminibus celebratum quam acerbissimi Eteoclis et Polynicis odium, quod eos tandem ad caedem mutuam sine ullo respectu ad coniunctionem sanguinis adegit? Neque solum historiae plenae sunt, neque fabulae tantum huius tanti furoris memoriam replicant, uerum et uita communis huius sceleris exempla non pauca suppeditat.

Siue id accidit quia inuidia in eos qui sunt eadem condicione nati uehementius erumpit, quia indigne patiuntur multi eos qui sunt eisdem parentibus orti dignitate praecellere; siue quia non facile possunt alii alios beneficiis obligare, quia quilibet a fratribus omnia sibi deberi statuit multoque minus sibi tributum esse conqueritur quam ius propinquitatis efflagitabat; siue quia offensiones a fratribus acceptae, quo minus erant metuendae, eo grauius uulnus infligunt; siue, postremo, quod sic natura comparatum est ut, quo longius a malo dissidemus, eo, cum ruimus, eodem malo fortius adstringamur. Ita uero fit ut, cum aliquis ab amore fraterno, quem summum esse decebat, abscedit, odio summo capiatur. Quacumque igitur de causa id fiat, certe constat fratrum contentiones, cum cupiditatis et inuidiae telis stimulantur, esse dirissimas. Tantum enim malum est in cupiditate ut iura etiam summae necessitudinis et affinitatis effringat, et sic fratres in fratrum perniciem incitet ut nihil dirius et capitalius fingi possit.

Est igitur, ut Sapiens ait apud Hebraeum, odium in fratres excitatum urbe munita fortius, quia citius urbem munitam expugnabis quam odium penitus insitum ex eorum animis euellas; est durius arcis excelsae repagulis, quia facilius fores arcis perfringes quam aditum fratri in gratiam fratris offensi patefacias. Si autem ius necessitudinis seruetur, quo fratres indissolubili foedere adstringuntur, nulla poterit tanta rerum calamitas in eos inuehi quae necessitudinem illam dirimat, uis enim naturae, qua illa constanter permanet, omnium urbium munitiones constantia et firmitate superat.

a cobiça domina é impossível existir, mesmo entre irmãos, qualquer firme pacto de aliança, como logo a seguir se diz:

19. *“O irmão que é ajudado por seu irmão é como uma cidade forte, e os seus juízos são como os ferrolhos das cidades.”* [os hebreus entendem do modo seguinte: “O irmão desertor é mais duro do que uma cidade fortificada, e as contendas são como os ferrolhos de uma fortaleza”]

Quão grande é a força da indómita cobiça é algo que pode ver-se a partir do facto de que não só dissolve as sociedades que se estabeleceram através de um pacto sagrado, mas também viola os direitos da natureza e açula irmãos contra irmãos e impele-os a mutuamente se destruírem. De facto, se consultamos as Sagradas Escrituras delas coligimos que os dois primeiros irmãos, gerados pelo primeiro pai da raça humana, tiveram um regime de vida tão diferente um do outro que um, através do maior dos crimes, matou o outro. Se percorrermos as crónicas dos Romanos encontraremos que os fundamentos de Roma foram poluídos e manchados por Rómulo, fundador da mesma cidade, com o sangue do seu irmão. E que diremos em relação às narrativas fantasiosas? Existe algo mais celebrado pelas composições dos poetas do que o ódio entranhadíssimo de Etéocles e Polínicos, que acabou por arrastá-los a matarem-se um ao outro sem qualquer consideração pelos laços de sangue? E não só as histórias estão cheias e as fábulas recordam este tão grande desvario, mas também a vida corrente nos oferece não poucos exemplos deste crime.

Ou isto acontece porque a inveja irrompe com mais violência naqueles que nasceram com a mesma condição, porque muitos toleram a duras penas que se lhes avantajem em dignidade os que nasceram dos mesmos pais; ou porque não podem facilmente uns ligar a si os outros através de benefícios, porque qualquer um tem para si que os irmãos tudo lhe devem e lamenta-se de que lhe seja dado muito menos do que exigia o direito de parentesco; ou porque as ofensas recebidas dos irmãos, quanto menos eram de rezear, tanto ferem com ferida mais profunda; ou, finalmente, porque a natureza estabeleceu que quanto para mais longe nos afastamos do mal, tanto mais fortemente somos atacados pelo mesmo mal, quando caímos. E assim sucede que, quando alguém renuncia ao amor fraterno, que convinha que fosse o maior, é tomado pelo maior dos ódios. Por conseguinte, seja qual for a razão pela qual isto acontece, o que é certo é que as contendas entre irmãos, quando são acirradas pelos dardos da cobiça e da inveja, são as mais terríveis. De facto, é tão grande o mal que existe na cobiça que até destrói os direitos do mais próximo parentesco e amizade, e de tal maneira incita irmãos a fazer mal a irmãos que é impossível imaginar-se algo de mais terrível e criminoso.

Por conseguinte, consoante diz o Sábio no texto hebraico, o ódio sentido contra irmãos é mais forte do que uma cidade fortificada, porque mais depressa se expugnará uma cidade fortificada do que se extirpa da alma deles o ódio profundamente

[20.] *De fructu oris uiri replebitur uenter eius, et genimina labiorum ipsius saturabunt eum.* [21.] *Mors et uita in manibus linguae: qui diligunt eam comedent fructus eius.* [22.] *Qui inuenit mulierem bonam [822] inuenit bonum, et hauriet iucunditatem a Domino.* [23.] *Cum obsecrationibus loquitur pauper, et diues effabitur rigide.*

Tantum malum est in linguae immoderatae licentia ut non satis habeat Sapiens nos de tam insigni periculo semel admonere, nisi eandem admonitionem saepius repetat. Hoc autem in loco id magis facere conueniebat, quia dissensionis periculosissimae acerbiter meminerat, quae frequenter ex perditorum hominum oratione nascuntur, qui se ita medios interponunt, non ut dissidentes animos amore conglutinent, sed ut etiam bene conuenientes odio inflamment. Vt igitur homines a maledicentiae peste deterreat, ostendit mortem et uitam in lingua consistere. Nam, uel odium excitat uel odio finem imponit. Hoc autem pacto uel mortem affert uel uitam conseruat. Præterea, qui linguam in calumniam et maledicentiam conferunt, sunt a morte deuorandi et cruciatibus sempiternis afficiendi; qui uero ea lites dirimunt et saluti communi prospiciunt, sunt in futura uita Diuinis bonis, aeuo sempiterno, cumulandi. Vnde colligitur et mortem et uitam in linguae potestate consistere.

Sed, quia plerumque accidit ut mulieres, cum sint ad iram concitae uariisque animorum motibus agitentur, et ob id uiros suos saepe ad pestiferam seditionem sollicitent, ostendit iterum Sapiens quantum bonum sit homini mulierem inuenire. Mulier enim in auxilium uiro, et non in perniciem, data fuit. Et mulieris officium est uiri iracundiam lenire eumque ab odio ad beneuolentiam reuocare, et non nascenti odio faces admouere. Mulier igitur quae uirum ad discordiam furem instigat, non mulier, sed Furia est in mulieris forma ad infelicis uiri perniciem figurata. Qui igitur mulierem, et non Furiam, domum duxit, singulari beneficio a Deo affectus fuit. Non enim dedecus extimescet, non rei familiaris interitum lamentabitur, non ad odium sine graui causa commouebitur, non denique erit imperio muliebri, cum insigni macula turpissimae seruitutis, adstrictus.

entranhado; é mais duro que os ferrolhos de uma elevada fortaleza, porque mais facilmente se arrombarão as portas da fortaleza do que regressa um irmão às boas graças do irmão ofendido. Por outro lado, se se respeitarem os direitos do parentesco, segundo os quais os irmãos se encontram ligados por um vínculo indissolúvel, não poderá arremeter contra eles nenhuma desgraça tão grande que seja capaz de desunir esses laços de família, pois a força da natureza, que neles se conserva permanentemente, é superior em constância e firmeza às muralhas de todas as cidades.

20. Do fruto da boca do homem se encherá o seu ventre e os renovos dos seus lábios o fartarão. 21. A morte e a língua estão no poder da língua; os que a amam comerão dos seus frutos. 22. Aquele que achou uma mulher boa, [822] achou o bem, e receberá do Senhor um manancial de alegria. 23. O pobre falará com súplicas e o rico lhe responderá com aspereza.

Existe tão grande mal na licença de uma língua descomedida que o Sábio não considera que é suficiente advertir-nos uma única vez acerca de tão grande perigo, se não repetir amiudadas vezes a mesma advertência. Ora, nesta passagem mais convinha fazê-lo, porque lembrara a perigosíssima desgraça da dissensão, que frequentemente nasce das palavras dos homens perversos, que se entremetem, não para reconciliarem pelo amor os ânimos em contenda, mas até para atizarem o ódio entre os que se dão bem. Por conseguinte, a fim de afastar os homens da peste da maledicência, mostra que a morte e a vida assentam na língua. De facto, tanto desperta o ódio, como a ele põe fim. Ora, deste modo, ou ocasiona a morte ou conserva a vida. Além disso, os que aplicam a língua à calúnia e à maledicência, devem ser tragados pela morte e torturados pelos tormentos sempiternos, ao passo que os que com ela põem termo às contendas e proveem à prosperidade pública, na vida que há de vir serão cumulados por toda a eternidade com os bens divinos. Daqui se conclui que tanto a morte como a vida dependem do poder da língua.

Mas, porque ordinariamente acontece que as mulheres, uma vez que são atreitas à ira e se agitam com diversas emoções, e por isso amiúde induzem os seus maridos à pestilencial revolta, mostra outra vez o Sábio o grande bem que é para o homem encontrar uma mulher. É que a mulher foi dada para ajudar o homem, e não para prejudicá-lo. E o dever da mulher é amansar a ira do varão e fazê-lo passar do ódio para a boa vontade, e não lançar lenha para o ódio que nasce. Por conseguinte, a mulher que ensandecidamente instiga o homem à discórdia, não é uma mulher, mas uma Fúria, moldada com aparência de mulher para perdição do varão. Por consequência, quem se casou com uma mulher, e não com uma Fúria, foi contemplado com um singular benefício de Deus. É que não sentirá receio de desdouro, não lamentará a ruína do património familiar; não será impelido ao ódio sem grave motivo; e, finalmente, não estará sujeito ao domínio feminino, com enorme deslustre pela infamíssima servidão.

Ponit deinde Sapiens ob oculos speciem uiri pauperis, ius suum humiliter atque demisse postulantis, et diuitis superbiam durissime et contumeliosissime postulatum repudiantis, ut pauperis humilitatem subleuandam et diuitis superbiam detestandam arbitremur, si uolumus nos exemplo illius conformare qui superbis resistit et humiles in gratiam recipit.

[24.] *Vir amicabile ad societatem magis amicus erit, quam frater.*

Pauci admodum sunt qui rite atque sancte leges amicitiae seruare possint. Nam, ut alia omittam, tanta uis amicitiae est ut unus animus e pluribus fiat. Ergo, cum animus secum ipse dissidet atque discordat, non unus animus potest [823] appellari, sed quodammodo plures. Non est enim simplex, sed multiplex, et ex tam multis partibus conflatus quot sunt uitia quae illum exagitant. Alio enim trahit auaritia, alio detorquet ambitio, in aliam partem rapit immanitas, in aliam instigat libido et, ne plura flagitia persequar, ita dilaceratur ut sui compos esse nequeat. Qui igitur secum minime conuenit, quo tandem modo cum alterius animo ita conglutinabitur ut nullum inter utrumque discrimen sit? Vnde sequitur ut, qui flagitiis oppressus est, non possit ullo modo cum alterius sensu et uoluntate coniungi.

Ille igitur tantum amicis deditus esse poterit qui est a cupiditate nefaria remotus, qui non est flagitiis affinis, qui animi sui partes dissidentes colligit et rationis imperio oboedire compellit. Hic igitur, cum alium eadem natura et moribus constitutum nactus fuerit, in illo tamquam in se mentem defigit, in illum studia conferet et cum illo ita amoris sanctitate copulabitur ut nihil uni ab altero seiunctum esse possit. Hi sunt qui ad amicitiam apti sunt, quos interpretes “amicabiles ad societatem” appellat, qui, cum amicos obseruant, non commoda sua respiciunt, sed amicorum commodis et emolumentis inseruiunt; qui grata beneuolentia amicos prosequuntur; qui denique non pluris se ipsos quam ipsos amicos faciunt. Qui igitur eiusmodi sunt non mirum est si ardentius ament et constantius in fide permaneant quam fratres, qui non eisdem omnino moribus constituti et imbuti fuerint.

Em seguida, o Sábio coloca-nos por diante dos olhos a imagem do homem pobre, que suplica o seu direito de modo humilde e modesto, e a soberba do rico, que rejeita da forma mais dura e ultrajante o que se lhe pede, a fim de que pensemos que a humildade do pobre deve ser favorecida e a soberba do rico abominada, se queremos modelar-nos de acordo com o exemplo d' Aquele que se opõe aos soberbos e acolhe na Sua graça os humildes.

24. O homem amável no trato será mais amigo do que um irmão.

São muitíssimo poucos os capazes de respeitar santa e escrupulosamente as leis da amizade. De facto, para não me referir a mais nada, a força da amizade é tão grande que de muitas almas faz uma só. Logo, quando a alma está em desarmonia e desacordo consigo mesma, não pode ser designada como uma única alma, [823] mas de uma certa maneira como muitas. É que é múltipla, e não uma só, e formada com tantas quantos são os defeitos que a inquietam. De facto, a avareza arrasta-a para um lugar, a ambição desvia-a para outro, para outra parte a arrebatada a crueldade, para outra a instiga a sensualidade e, para não me referir a mais infâmias, de tal modo é dilacerada que não consegue ser senhora de si mesma. Por conseguinte, quem não está de acordo consigo mesmo de que maneira ajuntará ao cabo a sua alma com a de outrem de tal sorte que entre ambas não haja qualquer diferença? Daqui se segue que, quem se encontra subjugado pelas indignidades, não pode de forma alguma unir-se com os sentimentos e a vontade de outrem.

Portanto, só poderá ser dedicado aos amigos quem se encontra apartado da sacrílega cobiça, quem não é cúmplice de infâmias, quem junta as partes desunidas da sua alma e as obriga a obedecerem ao senhorio da razão. Este, por conseguinte, quando encontrar um outro provido da mesma natureza e costumes, nele fixa o espírito como em si mesmo, a ele consagrará toda a sua afeição e com ele se unirá através de um amor santo de tal maneira que um em nada se pode distinguir do outro. Estes são os adequados para a amizade, a que o tradutor latino chama "amáveis no trato", os quais, quando velam pelos amigos, não olham pelas suas comodidades, mas põem-se ao serviço das comodidades e proveito dos amigos; os quais acompanham os amigos com agradecida dedicação; os quais, finalmente, têm em mais apreço os amigos do que a si mesmos. Por conseguinte, os que apresentam estas características, não admira que amem mais intensamente e se mantenham mais firmes na lealdade do que os irmãos, que não tiverem sido totalmente formados e educados com os mesmos costumes.

CAP. XIX

[1.] *Melior est pauper qui ambulat in simplicitate sua quam torquens labia* (hoc est: Quam uerbis uersutus et insipiens). [2.] *Vbi non est scientia animae, non est bonum, et qui festinus est pedibus offendet.* [3.] *Stultitia hominis supplantat gressus eius, et contra Deum feruet animo suo.* [4.] *Diuitiae addunt amicos plurimos; a paupere autem et hi quos habuit separantur.*

Multi ponunt in calliditate sapientiam et, quo quisque malitiosius ingenium uersat, eo melius rem gerere et fortius statum suum tueri posse statuunt. Quod longe secus euenit. Omnis enim qui uirtutis expertus est amens est, non intelligit enim felicem animi statum uirtute contineri. Ergo, cum mentis expertus sit, uitam recte constituere et ad finem, quem sibi proponit, peruenire nequit. Nam, quo magis ad beatam uitam enititur, eo a uita beata longius aberrat et grauioribus malis obruitur. Contra uero, pauper et humilis, qui non falsa opinione acuminis insolescit, recta graditur, sensim incedit, in alterutram partem minime declinat, et sic tandem fit ut quod sapienter expetit feliciter assequatur.

Vbi igitur abest scientia, ibi nullus locus felicitati relinquitur. Temeritas enim furibunde ruit et, quo magis accelerat, eo miserius concidit et grauioribus ruinis opprimitur. Summa stultitia improbitas [824] est. Improbitas autem uarie torquet animum et, a uia deductum ab omnique officio districtum, furere compellit, usque adeo ut non solum in homines incitetur, sed etiam in Deum maledicta coniciat. Quantas uires habeat cupiditas ex eo colligitur quod rarissimum genus sit eorum qui ius amicitiae sancte colant. Homines enim omnia pecunia metiuntur et iccirco fit ut innumerabiles sese ad diuitum nomen adiungant et pauperes ab amicis suis deserantur. A diuitibus enim assectationis mercedem sperant, a pauperibus nihil sperant. Amicitiam igitur simulant, cum longe ab amicitiae sanctionibus absint, non enim homines diuites, sed diuitum opes amore eximio prosequuntur.

[5.] *Testis falsus non erit impunitus, et qui mendacia loquitur non effugiet.* [6.] *Multi colunt personam potentis, et amici sunt dona tribuentis.* [7.] *Fratres hominis pauperis oderunt eum; insuper et amici procul recesserunt ab eo.* [8.] *Qui tantum uerba sectatur nihil habebit; qui autem possessor est mentis diligit animam suam, et custos prudentiae inueniet bona.* [9.] *Falsus testis non erit impunitus, et qui loquitur mendacia peribit.* [10.] *Non decent stultum deliciae, nec seruum dominari principibus.*

CAPÍTULO XIX

1. *Melhor é o pobre que anda na sua simplicidade do que o rico torcendo os seus beijos e sendo insensato.* [isto é: “do que o astucioso em palavras e ignorante”] 2. *Onde não há ciência de alma não há bem; e o que pelo ardimento dos pés é apressado, tropeçará.* 3. *A estultícia do homem arma sancadilha aos seus passos, e ele ferve no seu coração contra Deus.* 4. *As riquezas multiplicam muito os amigos; mas do pobre, ainda aqueles que teve se separam.*

Muitos fazem consistir na arteirice a sabedoria e dão por assente que, quanto mais maliciosa inteligência alguém possui, tanto pode tratar melhor dos seus interesses e mais fortemente defender a sua posição. Algo que sucede muito ao invés. De facto, todo o que está privado de virtude é insensato, porquanto não compreende que a condição venturosa do espírito se cifra na virtude. Logo, uma vez que está privado de entendimento, não pode regular corretamente a vida e chegar ao fim que se propõe. Na verdade, quanto mais se esforça no sentido da vida bem-aventurada, tanto mais dela se aparta e se vê esmagado por mais pesados males. Pelo contrário, porém, o pobre e humilde, que não se ensoberbece com uma falsa opinião sobre a sua penetração intelectual, caminha em linha reta, avança aos poucos, não se desvia nem para um lado nem para o outro, e assim acaba por acontecer que consegue com bom êxito aquilo que sabiamente desejou.

Por conseguinte, onde falta a ciência não fica nenhum lugar para a ventura. É que a irreflexão precipita-se desvairadamente e, quanto mais se apressa, tanto mais mofinamente cai e fica esmagada com mais pesadas ruínas. A suprema estultícia é a desonestidade. [824] Ora, a desonestidade desvia de vários modos o espírito e, saído do caminho e afastado de todo o dever, obriga-o a tresvariar, a tal ponto que não só se move contra os homens, mas também lança ultrajes contra Deus. Quão grande é a força da cobiça é algo que pode concluir-se a partir do facto de que é muito rara a raça daqueles que escrupulosamente honram os foros da amizade. É que os homens tudo medem pelo estalão do dinheiro e por isso acontece que inúmeros se juntam ao nome dos ricos e os pobres são abandonados pelos seus amigos. Com efeito, esperam dos ricos o pago pelo acompanhamento, dos pobres nada esperam. Por conseguinte, simulam a amizade, embora se encontrem muito distantes das leis da amizade, pois seguem com grande amor, não os homens ricos, mas as riquezas dos ricos.

5. *A testemunha falsa não ficará impune e o que fala mentiras não escapará.* 6. *São muitos os que honram a pessoa do poderoso e os que são amigos do que reparte dádivas.* 7. *Os irmãos do homem pobre aborreceram-no; sobre isto ainda os seus amigos se retiraram longe dele. Aquele que só busca palavras não terá nada;* 8. *mas o que é possuidor de entendimento ama a sua alma e o conservador da prudência achará bens.* 9. *A testemunha falsa não ficará impune e o que*

Natura quidem sunt omnes homines ueritatis appetentes et a studio uanitatis auersi. Cur igitur “est omnis homo mendax”? Quia uel metuunt uel sperant. Mentuntur igitur et peierant, uel ut poenam effugiant, uel ut illis, a quibus aliquid emolumentum exspectant, gratificentur. At, nec ex iudicio elabetur qui mendacia ex animo promittit, nec ullius potentis hominis opera liberabitur qui sanctissimam religionem periurio uiolat. Liberalitas principis hominum mentes allicit multaque sese ad illius nomen libenter adiungunt quem munificum esse uident. Non est igitur liberalitas laus in principe contemnenda, ut ea fama multitudinem sibi conciliet. Est tamen hoc principi considerandum esse modum in largiendo statuendum, ne, si ultra modum largitas progressa fuerit, materia benignitatis exhauriatur. Quod si acciderit, hominum studium refrigescet et fides continuo uacillabit, ita ut facile homines eo se conferant unde certius assectationis praemium sibi donatum iri confidunt.

Non contemnat ille quidem beneficentiae laudem, sed aliis uirtutibus longe clarioribus hominum admirationem commoueat: nempe, iustitia, moderatione, animi magnitudine et pietate. Nam si, neglectis reliquis uirtutibus, hac una sibi egregie munitam uiam putauerit ad nominis claritatem, multis se difficultatibus implicabit. Primum quidem, cum largitio non possit ad omnium fructum peruenire, multo plures erunt destitutione offensi quam beneficiis obligati. Deinde, cum cupiditas hominum immoderata sit et expleri minime possit, nec eos quidem quos beneficiis deuinctos tenere cupit explere ullo modo poterit. Postremo, cum omnes opes effuderit, [825] si aliquis casus aduersus inciderit, non poterit periculum a Republica propulsare. Duo igitur sunt in liberalitatis officio prouidenda. Vnum, ne quid indignis sine respectu ad merita tribuatur; alterum, ne opes publicae sine ratione dissipentur. Intelligent etiam eos qui, sine maximarum uirtutum meritis, principes assectantur, non principes, sed principum opes, quibus inhiant, amare.

Sed ad Salomonis instituta nos reuocemus, qui hanc sententiam alia continuo confirmat, inquit enim tantam esse cupiditatis immanitatem ut nulla caritas insit ubi nullum emolumentum speratur, proinde fieri ut fratres fratrem pauperem odio habeant et sodales inopes despiciant et omnes, qui promissa flagitant, a se longissime repellant. “Qui enim”, inquit Sapiens, “uerba sectatur nihil habebit”. Nam inopes quod sibi a diuitibus promissum fuerat, coacti necessitate, requirunt. Promissa uero, propter auaritiam eorum, qui fidem dederant se officio minime defuturos, non comparent. Non ingentes igitur pecuniae, sed opes prudentiae sunt quae nomen et decus afferunt et salutem perpetuo conseruant. “Qui possessor”, inquit, “est mentis”, hoc est, qui prudentiam retinet, “seruat animam suam”.

fala mentiras perecerá. 10 Ao insensato não estão bem as delícias nem ao servo o dominar os príncipes.

Por natureza todos os homens sentem desejo da verdade e são contrários ao apego à mentira. Então por que motivo “todos os homens são mentirosos”? [Sl 116. 11.] Porque ou temem ou esperam. Por conseguinte, mentem e juram falso, ou para fugir aos castigos, ou para se tornarem agradáveis àqueles de quem esperam algum proveito. Mas, nem escapará de ser julgado quem voluntariamente profere mentiras, nem será libertado por obra de algum homem poderoso quem viola com falsos juramentos a santíssima religião. A liberalidade do príncipe atrai o espírito dos homens e muitos de bom grado se põem ao serviço daquele que veem que é generoso. Por conseguinte, a liberalidade não é um título de glória desprezível no príncipe, para mediante esta fama atrair a si a multidão. Todavia o príncipe deve ponderar que lhe cumpre estabelecer limites no dar liberalmente, a fim de, se a largueza no presentear avançar para além da justa medida, não esgotar a matéria-prima da generosidade. Se isto acontecer, a dedicação dos homens esmorecerá e em seguida a lealdade vacilará, de tal maneira que facilmente os homens se dirigirão para onde confiam que mais seguramente há de ser-lhes dado o prémio por pertencerem ao séquito.

Que ele não despreze o título de glória de benfazejo, mas desperte a admiração dos homens com outras virtudes muito mais ilustres: a saber, a justiça, o comedimento, a grandeza de alma e a piedade. De facto, se, deixando de lado as restantes virtudes, pensar em construir admiravelmente só com esta o caminho para a celebridade de nome, há de enredar-se em muitas dificuldades. Em primeiro lugar, uma vez que a liberalidade não pode beneficiar a todos, serão muitos mais os ofendidos pelo esquecimento do que os obrigados pelos favores. Em segundo lugar, sendo certo que a cobiça dos homens é ilimitada e não pode saciar-se, nem sequer poderá de modo algum satisfazer aqueles aos quais ele pretende manter presos através de favores. Por derradeiro, quando tiver esbanjado todas as riquezas, [825] se sobrevier alguma adversidade, não poderá repelir da república o perigo. Por conseguinte, no exercício da liberalidade cumpre que se atenda a duas coisas. Uma é que nada se dê aos indignos sem respeito aos merecimentos; e a outra não se gastarem sem ordem e razão os recursos públicos. Entendam também que aqueles que, sem os merecimentos das mais elevadas virtudes, andam no séquito dos príncipes, amam, não os príncipes, mas as suas riquezas, que vivamente desejam.

Mas regressemos aos ensinamentos de Salomão, que logo a seguir corrobora este provérbio com outro, pois diz que é tão grande a desumanidade da cobiça que não existe nenhum afeto onde não se espera nenhum proveito, e que por isso acontece que os irmãos odeiam o irmão pobre e os amigos desprezam os necessitados e repelem para muito longe de si todos os que pedem o prometido. “Aquele que busca palavras, não terá nada”, diz o Sábio. É que os indigentes,

Rursus deinde falsum testem insectatur et mendaces minaciter exterret. Tum ait non decere stultum uoluptatem. Primum quidem, quia decus in modo et moderatione consistit, stultus autem quae sit uis moderationis ignorat. Deinde, quia stultus futiles et inanes uoluptates exquirat, ueras autem et stabiles pro nihilo ducit. Tum, quia uoluptates illae, cum momento temporis effluent, animus dolore affectum et infigni turpitudine maculatum relinquunt. Postremo, quia stultus secundam fortunam ferre non potest. Cum igitur aliqua iucunditate perfunditur, insolescit et insanit et mentis compos esse non potest. Quod, si stultus in uoluptate bacchatur, quid de seruo fiet, cum hominum peccatis principes, hoc est, optimates et uirtutibus summis exultos, oppressos impotenti dominatu tenuerit? Quis illius insolentiam feret? Quis amentiam tolerabit? Quis furorem illius et insaniam non odio prosequetur? Cum enim animus minime uirtutis et constantiae grauitate firmatur, honores insoliti illum iudicio rationis spoliant, memoriam pristinae condicionis obruunt, totam denique mentem eripiunt. Sic denique furit et insanit ut nihil turbulentius excogitari possit. Quod minime mirandum est, qui enim iucunditatem aliquam sustinere nequit et, illius motu percussus, a mente deseritur, quo tandem modo imperium nulla moderatione terminatum sustinebit? Quod autem de seruo dicitur ad omnes stultos transferendum est, omnes enim stulti serui sunt.

[11.] *Doctrina uiri per patientiam noscitur, et gloria eius est iniqua praetergredi.*
 [12.] *Sic ut fremitus leonis, ita et regis ira, et sicut ros super herbam, ita et hilaritas eius.* [13.] *Dolor patris filius stultus, et tecta iugiter perstillantia litigiosa mulier.*
 [14.] *Domus et [826] diuitiae dantur a parentibus; a Domino autem proprie uxor prudens.* [15.] *Pigredo immittit soporem, et anima dissoluta esuriet.* [16.] *Qui custodit mandatum custodit animam suam; qui autem negligit uiam suam mortificabitur.*

coagidos pela necessidade, pedem aos ricos o que por estes lhes tinha sido prometido. Mas as promessas não se cumprem, por causa da avareza destes, que lhes tinham dado a sua palavra de que não haveriam de faltar à sua obrigação. Por conseguinte, não são as grandes fortunas, mas as riquezas da prudência as que dão nome e honra e conservam incessantemente a prosperidade. Diz: “O que é possuidor de entendimento”, ou seja, quem mantém a prudência, “conserva a sua alma”.

Em seguida ataca mais uma vez a testemunha falsa e atemoriza ameaçadoramente os mentirosos. Diz depois que não estão bem ao insensato as deleitações. Em primeiro lugar, porque a honra assenta no comedimento e moderação, ao passo que o insensato ignora qual é a essência da moderação. Em segundo lugar, porque o insensato procura deleitações vãs e frívolas, e tem na conta de coisa nenhuma as verdadeiras e duradoiras. Em terceiro lugar, porque aquelas deleitações, uma vez que se desvanecem num ápice, deixam a alma tocada pela dor e tisonada com uma nódoa nada pequena. Finalmente, porque o insensato não pode levar com paciência a boa sorte. Por conseguinte, quando o inunda algum contentamento, ensoberbece-se e tresvaria e não pode ser senhor do seu juízo. Pelo que, se o insensato desatina com o prazer, que sucederá em relação ao servo, quando, por culpa dos pecados dos homens, mantiver com poderoso domínio subjugados os príncipes, ou seja, o escol e os homens adornados com as mais elevadas virtudes? Quem há de suportar a sua insolência? Quem há de tolerar a sua sandice? Quem há de deixar de odiar o seu desvario e vesânia? É que, quando o espírito não se encontra fortificado com o peso da virtude e da constância, as honrarias desacostumadas despojam-no do juízo da razão, apagam a lembrança da sua condição original e, enfim, arrancam totalmente o entendimento. De tal maneira ao cabo ensandece e tresvaria que é impossível pensar-se em algo de mais turbulento. Situação que não deve causar espanto, pois, quem não é capaz de conviver com um contentamento e, abalado por esta emoção, fica privado de entendimento, como é que ao cabo há de deter nas suas mãos uma soberania a que nenhum comedimento estabelece limites? Ora, o que se diz acerca do servo deve aplicar-se a todos os insensatos, pois todos os insensatos são servos.

11. *A prudência do homem conhece-se pela paciência; e a sua glória é passar por cima das injúrias a ele feitas.* 12. *Assim como é terrível o bramido do leão, assim também o é a ira do rei; e do mesmo modo que o orvalho cai sobre a erva, assim anima igualmente o seu ar prazenteiro.* 13. *O filho insensato é a dor do pai; e a mulher amiga de litígios é como o telhado que está revendo continuamente em goteiras.* 14. *Os pais dão casas e [826] riquezas, porém o Senhor dá propriamente uma mulher de prudência.* 15. *A preguiça dá de si sono, e a alma frouxa terá fome.* 16. *Aquele que guarda o mandamento, guarda a sua alma; o que porém não fez caso do seu caminho, padecerá a morte.*

Si iracundia mentem de gradu deiicit, si animum sanitate spoliat, si nihil est, quamdiu feruor iracundiae uiget, quo iracundus a furioso distinguatur, consequens necessario est ut qui iram cohibet et tranquillitatem retinet et multa dissimulat, summus uir habendus sit et, quo grauior erat offensio quae illum stimulabat, eo gloria illius clarius eminebit. Ira tamen regis, ut Sapiens ait, est metuenda tamquam leonis fremitus et gratia regiae serenitatis appetenda. Vt enim ros herbam laetificat, sic regis gratia hominis mentem exhilarat. Non enim timemus illius iram qui nocere nequit, neque gratiam illius appetimus qui opitulari non potest. At rex penes quem utriusque rei summa potestas est, et metuendus est ne uitam eripiat, et amandus ut salutem fulciat.

Sed quaerendum est, cum summi uiri sit iram continere ne se proiciat, et rex, si iure hoc nomen obtinet, est omnibus summis uirtutibus egregie cumulatus, quomodo dicit Sapiens iram illius esse maxime metuendam? Quia uidelicet animus illius non commouetur nisi cum tanta est sceleris immanitas ut dissimulatio sit in maximo scelere ponenda. Ad regis enim munus et officium pertinet strumam ferro seueritatis exsecare, ne totam Rempublicam pestifera lue contaminet. Cum igitur ira regis non leuibus caussis, sed maximis atque grauissimis excitetur, est offensio illius pertimescenda. Quod, si rex, qui Dei uice in terris ius administrat, ualde metuendus est, quid de Rege illo summo dicemus, cuius leuissimo tactu montes fumant, terra contremiscit, orbi fundamenta quatiuntur et caelum tenebris obductum flammam intorquet? Reliquum igitur est ut numen illius perpetuo metuamus et gratiam precibus assiduis flagitemus.

Naturae quidem humanae sensus in societatem tendit et solitudinem aspernatur et respuit, ita ut nihil illi iucundum esse possit in uita qui solitarius est. Praeterea, imbecillitas ipsius naturae, nisi ope hominum mutua fulciatur, quo tandem modo statum tuebitur? Prima autem societas uiri et uxoris exstitit, inde parentum atque filiorum coniunctio profluxit, inde reliquae societates exortae sunt. Ratio autem postulat ut in primis societatibus amor ardentior, fides constantior, auxilium salutaris, solatium iucundius requiratur. Sic autem fiet ut uir uxorem tamquam se ipsam diligat, uxor maritum et amet et uereatur, parentes filios diligenter instituant, filii parentibus oboediant et ita sint omnes inter se amore et animorum consensione deuincti ut ex tam sancta societate fructus iucundissimi capiantur. Quid, si filius stultus fuerit? Certe, patrem qui in illo spem nominis collocauerat, miserabiliter afflictabit. Quid, si mulier iracunda nimis et furiosa fuerit? Virum infelicem discruciat. Omnia igitur ex illa societate ualde contraria hominis opinioni prouenient. Nam, pro [827] animorum coniunctione dissidium, pro uoluptate cruciatum, pro rei familiaris cura dissipationem, pro tranquillitate immanem tempestatem ex uxore consequetur.

Se a ira precipita o espírito do seu equilíbrio, se o priva de sanidade, se, durante o tempo em que persiste a paixão da ira, não há diferença alguma entre o irado e o louco furioso, segue-se como consequência forçosa que quem refreia a ira e mantém a serenidade e se faz de desentendido em relação a muitas coisas, deve ser tido na conta de um homem superior e, quanto mais pesado era o agravo que o provocava, tanto com maior prestígio há de sobressair a sua glória. Todavia, consoante diz o Sábio, convém que se tema a ira do rei como ao bramido do leão e que se deseje a graça da serenidade régia. É que, da mesma maneira que o rocio dá viço à grama, assim a graça do rei alegra o espírito do homem. De facto, não receamos a ira de quem não pode fazer mal nem desejamos as boas graças de quem não pode ajudar-nos. O rei, porém, em cujas mãos se encontra o poder supremo para ambas estas coisas, não só deve ser temido, para não nos arrancar a vida, como também deve ser amado, para amparar a nossa prosperidade.

Mas cumpre procurar saber, uma vez que é próprio do mais remontado varão conter a ira para não deixá-la ir avante, e o rei, se detém com justiça este título, encontra-se singularmente ataviado com todas as mais elevadas virtudes, por que é que diz o Sábio que a ira dele é muito temível? Como é evidente, porque o seu espírito só se altera quando a desumanidade do crime é tão grande que o encobrimento deveria ser tido na conta do maior dos crimes. É que faz parte da função e dever do rei extirpar a chaga com a lanceta da severidade, para impedir que a totalidade da república seja contaminada com o pestilencial flagelo. Por conseguinte, uma vez que a ira do rei se desperta, não por causas leves, mas pelas maiores e mais graves, deve sentir-se muito receio em ofendê-lo. Pelo que, se o rei, que na terra ocupa as vezes de Deus na administração da justiça, é assaz temível, que diremos em relação Àquele Rei supremo, com cujo ligeiríssimo toque os montes exalam fumaça, a terra treme, os fundamentos do orbe estremecem e o céu coberto de trevas arremessa chamas? Resta, portanto, que incessantemente sintamos receio da Sua majestade divina e com assíduas rogativas lhe peçamos a graça.

O instinto da natureza humana inclina-se para a vida em sociedade e despreza e evita a solidão, de tal maneira que na vida nada de agradável pode existir para quem é solitário. Além disso, a fraqueza da própria natureza, se não estiver amparada pela ajuda mútua dos homens, de que modo há de velar ao cabo pela sua condição? Ora, a primeira sociedade fez-se com o homem e a mulher; daqui derivou a união dos pais e dos filhos e desta nasceram as restantes associações e sociedades. Ora, a razão pede que nas primeiras sociedades se procure um amor mais ardente, uma lealdade mais constante, uma ajuda mais salutar e um refrigério mais agradável. Ora, assim ocorrerá que o homem ame a sua esposa como a si mesmo, e a esposa ame e respeite o marido, e os progenitores desveladamente eduquem os filhos, e os filhos obedeçam aos pais, e de tal maneira todos se unam entre si pelo amor e conformidade de espírito que de uma tão santa sociedade se colham frutos os mais agradáveis. E que acontece se o filho for insensato?

Vnde colligitur uxorem moderatam et recte moribus et uita constitutam, esse Diuinum beneficium precibus assiduis a Deo postulandum. Hereditas enim, inquit Sapiens, a parentibus filiis obuenit, at uxor prudens a Deo conceditur. Deinde, opus est ut parentes sint, et in filiorum educatione et in rei familiaris procuratione, diligentes. Pigritia enim soporem inducit, at familia non somno atque desidia, sed uigilantia et industria sustentatur. Caput tamen domus feliciter administrandae est in Diuinae legis studio ponendum, qui enim Dei praeceptum seruat animam suam seruat et sic facillime non sibi tantum, sed familiae uniuersae prospiciet.

[17.] *Faeneratur Domino qui miseretur pauperis, et uicissitudinem suam reddet ei.* [18.] *Erudi filium tuum, ne desperes; ad interfectionem autem eius ne ponas animam tuam.* [19.] *Qui impatiens est sustinebit damnum, et cum rapuerit, aliud apponet.* [20.] *Audi consilium, et suscipe disciplinam, ut sis sapiens in nouissimis tuis.* [21.] *Multae cogitationes in corde uiri; uoluntas autem Domini permanebit.* [22.] *Homo indigens misericors est* (Hebraice: Desiderium hominis misericordia eius), *et melior est pauper quam uiri mendax.* [23.] *Timor Domini ad uitam, et in plenitudine commorabitur absque uisitatione pessimi* (hoc est: Et, cum fuerit in fontes animaduersum, malum non sentiet).

Misericordia nihil est utilius. Non enim perit quod propter Deum in egentes impenditur, sed ad ipso Deo egregii faenoris accessionibus amplificatur. Cum homines officis obligare uis, operam perdis, aut enim, propter inopiam, gratiam non referunt; aut, propter perfidiam, gratiam habere recusant. At, cum beneficium in pauperem confers, summum Dominum tibi artissime deuincis, qui potest misericordiam amplissimo praemio munerare et numquam ab ope hominis clementis atque benigni deducitur. Quod, si benignitas omnibus prompta esse debet, multo maiore studio est in filios conferenda. Benignitas autem in filios nulla praestantior esse potest ea quae in recta educatione et in salutari disciplina consistit. “Augeant”, inquit Sapiens, “reliqui parentes opibus per iniuriam partis patrimonium quo filii ad perniciem intemperanter abutantur: tu uero erudi filium tuum”.

Com certeza que atribulará amargamente o pai, que nele colocara a esperança do seu bom nome. E que sucede, se a mulher for demasiado irascível e violenta? Atormentará cruelmente o infeliz marido. Por conseguinte, desta sociedade tudo há de resultar muito ao invés do que o homem supusera. De facto, a mulher há de trazer-lhe, em vez [827] da conformidade dos espíritos, a dissenção; em vez do prazer, o tormento; em vez do cuidado com o património, o desperdício; em vez da tranquilidade, uma terrível tempestade.

Daqui se conclui que uma esposa comedida e corretamente provida de costumes e regras de vida, é uma benefício divino que deve ser pedido a Deus com incessantes preces. É que, diz o Sábio, a herança passa dos pais para os filhos, ao passo que a esposa prudente é concedida por Deus. Depois, é mister que os pais sejam diligentes, não apenas na criação dos filhos, mas também no governo do património familiar. É que a preguiça induz a sonolência, mas a família sustenta-se, não com sono e indolência, mas com atividade e desvelo. Todavia o essencial de uma venturosa gestão do lar deve depender do zelo da lei divina, porquanto quem observa os mandados de Deus, conserva a sua alma e assim com a maior das facilidades velará não só por si, mas pela família inteira.

17. *O que se compadece do pobre dá o seu dinheiro a juro ao Senhor; e este lhe tornará com onzena o que ele tiver emprestado.* 18. *Castiga a teu filho, para não desesperares, mas não chegue a tua severidade ao excesso de lhe dares a morte.* 19. *O que é impaciente suportará o dano; e quando o deixar, acrescentará outro.* 20. *Ouve o conselho e recebe a correção, para que sejas sábio no fim da tua vida.* 21. *No coração do homem se forjam muitos pensamentos, mas a vontade do Senhor permanecerá.* 22. *O homem necessitado é compassivo; [em hebraico: “O desejo do homem é a misericórdia dele”] e melhor é o pobre do que o homem mentiroso.* 23. *O temor do Senhor conduz à vida; e na abundância andarás sem a visita péssima. [isto é: “E, quando se castigarem os culpados, não sentirás o mal”]*

Nada é mais útil do que a misericórdia. De facto, não se perde aquilo que por amor de Deus se despende com os necessitados, mas o próprio Deus o aumenta com o acréscimo de um grande juro. É trabalho baldado quando se quer obrigar os homens com obséquios, pois ou, devido à pobreza, não agradecem, ou, devido à má fé, recusam-se a mostrar reconhecimento. Quando, porém, ajudas um pobre, estás a unir-te estreitamente com o Senhor supremo, que pode recompensar a tua compaixão com um prémio muitíssimo elevado e nunca se desvia de ajudar o homem compassivo e benfazejo. Pelo que, se a generosidade deve estar pronta para todos, com muito maior desvelo se deve empregar com os filhos. Ora, nenhuma generosidade com os filhos pode ser superior àquela que consiste numa boa criação e numa saudável educação. Diz o Sábio: “Que os restantes pais aumentem com riquezas injustamente adquiridas o património que de modo imoderado os filhos usam para se perderem: mas “tu ensina o teu filho.”

Sed quid est quod ait, “Ne desperes”? Quia non uult lex, ut est in Deuteronomio⁹³, operam sine ullo fructu suscipi in eo filio erudiendo, oboedientiam contumaciter abiicit et ad extremum consilia detestatur et impie monita parentum repudiat. Iccirco Hebraeus dicit: “dum spes est”, id est, autem, “dum docilis [828] est, dum pudore aliquo continetur, dum in aliqua officii mediocritate uersatur et denique dum nondum ad summum impudentiae et audaciae peruenit. Sic enim efficies ne ad mortem et supplicium trudatur, nam, si fueris nimis indulgens et non in eo laboraueris ut filius tuus ad pietatem erudiatur, cum maximo animi tui cruciatu filio necis caussam attuleris.” Non uult tamen Sapiens ut parentum seueritas in filiorum correctione ultra modum progrediatur, ne filii animo pusillo fiant.

Irae namque, tam in liberis instituendis quam in Republica moderanda, modus statuendus est, ne in furorem erumpat. Iracundia enim uehemens non mediocris furor est. Qui autem furit in homines, furenter inuehitur et ita frequenter in discrimen salutis incidit. Et malum praeterea est insanabile. Vt enim inquit Sapiens: “saepe uelis hominem iracundum e periculo mortis eripere, nihil proficies.” Implacabilis enim natura nulla admonitione mitigatur et semper aliquem ad morbum, quo est oppressa et impedita, cumulum furoris adiicit, quo tandem poenas temeritatis clade merita luat.

Ab hoc autem periculo longe aberunt qui consilio parent, qui disciplinam accipiunt, qui non animi furentis impetu, sed ratione ducuntur. Iccirco subiungitur: “Audi consilium et suscipe disciplinam, ut sis sapiens in nouissimis tuis.” Hoc est, “ut longe in posterum uitae tuae prospicias.” In consilio tamen capiendum id praecipue considerandum est non esse proprio iudicio ualde considerandum, sed omnia ad Dei uoluntatem et moderationem referenda. Ille namque demum uitam recte gubernat qui omnes uitae rationes habet in Dei numine, consilio, uoluntate constitutas. Hominum consilia sunt uaria, dubia et incerta, et exitus plerumque ab opinione eorum qui sapientes existimantur longe diuersi. Sunt enim multi errores in uita; omnia tenebris occultantur; quid sit euenturum nemo poterit, quamuis multo ingenio ualeat, exploratum habere. Reliquum igitur est ut illi summae sapientiae custodiam salutis nostrae committamus quae numquam falli et decipi potuit.

“Multae”, inquit Sapiens, “cogitationes in corde uiri,” at Domini consilium stabile semper erit. Non est quidem rationis opera contemnenda, sed est opus ut ipsa ratio Spiritus Sancti numine dirigatur. Aliter enim, si Diuina moderatione fuerit destituta, in perniciem frequenter incurret. Summa igitur sapientia est, non in nobis, sed in Diuino consilio salutem nostram collocare. Magnam autem

⁹³ Vd. Vulgata, *Deut.* 21, 18-21.

Mas que pretende significar, quando diz: “para não desesperares”? Porque a lei não quer, como se lê em *Dt 21. 18-21*, que se empreenda uma obra sem qualquer fruto na educação de um filho que de forma contumaz se recusa à obediência, abomina os conselhos e impiamente despreza as admoestações dos pais. Por isso o texto hebraico tem: “enquanto existe esperança”. Ora, isto é: [828] “enquanto é dócil, enquanto algum pudor o refreia, enquanto cumpre de algum modo mediano o seu dever e, enfim, enquanto ainda não chegou ao sumo da impudência e do atrevimento. É que assim farás que não seja arrastado para a morte e suplício, porquanto, se te mostrares excessivamente indulgente e não te empenhares em que o teu filho seja instruído na piedade, serás a causa da sua morte, com imenso pesar da tua alma.” Todavia o Sábio não quer que, na correção dos filhos, o rigor dos pais vá além da justa medida, para que os filhos não se tornem pusilânimes.

Na verdade, tanto na educação dos filhos, como na governação do Estado, convém que se estabeleça para a ira uma justa medida, para que não degenerem em loucura furiosa. É que uma ira arrebatada é uma loucura não pequena. Ora, quem se enfurece contra os homens, fica possesso como um louco e desse modo incorre amiúde em risco de saúde. E além disso trata-se de um mal incurável. É que, diz o Sábio, “ainda que queiras muitas vezes arrancar o homem irado de perigo de morte, não adiantarás.” De facto, a inexorável natureza não se deixa abrandar por nenhuma admoestação e sempre adita algum acréscimo de loucura furiosa à enfermidade que a oprime e estorva, para ao cabo sofrer com a merecida desgraça o castigo pelo seu desatino.

Ora, deste perigo estarão muito afastados os que obedecem aos conselhos, os que aceitam os ensinamentos, os que são arrastados pela razão, e não pelo arrebatamento de um espírito ensandecido. Por isso se acrescenta: “Ouve o conselho e recebe a correção, para que sejas sábio no fim da tua vida”. Isto é, “para que vejas ao longe no fim da tua vida.” Todavia, ao tomarmos resoluções, deve principalmente ter-se em consideração que não nos cumpre confiar muito no nosso próprio juízo, mas que tudo deve ser entregue à vontade e governo de Deus. De facto, só governa bem a sua existência quem coloca todas as decisões da vida no poder, conselho e vontade de Deus. Os conselhos dos homens são variados, duvidosos e incertos e os resultados ordinariamente muito diferentes do que opinaram os que são considerados sábios. É que na vida há muitos enganos; tudo se acha ocultado por trevas; ninguém poderá ter a certeza acerca do que há de acontecer, por muito inteligente que seja. Por conseguinte, resta que confiemos a guarda da nossa salvação àquela suprema sabedoria que nunca pôde enganar-se nem ser iludida.

Diz o Sábio: “No coração do homem se forjam muitos pensamentos”, mas a deliberação do Senhor não mudará. Decerto que não deve desprezar-se o trabalho da razão, mas é mister que a mesma razão seja encaminhada pela inspiração do Espírito Santo. É que, caso contrário, se estiver desprovida da direção divina,

sapientiae rationem in misericordiam sitam esse colligitur. Sapiens enim sibi maxime prodest. Prodest autem sibi maxime qui ad beatam uitam, ad quam frequenter enititur, tandem peruenit. Beata porro uita misericordia et benignitate comparatur, nam “plenitudo legis est dilectio”⁹⁴. Sed inquires: “Quid pauper faciet, quid benignus esse non potest?” Non erit ille quidem, si pietatem coluerit, a fructu benignitatis exclusus. Amore namque studio, sedulitate, doloris sensu, laboris communione, caritatis officium egregie [829] praestabit; cum interim diues, qui opes suas comprimit et nullam earum partem cum iis qui erant opera illius fulciendi communicat, sit miseris adnumerandus. Itaque multo felicior et opulentior est pauper qui in studium benignitatis, quantum potest, incumbit, diuite qui debito officio non fungitur et ita fidem nefarie prodit. Debitores enim sunt omnes qui opibus abundant iis pauperibus qui opera illorum indigent, maxime uero quos secum cernunt esse pietatis foedere et societate coniunctos. Mendax igitur est homo cum debitum, quo est alligatus, soluere recusat. Pauper igitur, misericordia, quod desiderat, assequetur; diues autem auarus, qui officium suum egentibus denegauit, excludetur.

“Timor Domini ad uitam ducit.” Si enim ardens legis studium uitam continet; si modus atque temperatio, qua ira coercetur, mortis periculum repellit; si qui opes suas cum egentibus benigne communicat ad caelum uiam munit; si qui sapientiae studium omnibus uitae commodis anteponit immortalitatem comparat, et haec omnia bona a timore Domini, tamquam a fonte totius uirtutis, oriuntur, parum ne liquet timorem Domini ad uitam ducere? Qui igitur Deum timet bonorum omnium copia redundabit et, cum fuerit in hominum scelus animaduersum, absque ullo supplicii metu in summa iucunditate uersabitur. Sed, quo ampliora praemia sunt uirtuti proposita, eo maiore odio digni sunt qui ea, uel propter desidiā negligent, uel propter improbitatem minime concupiscunt. Ait igitur Sapiens:

[24.] *Abscondit piger manum suam sub ascella, nec ad os suum applicat eam.* [25.] *Pestilente flagellato stultus sapientior erit* (Hebraice sic: Si percusseris derisorem, imperitus cautior erit); *si autem corripueris sapientem, intelliget disciplinam.* [26.] *Qui affligit patrem, et fugit matrem, ignominiosus est et infelix.* [27.] *Non cesses, fili, audire doctrinam, nec ignores sermones scientiae.* [28.] *Testis iniquus deridet iudicium, et os impiorum deuorat iniquitatem.* [29.] *Parata sunt derisoribus iudicia, et mallei percutientes stultorum corporibus.*

⁹⁴ Vd. Vulgata, Rom. 13,10.

frequentemente se exporá à perdição. Por conseguinte, a suprema sabedoria é colocar a nossa salvação, não em nós, mas no conselho de Deus. Por outro lado, conclui-se que grande parte da sabedoria assenta na misericórdia. De facto, o sábio é muitíssimo útil a si mesmo. Ora, é muitíssimo útil a si mesmo quem acaba por chegar à vida bem-aventurada, depois de frequentemente se esforçar por alcançá-la. Ora, a vida bem-aventurada obtém-se através da misericórdia e da bondade, porquanto “no amor está o pleno cumprimento da lei.” [Rm 13. 10.] Mas retrucareis: “Que fará o pobre, que não pode ser benfazejo?” Certamente que, se praticar a piedade, não será excluído do fruto da bondade. De facto, cumprirá de modo extraordinário o dever da caridade através do amor, do desvelo, do empenho, do sentimento de dor e da comparticipação nos trabalhos; [829] sendo certo que entretanto o rico, que oculta as suas riquezas e não reparte alguma parte delas com aqueles que deveriam ser apoiados pela ajuda dele, deve ser arrolado no número dos mofinos. E assim é muito mais venturoso e opulento o pobre que se consagra o mais que pode a fazer o bem, do que o rico, que não cumpre a sua devida obrigação e desse modo sacrilegamente falta ao seu dever. É que todos os que abundam em riquezas são devedores aos pobres que estão privados da ajuda deles, e sobretudo aos que veem que a eles estão ligados pelo vínculo e laços da piedade. Por conseguinte, é mentiroso o homem quando recusa pagar a dívida com que está onerado. Portanto, o pobre obterá através da misericórdia aquilo que deseja, ao passo que o rico avarento, que negou aos necessitados os seus serviços, será excluído.

“O temor do Senhor conduz à vida”. É que, se um ardente zelo da lei guarda a vida; se o comedimento e a temperança, com que se atalha à ira, afasta o perigo de morte; se aparelha o caminho para o Céu quem de modo benfazejo partilha as suas riquezas com os pobres; se alcança a imortalidade quem antepõe o amor da sabedoria a todas as comodidades da vida, e sendo certo que todos estes bens nascem do temor do Senhor como de fonte de toda a virtude, acaso não é manifesto que o temor do Senhor conduz à vida? Por conseguinte, quem teme a Deus possuirá em abundância todos os bens e quando o crime dos homens for castigado, encontrar-se-á no maior dos contentamentos sem qualquer medo de suplício. Mas, quanto maiores forem os prémios oferecidos à virtude, tanto são merecedores de maior ódio os que, ou os desprezam devido à preguiça, ou não os desejam por culpa da desonestidade. Por consequência, diz o Sábio:

24. *O preguiçoso esconde a sua mão debaixo do sovaco e não quer ter o trabalho de a levar à boca.* 25. *Castigado o pestilente, far-se-á mais sábio o insensato;* [no hebraico assim: “Se açoitares o escarnecedor, o simples tomará aviso”] *mas se reprenderes o sábio, ele entenderá o aviso.* 26. *Aquele que aflige a seu pai e faz fugir a sua mãe, é infame e desgraçado.* 27. *Não cesses, filho, de ouvir os ensinamentos, nem ignores as palavras da ciência.* 28. *A testemunha iníqua faz zombaria da justiça, e a boca dos ímpios devora a iniquidade.*

Eleganti amplificatione Sapiens insectatur ignauiam., cum enim nihil sit in uita quod animum magis ad laborem acuat quam famis metus, tamen tam insignis, inquit, desidía pigri hominis animum occupat ut, cum manum in sinum metu frigoris immiserit, nec ad sumendum cibum eam inde extrahere et ori admouere uelit: tantum abest ut in uictu comparando operam nauare studeat. Itaque mauult periculum famis adire quam laborem ullum, uel leuissimum, sustinere. Frustra igitur opera in illis admonendis consumitur qui turpissimam cessationem modis omnibus amplectuntur. Sunt igitur non uerbis impellendi, sed flagris de somno suscitandi.

Itaque [830] seuera iuris administratio ualde necessaria est, uel ad ignauiam aliqua ratione, uel ad scelera debitis poenis ulciscenda. Est enim iudiciorum seueritas admodum salutaris Reipublicae medicina, qua animorum morbi depelluntur et multi qui erant pestiferis uitiiis oppressi sanitatem recuperant. “Recte”, inquires, “si morbi sanabiles sunt. Sed desperatis medicina non uidetur adhibenda. Insanabiles autem sunt illi qui confidentia acuminis innixi, non solum flagitiis innumerabilibus cooperti sunt, sed omnia uirtutis officia derident et religionis sanctitatem ludibrio habent. Quid igitur? Poenam illis non irrogabimus quia sanari non possunt?” Minime, inquit, est impurissimis hominibus impunitas danda, immo scelus eorum acriore supplicio uindicandum. Nam summae improbitatis malum resecandum est, ne serpat in dies latius ad Reipublicae totius exitium, et exemplum seueritatis statuendum, quo homines qui nondum sunt omnino deprauati in officio contineri possint. Multos⁹⁵ namque, quos recta ratio non cohibet, supplicii metus exterret.

Quid de sapiente statuendum, si in errorem interdum prolapsus fuerit? Is plagis non indiget, sed admonitione tantum. Si enim illum obiurgaueris, ad officium continuo redibit et non mediocris sapientiae cumulus illi ex tuis monitis accedet. Sunt tamen multi adeo in monitores scelerati ut non solum alienos, a quibus admonentur, neque solum propinquos, a quibus erudiuntur, uerum et parentes, qui de illorum uita sunt ualde solliciti et ideo illos a flagitio et impuritate ad honestatem traducere nituntur, acerbo et immani odio persequantur. Quorum scelus non erit inultum, qui enim patrem excludit et matrem eiicit, praeter alias poenas quae sunt illi subeundae, notis ignominiae sempiternis deformabitur. Lex enim iubet ut qui debitis honoribus eos per quos in uitam ingressus est afficere non uult, in uita spoliatus sit et dedecore sempiterno cumuletur.

⁹⁵ Multos] Multi *no original.*

29. *Aparelhados estão os juízos para os mofadores, e os martelos batentes para os corpos dos insensatos.*

O Sábio critica a preguiça com uma elegante amplificação, pois, ainda que nada exista na vida que mais incite o ânimo a trabalhar do que o medo da fome, mesmo assim, segundo diz, é tão grande a indolência que senhoreia o ânimo do homem preguiçoso que, quando meter a mão no peito com receio do frio, não quer tirá-la de lá para pegar no alimento e levá-lo à boca, tanto está longe de empenhar-se em fazer alguma coisa para obter alimento. E assim prefere arriscar-se a passar fome a aplicar-se a algum trabalho, mesmo ligeiro. Por conseguinte, é baldado o esforço que se despende em admoestar aqueles homens que por todas as vias se entregam ao torpíssimo ócio. Por conseguinte, não devem ser incitados com palavras, mas despertados do sono a golpes de chicote.

E por isso [830] é sobremodo necessária uma severa execução da lei, quer para afastar a indolência por algum modo, quer para castigar os crimes com as devidas penas. De facto, o rigor nos julgamentos é um remédio assaz salutar para o Estado, graças ao qual se afastam as doenças do espírito e recuperam a saúde muitos que se encontravam subjugados por defeitos pestilenciais. Dir-se-á: “Isso está certo, se as doenças são curáveis. Mas parece que não deve aplicar-se remédio aos casos desesperados. Ora, são incuráveis aqueles que, apoiando-se na confiança na sua penetração intelectual, não só se tornaram culpados de inúmeras indignidades, mas zombam de todos os deveres da virtude e votam a irrisão a santidade da religião. Pois quê? Não os castigaremos, porque não podem curar-se?” De forma alguma, diz o Sábio, se deve conceder a impunidade a homens impuríssimos, e até o seu crime deve ser castigado com um suplício mais rigoroso. Na verdade, cumpre que se cerceie o mal da suma desonestidade, para que com o tempo não se espalhe mais extensamente para perdição da totalidade da república, e que se estabeleça um exemplo de severidade, mediante o qual os homens que ainda não foram totalmente depravados possam manter-se no cumprimento do dever. De facto, muitos, aos quais a reta razão não refreia, sentem grande medo dos suplícios.

Que cumpre assentar-se em relação ao sábio, se por vezes cair em erro? Não precisa de ser golpeado, mas basta com adverti-lo. É que se o reprenderes, imediatamente regressará ao cumprimento do dever e com os teus conselhos a sua sabedoria acrescentar-se-á não pouco. Todavia existem muitos, a tal ponto abomináveis contra os que os aconselham que odeiam com sanha entranhada e desumana, não apenas os estranhos, que os admoestam, e não só os parentes e amigos, que os ensinam, mas até os progenitores, que assaz se preocupam com as suas vidas e por isso se esforçam por fazê-los passar da impureza e infâmia para a honestidade. O crime destes homens não ficará impune, pois quem repele o pai e afasta a mãe, além de outros castigos, que deve sofrer, ver-se-á infamado com o labéu de uma eterna ignomínia. É que a lei ordena que quem não quer

Quam lubricum uero et quam periculosum sit aures quibusuis disciplinis inconsiderate praebere, exempla quotidiana declarant, specie namque leporis et uenustatis auditores alliciunt, et, splendore uerborum, captis uenenum mortiferum porrigunt, et, dum salutem ostendunt, perniciem moliantur, dum fidem oratione celebrant, ad perfidiam et scelus instituunt, dum uitam pollicentur, in sempiternam mortem eos, qui se sequuntur, eiiciunt.

“Testem iniquum”, inquit Sapiens, “deridere iudicium.” Nam, quo pacto potuisset quisquam ad tantum facinus induci ut iusiurandum negligat, et Deum, quo teste, fidem, conceptis uerbis, adstrinxit, tam nefando scelere uiolet, nisi iudicium Diuinum contemnat atque despiciat? Itaque religionem spernit periuriumque singulari artificio ad homines simplices omnibus bonis euertendos statuit. Qui eiusmodi autem sunt “iniquitatem deuorant”. Perinde enim iniuriis quas multis mortalibus intulerunt oblectantur atque si iucundissimo cibo famem depulissent. Vitae namque iucunditatem in scelerum omnium machinatione ponunt. Quod tamen non impune ferent. [831] Derisoribus enim parata sunt uerba et stultis acerrimae contusiones. Ius enim est ut qui in sanctitates cachinnos importune sustulit, sempiterno fletu atque cruciamento amentiam suam lamentetur, et qui sibi, cum esset amentissimus, sapientiae nomen arroganter usurpauit, dirissimas poenas amentiae persoluat. Verba autem et contusiones iam paratas esse dicit ut firmitatem destinatae sententiae demonstret.

CAP. XX

[1.] *Luxuriosa res uinum, et tumultuosa ebrietas: quicumque his delectatur non erit sapiens.* [2.] *Sicut rugitus leonis, ita et terror regis: qui prouocat eum peccat in animam suam.* [3.] *Honor est homini qui separat se a contentionibus; omnes autem stulti miscentur contumeliis* (id est ex Hebraeo: Gloria est homini desistere a lite, omnis autem stultus illi se miscet). [4.] *Propter frigus piger arare noluit, mendicabit ergo aestate, et non dabitur illi.*

In uini potu, praeter naturae recreationem, quaesitus ludus esse uidetur. Vinum enim pellit ex animo maestitiam; curarum obliuionem inducit; risum deinde immodicum excitat; iocis deinde petulantibus, postquam res magis atque magis calescit, inuicem decertatur; postremo ad iurgia et pestiferam etiam contentionem

respeitar com as devidas honras aqueles que o trouxeram à vida, seja privado da vida e coberto de eterno desdouro.

Os exemplos do dia a dia mostram como é perigoso e arriscado dar ouvidos irrefletidamente a quaisquer ensinamentos, porquanto, com a aparência da finura e da graça, seduzem os ouvintes, e, sob o brilhantismo das palavras, propinam uma mortífera peçonha aos que seduziram e, quando mostram a salvação, estão a aparelhar a perdição, e quando celebram com palavras a lealdade, estão a ensinar a perfídia e o crime, e, quando prometem vida, estão a lançar para a morte eterna aqueles que os seguem.

Diz o Sábio que “a testemunha iníqua faz zombaria da justiça.” Com efeito, de que modo teria podido qualquer pessoa ser levada a tão grande atentado que não dê importância alguma ao juramento e com tão sacrílego crime ultrajar Deus, que tomou como testemunha ao pronunciar as palavras de juramento, se não desprezasse e desdenhasse o juízo divino? E por isso menospreza a religião e com singular arteirice usa o perjúrio para esbulhar os homens simples dos seus bens. Ora, os que são deste jaez “devoram a iniquidade”. De facto, divertem-se com as injustiças que praticaram contra muitos mortais como se tivessem matado a fome com uma iguaria muitíssimo gostosa. É que põem o deleitoso da vida na maquinação de toda a espécie de crimes. Todavia, não farão isto impunemente. [831] Pois para os mofadores estão aparelhados os chicotes e para os insensatos duríssimos golpes. De facto, é de direito que quem atrevidamente zombou do que é santo, lastime a sua loucura com pranto e padecimento eternos, e que sofra as terríveis penas da sua loucura quem arrogantemente se atribui a si mesmo a sabedoria, apesar de ser completamente louco. Ora, diz que os tagantes e os golpes já estão prontos para mostrar a firmeza da sentença decidida.

CAPÍTULO XX

1. *O vinho é uma coisa luxuriosa e a embriaguez é cheia de desordens; todo aquele que nisto põe o seu gosto não será sábio.* 2. *Assim como sobressalta o rugido do leão, assim também o terror que infunde o rei; aquele que o irrita contra a sua alma peca.* 3. *O homem que se separa de contendas tem esta glória, mas todos os imprudentes se envolvem no que lhes traz a sua confusão.* [ou seja, de acordo com o texto hebraico: “Honroso é para o homem desistir de questões, mas todo o insensato se envolve nelas”] 4. *O preguiçoso não quis lavar por causa do frio; ele mendigará pois no verão e não se lhe dará coisa alguma.*

No beber vinho parece que, além do revigoramento da natureza, se busca o divertimento. De facto, o vinho expulsa da alma a melancolia; traz consigo o esquecimento dos cuidados; depois, provoca um riso imoderado; em seguida,

peruenitur. Nihil est igitur in uino sine moderatione sumpto uiri praestantia dignum. Si enim ludum quaerimus, nos non ad ludum et iocum, sed ad grauitatem et constantiam, nati sumus. Si iurgiorum euentum attendimus, nihil est magis dignitati mentis humanae contrarium, est enim maledictum et iurgium magis ferinis animi motibus incitandis quam iudicio mentis et rationis accommodatum. Itaque modicum merito laudari solet, extra modum uero est summo uitio uertendum, eripit enim mentem, corrumpit ualetudinem, turbat pacem, discordiam concitat, libidinem inflamat et hominum denique statum in similitudinem belluae traducit. Cum uero uini intemperanter exhausti proprium sit nihil secretum tenere, sed sine ullo delectu maledicta dicere, tum uero tanta est amentia ut ebrii, omnia quae animo compressa tenebant, effundant, usque adeo ut in reges etiam iacere contumelias, cum magno uitae periculo, minime uereantur.

Quam metuenda sit regis ira iam Sapiens ostendit, et nunc eandem sententiam iterat, ut rursus admoneat quantum uitae periculum ex linguae maledicentia hominibus stultis impendat. Prudentis autem hominis esse docet sedare litem, stulti et amentis aetatem in litibus, sine graui caussa, conterere. Et quia magna pars hominum uirtutis officium, non tam propter mentis caecitatem (omnes enim natura iudicant nihil esse uirtute praeclarior), quam propter ignauiam atque desidiam et animi pusilli [832] et angusti diffidentiam, deserit, pigritiam rursus insectatur. Ostendit igitur fore ut, quemadmodum agricola piger, cum, frigoris metu, ne aret impeditur, nullas fruges aestate colligit et postea sine ullo fructu mendicat, sic homines qui, laboris metu, nullum studium in pietatem conferunt, post hanc uitam frustra opem suppliciter imploratos.

[5.] *Sicut aqua profunda, sic consilium in corde uiri; sed homo sapiens exhauriet illud.* [6.] *Multi homines misericordes uocantur* (hoc est, ex Hebraeo: Multi homines, hominem beneficum praeconio celebrant); *uirum autem fidelem quis inueniet?* [7.] *Iustus qui ambulat in simplicitate sua beatus post se filios derelinquet.*

Viri sapientis consilium appellatur “aqua profunda”, non tantum propter sapientiae perennitatem (numquam enim exhauritur), quam propter intelligentiae difficultatem, ad quam pauci dociles inueniuntur. Primum enim homines, rebus terrenis addicti, uerbi Diuini mysteria non intelligunt; quod autem non intelligunt, et contemnunt et irrident et odio persequuntur. Deinde, qui fidem profitentur, imperfecti tamen sunt, minime ea quae sunt in rebus Diuinis recondita et abstrusa percipiunt. “Omnis enim”, inquit Paulus, “qui lactis est particeps, expers est sermonis Dei”⁹⁶. Similiter et Dominus ipse dicebat discipulis, cum adhuc essent propemodum infantes et imbecilli: “Multa habeo uobis dicere, sed non potestis

⁹⁶ Vd. Vulgata, *Hebr.* 5, 13.

depois que o ambiente esquenta mais e mais, trocam-se gracejos agressivos; por fim, chega-se à altercação e até à funesta briga. Por conseguinte, no vinho tomado sem moderação nada existe de digno de um varão superior. É que, se buscamos o divertimento, nós não nascemos para o divertimento e a diversão, mas para a seriedade e a constância. Se observamos o resultado das altercações, nada é mais contrário à dignidade do entendimento humano, porquanto o insulto e a altercação são mais adequados a despertar as paixões ferozes da alma do que ao juízo do entendimento e da razão. E por isso costuma louvar-se com razão o tomar-se moderadamente, mas além da justa medida deve ser considerado como um defeito muitíssimo grave, uma vez que suprime o entendimento, destrói a saúde, perturba a paz, desperta a discórdia, atíça a sensualidade e, enfim, reduz o homem à condição de animal selvagem. E, sendo certo que não só é próprio de quem toma vinho em excesso não guardar nenhum segredo e sem qualquer discernimento proferir insultos, é tão grande o desatino dos ébrios que revelam tudo o que guardavam oculto no peito, a tal ponto que não se arreceiam de até lançar improperios contra os reis, com grande risco de vida.

O Sábio já mostrou o quão temível é a ira do rei, e agora reitera a mesma opinião, por forma a de novo avisar o grande perigo de vida que resulta para os homens insensatos da maledicência das suas línguas. Por outro lado, ensina que é próprio do homem prudente pôr termo aos litígios, e do insensato e louco gastar a vida em questões e litígios, sem grande motivo. E, porque grande parte dos homens deixa de satisfazer à obrigação da virtude, não tanto devido a cegueira de entendimento (pois todos por natureza estão cientes de que nada existe de mais elevado do que a virtude), quanto devido à preguiça, indolência, fouxidão e pusilanimidade, [832] de novo invectiva a preguiça. Por consequência, mostra que, da mesma maneira que o agricultor preguiçoso, quando o receio do frio o impede de lavar, não colhe no verão nenhuns produtos da terra e depois pede esmola sem qualquer fruto, assim os homens que, por medo ao trabalho, não consagram nenhum esforço à piedade, após esta vida humildemente hão de implorar em vão ajuda.

5. O conselho é no coração do homem como a água profunda, mas o homem sábio daí o tirará. 6. Muitos homens se chamam compassivos, [isto é, de acordo com o texto hebraico. "Muitos homens celebram com pregão o homem bondoso"] mas quem acará um homem fiel? 7. O justo que anda na sua simplicidade deixará depois de si bem-aventurados aos seus filhos.

Chama-se água profunda o conselho do homem sábio, não tanto devido à perenidade da sabedoria (pois nunca se esgota), mas devido à dificuldade da inteligência, em relação à qual se encontram poucos dispostos a possui-la. É que, em primeiro lugar, os homens ligados às coisas terrenas não entendem os mistérios divinos; por outro lado, desprezam, zombam e odeiam aquilo que não entendem.

portare modo”⁹⁷. Quis igitur aquam profundam hauriet? Vir intelligens. Is autem intelligens est qui progressus magnos habet in fide, qui se totum ad ductum et imperium Diuini Spiritus applicuit. “Loquimur”, inquit Paulus, “sapientiam inter perfectos”⁹⁸. Hi sunt igitur qui a Paulo et a reliquis Diuinis uiris atque adeo ab ipso Dei filio Diuinitus erudiuntur.

Cum uero multa sunt impedimenta quominus homines Diuinis opibus augeantur, tum nullum esse potest grauius eo quod obliuione continetur. Indigni enim sunt Diuina beneficentia qui minime memoriam accepti beneficii grata uoluntate prosequuntur. Hoc autem uitio maxima pars hominum laborat. Multi namque sunt qui liberalitatem et munificentiam laudibus efferunt; qui autem fideliter gratiam referant, aut saltem se beneficio deuinctos esse fateantur, sunt rarissimi. Quod, si hoc crimen est inter homines ualde nefarium et odio iusto dignissimum, quid de illis existimandum est qui sunt in Deum, a quo innumerabilibus beneficiis cumulantur, ingratiissimi?

Iustorum autem praemia nullius oratione explicari possunt. Habet enim pietas promissiones uitae quae nunc est et futurae. Inter illas una est ut eorum semen non deleatur. “Non uidi”, inquit ille, “iustum derelictum a Domino, neque semen eius quaerens panem”⁹⁹. Ille namque summus atque sanctissimus Dominus, qui poenas parentum expetit a filiis qui parentum scelus imitantur [833] usque in tertiam et quartam generationem (quam tandem ex hominum memoria, si non respiscunt, exterminat), a parentibus iustis inchoans, in uniuersam posteritatem, quae parentum uestigiis ingreditur, gratiae suae magnificentiam admodum large diffundit. Vt enim impii filios ad exemplum insitae improbitatis informant, ita et iusti liberos suos ad omnem rationem uirtutis atque pietatis instituunt. Hac autem ratione fit ut, qui integritatem suam conseruat et numquam iustitiae uiam deserit, filios sui nominis heredes in uita relinquat, cum impiorum soboles, quamuis aliquo tempore florere opibus et potentia uideatur, funditus tandem pereat.

Est praeterea considerandum non esse tantum filios eos qui secundum rationem seminis natura suscipiuntur, sed multo etiam magis illos qui moribus et disciplinis informantur, ita ut referant formam et imaginem eorum a quibus sunt instituti. Inter doctores autem multum interest. Sunt enim qui non simpliciter ambulant, sed peruersissimis disciplinis auditores inficiunt. Horum igitur posteritas interibit. Sunt alii qui fidei et religionis integritatem summa constantia retinent multosque

⁹⁷ Vd. Vulgata, *Io.* 16, 12.

⁹⁸ Vd. Vulgata, *1 Cor.* 2, 6.

⁹⁹ Vd. Vulgata, *Ps.* 36, 25.

Em segundo lugar, os que professam a fé, mesmo assim são imperfeitos, não compreendem aquilo que nas coisas divinas está escondido e oculto. “Porque todo aquele”, diz S. Paulo, “que usa de leite, é incapaz da palavra de Deus”. [*Hb* 5. 13.] E também do mesmo modo o próprio Senhor dizia aos discípulos, uma vez que ainda eram quase crianças e fracos: “Eu tenho ainda muitas coisas que vos dizer, mas vós não as podeis suportar agora”. [*Jo* 16. 12.] Então, quem há de beber a água profunda? O varão inteligente. Ora, é inteligente aquele que fez grandes avanços na fé, que se entregou inteiramente à direção e mando do Espírito de Deus. Diz S. Paulo: “Falamos da sabedoria entre os perfeitos”. [*1 Cor* 2. 6.] Por conseguinte, estes são os que por inspiração divina são ensinados por S. Paulo e pelos restantes varões divinos e até pelo próprio Filho de Deus.

E se, por um lado, são muitos os obstáculos que impedem os homens de acrescentarem-se com as riquezas divinas, todavia nenhum pode ser mais importante do que o que se cifra no esquecimento. De facto, são indignos da bondade divina os que não se lembram agradecidos do benefício recebido. Ora, a imensa maioria dos homens incorre neste defeito. É que são muitos os que encarecem com elogios a liberalidade e a generosidade, raríssimos porém os que lealmente agradecem ou pelo menos reconhecem que estão a dever um favor. Pelo que, se este crime é sobremaneira abominável entre os homens e merecedor de uma justa detestação, que deve pensar-se em relação àqueles que se mostram sumamente ingratos para com Deus, que os cumulou de benefícios sem conta?

Por outro lado, pelas palavras de ninguém se podem expor os prémios dos justos. É que a piedade tem promessas para a vida que agora decorre e para que há de vir. Entre elas uma é a de que a semente dos justos não é destruída. Diz o salmista: “Não vi o justo desamparado por Deus e a sua descendência mendigando pão”. [*Sl* 37. 25.] Na verdade, aquele supremo e santíssimo Senhor, que castiga com as penas dos pais os filhos que imitam o crime deles [833] até à terceira e quarta geração (que acaba por fazer desaparecer da lembrança dos homens, se não se arrependem), começando pelos pais justos, derrama com imensa largueza a magnificência da Sua graça por toda a descendência que segue as pisadas dos seus progenitores. É que, assim como os ímpios afeiçoam os filhos de acordo com o exemplo da sua congénita desonestidade, assim também os justos educam a sua prole de acordo com todas as regras da virtude e da piedade. Por outro lado, por este motivo acontece que quem se conserva íntegro e nunca se desviou do caminho da justiça, deixa na vida filhos que são herdeiros do seu nome, sendo certo que a linhagem dos ímpios acaba por desaparecer por completo, embora durante algum tempo pareça que floresce em riquezas e poder.

Além disso, cumpre ponderar-se que não são filhos apenas aqueles que por natureza se geram por transmissão da semente, mas até muito mais aqueles outros que se modelam e afeiçoam com os costumes e ensinamentos, de tal maneira que reproduzem a forma daqueles por quem foram educados. Ora, há grandes diferenças entre os mestres. É que há uns que não andam com simplicidade, mas

filios ad sui immitationem, et monitis sapientissimis et moribus sanctissimis frequenter alliciunt. Horum igitur posteritas in uita permanebit.

[8.] *Rex qui sedet in solio iudicii dissipat omne malum intuitu suo.* [9.] *Quis potest dicere: mundum est cor meum, purus sum a peccato?* [10.] *Pondus et pondus, mensura et mensura: utrumque abominabile est apud Deum.* [11.] *Ex studiis suis intelligitur puer, si munda et recta sint opera eius.* [12.] *Aurem audientem, et oculum uidentem: Dominus fecit utrumque.*

Regis officium est mala repellere, bona parare, tenebras discutere, lumen porrigere, flagitia radicibus euellere, omnium uirtutum plantaria seminare et efficere denique ut Respublica florens et felix et beata sit. Id numquam assequetur nisi sedeat. Rex enim uagus et inconstans et nullo in loco consistens officio suo fungi non poterit. Deinde, opus est ut sedes illius iudicii solium sit. Intelligat enim opus est se non esse regem factum ut ludat atque perpetuo iocis oblectetur, nec ut aliis eripiat quod aliis sine iudicio largiatur, nec ut potentibus obnoxius sit et multitudinem despiciat, sed ut imperium sapienter administret et omnes controuersias iuris aequabilitate componat, neque ullo modo putet in iudiciis esse rationem uel gratiae uel offensionis uel nobilitatis uel familiaritatis habendam; deinde merita uirtutis expendat, ne quod est uirtuti maxime tribuendum ad indignos transferat, et opes Reipublicae in leuitate consumat; intelligat, postremo, summam gloriam non tam esse in hostium strage, quam in ciuium salute, collocandam. Bellum enim, cum necessitas cogit, est fortiter et animose, [834] gerendum. Hoc tamen pacis officium, cum omnium maximum sit, est multo maiore cura, studio, uigilantia procurandum.

Rex autem, qui in iudicii solio sederit et maximo opere in studium iustitiae et pietatis incubuerit, facillime munere suo, cum insigni nominis gloria, perfungetur. Non enim se decipi sinet; numquam procul aberit; non in muneris societatem homines amentes, sed sapientes uocabit; a Deo, cuius mentem consulat, illustrabitur; subditorum fideli praesidio muniatur. Hanc gerendi muneris facilitatem ut Sapiens ostendat, ait “regem, qui in solio iudicii sedet, oculorum intuitu mala omnia dispulsurum”. Cum autem dicitur omnia mala regis sapientis oculis expellenda, non sic est accipiendum ut nullum flagitii leuiter impressi uestigium in Republica relinquatur. Quis enim tantum sibi arrogare potest ut statuatur se nullis umquam uitiiis affinem fuisse? Puritas enim non est tam hominis officium quam Diuinae gratiae beneficium. Qui igitur sibi laudem puritatis assumit, Diuinam gloriam impudenter usurpat. Deinde, propter imbellicitatem naturae, sancti etiam homines interdum labuntur, qui tamen non suis uiribus, sed Dei ipsius praesentis opibus, eriguntur. Deinde, nemini poterit, sine Dei singulari illustratione, penitus exploratum esse, quamuis sceleris sibi conscius non sit, esse se omni crimine liberum. “Delicta

corrompem os ouvintes com ensinamentos muitíssimo perversos. A descendência destes, portanto, há de perecer. Há outros que preservam com a máxima firmeza a pureza da fé e da religião e que com conselhos muito sábios e costumes os mais santos frequentemente aliciam muitos filhos a imitá-los. A descendência destes, portanto, há permanecer na vida.

8. *O rei, que está assentado no seu trono de justiça, dissipa todo o mal só com o seu olhar.* 9. *Quem pode dizer: 'O meu coração está puro, eu estou isento do pecado'?* 10. *Um peso e outro peso, uma medida e outra medida: são duas coisas abomináveis diante de Deus.* 11. *Pelas suas inclinações se conhece no menino se as suas obras haverão de ser puras e retas.* 12. *O ouvido que ouve e o olho que vê, ambas estas coisas fez o Senhor.*

É dever do rei repelir os males, aparelhar os bens, dissipar as trevas, oferecer a luz, extirpar de raiz as infâmias, lançar as sementes de todas as virtudes e, por derradeiro, fazer que a república seja próspera, venturosa e feliz. Isto não se conseguirá a menos que ele esteja assentado. É que o rei errante e inconstante e que não permanece em nenhum lugar não poderá desempenhar a sua função. Depois, é mister que a sua morada seja o sólio do juízo. De facto, é preciso que se capacite de que foi feito rei, não para se divertir e recrear-se incessantemente com passatempos, nem para arrancar a uns o que sem ponderação prodigaliza a outros, nem para ser submisso aos poderosos e desprezar a multidão, mas para exercer sabiamente o poder e apaziguar as controvérsias com a equidade do direito, e que de forma alguma pense que nos juízos devem ter-se em conta o favor ou as ofensas ou a nobreza ou os laços de família; em segundo lugar, avalie os merecimentos da virtude, para evitar transferir para os indignos aquilo que antes de mais deve oferecer-se à virtude, e desbaratar com ligeireza as riquezas do Estado; capacite-se, em último lugar, de que deve colocar-se a mais alta glória, não tanto na destruição dos inimigos, quanto na prosperidade dos cidadãos. É que a guerra, quando a necessidade obriga, deve levar-se a cabo com denodo e valentia. [834] Todavia, com este dever da paz, uma vez que é de todos o maior, cumpre que se ocupe com muito maior preocupação, desvelo e atenção.

Por outro lado, o rei que se sentar no sólio da justiça e se consagrar com o máximo esforço ao zelo da justiça e da piedade, desempenhará com a maior facilidade a sua função, com enorme glória do seu nome. É que não se deixará enganar; nunca estará longe; chamará para o acompanharem no cargo, não homens desatinados, mas sábios; será inspirado por Deus, cuja vontade consultará; estará defendido pela leal proteção dos súbditos. O Sábio, a fim de mostrar esta facilidade no desempenho do cargo, diz que “o rei, que está assentado no seu trono de justiça, com o seu olhar há de desbaratar todo o mal”. Ora, quando se diz que todos os males devem ser afastados com o olhar do rei sábio, não cumpre interpretar-se como se na república não restasse vestígio algum de infâmia

enim quis intelligit?”¹⁰⁰ Postremo, quid sit euenturum nemo per se praestare ullo modo poterit. Erit igitur hominis insani et arrogantis sibi puritatem perpetuam polliceri, cum multis modis accidere possit ut eam uel aliquo uitio uel obliuione deperdat. Non poterit igitur rex sapiens et constans et uigilans praestare ut omnia flagitia extirpentur, sed operam strenue dabit ut ea quae magis eminent et peius Reipublicae nocent exstinguantur.

Cum uero ad regis officium maxime pertineat iustitiae firmamentum, dolos et fraudes acerrime coercebit. Nam, per “pondus et pondus” Hebraeorum more ponderis inaequalitas designatur, qua solent homines uti, cum in emptione pondere sibi iusto omnia tradi uolunt; in uenditione pondus imminuunt ut proximum astute decipiant. Est tamen aduertendum, per “pondus aequum” iustitiae aequitatem in Sanctis Litteris significari. Cum igitur dicit Sapiens ponderis fraudem Deo grauissimam offensionem afferre, hoc plane dicit Deum omnem fraudem et iniuriam acerrime detestari, ut regem doceat, sempiterni Regis exemplo, odio habere malitiam et iniquitati calliditatem iusto supplicio uindicare. Cum uero sint multi adsciscendi, quibus rex consiliariis et adiutoribus uti possit, si haec electio sorte et non iudicio facta fuerit, multis incommodis agitabitur et Reipublicae tyrannide improbitatis exercebitur. Multi namque regis gratia et familiaritate ad suam tyrannidem frequenter abutuntur. Est igitur adhibenda in hominum delectu summa prudentia, ne bonorum locus ab hominibus impuris occupetur.

Sed inquires difficillimum negotium esse ministros idoneos eligere, cum tanta sit in hominibus ad fallendum fraus et astutia [835] et tam artificiosa uirtutis simulatio ut etiam sapientes, illustri specie capti, in familiaritatem recipiant homines sceleribus infinitis alligatos. – Verum id quidem est. Sed improbitas occultari diu nequit, nam oculi, frons, supercilia, oratio deinde et studia, postremo actiones et perditum etiam conatus, quid intus in animo latet aperiant et inclusam pestem multis signis ostendunt, ita ut facillimum sit quidquid fraudis integumentum uelabat inspicere. Si enim pueri, qui nondum per aetatem aliquid efficere potuerunt quod claram significationem uel probitatis uel malitiae daret, tamen multa signa dant quibus possimus uel spem de illorum futura bonitate habere, uel eam prorsus abiicere, quid de aetate iam robusta dicendum, qua multi suae naturae documenta necessario praebent? At in pueris uidemus magnum esse discrimen, alii namque flexibiles natura sunt et ea indole praediti ut liceat nobis in illis spem, si fuerint mediocriter instituti uirtutis et dignitatis, collocare; alii contra, duritate quadam et contumacia naturae sint efferati ut sit eorum salus desperatissima, praesertim si educatio mala ad eos omnino corrumpendos accesserit.

¹⁰⁰ Vd. Vulgata, Ps. 18, 13.

levemente gravada. De facto, quem pode arrogar-se tanto que possa afirmar que jamais incorreu em falta alguma? É que a pureza não é tanto uma obrigação do homem quanto um benefício da graça de Deus. Por conseguinte, quem alardeia do mérito da pureza está a usurpar impudentemente a glória de Deus. Em segundo lugar, devido à fraqueza da natureza, até os homens santos por vezes sucumbem, os quais todavia se erguem, não graças às suas forças, mas à ajuda do próprio Deus que os favorece. Além disso, sem iluminação divina, ninguém poderá estar profundamente seguro de que, mesmo que não tenha consciência de nenhum delito, está isento de toda a culpa. De facto, “quem é que conhece os seus delitos”? [Sl 18. 13.] Finalmente, ninguém de forma alguma poderá por si mesmo responder pelo que há de acontecer. Por conseguinte, será próprio de homem insano e arrogante prometer-se a si mesmo perpétua pureza, sendo certo que por muitas maneiras pode acontecer que a perca ou com alguma falta ou por omissão. Consequentemente, o rei sábio, constante e zeloso não poderá garantir que todas as infâmias hão ser extirpadas, mas estrenuamente se empenhará em que se extingam aquelas que mais avultam e mais prejudicam a república.

E, uma vez que acima de tudo compete à função do rei apoiar a justiça, com a máxima eficácia impedirá os enganos e embustes. Com efeito, com a expressão *um peso e outro peso* pretende-se significar, ao modo hebraico, a desigualdade nos pesos, de que os homens costumam usar, quando, nas compras, pretendem que tudo lhes seja entregue mediante um peso que lhes seja favorável, e nas vendas diminuem o peso para arteiramente enganarem o próximo. Todavia cumpre ter-se em conta que por “justo peso” nas Sagradas Escrituras pretende-se significar a equidade da justiça. Por conseguinte, quando o Sábio diz que o engano no peso é uma gravíssima ofensa contra Deus, quer claramente dizer que Deus abomina profundamente todo o engano e injustiça, para ensinar o rei, através do exemplo do Rei eterno, a odiar a malícia e a castigar com o merecido suplício a astúcia da iniquidade. E, uma vez que é preciso chamar muitos, para que o rei os possa utilizar como conselheiros e colaboradores, se esta escolha se fizer ao acaso, e não com discernimento, a república será agitada com muitos incómodos e atormentada pela tirania da desonestidade. Com efeito, frequentemente muitos abusam do favor e familiaridade com o rei a favor da sua tirania. Por conseguinte, cumpre que na seleção dos homens se use da máxima prudência, para evitar que o lugar dos bons seja ocupado por homens impuros.

Dir-se-á, porém, que é muitíssimo difícil escolher ministros capazes, uma vez que nos homens é tão grande a astúcia e a velhacaria para enganar [835] e tão arteira a simulação da virtude que até os sábios, iludidos por uma aparência brilhante, acolhem na sua intimidade homens culpados de infinitos crimes. – Certamente que isso é verdade. Mas a desonestidade não consegue ocultar-se durante muito tempo, pois os olhos, a fronte, o sobrececho, em seguida as palavras e afetos e, finalmente, os atos e até as tentativas desesperadas, dão a conhecer o que se esconde na alma e mediante muitos indícios mostram a ruindade interior, de tal

In primis uero omnibus cogitandum est nihil esse quod non in Dei oculis et prospectu sit, nullae sunt tenebrae quibus occultemur, nulla locorum longinquitas quibus effugiamus. Omnia illi patent atque dilucescunt, et ea etiam quae intimis animi recessibus occuluntur speculatur et inspicit. Si enim oculos, quibus adspicimus, effinxit, quomodo non clarissime omnia cernet? Si aures, quibus audimus, fabricatus est, quo tandem modo fieri potest ut non omnium mortalium uoces exaudiat? Nulla enim ratione potuisset sensus nostros tanto artificio machinari nisi sensibus infinitis, quibus omnia late complectitur, fuisset instructissimus. Si igitur hominum adspicere ueremur, cur non multo magis uultum illius summi Domini extimescendus et ad illius conspectum trepidabimus?

[13.] *Noli diligere somnum, ne te egestas opprimat; aperi oculos tuos, et saturare panibus.* [14.] *Malum est, malum est, dicit omnis emptor; et cum recesserit, tunc gloriabitur.* [15.] *Est aurum et multitudo gemmarum, uas autem pretiosum labia scientiae.* [16.] *Tolle uestimentum eius qui fideiussor exstitit alieni, et pro extraneis aufer pignus ab eo.* [17.] *Suauis est homini panis mendacii, et postea implebitur os eius calculo.* [18.] *Cogitationes consiliis roborantur, et gubernaculis (siue: Consultationibus) tractanda sunt bella.*

Rursus ab ignauia atque desidia homines deterret, et rursus, metu egestatis et famis, e somno excitare contendit eos qui tantis rebus indormiunt. Agitur enim salus et uita; agitur dignitas sempiterna; impendet exitii periculum tempus [836] accelerat; et mors appropinquat, et nos interim de die in diem quod sedulo curandum nobis est differimus atque procrastinamus. Quid hoc est? Num ea quae nobis fruenda proponuntur contemnenda sunt? An pretium tantum est ut, eo impenso, egestas pertimescenda sit? Praemia sunt diuitiarum affluentia, clarissimi decoris amplitudo, uita bonis Diuinis expleta et sempiterno gaudio cumulata. Pretium est fides, alacritas et industria.

maneira que é muitíssimo fácil enxergar-se tudo o que ocultava a máscara do engano. É que, se as crianças que, devido à idade, ainda não puderam realizar coisa alguma que dê um claro indício de honestidade ou de malícia, todavia dão muitos sinais mediante os quais podemos ou acalentar a esperança da sua futura bondade, ou pô-la totalmente de parte, que cumpre dizer-se em relação à idade já madura, na qual muitos já forçosamente oferecem testemunhos da sua natureza? Nas crianças, porém, vemos que existe grande diferença, pois umas são maleáveis por natureza e dotadas de uma índole tal que podemos depositar nelas esperança de virtude e dignidade, se vierem a ser medianamente instruídas; ao passo que outras, ao invés, devido a uma natureza desabrida e teimosa, tornam-se ariscas e montesinhas, de tal maneira que é muitíssimo duvidosa a sua salvação, sobretudo se se acrescentar, para totalmente os corromper, uma má educação.

E, em primeiro lugar, todos devem pensar que não existe cousa alguma que não seja presente aos olhos e visão de Deus, que não existem trevas algumas que nos ocultem nem lugares tão apartados que neles nos possamos refugiar. Para Ele tudo está à vista e é evidente, e enxerga e esquadrinha até aquelas coisas que se escondem nos mais íntimos recessos da alma. De facto, se foi Ele quem fez os olhos com que olhamos, como é que não há de ver com a máxima nitidez todas as coisas? Se foi Ele quem moldou as orelhas com que escutamos, como pode enfim suceder que não escute as vozes de todos os mortais? É que de nenhum modo teria sido possível criar com tanta perfeição os nossos sentidos se não estivesse provido dos infinitos sentidos com que tudo largamente abarca. Por conseguinte, se receamos a catadura dos homens, por que é que não temeremos muito mais o semblante d' Aquele supremo Senhor nem tremeremos diante da Sua presença?

13. Não queiras ser amigo do sono para que a pobreza te não oprima; abre os teus olhos e sê farto de pão. 14. 'Isto não vale nada, isto não vale nada', diz todo o comprador; e depois de se retirar, ele então se gloriará. 15. Há oiro e grande quantidade de pedras preciosas; e os lábios da ciência são um vaso precioso. 16. Tira o vestido àquele que ficou por fiador de um desconhecido e leva-lhe de casa o penhor, pois ele se obrigou por estranhos. 17. O pão da mentira é gostoso ao homem, porém ao depois a sua boca será cheia de areia. 18. Os pensamentos corroboram-se pelos conselhos e as guerras devem ser governadas com os lemes. [ou "com bons conselhos"]

Mais uma vez aparta os homens da indolência e da preguiça, e mais uma vez se esforça por, mediante o medo da indigência e da fome, despertar do sono aqueles que se mostram indiferentes a coisas tão importantes. É que está em jogo a salvação e a vida; está em jogo a dignidade eterna; o perigo da perdição ameaça; o tempo [836] dá-se pressa; a morte aproxima-se, e nós entrementes diferimos e adiamos de um dia para o outro aquilo de que nos cumpre ocuparmo-nos di-

Difficile nimis, inquit, est a somni atque soporis iucunditate diuelli. At, quanto grauius erit egestate et omnium bonorum paenuria conflictari? “Malum est, malum est, dicit omnis emptor.” Sic etiam dicit piger: “Graue est, graue est otium fugere et laborem excipere”. At, si tandem experrectus fuerit et bona, quae minimi ducebat, inspexerit et quam leues et exigui sunt labores quibus illa comparantur considerauerit, admirabitur et obstupescet et pristinum somnum atque torporem, quo oppressus exstiterat, summa uituperatione dignum iudicabit. Sed sic sunt quidam homines immersi tenebris atque somno dediti ut ne maximis quidem uocibus excitari et laborem suscipere uelint. Summa igitur eloquentia opus erit ad tam praeclarum munus feliciter obeundum. Nec enim ingens auri purgatissimi pondus, neque gemmarum fulgor et copia, neque uasa aurea et argentea, excellenti opere facta atque perpolita, sunt ulla ex parte cum eloquentiae splendore conferenda. Ea namque caliginem dispellit, somnum fugat, lucem diffundit, industriam acuit, studium incitat et homines cupiditate immortalitatis inflammat. Vbi denique eloquentia dominatur, ibi nulla dementia uiget. Non enim suadet illa ut ei credas cuius fidem numquam explorare et cognoscere potuisti. Nam, qui pro alieno fidem suam obligat, pro pignore supellectilem uniuersam dabit et sic tandem uestibus etiam spoliabitur. Sic se gesserunt illi qui fidem hominibus impurissimis habuerunt, illorumque promissis inducti, cum sibi Diuinas opes proposuissent, humanae etiam rationis iudicio miserabiliter orbatii sunt.

“Suauem” dicit esse Sapiens “in principio panem mendacii”, hoc est, mendacio, fraude et iniuria partum: insigne enim lucrum putant homines esse id quod sine labore, mentiendi artificio, quaesierunt, et sibi ualde placent, illa enim calliditate delectantur, sed tandem nullum ex opibus per iniuriam partis fructum consequuntur. Opes enim dilabuntur; animi, recordatione sceleris, anguntur et poenis iniquitatis assidue cruciantur. Suauitas enim falsa in acerbitatem ueram conuertitur. Itaque pro pane calculos in ore sentiunt; calculi autem mandi non possunt, sed dentes infringunt et linguam impediunt totamque rationem defensionis et spem salutis omnino praecidunt.

Omnia fere quae consilio geruntur exitum felicem consequuntur. Consilio enim Respublica sapienter administratur, res familiaris augetur, mores et instituta salutaria conseruntur, bellum rectissime gubernatur, ubi denique rectum consilium uiget, nulla tempestas incidere potest quae statum bene fundatum clade contamineat. [837] Sed a quibus consilium postulabimus? –“Ab amicis”, inquis. Recte mones. Sed quales debent esse amici quibus arcana nostra credenda sunt? Non, inquit, illi qui commissum secretum enuntiant; neque illi qui fraudibus elaborant ut omnia ad utilitatem suam reuocent; neque illi postremo qui, adulando et mentiando, se in principum animos insinuant. Sic enim sequitur:

ligentemente. Que é isto? Porventura são desprezíveis as coisas cuja fruição se nos oferece? Acaso é tão grande o seu preço que seja de temer a pobreza depois de ele desembolsado? Os prêmios são a abundância de riquezas, a grandeza de uma honra muito ilustre, uma vida cheia dos bens divinos e cumulada por uma alegria sempiterna. O preço é a fé, o entusiasmo e o zelo.

Diz que é muito difícil ser arrancado do prazer do sono e do entorpecimento. Mas, quanto mais grave será ver-se atribulado pela pobreza e penúria de todos os bens? “ ‘Isto não vale nada, isto não vale nada’, diz todo o comprador”. Do mesmo modo também o preguiçoso diz: “É custoso, é custoso deixar a ociosidade e aceitar o trabalho.” Mas se ao cabo despertar e olhar para os bens em que não pensava e considerar o quão ligeiros e pequenos são os trabalhos através dos quais eles se obtêm, admirar-se-á e sentirá pasmo e julgará digno da maior exacerção o anterior sono e torpor em que vivera mergulhado. Mas certos homens de tal maneira se encontram imersos nas trevas e entregues ao sono que nem sequer com os mais altos brados querem despertar-se e deitar mãos ao trabalho. Por conseguinte, será necessária a maior eloquência para desempenhar com bom êxito uma função tão preclara. É que nem uma imensa quantidade de ouro do mais elevado quilate, nem o brilho e abundância das pedras preciosas, nem vasos de ouro e prata, de excelente manufatura e primoroso acabamento, podem de alguma maneira comparar-se com o esplendor da eloquência. De facto, ela dissipa as trevas, espanta o sono, derrama a luz, estimula a atividade, incita o zelo e abrasa os homens no desejo de imortalidade. Finalmente, onde a eloquência domina, aí nenhuma loucura viça. É que ela não persuade a que dê crédito à pessoa de que não pudeste nunca comprovar e conhecer a lealdade. Com efeito, quem compromete a sua palavra a favor de um desconhecido dará como penhor toda a sua mobília e deste modo por derradeiro ver-se-á também despojado das roupas. Assim se comportaram aqueles que deram crédito a homens impuríssimos e, enganados pelas suas promessas, quando para si mesmos se tinham proposto riquezas divinas, até mofinamente foram privados do juízo da razão humana.

Diz o Sábio que no princípio “é gostoso ao homem o pão da mentira”, isto é, obtido através da mentira, do engano e da injustiça: porquanto os homens consideram que é um extraordinário ganho esse que alcançaram sem trabalho, mediante o artifício de mentir, e parece-lhes muito bem, pois deleitam-se com aquela arteirice, mas ao cabo não conseguem fruto algum das riquezas obtidas através de injustiça. É que as riquezas dissipam-se; o espírito angustia-se, com a lembrança do crime, e é incessantemente torturado com os castigos da iniquidade. De facto, uma falsa doçura converte-se numa amargura verdadeira. E, por isso, em vez de pão sentem areia na boca; ora, a areia não se pode comer, mas quebra os dentes, enleia a língua e acaba com qualquer plano de defesa e esperança de salvação.

Quase tudo que se faz com conselho alcança um fim venturoso. É que com conselho governa-se sabiamente o Estado; aumenta-se o património; plantam-se

[19.] *Et qui reuelat mysteria (hoc est: Secretum) et ambulat fraudulentem, et dilatât lãbia sua, ne commiscearis.*

Qui secretum commissum uulgat, fidei desertor, et non amicus appellandus est; “qui fraudulentem ambulat” non amici dignitatem, sed pecuniam caram habet. Adulator autem dilatât labia sua, qui est uitae pestis, disciplinae corruptor et sempiternus ueritatis hostis, et ea de causa publicae salutis euersor.

[20.] *Qui maledicit patri suo et matri, exstinguetur lucerna eius in mediis tenebris.* [21.] *Hereditas ad quam festinatur in principio, in nouissimo benedictione carebit.* [22.] *Ne dicas: Reddam malum pro malo; exspecta Dominum, et liberabit te.* [23.] *Abominatio est apud Dominum pondus et pondus; statera dolosa non est bona.*

Rectissimo Dei iudicio sancitum est ut is qui in eos impius est per quos uitae compos est et luce fruitur, uitae luce spoliatur, et eo tempore spoliatur quo minus id sibi euenturum metuebat et quo eius uita magis omnibus suis necessaria uidebatur. Et, quia plerumque accidit ut filii molestissime ferant parentes suos uiuere, quia se hereditatis fructu tamdiu fraudari putant quamdiu parentes in uita manent, euenit, propter illius cupiditatis immanitatem, ut maledicta interdum in parentes iaciant. Consequens igitur fuit ut sententiae praecedenti haec annecteretur, qua filii admonerentur ne nimis hereditati oculos cupiditatis adiicerent, ne nimis approperearent, ne patris mortem appetere, sed tempus libenter exspectarent quo parentes e uita discederent, neue ante illorum mortem in possessionem inuadere conarentur.

Potest etiam haec sententia illis accommodari qui, antequam illis uirtutibus instructi sunt quibus praeditos esse oportet eos quibus sunt honores publici deferendi, se nimis festinanter intrudunt et munera publica praepropera ambitione sibi delegari contendunt. Quoquo tamen modo sententia intelligatur, nimia festinatio non erit impunita, nam impietas debito supplicio plectitur et ambitionis temeritas infelici euentu conuincitur, et sic fit ut laetum initium tristis et aerumnosus exitus consequatur.

os costumes e princípios salutares; dirige-se com a máxima competência a guerra; finalmente, onde rege um conselho acertado, não pode abater-se tempestade alguma que contamine com a desgraça uma situação com firmes fundamentos. [837] Mas a quem pediremos conselho? “– Aos amigos”, dir-me-eis. Aconselhais bem, mas quais devem ser os amigos a quem nos cumpre confiar os nossos segredos? Responde o Sábio dizendo que não devem ser aqueles que divulgam um segredo que se lhes confia; nem aqueles que urdem embustes para que tudo redunde em proveito deles; nem, enfim, aqueles que através da adulação e da mentira se insinuem no ânimo dos príncipes. De facto, lê-se a seguir:

19. Não te familiarizes com aquele que revela os mistérios, [isto é, “segredos”] e que anda com fingimento, e que abre muito os seus lábios.

Quem divulga o segredo que lhe foi confidenciado, deve ser chamado traidor da confiança, e não amigo; “quem anda com fingimento” não preza a dignidade do amigo, mas o seu dinheiro. Ora, abre muito os seus lábios o adulator, que é a peste da existência, o corruptor dos ensinamentos e perpétuo inimigo da verdade e, por este motivo, o destruidor da prosperidade pública.

20. *Aquele que amaldiçoa a seu pai e a sua mãe apagar-se-lhe-á a candeia no meio das trevas.* 21. *A herança que um se apressa a adquirir no princípio carecerá de bênção no fim.* 22. *Não digas. ‘Darei mal por mal’; espera pelo Senhor, e Ele te livrará.* 23. *Ter um peso e outro peso é abominação diante de Deus; a balança enganosa não é boa.*

Por retíssimo juízo de Deus foi determinado que o homem que se mostra ímpio contra aqueles graças aos quais goza da vida e da luz, seja privado da vida, e o seja naquele tempo em que menos temia que isso haveria de acontecer e em que a sua vida parecia mais necessária a todas as suas coisas. E, porque ordinariamente acontece que os filhos suportam com muito má vontade que os seus pais vivam, porque pensam que, enquanto os progenitores se conservam vivos, ficam privados do fruto da herança, sucede que, devido à monstruosa cobiça desta, por vezes amaldiçoam os pais. Por conseguinte, foi necessário que ao provérbio anterior se acrescentasse este outro, com o qual se aconselhava os filhos a não lançarem olhos de sobeja cobiça sobre a herança, a não se darem demasiada pressa nem a desejarem a morte do pai, mas a esperarem com boa cara o tempo em que os pais deixariam este mundo, e a não se empenharem a entrar na posse da herança antes da morte deles.

Este provérbio pode aplicar-se também àqueles que, antes de terem adquirido aquelas virtudes com as quais convém que estejam providos os homens a quem devem ser concedidas as funções públicas, com pressa demasiada se introduzem à força e esforçam-se, com precipitada ambição, por que os cargos públicos lhes

Admonemur deinde ne iniuriarum ultores esse uelimus. Qui enim per se iniuriam persequi studet, multis erratis se ipsum irretiat opus est. Primum est quod, dum scelus illius a quo laesus est imitari nititur, in [838] eundem morbum incidit quod detestari, et non imitari, debuisset. Alterum est quod, dum uindictam nimis expetit, se fructu insignis decoris atque adeo cuiusdam Diuinitatis priuat, Diuinum siquidem est non perturbari offensione, non commoueri iracundia, non agitari motibus ullis, sed delictis ignoscere et malefacta beneficiis compensare et Dei clementiam sequi, qui non simul atque delinquimus fulmina sua uibrat, sed spatium respiscendi concedit. Postremo, Dei officium et munus impudenter usurpat. “Mihi”, inquit ille, “uindicta, et ego retribuam”¹⁰¹. Cum igitur nos ipsos per nos ulcisci contendimus, praeter crimen quo nos ipsos adstringimus, inimici caussam subleuamus, cum enim is qui iniuriam intulit offensis minime satisfacit, sed ad extremum in eadem improbitate perseuerat, Deus eam caussam suscipit et in eos qui fecerunt iniuriam acriter animaduertit; at, cum homines per se poenas repscere conantur, propter suam imbecillitatem id quod nimis cupiunt minime consequuntur. Sapientis igitur hominis est uindictam iudici sanctissimo reseruare, nam omnes qui in illo spem sui iuris et honestatis reponunt praesidio suo tuetur, et ab omni maleuolorum odio et inuidia liberat.

Rursus insectatur ponderum fallaciam et iuris inaequabilitatem. Cum uero dicit “stateram dolosam non esse bonam” hoc plane dicit non esse utilem. Cui enim ponderibus falsis utitur utilitatem haud mediocrem ex ea fraude sibi proponit: sed longe secus eueniet. Nam, praeter Diuini numinis offensionem, quae sempiterno supplicio uindicanda est, nullam utilitatem ex malitia percipiet, multis enim modis qui fraudes in Republica suscipiunt opes amittunt. Omnia enim quae mendacio et uanitate comparantur, euanescunt.

[24.] *A Domino diriguntur gressus uiri; quis autem hominum intelligere potest uiam suam?* [25.] *Ruina est homini deuorare sanctos et post uota retractare.*

Difficillimum est homini eo, quo tendit, suo studio et labore peruenire. Vt enim iam dictum est, non quod homo cogitat, sed quod Deus de illius statu decernit efficietur. Ille uiam recta monstrat, ille gressus firmat, finis uiae illius numine et beneficio continetur. Reliquum igitur est ut omnes nostras curas et cogitationes ad gloriam illius dirigamus qui dux est uiae, salutis auctor et immortalitatis architectus; ab illo postulemus ut, non quod ipsi uolumus, sed quod ipse constituit de nobis fiat. Id enim erit nobis salutare quod ipse decernit, non quod nos nobis bonum fore suspicamus. Religionis inconstantia est laqueus quo multi ui cupiditatis adstringuntur. In aduersis enim rebus constituti uota suscipiunt; ex

¹⁰¹ Vd. Vulgata, *Rom.* 12, 19.

sejam entregues. Todavia, seja como for que se entenda este provérbio, a pressa excessiva não ficará impune, porquanto a impiedade é punida com o merecido castigo e o desatino da ambição prova-se com o avesso resultado, e assim acontece que a um começo feliz segue-se um final triste e atribulado.

Aconselha-se-nos em seguida a que não queiramos vingar injustiças. É que, quem se empenha em por si mesmo tirar vingança do ultraje, é forçoso que a si mesmo se enrede em muitos erros. O primeiro é que, ao tempo em que se esforça por imitar o crime daquele por quem foi agravado, [838] está a incorrer no mesmo defeito que deveria ter abominado, e não imitado. O outro é que, ao desejar vivamente o desforço, está a privar-se de um grande fruto de honra e até de uma espécie de divindade, visto que é virtude divina não se deixar perturbar pelos ultrajes, nem deixar-se levar pela ira, nem ficar agitado por quaisquer emoções, mas perdoar os delitos e pagar com benefícios os malefícios e imitar a clemência de Deus, que não lança os raios da Sua ira logo que acabamos de pecar, mas concede um tempo para nos arrependermos. Finalmente, está a usar de forma impudente e indevida da função e ofício de Deus, que disse: “A mim me pertence a vingança; eu retribuirei”. [Rm 12. 19.] Por consequência, quando nos empenhamos em tomarmos à nossa própria conta a vingança, para além da ação criminosa, de que nos tornamos culpados, favorecemos a causa do inimigo, porquanto, quando a pessoa, que infere o agravo, não dá satisfação aos ofendidos, mas persevera até ao fim na mesma perversidade, Deus toma a Si esta causa e castiga violentamente aqueles que praticaram a injustiça; quando, porém, os homens se esforçam por reivindicar por si mesmos os castigos, devido à sua fraqueza não conseguem aquilo que vivamente desejam. Por conseguinte, é próprio do homem sábio reservar a vingança para o mais santo dos juízes, porquanto defende todos os que n’ Ele depositam a esperança dos seus direitos e honestidade, e os livra de todo o ódio e inveja dos malévolos.

De novo critica o engano dos pesos e a desigualdade do direito. E quando diz que “a balança enganosa não é boa” está claramente a dizer que não é útil. É que, quem usa pesos falsos conta com um proveito nada pequeno como resultado desse engano: mas sucederá totalmente ao invés. De facto, para além da ofensa à majestade divina, que deve ser vingada com o suplício eterno, não receberá nenhum benefício da malícia, pois perdem por muitos modos as riquezas os homens que recorrem a enganos na república. É que se converte em nada tudo aquilo que se adquire pela mentira e engano.

24. Os passos do homem são dirigidos pelo Senhor, mas que homem pode compreender o seu mesmo caminho? 25. É uma ruína para o homem devorar os santos, e depois retratar os votos.

É muitíssimo difícil para o homem chegar com o seu desvelo e trabalho à meta para onde se dirige. É que, conforme já foi dito, far-se-á, não aquilo que

aduersitatibus emersi, id quod Deo consecrauerant, conatu sacrilego repetendum putant, ut illud deuorent. Sacrilegio deinde speciosam caussam uel necessitatis, uel honestatis, obtendunt. Nam, uel asserunt se non posse sine eo munere [col 839] quod dedicauerant familiae consulere uel suae condicionis dignitatem retinere. Hoc igitur laqueo adstricti, ad iudicium reseruantur quod nullis fraudibus eludi potest, ut sacrilegii atque perfidiae simul grauissimas poenas luant. Verum est autem uotum, ut lex Diuina sancit, sine ulla tergiuersatione persoluere, et non in proprium usum, quod erat religione consecracum, astute conuertere. Potissima autem cura regis esse debet pietatem supplicio impiis irrogato sancire. Ideo sequitur.

[26.] *Dissipat impios rex sapiens, et incuruat super eos fornicem.* (Hebraeus sic explicat: Et inducit rotam super eos).

Ex impietate omnia flagitia quae Rempublicam contaminant oriuntur. Sunt igitur impii regis sapientis iudicio peruertendi. Itaque non erit satis illi eos qui religionem uiolant et sanari nullo pacto uolunt exterminare, nisi carpentis inductis eos conterat atque comminuat, ne ulla memoria tam nefandi sceleris in uita remaneat. “Rota” pro curru ponitur, quemadmodum “carina” pro nauis. Principes autem uictores olim, curribus falcatis in orbem circumductis, hostes a quibus odio capitali dissidebant contrucidabant, quemadmodum Dauid de Ammonitis supplicium sumpsit.¹⁰² Id autem mouit Salomonem ut diceret regem sapientem impios rota trucidaturum. Quod tamen non est sic accipiendum ut sit nunc opus falcatis curribus ad impiorum internecionem, sed ut intelligatur esse uehementer elaborandum, quoad fieri possit, ut cum impiorum interitu impietatis etiam memoria deleatur.

¹⁰² Vd. Vulgata, 3 Reg. 12, 16 sqq.

o homem pensa, mas o que Deus determina acerca da situação dele. Ele mostra o caminho reto; Ele dá firmeza aos passos; o fim do caminho encerra-se no Seu poder e bondade. Por conseguinte, resta que encaminhemos todos os nossos cuidados e pensamentos para a glória d' Aquele que é o guia do caminho, o autor da salvação e o arquiteto da imortalidade; que d' Ele peçamos, não aquilo que nós mesmos queremos, mas aquilo que Ele determina que se faça em relação a nós. É que há de ser-nos salutar aquilo que Ele decide, não aquilo que nós imaginamos que nos há de ser bom. A inconstância na religião é um laço em que muitos caem, devido à violência da cobiça. De facto, quando se encontram na adversidade, fazem votos, e uma vez dela livres, com impulso sacrílego consideram que, aquilo que tinham consagrado a Deus, devem recuperá-lo, para o devorar. Em seguida, coonestam o sacrilégio com uma motivo especioso, ou de necessidade ou de honestidade. Na verdade, ou afirmam que, sem aquele presente [839] que tinham oferecido à divindade, não podem ou sustentar a família ou manter a dignidade própria da sua condição. Por conseguinte, presos por este laço, ficam reservados para aquele juízo que com nenhuns enganos se pode esquivar, para serem castigados com as gravíssimas penas do sacrilégio e da perfídia. Ora, é voto verdadeiro o que, conforme determina a lei divina, se paga sem qualquer subterfúgio, não transferindo para benefício próprio o que tinha sido consagrado pela religião.

Por outro lado, o mais importante cuidado do rei deve ser defender legalmente a piedade, estabelecendo sanções contra os ímpios. Por isso se diz a seguir:

26. O rei sábio dissipa os ímpios e encerra-os debaixo da curva abóbada. [o texto hebraico exprime-se assim: “e faz passar sobre eles a roda”]

Provêm da impiedade todas as infâmias que contaminam a república. Por conseguinte, os ímpios devem ser destruídos pelo juízo do rei sábio. E por isso não lhe bastará banir aqueles que transgridem a religião e de forma alguma querem ser curados, se, fazendo passar sobre eles carros ferrados, não os despedaçar e esmigalhar, de maneira a que não fique no mundo lembrança alguma de um crime tão nefando. Usa-se a palavra “roda” em vez de carro, tal como se diz “quilha” em vez de barco. Ora, antigamente os príncipes vencedores trucidavam, com carros providos de fouces e conduzidos em círculo, os inimigos aos quais odiavam com entranhado ódio, tal como Davi castigou os Amonitas. [2 Sm 12. 31.] Ora, isto impeliu Salomão a dizer que o rei sábio haveria de trucidar com rodas os ímpios. Todavia, isto não deve interpretar-se de tal maneira que agora sejam necessários carros providos de fouces para a destruição dos ímpios, mas para que compreendamos que devem envidar-se vivos esforços, até onde for possível, para que com a morte dos ímpios se suprima também a lembrança da impiedade.

[27.] *Lucerna Domini spiraculum (siue: Spiritus) hominis, quae inuestigat omnia secreta uentris.* [28.] *Misericordia et ueritas custodiunt regem, et roboratur clementia thronus eius.* [29.] *Exultatio (siue: Decus) iuuenum fortitudo eorum, et dignitas senum canities.* [30.] *Liur uulneris absterget mala, et plagae in secretioribus uentris* (Hebraice sic: *Liuores uulneris absterges cum malo, et plagas intestinas uentris*).

Complectitur Sapiens in summa quo praesidio sit hominum uita saepiendae, ut hostium impetum a se reprimat et bonorum copia redundet. “Lucernam” autem “Domini” appellat gratiae Diuinae lumen, quod mentem illustrat et recreat et ornamentis afficit et iucunditate perfundit. Eam dicit esse Spiritum hominis, ut per spiritum intelligamus illam animi praestantiam qua caelum intuetur, Diuina atque sempiterna considerat. Ponit Paulus discrimen inter animam et spiritum,¹⁰³ ut sit anima ea quae corpori prospicit et humana tantum spectat nec ad opes Diuinas adspirat, spiritus uero qui caelestia atque Diuina contemplatur. Animae natura est quae nobis cum reliquis hominibus communis est et humanitatis sensu continetur: spiritus uero Spiritus Sancti donis atque muneribus efficitur. Anima igitur [840] hominis in spiritum, hoc est, in formam Diuinam, instinctu et impulsu Spiritus Diuini transformatur. Et haec est illa noua creatura quam Paulus asserit¹⁰⁴ Christi numine in animis fidelibus satu Diuino generari.

“Lucerna” uero “Diuina” spiritus hominis appellatur hoc in loco ea figura qua operis auctori operis nomen imponitur, quam grammatici metonymiam appellant, ueluti cum dicimus Christum esse nostram salutem et iustitiam et redemptionem, et cum dicimus Deum uitam nostram esse. Eodem modo lucerna Domini spiritus noster et uita nostra nominatur, ea namque uigemus, spiramus sensibusque Diuinis afficimur et in caelum recta contendimus. Humanus animus, Diuinae lucis abscessu, nihil cernit quod ad salutem ualeat, nihil sentit quod expediat, nihil decernit quod felicem exitum consequatur. Rursus autem Diuinae lucis exortu, et in uitam excitatur, et, qui se antea ignorabat, se clarissime uidet et mentis suae intimos recessus explorat. Per “uentrem” enim in Sanctis Litteris mentem significari, perspicuum est omnibus qui in illarum studio uersantur. Ventrís igitur interiora sunt mentis intimae sensus, studia et cogitationes quae in ea latitabant et quarum inanitatem ante minime perspiciebat. Postquam uero splendore Diuino collucet, tum demum sentit et intelligit quae sit illius natura, in quem finem creata sit, itaque se ipsam excitat ut opera Diuina moliatur. Cum enim naturae diuinae sit per gratiam Diuinam particeps, omnia quae sunt intra caeli complexum despicit et ad Diuinitatem modis omnibus adspirat.

¹⁰³ Vd. Vulgata, *1 Cor.* 3, 1 sqq.

¹⁰⁴ Vd. Vulgata, *2 Cor.* 5, 17; *Gal.* 6, 15.

27. *O respiradouro [isto é, “o espírito”] do homem é uma lâmpada do Senhor, a qual esquadrinha todos os segredos do seu interior.* 28. *A misericórdia e a verdade guardam o rei e o seu trono se firma com a clemência.* 29. *A exultação [ou “glória”] dos mancebos é a força deles, e a dignidade dos velhos são as suas cãs.* 30. *Os males limpar-se-ão pelo lívido das feridas e pelas chagas no mais secreto do ventre.* [em hebraico assim: “Os vergões da ferida limparás com o mal, como também as chagas interiores do ventre”]

O Sábio diz resumidamente com que proteção deve defender-se a vida dos homens, a fim de repelir o ataque dos inimigos e abundar em bens. Ora, chama “lâmpada do Senhor” à luz da graça divina, que ilumina, revigora e provê de ornamentos o espírito e o enche de contentamento. Diz que ela é o espírito do homem, para que entendamos por espírito aquela superioridade da alma graças à qual divisa o Céu e contempla as coisas eternas e divinas. S. Paulo estabelece diferença entre alma e espírito, por forma que alma é a que vela pelo corpo e atende apenas às coisas humanas e não aspira às riquezas divinas, ao passo que o espírito é o que contempla as coisas celestiais e divinas. [2 Cor 12. 10-14] A natureza da alma é a que temos em comum com os restantes homens e se encerra nos sentidos humanos, ao passo que o espírito se forma com os dons e presentes do Espírito Santo. Por conseguinte, a alma [840] do homem transforma-se em espírito, isto é, em forma divina, pela inspiração e impulso do Espírito de Deus. E esta é a nova criatura que S. Paulo afirma que é, mediante geração divina, gerada pelo poder de Cristo nas almas dos fiéis. [2 Cor 5. 17.; Gl 6. 8.]

E nesta passagem chama-se “lâmpada divina” ao espírito do homem mediante aquela figura de retórica através da qual se dá ao autor da obra o nome da obra, a que os gramáticos dão a designação de metonímia, como quando dizemos que Cristo é a nossa salvação, justiça e redenção, e quando dizemos que Deus é a nossa vida. Do mesmo modo se designa por lâmpada do Senhor o nosso espírito e a nossa vida, pois mediante ela nos mantemos vivos e respiramos e somos providos de sentidos divinos e nos dirigimos diretamente para o Céu. Com a retirada da luz divina, o espírito humano nada enxerga que lhe seja útil para a salvação, nada sente que lhe aproveite, nada decide que lhe proporcione um êxito venturoso. Por outro lado, com o raiair da luz divina não só se sente incitado para a vida, como também, quem anteriormente se ignorava a si mesmo, a si mesmo se vê com máxima claridade e esquadrinha os íntimos recessos do seu entendimento. De facto, que por “ventre”¹⁹ se significa nas Sagradas Escrituras “entendimento” é algo que é manifesto para todos os que se ocupam com o seu estudo. Por conseguinte, o ventre é o interior, os sentidos, os afetos e pensamentos

¹⁹ Que na versão portuguesa da *Vulgata* o Pe. Pereira de Figueiredo verteu, como pode ler-se *supra*, por “interior”.

Non sunt igitur uitae praesidia in animae natura ponenda, sed in Diuini spiritus luce collocanda. “Animalis enim homo non percipit ea quae Dei sunt”¹⁰⁵, at Diuinus homo in suprema caeli fastigia, ductu et auxilio Sancti Spiritus, euehitur. Et hoc quidem praesidium omnibus qui Christi religionem sancte colunt et fidem summa constantia seruant est beneficentia Diuina propositum. Reges tamen, praeter hoc commune praesidium, aliis etiam ab eodem Spiritu fulciendi sunt. Primum est ut intelligant regis statum non tam opibus et armatorum praesidiis quam subditorum amore et fidelitate stabiliendum. Opes enim insidias minime repellunt, et hominum praesidia, caritate et fide seclusa, eisdem ipsis, qui illis circumsaepiti sunt, erunt ualde metuenda. At subditorum amor laude regiae clementiae et benignitatis incenditur et fides regis ueritate et constantia confirmatur. Nemo enim potest odio persequi bonitatem neque fidei spectatae et cognitae ulla condicione diffidere. Cum uero in regibus hae uirtutes eminent, tanto clarius splendent, quanto status illius altior est et ad plures utilitas earum cum insigni admiratione diffunditur. Rex igitur qui thronum suum clementia et fide corroborauerit, nec suorum insidias extimescet nec hostium incursionem formidabit, cum nihil sit in terris fide et amore ualentius. Hoc quidem est primum praesidium.

Alterum est armorum robur atque prudentiae consilium, quorum alterum sine alterius ope imbecillum [841] est. Quid enim arma proderunt, si omnia temeritate corruerint? Quam utilitatem consilium afferet si nullae fuerint uires quae id quod est prudenter cogitatum exsequantur? Decus autem iuuentutis in animi magnitudine et robore consistit, et senectutis laus canitie, hoc est, prudentiae maturitate continetur. Est igitur opus regi ut iuuenes in armis exercent, senes autem prudentia graues in consilium adhibeat. Nec enim a iuuentute laudes perfectae sapientiae requiruntur, nec a senectute uires iuuenum flagitantur.

Tertium porro subsidium est in iudiciorum seueritate positum. Frustra namque arma comparantur ad hostiles impetus reprimendos, frustra similiter ad consilium senes euocantur, si hostes domestici minime repelluntur. Hostes uero domestici et intestini soutes sunt et facinorosi, quibus si fuerit scelerum impunitas attributa, Republicam multo crudelius quam externi hostes dissipabunt. Hi uero non sunt leuibus poenis, sed acerrimis, coercendi, ne eorum contagio ad perniciem Reipublicae totius erumpat. Chirurgus enim qui non tam de sanitate recuperanda quam de praesenti dolore minuendo laborat, uulnus non curat, sed mortem accersit, nam in magnis uulneribus remedia quae non inferunt dolorem non possunt esse salutaria. Est enim sanies abstergenda, est uulnus obligandum, est putredo resecanda et, si uulnus interius penetrauit, est aliqua pars corporis ferro latius aperienda, ne purulenta sanies inclusa resideat, quae deinde serpat

¹⁰⁵ Vd. Vulgata, *1 Cor.* 2, 14.

do entendimento íntimo que nele se ocultavam e de cuja inutilidade anteriormente não se dava conta. Mas só depois que resplandece com um brilho divino sente enfim e compreende qual é a sua natureza e qual o fim para que foi criado, e por isso incita-se a si mesmo a empreender obras divinas. De facto, uma vez que, pela graça de Deus, participa da natureza divina, despreza tudo o que é cingido pelo abraço do céu e aspira por todos os modos à divindade.

Por conseguinte, as defesas da vida não devem colocar-se na natureza da alma, mas na luz do Espírito Santo. É que, “o homem animal não percebe aquelas coisas que são do Espírito de Deus”, [1 Cor 2. 14.] mas o homem divino é elevado aos cimos mais altos do Céu sob a direção e com a ajuda do Espírito Santo. E esta proteção foi oferecida pela bondade divina a todos os que santamente praticam a religião de Cristo e com a mais completa constância conservam a fé. Os reis todavia, para além desta proteção geral, também devem ser amparados por outras procedentes do mesmo Espírito. A primeira é que entendam que a posição do rei mais deve apoiar-se no amor e lealdade dos súbditos do que nas riquezas e na proteção dos soldados. É que as riquezas não afastam as ciladas, e a proteção dos homens, separada da caridade e da fé, será muito de temer para esses mesmos que por ela estão cercados. Mas o amor dos súbditos abraça-se com o renome da clemência e bondade régias e a lealdade avigora-se com a verdade e constância do rei. De facto, ninguém pode odiar a bondade nem desconfiar em nenhuma circunstância da lealdade esperada e conhecida. E quando nos reis estas virtudes sobressaem, resplandecem com tanto maior brilho, quanto mais elevada é a sua posição e, com extraordinária admiração, sobre maior número de pessoas a utilidade delas se espalha. Por conseguinte, o rei que fortalecer o seu trono com a clemência e a lealdade, nem receará as ciladas dos seus nem temerá os ataques dos inimigos, uma vez que na terra nada existe de mais forte do que a lealdade e o amor. Ora, esta é a primeira proteção.

A segunda é a força das armas e o conselho da prudência, qualquer uma das quais é fraca sem a ajuda da outra. [841] De facto, que utilidade terão as armas se tudo se perder por culpa da irreflexão? Que proveito há de ter o conselho, se não existirem forças algumas para executar aquilo que sabiamente se pensou? Por outro lado, a honra da juventude funda-se na grandeza de ânimo e na força, e o motivo de louvor da velhice cifra-se nas cãs, ou seja, na madureza da prudência. Por conseguinte, cumpre que o rei ocupe os jovens com as armas, mas, por outro lado, escute o conselho dos velhos de ponderada prudência. É que não se requerem da mocidade merecimentos de consumada sabedoria, nem se pedem à velhice as forças dos moços.

Ora, a terceira ajuda ou proteção funda-se no rigor dos juízos. De facto, é em vão que se preparam as armas para rechaçar os ataques inimigos, assim como também é em vão que se chamam os velhos a conselho, se não se repelem os inimigos internos. E os inimigos domésticos e internos são funestos e criminosos e, se lhes for concedida impunidade para os crimes, destruirão muito mais cruel-

ad corporis totius exitium. Qui igitur in periculosis uulneribus dolorem efficit, saepissime sanat; qui omni dolore saucium leuare conatur, interimit.

Similiter censet Sapiens esse Rempublicam gerendam cum malo, hoc est, cum dolore, flagitiorum uulneribus atque contusionibus inusto. Leues namque plagae leuibus remediis sanantur, partes autem grauissimis malis afflictatae nullo modo absque doloribus summis ad sanitatem reuertuntur. Vt igitur in principe nullo pacto crudelitas, sed clementia summa requiritur, ita in summis Reipublicae periculis non dissolutio, sed seueritas efflagitatur. Et re uera maior crudelitas excogitari non potest in principe ea qua scelerum impunitate Respublica uniuersa iugulatur.

CAP. XXI

[1.] *Sicut diuisiones aquarum, ita correptis in manu Domini; quocumque uoluerit inclinabit illud.* [2.] *Omnis uia uiri recta sibi uidetur, appendit autem corda Dominus.* [3.] *Facere iustitiam et iudicium magis placet Domino quam uictimae.* [4.] *Exaltatio oculorum est dilatatio cordis; lucerna impiorum peccatum.*

Praeclara dignitas regis est maiestas excellens atque plane Diuina. Nam et munus Diuinum est, et auxilium quo firmatur, ut munere sibi [842] commisso perfungi cum laude possit, est certe Diuinum. Sed uidendum est quis tandem sit ille qui tanto nomine dignus sit. Non ille profecto qui totus est in cupiditatis dominatu, qui libidini et auaritiae seruit, qui furore et amentia ducitur et denique est a studio pietatis et religionis auersus. Quo pacto enim rex appellari potest, qui est flagitii, furoris et sceleris detestandi mancipium? Nullo enim modo rex est qui liber non est. Praeterea, si rex est is cuius cor in manu Domini est, non potest appellari rex is cuius cor est abalienatum a Deo et ad hostes Domini ipsius adiunctum. Sensus enim et studium carnis, hoc est, libidinis et impuritatis a Dei

mente o Estado do que os inimigos externos. E aqueles devem ser punidos, não com penas leves, mas com os castigos mais severos, para evitar que com o seu contágio a república se precipite inteiramente na perdição. É que, o cirurgião que se preocupa mais em mitigar a dor presente do que em recuperar a saúde, não cura a ferida, mas chama a morte, pois nos ferimentos graves não podem ser salutareos os remédios que não causam dor. De facto, é preciso fazer desaparecer a infeção; é preciso ligar a ferida; é preciso sarjar a podridão e, se a ferida penetrou a fundo, é mister que se abra mais extensamente alguma parte do corpo, para evitar que permaneça ali encerrado o pus, que depois se pode espalhar com perdição do corpo inteiro. Portanto, quem nos ferimentos perigosos causa dor, as mais das vezes cura; quem se esforça por aliviar de toda a dor a pessoa ferida, mata-a.

Semelhantemente, o Sábio considera que a república deve ser governada com o mal, isto é, com a dor que se causa às feridas e contusões das infâmias. É que as chagas ligeiras saram-se com remédios leves, ao passo que as partes afetadas por males muitíssimos graves de forma alguma recuperam a saúde sem dores lancinantes. Por conseguinte, da mesma maneira que de modo algum se requer no príncipe a crueldade, mas sim a máxima clemência, assim nos maiores perigos da república é mister a severidade, e não a relaxação. E de facto não pode imaginar-se maior crueldade no príncipe que esta com que se destrói inteiramente a república por causa da impunidade dos crimes.

CAPÍTULO XXI

1. Assim como se fazem os repartimentos das águas, assim o coração do rei se acha na mão do Senhor; Ele o inclinará para qualquer parte que quiser. 2. Todo o caminho do homem lhe parece a ele direito; mas o Senhor pesa os corações. 3. Fazer misericórdia e justiça é mais agradável ao Senhor do que as vítimas. 4. A soberba do coração faz altivos os olhos, a candeia dos ímpios é pecado.

A ilustre dignidade do rei é uma majestade superior e totalmente divina. Na verdade, não só a função é divina, como também a ajuda, com que é fortalecido, para poder desempenhar com louvor a função [842] que lhe foi cometida, é certamente divina. Mas cumpre que se veja quem é que é ao cabo merecedor de um tão grande título. Não é certamente aquele que está totalmente sob o senhorio da cobiça, que está escravizado à sensualidade e à avareza, que é arrastado pela loucura furiosa e pela insânia e, enfim, se encontra afastado do zelo da piedade e da religião. Na verdade, como pode chamar-se rei quem é servo da infâmia, da loucura e do abominável crime? É que de modo algum é rei quem não é livre. Além disso, se é rei aquele cujo coração se encontra na mão de Deus, não pode dar-se o nome de rei àquele cujo coração está alheado de Deus e se uniu

mente et sententia perpetuo dissidet.¹⁰⁶ Vnde sequitur hominem flagitiosum a Deo minime regi. Quis igitur rex est? Qui iustitiam colit, qui caeleste numen intuetur, qui libidinem coercescit, qui motibus animi turbulentis obsistit, qui mentis statum singulari uigilantia conseruat et ita confert omnes curas et cogitationes in publicam salutem ut numquam oculos a caeli conspectu deiiciat.

At dices: “Vt is sit, qui est in regia sede locatus, nullo tamen modo poterit negotiis innumerabilibus, quae sibi commissa sunt, pro dignitate satisfacere. Alio enim uocat iuris administrandi ratio, alio belli comparandi necessitas, alio plebis infimae querimonia, alio tyrannorum immanitas, quorum cupiditati opus est ut uim suae seueritatis opponat”. “Nihil”, inquit Salomon, “erit facilius. Si enim reuera, et non tantum nomine, rex fuerit, cor illius erit in manu Domini et ab ipso Domino ita dirigetur ut ipsius muneris ratio postulauerit.” Vt enim qui hortum, summa cura consitum, singulari diligentia colendum suscipit, facillime sarculo riuulum accersit et in arbores et olera et plantas deducit, sic Dominus mentem regis in omnes partes deriuat ut nihil patiat ardore Solis aduri. Sic igitur rex, Dei moderatione ductus, pacis artibus incumbet ut bellicas non intermittat; sic bellum comparabit ut iniuriam interim suis inferri minime patiat; sic ad homines se tuendos dabit ut numquam religionis memoriam deponat; sic religioni seruiet ut Rempubicam admodum uigilanter administret; sic denique singulis rebus insistet ut uniuersitatem summa cura, studio, sollicitudine complectatur.

“Quomodo”, inquis, “poterit tam multa negotia sustinere?” Quia “cor eius in manu Domini”. Vt enim ille caelum, terras, maria, supera, media, infima, formas innumerabiles ita regit et temperat ut nihil sit, in omni rerum natura ab illius imperio et rectione derelictum, ita regibus, qui uice illius in terris Diuinum munus exsequuntur, hoc largitus est ut omnibus rebus illorum moderationi commissis prouidentiam impertire possent. Adsciscat rex sapienter muneris socios et in Deo mentem defigat, et sic demum fiet ut, tamquam aquam in riuulos diuisam, rebus omnibus suae potestati permissis, ope Diuini numinis, mentem accommodet.

Quantus error uersetur in uita ex eo perspicitur quod maxima pars hominum se suum officium [843] recte facere statuit et ea uia progreditur qua se beatum fore considit, cum interim se in miseriam sempiternam furenter iniiciat. At illi tantum iter rectum suscipiunt quorum mentes Deus illustrat, quorum corda sibi deuincit et quibus beatuae uitae uiam monstrat. Et qui sunt illi tandem quorum Deus ductor est? – Illi certe qui iustitiae muneribus ornati sunt, nullum est enim sacrificium iustitia sanctius, nullum magnificentius, nullum denique quod illi iustissimo Domino possit esse iucundius. “Sacrificate”, inquit Dauid, “sacrificium

¹⁰⁶ Vd. Vulgata, *Rom.* 8, 13.

aos inimigos do próprio Deus. Na verdade, o sentido e o amor da carne, isto é, da sensualidade e da impureza, incessantemente afastam da vontade e querer de Deus. [Rm 8. 7-8] Daqui se segue que o homem infame não é dirigido por Deus. Por conseguinte, quem é rei? Quem preza a justiça, quem põe os olhos no poder celestial, quem resiste às reações violentas do ânimo, quem conserva com extraordinário cuidado o equilíbrio de espírito e de tal maneira consagra todos os cuidados e pensamentos à prosperidade pública que nunca abaixa os olhos da visão do Céu.

Dir-se-á porém: “Ainda que tenha esses predicados o homem que está colocado no sólio régio, todavia de modo algum poderá atender como é mister aos inumeráveis encargos que lhe foram cometidos. É que, o encargo de ministrar a justiça chama-o para um lado, para outro lado o chama a necessidade de preparar a guerra, para outro os queixumes da mais baixa plebe, para outro a desumanidade dos tiranos, a cuja cobiça é forçoso que atalhe com a força da sua severidade.” Salomão responde: “Nada será mais fácil. Se de veras, e não só de nome, for rei, o seu coração estará na mão do Senhor e será encaminhado pelo mesmo Senhor do modo que a natureza da própria função requerer.” É que, assim como quem se aplica com enorme desvelo a cultivar um pomar, plantado com o maior cuidado, mui facilmente com a sachola desvia um regato e o encaminha para as árvores, hortaliças e plantas, da mesma maneira o Senhor faz que o entendimento do rei se encaminhe para todas as direções por forma a não permitir que nada seja queimado pelo ardor do Sol. Por conseguinte, o rei, encaminhado pela direção de Deus, aplicar-se-á às artes da paz de tal maneira que não interromperá as da guerra; aparelhar-se-á para a guerra de tal maneira que não tolerará que entretanto se perpetrem injustiças contra os seus súbditos; entregar-se-á a velar pelos homens de maneira tal que nunca ponha de lado a lembrança da religião; pôr-se-á ao serviço da religião de maneira tal que governará com suma atenção o Estado; por derradeiro, ocupar-se de cada coisa de tal maneira que tudo abarcará com um cuidado, zelo e solicitude extraordinários.

“De que modo”, dir-me-eis, “poderá dar conta de tão numerosos encargos?” Porque “o coração dele está na mão do Senhor”. Na verdade, assim como Ele governa e harmoniza o céu, a terra, os mares, as regiões superiores, as médias e as inferiores, e as inumeráveis formas de modo tal que em toda a natureza nada existe que esteja fora do Seu senhorio e direção, de igual maneira aos reis, que desempenham na terra a função de Deus, foi concedido que possam ser a providência para todas as coisas cometidas ao seu governo. Que sabiamente o rei chame para junto de si companheiros do seu cargo e fixe em Deus o seu entendimento, e só assim acontecerá que, tal como a água repartida pelos regatos, graças à ajuda do poder divino há de aplicar o seu entendimento a todas as coisas confiadas ao seu poder.

Quanto é grande o engano que grassa na vida é algo que se colige a partir do facto de que a imensa maioria dos homens decide cumprir corretamente o seu

iustitiae et sperate in Domino”¹⁰⁷. Illi igitur solum sapientes sunt qui tota mente in studium iustitiae atque pietatis incumbunt, soli enim beatæ uitæ compotes erunt et in omni aeternitate gloria Diuina cumulati.

Hanc autem certissimam uiam homines caeci cupiditate deserunt et alias ineunt, quibus sese longissime ab eo fine quem sibi proponunt abducunt. Illi enim, ut beati sint, omnes animi neruos intendunt, at omnes eorum labores in miseriam conferuntur, quales sunt ii qui seruiunt iis flagitiis quæ Sapiens continuo recenset, ait enim oculorum elationem, animi confidentiam, impietatem, falsa sapientiæ opinione subnixam, qua tamquam lucerna diriguntur, illis caussam extremæ calamitatis allaturam. Dum enim sibi dignitatem arroganter assumunt, in summum dedecus incurrunt; dum sibi omnia pollicentur, tum se cunctis bonis spoliant; dum sibi peracuti uidentur, tenebris taeterrimis obruuntur. Plerumque igitur errant. Hoc enim significat Sapiens, dum ait: “peccatum est”. Hoc est autem: “error est, temeritas est, dementia est”. Est enim eorum casus et ruina qui sibi recte consistere uidentur.

[5.] *Cogitationes robusti semper in abundantia, omnis autem piger* (Hebraice: Et animus praeceps) *semper in egestate est.* [6.] *Qui congregat thesaurus lingua mendacii uanus et excors est, et impingetur ad laqueos mortis.* [7.] *Rapinae impiorum detrahent eos, quia noluerunt facere iudicium.* [8.] *Peruersa uia uiri aliena est; qui autem mundus est, rectum opus eius.*

Hominis nauis et uigilantis industria laudatur, quem “robustum” merito interpres appellat, et pigri atque praecipitis animi inconsulta temeritas uituperatur. Diligentia namque parat opes, mens autem praeceps et deuia partas euertit. Diligentia enim occasionem minime praetermittit; pigritia, ob metum consequentis laboris, eam labi e manibus patitur; proiecta autem temeritas occasionem non exspectat. Furenter igitur ruit et omnia quacumque fert impetum, insita dementia prosternit. Hoc est autem quod dici solet: “matura lente”. “Maturandi” uerbum diligentiam praescribit, “lentitudinis” autem uerbo ne sine consilio quidquam geramus admonemur. Vtrumque enim uitiosum est, et negligentia et praepropera diligentia. Vtraque enim ratione fit ut multa bona pereant illis qui, uel oblatam facultatem effluere [844] sine fructu patiuntur, uel, non exspectata facultate, ad ea quæ intemperanter appetunt irritis conatibus enituntur.

¹⁰⁷ Vd. Vulgata, Ps. 4, 6.

dever [843] e avança por aquele caminho no qual está confiante que há de ser bem-aventurado, sendo certo que entretanto está desvairadamente a precipitar-se na eterna desventura. Apenas porém empreendem o caminho reto aqueles aos quais Deus ilumina o entendimento e cujos corações a Si liga e aos quais mostra o caminho da vida bem-aventurada. E, quem são afinal aqueles de quem Deus é o guia? – Aqueles certamente que se encontram ornamentados com as dádivas da justiça. É que não existe nenhum sacrifício mais santo do que a justiça, nenhum mais rico, nenhum enfim que possa ser mais agradável àquele justíssimo Senhor. Diz Davi: “Sacrificai sacrifício de justiça e esperai no Senhor”. [Sl 4. 6.] Por conseguinte, só são sábios os que se consagram com todo o espírito ao zelo da justiça e da piedade, pois serão os únicos a possuírem a vida bem-aventurada e a serem cumulados com a glória divina por toda a eternidade.

Ora, os homens cegos pela cobiça abandonam este certíssimo caminho e entram por outros, nos quais se desviam para muito longe daquela meta que se propõem. É que eles, para serem bem-aventurados, empregam todas as forças do ânimo, mas todos os seus esforços resultam em infelicidade, como acontece com aqueles que se põem ao serviço daquelas infâmias que o Sábio em seguida enumera, pois diz que a altaneria do olhar, a confiança, a impiedade apoiada numa falsa opinião de sabedoria, que os guia como uma candeia, há de ocasionar-lhes a desgraça extrema. De facto, ao se arrogarem com soberba a dignidade, estão a cair no mais completo desdouro; ao tempo em que tudo se prometem, estão a despojar-se de todos os bens; quando aos seus próprios olhos se julgam muito perspicazes, encontram-se imersos nas mais medonhas trevas. Por conseguinte, as mais das vezes erram. Na verdade, é isto o que quer dizer o Sábio, quando escreve: é pecado. Ora, quer dizer: “é erro, é desatino, é loucura”. De facto, é a queda e ruína daqueles que aos seus próprios olhos julgam manter-se no caminho reto.

5. Os pensamentos do homem robusto produzem sempre abundância; mas todo o preguiçoso [em hebraico: “ e o espírito precipitado”] está sempre em pobreza. 6. Aquele que ajunta tesouros com uma língua de mentira é vão e sem juízo e dará consigo nos laços da morte. 7. As rapinas dos ímpios leva-los-ão à sua ruína, porque não quiseram obrar segundo a justiça. 8. O caminho perverso do homem é um caminho estranho; mas quando o homem é puro, são retas as suas obras.

É louvada a atividade do homem desvelado e diligente, a que o tradutor com razão chama “robusto”, e critica-se o irrefletido desatino do preguiçoso e precipitado. Na verdade, a diligência adquire as riquezas, ao passo que o espírito precipitado e inconstante destrói as que se adquiriram. É que a diligência não deixa passar as ocasiões; a preguiça, devido ao receio do trabalho que se segue, deixa-as fugirem das suas mãos; pelo seu lado, a desenfreada irreflexão não espera pelas ocasiões. Por conseguinte, precipita-se loucamente e para onde quer que

Nihil tamen esse potest inanius eorum studio qui mendaciis et calumniis opes parandas et augendas existimant. Quae enim fraude et mendacio parantur momento temporis euanescunt, et, cum uita in ueritatis studio sita sit, necesse est ut qui mendacio gaudet laqueo mortis implicetur. Deus enim, cum ueritas summa sit et perennis uitae fons, omnes mendaces a se longissime repellit. Quam pestiferis erroribus imbuti sint omnes qui prae sua cupiditate iudicium contemnunt ex eo liquet quod, dum opes quaerunt, in inopiam detruduntur, dum quietem expetunt, motibus turbulentissimis concutiuntur. Iniuriae enim, quas ciuibus suis intulerant, eos ita uexant ut respirare non sinant, est enim sceleris conscientia cruciatus assiduus atque sempiternus. Vnde concluditur uiam uiri, qui lumine Diuinae mentis orbatus est, esse peruersam et impiam et ab utilitate eorum, qui se in eam dant, uehementer alienam. Omnes enim qui, non Dei legem, sed uoluntatem suam consulunt, rectum iudicium oderunt. At is cuius animus iniquitas minime deprauauit et qui puritatem, Diuina gratia partam, cura summa retinuit, cum recta uia proficiscitur in salutem sempiternam opus rectum semper efficiet.

[9.] *Melius est sedere in angulo domatis* (siue: in aedis angulo), *quam cum muliere litigiosa* (hoc est: ad rixam concita), *in domo communi*. [10.] *Anima impii desiderat malum, non miserebitur proximo suo*. [11.] *Mulctato pestilente, sapientior erit paruulus, et si sectetur sapientem* (Hebraice: Et, cum doctrinam tradideris sapienti) *sumet sententiam*. [12.] *Excogitat iustus de domo impii, ut detrahat impios in malum*. [13.] *Qui obturat aurem suam ad clamorem pauperis, et ipse clamabit et non exaudietur*. [14.] *Munus absconditum exstinguit iras, et donum in sinu indignationem maximam*.

Cum Sapiens monet ut potius in angulo angustae aedis habitemus quam in laxa et magnifica domo cum muliere contentiosa et turbulenta, omnem materiam rixae et contentionis amputandam censet; exempli tamen gratia mulierem contentiosam posuit. Admonet deinde ne quisquam audeat uxorem ducere illam quam intellexit esse iracundam et turbulentam. Citius enim tigrem domaueris quam iracundiam mulieris effrenatae compresseris. Quod si domus tua tantum esset, mulierem extrudere facillimum fuisset, cum uero communis est, quo tandem modo illam expelles quae iuris sui nimis retinens est et animi feritate nimis truculenta? Reliquum est igitur ut bellum inexpiabile, cum insigni molestia et nimis diuturna, sustineas. Qui igitur mulierem immanem et importunam domum ducit, supplicium sibi ipse admodum graue constituit. Quamquam, ut dictum [845] est, non solum mulieris saeuitia fugienda est, sed etiam omnium hominum contubernium, quorum natura non multum ab amentia muliebri distat, summopere uitandum. Ex ea namque immoderatione imminet saepenumero, iis etiam qui cum illo uiuunt, salutis et uitae periculum.

se arremessa, tudo deita a perder com a sua conatural vesânia. Ora, isto é o que se costuma dizer com a expressão: “apressa-te devagar”. O verbo “apressar-se” ordena a diligência, ao passo que com a palavra “devagar” somos admoestados a nada fazermos sem reflexão. É que são igualmente defeitos, tanto a negligência como a diligência precipitada. É que por ambos os motivos sucede que muitos bens se perdem para aqueles que, ou deixam que passe sem proveito o ensejo que se ofereceu, [844] ou, não esperando a oportunidade, com esforços vão se empenham por conseguir aquilo que imoderadamente desejam.

Todavia nada pode ser mais vão do que o empenho daqueles que pensam que devem adquirir e aumentar as riquezas mediante mentiras e calúnias. De facto, o que se adquire mediante a mentira e o embuste desvanece-se num ápice e, uma vez que a vida assenta no zelo da verdade, é forçoso que quem se compraz com a mentira seja colhido pelo laço da morte. É que Deus, uma vez que é a verdade suprema e a fonte perene da vida, repele todos os mentirosos para muitíssimo longe de Si. De quão pestilentes erros se encontram cheios todos os que, devido à sua cobiça, votam a desprezo o juízo, é algo que claramente se conclui a partir do facto de que, quando procuram riquezas, se precipitam na pobreza, e quando vivamente desejam o sossego, são agitados por violentíssimas emoções. É que as injustiças que inferiram aos seus concidadãos de tal maneira os atormentam que não conseguem respirar, pois a consciência do crime é uma tortura incessante e eterna. Daqui se conclui que o caminho do varão que foi privado da luz do entendimento divino é perverso e ímpio e totalmente alheio ao interesse daqueles que a ele se entregam. De facto, todos os que consultam, não a lei de Deus, mas a sua vontade, odeiam o juízo reto. Aquele, porém, cuja alma a iniquidade não perverteu, e com o máximo cuidado preservou a pureza obtida mediante a graça divina, quando pelo caminho reto avança para a salvação eterna, realizará sempre uma obra reta.

9. *Melhor é estar assentado a um canto do eirado [ou: “da casa”] do que habitar com uma mulher litigiosa [isto é: “briguenta”] e numa casa comum.* 10. *A alma do ímpio deseja o mal, não se compadecerá do seu próximo.* 11. *Quando o homem pestilente for castigado, o simples ficará daí mais sábio; e se ele aderir ao homem sábio, [no texto hebraico: “e quando instruíres o sábio”] adquirirá a ciência.* 12. *O justo considera com aplicação a casa do ímpio para retirar os ímpios do mal.* 13. *Aquele que tapa os seus ouvidos ao clamor do pobre, esse mesmo também clamará, e não será ouvido.* 14. *O presente secreto extingue as iras, e a dádiva que se mete no seio de outrem, a maior indignação.*

Quando o Sábio aconselha a que antes habitemos num canto de uma estreita casa do que numa mansão luxuosa e ampla, na companhia de uma mulher turbulenta e conflituosa, considera que deve extirpar-se todo o motivo de briga e contenda, todavia apresentou como exemplo a mulher conflituosa. Aconselha depois a que ninguém se atreva a casar com uma mulher que percebeu que é

Signum magnum apponit hoc in loco Sapiens quo impium a pio internoscamus. Impius enim, cum sit a summa bonitate tota mente diuulsus et cum summa improbitate, pestifera pactione, coniunctus, malum fere semper cogitat, pestem et perniciem meditatur, in rebus aduersis proximi sui misericordia minime commouetur. Sequitur enim ducem suum, hostem nempe generis humani sempiternum, sub quo stipendia facit. Diuino autem iudicio decretum est ut, qui pauperis preces minime ad aures admittit, a Domino, cum opem illius implorauerit, non audiatur. Sed, cur egentium preces ab hominibus impiis non audiuntur et iusta postulata repudiantur? Quia, ut inquit Isaias, “omnes diligunt munera”¹⁰⁸. Munera uero iram leniunt et acrimoniam obtundunt atque debilitant, et gratiam colligunt, et faciunt denique ut omnia, illis qui pecunia pugnant, expedita fiant. Pauper autem non habet quo sibi animum potentis et irati conciliet. Sed quanto fuisset potentibus utilius et salutaris flectere muneribus misericordiae et benignitatis iram Dei, quam muneribus hominum clandestinis oblectari. “Beatus” enim “est”, inquit Daud, non qui donis rem familiarem auget, sed “qui intelligit super egenum et pauperem. In die enim mala liberabit eum Dominus”¹⁰⁹.

[15.] *Gaudium iusto est facere iudicium, et pauor operantibus iniquitatem.*
 [16.] *Vir qui errauerit a uia doctrinae in coetu gigantum commorabitur.* [17.] *Qui diligit epulas in egestate erit; qui amat uinum et pinguia non ditabitur.* [18.] *Pro iusto dabitur impius, et pro rectis iniquus.*

Omnis iucunditas in naturae perfectione consistit. Cum autem consuetudo naturam uel perficiat uel immutet, consequens est ut quilibet studiis illis delectetur quibus se multis annis exercuit. Sic autem fit ut, quemadmodum homo maleficus maleficio suo, quasi facinus praeclarum gesserit, oblectatur, ita iustus ex iustitiae actionibus insignem uoluptatem percipiat. Magnum tamen est inter utramque uoluptatem discrimen. Iustus enim ueris bonis gaudet; iniustus, falsis et inanissimis. Iustus stabili iucunditate perfunditur; iniusti gaudium confestim euanescit et maestitia saepe concluditur. Iustus, cum Diuinis opibus expletus sit, non ualde humanas exquirat; iniustus, cum nullis diuitiis satiari possit, perpetua indigentia cruciatur. Iustus postremo nullum casum extimescit; at iniustus, quamuis id dissimulet, illata iudicii mentione, toto corpore et animo contremiscit.

¹⁰⁸ Vd. Vulgata, *Is.* 1, 23.

¹⁰⁹ Vd. Vulgata, *Ps.* 40, 2.

proclive à ira e turbulenta. É que mais prestes se amansa um tigre do que se atalha à ira de uma mulher desenfreada. Pelo que, se a casa fosse só tua, teria sido muito fácil expulsar a mulher, mas, uma vez que ela é comum, como é que dela expulsarás uma pessoa que se mostra muito apegada aos seus direitos e, devido seu carácter assomadoço, muito violenta? Resta por conseguinte que traves um guerra incessante, enormemente desagradável e de longa duração. Portanto, quem se casa com uma mulher feroz e intratável, preparou para si mesmo uma tortura sobremaneira dolorosa. Conquanto, tal como se disse, [845] cumpre que se fuja da fúria da mulher, mas também com o máximo empenho se deve evitar o trato de todos os homens cuja natureza não se afasta muito da demência feminina. De facto, deste desregramento amiúde resulta perigo de saúde e vida também para aqueles que com ele vivem.

Nesta passagem o Sábio apresenta um grande sinal para com ele diferencarmos o ímpio do piedoso. É que o ímpio, porque se separou com a totalidade do seu espírito da bondade suprema e se uniu, através de um pacto pestilencial, com a máxima desonestidade, quase sempre pensa no mal, maquina a ruína e perdição e perante as adversidades do seu próximo não sente qualquer compaixão. É que segue o seu chefe: ou seja, o eterno inimigo do género humano, sob cujo pendão milita. Por outro lado, foi determinado por juízo divino que quem não escuta os rogos dos pobres, não é escutado pelo Senhor quando Lhe implorar ajuda. Mas, por que é que os rogos dos pobres não são escutados pelos homens ímpios e os justos pedidos rejeitados? Porque, consoante diz Isaías, “todos amam as dádivas”. [Is 1. 23.] E as dádivas amansam a ira, embotam e mitigam o azedume, conquistam as boas graças e, finalmente, fazem que tudo se torne fácil para aqueles que combatem por dinheiro. Por outro lado, o pobre não tem nada com que possa granjear a simpatia do poderoso e irado. Mas quanto teria sido mais proveitoso e salutar para os poderosos dobrar a ira de Deus com as dádivas da misericórdia e da benemerência, do que recrear-se com os presentes secretos dos homens. É que, conforme diz Davi, não é bem-aventurado quem aumenta com presentes o seu património pessoal, mas “o que cuida sobre o necessitado e o pobre: o Senhor o livrará no dia mau”. [Sl 41. 2.]

15. *O justo acha a sua alegria na prática da justiça, mas os que cometem a iniquidade estão em pavor.* 16. *O homem que se extraviar do caminho da doutrina terá por morada a assembleia dos gigantes.* 17. *Aquele que ama os banquetes viverá na indigência; o que ama o vinho e a mesa esplêndida, não enriquecerá.* 18. *O ímpio será entregue em lugar do justo e o iníquo em lugar dos retos.*

Toda a alegria se funda na perfeição da natureza. Ora, uma vez que o costume ou aperfeiçoa ou muda a natureza, segue-se forçosamente que qualquer pessoa sente prazer naquelas atividades em que se exercitou durante muitos anos. Por outro lado, assim sucede que, da mesma maneira que o homem malévolo se

Et tamen ii qui doctrinam despiciunt et opibus per iniuriam partis efferuntur, ita sunt amentes ut opinentur esse imbecillitatis summae aequo iure cum suis ciuibus uiuere, et legibus oboedire, et humanitatis officia tueri. [846] Erit igitur illis idem supplicium cum gigantibus, quos moribus et uita sequuntur, merito subeundum. Vt enim gigantes, uiribus elati et inflati, cum tenues homines omni contumelia lacerarent, et iniuriis quam plurimis onerarent nulloque metu manus a maleficiis abstinerent, ita Diuino iudicio conciderunt ut eorum nomen in terris obliuione sepultum sit et ipsi apud íferos cruciatu sempiterno torqueantur: ita qui illorum uestigiis insistent et gloriam in tyrannica potentia constitutam habent, iudicio Diuino peruersi corruent et nomen eorum funditus interibit ipsique sempiterno supplicio mactabuntur.

Et hac quidem oratione Salomon homines ab iniuria et immanitate deterret. Sed, cum non sit satis ad salutem tyrannidis mores exsecrari, nisi etiam summa uigilantia fuerit in studio uirtutis elaboratum, rursus desidiam insectatur et homines, egestatis formidine a iocis petulantibus, ab immodicis epulis, ab ebrietate et unguentis, reuocare conatur. Ait deinde iniustum esse piaculum, cum inquit: “Pro iusto dabitur impius”. – Quomodo? Quia iusti, cum in Dei tutela sint, nullo modo possunt malis opprimi et a statu suo demigrare. Omnes enim insidias, omnes nocendi cogitationes, omnes conatus quos impii ad bonorum perniciem comparant, Deus uertit in bonum, ita ut improbi bonorum gloriae seruire compellantur. Nam, dum sancti laboribus exercentur, flagitia quae, propter imbecillitatem, commiserant, expiantur, et, per inuictam patientiam, multo ampliora praemia consequuntur et postremo, dum summus et sanctissimus iudex iniurias sanctis illatas rectissimo iudicio persequitur, suorum gloriam multo clarius illustrat.

deleita com a sua malfeitoria, como se tivesse praticado um feito ilustre, assim o justo sente um grande prazer com as ações da justiça. Todavia existe uma grande diferença entre estes dois prazeres. De facto, o justo alegra-se com os verdadeiros bens; o injusto, com os falsos e totalmente falsos. O justo é inundado por um contentamento duradouro; a alegria do injusto desvanece-se de imediato e amiúde acaba em tristeza. O justo, como se encontra cogulado de riquezas divinas, não procura muito as humanas; o injusto, como nenhuma riqueza o podem saciar, é atormentado por incessante indigência. Finalmente, o justo não teme nenhuma desgraça; ao passo que o injusto, embora o dissimule, ao fazer-se referência ao julgamento, fica transido de medo e começa a tremer com todo o corpo.

E todavia, os que desprezam os ensinamentos e se ensoberbecem com as riquezas obtidas através da injustiça, de tal maneira são loucos que pensam que é próprio da mais completa fraqueza viver com os seus concidadãos em equidade, obedecer às leis e cumprir com os deveres da humanidade. [846] Por conseguinte, com justiça deverão padecer o mesmo suplício juntamente com os gigantes, a quem seguem nos costumes e teor de vida. É que, assim como os gigantes, ensoberbecidos e insolentes com as suas forças, uma vez que em todos os conflitos despedaçavam os fracos homens, os oprimiam com inúmeras injustiças e nenhum temor os desviava de perpetrarem malfeitorias, de tal maneira por juízo de Deus sucumbiram que o seu nome na terra ficou sepultado no esquecimento e eles são atormentados com suplício eterno no inferno, do mesmo modo os que seguem as suas pisadas e fazem consistir a glória no poder tirânico, destruídos pelo juízo divino, hão de sucumbir, e o seu nome há de desaparecer por completo e serão punidos com o eterno suplício.

E é com estas palavras que Salomão aparta os homens da injustiça e da desumanidade. Mas, uma vez que para a salvação não é suficiente abominar os costumes dos tiranos, se não houver também empenho no zelo da virtude, de novo verbera a preguiça e, assustando os homens com a indigência, esforça-se por desviá-los de divertimentos libertinos, de comezainas, da embriaguez e dos óleos perfumados. Diz em seguida que o injusto é uma vítima expiatória, quando escreve: O ímpio será entregue em lugar do justo. – De que modo? Porque os justos, porque estão sob a guarda de Deus, de forma alguma podem ser oprimidos pelos males e perder a sua condição. É que Deus transforma em bens todos os ardis, todos os planos funestos e todas as tentativas que os ímpios maquinam para perdição dos bons, de tal maneira que os desonestos são impelidos a estarem ao serviço da glória dos bons. De facto, durante o tempo em que os santos são provados pelos trabalhos, estão a expiar as indignidades que por causa da sua fraqueza tinham cometido e, mediante a invencível paciência, obtêm prémios muito maiores e, por derradeiro, quando o supremo e santíssimo Juiz por retíssimo juízo castiga as injustiças perpetradas contra os santos, está a nobilitar com muito maior lustre a glória dos Seus.

[19.] *Melius est habitare in terra deserta quam cum muliere rixosa et iracunda.*
 [20.] *Thesaurus desiderabilis, et oleum in habitaculo iusti: et imprudens homo dissipabit illud.* [21.] *Qui sequitur iustitiam et misericordiam, inueniet uitam, iustitiam et gloriam.* [22.] *Ciuitatem fortium adscendit sapiens, destruxitque robur fiduciae eius.* [23.] *Qui custodit os suum et linguam suam custodit ab angustiis animam suam.* [24.] *Superbus et arrogans uocatur indoctus, qui in ira operatur superbiam.*

Quam sit mulieris audacis et iracundae contubernium metuendum saepius inculcat, ut admoneat homines, cum mulieris alicuius matrimonium habere cupiunt, ut sint magis de illius moribus et uita quam de magnitudine dotis atque forma solliciti. Nullam enim taetriorem pestem arbitratur uir sapientissimus muliere temeraria et insana, turbas horis singulis atque adeo momentis commouente. Mulier quidem creata fuit ut homo sociam et comitem laboris haberet. At, cum mulier fuerit immanis, uirum labore minime leuabit, sed potius insita feritate uitam illius acerbam et aerumnosam efficiet. Tunc igitur melius fuisset uiro in solis [847] terris atque uastitate uitam degere quam huiusmodi mulieri matrimonio copulari.

Omnia uero mala deuitat sapientiae studium, iccirco Sapiens ad sapientiae laudes redit. Ait igitur opes immensas, uoluptates uerissimas, odores suauiissimos in domo sapientis inueniri. Quem “iustum” noster interpretes uocat, eumdem “sapientem” Salomon appellat. Solus igitur sapiens omnium bonorum copia circumfluit, cum inspiens, ut inanes opes paret, ueras disturbet omnemque sibi aditum ad diuitias et iucunditates sempiternas, propter detestabilem furorem mentis et rationis, intercludat. Opes autem sapientis explicat, cum ait eum qui sequitur iustitiam et misericordiam fore participem uitae sempiternae, iustitiae Diuinae et diuitiarum caelestium, quas misericordia Domini omnibus qui in iustitiae et misericordiae studio uersantur magnificentissime constituit. Quod, si sapientia opes pararet, non tamen uires haberet ad eas firmo praesidio muniendas, frustra opes parauisset, quae fuissent subito diripiendae. Sed non est ita. Nihil est enim sapientia fortius, nihil constantius, nihil ex omni parte munitius. Bellum enim illius moderatione continetur et salutare sapientis hominis consilium maximos exercitus saepe fundit et urbes etiam munitissimas excindit: quocirca nihil poterit sapientia excogitari ualentius. Is est enim sapientiae parens, ut non modo suos sapientiae opibus instruat, uerum et inuicto praesidio confirmet.

Quam lubricum sit linguae flagitium et quam periculosa maledicendi consuetudo, et saepe iam Sapiens dixit, et idem saepius est non sine causa repetendum. Odium enim excitat, seditiones concitat, pericula taeterrimae pestis incendit, ita ut nihil possit esse funestius. Is igitur qui custodit os suum, ex angustiis innumerabilibus educit animam suam.

19. *Melhor é habitar numa terra erma do que com uma mulher rixosa e iracunda.* 20. *Na casa do justo há um tesouro apetecível e há azeite; mas o homem imprudente dissipará tudo.* 21. *Aquele que exercita a justiça e a misericórdia achará vida, justiça e glória.* 22. *O sábio fez-se senhor da cidade dos valentes e destruiu a força em que ela confiava.* 23. *Aquele que guarda a sua boca e a sua língua, guarda a sua alma de grandes apertos.* 24. *O soberbo e o presumido é chamado ignorante, porque, estando irado, faz ações insolentes.*

O Sábio mui amiúde dá a conhecer o quão de reçar é o casamento com uma mulher atrevida e iracunda, por forma a aconselhar os homens, quando pretendem casar-se com alguma mulher, a que se preocupem mais com o caráter e vida dela do que com a grandeza do seu dote e com a sua aparência. É que o mais sábio dos homens pensa que não existe peste mais terrível do que a mulher desatinada e desvairada, que a cada hora e até momento cria agitação. É que a mulher foi criada para que o homem tivesse uma companheira e auxiliar no trabalho. Mas, quando a mulher for terrível, não aliviará de trabalho o marido, mas antes com a sua congénita ferocidade tornará a vida dele penosa e amarga. Por conseguinte, então teria sido melhor para o varão viver em terras ermas [847] e no deserto do que juntar-se através do matrimónio com uma mulher como esta.

Mas o amor da sabedoria evita todos os males e por isso o Sábio retorna aos louvores da sabedoria. Diz, portanto, que na casa do sábio se encontram riquezas imensas, os mais verdadeiros prazeres e cheiros suavíssimos. Àquele a quem o nosso tradutor latino designa por “justo”, Salomão chama-lhe “o mesmo sábio”. Por conseguinte, só o sábio possui em abundância todos os bens, uma vez que o insensato, para obter riquezas vãs, destrói as verdadeiras e, devido à detestável loucura do espírito e da razão, fecha para si mesmo todo o acesso às riquezas e contentamentos sempiternos. Mostra quais são as riquezas do sábio, quando diz que quem segue a justiça e a misericórdia há de partilhar da vida eterna, da justiça divina e dos tesouros celestiais, que a misericórdia do Senhor com imensa generosidade estabeleceu para todos os que se consagram ao zelo da justiça e da misericórdia. Pelo que, se a sabedoria obtivesse riquezas, mas não possuísse força para protegê-las com uma firme defesa, teria obtido de balde as riquezas, que deveriam dissipar-se num ápice. Mas não é assim, pois nada existe de mais forte do que a sabedoria, nada de mais constante, nada mais protegido em todas as suas partes. De facto, ela mantém a guerra sob a sua direção e o conselho salutar do homem sábio amiúde derrota os maiores exércitos e assola até as cidades mais bem fortificadas: pelo que não poderá imaginar-se nada de mais forte do que a sabedoria. É que é esta a natureza do Pai da sabedoria: não só prover os seus com as riquezas da sabedoria, mas também fortalecê-los com uma proteção invencível.

Quão perigosa seja a infâmia da língua e quão arriscado o costume da maledicência, não só já frequentes vezes o disse o Sábio, como também não sem

Quid autem de superborum immanitate dicendum? Cum enim homines, a Diuinis placitis abhorrentes, sibi ingenium et acumen arrogant, et summam sapientiae opinionem sibi temere atque nimis confidenter adsciscunt, omnes homines religione constrictos derident: nempe, quos stultissimos arbitrentur, eo quod religione impediuntur quominus opes per iniuriam sibi comparent. Nec enim Deum res humanas curare putant itaque illudunt simplicitatem, illudunt innocentiam, illudunt iustitiam, religionem iocis petulantissimis insequuntur et, in sanctitatis contemptione, egregiam laudem urbanitatis quaerunt. Sublato igitur Dei metu, quod tandem facinus erit quod homo superbus, si uires collegerit, non suscipiat?

[25.] *Desideria occidunt pigrum: noluerunt enim quidquam manus eius operari.* [26.] *Tota die concupiscit et desiderat; qui autem iustus est tribuet, et non cessabit.* [27.] *Hostiae impiorum abominabiles, quia offeruntur ex scelere.* [28.] *Testis mendax peribit; uir oboediens loquetur uictoriam.* [29.] *Vir impius procaciter obfirmat uultum suum; qui autem rectus est corrigit uiam suam.* [30.] *Non [848] est sapientia, non est prudentia, non est consilium contra Dominum.* [31.] *Equus paratur ad diem belli; Dominus autem salutem tribuit.*

Mirum est quam saepe Sapiens pigritiam exagitet. Ea namque bonam etiam naturam, quasi quaedam rubigo, paulatim exedit; ea, instar taciti ueneni, uirtutis indolem conficit atque cosumit; ea debilitat atque frangit industriam; ea postremo pauperiem extremam atque iniustitiam ex se procreat. Qui enim, propter summam ignauiam, summa inopia circumuentus est, furari atque latrocinari compellitur. Vt autem in pigritia non aliud esset mali quam desiderium perpetuum sine ullo fructu, id tantum est ut sit summa contentione fugiendum. Torquet enim desiderium et acerbissimo cruciatu animum discruciat, cum non conceditur potiri eo quod homo uehementissime concupiscit. Et tamen, cum desiderium animum assidue uerset et inopia miserabiliter angat, sic sunt quidam fracti et debilitati desidia ut nullum laborem suscipere uelint. Contra uero, iustus, quod cupit, assequitur, quia laborem minime fugit. Hoc in loco, cum iustum pigro opponit, ostendit pigrum esse iniustum. Manus enim afferet alieno cum poterit, qui nihil proprium in uita possederit. Et praeterea, qui laborem recusat iniustus est, quia imperium legitimum detrectat. Lege enim Diuina ad laborem omnes excitamur.

motivo cumpre repeti-lo mais frequentemente. É que desperta o ódio, provoca sedições e ateia os perigos da mais terrível das pestes, de tal maneira que nada pode existir de mais funesto. Por conseguinte, a pessoa que guarda a sua boca, retira a sua alma de inumeráveis angústias.

Por outro lado, que cumpre dizer-se acerca da desumanidade dos soberbos? É que, quando os homens, que são hostis aos mandados de Deus, se atribuem a si mesmos inteligência e penetração intelectual, e desatinadamente e com sobeja confiança se arrogam o prestígio da mais elevada sabedoria, zombam de todos os homens ligados pela religião: a saber, consideram-nos rematadamente loucos porque a religião os impede de obterem riquezas mediante a injustiça. De facto, pensam que Deus não se preocupa com as coisas humanas e por isso zombam da singeleza, zombam da inocência, zombam da justiça, troçam da religião com os mais insolentes gracejos e, através do desprezo da santidade, procuram alcançar o prestígio de homens de refinada graça. Por conseguinte, uma vez suprimido o temor de Deus, que crime enfim existirá a que o homem soberbo não se abalance, caso ajunte forças?

25. Os desejos matam o preguiçoso, porque as suas mãos não quiseram fazer nada. 26. Ele passa todo o dia a cobiçar e a desejar, mas o que é justo, dará, e não cessará. 27. As vítimas dos ímpios são abomináveis, porque o que oferecem é dos seus crimes. 28. A testemunha mentirosa perecerá, o homem obediente contará a vitória. 29. O homem ímpio mostra no seu rosto uma segurança desavergonhada, mas o que é reto emenda o seu caminho. 30. Não [848] há sabedoria, não há prudência, não há conselho contra o Senhor. 31. O cavalo prepara-se para o dia da batalha, mas o Senhor é o que dá a vitória.

É admirável o quão amiúde o Sábio ataca a preguiça. É que ela, como uma espécie de ferrugem, rói aos poucos até a boa natureza; ela, à semelhança de um oculto veneno, corrói e consome a índole da virtude; ela enfraquece e quebranta a atividade; ela, por derradeiro, dá de si a pobreza extrema e a injustiça. De facto, quem, por causa da mais completa indolência, se vê assoberbado pela mais completa pobreza, é impellido a furtar e a roubar. Por outro lado, ainda que na preguiça não existisse outra coisa de ruim senão um desejo perpétuo sem qualquer fruto, isso é bastante para que dela se deva fugir com o máximo esforço. É que o desejo tortura e atormenta o espírito com pungentíssima dor, quando não se lhe concede obter aquilo que o homem com profundíssima ânsia deseja. E todavia, ainda que o desejo incessantemente se revolve no espírito e a pobreza mofinamente atormente, certas pessoas de tal maneira são quebrantadas e enfraquecidas pela indolência que não querem empreender trabalho algum. Pelo contrário, o justo, consegue aquilo que deseja porque não foge do trabalho. Nesta passagem, ao opor o justo ao preguiçoso, mostra que o preguiçoso é injusto. É que deitará a mão ao alheio, quando puder, quem na vida nada possuir de

“Iustus”, inquit, “tribuet, neque cessabit.” Iustum adeo diuitem esse dicit ut non solum sibi, sed aliis etiam opes suppeditet, quibus subleuentur. “Neque cessabit”: hoc est, liberalissime sua bona communicat. Nemini inuidet, bona sua minime compressa tenet, cum omnes facere cupiat bonorum suorum participes. Hic certe liquet Salomonem non tam de bonis terrestribus orationem habere quam de caelestibus, quibus omnes iusti circumfluunt.

“Hostias impiorum” inquit “esse Deo uehementer exsecrandas”, maxime uero cum de rapinis offeruntur. Impius enim qui impietatem minime deserit et Deo tamen uictimas immolat, malam certe opinionem de mente Diuina recipit, cum existimat iudicem illum sanctissimum posse muneribus improbis placari et a recto iudicio detorqueri. Itaque scelus insitum alio scelere non minore ualde impudenter auget et cumulat.

“Testis mendax peribit”, non solum quia meritas poenas sanctissimo Dei iudicio persoluet, uerum quia mendacii conuictus obmutescet. Nemo enim illi credit qui semel periurio homines fraudare conatus fuerit et iurisiurandi religionem neglexerit. Contra uero, “oboediens”, ut interpret uertit, qui aures ueritati praebuerit, qui nihil, nisi quod auribus et adspectu perceperit, pro testimonio dixerit, fidenter incedet auctoritateque sua fretus “uictoriam loquetur”, ut interpret inquit, hoc est, ut Hebraeus ait, “perpetuo loquetur”: nempe, in omni loco sententiam dicere minime formidabit. Quod est de improbitate uictoriam reportare et in omni negotio superiorem euadere, semper enim ueritas eminet, Diuino praesidio munita.

Quanto malorum omnium comitatu circumsaepa [849] sit impietas est explicatu difficillimum. Vnum tamen est quod omnem spem sanitatis incidit: nempe, animus in errore nimis obstinatus et monitoribus, qui eum sanare cupiunt, acriter infestus. Vt enim aegrotus qui, in morbo nimis periculoso, medicinam omnem respuit, e morbo emergere nequit, ita, qui in errore suscepto adeo contumaciter adhaerescit ut dignitatem suam imminui opinetur si pedem a pestilenti uia reuocauerit, nullo modo poterit ulla firma spe salutis inniti. Contra uero, uir aequitatis appetens numquam ualde a uia ueritatis aberrabit, quia, uel per se uel aliorum monitis inductus, recta progredietur et ita fiet ut uitae cursum felicitate summa conficiat. Summa temeritas et amentia, detestabilis furor et insania in falsa opinione prudentiae consistit. Qui enim aliquid ignorat, illius tamen rei, quam ignorat, artem et scientiam minime profitetur, minime se proiciet, assensionem sustinebit, peritos consulat, leuiter et sensim gradietur, ad ductum se et imperium intelligentis applicabit et ita nusquam offendet neque corruet. At, qui sibi scientiam rei sibi prorsus ignotae insolenter assumit, impetu furibundo concitatus, omnia, quae susceperit, funditus euertet seque tandem praecipitem in extremam perniciem dabit.

próprio. E, além disso, quem recusa o trabalho é injusto porque rejeita o legítimo poder. De facto, por lei divina todos somos incitados ao trabalho.

Diz: “o que é justo dará, e não cessará”. Escreve que o justo a tal ponto é rico que proporcionará riquezas abundantes não apenas a si mesmo, mas também aos outros, para com elas serem ajudados. “E não cessará:” isto é, partilha com a máxima liberalidade os seus bens. A ninguém inveja, não mantém escondidos os seus bens, porquanto a todos quer fazer quinhoeiros dos seus bens. Aqui certamente é manifesto que Salomão está a falar não tanto acerca de bens terrenos, mas antes dos celestiais, de que abundam todos os justos.

Diz que “as vítimas sacrificiais dos ímpios são vivamente abomináveis aos olhos de Deus”, e sobretudo quando as que se oferecem provêm de roubos. É que o ímpio que não abandona a impiedade e mesmo assim imola vítimas sacrificiais a Deus, com certeza que alberga uma opinião errada acerca do entendimento de Deus, uma vez que considera que aquele Juiz santíssimo pode ser aplacado com dádivas desonestas e ser desviado de um juízo reto. E por isso, assaz impudentemente, ao crime inato acrescenta-o e aumenta-o com outro não menor.

“A testemunha falsa perecerá”, não só porque por santíssimo juízo de Deus pagará as merecidas penas, mas também porque, condenado por mentira, calar-se-á. É que ninguém dará crédito àquele que uma vez tentar enganar os homens através de perjúrio e desprezar a santidade do juramento. Ao invés, porém, o “obediente” – consoante verte o tradutor latino –, que der ouvidos à verdade, que nada testificar, a não ser o que observar com os ouvidos e a vista, avançará confiadamente e, apoiado na sua autoridade, “conterá a vitória”, conforme a tradução latina, isto é, consoante diz o texto hebraico, “falará para sempre”: ou seja, não temerá emitir em qualquer lugar a sua opinião. Que é o mesmo que alcançar vitória sobre a desonestidade e sair em posição de vantagem em todas as situações, pois a verdade sempre sobressai, defendida pela proteção divina.

É muito difícil dar a conhecer o grande cortejo de toda a espécie de males de que a impiedade se encontra rodeada. [849] Todavia, há um deles que cerceia toda a esperança de saúde: a saber, uma alma excessivamente obstinada no erro e violentamente hostil aos conselheiros que desejam sará-la. É que, da mesma forma que o doente que numa enfermidade assaz perigosa recusa todo o remédio, não pode sair da doença, assim quem de tal sorte com contumácia se liga ao erro em que caiu que crê que o seu prestígio diminui se se retirar do caminho da perdição, de modo algum poderá apoiar-se em alguma firme esperança de salvação. Ao invés, porém, o varão que vivamente deseja a equidade, nunca se desviará muito do caminho da verdade porque ou por si mesmo ou induzido pelos conselhos dos outros, avançará em linha reta e assim sucederá que completará com a máxima ventura a carreira da vida. O desatino e loucura mais rematados, o detestável desvario e vesânia assentam na falsa opinião de prudência. De facto, quem ignora alguma coisa, mas não alardeia da ciência e conhecimento da coisa que ignora, não se arriscará, susterá o assentimento, consultará os entendidos,

Cum uero in hac summa dementia multa odiosa et nimis execranda sint, tum nihil est dementius quam ingenium exacui ad Diuina consilia labefactanda. Quae te amentia uexat, homo perditissime? Num cogitas te posse mentem Diuinam fraudibus tuis eludere? An potentiam uiribus tuis infringere? Si ingenium tuum intelligentiae Diuinae mentis anteponis, es amentissimus; si uires immensas uirtutis Diuinae contemnis, es omnium perditorum hominum scelestissimus. Quare, uersa in omnes partes ingenium; omnes uias, quibus eo quo intendis aliquando peruenias, excogita; insidias strue; fraudes omnes machinare, ut tandem, experiundo, sentias quam inanes et irriti sint eorum conatus qui se consiliis Diuinis opponunt. Nec enim solum numquam, quod animo meditaris, efficies, uerum etiam, recusans et inuitus, eris Diuinae uoluntatis instrumentum. Sic enim mala etiam in ordinem reducit ut omnia sibi seruire compellat.

Quid de uiribus dicendum est quibus homines inaniter efferuntur? Quid iuuat delectus maximos habere, ingentes exercitus comparare, equitatum innummerabilem armis instruere, si Diuini numinis auxilium non adfuerit? Nec enim in exercitus magnitudine, sed in caelestis numinis ope, uictoria et salus uniuersa consistit.

CAP. XXII

[1] *Melius est nomen bonum quam diuitiae multae; super argentum et aurum gratia bona.* [2.] *Diues et pauper obuiauerunt sibi: utriusque autem operator est Dominus.* [3.] *Callidus uidet malum, et abscondit se; innocens pertransiit, et afflictus [850] est damno.* [4.] *Finis modestiae timor Domini, diuitiae, et gloria, et uita.* [5.] *Arma et gladii in uia peruersi; custos autem animae suae longe recedit ab eis.* [6.] *Prouerbum est: Adolescens iuxta uiam suam; etiam cum senuerit, non recedet ab ea.*

Nomen bonum a splendore uerae uirtutis exoritur et est etiam uirtutis efficiens, nec enim solum in se decus admirandum continet, sed etiam multos mortales, exemplo suo, in uirtutis studium incitat. Praeterea, amore uerissimae pulchritudinis

avançará aos poucos e suavemente, entregar-se-á à direção e mando de quem entende e assim em nenhuma ocasião ofenderá nem cairá. Pelo contrário, quem de modo insolente se arroga o conhecimento daquilo que totalmente desconhece, impelido por um ímpeto delirante, arruinará por completo tudo que empreender e acabará por precipitar-se na última perdição.

E, sendo certo, por um lado, que nesta rematada sandice existem muitas coisas odiosas e que merecem ser assaz abominadas, por outro, nada existe de mais desatinado do que aguçar a inteligência com a intenção de abater os juízos de Deus. Que vesânia te senhoreia, homem perversíssimo? Acaso cuidas que com os teus embustes consegues enganar o entendimento de Deus? Ou quebrantar o Seu poder com as tuas forças? Se antepões a tua inteligência ao entendimento de Deus, és completamente louco, se menosprezas as forças imensas da virtude divina, és o mais criminoso de todos os homens perversos. Por isso, revolve em todas as direções a tua inteligência; pensa em todos os caminhos pelos quais podes chegar algum dia àquela meta para onde te diriges; apronta armadilhas; maquina toda a espécie de enganos; por forma a que, através da experiência, acabes por sentir o quão vãs e inúteis são as tentativas daqueles que se opõem às deliberações e conselhos de Deus. Na verdade, não só não levarás a cabo nunca aquilo que em teu espírito maquinares, como também, mesmo contrariado e constrangido, será instrumento da vontade de Deus. É que Ele de tal maneira dispõe de forma ordenada até os males que obriga todas as coisas a estarem ao seu serviço.

Que cumpre dizer-se acerca das forças com que debalde os homens se ensoberbecem? De que serve recrutar os melhores soldados, preparar exércitos imensos, armar inúmeras tropas de cavalaria, se não estiver presente a ajuda do poder de Deus? É que toda a vitória e salvação assentam, não na grandeza dos exércitos, mas no auxílio do poder celestial.

CAPÍTULO XXII

1. *Mais vale o bom nome do que muitas riquezas; a amizade é mais estimável do que a prata e o ouro.* 2. *O rico e o pobre se encontraram; de um e de outro é Criador o Senhor.* 3. *O homem sagaz viu o mal e furtou-se a ele; [850] o imprudente passou adiante e recebeu o dano.* 4. *O fim da modéstia é o temor do Senhor, as riquezas e a glória e a vida.* 5. *As armas e as espadas acham-se no caminho do perverso; aquele porém que guarda a sua alma, retira-se longe delas.* 6. *É provérbio. 'O homem, segundo o caminho que tomou sendo mancebo, dele se não apartará, ainda quando for velho.'*

O bom nome nasce do brilho da verdadeira virtude e é também causador de virtude, porquanto não só encerra em si uma admirável honra, mas também,

homines incendit et gratiam sibi diuinam, imitatione claritatis diuinae, conciliat. Non sunt opes ullae, nulli uel argenti uel auri immanes acerui cum uerae gloriae dignitate et amplitudine comparandi. Cum enim sit non humanis tantum, sed multo etiam magis opibus diuinis stabilita, statum suum facillime tuetur et de hostibus suis mirifice triumphat atque postremo decoris immortalitatem consequitur. Neque diuitiae ullum dignitatis pondus apud Deum habere possunt, neque paupertas ab omnium rerum effectore contemnitur, cum idem Dominus diuitem et egentem condiderit, ut uterque uirtutis instrumentum, si uellet officio fungi, paratum semper haberet. Diues nempe, ut insigni beneficentia, pauper autem, inuicta patientia, opes stabiles possideret. Non igitur apud Deum refert quantas quilibet opes habeat, sed quantis uerissimi decoris ornamentis atque praesidiis instructus sit.

Omnia tamen uirtutum decora, prudentiae et calliditatis praesidio continentur. Qui enim callidus est in futurum longe prospicit, insidias uitat, pericula propulsat atque diligentissime cauet ne partae dignitatis opes de manibus elabantur. At innocens, ut interpret reddidit, hoc est, qui minime cautus est, nullum casum extimescit, ab incepto minime desistit, sed nimis confidenter incedit, et adeo temere per loca periculosa et infesta progreditur ut tandem corruat. Itaque non satis est bonum nomen adipisci, nisi eundem statum singulari cautione et calliditate munias. Cum autem multae cautiones excogitari possint ad opes partas singulari praesidio muniendas, nulla tamen est ab omni casu atque ruina securior moderatione et humilitate. Humilitas enim confidentiam aspernatur, fidem amplexatur, nullas sibi uires assumit, sed omnia uitae praesidia in Deo constituit, et ita fit ut ab ipso Deo nullo umquam tempore deseratur. Est enim humilitas cum Dei timore indissolubili foedere sociata; timor autem Domini est, ut saepe iam dictum est, uerissimae sapientiae fundamentum. Qui igitur ad hunc modum humilis est, sapiens est. Sapientia porro omnes opes stabiles atque sempiternas consequitur. Humilis igitur nullo modo concidet, sed diuitias immortales, sed diuini decoris amplitudinem, sed uitam sempiternam, absque ulla mali formidine, comparabit.

At homines amentes, qui sibi sapientes uidentur, hac neglecta uia, in aliam se dant, qua pro salute, quam appetunt, in pestem et perniciem deferuntur. Praesidia namque uitae in malitia collocant et, cum maxime [851] fuerint in alios taeterrimi, tum uel maxime fortunas suas fundatissimas arbitrantur, et ex hominum calamitate opes sibi atque dignitatis excellentiam parare nituntur. Itaque sudas opponunt, quae aculeis homines, absque ullo merito, pungant, laqueos tendunt, quibus multos mortales impediunt ut, illis abiectis, ipsi passim uolitent et innocentiam perditis conatibus intercludant. At, qui uitam caram habent, et minime, quae sit uia salutis, ignorant, horum consilia detestantur et a uia iniquitatis longissime recedunt.

através do seu exemplo, incita muitos mortais ao amor da virtude. Além disso, abrasa os homens no amor da verdadeira beleza e, através da imitação do brilho divino, granjeia para si a graça divina. Nenhuma riqueza, nenhuma imensa quantidade de ouro ou prata podem comparar-se com a dignidade e grandeza da verdadeira glória. De facto, uma vez que ela se consolida, não só com as riquezas humanas, mas muito mais com as divinas, mui facilmente salvaguarda a sua condição e triunfa espantosamente dos seus inimigos e, por derradeiro, alcança a imortalidade da honra. Tão-pouco podem as riquezas ter algum peso de dignidade aos olhos de Deus, nem o Autor de todas as coisas menospreza a pobreza, uma vez que o mesmo Senhor criou o pobre e o rico, a fim de que ambos tivessem sempre pronto um instrumento de virtude, se quisessem cumprir o seu dever. A saber: a fim de que possuíssem riquezas estáveis, o rico, através de uma singular beneficência, ao passo que o pobre, mediante uma invencível paciência. Por conseguinte, diante de Deus não é importante o grande número de riquezas que quem quer que seja possui, mas com quão grandes atavios e recursos da mais verdadeira honra se encontra aparelhado.

Todavia, todos os primores da virtude cifram-se na proteção da prudência e da sagacidade. É que, quem é sagaz enxerga muito ao longe, evita as ciladas, conjura os perigos e com a máxima diligência se acautela para que as riquezas da dignidade conseguida lhe não escapem de entre as mãos. Ao passo que o “imprudente”, conforme a tradução latina, ou seja, aquele que não é cauteloso, não se arreceia de nenhum acaso ou desgraça, não desiste do que começou, mas com sobeja confiança vai em frente e através de lugares perigosos e hostis avança com tamanha irreflexão que acaba por arruinar-se. E por isso não basta adquirir um bom nome, se com grandes precauções e astúcia não protegermos a mesma posição. Por outro lado, ainda que se possam imaginar muitas precauções para defender com grande proteção as riquezas adquiridas, todavia nenhuma está mais segura de toda a ruína e desgraça do que o comedimento e a humildade. É que, a humildade despreza a confiança, abraça a lealdade, não se atribui quaisquer forças, mas coloca em Deus todas as proteções da existência, e assim acontece que em tempo algum jamais Deus a abandona. De facto, a humildade encontra-se ligada ao temor de Deus mediante um pacto indissolúvel; ora, como já se disse inúmeras vezes, o temor do Senhor é o fundamento da mais verdadeira sabedoria. Por conseguinte, é sábio quem é humilde desta maneira. Ora, a sabedoria obtém todas as riquezas duradouras e eternas. Por consequência, o humilde de modo algum sucumbirá, mas alcançará os tesouros imortais, alcançará a grandeza da honra divina, alcançará a vida eterna sem qualquer receio de mal.

Os desatinados homens, porém, que se julgam sábios, desprezando este caminho, entregam-se a outro, pelo qual, em vez da salvação que vivamente desejam, se precipitam na perdição e ruína. É que colocam na malícia as defesas da vida e pensam que, quando [851] forem muitíssimo prejudiciais aos outros, então estarão a assentar as bases mais seguras para as suas fortunas, e esforçam-se por

Quod igitur remedium adhiberi potest ne homines, pestiferis erroribus excaecati, in sempiternam pestem incurrant? Praeclara, inquit, institutio. Quod enim hominibus a primis annis insitum est, ad extremum plerumque uitae spiritum retinetur. Vt igitur, qui a prima aetate domesticis flagitiorum exemplis et perditis institutis infecti sunt uix sanari possunt, ita qui sunt ab incunabulis ad iustitiam et pietatem eruditi, difficillime a uirtutis et religionis uerissimae uia deducuntur.

[7.] *Diues pauperibus imperat, et qui accipit mutuuum seruus est faenerantis.*
 [8.] *Qui seminat iniquitatem metet mala, et uirga irae suae consummabitur.*
 [9.] *Qui pronus est ad misericordiam benedicetur, de panibus enim suis dedit pauperi.* [10.] *Eiice derisorem, et exhibit cum eo iurgium, cessabuntque caussae et contumeliae.*

Qui libertatem retinere cupit, sumptibus parcat¹¹⁰, tenui uictu contentus sit, noxias uoluptates aspernetur, ne, trucidatus faenore, cogatur subire importunum diuitis atque faeneratoris dominatum. Qui enim in aere alieno est uultum creditoris extimescit et, ne illi in seruitutem addicatur, noctes et dies nimis anxie reformidat. Iniuria tamen, qua pauperes a diuitibus afficiuntur, non erit impunita. Nam diuitiae, iniquitate et iniuria partae, dilabuntur, et praeterea iudicium diuinum grauissimas poenas expetet ab iniquis qui pauperes per summum scelus spoliant. Hoc est autem, quod significat, cum ait eum qui seminat iniuriam, mala metere. Opes enim iniquorum ad nihilum recidunt et casibus grauissimis euertuntur, ita ut eorum posterum in summa mendicitate uersentur.

Praeterea, 'uirga irae suae conficiuntur'. Quid autem est 'Virga irae suae'? Virga est iudicium, significat enim insigne regum ad iniquorum eusionem et bonorum dignitatem publice constitutum. Vtrumque autem est iure debitum, supplicium enim debetur improbis, praemium uero bonis. Virga igitur irae seuerum iudicium designat quod improbi, iure atque merito, suum appellare possunt. Haec senim est illorum merces, hoc sceleris insiti patrimonium, haec hereditas impiis eorum sedulitate parta et amplificata, ita ut, qui misericordiae opes aspernati sunt, irae sempiternae, ut Paulus ait¹¹¹, thesauros possideant. Haec igitur ira, [852] quam sibi parauerunt iniqui, illos funditus perdet. Contra uero, qui non solum non appetunt alienum, uerum de suo egentibus largiuntur et semper sunt ad benigne faciendum propensi, stabile patrimonium obtinebunt et in laude perpetua uigebunt. Haec tamen sententia nimis stulta et antiqua ducitur a multis qui acuminis atque prudentiae laudem in malitia ponunt, qui dolis atque fraudibus efferuntur, qui bonitatem ludibrio habent et iustitiam petulantissime derident. Horum conuictum

¹¹⁰ parcat *Antuérpia*] pareat *Roma*.

¹¹¹ Vd. Vulgata, *Rom.* 2, 5.

obter para si as riquezas e a superioridade da dignidade mediante a desgraça dos homens. E por isso colocam por diante espinhos, para com os seus acúleos picarem homens sem qualquer culpa, estendem laços, para com eles embaraçarem muitos mortais, por forma a que, depois de a estes abaterem, eles mesmos poderem esvoaçar em todas as direções e empecer à inocência com seus perversos empenhos. Mas os que prezam a vida e não ignoram qual é o caminho da salvação, abominam os conselhos daqueles e apartam-se para muitíssimo longe do caminho da iniquidade.

Por conseguinte, que conselho pode dar-se para evitar que os homens, cegos pelos erros pestilenciais, se precipitem na perdição eterna? Responde o Sábio: “uma boa educação”. É que aquilo que se inculca nos homens desde os primeiros anos, normalmente retém-se até ao último sopro de vida. Por consequência, assim como os que desde a mais tenra idade foram corrompidos pelos exemplos domésticos de infâmias e por perversos ensinamentos dificilmente se podem curar, da mesma maneira os que desde o berço foram instruídos na justiça e na piedade mui dificilmente se desviam do caminho da virtude e religião mais verdadeiras.

7. O rico manda aos pobres; e o que toma emprestado, servo é do que lhe empresta. 8. Aquele que semeia a iniquidade, segará males e será ferido pela vara da sua ira. 9. Aquele que é propenso a fazer misericórdia será abençoado, porque deu dos seus pães ao pobre. 10. Lança fora ao mofador e com ele se irá a disputa e cessarão as querelas e as contumélias.

Quem deseja reter a liberdade, poupe os gastos, contente-se com um modesto passado, despreze as deleitações nocivas, para, arruinado pela usura, não ser obrigado a suportar o mando do rico e do onzeneiro. É que quem pede dinheiro emprestado tem medo do semblante do credor e passa dias e noites angustiado, vivamente receoso de ser reduzido à escravidão. Todavia não ficará impune a injustiça com que os ricos oprimem os pobres. De facto, as riquezas adquiridas através da iniquidade desvanecem-se e, além disso, o juízo de Deus exigirá as mais pesadas penas para os injustos que pelo maior dos crimes esbulham os pobres. Ora, isto é o que pretende significar quando diz que “aquele que semeia iniquidades, sega males”. É que as riquezas dos injustos acabam em coisa nenhuma e são destruídas por desastres gravíssimos, de tal maneira que os seus descendentes vivem na mais completa indigência.

Além disso, “são feridos pela vara da sua ira”. Ora, que é “a vara da sua ira”? Vara é o juízo, pois significa a insígnia régia publicamente estabelecida para destruição dos injustos e honra dos bons. Ora, ambas as coisas se devem por direito, pois o suplício é devido aos desonestos e o prémio aos bons. Por conseguinte, a vara da ira designa o juízo rigoroso que os desonestos, com direito e razão, podem chamar seu. É que esta é a sua recompensa, este o património do crime conatural, esta a herança obtida e acrescentada pelos ímpios através do seu des-

atque commercium fugiendum esse docet Sapiens. Nam superbia hominum contemptionem procreat; maledicentia, huic morbo finitima, offensionem concitat; auaritia bonis alienis oculos semper adiicit, et ita fieri non potest ut qui cum derisoribus uiuit ullum pacis fructum possideat.

[11.] *Qui diligit cordis munditiam, propter gratiam labiorum eius habet amicum regem.* [12.] *Oculi Domini custodiunt scientiam, et supplantantur uerba iniqui.* [13.] *Dicit piger: Leo est foris, in medio platearum occidendus sum.* [14.] *Fouea profunda os alienae; cui iratus est Dominus, incidet in eam.* [15.] *Stultitia colligata est in corde ueri, et uirga disciplinae fugabit eam.*

Cordis puritatem, orationis puritas et sententia grata consequitur. Cum enim oratio ex intima mente profluat, consequens est ut, qualis mens ipsa fuerit, talis oratio ex illius penetralibus depromatur. Ita necessario fit ut purus et ornatus animus puram et uerissimis ornamentis illustratam orationem foras emittat; contra uero, animus impurus et flagitio contaminatus oratione sua insitae turpitudinis significationem det et, quamuis id oculere uelit, inclusas tandem sordes ostendet. Vnde sequitur neminem posse eloquentiae laude praecellere nisi purus et integer sit, et studio iustitiae atque pietatis incensus. Is igitur uera eloquentia, quae iustitiae comes est, regis animum sibi deuinciet. Regis, inquam, non tyranni, amorem sibi conciliabit. Tyrannus enim non ueritati, sed adulationi, aures suas praebet, et facillime fallacias fucatae orationis uerissimis sententiis anteponit. Cum autem in ueri regis animum oratio hominis probi atque prudentis influat, tum uel maxime sempiterno Regi, quem nihil praeter puritatem atque iustitiam delectat, erit gratissima, quam tanta uoluntate comprobabit ut sanctissimo amicitiae foedere secum huiusmodi oratorem consociet.

Quomodo autem id fiat, continuo Sapiens ostendit, cum ait oculos Domini obseruare scientiam et uerba eorum qui iura conuellunt euertere. Hoc est autem: orationem eorum qui sapienter et uere loquuntur libenter audire, iniquorum autem orationem comprimere et [853] eos qui fallacissima dicendi ratione nituntur de omni statu deturbare. Vt autem hominis pii oratio sit summo Regi gratissima, facit spiritus ille quo ad dicendum impelluntur diuinisque uiribus incitantur. Ab hac autem diuina gratia homines duplici caussa deseruntur. Vna est iniquitas; altera, neglegentia. Iniquitas bellum inexpiabile cum diuina probitate perpetuo gerit; neglegentia minime ad opes diuinas comparandas enititur. Deus autem, et improbis infensus est et pigros et desides minime fauore suo complectitur. Laboribus enim honestis praemium proponit, otium uero et ignauiam detestatur. Iccirco Salomon utrumque malum insectatur et, cum iniquitatem maledictis insequitur, tum piger et ignauis maculam detestandae turpitudinis inurit.

velo, por forma a que, os que desprezaram as riquezas da misericórdia, possuam, consoante diz S. Paulo, “os tesouros da ira eterna”. [Rm 2. 5.] Por conseguinte, esta ira [852] que os injustos obtiveram para si, há de perdê-los por completo. Ao invés, porém, os que não só não desejam o alheio, mas liberalmente dão do seu aos necessitados e estão sempre dispostos a fazer o bem, obterão um património duradouro e serão sempre louvados. Todavia esta opinião é considerada assaz insensata e ultrapassada por muitos que fazem consistir na malícia os motivos de louvor da agudeza intelectual e da sensatez, que se ensoberbecem com embustes e enganosa, que zombam da bondade e com a maior das impudências votam à irrisão a justiça. O Sábio ensina que cumpre fugir do trato e convivência com estes homens. Na verdade, a soberba dá origem ao desprezo dos homens; a maledicência, que está paredes meias com esta enfermidade, desperta a aversão; a avareza lança sempre os olhos para os bens alheios, e assim não pode acontecer que, quem vive com os mofadores, possua algum fruto de paz.

11. *Aquele que ama a candura do coração terá por amigo ao rei, por causa da sincera graça dos seus lábios.* 12. *Os olhos do Senhor guardam a ciência, mas as palavras do iníquo são postas por terra.* 13. *O preguiçoso diz. ‘O leão está lá fora, serei morto no meio das ruas.’* 14. *A boca da mulher albeia é uma cova profunda; aquele contra quem o Senhor está irado cairá nela.* 15. *A loucura está atada ao coração do menino e a vara da disciplina a afugentará.*

A pureza de coração vai de par com a linguagem pura e uma fala agradável. É que, uma vez que a linguagem que se extrai dos recessos do mesmo. E assim torna-se forçoso que o espírito puro e ornamentado apresente uma linguagem pura e ornamentada com os mais verdadeiros atavios, ao passo que, pelo contrário, o espírito impuro e manchado pela infâmia dê a conhecer através da sua linguagem a íntima torpeza e, embora, o queira ocultar, acabe por mostrar a sujidade que guarda dentro de si. Daqui se segue que ninguém pode avantajá-lo em eloquência, a menos que seja puro e íntegro e abrasado no amor da justiça e da piedade. Por conseguinte, este prenderá a si o espírito do rei através da verdadeira eloquência, que é companheira da justiça. Atrairá para si o amor do rei: do rei, insisto, e não do tirano. É que o tirano dá ouvidos, não à verdade, mas à adulação, e mui facilmente antepõe os enganosa da linguagem fingida às sentenças mais verdadeiras. Por outro lado, ainda que, por um lado, as palavras do homem honesto e sensato tenham influência sobre o espírito do verdadeiro rei, por outro serão sobretudo muitíssimo gratas ao Rei eterno, a quem nada deleita mais do que a pureza e a justiça, e há de aprová-las com tão grande boa vontade que ligará a Si, mediante o vínculo da mais santa amizade, o orador desta espécie.

Ora, como é que isto se leva a efeito, mostra-o logo a seguir o Sábio, quando diz que “os olhos do Senhor velam pela ciência e destroem as palavras daque-

Est autem timiditas pigritiae comes. Vt enim animus altus et excelsus nihil timet et, cum sibi praemia ingentia proponat, omnia facillima putat, et ita fit ut omnes sibi labores excipiendos arbitretur: ita demissus et abiectus animus, cum nihil amplum cogitet et nulla spe summae dignitatis erigatur, desperatione summa fractus, languescit et impeditur quo minus aliquid uiro dignum moliatur. Semper enim non solum metuendas res, sed etiam minime metuendas extimescit. Leo, inquit, foris est; si limine pedem extulero, occurret malum aliquod non minus quam leonis immanitas pertimescendum. Otium uero libido consequitur; libido autem in meretricem prolapsa est horrenda uorago in quam multi mortales ita deiiciuntur ut inde expediri non possint. Illi igitur quibus Deus iratus est in eam detrusi spem salutis abiiciunt et ita se totos flagitio et impuritate conficiendos permittunt. 'Os alienae' appellat Salomon meretricis blanditias atque lenocinia, quibus homines perditos atque profligatos irretit.

Remedium uero ne homines in tam diram pestem praecipites eiiciantur est recta disciplina. Si enim disciplinam remoueris, in nullam spem exitus felicitis induci ullo modo poteris. Nam uoluptatis libido est in natura insita omniaque sunt in nobis ad uoluptatem temere propensa, quae mentem tenebris obruunt et impediunt ne perniciem, in quam deducitur, animaduertat. Disciplina tamen adhibita fit ut rationis lumen emineat et malum impendens clare cernatur et animus, turpitudinis metu deterritus, a peste refugiat.

[16.] *Qui calumniatur pauperem ut augeat diuitias suas, dabit ipse ditiori, et egebit.* [17.] *Inclina aurem tuam, et audi uerba sapientium, appone autem cor ad doctrinam meam;* [18.] *quae pulchra erit tibi cum seruaueris eam in uentre tuo, et redundabit in labiis tuis;* [19.] *ut sit in Domino fiducia tua; unde et ostendi eam tibi hodie.* [20.] *Ecce descripsi eam tibi tripliciter in cogitationibus et scientia;* [21.] *ut ostenderem tibi firmitatem et eloquia ueritatis, respondere ex his illis qui miserunt te.*

les que transgridem as leis”. Ora, isto é: escutar de bom grado a linguagem dos que falam com sabedoria e verdade, mas conter as palavras dos injustos [853] e desalojar de toda a posição aqueles que se apoiam num modo de falar enganador. Ora, para que a linguagem do homem piedoso seja muito agradável ao Rei supremo, é útil aquela inspiração com a qual são impelidos a falar e incitados por forças divinas. Ora, os homens perdem esta divina graça por dois motivos. Um é a injustiça; o outro, a negligência. A injustiça mantém incessantemente uma terrível guerra com a probidade divina; a negligência não envia quaisquer esforços para obter as riquezas divinas. Ora Deus não só é hostil aos desonestos, como também não abraça com o Seu favor os preguiçosos e remissos. De facto, oferece prémios aos esforços honestos, mas abomina a ociosidade e indolência. Por isso Salomão critica ambos os males e da mesma maneira que amaldiçoa a iniquidade, assim assinala com o tise da abominável torpeza os preguiçosos e os indolentes.

Ora, a frouxidão é companheira da preguiça. De facto, assim como um espírito nobre e elevado nada teme e, uma vez que a si mesmo se promete prémios muito grandes, tudo considera muitíssimo fácil, e assim sucede que pensa que lhe cumpre enfrentar todas as dificuldades: da mesma maneira o espírito frouxo e sem coragem, uma vez que não pensa em coisas grandiosas e não alenta esperança alguma da mais elevada dignidade, quebrantado por total desesperança, definha e sente-se impedido de empreender coisa alguma digna de um varão. É que está sempre com receio, não apenas de coisas temíveis, mas até das que o não são. Diz: “O leão está lá fora, e se eu puser o pé fora do limiar da casa ocorrerá algum mal não menos de recear do que a ferocidade do leão.” E a sensualidade acompanha a ociosidade; ora, a sensualidade, que se introduziu na prostituta, é uma medonha voragem na qual muitos mortais de tal maneira se precipitam que de lá não conseguem sair. Aqueles, por conseguinte, contra os quais Deus se irou, e que nela se abismaram, renunciam à esperança de salvação e deste modo deixam-se destruir totalmente pela infâmia e pela impureza. Salomão chama “boca da mulher alheia” às carícias e amavios da meretriz, com os quais prende nas suas redes os homens perversos e depravados.

E o remédio para que os homens não se precipitem numa tão terrível perdição é a correta educação. É que se retirarmos a educação, de modo algum poderemos ser levados a alguma esperança de bom êxito, porquanto o apetite de prazeres encontra-se implantado na nossa natureza e em nós tudo é desatinadamente propenso ao prazer, que cobre de trevas o entendimento e o impede de aperceber-se da perdição para a qual é conduzido. Todavia, depois de dar-se acolhida ao ensino, sucede que a luz da razão domina e se enxerga com toda a nitidez o mal iminente e o espírito, assustado com o medo da torpeza, se afasta da perdição.

16. *Aquele que calunia ao pobre para acrescentar as suas riquezas, ele mesmo dará a outro mais rico e virá a ser necessitado.* 17. *Inclina o teu ouvido e ouve as*

[854] Ius diuinum flagitat ut, quemadmodum qui humanum sanguinem nefarie fundunt, sanguine suo poenam homicidii luant, ita decretum diuinum est ut qui bona aliena diripiunt aliorum etiam tyrannide spolientur. Quemadmodum est apud Isaiam: “Vae qui praedaris! Nonne et praedaberis?”¹¹² Auaritia igitur detestanda est, non solum quia calumniatores et improbos homines in miseriam sempiternam praecipites agit, sed etiam quia ii qui pauperes uexauerunt in hac uita egestate et mendicitate saepenumero cruciantur. Nihil est igitur ad opes stabiliendas aequitate et recta disciplina salutaris. Diuitiae namque uariis casibus euertuntur, at iustitiae praesidia et praeclarae eruditionis opes nullis umquam saeculis interibunt. Reliquum igitur est ut omnes uitae cogitationes et actiones ad studia sapientiae conferamus, et sapientes assidue consulamus eorumque paecepta et consilia uitae legem existimemus, et sic ea complectamur animis ut numquam a memoria nostra discedere patiamur. “In uentre” enim, hoc est, in intima mente, “recondita erunt”, eximia iucunditate et hilaritate conspersa et, cum ea ex erudito corde deprompseris, eloquentiae admirationem commouebunt. Eloquentiae namque fons est uerissimae sapientiae disciplina. Ille namque solus recte et sapienter eloqui potest qui est aequitatis et sapientiae diuinis artibus instructissimus.

Sed, quae tandem est sapientiae summa? Benignitatis diuinae fiducia. Qui enim non hominum gratia, non pecuniae magnitudine, non artificio et calliditate, sed diuina tantum clementia nititur atque confidit, omnemque spem uitae, salutis, dignitatis, immortalitatis habet in Dei patrocínio collocatam, praeclare uitam geret statumque beatum atque plane diuinum consequetur, res enim illius erunt, non hominum industria, sed ope diuina atque moderatione constitutae. Hoc in loco rursus Sapiens decreta sua commendat et quam salutaria sint acerrimo studio demonstrat, ne audeant homines socordia et ignauia, cum ingrati animi scelere, tantas atque tam praeclaras opes effundere. Quid est enim aequitate, quae animi statum exornat mentisque decus et imperium tuetur, excellentius? Quid ueritate, quae fraudes omnes et insidias aperit errorumque tenebras longissime propellit, expetibilis? Si enim miserrimus est qui, specie boni fallacis, in eum errorem incidit ut uerissimis malis obruatur, quo modo non erit ille beatissimus qui, luce ueritatis illustratus, mendacium odio persequitur studioque uerissimae felicitatis inflammatus, ad easque tandem, ductu Spiritus Diuini, perducitur?

¹¹² Vd. Vulgata, *Is.* 33, 1.

palavras da sabedoria; e aplica o teu coração à minha doutrina; 18. a qual terás tu por formosa quando a guardares dentro do teu ventre e ela transbordará nos teus lábios; 19. para que ponhas no Senhor a tua confiança, por cuja causa também eu te mostrei hoje. 20. Eis aqui estou eu mesmo que te descrevi em três maneiras, com pensamentos e com ciência, 21. para te mostrar a firmeza e as expressões da verdade, a fim de responderes com estas coisas àqueles que te enviaram.

[854] O direito divino exige que, da mesma maneira que os que derramam sacrilegamente sangue humano, paguem com o seu sangue a pena do homicídio, assim foi determinação divina que os que se apossam dos bens alheios também sejam esbulhados pela tirania de outros. Tal como se lê em Isaías: “Ai de ti que roubas! Porventura não serás tu também roubado?” [Is 33. 1.] Por conseguinte, a avareza deve ser abominada, não só porque precipita na desgraça eterna os caluniadores e os homens desonestos, mas também porque os que maltrataram os pobres são muitas vezes atormentados nesta vida com a indigência e a mendicância. Portanto, para consolidar as riquezas nada é mais salutar do que a equidade e uma correta educação. É que as riquezas são destruídas por vários acidentes, mas as proteções da justiça e as riquezas de uma elevada ciência não acabarão jamais em tempo algum. Por conseguinte, resta que consagremos todos os pensamentos e ações da vida ao amor da sabedoria e que incessantemente consultemos os sábios e que consideremos os seus preceitos e conselhos como lei da vida e de tal maneira os acolhamos no espírito que nunca os deixemos retirarem-se da nossa memória. É que estes conselhos serão escondidos *no ventre*, isto é, no interior do entendimento, salpicados com extraordinária alegria e contentamento e, quando os extraídes do coração instruído, causarão a admiração da eloquência. Na verdade, a fonte da eloquência é a ciência da mais verdadeira sabedoria. De facto, só pode falar com correção e saber aquele homem que foi instruído nas artes divinas da equidade e da sabedoria.

Mas qual é enfim o cerne da sabedoria? A confiança na bondade divina. É que, quem se apoia e confia, não nas boas graças dos homens, nem na abundância de dinheiro, nem na astúcia e manhas, mas apenas na clemência divina, e tem colocada no patrocínio de Deus toda a esperança de vida, salvação, dignidade e imortalidade, passará excelentemente a existência e alcançará uma condição bem-aventurada e totalmente divina, porquanto os seus interesses dependerão, não do desvelo dos homens, mas da ajuda e governo de Deus. Nesta passagem o Sábio recomenda de novo as suas opiniões e com apaixonado empenho mostra o quão salutares elas são para que os homens não se atrevam a, pela preguiça e a indolência, dissipar, com criminosa ingratidão, tão grandes e tão ilustres riquezas. De facto, que existe de mais excelente que a equidade, que ornamenta a condição do espírito e defende a honra e senhorio do entendimento? Que é mais desejável do que a verdade, que descobre todos os enganos e ardis e afasta para muito longe as trevas dos erros? É que, se é muito desventurado quem, iludido

“Ecce”, inquit, ut noster interpretis uertit, “descripsi eam tibi tripliciter, in cogitatione et scientia”: hoc est, tibi grauissimas sententias scripsi, consiliorum et scientiae plenas. Sententiae sunt illae maxime ratae, quae nos ad Dei cognitionem erudiunt, consilia uero quibus admonemur ut in rebus administrandis impiorum mores et studia detestemur, animosque nostros non perditorum hominum exemplis, sed lege diuina, conformemus, [855] summamque prudentiam in Dei timore sitam esse statuamus; scientia uero est intelligentia qua fraudes inficta specie sanctitatis latentes sagacissime odoramur, ut illis acerrime repugnemus. Ad hunc autem modum, commissum nobis munus et fideliter et uigilanter obire poterimus et fideli responsione illis qui nos miserunt egregie satisfacere.

Qui autem sunt illi qui nos mittunt? Illi in quibus auctoritas inest, qui iurisdictionem administrant, quibus, ut Dei uicariis, obtemperare debemus; iis autem, cum a nobis fuerit ratio eorum, quae gessimus, petita, respondere confidenter et uere poterimus, et in ratione reddenda minime titubanter eloqui, si sapientiae decreta tenuerimus. Quilibet enim de re quam exactissime tenet et de munere, quod singulari fide procurauit, sapienter edisseret. Quid de ratione, quam sumus ipsi summo Domino reddituri, slatuendum est? Illi etiam, quantum per naturae imbecillitatem liquerit, si sapientiae decreta seruauerimus, de munere nobis delegato optime rationem referemus. Quod, si per eos qui nos miserunt, Deum intelligas, sensus non erit ab eo, quod Salomonis uerba designant, alienus. Nam saepenumero in Sanctis Litteris Dei numen, propter personarum distinctionem, numero multitudinis explicatur.

[22.] *Non facias uiolentiam pauperi quia pauper est, neque conteras egenum in porta;* [23.] *quia iudicabit Dominus caussam eius et configet eos qui confixerunt animam eius.* [24.] *Noli esse amicus homini iracundo, neque ambules cum uiro furioso;* [25.] *ne forte discas semitas eius, et sumas scandalum animae tuae.* [26.] *Noli esse cum his qui defigunt manus suas, et qui uades se offerunt pro debitis;* [27.] *si enim non habes unde restituas, quid caussae est ut tollat operimentum de cubili tuo?* [28.] *Ne transgrediaris terminos antiquos, quos possuerunt patres tui.* [29.] *Vidisti uirum uelocem in opere suo? Coram regibus stabit, nec erit ante ignobiles.*

pela aparência de um bem enganador, cai num tão grande erro que é esmagado pelos mais verdadeiros males, de que modo não será muitíssimo venturoso quem, iluminado pela luz da verdade, abomina a mentira e, abrasado no zelo da mais verdadeira felicidade, contempla as riquezas mais verdadeiras e, sob a direção do Espírito de Deus, até elas acaba por ser conduzido?

Eis aqui estou eu mesmo, conforme ele diz, na tradução do nosso intérprete latino, *que ta descrevi em três maneiras, com pensamentos e com ciência*: isto é, “escrevi para ti sentenças mui ponderadas, plenas de conselhos e saber.” São sentenças muitíssimo ponderadas, que nos ensinam ao conhecimento de Deus, e conselhos com que somos admoestados a abominarmos os costumes e empenhos dos ímpios na direção dos assuntos e negócios, a modelarmos o nosso espírito em conformidade com a lei divina, e não com os exemplos dos homens perversos [855] e a nos capacitarmos de que a mais elevada prudência assenta no temor de Deus; ao passo que a ciência é a compreensão mediante a qual mui sagazmente reconhecemos os enganos que se ocultam sob uma disfarçada aparência de santidade, para que muito energicamente lhes façamos frente. Ora, desta maneira, poderemos cumprir fiel e atentamente a função que nos foi cometida e satisfazer plenamente àqueles que nos enviaram.

Mas quem são aqueles que nos enviam? Aqueles nos quais reside a autoridade, os que administram a lei, aos quais, como vigários de Deus, devemos obedecer; ora, a estes, quando se nos pedirem contas por aquilo que fizemos, poderemos responder-lhes com confiança e verdade, e exprimirmo-nos sem hesitações na prestação das contas, se tivermos respeitado os mandados da sabedoria. É que qualquer pessoa exprime-se sabiamente acerca daquela coisa que conhece a fundo e acerca da função que desempenhou com extraordinário escrúpulo. Que deve assentar-se acerca das contas que havemos de prestar ao Senhor supremo? Também a Ele, quanto o permitir a debilidade da natureza, se respeitarmos os mandados da sabedoria, Lhe daremos excelentes contas da função de que fomos incumbidos. Pelo que, se interpretarmos como ‘Deus’ a expressão “aqueles que nos enviaram”, o sentido não será alheio àquilo que significam as palavras de Salomão. De facto, muitas vezes na Sagrada Escritura exprime-se a divindade pelo número plural, devido à diversidade das pessoas divinas.

22. Não faças violência ao pobre porque é pobre, nem oprimas em juízo²⁰ o que não tem nada; 23. porque o Senhor há de julgar a Sua causa e há de traspassar os que traspassaram a Sua alma. 24. Não queiras ser amigo do homem iracundo nem Andes com o homem furioso; 25. para não suceder que aprendas as suas veredas e dêes à tua alma algum motivo de cair. 26. Não te alies com aqueles que se obrigam apertando as mãos e que se oferecem por fiadores para responder pelas

²⁰ No latim da *Vulgata* encontra-se *in porta* ‘na porta’ [da cidade].

Pauperes propter pauperiem contemnuntur, et ideo praedae iniquorum expositi sunt, quia nullas ad resistendum vires habent. Tenues homines potentium iniuria circumueniuntur nec ullam rationem retinendi iuris inuenire possunt. Cum enim nec aduocatos neque patronos habeant, in porta, hoc est, in foro (in porta enim iudicia olim exercebantur), caussa cadunt et, per summam iniuriam, condemnati discedunt. Iniqui enim, quasi numquam sint in iudicium uocandi, aut per uim extra iudicium, aut per malitiosam calliditatem in iudicio, pauperes omni uictu fraudant et inanes eiiciunt. At Deus illorum uindex erit et poenas grauissimas ab iis qui pauperes bonis euertunt reuerissime repositet.

Quantum periculum illis impendeat qui sese cum iracundis et furiosis hominibus coniunxerunt, exemplis [856] uitae quotidianis experimur. Cum enim homo iracundus rabide concitetur et conuicia furibunde iaciat, multorum iram in se prouocat et ita sibi et socios periculum necis intendit. Iam de temeritate eorum qui sine ulla graui caussa pro alienis spondent neque uident quam temerarium sit pro illis, quorum fidem exploratam non habent, fidem suam obligare, iam saepe Sapiens admonuit, et rursus eandem admonitionem repetit, ut homines minime malos a temeritate deterreat.

Monet deinde ne terminos antiquos loco suo moueamus, quod est etiam lege diuina prohibitum et sollemni etiam lege execratione condemnatum. Qui enim terminos conuellit ius diuinum uiolat, societatis humanae iura perfringit, proximos e patris bonis exturbat, pacem et concordiam dirimit, lites et contentiones exsuscitat omnibusque modis, quantum in se est, statum totius reipublicae labefactat. Non solum igitur est communis iuris euersor, uerum etiam numinis diuini contemptor. Cum enim in solitudine tantum facinus audet, aut se Deo minime cerni putat, aut confidit se facillime Dei iudicia et legis sanctissimae comminationes elusurum. Quamquam hoc in loco non solum facinus in terminis euellendis uetatur, uerum et legum atque morum transgressio et innouatio prohibetur. Nam, cum reipublicae status tolerabilis est et certa legum moderatione terminatur, qui illum immutare contendit mortem ipsius reipublicae maturat. Nouitas enim legum, uel interitum ciuitatibus affert, uel certe eas in summum discrimen salutis inducit.

dívidas de outrem; 27. porque se tu não tens com que pagar, que razão há para que alguém te tire a coberta da tua cama? 28. Não passes além dos antigos limites que puseram teus pais. 29. Viste um homem que faz as suas obras com velocidade? Este terá cabimento com os reis e não ficará no andar da plebe.

Os pobres são desprezados devido à pobreza e estão expostos à rapina dos iníquos porque não têm quaisquer forças para resistirem. Os homens fracos são oprimidos pela injustiça dos poderosos e não podem encontrar nenhum modo de defenderem o seu direito. É que, uma vez que não têm advogados nem patronos, perdem a causa “na porta”, isto é, no tribunal (é que antigamente os julgamentos realizavam-se nas portas das cidades) e, pela maior das injustiças, partem condenados. De facto, os injustos, como se nunca devessem ser chamados a juízo, ou pela violência, sem julgamento, ou por astúcia maliciosa, em juízo, privam os pobres de todo o meio de subsistência e deixam-nos sem nada. Deus, porém, será o seu vingador e com o máximo rigor punirá com as mais pesadas penas aqueles que destroem os bens dos pobres.

A experiência da vida quotidiana mostra-nos com exemplos como é grande o perigo que impende sobre aqueles que se juntaram com homens iracundos e furiosos. [856] De facto, sendo certo que o homem iracundo é tomado de raiva e como louco furioso solta impropérios, provoca contra si mesmo a ira de muitos e desse modo está a arriscar-se a si mesmo, e a arriscar os seus companheiros, a uma morte violenta. O Sábio já amiúde nos advertiu em relação ao desatino daqueles que, sem qualquer motivo de peso, se responsabilizam por outros e não se dão conta do quanto é irrefletido comprometer o seu crédito a favor de pessoas de cuja palavra não estão certificados, e aqui de novo repete a mesma advertência, para desviar do desatino homens que não são ruins.

A seguir, aconselha a que não mudemos dos seus lugares os antigos limites, algo que também foi proibido pela lei divina e até condenado com solene execração.²¹ É que quem derruba os limites transgride a lei divina, viola o direito da sociedade humana, desapossa os próximos dos bens paternos, acaba com a paz e a concórdia, suscita conflitos e contendas e por todas as vias abala, tanto quanto pode, a estabilidade da inteira república. Por conseguinte, é não apenas um destruidor da lei comum, como também alguém que despreza a majestade divina. É que, ao atrever-se, quando está só, a tão grande atentado, ou cuida que Deus não o vê, ou confia em que com a maior das facilidades há de escapar aos juízos de Deus e às sanções da santíssima lei. Conquanto nesta passagem se proíbe não apenas o crime de mudar as extremas, mas também se proíbe a transgressão e inovação das leis e costumes. É que, ao atrever-se, quando está só, a tão grande atentado, ou cuida que Deus não o vê, ou confia em que com a maior das facilidades há

²¹ Dt 27. 17.

Vt autem nouitatis auctores a furore conatur auertere et ut patrios mores et instituta, quae cum diuina lege non pugnant, conseruemus, adhortatur, sic hominum in officio legitimo et debito diligentiam laudibus ornat. Ad agendum enim nati sumus. Vita uero est breuis aeuī spatio circumscrip̄ta et opus quod est nobis impositum in aeternitatem tendere debet. Si igitur ad uitae breuitatem ignauia atque tarditas accesserit, uita nobis repentino sine ullo fructu praeterfluet: quod erit maxime miserandum. Sunt ignaui atque desides ignominia sempiterna notandi et opibus, ad quas est nobis modis omnibus aspirandum, destituendi. Contra uero, qui diligentiam et alacritatem adhibent, sunt muneribus sempiternis afficiendi. Si enim qui in operibus humanis industrii sunt opera quae suscipiunt cum laude summa perficiunt, ex ea ratione regum gratiam acquirunt et opibus regum beneficentia cumulantur, quid erit dicendum de praemiis et ornamentis et honoribus qui sunt a summo rerum Domino diligentibus et strenuis constituti?

CAP. XXIII

[1.] *Quando sederis ut comedas cum principe, diligenter attende quae apposita sunt ante faciem tuam.* [2.] *Et statue cultrum in gutture tuo; si tamen habes in potestate animam tuam,* [857] [3.] *ne desideres de cibis eius, in quo est panis mendacii.* [4.] *Noli laborare ut diteris, sed prudentiae tuae pone modum,* [5.] *ne erigas oculos tuos ad opes quas non potes habere, quia facient sibi pennas quasi aquilae et uolabunt in caelum.* [6.] *Ne comedas cum homine inuido, et ne desideres cibos eius;* [7.] *quoniam, in similitudinem arioli et coniectoris, aestimat quod ignorat. Comede et bibe, dicit tibi; et mens eius non est tecum.*

Admonet Sapiens principis statum esse in loco ualde lubrico et periculoso situm et ideo minime expetendum, sed uotis omnibus fugiendum. Est enim ab amicis ueris desertus, adulatorum multitudine circumsaep̄tus, ab inuidis oppugnatus, insidiis innumerabilibus expositus et assidua malorum omnium tempestate

de escapar aos juízos de Deus e às sanções da santíssima lei. Conquanto nesta passagem se proíbe não apenas o crime de mudar as extremas, mas também se proíbe a transgressão e inovação das leis e costumes. É que, quando a situação da república é tolerável e o seu equilíbrio se encontra assegurado pela direção das leis, quem se empenha em modificá-las está a apressar a morte da inteira república. De facto, a inovação das leis ou ocasiona às cidades o seu fim, ou certamente põe no maior dos riscos a sua prosperidade.

Ora, assim como se esforça por desviar da loucura furiosa os responsáveis pela inovação e nos exorta a que conservemos os costumes e instituições dos nossos antepassados que não estão em oposição com a lei divina, da mesma maneira condecora com encómios a diligência dos homens no cumprimento da sua legítima e devida função. De facto, nascemos para agir. E a vida está limitada por um prazo breve de tempo e a obra que nos foi imposta deve prolongar-se na eternidade. Por conseguinte, se à brevidade da existência se acrescentar a indolência e a lentidão, a vida passará por nós num ápice sem qualquer fruto: algo que será sobremaneira digno de lástima. Os indolentes e frouxos devem receber o tison da eterna infâmia e ver-se privados das riquezas a que por todas as vias nos cumpre aspirar. Ao invés, porém, os que revelam diligência e entusiasmo, devem ser premiados com eternos galardões. De facto, se os que se mostraram industriosos nas obras humanas, concluem com o máximo louvor as obras a que se abalançam, e por este motivo ganham as boas graças dos reis e são cumulados de riquezas pela generosidade dos mesmos reis, que cumprirá dizer-se acerca dos prémios, ornamentos e honrarias que o supremo Senhor das coisas estabeleceu para os diligentes e afoitos?

CAPÍTULO XXIII

1. Quando te assentares a comer com o príncipe, considera com atenção o que se te pôs diante; 2. e põe uma faca na tua garganta, se é todavia que estás senhor da tua alma. [857] 3. Não desejes comer dos manjares daquele onde se acha o pão da mentira. 4. Não te fatigues por ser rico, mas põe termo à tua prudência. 5. Não ergas os teus olhos para umas riquezas que tu não podes ter, porque elas tomarão asas como de águia e voarão para o céu. 6. Não comas com o homem invejoso e não apeteças os seus manjares; 7. porque à semelhança de adivinho e conjeturador, faz juízo que ignora. ‘Come e bebe’, te dirá ele, mas o seu coração não está contigo.

O Sábio adverte que a posição do príncipe encontra-se situada num lugar muito escorregadio e perigoso e por isso é pouco desejável, e antes dela se deve fugir com todo o empenho. É que encontra-se privado de amigos verdadeiros, rodeado

conuulsus. Nullum habent principes firmum uitae praesidium, cum multi uel oderint, uel inuideant, uel irascantur, uel metuant, et pauci admodum illum saluum et incolumem esse cupiant. Non loquitur hic de rege cuius cor est in manu Domini, sed de principe qui, opibus humanis innixus, se salutari praesidio munitum esse confidit, et iccirco de praesidio diuino non ualde cogitat. Huius autem opes sunt inanes, huius dapes iniucundae, quae ficta suauitate ueneni sensum eripiunt, et ita uitam prius auferunt quam remedium adhiberi possit.

Nec solum principes infinita pericula circumsistunt, uerum omnibus eorum domesticis et familiaribus, qui plurimum apud illos possunt, similiter intenduntur. Odio enim apud multitudinem sunt et inuidiae flatibus exagitantur et calumniis etiam uariis aut eiiciuntur aut in summum uitae discrimen impelluntur. Hoc est igitur quod Sapiens admonet, ne nimium principum familiaritates appetamus, si uitam caram habemus, sed, adhibito cultro, uel, ut Hebraeus inquit, guttur potius spinis saepiamus, ne supra modum ciborum illorum falsa dulcedine capiatur. Illae namque dapes, cum sint fallacissimae et casibus dirissimis expositae, dum uitam sustentare uidentur, ruinam et interitum minitantur.

Similiter etiam admonemur ne nimis in pecuniae studium incumbamus, sed sedulitati et industriae nostrae modum constituamus. “Nam, qui diuites fieri uolunt”, ut Paulus ait¹¹³, “incidunt in desideria noxia atque mortifera, quae deprimunt ac demergunt homines” in sempiternum exitium. Et, ut nullum aliud malum ex pecuniae studio nascatur, impietatis scelus tantum est ut nullum eo excogitari possit immanius. Homines autem, in Dei loco, pecuniam uenerantur, et fidem atque spem, quam in Deo collocatam habere debuissent, in pecunia reponunt. Quid quod non semper auaris concessum est illis opibus inanissimis, quas inexplebili auiditate cupiunt, cumulari? Euolant enim et in sublime feruntur et, tamquam somnia, oculos intuentium abscessu repentino deludunt. Sic autem fit ut opes [858] stabiles atque sempiternae parabiles sint, nemo enim umquam earum studio flagrauit quin ad eas ope diuina perueniret, at opes inanes saepenumero sine ullo fructu ab hominibus expetuntur.

Cum hominibus inuidis commercium habere ualde periculosum esse dicit Sapiens. In quo, quemadmodum a nimia principum familiaritate reuocauit homines firmae salutis appetentes, ita nunc inuidos qui praecipue in principum aulis uersantur cauendos esse monet. Hominum suspectum et insidiosum genus, nihil in illis inest purum et simplex et cum aliqua parte bonitatis ingenuae coniunctum, sed omnia uersuta et malitiosa calliditate subnixa. Oderunt probitatem, odio persequantur industriam, somnum minime capiunt, dum ualde metuunt

¹¹³ Vd. Vulgata, *1 Tim.* 6, 9.

pela multidão dos adutores, cercado por invejosos, exposto a inúmeras ciladas e abalado pela incessante procéla de todos os males. A vida dos príncipes não possui nenhuma firme proteção, visto que muitos ou os odeiam, ou os invejam, ou contra eles se iram, ou os temem, e muito poucos desejam que eles fiquem são e salvos. Não fala aqui acerca do rei cuja coracão está na mão de Deus, mas acerca do príncipe que, apoiado nas riquezas humanas, confia que se encontra defendido por uma proteção salutar e por isso não pensa muito na proteção divina. Ora, as riquezas deste príncipe são vãs e desagradáveis os seus banquetes, que com uma falsa suavidade disfarçam o gosto do veneno, e assim mais depressa arrebatam a vida do que é possível administrar-se o remédio.

E não só infinitos perigos rodeiam os príncipes, mas do mesmo modo se estendem a todos os seus privados e familiares, que têm muita influência junto deles. É que a multidão odeia-os e são açoitados pelas ondas da inveja e as variadas calúnias ou os levam ao desterro ou os colocam em enorme risco de vida. Por conseguinte, é isto o que o Sábio aconselha: que não desejemos muito a familiaridade dos príncipes, se prezamos a vida, mas, pondo uma faca à garganta, ou, como diz o texto hebraico, preferamos proteger a garganta com espinhos, para evitar que ela nos arrebate para além do razoável com a falsa doçura daqueles manjares. De facto, aqueles banquetes, uma vez que são muitíssimo falsos e estão expostos aos mais terríveis acidentes, quando parecem sustentar a vida, estão a ameaçar com a ruína e a morte.

Do mesmo modo somos também aconselhados a não nos aplicarmos demasiado à procura do dinheiro, mas a que ponhamos moderação no nosso zelo e atividade. De facto, “os que querem fazer-se ricos”, consoante diz S. Paulo, “caem em desejos inúteis e perniciosos que submergem os homens” na eterna perdição. [1 Tm 6. 9.] E, para que nenhum outro mal nasça do desejo de dinheiro, o crime da impiedade é tão grande que não pode imaginar-se outro mais monstruoso. Por outro lado, os homens veneram o dinheiro em lugar de Deus e colocam no dinheiro a fé e a esperança que deveriam ter depositado em Deus. E que dizer quanto ao facto de que nem sempre foi concedido aos avarentos ficarem cumulados com aquelas riquezas que desejam com insaciável avidez? É que esvoaçam e são arrastadas para as alturas e, à semelhança de sonhos, com súbito afastamento, enganam a vista dos que estão a olhar. Ora, deste modo sucede que as riquezas [858] duradoiras e eternas são de fácil aquisição, pois ninguém jamais se abrasou no seu desejo que a elas não chegasse com a ajuda divina, ao passo que amiúde os homens vivamente desejam sem qualquer proveito as riquezas vãs.

O Sábio diz que é muito perigoso ter trato com homens invejosos. Nisto, da mesma maneira que dissuadiu os homens desejosos de firme prosperidade da familiaridade excessiva com os príncipes, assim agora aconselha que se devem evitar os invejosos, que se movem sobretudo nas cortes dos príncipes. Na raça dos homens pérfidos e perigosos nada existe de puro e singelo e unido com alguma porção de bondade ingénita, mas tudo é astúcia e se apoia em maliciosa

ne quisquam uir excellens ad familiaritatem illorum, quos ipsi fallaciis suis in potestate continent, aspiret. Itaque, quamuis dicant, “Comede et bibe”, hoc est, meas opes communes existima, mentiuntur et illis ipsis, ad quos benigne loqui didicerunt, interitum machinantur.

[8.] *Cibos quos comederas euomes, et perdes pulchros sermones tuos.* [9.] *In auribus insipientium ne loquaris, quia despicient doctrinam eloquii tui.* [10.] *Ne attingas paruulorum terminos, et agrum pupillorum ne introeas;* [11] *propinquus enim illorum fortis est, et ipse iudicabit contra te caussam.* [12.] *Ingrediatur ad doctrinam cor tuum, et aures tuae ad uerba scientiae.* [13.] *Noli subtrahere a puero disciplinam, si enim percusseris eum uirga, non morietur.* [14.] *Tu uirga percuties eum, et animam eius de inferno liberabis.*

Inuidia omnia foede contaminat et efficit ne quidquam quod ex illa proficiscitur in proximi commodum redundet. Neque solum cibi, quos illa suppeditat, insuaues et acerbi sunt, uerum etiam ita mouent stomachum ut protinus euomantur, hoc est, ut nulla reliquiae e simulato inuidi officio utilitatis resideant. Nec enim hic tam sibi quam familiaritas, quae ciborum usu conciliatur, intelligenda est. Et hoc non satis est, uerum et uerba officii plenissima, quae gratia illius emiseris, in peiorem partem accipiet. De termino minime conuellendo iam praecepta dedit. Hic tamen pupillorum praecipue meminit, quia, cum sint auxilio magis destituti, facillime fit ut iniqui illorum possessiones occupent et eos, per summam iniuriam, ex agris, qui illis hereditate obuenerant, extrudant. Itaque illorum patronum et uindicem Deum fore confirmat. Est enim pater pupillorum et iudex uiduarum, ita ut, qui iniuriam illis intulerit, sit acerbissimo supplicio cruciandus.

Rursus sapientiae disciplinam commendat, quasi dicat: Qui principum gratiam ambiunt, qui societatem cum inuidis coire student, qui in agros alienos inuadunt, id, ut opes sibi parent, [859] efficiunt. Omnes tamen in summo errore uersari demonstro. Tu, si uis opibus summis ornari et augeri, fac quod totiens adhortatus sum, ut summa alacritate et uigilantia sapientiae studia recolas eaque tota mente complectaris quae te opibus firmissimis opulentum reddent; liberosque tuos a teneris annis artibus praeclaris et sanctis uitae monitis erudiendos suscipe et uirga, quotiens fuerit opus, a praua institutione deterre. Si enim nimis indulgens exstiteris, eos perdes; contra uero, si cum seueritate, quotiens id rectae ratio flagitauerit, illos a fluxa disciplina reduxeris, illorum uitam a sempiterno exitio reuocabis.

arteirice. Odeiam a honestidade, sentem sanha contra o desvelo, não dormem, quando sentem grande receio de que algum varão excelente aspire à intimidade com aqueles que eles com os seus enganos mantêm em seu poder. E assim, embora digam: *Come e bebe*: ou seja, “considera como comuns as minhas riquezas”, estão a mentir e maquinam a perdição daqueles mesmos aos quais aprenderam a falar com amabilidade.

8. *Tu vomitarás os manjares que tiveres comido e perderás os teus sábios discursos.* 9. *Não fales aos ouvidos dos insensatos, porque eles desprezarão a doutrina das tuas palavras.* 10. *Não toques nos limites dos pequeninos e não entres no campo dos órfãos,* 11. *porque o seu propínquo é poderoso e ele mesmo se fará contra ti o defensor da sua causa.* 12. *Entre o teu coração na instrução e os teus ouvidos nas palavras da ciência.* 13. *Não queiras subtrair a correção ao menino, porque se tu o fustigares com a vara, ele não morrerá.* 14. *Tu o fustigarás com a vara e livrarás a sua alma do inferno.*

O ódio tudo horrivelmente contamina e faz que nada que dele procede redunde em proveito do próximo. E os manjares que ele oferece não só são desabridos e amargosos, mas também de tal modo revolvem o estômago que imediatamente são revessados, isto é, que do favor simulado de quem odeia não fica nenhum resto de proveito. Na verdade, este provérbio menos deve entender-se em relação aos manjares do que à familiaridade, que se consegue mediante o convite para os manjares. E isto não é suficiente, mas também tomará à pior parte as palavras cheias de delicadeza que pronunciareis em atenção a ele. O Sábio já apresentou preceitos em relação a que não devem mudar-se os limites. Aqui todavia refere-se sobretudo aos órfãos, porque, como estão mais privados de ajuda, com a maior facilidade acontece que os iníquos se apoderam das suas propriedades e, pela maior das injustiças, os expulsam dos campos que herdaram. E por isso assevera que Deus há de ser o defensor e vingador deles. É que Ele é o Pai dos órfãos e juiz das viúvas, de tal maneira que, quem praticar injustiças contra eles, deve ser atormentado com suplício muito terrível.

Recomenda mais uma vez a doutrina da sabedoria, como se dissesse: “Os que desejam as boas graças dos príncipes, os que se empenham em associar-se aos invejosos e odientos, os que invadem a propriedade alheia, fazem isso para [859] conseguirem riquezas. Mas provo que todos laboram no maior dos erros. Tu, se pretendes ornamentar-te e acrescentar-te com as maiores riquezas, faze, tal como tantas vezes te exortei, por entregar-te com o maior entusiasmo e desvelo ao amor da sabedoria e por abarcas com todo o espírito aquelas coisas que te tornarão abastado das mais sólidas riquezas; e aos teus filhos, dedica-te a ensinar-lhes desde a mais tenra idade as artes mais elevadas e a dar-lhes santos conselhos para a vida e, sempre que for mister, afasta-os com a vara de uma educação corruptora. É que, se te mostrares demasiado indulgente, pervertê-los-ás; mas, ao

[15.] *Fili mi, si sapiens fuerit animus tuus, gaudebit tecum cor meum; [16.] et exsultabunt renes mei, cum locuta fuerint rectum labia tua. [17.] Non aemuletur cor tuum peccatores, sed in timore Domini esto tota die; [18.] quia habebis spem in nouissimo, et praestolatio tua non auferetur. [19.] Audi, fili mi, et esto sapiens, et dirige in uia animum tuum.*

Amoris ardentissimi significatione Sapiens eos, quos edocet, studio sapientiae inflammare conatur. Filios nominat; se ex eorum bonis summo gaudio cumulandum fore pronuntiat; eis praeterea ex sapientiae studio amplissimae dignitatis ornamenta pollicetur et uoluptatem summam denuntiat. Vt enim stultitia maerorem efficit, ita sapientia mentes splendido cultu et ornatu laetificat. Admonet igitur rursus ut, a perditorum hominum moribus abstracti, omnem uitam timore Domini gubernent et diuinis institutis et non flagitiorum exemplis omnes actiones administrent, pietatisque fructum amplissimum proponit, qui numquam euertetur.

[20.] *Noli esse in conuiuuiis potatorum, nec in comessionibus eorum qui carnes ad uescendum conferunt: [21.] quia uacantes potibus et dantes symbola consumentur et uestietur pannis dormitatio. [22.] Audi patrem tuum, qui genuit te, et ne contemnas cum senuerit mater tua. [23.] Veritatem eme et noli uendere sapientiam, et doctrinam, et intelligentiam. [24.] Exsultat gaudio pater iusti; qui sapientem genuit laetabitur in eo. [25.] Gaudeat pater tuus et mater tua, et exsultet quae genuit te. [26.] Praebe, fili mi, cor tuum mihi, et oculi tui uias meas custodiant. [27.] Fouea enim profunda est meretrix, et puteus angustus aliena. [28.] Insidiatur in uia quasi latro, et quos incautos uiderit interficiet.*

Qui uino dediti sunt et perpetuo epulis indulgenti, patrimonium dissipant, ualetudinem perturbant, otio corrumuntur, somno diuturno [860] languescunt; interim mens obtunditur et hebescit, ita ut nihil possit amplum et excelsum cogitare et aliquid supernum atque caeleste contueri. Sic igitur fit ut ebrius et ganeo non solum corpore sit egentissimus, uerum etiam extrema inopia mentis et rationis miserrimus. Hoc est autem quod significat, cum ait: “Et uestietur pannis dormitatio”. Quasi dicat: somnum laceris uestibus nuditatem contegere. Vestis enim, industria et uigilantia, et non somno, comparatur. Magnum igitur miseriae fundamentum est in ebrietate et ingluuie et somno constitutum.

invés, se, sempre que o bom senso assim o exigir, com severidade os afastares de uma educação frouxa, desviarás a sua vida da sempiterna ruína.”

15. *Filho meu, se o teu ânimo for sábio, alegrar-se-á contigo o meu coração,*
 16. *e os meus rins exultarão de prazer, quando os teus lábios tiverem proferido o que é reto.* 17. *O teu coração não tenha inveja aos pecadores, mas conserva-te no temor do Senhor todo o dia;* 18. *porque terás esperança, quando chegar o teu último dia, e não te será roubada a tua expectativa.* 19. *Ouve, filho meu, e sê sábio; e dirige a tua alma pelo caminho direito.*

Mediante a manifestação de um ardentíssimo amor, o Sábio esforça-se por abrasar no zelo da sabedoria aqueles a quem está a ensinar. Chama-lhes filhos; proclama que os bens deles deverão fazê-lo sentir-se cumulado com o maior dos contentamentos; além disso, do zelo da sabedoria promete-lhes que resultam os ornamentos de uma altíssima dignidade e anuncia-lhes que procede o mais completo prazer. De facto, assim como a insensatez provoca tristeza, assim a sabedoria alegra o espírito com uma ornamentação e atavio magníficos. Por conseguinte, aconselha mais uma vez a que, apartando-se dos costumes dos homens perversos, governem toda a vida pelo temor de Deus e rejam todos os atos de acordo com os mandados divinos e não de acordo com os exemplos das indignidades, e põe por diante os frutos abundantíssimos da piedade, os quais nunca se perderão.

20. *Não te queiras achar nos banquetes dos grandes bebedores nem nas cozemainas daqueles que fazem vir os manjares para comerem de companhia.* 21. *Porque, passando o tempo em beber e em contribuir com os seus escotes, eles se arruinarão e a sua dormente preguiça vestir-se-á de trapos.* 22. *Ouve a teu pai que te gerou e não desprezes a tua mãe quando for velha.* 23. *Compra a verdade e não queiras vender a sabedoria, nem a doutrina, nem a inteligência.* 24. *O pai do justo salta de prazer; o que gerou ao sábio terá nele a sua alegria.* 25. *Nesta alegria viva teu pai e tua mãe, e a que te gerou exulte.* 26. *Dá-me, filho meu, o teu coração, e os teus olhos guardem os meus caminhos.* 27. *Porque a mulher prostituta é uma cova profunda e a albeia é um poço estreito.* 28. *Ela está de emboscada no caminho como um salteador, e ela matará os que vir desapercebidos.*

Os que são dados ao vinho e incessantemente se entregam a banquetes, esbanjam o património, destroem a saúde, corrompem-se com a ociosidade e enlanguescem num sono contínuo; [860] entrementes, o entendimento embota-se e debilita-se, de tal maneira que não consegue pensar em coisas elevadas e superiores e contemplar seja o que for de celestial e divino. Por conseguinte, assim sucede que o ébrio e devasso é quanto ao corpo um homem muitíssimo diminuído, mas o mais mofino dos homens devido à completa pobreza de espírito

Ab hac tanta calamitate Sapiens omnes conatur auertere et amorem, quo ad hanc admonitionem incenditur, nominibus explanat. Se enim patrem nominat et quasi filios omnes disciplinis salutaribus informare nititur: 'Audi, fili, patrem tuum et audi matrem tuam'. Illos, inquit, detestare qui te odio persequuntur et a salutis uia deducere uolunt, et illis te audientem praebe qui te patria caritate et materno amore complectuntur. Fac igitur ut, probitate et sapientia tua, matrem tuam, cum senuerit, afficias uoluptate et nullo modo senilem illius aetatem dolore conficias.

"Eme ueritatem": omnia, inquit, proscribere, ut possis emere bona uerissima. Quo tandem pretio ueritas emenda est? Fide, Dei promissis innixa, hominum beneuolentia et caritate, diuinae legis obseruantia; tum denique ueritatem emimus cum eam uanis et fluxis opibus anteponimus et facile illis caremus ut opibus uerissimis affluamus, eas contra uenales proponimus cum, prae terrestrium rerum cupiditate, eas despiciamus. Summa igitur sapientia, salutaris disciplina clarissimumque prudentiae lumen in comparanda ueritate consistit. Si nostrum officium est oblectare eos qui nos ualde amant (nostris enim bonis gaudent, et mala nostra cum lugubri admodum querimonia lamentantur, et nemo est qui nos ardentius amet quam ii a quibus geniti sumus), cur operam non dabimus ut eos gaudio afficiamus quibus tanto uinculo deuincti sumus?

"Gaudio exsultat", inquit Sapiens, "pater iusti;" et sapientis mater laetitia effertur. Da igitur operam ut patrem tuum et matrem tuam uehementer oblectes. Quod facies si iustitiam colueris et sapientiae studia tota mente complexus fueris. Quod, si illi qui corpora nostra genuerunt tam insigni gaudio cumulantur cum uident nos officium nostrum facere, quid erit existimandum de gaudio illo quod summus animorum Pater excipiet, si fuerimus in nostrae salutis atque dignitatis studio uigilantes? Si enim ita loqui fas est, quemadmodum afflicta illius spiritus cum nostram salutem prodimus et hosti perditissimo, qui nobis pestem atque perniciem perpetuo machinatur, obtemperamus, ita consequens est ut gaudio triumphet cum totis uiribus in studium nostrae salutis incumbimus. Deliciae enim, ut iam uidimus, diuinae sapientiae sunt esse cum filiis hominum. Hostis igitur immanissimi perdita consilia detestemur, ut aures optimo parenti, qui tanto studio nobis consulit, praebeamus, et ita numquam a salutis [861] uia declinabimus.

e inteligência. Ora, isto é o que pretende dizer, quando escreve: “a sua dormente preguiça vestir-se-á de trapos”. Como se dissesse que o sono tapa a nudez com roupas esfarrapadas. É que a roupa obtém-se mediante o trabalho e o desvelo, e não com o sono. Por conseguinte, uma das grandes causas da miséria encontra-se na embriaguez, na glotonaria e no sono.

O Sábio empenha-se em a todos desviar desta tão grande desgraça e dá a conhecer mediante nomes o amor que o abraça para fazer esta admoestação. De facto, designa-se a si mesmo pai e a todos se esforça por educar, como se fossem filhos, com ensinamentos salutareos: “Escuta, filho, o teu pai, e escuta a tua mãe.” Diz: “Abomina aqueles que te odeiam e querem desviar-te do caminho da salvação, e mostra-te disposto a escutar aqueles que te abraçam com afeto de pai e amor de mãe. Por conseguinte, procede de modo a, com a tua honestidade e sabedoria, cumulares de satisfação a tua mãe, quando ela envelhecer, e de modo algum afligires com desgostos a sua velhice.

“Compra a verdade:” quer dizer, “vende tudo, para poderes comprar os bens mais verdadeiros.” Por que preço deve enfim comprar-se a verdade? Com a fé, apoiada nas promessas de Deus, com a bondade e caridade para com os homens, e com a observância da lei divina; compramos enfim a verdade quando a antepomos às riquezas vãs e passageiras e de bom grado destas nos abtemos para possuirmos em abundância as riquezas mais verdadeiras; pelo contrário, a estas pomo-las à venda quando as desprezamos por causa da cobiça das coisas terrenas. Por conseguinte, a suma sabedoria, a salutar ensinança e o claríssimo lume da prudência fundam-se na obtenção da verdade. Se é nosso dever recrear aqueles que nos estimam muito (pois comprazem-se com os nossos bens e lastimam com sentido pranto os nossos males e não existe ninguém que nos ame mais ardentemente do que aqueles por quem fomos gerados), por que não nos esforçaremos por alegrarmos aqueles a quem estamos ligados por um tão grande vínculo?

Diz o Sábio: “O pai do justo salta de prazer” e a mãe do sábio alegrar-se-á. Por conseguinte, esforça-te por vivamente comprazer o teu pai e a tua mãe. Farás isto se cultivares a justiça e com todo teu espírito te entregares ao amor da sabedoria. Pelo que, se aqueles que geraram os nossos corpos ficam cheios de tão extraordinário contentamento quando veem que nós cumprimos o nosso dever, que deverá pensar-se acerca daquele contentamento que sentirá o supremo Pai das almas, se nos mostrarmos escrupulosos no zelo da nossa salvação e dignidade? De facto, da mesma maneira que o espírito d’Ele se aflige, se é lícito falar assim, quando entregamos o nosso espírito e obedecemos ao perversíssimo inimigo que incessantemente maquina a nossa ruína e perdição, do mesmo modo é manifesto que exulta de alegria quando com todas as nossas energias nos consagramos ao zelo da nossa salvação. É que, consoante já vimos, a deleitação da sabedoria divina é estar com os filhos dos homens. Por conseguinte, abominemos os perversos conselhos do monstruosíssimo inimigo, para prestarmos ouvidos ao

Et, quia serpentis antiqui calliditas in eo plerumque uersatur ut amoribus meretriciis illectos a studio pietatis abducat, rursus admonet Sapiens ut tantum periculum fugiamus. Meretricem enim “foueam profundam” appellat, ut casum et ruinam metuamus; “puteum angustum” nominat, ut, quam difficilis exitus sit, intelligamus. Qui enim meretrici semel in seruitutem addicitur, difficillime in libertatem uindicatur. Quae quidem, ut latro, insidias ponit, non solum ut imperitos spoliet, uerum etia, ut trucidet, et ad eam rem socios sibi tanti sceleris asciscit: adultores nempe et homines flagitiis infames.

[29.] *Cui uae? Cuius patri uae? Cui rixae? Cui foueae? Cui sine caussa uulnera? Cui suffusio oculorum?* [30.] *Nonne bis qui commorantur in uino, et student calicibus epotandis?* [31.] *Ne intuearis uinum quando flauescit, cum splenduerit in uitro color eius. Ingreditur blande;* [32.] *sed in nouissimo mordebit ut coluber, et sicut regulus uenena diffundet.* [33.] *Oculi tui uidebunt extraneas, et cor tuum loquetur peruersa.* [34.] *Et eris sicut dormiens in medio mari, et quasi sopitus gubernator; amisso clauo.* [35.] *Et dices: Verberauerunt me, sed non dolui; traxerunt me, et ego non sensi. Quando euigilabo, et rursus uina reperiam?*

Quis, inquit, ingemiscet? Quis sese lamentis dedet? Quis grauissimae ruinae periculum adibit? Quis facillime uulnera mortifera sustinebit? Cui oculi rubebunt et obruti caligabunt? Illi certe qui sine ullo modo uinum hauserit. Is enim morbis opprimetur; is rerum omnium paenuria cruciabitur; is in meretrices incidet; is, propter mulierculas impuras, plagas assidue sustinebit; is tandem aspectum corporis atque mentis amittet. Vinum quidem in principio colore placet et gustu et, cum moderate sumitur, non est reiiciendum. Cum tamen extra modum procedit, quasi serpens, morsu dilacerat et homines parum cautos interimit.

Quid enim inter hominem mortuum et uino uehementer oppressum inter sit, non facile dixerim. Vterque enim sensibus orbatus est et humano iudicio destitutus. Hoc tamen est inter utrumque discrimen, quod, cum homo e uita discedit, ut corpus iaceat, animus tamen interim, si non male uitam instituit, uiuit et uiget et sensu diuino perfruitur. At, cum ebrius decumbit, non tantum illius corpus perditum et fusum iacet, uerum et animus est leto funestissimo perditus. Homo namque, uino languidus, libidine furit et meretricibus in seruitutem addicitur et in Deum etiam maledicta coniiciet, si id impudicis mulieribus placere opinatus fuerit. Erit tunc miser ille, seruus flagitii, turpitudinis et impietatis et ab omni spe melioris condicionis deiectus. Alligatus enim tenetur, uinculis durissimis impeditur ne [862] se loco commouere possit. Reliquum igitur erit ut, tamquam in profundo mari, assidua tempestate quatatur et, quasi in nauis carchesio decumbens, sine intermissione iactetur, et ita iactetur, ut sibi opitulari non possit.

melhor dos pais, que com tanto desvelo olha por nós, e assim nunca [861] nos afastaremos do caminho da salvação.

E, porque a astúcia da antiga serpente ordinariamente se ocupa em desviar do zelo da piedade os seduzidos pelos amores meretrícios, de novo o Sábio aconselha a que fuçamos de um tão grande perigo. De facto, chama à prostituta “cova profunda”, para que nos arreçemos dos desastres e ruínas; designa-a por “poço estreito,” para que compreendamos o quanto é difícil dela sairmos. É que quem uma vez se entrega como escravo à meretriz, mui dificilmente se liberta. Ela, como o ladrão, arma ciladas, não só para esbulhar os inexperientes, mas também para violentamente os matar, e para esta empresa chama a si cúmplices de um tão grande crime: a saber, os aduladores e os homens a quem as indignidades tornaram infames.

29. A quem se dirá: ‘Desgraçado de ti?’ Ao pai de quem se dirá: ‘Desgraçado de ti?’ Para quem serão as bulhas? Para quem os precipícios? Para quem as feridas sem causa? Para quem a névoa dos olhos? 30. Para quem, senão para aqueles que levam o tempo a beber vinho e têm o seu gosto em despejar os copos? 31. Não olhes para o vinho, quando te começa a parecer loiro, quando brilhar no vidro a sua cor; ele entra suavemente. 32. Mas no fim morderá como uma serpente e difundirá o seu veneno como um basilisco. 33. Os teus olhos verão as albeias e o teu coração falará palavras desregradas. 34. E tu serás como um homem dormente no meio do mar e como um piloto sopito, que perdeu o leme. 35. E dirás: ‘Espancaram-me, mas a mim não me doeu; arrastaram-me, mas eu não senti; quando despertarei eu e quando acharei mais vinho para beber.’

Diz: “Quem generá? Quem se entregará às lamentações? Quem se exporá ao perigo de gravíssima ruína? Quem arrostará sem qualquer medo feridas mortíferas? A quem hão de avermelhar-se e enevoarem-se os olhos? Certamente àquele que beber vinho sem qualquer moderação.” É que ele será oprimido pelas doenças; será atribulado pela penúria de todas as coisas; dar-se-á às prostitutas; por causa das mulherzinhas impuras sofrerá incessantemente golpes; por derradeiro, perderá a forma do corpo e do entendimento. O vinho realmente no princípio apraz pela sua cor e gosto e, quando se toma moderadamente, não deve ser rejeitado. Todavia, quando se bebe sem conta e medida, o vinho ao modo de uma serpente destrói com a sua mordida e mata os homens pouco acautelados.

Não é fácil dizer-se qual a diferença entre um homem morto e um fortemente embriagado. De facto, ambos estão privados dos sentidos e desprovidos do juízo humano. Todavia existe entre ambos a diferença que, quando o homem morre, ainda que o corpo jaza estirado, a alma todavia entretanto vive, viça e goza de um sentimento divino, se não levou uma existência ruim. Mas o ébrio, quando cai por terra, não é só o seu corpo que jaz perdido e estendido, mas é também o seu espírito que foi aniquilado por uma funestíssima morte. De facto, enfra-

Quid deinde? Nullum omnino mali sui sensum capiet? Capiet certe, numquam enim tantum potest diuturna peccandi consuetudo ut omnem sensum dignitatis in natura penitus insitum prorsus extinguat et deleat. Semper enim uigebit, non tamen ita ut uitam det, sed ut acriorem morsum doloris efficiat. Nihil enim est scelerum recordatione mentibus humanis acerbius. Sed, quid refert? Quemadmodum enim apud inferos, quamuis maleficiorum conscientia sontes excruciet, nullum tamen ex eo dolore fructum percipiunt, ita plerumque fit ut homines profligatissimi, cum flagitiorum suorum recordatione torquentur, nullam utilitatem ex eo cruciatu capiant, immo quo acrior est malorum sensus, eo crimen scelestius est, cum nec illo dolore uicti ad officium redire uelint.

Hoc autem in loco Sapiens hominem flagitiosum lamentantem inducit. ‘Percusserunt’, inquit, ‘me, neque tanti uulneris sensu in uiam redire uolui; plagis me contunderunt et debilitarunt, et tamen sponte mea in eadem miseria permansi: quando euigilabo?’ Ostendit se grauissimo somno consopitum fuisse et iccirco se ipsum excitari concupiscit ut ad bonam frugem redeat. Corporis enim languorem, mentis caecitatem, animi seruitutem, uitae dedecus et ignominiam, bonorum eersionem et omnia denique mala quibus oppressus erat somno tribuenda putat et ob id somnum execratur, et experge fieri desiderat ut officio suo egregie perfungatur. Hoc enim uidetur dicere, cum ait: “Quando euigilabo?” Sed uide hominis perditum languorem atque turpissimam seruitutem, qua in miseria sponte sua perseuerat, declarat enim omnem suam uigilantiam in uini potione et in libidine consumi. Ait enim: “Et rursus uina reperi”, et apud Hebraeum: “Addam et adhuc requiram” – uinum nempe et ueneris impurissimae fructum. Hi namque sunt quos Paulus ait¹¹⁴ “propter desperationem se tradidisse libidinibus artissime constringendos”.

Itaque concluditur eum qui huiusmodi uerbis utitur esse in profundam foueam deiectum et angusto puteo circumclusum, ne umquam possit emergere et caelestem lucem respicere. Sic enim sunt addicti flagitiis ut, quamuis mala sua frequenter ingemiscant, ex illis expediri nullo pacto uelint.

¹¹⁴ Vd. Vulgata, *Eph.* 4, 19.

quecido pelo vinho, fica louco de sensualidade e escravizar-se-á às meretrizes e até lançará ultrajes contra Deus, se lhe parecer que isto apraz às mulheres desavergonhadas. Ele então será desgraçado, escravo da infâmia, da torpeza e da impiedade e afastado da toda a esperança de uma condição melhor. É que ele é mantido preso e está impedido por fortíssimos grilhões de [862] se deslocar. Portanto, conclui-se que, como se estivesse no meio do mar, é batido por incessante tempestade e, como se estivesse deitado no cesto da gávea da nau, sem interrupção fosse jogado de um lado para o outro, e de tal maneira jogado que não conseguisse valer-se a si mesmo.

Que se segue então? Não tomará nunca consciência do seu mal? Certamente que tomará, pois o hábito de pecar de forma continuada nunca pode tanto que extinga e suprima por completo todo o sentido da dignidade que está profundamente implantado na natureza. De facto, sempre estará vivo, conquanto não de tal maneira que dê a vida, mas de modo a tornar mais intensa a mordida da dor. É que para o espírito humano nada existe de mais doloroso do que a lembrança dos crimes. Mas, de que serve? Na verdade, da mesma maneira que no inferno, embora a consciência das malfetorias atormente os culpados, mesmo assim não recebem qualquer proveito desta dor, assim as mais das vezes acontece que os homens depravados, quando são torturados pela lembrança das suas infâmias, não recebem nenhuma utilidade desta tortura, e até quanto mais pungente é o remorso pelos males, tanto mais culpável é o crime, uma vez que nem vencidos por aquela dor querem regressar ao cumprimento do dever.

Ora, nesta passagem o Sábio apresenta o homem infame lamentando-se. Diz: “Agrediram-me, e nem com a dor de uma ferida tão grande eu quis voltar a cumprir os meus deveres; moeram-me de pancadas e deixaram-me enfraquecido, e mesmo assim conservei-me por livre e espontânea vontade na mesma miséria: quando despertarei?” Mostra que caiu num pesadíssimo sono e por isso vivamente deseja despertar para se tornar melhor. Pensa que devem atribuir-se ao sono a lassidão do corpo, a cegueira do entendimento, a escravidão do espírito, o desdouro e ignomínia da vida, a perda dos bens e, enfim, todos os males pelos quais era oprimido, e por isso abomina o sono e deseja ser acordado, para cumprir a primor os seus deveres. Na verdade, parece que diz isto, quando escreve: “Quando despertarei?” Mas vede a frouxidão e torpíssima servidão do homem perverso, por culpa das quais livre e espontaneamente persevera na desgraça, pois declara que todo o seu desvelo se consagra a beber vinho e à sensualidade. De facto, diz: “Quando acharei mais vinho para beber?”, e no texto hebraico: “Ajuntarei e ainda procurarei” – entenda-se, vinho e o fruto da impuríssima Vénus. Na verdade, estes são aqueles de que S. Paulo diz que, “desesperando, se entregaram para serem estreitamente acorrentados pelas desenfreadas paixões”. [Ef 4. 19.]

E assim se conclui que o homem que usa este género de linguagem se encontra lançado numa profunda cova e encerrado num poço estreito, de modo que nunca dele pode sair e contemplar a luz celestial. Na verdade, estes homens

CAP. XXIV

[1.] *Ne aemuleris uiros malos, nec desideres esse cum eis; [2.] quia rapinas meditatur mens eorum, et fraudes labia eorum loquuntur. [3.] Sapientia aedificabitur domus, et prudentia roborabitur. [4.] In doctrina replebuntur cellaria, uniuersa substantia pretiosa et pulcherrima. [5.] Vir sapiens fortis est, et uir doctus robustus et ualidus; [863] [6.] quia cum dispositione initur bellum, et erit salus ibi multa consilia sunt.*

Cum homines uersuti et callidi opes sibi comparant, periculum magnum intenditur impetitis, qui eos quos diuites animaduertunt sapientia praeditos esse iudicant seseque ad illorum imitationem conferre statuunt, neque uident interim quam inanes sint opes eorum qui fraudibus nituntur, quam insigni inuidia flagrent, in quanto odio sint, quam cito ex oculis atque manibus elabantur, in quantam offensionem diuini numinis incurrant. ‘Si uis’, inquit Sapiens, ‘nomen tuum firmum et stabile reddere et opes tuas saluari praesidio confirmare, uanitatem aspernare, sapientiam amplectere, pietatem unice cole.’ Ea namque domum aedificat et opes ingentes atque sempiternas congerit firmissimoque praesidio communit. Est enim hoc sapientiae munus, ut non modo opes comparet, sed eas etiam robore uirtutis inuicto confirmet. Fortitudo enim sapientiae comes est et prudentia robur firmissimum continetur.

Neque enim bella tam uiribus, quam prudentia, geruntur, et multo facilius uictoriae consiliis quam exercitus inconditi magnitudine pariuntur. Multitudinis enim inconsultae temeritas, sibi ipsi plerumque exitio est et, quo maior est, eo furentius in pestem ruit, at paucorum prudentia maximum decus ex multitudine effrenata consequitur, quia nihil temere gerit, et ita numquam a felicitate deseritur.

Nihil enim recte procedere potest nisi iis tantum qui rerum causas non ignorant et exitus, qui ex antegressis causis oriuntur, mente prospiciunt, et consilio incidentibus rebus occurrunt et, ut omnia in finem propositum optime dirigantur, elaborant et, quod caput totius felicitatis est, in Deo salutis spem ardentissima fide reponunt nihilque omnino contra Dei legem et ordinem gerendum statuunt. Hi igitur semper felices erunt, iis uero, qui fraudibus omnia sibi curanda putant, omnia deterrime cadent.

de tal maneira se ligaram às indignidade que, embora amiúde lamentem os seus males, de forma alguma deles querem libertar-se.

CAPÍTULO XXIV

1. Não tenhas inveja aos homens maus nem desejes estar com eles, 2. porque o seu espírito medita rapinas e os seus lábios falam enganos. 3. A casa fundar-se-á com a sabedoria e fortificar-se-á com a prudência. 4. Pela doutrina encher-se-ão as despensas de toda a substância preciosa e formosíssima. 5. O varão sábio é forte; e o varão douto, robusto e valente. [863] 6. Porque a guerra pela boa ordem se maneja; e a salvação achar-se-á onde há muitos conselhos.

Quando os homens astutos e ardilosos obtêm riquezas para si, um grande perigo ameaça os inexperientes, que julgam que estão providas de sabedoria aquelas pessoas que veem ricas e decidem consagrar-se a imitá-las, e entretanto não se apercebem de quanto são vãs as riquezas dos que se apoiam em enganos, de quão imensa é a inveja em que se abrasam, de quão grande é o seu ódio, de quão prestes elas se escapam dos olhos e das mãos e de quão grave é a ofensa com que atentam contra a majestade divina. Diz o Sábio: “Se queres tornar o teu prestígio firme e estável e guardar as tuas riquezas com salutar proteção, despreza a vaidade, abraça a sabedoria, cultiva especialmente a piedade. De facto, a sabedoria edifica a casa e acumula riquezas imensas e eternas e guarda-as com uma fortíssima proteção. É que a função da sabedoria é não só obter riquezas, mas também fortalecê-las com o invencível vigor da virtude. De facto, a fortaleza é companheira da sabedoria e na prudência encerra-se um vigor muitíssimo firme.

É que as guerras fazem-se não tanto com a força, quanto com a prudência, e as vitórias alcançam-se muito mais facilmente com os conselhos do que com um exército imenso, mas desordenado. Na verdade, a irreflexão da insensata multidão ordinariamente é a causa da sua própria perdição, e quanto ela é maior, tanto mais desvairadamente se precipita na ruína, ao passo que a prudência de poucos alcança a mais honrosa vitória sobre a desenfreada turba, porque nada faz desatinadamente e por isso nunca se separa da ventura.

De facto, nada pode correr bem senão somente àqueles que não desconhecem as causas das coisas e antevêm com o entendimento as conseqüências que nascem das causas antecedentes, e com a capacidade de deliberação vão ao encontro das situações que sobrevêm e se esforçam por que tudo se encaminhe perfeitamente para o fim proposto e, algo que é o mais importante de toda a felicidade, com ardentíssima fé depositam em Deus a esperança da salvação e assentam para si que nada em absoluto se deve fazer contra a lei e ordem divinas.

[7.] *Excelsa stulto sapientia; in porta non aperiet os suum.* [8.] *Qui cogitat mala facere stultus uocabitur;* [9.] *cogitatio stulti peccatum est, et abominatio hominum detractor.* [10.] *Si desperaueris lassus in die angustiae, imminuetur fortitudo tua.* [11.] *Erue eos qui ducuntur ad mortem, et qui trahuntur ad interitum liberare ne cesses.* [12.] *Si dixeris “Vires non suppetunt”, qui inspector est cordis ipse intelligit; et seruatorem animae tuae nihil fallit, reddetque homini iuxta opera sua.*

Excelsam stulto sapientiam dicit esse, quia longe ab illius aspectu et utilitate remouetur, ita ut, cum in iudicium uocatur, hiscere non possit, iccirco omnis qui fraudes concinnat ‘stultus’ rectissime uocabitur, quia, cum maxime illi opus [864] erat eloquentia ad causam dicendam, sceleris conuictus, obmutescit, et tum demum intelligit quam inanis est ille qui in mendacio salutis spem suam collocauerat.

Cogitatio stulti peccatum est; hoc est autem, error est. Cur ita tandem? Quia, eadem ratione qua se ad periculum fugiendum omni conatu comparabat, sese in idem periculum iniecit. Quid de illusore dicendum? Num parum liquet eum esse omnium amentissimum iudicandum qui legem ludum putat? Qui religionem spernit? Qui furandi sollertia gloriatur? Qui Dei iudicium minime pertimescit? Est igitur ille stultorum omnium stultissimus, et scelestorum scelestissimus, dirissimo omnium iudicio peruertendus. Hi uero sunt qui maxime sunt bonis infesti et pietatem summis conatibus oppugnant. Docet igitur Sapiens esse contra eos uirtutem acrius excitandam et uires animi minime remittendas. “Si,” inquit, “animum abieceris uiresque tuas sponte remiseris, uirtus ipsa languescet atque debilitata succumbet, ne possit improbis ullo modo repugnare. Contra uero, si uires animi acriter excitaueris, ipsa uirtus inuictum robur assumet, quo non solum perditis conatibus obsistas, sed etiam, illis magna contentione superatis, clarissimum triumphum ducas. Nec enim tibi diuinum praesidium deerit, quod semper animis maximis, et ad spem diuinae benignitatis firmiter erectis adfuit.”

Sed, qua tandem ratione poterimus nobis auxilium caeleste polliceri? Hominum, inquit, caritate et benignitate. Da igitur operam, si uis ut Deus tibi subsidio semper occurrat, ut hominibus, quoad poteris benigne, consulas, et eos qui incommodis opprimuntur ope tua subleuandos existimes. Et, quo maior fuerit malorum grauitas qua illos afflictos animaduertes, eo uigilantius elabora ut eos e malis eripias. Cum uero nullum sit in uita malum periculo mortis horribilius, fac ut, quoad licet et fas est, homines, qui ad mortem ducuntur, ex mortis ipsius faucibus educas, ut Deus te a sempiterna morte seducat, et comptem sempiternae salutis efficiat. Quid, si homo in periculo constitutus mihi ignotus fuerit? Num illius etiam causa laborabo? Certe, inquit Sapiens. Dei enim causa, non hominis, est tibi contentio illa suscipienda, nec ab hominibus merces, sed ab ipso summo rerum omnium conditore, postulanda et exspectanda. Ille namque qui corda hominum condidit et quidquid in animo latet cognitum et perspectum habet, cum intelligat qua

Estes, por consequência, serão sempre felizes, ao passo que àqueles outros que pensam que de tudo devem tratar recorrendo aos enganos, tudo há de resultar-lhes da pior maneira.

7. *Para o insensato é árdua a sabedoria; ela não abrirá na porta a sua boca.* 8. *Aquele que anda cuidando em fazer males, será chamado insensato.* 9. *O pensamento do insensato é o pecado, e o detrator é abominação dos homens.* 10. *Se tu perderes a esperança, descoroçoado no dia da angústia, será minguada a tua fortaleza.* 11. *Tira do perigo aqueles que são levados à morte, e não cesses de livrar os que são arrastados ao degoladouro.* 12. *Se tu disseres: 'As forças não me ajudam', o mesmo que é inspetor do coração o conhece, e ao guardador da tua alma nada se esconde, e ele retribuirá ao homem segundo as suas obras.*

Diz: “para o insensato é árdua a sabedoria”, porque se encontra apartado para longe da presença e vantagens dela, de tal maneira que, quando é chamado a juízo, não pode abrir a boca, e por isso será mui apropriadamente chamado “insensato” todo aquele que urde enganos, porque, quando mais do que nada lhe era necessária [864] eloquência para defender a sua causa, provada a sua culpa, emudece, e só então entende o quão irrefletido é aquele que depositara na mentira a sua esperança de salvação.

O pensamento do insensato é o mal; ora, isto significa: é o erro. Mas então por que motivo é assim? Porque, do mesmo modo por que se preparava para com todo o esforço fugir do perigo, se precipitou no mesmo perigo. Que cumpre dizer-se acerca do escarnekedor? Acaso não é manifesto que é o mais louco de todos para julgar quem considera a lei uma brincadeira? Quem despreza a religião? Quem se ufana da manha para furta? Quem não se arreceia do juízo de Deus? Por conseguinte, de todos os homens insensatos ele é o mais insensato e dos criminosos o mais criminoso, merecedor de ser destruído pelo terribilíssimo juízo de todos. E estes são os que mais hostilizam os bens e se opõem à piedade com maior empenho. Por isso o Sábio ensina que contra eles se deve mostrar mais enérgica coragem e não esmorecer na determinação de ânimo. Diz ele: “Se a tua coragem esmorecer e de livre e espontânea vontade afrouxares, a própria virtude e determinação debilitar-se-á e sucumbirá enfraquecida, por forma a não poderes de modo algum fazer frente aos desonestos. Pelo contrário, se denodadamente avivares as energias do ânimo, a própria virtude revestir-se-á de um invencível vigor, com o qual podes não só opor-te aos ataques perversos, mas também, depois de os venceres com grande esforço, alcançares um nobilíssimo triunfo. E tão-pouco te faltará a proteção divina, que sempre ajudou as almas mais elevadas e firmemente levantadas para a esperança da divina bondade.”

Mas de que modo poderemos prometer-nos ao cabo a ajuda celestial? Responde que mediante a caridade e a bondade dos homens. Por conseguinte: “Se queres que Deus sempre acuda em teu auxílio, esforça-te por, na medida do

mente ad hominem liberandum accesseris, si puro animo facinus tam praeclarum obieris, amplissimo te praemio munerabit.

[13.] *Comede, fili mi, mel, quia bonum est, et fauum dulcissimum gutturi tuo.*
 [14.] *Sic et doctrina sapientiae animae tuae; quam cum inueneris, habebis in nouissimis spem, et spes tua non peribit.* [15.] *Ne insidieris, et quaeras impietatem in domo iusti, neque uastes requiem eius.* [16.] *Septies enim cadit iustus, [865] et resurget; impii autem corruent in malum.* [17.] *Cum ceciderit inimicus tuus ne gaudeas, et in ruina eius ne exsultet cor tuum;* [18.] *ne forte uideat Dominus, et displiceat ei, et auferat ab eo iram suam.* [19.] *Ne contendas cum pessimis, nec aemuleris impios;* [20.] *quoniam non habent futurorum spem mali, et lucerna impiorum extinguetur.* [21.] *Time Dominum, fili mi, et regem, et cum detractoribus non commiscearis;* [22.] *quoniam repente consurget perditio eorum, et ruinam utriusque quis nouit?*

Sapientiae iucunditatem cum melle comparat, quia nihil est in rebus humanis melle uel dulcius uel ad purgandum pectus, et ulceribus etiam omni sanie liberandis efficacius. Vtrumque autem sapientia facit. Nam et mira iucunditate perfundit animum, et morbos omnes expellit. Et praeterea, cum omnia quae uersantur in uita sint fluxa et caduca, sola sapientiae praemia sunt immortalia atque plane diuina. Impium uero Sapiens minaciter exterret et illius conatum, quotiens insidias ponit, contra iustum irritum fore praenuntiat. Vt enim iustus saepe in die labatur et concidat, Dei clementia nixus, exsurget et, inuitis hostibus, statum suum feliciter recuperabit. At impius, cum ceciderit, ita malis opprimetur ut excitari non possit.

que puderes, generosamente olhares por eles, e por te capacitares de que devas aliviar com a tua ajuda aqueles que são oprimidos pelas contrariedades. E, quanto maior for a gravidade dos males com que vires que eles são atribulados, tanto mais desveladamente te esforça por arrancá-los desses males. E, uma vez que na vida não existe nenhum mal mais horrível do que o perigo da morte, envida esforços no sentido de, na medida do que é possível e justo, arrancares das fauces da própria morte os homens que são levados à morte, a fim de que Deus te desvie da morte eterna e te faça possuidor da salvação eterna.” “E que fazer, se o homem que se encontra em situação de perigo me for desconhecido? Acaso me empenharei também por amor dele?” “Com certeza”, responde o Sábio, “pois deves empenhar-te nessa missão esforçada por causa de Deus, e não por amor do homem, e deves pedir e esperar o teu salário, não dos homens, mas do próprio supremo Criador de todas as cousas. Na verdade, Aquele que criou os corações dos homens e conhece e vê tudo que se oculta na alma, porque se dá conta da intenção com que te aproximaste do homem para o libertar, se desempenhares com alma pura uma ação tão nobre, há de recompensar-te com um prêmio muito grande.”

13. *Come, filho meu, do mel, porque é bom, e do favo docíssimo à tua garganta.* 14. *Tal será também para a tua alma a doutrina da sabedoria; quando tu a achares, terás esperança na tua última hora e a tua esperança não perecerá.* 15. *Não armes traições ao justo e não andes buscando a impiedade na sua casa nem perturbes o seu repouso.* 16. *Porque o justo cairá sete vezes [865] e tornar-se-á a levantar, porém os ímpios serão precipitados no mal.* 17. *Não te alegres quando cair o teu inimigo nem o teu coração se regozije com a sua ruína.* 18. *Para não suceder que o Senhor o veja e que isto lhe desagrade e que tire de cima dele a sua ira.* 19. *Não andes em competência com os homens péssimos nem invejes os ímpios,* 20. *porque os maus não têm esperança alguma para o futuro e a candeia dos ímpios apagar-se-á.* 21. *Teme, filho meu, ao Senhor e ao rei, e não te mistures com os detratores;* 22. *porque de repente se levantará a sua perdição e quem sabe a ruína de ambos?*

Compara o agrado da sabedoria com o mel, porque nas coisas humanas nada existe ou mais doce ou mais eficaz para purificar o peito e até purgar as chagas de toda a espécie de pus. Ora a sabedoria faz ambas as coisas. Com efeito, não apenas inunda o espírito com uma admirável alegria, mas também expulsa todas as enfermidades. E, além disso, uma vez que tudo que se encontra na vida é passageiro e caduco, apenas os prêmios da sabedoria são imortais e totalmente divinos. O Sábio assusta ameaçadoramente o ímpio e prediz que as suas tentativas contra o justo, sempre que lhe trama ciladas, hão de desarmar em vão. É que, ainda que o justo caia e sucumba frequentes vezes durante o dia, apoiado na clemência de Deus há de erguer-se e, contra a vontade dos inimigos, recupe-

Haec quidem, cum de casu impii dicta sint, admonet interim Sapiens, spiritu Christi eruditus, ne in malis et calamitatibus inimicorum gaudeamus, sunt enim nobis diligendi et maleficia beneficiis compensanda, ut illi summo Domino placeamus, qui Solis lucem super iustos et iniustos diffundit et pluuiam e caelo dimittit ad uitam bonorum et improborum frugibus alendam et sustentandam. Admonemur etiam ut uindictam Dei iudicio reseruemus, aliter enim, si nimis uindictae cupidi fuerimus, inimicos nostros subleuabimus. Deus enim eorum causam minime suscipit qui per se aduersarios ulcisci uolunt diuinumque munus usurpare contendunt. “Mea est”, inquit, “uindicta et ego retribuam”¹¹⁵. Qui igitur per se iniuriam sibi ipsis illatam persequuntur, iram diuinam ab aduersariis auertunt.

Multi, bono animo praediti, cum cernunt impios opibus florere et esse apud multitudinem in magno honore, id aegre patiuntur. Admonet igitur Sapiens condicionem improborum magis esse miserandam quam sanis hominibus expetendam, ut enim aliquo tempore, splendore, dignitate et populari gloria circumfluere uideantur, repente tamen occidunt et opes illorum funditus euertuntur nomenque obliuione sempiterna deletur. Quid ergo faciendum ut opibus firmis aucti et ornati simus et nomen nostrum nulla obliuione temporis obruatur? “Time,” inquit, “Deum et regem”. – Quem regem narras? Illum nempe quem Deus ipse constituit super Sion montem suum, ut legem sempiternam [866] sanciat suosque iustitiae diuinis muneribus exornet.

Iustorum autem opes auerti minime possunt eorumque memoria nullis umquam saeculis interibit: nempe, quae sit diuinis monumentis in caelo ad aternitatem consecrata. Contra uero, qui muneribus insolescunt et honoribus ad iniuriam abutuntur neque quid sibi sit iure commissum, sed quid hominum leuitate permissum, cogitant, et omnia ad proprium commodum nefarie conuertunt, momento temporis interibunt. Supplicia uero, quibus excrucianti sunt, quis nouit? Vt enim praemia bonis constituta cogitatione comprehendi non possunt, ita supplicia sontibus irrogata hominum cogitationem superant. “Vtriusque” autem dicit, quia duo sunt, ut dictum est, improborum genera, alii namque sunt in homines taeterrimi, alii uero non modo homines iniuriis uexant, sed etiam sunt in Deum scelestissimi, et eos, qui sunt in homines tantum malefici, Salomon communi nomine ‘improbos’ appellat, qui autem etiam sunt in Deum scelerati, ‘impios’ nominat. Vtrique tamen sui sceleris sempiternas poenas exsoluent.

¹¹⁵ retribuam *Antuérpia*] tribuam *Roma*. Cfr. Vulgata, *Rom.* 12, 19.

rar com bom sucesso a sua posição. Ao passo que o ímpio, quando cair, de tal maneira há de ser oprimido pelos males que não conseguirá erguer-se.

Embora estas coisas sejam ditas acerca da queda do ímpio, aconselha entretanto o Sábio, ensinado pela inspiração de Cristo, a que não nos alegremos com os males e desgraças dos inimigos, pois devemos amá-los e pagar as malfetorias com benefícios, a fim de agradarmos àquele supremo Senhor, que faz resplandecer sobre justos e injustos a luz do sol e que a chuva caia do céu para alimentar e sustentar com os produtos da terra a vida dos bons e dos ruins. Somos também admoestados a reservarmos a vingança para o juízo de Deus, pois, caso contrário, se formos demasiado ávidos de vingança, favoreceremos os nossos inimigos. De facto, Deus não toma a Seu cargo defender a causa dos que querem tomar desforço por suas próprias mãos e se esforçam por usurpar as funções divinas. “A mim me pertence a vingança, eu retribuirei”, [*Rm 12. 19.*] disse o Senhor. Por conseguinte, os que castigam por suas próprias mãos a injustiça contra eles praticada, desviam dos adversários a ira divina.

Muitos, dotados de bom espírito, quando veem os ímpios prosperarem em riquezas e gozar de grande prestígio perante a multidão, suportam-no penosamente. Por isso, o Sábio lembra que a condição dos ímpios mais deve ser compadecida do que desejada pelos homens corretos, porquanto, ainda que durante algum tempo pareçam possuir em abundância de esplendor, dignidade e glória popular, todavia morrem repentinamente e todas as suas riquezas se desvanecem por completo e o seu nome é apagado pelo eterno esquecimento. Que deve então fazer-se para sermos acrescentados e ornamentados com riquezas sólidas e para evitarmos que o nosso nome em tempo algum seja delido pelo esquecimento? Responde: “Teme a Deus e ao rei”. – De que Deus falas? Certamente que daquele a quem o próprio Deus estabeleceu sobre o Seu monte de Sião, para prescrever a lei eterna [866] e exornar os Seus com os dons divinos da justiça.

Ora, as riquezas dos justos não podem ser roubadas e a memória deles em tempo algum perecerá: como é evidente, para ser imortalizada no Céu em memoriais divinos. Ao invés, porém, os que se ensoberbecem com os cargos e usam indevidamente das dignidades para a injustiça e não pensam naquilo que por direito lhes foi atribuído, mas no que lhes foi confiado pela inconstância dos homens, e de modo sacrílego tudo encaminham para o seu próprio proveito, hão de perecer num ápice. E quem conhece os suplícios com que devem ser atormentados? É que, assim como não podem abarcar-se com o pensamento os prémios que estão estabelecidos para os bons, assim se avantajam a toda a imaginação humana os suplícios aplicados aos culpados. Por outro lado, diz: *a ruína de ambos*, porque, conforme se disse, são duas as espécies de desonestos, pois uns são crudelíssimos contra os homens, ao passo que os outros não avexam os homens com injustiças, como também são muitíssimo criminosos contra Deus, e a estes, que só são perniciosos aos homens, Salomão designa-os com o nome genérico de “desonestos”, ao passo que àqueles que também são criminosos contra Deus,

[23.] *Haec quoque sapientibus.*

Vt ex hoc loco perspicitur, Salomon opus ita contexebat ut illud interdum interrumperet, maxime autem in hoc sententiarum uolumine. Non enim omnes sententiae sic inter se connexae sunt ut non liceret eas distinguere et alias ab aliis separari. Cum igitur opus confecisset, et alias sententias alio tempore protulisset, uisum est illi posteriores prioribus agglutinare. Etiam haec ad sapientes inquit. – Quare dicit ad sapientes? Quia sapientes sunt qui disciplinam attentis auribus accipiunt, et minime, quod commode dicitur, aspernantur. Quid est igitur, quod dicit?

Gnoscere personam in iudicio non est bonum.

Non dicit, “causam contra ius adiudicare personis notis, non est bonum”. Sententia enim inepta fuisset et Salomone prorsus indigna, quis enim non intelligit sententiam ferre contra legem esse facinus scelestissimum? Quid igitur dicit? Hoc certe: esse nimis periculosum in iudicio personarum rationem habere. Quemadmodum enim munera ita mentes excaecant ut facillime iudices a uero iudicio deducant, non quidem ut illis propositum sit iuris religionem uiolare, sed ut opinentur, muneribus immutati, ius esse quod ius non est, ita eos, inquit, qui personas norunt, hoc est, qui uel nobilitati, uel dignitati, uel gratiae, uel cognationi, uel amicitiae, aliquid in iudicio tribuendum existimant, et ideo cupiunt ut, cum eis leges faciant in quos ipsi uoluntate propendent, facillime commutari animis, ita ut opinentur, cum perperam iudicant, se recte sententiam protulisse. Qui igitur recte iudicare statuit, opus est ut sanguinis communionem aspernetur, ut amicitiae rationem a iudicio repellat, ut sensum naturae repudiet, [867] ut offensiones obliuiscatur, ut denique non homo, sed Deus quidam inter homines sit.

Vt enim Deus non motibus ullis a statu deducitur, ita qui iudicat immobilem se praebeat et nihil aliud quam iuris sanctitatem tota mente respiciat, quemadmodum scriptum est in *Deuteronomio*, in fine:¹¹⁶ “Qui dicit patri suo et matri suae, nescio uos; et fratribus suis, ignoro illos, et nescierunt filios suos, hi custodierunt eloquium tuum, et pactum tuum seruauerunt.” Cum Deo enim loquitur Moses et ostendit ei qui uelit in iudicio Dei officio fungi esse omnem prorsus affectionem a iudicio remouendam, aliter enim se difficillime continebit quin aliquid in iudicando sensibus deprauatis attribuat. Hoc est igitur quod ait Salomon non esse bonum: hoc est, esse malum et periculosum nosse personas in iudicio. Cum enim iudicium sit diuinum et iudex Dei uicarius sit, necesse est ut, in iudicando, hominis personam deponat et Dei personam sustineat.

¹¹⁶ Vd. Vulgata, *Deut.* 33, 9.

chama-lhes “ímpios”. Todavia tanto uns como os outros hão de pagar as penas eternas do seu crime.

23. O que vou dizer é também para os sábios.

Conforme se depreende desta passagem, Salomão redigia as suas obras de modo tal que por vezes as interrompia, mas sobretudo neste livro de sentenças. É que nem todas as sentenças e provérbios foram ligadas umas com as outras de tal sorte que não seja possível distingui-las e separá-las umas das outras. Por conseguinte, uma vez concluída a obra, e tendo em época posterior produzido outros provérbios, achou por bem juntar as mais antigas com as mais recentes. Também diz isto aos sábios. – Porque diz aos sábios? Porque são sábios os que acolhem com ouvidos atentos os conhecimentos e não desprezam o que apropriadamente se diz. E que então o que diz?

Não é bom fazer acepção de pessoas nos juízos.

Não diz: “não é bom decidir contra o direito a favor de pessoas conhecidas”. É que teria sido uma opinião inepta e totalmente indigna de Salomão, pois quem não compreende que é o mais criminoso dos atentados pronunciar uma sentença oposta à lei? Portanto, que pretende dizer ele? Certamente que nos juízos é assaz arriscado ter em conta as pessoas. É que, do mesmo modo que as dádivas de tal maneira cegam os entendimentos que mui facilmente desviam os juízes de um julgamento correto, não de tal modo que se proponham transgredir a santidade da lei, mas de maneira a, transformados pelas dádivas, pensarem que é justo aquilo que não é justo, [assim diz que os que fazem acepção de pessoas, isto é, que, ou pela sua condição nobre, ou dignidade, ou influência, ou laços de parentesco, ou amizade, consideram que em tribunal devem dar-lhes um tratamento especial, e desejam-no com o intuito de, uma vez que pretendem que as leis estão a favor daqueles para os quais o seu afeto se inclina, mui facilmente modificarem a disposição de espírito, de maneira a pensarem que, quando julgam mal, proferiram uma sentença correta.]²² Por conseguinte, quem se propôs a julgar corretamente, é mister que despreze os laços de sangue, que no tribunal não tenha em conta os vínculos da amizade, que rechace os sentimentos da natureza, [867] que esqueça as ofensas e, enfim, que seja, não um homem, mas uma espécie de Deus entre os homens.

Na verdade, assim como a Deus nenhuns abalos ou movimentos o fazem sair do Seu estado e condição, assim quem julga mostre-se imutável e não atenda com

²² A parte entre parênteses parece-nos que no original latino ficou à espera do acepilhamento final que a libertasse do enleamento de que a versão portuguesa tão-pouco a isenta.

[24.] *Qui dicunt impio: Iustus es, maledicent eis populi, et detestabuntur eos tribus.* [25.] *Qui arguunt eum laudabuntur, et super eos ueniet benedictio.*

Constat impium esse Dei inimicum. Immane igitur scelus est impium laudibus ornare et ei qui cum diuina lege perpetuo bellum gerit, atque adeo factis et maledictis in ipsum Deum inuehitur, iustitiae testimonium tribuere. Quid est enim aliud Dei hostem laudibus ornare quam Deum probris afficere? Quod cum malitiose ab improbis fiat, ut ea ratione a populis, qui in impiorum potestate sunt, laudem obtineant, iudicio diuino fit ut ipsi tandem populi eos, qui impiis adulantur, exsecrentur, et configant maledictis omnes qui, ut popularem gratiam ineant, impudentissime mentiuntur. Contra uero, qui obsistunt sceleri et arguunt impietatem, quamuis in principio, impiorum opera, male audiant, ab omnibus tandem debitis laudibus efferuntur.

[26.] *Labia deosculabitur qui recta uerba respondet.* [27.] *Praepara foris opus tuum, et diligenter exerce agrum tuum, et postea aedifices domum tuam.* [28.] *Ne sis testis frustra contra proximum tuum, nec lactes quemquam labiis tuis.* [29] *Ne dicas: Quomodo fecit mihi, sic faciam ei; reddam unicuique secundum opus suum.*

Non minus allicit ad amorem animos oratio prudens et responsum beneuolentiae plenum quam osculum, in pacis et amicitiae signum datum. Quocirca cauendum est ne animos hominum a nobis asperis uerbis alienemus, immo benigne respondeamus, et absentes debito honore minime fraudemus et, quoad fieri potest, homines nobis oratione conciliemus, si uolumus pacem et amicitiam tueri.

todo o seu espírito a nenhuma outra coisa senão à santidade do direito, tal como se encontra escrito no *Dt 33. 9.*: “Quem diz a seu pai e a sua mãe ‘Eu não vos conheço’, e a seus irmãos ‘Eu não sei quem vós sois’, e que não conhecerem seus próprios filhos: estes são os que executaram a tua palavra e os que guardaram o teu pacto”. É que Moisés fala com Deus e mostra a quem quer desempenhar no juízo a função de Deus, que dos julgamentos deve afastar-se por completo todo tipo de afeições, pois, caso contrário, mui dificilmente ao julgar deixará de submeter-se aos corrompidos sentidos. Por conseguinte, é isto o que diz Salomão que não é bom: ou seja, que é mau e perigoso fazer acepção de pessoas nos juízos. De facto, sendo certo que o juízo é divino e o juiz um substituto de Deus, é forçoso que, ao julgar, ponha de parte o seu papel de homem e assuma o de Deus.

24. Aqueles que dizem ao ímpio: ‘Tu és justo’, amaldiçoá-lo-ão os povos e detestá-lo-ão as tribos. 25. Aqueles que o repreendem serão louvados e virá sobre eles a bênção.

É manifesto que o ímpio é inimigo de Deus. Por conseguinte, é crime monstruoso elogiar o ímpio e conceder um testemunho de justiça a favor de quem incessantemente trava guerra com a lei divina e até com seus atos e insultos ataca o próprio Deus. De facto, que outra coisa é elogiar o inimigo de Deus senão cobrir de insultos Deus? Como isto seja maliciosamente feito pelos desonestos a fim de desta maneira obterem os louvores dos povos que se encontram em poder dos ímpios, por juízo divino sucede que ao cabo os mesmos povos abominam estes que adulam os ímpios e trespassam com insultos todos os que, para ganharem as boas graças do povo, mentem com a mais descarada impudência. Ao invés, porém, os que se opõem ao crime e censuram a impiedade, embora no começo por obra dos ímpios tenham ruim reputação, acabam por ser por todos exaltados com os merecidos louvores.

26. Aquele que dá uma resposta direita dará um beijo na boca. 27. Prepara de fora a tua obra e lavra cuidadosamente o teu campo, para que depois edifiques a tua casa. 28. Não sejas testemunha em vão contra o teu próximo, nem seduzas a ninguém com os teus lábios. 29. Não digas: “Como ele me fez a mim, assim farei eu a ele; tornarei a cada um segundo as suas obras.”

As palavras prudentes e uma resposta cheia de boa vontade não aliciam menos o ânimo do que o beijo dado em sinal de paz e amizade. Razão pela qual se deve evitar afastarmos de nós a amizade dos homens com palavras desabridas, e até devemos responder com boa cara e não privarmos os ausentes da devida honra e, na medida em que for possível, cativarmos com as nossas palavras os homens, se queremos salvaguardar a paz e a amizade.

Quod uero sequitur ad rei familiaris prudentiam ualde pertinet. Sunt enim multi lauti [868] et sumptuosi qui sine iudicio uillas aedificant antequam sciant an praedia frutuosa sint. Consere prius, inquit, agrum, fruges exara, uineas scienter institue, deinde per otium aedifica, fructus enim aedificationi sumptus suggeret et tunc impensa recto iudicio facta putabitur, cum annui fructus uberes exstiterint. Cum enim tellus bene culta egregiam mercedem colono industrio persoluat, qui tarde conserit magnum damnum facit et qui nimis cito in uillarum inani magnificentia opes insumit, ad inopiam plerumque redigitur. Quod quidem praeceptum, cum in re familiari summo studio seruandum sit, tum in opibus animi comparandis multo diligentius retinendum: nempe, ut multo magis in solido fructu quam in splendida specie laboremus, et nihil ad ostentationem, sed potius omnia ad utilitatem animi referamus.

Prohibet deinde ne temere testimonium dicamus ne simul et proximi famam oratione parum considerata maculemus et religionem sanctissimam uiulemus. Quod quidem tantum habest ut multi faciant ut, suspicione tantum leuissima tacti, multa confirmant quae prorsus ignorant et quasi nihil certius esse possit, ita id, quod nesciunt, persuadere conantur. Cum uero irati sint, uindictae cupiditas eos cogit non modo alios sceleris insimulare, sed etiam quod finxerunt aut suspicati sunt iureiurando confirmare. Ab hoc ultionis studio conatur Sapiens homines auertere. Duo namque mala sibi comparat quisquis uehementer ultionem expetit. Primum enim iram diuini numinis in se concitat, Deus enim ueniam denegat iis qui ueniam proximis impartire recusant. Deinde, eum, quem perditum cupit, magna ex parte ira diuina liberat, nam Deus, quamuis peccatum imposita poena coerceat, iniuriam non uindicat illatam illi qui per se iniuriam persequi contendit.

[30.] *Per agrum hominis pigri transiui, et per uineam uiri stulti: [31.] et ecce totum repleuerant urticae, et operuerant superficiem eius spinae, et maceria lapidum destructa erat. [32.] Quod cum uidissem, posui in corde meo, et exemplo didici disciplinam. [33.] Parum, inquam, dormies; modicum dormitabis, pauxillum manus conseres ut quiescas; [34.] et ueniet tibi quasi cursor egestas tua, et mendicitas tua quasi uir armatus.*

Magnum est socordiae et pigritiae malum. Vt enim uir nauus et industrius ex paupere diues efficitur, ita diues piger inopia tandem premitur et rerum omnium paenuria conflictatur. Pigro enim squalent agri et dumorum asperitate uastantur, uinae densissimis uepribus obruuntur et omnes fructus intereunt, et ita, dum somnum nimis amplectitur, per somnum et ignauiam bonis omnibus spoliatur. Quid de animo dicendum est? Cum enim disciplinis [869] excolitur, cum ad caeli conspectum erigitur, cum, ut Dei cognitionem capiat, de somno frequenter excitatur, cum dies atque noctes in studium diuinae legis incumbit, mirifice nitescit et splendido cultu uirtutis exsultat uberrimosque ex se fructus passim

E o que vem a seguir tem muito a ver com a boa preservação do património familiar. É que há muitas pessoas opulentas [868] e pródigas que sem ponderação edificam casas de campo antes de saberem se as terras são produtivas. Diz ele: “Dirige-te primeiro ao campo, cultiva os produtos da terra, planta vinhas de modo apropriado, e em seguida tranquilamente contrói a casa, pois os frutos da terra ajudarão a cobrir as despesas da construção e considerar-se-á que os gastos foram feitos com atilado cálculo quando as produções agrícolas anuais se mostrarem abundantes. É que, sendo certo que um solo bem cultivado dá um excelente rendimento ao agricultor esforçado, quem semeia tardiamente recebe um grande prejuízo e quem com excessiva pressa investe as riquezas no luxo vão das casas de campo as mais das vezes fica reduzido à pobreza. Este preceito, ainda que deva ser observado com o máximo cuidado na conservação do património familiar, todavia deve ser respeitado com muito maior zelo na obtenção das riquezas do espírito: como é óbvio, por forma a nos esforçarmos muito mais em conseguir frutos sólidos do que aparências brilhantes e nada encaminharmos à ostentação, mas antes tudo ao proveito da alma.

Em seguida, proíbe-nos de testemunharmos de modo irrefletido e, ao mesmo tempo, de mancharmos com palavras pouco ponderadas a reputação do próximo e de violarmos a santíssima religião. Ora, muitos estão tão apartados de fazerem isto que, tocados apenas pela mais ligeira suspeita, afirmam muitas coisas que totalmente ignoram e como se nada pudesse existir de mais certo, de tal maneira que se esforçam em persuadir aquilo que desconhecem. E uma vez que se encontram irados, o desejo de vingança obriga-os não só a acusar falsamente os outros de crime, mas também a confirmar por juramento aquilo que inventaram ou de que suspeitaram. O Sábio empenha-se em desviar os homens desta paixão do desforço. É que aparelha contra si dois males quem quer que vivamente deseje vingar-se. De facto, o primeiro é que desperta contra si a ira da divindade, pois Deus nega o perdão aos que se recusam a conceder perdão aos próximos. Em segundo lugar, liberta em grande parte da ira divina aquele a quem deseja causar a perdição, porquanto Deus, embora castigue o pecado com a pena que inflige, não vinga a injustiça praticada contra aquele que por suas próprias mãos se esforça por vingar a injustiça.

30. *Passei pelo campo do homem preguiçoso e pela vinha do homem insensato, 31. e eis que achei que tudo estava cheio de ortigas e que os espinhos cobriam a sua superfície e que o muro de pedra estava caído. 32. O que tendo eu visto, pu-lo no meu coração e deste exemplo recebi a instrução. 33. Um pouco, disse eu comigo, dormirás, outro breve espaço dormirás, outro pouquinho cruzarás as mãos para descansares, 34. e virá sobre ti a indignência, como um caminheiro, e a mendiguez, como um homem armado.*

São grandes males a preguiça e a indolência. De facto, assim como o homem industrioso e ativo se torna de pobre em rico, assim o rico preguiçoso acaba por

fundit et omnia denique, quae ex illo proferuntur, sunt uehementer illustria atque salutaria. Contra uero, cum obrepat somnus et obliuio mentem occupat et animi contentionem frangit et debilitat, uirtus liquefacta conuiuet et libido, uinculis soluta, acrius effertur eoque tandem hominem redigit ut miserrime uiuat, quamuis antea fuisset omnibus diuitiis expletus. Vrticae namque sentes et spinae flagitia sunt quibus animi, cultura destituti, miserabiliter obruuntur et maceriae, quae feras aditu arcebant, dissipantur.

CAP. XXV

[1.] *Hae quoque Parabolae Salomonis, quas transtulerunt uiri Ezechiae, Regis Iuda.*

Ex hoc loco planum fieri potest quod ante dictum est: aliquot Salomonis sententias dispersas fuisse et postea, hominum doctorum opera, ne perirent, reliquis, quae circumferebantur, agglutinas esse. In primis autem, in sanctissimi regis Ezechiae comitatu credendum est non defuisse homines, doctrina et religione praestantes, qui operam strenue in antiquitate recolenda nauabant, ex quibus hi fuerunt qui has Salomonis parabolas ad reliquas adiunxerunt, ne tam praeclara doctrina ex animis hominum elaberetur. Quid est igitur quod scriptum erat a Salomone et a reliquis sententiis auulsum?

[2.] *Gloria Dei est celare uerbum, et gloria regum inuestigare sermonem.* [3.] *Caelum sursum, et terra deorsum, et cor regum inscrutabile.* [4.] *Aufer rubiginem de argento, et egredietur uas purissimum.* [5.] *Aufer impietatem de uultu regis, et firmabitur iustitia thronus eius.* [6.] *Ne gloriosus appareas coram rege, et in loco magnorum ne steteris.* [7.] *Melius est enim ut dicatur tibi: Ascende buc, quam ut humilieris coram principe.*

ser oprimido pela indigência e atribulado pela penúria de todas as coisas. De facto, os campos do preguiçoso enchem-se de mato e são invadidos pelos agres-tes silvedos, as suas vinhas ficam cobertas de densíssimas sarças e todas as suas produções perecem, e assim, enquanto se entrega em excesso ao sono, o sono e a indolência despojam-no de todos os bens. Que cumpre dizer-se em relação ao espírito? De facto, quando é aperfeiçoado com a instrução, [869] quando se aplica à contemplação do Céu, quando, a fim de adquirir o conhecimento de Deus, frequentemente se desperta do sono, quando durante os dias e as noites se consagra ao zelo da lei divina, começa a brilhar de modo maravilhoso e alegra-se com o esplêndido aparato da virtude e por todos os lados produz abundantíssimos frutos e, finalmente, tudo que dele promana, é profundamente brilhante e salutar. Ao invés, porém, quando o sono se introduz e o esquecimento ocupa o entendimento e quebranta e enfraquece o esforço do ânimo, a virtude amolentada fecha os olhos e a sensualidade, livre de grilhões, levanta a cabeça mais atrevida e acaba por reduzir o homem a tal estado que passa a viver na maior mofina, ainda que anteriormente se encontrasse colmado de todas as riquezas. De facto, as ortigas, silvas e espinheiros são as infâmias que miseravelmente abafam os espíritos privados de cultura e que deitam por terra os muros que afastavam a entrada das feras.

CAPÍTULO XXV

1. *Estes são também os 'Provérbios' de Salomão, os quais transcrevem os servos de Ezequias, rei de Judá.*

A partir desta passagem pode provar-se claramente o que anteriormente se disse, que algumas sentenças de Salomão se dispersaram e depois, por obra de homens sábios, para que não se perdessem, foram ajuntadas às restantes que circulavam. Ora, em primeiro lugar, é de crer que no séquito do santíssimo rei Ezequias não faltassem homens de superior saber e religiosidade que se empenhavam com esforço em recuperar as coisas antigas, a cujo número pertenceram aqueles que ajuntaram aos restantes estes Provérbios de Salomão, para evitar que tão preclaros ensinamentos escapassem ao conhecimento dos homens. Por conseguinte, que é que foi escrito por Salomão e se encontrava separado das demais sentenças?

2. *A glória de Deus é encobrir a palavra e a glória dos reis é investigar o discurso.* 3. *O céu na sua altura e a terra na sua profundidade e o coração dos reis é inescrutável.* 4. *Tira a ferrugem da prata e sairá um vaso puríssimo.* 5. *Tira a impiedade da presença do rei e o seu trono se firmará na justiça.* 6. *Não apareças ufano diante do rei e não te ponhas no lugar dos grandes,* 7. *porque melhor é que te digam: 'Sobe para cá', do que seres humilhado diante do príncipe.*

Cum Deus habitet immensam lucem quam nemo possit mentis acie sustinere, ad gloriam illius pertinet mysteria, quae homines percipere nequeunt, occultare, ne uidelicet ii qui sunt tenebris assueti, magnitudine insolitae lucis obruti, aspectum amittant. Sunt enim arcana quae nefas est hominibus enuntiare, propterea quod nimis imbecilli sunt et ad tantam disciplinam prorsus indociles. Iccirco Deus, ut aliquo pacto homines terrenis rebus affixos erudiat, similitudines a rebus corporeis assumit et figuris atque imaginibus utitur et diuina humanis integumentis inuoluit, ut ita, sensim atque leniter, pro [870] cuiuslibet hominis captu, eos ad aliquam cognitionem sui numinis inducat. Contra maiestatem enim illius est diuina secreta iis, qui non possunt ea percipere, diulgari et praeterea imminet graue periculum imperitis cum illis obiiciuntur ea quae non possunt mente et ratione comprehendere. Non sunt enim margaritae porcis tradendae, ne eas, quarum pretium quantum sit minime uident, pedibus proculcent, et in eos qui margaritas illis offerunt inuehantur. Iccirco in Euangelio Dominus numquam fere sine parabolis de rebus caelestibus in concione disserebat, quia non erat datum multitudini regnum caelorum clare cernere, et apud Marcum legimus¹¹⁷ ea tantum ab illo tradi hominibus quae intelligi ab illis poterant. Aliter enim contemptus et irrisio sequeretur et longe grauioris ruinae periculum.

Pertinet igitur ad Dei gloriam ea quae sunt ab humani ingenii facultate remotissima uelamentis obtegere, quoad usque, in disciplina progressi, possint ea absque ullis integumentis inspicere. Cum igitur Deus ea celat quae homines intueri nequeunt, non solum maiestati suae consulit, sed etiam ab hominibus grauissimum exitii periculum propulsat. Hoc est igitur Dei officium; regis uero, hoc est, hominis iusti regiisque uirtutibus ornatissimi, quod tandem officium est? – Scrutari uerbum diuinum et qui sensus in parabolis lateat diligenter inquirere, in eoque multum operae et studii consumere, ut tandem ea perspiciat ad quorum notitiam hominum uulgus aspirare nequit. “Beati enim qui scrutantur testimonia eius, et toto corde exquirunt eum”¹¹⁸; qui dicunt “Reuela oculos meos, et considerabo mirabilia de lege tua”¹¹⁹; qui flagrant cupiditate sapientiae ad eamque tandem Spiritus Diuini ductu perueniunt; qui denique sunt ab ipso Deo disciplinis caelestibus instructissimi. Cum his enim Deus arcana sua communicat, quae hominibus reliquis abscondit. Hi uero nihil moliuntur, nihil agunt, nullum munus administrant, nisi de Dei ipsius mente et sententia: “Qui enim spiritu Dei aguntur, hi filii Dei sunt”¹²⁰. Cum uero incertum sit quo illos Deus sit impulsurus aut quod sit illis munus assignaturus, fit ut nemo queat intelligere quo tandem

¹¹⁷ Vd. Vulgata, *Mc.* 4, 10 sg.

¹¹⁸ Vd. Vulgata, *Ps.* 118, 2.

¹¹⁹ Vd. Vulgata, *Ps.* 118, 18.

¹²⁰ Vd. Vulgata, *Rom.* 8, 14.

Uma vez que Deus habita a luz imensa, que ninguém pode suportar com os olhos do entendimento, pertence à Sua glória ocultar os mistérios que os homens não podem abranger, como é óbvio, para que os que estão acostumados às trevas não percam a visão ofuscados pela intensidade de uma luz inusitada. É que existem segredos que é defeso dar a conhecer aos homens, porque são excessivamente fracos e totalmente incapazes de tão elevados conhecimentos. Por isso Deus, para de alguma forma ensinar os homens ligados às coisas terrenas, usa de comparações tiradas das coisas corporais e serve-se de figuras e imagens e envolve as coisas divinas com vestimentas humanas, para desse modo suave e lentamente, em conformidade com [870] as capacidades de aprendizagem de qualquer homem, levá-los a algum conhecimento da Sua divindade. É que é contrário à Sua majestade que se transmitam os segredos divinos àqueles que não podem entendê-los, e, além disso, um grave perigo ameaça os ignorantes quando se lhes expõem coisas que não conseguem abranger com o entendimento e a razão. É que não devem dar-se pérolas aos porcos, para que estes que não têm qualquer noção do alto preço delas as não pisem, nem invectivem os que lhes oferecem pérolas. Por isso no Evangelho o Senhor quase nunca nos seus sermões discorria acerca das coisas celestiais sem se servir de parábolas, porquanto não era concedido à multidão enxergar claramente o Reino dos Céus, e lemos em S. Marcos que ele só transmitiu aos homens aquilo que eles poderiam entender. É que, caso contrário, seguir-se-iam o desprezo e a irrisão e o risco de uma ruína muito maior.

Por conseguinte, pertence à glória de Deus ocultar com cendais aquelas coisas que estão muito apartadas da capacidade da inteligência humana, até que, após avançarem na aprendizagem, possam contemplá-las sem quaisquer vestimentas. Portanto, quando Deus oculta estas coisas que os homens não podem contemplar, não só está a olhar pela Sua majestade, mas também a afastar dos homens um gravíssimo risco de perdição. Por consequência, esta é a obrigação de Deus; mas qual é enfim a obrigação do rei, isto é, do homem justo e ornado por completo com as virtudes régias? – Esquadrinhar a palavra de Deus e diligentemente procurar saber o sentido que se oculta nas parábolas, e nisto despender muito trabalho e desvelo, para que ao cabo entenda aquelas coisas a cujo conhecimento o comum dos homens não pode aspirar. De facto, “bem-aventurados os que consideram os Seus testemunhos, os que de todo o coração O buscam”, os que dizem: “Tira o véu dos meus olhos, e eu considerarei as maravilhas da Tua lei”. [Sl 119. 2 e 18] os que se abrasam no desejo de sabedoria e acabam por chegar até ela sob a direção do Espírito de Deus; os que, finalmente, foram completamente instruídos pelo próprio Deus nos ensinamentos celestiais. De facto, Deus partilha com estes os Seus segredos, que esconde dos restantes homens. E estes nada empreendem, nada fazem e não desempenham função alguma senão de acordo com a intenção e parecer de Deus: *Porque todos os que são levados pelo Espírito de Deus, estes tais são filhos de Deus.* [Rm 8. 14.] E, uma vez que é incerto para onde Deus há

euocandi sint. Itaque citius caeli altitudinem intelligentia superabis aut terrae profunditatem cogitatione penetrabis quam quid in Regis animo lateat cogitatione percipias.

Quod, si hanc sententiam uelis ad reges, qui non modo regia uirtute praediti sunt, uerum etiam regnum possident, accommodare, intelligendum est hoc in loco duplex officium in rege requiri. Vnum est uerbum diuinum scrutari totamque mentem in summo Rege defigere, ut ab eo multa discat quae ad regni sui administrationem transferat; alterum, ut non omnia quae mente concipit in uulgu effundat, sed ita secreta teneat ut cuilibet facilius sit caeli secreta peruestigare aut terrae uiscera oculis intueri quam quid in animo illius insideat, opinione consequi.

Monet deinde regem ut summa diligentia a sua familiaritate et congressu longissime [871] repellat omnem impietatis et iniustitiae labem. rex enim qui ad familiaritatem suam homines impietatis infamia maculatos aut iniquitatis maculis aspersos admittit, duplex incommodum subit. Vnum enim est summum dedecus et ignominia; alterum, regii muneris obeundi difficultas. Nam in suspicionem uenit rex, cum homines perditos in gratiam recipit, esse se iisdem flagitiis affinem et, quotiens aliquid regie facere uoluerit, ab improbis, qui cum illo fuerint, fraudibus impediatur. Quemadmodum igitur argentarius, qui uas aliquod opere excellenti facere cogitat, prius argentum conflatur ut omnem ab illo scoriā auferat, ita regi opus est, qui aliquid cum uerissima laude gerere studet, ut prius omnem impuritatis et labis contagionem longe submoueat, neque quemquam ad familiaritatem suam admittat, nisi quem nouerit esse uerissimae uirtutis laude cumulatum. Et hoc quidem praeceptum ad reges pertinet, quos docet regis solium, non tam maximis militum copiis, quam proborum hominum sapientia et fidelitate confirmari.

Quod deinde sequitur ad eorum disciplinam qui sunt in regum aulis assidui traditur: nempe, ut coram rege gloriosi ne sint. Ne uidelicet ostentent se et inaniter insolescant, et locum appetant e quo possint cum ignominia deturbari. Multum enim, inquit, praestat a loco inferiore, quem moderate tenes, ad altiorem euehi, quam ab altiore, quem arroganter occupare conatus es, in inferiorem dimitti. Hoc est autem quod Dominus, in Euangelio Lucae, totidem fere uerbis admonet, ut enim saepius inquit: “Omnis, qui se abiicit, extolletur; et qui se extollit, abiicietur”¹²¹.

¹²¹ Vd. Vulgata, *Lc.* 14, 11.

de impeli-los ou qual a função que há de atribuir-lhes, sucede que ninguém pode compreender para onde devem ser chamados. E, por isso, mais prestes te elevarás com a inteligência acima da altura do céu ou penetrarás com o pensamento nas entranhas da terra do que conhecerás o que se oculta no espírito do Rei.

Pelo que, se quisermos aplicar esta sentença aos reis, que não só são dotados de virtude régia, mas também detêm o poder, cumpre entender-se que neste lugar exige-se do rei uma dupla função. Uma é esquadrinhar a palavra divina e fixar inteiramente no Rei supremo o entendimento, para que d'Ele aprenda muitas coisas que possa aplicar à governação do seu reino; a outra é que não dê a conhecer ao povo tudo que pensa, mas de tal maneira guarde os segredos que seja mais fácil para quem qualquer pessoa esquadrinhar os segredos do céu ou divisar com os olhos as entranhas da terra do que conjecturar o que se encontra no seu espírito

Aconselha em seguida o rei a que, com o máximo desvelo, aparte para muitíssimo longe do seu trato e comunicação [871] toda a nódoa de impiedade e injustiça. De facto, o rei que admite na sua intimidade homens manchados com o labéu da impiedade ou tismados com a vilta da iniquidade, incorre em duplo inconveniente. De facto, um é o supremo desdouro e ignomínia; e o outro, a dificuldade em desempenhar a função de rei. É que, um rei, quando acolhe na sua graça homens perversos, incorre em suspeita de ser cúmplice das mesmas indignidades e, sempre que quiser fazer alguma coisa de modo régio, será impedido pelos desonestos que estiverem na sua companhia. Por conseguinte, da mesma maneira que um artífice de objetos de prata, que pretende fazer algum vaso de primoroso acabamento, primeiro funde a prata para lhe retirar toda a escória, assim ao rei, que está empenhado em realizar alguma ação merecedora de verdadeiro louvor, é-lhe necessário primeiro afastar para longe todo o contágio de impureza e desonra, e não consentir na sua intimidade ninguém, senão aquelas pessoas de que estiver certificado de que possuem em abundância o merecimento da mais verdadeira virtude. E este preceito diz respeito aos reis, aos quais ensina que o trono real se consolida, não tanto com imensas tropas de soldados, quanto com a sabedoria e lealdade dos homens honestos.

O que vem depois descreve-se para ensinamento daqueles que estão constantemente presentes nas cortes dos reis: a saber, para que não se mostrem vaidosos e ufanos diante do rei. Como é óbvio, para não se ensoberbecerem vaidosamente nem alardearem de si, nem desejarem uma posição da qual podem ser derribados com desdouro. É que, segundo diz, é muito preferível sermos erguidos a um lugar elevado a partir de um lugar mais baixo, que ocupamos com moderação, a ser obrigado a baixar de um mais elevado, que arrogantemente nos esforçamos por ocupar, para um inferior. Ora, isto é o que o Senhor, no Evangelho de S. Lucas, quase com as mesmas palavras aconselha, pois, tal como diz mui frequentemente: "Todo o que se humilha será exaltado, e todo o que se exalta será humilhado." [Lc 14. 11.]

[8.] *Quae uiderunt oculi tui ne proferas in iurgio cito, ne postea emendare non possis, cum dehonestaueris amicum tuum.* [9.] *Caussam tuam tracta cum amico tuo, et secretum extraneo ne reueles;* [10.] *ne forte insultet tibi cum audierit, et exprobrare non cesset.* [11.] *Mala aurea in lectis argenteis, qui loquitur uerbum in tempore suo.* [12.] *Inauris aurea et margaritum fulgens qui arguit sapientem et aurem oboedientem.*

Irae nimiam celeritatem continendam docet. Fit enim ut, qui cito commouetur et excandescit feruore iracundiae furentius elatus, intorqueat in amicum cotumeliam, cuius se ualde postea sine ullo fructu paeniteat. Danda igitur opera est ut, aequabili compositione, omnis litium materia subtrahatur, ante quam ad iurgia uentum sit. In quo, cum multa uehementer odiosa sint, tum illud est satis inhumanum, oborta contentione, arcanum, quod erat, dum amicitia manebat, amico commissum, passim diuulgare. Fidem enim suspectam facit uitaeque societatem disturbat is qui, interposita offensione, secretum enuntiat. Nemini enim credes umquam cum tibi exploratum [872] esse minime possit an amicitiae foedus sit semper inuiolabile permansurum. Reliquum igitur est, cum non habeas cum quo secreta tua communices et in cuius fide conquiescas, ut omne genus hominum tibi suspectum et inuisum sit et ita uitam acerbam agas et in perpetua formidine et anxietate uerseris.

Cum autem uerum fuisset ut pristinae beneuolentiae recordatio memoriam praesentis offensionis obrueret, tu contra facis, nam, ut iracundiae turpissimae seruias, sensu praesentis offensionis amicitiae pristinae memoriam deponis. Sic autem uno et eodem facto, duo flagitia committis. Nam et fidem nefarie uiolas, et famae tuae male consulis. Is enim, cui nunc infensus es, quem olim amicum habebas, uitia tua probe nouerat. Cum igitur audierit te officium antiquum prodidisse, ut iniuriam sibi illatam ulciscatur, sordes tuas occultas similiter enuntiabit et ita eam tibi maculam dedecoris inuret quam non facile possis abstergere. Cum uero omnes amicorum offensiones ex intempestiuo aliquo dicto sumi plerumque soleant, existimandum est non esse mediocre prudentiae officium linguam continere et, antequam uerbum ullum facias, quidquid dicturus es sani iudicii ponderibus examinare. Si uerbum enim temere missum amicos alienat, quo modo non multo magis eos, cum quibus nullae caussae tibi necessitudinis intercedunt, in te multo uehementius incitabis? Rectissime igitur a Sapiente dictum est uerbum opportune prolatum esse cum malis aureis, in argentea emblemata scienter inclusis, comparandum. Vt enim, cum emblemata argentea ita caelata sunt ut aurum quod inclusum in se continent luculenter emineat, aurum multo clarius splendet: ita, cum sapiens quod oportet et decet in loco pronuntiat, sapientia illius multo magis enitescit longiusque lumen suum et cum maiore gloria diffundit.

8. *Não descubras logo no princípio da contenda o que viram os teus próprios olhos, por não te suceder que, tendo tu tirado a honra ao teu amigo, não possas depois tornar a reparar-lha.* 9. *Trata o teu negócio com o teu amigo e não descubras o teu segredo a um estranho,* 10. *por que não suceda que te insulte, logo que o ouvir, e não cesse de to lançar em rosto.* 11. *Aquele que profere a palavra a seu tempo é como uns pomos de oiro em leitos de prata.* 12. *Aquele que argui ao sábio e ao ouvido obediente, é como uma arrecada de oiro e uma brilhante pérola.*

Ensina que deve refrear-se a excessiva rapidez na ira. É que sucede que, quem rapidamente se perturba e encoleriza, mui tresloucadamente arrebatado pela paixão da ira, lança insultos contra o amigo, de que depois sem qualquer remédio muito se arrepende. Por conseguinte, cumpre que se envidem esforços no sentido de, mediante acordos equitativos, se suprimirem todos os pretextos de litígios, antes de se chegar à contenda. Nisto, se por um lado há muitas coisas odiosas, por outro é assaz desumano, uma vez desencadeado o conflito, dar a conhecer por toda a parte o segredo que tinha sido revelado ao amigo, quando a amizade durava. É que torna a lealdade suspeita e perturba o equilíbrio da vida em sociedade a pessoa que, ocorrendo uma ofensa, revela um segredo. De facto, nunca daremos crédito a ninguém se não podemos ter a certeza [872] que o pacto de amizade há de manter-se para sempre inviolável. Por conseguinte, uma vez que não tens alguém com quem partilhar os teus segredos e com cuja lealdade te sintas seguro, resta que sintas desconfiança e ódio contra todo o género humano e assim vivas uma existência penosa e te encontres incessantemente mergulhado no temor e na ansiedade.

Ora, sendo certo que foi aceito como verdade que a lembrança da antiga boa-vontade destruíra a memória da ofensa atual, tu fazes ao contrário, pois, para te pores ao serviço da infamíssima iracúndia, devido ao sentimento pela ofensa atual, pões de lado a lembrança da antiga amizade. Ora, deste modo, com um só e único ato, estás a cometer duas infâmias. Com efeito, não só violas de modo sacrílego a lealdade, como também atentas contra a tua fama. É que, aquela pessoa que agora hostilizas, e a quem outrora tinhas na conta de amigo, conhecia perfeitamente os teus defeitos. Por conseguinte, quando ouvir que tu atraçoaste as tuas antigas obrigações de lealdade, para vingar-se da injustiça que foi praticada contra ele, do mesmo modo há de revelar as tuas ocultas misérias e assim há de tisanar-te com uma mancha de desdouro que dificilmente poderás lavar. E uma vez que todos os agravos dos amigos as mais da vezes costumam proceder de algum dito inoportuno, deve considerar-se que não é pequeno dever da prudência conter a língua e, antes de pronunciares palavra alguma, avaliares com sã ponderação que é que hás de dizer. Na verdade, se uma palavra dita de modo irrefletido afasta os amigos, como é que não incitarás muito mais violentamente contra ti aqueles com os quais não tens nenhuma espécie de vínculos? Por isso foi muito acertadamente que o Sábio disse que a palavra proferida de modo oportuno é comparável a pomos de oiro artisticamente embrechados em

Quid igitur, inquires, numquamne licebit amicum asperioribus uerbis accipere? – Licebit sane; sed multum refert qualem tibi amicum delegeris. Nam, si moderatus est, et recte moribus atque uita constitutus, et in aliquo officio deliquerit et tu illum ob eam rem increpaueris, gratum habebit. Oratio namque tua non minus in se decus continebit quam inauris aurea et aureum monile, quibus pulchra facies exornatur. Quod enim officium honestius atque iucundius quam ab amicis sapientibus corrigi et emendari atque in salutis uiam reduci? Quid homini moderato salutaris, dum a proposito longius aberrant quam iucunda amici hominis oratione ab errore illo reuocari?

[13.] *Sicut frigus niuis in die messis, ita legatus fidelis ei qui misit eum: animam ipsius requiescere facit.* [14.] *Nubes, et uentus, et pluuiae non sequentes, uir gloriosus et promissa non complens.* [15.] *Patientia lenietur princeps, et lingua mollis confringet duritiam.* [16.] *Mel inuenisti; comede quod sufficit tibi, ne forte satiatus euomas* [873] [17.] *illud. Subtrabe pedem tuum de domo proximi tui, ne quando satiatus oderit te.*

Frigus niuis pro magno frigore ponitur. Tempore autem messis, quid magno frigore iucundius existimari potest? Sic etiam legatus, cum Domini personam sustineat, et dignitatem illius cum fide et uigilantia tuetur et ex animi sententia negotia gerit, Domino gratissimus est. Tales fuerunt Christi discipuli, qui cum fide summa sibi impositum munus obierunt orbemque terrarum ipsius summi Domini nomine compleuerunt. Contra uero philosophi, qui, uanissimis opinionibus inflati, sectatoribus suis uirtutis splendorem, animorum tranquillitatem, dignitatis amplitudinem polliciti, nihil horum praestiterunt, erant similes quibusdam nubibus, quae spem imbris ostentant, cum ne ros quidem exillis in terras siccitate exustas defluat.

Patientia nihil esse saluaris ad iram principis leniendam, exempla uitae quotidiana declarant. Tacendo enim et perferendo multi multa consequuntur; quae numquam obtinuissent si, rerum indignitate stimulati, ius suum cum importuna querimonia postulassent. Iam uero oratio mollis atque moderata iram perfringit et facile animum principis offensi conciliat. Et haec ratio, cum hominibus qui multum in republica possunt, transigendi est utilissima. Quid, cum est nobis summi Domini laesum numen summo studio et contentione placandum? Estne quidquam animo perculso et abiecto salutaris? Aut patientia, ad illius iram flectendam, fortius? Aut assidua oratione, cum criminis admissi detestatione, ad gratiam illius recuperandam, uehementius?

lavors de prata. É que, assim como, quando os lavors de prata são de tal forma cinzelados que o oiro, que têm em si embrechado, ressalta maravilhosamente, o oiro resplandece com muito maior lustre, da mesma maneira, quando o sábio diz no devido lugar aquilo que convém e é mister, a sua sabedoria brilha muito mais e a sua luz espalha-se mais longe e com maior glória.

“Pois quê”, dir-se-á, “porventura nunca será lícito dizer ao amigo palavras um pouco desabridas?” – Com certeza que será, mas importa muito o tipo de amigo que escolheste. É que, se é comedido, de vida honesta e provido de bons costumes e tiver claudicado em alguma das suas obrigações e tu o reprimares por causa disso, agradecer-to-á. Na verdade, as tuas palavras encerrarão em si ornato não menor do que uma arrecada de oiro e um áureo colar, com os quais se ornamenta um formoso rosto. De facto, que dever mais honroso e agradável do que ser corrigido e emendado por amigos sábios e por eles ser reconduzido ao caminho da salvação? Que existe de mais salutar para o homem comedido, quando se afasta para longe do fim que se propôs, do que ser apartado do erro pelas agradáveis palavras de um homem amigo?

13. *O embaixador fiel é, para quem o enviou, o que é a frieza da neve no tempo da ceifa; ele dá descanso à alma do seu amo.* 14. *O homem que se gloria e não cumpre as promessas, é como o vento e as nuvens que não trazem chuva.* 15. *O príncipe mitigar-se-á pela paciência e a língua branda quebrantará a dureza.* 16. *Acbaste mel, come o que te basta, para que não suceda que, depois de farto, o vomites.* [873] 17. *Retira o teu pé da casa do teu próximo, para que não suceda que ele, de enfastiado, te venha a aborrecer.*

Diz-se “frieza da neve” para significar um grande frio. Ora, no tempo da ceifa que pode considerar-se mais agradável do que um grande frio? Assim também o embaixador, uma vez que representa a pessoa do Senhor e a sua dignidade, é muitíssimo agradável aos olhos do Senhor quando com lealdade e zelo olha pelos seus negócios e os gere com consciência. Assim foram os discípulos de Cristo, os quais com o máximo escrúpulo cumpriram a função que lhes foi confiada e encheram a terra com o nome do próprio Senhor supremo. Ao invés, porém, os filósofos que, inchados com opiniões totalmente vãs, prometeram aos seus seguidores o esplendor da virtude, a tranquilidade de espírito e a grandeza da dignidade, e nada disto cumpriram, eram semelhantes a certas nuvens, que suscitam uma esperança de chuva, sendo certo que nem sequer delas escorre um pingo de água sobre as terras agastadas pela seca.

Que nada é mais salutar do que a paciência para amansar a ira do príncipe é algo que os exemplos da vida quotidiana nos dão a conhecer. De facto, calando e tolerando muitos conseguem muitas coisas, que nunca teriam conseguido se, incitados pela indignação, exigissem os seus direitos com importuno queixume. E de facto, as palavras suaves e comedidas quebrantam a ira e facilmente atraem as boas

Modum praescribit Sapiens in uoluptatibus exquirendis. Vt enim stomachus mellis nimiam dulcedinem ferre non potest, ita nimia uoluptas fastidio semper affinis est. Abstrahit animum praeterea a ueritatis studio, corporis ualetudinem corrumpit, animi neruos incidit, mentem tenebris circumfundit, totum hominis statum labefactat multisque doloribus intercludit. Et haec est ratio quare mel in sacrificiis adhiberi non poterat, ut designaretur uoluptatem nimiam esse parenti et architecto nostrae salutis iniucundam, eo quod plurimum rationi nostrae salutis officiat. Ob id igitur Sapiens ait: ‘Frui quidem uoluptate, sed legitima, sed moderata, sed ea quae neque Deo offensam afferat ullam neque hominum societatem laedat. Aliter enim, cum simul et Dei religionem polluas et in hominum offensionem incidas et corporis et animi ualetudinem perturbes, praeter fastidium, grauissimos atque maxime diuturnos dolores tibi tam corpore quam animo comparabis.’

Sic autem sunt omnia humana: uoluptas, dolorem procreat; familiaritas, odium; mentis elatio, dedecus; confidentia, ruinam. Quocirca, nihil poterit esse in uita Moderatione prouidentius. ‘Si’, inquit, assiduus in domo proximi tui fueris, eueniet tandem [874] ut is, diuturna consuetudine satiatus, te expellat et eiiciat.’ Est igitur etiam in amicitia modus seruandus, ne familiaritas nimia in odium erumpat. Vnde concluditur nihil esse nimis expetendum nisi Dei gratiam. Ex ea namque percipitur uoluptas sine fastidio, comparatur amicitia sine repulsa, exardescit amor absque formidine, omnes denique in diuina familia necessitudines sunt fide firmissima constitutae, et uoluptates eximiae, stabiles atque sempiternae.

[18.] *Iaculum, et gladius, et sagitta acuta, homo qui loquitur contra proximum suum falsum testimonium.* [19.] *Dens putridus, et pes lassus, qui sperat super infideli in die angustiae,* [20.] *et amittit pallium in die frigoris. Acetium in nitro, qui cantat carmina cordi pessimo. Sicut tineae uestimento, et uermis ligno, ita tristitia uiri nocet cordi.* [21.] *Si esurierit inimicus tuus, ciba illum: sitierit, da ei aquam bibere;* [22.] *prunas enim congregabis super caput eius, et Dominus reddet tibi.*

graças do príncipe ofendido. E este método de acomodação é muitíssimo útil com os homens que têm muito poder dentro do Estado. E que dizer, quando precisamos de aplacar, com o máximo desvelo e esforço, a majestade ofendida do supremo Senhor? Porventura existe algo mais salutar que uma alma abatida e humilhada? Ou mais forte que a paciência, para dobrar a Sua ira? Ou mais veemente que a oração incessante, com a abominação do pecado cometido, para recuperar a Sua graça?

O Sábio prescreve o comedimento na procura dos prazeres. É que, assim como o estômago não pode suportar a excessiva doçura do mel, do mesmo modo o prazer em excesso sempre confina com o enfado. Além disso, desvia o espírito do zelo da verdade, corrompe a saúde corporal, suprime a determinação de ânimo, submerge em trevas o entendimento, abala totalmente a posição que o homem ocupa e assoberba-o com muitas dores. E este é o motivo pelo qual nos sacrifícios não podia oferecer-se mel, para dar a entender que o prazer em excesso é desagradável aos olhos do nosso Pai e Autor da nossa salvação, porquanto embaraça muito à realização da nossa salvação. Por conseguinte, por este motivo o Sábio diz: “Goza o prazer, mas o legítimo e moderado, e não o que ocasiona alguma ofensa a Deus ou prejudica a sociedade humana. É que, caso contrário, se não só poluíres a religião de Deus, mas também incorreres em ofensa contra os homens e causares abalos à saúde tanto física como espiritual, além do enfado, atrairás sobre ti gravíssimas e incessantes incomodidades, tanto do corpo quanto do espírito.”

Ora, todas as coisas humanas são assim: o prazer, gera a dor; o trato íntimo, o ódio; a soberba de espírito, o deslustre; a confiança, a ruína. Razão pela qual na vida nada poderá existir mais providencial do que o comedimento. Diz o Sábio: “se frequentares com assiduidade a casa do teu próximo, acontecerá [874] que este, farto da tua contínua presença, acabará por lançar-te fora e expulsar-te.” Por conseguinte, também nas amizades deve respeitar-se o meio termo, para evitar que a excessiva familiaridade acabe em ódio. Daqui se conclui que nada deve ser mais desejável do que a graça de Deus. É que desta se recebe um prazer sem enfado, se obtém uma amizade sem rejeição, se inflama um amor sem temores e, por derradeiro, se estabelecem dentro da família divina, com uma lealdade firmíssima, todos os laços de parentesco e amizade, e se gozam prazeres extraordinários, duradoiros e eternos.

18. *O homem que diz um falso testemunho contra o seu próximo é um dardo e uma espada e uma frecha penetrante.* 19. *Quem espera no desleal no dia da angústia procura fazer força num dente podre e num pé cansado;* 20. *e perde a capa num dia de frio. Aquele que canta canções a um coração péssimo é como o vinagre que se lança no salitre. Assim como a polilha come o vestido e o caruncho a madeira, do mesmo modo rói a tristeza o coração do homem.* 21. *Se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe água para beber;* 22. *porque assim amontoarás brasas vivas sobre a sua cabeça e o Senhor te dará a paga.*

Quantum malum in falso testimonio sit similitudinibus Sapiens conatur exprimere. Innocentem enim contundit, ut malleus; transfigit, ut gladius; in uiscera penetrat, ut sagitta. Alias etiam similitudines transfert ad eorum amentiam qui hominis improbi fiducia nituntur. Vt enim dens fractus mandere nequit et pes, e commissura diuulsus, uestigium facere non potest, ita, qui spe nititur illius qui fidem sanctam non habet et officium proderere minime ueretur, nullam utilitatem ex ea confidentia percipiet, qui enim semel fidem deserit, cum fide pudorem simul amittit, et ita fit ut qui in illo spem collocat sit amentissimus. Adulabitur enim et assentabitur tantisper dum res tuas florentes aspexerit, si te uero aliquo graui casu perculsum uiderit, a te continuo semigrabit.

Si tempora non fuerint moderatione distributa et, quid rerum necessitas pro rerum incidentium ratione flagitat, animaduersum, necesse erit ut officia conturbentur multaque fiant uituperatione dignissima. Homo maerore perditus iacet, qui quidem est doloris communione subleuandus et a maestitia, non hilaritate, sed eodem prope maestitiae sensu, sensim atque leuiter auocandus: et tu interim laetum carmen modulabere, atque intempestiue saltabis? Hoc autem non est solatium afferre, sed insultare in malis et dolore, quo miser premitur, amplificare. Non es igitur minus inhumanus quam si, hiemis tempore, hominem ueste spoliare neque minus amens, quam si nitrum, quod seruare conueniebat, infuso aceto dilueres. Eas caritatis et prudentiae leges nobis imponit Paulus¹²², ut cum lugentibus lugeamus et cum gaudentibus gaudeamus.

Qui eas leges transiliunt, aut caritatis expertes sunt, [875] aut prudentiae totius ignari. Si enim in rebus aduersis proximi sui exsultant, sunt immanissimi; si uero illi solatium importuno cantu adhibere student, amentissimi. Dum enim amicum consolari student, eum maerore conficiunt. Sequitur illud caritatis perfectissimae praeceptum, quod Paulus in epistolam ad Romanos commodissime transfert¹²³. Eo namque monetur ut esurientem inimicum cibo fulciamus et sitiendi pocula ministremus, sic enim iniurias nobis illatas cum insigni gloria uindicabimus. – Quo modo?, inquires. Quia non est nobis, si sapimus, cum hominis natura certamen institutum, sed cum hominis improbitate, quae illum ad facinus impulit. Danda est igitur opera ut improbitatem excindamus et, si fieri potest, omnes illius fibras amputemus. Hoc autem strenue fit cum eos qui nos laeserunt beneficiis afficimus. Pudebit enim illos tunc immanitatis et intemperantiae, uictique nostra probitate, improbitatem suam detestabuntur et nostrae uirtutis constantiam admirabuntur, quae tanta fuit ut nullis iniuriis eam de statu deiicerent. Ipsos igitur et sui maxime

¹²² Vd. Vulgata, *Rom.* 12, 15.

¹²³ Vd. Vulgata, *Rom.* 12, 9 sq.

O sábio empenha-se em mostrar, mediante comparações, o grande mal que se encerra no falso testemunho. É que fere o inocente, como um martelo, trespassa-o, como uma espada e penetra nas entranhas, como uma frecha. Também aplica outras comparações à loucura daqueles que confiadamente se apoiam no homem desonesto. De facto, assim como um dente quebrado não pode mastigar e um pé, desprendido do ligamento, não pode deixar pegada, da mesma maneira quem deposita esperança naquele para quem a palavra não é sagrada e não sente pejo em faltar ao cumprimento do seu dever, não tirará proveito algum desta confiança, pois quem uma vez falta à sua palavra, perde, juntamente com o crédito, o pejo, e deste modo sucede que é totalmente louco quem nele confia. É que te adulará e te dará o seu assentimento enquanto vir a tua prosperidade, mas se te observar abatido por algum grave percalço, imediatamente se apartará de ti.

Se não se repartir o tempo com moderação nem se atender ao necessário de acordo com a natureza do que sobrevém, será forçoso que não se cumpra o dever e se façam muitas coisas dignas da mais viva crítica. Um homem jaz prostrado pela tristeza, homem que deve ser aliviado mediante a comunhão na dor e desviado da tristeza, não com a jovialidade, mas aos poucos e ligeiramente e mediante quase o mesmo sentimento de tristeza: e tu entretanto hás de entoar um alegre cântico e dançar de modo inoportuno? Ora, isto não é trazer alívio, mas insultar na desgraça e aumentar a dor com que o infeliz é esmagado. Por conseguinte, não é menos desumano do que se, em pleno inverno, despojares um homem de roupas nem menos desatinado do que se dissolveses em vinagre salitre, que convinha conservar puro. S. Paulo impõe-nos como leis da caridade e da prudência, chorarmos com os que choram e alegrarmo-nos com os que se alegam. [*Rm 12. 15.*]

Os que desprezam estas leis, ou estão privados de caridade, [875] ou desconhecem inteiramente a prudência. É que, se se alegram com a adversidade dos próximos são completamente desumanos, e completamente loucos se se empenham em consolá-los com importunos cantares. De facto, quando se empenham em consolar o amigo, estão a afligi-lo. Segue-se aquele preceito da caridade mais perfeita que S. Paulo muito a propósito transcreve em *Rm 12. 20*. De facto, por ele somos admoestados a dar de comer ao inimigo que tem fome e a dar-lhe de beber se está com sede, pois deste modo vingaremos com extraordinária glória as injustiças contra nós praticadas. “– De que modo”, perguntareis. Porque, se entendemos, o nosso combate não é com os homens, mas com a desonestidade dos homens, que os impeliu ao crime. Por conseguinte, devemos esforçar-nos por cercearmos a desonestidade e, se for possível, cortarmos todas as suas fibras. Ora, isto denodadamente se leva a cabo quando fazemos bem àqueles que nos prejudicarem. Com efeito, eles então terão vergonha da sua desumanidade e intemperança e, vencidos pela nossa honestidade, abominarão a sua desonestidade e sentirão admiração pela constância da nossa virtude, que foi tão grande que com nenhuma injustiça a abateram da sua posição. Por conseguinte, não só sentirão

paenitebit et nobis etiam inuiti testimonium cuiusdam diuinitatis dabunt, diuinum siquidem est nullo aduersariorum impetu commoueri diuinamque probitatem imitari.

Sic igitur ‘carbones in caput inimici congeruntur’, nam illius mens, quae caput animi est, suae dementiae recordatione poenas dabit et, si quae reliquiae improbitatis in animo illius resederant, exurentur. Et tamen, siue ille sanatus fuerit, siue curari noluerit, tu praemium a Deo tam admirabilis uirtutis obtinebis et de inimici dolore mirifice triumphabis. Hoc est autem quod Paulus ait: “Noli uici a malo, sed uince in bono malum”¹²⁴. Vincimur a malo cum, uindictae cupiditate, de statu concidimus, et inimici furorem imitari contendimus. Vincimus bono nostro malum alienum cum nostra uirtute malum inimici profligamus, cum constantiam perpetuo retinemus, cum maleficia beneficiis ulciscimur.

[23.] *Ventus aquilo dissipat pluuias, et facies tristis linguam detrabentem.*
 [24.] *Melius est sedere in angulo domatis, quam cum muliere litigiosa et in domo communi.* [25.] *Aqua frigida animae sitienti, et nuntius bonus de terra longinqua.*
 [26.] *Fons turbatus pede et uena corrupta, iustus cadens coram impio.* [27.] *Sicut qui mel multum comedit non est ei bonum, sic qui scrutator est maiestatis opprimetur a gloria.* [28.] *Sicut urbs patens et absque murorum ambitu, ita uir qui non potest in loquendo cobibere spiritum suum.*

Maledicentiae culpam non is tantum sustinet [876] qui clamculum nomen aliorum prauitatis insimulati, sed is etiam qui orationem illius libenter ad aures admittit. Si enim seueram faciem calumniatori ostenderis maledicentiamque tibi minime gratam esse demonstraueris, malitiam illius comprimes perficiesque ne is iterum ad te innocentis nomen deferat. Vt enim Aquilo pellit imbres, sic hominis probi seueritas calumniam propulsat.

Quod ad contentiosae mulieris contubernium attinet, tam saepe repetit eandem sententiam Salomon ut appareat illum, earum importunitate solito grauius offensum, illas acrius quam commodum uidebatur insectari.

Quidquid nimis desideratur, quo ardentius expetitur, eo plenior uoluptatem efficit. Sic fit ut, cum procul absunt illi quos non uulgari amore complectimur, cum de illis bonum nuntium accipimus, non minorem uoluptatem sentiamus quam illi qui nimis sitiunt cum sitim aqua frigida restinguunt. Praeterea, ‘regio longinqua’ caelum est, ‘nuntius bonus’ est Christi gratia, ad mentes nostras permanens, quae nostros animos admirabili iucunditate perfundit.

¹²⁴ Vd. *ibib.* 12, 21.

enorme arrependimento, mas também contra a sua vontade darão testemunho a nosso favor de uma espécie de divindade, visto que é algo de divino não se deixar inquietar com o ataque dos adversários e imitar a probidade de Deus.

Por conseguinte, deste modo “se amontoam brasas vivas sobre a cabeça do inimigo”, porquanto o entendimento dele, que é a cabeça da alma, castiga-lo-á com a lembrança do seu desatino e, se na sua alma ficaram alguns restos de desonestidade, serão destruídos pelo fogo. E todavia, quer ele se cure, quer não queira curar-se, tu alcançarás de Deus o prémio de tão admirável virtude e triunfarás de modo maravilhoso sobre a cólera do inimigo. Por outro lado, é isto o que diz S. Paulo: “Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem”. [Rm 12. 21.] Somos vencidos pelo mal quando, levados pelo desejo de vingança, caímos do nosso equilíbrio emocional, e nos esforçamos por imitar a loucura furiosa do inimigo. Vencemos com o nosso bem o mal alheio quando com a nossa virtude destruimos o mal do inimigo, quando incessantemente mantemos a firmeza, quando vingamos os malefícios com os benefícios.

23. O vento do Aquilão dissipa as chuvas e o rosto triste a língua maldizente. 24. É melhor estar assentado a um canto do eirado do que habitar com uma mulher litigiosa e numa casa comum. 25. Tão saborosa é a água fria à alma que tem sede, como é uma boa nova que vem de um país remoto. 26. O justo que cai diante do ímpio é como uma fonte que turvaram com o pé e como uma veia de água que corromperam. 27. Assim como não é bom o mel para aquele que o come em demasia, assim o que é esquadrinhador da majestade será oprimido da glória. 28. Assim como é uma cidade toda aberta e que não está cercada de muros, assim é o homem que, quando fala, não pode conter o seu espírito.

Não só incorre na culpa da maledicência o homem [876] que às ocultas falsamente acusa de perversidade os outros, mas também a pessoa que de bom grado dá nos seus ouvidos acolhida às palavras caluniosas daquele. É que, se mostrares má catadura ao caluniador, e lhe deres a entender que não te apraz a maledicência, refrearás a sua malícia e farás que ele não volte de novo a detrair diante de ti o bom nome do inocente. De facto, assim como o vento norte ou Aquilão empurra as chuvas, assim a severidade do homem probo afasta a calúnia.

No que tange ao casamento com uma mulher litigiosa, Salomão repete tão amiúde a mesma opinião que parece que ele, incomodado mais gravemente do que o razoável pela importunidade deste tipo de mulheres, ataca-as mais violentamente do que semelhava conveniente.

Aquilo que assaz se deseja, quanto mais ardentemente se apetece, tanto enche de mais pleno prazer. Assim acontece que, quando se encontram longe aqueles por quem sentimos um afeto muito grande, ao recebermos notícias deles, o nosso prazer não é menor do que o que sentem as pessoas abrasadas de sede quando a matam com água fria. Além disso, a “região longínqua” é o Céu, e a

Quanta iactura in hominis iusti morte fiat non intelligunt homines imperiti. Tantum igitur abest ut damnum commune lugeant, ut potius laetitia gestiant. Est enim animus iusti fons uiuus, aqua perennis, remedium salutare omnibus qui in opes illius, attenta consideratione, respiciunt. Ex illo enim consilia capiuntur, exempla sumuntur, flagitia illius adspectu profligantur. Nam et qui bona indole praediti sunt illius monitis et exemplis omnes uitiorum labes facile repellunt, et flagitiosi in uerissimae uirtutis luce peccare non audent. Praeterea, hominis iusti precibus numen placatur et uindicta in eos qui medicinam obstinate repudiant differtur. Verum, cum impietas pietatis diunum splendorem, propter tenebras, quibus oppleta est, ferre minime queat, omnes conatus eo comparat, ut hominem iustum de medio tollat ut, eo amoto, liberius atque licentius in omni flagitiorum et scelerum colluione uoluetur. Vt enim lucem odit quia uitiorum deformitatem in oculis et aspectu proponit, ita uirtutis splendorem immani persequitur, quia sperat posse se, omni pudore solutum, in omni genere malitiae et improbitatis impune uolitare. Cum igitur dolis et fraudibus iusto necem infert, gaudio triumphat. Iusto quidem minime nocet, non enim potest iustus, cum in Dei praesidio lateat, ab improbis damnum accipere. Nocet tamen illis qui iusti beneficio nitebantur, fontem enim conculcatum adspiciunt, uenam, e qua tam salutare aquas hauriebant, sibi ipsis exaruisse cernunt.

Multi denique metu prohibentur ne pietatem publice colant, timent enim ne eodem leto pereant quo iustum exstinctum animaduertunt. Hoc est autem scandalum crucis, in quod multitudo incidit, et percussa concidit et in ruina conteritur. “Iustus perit”, inquit Isaias, “et non est qui recogitet. A facie malitiae collectus [877] est iustus.”¹²⁵ Quo in loco propheta cum iusto praeclare actum esse dicit, cum, a malitiae cogitatione segregatus, tranquillissima pace fruitur, et illis, qui iusti ope destituti sunt, non mediocre poenam illius nece irrogatam esse docet. Carent enim uirtutis exemplo, orbantur honestatis luce, destituuntur illius praesidio, cuius meritis ueniam multis in locis impetrabant et, quod omnium malorum maximum est, cum cernunt illum, ut hominum opinio fert, ab impiis occisum, aut saltem in exsilium pulsum et spoliatum, ab illius disciplina, quasi a fonte pedibus conculcato, et immanissime conuulso, resiliunt.

Dixerat antea, multum mellis, hoc est, nimiam dulcedinem, esse noxiam, eo quod acerbatis etiam nimiae caussam afferat: in quo a nimia uoluptatis cupiditate homines absterrebat. Nunc autem, eadem mellis similitudine, deterret homines a nimia rerum diuinarum peruestigatione. Non quidem quod sit ullus modus in amore diuino statuendus aut ullis finibus studium ardentissimum religionis terminandum, sed quod, earum rerum quae non possumus ullo modo mente

¹²⁵ Vd. Vulgata, *Is.* 57, 1.

“boa nova” é a graça de Cristo, que penetra nas nossas almas e as inunda de uma admirável alegria.

Os homens ignorantes não entendem quão grande é a perda que se dá com a morte de um homem justo. Portanto, estão tão longe de lamentar a perda comum que até exultam de alegria. Na verdade, a alma do justo é uma fonte viva, uma água perene, um remédio salutar para todos os que olham para as suas riquezas com atenta reflexão. É que dele se recolhem conselhos e se tomam exemplos e com a sua presença destroi indignidades. De facto, não só os que estão providos de boa índole com os seus conselhos e exemplos facilmente afastam todas as manchas de defeitos, mas também os indignos diante da luz da mais verdadeira virtude não se atrevem a pecar. Além disso, a divindade aplaca-se com as preces do homem justo e protela a vingança contra aqueles que obstinadamente rejeitam o remédio. Mas, uma vez que a impiedade não consegue suportar o esplendor da divina piedade, por causa das trevas em que se encontra mergulhada, consagra todos os seus esforços a retirar do seu caminho o homem justo de maneira a, uma vez ele removido, ela se espojar mais livre e licenciosamente no monturo de toda a sorte de infâmias e crimes. É que, assim como odeia a luz porque põe à mostra e revela à vista a fealdade dos defeitos, da mesma maneira sente monstruosa sanha contra o esplendor da virtude, porque tem a esperança de, se ficar livre de toda a vergonha, poder esvoaçar impunemente por toda a espécie de desonestidade e malícia. Por conseguinte, quando, através de enganos e embustes, causa a morte ao justo, triunfa de alegria. Mas não prejudica o justo, pois o justo não pode receber dano dos desonestos, pois encontra-se sob a proteção de Deus. Todavia faz mal àqueles que se apoiavam nos benefícios do justo, pois veem a fonte turvada e apercebem-se de que para eles secou a veia da qual bebiam águas tão salutares.

Finalmente, muitos são impedidos pelo medo de fazerem a pública demonstração da sua piedade, pois temem perecerem com a mesma morte com que veem que morreu o justo. Ora, este é a pedra de tropeço da cruz, na qual a multidão topa, e ferida cai e se despedaça. Diz Isaías: “O justo perece e não há quem considere em seu coração. O justo foi recolhido à vista da malícia”. [Is 57. 1.] [877] Nesta passagem o profeta diz que se procedeu muito bem com o justo, quando, apartado do pensamento da malícia, goza da mais tranquila paz, e ensina àqueles, que foram privados da ajuda do justo, que lhes foi imposta pela morte dele uma pena nada pequena. É que carecem de um exemplo de virtude e estão privados da luz da honestidade e da proteção daquele por cujos merecimentos pediam perdão em muitas circunstâncias e, algo que é o maior de todos os males, quando veem que o justo, segundo diz a opinião dos homens, foi morto pelos ímpios, ou pelo menos desterrado e despojado, fogem dos seus ensinamentos como de uma fonte turvada com os pés e horripelmente destruída.

Dissera antes que o excesso de mel, ou seja, a sobeja doçura, é prejudicial, porquanto ocasiona também o excessivo azedume, e com estas palavras pretendia

percipere nimis curiosa peruestigatio, est maiestatis diuinae contemptio. Mentis ipsae beatissimae atque, pro ratione insitae probitatis et religionis, clarissima luce completae, immensitatem diuini splendoris omnino intueri nequeunt: et homuncio, in tanta caligine, terminos sibi assignatos transilire conabitur ut, quod uideri non potest, speculetur? Facinus est scelestum et insolens, non mediocri poena uindicandum, continet enim proiectae audaciae et minime ferendae temeritatis argumentum. Vt autem qui Solem aduersum intueri contendit tenebris repentinis oppletur, ita qui mentem nimis in gloriam et splendorem diuinae claritatis intendit, tenebris taetris obruitur.

Animaduertendum tamen est, hoc in loco, quod Salomon apud Hebraeum utitur numero multitudinis, cum diuinum numen significat. Non enim dicit, non esse nimiam operam ponendam in splendore gloriae illius perscrutando, sed in splendore gloriae illorum: nempe, ut in natura diuina distinctionem personarum designet. Porro autem, in natura diuina speculanda non est argumentis inquirendum id quos est ab omni, etiam caelesti, intelligentia remotissimum. Vis enim infinita, quo tandem modo poterit finita mente et ratione comprehendere? Reliquum igitur est ut fide et pietate diuinum numen ueneremur et, amplitudine maiestatis attoniti, sileamus et, obstupefacti, fateamur diuinae uirtutis et decoris immensitatem. Aliter enim, erroribus turbulentis imbuti, ab hoste spoliabimur, uir enim qui non continet spiritum ne in infinitate peregrinetur, similis erit urbi nudatae muris et hostium incursionibus et rapinis expositae, cum enim mens non insistit in loco certo, sed temere atque sine fine uagatur, facillime impetu hostis opprimitur.

[878]

CAP. XXVI

- [1.] *Quomodo nix in aestate, et pluuias in messe, sic indecens est stulto gloria.*
 [2.] *Sicut auis ad alta transuolans et passer quolibet uadens, sic maledictum*

então desviar os homens do sobejo desejo de prazeres. Agora, porém, mediante a mesma comparação do mel, desvia os homens do excessivo esquadrinhar das coisas divinas. Não decerto porque se deva estabelecer algum limite no amor a Deus ou restringir com quaisquer balizas o ardentíssimo zelo da religião, mas porque é menosprezo da majestade divina uma excessivamente curiosa inquirição daquelas coisas que de forma alguma podemos abranger com o entendimento. As próprias inteligências bem-aventuradas e, devido à sua conatural honestidade e religiosidade, cheias de claríssima luz, de modo algum podem contemplar a imensidade do esplendor divino, e há de o pobre homem, mergulhado em tão espessa escuridão, esforçar-se por transpor as fronteiras que lhe foram marcadas a fim de espreitar o que não pode ser visto? Trata-se de um cometimento criminoso e insolente, que merece um castigo nada pequeno, pois encerra em si uma prova de impudente audácia e de intolerável desatino. Ora, assim como quem se empenha em olhar de frente para o sol fica com a vista mergulhada em repentinas trevas, da mesma maneira quem aplica demasiado o entendimento a esquadrinhar a glória e esplendor da claridade divina, fica esmagado por terríveis trevas.

Todavia, deve chamar-se a atenção para o facto de que Salomão, nesta passagem, no original hebraico serve-se do número plural para designar a divindade. Na realidade, não diz que não se deve empregar excessivo empenho em esquadrinhar o esplendor da glória d' Ele, mas da glória d' Eles: como é óbvio, para significar na natureza divina a diferença das pessoas. Ora, por outro lado, na observação da natureza divina, não deve inquirir-se mediante argumentos aquilo que está totalmente apartado de toda a inteligência, mesmo celestial. De facto, como poderá ao cabo abranger-se uma essência infinita com um entendimento e razão finitos? Resta, por conseguinte, que adoremos com a fé e a piedade a majestade divina e que, atônitos perante a sua grandeza, emudeçamos e, transidos de pasmo, reconheçamos a imensidade da virtude e glória divinas. É que, caso contrário, imbuídos de erros turbulentos, seremos despojados pelo inimigo, pois o varão que não refreia o seu espírito para não o deixar errar pelas extensões infinitas, será semelhante a uma cidade desprovida de muralhas e exposta aos ataques e assolações dos inimigos, pois quando o entendimento não permanece em lugar certo, mas vaga irrefletidamente e sem destino, mui facilmente é vencido pela arremetida do inimigo.

[878]

CAPÍTULO XXVI

1. *Assim como a neve é imprópria no estio e as chuvas no tempo da ceifa, assim a glória está mal a um insensato.* 2. *Como um pássaro que voa de uma parte para a outra e um pardal que vai por onde quer, assim a maldição proferida sem*

frustra prolatum in quempiam superueniet. [3.] Flagellum equo, et chamus asino, et uirga in dorso imprudentium. [4.] Ne respondeas stulto iuxta stultitiam suam, ne efficiaris ei similis. [5.] Responde stulto iuxta stultitiam suam, ne sibi sapiens esse uideatur.

Monstrum atque prodigium erit tempore messis niuem in terras decidere, sed, si id acciderit, erit id frugibus inimicum atque minime diuturnum, nix enim, Solis radiis liquefacta, diffluet. Sic erunt honores ad hominem insanum delati, nam id quasi monstrum immane homines exterrebit et uirtutum segetes aut peruertet aut certe retardabit, et ornamentum dignitatis ab homine furioso diu retineri minime poterit.

Multi quidem de potentibus conqueruntur et in caelum manus intendunt atque mala omnia illis, a quibusdam damnati sunt, imprecantur. Id autem interdum iure faciunt, interdum uero sine caussa. Quid ergo faciendum est iis qui iudicant? Num semper secundum pauperes litem dabunt? – Minime! Inquit enim Lex: “Pauperis non misereberis in iudicio”¹²⁶. Quid, si dira supplicia iudicibus imprecatur fuerint? ‘Contemne’, inquit, ‘exsecrationes sine iudicio prolatas. Vt enim uolucres abscedunt et ut hirundines regiones uolatu transmittunt, sic exsecrationes eorum qui iura damnati sunt euolant et euanescunt. Ius igitur constanter exerce et quid plebs insana clamitet minime labora, atque intellige insipientes non admonitione, sed malo cogendos ut officium suum faciant. Vt enim flagello impellitur equus ad cursum et chamo asinus ut minime a recta uia declinet impeditur, sic homo furiosus et insanus non oratione, quam audire recusat, sed proposita poena, quam pertimescit, est in officio continendus.’

Quid interim homines imperiti loquantur minimi faciendum est. Si enim in multitudinis insanæ sententiam discesseris, eiusque dementiam oratione comprobaueris, eris eiusdem insanæ particeps. Caue igitur ne ita insano respondeas ut uidearis insanæ illius adiutor, sed ita potius, ne sibi ipse sapiens esse uideatur, uesaniam comprime, furori resiste, supplicium, si non respuerit, minitare, ut aliquod remedium morbis illius adhibeas.

[6.] *Claudus pedibus, et iniquitatem bibens, qui mittit uerba per nuntium stultum. [7.] Quomodo pulchras frustra habet claudus tibias, sic indecens est in ore stultorum parabola. [8.] Sicut qui mittit lapidem in aceruum Mercurii, ita qui tribuit insipienti honorem. [9.] Quomodo si spina nascatur [879] in manu temulenti, sic parabola in ore stultorum. [10.] Iudicium determinat caussas, et qui*

¹²⁶ Vd. Vulgata, Ex. 23, 3.

motivo cairá sobre o que a profere. 3. O açoite é para o cavalo e o freio para o asno e a vara para as costas dos insensatos. 4. Não respondas ao louco segundo a sua loucura, por não vires a ser seu semelhante. 5. Responde ao louco segundo a sua loucura, para que ele não fique entendendo que é sábio.

Será uma aberração e prodígio cair neve na terra no tempo da ceifa, mas, se isto acontecer, será prejudicial às produções agrícolas e pouco duradouro, pois a neve derreterá, liquefeita pelos raios do sol. Assim serão as honrarias concedidas ao homem insensato, porquanto isso assustará os homens como uma monstruosa aberração e, ou destruirá, ou com certeza atrasará a colheita das virtudes, e o homem tresloucado não poderá conservar durante muito tempo o ornamento da dignidade.

Muitos se queixam dos poderosos e levantam as mãos para os céus e desejam toda a espécie de males àqueles por quem foram condenados. Ora, fazem isto umas vezes com razão, e outras sem motivo. Logo, que cumpre que façam os que julgam? Acaso pronunciarão sentença sempre favorável aos pobres? – Não! De facto, a lei diz: “Em juízo não te compadecerás do pobre”. [Êx 23. 3.] Que dizer, se amaldiçoarem os juízes, desejando-lhes terríveis suplícios? Diz o Sábio: “Despreza as maldições proferidas sem julgamento. É que, assim como as aves vão embora e as andorinhas cruzam voando as regiões, assim esvoaçam e se desvanecem as maldições dos que foram condenados com justiça. Por conseguinte, faz cumprir firmemente a lei e não te preocupes com o que grita a população insana e entende que os ignorantes devem ser obrigados a cumprir a sua obrigação, não através de admoestações, mas pela força. De facto, da mesma maneira que o cavalo é incitado ao galope pelo chicote e o asno é impedido pelo cabresto de desviar-se do caminho direito, assim o homem desvairado e insano deve ser obrigado ao cumprimento do seu dever, não através de palavras, que se recusa a escutar, mas com a ameaça de castigos, de que tem medo.

Entretanto, não deve dar-se qualquer importância ao que dizem os homens ignorantes. É que, se te puseres de parte da opinião da louca multidão e com as tuas palavras aprovares o seu desatino, serás cúmplice da mesma loucura. Por conseguinte, evita responder ao insensato de tal modo que pareça que ajudas à sua demência, mas responde-lhe antes de modo tal que não lhe pareça a ele que é sábio, atalha ao seu desvario, faz frente à sua demência, ameaça-o com o castigo, caso não se arrependa, por forma a aplicares algum remédio às suas enfermidades.

6. Aquele que envia as suas palavras por intervenção de um mensageiro insensato, fica manco dos pés e bebendo a iniquidade. 7. Bem como ao coxo não serve de nada ter as pernas bem feitas, assim não diz bem a parábola na boca dos insensatos. 8. Assim como obra o que lança uma pedra no montão de Mercúrio, assim também se porta o que dá honra ao insensato. 9. A parábola na boca dos insensatos é como se nascesse [879] um espinheiro na mão de um homem embria-

imponit stulto silentium iras mitigat. [11.] Sicut canis qui reuertitur ad uomitum suum, sic imprudens qui iterat stultitiam suam.

Qui negotium mandat homini mentis experti perinde est atque si pedes et crura sibi suffrigeret aut iniquitatem biberet. Bibere autem iniquitatem est iniquitatem ludibunde suscipere et exillatis iniuriis gloriari. Stultus enim numquam recta progreditur, non uia et ratione in prudentiae uestigiis insistit, numquam firme ponit in loco pedem, sed semper in officio claudicat. Quod, si aliquid gerere uult, id nullo modo nisi per uim et iniuriam efficere conatur. Itaque, aut nihil omnino gerit, quia claudus est, hoc est industriae uiribus omnino destitutus, aut, si aliquid gerit, per uim et iniuriam omnia conficere nititur. Qui igitur illi negotium committit, male gesti negotii culpam sustinet, et perinde est atque si sibi ipse pedes excidisset, aut ex iniquitate fructum uoluptatis eximiae spectasset. Claudus, quamuis oculis uiam cernat, frustra cernit, quia ingredi nullo modo potest; sic etiam stultus, quamuis sententiam grauissimam ore pronuntiet, sine fructu pronuntiat. Non enim eam in uita moderanda sequitur, immo per imbecillitatem labitur, cum omni uirtutis robore careat.

מִן מֵרָמַיָּהוּ Qui in rabbinis magnum nomen habent, uel pro aceruo lapidum a Salomone usurpari putant: quemadmodum Latinus pro eo “aceruum Mercurii” reddidit, ut significaret eum, qui ad stultum honorem defert, cum honor sit sapientiae fructus et splendore eximius, instar illius esse habendum qui summi pretii lapidem ab aliis lapidibus minime distinguit. Vel ‘fundam’ significari existimant, ut Septuaginta interpretes cum hanc sententiam ex Hebraeo Grece uerterunt, sunt arbitrati. Honor enim ad stultum delatus, illum omni iudicio, si aliquid rationis lumen in eo residebat, repente spoliat, et motibus crebris exagitat, et in orbem circumducit, et de omni statu longissime detorquet. Nam, si mediocres homines honoribus summis immutantur et, propter grauitatis inopiam, popularis celebritatis uentum ferre non possunt, sed uel in profundo demerguntur uel in litus eiiciuntur: quid de eorum naufragio putandum est, qui, antequam honoris inopinati uentus in eos impetum ferret, erant iam in diuersas partes immanissimi furoris tempestate iactati?

Vt enim nauis exigua, ingenti malo et maximis uelis instructa, quouis statu deprimitur, ita animus hominis qui non est uera uirtute stabilitus, honoribus inflatus, obruitur. Summa igitur uirtute opus est illi quem non queat uenti popularis insolentia de statu conuellere. Si igitur, ut diximus, mediocres etiam homines, aura populari concussi, furibunde ruunt, quid de insanis est aliud existimandum quam ut, quemadmodum lapis, in funda torqueantur et turbulentissimis motibus exagitentur?

gado. 10. A sentença do juiz decide as causas; e aquele que impõe silêncio a um insensato apazigua as contendidas. 11. O imprudente que repete a sua loucura é como o cão que torna outra vez ao que tinha vomitado.

Quem encarrega de um negócio um homem privado de entendimento é como se quebrasse a si mesmo os pés e as pernas ou bebesse a iniquidade. Ora, beber a iniquidade é praticar a iniquidade de modo regozijado e ufanar-se com as injustiças inferidas. É que o insensato nunca avança em linha reta, não segue as pisadas da prudência pelo caminho e pela razão, nunca assenta com firmeza o pé no chão, mas sempre manqueja no cumprimento do dever. Pelo que, se pretende fazer alguma cousa, não se esforça por levá-la a cabo de outro modo que não seja através da violência. E por isso, ou nada faz em absoluto, porque é coxo, isto é, completamente desprovido dos recursos da atividade, ou, se faz alguma coisa, esforça-se por tudo realizar através da violência e da injustiça. Por conseguinte, quem o encarrega de um negócio, tem a culpa pelo negócio mal realizado, e é como se a si mesmo tivesse cortado os seus próprios pés, ou tivesse esperado da iniquidade um fruto de prazer. O coxo, embora enxergue com os olhos o caminho, enxerga em vão, porque de forma alguma pode avançar; assim também o insensato, embora pronuncie com a sua boca uma opinião muito grave, pronuncia-a sem proveito. De facto, não a segue para governo da sua vida, e até cai por fraqueza, uma vez que carece de toda a força da virtude.

Os que têm grande prestígio entre os rabinos consideram que, ou Salomão usou מדר מה para significar uma grande quantidade de pedras, tal como o tradutor latino verteu esta palavra por “montão de Mercúrio”, para significar que o homem que honra o insensato, uma vez que a honra é fruto e singular lustre da sabedoria deve ser tido na conta de alguém que não distingue das outras pedras a pedra de peso mais elevado. Ou pensam que significa “funda”, como consideram os Setenta intérpretes, quando traduziram do hebraico para o grego esta frase. Na verdade, a honra concedida ao insensato priva-o imediatamente de qualquer juízo, se nele subsistia qualquer lume de razão, e agita-o com movimentos frequentes e o faz andar em círculo e o afasta para muitíssimo longe de toda a estabilidade. Com efeito, se os homens medianos se modificam com as honras mais elevadas e devido à escassez de ponderação não conseguem suportar o vento da celebridade popular, mas, ou se submergem nas profundidades ou são arremessados contra o litoral: que cumpre pensar-se acerca do naufrágio daqueles que antes que os ventos imprevistos da honra se abalançassem contra eles, já tinham sido lançados em diferentes direções pela procela de uma monstruosa loucura furiosa?

De facto, assim como uma pequena nau, aparelhada com um imenso mastro e enormes velas, se afunda com qualquer sopro de vento, da mesma maneira o espírito do homem, que não se fortificou com a verdadeira virtude, arruína-se quando inflado pelas honrarias. Por conseguinte, necessita da mais elevada virtude para que a insolência da aura popular não possa derrubá-lo do seu estado.

[880] Ebrius non sentit spinam in manu penitus inhaerentem; sic et insanus, cum sententiam grauem in ore semper habet, minime sentit illud, quod profert, ad se pertinere: ueluti si dicat omnia bona uerae uirtutis studio contineri, cum ipse longissime a studio ipsius uirtutis aberret; aut decernit hominem flagitiis infamem esse miserrimum, cum ipse flagitiis omnibus coopertus sit; aut cum statuit nullum crimen impunitum fore, operamque minime dat ut uitae conuersione omni crimine liberetur.

In principis manu positum est omne reipublicae recte constituendae documentum, omnes enim illum intuentur, illius uestigiis ingrediuntur totosque se ad illius mores effingunt. Si igitur ille uirtute praecellens exstiterit, multi etiam illius exemplo uirtutem egregie colent. Si, contra, uitiiis se contaminauerit, uitiorum colluio in rempublicam uniuersam redundabit. Hoc cum ita sit, quanto dolore capientur illi qui rempublicam saluam uolunt, cum principem insanis et sceleratis hominibus deditum esse perspexerint? Quales enim sunt homines quibus fauet, talem opinionem de illo merito atque iurem boni concipient. Cum igitur ad suam amicitiam homines stultos et iuris contemptores aggregauerit, cum eos muneribus et ornamentis affecerit, omnem spem publicae salutis abiiciendam esse iudicabunt. Caecus enim est qui caecorum ministerio nititur, claudus qui claudo mandat aliquid quod est cum celeritate gerendum, ebrius, qui dolorem ex aculeis infixis minime sentit: ut lapis ex funda ad inferendum malum proiicitur, qui suorum furore, quocumque illis libuerit, contorquetur.

Omnia denique mala, quibus stulti oppressi et impediti sunt, in principes illos redundant opus est qui stultorum operis utuntur. Verum. Sed, cum non omnes perfecti sint, boni etiam principes in iudicando decipiuntur, et ita fit ut quos esse bonos uiros opinantur ad se adiungant, quos postea experiuntur esse taeterrimos. Recte. Sed, si eos quorum scelus est ab illis penitus exploratum a se minime repulerint, sed iterum ad idem munus ascuerint, nulla ignoracionis excusatione se defendere poterunt. Tunc igitur in illos praecipue quadrabit quod scriptum est de omnibus qui ad intermissa uitia impudentissime reuertuntur. Vt enim canis ad suum uomitum redit, ita Salomon facere dicit homines qui, conuicti stultitiae, exempla repetunt et ita dedecus amplificatum subire minime reformidant.

Portanto, se, consoante dissemos, até os homens medianos, batidos pela aura popular, se precipitam na sandice, que outra coisa deve cuidar-se acerca dos loucos senão que são agitados da mesma maneira que uma pedra numa funda, e postos em movimento com impulsos violentíssimos?

[880] O ébrio não sente o espinho profundamente cravado na mão; assim também o insensato, quando tem sempre na boca uma opinião ponderada, não se apercebe de que aquilo que profere tem a ver com ele: como se disser que todos os bens se encerram no zelo da verdadeira virtude, quando ele se aparta para muito longe do zelo da mesma virtude; ou quando proclama que é muitíssimo mofino o homem aviltado pelas infâmias, sendo certo que ele mesmo se encontra coberto por toda a espécie de infâmias; ou quando afirma que nenhum crime ficará impune, e não faz qualquer esforço para, através da mudança de vida, libertar-se de toda a culpa.

Nas mãos do príncipe foi colocado todo o modelo da correta organização da república, pois todos o contemplam, seguem as suas pisadas e regulam o seu proceder de acordo com o dele. Por consequência, se se avantajam em virtude, também muitos, seguindo o seu exemplo, hão de singularmente cultivar a virtude. Se, pelo contrário, se manchar com defeitos, a massa das faltas recairá inteiramente sobre a república. Sendo esta a realidade, de quão grande dor serão tomados os homens que querem salvar a república, quando se aperceberem de que o príncipe se entregou a pessoas loucas e criminosas? Na verdade, conforme são os homens aos quais favorece, tal a opinião que com razão e motivo os bons hão de conceber acerca dele. Por conseguinte, quando fizer amizade com homens insensatos e desprezadores da lei, quando lhes der presentes e honrarias, hão de julgar que deve perder-se toda a esperança da prosperidade pública. É que é cego quem se ampara na ajuda de cegos, coxo quem encarrega um coxo de alguma tarefa que deve executar-se com celeridade, ébrio quem não sente a dor dos espinhos cravados, tal como é lançada pela funda para causar mal a pedra, que é arremessada pela loucura furiosa dos seus, para onde quer que lhes aprouver.

Finalmente, é mister que recaiam sobre aqueles príncipes que se servem dos serviços dos insensatos todos os males pelos quais os insensatos são oprimidos e assoberbados. É verdade. Mas, uma vez que nem todos são perfeitos, até os bons príncipes no julgar se enganam, e assim sucede que juntam a si varões que julgam ser bons, que depois pela experiência descobrem que são péssimos. Certo. Mas se não rechaçarem aqueles de cujo crime eles estão plenamente conscientes, mas de novo os chamarem para a mesma função, não poderão defender-se com a desculpa da ignorância. Portanto então sobretudo lhes quadrará o que se escreveu acerca de todos que do modo mais impudente regressaram aos defeitos que tinham perdido. De facto, da mesma maneira que o cachorro volta ao seu vômito, assim Salomão diz que fazem os homens que, culpados de insensatez, repetem os seus maus passos e assim não se arreceiam de incorrer em acrescido desdouro.

[12.] *Vidisti hominem sapientem sibi uideri? Magis illo spem habebit insipiens.*
 [13.] *Dicit piger: "Leo est in uia, et leaena in itineribus."* [14.] *Sicut ostium uertitur in cardine suo, ita piger in lectulo suo.* [15.] *Abscondit piger manus sub ascela sua, et laborat si ad os suum eas conuerterit.* [16.] *Sapientior sibi piger uidetur septem uiris loquentibus sententias.* [17.] *Sicut qui apprehendit auribus canem, sic qui transit impatiens et commiscetur rixae alterius.*

[881] Cum uaria et multiplex stultitia sit, nulla tamen maior et perniciosior est illa qua sibi multi, nimis insolenter, sapientiam arrogat, cum sint earum rerum, quarum cognitionem assumunt, imperiti. Sic enim se ostentant, sic efferuntur, sic se negotiis difficillimis admiscunt ut nihil malle uideantur quam amentiam suam, rebus pessime gestis, cum publico damno, redargutam, ab omnibus irrideri. Multo igitur tolerabilior est insanus eo qui sapiens sibi uidetur, cum nihil insanus esse possit illis qui se scientiam tenere profitentur earum rerum quas prorsus ignorant. Piger este animo imbecillo praeditus, desperatione fractus, inani formidine praepeditus, ne negotium gerat ullum ex quo sibi uictum comparet. Multo namque magis laborem quam famem extimescit. Dum igitur illum inopia ad laborem excitat, omnia difficiliora et tristiora suspicatur quam possint excogitari. Nec minus timet in uiam ingredi aut in foro negotiari quam si omnia publica loca essent immanibus belluis infesta. Et ita fit ut numquam loco moueatur. 'Quemadmodum', inquit Sapiens, 'ostium in cardine ita uertitur', ut numquam inde abscedat, 'ita piger in lectulo suo uolutatur'.

Vt autem magis in oculis ponat hominis pigri atque desidis ignauiam, hyperbolice loquitur. Quid magis homini necessarium est in uita, ad eam sustentandam, cibo atque potu? Quid minus laboriosum quam cibum manu propria ori porrigere? Sic tamen, inquit, est piger ignauus et totius laboris impatiens ut manum, patinis insertam, ad os, ut cibum sumat, nimis grauate reducat. Et tamen, cum torpore et desidia languescat, cum laborem fugitet, cum otio eneruatus sit, cum sapientia non ignauiam, sed industriam et uigilantiam requirat, se sapientiore putat multis qui, responsis commodis et acutis, quam instructi sint bonarum artium disciplinis ostendunt. Nescio enim quo modo fit ut, quo quisque est amentior, eo acuminis opinione insolentius efferatur: quod in pigro est multo magis admirandum. Quasi enim sit somnus industriae praefendus, ita se nauis et industriis hominibus anteponit.

12. *Tens visto um homem que crê de si que é sábio? Maior esperança terá do que ele um ignorante.* 13. *O preguiçoso diz: “O leão está no caminho e a leoa nas passagens.”* 14. *Bem como a porta volta sobre a sua couceira, assim se revolve o preguiçoso no seu leito.* 15. *O preguiçoso esconde a mão debaixo do seu sovaco e dá-lhe muito trabalho quando a tiver de levar à boca.* 16. *O preguiçoso parece-lhe que é mais sábio do que sete homens que não dizem coisa que não seja acertada.* 17. *Assim como está em perigo aquele que toma a um cão pelas orelhas, do mesmo modo o que passando se impacienta e mete numa bulha que é com outrem.*

[881] Apresentando a insensatez diversas e múltiplas formas, nenhuma todavia é maior e mais prejudicial do que aquela mediante a qual muitos, com excessiva insolência, se arrogam a sabedoria, sendo certo que ignoram as coisas cujo conhecimento se atribuem. É que, de tal maneira fazem alarde, de tal maneira se ensoberbecem, de tal maneira se intrometem nos assuntos mais complicados que nada parecem preferir a que por todos seja zombada a sua loucura, comprovada pelas péssimas ações praticadas, com prejuízo geral. Por conseguinte, é muito mais tolerável o doido do que o homem que se cuida sábio, uma vez que não pode existir nada de mais insano do que aqueles que afirmam que dominam o conhecimento daquelas coisas que totalmente ignoram. O preguiçoso está provido de um espírito fraco, quebrantado pelo desânimo, enleado por vãos temores, por forma a não levar a cabo coisa alguma de onde retire meios de subsistência. É que muito mais se teme do trabalho do que da fome. Por conseguinte, quando a pobreza o incita ao trabalho, tudo conjectura mais difícil e terrível do que possa imaginar-se. E não é menor o receio que sente de pôr-se a caminho ou negociar na praça do que se todos os lugares públicos estivessem infestados de monstruosas feras. E deste modo acontece que nunca se desloca do mesmo lugar. Consoante diz o Sábio: *Assim como a porta volta sobre a sua couceira, sem nunca sair dali, assim se revolve o preguiçoso no seu leito.*

Ora, a fim de mais realçar a apatia do homem preguiçoso e indolente, exprime-se de modo hiperbólico. Que existe de mais necessário para o sustento da vida do que o alimentação e a bebida? Que há de menos trabalhoso do que com a própria mão levar a comida à boca? Todavia, conforme o Sábio diz, o preguiçoso é tão apático e incapaz de tolerar qualquer esforço que só muito a contra gosto levanta a mão, posta nos tachos, até à boca, para tomar os alimentos. E mesmo assim, uma vez que elanguesce, devido à inação e inércia, e se esquiva ao trabalho, e a ociosidade o priva de energia e, sendo certo que a sabedoria requer atividade e desvelo, e não indolência, ele cuida-se mais sábio do que muitos que, pelas suas respostas adequadas e sagazes, mostram o quanto são versados no conhecimento das letras. De facto, não sei como é que acontece que, quanto mais uma pessoa é louca, tanto mais arrogantemente se ensoberbece com a convicção de inteligente: algo que causa muito maior admiração no caso do preguiçoso. De facto, como se o sono devesse ser preferido à diligência, assim ele se antepõe aos homens desvelados e ativos.

Intelligendum tamen es, quo praecipue haec Salomonis insectatio referatur. Rarissimum est enim genus hominum qui nihil omnino moliantur, qui omni cura et sollicitudine uacui sint, qui totos dies atque noctes stertant. Haec autem Salomonis oratio ad multos pertinet. Est igitur animaduertendum omnes homines otiosos appellari qui, quamuis uigilent atque laborent, omnis tamen eorum uigilantia et labor in nugis impenditur. Nam, et qui alea noctes atque dies ludunt, otiosi sunt; qui amoribus flagitiosis conficiuntur, otio torpent; qui principibus adulantur, otio similiter diffluunt. Omnis denique qui rem suam familiarem dissipari permittit, qui familiae non prospicit, qui filios non sapienter instituit, quamuis assiduo labore discrucietur, nihil agit. Is igitur tantum aliquid agit qui utilia consecratur omnesque suas cogitationes ad solidum fructum referendas existimat. Itaque non ii qui nihil omnino faciunt, sed qui nihil, quod ad utilitatem et [282] fructum ualeat, faciunt, otiosi sunt.

Secundum hanc rationem innumerabiles otiosi sunt. Qui enim uirtutis studia contemnant, qui officia sua non faciunt, qui nihil de uita sempiterna cogitant, qui omnes curas ad terrenas tantum opes dirigunt, qui facillime, dum opibus inanissimis affluunt, ueras fastidiose reiciunt: otio fracti atque debilitati iacent et ita repentino moriuntur ut nequeant ullo modo remedium inopiae et egestati, quae illos subito premit, inuenire. Quamquam igitur Salomonis oratio omnes otiosos amentiae damnet, praecipue tamen in illos inuehitur qui nullum opus efficiunt quo uitam sempiternam et immortales opes adipiscantur.

Admonet deinde Sapiens ut ita otium detestemur ne laboribus inanissimis sine fructu distringamur, quemadmodum faciunt ii qui sine causa personam suam in litibus alienis interponunt. Vt enim qui canem auribus tenet inire rationem non facile potest quemadmodum canem rabide furentem uel dimittat uel retineat (si enim dimiserit, morsum metuit; si retinet, ibi, sine ullo fructu, cum insigni molestia, commorabitur), ita, qui sine causa se socium litibus alienis ascribit, implicitus haerebit. Si enim socium deserit, officium prodit et in fidei uiolatae crimen incurret; si litem persequitur, assiduis curis atque molestiis, in re aliena, cum magno suae detrimento, conflictabitur.

[18.] *Sicut noxius est qui mittit sagittas et lanceas in mortem, [19.] ita uir qui fraudulenter nocet amico suo, et cum fuerit deprehensus dicit: Ludens feci. [20.] Cum defecerint ligna extinguetur ignis, et susurrone subtracto, iurgia conquiescunt. [21.] Sicut carbones ad prunas et ligna ad ignem, sic homo iracundus suscitatur rixas. [22.] Verba susurronis quasi simplicia, et ipsa perueniunt ad intima uentris.*

Todavia, cumpre que se compreenda qual o alvo a que sobretudo aponta a crítica de Salomão. É que é muitíssimo rara a raça dos homens que absolutamente nada empreendem, que vivem isentos de todo o cuidado e inquietação e que passam os dias e as noites ressonando. Ora, estas palavras de Salomão têm a ver com muitos tipos de homens. Por conseguinte, deve ter-se em conta que se designa por ociosos todos os homens que, embora trabalhem e se desvelem, todavia o seu desvelo e trabalho está consagrado a futilidades. Na verdade, também são ociosos os que dedicam ao jogo as noites e os dias; entorpecem na ociosidade os que se destroem com amores infames; igualmente amolecem no ócio os que adulam os grandes senhores. Finalmente, ainda que seja atormentado por incessante trabalho, nada faz todo aquele que deixa dissipar-se o seu património, que não olha pela sua família e que não educa sabiamente os seus filhos. Por consequência, só faz alguma coisa quem corre atrás de coisas úteis e considera que deve encaminhar todos os seus pensamentos a um sólido proveito. E destarte são ociosos, não aqueles que nada fazem em absoluto, mas os que nada fazem que vise ao proveito e [882] à utilidade.

Segundo este critério, são inúmeros os ociosos. Com efeito, os que menosprezam o zelo da virtude, os que não cumprem os seus deveres, os que não consagram pensamento algum à vida eterna, os que encaminham todas as suas preocupações exclusivamente para as riquezas terrenas, os que, quando têm em abundância as totalmente falsas, com enfado rechaçam as riquezas verdadeiras: jazem quebrantados e debilitados pelo ócio e morrem de forma tão repentina que de modo algum podem encontrar remédio para a pobreza e privação que de súbito os esmaga. Por conseguinte, embora as palavras de Salomão condenem como loucos todos os ociosos, todavia verbera sobretudo aqueles que não levam a cabo trabalho algum com o qual obtenham a vida eterna e as riquezas eternas.

Aconselha depois o Sábio a que por tal forma abominemos o ócio que não nos ocupemos sem fruto com trabalhos totalmente inúteis, tal como fazem os que sem motivo se intrometem em questões que não lhes dizem respeito. De facto, assim como quem segura um cachorro pelas orelhas não pode facilmente decidir de que maneira ou solta ou retém o cão tomado de fúria raivosa (pois, se o soltar, arreceia-se da mordida; se o retém, deter-se-á ali sem qualquer proveito e com enorme incómodo), assim, quem sem motivo se imiscui em litígios alheios, achar-se-á metido em embaraços. É que, se abandonar o amigo, falha ao cumprimento do dever e incorrerá no crime de deslealdade; se participa do litígio, ver-se-á atribulado com incessantes cuidados e enfadamentos num assunto alheio e com grande prejuízo pessoal.

18. *Assim como é culpável o que atira frechadas e lançadas para matar, 19. do mesmo modo o é aquele homem que, usando de fraude, prejudica ao seu amigo e, depois de ter sido apanhado, diz: 'Eu o fazia por brinco.'* 20. *Quando não houver mais lenha, apagar-se-á o fogo e desterrado que seja o mexeriqueiro,*

Nihil est pestilentius homine callido et acuto qui simulat amorem et odium struit, qui perniciem comparat et dolum fictae benevolentiae inuolucro contegit, ut hominem minime malum a suspicione periculi imminenti auertat et tandem incautum opprimat. Qui, cum summa contentione necem inferre conatus sit et ad sceleris machinationem nihil intactum reliquerit, deprehensus tamen ait se, ut imperitis illuderet, finxisse se illi pestem moliri quem in animo et oculis habebat, quasi minime fuisset in scelere conflando labore nimio defessus. Quicumque ludit, leniter laborat, qui uero nimium laborem excipit, minime ludit. Praeterea, qui ludit, non sanguine ludit, qui uero sanguinem petit, ludum simulare nequit. Facillimum igitur est animum falsum atque fallacem, qui in ficta probitatis specie mortifera tela uibrat, signis arguere.

Cum autem odium ex lingua pestilenti ortum habeat, Salomon omnem culpam dissensionis et odii in maledicorum calumniam transfert. Vt enim, lignis [883] amotis, ignis exstinguitur, sic, maledicentiae ueneno sublato, odium cessat, contentio sedatur, ira comprimitur, pax conciliatur, et omnis animorum perturbatio conticescit. Blanditias hominum perditorum Salomon maxime cauendas esse praescribit. Ore namque prae se ferunt uoluntatem egregiam et studio benignitatis incensam, cum interim in cor tela figere conentur.

[23.] *Quo modo si argento sordido ornare uelis uas fictile, sic labia tumentia cum pessimo corde sociata.* [24.] *Labiis suis intelligitur inimicus, cum in corde tractauerit dolos.* [25.] *Quando submiserit uocem suam, ne credideris ei, quoniam septem nequitiae sunt in corde illius.* [26.] *Qui operit odium fraudulenter, reuelabitur malitia eius in consilio.* [27.] *Qui fodit foueam incidet in eam, et qui uoluit lapidem, reuertetur ad eum.* [28.] *Lingua fallax non amat ueritatem, et os lubricum operatur ruinas.*

Vt argentum, inquit, cum, scoriis colliquefactum, testa, in quam influit, obducitur, ita ut nullum ex eo uas, antequam expurgatum sit, fieri possit, sic disertis hominis oratio contumeliarum aculeis admixta, cum est ardentius emissa, minime testam, hoc est, cor prauum, in quam infunditur, emollit, sed incendit atque perfringit. Is igitur, qui uelit hominum morbos sanare et alienatas uoluntates oratione colligere, contumelias omittat; quidquid dicturus est, expendat et seligat; dura molliat; odiosa reiiciat; ea, quae fructum nullum sunt allatura et nocere aliqua ex parte possunt, silentio supprimat, et ita orationem, tamquam argentum, omni scoria absurditatis expurget ut omnis oratio, quoad fieri possit, non ad offensionem, sed ad sanitatem, referatur.

apaziguar-se-ão as contendidas. 21. Assim como os carvões são para as brasas e a lenha para o fogo, do mesmo modo é o homem iracundo para excitar disputas. 22. As palavras do mexeriqueiro parecem singelas, mas elas penetram até ao íntimo das entranhas.

Nada existe de mais pestilente do que o homem astuto e engenhoso, que simula amor e está cheio de ódio, que apronta a destruição e oculta o engano sob um disfarce de fingida boa vontade, para desviar o homem que não é ruim da suspeita de perigo iminente e ao cabo apanhá-lo desprevenido. O qual, embora com o máximo empenho se tenha esforçado por matar e nada tenha deixado de tentar para maquinar o crime, todavia, uma vez colhido, diz, para enganar os ignorantes, que fingiu que urdiu a perdição daquele que prezava e estimava, como se não tivesse ficado cansado com o excessivo trabalho de maquinar o crime. Quem quer que brinca, trabalha com frouxidão, mas quem arrosta com um excessivo trabalho, não brinca. Além disso, quem brinca, não brinca com sangue, e quem deseja sangue, não pode simular brincadeira. Por conseguinte, é muitíssimo fácil provar o ânimo falso e embusteiro daquele que, sob uma fingida aparência de honestidade, brande o dardo.

Ora, uma vez que o ódio procede de uma língua pestilencial, Salomão faz recair na calúnia dos maldizentes toda a culpa da dissensão e do ódio. É que, assim como o fogo se extingue ao remover-se a lenha, [883] da mesma maneira suprimindo-se a peçonha da maledicência, o ódio cessa, as disputas aquietam-se, a ira suspende-se, atrai-se a paz e emudece toda a perturbação de espírito. Salomão recomenda mui vivamente que se fuja das seduções e blandícias dos homens perversos. De facto, da boca para fora fazem alarde de um afeto muito vivo e abrasado no desejo de fazer bem, sendo certo que entretanto se esforçam por cravar um punhal no coração.

23. Os lábios inchados junto a um coração péssimo, são como se quiseres adornar com prata baixa um vaso de barro. 24. Pelos seus lábios se dá a conhecer o inimigo, quando no coração tramar enganos. 25. Quando ele te falar num tom humilde, não te fies nele, porque tem sete malícias no seu coração. 26. Aquele que oculta o seu ódio debaixo de uma aparência fingida será descoberta a sua malícia na assembleia pública. 27. Aquele que abre a cova cairá nela; e a pedra virá rolando sobre aquele que buliu nela. 28. A língua enganadora não ama a verdade e a boca lúbrica é causa de ruína.

Diz que, assim como a prata fundida recobre juntamente com as escórias o caco do vaso de barro sobre o qual se derrama, de tal forma que desse vaso nada pode fazer-se antes de o limpar, da mesma maneira as palavras do homem eloquente, misturadas com os espinhos dos insultos, quando são pronunciadas mais ardentemente, não abrandam o vaso, ou seja, o coração depravado, sobre o qual se derramam, mas abrasam-no e quebrantam-no. Por conseguinte, quem

Et certe nullum argentum clarius potest indicare quid lateat in animo quam oratio. Cum enim ea ex intima mente depromatur et lingua necessario foras aliquid emittat ex eo quo redundat animus, opus est ut odium inclusum et sordes lutulentas aperiat et ostendet et, quamuis ad aliquod tempus quod in animo reconditum est occulere uelit, non ita diu poterit celare quod uī spiritus uiolenter interclusi refunditur. Vt enim stomachus, nimis oppletus, euomit id quod concoquere non potuit, ita animus, cum est uariis cogitationibus et multiplici flagitiorum omnium redundantia cumulatus, eructat, et multa tandem ex se fundit quibus ea, quae latitabant, exstent et emineant. Oratio igitur morbos latentes indicat, inuidiam ostendat, malitiam promit et, ne omnia persequamur, nihil omnino potest animo sic contineri quin tandem erumpat.

Ergo, cum uirtus et innocentia simulari diu nequeat, non est illi credendum ex cuius oratione explore cognosci potest quam sit animus illius malitia et improbitate corruptus. Nam ‘septem nequitiae’ (hoc est, multiplex improbitas) [884] in illius animo insident, quae tandem apparebunt. Improbis enim, aliquando occultat odium, ut incautis repente uastationem inferat, aliquando manifeste in concione homines probos sceleris insimulat, insidias ponit, periculum creat, moles struit ne exitum ullum bonis pateat neue innocentia interclusa respiret, mendacio nititur, odium excitat, monitoribus infestus est, fallendi artificio gaudet, ut, cum eos quos in fraudem impellere cupit ad se lenociniis allexerit, in extremam calamitatem praecipites exturbet. Supplicia tamen tantis sceleribus proposita minime uitabit. Corruet enim tandem, et omnium maleficiorum, quae animo concinnauit et opere machinatus est, sempiternas poenas exsoluet.

quiser sarar as enfermidades dos homens e cativar mediante a palavra a boa vontade dos outros, ponha de parte as afrontas, pondere e escolha seja o que for que vai dizer, abrande as coisas desagradáveis, rechace as odiosas, e as que não hão de trazer proveito algum e de alguma maneira podem prejudicar, remeta-as ao silêncio, e assim expurgue as suas palavras, como à prata, de toda a escória de desagrado, por forma a que, na medida do possível, tudo o que diz tenha em vista, não ofender, mas curar.

E com certeza que nenhuma prata pode mais claramente indicar o que se esconde no espírito do que as palavras. De facto, uma vez que elas procedem do interior do entendimento e a língua forçosamente articula para fora algo daquilo de que o espírito transborda, é mister que mostre e dê a conhecer o ódio e a infâmia sórdida que abriga e, ainda que pretenda ocultar durante algum tempo o que se esconde no espírito, não poderá manter secreto durante muito tempo aquilo que o espírito obstruído violentamente faz transbordar. De facto, assim como o estômago, demasiado cheio, revessa aquilo que não pôde cozer, assim o espírito, quando se encontra repleto com pensamentos variados e com a múltipla abundância de toda a espécie de infâmias, bolça e acaba por lançar de dentro de si muitas coisas, por entre as quais se mostram e revelam aquelas que se ocultavam. Por conseguinte, as palavras dão a conhecer as enfermidades internas, patenteiam o ódio, manifestam a malícia e, para não nos referirmos a tudo, o espírito não pode ocultar completamente coisa alguma de tal maneira que esta não acabe por manifestar-se.

Logo, como é impossível simular-se durante muito tempo a virtude e a inocência, não deve dar-se crédito à pessoa de cujas palavras pode coligir-se claramente o quanto o seu espírito se encontra corrompido pela malícia e a desonestidade. Na verdade, “no seu espírito tomam assento sete malícias” (isto é, uma multiplicada desonestidade), [884] as quais acabarão por mostrar-se. É que o desonesto, umas vezes esconde o ódio para destruir de improviso os desprevenidos, outras vezes, abertamente e em público, acusa falsamente de crime os homens honestos, arma ciladas, causa situações de perigo e maquina estorvos e, para que não se abra nenhuma escapatória para os bons nem respire a embaraçada inocência, apoia-se na mentira, incita o ódio, hostiliza os bons conselheiros, regozija com as artimanhas do engano, a fim de, quando atrair para si com amavios aqueles aos quais quer embair, os precipitar na mais cabal desgraça. Todavia não evitará os castigos que estão reservados para tão grandes crimes. É que acabará por tombar e pagará as penas eternas por todas as malfeitorias que urdiu com o espírito e pôs por obra.

CAP. XXVII

[1.] *Ne glories in crastinum, ignorans quid superuentura pariat dies.* [2.] *Laudet te alienus, et non os tuum; extraneus et non labia tua.* [3.] *Graue est saxum, et onerosa arena; sed ira stulti utroque grauior.* [4.] *Ira non habet misericordiam nec erumpens furor, et impetum concitat spiritus ferre quis poterit?*

Cum tanta sit rerum humanarum inconstantia et tam subita florentis fortunae conuersio, is qui omnem uitae suae statum felicem perpetuo fore confidit neque uarios casus extimescit et sic, opibus elatus, incedit, quasi nihil possit interuenire quod illum de gradu deiiciat, est certe humanitatis expers et uitae communis ignarus. Similiter enim atque mare tranquillum repentini turbines et procellae ita perturbant ut illud sedibus imis conuellere uideantur, ita uariae malorum tempestates in homines in altissimo gradu locatos incursant, uoluptatem dolor excipit, risum fletus consequitur, ualetudinis integritati morbi succedunt et honores ignominia plerumque deformantur et ita festi dies, felicitatis insigni specie collustrati, extremae miseriae tenebris obruuntur.

Quid, quod mors numquam procul abest, sed uitam quotidie decerpit atque consumit, usque eo dum repente totam exhauriat? Quando autem mortalis uita finem sit habitura nobis exploratum esse non potest, cum mors singulis horis, atque adeo momentis, emineat. Huius uero miserae condicionis praemeditatio duplicem fructum fert. Primus est moderatio, qua quisque, memoria perpetuo tenens quantis sit periculis expositus et quam cito omnes opes humanae praeterfluant, non insolescit neque extollitur neque homines reliquos cum intolerando fastidio contemnit, sed in omnibus rebus secundis modum ita seruat ut numquam a statu demigret. Alter est quod ita praemunitus semper est ut numquam improviso saucietur. Vt enim in bellis, qui iter inexplorato faciunt subita hostium incursione dissipantur, qui uero ordinem conseruant et per exploratores [885] hostium aduentum multo ante percipiunt, facillime impetum eorum sustinent, ita qui assidue cogitant quot modis opugnari possunt sic parati sunt animis ut nullo casu terreri aut pertubari et de mentis statu decidere possint. Repentina enim tela mortiferum uulnus infligunt, prouisa uero, armis ad ea excipienda quaesitis cum felicitate repelluntur.

CAPÍTULO XXVII

1. *Não te glories pelo dia de amanhã, não sabendo que coisa dará de si o dia seguinte.* 2. *Seja outro o que te louve, e não a tua boca; seja um estranho, e não os teus próprios lábios.* 3. *A pedra é pesada e a areia é carregada, mas a ira do insensato pesa mais do que uma e outra.* 4. *A ira não tem misericórdia nem o furor que rompe, mas quem poderá suportar o ímpeto de um homem concitado?*

Sendo tão grande a inconstância das coisas humanas e tão repentina a mudança das fortunas prósperas, o homem que confia em que a sua condição há de ser venturosa para sempre e não se arreceia da variedade da sorte e, ensoberbecido pelas riquezas, procede de tal maneira como se nada pudesse suceder que o faça cair da sua posição, encontra-se certamente privado de senso humano e ignora a vida corrente. É que do mesmo modo que as repentinas tempestades e procelas de tal sorte perturbam o mar tranquilo que parecem abalá-lo nos abismos mais profundos, assim arremetem as diversas tempestades dos males contra os homens colocados nas posições cimeiras, assim a dor sucede ao prazer, assim o pranto vem depois do riso, as enfermidades substituem a saúde vigorosa e ordinariamente as honrarias são desfiguradas pela infâmia e assim os dias festivos, iluminados por uma aparência de extraordinária ventura, são esmagados pelas trevas da mais completa mofina.

Que dizer quanto ao facto de que a morte nunca anda por longe, mas todos os dias vai consumindo e destruindo a vida, até que de repente acaba totalmente com ela? Por outro lado, não podemos saber quando é que a vida mortal há de ter o seu fim, sendo certo que a cada hora e até momento a morte está presente e domina. E o meditar sobre esta mofina condição traz consigo duas vantagens. A primeira é o comedimento, graças ao qual cada um, tendo sempre presente na memória os grandes perigos a que se encontra exposto e quão prestes todas as riquezas humanas se desvanecem, não se ensoberbece nem se torna arrogante nem despreza os restantes homens com intolerável altaneria, mas em todas as situações de prosperidade de tal forma conserva a moderação que nunca perde o equilíbrio emocional. A segunda é que de tal maneira sempre se encontra prevenido que nunca é tomado de surpresa. Na verdade, assim como nas guerras os que avançam por um caminho desconhecido são desbaratados pelo ataque inesperado dos inimigos, ao passo que os que conservam a boa ordem e, mediante batedores, [885] se apercebem da chegada dos inimigos com muita antecipação, com a máxima facilidade fazem frente ao seu ataque, assim os que incessantemente pensam nos muitos modos por que podem ser atacados, de tal maneira têm preparado o seu espírito que nenhuma circunstância fortuita ou acaso podem aterrorizá-los ou perturbá-los ou fazê-los perder a tranquilidade de espírito. É que os ataques repentinos infligem feridas mortais, mas, se previstos, são rechaçados com bom êxito com as armas requeridas para fazer-lhes frente.

Hoc est igitur in summa quod Sapiens praescribit, ne, cum res nobis ex animi sententia contingunt, efferamur, cum exploratum nobis esse non possit, an dies crastina sit aliquid allatura, quo omnia subito commutentur. Vno namque temporis momento quae spem firmissimae felicitatis ostendebant ad perniciem traducuntur. Cum uero omnis insolentia uehementer odiosa sit, tum ostentatio propriae dignitatis nullo modo ferenda est. Nam, qui se ipsum exsimie laudat, primum ostendit se in magna sui ipsius ignoratione uersari; deinde, cum se nimis amet, de se aequum iudicium facere non potest; postremo, aut, ut stultus, irridetur, aut, ut arroganter inflatus, inuidiam in se acerrimam concitat. ‘Fac’, inquit Salomon, ‘ut tantum magnitudine uirtutis excellas ut alii te laudare cogantur, tu uero ne sis magnificus tui ipsius ostentator, ne simul et uerae uirtutis laudibus spolieris et insolentiae dedecus et ignominiam subeas.’ Non potest enim honestatis opibus exornari is qui modestiae laudem, quae continet totius dignitatis decus et pulchritudinem, aspernatur.

Quam sit autem aemulatio et obtrectatio perpersu difficilis ostendit, ex comparatione rerum quarum onus frangit hominum uires et pondere intolerando debilitat. Lapis, inquit, grauis est, et grauis similiter arena: ira tamen stulti ualde potentis multo grauior. Nam, instar torrentis, imbribus aucti, dum extra ripas effunditur, quacumque dat impetum, omnia prosternit. Riualitatis tamen obtrectatio est longe grauissima, quam Hebraei נאנק uocant. Quo nomine Salomon hoc in loco utitur: pro quo Septuaginta interpretes Ζήλος reddiderunt, quam animi aegritudinem noster Latinus “spiritum concitatum” appellauit. Qui enim amat, cum aliquem amari suspicatur ab ea quam habet carissimam, irascitur, furit, insanit, extra se rapitur, mentis suae compos esse nequit, usque adeo ut nulla ponderis magnitudo sit cum onere, quo premitur, ullo modo comparanda. Inde colligi potest quanta sit numinis caelestis offensio cum aliquid aliud in loco illius reponimus, cum alienos deos asciscimus, cum uel pecuniam, uel uoluptatem, uel popularem uentum pro Deo ueneramus, cum denique rei alicuius amorem Deo, qui nos tanta bonorum omnium affluentia cumulauit, praeponendum ducimus.

[5.] *Melior est manifesta correptio, quam amor absconditus.* [6.] *Meliora sunt uulnera diligentis, quam fraudulenta oscula odientis.* [7.] *Anima saturata calcabit fauum, et anima esuriens etiam amarum pro dolci sumet.* [8.] *Sicut auis transmigrans de nido suo, sic [886] uir qui derelinquit locum suum.* [9.] *Vnguento et uariis odoribus delectatur cor, et bonis amici consiliis anima dulcoratur.* [10.] *Amicum tuum et amicum patris tui ne dimiseris, et domum fratris tui ne ingrediaris in die afflictionis tuae. Melior est uicinus iuxta, quam frater procul.*

É isto, portanto, em resumo o que prescreve o Sábio, para evitar que nós nos ensoberbeçamos, quando as coisas nos acontecem em conformidade com o nosso desejo, uma vez que não podemos saber se o dia de amanhã nos há de trazer alguma coisa com a qual tudo subitamente se mude. De facto, num ápice fica reduzido a nada aquilo que dava visos da mais firme ventura. E se, por um lado, é sumamente odiosa toda a espécie de insolência, por outro de forma alguma é tolerável a ostentação da própria dignidade. Com efeito, quem extraordinariamente se gaba mostra em primeiro lugar que vive numa grande ignorância de si mesmo; em segundo lugar, uma vez que se ama em excesso, não pode ajuizar retamente acerca de si; finalmente, ou, como insensato, é escarnecido, ou, como arrogantemente inchado, desperta contra si um vivíssimo ódio. Diz Salomão: “Faze por avantajar-te unicamente pela grande virtude, por forma a que os outros sejam obrigados a louvar-te, e não sejas generosolouvaminheiro de ti mesmo, para que do mesmo passo não te despojes dos merecimentos da verdadeira virtude nem incorras no desdouro e infâmia de insolente.” Na verdade, não pode ornamentar-se com as riquezas da honestidade a pessoa que despreza o merecimento da modéstia, no qual se encerra inteiramente o primor e formosura da dignidade.

Por outro lado, o quão difícil seja de suportar-se a emulação e a difamação é algo que o Sábio mostra usando da comparação com as coisas cujo peso quebra as forças dos homens e as enfraquece com a sua carga intolerável. Diz ele que a pedra é pesada e igualmente pesada a areia, mas a ira do insensato de grande poder é muito mais pesada. De facto, à semelhança da correnteza, aumentada com as chuvas, quando inunda as margens, para onde quer que se abalança, tudo destrói. Todavia é de longe muitíssimo mais grave a emulação dos rivais, a que os hebreus chamam *הַנִּיב*, palavra de que Salomão aqui se serve, que os Setenta verteram por *ζήλος*, animosidade a que o nosso tradutor latino chamou “espírito concitado”. É que quem ama, quando suspeita que alguém é amado por aquela mulher a quem vota imenso afeto, encoleriza-se, ensandece, fica louco de raiva, sai fora de si, não consegue dominar o seu espírito a tal ponto que não há nenhuma carga de peso de alguma forma comparável com a carga com que se sente esmagado. Daqui pode concluir-se quão grande é a ofensa que se comete contra a divindade quando em lugar dela colocamos alguma coisa, quando adotamos outros deuses, quando adoramos como Deus ou o dinheiro, ou o prazer, ou a popularidade, quando, por derradeiro, consideramos que devemos antepor o amor de alguma coisa ao amor de Deus, que tão abundantemente nos cumulou de todos os bens.

5. Melhor é a correção manifesta do que o amor escondido. 6. Melhores são as feridas feitas pelo que ama do que os ósculos fraudulentos do que quer mal. 7. A alma farta pisará o favo de mel e a alma faminta até o amargo tomará por doce. 8. Assim como periga a ave que passa do seu ninho a outra parte, do mesmo modo [886] o homem que deixa o seu lugar. 9. Com o perfume e variedade de cheiros se

Publica flagitii manifesti reprehensio coercet delinquentis temeritatem et multos praeterea ab eiusdem flagitii imitatione deterret, at amor occultus, qui nullis se officiis ostendit, est prorsus inutilis. Et, quo maior est necessitas et magis officium flagitatur, eo minus prodest amor qui non officia praestat. Quae autem maior necessitas animo fingi potest ea qua homo salutis uiam deserit et in uias sempiternae pestis ingreditur? Qui igitur tunc animum non ab exitio reuocat, amicitiae legem uiolat. Vulnere diligentis, sanitatis gratia, amicis imponuntur. Vt enim chirurgus, cum tuber sanie distentum incidit, dolorem quidem facit, sed eo dolore sanitatem homini aegrotato restituit, ita uerus amicus asperis uerbis inuehitur, ut aliquo modo amici animum uulneret, nihilominus tamen, ut amici sanitatem recuperet, elaborat. At, qui odio flagrat idque dissimulat, et se confirmat ut amoris speciem praeferat, et fraude eum, quem osculatur, pessime laedit, de illius enim pernicie cogitat cuius se amicissimum profitetur.

Quantum malum afferat opulentia ex insolenti fastidio perspicitur. Dulcia contemnit, dapes communes aspernatur, exquisitas uoluptates exquirat, ciuilem societatem repudiat, iura consueta proculcat et, cum nihil sit dulcius aequitate, aequitatem pati minime potest totisque uiribus ad tyrannidem aspirat. Contra, pauper, id quod diues amarum iudicat, dulcissimum esse statuit. Ius enim suum obtinere concupiscit et, si id impetrauerit, nihil amplius sibi expetendum arbitrabitur. Qui nouitatis est cupidus et nulla in certa sede consistit, sed, praesentis commoditatis fastidio, alia commoda requirit et, infinita cupiditate stimulatus, loca uaria commutat, similis est uolucris nidum suum praecipiti uolatu deserenti. Nulla enim in sede conquiescit is cuius cupiditas expleri non potest.

Multae quidem sunt in uita aegrotantis animi medicinae, sed uix ulla poterit reperiri oratione boni amici salutarior. Vt enim suauissimi odores ualetudinem affectam recreant atque reficiunt, sic sapientis amici consilium animum iacentem erigit et maestum exhilarat et dubium confirmat et debilitatem corroborat. Quantum sit uerus amicus fratri praeferendus, Sapiens alio in loco demonstrat. Nomen enim 'amici' numquam ab 'amore' seiungitur, inter fratres uero inimicitiae capitales saepenumero concitantur. Monet igitur Sapiens ut neque amicos nostros neque parentum amicos deseramus, sed amicitiae foedus semper sanctum habeamus. Amicum enim uerum semper adiutorem habebimus, fratrem non semper. 'Moneo igitur', inquit, 'ut, cum calamitate [887] aliqua te oppressum uideris, ne domum fratris tui petas. Raro enim auxilium impetrabis, te namque florentem colet, deiectum minime subleuabit. Vicinus est omni officio ad amorem alliciendus. Praesto namque semper erit ut tibi, cum opus fuerit, subsidio occurrat: quod frater, si procul afuerit, praestare minime poterit.'

deleita o coração e com os bons conselhos do amigo se banha a alma em doçura. 10. Não largues o teu amigo nem o amigo de teu pai e não entres na casa de teu irmão no dia em que estiveres aflito. Melhor é o vizinho ao pé do que o irmão ao longe.

A repreensão pública de uma infâmia manifesta reprime o desatino do delinquente e além disso afasta muitos da imitação da mesma infâmia, mas é totalmente inútil o amor escondido que não se dá a conhecer mediante quaisquer serviços. E, quanto maior é a necessidade e mais se requerem os serviços, tanto menos é útil o amor que não oferece os seus bons ofícios. Ora, que maior necessidade pode imaginar-se do que aquela em que o homem abandona o caminho da salvação e entra nas veredas da perdição eterna? Por conseguinte, quem não desvia então da ruína o seu amigo, viola a lei da amizade. Por amor da cura quem ama faz feridas aos amigos. É que, assim como o cirurgião, quando sarja um tumor cheio de pus ocasiona alguma dor, mas, mediante essa dor, restitui a saúde ao doente, da mesma forma o verdadeiro amigo, quando verbera os defeitos do amigo com palavras agastadas, ainda que de alguma maneira fira a sensibilidade do seu amigo, todavia está a esforçar-se por recuperar a saúde do mesmo. Porém, quem se abrasa em ódio e o dissimula, não só demonstra que prefere a aparência do amor, mas também prejudica imenso com o engano aquele a quem beija, pois pensa em destruir a pessoa de quem se afirma muitíssimo amigo.

O desdém arrogante faz-nos ver o grande mal que a opulência acarreta. Despreza as doçuras e manjares correntes, vai empós de refinados prazeres, rechaça a vida em sociedade, desdenha o direito tradicional e, ainda que nada seja mais doce do que a equidade, não consegue tolerá-la e com todas as forças aspira à tirania. O pobre, pelo contrário, considera muitíssimo doce e agradável o que o rico avalia como amargo. De facto, vivamente deseja obter o seu direito e, se o obtiver, considerará que nada mais deve desejar. Quem sente avidez por novidades e não se conserva fixo em nenhum lugar, mas, enfadado com as comodidades presentes, vai em busca de outras e, incitado por um desejo desmedido, muda e varia de lugar, é semelhante à ave que voando abandona o seu ninho. Na verdade, não se aquieta em lugar algum a pessoa cujo desejo não pode satisfazer-se.

Certo que existem na vida muitos remédios para os espíritos enfermos, mas dificilmente poderá encontrar-se algum mais salutar do que as palavras de um bom amigo. É que, assim como os suavíssimos perfumes deleitam a saúde quebrantada e a restauram, da mesma maneira o conselho de um amigo sábio alenta o espírito prostrado e alegra o triste e encoraja o hesitante e fortalece o fraco. O Sábio noutra passo mostrou o quão preferível é o verdadeiro amigo ao irmão. É que o nome de amigo nunca se separa do amor, ao passo que entre irmãos amiúde surgem inimizades mortais. Por conseguinte, o Sábio aconselha a que não abandonemos os nossos amigos nem os amigos dos nossos pais, mas a que sempre respeitemos a santidade dos laços de amizade. É que o amigo verdadeiro sempre nos ajudará, ao passo que o irmão nem sempre. “Por conseguinte, acon-

[11.] *Stude sapientiae, fili mi, et laetifica cor meum, ut possim exprobranti respondere sermonem.* [12.] *Astutus uidens malum, absconditus est; paruuli transeuntes sustinuerunt dispendia.* [13.] *Tolle uestimentum eius qui spondit pro extraneo, et pro alienis aufer ei pignus.* [14.] *Qui benedicit proximo suo uoce grandi, de nocte consurgens maledicenti similis erit.* [15.] *Tecta pestilentia in die frigoris et litigiosa mulier comparantur.* [16.] *Qui retinet eam quasi qui uentum teneat, et oleum desterae suae uocabit.*

Rursus patris nomen interponit ut nos studio sapientiae acrius inflammet: ‘ut possim’, inquit, ‘respondere probrum mihi obiicienti quod te male instituerem. Vt enim sapientia tua meum decus est, ita dementia tua in meam ignominiam redundabit.’ Sapientiae uero munus est prouidere in posterum et, cum periculum uiderit, subterfugere: quod temerarius minime facit, sed, quamuis periculum impendens animaduertat, nimis confidenter ultra progreditur et ita ruinis opprimitur. Saepenumero Sapiens admonuit ne pro his, quorum fides explorata non est, fidem obligemus. Sponsio enim inconsiderata libertatem abiicit, rem familiarem alienis addicit omnibusque bonis eum, qui temere spondit, spoliatur. Eandem sententiam repetit hoc in loco, et apud Hebraeum sexu femineo usus est, ut edoceat eos, quibus minime credendum est, aut mulieres esse aut homines non ualde a muliebri leuitate et inconstantia distantes. ‘Tolle’, inquit, ‘ab eo uestimentum eius, qui spondit pro extraneo et pro alieno suppellectilem nexu iuris obligauit.’ Hoc est: statue illum omni suppellectili spoliatum esse qui tam temere pro alienis, pro impuris, pro infidelibus fidem suam adstrinxit. At, inquires: “Bonum esse uirum existimabam, et ideo foedus amicitiae cum illo libentissime percussi quod sine scelere uiolare minime posse statuebam”. Iam hoc non fuit mediocre temeritatis argumentum, tam cito fidem illi habere cum quo nullum commercium habueras, ut posses illius mentem et naturam atque fidem penitus explorare.

Qui enim mane uoce clarissima laudat illum cuius fidem minime expertus est, perinde est atque si malediceret. Quomodo? Quia multo citius quam homines prudentes faciunt de homine ignoto iudicium fecit, non enim claram diei lucem, quae tenebras discutit, exspectauit. Temerarium se igitur factis ostendit. Qui autem ab homine temerario et insano laudatur, probris afficitur. Praeterea, qui nimis cito [888] laudat, cito etiam uituperat, illusus enim, eum, quem laudibus summis ornauerat, maledictis omnibus proscindit.

selho”, diz ele, “a que, quando [887] te vires oprimido por alguma desgraça, não te dirijas para a casa do teu irmão, pois raras vezes encontrarás ajuda, porquanto na prosperidade te respeitará, mas abatido não te socorrerá. Deve-se cativar o afeto dos vizinhos mediante toda a espécie de bons ofícios. É que sempre estará à tua disposição para acudir em tua ajuda, quando for necessário: algo que o irmão não poderá fazer se se encontrar longe.

11. Trabalha, filho meu, por adquirir a sabedoria, e alegre o meu coração, a fim de poderes responder ao que te impropere. 12. O astuto, vendo o mal, se escondeu; os simplices passando adiante suportaram os danos. 13. Tira o vestido àquele que ficou por fiador de um estranho, e leva-lhe de casa os penhores que ele obrigou pelos outros. 14. Aquele que louva o seu vizinho a grandes vozes, levantando-se de noite, será semelhante ao que diz mal dele. 15. Os telhados que gotejam em tempo de inverno e a mulher litigiosa estão em igual paralelo. 16. Aquele que a pretende reter é como se quisesse fazer parar o vento, e ele trabalhará por que o azeite não escorra da sua mão.

De novo faz intervir a autoridade do pai para mais vivamente nos abrasar no zelo da sabedoria, “para poder responder a quem me insulta por ter-te educado mal. É que, assim como a tua sabedoria é a minha honra, da mesma maneira a tua insensatez redundará em ignomínia minha.” E é função da sabedoria ver antecipadamente e, quando enxergar o perigo, esquivar-se: algo que o desatinado não faz, mas, ainda que se aperceba de que o perigo está iminente, com sobeja confiança vai avante e desse modo sossobra sob as ruínas. O Sábio aconselhou muitas vezes a não comprometermos a nossa palavra a favor de pessoas cuja honestidade não está comprovada. É que, quem se compromete de modo inconsiderado, está a renunciar à liberdade, a adjudicar a terceiros o património familiar e a despojar-se de todos os bens, que irrefletidamente deu em fiança. Nesta passagem repete a mesma opinião e no texto hebraico usa o feminino, para ensinar que as pessoas às quais não se deve dar crédito ou são mulheres ou homens não muito apartados da ligeireza e inconstância femininas. Diz: “Tira o vestido àquele que ficou por fiador de um estranho e que deu em penhor a sua mobília pelos outros.” Isto é: capacita-te de que ficou despojado de toda a sua mobília o homem que de forma tão desatinada deu a sua palavra a favor de estranhos, de impuros e de infieis. Mas retorquir-me-ás: “Eu cuidava que era um bom homem e de muito bom talante fiz com ele um pacto de amizade, porque imaginava que sem crime não o poderia violar.” Ora, não foi pequena prova de irreflexão confiar tão rapidamente em alguém com quem não tinhas tido nenhum trato, que te tivesse permitido conhecer a fundo o seu espírito, natureza e lealdade.

É que, quem de manhã com voz muitíssimo clara louva aquele de cuja lealdade não tem experiência, é como se dele maldissesse. Como assim? Porque muito mais depressa do que o fazem os homens prudentes fez juízo acerca de um homem

Cum autem nulla societas statuenda sit nisi cum hominibus uita et moribus egregie constitutis et summa fide et grauitate stabilitis, tum mulieris contentiosae familiaritas est maxime praecauenda. Vt enim stillicidium, dum pluuium tempus est, perpetuam molestiam exhibet iis qui sunt eadem domo ui et importunitate imbris inclusi, ita mulier, quae numquam ab imbri, hoc est, a naturae suae immanitate, deseritur, perpetuo litigat, sine ulla intermissione clamat, cum omnibus ad se adeuntibus expostulat, diras etiam imprecatur, questibus et lacrimis omnia complet et aures hominum miseras querimoniis assiduis obtundit. ‘At sanari poterit’, inquires, ‘et precibus atque lenociniis ad aliquam partem moderationis inflecti.’ – Citius, inquit Sapiens, uentum quominus perfleret impedies aut effluens oleum dextra continebis. Malum est difficile sanabile et nulla ratione, nisi morte, delendum.

[17.] *Ferrum ferro exacuitur, et homo exacuit faciem amici sui.* [18.] *Qui seruat ficum comedit fructus eius, et qui custos est domini sui glorificabitur.* [19.] *Quomodo in aquis resplendent uultus prospicientium, sic corda hominum manifesta sunt prudentibus.* [20.] *Infernus et perditio numquam implentur: similiter et oculi hominum insatiabiles.* [21.] *Quomodo probatur in conflatorio argentum et in fornace aurum, sic probatur homo ore laudantis.*

Ferrum cum ferro ita coniungitur ut unum corpus fiat, sic is qui amicitiam sancte colit ita cum amico copulatur ut ambo in unam mentem et uoluntatem coalescant. Tales erant illi de quibus scriptum est: “Credientium erat cor unum et anima una”¹²⁷. Sed cur non aurum, aut argentum, aut aliud metallum, sed tantum ferrum memorat? Quia nulla alia metalli massa alteri eiusdem generis massae sine ferrumine aut conflatur aut coniungitur, solumque ferrum in ferrum inseritur. Vbi enim utrumque ferri fragmentum in fornace mollium exstiterit, mallei et incudis opera ita coniunguntur ut unum corpus ex utroque fiat: sic amicitia uera animos, sine ulla externae compositionis ope, conglutinat. Praeterea, ob eam rem ferri potius quam metallorum aliorum meminit quia solum ferrum uitae commodis seruit, nec enim aurum, nec argentum, nec aliud quoduis metallum terram proscindit, neque uineas fodit, nec hortos conserit, neque fruges metit, neque naues firmat. Ex solo namque ferro uomeres, ligones, falces et anchorae fiunt et, cum aliquod huiusmodi instrumentum frangitur, ferro facillime redintegratur. Sic etiam ueri amici sibi mutuam opem afferunt et animi eorum inter se ad opera utilia atque salutaria firmissime consolidantur.

¹²⁷ Vd. Vulgata, Act. 4, 32.

desconhecido, pois não esperou a clara luz do dia que dissipa as trevas. Por conseguinte, com o seu proceder mostrou-se irrefletido. Ora, cobre-se de afrontas quem é elogiado por um homem desatinado e louco. Além disso, quem louva com excessiva rapidez, [888] também é rápido em vituperar, pois, insultado, cobre de ultrajes aquele a quem ornamentara com os mais elevados encômios.

Por outro lado, assim como não devemos ligar-nos senão a homens de vida e costumes muito elevados e de carácter sumamente leal e ponderado, da mesma maneira devemos evitar o mais possível o trato íntimo com a mulher conflituosa. É que, assim como as goteiras, na época das chuvas, causam um incessante incômodo àqueles que, devido à intensidade e desabrimento das chuvas, se encontram encerrados na mesma casa, da mesma maneira a mulher, da qual nunca se aparta o aguaceiro, isto é, a fereza do seu carácter, disputa incessantemente, brada sem parar, queixa-se a todos que dela se aproximam, até roga pragas, tudo enche com queixumes e lágrimas e aturde os pobres ouvidos dos homens com incessantes lamentos. Dir-se-á. “Poderá porém curar-se e, através de agrados e rogos, ser induzida a moderar-se.” – Diz o Sábio que te será mais fácil impedires o vento de soprar ou com a mão deteres o azeite derramado. É um mal que dificilmente se cura e que só pode suprimir-se através da morte.

17. *O ferro aguça-se com o ferro e o homem aguça a face do seu amigo.*
 18. *Aquele que guarda a figueira comerá do seu fruto e o que é guarda do seu senhor será glorificado.* 19. *Assim como na água resplandece o rosto dos que se estão vendo nela, assim os corações dos homens são descobertos aos prudentes.*
 20. *O inferno e a perdição nunca se enchem; assim também os olhos dos homens são insaciáveis.* 21. *Do modo que a prata é provada no vaso de derreter e o oiro na fornalha, assim o homem é provado pela boca do que o louva.*

O ferro une-se com o ferro de tal modo que formam um único corpo, da mesma maneira que a pessoa que santamente venera a amizade de tal sorte se une com o amigo que ambos se fundem num único espírito e vontade. Assim eram aqueles sobre os quais se escreveu: “Da multidão dos que criam o coração era um e a alma uma”. [At 4. 32.] Mas, por que razão se refere unicamente ao ferro, e não ao oiro, à prata ou a algum outro metal? Porque nenhuma outra massa de metal se une ou funde com outra da mesma espécie sem se soldar, e apenas o ferro se mistura com o ferro. É que, depois que dois fragmentos de ferro se tornam no forno moles, por obra do martelo e da bigorna de tal maneira se unem que de ambos se forma um único corpo: assim a amizade verdadeira aglutina as almas sem qualquer ajuda de recurso externo. Além disso, cita o caso do ferro de preferência aos outros metais porque somente o ferro é prestadio para o proveito humano, pois nem o oiro nem a prata nem outro qualquer metal rasga a terra ou lavra as vinhas ou serve ao plantio dos pomares ou ceifa as produções agrícolas ou prende as embarcações. De facto, os arados, enxadas, foices e âncoras são

Malus agricola semper egebit, bonus bonis abundabit. “Qui seruat”, inquit, “ficum comedet fructum eius”; qui ficum diripi sinit, nullum fructum ex eadem arbore percipiet. Sic is qui Dominum obseruat, qui uoluntatem illius obtemperat, qui in illum intuetur ut quidquid sibi fuerit imperatum protinus exsequatur, honore cumulabitur. Est igitur, si uolumus honores summos adipisci, nobis mens erigenda, ut summum Dominum semper, quoad licet, adipisciamus et sanctionibus illius diligenter obtemperemus, ut sic tandem honoribus summis exornemur. ‘Cor quidem hominis peruersum est et inscrutabile’, ut inquit Ieremias¹²⁸. Solus igitur Deus quidquid in intimis animi recessibus latet explorat et inspicit. Verum enimvero, omne quod intus latet foras tandem eminet. Nam, uel factis uel dictis uel signis, id, quod opertum erat, ostenditur itaque minime fieri potest ut diutissime, quod homo machinatur, occultum sit. Hic tamen Sapiens non loquitur de homine callido et astuto, sed de aperto atque simplici, hi enim sunt inter quos uera amicitia firmatur. Quod enim ueteratorium et malitiosum est non potest ullo modo amoris ueri foedere contineri.

Est autem amici ueri proprium ut in amico tamquam in speculo imaginem suam uideat. Est enim quilibet eorum sic alteri similis ut nihil sit quo distingui possint, cum uterque, quo ad animorum speciem attinet, sit ad eandem formam et speciem, Spiritus diuini beneficio et numine, factus. Praeterea, naturae consensione fit ut corda sibi mutuo respondeant. Vnde euenit ut, qualiter ego sum animatus in alterum, sic illius amor in me, uel uigens et incitatus, uel languidus atque remissus, sit. Si igitur amicum ardentem amo, multis experimentis interlligo me uicissim ab illo ardentem amari. Sic autem fit ut, quotiens in amicis oculos intendo, in illo, tamquam in aqua pellucida, faciem meam clare uideam. Sed, cur rarissimum est hoc amicorum studium quod ita deuincit animos inter se ut nullum omnino discrimen, quod ad ueras opes attineat, dari possit? Quia hominum cupiditas omnem coniunctionem dirimit atque facit ut naturae etiam societatem dissoluat. Est enim animus hominis, qui est terrenis opibus affixus, inexplebilis, ita ut satiari numquam possit. Vt enim mors sic omnes mortales occupat ut numquam saturetur et infera regio sic uita functos in se recipit ut numquam expleatur, ita cupiditas humana sic inhiat rebus omnibus, quas uidet, ut nullum terminum sibi praefiniat, immo, quo plura possidet, maiore indigentia crucietur.

¹²⁸ Vd. Vulgata, *Jer.* 17, 9.

feitos de ferro e, quando alguma destas alfaias se quebra, com a maior facilidade se restaura com o ferro. Deste modo também os verdadeiros amigos se ajudam mutuamente e as suas almas se fortalecem estreitamente para realizarem obras úteis e salutares.

O mau agricultor sempre passará privações, o bom terá em abundância todos os bens. Diz: “Aquele que guarda a figueira comerá do seu fruto”; quem deixa que roubem a figueira, não colherá fruto algum da mesma árvore. Da mesma maneira, aquele que acata o Senhor, que obedece à Sua vontade, que n’ Ele tem postos os olhos, por forma a cumprir tudo que lhe for ordenado, será cumulado de honra. Por conseguinte, se queremos obter as mais elevadas honrarias, devemos ter o espírito alerta para sempre observar, até onde nos for possível, o Senhor supremo e diligentemente obedecermos aos Seus mandados, para deste modo ao cabo sermos condecorados com as mais elevadas honrarias. Jeremias diz que o coração do homem é “depravado e impenetrável”. [Jr 17. 9.] Por consequência, só Deus conhece e esquadrinha o que se oculta nos mais profundos recessos da alma. Todavia, tudo o que se esconde no interior acaba por vir à luz. De facto, ou por atos ou por palavras ou por indícios, acaba por mostrar-se aquilo que estava escondido e assim não pode acontecer que fique oculto durante muitíssimo tempo aquilo que o homem maquina. Aqui todavia o Sábio não está a falar do homem astuto e ardiloso, mas do singelo e franco, pois é entre estes que se estabelece a verdadeira amizade. É que na aliança do afeto verdadeiro de forma alguma pode existir seja o que for de malícia e astúcia.

Ora, é próprio do verdadeiro amigo ver no amigo a sua imagem como se se tratasse de um espelho. É que qualquer um de ambos é tão semelhante ao outro que não existe nada que permita distingui-los, uma vez que os dois, no que tange à aparência das almas, por benefício e vontade de Deus, foram feitos com a mesma forma a aparência. Além disso, devido à semelhança das respetivas naturezas, sucede que os corações mutuamente se correspondem. Daqui procede que, conforme o tipo do meu afeto pelo outro, assim é o amor dele por mim, ou vivo e impetuoso, ou frouxo e fraco. Por conseguinte, se vivamente estimo o amigo, por muitas experiências me dou conta de que reciprocamente também por ele sou estimado. Ora, assim acontece que, sempre que ponho no amigo os olhos, nele vejo claramente a minha face tal como em água transparente. Mas, por que motivo é muitíssimo raro este afeto dos amigos, que une de tal maneira as almas entre si que de forma alguma pode dar-se alguma separação, que tenha a ver com as verdadeiras riquezas? Porque a cobiça dos homens separa toda a espécie de união entre os homens e faz que se quebrem até os vínculos da natureza. É que o espírito do homem, que está preso às riquezas terrenas, é insaciável, de tal maneira que nunca pode ficar satisfeito. Na verdade, assim como a morte de tal maneira se senhoreia de todos os mortais que nunca se satura e as regiões inferiores de tal modo acolhem em si os defuntos que nunca se enchem, da mesma maneira a cobiça humana de tal forma ardentemente

Quod statim sequitur mirum uideri debet. Nam, quod uirtus rebus aduersis probetur ut igne aurum nemini dubium est. Vt autem, tamquam igne laudibus examinetur, id credibile uix est. Non enim fieri posse uidetur ut res secundae uirtutem exerçant. In rebus autem secundis laus publice tributa primum locum obtinet. Est tamen animaduertendum nihil esse ad statum labefactandum uehementius rerum secundarum affluentia. Exsultat enim animus, et praeceps rapitur, et insolescit, et sui ipsius obliuiscitur et a mente et ratione deducitur. [890] Iam uero, cum laudibus etiam effertur, usque eo furit ut sibi quodammodo diuinitatem tribuat. Quocirca robustioris uirtutis existimatur in rebus secundis quam in aduersis animi statum conseruare. In aduersis enim rebus necessitas animi uires ad resistendum excitat, in secundis securitas easdem uires remittit; et res aduersae cogitationem humanae fragilitatis afferunt, secundae uero obliuionem insitae imbecillitatis inducunt; atque postremo, calamitates ad sapientiam erudiunt, res autem florentes animum iudicio rationis spoliant. Qui igitur, in felici statu constitutus, laudibus non inflatur, non extollitur, non humamae imbecillitatis memoriam deponit, sed modum conseruat et statum suum cum grauitate et constantia tuetur, is merito perfectus uir habendus est et omni laude dignissimus.

[22.] *Si contuderis stultum in pila quasi ptisanas feriente desuper pilo, non auferetur ab eo stultitia eius.* [23.] *Diligenter agnosce uultum pecoris tui, tuosque greges considera:* [24.] *non enim habebis iugiter potestatem, sed corona tribuetur in generationem et generationem.* [25.] *Aperta sunt prata, et apparuerunt herbae uirentes, et collecta sunt fena de montibus.* [26.] *Agni ad uestimentum tuum, et haedi, agri pretium.* [27.] *Sufficiat tibi lac caprarum in cibos tuos, et in necessaria domus tuae et ad uictum ancillis tuis.*

Stultitiae malum est insanabile, opibus enim augetur, inopia non minuitur; deliciis amplificatur, doloribus non aufertur; semper inhaeret insitum penitus in cordis ipsius penetrali ne possit ulla ratione, nisi cum uita, deppelli. Aegroti namque salus, qui omnem medicinam aspernatur et respuit, omnino desperanda est. At stultus, cum se sanum atque bene ualentem opinetur, medicinam et medicum odio immani persequitur.

deseja todas as coisas que não estabelece para si mesma limite algum, e até, quanto mais possui, tanto se sente atormentada com mais profundo sentimento de privação.

O que vem imediatamente a seguir deve parecer espantoso. De facto, ninguém duvida de que a virtude se prova na adversidade como o oiro com o fogo. Ora, o que é dificilmente credível é que, como através do fogo, ela se prove com os louvores. É que não parece possível que as prosperidades ponham à prova a virtude. Ora, na prosperidade e entre as coisas gratas, o elogio público detém a primazia. Todavia, cumpre que se tenha presente que nada existe de mais eficaz para arruinar uma situação estável do que a abundância de prosperidades. É que o espírito exulta de alegria, é tomado de precipitado arrebatamento, ensoberbece-se, esquece-se de si mesmo e tresvaria e desarrazoa. [890] Além de que, quando também se ensoberbece com os elogios, fica a tal ponto tomado de sandice que em certa medida se atribui a si mesmo a divindade. Razão pela qual se considera de mais sólida virtude conservar o equilíbrio de alma na prosperidade do que na adversidade. É que na adversidade a necessidade incita as forças do espírito a resistirem, ao passo que na prosperidade a segurança afrouxa as mesmas forças; e a adversidade traz consigo a reflexão sobre a fraqueza humana, ao passo que a prosperidade leva ao esquecimento da nossa ingénita debilidade; e, finalmente, as desgraças ensinam a sabedoria, enquanto as venturas despojam o espírito do juízo da razão. Por conseguinte, quem, gozando de uma condição venturosa, não se ensoberbece com os elogios, nem infla de orgulho, nem põe de parte a lembrança da fraqueza humana, mas conserva a moderação e vela pela sua condição com ponderação e constância, com justiça deve ser tido na conta de varão perfeito e totalmente digno de todos os encómios.

22. Se tu pisares o insensato num gral, como se pisam os grãos de cevada, ferindo-os de cima a mão do mesmo gral, não se lhe tirará a estultícia. 23. Conhece diligentemente de vista o teu gado e considera os teus rebanhos; 24. porque nem sempre terás poder sobre eles, mas ser-te-á dada uma coroa em geração e geração. 25. Abriram-se os prados e apareceram as verdes ervas e recolheu-se o feno dos montes. 26. Os cordeiros são para te vestires; e os cabritos para o preço do campo. 27. Baste-te o leite das cabras para o teu sustento, e para o que a tua casa houver mister, e para o sustento de tuas escravas.

O mal do insensato é incurável, pois aumenta com as riquezas, com a escassez não diminui; é acrescentado com os prazeres, com as dores não se retira; está sempre preso e arreigado no íntimo do seu próprio coração de tal forma que de modo algum pode ser extirpado, a não ser com a vida. É que deve desesperar-se totalmente da salvação do enfermo que despreza e rejeita todos os medicamentos. Mas o insensato, uma vez que se cuida são e sadio, sente terrível ojeriza por médicos e remédios.

Cum autem multae rationes rei familiaris augendae atque tuendae ab hominibus inuentae sint, Sapiens rusticam atque pecuariam reliquis opibus longe anteponit. Primum enim, ea non augetur iniuriis, non crescit faenore, non flagrat inuidia, non incurrit in odium, non altrix est otii, non luxuriam procreat, sed est pudoris et officii et continentiae magistra; deinde, non furtis eriptur aut calumniis auertitur aut hostium incursione in longinquas oras asportatur: postremo, non auaritia nimia reconditur, sed in usum familiae large atque munifice promitur. Itaque nulla possessio magis utilis et fructuosa reipublicae potest existimari aut quae uerius propria possidentis haberi possit.

Nam pecunia condita et abstrusa nihil prodest; in usus quotidianos impensa, consumitur: ita ut, asseruata, sit inutilis, deprompta, paulatim exhauriatur. Sic etiam honores, ut ex populari leuitate pendent, ita eadem leuitate detrahuntur. Hoc est autem quod Sapiens ait, cum dicit, ut Hebraeus refert, “coronam non esse perpetuam”. Per “coronam” enim intelligit honores et imperia quae uel amentia multitudinis [891] ad alios transferuntur, uel perditorum hominum calumniis euertuntur. Vel, ut Latinus interpretatur: “corona tribuetur in generationem et generationem”: illi nempe qui rem pecuariam et rusticam bene coluerit. Nam fructus ex gregibus et agris perpetui sunt et quotannis, si diligentia fuerit adhibita, multipliciter amplificati proueniunt, oues enim uestium praebent; hirci, calceamenta; caprae, lac in cibum familiae uniuersae suppeditant. Carnes minime desunt; pecudum fructus ueneunt; grandis pecunia comparatur; serui ad agros colendos emuntur; fruges annis singulis exarantur: ita ut illae tantum opes maximi faciendae sunt quas et pecorum sollers custodia et agri diligentissime culti profundunt.

Nihil igitur esse potest coloni industrii domo copiosius et opulentius. Non timet ínterim tempestates; piratas non exstimescit; non inuidorum fraudes exhorret; non adulatur multitudini; non se ad libidinem principis ullius effingit. Liberalitas non exhaurit domum, cum opes sine ullo intertrimento foras emanent et multorum inopiam facillime sustentent. Hoc autem intelligendum est: cum sapiens agriculturam omnibus rationibus augendae pecuniae longe praeferat, eius orationem eo potissimum pertinere ut admoneat incerta negligere, certa curare, aliena contemnere, propriis operam nauare, ea quae sunt casibus uariis obiecta transire, in his in quibus sors minime dominatur laborem impendere, fragilia postremo et caduca pro nihilo ducere, in illis autem operam et studium consumere quae conuersionem minime formidant, hoc est, ut uno uerbo dicam, ut animi curam habeamus, qui, si fuerit egregie cultus, uberrimos ex se fructus effundet, qui nullis umquam tempestatibus interibunt.

Ora, uma vez que os homens descobriram muitos processos para aumentar e velar pelo património, o Sábio antepõe de longe as riquezas agrárias e pecuárias às restantes. É que, em primeiro lugar, estas não aumentam mediante injustiças, não crescem através da usura, não incendeiam com a inveja, não despertam o ódio, não alimentam a ociosidade, não geram o luxo, mas são mestras do pudor, do dever e da sobriedade; em segundo lugar, não são arrebatadas pelo furto nem subtraídas pela calúnia nem transportadas para longínquas paragens em consequência das invasões dos inimigos; por derradeiro, não são escondidas pela avaréza excessiva, mas são abundante e generosamente oferecidas para proveito da família. E assim não pode imaginar-se para o Estado uma propriedade mais útil e proveitosa ou que possa considerar-se como mais verdadeiramente própria de quem a possui.

Com efeito, o dinheiro escondido e oculto não tem qualquer utilidade; o que se gasta nos usos do dia a dia, desvanece-se: de maneira que, se se conserva, é inútil, e se se gasta, exaure-se aos poucos. Assim acontece também com as honrarias, que da mesma maneira que pendem da ligeireza do povo, assim com a mesma ligeireza são arrancadas. Ora, isto é o que o Sábio diz, quando escreve, consoante consigna o texto hebraico, que “a coroa não dura para sempre”. É que por “coroa” entende as honrarias e o poder, que ou a loucura da multidão [891] transferem para outros, ou são destruídos pelas calúnias dos homens perversos. Ou, conforme interpreta o tradutor latino, “será dada uma coroa em geração e geração”: como é óbvio, àquele que se aplicar bem à atividade de agricultor e de criador de gado. É que os proveitos dos rebanhos e dos campos são incessantes e todos os anos, se se empregar diligência, se acrescentam abundantemente, porquanto as ovelhas fornecem a roupa, os bodes, o calçado e as cabras oferecem o leite para alimento de toda a família. Tão-pouco faltam as carnes; vendem-se os produtos derivados do gado; obtém-se considerável dinheiro; compram-se escravos para cultivar os campos; em cada ano colhem-se os produtos da terra: por tal forma que só devem ser estimadas acima de todas aquelas riquezas que resultam tanto da competente guarda dos rebanhos quanto do cultivo muitíssimo desvelado dos campos.

Por conseguinte, nada pode existir de mais farto e opulento do que a casa do agricultor laborioso. Entretanto, não teme as tempestades; não se arreceia dos piratas; não tem medo dos embustes dos invejosos; não adula a multidão; não se amolda ao capricho de qualquer grande senhor. A liberalidade não lhe empobrece o lar, uma vez que as riquezas saem para fora sem qualquer perda e facilmente acodem à necessidade de muitos. Todavia é mister que se tenha presente o seguinte: uma vez que o Sábio prefere de longe a agricultura a todos os outros processos para aumentar a riqueza, as suas palavras antes de mais nada visam aconselhar a não ligar às coisas incertas, tratar das certas, desprezar as alheias, empenhar-se nas próprias, deixar de lado as que estão sujeitas a circunstâncias fortuitas variadas, empregar o trabalho naquelas nas quais a sorte não impera e, finalmente, ter na conta de nada as coisas frágeis e perecíveis, mas por outro

Exortatur praeterea omnes, quibus populorum cura commissa est, ut secum recogitent se hominibus pascendis atque summa uigilantia tuendis esse praepositos, ex quo munere, si fuerit diligenter administratum, fructus sempiternos cum laude et gloria sempiterna comparabunt.

CAP. XXVIII

[1.] *Fugit impius, nemine persequente; iustus autem, quasi leo confidens, absque terrore erit.* [2.] *Propter peccata terrae multi principes eius; et propter hominis sapientiam, et horum scientiam quae dicuntur, uita ducis longior erit.* [3.] *Vir pauper calumnians pauperes similis est imbri uehementi in quo paratur fames.* [4.] *Qui derelinquunt legem laudant impium; qui custodiunt succenduntur contra eum.* [5.] *Viri mali non cogitant iudicium; qui autem inquirunt Dominum animaduertunt omnia.*

Impii numquam uacui metu, cura, sollicitudine esse possunt, agitat enim eos maleficorum conscientia, scelerum assiduae poenae eos ita persequuntur ut respirare minime sinant. Si oculos in caelum [892] attollunt, recordantur facinorum quae in caeli rectorem conflauerant; si terram intuentur, iniuriae quibus terram oppresserant eos insectantur; si statum animi sui conspiciunt, eum acerbissime uexatum atque de sede conuulsum animaduertunt. “Non Phassar”, inquit Ieremias¹²⁹, “erit nomen tuum, sed pauor undique”. Hoc, quod uir diuinus dixit homini scelestissimo, in omnes impios transferri potest, cum sint omnes terroribus assiduis exanimati, quamuis uultu malorum multitudinem, quibus sunt circumuenti, dissimulent. Inde adeo fit ut omnes rumusculos extimescant, ut ad quemuis strepitum, quamuis eos nemo persequatur, anxie trepident et quouis uehementioris aerae flatu contremiscant. Contra uero, iustus in omni rerum conuersione, ut leo, confidenter incedet, nullis tempestatibus de statu conuelletur, in totius etiam caeli ruina constantiam retinebit. Nam pietatis illum conscientia mirifice confirmat et spe in Dei praesentis auxilio posita roboratur, usque adeo ut, etiam in communi orbis ipsius uastitate, nulla formidine concuti possit, sed tum uel maxime exspectatione suae salutis exsultet.

¹²⁹ Vd. Vulgata, *Ier.* 20, 3.

lado consagrar a atividade e o desvelo àquelas coisas que não temem a mudança, isto é, para dizê-lo numa palavra, que cuidemos da alma, a qual, se for cultivada de modo especial, produzirá frutos muitíssimo abundantes que tempestades algumas jamais hão de destruir.

Além disso, exorta todos a quem foi cometido o cuidado dos povos a que reflitam consigo mesmos que foram encarregados de apascentar e velar pelos homens, e que desta função, se a cumprirem com diligência, hão de colher, juntamente com louvor e glória eternos, frutos imorredouros.

CAPÍTULO XXVIII

1. O ímpio foge sem que ninguém o persiga; o justo porém, como o leão afoito, estará sem terror. 2. Por causa dos pecados da terra são muitos os príncipes dela, e por causa da sabedoria do homem, e pela ciência das coisas que se dizem, será mais dilatada a vida do príncipe. 3. O homem pobre, que calunia os outros pobres, é semelhante a uma chuva impetuosa, na qual se aparelha a fome. 4. Aqueles que deixam a lei, louvam o ímpio; os que a guardam, irritam-se contra ele. 5. Os homens maus não cuidam no que é justo, mas os que buscam o Senhor advertem em tudo.

Os ímpios nunca podem estar livres de medo, cuidados e inquietação, pois os perturba a consciência dos males e as incessantes penas dos crimes de tal maneira os perseguem que não conseguem respirar. Se levantam os olhos para o céu, [892] lembram-se dos crimes que tramaram contra o Senhor do céu; se olham para a terra, censuram-nos as injustiças com que oprimiram a terra; se olham para a condição do seu espírito, veem-no dolorosamente atribulado e privado da sua quietação. *O Senhor não chamou o teu nome Fassur, mas Pavor de toda a parte*, [Jr 20. 3.] diz Jeremias. Estas palavras, que o santíssimo varão disse ao mais celerado dos homens, podem aplicar-se a todos os ímpios, uma vez que todos são atormentados por contínuos terrores, ainda que dissimulem no semblante a multidão dos males de que vivem cercados. Daqui resulta que se arreceiam de todos os raminhos, a tal ponto que diante de qualquer ruído, ainda que ninguém os persiga, tremem angustiados e entram em pânico com um sopro de brisa um pouco mais forte. Ao invés, porém, o justo, em toda mudança de situação, à semelhança do leão, avançará com confiança, nenhuma procela o fará perder a sua tranquilidade de espírito e até no desmoronar do inteiro firmamento manter-se-á firme. É que a consciência da piedade o fortalece e sente-se avigorado com a esperança posta na ajuda de Deus, a tal ponto que até na geral assolação do mundo não pode ser abalado por receio algum, mas sobretudo então rejubila com a expectativa da sua salvação.

Cum principes in terra commutantur et imperia ab aliis ad alios transferuntur, necesse est ut status reipublicae commutetur, ut ciues nouis et intolerandis tributis opprimantur, ut iura potentium tyrannide conculcentur, ut iniuriae multae fiant ut nouus princeps hominum querellis aures minime praebeat, cum multo magis de dominatione sua quam de reipublicae commodis sibi cogitandum existimet. Haec autem tanta uis malorum qua tandem ratione uitari poterit? Ciuium prudentia et moderatione et aequitatis studio. Numquam enim summus Dominus, penes quem est omnium rerum potestas, permisisset ullam rerum publicarum perturbationem, nisi, scelere populorum grauiter offensus, eos tyrannorum immanitate ulcisci statuisset.

Cum igitur multitudo licentia furit, cum principes e plebis bonis praedas agunt, cum libido dominatu et aequitas in exilium pellitur et partium dissensio omnia perturbat, reliquum est ut reipublicae commutatione et noui principis dominatione populi uniuersi furor et amentia puniatur. Et, ut grauior ipsa poena sit, euenit plerumque ut ipsa plebs, odio furens, e corpore suo deligat eum cuius importunitate sit tandem bonis omnibus euertenda. Exsistit enim tunc in plebe uir tenuis, sed acer qui se popularibus suis, fraudibus et dolis, insinuat et eorum caussam, ut apparet, summa contentione suscipit, cum is non amore populi, sed sua caussa, laboret. Cum autem in ciuili dissensione quiuus homo uilissimus, si audacia et impudentia praeditus fuerit, honores, quos uelit, adipiscatur, euenit tandem ut eum, tamquam libertatis uindicem et iniuriarum defensorem, et uirum denique ad aduersarios ulciscendos acerrimum, principem deligant et praesidio saepiant imperioque summo corroborent.

Is igitur, nuper egenus, modo princeps, insolenter exsultat et eos ipsos per quos fuit ad summos honores euectus, omni uictu spoliatur [893] et tyrannus immanis efficitur. Hic est autem pauper ille taeterrimus, qui pauperes impotenti dominatu uexat omnesque opes reipublicae domum auertit, ita ut omnium domos exinanitas relinquat. Hunc autem facit Sapiens similem imbri immodico, qui segetes non alit, sed aquis immodicis fruges omnes corrumpit. Vt enim pluuiiae, certo modo terminatae, fecunditatem efficiunt, immensae omnia peruertunt, sic imperium moderatum reipublicam opibus explet, immoderatum et infinitum publicis commodis populationem et uastitatem infert. Cum igitur is, qui ex tenui fortuna princeps efficitur, propter insolentiam modum seruare nequeat, illos ipsos qui se illi commiserunt perdit et affligit.

Quando na terra os príncipes mudam e os impérios passam das mãos de uns para as de outros, é forçoso que a situação do Estado mude, por forma a que os cidadãos sejam oprimidos com novas e intoleráveis cargas fiscais, os direitos sejam espezinhados pela tirania dos poderosos, se cometam muitas injustiças, o novo príncipe não dê ouvidos às queixas dos homens, uma vez que considera que lhe cumpre preocupar-se mais acerca da consolidação do seu poder do que do proveito do Estado. Ora, de que modo poderá evitar-se esta tamanha carga de males? Com a prudência e comedimento dos cidadãos e com o zelo da equidade. É que nunca o Senhor supremo, em cujas mãos se encontra o poder sobre todas as coisas, teria permitido alguma perturbação nos Estados a menos que, gravemente ultrajado pelo crime das populações, não tivesse decidido castigá-las através da desumanidade dos tiranos.

Por conseguinte, quando a multidão ensandece com a licença, quando os príncipes se entregam à rapina dos bens do povo, quando a paixão senhoreia e a equidade é banida para o exílio e a dissensão dos partidos tudo perturba, resta que a sandice e loucura de todo o povo sejam castigados com a mudança do Estado e o domínio de um novo príncipe. E, para que o próprio castigo seja mais pesado, acontece as mais das vezes que o próprio povo, tomado de sandice furiosa, escolhe do seu próprio seio aquele através de cuja ruindade deve acabar por ser esbulhado de todos os bens. De facto, surge então na plebe um homem de pouca importância, mas decidido, que, com embustes e enganar, se insinua entre os seus concidadãos e que, conforme as aparências, com o máximo empenho toma a seu cargo a causa destes, sendo certo que trabalha, não por amor do povo, mas dos seus interesses. Ora, uma vez que nas discórdias civis qualquer homem da mais baixa extração, se estiver provido de audácia e impudência, obtém as honrarias que quiser, acaba por suceder que o escolhem como príncipe, protegem com o seu apoio e fortalecem com o poder supremo, como a defensor da liberdade e guardião contra as injustiças e, finalmente, como o mais denodado varão para tomar vingança sobre os adversários.

Este, por conseguinte, há pouco vivendo na pobreza, de repente príncipe, ensoberbece-se insolentemente e despoja de todos os meios de subsistência aqueles mesmos pelos quais foi elevado às mais elevadas dignidades, [893] convertendo-se num desumano tirano. Ora, este é aquele mui detestável pobre que oprime os outros pobres com poderoso mando e desvia para sua casa todas as riquezas da república, de tal maneira que deixa esvaziadas as casas de todos. ora, o Sábio compara-o a uma chuva impetuosa, que não alimenta as searas, mas destrói com suas águas excessivas a totalidade da colheita. É que, assim como as chuvas, dentro de uns certos limites, ocasionam a fertilidade, mas tudo destroem em excesso, da mesma maneira o poder moderado enche de riquezas a república, mas exercido de modo imoderado e sem limites provoca a ruína e assolação do bem comum. Por conseguinte, uma vez que o homem que, de origem modesta se torna príncipe, devido à sua arrogância não con-

Quo autem argumento percipiemus quis salutaris ciuis et imperio dignus exsistat aut ab omni reipublicae moderatione repelledus? – Oratione, inquit. Qui enim impium laudat, impia oratione declarat se Dei legem polluisse atque ab illius placitis procul abscessisse. Contra uero, qui impium ferre nequit et iniquitatem odio dignissimam iudicat, is certe demonstrat esse se legis diuinae cultorem et iussis sanctissimis ualde libenter alligatum. Quo pacto igitur qui laudem tribuit impietati rempublicam bene geret? Aut qui odio habet iniquitatem rempublicam uexabit? At talis de unoquoque opinio recipienda est, qualis oratione demonstratur. Qui enim laudat impios, impius est; qui autem nihil in laude ponit praeter pietatem et religionem, pius est.

Quid, si aliquis, malus quidem ciuis existerit, sed acer et industrius, sed longo rerum usu praeditus, sed ingenio ad negotia gerenda promptissimo? Huic non honores et moderationem reipublicae deferemus? – Nullo, inquit, modo. Improbi namque homines iudicium non intelligunt, sunt enim a Deo, qui est fons et origo totius iuris et aequitatis, auersi. Quo tandem igitur pacto recte iudicare poterunt ii qui totam ignorant legis et iudiciorum uiam? Qui sunt igitur sapientes? Qui iuris intelligentes? – Ii qui Deum pura et integra mente uenerantur illiusque uiis ingrediuntur ut eum, quem inflammato studio sequuntur, inueniant. Hi soli, cum sint sapientiae uerissimae compotes, sunt ad populi moderationem euocandi, et illi, qui sceleribus cooperti sunt, licet sint lingulari acumine praediti, ab omni procuracione repellendi, si cupimus florentem rempublicam et bonis affluentem cernere.

[6.] *Melior est pauper ambulans in simplicitate sua, quam diues in prauis itineribus.* [7.] *Qui custodit legem filius sapiens est; qui autem comessatores pascit confundit patrem suum.* [8.] *Qui coaceruat diuitias usuris et faenore liberali, in pauperes congregat eas.* [9.] *Qui declinat aures suas ne audiat legem, oratio eius erit execrabilis.* [10.] *Qui decipit iustos in uia mala, in interitu suo corruiet, et simplices possidebunt bona.* [11.] *Sapiens sibi uidetur uir diues; pauper autem prudens scrutabitur eum.*

Diues, abundantia pecuniarum nixus, nullo [894] iudiciorum metu, nulla officiorum religione, nulla hominum uerecundia impeditur quominus in totius iniquitatis uiam se praecipitem det, at pauper, qui uitam suam integram ab omni labe conseruat, legem cogitat, iudicia mente recolit, pudore tenetur ne fidem et officium prodat: et ita, dum diues in miseriam furibunde ruit, ipse sibi uiam ad uitam beatam egregie munit. Non igitur qui opes immanes possidet, sed qui uitam lege moderatur sapiens existimari debet. Qui enim legis sanctionibus alligatur numquam temeritate ducitur, nulla labe dedecoris inquinatur, nulla cupiditate ad conflandum facinus impellitur, sed iuris integritate perpetuo conseruat, et ita fit ut Deo summe placeat et illius singulari praesidio confirmetur; at qui,

segue manter a justa medida, acaba atribulando e arruinando aqueles mesmos que se entregaram a ele.

Ora, mediante que prova ficaremos a saber qual é o cidadão salutar e digno do poder ou aquele outro que deve ser rechaçado de todo o exercício da autoridade no Estado? – Pelas suas palavras, diz o Sábio. É que quem louva o ímpio, está mediante palavras ímpias a declarar que profanou a lei de Deus e se desviou dos Seus mandados. Ao invés, porém, quem não pode suportar o ímpio e considera totalmente odiosa a iniquidade, certamente demonstra que é observador da lei de Deus e que de muitíssimo bom talante se submete aos Seus santíssimos mandados. Por conseguinte, de que modo governará bem o Estado quem elogia a impiedade? Ou como o prejudicará quem sente ódio pela iniquidade? Mas em relação ao carácter de cada um deles deve ter-se a opinião que as suas palavras dão a conhecer. É que quem louva os ímpios, é ímpio; mas é piedoso quem só elogia a piedade e a religião.

Mas que dizer se alguém, embora sendo mau cidadão, todavia se mostrar determinado e ativo, provido de longa experiência das coisas e de uma inteligência muitíssimo aparelhada para tratar dos assuntos? Não lhe confiaremos as dignidades e a governação do Estado? – De forma alguma, diz o Sábio. É que os homens desonestos não cuidam no que é justo, pois são hostis a Deus, que é a fonte e origem de toda a justiça e equidade. De que modo poderão ao cabo julgar com justiça aqueles que desconhecem todo o caminho da lei e do justo? Quem são portanto os sábios? Quem os que entendem a lei? – Aqueles que adoram a Deus com espírito puro e inteiro e entram nos Seus caminhos para encontrarem Aquele a quem seguem com abrasado amor. Só estes, porque possuem a mais verdadeira sabedoria, devem ser chamados para o governo do povo, e, se queremos ver a república próspera e abundante de todos os bens, devem ser rechaçados de todo o mando aqueles que se encontram inçados de toda a sorte de crimes, mesmo que estejam dotados de excepcional penetração intelectual.

6. Melhor é o pobre que anda na sua simplicidade do que o rico que anda por caminhos perversos. 7. Aquele que guarda a lei é filho sábio, mas o que sustenta comilões, confunde a seu pai. 8. Aquele que amontoa riquezas por meio de usuras e interesses injustos ajunta-as para o que há de ser liberal com os pobres. 9. Daquele que desvia os seus ouvidos para não ouvir a lei, a mesma oração será execrável. 10. Aquele que seduz os justos, levando-os a um mau caminho, cairá no fosso que ele mesmo abriu, e os simples possuirão os seus bens. 11. O homem rico é sábio aos seus próprios olhos; mas o pobre que é prudente sondá-lo-á.

Ao rico, que se apoia na abundância de dinheiro, nenhum [894] medo de julgamentos, nenhum escrúpulo relativo ao cumprimento do dever, nenhuma vergonha dos homens o impedem de precipitar-se inteiramente no caminho da iniquidade, ao passo que o pobre, que preserva a sua vida ilibada de toda a

opibus inflatus, officium deserit et per luxuriam opes effundit, ita ut, quae erant in commodum reipublicae conferendae, ad heluonum et adulatorum libidinem explenda transferantur, dedecore afficit Patrem.

Nomen enim summi patris, hominum insipientum contumeliis indignissime laeditur, cum homines perditissimi opibus immanibus ad perniciem abutuntur. Homines enim de Deo publice conqueruntur, quod hominibus impurissimis diuitias immanes elargitus sit, cum interim multos uiros probos in egestate uersari uideant. Non enim intelligunt diuitias improbis esse supplicium, paupertatem uero probis esse sempiternae felicitatis instrumentum. Qui enim malis artibus opes accumulunt, in illis parandis, immenso labore franguntur, in custodiendis, cura et sollicitudine conficiuntur, et nullam interim solidam utilitatem ex illis percipiunt. At paupertas bonorum eos minime labefactat, sed potius uirtutem eorum exercet, animos solidis opibus explet, mentes clarissima luce collustrat et mira iucunditate permulcet, atque tandem premio sempiterno remunerat.

“Diuites”, inquit Dauid, “egerunt et esurierunt; inquirentes autem Dominum, nullis bonis indigebunt”¹³⁰. Quid, quod saepenumero fit ut pecuniae diuitum, qui nulla benignitate miseriam inopum subleuabant, ad homines tandem beneficos diuino consilio transferantur? Multis enim modis euenit ut benefici opibus diuitum potiantur et ita, quae erant in tenebris abstrusae, in usum reipublicae conferantur, cum interim diuitis auarissimi posteritas extrema inopia conflictetur. Sed mirandum nimis est, cum omnis uerissimae sapientiae disciplina, omnis summae felicitatis ratio, omnium bonorum affluentia in lege diuina consistat, et homines natura sint sapientiae et felicitatis et diuitiarum acriter appetentes, ut legem odio habeant nullaue ratione uelint legis praeceptis, ut beatissimi fiant, oboedire. Cupiditas eos obcaecauit, libido mente spoliauit, furor immanis exagitaui, peccandi consuetudo in terram depressit, ut oculos in caelum attollere non possent. Itaque beneficium diuinum aspernantur et tam salutare munus ingratis repudiant, atque ita fit ut cupiditates suas pestilentes atque mortiferas beneficiis diuinis anteponan. Erit igitur oratio eorum execranda. Cum enim opem Diuinam implorauerint, non audientur. Non enim toto [895] corde, cum sceleris detestatione, opem in malis flagitabunt.

¹³⁰ Vd. Vulgata, Ps. 33, 11.

mancha, pensa na lei, medita nos julgamentos e é impedido pelo pudor de faltar à lealdade e aos seus deveres, e assim, enquanto o ricos se precipita desvairadamente na desgraça, ele de forma extraordinária aparelha o caminho para a vida venturosa. Por conseguinte, deve considerar-se como sábio, não quem possui imensas riquezas, mas quem governa a vida em conformidade com a lei. É que quem se submete às imposições da lei, nunca é conduzido pelo desatino, não é manchado por qualquer nódoa de desdouro, não é incitado por nenhum desejo a maquirar alguma malfetoria, mas incessantemente respeita a pureza da lei, e assim acontece que agrada a Deus supremo e é fortalecido pela Sua singular proteção; ao passo que, quem, ensoberbecido com as riquezas, deixa de cumprir os seus deveres e esbanja as suas riquezas por desejo de ostentação, de tal maneira que se apliquem à satisfação do apetite de glutões e lisonjeiros as que deveriam ser gastas em proveito da república, está a cobrir de opróbrio o Pai.

É que o nome do Pai supremo é infamissimamente ultrajado com os baldões dos homens ignorantes, quando os homens mais perversos se servem das imensas riquezas para a perdição. De facto, os homens queixam-se publicamente de Deus porque liberalmente concedeu imensas riquezas a homens impuríssimos, quando veem que simultaneamente muitos homens honestos vivem na pobreza. É que não compreendem que as riquezas são um castigo para os desonestos, ao passo que a pobreza é um instrumento de ventura eterna para os honestos. Na realidade, os que acumulam riquezas mediante processos indevidos, passam desmesurados trabalhos para consegui-las, são atribulados por cuidados e inquietações para guardá-las, e entretanto não colhem delas nenhum sólido proveito. Ao passo que a pobreza dos bons não os abate, mas antes exercita a sua virtude, enche as suas almas com sólidas riquezas, ilumina os seus entendimentos com claríssima luz e os acaricia com admirável contentamento, recompensando-os ao cabo com um prémio sempiterno.

Diz Davi: *Os ricos necessitaram e tiveram fome, mas os que buscam o Senhor não serão privados de bem algum.* [Sl 34. 11.] Que dizer quanto ao facto de que frequentemente acontece que o dinheiro dos ricos, que não mostravam generosidade alguma em mitigar a miséria dos pobres, por deliberação divina acaba por ser transferido para homens benfazejos? É que por muitas vias acontece que os benfazejos obtêm as riquezas dos ricos e desse modo estas, que se encontravam ocultas nas trevas, são encaminhadas para proveito da república, sendo certo que entrementes a descendência do rico muito avarento se vê afligida pela mais completa pobreza. Mas, uma vez que todos os ensinamentos da mais verdadeira sabedoria, toda a essência da suprema felicidade e a abundância de todos os bens se fundam na lei de Deus, e que os homens por natureza sentem um entranhado desejo de sabedoria, ventura e riquezas, é muito de espantar que nutram ódio pela lei e de nenhum modo, a fim de se tornarem totalmente venturosos, queiram obedecer aos preceitos da lei. A cobiça cegou-os, a paixão privou-os de entendimento, o monstruoso desvario acossou-os, o costume de pecar arrojou-os por terra, por forma a não poderem erguer os olhos para o céu. E assim desprezam

At multi ita sunt moribus immanibus efferati ut non modo uirtutis officia nefarie deserant, sed in eos qui uirtuti student sint infestissimi eisque insidias faciant et ruinae periculum frequenter intendant, usque eo dum laqueis astringant et in omnem calamitatem detrudant. Verum iudicio diuino tandem fiet ut improbi eodem laqueo, quem aliis tetenderant, capiantur et qui a studio integritatis deduci minime potuerunt uera bona possideant.

Diuites quidem ingenii acumine ualde gloriantur, sapientiae namque et dexteritatis argumentum esse uidetur opes acquirere. Nam, si stulti et desidis hominis est, aut propter ignauiam nullum studium in opibus quaerendis ponere, aut propter amentiam partas opes in res inanes impendere, cur non erit hominis diligentis et minime dementis officium rem familiarem multis accessionibus amplificare? Intelligendum tamen est qui sunt diuites illi quos sapiens stultae arrogantiae condemnat. Illi certe qui rem maleficiis adaugent, qui pecuniae abundantiam aequitati iuris anteponunt, qui nullum modum cupiditati praefiniunt, qui denique, ut Dominus interpretatur, omnem spem salutis atque dignitatis in pecunia reponunt. Hos enim dicit esse diuites quos dixerat minime caeleste Regnum ingressuros, qui quidem sunt amentissimi. Nam primum quidem non intelligunt se interdum non sibi neque suis posteris, sed alienis, laborare; deinde, cum arca numis impletur, animum miserabiliter indigere, tum iniurias, quibus extra modum locupletati sunt, minime impunitas fore; postremo, se non in homines tantum maleficos esse, sed etiam in Deum scelestissimos. Honores enim Deo debitos ad pecuniam transferunt. In ea enim spem uitae collocant, quae tota erat in Dei benignitate ponenda.

Pauper igitur is, nempe, qui non pecuniam nimis intuetur, et omnes res humanas prae caelestium cupiditate pro nihilo ducit, et ob eam causam a diuite insolente despicitur, in ipsum inquit. Boni namque tandem de improborum scelere iudicabunt. Quin etiam in hac uita naturali iure comparatum est ut boni de maleficis et sceleratis, sententiam ferant. Cum autem id secus sit, non est secundum legitimi iuris rationem, sed secundum iudiciorum corruptellam et prauitatem.

o benefício de Deus e ingratamente rejeitam um presente tão salutar, e deste modo sucede que antepõem aos benefícios divinos os seus desejos pestilenciais e mortíferos. Por conseguinte, as suas palavras deverão ser abominadas. É que, não serão escutados quando implorarem a ajuda divina, pois não suplicarão com todo o coração [895] ajuda no mal, com arrependimento pelo crime.

Todavia, muitos de tal modo se ensoberbeceram com os costumes monstruosos que não só sacrilegamente põem de parte o cumprimento do dever, mas também se mostram hostis contra aqueles que se consagram à virtude, armam-lhes ciladas e frequentemente os ameaçam com a destruição, até os tomarem nas armadilhas e os precipitarem em toda a sorte de desgraças. Mas por juízo de Deus acabará por acontecer que os desonestos serão colhidos no mesmo laço que estenderam aos outros e que hão de possuir os verdadeiros bens aqueles aos quais foi impossível desviar do zelo da pureza.

É certo que os ricos se ufanam assaz da penetração intelectual, porquanto parece que adquirir riquezas é prova de sabedoria e de habilidade. De facto, se é próprio de homem insensato e negligente ou, devido à preguiça, não empregar nenhum desvelo na obtenção de riquezas, ou, devido à loucura, despender em cousas vãs as riquezas adquiridas, por que motivo não será dever do homem diligente e sensato aumentar com muitos acréscimos o seu património? Todavia cumpre que se entenda quem são aqueles ricos aos quais o Sábio condena por estulta arrogância. Certamente aqueles que ampliam os seus bens mediante malfetorias, que antepõem a abundância de dinheiro à equidade do direito, que não fixam limite algum à cobiça e, finalmente, que, conforme o Senhor esclarece, depositam no dinheiro toda a esperança de salvação e dignidade. Com efeito, diz que são ricos aqueles que dissera que não haveriam de entrar no reino celestial, os quais decerto são totalmente loucos. De facto, em primeiro lugar não compreendem que entretanto trabalham, não para si nem para os seus descendentes, mas para os outros; em segundo lugar, quando a arca se enche de moedas, o espírito mofinamente passa privações, e que não hão de ficar por castigar as injustiças graças às quais se enriqueceram para além da justa medida; finalmente, foram malfazejos não só em relação aos homens, mas também rematadamente sacrílegos em relação a Deus, pois transferem para o dinheiro as honras devidas a Deus. De facto, depositam no dinheiro a esperança da vida, que inteiramente deveriam colocar na bondade de Deus.

Por conseguinte, este pobre: a saber, o que não põe excessivamente os olhos no dinheiro e, diante do desejo das celestiais, tem na conta de coisa nenhuma todas as coisas humanas e, por este motivo, é desprezado pelo rico insolente: este pobre é que há de examiná-lo. É que os bons acabarão por julgar o crime dos desonestos. E até nesta vida pelo direito natural foi estabelecido que os bons pronunciem sentença em relação aos malfazejos e criminosos. Ora, quando assim não acontece, não é em razão do legítimo direito, mas devido à corrupção e depravação da administração da justiça.

[12.] *In exultatione iustorum multa gloria est; regnantibus impiis ruinae hominum.* [13.] *Qui abscondit scelera sua non dirigitur; qui autem confessus fuerit et reliquerit ea, misericordiam consequetur.* [14.] *Beatus homo qui semper est pauidus; qui uero mentis est durae corruet in malum.*

Cum iusti uictores exsultant et oppressa iniquitate imperium administrant, publicae salutis auctores sunt maximisque meritis uniuersam rempublicam obligant, eximiam gloriam consequuntur, eo quod ciues suos florentes atque beatos efficiant. At uero, cum impietas erecta uolitat et in [896] opes publicas inuadit, tunc homo malis exercetur. Flagitiorum enim poenas luit et patientiae documentum dat, ut exploretur quo animo iniuriam perferat. Admodum salutaris medicina est peccatorum confessio. Continet enim humilitatis argumentum suscepti sceleris odium, sapientis conuersionis indicium et ardens purissimae uitae desiderium. Simul igitur atque homo quilibet scelus admissum confitetur et ad studium iustitiae tota mente traducitur, ueniam impetrat. At, qui iustitiam simulat, cum sit iniquus et ficta pietatis specie crimen impietatis occultat et animo in flagitiis obstinato et offirmato, quasi possit iudicium diuinum eludere, in eisdem erratis perseuerat, acerrime punietur. Pristina enim flagitia fraudulenta iustitiae simulatione cumulauit.

Beatus igitur ille est qui iudicia diuina metuit, eo namque metu prohibetur quominus in se flagitium admittat, et admissa confitebitur ueniamque suppliciter implorabit. Qui uero, animi quadam duritate, prauitatem retinet, neque ullo metu a scelere reuocatur, subito corruet, ut sempiterno cruciatu torqueatur.

[15.] *Leo rugiens et ursus esuriens, princeps impius super populum pauperem.* [16.] *Dux indigens prudentia multos opprimet per calumniam; qui autem odit auaritiam, longi fiet dies eius.* [17.] *Hominem qui calumniatur animae sanguinem, si usque ad lacum fugerit, nemo sustinet.* [18.] *Qui ambulat simpliciter saluus erit; qui peruersis graditur uiis concidet semel.* [19.] *Qui operatur terram suam satiabitur panibus; qui autem sectatur otium replebitur egestate.*

Princeps impius, qui dominatu populum nec animo neque opibus florentem opprimit, neque coniunctionem ullam nobilitatis extimescit, cum omni metu solutus sit, insitae immanitati seruit, ita ut sit cum leonibus et ursis et cum omni belluarum immanium feritate comparandus. Qui uero mentis expers est, cum sit negligens atque dissolutus et, otium artissime complexus, sese ab omni negotio remoueat regnique procuracionem hominibus impuris et flagitiosis committat, et pauperum querimonias audire nullo modo uelit, ignauia atque desidia regnum labefactat atque tandem bonis omnibus euertit.

12. *Na exultação dos justos há muita glória; reinando os ímpios, acontecem as ruínas dos homens.* 13. *Aquele que esconde as suas maldades não será bem sucedido; aquele porém que as confessar e se retirar delas, alcançará misericórdia.* 14. *Bem-aventurado o homem que sempre está com temor; mas o que é de coração duro cairá no mal.*

Quando, depois de esmagada a iniquidade, os justos vencedores se alegram e exercem o poder, são os responsáveis pela salvação pública e com os seus elevados merecimentos obrigam a gratidão toda a república, alcançando uma extraordinária glória por tornarem os seus concidadãos prósperos e venturosos. Porém, quando a impiedade esvoaça de cabeça erguida e [896] se lança sobre as riquezas públicas, então o homem é atormentado pelos males. É que paga as penas das infâmias e dá provas de paciência, para que se veja com que disposição de ânimo suporta a injustiça. A confissão dos pecados é um remédio sobremaneira salutar, porquanto encerra em si uma prova de humildade, o ódio pelo crime cometido, um indício de sábia conversão e um ardente desejo de vida puríssima. Por conseguinte, logo que qualquer homem confessa o crime cometido e com a alma inteira se consagra ao amor da justiça, obtém o perdão. Mas quem simula a justiça, uma vez que é iníquo e oculta o crime de impiedade sob fingida aparência de piedade, e, com ânimo obstinado e decidido a continuar nos crimes, persevera nos mesmos erros, como se pudesse esquivar o juízo divino, será punido com a maior severidade. É que aumentou os seus primeiros pecados com a enganosa simulação de justiça.

Por conseguinte, é bem-aventurado aquele que temeu os juízos de Deus, pois este receio impede-o de incorrer em pecado, e confessará os que cometeu e em atitude suplicante implorará o perdão. Ao passo que aquele que, com uma espécie de dureza de ânimo, persevera na depravação, e a quem temor algum aparta do crime, há de cair de repente, por forma a ser atribulado com tormentos eternos.

15. *Um príncipe ímpio sobre um povo pobre é um leão que rugir e um urso que tem fome.* 16. *Um príncipe falto de prudência oprimirá a muitos pelas suas calúnias, mas os dias do que aborrece a avareza serão prolongados.* 17. *Se o homem que por calúnia derrama o sangue de qualquer pessoa fugir até se arremessar no fosso, ninguém o sustém.* 18. *Aquele que anda em simplicidade será salvo; o que anda por caminhos perversos cairá por uma vez.* 19. *Aquele que lavra a sua terra terá fartura de pão; mas o que ama a ociosidade estará cheio de indigência.*

O príncipe ímpio, que com o seu poder oprime um povo que não é próspero em riquezas nem em disposição de ânimo, e não sente receio de qualquer conjura da nobreza, uma vez que se encontra livre de todo o temor, entrega-se à sua ingênita desumanidade de tal maneira que se torna comparável aos leões e ursos e à ferocidade das monstruosas bestas selvagens. E quem se encontra privado de

Multi namque tyranni existunt, paucorum cupiditas ad euersionem multitudinis excitatur, potentium uis nullo iure cohibetur, clamores in caelum tolluntur ipsique tandem principes opibus atque dignitate, et interdum etiam uita, spoliantur. Vt enim, cum is cui nauis gubernanda traditur est nauticae artis ignarus, non solum uectores, sed etiam se ipsum in summum periculum naufragii et miserimae mortis inducit, ita princeps stultus non subditis tantum necem et exitium, sed sibi ipsi discrimen extremae cladis importat. Prudentia igitur non mediocris necessaria est ad tantum munus feliciter obeundum.

Pars autem prudentiae praecipua est auaritiam refrenare. [897] Nullum enim uitium menti taetrioris tenebras offundit. Ea namque humanitatem eripit, crudelitatem excitat, omnes omnium fortunas absorbet et, dum cupiditatem expleat, omnia iura perfringit. Cum igitur odium in se multitudinis incitet, non potest diu uitam incolumem ab exitio conseruare. Solus igitur princeps qui odit auaritiam uitam secure traducet et dignitatem perpetuo retinebit. Homo crudelis qui per fraudem et calumniam homini probo uitam eripere conatur, non tantum malum proximo suo machinatur, ut non multo grauius et funestius damnum ipse sibi inferat. Dum enim alterius sanguinem petit, animo suo mortiferum uulnus imponit; dum pestem alterius corpori molitur, pestem sempiternam menti suae comparat; dum alterius nomen delere studet, se dedecore, nullis saeculis eluendo, commaculat; et praeterea in hac etiam uita interitu funestissimo poenam luet; cladem fugiet ex qua minime elabi poterit; opem magnis uocibus implorabit, nullus tamen illi subsidium afferet: itaque miserrime corruet omnis qui aliis ruinae periculum intendit.

Magnum igitur uitae remedium est in uitae integritate et innocentia constitutum. Nihil enim occulte gerit quod foras prolatum sibi perniciosum sit; nihil callide et ueteratorie facit, ut tandem, sceleris euictus, meritas poenas det; non a iustitiae uia declinat, quam, qui deserit, ut fraudis uias ineat, “concidet semel”, hoc est, in aliqua tandem manifesto deprehensus, interibit. Labore igitur et industria, non malitia et calliditate, est res familiaris augenda. Labor enim, cum sit cum iustitia coniunctus, fructus solidos efferre solet, at fructus, qui malitia et improbitate comparantur, intereunt. Nihil enim iniuria comparatum poterit esse diuturnum.

entendimento, uma vez que é negligente e descuidado e, abraçando estreitamente a ociosidade, se aparta de toda a atividade e encarrega o governo do país a homens impuros e infames, e de forma alguma quer escutar as queixas dos pobres, com a sua preguiça e indolência enfraquece o país e ao cabo destrói todos os bens.

Com efeito, aparecem muitos tiranos, a cobiça de poucos sente-se estimulada à destruição da multidão, a força dos poderosos não é refreada por nenhum direito, erguem-se clamores para o céu e ao cabo os próprios príncipes são despojados das riquezas e da dignidade e por vezes até da própria vida. De facto, assim como, quando o homem a quem é entregue o leme da nau desconhece a arte de navegar, põe em enorme perigo de naufrágio e de mofina morte, não apenas os passageiros, mas a sua própria pessoa, da mesma maneira o príncipe insensato acarreta não apenas a morte e perdição dos súbditos, mas também o risco da sua total ruína. Por conseguinte, requer-se uma grande prudência para desempenhar com competência uma tão grande função.

Ora, a parte principal da prudência consiste em refrear a avareza. [897] De facto, nenhum defeito obscurece a alma com trevas mais terríveis. É que ela arranca o sentimento de humanidade, estimula a crueldade, engole todas as fortunas de todos e, ao satisfazer a sua cobiça, viola todos os direitos. Por conseguinte, uma vez que desperta contra si o ódio da multidão, não pode durante muito tempo conservar a sua vida isenta de perdas. Portanto, só o príncipe que odeia a avareza viverá em segurança e conservará sempre a dignidade. O homem cruel que mediante embustes e calúnias se esforça por arrancar a vida ao homem honesto, não só maquina o mal do seu próximo, mas infere contra si mesmo um mal muito mais grave e funesto. É que, enquanto procura conseguir o sangue do outro, inflige a si mesmo uma ferida mortal; enquanto se empenha em causar a perdição do corpo do outro, prepara a perdição eterna da sua alma; enquanto se desvela por expungir o nome do outro, tisna-se a si mesmo com um desdouro que jamais se pode apagar; e além disso ainda nesta vida será castigado através de uma morte muito terrível; fugirá de um desastre do qual não poderá escapar; a altos brados implorará ajuda, mas ninguém lhe há de trazer socorro, e assim cairá da forma mais inditosa todo o que intenta a ruína dos outros.

Por conseguinte, a existência possui um grande remédio na pureza e inocência de vida. É que não faz às ocultas nada que seja pernicioso uma vez tornado público; nada maquina arteira e astuciosamente, para acabar por pagar as merecidas penas do crime, depois deste provado; não se desvia do caminho da justiça: quem abandonar este caminho, para entrar nos caminhos do engano, “cairá por uma vez,” isto é, apanhado ao cabo em flagrante em algum [destes], perecerá. Por consequência, o património deve aumentar-se com o trabalho e o desvelo, e não através da malícia e astúcia. É que o trabalho, uma vez que se encontre unido com a justiça, costuma dar frutos sólidos, ao passo que perecem os frutos obtidos através da malícia e da desonestidade. De facto, não poderá existir durante muito tempo coisa alguma que tenha sido obtida de modo injusto.

Qui agrum, inquit, suum colit, 'saturabitur panibus'. Hac sententia duas uirtutes unice commendat. Vna, est iustitia; altera, diligentia. Iustitiam quidem cum fructus uberes non alienum agrum, sed proprium colenti pollicetur; diligentia uero cum culturae meminit sine qua squalet ager, et pro frugibus sentes effundit. Docet autem iniuriam et negligentiam caussam egestatis afferre. Iniuriam quidem quia numen diuinum in omnes tandem iniustos animaduertit; negligentiam uero quia negligentibus merito semper esuriunt, cum otium abundantiae praetulerint.

[20.] *Vir fidelis multum laudabitur; qui autem festinat ditari non erit innocens.*
 [21.] *Qui cognoscit in iudicio faciem non bene facit; iste et pro buccella panis deserit ueritatem.* [22.] *Vir qui festinat ditari, et aliis inuidet, ignorat quod egestas superueniet ei.*

Fides sancte culta non solum Dei gratiam acquirit, sed etiam hominum uoluntates ad se mirabiliter allicit. Contra uero qui, pecuniae cupiditate, fidem uiolat et, dum opes nimis festinanter quo iure quae iniuria congerit, fidem non cogitat, [898] hominum offensiones non effugiet, et diuino iudicio peruertetur. Non est utile, dum iudicium fit, aliud quam iuris aequitatem expendere. Itaque qui personae, hoc est, qui nobilitatis, uel gratiae, uel potentiae, uel emolumenti rationem ducit, dum rem suam bene gerere putat, omnia bona sua dissipat. Ius enim diuinum flagitat ut qui, commodi sui gratia, Dei iudicium contemnit, omnibus commodis careat et extrema indigentia crucietur, maxime uero cum tanta sit apud homines impuros diuinae legis obliuio ut, uilissimi commodi gratia, ad ius diuinum nefarie uiolandum impellantur.

Mirum autem est quanta festinatione properent homines ut diuitias coaceruent; neque solum, ut ditissimi sint, elaborant; uerum ut aliis omnem materiam rei familiaris augendae praeripiant per omnes flammam excurrunt. Quod uitium non est tantum cupiditatis effrenatae, sed etiam inuidiae detestabilis argumentum. Hi uero, dum cupiditate stimulantur, dum inuidia contabescunt, dum oculos opibus alienis adiiciunt, partim dolis et fraudibus, partim immensis laboribus omnia periclitantur, usque eo dum et odio hominum et caelestis numinis offensione excaecati, quadam repentina tempestate iacentur, naufragioque iustissimo, omnes opes momento temporis amittant.

Diz o Sábio que quem cultiva o seu campo “terá fartura de pão”. Mediante este provérbio recomenda de modo particular duas virtudes. Uma é a justiça; a outra, o desvelo. A justiça, quando promete frutos abundantes a quem cultiva não os campos alheios, mas os próprios; e o desvelo, quando lembra o cultivo sem o qual o campo se cobre de mato e em vez de frutos produz silvas. Por outro lado, ensina que a injustiça e a negligência ocasionam a pobreza. A injustiça porque a divindade acaba por castigar todos os injustos; e a negligência porque os remissos sempre merecidamente passam fome, uma vez que preferiram o ócio à abundância.

20. O homem fiel será muito louvado; mas o que dá pressa a se enriquecer não será inocente. 21. Aquele que quando julga guarda respeito à pessoa, não faz bem; um tal homem até desampara a verdade por um bocado de pão. 22. O homem que se apressa por enriquecer e tem inveja aos outros, não sabe que há de vir sobre ele a pobreza.

A fé e palavra escrupulosamente mantidas não apenas obtêm a graça de Deus, mas também cativam de modo extraordinário o coração dos homens. Ao invés, porém, quem, pelo desejo de dinheiro, viola a palavra e, enquanto acumula riquezas, de modo lícito ou ilícito, não se preocupa com a lealdade, [898] não escapará à aversão dos homens e será castigado pelo juízo de Deus. Enquanto se faz o julgamento não é útil ter em apreço outra coisa que não seja a equidade do direito. E por isso quem olha à pessoa, isto é, quem tem em consideração a nobreza, ou a influência, ou o poder, ou o lucro, ao pensar que está a cuidar muito bem dos seus interesses, está a destruir todos os seus bens. É que o direito divino exige que quem, por causa do seu interesse pessoal, despreza o juízo de Deus, fique privado de todos os proveitos e se veja atribulado pela mais completa indigência, e sobretudo uma vez que é tão grande entre os homens impuros o esquecimento da lei divina que, por amor de um proveito muitíssimo baixo, se sentem impelidos a sacrilegamente violarem o direito divino.

Por outro lado, causa pasmo a grande pressa que os homens se dão para acumularem riquezas; e não só envidam esforços para serem muitíssimo ricos, mas também correndo toda a sorte de perigos se arriscam para arrebatam aos outros toda a substância com que possam aumentar o seu património. Este defeito é prova não só de desenfreada cobiça, mas também de detestável inveja. E estes, enquanto são incitados pela cobiça, enquanto mirram de inveja, enquanto lançam os olhos para as riquezas alheias, em parte com enganos e embustes, em parte com imensos trabalhos, tudo tentam, até que, tornados cegos pelo ódio aos homens e aversão a Deus, acabam como que sendo balançados por uma espécie de tempestade repentina e, através de um justíssimo naufrágio, perdem num ápice todas as riquezas.

[23.] *Qui corripit hominem gratiam postea inueniet apud eum magis, quam ille qui per linguae blandimenta decipit.* [24.] *Qui subtrahit aliquid a patre suo et a matre, et dicit hoc non esse peccatum, particeps homicidae est.* [25.] *Qui se iactat et dilatat, iurgia concitat; qui uero sperat in Domino sanabitur.* [26.] *Qui dat pauperi non indigebit; qui despicit deprecantem sustinebit paenuriam.* [27.] *Cum surrexerint impii, abscondentur homines; cum illi perierint, multiplicabuntur iusti.*

Oratio quidem increpantis aspera uidetur, adulantis uero et blandientis iucunda. Attamen emendatoris sapientis acerbitas salutem inducit, blanditiae uero adulatoris exitium. Ita uero fit ut, qui ad uoluntatem loquitur, quamuis ad aliquod breue tempus uoluntatem ad se uiri potentis alliciat, illi postea odio sit; contra uero, qui ueritate aures offendit, post ueritatis ipsius fructum, in magna gratia apud eum sit cui in princio non ualde placuerat. Falsa namque dulcedo uitam reddit amarissimam et sapiens orationis acerbitas efficit iucunditatem plenissimam.

Qui patri uictum detrahit impius parricida est et omnium mortalium scelestissimus. Si enim qui parentibus maledicit grauissimum in se scelus admittit, quid erit de illo dicendum qui parentibus uitam eripit? Eripit autem uitam qui illos uictu spoliatur. Lex diuina illum astringit ut parentes alat atque sustentet opibus suis et uicem mutuam reddat illis quorum opera fuit in lucem editus et enutritus et moribus institutus. At is qui patris [899] rem familiarem diripit tantum abest ut patri atque matri debitam gratiam referat ut illis etiam, quantum potest, exitium maturet. Si igitur, ut est in ueteri prouerbio, “uultu laeditur pietas”¹³¹, et qui in patrem iracunde inuehitur morte dignissimus est, in illum certe qui patris bona depredatur, nullum satis dignum supplicium statui potest.

Homo confidens et elatus et insito acumine subnixus, pacem odit et iurgia concitat et innumerabiles in se inimicos incendit et sic fit ut minime uitae discrimen effugiat. Qui autem de se humiliter atque demisse sentit et nihil sibi insolenter assumit, sed omne uitae atque dignitatis praesidium habet in Dei benignitate constitutum, omne periculum Dei praesentis auxilio facillime propulsabit.

¹³¹ Vd. Cícero, *Rosc. Am.*, XIII, 37.

23. *Aquele que repreende a um homem achará depois graça para com ele, muito mais do que aquele outro que o engana com as lisonjas da sua língua.* 24. *Aquele que tira alguma coisa a seu pai e a sua mãe, e diz que isto não é pecado, tem parte no crime dos homicidas.* 25. *Aquele que se jacta e que se incha de soberba, excita contendas; mas o que espera no Senhor, será curado.* 26. *Aquele que confia no seu coração é um insensato; mas o que anda sabiamente será com efeito salvo.* 27. *Aquele que dá ao pobre não terá necessidade; aquele que o despreza, quando lhe pede, cairá em penúria.* 28. *Quando os ímpios forem elevados, esconder-se-ão os homens; quando eles perecerem, multiplicar-se-ão os justos.*

Parecem desabridas as palavras de quem censura, e agradáveis as de quem lisonjeia e adula. Sem embargo, a severidade do crítico sábio traz consigo saúde, ao passo que os amavios do adulator ocasionam a perdição. E assim acontece que, quem fala ao gosto de quem ouve, embora durante algum breve período de tempo ganhe para si as boas graças do poderoso, incorre depois no seu ódio; ao passo que, pelo contrário, quem com a verdade fere os ouvidos, após se conhecer o fruto da verdade, ganha toda a confiança daquele a quem no princípio não agradara muito. É que a falsa doçura torna a vida muitíssimo amarga e o sábio transforma o desabrimento das palavras em cabal contentamento.

Quem tira ao seu pai o alimento, é um ímpio parricida e o mais criminoso de todos os mortais. É que, se quem insulta os pais se torna culpado de um crime gravíssimo, que cumprirá dizer-se acerca daquele que tira a vida aos seus progenitores? Ora, tira-lhes a vida quem os despoja dos meios de subsistência. A lei divina obriga-o a alimentar os pais e a sustentá-los com os seus recursos e a que por sua vez pague em retorno àqueles por obra dos quais foi dado à luz, alimentado e educado. Aquele porém que [899] arrebatou o património do pai, está tão longe de mostrar o devido reconhecimento ao pai e à mãe que até, na medida do que pode, está a apressar a sua ruína. Por conseguinte, se “os deveres filiais se ultrajam com o semblante”,²³ conforme diz o velho provérbio, e quem arremete tomado de ira contra o pai é totalmente merecedor da morte, certamente que não pode estabelecer-se nenhum castigo assaz apropriado para aquele que rouba os bens do seu pai.

O homem confiante e soberbo e que se jacta dos dotes intelectuais de que está dotado, odeia a paz, desperta contendas e acirra contra si inúmeros inimigos e deste modo acontece que não evita o perigo de vida. Por outro lado, quem tem uma opinião humilde e baixa acerca de si mesmo e de modo insolente nada se arroga, mas colocou na bondade de Deus toda a proteção da sua vida e dignidade, com a ajuda de Deus presente mui facilmente afastará todos os perigos.

²³ Cf. Cícero, *Pro Roscio Amerino* 37.

Commendat Sapiens liberalitatem et munificentiam in pauperes. Qui pauperis enim miseretur, Deum, qui pater est pauperum, sibi, si ita loqui fas est, uehementer astringit, ita ut fieri non possit ut is qui misericordiam tribuit inopi a diuina misericordia deseratur, cum is qui misericordia pauperum minime commouetur sit apud Deum detestabilis et exsecrandus.

Salus reipublicae in iustorum honore et imperio tota consistit. Tunc enim iniquitas, metu compressa, delitescit; innocentia ius suum facillime tuetur; iniuriae repelluntur; uirtutes ornamentis debitis afficiuntur; bonorum exemplo iustitiae studium mirabiliter excitatur; omniaque opulentia et dignitate circumfluunt. At, cum hominum peccatis impii in alto honoris gradu locantur, tyrannis existit et homines se in tenebras abdunt, ne tyrannorum uultum, cum exitii periculo, subire compellantur. Virtus igitur tunc interclusa respirare non audet; honestatis et iustitiae studium languescit; et cupiditas uerae gloriae, cum magno reipublicae malo, restringitur.

Vt autem impietatis dominatu omnia bona reipublicae funditus euertuntur, sic, ubi impii de statu conciderint, omnis respublica cum summa bonorum affluentia instaurabitur atque renouabitur et diuinus quidam ornatus efflorescet. Itaque “multiplicabuntur iusti”, cum impii corruerint. Nihil igitur poterit rebuspublicis salutaris excogitari impiorum interitu.

CAP. XXIX

[1.] *Viro qui corripientem dura ceruice contemnit, repentinus superueniet interitus, et eum sanitas non sequetur.* [2.] *In multiplicatione iustorum laetabitur uulgus; cum impii sumpserint principatum, gemet populus.* [3.] *Vir qui amat sapientiam laetificat patrem suum; qui autem nutrit scorta perdet substantiam.* [4.] *Rex iustus erigit terram; uir auarus destruet eam.* [5.] *Homo qui blandis fictisque sermonibus loquitur amico suo, rete expandit gressibus eius.* [6.] *Peccantem uirum iniquum inuoluet laqueus, et iustus laudabit atque gaudebit.*

[899] Ei qui non uult admoneri, furere permittitur; qui non uult in uiam redire, errare conceditur; qui impendens periculum prouidere recusat, in periculum ruat. Itaque, malo repentino uehementer oppressus, occumbet, et opem imploranti nemo medebitur. Sapientia namque, cuius uocem uiri pertinaces impudentissime contemunt, eis praesidium, quod pollicebatur, iustissime detrahit et, quemadmodum illa in huius operis principio dixit, impiorum interitum iustissime comprobabit.

O Sábio recomenda a liberalidade e generosidade com os pobres. É que, quem se compadece do pobre, liga-se estreitamente com Deus (se é lícito assim falar), que é o Pai dos pobres, de maneira tal que é impossível suceder que aquele que é misericordioso com o necessitado seja abandonado pela misericórdia divina, uma vez que é detestável e abominável aos olhos de Deus a pessoa que não sente compaixão pelos pobres.

A prosperidade da república funda-se inteiramente na honra e poder dos justos. É que então a iniquidade, contida pelo medo, mantém-se escondida; a inocência com a máxima facilidade salvaguarda o seu direito; as injustiças são rechaçadas; as virtudes são condecoradas com os devidos ornamentos; com o exemplo dos bons o zelo da justiça recebe um extraordinário impulso; e tudo abunda em riqueza e dignidade. Ao invés, quando, devido aos pecados dos homens, os ímpios são colocados nos mais altos graus de dignidade, a tirania aparece e os homens ocultam-se nas trevas, para evitarem serem obrigados a cair sob o olhar dos tiranos, com perigo de se perderem. Por conseguinte, então a virtude encerrada não se atreve a respirar; afrouxa o zelo da justiça e da honestidade; e o desejo da verdadeira glória extingue-se, com grande prejuízo da república.

Ora, assim como com o senhorio da impiedade todos os bens da república completamente se arruinam, da mesma maneira quando os ímpios caírem da posição que detêm, toda a república se renovará e restabelecerá com grande abundância de bens e florescerá uma espécie de ornato divino. E assim *multiplicar-se-ão os justos*, quando os ímpios perecerem. Por conseguinte, não poderá imaginar-se nada de mais salutar para os Estados do que o perecimento dos ímpios.

CAPÍTULO XXIX

1. *Sobre aquele homem que despreza com uma cerviz dura a quem o repreende, virá de repente a sua total ruína; e não terá mais remédio.* 2. *Na multiplicação dos justos se alegrará o vulgo; quando os ímpios tomarem o governo, gemerá o povo.* 3. *O homem que ama a sabedoria, alegre a seu pai; o que porém sustenta prostitutas perderá os seus bens.* 4. *O rei justo faz florescer o seu estado; o homem avarento destruí-lo-á.* 5. *O homem que, quando fala ao seu amigo, usa de uma linguagem lisonjeira e fingida, arma uma rede aos seus passos.* 6. *Ao homem pecador iníquo envolverá o laço e o justo louvará e se regozijará.*

[900] Permite-se que enlouqueça aquele que não quer ser aconselhado; concede-se que erre àquele que não quer retomar o caminho; que caia no perigo aquele que se recusa a tomar providências quando esse perigo espregueira. E por isso, esmagado por um mal repentino, há de sucumbir, e ao pedir ajuda ninguém o remediará. É que a sabedoria, cuja voz mui impudentemente desprezam os varões obstinados,

Multitudine iustorum populi salutem contineri satis perspicuum est et in impiorum dominatu ruinam. Opus igitur est ut, cum honores deferuntur ad homines probos, populus significationem laetitiae det; cum uero ad impios transferuntur, ingemiscat.

Qui sapientiae cultor est omnia sibi bona comparabit. Ergo pater ex felicissimo statu filii uoluptatem percipiet, quemadmodum dolorem ingentem capiet, si filium uiderit meretriciis amoribus implicatum. Necessè namque est ut patrimonium illius qui meretricibus deditus est breui dissipetur. Si uolumus igitur optimum parentem, cuius beneficio in lucem editi et enutriti et multis opibus et ornamentis exculti sumus, gaudio afficere sapientiam, quae est in illius cognitione et in pietatis flagranti studio sita, perpetuo sectemur, et sic opibus summis, cum gloria summa, circumfluemus. Si uero, deserta sapientiae uia, ad meretrices, hoc est, ad alienas disciplinas et haereticorum fraudes, declinabimus, omnes opes nostras effundemus et in sempiterna mendacitate uersabimur.

Rex iustus, moderatione sua statum reipublicae firmat; at, qui nihil aliud quam emolumenta sua respicit, intoleranda tributa imperat, e subditorum bonis praedas agit, domos euersas et exinanitas relinquit totumque regnum funditus perdit et, cum odio suorum et inuidia flagret et Dei numen grauiter offendat, se tandem praecipitem in extremam miseriam dat. Principium autem calamitatis ab adulatoribus nascitur. Nam, si is qui proximo suo adulatur perinde est atque si rete ad illius pedes alligandos expanderet, quid erit existimandum de perditis eorum conatibus qui, principem adulando et assentando, laqueis durissimis impediunt quo minus officio suo perfungatur? Quotiens enim homo in officio delinquit, totiens mortis laqueis arte constringitur, ita ut maleficiorum recordatione, uelit, nolit, assidue crucietur. Contra, iustus, ex omnibus rebus quas gerit, quas animo molitur, quas mente recogitat, eximiam uoluptatem fert, et recte factorum conscientia mirifice in omni temporum uarietate sustentatur.

[7.] *Nouit iustus causam pauperum; impius ignorat scientiam.* [8.] *Homines pestilentes dissipant ciuitatem, sapientes uero auertunt furorem.* [9.] *Vir sapiens si cum stulto contenderit, siue irascatur, siue rideat, non inueniet requiem.* [10.] *Viri sanguinum oderunt simplicem: iusti autem quaerunt animam eius.* [11.] *Totum spiritum suum profert [901] stultus; sapiens differt, et reseruat in posterum.* [12.] *Princeps qui libenter audit uerba mendacii, omnes ministros habet impios.*

com a máxima justiça retira-lhes a proteção que lhes prometia e, tal como ela disse no princípio desta obra, com toda a justiça aprovou a morte dos ímpios.

Que na multidão dos justos se encerra a salvação do povo e no domínio dos ímpios a sua ruína é algo que é sobejamente claro. Por conseguinte, é mister que, quando as honrarias são concedidas aos homens honestos, o povo dê mostras de alegria, e se lamenta quando são conferidas aos ímpios.

Quem cultiva a sabedoria alcançará para si mesmo todos os bens. Logo, o pai sentirá prazer com a situação feliz do seu filho, tal como padecerá uma imensa dor se vir o filho enredado em amores com prostitutas. É que é forçoso que se dissipe a breve trecho o património do homem que é dado às meretrizes. Por conseguinte, se queremos causar grande alegria ao ótimo Pai, graças a cuja bondade fomos dados à luz e alimentados e providos de muitas riquezas e ornamentos, sigamos incessantemente a sabedoria que se encontra localizada no Seu conhecimento e no zelo abrasado da piedade, e destarte possuiremos em abundância, juntamente com a suprema glória, as riquezas mais elevadas. Mas se, abandonado o caminho da sabedoria, nos inclinarmos para as meretrizes, isto é, para os outros conhecimentos e os embustes dos hereges, esbanjaremos todas as nossas riquezas e viveremos em eterna mendicidade.

O rei justo assegura a estabilidade do Estado mediante o seu governo; aquele, porém, que não olha a outra coisa que não seja o seu proveito, impõe tributos intoleráveis, faz pilhagem dos bens dos súbditos, deixa as casas despojadas e esvaziadas e arruína totalmente o reino e, uma vez que se abrasa no ódio e inveja dos seus e ofende gravemente a divindade, acaba por precipitar-se na mais completa desgraça. Ora, o princípio da calamidade procede dos adulares. De facto, se aquele que adula o seu próximo é como se estendesse uma rede para prender os seus pés, que deverá pensar-se acerca das perversas tentativas daqueles que, adulando e lisonjeando o príncipe, mediante laços duríssimos o impedem de desempenhar a sua função? É que, sempre que um homem erra no cumprimento da sua obrigação, fica estreitamente atado pelos laços da morte, de tal maneira que, queira-o ou não, se sente incessantemente atormentado pela lembrança das suas malfetorias. Pelo contrário, o justo recebe um extraordinário prazer de todas as coisas que faz, que medita no espírito e em que reflete no seu entendimento e, em todas as variadas circunstâncias da vida, sente-se maravilhosamente alentado pela consciência do que fez de bom.

7. *O justo toma conhecimento da causa dos pobres; o ímpio ignora a ciência.*
8. *Os homens pestilentos destroem a cidade; os sábios porém apartam o furor.* 9. *Se o homem sábio disputar com o insensato, ou ele se agaste, ou se ria, não achará descanso.* 10. *Os homens sanguinários aborrecem o simples; mas os justos procuram conservar-lhe a vida.* 11. *O insensato revela logo tudo o que tem no seu espírito; [901] o sábio não se apressa, mas reserva-se para depois.* 12. *O príncipe que ouve de boamente as palavras da mentira, só os ímpios tem por ministros.*

Iustus, cum nihil apud illum sit aequabilitate iuris antiquius, nullius potentia poterit adduci ut non secundum pauperem iudicet, si uiderit legem cum illo facere. Impius uero, cum diuinum ius ignoret, facile uel muneribus, uel spe futurae utilitatis, allicitur ad caussam contra fas hominibus potentibus et perditis adiudicandam. Homines superbi et acumine suo praesidentes, qui bonitatem irident summamque stultitiam in simplicitate ponunt, fraude capitali ciuitatem obligant, ita ut uniuersam rempublicam diris poenis, propter caeleste numen offensum, obnoxiam reddant; sapientes uero, cum cernant nihil ciuitatibus esse pestilentius quam specie praesentis utilitatis a iure discedere, numquam ullis commodis alliciuntur ut utilitatem honestati anteponan, et ita iram diuinam a rebuspublicis auertunt. Vnde colligitur nullum praesidium ad reipublicae stabilimentum excogitari posse uirtute et iustitia salutaris.

Homo furiosus et insanus nullo modo rationi subiicitur. Quo modo enim qui rationis expers est, rationi parebit? Itaque sapiens, si cum illo contraxerit, postquam ad suas rationes illum adducere non poterit, siue, hominis impudentia commotus, irascatur, siue stupiditatem mentis irrideat, nullum finem controuersiae reperire poterit. Viri homicidae simplicitatem et animorum integritatem odio immani persequuntur, non enim ferre possunt eum qui oratione, moribus et institutis, actionibus suis aduersatur, et iccirco uitae illius exitium moliuntur; contra uero, iusti eo neruos omnes intendunt ut innocentiae faueant et hominem integrum ab importunitate iniustissimae necis eripiant.

Multa quidem signa dat amentiae homo stultus: nullum tamen euidentius eo est quo omnes cogitationes suas ostentat et nihil secretum tenet quod totum tempore nimis alieno profundat; at sapiens spiritum suum cohibet et, quae sunt dicenda, opportune pronuntiat, et, quae sunt reticenda, silentio comprimit, et ita orationem moderatur ut nihil umquam ex ore illius excidat quod sibi perniciem inferre possit.

Quam periculosum sit principi aures praebere mendaciis ostendit Sapiens, cum ait futurum ut omnes illius ministri sint scelestissimo crimine impietatis alligati. Primum enim, omnes in eo certatim elaborabunt ut mendaciis illius sibi gratiam concilient. Principem igitur adulatione corrumpent; bonos ab illius familiaritate submouebunt; necem, innoxios criminando, multis inferent; multos opibus per summum scelus spoliabunt; sic tandem fiet ut pietatem principibus et patriae et Deo debitam, uiolent, et ita pestem in uniuersam rempublicam nefarie machinentur.

Ao justo, uma vez que para ele nada é mais importante do que a equidade do direito, o poder de ninguém poderá arrastá-lo a não julgar a favor do pobre, se vir que a lei está do seu lado. O ímpio, porém, porque desconhece o direito divino, facilmente é levado, quer por presentes, quer pela esperança de vantagens futuras, a conceder ganho de causa, contra o que é justo, aos homens poderosos e perversos. Os homens soberbos e muito confiantes na sua penetração intelectual, que zombam da bondade e consideram a simplicidade como a suprema tontice, tornam a cidade culpada de crime de morte, por tal forma que tornam o Estado inteiro sujeito a terríveis castigos, por ter ofendido a majestade divina; ao passo que aos sábios, uma vez que se dão conta de que nada é mais prejudicial para a comunidade do que, por causa da aparência do proveito presente, apartar-se do direito, nunca nenhuns proveitos os induzem a anteporem a utilidade à honestidade, e deste modo desviam das repúblicas a ira divina. Daqui se colige que, para sustentáculo do Estado, não pode imaginar-se nenhuma proteção mais salutar do que a virtude e a justiça.

O homem tresloucado e insensato de forma alguma se subordina à razão. De facto, como acatará a razão quem está privado de razão? E por isso o sábio, se com ele contender, depois de tentar em vão convencê-lo com as suas razões, quer, movido pela impudência do homem, se encolerize, quer se ria da sua estupidez, não poderá achar fim algum para aquela disputa. Os homicidas sentem monstruosa sanha contra as almas singelas e puras, pois não podem suportar quem, com as suas palavras, costumes e princípios se opõe aos seus atos, e por isso maquinam tirar-lhe a vida; ao invés, porém, os justos envidam todos os seus esforços no sentido de favorecerem a inocência e de arrancarem o homem puro do risco de uma morte injustíssima.

O insensato oferece muitos indícios da sua loucura: todavia, nenhum é tão evidente como o de dar a conhecer todos os seus pensamentos e não guardar segredo algum que não espalhe totalmente na ocasião menos própria; ao passo que o sábio refreia o seu espírito e, aquilo que deve ser dito, di-lo no ensejo apropriado, e, aquilo que deve ser calado, conserva-o em silêncio, e de tal sorte modera as palavras que nunca da sua boca sai coisa alguma que possa ocasionar-lhe prejuízo.

O Sábio mostra o quão perigoso é para o príncipe prestar ouvidos à mentira, quando diz que todos os seus servidores hão de incorrer na mui criminosa culpa de impiedade. É que, antes de mais, todos à porfia se hão de aplicar a mediante mentiras alcançarem para si as suas boas graças. Por conseguinte, mediante a adulação corromperão o príncipe; apartarão os bons da sua intimidade; culpando inocentes, hão inferir a muitos a morte; através do maior dos crimes, hão de despojar muitos das suas riquezas; e assim acabará por suceder que violarão o respeito devido aos príncipes, à pátria e a Deus, e deste modo sacrilegamente hão de maquinar a perdição da totalidade da república.

[13.] *Pauper et creditor obuiauuerunt sibi: utriusque illuminator est Dominus.* [902] [14.] *Rex qui iudicat in ueritate pauperes, thronus eius in aeternum firmabitur.* [14.] *Virga atque correptio tribuit sapientiam; puer autem qui dimittitur uoluntati suae confundit matrem suam.* [15.] *In multiplicatione impiorum multiplicabuntur scelera, et iusti ruinas eorum uidebunt.* [16.] *Erudi filium tuum, et refrigerabit te, et dabit delicias animae tuae.* [17.] *Cum prophetia defecerit, dissipabitur populus; qui uero custodit legem beatus est.*

In eodem numero ponit pauperem et hominem calumniis et fraudibus perditorum hominum nefarie circumuentum; fore tamen dicit, ut utriusque mentem Dominus splendore suae lucis illuminet et eorum causam suscipiat. Regni autem praesidium atque firmamentum esse collocandum in iustitia demonstrat. Vbi enim rex rectissimo iudicio pauperes subleuandos summo studio curat neque ullo modo patitur ut secundum illos iudicetur qui non iure, sed opibus et potentia, causam obtinere contendunt, fieri non potest ut regnum illud dissipetur et opes ad alias gentes transferantur. Vnde colligitur omnes principes qui de summo imperii statu conciderunt ideo concidisse quia iudices perperam iudicabant et contra ius, pecunia corrupti, potentibus litem addicebant.

Quod uero ad puerorum institutionem attinet, si non tantum in eo publicae salutis momentum positum fuisset, non tam saepe Sapiens illud inculcasset. Quid enim aliud euertit rempublicam, nisi ciues flagitiis omnibus cooperti et taeterrimis sceleribus inquinari? Vbi igitur multitudo ciuium perditorum exstiterit, ibi salutem publicam euerti necesse est. At, ista multitudo, unde profluxit? Ex corrupta parentum disciplina. Si enim quilibet domi suae liberorum curam habuisset eosque minime deprauari indulgentia sua permisisset, non tantum malorum fuisset in respublicas importatum. Nam, ubi multi perdit et profligati ciues existunt, rempublicam facillime occupant et occupatam sceleribus suis inficiunt, et ita, cum ad summam flagitiorum et scelerum peruentum est, numen diuinum in homines animaduertit uniuersaque respublica et seditionibus intestinis dilaceratur, et hostium tandem armis excinditur. Quia haec mala plerumque ex matrum indulgentia proueniunt, dicit Sapiens puerum, mala disciplina corruptum, ignominia afficere matrem suam.

Iusti uero, in communi rerum strage et ruina, Dei sanctissimum iudicium contemplantur illisque laudes perpetua oratione concelebrant. Omnia autem mala, recta liberorum institutione atque domestica disciplina uitari possunt. Quocirca Sapiens eandem admonitionem repetit et unumquemque ciuem exhortatur ut filios suos illis moribus instituant quibus parentibus solatio atque praesidio sint. Facillime namque pater in filii probitate conuiuiscit et ex multis eiusmodi institutis salus in uniuersam [903] rempublicam redundat.

13. *O pobre e o credor se encontraram; o Senhor é que alumia um e outro. [902]*
14. *Quando o rei julga os pobres conforme a verdade, o seu trono será firmado para sempre.* 15. *A vara e a correção são sabedoria; o menino porém que é deixado à sua vontade, serve de confusão a sua mãe.* 16. *Com a multiplicação dos ímpios se multiplicarão as maldades, e os justos verão a sua ruína.* 17. *Cria bem a teu filho, consolar-te-á e servirá de delícias à tua alma.* 18. *Quando faltar a profecia, dissipar-se-á o povo; aquele porém que guarda a lei é bem-aventurado.*

Põe no mesmo número o pobre e o homem sacrilegamente assediado pelas calúnias e embustes dos homens perversos; todavia diz que o Senhor com o esplendor da Sua luz há de iluminar o entendimento de ambos e defender as suas causas. Mostra que a proteção e firmeza do reino deve assentar na justiça. É que, quando o rei, com a máxima diligência e usando de retíssimo juízo se preocupa em ajudar os pobres e de forma alguma tolera que se julgue a favor dos que se empenham em obter ganho de causa sem o apoio do direito, mas graças às suas riquezas e poder, é impossível acontecer que aquele reino se arruine e que as riquezas passem para outros povos. Daqui se conclui que todos os príncipes que caíram das alturas do poder supremo, caíram porque os juizes julgavam incorretamente e, indo contra o direito, corrompidos pelo dinheiro, adjudicavam ganho de causa aos poderosos.

E no que tange à educação das crianças, o Sábio não teria insistido tão amiúde neste ponto se não tivesse tamanha importância para a prosperidade pública. De facto, que outra cousa destrói o Estado senão os cidadãos cobertos de todas as infâmias e manchados de crimes os mais medonhos? Por conseguinte, onde existir um grande número de cidadãos perversos, aí é forçoso que a prosperidade pública se arruine. Esta multidão, porém, de onde promana? Da estragada educação ministrada pelos pais. É que, se cada um em seu lar tivesse cuidado dos filhos e com a sua indulgência não os tivesse deixado estragarem-se, não se teria acarretado tamanha quantidade de males para as repúblicas. De facto, quando existem muitos cidadãos perversos e ruins, com a maior facilidade se senhoreiam do Estado e o corrompem com os seus crimes, e assim, quando se chega ao ápice dos crimes e infâmias, a majestade divina castiga os homens e o Estado inteiro não só é dilacerado com conflitos internos, como também acaba por ser despedaçado pelas armas dos inimigos. Porque estes males ordinariamente resultam da indulgência das mães, o Sábio diz que o menino, estragado por uma ruim educação, cobre de opróbrio a sua mãe.

Ora, os justos, na destruição e ruína de todas as coisas, veem o santíssimo juízo de Deus e celebram os seus louvores com incessante oração. Por outro lado, todos os males se podem evitar através de uma correta educação dos filhos e dos ensinamentos ministrados em casa. Razão pela qual o Sábio repete a mesma admoestação e exorta todos os cidadãos a que criem os seus filhos com costumes tais que lhes permitam serem proteção e consolo dos seus pais. Na verdade, o

Interim tandem optandum est ne umquam desit in republica uir aliquis diuinus qui de mysteriis diuinis edifferat, qui homines crebris monitis studio sanctissimae religionis incendat, qui supplicium denunciaret iis qui a studio legis abhorrent et toti sunt a cupiditate Regni caelestis auersi. Assiduae namque hominum diuinorum admonitiones multitudinem in officio continent, at, ubi illae deficiunt, uitia pullulant, seges flagitiorum ingens exurgit, densissimae scelerum siluae omnium uirtutum fruges obruunt et reliquiis officiorum uastitatem inferunt. Tunc igitur calamitas, ira diuina in gentem perditam immissa, omnia peruertit. In eo tunc rerum exitio ille beatus erit qui omnem uitam ad Dei legem direxit minimeque a Domini uia declinauit. Ad illum enim nulla calamitas peruadet et, cum omnia fuerint clade consumpta, illi tantum uitam incolumem ab omni supplicio conseruabunt qui animum gerunt lege sempiterna deuinctum et omnem salutis spem in Deo collocant.

[19.] *Seruus uerbis non potest erudiri, quia quod dicit intelligit, et respondere contemnit.* [20.] *Vidisti hominem uelocem ad loquendum? Stultitia magis speranda est quam illius correptio.* [21.] *Qui delicate a pueritia nutrit seruuum suum postea sentiet eum contumacem.* [22.] *Vir iracundus prouocat rixas, et qui ad indignandum facilis est erit ad peccandum procliuior.* [23.] *Superbum sequitur humilitas, et humilem spiritu suscipiet gloria.* [24.] *Qui cum fure participat odit animam suam; adiurantem audit, et non indicat.* [25.] *Qui timet hominem cito corruet; qui sperat in Domino subleuabitur.* [26.] *Multi requirunt faciem principis, et iudicium a Domino egreditur singulorum.* [27.] *Abominantur iusti uirum impium, et abominantur impii eos qui in recta sunt uia.*

Seruus corrigi solet imperio et non explicatione rationis quare id sibi utile futurum sit. Erepta namque libertate, plerumque iudicium mentis obruitur, ita ut non decernere possit seruus quid sibi aut conseruis aut domini rebus expediat. Quid, si seruus prudens sit et intelligat ex eo quod imperatur periculum communibus rebus imminere? Frustra intelligit. Consilium enim illius plerumque repudiatur. Nulla illius responsio est. In hoc est enim durissima seruitutis condicio, quod cogitur seruus intelligens perferre domini parum sapientis insaniam.

Homo praeceptis atque deuiis minime expendit uerba quae dicturus est. Itaque temere loquitur et, quidquid illi mentem uenit, sine ullo iudicio nimis festinanter effundit, et offensiones hominum non extimescit, et iccirco fit ut multo magis insaniat eo quem, ut furiosum, [904] pueri sectantur et multitudo deridet. Is enim, quem homines solum insanum uocant, cum furor illius in omnium oculis et aspectu sit, nihil rebus communibus nocere potest. At, qui sanus existimatur, et tamen quid sit dicturus minime perpendit, multum, si fuerit admissus, summae reipublicae nocebit. Est igitur quouis furioso et insano dementior.

pai mui facilmente encontra repouso na honestidade do seu filho e de muitos criados deste modo [903] resulta a prosperidade para toda a república.

Entretanto é enfim desejável que na república nunca falte algum varão de Deus, para discorrer acerca dos mistérios divinos, para, com amiudadas prédicas, abrasar os homens no zelo da santíssima religião, para ameaçar com o castigo aqueles que se afastam do zelo da lei e são inteiramente hostis ao desejo do Reino celestial. Com efeito, as incessantes admoestações dos homens de Deus conservam a multidão no cumprimento do dever, ao passo que, quando elas faltam, os erros grassam, surge uma imensa messe de infâmias, os cerradíssimos matagais dos crimes abafam todos os frutos das virtudes e ocasionam a destruição dos restantes deveres. Por conseguinte, então a assolação, lançada pela cólera divina sobre o povo perverso, tudo destrói. Então, nesta aniquilação de todas as coisas, será venturoso aquele que dirigir toda a sua vida em conformidade com a lei de Deus e que não se desviou do caminho do Senhor. É que nenhuma desgraça se estenderá até ele e, quando tudo tiver sido consumido pelo desastre, conservarão a vida isenta de todo o castigo só aqueles que têm um espírito ligado pela lei eterna e que depositam em Deus toda a esperança de salvação.

19. O escravo não pode ser ensinado por palavras; porque ele entende o que tu dizes, e despreza responder. 20. Viste um homem precipitado no falar? Mais se devem dele esperar loucuras do que emenda. 21. Aquele que cria delicadamente o seu criado desde a infância, ao depois experimentá-lo-á contumaz. 22. O homem iracundo levanta contendias; e o que facilmente se indigna será mais propenso a pecar. 23. Ao soberbo segue a humilhação; e o humilde de espírito receberá a glória. 24. Aquele que se associa com o ladrão, aborrece a sua própria alma: ouve ao que o toma para juramento, e nada denuncia. 25. Aquele que teme ao homem depressa cairá; o que espera no Senhor será levantado. 26. São muitos os que buscam a face do príncipe, mas do Senhor sai o juízo de cada um. 27. Os justos abominam o homem ímpio; e os ímpios abominam aqueles que se acham no caminho direito.

O escravo costuma ser corrigido com ordens e não com a apresentação do motivo pelo qual elas lhe hão de ser de proveito. De facto, uma vez perdida a liberdade, ordinariamente apaga-se o juízo do entendimento, de tal maneira que o escravo não consegue discernir o que é útil para si ou para os companheiros ou para o património do seu amo. Que acontece, se o escravo for sensato e entender que daquilo que se lhe ordena resulta perigo para a comunidade? Entende-o em vão, pois em geral rejeita-se a opinião dele. Não dá resposta alguma. A condição do escravo é duríssima precisamente porque o escravo inteligente é obrigado a suportar a insensatez de um amo pouco sábio.

O homem precipitado e insensato não pondera as palavras que vai dizer. E por isso fala desatinadamente e, com excessiva pressa, sem qualquer reflexão

Seruus a domino in deliciis enutritus extollitur neque minus insolescit quam si esset ipsius domini filius atque adeo cum filiis heres institutus. Cauendum est igitur a principio ne seruus insolescat et in filiorum opes inuadat. Cum uero serui sint in officio continendi, tum uero temeritas atque libido coercenda ne rationis imperium recuset. Aliter enim, tamquam serua nequissima animi arcem occupabit et, contra naturae legem, rationem sibi seruire compellet.

Sic etiam sunt reliquae pestes animi reseccandae, ne dominatum uolenter occupent et mentem de statu deiiciant. Quid est ira turbulentius et mentis tranquillitati magis contrarium? Rixas concitat, turbas commouet, iudicium eripit eoque redigit hominem furore caecum ut facinora capitalia moliatur. Superbia deinde animum furenter extollit et admonet ut sine ratione ad principatum aspiret, et ita ipsius animi statum disturbat atque dissipat. Deus enim humiles ad summam dignitatem euehit, superbos autem de solio detrudit eorumque nomen tumulo sempiternae obliuionis, obrutum diris poenis, insequitur.

Quid de cupiditate dicendum? Sic enim mentem hominis auari tenebris immergit ut, oblita decoris sui, sese totam ad nomen furis adiunga, et cum illo societatem libentissime coeat quem scit tenere fraudis et latrocinii principatum. Homo igitur perditus et subfuris, hoc est, diaboli potestate constitutus, neque hominum uerecundia, neque diuini iudicii metu a tanti flagiti turpitudine reuocatur et, quod longe grauius est, iurisiurandi religionem contemnit et testimonio suo homines scelestissimo facinore constrictos omni crimine liberat.

Metu quidem mortis multi sese in laqueos mortis ipsius induunt. Quomodo? Mentuntur et peierant, ut e crimine elabantur; furantur et latrocinantur, ut uitae subsidia comparent; illis a quibus sibi malum metuunt exitium moliuntur, ut uitam sine cura traducant; doloris metu, fidem uiolant, quia dolore interitum afferri statuunt; eadem ratione, uoluptates nimis appetunt, quia illis uitae firmamentum contineri suspicantur; ne plura autem persequar, omnia flagitia atque scelera uidemus a metu mortis ortum habuisse. Scelera autem sunt mortis laquei, sunt uincola mortifera, sunt sempiternae pestis instrumenta, quibus homines, dum mortem effugiunt, alligantur et impediuntur, et ipsi morti miserabiliter addicuntur. Iccirco Paulus ait¹³² genus humanum, propter metum mortis, seruum illius fuisse qui principatum mortis habuerat.

¹³² Vd. Vulgata, *Hebr.* 2, 15.

dá a conhecer tudo que lhe acode ao espírito, e não receia o descontentamento dos homens, e por isso sucede que se encontra muito mais louco do que aquele a quem, como [904] doido furioso, o rapazio persegue e de quem a população chasqueia. É que, aquele a quem exclusivamente os homens chamam louco, uma vez que a sua vesânia é manifesta à vista e aos olhos de todos, não pode fazer mal algum à comunidade. Ao passo que, aquele que é considerado são, e mesmo assim não pondera aquilo que vai dizer, será muito prejudicial à totalidade da república, se lhe derem ensejo. Por conseguinte, é mais demente do que qualquer doido ou insano.

O escravo criado com mimo pelo patrão ensoberbece-se e não é menos arrogante do que se fosse filho do próprio amo e até instituído como herdeiro juntamente com os filhos. Por conseguinte, devem tomar-se precauções para evitar que o criado se ensoberbeça e se apodere dos bens dos filhos. E da mesma maneira que os escravos devem ser contidos nos limites dos seus deveres, assim cumpre que se coaja o desatino e a paixão a não desobedecerem ao mando da razão. É que caso contrário como vilíssimos escravos ocuparão o baluarte da alma e, contrariando a lei da natureza, obrigarão a razão a pôr-se ao seu serviço.

Da mesma forma cumpre também que se atalhe aos restantes flagelos da alma, para que não se senhoreiem violentamente do poder e derrubem a inteligência do seu posto. Que existe de mais turbulento e de mais contrário à tranquilidade de espírito do que a ira? Provoca brigas, incita as multidões, destrói a capacidade crítica e com o seu desvario a tal ponto de cegueira reduz o homem que o leva a cometer crimes medonhos. Depois, a soberba desvairadamente ensoberbece e aconselha a, sem razão, aspirar ao poder, e assim perturba e destrói o equilíbrio do próprio espírito. É que Deus levanta os humildes à suprema dignidade, mas aos soberbos derruba-os do trono e com terríveis penas castiga-os, ocultando o seu nome no túmulo do eterno esquecimento.

Que cumpre dizer-se acerca da cobiça? De facto, esta de tal maneira faz mergulhar nas trevas o espírito do homem avarento que, esquecido da sua dignidade, inteiramente se une à raça dos ladrões e de muito bom grado se associa com aquele que sabe que detém a primazia no engano e no latrocínio. Por conseguinte, o homem perverso e que vive sob o mando do ladrão, isto é, do diabo, não se desvia da torpeza de tamanha indignidade nem por vergonha dos homens, nem por medo do juízo divino e, algo que é muito mais grave, despreza a santidade dos juramentos e, com o seu testemunho, livra de toda a acusação os homens culpados de crimes os mais abomináveis.

É certo que devido ao medo da morte muitos homens caem nos laços da própria morte. Como? Mentem e cometem perjúrio, a fim de escaparem às acusações de crime; roubam e latrocinam, a fim de conseguirem recursos para viver; aprontam a perdição daqueles de que temem que lhes venha mal, a fim de levarem uma vida sem cuidados; com medo da dor, violam a sua palavra, porque têm para si que a dor lhes ocasiona a morte; pelo mesmo motivo, vivamente apetezem os

Ait igitur Sapiens mortis metum in mortis ipsius tyrannidem miseros homines addixisse. Quod igitur erit mortis propulsandae remedium? – Fides certe, Christi gratia et benignitate nixa. Qui enim spem ponit in Domino, in edita munitione [905] collocatus, impetum mortis arcebit. Et tamen sunt multi qui, hoc salutis praesidio neglecto, alia sibi praesidia conquirunt, quibus annumerandi sunt illi qui nimis ambitiose a principibus gratiam inire student, cum Domini tantum sit salus et illi tantum sint iudicio liberandi qui ardenti fide gratiam illius consecuti sunt. Quod tantum abest ut impii faciant ut eos exsecrentur qui totis uiribus animi in studium iustitiae et pietatis incumbunt. Vt igitur iusti errorem damnant eorum qui mentis corruptae iudicium aequitati diuinæ legis anteponunt, sic impii iter iustitiae, quod boni suscipiunt, temeritatis et amentiae plenum iudicant, et ab eo tamquam a peste refugiunt .

CAP. XXX

[1.] *Verba ‘Congregantis’, filii ‘Vomentis’. Visio quam locutus est uir cum quo est Deus, et qui Deo secum morante confortatus ait.*

Apud Hebraeum sic legimus: ‘Verba Agur, filii Iaque, sententia grauis dixit uir ad Ithiel, ad Ithiel et Vcal’. Nouis nominibus excitat mentes nostras Salomon ad rerum admirabilium atque diuinarum expectationem. In primis autem quaerendum est quis Agur iste sit, quis etiam Ithiel et Vcal, qui in Salomonis *Prouerbiis* cum insigni expectatione referuntur; unde fuerint exorti; cuius rei gratiam in theatrum inducti; et quo modo, post sententiarum grauissimarum recensionem, ita discesserint ut nusquam alibi eorum mentio fiat. Quaerendum deinde est quae sit orationis tam difficilis et obscurae sententia.

Quod ad primam quaestionem attinet, facilis responsio est. Non enim in rebus antiquissimis personarum explicatio exigere debet, cum nulla sint monumenta a quibus possint erui, et minime necessarium sit earum genus exponi, cum non genus, sed uirtus et sapientia requiratur. Satis est opinari Salomonis tempore

prazeres, porque imaginam que neles se encerra o apoio da vida; e, para não me alongar mais, vemos que todas as infâmias e crimes tiveram a sua origem no medo da morte. Ora, os crimes são laços da morte, são grillhões mortíferos, são instrumentos do flagelo eterno, que atam e enleiam os homens, ao tempo em que fogem da morte, e mediante os quais ficam mofinamente entregues à própria morte. Por isso diz S. Paulo que o género humano, devido ao temor da morte, foi escravo daquele que tivera o império da morte. [Hb 2. 14-15]

Por conseguinte, o Sábio diz que o medo da morte entregou os mofinos homens à tirania da própria morte. Então, que remédio deverá afastar a morte? – Com certeza que a fé, apoiada na graça e bondade de Cristo. É que, quem deposita a esperança no Senhor, postado em altaneira fortificação, [905] rechaçará o ataque da morte. E todavia existem muitos que, desprezando esta proteção salvadora, procuram para si outras proteções, entre os quais devem contar-se aqueles que, com sobeja ambição, se esforçam por ganhar as boas graças dos príncipes, sendo certo que a salvação pertence só ao Senhor e só por Ele devem ser absolvidos os que com abrasada fé alcançaram a Sua graça. Algo que os ímpios estão tão longe de fazer que abominam aqueles que se consagram com todas as forças do espírito ao zelo da justiça e da piedade. Por conseguinte, da mesma maneira que os justos condenam o erro dos que antepõem o juízo da corrupta inteligência à equidade da lei divina, assim os ímpios julgam cheio de desatino e loucura o caminho da justiça, que os bons empreendem, e fogem dele como da peste.

CAPÍTULO XXX

1. *Palavras do que congrega, filho do que arreversa. Visão que expôs um varão com quem está Deus, e que, tendo sido confortado pela assistência de Deus, que reside nele, diz:*

No texto hebraico lê-se o seguinte: *Palavras de Agur, filho de Jaque, opinião ponderada disse o varão a Itiel, a Itiel e a Ucal*. Salomão com novas palavras incita o nosso entendimento a esperar coisas admiráveis e divinas. Ora, em primeiro lugar, cumpre que se procure saber quem é esse Agur, e também quem Itiel e Ucal, que se citam nos *Provérbios* de Salomão com tão extraordinária expectativa; donde procederam; por que motivo são trazidos à baila; e por que é que, depois de citados nos mui graves provérbios, de tal sorte se retiraram que em lugar algum se faz qualquer menção deles. Em segundo lugar, deve procurar-se saber qual o sentido de palavras tão difíceis e obscuras.

No que tange à primeira dúvida, a resposta é fácil. Com efeito, nas matérias muitíssimo antigas não deve exigir-se a identificação pormenorizada das pessoas, uma vez que não existem quaisquer documentos com os quais as suas perso-

fuisse uiros sapientiae gloria praestantes, quorum sententias Salomon perire minime passus est. Immo, cum sapientiae fuisset audissimis, minime contentus ingenii sui mirabiliter illuminati partu, collectam a reliquis, quasi a sapientiae conuiuis, exigebat: ita tamen exigebat ut minime nomen eorum reticeret. Nec enim sapientia inuidiae affinis est nec uera dignitate eos qui uirtute affluunt spoliandos arbitratur. Ergo, cum Salomon sapientiae praecepta traderet, commodum illi fuit ut suis decretis aliorum etiam praecepta et sententias diuinas attexeret.

Cum igitur uir ille summus, nempe Agur, filius Iaque, miras sententias duobus sodalibus, quorum unus Ithiel alter Vcal appellabatur, explicuisset, earumque notitia ad Salomonem peruenisset, diuino consilio factum est ut eas Salomon ad commentaria sua agglutinaret. Fieri etiam potest ut Salomon, quod magis reor, se ipsum alio nomine, nempe Agur, designaret, ut se paulo inferius Lamuel appellat. Sed haec, quae minus ad rem faciunt, [906]omittamus; et ea, quae sunt ponderis multo grauioris, explicemus.

Atque primum intelligendum est multis in locis Sanctarum Litterarum ita uirorum nomina cum eorum actionibus et uita congruere ut plane liqueat nomina sanctorum saepenumero non casu aliquo nec humano consilio neque inconsiderata uoluntate, sed numine diuino consistere. Nam, ut ea nomina praetereamus, quae sunt Dei ipsius uerbis explicata, quid de Melchisedech statuendum est? Quid de filio Isaiae, Sear-iasub¹³³ nominato, cogitandum? Quorum quidem unum regiam Christi dignitatem, cuius rex ille sanctissimus imaginem gerebat, mystice designabat, alterum conuersionem eorum qui prophetarum semine et disciplina continentur, exprimebat. Melchisedech enim idem ualet quod ‘rex iustitiae’, at Sear-iasub²⁴ ‘reliquias’ per fidem conuertendas exponit. Secundum hanc rationem, licebit in Sanctis Litteris nomina multa reperiri diuinitus instituta.

Ad hunc igitur modum oportet hoc in loco sententiam nominum quibus utitur Salomon interpretari, ut prudenter interpres Latinus fecit. Agur enim idem est quod ‘congregans’, Iaque est ‘oboedientia’. Vox uero Ithiel significat ‘mecum Deus’, Vcal autem ‘potero’. Vt sit sensus eum fore sapientem qui non abiicit disciplinam, sed quidquid audit delibatur et percipit, summo studio recondit et singulari sedulitate conseruat. Deinde is ‘oboedientiae filius’ in Sanctis Litteris appellatur: nempe, qui illis, quae diligenter in animum congegessit, obtemperat. Ab interprete autem ‘uomentis’, aut, ut nomen Hebraeum etiam significat, ‘uomitus filius’ uocatur, quia deinde ea cum sociis summa cum fidelitate communicat. Nomen Ithiel significat omnem sapientiam Dei gratia contineri, tunc enim demum sapientes esse poterimus cum Deus in nobis fuerit et tum omnia poterimus, ut Paulus

¹³³ Sear-iasub *Antuérpia*] Sear-iasub *Roma*.

nalidades possam ser desvendadas, e tão-pouco é necessário expor-se as suas genealogias, porquanto o que se requer não é linhagem, mas virtude e sabedoria. É suficiente pensar que no tempo de Salomão foram varões notáveis pelo prestígio de sábios, cujas opiniões Salomão não consentiu que desaparecessem. E até, dado que fora muito ávido de sabedoria, não satisfeito com o parto da sua inteligência maravilhosamente iluminada, exigia a contribuição dos restantes como que convivas do banquete da sabedoria: todavia por tal forma a exigia que não silenciava o nome deles. É que a sabedoria tão-pouco tem qualquer parentesco com a inveja e não considera que devam ser esbulhados da verdadeira dignidade os que abundam em virtude. Logo, uma vez que Salomão transmitia os preceitos da sabedoria, foi apropriado que unisse aos seus pensamentos também os preceitos e opiniões divinas de outros.

Por conseguinte, uma vez que aquele varão muito importante, a saber, Agur, filho de Jaque, tinha exposto admiráveis opiniões a dois companheiros, dos quais um se chamava Itiel e o outro Ucal, e tendo chegado a Salomão notícia delas, por deliberação divina sucedeu que Salomão as aditou ao seu memorial. Pode também ter sucedido que Salomão (opinião para a qual mais propendo) se tenha designado a si mesmo com outro nome, a saber, Agur, da mesma maneira que um pouco mais à frente se nomeia Lamuel. Mas deixemos este assunto, que importa menos para o nosso tema, [906] e passemos à exposição daquilo que é de muito maior peso.

Ora, em primeiro lugar cumpre que se compreenda que em muitas passagens das Sagradas Escrituras os nomes dos varões por tal forma se adequam às suas ações e vida que fica bem claro que amiúde os nomes dos homens santos resultam, não do acaso nem de escolha humana ou de desejo irrefletido, mas da vontade divina. De facto, deixando de parte aqueles nomes que são explicados pelas palavras do próprio Deus, que cumpre concluir-se acerca de Melquisedec? Que deve pensar-se sobre o filho de Isaías, chamado Sear Iasub? Ora, destes um designava de modo místico a régia dignidade de Cristo, que aquele santíssimo rei simbolizava, e o outro significava a conversão dos que são fruto da semente e ensinamentos dos profetas. É que Melquisedec vale o mesmo que 'rei de justiça', ao passo que Sear Iasub significa 'o remanescente' que deve ser convertido pela fé. De acordo com esta lógica, será possível encontrarem-se nas Sagradas Escrituras muitos nomes postos por inspiração divina.

Por conseguinte, convém nesta passagem interpretar em conformidade com esse critério o sentido dos nomes que Salomão usa, tal como sensatamente fez o tradutor latino. De facto, Agur significa o mesmo que 'o que congrega', e Jaque traduz-se por 'obediência'. E a palavra Itiel significa 'Deus comigo', ao passo que Ucal 'poderei'. O sentido seria: "Há de ser sábio quem não despreza os ensinamentos, mas com o máximo zelo guarda e com especial cuidado conserva tudo aquilo que escuta, prova e de que toma conhecimento." Em segundo lugar, nas Sagradas Escrituras chama-se 'filho da obediência' àquele que acata aquilo que

inquit,¹³⁴ cum Deus nos ope sua munierit, luce sua collustrauerit, consiliis suis instruxerit. Quod uero nomina haec non sint sine magno consilio indita, oratio ipsa luculenter exponit, sic enim inquit: ‘Verba Agur, filii Iaque, sententia grauis, oratio uiri habita ad Ithiel, ad Ithiel inquam, et Vcal’. Cum sententiae grauitatem, cum uiri sapientis auctoritatem, cum nominis iterati uim et efficientiam exponit, mentes ad audiendum uehementer exsuscitat et ostendit nusquam alibi maiorem ad audiendum attentionem et alacritatem efflagitatum merito fuisse.

Sed nos iam ipsius orationis uim et sententiam perpendamus:

[2.] *Stultissimus sum uirorum, et sapientia hominum non est mecum.*

Quid ait? Cum insignis spes sapientiae esset ostentata, repente stultitia summa proponitur. Videtur uir sapiens risu captare. Erigit animum ad sapientiae disciplinam et eundem animum sapientiae desperatione debilitat. Dicit enim se non modo insipientem (id enim uulgare est), sed etiam omnium mortalium stupidissimum. Nec [907] enim solum se sapientem esse negat, uerum etiam illius sapientiae, quam reliqui homines sollertia et studio consequuntur, expertum. Quomodo igitur ullam sapientiae disciplinam tradet qui neque communem sapientiae gradum est assecutus? Et, qui se stultissimum omnium mortalium esse profiteretur, quid tandem dignum doctorum hominum approbatione eloqui poterit? Sed, qui rem acutius animaduernerit et uerissimae sapientiae momenta perpenderit, intelliget illum demum esse sapientiae compotem qui se stultum existimauerit.

Nam primum quidem intelliget omnem humanae sapientiae rationem esse tenebris obscuratam, erroribus implicatam, angustiis circumscriptam et a uero frequenter auersam atque, ne plura dicam, dolis et fraudibus, quas in se quisque machinatur, ab omni bene beateque uiuendi uia deductam. Quotus enim quisque est qui sentiat, qui sapiat, qui officiorum rationem perspiciat, qui non penitus uiam uirtutis ignoret? Immo, quo magis homines ingenio ualent, eo plerumque se pluribus erratis irretiunt. Quod, si sapientiae finis est animi recta constitutio (frustra enim sapit qui sibi minime sapit et consat eos, qui sapientiam ostentant et ingenii acumine insolentius efferuntur, esse animorum morbis agitados et de mentis statu conuulsos), nonne liquet eos, ficta sapientiae specie delusos, in summa ueritatis ignoratione uersari?

¹³⁴ Vd. Vulgata, *Phil.* 3, 17-21.

diligentemente acumulou no espírito. Ora, o tradutor dá-lhe o nome de *filho do que arreversa*, ou, consoante a palavra hebraica também significa, “filho do vômito”, porque em seguida com a máxima lealdade partilha estas coisas com os companheiros. O nome Itiel significa que toda a sabedoria se encerra na graça de Deus, porquanto só poderemos ser sábios quando Deus estiver em nós, e, consoante diz S. Paulo, quando Deus nos proteger com a Sua ajuda, nos iluminar com a Sua luz e nos ensinar com os Seus conselhos. E que estes nomes não foram atribuídos sem grande intencionalidade é algo que as próprias palavras claramente mostram, pois diz-se o seguinte: “Palavra de Agur, filho de Jaque, opinião ponderada, discurso do varão dirigido a Itiel, insisto, a Itiel”. Ao dar a conhecer a importância da opinião, e a autoridade do varão sábio e a eficácia e importância do nome repetido, está a incitar vivamente a que o escutem e a mostrar que nunca em lugar algum com razão se pediu maior atenção e interesse para escutar.

Mas passemos já a examinar o sentido e significação das próprias palavras:

2. Eu sou o mais insensato dos homens e a sabedoria dos homens não está comigo.

Que diz ele? Depois de ter oferecido uma extraordinária esperança de sabedoria, de repente faz alarde da mais completa insensatez. O varão sábio parece que procura fazer rir. Incita o espírito à aprendizagem da sabedoria e desencoraja-o com o desespero de obtê-la. É que diz não só que é ignorante (pois isto é corrente), mas também que é o mais insensato de todos os mortais. De facto, não [907] só nega que é sábio, como também se afirma desprovido daquela sabedoria que os restantes homens obtêm pela esperteza e o desvelo. Por conseguinte, como é que transmitirá alguns ensinamentos de sabedoria quem não alcançou sequer o nível médio de sabedoria? E, quem confessa que é o mais insensato de todos os mortais, que poderá ao cabo dizer digno da aprovação dos homens doutos? Mas, quem atentar neste assunto com maior penetração e ponderar os fatores da verdadeira sabedoria, entenderá que só possui a sabedoria quem se tiver na conta de insensato.

Com efeito, em primeiro lugar compreenderá que toda a essência da sabedoria humana está obscurecida pelas trevas, enleada em erros, cercada por dificuldades e é frequentemente hostil à verdade e, para não dizer mais, desviada, pelos enganos e embustes que cada um trama contra si mesmo, de todo o caminho de viver bem e venturosamente. De facto, quão poucas pessoas existem que percebam, que saibam, que vejam, que não ignorem profundamente o caminho da virtude? E até, quanto maiores capacidades intelectuais os homens têm, tanto, as mais das vezes, caem em maior número de erros. Pelo que, se o fim da sabedoria é a correta organização do espírito (pois sabe em vão quem não sabe para si e é manifesto que os que ostentam sabedoria e insolentemente se ensoberbecem da

Si tibi iter aliquod necessarium instaret, et tu equos, currus, uestes, uaticum, comites tibi parares, deinde, iter ingressus, uariis anfractibus et conuersionibus nullum exitum habentibus, impedire quominus eo quo cupis ullo modo peruenires: quem tandem fructum e sedulitate tua percipies? Nullum prorsus! Ita, si sapientiae summam operam dederis, noctes insomnes traduxeris, undique magistros adsciueris, omnem uitae cursum in disciplinarum studio consumpseris, et tamen numquam tranquillum animi statum, uirtutum opibus egregie munitum, assecutus fueris, amentiae summae poenis agitabere. Nihil enim amentius est quam, in communi stultitia opinione, sapientiae furenter extolli. Ad communem enim dementiam ille praecipuus atque singularis error accedit ex quo mala innumerabilia nascuntur. Facile namque is qui sibi prudentiae opinionem arrogat, si multos ad se aggregauerit, rempublicam uniuersam in errores turbulentos et perniciosos impellet.

Non igitur, sapiens, sed stultissimus, est existimandus, qui, cum multum se disciplinis dederit, numquam perfectum earum fructum fuit studio consecutus. Vt enim qui, ut aquam extrahat, terram in summam altitudinem fodit, si aquam non reperit, quo maiorem laborem in fodiendo suscepit, eo maiorem miseriam subiuit, ita qui multum ut sapiens euaderet laborauit, si sapientiam sibi minime peperit, eo miserior est quo se sine ullo solido fructu grauius afflixit. Is porro sine fructu laborauit qui prope nullum ex labore suo uerissimae uirtutis fructum tulit. Quam uero inanis sit eorum conatus qui omnem aetatem in philosophia conterunt, eorum ipsorum qui philosophiae [908] principes existimantur sententiae declarant. Alii namque ueritatem esse in profundo demersam asseuerant; alii uix millesimam esse partem quae scimus eorum quae ignoramus testificantur; alii, postremo, illud Socratis, nempe, “se hoc unum scire, se nihil scire”, constanter arripiunt. Itaque omnes qui ingenio et litteris antecellunt et magis aliquid uidisse censentur, hac sententia sunt ut nullam esse humanae sapientiae uim, nullum fructum, nullum pondus, arbitrentur.

Vnde concludiuit, multo sapientius esse sapientiam sibi detrahere quam assumere. Hoc enim est hominis in rebus maximis stulte et insolenter arrogantis; illud, rei magnitudinem et difficultatem prudenter intelligentis. Vnde colligitur nostrum sapientem, cum se stultum nominet, non frustra operam in sapientiae studio collocasse. Numquam enim intellexisset se esse a sapientiae fructu remotissimum, nisi sapientiae altitudinem alta et excelsa mente considerasset. Praeterea est intelligendum omnem sapientiam in cognitione Dei consistere. Ille namque est rerum omnium parens et conditor, naturae totius initium, ordinis, pulchritudinis et honestatis architectus, honorum omnium fons et origo. Ab illo cuncta profluunt, benignitate illius continentur; in illum, ut in uerissimum uitae finem in quo summa uitae beati consistit, admirabili atque admodum felici conuersione referuntur.

sua penetração intelectual são perturbados por enfermidades de espírito e arrebatados do seu equilíbrio mental), não é evidente que estes, enganados por uma falsa aparência de sabedoria, vivem na mais completa ignorância da verdade?

Se tiveres que empreender forçosamente uma viagem e aparelhares as cavalgadas, as carroças, as roupas, os víveres e os acompanhantes, e em seguida, posto a caminho, as variadas voltas e sinuosidades deste, sem qualquer saída, te impedirem totalmente de chegares ao destino que pretendias: qual o fruto que ao cabo colherás do teu desvelo? Absolutamente nenhum! Da mesma maneira, se te aplicares com o máximo trabalho à sabedoria, a ela consagrares noites sem dormir, de toda a parte mandares vir mestres e consumires a totalidade da existência no aprendizado das ciências, e mesmo assim nunca conseguires a tranquilidade de um espírito, que singularmente te defenda com as riquezas das virtudes, estarás a ser agitado pelas penas da mais rematada sandice. É que não existe maior loucura do que, no meio da geral insensatez, desvairadamente ensoberbecer-se com o prestígio de sábio. De facto, à demência generalizada junta-se aquele principal e singular erro do qual procedem males inumeráveis. Na realidade, aquele que se arroga o prestígio de sensato, se ajuntar muitos a si, facilmente impelirá toda a república para erros turbulentos e perniciosos.

Por consequência, deve ter-se na conta, não de sábio, mas de totalmente insensato quem, tendo-se consagrado intensamente às ciências, nunca obteve o consumado fruto do estudo delas. É que, da mesma maneira que quem, para conseguir água, perfura a terra a grande profundidade, se não encontra água, quanto maior trabalho empregou em perfurar, tanto maior o prejuízo que sofreu, assim quem muito trabalhou para ficar sábio, se não conseguir para si a sabedoria, tanto mais mofino se sente quanto mais intensamente se atormentou sem qualquer proveito sólido. De facto, trabalhou sem proveito quem não colheu do seu esforço quase nenhum fruto de verdadeira sabedoria. E quão vão é o esforço dos que gastaram toda a sua vida na filosofia é algo que dão a conhecer as opiniões daqueles mesmos que [908] são considerados os mestres da filosofia. De facto, uns asseguram que a verdade se encontra escondida nas profundezas; outros afirmam que aquilo que sabemos é dificilmente a milésima parte daquilo que ignoramos; outros, finalmente, de modo invariável, acostam-se à opinião de Sócrates: a saber, a de que “só sabem que nada sabem”. E assim todos os que se avantajam em inteligência e saber e que se crê que viram mais alguma coisa que os demais, são unânimes em pensar que a sabedoria humana não tem nenhuma eficácia, nenhum proveito e nenhum peso.

Daqui se conclui que é muito mais sábio depreciar a sabedoria própria do que jactar-se dela. É que esta atitude é própria de um homem insensato e insolentemente arrogante nas matérias mais elevadas; ao passo aquela é de que prudentemente se capacita da grandiosidade e dificuldade da matéria. Daqui se colige que o nosso sábio, ao designar-se por insensato, não aplicou em vão o seu esforço ao zelo da sabedoria. É que nunca teria compreendido que se encontrava

Ille igitur solum sapiens est qui Deum cognoscit. Reliquae uero rerum notiones iccirco ingeniis hominum exquisitae fuerunt ut illis, tamquam adminiculis, humanae mentes excitatae facilius Dei cognitionem caperent. Omnes enim artes, siue mathematicae sint, siue physicae, siue caelestia rimentur, siue terrestria peruestigent, siue mores hominum regant, siue diuinis rebus operam dent, siue quodcumque aliud moliantur, eo referuntur ut, ex uniuersae naturae operibus, naturae parentem agnoscant et rerum omnium Dominum uenerentur. Sapientiae igitur finis uitaeque beatae perfectio Dei cognitio est. Ergo, qui Deum non cognoscit, quamuis sit omnibus artibus summis excultus eloquentiaque mirabili perpolitus, amentissimus est. Contra uero, qui Dei notitiam habet, quamuis nulla sit arte politiore commendatus, sapientia summa praeditus est, omnium siquidem rerum causas totamque beatae uitae rationem mente pura complectitur.

Verum enim uero, cum animus, scientiae pabulo, tamquam ambrosia atque nectare saginatus, altior in dies fit et ad inquirenda caelestia uehementior, omnes artes humanas, prae diuinarum rerum consideratione, despicit atque contemnit et in Deo rerum naturas, longe perfectius quam in rebus animaduertat, intuetur; longiusque progressus, ipsam naturam praecellentissimam, quoad fas est, conatur inspicere, luce summa perfunditur, et admiratur et obstupescit usque adeo ut, oppressis sensibus et obruta mente, iaceat; et, quo clarius illustratur illius animus, eo densioribus tenebris et caligine demergitur, ita ut mentis compos minime uideatur. Calliditates humanas abiicit, naturae cognitionem spernit, prudentiae humanae [909] rationem pro nihilo putat, eloquentiae studium puerile arbitratur, omniaque tandem, quae apud homines ingenio praecellentes in magno pretio sunt, uilissima putat solumque Deum intueri, solum amare, solum consecrari, solo perfrui tota mente desiderat.

Cum tamen in illum mentem uehementius intendit et illius summae pulchritudinis, summae dignitatis, summi splendoris atque uirtutis immensitatem animo complecti nititur, nimia luce, quam sustinere nequit, obrutus, quodammodo lucem amittit, et tenebris, admiranda ratione, circumfusus, nihil cernit, nihil sentit, nihil agit, nullius rei intelligentia commouetur, sed tantum attonitus extra se rapitur, ut amet quod non uidet, ut cupiat quod non intelligit, ut amplectetur quod apprehendere non potest. Natura rerum, tunc inuersa uidetur. In clarissima luce, caligo mentem opprimit; in sapientia summa, furor impetum in animum dat; in diuinis sensibus, omnes humanae cogitationes obruuntur; in felicissimo statu, turbatio summa perspicitur. Sic autem fit ut, cum ad summam sapientiam peruenitur, tum demum sapiens se stultissimum arbitretur. Nam sensus humanos opprimit, et diuinos, quemadmodum expetit, non est assecutus. Intelligit naturam diuinam esse longe ab omni cogitatione remotissimam, nam quod de Deo intelligi potest est certo modo et ratione finitum. Deus autem opibus immensis et uirtute infinita ualeat. Quamuis igitur sapientes multa et ualde magnifica de diuina mente concipiant,

muitíssimo afastado do fruto da sabedoria se com o entendimento profundo e penetrante não tivesse avaliado a profundidade da sabedoria. Além disso, cumpre entender-se que toda a sabedoria consiste no conhecimento de Deus. Na verdade, Ele é o Pai e Criador de todas as coisas, o princípio da natureza inteira, o arquiteto da ordem, da beleza e da honestidade, a fonte e origem de todos os bens. D' Ele tudo mana, com a Sua bondade tudo abarca; mediante admirável e assaz venturosa conversão, tudo a Ele retorna como a verdadeiro fim da vida no qual se cifra a essência da vida bem-aventurada.

Por conseguinte, só é sábio aquele que conhece Deus. E os demais conhecimentos das cousas foram buscados pelos entendimentos humanos a fim de que por eles incitada, como se fossem adjutórios, a inteligência humana mais facilmente alcançasse o conhecimento de Deus. De facto, todas as artes, quer sejam matemáticas, quer físicas, quer sondem as coisas da esfera celeste, quer esquadrihem as da terra, quer governem os costumes dos homens, quer se apliquem às coisas divinas, quer se consagrem a qualquer outro ramo de conhecimento, têm como fim último, partindo das obras da natureza, conhecerem o Pai da natureza e adorarem o Senhor de todas as coisas. Por consequência, o conhecimento de Deus é o fim da sabedoria e a consumação da vida bem-aventurada. Logo, quem não conhece Deus, ainda que esteja provido dos conhecimentos mais elevados e dotado de espantosa eloquência, é completamente insensato. Ao invés, porém, quem tem conhecimento de Deus, embora não o recomende a destreza em nenhuma arte mais brilhante, encontra-se provido da mais elevada sabedoria, visto que com o seu entendimento puro abarca as causas de todas as coisas e a inteira essência da vida bem-aventurada.

Efetivamente, quando a alma, nutrida, como se fosse ambrosia e néctar, com o alimento da ciência, se torna de dia para dia mais elevada e mais ansiosa por perscrutar as coisas celestiais, posta diante da contemplação das coisas divinas, vota a desprezo e desdenha todas as artes humanas e vê em Deus as naturezas das coisas muito mais perfeitamente do que as enxergara nas próprias coisas; e, avançando para mais longe, esforça-se, até onde lhe é permitido, por divisar a própria natureza suprema, e é inundada por uma luz intensíssima, e fica varada de admiração e pasmo até jazer prostrada, com os sentidos aniquilados e o entendimento obnubilado, e, quanto mais claramente a alma é iluminada, tanto ele fica imerso em mais densas trevas e cerração, por tal forma que não parece estar no seu juízo. Despreza as capacidades humanas, desdenha do conhecimento da natureza, tem na conta de cousa nenhuma os métodos da prudência [909] humana, considera pueril o interesse pela eloquência, e, por derradeiro, considera como muitíssimo vil tudo aquilo que é sobremaneira prezado pelos homens que se avantajam em inteligência e, com todo o seu espírito, deseja unicamente contemplar Deus, amá-Lo, segui-Lo e gozá-Lo.

Todavia, quando mais veementemente a Ele aplica o seu espírito e se esforça por abarcar interiormente a imensidão daquela suprema beleza, suprema digni-

tum uel maxime sapientiae munere perfruuntur, cum se amentes existimant, eo quod tunc id, quod in Deo summum et infinitum est, mente considerant. Cogitant enim diuinae uirtutis infinitatem comprehendere minime posse et omnia quae de illius amplitudine dicuntur esse pro nihilo putanda, si cum iis, quae neque exprimi, neque cerni, neque intelligi ulla ratione possunt conferantur. Haec est stultitia, hic stupor Aguris, haec sapientis amentia, haec uiri sancti moderatio, qua se stultum facit ut fit sapiens; hoc est quare sibi ingenii lumen detrahit, ut radiis lucis diuinae colluceat.

Vide autem qualiter auditores attentos faciat. Nam, inquit: “Stultissimus sum hominum, et intelligentia hominis non inest in me.” Hoc enim dicit: ‘Non sine fructu uos mihi attentos praebebitis; neque enim uobis humanae disciplinae praecepta tradam: nempe, quam, si cum ea, qua uos instituere contendo, conferatur, contemptione dignissimam censeo, fallacissimam iudico, aspersionem atque reiicio; sed omnia quae dixero, a caelestis sapientiae thesauro depromentur.’ Ait deinde, ut magis eandem sententiam confirmet:

[3.] *Non didici sapientiam, et noui scientiam sanctorum.*

‘Audite’, inquit, ‘non humanae disciplinae iactationem, sed diuinae soliditatem. Nec enim ego haec ab huius mundi sapientibus didici, sed ab eo, qui sanctos homines caelestibus disciplinis imbuit, accepi.’ Nec enim aliunde potest sapientia ad homines [910] permanere quam a caelo. Nisi igitur Spiritus diuinus eam tradiderit, fieri non potest ut quisquam particeps illius fiat. Nemo enim ascendit in caelum nisi qui descendit de caelo: Filius hominis qui est in caelo¹³⁵. Similiter hoc in loco Sapiens adiungit.

¹³⁵ Vd. Vulgata, Rom. 10, 6-7.

dade, supremo esplendor e virtude, esmagado pela excessiva luz que não pode suportar, de uma certa maneira perde a luz e cercado, de modo espantoso, pelas trevas, nada vê, nada sente, nada faz, nada entende, mas em estado de estupefação somente é arrebataado para fora de si mesmo, de maneira a amar aquilo que não vê, a desejar o que não compreende, a abraçar o que não pode abarcar-se. Então a natureza parece que se inverteu. Em meio à mais clara luz, as trevas obscurecem o entendimento; no meio da suprema sabedoria, a loucura ataca o espírito; na posse de sentidos divinos, todos os pensamentos humanos se desvanecem; no meio de um estado o mais venturoso, sente-se uma imensa perturbação. Ora, assim acontece que, só quando se guinda à mais elevada sabedoria é que o sábio se considera completamente insensato. É que suprimiu os sentidos humanos, mas não alcançou os divinos da maneira que vivamente deseja. Compreende que a natureza divina se encontra muitíssimo apartada de todo o pensamento humano, porquanto aquilo que pode compreender-se acerca de Deus encontra-se limitado dentro de certa conta e medida. Ora, Deus avantajase pelas Suas imensas riquezas e virtude infinita. Por conseguinte, embora os sábios concebam acerca de Deus muitas e assaz magníficas coisas, é sobretudo quando gozam da dádiva da sabedoria que se consideram loucos, por isso que então veem com o entendimento aquilo que em Deus é infinito e supremo. De facto, consideram que não pode abarcar-se a infinitude da virtude divina e que deve ser estimado como nada tudo que se diz sobre a Sua grandeza, se se compara com aquelas coisas que de forma alguma podem exprimir-se ou enxergar-se ou entender-se. É esta a insensatez, este o espanto de Agur, esta a loucura do sábio, este o comedimento do varão santo, mediante o qual se faz insensato para tornar-se sábio; este é o motivo pelo qual apaga em si mesmo a luz da inteligência, a fim de resplandecer com os raios da luz divina.

Veja-se, por outro lado, de que modo concita a atenção dos ouvintes. Com efeito, diz: “Eu sou o mais insensato dos homens e a sabedoria dos homens não está em mim”. Ora, isto quer dizer: “Não sem proveito me prestareis atenção; de facto, tão-pouco vos ensinarei os preceitos da sabedoria humana: a saber, aquela que, se se comparar com esta que me empenho em ensinar-vos, considero merecedora de total desprezo, e julgo totalmente falsa, e desprezo e rejeito; mas tudo que eu disser foi extraído do tesouro da sabedoria celestial.” Diz em seguida, a fim de dar mais força à mesma opinião:

3. Eu não aprendi a sabedoria e não conheci a ciência dos santos.

Diz. “Escutai, não a vaidade dos conhecimentos humanos, mas a solidez dos divinos. É que eu não aprendi estas coisas com os sábios deste mundo, mas recebi-as d’ Aquele que transmite aos homens santos os saberes celestiais.” É que a sabedoria não pode manar para os homens de outra fonte [910] que não seja o céu. Por conseguinte, se não for o Espírito de Deus a transmiti-la, não é possível

[4.] *Quis adscendit in caelum, atque descendit? Quis continuit spiritum in manibus suis? Quis colligauit aquas quasi in uestimento? Quis suscitauit omnes terminos terrae? Quod nomen est eius, et quod nomen filii eius, si nosti ?*

Ostendit illum solum posse ad sapientiam humanum genus instruere qui sapientiam suam in naturae operibus admirabili ratione demonstrauit. Is enim caelestem naturam finxit et ornamentis Diuinis illustrauit; is spirabilem naturam et uentorum uim moderatione continuit ne ultra quam utile rebus humanis esset irrueret; is similiter aquis modum constituit ne tellurem eluuione consumerent; is terrarum fines, soliditate firmatos, ad certum pondus et numerum reuocauit. Is igitur solus et potentia et sapientia et benignitate infinita praeditus est. Potentiam quidem ostendit cum tam facile haec omnia manibus suis effecit; sapientiam uero, cum tam singulari consilio, foedere sanctissimo, diuersas inter se naturas astrinxit; benignitatem postremo, cum omnes naturas ad generis humani salutem, incolumitatem aeternamque gloriam destinauit.

Interrogationibus uero frequentibus utitur ut magis summi conditoris maiestatem exaggeret. ‘Nosti’, inquit, ‘nomen eius? Et nomen filii eius?’ – In quo duo summae sapientiae decreta proponit. Primum est nos nullum nomen habere quo praecellentissimum Dei explicemus. Nomen enim naturam rei cuiuslibet exponit. Ergo, cum Dei natura inexplicabilis sit, consequens est ut nomen illius sit ignotum. Alterum uero decretum est Dei filium, a patre, non secundum naturam, sed secundum personam, distingui. Quod uero personarum discrimen sit aperte demonstrat cum ait: “Quod nomen est eius, et quod nomen filii eius, si nosti?” Quod uero natura minime filius a patre distinguitur ostendit, dum nomen filii docet non inexplicabile minus esse quam patris ipsius nomen. Quod est certissimum eiusdem naturae imperii atque maiestatis argumentum.

Quid igitur? Nullum nomen diuinitatis exstabit quo possimus aliqua ratione caeleste nomen cogitatione comprehendere? Exstabit quidem; sed non illud quod naturam diuinam perfecte designet, sed quod aliqua ex parte opera summae erga nos benignitatis explanet. Et, quo maius in nos donum et munus exstiterit, eo clarius uim diuini nominis explanabit. Et in hoc uis diuinae sapientiae, cuius mentes purae participes esse possunt, constituta est, et hoc nomen est quo Sanctae Litterae eos qui sese ad illarum studium contulere multis modis erudiunt. At nomen quod perfecte [911] Dei numen et mentem et amplitudinem demonstret exprimi nulla ratione potest. Et ea nomina quae operum uim aliquo modo declarant, is solus exponit illis qui sese in doctrinam illius contulerunt. Verbis enim illius uerissimae sapientiae disciplina continetur, quemadmodum continuo Sapiens inquit:

que alguém se torne dela participante. De facto, ninguém sobe ao céu senão quem desce do céu, o Filho do homem que se encontra no céu. [Rm 10. 6-7] Do mesmo modo, nesta passagem o Sábio acrescenta:

4. Quem subiu ao céu e desceu dele? Quem reteve o vento nas suas mãos? Quem atou as águas como num vestido? Quem firmou toda a extensão da terra? Qual é o seu nome e qual é o nome de seu filho, se é que o sabes?

Mostra que só pode instruir na sabedoria o género humano Aquele que de modo admirável demonstrou a Sua sabedoria nas obras da natureza. É que Ele modelou a natureza dos céus e a ornamentou com atavios divinos; Ele refreou a natureza dos ares e a força dos ventos por forma a que não se descomedissem para além do que era útil para as atividades humanas; Ele semelhantemente estabeleceu limites às águas para que com as inundações não destruíssem os solos; Ele delimitou a terra, dando-lhe um firme fundamento, de acordo com um certo peso e medida. Por conseguinte, só Ele está provido de poder, sabedoria e bondade infinitos. Ora, mostrou o poder quando com tamanha facilidade por Suas mãos fez tudo isto; e a Sua sabedoria, quando com tão extraordinária ponderação ligou mediante uma santíssima aliança naturezas diferentes entre si; por derradeiro, mostrou a Sua bondade ao destinar todas as naturezas à prosperidade, bem-estar e eterna glória do género humano.

E serve-se de sucessivas interrogações a fim de mais encarecer a majestade do supremo Criador. Diz: “Conheces o nome d’ Ele? E o nome do Seu Filho?” – Nestas perguntas apresenta dois dogmas da suprema sabedoria. O primeiro é que nós não temos nenhum nome mediante o qual possamos dar a conhecer o mui excelente de Deus. É que o nome dá a conhecer a natureza de uma coisa qualquer. Logo, uma vez que a natureza de Deus é impossível de dar-se a conhecer, segue-se como lógica consequência que o Seu nome é desconhecido. O segundo dogma é que o Filho de Deus se distingue do Pai, não segundo a natureza, mas segundo a pessoa. E que se trata de diferença de pessoas claramente mostra, ao dizer: “Qual é o seu nome e qual o nome de seu filho, se é que o sabes?” E mostra que a natureza do Filho não se distingue da do Pai, quando ensina que o nome do Filho não é menos inexplicável do que o nome do próprio Pai. Algo que é irrefutável prova da idêntica natureza do poder e da majestade.

Portanto, que se segue? Que não existirá nome algum da divindade mediante o qual possamos de alguma maneira abarcar com o pensamento o nome celestial? Certamente que existirá, mas não um que exprima perfeitamente a natureza divina, mas que em alguma medida nos dê a conhecer as obras para connosco da bondade suprema. E quanto maior se mostrar a dádiva e presente para connosco, tanto mais claramente dará a conhecer a essência do nome divino. E nisto se funda a essência da divina sabedoria, de que podem partilhar os entendimentos puros, e este é o nome com que as Sagradas Escrituras por muitas vias ensinam

[5.] *Omnis sermo Dei ignitus, clypeus est sperantibus in se.*

Quo modo uera sapientia in uerbo diuino consistat, breuiter ostendit. Primum enim docet disciplinam illius esse purissimam, quasi aurum conflatum et purum, quod in se scoriae nihil habet admixtum. Quemadmodum scriptum est: “Lex Domini immaculata”¹³⁶. Est praeterea sermo ignitus, ut inquit Moses: “In manu eius ignea Lex”.¹³⁷ Vnde concluditur, et mentis puritatem et uirtutis caelestis ardorem uerbo Domini contineri. Verbum igitur Domini facit ut homines sancti et puri sint et amore diuinitatis assidue concalescant. Sed, inquit, fore ut grauissimum periculum adeant et hostium machinis impediuntur quominus ad eum gradum sapientiae et felicitatis aspirent quem sibi proposuerunt. – Minime, inquit. Ipse namque Dominus est scutum omnibus qui in illo omnem salutis et dignitatis spem positam habent. Quid igitur restat aliud, nisi ut omnes qui sapientes esse uelint, se Deo in disciplinam tradant, legem illius seruent, omnibus illius praeceptis obsequantur, uitam imperio illius moderentur et ita illius inuicto praesidio muniantur ne possint umquam de beatae uitae gradu dimoueri? Est igitur omne studium in diuini uerbi puritate collocandum. Nec enim utile uerbum diuinum esse poterit illis qui illud adiunctione impurae disciplinae contaminant legisque sanctitatem fallacissima interpretatione corrumpunt et sanctissimis rebus sordium notas impurissimas inurunt. Quo quid scelestius fingi potest? “Quae enim conuentio lucis ad tenebras?”¹³⁸ Praeterea, conuicium legi diuinae sit, et sacrilegium immane suscipitur. Iccirco adiungitur:

[6.] *Ne addas quidquam uerbis illius, et arguaris, inueniarisque mendax.*

‘Caue’, inquit, ‘ne tantum scelus admittas, ne additamento fallacis disciplinae puritatem legis adulteres.’ Sancta namque impuris contrectare nefas. Dei uero numen, contaminata religione, minime placatur, sed ad uindictam impellitur. Si igitur humana aliqua ratione deprauatus, aliquid profani ad disciplinam diuinae legis adiunxeris, et ita, ut uoluntati tuae morem geras, uim uerbis diuinis attuleris, argueris hominisque impii etscelerati poenam sustinebis, et mendacii praeterea atque uanitatis ignominia cum insigni cruciatu maculaberis. Quomodo? Primum quidem, quia fidem prodidisti. Fidem enim dederas fore ut legem seruares. At, dum legem falsis additamentis inquinasti et a uero sensu detorsisti, ut libidini tuae satisfaceres, [912] pro sanctitate legis, disciplinae corruptelam et sacrilegam mentem in Dei templo collocasti et, cum te pietatem colere simulares, impietatis impurissimae facinus suscepisti.

Praeterea, tibi ipsi mentitus es. Opem namque tibi a Deo, propter legis studium, pollicebaris, et tu numen in te diuinum, propter legis ipsius contemptum, acriter

¹³⁶ Vd. Vulgata, *Ps.* 18, 8.

¹³⁷ Vd. Vulgata, *Deut.* 33, 2.

¹³⁸ Vd. Vulgata, *2 Cor.* 6, 14.

aqueles que se consagraram ao seu estudo. Mas o nome que perfeitamente [911] mostra o poder, inteligência e grandeza de Deus de modo algum se pode exprimir. E os nomes que de alguma maneira dão a conhecer a essência das coisas, Ele só os expõe àqueles que se consagraram aos Seus ensinamentos. É que nas Suas palavras se encerra o conhecimento da mais verdadeira sabedoria, conforme logo a seguir escreve o Sábio:

5. Toda a palavra de Deus é purificada ao fogo; ele é um escudo para os que esperam n' Ele.

Por conseguinte, deve consagrar-se todo o desvelo à pureza da palavra divina. É que a palavra de Deus tão-pouco poderá ser útil para aqueles que a mancham juntando-lhe impuros conhecimentos e corrompem a santidade da lei com mui falsas interpretações e lançam impuríssimos labéus de infâmias sobre as coisas mais santas. Que pode imaginar-se de mais criminoso do que isto? É que, “comércio pode haver entre a luz e as trevas?” [2 Cor 6. 14.] Além disso, ultraja-se a lei de Deus e incorre-se em monstruoso sacrilégio. Por isso adita:

6. Não acrescentes nada às suas palavras, para não seres por isso repreendido e achado mentiroso.

“Evita”, diz ele, “incorrer em tão grande crime, para não adulterares a pureza da lei com acrescentos de um falso saber.” De facto, não é lícito tocar nas coisas santas com mãos impuras. E o poder divino, quando se mancha a religião, não se aplaca, mas sente-se impelido à vingança. Por conseguinte, se, corrompido por alguma motivação humana, acrescentares algo de profano ao conhecimento da lei divina, e assim, a fim de satisfazeres a tua vontade, violentares as palavras divinas, serás acusado e pagarás o castigo da impiedade e do crime, e além disso, com enorme tormento, ver-te-ás desonrado com o labéu de mentiroso e vão. Porquê? Primeiramente, porque não cumpriste a tua palavra. Com efeito, comprometeras-te a respeitar a lei. Mas, quando corrompeste a lei com falsos acréscimos e lhe deturpaste o genuíno sentido, para satisfazeres o teu capricho, [912] colocaste no templo de Deus, em vez da santidade da lei, a corrupção e sacrílega interpretação dos sagrados ensinamentos, e, ao simulares respeitar a piedade, perpetraste o crime da impuríssima impiedade.

Além disso, mentiste a ti mesmo. De facto, prometias-te a ajuda de Deus, por causa do zelo da lei, e violentamente incitaste contra ti mesmo o poder da majestade divina, por causa do desprezo da mesma lei. Ora, deste modo quem interpreta a seu capricho a lei eterna e por este motivo acrescenta muitas coisas de sua invenção para não ficar sujeito ao rigor da lei e encaminha a sua inteligência a estes enganos por forma a obrigar a lei a acomodar-se aos seus desejos, é mentiroso de muitas maneiras. De facto, falsifica a religião, falta à

incitasti. Sic autem omnis qui legem sempiternam ad libidinem interpretatur, et ea de causa multa de suo addit ne legis seueritate teneatur, ad easque fraudes uersat ingenium ut legem suis cupiditatibus seruire compellat, multis modis mendax est. Ementitur enim religionem, deserit fidem, prodit salutem, fallaciis nititur et, dum sibi incolumitatem pollicetur, pestem et perniciem sibi ipse machinatur. Omnia igitur mala mendacium ambitu suo complectitur. Mendacium enim sanctissimam, quantum in se est, religionem funditus euertit, ius societatis humanae nefarie uiolat statumque hominis ipsius, qui mendacio utitur, perdit, ita, ut is qui mendax est in Deum impius, in hominem sceleratus et in se ipsum proditor sit existimandus. Recte igitur Sapiens orat Deum ut se a mendacii calamitate eripiat. Ait enim:

[7.] *Duo rogauit te, ne deneges mihi antequam moriar: [8.] uanitatem et uerba mendacia longe fac a me. Mendacitatem et diuitias ne dederis mihi; tribue tantum uictui meo necessaria.*

Primum quidem, orat et obsecrat Deum ut a se uanitatem et mendacium, hoc est, iniustitiam et iniquitatem repellat; deinde, ut ruinae periculum propulset, ne in mendacium incurrat. Periculum autem est uel in extrema inopia, uel in summis opibus constitutum. Inopia enim deprimit animum, frangit spem, studium aequitatis abiicit et furari atque latrocinari compellit; opes autem immanes efferunt animos et superbiam et insolentiam efficiunt, usque eo dum Dei etiam numen despiciant: quemadmodum statim sequitur, ait enim:

[9.] *Ne forte satiatus illiciar ad negandum, et dicam: Quis est Dominus? Aut egestate compulsus, furer, et periurem nomen Dei mei.*

Vtraque ratione mendacium excitari et religionem contemni perspicimus. Nam opes summae tyrannidem alunt; tyranni religionem despiciunt; egestas summa desperationem affert; desperatio animum ad dolum et fraudem atque periurium sollicitat. Et, quia mendacium scelus nefarium in Deum concipit et hominum famam lacerat uitamque acerbam efficit, Sapiens a calumnia deterret omnes homines et iis, qui nomen alicuius falso deferunt apud eos qui possunt innocentes opprimer, grauissimam poenam proponit. Ait enim:

[913] [10.] *Ne accuses seruuum ad Dominum suum, ne forte maledicat tibi, et corruas.*

Hoc in loco ‘seruum’ appellatur omnis qui, propter humilitatem, expositus est hominis potentioris iniuriae, siue dominus ille sit, siue iis opibus pradius quibus facile tenuiorem in potestate contineat. Similiter dominus non is solus est qui seruuum possidet, sed is etiam qui uel opibus, uel imperio, princeps est a quo facile cuius potest iniuria fieri. Quam prompti uero sint homines ad calumniam; quam facile falsa infamia, uel odio, uel inuidia, uel offensione concitetur; quam libenter

sua palavra e fé, apoia-se em mentiras e, quando se promete a salvação, está a maquirar a sua própria perdição e ruína. Portanto a mentira no seu âmbito abarca todos os males, pois ela, na medida do que pode, destrói completamente a santíssima religião, viola de modo sacrílego o direito da sociedade humana e arruína a própria condição do homem que dela se serve, de tal maneira que quem é mentiroso deve ser considerado como ímpio em relação a Deus, criminoso em relação aos homens e traidor em relação a si mesmo. Por conseguinte, é com razão que o Sábio pede a Deus que o livre da desgraça da mentira. Com efeito, diz:

7. Duas coisas são as que te pedi; não mas negues antes que morra. 8. Alonga de mim a vaidade e as palavras de mentira. Não me dêes nem a pobreza nem as riquezas; dá-me somente o que for necessário para viver.

Em primeiro lugar, pede e roga a Deus que afaste dele a vaidade e a mentira, isto é, a injustiça e a iniquidade; em seguida, que desvie o perigo de ruína, para que não caia na mentira. Ora, o perigo está à espreita, tanto na extrema pobreza quanto nas mais elevadas riquezas. É que a pobreza quebranta o ânimo, destrói a esperança, abate o zelo da equidade e impele a roubar e a cometer latrocínios; ao passo que as riquezas desmedidas ensoberbecem e ocasionam a arrogância e a insolência, até levarem inclusivamente ao desprezo da majestade divina, tal como imediatamente se segue, pois escreve:

9. Para que não suceda que, estando farto, seja eu tentado a te renunciar e a dizer: 'Quem é o Senhor?' Ou que, constringido da indigência, me ponha a furtar e viole por um juramento o nome do meu Deus.

Vemos que por ambos os modos se desperta a mentira e se despreza a religião. Com efeito, as riquezas muito grandes alentam a tirania; os tiranos, desprezam a religião; a pobreza muito grande, traz o desespero e este induz o espírito ao engano, ao embuste e ao perjúrio. E porque a mentira concebe crimes sacrílegos contra Deus e dilacera a fama dos homens e torna a vida penosa, o Sábio desvia todos os homens da calúnia e ameaça com gravíssima pena os que falsamente denunciam alguém diante daqueles que podem oprimir os inocentes. De facto, diz:

[913] *10. Não acuses o servo diante de seu senhor, para que não suceda amaldiçoar-te ele e caíres tu.*

Nesta passagem chama “servo” a todo o que, devido à sua baixa condição, está exposto à injustiça do homem mais poderoso, quer este seja senhor, quer provido daqueles recursos graças aos quais facilmente mantém sob o seu poder o mais fraco. Do mesmo modo, não é senhor apenas aquele que possui o

ab omnibus mendacium pestilens excipiat; quanta celeritate cursum suscipiat; quo modo ad innocentium perniciem serpat, est explicatu difficillimum.

Calumnia bonis ignominiam, innocentibus exitium, amicis offensionem, ciuibus discordiam, rebuspublicis calamitatem afferre solet; ea lucem eripit, tenebras offundit, aequitatem tollit, iniuriam conflat, uitam oppugnat, necem affert, pestem et exitium importat. Nihil igitur fingi poterit maledicentia pestilentius. Rectissime igitur Sapiens admonet ne quisquam tam audax sit ut calumniam adhibeat. Is enim qui uel a domino, uel a principe, uel ab homine quouis qui multis opibus excellat fuerit, propter calumniam, oppressus, Dei opem implorabit et uindictam supplicibus uerbis expetet. Iudex uero sanctissimus maledicentiae scelus impunitum minime relinquet.

Dixerat uir Sapiens omne Dei uerbum esse inflammatum et purgatum et ab omni terrestri faece et flagitiorum contagione secretum. Dixerat idem uerbum esse firmissimum uitae praesidium et tutissimum salutis propugnaculum. Ostenderat omne mendacium esse mortiferum et longe a puritate uerbi diuini remotum. Nunc consequens est ut ostendat quam nefaria instituta sint eorum qui ueritatem uerbi diuini aspernantur atque reiiciunt ut mendacium amplexentur, ut, confecti uanitate, dispereant. Ait igitur:

[11.] *Generatio quae patri suo maledicit, et quae matri suae non benedicit.*
 [12.] *Generatio quae sibi munda uidetur, et tamen non est lota a sordibus suis.*
 [12.] *Generatio cuius excelsi sunt oculi, et palpebrae eius in alta surrectae.* [12.] *Generatio quae pro dentibus gladios habet, ut mandat molaribus suis, et comedat inopes de terra, et pauperes ex hominibus.*

Exponit scelera et flagitia quae uersantur in uita apud homines quos uerbum diuinum minime contactu suo purgauit. Alii, inquit, parentibus infesti sunt et eorum uitam a quibus uitam acceperunt amarissimam efficiunt; alii uero sibi uitae puritatem insolenter assumunt, cum sint multis flagitiorum sordibus inquinati; quidam, intolerando fastu atque superbia, passim uolitant et, erecti et excelsi, reliquos mortales despiciunt; alii postremo sunt crudeles et immanes, ita ut opes pauperum deuorent atque conficiant usque adeo ut nihil moliri et agere uideatur quam ut homines, quorum fortunae tenues sunt, e terra furenter [914] exterminent.

servo, mas também aquele que, quer devido às suas riquezas, quer devido ao poder, detém uma alta posição graças à qual facilmente pode cometer injustiça contra quem quer que seja. E é mui difícil de expor-se o quão prontos estão os homens para a calúnia; o quão facilmente são impelidos pela falsa desonra, ou pelo ódio, ou pela inveja, ou pelo agravo; o quão de bom grado todos acolhem a pestilencial mentira; a grande celeridade com que esta grassa; o modo como rasteja para perder os inocentes.

A calúnia costuma causar a desonra dos bons, a perda dos inocentes, a inimizade dos amigos, a discórdia dos cidadãos, a desgraça das repúblicas; arranca a luz, espalha as trevas, suprime a equidade, maquina a injustiça, ataca a vida, traz consigo a morte violenta e acarreta a perdição e a infâmia. Por conseguinte, será impossível imaginar-se nada de mais pestilencial do que a maledicência. Por isso é com todo o acerto que o Sábio aconselha a que ninguém seja tão atrevido que recorra à calúnia. É que o homem que, por causa da calúnia, for oprimido quer pelo seu senhor, quer pelo príncipe, quer por qualquer pessoa que se avante pelas muitas riquezas, implorará a ajuda de Deus e com palavras suplicantes há de pedir-Lhe desforço. E o mais santo dos juízes não há de deixar impune o crime da maledicência.

O varão Sábio dissera que toda a palavra de Deus é inflamada e purificada e livre de todo o sedimento terreno e contágio de infâmias. Dissera o mesmo que a palavra é uma firmíssima proteção da vida e um seguríssimo baluarte da salvação. Mostrara que toda a mentira é mortífera e totalmente apartada da pureza da palavra divina. Agora é lógico que mostre o quão sacrílegos são os princípios daqueles que desprezam e rejeitam a verdade da palavra divina para abraçarem a mentira e para, destruídos pela vaidade, perecerem. Por conseguinte, diz:

11. *Há uma progénie que amaldiçoa a seu pai e que não abençoa a sua mãe.*
12. *Há uma progénie que crê de si que é pura, e contudo ela não está limpa das suas manchas.* 13. *Há uma progénie cujos olhos são altivos e as suas pálpebras levantadas para cima.* 14. *Há uma progénie que em lugar de dentes tem espadas e mastiga com os seus queixais, para devorar os que não têm nada na terra e que são pobres entre os homens.*

Enumera os crimes e infâmias que se encontram na vida entre os homens aos quais a palavra divina não purificou com o seu contacto. Diz ele que uns são hostis aos seus progenitores e tornam muitíssimo amarga a vida daqueles de quem receberam a vida; e que outros insolentemente fazem alarde de pureza de vida, quando a verdade é que estão manchados pela sujidade de muitas torpezas; certos, com intolerável altivez e soberba, discorrem por toda a parte e altaneiros e arrogantes votam a desprezo os restantes mortais; outros, finalmente, são cruéis e desumanos, de tal maneira que devoram e destroem os bens dos pobres ao ponto de parecer que não fazem nem se esforçam por outra coisa que não seja vesanicamente banirem da face da terra os homens de apoucados bens.

Adiungit ut magis perditos mores hominum, qui a disciplina diuinae legis abhorrent, in oculis ponat infinitam eorum cupiditatem. Sic enim ait:

[15.] *Sanguisugae duae sunt filiae, dicentes: Affer, Affer.*

Sanguisuga cupiditatem significat. Cupiditatis autem duae partes sunt, quas Sapiens sanguisugae filias appellat: nempe, libido et auaritia. Cupiditas quidem est insita in natura, ea tamen lege ut rationis imperium accipiat et modo atque ordine, quem ratio praescribit, coerceatur. Sed, cum cupiditas oboedientiam abiicit et tyrannidem occupat et, in animi arce constituta, contra naturam dominatur rationemque sibi subdit, tum nihil aliud in animo audire potest, quam “Affer, affer”, hoc est, imperium cupiditatis sine ullo modo poscentis ut omnia ad illam deferantur. Nam neque libido uoluptate aliqua satiari, nec auaritia opibus ullis expleri potest. Vt autem hoc magis Sapiens explanet, ait:

Tria sunt insaturabilia, et quartum quod numquam dicit: Sufficit. [16.] *Infernus, et os uuluae, et terra quae non satiatur aqua; ignis uero numquam dicit: Sufficit.*

Per sepulcrum, odium et crudelitas immanis, intelligitur; per uuluae claustrum, immoderata libido designatur; per terram, quae numquam satiatur aquis, auaritia summa describitur; per ignis incendium, furor iracundiae poenam sine modo repetentis exponitur. Hae quidem affectiones omnibus innatae sunt, sed, ubi ratione frenantur, non ultra terminum a lege statutum progrediuntur. At, ubi legis atque iuris repagula conuelluntur, tum animus, his motibus agitatus, huc et illuc sine ullo modo cursitat, ita ut nullo in loco consistat. Tales autem sunt omnes qui se legis diuinae uinculis astringi minime patiuntur. Est enim eorum cupiditas multiplex et infinita, in uarias partes rabide atque furenter incitata, ita tamen ut, quamuis omnia quae appetit undique affluenter hauriat, contenta esse non possit.

Alia deinde scelera, quibus affines sunt ii qui non caste et pure Deum uenerantur, repetit, ita ut illis qui ea suscipiunt dirum exitium comminetur. Ait enim:

[17.] *Oculum qui subsanat patrem, et qui despicit partum matris suae, effodiant eum corui de torrentibus, et comedant eum filii aquilae.*

Scelestum et immane facinus est impietas in parentes, quibus nempe lucem, uitam, incolumitatem et omnes opes debemus. Per illos namque suscepti et in lucem editi fuimus; illorum labore et sollicitudine nutriti et educati et instituti sumus; illi, secundum Deum, omnia nobis, quibus uita continetur, amantissime

A fim de pôr mais em relevo os perversos costumes dos homens que se desviam dos ensinamentos da lei de Deus, adita a sua cobiça, pois diz o seguinte:

15. *Duas são as filhas da sanguessuga, que dizem. 'Traz, traze.'*

A sanguessuga simboliza a cobiça. Ora, a cobiça tem duas partes, a que o Sábio chama filhas suas: a saber, a sensualidade e a avareza. A cobiça é ingênita na natureza, todavia sujeita a tal lei que acata o senhorio da razão e se submete à moderação e medida que a razão prescreve. Mas, quando a cobiça recusa obedecer e se torna tirana e, instalada na fortaleza do espírito, exerce a soberania, contrariando a natureza, e avassala a si a razão, então no espírito não pode escutar-se outra coisa senão: 'Traz, traze', ou seja, o senhorio da cobiça exigindo sem qualquer moderação que todas as coisas lhe sejam levadas. De facto, nem a sensualidade pode saciar-se com quaisquer deleitações, nem com nenhuma riqueza a avareza. Ora, para se explicar melhor, o Sábio diz:

Há três coisas que são insaciáveis e uma quarta que nunca diz: 'Basta!': 16. o inferno, a boca da mãe e a terra, que se não farta de água. Do mesmo modo o fogo nunca diz: 'Basta!'

Por inferno ou sepulcro entende-se o ódio e a desumana crueldade; pela boca da mãe designa-se a desenfreada sensualidade; pela terra, que nunca se sacia de água, dá-se a entender a avareza em último grau; com o incêndio do fogo simboliza-se o tresloucamento da ira, que castiga sem conta e medida. É certo que estas paixões são inatas em todos, mas quando a razão as enfreia não avançam para além dos limites estabelecidos pela lei. Mas, quando as barreiras da lei e do direito são derrubadas, então a alma, agitada por estas emoções, corre de um lado para o outro sem qualquer moderação, por tal forma que não se aquieta em lugar algum. Ora, desta espécie são todos os que não suportam ficar presos pelos laços da lei divina. É que a cobiça deles é múltipla e infinita e desatinada e raivosamente se move em variadas direcções, de tal maneira todavia que, mesmo que abundantemente se aposse por toda a parte daquilo que deseja, não pode ficar satisfeita.

Em seguida, recorda os outros crimes que cometem aqueles que não adoram Deus com castidade e pureza, por forma a ameaçar com terrível destruição aqueles que os perpetraram. Com efeito, diz:

17. *Quanto ao olho do que escarnece de seu pai e do que despreza a paridura de sua mãe, arranquem-no os corvos que andam à borda das torrentes e comam-no os filhos da água.*

É crime monstruoso e horrível o desrespeito pelos progenitores: ou seja, por aqueles aos quais devemos a luz, a vida, a saúde e todos os bens. De facto, por

detulerunt. Ergo, qui in auctores uitae ingratus exstiterit, aequum est ut miserrime uitam finiat: nempe, ut, inopia consumptus, ad torrentem, ut sitis illius aliqua ex parte releuari queat, se frustra conferat, ut illic egestate et fame et morbo intabescat; ut corui óculos, qui in parentes impie intueri solebant, conficiant; ut aquilae carnes illius comedant et absumant qui numquam in memoriam reducere se carnes illas a parentibus accepisse, ut intelligerent se parentibus obligatos [915] esse ad uicem, quoad fieri posset, cumulate referendam.

Hoc tamen intelligendum est: cum tantum scelus sit in impietate, qua parentes offendimus, constitutum, quantum tandem illud erit quo pietatem, Deo sanctissimo parenti debitam, cum proiecta audacia et impudentia uiolamus? Ille enim uere nobis pater est, a quo geniti et informati sumus. Ipse namque est qui patres ad procreandam sobolem incitauit, qui corpora informauit, qui nos sensibus acutissimis instruxit, qui nobis animam et rationem dedit, qui in nostris mentibus imaginem suae claritatis impressit, qui caelum, qui terram, qui omnia, siue quae in terris, siue quae in aquis oriuntur, ad nostros usus effinxit, qui nos ad regiam dignitatem et uitae beatuae atque gloriae sempiternae societatem inuitauit, et, ut possimus tantis bonis potiri, a scelere deterret et ad pictatem hortari minime desistit.

Ergo, cum oculos in optimum parentem impudenter atollimus, cum contumelias in rerum omnium Dominum intorquemus, cum beneficia illius aspernamur, cum bellum dirum et nefarium omnique odio imbutum, cum lege illius gerimus, nonne iustum est ut egestate et inopia consumamur? Vt aspectum mentis amittamus? Vt hostibus nostris praedae et direptioni relinquamur? Vt illorum crudelitate laceremur? Haec autem supplicia illos manent qui puritate disciplinae caelestis instituti minime sunt.

His igitur tantis malis quod remedium inueniemus? Vnicum certe: ut, nefaria cupiditate relicta, totos nos ad studium igneae legis traducamus, ut ita, purgati et illustrati, a tyrannide peccati liberemur et in nouam atque caelestem uitam ingrediamur. – Recte! Sed poterimus ipsi nostris uiribus ad puritatem uitae conuerti? – Nullo modo! Valentius enim malum est quam ut possit nostris uiribus et ratione profligari. Nisi enim nos Christi spiritus instruxerit, nisi animos nostros robore caeleslis uirtutis munierit, nisi opibus sempiternis a tyrannide aduersae potestatis abstraxerit omnem industriam nostram ad salutem nostram comparandam sine ullo fructu conferemus. Hoc est quod Sapiens confestim adiungit, ostendit enim admiranda ratione benignitatem diuinam rebus humanis prospicere statuisse. Sic enim ait.

eles fomos gerados e dados à luz; pelo seu esforço e cuidados, fomos alimentados, criados e educados; eles, depois de Deus, os que nos ofereceram com o máximo amor tudo em que a vida se encerra. Logo, quem se mostrar ingrato para com os autores da sua vida, é justo que acabe a vida de modo o mais mofino: a saber, de tal maneira que, exaurido pela indignância, debalde se dirija para as margens duma torrente, para poder de alguma forma mitigar a sua sede, sendo aí consumido pela fome, sede e doença; de tal maneira que os corvos lhe devam os olhos que costumavam pousar-se sem compaixão sobre os progenitores; de tal maneira que as águias comam e traguem as carnes daqueles que nunca se lembraram de que foi dos seus pais que receberam aquelas carnes, para que entendam que estão obrigados a por sua vez plenamente retribuírem aos seus pais, [915] na medida do que lhes for possível.

Todavia, devemos estar cientes do seguinte: se é considerada uma ação criminosa tão grave a ausência de sentimentos filiais com que atentamos contra os nossos progenitores, quão grave será ao cabo o crime pelo qual violamos com impudente atrevimento e desvergonha o respeito devido a Deus, nosso santíssimo Pai? De facto, Ele é quem é deveras o nosso Pai, por quem fomos gerados e criados. Na realidade, foi Ele mesmo quem moveu os pais a gerarem a sua prole, quem deu forma aos corpos, quem nos dotou de sentidos muitíssimo apurados, quem nos concedeu alma e razão, quem imprimiu nos nossos entendimentos a imagem da Sua claridade, quem para nossa utilidade criou o céu, a terra e tudo que nasce tanto na terra quanto nas águas, quem nos convidou para a dignidade régia e para a sociedade da vida bem-aventurada e da glória eterna, e quem, para podermos possuir tão grandes bens, nos aparta do crime e não cessa de exortar-nos à piedade.

Logo, quando erguemos um olhar insolente contra o melhor dos pais, quando lançamos ultrajes contra o Senhor de todas as coisas, quando desprezamos os Seus benefícios, quando contra a Sua lei movemos uma guerra medonha e sacrílega e cheia de todo o ódio, acaso não é justo que sejamos consumidos pela indignância e necessidade? Que percamos as capacidades intelectuais? Que sejamos abandonados como presa e saque aos nossos inimigos? Que sejamos estreçalhados pela sua crueldade? Ora, estes são os suplícios que estão reservados para aqueles que não foram educados pela pureza dos divinos ensinamentos.

Mas que remédio encontraremos para atalhar a estes tão grandes males? Com certeza que aquele único que consiste em, deixando toda a sacrílega cobiça, inteiramente nos consagrarmos ao zelo da lei de fogo, para que assim, purgados e iluminados, nos libertemos da tirania do pecado e entremos na vida nova e celestial. –Muito bem! Mas poderemos com as nossas próprias forças convertermos-nos a uma vida pura? – De forma alguma! É que o mal é demasiado forte para poder ser vencido pelas nossas forças e razão. De facto, a menos que o espírito de Cristo nos alente, a menos que proteja o nosso espírito com o vigor da virtude celestial, a menos que com as riquezas eternas nos arranque do poder inimigo, será em vão que consagraremos todos os nossos esforços à obtenção da nossa

[18.] *Tria sunt difficilia mihi, et quartum penitus ignoro: uiam aquilae in caelo, uiam colubri super terram. Viam nauis in medio mari, et uiam uiri in adolescentia.* [Hebraice: Et uia uiri in Virgine].

Haec quidem Sapiens ait. Quae uerba antequam explicare aggrediamur de quouis Iudaeo, synagogae magistro, libenter quisierim quam opinionem habeat de hoc Sapiente, qui nunc loquitur, siue Salomon ille sit sub Aguris nomine in theatrum inductus, siue alius fuit nominatus Agur, tanta sapientia praeditus ut non immerito sententiae illius ad Salomonis sententias adiunctae sint. Num uere sapientem existimet? An potius hominem uanum inanique sapientiae nomine commendatum uere sapientem dicit? Rursus interrogo an opinetur fieri posse ut is qui sapiens sit ineptissimus sit? Negabit profecto. Age nunc uideamus: si oratio haec [916] non aliam sententiam continet ab ea longe diuersam quam uerba ipsa designare uidentur, quid ineptius esse potest? Dignitate et amplitudine noui nominis animos nostros erexit, mentes nostras ad audiendum caelestis disciplinae monita diuinaque mysteria diligenter excitauit, res arcanas ab humana intelligencia disiunctas explicare conatus est. Quorsum? Vt, postquam animos nostros ad spem sententiarum raperet, diuinarum repente in sententias insulas et ineptas incideret?

Quid enim magnum et admiratione dignum loquitur hoc in loco, si uerba tantum expendas, uir sapietissimus? Nam, quid ait? – Se non tenere uiam qua aquila cursum in libero caelo conficit. Nec ego quidem turturis, et tamen non ualde admiror. Viam similiter serpentis super petram se ignorare testificatur: quasi homo possit in rupe uestigium imprimere, ut uiam qua per rupem ingressus est quisquam oculis designet. Nam, quod ad uiam nauis attinet in mari, tam incerta est quam uia piscium.

‘Sed’, inquiet aliquis, ‘huiusmodi orationes ineptas appellari non posse. Non enim ut aliquid ignotum indicetur, sed ut cum rebus minus notis, ut illustriores appareant, aptissime conferantur, has similitudines adduci.’ – Recte. Sed quorsum haec sunt adducta uideamus, ut tum demum quam accomodata sint iudicare possimus. Videamus igitur quartum, quod maxime Sapiens admiratur.

“Viam”, inquit, “uiri in עלמה, hoc est, “uirgine”. עלמה legisse uidetur interpres, quod pro “adulescentia” usurpatur. – Quid hoc est? Hoccine portentum est? Hoc ignotum et admirandum? Num parum nota sunt signa quibus uia uiri in uirgine demonstretur? – Non, inquiunt, apud Hebraeos ‘uirginis’ nomen inuenitur, sed ‘iuuenculae’ tamen. – Falsum est, nomen enim עלמה et apud Mosem et Isaiam semper ‘uirginem’, et absconditam uirginem, summa diligentia seruatam, designat. Sed sit, ut aiunt, ‘iuuencula’, abscondita tamen, quod negare non possunt. Num uia uiri, qua ad illam ingreditur, nullis uestigiis animaduerti potest? Sunt litterae,

salvação. É isto o que imediatamente a seguir o Sábio ajunta, porquanto mostra de modo admirável que a bondade divina determinou velar pelos negócios humanos. De facto, escreve o seguinte:

18. Três coisas me são dificultosas de entender, e uma quarta eu a ignoro inteiramente: 19. o caminho da águia no ar, o caminho da cobra sobre a pedra, o caminho da nau no meio do mar e o caminho do homem na sua mocidade. [No texto hebraico: “e o caminho do homem numa virgem”]

Ora, é isto o que diz o Sábio. Antes de empreender a exposição destas palavras, de bom grado perguntaria a qualquer judeu, mestre da sinagoga, qual a opinião que tem acerca deste Sábio que agora fala, quer ele seja Salomão introduzido em cena com o nome de Agur, quer tenha sido outro, de nome Agur, provido de tão grande sabedoria que não sem razão as suas frases sentenciosas foram aditadas às de Salomão. Porventura o considera deveras sábio? Ou antes chama deveras sábio a um homem vão e que se faz valer por uma falsa reputação de sábio? De novo pergunto se considera que é possível que alguém que é sábio seja totalmente inepto? Certamente que negará. Ora bem, vejamos agora: se estas palavras [916] não encerram um sentido muito diferente daquilo que as palavras parecem significar, que pode existir de mais inepto? Com a dignidade e grandeza de um novo nome alentou o nosso ânimo e diligentemente incitou o nosso espírito a escutarmos os conselhos da doutrina celestial e os mistérios divinos, esforçando-se por expor-nos matérias secretas apartadas da inteligência humana. Com que finalidade? Para que, depois de arrebatado o nosso espírito para a esperança de opiniões divinas, de repente se precipitar em afirmações insulas e ineptas?

Com efeito, que diz de grande e digno de admiração nesta passagem o sapientíssimo varão, se nos ativermos exclusivamente às palavras? De facto, que diz ele? – Que não sabe o caminho pelo qual a águia faz o seu percurso pelo livre céu. Eu nem sequer sei o da rola, e sem embargo isso não me causa grande espanto. Do mesmo modo, assevera que ignora o caminho da serpente sobre a pedra: como se o homem pudesse deixar pegadas na pedra, por forma a que qualquer um deixe assinalado para os olhos o caminho que seguiu sobre a pedra. Ora, no que tange ao caminho da nau no mar, é tão incerto quanto o rumo dos peixes.

“Mas”, dirá alguém, “este tipo de linguagem não pode qualificar-se como inepta. É que estas semelhanças são apresentadas, não para se apontar algo de ignorado, mas para do modo mais adequado se compararem com coisas menos sabidas, a fim de se tornarem mais claras.” – Certo. Mas vejamos com que finalidade se aduzem estas coisas, para então podermos cabalmente julgar o quão apropriadas elas são. Vejamos pois a quarta coisa, que é a que mais espanta o Sábio.

Diz que é “o caminho do homem numa” עלמה, isto é, “virgem”. Parece que o tradutor latino leu עלמה, que traduziu por “mocidade”. – Que é isto? Acaso é isto um portentoso? É isto desconhecido e espantoso? Porventura são pouco conhecidos

lenocinia, preces, promissa, munera, introductiones, exitus, famulorum opera, antecedentia signa et consequentia, testes quam plurimi, ita ut nihil possit difficilius occultari. Quod, si uelimus eorum sententiam sequi qui hoc in loco per עלמה adolescentiam intelligunt, et hoc etiam falsum est. Multa namque signa sunt quibus in adolescentia cuiusquam possumus qualis futura sit uita illius coniectura prospicere. Nempe: natura, educatio et institutio parentum mores atque familiae disciplina, et alia quae caussa breuitatis omittimus.

Nihil est igitur quod orationem hanc ineptiarum uituperatione liberet, si illius sententiam ad diuinum sensum non reuocamus. Nam tota haec oratio ad diuinitatem, ut ex his quae antegressa sunt perspicere potuimus, aspirat. Quare non uideo cur rabbini doctissimi sententiam, quam Galatinus ex Hebraeorum monumentis eruit, non sequamur. Is enim haec omnia de Christo interpretatur: quam apte uero, postea uidebimus. Sed nunc sententiam illius a quo haec didicimus explicemus. Per 'aquilam' Christum inquit intelligi in caelum euectum. Per 'serpentem', Christum sub imagine peccati, cuius poenam sustinuit in morte, cum peccati totius expers esset, sepultum. Per 'nauem', Christi mortalem uitam,[917] humanarum actionum fluctibus obiectam, adumbrari. Per 'uiam uiri in uirgine', Virginis Sanctissimae conceptum, quo Christum alio continuit, intelligendum esse. Et hanc esse "uiam uiri in uirgine".

Nam, ex quo primum tempore Dei filius naturam sibi humanam adiunxit, uir confestim exstitit et hunc Virgo circumdedit et uentre suo totum complexa est. Cum uero Christi ascensum in caelum, cum illius mortem et sepulturam, cum uitam illius inter homines Sapiens esset animo secum uehementer admiratus, tum nihil aequae admirandum esse iudicauit quam uirginis in summa integritate conceptum. Et merito quidem. Quid enim mirabilius fieri ab ipso Deo potuit? Numen praecellentissimum in uirginis uentre delituit. Deus humanam naturam sibi copulauit; omnipotens Dominus fragile corpus assumpsit, omnibus humanis morbis obnoxium, ut innumerabiles labores exciperet, intolerandos dolores hauriret, poenas sceleribus nostris debitas exsolueret et mortis denique acerbiteret, ut nos sempiternae uitae gloria cumularet. Vt haec omnia beneficia immensae benignitatis in nos constarent, uirgo concepit uisceribusque suis illum continuit quem naturae caelestis amplitudo continere non potuit. Virgo edidit caelestis exercitus imperatorem; uirgo aluit sempiterni decoris et dignitatis auctorem; et intra illius aluum is qui omnia coerces et continet, sine ulla sempiterni muneris uacatione, includi sustinuit. Natura uehementer admirata conticuit; caelites nouis laudibus Dei numen extulerunt; eo partu, in caelesti regione summae potentiae atque benignitatis cognitio aucta et amplificata est.

os sinais que mostram o caminho do homem numa virgem? – Dizem que entre os hebreus não se encontra a palavra ‘virgem’, mas apenas ‘mocinha’. – É falso, pois o nome עלמה, tanto em Moisés como em Isaías sempre designa ‘virgem’, e virgem escondida e recatada com o máximo cuidado. Mas signifique embora ‘mocinha’, consoante afirmam, todavia escondida, algo que não podem negar. Porventura o caminho do homem, pelo qual vai até ela, não pode ser apercebido mediante quaisquer sinais? Existem cartas, alcovitices, rogos, promessas, presentes, entradas, saídas, atividade de criadagem, indícios anteriores e posteriores e inúmeras testemunhas, de tal maneira que nada pode mais dificilmente ocultar-se. Pelo que, se quisermos seguir a opinião dos que neste passo entendem עלמה por “mocidade”, também isto é falso. É que existem muitos indícios mediante os quais na mocidade de quem quer que seja podemos conjeturar que tipo de vida há de ser a sua. Como é óbvio: a sua índole natural, a criação e educação, os costumes dos pais e os ensinamentos da família, e outras coisas que omitimos por amor da brevidade.

Por consequência, não há nada que isente estas palavras da arguição de ineptas, se não atribuímos ao seu sentido uma interpretação divina. Com efeito, toda esta linguagem aspira à divindade, tal como pudemos aperceber-nos por aquilo que precede. Motivo pelo qual não vejo por que não seguimos a opinião do doutíssimo rabino que Galatino extraiu dos escritos dos hebreus.²⁴ É que ele interpreta tudo isto como referido a Cristo, e quão acertadamente vê-lo-emos depois. Mas por ora passemos a expor a opinião daquele de quem aprendemos estas coisas. Diz que por ‘águia’ se entende Cristo, arrebatado ao céu. Pela ‘serpente’, Cristo sepultado debaixo de aparência de pecado, cuja pena pagou com a morte, embora estivesse totalmente isento de pecado. Pela ‘nau’, afirma que se figura a vida mortal de Cristo, [917] exposta às agitações das ações humanas. Pelo ‘caminho do homem na virgem’, deve entender-se a concepção da santíssima Virgem, pela qual conteve Cristo no seu ventre. E é este o caminho do homem na virgem.

Com efeito, desde aquele tempo em que o Filho de Deus juntou a si a natureza humana, logo imediatamente existiu um homem e a este a Virgem rodeou-o e abarcou-o inteiramente no seu ventre. E ainda que o Sábio vivamente no seu íntimo se admirasse da ascensão de Cristo ao céu, da sua morte e sepultamento e da sua vida entre os homens, todavia nada então julgou tão admirável quanto conceber uma virgem conservando toda a sua pureza. E certamente que com razão. Com efeito, que pôde ser feito de mais admirável pelo próprio Deus?

²⁴ *Petri Galatini Opus de Arcanis catholicae Veritatis: hoc est, in omnia difficilia loca Veteris Testamenti, ex Talmud aliisque Hebraicis, quum ante natum Christum, tum post scriptis, contra obstinatam Iudaeorum perfidiam, absolutissimus commentarius.* A 1.ª edição desta conhecida obra do franciscano italiano Pietro Colonna Galatino (1460-1540) publicou-se em 1518. Consultámos a edição de Basileia, *per Ioannem Heruagium*, 1561. Osório refere-se aqui ao capítulo 18 do livro 7.º, que na edição citada se inicia na p. 269.

Sed, cur ultimo loco Sapiens posuit id quod prius effectum fuit? Quia a rebus admirandis ad magis admirandas progrediendum sibi esse iudicavit. Christi ascensus in caelum non ualde admirandus fuit, quia in propriam gloriam insita uirtute euectus est et in suas sedes inuicto robore penetrauit. Fuit igitur longe admirabilius auctorem uitae morte damnari, et eum qui uirtute infinita mortem interimit, uita spoliari, et qui nulla peccati labe aspersus umquam fuit, peccati poenam atrocissimam perferre, et sepulcro contineri illum qui regionis inferae claustra perfringit et tenebrarum repagula conuellit. Qui tamen mortuus se ipsum excitauit mortique necem intulit et de tyrannide ipsius Erebi clarissimum triumphum duxit. Quid illud? Quantam admirationem mouere debet rem acute considerantibus? Sanctissimum Dei Filium mores hominum et perfidiae humanae cruciatum sustinuisse et humanis fluctibus, in tam periculoso et infesto mari, uariis procellis exagitato, iactari uoluisse! Cum uero nihil sit magis hominibus sanctis acerbum quam improborum hominum conuictus, quid esse potuisset molestius illi summo totius sanctitatis auctori quam hominum scelestorum scelus intueri? Erat quidem hoc atrocius ipsa cruce supplicium, quod tamen ut nos a peste redimeret patientissime tolerauit.

Nihil tamen fuit magis admirandum quam numen immensum et infinitum Virginis utero, sine ulla imminutione maiestatis, comprehendi, et tam diuini operis fabricam, qua nulla umquam nec maior nec amplior nec admirabilior [918] exstitit, intra sanctissimi corporis illius angustias, opera Diuini Spiritus, absolui. Quod, si in rebus omnibus in principio est operis totius firmamentum, et conceptus fuit nostrae salutis initium, consentaneum fuit ut Sapiens in commemoratione rerum admirabilium illi ultimo loco, quasi maxime admirabile, reseruaret. Praeterea, multo magis admirabile est quod in spe poni a ratione non poterat quam quod ratio sperare compellebat. At, antequam Dei Filius homo fieret, non erat ulla humana ratione sperandum ut Deus humana forma indueret. Postquam uero homo effectus fuit, ratio omnes, qui primum illud opus in procuratione nostrae salutis effectum crederent, sperare ualde uehementer excitabat ut omnia quae secuta sunt quemadmodum euenerunt exsisterent. Postremo, Deum gloria circumfluere minime est admirandum. Id ante est maxime admirandum Deum doloribus et cruciamentis afflicti. Cum autem, ut hoc fieri posset, Deus in uirgine corpus humanum, sine ulla labe uirginis ipsius, assumpsit; sequitur ut opus hoc maximam omnium admirationem efficiat.

Ocultou a sua sobre-excelente divindade no ventre de uma virgem. Deus uniu a Si a natureza humana; o Senhor onipotente tomou um corpo fraco, sujeito a todas as enfermidades humanas, para suportar inumeráveis trabalhos, sofrer intoleráveis dores, pagar as penas devidas pelos nossos crimes e ao cabo padecer uma morte cruel, a fim de nos cumular com a glória da vida eterna. Para que todos estes benefícios da imensa bondade permanecessem em nós, uma virgem concebeu e conteve nas suas entranhas aquele a quem a grandeza da natureza celeste não pôde conter. Uma virgem deu à luz o general do exército celestial; uma virgem alimentou o autor da honra e dignidade eternas; e conservou encerrado no interior do seu ventre aquele que, sem qualquer pausa no exercício da sua função, tudo contém e encerra. A natureza, vivamente espantada, emudeceu; os habitantes do céu exaltaram com novos louvores a majestade divina; nas regiões celestiais, com este parto aumentou-se e acrescentou-se o conhecimento do poder e bondade supremos.

Mas por que motivo é que o Sábio colocou em último lugar aquilo que se fez primeiro? Porque julgou que deveria avançar das coisas admiráveis para as mais admiráveis. A ascensão de Cristo ao céu não foi muito admirável, porque, mediante a sua conatural virtude, foi arrebatado para a sua própria glória e penetrou com invencível poder na sua própria morada. Por conseguinte, foi muito mais admirável que o autor da vida fosse condenado à morte e que aquele que com virtude infinita destrói a morte, fosse despojado da vida, e que aquele que jamais foi manchado por nódoa alguma de pecado, sofresse a atrocíssima pena do pecado, e que fosse encerrado num sepulcro aquele que quebrou as prisões das regiões infernais e destruiu as barreiras das trevas. Aquele todavia que morto se despertou a si mesmo e inferiu morte à morte e gloriosamente triunfou da tirania do próprio inferno. E que dizer do seguinte? Quão grande admiração não deve causar àqueles que ponderam isto a fundo? Que o santíssimo Filho de Deus tivesse suportado os costumes dos homens e a tortura da perfídia humana e tivesse querido ser atormentado, batido pelas ondas humanas, num mar tão perigoso e hostil, agitado por variadas procelas! E sendo certo que para os homens santos nada existe de mais penoso do que a convivência com os homens desonestos, que teria podido ser mais desagradável para aquele supremo autor de toda a santidade do que olhar para o crime dos criminosos homens? Decerto que isto era mais atroz do que o suplício da própria cruz, o qual todavia de modo muitíssimo paciente suportou a fim de nos libertar da perdição.

Sem embargo, nada foi mais admirável do que encerrar a imensa e infinita divindade no ventre da Virgem, sem qualquer diminuição da Sua majestade, e por obra do Espírito divino levar a cabo a execução de tão divina obra, que foi a maior, mais vasta e mais espantosa que jamais [918] existiu, dentro dos estreitos limites daquele santíssimo corpo. Pelo que, se em todas as coisas é no princípio que se encontra o apoio de toda a obra, e se a concepção foi o início da nossa salvação, foi razoável que o Sábio, ao referir-se a coisas admiráveis, a reservasse

His explicatis, consentaneum est quod nos demonstraturos diximus, ut ostendamus quantum haec explicatio cum illis quae sunt a Sapiente dicta conueniat. Dixerat ille quidem Verbum Domini esse purissimum et sanctissimum, mentes illustrans et inflammans, et esse uitae eorum, qui omnem uitae et salutis spem in eo repositam habent, scutum et inuictum in omni rerum discrimine propugnaculum. Ostendit praeterea quantum facinus esset adulterari legem, uiolari religionem, contaminari sacra, quod fit cum fallacibus additamentis sensus diuinae legis inuertitur et a uitae seueritate ad hominum cupiditatem traducitur. Tum persequitur oratione flagitia et dedecora hominum qui officia uitae ad legis sanctissimae disciplinam minime dirigunt, sed libidinibus obsequuntur. Postremo, scelus in Deum, uitae parentem salutisque nostrae custodem, asperis uerbis insequitur.

Reliquum igitur erat ut, cum omnes mortales essent eisdem sceleribus affines, omnes spem salutis abiicerent. Ne igitur desperatio animos occuparet, illam spem firmissimam proponit, quae est in Christi, liberatoris nostri, clementia et benignitate constituta. Itaque claram Christi uictoriam illius mortem et sepulturam, illius uitam et docendi studium, illius cum natura humana sempiternum foedus et coniunctionem, quamuis obscure (sic enim tempora ferebant), commemorat. ‘Mortuus enim est propter peccata nostra, et resurrexit propter iustificationes nostras’.¹³⁹ In quo facit idem quod Paulus qui, priusquam de salute nostra, Christi meritis et uirtute constituta, disputet, humana scelera et flagitia recenset, ut demonstret omnem salutem esse in Christo collocandam, “qui mortuus est et resurrexit et sedet ad dexteram Dei, qui etiam interpellat pro nobis”¹⁴⁰. Omnes quidem prophetae, ut Petrus ait, et Christi mortem et cruciatum et consequentem gloriam, praedicauerunt¹⁴¹, quod Sapiens hic etiam egregie facit. Sed huic sententiae obstare uidetur id quod statim sequitur.

[20.] *Talis est et uia mulieris adulterae, quae comedit, et tergens os suum, dicit: Non sum operata malum.*

¹³⁹ Vd. Vulgata, *Rom.* 4, 25.

¹⁴⁰ Vd. Vulgata, *Rom.* 8, 34.

¹⁴¹ Vd. Vulgata, *1 Petr.* 10-12.

para o último lugar, como a mais admirável. Além disso, é muito mais admirável aquilo que a razão não podia pôr na esperança do que aquilo que a razão compelia a esperar. Mas, antes que o Filho de Deus se fizesse homem, por nenhuma razão humana era de esperar que Deus tomasse forma humana. E depois que se fez homem, a razão muito fortemente incitava a todos, os que acreditassem que aquela primeira obra tinha sido feita em função da nossa salvação, a esperar que tudo que se seguiu acontecesse tal como aconteceu. Finalmente, não causa espanto que Deus abunde em glória. Ora, é sumamente admirável que Deus seja atribulado por dores e tormentos. Ora, para que isto pudesse acontecer, Deus revestiu numa virgem corpo humano, sem qualquer mácula da mesma virgem; segue-se que esta obra suscita a máxima admiração.

Postas estas explicações, é razoável que mostremos aquilo que dissemos que haveríamos de demonstrar: o quanto esta exposição se ajusta àquelas palavras pronunciadas pelo Sábio. É que ele dissera que a palavra do Senhor é puríssima e santíssima, ilumina e abrasa os entendimentos, e é o escudo da vida daqueles que têm nela depositada toda a esperança de vida e salvação, e invencível baluarte em todas as situações de perigo. Mostra além disso o grande crime que é adulterar a lei, violar a religião, manchar as coisas sagradas, atentado que se comete quando com falsos acrescentos se perverte o sentido da lei divina e se faz passar do rigor de vida para o desejo dos homens. Critica então as infâmias e indignidades dos homens que não dirigem os deveres da sua vida de acordo com os ensinamentos da santíssima lei, mas se submetem aos caprichos e apetites. Por derradeiro, com palavras agastadas verbera o crime cometido contra Deus, Pai da vida e guardião da nossa salvação.

Por conseguinte, restava que, uma vez que todos os mortais eram cúmplices dos mesmos crimes, todos renunciassem à esperança de salvação. Por conseguinte, para que o desespero não tomasse conta dos espíritos, ofereceu aquela firmíssima esperança, que se funda na clemência e bondade de Cristo, nosso libertador. E assim recorda aquela ilustre vitória de Cristo, a sua morte e sepultamento, a sua vida e zelo de ensinar, a sua união e aliança eterna com a natureza humana, ainda que o faça com obscuridade, pois assim os tempos o exigiam. “É que morreu por causa dos nossos pecados e ressuscitou para nos justificar.” [Rm 4. 25.] Nisto fez o mesmo que S. Paulo, o qual, antes de discorrer acerca da nossa salvação, fundada nos merecimentos e virtude de Cristo, enumera os crimes e infâmias humanos, para mostrar que toda a salvação deve ser colocada em Cristo, “que morreu e ressuscitou e se senta à direita de Deus, que também intercede por nós”. [Rm 8. 34.] Todos os profetas, consoante diz S. Pedro, vaticinaram a morte de Cristo, sua paixão e posterior glória, [1 Ped 1. 10-12] algo que aqui também faz o Sábio. Mas o que imediatamente vem a seguir parece opor-se a esta interpretação:

20. *Tal é também o caminho da mulher adúltera, a qual come e, limpando a sua boca, diz: ‘Eu não fiz mal nenhum.’*

[919] Haec quidem oratio prima specie uidetur eam, quam adduximus, labefactare sententiam. Non enim uidetur quadrare similitudo mulieris adulterae cum rerum tam diuinarum mentione. Sed illis qui sensum diligentius scrutati fuerint apparebit nihil fieri potuisse conuenientius hac oratione. Per mulierem enim adulteram hoc in loco uel Iudaeorum synagoga uel haereticorum conuentus aptissime designatur. Quod enim synagoga appelletur adultera apud Ezechielem et alios prophetas certe constat. Vnde Dominus apud Oseam discipulos suos admonet ut cum matre sua, hoc est, cum synagoga litigent eique adulterium exprobrent. Similiter et haeretici qui, cum Christi matrimonium fide tenerent, fidem prodiderunt et foedus ipsius sanguine percussum nefarie uiolarunt, adulteri sunt.

Quemadmodum igitur, dum uir sapiens uerbum Domini commendabat, admonuit statim nequidquam ad uerbum Domini adderemus quod uerum sensum corrumpere et ita, ueritatis testimonio conuicti, poenam grauissimi mendacii penderemus, similiter hoc in loco, cum Ecclesiae statum admirabilem praemonstrauisset, qui futurus erat opera illius qui formam humanam induit, qui mortem appetiuit et in caelum ascendit, ut nobis, ex tyrannide peccati atque mortis ereptis, aditum in caelum aperiret: periculum statim ostendit quod erat nobis ex simulatione pietatis, si, neglecto uerae pietatis studio, fictam pietatis speciem amplexaremur, subeundum, quod erat adulterii crimen scelestissimum.

Sed dicet fortasse aliquis: 'Vt uerum sit per mulierem adulteram coetum impiae multitudinis intelligi debere, quae tandem similitudo impietatis cum humanae salutis mysterio exstare potest, ut dici conueniat: Sic est uia mulieris adulterae?' – Nulla prorsus! Nec Sapiens asserere uoluit esse aliquam scelerum tenebris cum uirtutis luce similitudinem, sed, in difficili sceleris cognoscendi ratione, dixit se non posse percipere salutis nostrae Christi beneficio constitutae rationem, eo quod humanam rationem longissimo interuallo superaret. Dicit similiter se non intelligere adulterii illius scelus quo perditii homines lucem consulto fugiunt, ut tenebris obruantur, et beatam uitam deserunt, ut in miseriam sempiternam irruant.

Vtrumque se admirari uehementer asserit, et clementiae diuinae magnitudinem in salute nostra curanda, et humanae perfidiae scelus in munere diuino ingrattissime repellendo. Ait praeterea se etiam uehementer admirari suscepti facinoris impudentiam. Vt enim mulier adultera atque fagax, ubi libidinem latenter expleuerit, castitatem simulat seseque nullum in uita flagitium admisisse confirmat, sic etiam impiorum hominum multitudo, dum cupiditati, quae illam occaecauit, obsequitur et se a fonte perenni uitae disiungit, se nullum facinus nefarium fecisse contendit. In quo quidem multa sunt admirabilia.

[919] À primeira vista parece que estas palavras abalam a interpretação que apresentamos. De facto, a comparação da mulher adúltera não parece adequar-se com a referência às coisas divinas. Mas àqueles que mais diligentemente esquadriharem o sentido, será evidente que não poderia fazer-se nada de mais apropriado do que estas palavras. É que por mulher adúltera neste passo designa-se com a máxima propriedade ou a sinagoga dos judeus ou a associação dos hereges. Com efeito, que se chame adúltera à sinagoga é algo que é evidentemente manifesto em Ezequiel e em outros profetas. Razão pela qual o Senhor em Oseias admoesta os seus discípulos a que julguem a sua mãe e lhe exprobrem o adultério. Do mesmo modo também são adúlteros os hereges, que, embora pela fé se matrimoniassem com Cristo, atraíçaram a fé e sacrilegamente violaram o pacto celebrado mediante o seu sangue.

Por conseguinte, da mesma maneira que, quando o varão sábio recomendava a palavra de Deus, logo a seguir aconselhou que não acrescentássemos à palavra divina fosse o que fosse que corrompesse o seu verdadeiro sentido e desse modo, condenados pelo testemunho da verdade, pagássemos a pena da gravíssima mentira, de modo semelhante nesta passagem, uma vez que tinha antecipadamente mostrado a admirável condição da Igreja, que haveria de sobrevir por obra daquele que tomou forma humana, que desejou a morte e ascendeu ao céu, a fim de, depois de nos arrancar da tirania do pecado e da morte, nos abrir a entrada no mesmo céu: imediatamente a seguir nos mostrou o perigo em que deveríamos incorrer com a simulação da piedade se, desprezando o zelo da verdadeira piedade, nos entregássemos a uma fingida aparência de piedade – algo que era o horribilíssimo crime de adultério.

Mas dirá porventura alguém: “Para que seja verdadeiro que por mulher adúltera se deve entender a associação da multidão ímpia, que semelhança da impiedade com o mistério da salvação humana pode enfim enfim existir, para que seja apropriado dizer-se: Tal é o caminho da mulher adúltera?” – Absolutamente nenhuma! Nem o Sábio pretendeu afirmar que existe alguma semelhança entre as trevas dos crimes e a luz da virtude, mas, no difícil modo de conhecer o crime, disse que ele não pôde perceber o modo da nossa salvação, fundada no benefício de Cristo, porque estava muitíssimo acima da razão humana. Diz igualmente que não compreende o crime daquele adultério pelo qual os homens perversos propositadamente fogem da luz para serem esmagados pelas trevas e deixam a vida bem-aventurada para se precipitarem na desgraça sempiterna.

Assevera que se espanta assaz por duas coisas: a grandeza da clemência divina em curar a nossa saúde e o crime da perfídia humana em repelir ingraticamente a dádiva divina. Escreve além disso que também se espanta muitíssimo com a impudência do crime perpetrado. De facto, assim como a mulher adúltera e astuta, depois de satisfazer às ocultas a sua sensualidade, simula castidade e assegura que durante a vida não cometeu nenhuma infâmia, da mesma maneira também a multidão dos ímpios, enquanto satisfaz o desejo que a cegou e se

Primum est cogitare quid impulerit homines acuto ingenio praeditos et propriae salutis atque dignitatis appetentes praeferre luci tenebras, honestati dedecus, tranquillo animi statui turbidas animorum tempestates et diuinis denique promissis temeritatis inconsideratae uanitatem. Deinde, non parum admiratione dignum est impudentiam animaduertere qua scelus pietatem simulat, flagitium honestatis imaginem induit, perfidia religionem ementitur [920] et, cum omnibus uitiorum maculis inusta sit, ita uultum fingit ut miram speciem sanctimoniae prae se ferat. Nec artificium illud parum admirationis habet quo scelerum principes ita miseris, qui se ad illorum nomen adiunxerunt, illudunt ut, cum praecipites in omnium malorum colluuiem agantur, illos tamen auctores omnium flagitiorum ut numina quaedam uenerentur. Sapiens igitur haec omnia considerans fatetur se non solum ignorare rationes diuinae probitatis in humanum genus, uerum etiam rationes humani sceleris in diuinam probitatem.

Haec omnia pluribus fortasse quam necesse fuit exposuimus ut clarius appareret quam esset haec sententia cum ea quae praecesserat congruens, ne quidquam reliquum esset quod hominis pii mentem implicitam teneret. Illa uero similitudo, a meretrice sumpta, qua, dapibus absumptis, os abstergit, ideo posita fuit ut non tam turpis esset oratio quam fuisset si libidinis obscenitas fuisset magis explicata. Oris enim abstersio designat omnium signorum remotionem quibus turpitudine suscepta oculis cerni potuisset.

Sequitur deinde sententia quae continet uitae securitatem. Vt enim amor, quo se quisque nimis amat, est malorum omnium atque miseriae sempiternae fundamentum, ita modus in hoc amore et sapiens nostri cognitio firmat animi statum et uitae periculum propulsat. Vt igitur admoneat quantum sit studium in moderatione et humilitate ponendum, docet quantum periculum ab insolentia communibus rebus immineat. Ait igitur:

[21.] *Per tria mouetur terra, et quartum non potest sustinere:* [22.] *per seruum, cum regnauerit; per stultum, cum saturatus fuerit cibo;* [23.] *per odiosam mulierem, cum in matrimonio fuerit assumpta, et per ancillam cum fuerit heres dominae suae.*

Superbia inflat animum et ferocem et infestum facit et humanitate spoliatur, ita ut homo se hominem natum obliuiscatur. Ita enim ruit, ita praeceps rapitur ut eos quos infra se positos opinatur homines non ducat. Multa uero sunt quae superbiam efficiunt: nempe, nobilitas, forma, opes et honores, imperia et reliqua omnia quae hominum uulgi admiratur. Sed tunc superbia multo uiolentius erumpit cum aliquis, humili et obscuro loco natus, ad opes, quas numquam ausus optare fuerat, ascendit. Vt enim nauis humilis et saburra minime grauata, si fuerit ingenti malo uelisque ualde magnis instructa, necesse est ut in medio mari uentorum magnitudine deprimatur, ita leuis animus parumque uirtutis

aparta da fonte perene da vida, aporfia em dizer que não praticou nenhuma ação sacrílega. Ora, nisto deparam-se-nos muitas coisas espantosas.

A primeira é pensar no que terá impellido homens providos de penetração intelectual e desejosos da sua própria salvação e honra a preferirem as trevas à luz, o desdouro ao bom nome, as violentas agitações do espírito à tranquilidade de ânimo e, finalmente, a vaidade do inconsiderado desatino às divinas promessas. Em seguida, causa não pequena admiração reparar na impudência com que o crime simula a piedade, a infâmia assume a aparência da honestidade, a perfídia finge a religião, [920] e, ainda que esteja tisonada com as manchas de toda a espécie de crimes, de tal maneira contrafaz o semblante que alardeia uma admirável aparência de religiosidade. E não é digno de pequena admiração aquele artifício mediante o qual os cabeças dos crimes de tal maneira enganam os mofinos que se puseram às suas ordens que, embora os levem a precipitar-se em toda a confusão de males, mesmo assim, a eles que são os responsáveis por todas as infâmias, os reverenciam como uma espécie de divindades. Por conseguinte, o Sábio, considerando tudo isto, confessa que ignora não só os motivos da bondade divina para com o género humano, mas também os motivos do crime humano contra a bondade divina.

Expusemos tudo isto talvez com mais extensão do que foi necessário para que mais claramente se visse o quão congruente era esta opinião com aquela que a precedia, para que não restasse coisa alguma que deixasse enleado o entendimento do homem piedoso. E aquela comparação, tomada da meretriz, segundo a qual, depois de ingerir os alimentos, limpa a boca, foi apresentada para evitar que o texto fosse tão torpe como teria sido se a obscenidade da sensualidade tivesse sido mais explícita. É que “limpar a boca” quer dizer a remoção de todos os sinais mediante os quais teria podido divisar-se com o olhar a torpeza cometida.

Segue-se depois o dito sentencioso que exprime a segurança da vida. De facto, assim como o amor com que cada um se ama em excesso é a causa de todos os males e da desgraça sempiterna, da mesma maneira o comedimento neste amor e o sábio conhecimento de nós mesmos assegura a estabilidade de espírito e afasta o perigo de vida. Por consequência, para aconselhar o grande cuidado que se deve pôr no comedimento e na humildade, dá a conhecer o grande perigo que a insolência constitui para os interesses da comunidade. Diz, por consequente:

21. *A terra estremece com três coisas, e a quarta não a pode ela suportar:*
22. *com um escravo, quando este reinar; com um insensato, quando estiver farto de comer;* 23. *com uma mulher odiosa, quando um homem a receber; e com uma escrava, quando esta vier a ficar berdeira de sua senhora.*

A soberba incha o espírito e torna-o feroz e hostil e despoja-o de humanidade, de tal maneira que o homem se esquece de que nasceu homem. Com efeito, de tal maneira se precipita e arrebatada que não considera que são homens aqueles que supõe colocados abaixo dele. E existem muitas coisas que dão origem à soberba:

pondere firmatus, cum honores repentini in illum impetum tulerint, iactatione conflictabitur usque eo dum, amissis rationis gubernaculis, allidatur et funditus tandem intereat. Non potest enim pusillus animus honores immodicos sustinere, mentem namque eripiunt, morbos pestilentes afferunt, tumores efficiunt, odium in homines ingenerant et in Deum bellum comparant. Non enim redigunt homines in memoriam se omnia quibus fruuntur ab illo summo bonorum omnium largitore accepisse, sed, quasi a se ipsis omnia sumpserint, insolescunt et legem diuinam perditis conatibus oppugnant.

Vnde sequitur nihil esse tam diuinæ disciplinae contrarium quam superbia. Sed, quo [921] maior temeritati materia praebetur, eo furentius animus exsultat et maiore impetu in miseriam incurrit et rempublicam uniuersam, si se illi commiserit, euertit. Hoc ut demonstret Sapiens ponit ob oculos quantum discrimen afferat rebus humanis insolentia, maxime uero quo maius discrimen exstiterit status illius in quem aliquis euectus fuit ab eo in quo antea uersabatur. Veluti cum seruus regnat, cum stultus abundat opibus, cum mulier repudiata et eiecta, quod licebat olim lege, uiri opulentioris domum ducitur, cum ancilla in dominae opes sibi testamento relictas inuadit. Nec enim diuitiae ingentes, sed rectus diuitiarum usus statum florentem efficiunt. Rectus autem usus sine prudentia exstare nullo modo potest. Prudentia uero in animo, tenebris et sordibus oppleto, locum habere nequit.

Quid igitur fiet cum seruus regnum possederit? Cum stultus immanes opes assecutus fuerit? Seruum enim nominat hic Sapiens, non tam illum qui domino operam dat, quam illum qui seruit libidini et impuritati. Nec stultum tam appellat eum quem pueri fustibus insequuntur, quam illum quem faces infinitae cupiditatis exagitant et rationis statu detrudunt. An non ita necessario eueniet ut, quo maiores opes exstiterint, eo grauiorem calamitatem et sibi et ciuibus suis inferant et patriam uniuersam aut affligant penitus aut in extremum discrimen salutis inducant? Quid, si ad furorem animi, effeminati mores accesserint; et is qui fuerat, propter langorem et uitae mollitiem, ciuibus inuisus, et ea de caussa expulsus, in opes ampliores restitutus exstiterit? Quid, si homo mollis et eneruatus, qui humiliter atque demisse seruiebat, fuerit, opera principis parum sapientis, in statu principis ipsius temere constitutus? Tamen certe malum erit ut ferri non possit.

a saber, a nobreza, a beleza, as riquezas e honras, o poder e tudo o resto que o comum dos homens admira. Mas a soberba manifesta-se com muito maior violência quando alguém, nascido em berço humilde e desconhecido, ascende a riquezas que nunca se atrevera a desejar. Na verdade, assim como uma nau pequena e sem lastro, se for aparelhada com um imenso mastro e com velas muito grandes é forçoso que com a força dos ventos vá a pique no meio do mar, da mesma maneira um espírito ligeiro e pouco assente com o peso das virtudes, quando as honrarias inesperadas se arremessarem sobre ele, será acossado pela vaidade até que, perdendo o leme da razão, se despedace e acabe por totalmente perecer. É que um espírito tacanho não consegue suportar honrarias muito importantes, pois arrebatam-lhe o entendimento, ocasionam-lhe enfermidades pestilenciais, tornam-no orgulhoso, geram ódio contra os homens e movem guerra contra Deus. De facto, os homens não se lembram de que receberam todas as coisas de que gozam d' Aquele supremo dador de todos os bens, mas, como se tivessem tudo tomado de si mesmos, ensoberbecem-se e com perversos esforços atacam a lei divina.

Daqui se segue que não existe nada tão contrário aos ensinamentos divino como a soberba. Mas, quanto [921] maior matéria se oferecer ao desatino, tanto mais desvairadamente o espírito se agita e com maior arrebatamento se lança na desgraça e arruína a totalidade do Estado, se a ele se tiver confiado. O Sábio, para mostrar isto, põe diante dos olhos o grande perigo que a insolência representa para os negócios humanos, e sobretudo quanto maior for a distância que existe daquela posição para a qual alguém foi elevado, em relação àquela na qual anteriormente se encontrava. Tal como sucede quando o escravo reina, quando o insensato abunda em riquezas, quando a mulher, repudiada e expulsa, consoante antigamente a lei permitia, se casa com um homem mais rico, ou quando a escrava recebe por testamento os bens da sua senhora. É que o que torna próspera uma posição não são as riquezas imensas, mas o uso correto dos bens. Ora, o uso correto não pode dar-se de modo algum sem a prudência. E a prudência não pode tomar assento num espírito ocupado pelas trevas e sujidade.

Por conseguinte, que acontecerá quando o escravo detiver o poder? Quando o insensato obtiver imensas riquezas? Na verdade, o Sábio dá aqui o nome de escravo, não tanto àquele que trabalha para o seu amo, quanto àquele que está ao serviço da sensualidade e da impureza. E não designa por insensato tanto o orate a quem os rapazes perseguem com paus, quanto aquele homem a quem perturbam os ardores de uma infinita cobiça e o fazem perder o equilíbrio racional. Porventura não acontecerá forçosamente que, quanto maiores forem as riquezas, tanto maior desgraça causam a si e aos seus concidadãos e atribulam profundamente a pátria inteira ou à arrastam ao risco da derradeira perdição? E que acontece se, à loucura, se ajuntarem costumes efeminados; e aquele, que fora odioso aos cidadãos devido à sua frouxidão e vida amolentada, e fora banido por esse motivo, regressar provido de riquezas mais abundantes? E que acontece se o homem mole e efeminado, que servia em cargos humildes e vis, por obra de

Haec tamen omnia ad animum conferamus. Seruus regnat cum cupiditas imperat rationi; stultus abundat opibus cum dementia deliciis affluit; odiosa matrimonium tenet cum odium et inuidia et nocendi libido rationis iudicio comprobatur et, ut uno uerbo omnia complectamur, tunc ancilla est heres dominae suae, cum nihil rationis imperio gubernatur, sed omnia temeritas administrat. Porro autem, hae animorum pestes, cum intra animum latent, et propter inopiam et iudiciorum metum, continentur, animi quidem statum affligunt, reipublicae uero non ita ualde nocent. At, cum opes augentur, temeritas amplificatur et foras ad hominum perniciem excurrit, tyrannis existit, respublica laceratur, boni lugent, tenues opprimuntur et ‘uniuersa terra’, ut inquit Sapiens, ‘contremiscit’. Tunc enim legis disciplina conculcatur et sanctissimum Dei numen contemnitur, ita ut respublica diu stare non possit.

Argumentum igitur firmissimum est rempublicam breui ruituram cum honores et imperia ad indignos deferuntur. Nam et homines, iniuriis grauissimis onerati, contumeliam diu pati nequeunt, et numen diuinum debitam tandem poenam sceleribus irrogat. Haec quidem de opibus, quae nec iure parantur nec iudicio gubernantur nec ordine diriguntur, edisserit, ut ostendat quam male rem gerant illi qui efferuntur opibus illisque, propter temeritatem et insolentiam, ad perniciem abutuntur. Nunc quantum moderatio [922] sine ullis uiribus ualeat ad salutem, exemplo animantium exsilium demonstrat. Ait enim:

[24.] *Quattuor sunt minima terrae, et ipsa sunt sapientiora sapientibus: [25.] formicae, populus infirmus, quae praeparant in messe cibum sibi; [25.] lepusculus, plebs inualida, qui collocat in petra cubile suum; [25.] regem locusta non habet, et egreditur uniuersa per turmas suas; [25.] stellio manibus nititur, et moratur in aedibus regis.*

Omnibus rebus inseuit natura parens miram status tuendi curam. Animantia uero cernimus alia uelleribus obducta, alia setis hirsuta, alia cornibus armata, alia uiribus et proceritate munita, ita ut in quolibet genere cernere liceat miram in omnium animantium genere conseruando mentis diuinae sollertiam. Omnibus enim pastum suppeditat et proli propagandae materiam subministrat, usque adeo ut nec minutissima quidem animantia prouidentia illius orbata sint. Alia namque subtilitate, alia sagacitate, alia locorum asperitate et aliis rationibus, uario et multiplici naturae instinctu, muniuit, ne umquam deesset ullum genus in orbe terrarum.

um príncipe pouco sábio for irrefletidamente colocado na posição do próprio príncipe? Certamente que o mal será tão grande que não pode tolerar-se.

Mas transportemos tudo isto para o domínio espiritual. O escravo reina quando a cobiça domina a razão; o insensato abunda em riquezas quando a loucura nada em prazeres; a mulher odiosa casa-se quando o ódio, a inveja e o desejo de fazer mal são aprovados pelo juízo da razão e, para tudo dizermos numa única palavra, a escrava é herdeira da sua senhora quando nada é dirigido pelo governo da razão, mas o desatino tudo comanda. Ora, por outro lado, estes flagelos da alma, quando dentro dela se ocultam e se refreiam devido à sua falta de recursos e ao medo dos juízos, decerto que inquietam a estabilidade de espírito, mas não são muito prejudiciais à república. Quando, porém, as riquezas crescem, o desatino aumenta e corre para fora para perdição dos homens, a tirania manifesta-se, a república é dilacerada, os bons choram, os fracos são oprimidos e, conforme diz o Sábio, toda “a terra estremece”. É que então calcam-se aos pés os ensinamentos da lei e despreza-se a santíssima majestade de Deus, de tal maneira que o Estado não pode conservar-se durante muito tempo.

Por conseguinte, é prova muitíssimo sólida de que uma república em breve há de arruinar-se quando se concedem honrarias e poder às pessoas indignas. Com efeito, não só os homens, oprimidos por gravíssimas injustiças, não conseguem suportar durante muito tempo o ultraje, como também a divindade acaba por infligir aos crimes o devido castigo. Ora, expôs isto acerca das riquezas que nem se obtêm de forma justa, nem se governam com discernimento, nem se dirigem com regra e medida, a fim de mostrar o quão mal administram os negócios aqueles que se ensoberbecem com as riquezas e, devido à irreflexão e à insolência, indevidamente delas se servem para a perdição. Agora, mostra [922] o grande poder que a moderação sem quaisquer forças tem para a salvação, servindo-se do exemplo de pequenos animais. Com efeito, diz:

24. Quatro coisas há na terra que são muito pequenas e que são mais sábias do que os mesmos sábios: 25. as formigas, aquele fraco povo que faz o seu provimento durante a messe; 26. os coelhos, aquela débil tropa que faz a sua habitação nos rochedos; 27. os gafanhotos, que não têm rei, e que todavia saem todos ordenados em seus esquadrões; 28. o gerbo,²⁵ que se sustém nas suas mãos e que mora no palácio dos reis.

A mãe natureza dotou todas as coisas de um admirável cuidado para velarem pela sua condição. E vemos que os animais, uns foram revestidos de peles, outros ouriçados de cerdas, outros armados com chifres, outros providos de forças e

²⁵ Assim na versão dos Capuchinhos, que em nota esclarece: “Trata-se de mamíferos roedores que vivem nas fendas dos rochedos.” Pereira de Figueiredo verte por “saramantiga”, nome vernáculo da salamandra-lusitana. Ferreira de Almeida traduz por “aranha”.

Ex animantibus autem, uiribus atque potentia destitutis, Sapiens quattuor genera recenset, ut doceat non tam uiribus, quam prouidentia et ratione uitae statum conseruari. Primum est formicarum genus: quo quid esse potest imbecillius? Et tamen, quia sibi prospicit in posterum et cibum aestate recondit quo hieme sustentetur, uitam commode traducit. Lepores uires non habent quibus iniuriam arceant et, leuissimo rei cuiuslibet sonitu perturbati, trepidant atque diffugiunt. Arce igitur uitam muniendam putant et sedem atque domicilium sibi tutum uident. Locusta similiter cernit genus suum dispulsum facile consumi, confertum uero non facile dissipari: iccirco, sine ullius ducis imperio, naturae tamen admonitu, conglobatur et turmatim quacumque libet incedit, ut periculum, quod uiribus uitare non potest, consentiente multitudine innumerabili repellat.

Quod uero ad nomen Hebraeum, pro quo apud nos stellionis nomen positum uidemus, incertum est quod significet. Nomen est apud Hebraeos שממית. Sunt Hebraei qui ‘simiam’ esse dicant, moti oratione quae sequitur: nempe, “Manibus nititur et moratur in aedibus regis”. Qui longe, mea quidem opinione, falluntur. Nam, si simiae in principum aedibus inueniuntur, id non sit naturae instinctu, sed eorum artificio qui eas capiunt. Sapiens autem hic non loquitur nisi de naturali sollertia animantium quae sua sponte, sine hominis ductu, remedia sibi uitae comparant. Alii araneum esse dicunt, is namque in aedibus, etiam altissimis, sibi sedem collocat. Araneus tamen, texendi artificio ductus, non satis astute se occultat, immo, dum sui operis subtilitatem ostentat, salutem suam prodit. Quare non uideo cur ‘stellionis’ nomen a recentioribus interpretibus repudietur. Non enim ullum adducunt testimonium quo probent¹⁴² שממית, uel ‘simiam’ uel ‘araneum’ significare. Nec enim alibi in Sanctis Litteris reperitur. Stellionis uero nomen, meo quidem iudicio, mirifice quadrat. Primum, quidem, quia uidetur ductum a uerbo[923] שממ, quod, praeter alia significata, significat etiam ‘admirari’ et ‘pauescere’, quod ‘stellio’ facit. Deinde manibus reptat, et in sublime, eum est opus, enititur, ut tutius occulatur, usque adeo ut ne a regis quidem aedibus expelli facile possit.

¹⁴² Probent *Roma*] probetur *Antuérpia*.

grande envergadura, de tal maneira que em todas as espécies é possível divisar-se uma admirável sagacidade da inteligência divina para a conservação da linhagem de todos os seres vivos. É que fornece alimento a todos e concede o sustento para propagar a prole, a tal ponto que nem sequer os animais mais pequenos estão privados da Sua providência. É que os defendeu, a uns com a esperteza, a outros com a astúcia, a outros com a dificuldade no acesso aos lugares que habitam, e com outros meios, mediante o múltiplo e variado instinto natural, por forma a que na terra jamais faltasse espécie alguma.

Ora, de entre os animais desprovidos de força e poder, o Sábio enumera quatro espécies, a fim de ensinar que se conservam não tanto graças à força, mas antes graças à sua providência e inteligência. O primeiro é a raça das formigas: que pode existir de mais fraco do que ela? E, apesar disso, porque se prepara para o futuro e recolhe no estio o alimento com que há de sustentar-se no inverno, passa a vida comodamente. Os coelhos não têm força para com ela repelirem as agressões e tremem e fogem assustadas com o mais ligeiro ruído produzido por qualquer coisa. Por conseguinte, consideram que devem proteger a sua vida num lugar elevado e procuram para si uma morada e poiso seguro. Igualmente, o gafanhoto apercebe-se de que a sua raça dispersa facilmente é destruída, mas agrupada dificilmente é aniquilada. E por isso, sem o mando de nenhum chefe, ensinada apenas pela natureza, junta-se e dirige-se em bando para onde lhe apraz, por forma a evitar, mediante o grande número de uma multidão unânime, o perigo que pela força não pode esquivar.

E quanto ao nome hebraico para cuja tradução vemos que se usou a palavra latina *stellio*,²⁶ é incerto o que significa. A palavra no texto hebraico é שממית. Existem judeus que dizem que significa “macaco”, induzidos pelas palavras que se seguem: a saber, *sustém-se nas suas mãos e mora no palácio dos reis*. Mas em minha opinião estão longe da verdade. De facto, se nos palácios dos reis se encontram macacos, tal não se dá por instinto da natureza, mas por diligência dos que os capturam. Ora, o Sábio aqui não fala senão da astúcia natural dos animais que de livre e espontânea vontade conseguem para si mesmos remediar às precisões da sua existência, sem orientação do homem. Outros dizem que se trata da aranha, pois esta instala a sua morada em palácios, até muito altos. Todavia a aranha, levada pela sua arte de tecer, não usa de grande astúcia para se esconder, e até, do mesmo passo que ostenta a finura da sua obra, põe em risco a sua segurança. Motivo pelo qual não vejo por que é que o nome do *stellio* é rejeitado pelos tradutores mais recentes. De facto, não apresentam nenhum testemunho com o qual provem que שממית significa “macaco” ou “aranha”. É que tão-pouco aparece noutra lugar nas Sagradas Escrituras. Ao passo que o nome de *stellio*, em minha opinião, adequa-se às mil maravilhas. Em primeiro lugar, porque parece originar-se

²⁶ Certa variedade de lagarto.

Sed hoc parum refert. Id quod refert intelligamus: nempe, haec a Sapiente fuisse sapienter adducta ut uideamus, non tam uiribus et potentia, quam ratione et prouidentia esse uitam muniendam. Vires enim sine consilio, sine lege, sine moderatione, sine rationis imperio furibunde ruunt, tempestates et procellas excitant, calamitates important, omnia peruertunt et, cum communibus rebus pestiferae sint, tum illis ipsis qui uires, per summam temeritatem et audaciam, ad patriae pestem conferunt, sunt maxime calamitosae. Contra uero, ubi consilium uiget, ubi ratio dominatur, ubi omnia modo et ratione diriguntur, quamuis opes tenuissimae sunt, status tanem ab exitio incolumis seruari facile potest.

Hoc quidem tyranni minime uident, sed, ut uires augeant, sine consilio opes amplificant, sine moderatione neruos omnes intendunt et iccirco ruinis pestiferis opprimuntur. Cum uero tyranni sint multis obiecti calamitatibus et sempiternis poenis obnoxii, tum uel maxime tyrannus ille qui omnes, impietatis et potentiae magnitudine, superabit, malorum omnium tempestatibus obruetur et suppliciis acerrimis aeuo sempiterno mactabitur. Sequitur enim:

[29.] *Tria sunt quae bene gradiuntur, et quartum quod incedit feliciter:* [30.] *Leo, fortissimus bestiarum, ad nullius pauebit occursum;* [31.] *Gallus succinctus lumbos, et Aries; nec est rex, qui resistat ei.*

Oratio Hebraea sic Latine uerti posset: “Leo, fortissimus bestiarum, neque timore cuiusquam retrocedit, et canis uenaticus, et hircus et cum ipso rex Alcum”. Pro rege Alcum, Latinus reddidit: “nec est rex qui resistat ei”. Quis sit iste rex Alcum, nec historiae declarant, nec interpretes exponunt, neque ratio patitur, ut, per eum, quemuis regem aut tyrannum intelligamus, sed unum praecipue, qui sit documentum roboris atque potentiae, qui tamen ad exemplum summae miseriae proponatur. Ex ruinae autem magnitudine poterit intelligi fore ut sceleris etiam immanitate omnes tyrannos uincat et superet. Casus autem illius nomine explicatur. Alcum enim significat “minime consurget” Est enim nomen hoc multis uocibus conflatum. לֹא significat ‘minime’. עָמַד uero ‘stare’, ‘surgere’, ‘erigere’. Vt utrumque in hoc rege futurum indicet: opes scilicet ingentes, quibus formidinem ceteris incutiet, et insigne calamitatis exemplum. Non enim stabit aliquis aut in aliquo gradu eo renuente consistet, neque ipse post semel acceptam cladem se poterit ad aliquam spem erigere. Habet igitur hoc nomen magnam uim ad calamitatem illius explicandam. Significat enim ‘ruinam cum desperatione salutis’. Cum enim dicit, “Minime consurget”, significat et illum ruina opprimendum et minime restituendum et excitandum. Et [924] hoc cui potius accommodari potest quam Antichristo?¹⁴³ Quamuis enim omnes tyranni, qui in scelere perseuerant, sempiternis

¹⁴³ Antichristo *Antuérpia*] Antechristo *Roma*

em [923] ממש, que, para além de outros sentidos, significa também ‘admirar-se’ e ‘espantar-se’, algo que se aplica ao *stellio*. Em segundo lugar, trepa com as patas e, quando é preciso, apoia-se no alto, para se esconder com maior segurança, de tal maneira que nem sequer pode ser facilmente escorraçado dos paços reais.

Mas isto é de pouca monta. Entendamos aquilo que é importante: a saber, o Sábio sabiamente aduziu estes exemplos para que vejamos que devemos proteger a vida, não tanto com forças e poder, mas antes com a razão e o espírito de providência. É que a força, sem deliberação, sem lei, sem comedimento e sem o senhorio da razão, precipita-se desvairadamente, provoca tempestades e agitações, acarreta desgraças, tudo destroi e não só é prejudicial às comunidades, como também é sobremaneira calamitosa para aqueles mesmos que, através de desatino e audácia insuperáveis, aplicam as suas energias à perdição da pátria. Ao invés, porém, onde vigora a ponderação, onde senhoreia a razão, onde tudo é governado pelo comedimento e a moderação, ainda que as riquezas sejam muito escassas, mesmo assim podem facilmente conservar-se estáveis a salvo da ruína.

Ora, os tiranos não veem isto, mas, para acrescentarem as forças, sem ponderação aumentam as riquezas, sem comedimento empenham todos os esforços e por isso ficam esmagados sob funestas ruínas. E não só os tiranos estão expostos a muitas desgraças e sujeitos às penas eternas, como sobretudo aquele tirano que a todos se avantajou pela grandeza da impiedade e do poderio, será esmagado pelas tempestades de todos os males e punido durante a eternidade com os mais terríveis suplícios. Ora, vem a seguir:

29. *Há três coisas que andam bem, e uma quarta que anda magnificamente: 30. o leão, o mais forte dos animais, de nada que encontre terá medo; 31. o galo, que anda mui senhor de si; e o carneiro; e um rei, a quem nada resiste.*

O texto hebraico poderia traduzir-se para latim do modo seguinte: “O leão, o mais forte dos animais, não recua com medo diante de coisa alguma; e o cão de caça; e o bode, e com ele o rei Alcum”. O tradutor latino verteu “rei Alcum” por: “e um rei, a quem nada resiste”. Que rei Alcum seja este, nem as histórias o dizem nem os tradutores o expõem nem a razão admite que por ele se entenda qualquer rei ou tirano, mas um em especial, que seja paradigma de vigor e poder, que todavia se apresenta como exemplo da mais completa mofina. Ora, pela grandeza da ruína poderá entender-se que também em monstruosidade de crime há de vencer e superar todos os tiranos. Ora, a ruína expõe-se através do seu nome. É que Alcum significa “não se levantará”. Trata-se de facto de nome formado de muitas palavras. לא significa “não”, e קום “estar de pé, levantar-se, erguer-se”. Por forma a indicar que neste rei hão de verificar-se duas coisas: a saber, as riquezas imensas, com as quais incutirá receio aos demais, e um extraordinário exemplo de desgraça. É que, sem a sua aprovação, ninguém permanecerá firme ou em alguma posição, nem ele mesmo, uma vez sofrida a desgraça, poderá alentar-se

supplicis sine ulla spe melioris condicionis cruciandi sint, ratio tamen postulat ut, ad exemplum miseriae sempiternae, tyrannus ille potissimum deligatur qui est omnes tyrannos scelere et impietate et amentia superaturus et in quem nomen Alcum maxime conueniet.

Leo quidem robore praecellit, nullo metu trepidat, ita confidenter incedit ut tergum minime uertat. Canis uenaticus et sagacitate et celeritate ualet: siue, ut noster Latinus interpretatur, gallus gallinaceus noctem peruigilat et gloria summopere ducitur. Caper gregis dux praeit gregi et, quacumque se confert, illum grex, sine ulla recusatione, sequitur, nec ab illius ductu segregatur. At Antichristus¹⁴⁴ robur leonis assumet, et canis uenatici sagacitatem, et in hoste persequendo celeritatem, necnon galli gallinacei peruigilationes et gloriae popularis studium imitabitur, et in imperandi facilitate hirci confidentiam, qui tamen miserrime concidet et cruciatus acerrimos aeuo sempiterno sustinebit.

Ergo neque uires ingentes, neque opes immanes, neque admirabilis industria, nec summum imperium, si uerbi Diuini lumen afuerit, salutem dare poterit, immo, quo maiores opes exstiterint, eo acriora cruciamenta subeunda sunt illis qui opibus efferuntur. Quocirca merito Sapiens ea sententia quae sequitur audaciam comprimit eorum qui opibus humanis insolescunt, quasi exploratum illis sit eas fore sempiternas. Ait enim:

[32.] *Et qui stultus apparuit postquam eleuatus est in sublime; si enim intellexisset, ori suo imposuisset manum.*

Quasi dicat: 'Ex his omnibus quae a nobis dicta sunt, intelliges stultitiam esse in superbia et insolentia positam, sapientiam uero in humilitate et Dei metu constitutam. Quando igitur conuicta erit stultitia tua? Cum gloriaberis insolenter. Quando prudentiae significationem dabis? Cum naturae tuae imbecillitatem cognoueris diligenter et ita te sapienter abiicies et, Dei metu obstupefactus, cauebis ne ex ore tuo uerbum excidat quod in te iram illius incedat.' – Hoc autem significatur per manum ori impositam: quod consideratione uehementis periculi aut admiratione rei alicuius excellentis fieri solebat. Sed non satis est, ad Dei gratiam acquirendam, ut homo nullis opibus intemperanter extollatur, sed est etiam necesse ut mitis et clemens sit. Quod erit ei facillimum qui humilitatem fuerit amplexatus. Vt enim e superbia crudelitas eminet, ita ex animi moderatione mansuetudo nascitur. Admonet igitur uir sapientissimus ut simus mites atque mansueti et maxime ad lenitatem et humanitatem propensi et numquam seditioni atque iurgio materiam praebeamus. Ait enim:

¹⁴⁴ Antichristus *Antuérpia*] Antechristus *Roma*.

com alguma esperança. Por conseguinte, este nome tem grande eficácia para dar a conhecer a desgraça dele. É que significa “ruína sem esperança de salvação”. De facto, quando diz “Não se levantará” significa não apenas que ele deverá ser esmagado pela ruína, mas também que não deverá recuperar nem erguer-se do estado de abatimento. E [924] a quem pode isto melhor adaptar-se do que ao Anticristo? É que, embora todos os tiranos que perseveram no crime devam ser atormentados com suplícios eternos sem esperança alguma de melhor condição, todavia a razão pede que como exemplo da desgraça eterna seja sobretudo escolhido aquele tirano que em crime, impiedade e loucura haverá de superar todos os tiranos e ao qual sobremaneira se ajustará o nome de Alcum.

De facto, o leão avanteja-se pela força, não treme com medo de nada, por tal forma avança confiante que não vira as costas. O cão de caça é superior pela sua rapidez e esperteza: ou, consoante o tradutor latino verte, o galo está desperto durante a noite e é conduzido pelo desejo de glória. O bode é o guia do rebanho e vai à frente dele, e para onde quer que se encaminhe, o rebanho segue-o sem qualquer protesto e não se aparta da sua direção. Ao passo que o Anticristo tomará o vigor do leão, a esperteza do cão de caça e a sua rapidez na perseguição da presa, e imitará as vigílias e o amor da glória popular do galo e a confiança na aptidão para o mando do bode, mas não obstante sucumbirá do modo mais mofino e padecerá eternamente os mais excruciantes tormentos.

Logo, se faltar a luz da palavra divina, nem as imensas forças, nem uma admirável aplicação, nem o poder supremo poderão dar a salvação, e até, quanto maiores forem as riquezas, tanto mais terríveis tormentos deverão sofrer os que se ensoberbecem com elas. Motivo pelo qual com razão o Sábio refreia com o dito sentencioso que se segue a audácia daqueles que se tornam arrogantes com as riquezas humanas, como se tivessem a certeza de que elas hão de ser eternas. Com efeito, diz:

32. Tal homem há que pareceu um insensato, depois que foi elevado a uma sublime ordem, porque se ele tivesse tido inteligência, teria posto a mão na sua boca.

Como se dissesse: “Por todas as coisas que dissemos entenderás que a insensatez faz parte da soberba e da insolência, ao passo que a sabedoria assenta na humildade e no medo de Deus. Por conseguinte, quando ficará provada a tua insensatez? Quando de modo insolente te ufanares. Quando darás mostras de prudência? Quando diligentemente reconheceres a tua fraqueza e por isso sabiamente te abateres e, transido com o temor de Deus, te acautelares para que da tua boca não saia palavra que ateie a Sua ira contra ti.” – Ora, isto dá-se a entender através da mão posta sobre a boca, gesto que costumava executar-se ao considerar um perigo muito grande ou ao sentir admiração por alguma coisa excelente. Mas, para adquirir a graça de Deus, não basta que o homem não se ensoberbeça imoderadamente com quaisquer riquezas, mas é também necessário que seja manso e compassivo. Algo que será muitíssimo fácil para aquele que abraçar a

[33.] *Qui autem fortiter premit ubera ad eliciendum lac exprimit butyrum; et qui uehementer emungit elicit sanguinem; et qui prouocat iras producit discordias.*

[925] In omni genere, uel sermonis uel actionis, praescribit Sapiens modum quo uita conseruatur, quemadmodum immoderatione peruertitur. Itaque sancit ne nimis ius nostrum persequamur, ne cum amicis grauiter expostulemus, ne uicem nostram acriter ulciscendam arbitremur, sed multa dissimulemus, multa non tantum amicitiae, sed etiam hominum imbecillitati, condonemus. Nam, si praeter modum ius exquirimus et omnia quae digna reprehensione uidentur atrociter insectamur, humanitatem retinere non possumus, sed lites et iurgia concitamus. Vt enim, qui multum mulget ouis ubera, exhaurit, et qui nasum uehementius emungit, sanguinem extrahit, ita qui nimis querulus est et ad rixam concitatus, turbat pacem, odium struit multorumque malorum sementem facit.

Quod, si etiam, cum iure niteris, cum non sine ratione in aliquem inueheris, cum iniuria lacessitus incitaris, si irae modum non constituis et mansuetudinis studium deponis, non mediocre flagitium admittis: quid erit cum sine graui causa commoueris et iracundia nimis acriter inflammaris? Ira namque est furor repentinus, animi tempestas, mentis iactatio, agrestis immanitas, omne rationis imperium recusans et in ea etiam quae sunt natura coniunctissima ferociter irruens. Qui igitur iracundiae feritate commouetur, minime poterit esse docilis ad diuinae legis disciplinam.

CAP. XXXI

[1.] *Verba Lamuelis regis. Visio qua erudiuit eum mater sua.*

Nomen quidem Aguris nos incitauit ut in sapientiam illius mentem acriter intenderemus. Nunc rursus aliud nomen non minus ad considerationem diuinae etiam mentis rursus impellet. Nomen autem est Lamuel. Lamuel enim idem est quod “ad ipsos Deus”. Est autem Lamuel Salomon ipse, ut nomen regis, quod est

humildade. É que, assim como a crueldade nasce da soberba, da mesma maneira a mansidão procede do comedimento. Por conseguinte, o sapientíssimo varão aconselha a que sejamos mansos e brandos e muitíssimo inclinados à doçura e humanidade e nunca demos pretexto para as sedições e contendias. Com efeito, diz:

33. Aquele que com força espreme a teta para tirar leite, faz sair dela um suco crasso; e aquele que excita a ira, produz discórdias.

[925] Em toda a sorte, tanto de linguagem quanto de ação, o Sábio prescreve o comedimento, mediante o qual se conserva a vida, da mesma maneira que com a imoderação se arruína. E por isso ordena que não defendamos com excesso os nossos direitos, nem nos queixemos vivamente aos nossos amigos, nem consideremos que devemos vingar-nos violentamente, mas que não façamos caso de muitas coisas e que perdoemos muitas outras, por consideração não apenas à amizade, mas também à fraqueza humana. Na verdade, se procuramos obter o direito para além da justa medida e perseguimos com crueldade tudo o que parece digno de repreensão, não podemos conservar a humanidade, mas despertamos conflitos e discórdias. É que, assim como quem aperta em demasia a teta da ovelha acaba com o leite, e quem assoa o nariz com excessiva força faz sair sangue, da mesma maneira quem se queixa de sobejo e é excessivamente inclinado à briga, perturba a paz, suscita o ódio e semeia muitos males.

Por isto, se até quando te apoias no direito, quando não sem razão te arrebatas contra alguém, quando, atacado, te sentes impelido pela injustiça de que és vítima, se não estabeleces moderação para a ira e pões de parte o amor da mansidão, estás a incorrer em não pequena infâmia: que será quando sem grave motivo te perturbares e te sentires violentamente inflamado por uma excessiva sanha? De facto, a ira é uma loucura repentina, uma tempestade do espírito, uma agitação do entendimento, uma ferocidade selvagem, que rechaça todo o senhorio da razão e arremete até violentamente contra aquelas coisas que por natureza estão muitíssimo próximas. Por conseguinte, quem é agitado pela braveza da iracúndia não poderá aprender com facilidade os ensinamentos da lei divina.

CAPÍTULO XXXI

1. Palavras do rei Lamuel. Visão, pela qual o instruiu sua mãe.

O nome Agur incitou-nos a que dirigíssemos atentamente o entendimento para a sua sabedoria. Agora de novo outro nome não menor nos impelirá outra vez à consideração também do divino entendimento. Ora, o nome é Lamuel. De facto, Lamuel é o mesmo que “Deus com eles”. Ora, Lamuel é o próprio Salomão, tal

adiunctum, plane declarat. Quis enim alius tunc Hierosolymis regnabat et quis erat in quem potius Lamuelis nomen conueniret? Quem enim Deus amplioribus affecit beneficiis? Clarioribus muneribus illustrauit? Cui honores ampliores ad illud usque tempus detulit? Iccirco fuit appellatus “Amabilis Domino”. Non igitur immerito fuit illi nomen impositum quod Dei praesentiam aperte declararet, quae non solum gloriam illius ualde insignem redderet, uerum ciuibus suis esset ualde salutaris. Et, quemadmodum nomine Emanuelis Christi diuina uirtus, qua genus humanum a peste liberauit, explicata fuit, ita Lamuelis nomine Christi benignitas, qua subditis suis admirabili ratione consuluit, fuit etiam praemonstrata. Vt enim Salomon Christi imaginem gessit, ita nomen illius Christi regiam maiestatem praesignauit.

Hac quidem oratione Salomon matrem inducit se et amanter et sapienter erudentem. Amor enim se indicat uerbis ex animo mirabiliter inflammato profluentibus, sapientia uero sententiis grauissimis et maxime salutaribus ad animum audientis emanantibus. Vbi igitur se [926] amor ostendit et sapientia lumen suum profert, nemo qui sana mente sit imperium recusat. Tunc enim monita repudiamus cum aut discentis uoluntati diffidimus, aut sententiam minime sapientem opinamur. Sed attendamus quibus monitis filium mater erudiat:

[2.] *Quid, dilecte mi? Quid, dilecte uteri mei? Quid, dilecte uotorum meorum?*

Hae interrogationes animi uehementer affecti et incitati ardorem exprimunt et ponunt nobis ante oculos uiscera matris, de nulla re alia quam de filii uita, salute, imperio, dignitate memoriaque sempiterna cogitantis. Inquit igitur: ‘Quibus signis, o fili, quem habeo carissimum, quem aluo continui, pro quo uota sanctissima nuncupauit, meum in te amorem ardentissimum testificabor?’ Amor est cupidissimus et curarum plenissimus, itaque numquam eorum bonis quos uehementer amat expletur et semper pericula, quae rebus humanis impendent, ne suis iniiciantur extimescit. Quod, si reliquae matres filios ardentem amant illisque omnia bona cupiunt et de eorum uita sunt ualde sollicitae, quid de me sperandum est, quae te unicum habeo uitae solatium dignitatis ornamentum salutis praesidium, spem nominis sempiterni, patris tui (sanctissimi principis) effigiem, ad summae sapientiae gradum diuinis promissis excitatum et in patria sede constitutum? Quo igitur est amplior status tuus, quo maior exspectatio de tua uirtute concitata, quo ardentius amplitudinem tuae dignitatis expetiui, quo plura uota pro tua salute et incolumitate feci, quo maiora pericula sunt regibus intenta, eo magis anxia tua caussa sum et grauioribus curis sollicitor. Quare, fili, intende mentem, excita uires animi ut matrem audias et monita illius percipias, quae te possunt e grauissimis malis eripere.’

como claramente mostra o título de rei, que está junto. De facto, que outro reinava então em Jerusalém e qual aquele em quem melhor quadrava o nome de Lamuel? Na verdade, a quem concedeu Deus maiores benefícios? A quem honrou com mais ilustres presentes? A quem até àquele tempo concedeu mais amplas honrarias? Por isso foi chamado “Amável para o Senhor”. Por conseguinte, não sem razão lhe foi posto um nome que abertamente declarasse a presença de Deus, que não só tornasse assaz brilhante a sua glória, mas também fosse assaz salutar para os seus concidadãos. E, da mesma maneira que através do nome Emanuel se deu a conhecer a virtude divina de Cristo, graças à qual libertou o género humano da perdição, assim com o nome Lamuel foi também mostrada antecipadamente a bondade de Cristo, graças à qual de modo admirável velou pelos seus súbditos. É que, assim como Salomão simbolizou a imagem de Cristo, assim o seu nome assinalou antecipadamente a majestade régia de Cristo.

Ora, nesta frase Salomão apresenta a mãe ensinando-o com amor e saber. De facto, o amor denuncia-se com palavras que saem de uma alma extraordinariamente abrasada, ao passo que a sabedoria por ditos muito ponderados e sobremaneira salutares, que se derramam sobre a alma de quem escuta. Por conseguinte, quando o amor se [926] mostra e a sabedoria oferece a sua luz, ninguém que esteja em seu são juízo lhes recusa o senhorio. Na verdade, recusamos os conselhos, ou quando desconfiamos dos bons sentimentos de quem os dá, ou consideramos essas opiniões como pouco avisadas. Mas vejamos com que conselhos a mãe ensina o seu filho:

2. Que te direi eu, meu amado filho, que te direi eu, amado fruto das minhas entranhas? Que te direi eu, querido objeto dos meus desejos?

Estas interrogações revelam o ardor de uma alma vivamente apaixonada e animada e colocam-nos diante dos olhos as entranhas de uma mãe que não pensa em outra coisa senão na vida, salvação, poder, dignidade e eterna memória do filho. Por isso, diz: “Com que sinais, ó meu filho, a quem amo muitíssimo, a quem tive no meu ventre, por quem fiz santíssimos votos, hei de provar o meu ardentíssimo amor por ti? O amor é muito ávido e cheio de preocupações. E por isso nunca se sacia com os bens daqueles a quem vivamente ama e sempre está com receio de que se arremessem sobre os seus aqueles perigos que ameaçam a existência humana. Pelo que, se as restantes mães amam ardentemente os seus filhos e desejam para eles todos os bens, se inquietam sobremaneira com as suas vidas, que cumpre esperar-se de mim, para quem tu és o único refrigério da existência, ornamento da minha dignidade, proteção da minha salvação, esperança de nome eterno, imagem do teu pai, o mais santo dos príncipes, tu que foste chamado pelas promessas divinas para degrau da suprema sabedoria e estabelecido na morada celestial? Por conseguinte, quanto mais ilustre é a tua posição, quanto mais expectativa se criou acerca da tua virtude, quanto mais

[3.] *Ne dederis mulieribus substantiam tuam, et uias tuas ad delendos reges.*

‘In primis’, inquit, ‘caue ne, mulierum amoribus deditus, noxiis libidinibus obsequare et inani et futili uoluptate deliquescas. Libidinis enim intemperantia mentem excaecat, opes exhaurit, uires infringit, uirtutem eneruat totumque animum ab industria ad ignauiam traducit. Exemplo praeterea plurimum nocet. Omnes enim se ad regis imitationem conferunt et regum actiones uitae disciplinam putant. Si igitur uiae tuae, id est, actiones tuae, in libidinem pronae fuerint, omnes tui subditi te sequentur et uitam in flagitio et dedecore consument, illi uero praecipue qui ad dignitatem tuam propius accedunt, qui quidem reges habendi sunt. Si enim reges hi nominandi sunt qui sunt regiis uirtutibus exculti, et si omnes quos reges in consilium adhibent et quorum opera in regio munere frequenter utuntur, opus est ut regia uirtute praecellant, consequens est ut reges etiam nominentur.

[927] Hos igitur principes atque adeo reges euertes si libidini te dederis, te enim sequentur et sic eos omni decore spoliabis praesidiaque tua deiicies. Nullum enim regum praesidium in uita firmiter esse poterit hominum uirtute praestantium comitatu. Hoc autem te praesidio nudabis si illi, pro uirtute, libidinis impuritatem fuerint amplexati. Quare, uide et circumspecte quot te rationes circumstant quae regii tui muneris obliuisci non sinunt. Nec enim tibi satis est animi tui statum tueri atque conseruare, nisi etiam operam dederis ut tuorum uirtutem incolumem a flagitiorum dedecore conserues. Omnia praeterea principi uitanda sunt quae rationem a mentis statu deiiciunt.

[4.] *Noli regibus, o Lamuel, noli regibus dare uinum, quia nullum secretum est ubi regnat ebrietas; [5.] ne forte bibant, et obliuiscantur iudiciorum, et mutant causam filiorum pauperis.*

Osee propheta, cum in regnum Israelis inueheretur, inter alias causas exitii immodicas epulas et uinum commemorat, quo mentes oppressae omne studium legis abiecerunt et se constringendos uoluptatibus dederunt. “Libido”, inquit, “et uinum mentem eripiunt”¹⁴⁵. Hoc facit hoc in loco mulier sapiens, ut non solum reges ab impudicarum mulierum familiaritate et conuictu, uerum et a largo uini potu deterreat. Principes enim sunt in specula constituti, ut excubias agant et perpetuo uigilent ne quidquam repente irruat quod statum reipublicae perturbet et in extremum discrimen inducat. Non enim sunt in altissimo dignitatis gradu constituti ut per ludum et iocum uitam in luxu et lasciuia traducant, ut, libidine et uino confecti, torpeant, et somno sepulti iaceant, neque de munere sibi commisso cogitent, sed omnia uitae consilia ad uoluptatem flagitiosam dirigenda putent.

¹⁴⁵ Vd. Vulgata, Os. 4, 11.

ardentemente desejei o prestígio da tua dignidade, quantos mais votos fiz pela tua prosperidade e salvação, quanto maiores são os perigos que ameaçam os reis, tanto mais ansiosa me sinto por tua causa e por mais graves preocupações me vejo apoquentada. Por isso, meu filho, atende e esforça-te por escutar a tua mãe e receber os seus conselhos, que te podem arrancar de males gravíssimos.”

3. *Não dêes a mulheres a tua força nem os teus caminhos a destruíres reis.*

Diz: “Antes de mais, evita, entregando-te a amores de mulheres, ceder a paixões prejudiciais e enfraquecer-te com deleitações vãs e fúteis. É que a intemperança da sensualidade cega o entendimento, acaba com as riquezas, quebranta as forças, enfraquece a virtude e faz que o espírito totalmente passe da atividade para a indolência. Além disso, com o exemplo que dá torna-se muito prejudicial. É que todos se esforçam por imitar o rei e consideram as ações dos reis como um ensino de vida. Por conseguinte, se os teus caminhos, isto é, as tuas ações se inclinarem para a sensualidade, todos os teus súbditos te seguirão e consumirão a sua vida na infâmia e desdouro, e sobretudo aqueles que estão mais próximos da tua dignidade, que devem ser tidos como reis. É que, se devem ser designados por reis aqueles que estão providos com as virtudes de reis, e se é mister que sobressaiam por virtudes régias todos aqueles aos quais os reis consultam e de cujo serviço frequentemente se servem na função régia, é lógica consequência que também sejam designados por reis.

[927] Por conseguinte, destruirás estes príncipes e até reis se te entregares à sensualidade, pois seguir-te-ão e desse modo despojá-los-ás de toda a honra e privar-te-ás das tuas proteções. É que os reis não poderão ter na vida proteção mais sólida do que a companhia dos homens mais avantajados em virtude. Ora, privar-te-ás desta proteção se estes, em vez da virtude, se entregarem à impureza da sensualidade. Por isso, vê e presta atenção a todos os auxiliares que tens ao teu redor que não te deixam esquecer da tua função régia. É que não te basta velar e conservar o equilíbrio do teu espírito, se também não te esforçares por conservar a virtude dos teus súbditos limpa do desdouro das infâmias. Além disso, o príncipe deve evitar tudo o que derruba a razão do senhorio do entendimento.”

4. *Não dêes aos reis, ó Lamuel, não dêes vinho aos reis, porque não há segredo onde reina a bebedice; 5. E para que não suceda que eles bebam e se esqueçam da justiça e transtornem a equidade na causa dos filhos do pobre.*

O profeta Oseias, ao invectivar o reino de Israel, entre outros motivos de infâmia, refere os desregrados banquetes e o vinho, que lhes fez perder o sentido e desprezarem todo o zelo da lei e entregarem-se às deleitações. Diz ele: “A fornicção e o vinho lhes fazem perder o sentido”. [Os 4. 11.] Isto faz nesta passagem a mulher sábia, a fim de desviar os reis não só do trato e intimidade

Ea namque lege, et quasi quadam pactione, et ad principem locum, populi uniuersi consensu peruenere, ut pro uniuerso populo laborarent et salutis communis perpetuam curam susciperent, ita ut non liceat illis, si uelint, honoribus amplissimis se dignos existimari, otium amplecti, et propter ullum uoluptatis genus a publicis negotiis ad suae uoluptatis obsequium traduci. Aliter enim, si non tanti aestimant dignitatem et honorem et imperium ut uoluptatibus exquisitissimis sibi carendum arbitrentur, dignitatem abiiciant, honores aspernentur, imperia deponant, ut sic tandem minore cum infamia in omni flagitio uersentur. Si uero dignitatem omnibus uitae commodis anteponunt, omnia contemnant, ut dignitate uerissima perfruantur.

Quod, si principi non licet saepenumero dormire, cum alii dormiunt, neque bibere, cum alii se ingurgitant, quid erit existimandum, cum principes omnes suas opes ad libidinem conferunt et epulis atque uino et stupris obruuntur? Erit enim tunc necesse ut, sensibus oppressis, demersa mente, iudicio [928] rationis amisso, totus animus sit in libidinis impurissimae potestate, ita ut numquam legem seruet ullam, sed semper litem secundum nefariam cupiditatem det. Sit uinum medicina doloris, alleuamentum calamitatis, afflictiae uitae solatium, statui uero florenti et opibus affluentis, quid opus est immodica uini potione? Quemadmodum consequenter ait:

[6.] *Date siceram maerentibus et uinum iis qui amaro sunt animo. [7.] Bibant, et obliuiscantur egestatis suae, et doloris sui non recordentur amplius.*

Vinum quidem curas interdum pellit et leuat animum sollicitudine somnumque frequenter inducit, ita ut uenia tribuenda uideatur iis quibus res nimis aduersae sint, si aliquando hoc sibi remedium quaesierint, ne semper in maerore atque luctu sint et perpetuis curis intabescant. Liceat igitur illis interdum, quorum uigilantia ad incolumitatem reipublicae requiri minime solet et quorum uita est uehementer inopia et incommodis afflictata, uino curas expellere. At illis, quibus datum negotium est ut perpetuo in studium publicae salutis incumbant et ad quos, ut tam diuinum munus administrent, opes summae et honores amplissimi deferuntur, numquam perpotare liceat neque quidquam aliud facere quod iudicium rationis impediat.

com as mulheres impudicas, mas também do imoderado consumo do vinho. É que os príncipes se encontram postados em lugares elevados, para servirem de atalaias e incessantemente vigiarem para que nada irrompa de repente que possa perturbar a estabilidade do Estado e levá-lo a perigo extremo. Na verdade, não foram colocados no mais alto grau de dignidade para passarem a vida no luxo e na libertinagem, divertindo-se e folgando, e para caírem em apatia, prostrados pela sensualidade e o vinho, e jazerem estirados pelo sono e não pensarem na função de que foram encarregados, mas cuidarem que todas as deliberações da vida devem encaminhar-se às infames deleitações.

Com efeito, com o consenso de todo o povo chegaram àquela posição com a obrigação e quase compromisso de trabalharem em prol de todo o povo e se ocuparem incessantemente da prosperidade comum, de tal maneira que não lhes é lícito se quiserem considerarem-se dignos das mais elevadas honrarias, entregarem-se ao ócio e, por amor de alguma espécie de deleitação, deixarem os negócios públicos para condescender com o seu prazer. É que, caso contrário, se não estimam de tão alto valor a dignidade, a honra e o poder que considerem que lhes cumpre prescindirem de refinadíssimos prazeres, rejeitem a dignidade, desprezem as honrarias, renunciem ao poder para assim poderem ao cabo entregar-se com menor infâmia a toda espécie de indignidades. Mas se antepõem a dignidade a todas as comodidades da vida, tudo menosprezem para gozarem da mais verdadeira dignidade.

Por isso, se muitas vezes ao príncipe não é lícito dormir, quando os outros dormem, nem beber, quando os outros se embriagam: que cumprirá pensar-se quando todos os príncipes aplicam todas as suas riquezas à sensualidade e a banquetes e são destruídos pelo vinho e os adultérios? É que então será forçoso que, com os sentidos entorpecidos, com o entendimento mergulhado em trevas, perdida a capacidade de discernimento [928] da razão, o espírito fique inteiramente em poder da impuríssima sensualidade, de tal maneira que nunca acate lei alguma, mas sempre sentencie de acordo com a sacrílega cobiça. Que seja o vinho mezinha para a dor, alívio na desgraça e refrigério de uma vida atribulada, mas numa situação próspera e abundante de riquezas, que necessidade há de um consumo imoderado de bebida? Tal como em seguida se diz:

6. Mas dá aos que estão aflitos um licor capaz de os embriagar e vinho aos que estão em amargura de coração: 7. para que eles bebam e se esqueçam da sua pobreza e não se lembrem mais da sua dor.

Por vezes o vinho afasta os cuidados e alivia o espírito das preocupações e frequentemente provoca o sono, de tal maneira que parece dever perdoar-se àqueles que defrontam adversidades se por vezes procurarem para si este remédio, para não ficarem sempre na tristeza e mágoa nem definharem com os incessantes cuidados. Por conseguinte, que seja lícito afastar por vezes com o

Cum enim uinum prohibetur, non uini tantum potio prohibetur, sed omnia uetantur quae mentem eripiunt animique sensum obtundunt atque debilitant. Vinum enim est luxus immodicus; uinum est hominum perditorum adulatio; uinum est amor impurus, iracundia praeceps, cupiditas effrenata, odium immane, caerimoniarium etiam immodica superstitio uinum est. Et omnia denique quibus principum sensus hebescent et animi tenebris opprimuntur uina mortifera sunt.

Sed, quorsum pertinet uinum immodicum tam seueris legibus interdici illis qui principem locum obtinent? Vt scilicet munus diuinum obire possint, cuius administrandi gratia sunt in regia sede locati. Ideo enim ad tam altum gradum honoris euecti sunt, ut recte iudicando controuersias omnes dirimerent, illisque precipue consulerent qui magis obnoxii sunt iniuriae. Hi sunt inopes, tenues et abiecti qui, uel propter egestatem uel propter infantiam, ius suum contra potentium uim retinere non possunt. Ait igitur:

[8.] *Aperi os tuum muto, et caussis omnium filiorum qui pertranseunt.*

Est hoc in loco uerbum Hebraeum הלוך, a uerbo הלוך, quod est ‘transire’, uel ‘mutare’, uel ‘excindere’, uel ‘expellere’. Et, quia mutatio uel est ad meliorem uel ad deteriore conditionem, significat, interdum, ‘nouas uires assumere’, interdum uero ‘pristinam uires amittere’. הלוך, igitur, hoc in loco, expulsio est et mutatio qua tenues a [929] propriis bonis eiiciuntur, quod noster Latinus interpretatus est “qui pertranseunt”. Apud Hebraeos est: “Aperi os tuum muto ad iudicium omnibus filiis expulsionis”, aut, ut quidam interpretantur, “filiis excisionis”. “Filiis” uero, uel “expulsionis” uel “excisionis,” Hebraeorum more expulsos uel excisos appellat. Sensus igitur est: ‘Non expendas quam diserte quisque causam suam tueatur. Multi namque causas malas uel orationis obtinuerunt et multi in bonis infantia conciderunt. Nec ad potentiam cuiusquam in iudicando respicias. Pauperes enim potentium opibus repugnare non queunt: quocirca sunt principum benignitate in iudicio subleuandi.’

vinho as preocupações àqueles cuja vigilância não costuma ser necessária para a segurança do Estado e cuja vida é fortemente atribulada pela pobreza e as incomodidades. Àqueles, porém, aos quais foi dada a incumbência de incessantemente se ocuparem com o cuidado da salvação pública e aos quais são concedidas as maiores riquezas e as mais elevadas honrarias para tomarem sob os seus ombros um cargo tão divino, nunca lhes seja lícito embriagarem-se nem fazer outra coisa qualquer que embarace o discernimento da razão.

Na verdade, ao proibir-se o vinho, não só se proíbe o consumo do vinho, mas interdita-se tudo o que arrebatava o entendimento e obscurece e debilita as capacidades do espírito. É que vinho é o luxo imoderado; vinho é a lisonja dos homens perversos; vinho é o amor impuro, a arrebatada iracúndia, a desenfreada cobiça, o ódio desumano, e também é vinho a excessiva prática supersticiosa das cerimônias. E, finalmente, são vinhos mortíferos todas as coisas com as quais os sentidos dos príncipes se embotam e o espírito é apagado pelas trevas.

Mas, a que visa com tão rigorosas leis proibir o excesso de vinho àquelas pessoas que detêm um lugar de poder? Como é óbvio, para que possam desempenhar a função divina para a gestão da qual foram colocados num lugar régio. É que foram guindados a um grau de dignidade tão elevado para, ao julgarem com retidão, acabarem com todas as controvérsias, e sobretudo para protegerem aqueles que estão mais sujeitos à injustiça. Estes são os pobres, os fracos e os desprezados que, ou por causa da sua indignidade ou por causa da sua incapacidade de falar, não podem sustentar o seu direito contra a força dos poderosos. Por conseguinte, diz:

8. Abre a tua boca a favor do mudo e para defenderes as causas de todos os filhos que passam.

Nesta passagem encontra-se a palavra hebraica חלוף, derivada do verbo חלוף, que significa “passar” ou “mudar” ou “separar” ou “repelir”. E, porque a mudança ou é para uma condição melhor ou para uma pior, significa umas vezes “adquirir novas forças”, mas outras “perder as forças primitivas”. חלוף, por conseguinte, nesta passagem, significa a expulsão e mudança pela qual os fracos [929] são despojados dos seus bens, algo que o nosso tradutor latino verteu por: “que passam”. No texto hebraico encontra-se: “Abre a tua boca a favor do mudo no juízo a favor de todos os filhos da expulsão”, ou, como certos interpretam, “filhos da destruição”. Ora, ao modo hebraico, chama “filhos”, ou da “expulsão” ou da “separação”, aos expulsos ou separados. Por conseguinte, o sentido é: “Não ponderes o quão eloquentemente cada um defende a sua causa. É que muitos venceram causas ruins mediante a força das palavras e muitos foram vencidos nas boas devido à incapacidade para falar. E ao julgares não olhes para o poder seja de quem for. É que os pobres não podem opor-se às riquezas dos poderosos: razão pela qual nos juízos devem ser ajudados pela bondade dos príncipes.”

Haec autem probitas qua tenues et oppressi subleuantur est illa oris apertio ad quam mater sapiens sapientem filium adhortatur. Inquit enim: ‘Iacentem erige; mutum, hoc est, indisertum, ne diffidat, oratione confirma. Nec eloquentiam, nec opes in iudicio spectes, sed aequitatem iuris examina, ut eiectos in propriam sedem restituas, et eam sententiam feras quae nullo modo a legis diuinae sanctitate ullam in partem declinet.’ Eadem sententiam repetit, ut eam fortius in animo infigat. Ait enim:

[9.] *Aperi os tuum, decerne quod iustum est, et uindica inopem et pauperem.*

Cum admonet ut os aperiat non solum clementiam, uerum etiam libertatem sancit. Os enim iudicis aut muneribus obstruitur aut metu impeditur ne uerum iudicet. Hoc igitur dicit mulier in laude mirabilis: ‘Cogita, fili, te Dei personam in iudicando sustinere. Cunctas igitur humanas opes despicias opus est et infra te positas arbitreris. Ne te igitur munera teneant quominus oratione plena clementiae et humanitatis eos excites qui causam suam agere non audent, nec tibi metus sit impedimento ne libere contra potentium, si non iuste litigauerint, sententiam proferas. Deum sequere, qui neque muneribus delentur nec principum personam, sed iuris aequitatem, in iudicio perpendit.’

Et haec quidem sunt sapientissimae matris decreta et consilia, quae filium ad continentiam et pietatem et studium diuini iuris et aequitatis erudit. At filius, matris oratione incensus, in matris laudes erumpit. Nec tamen illam praecipue laudat, sed in genere uniuerso uersatur, ut eas laudes uniuersas in illam tandem conferat. Ait igitur:

[10.] *Mulierem fortem quis inueniet? Procul et de ultimis finibus pretium eius.*

Si uirum uera uirtute firmatum difficile est inuenire, quanto erit difficilius mulierem uirtutis robore firmo praeditam reperire! Est enim genus muliebre molle et infirmum et inconstans, leuissimo aerae flatu in contrarias partes incitatum; insidiosum et fallax, ad concinnandas fraudes callidum, ad officium tuendum iudicio rationis orbatum, ad scelus suscipiendum audacissimum, ad fidem conseruandam timidissimum; [930] ubi non licet, auarum; ubi parsimonia laudem habet, effusum; blanditiis ualde noxium, iracundia metuendum. Mulieres multis ciuitatibus et regnis et nationibus interitum attulere; illarum causa, quam plurimis in locis religio uiolata fuit multaque mortales in sempiternam miseriam deturbati.

Ora, esta honestidade mediante a qual os fracos e oprimidos são ajudados, é aquele abrir da boca ao qual a mãe sábia exorta o filho. Com efeito, diz: “Alenta o prostrado; anima com as tuas palavras o mudo, isto é, o privado de eloquência, para que não desespere. No julgar, não olhes para a eloquência, nem para as riquezas, mas pondera a equidade do direito, a fim de restituíres à sua morada os expulsos, e pronuncia sentenças de tal teor que de forma alguma se apartem, quer para um lado quer para outro, da santidade da lei divina.”

E repete o mesmo conselho, para gravá-lo mais fortemente no espírito, pois diz:

9. Abre a tua boca, ordena o que é justo, e faz justiça ao necessitado e ao pobre.

Quando aconselha que abra a boca prescreve não apenas a compaixão, mas também a liberdade. É que a boca do juiz ou se tapa com presentes ou se silencia com o medo, para impedi-la de julgar a verdade. Por conseguinte, a mulher de admirável merecimento diz o seguinte: “Pensa, meu filho, que ao julgares representas o papel de Deus. Portanto, é necessário que desprezes todas as riquezas e penses que elas se encontram colocadas abaixo de ti. Por isso, que os presentes não te impeçam de, com palavras cheias de compaixão e humanidade, incitares aqueles que não se atrevem a defender a sua causa, e que o medo não te seja empeco para livremente te opores à opinião dos poderosos, se não pleitearem com justiça. Imita a Deus, que não se deixa seduzir por presentes e, em juízo, não pesa o cargo dos príncipes, mas a equidade do direito.”

Ora, estes são os conselhos e mandados da sapientíssima mãe, que ensina ao filho a moderação, a piedade e o amor do direito divino e da equidade. E o filho, entusiasmado com as palavras da mãe, irrompe no louvor da mãe. Todavia, não dirige o louvor especificamente a ela, mas entrega-se a um louvor genérico, por forma a que, ao cabo, estes encarecimentos gerais se dirijam a ela. Por conseguinte, diz:

10. Quem achará uma mulher forte? Seu preço excede a tudo o que vem de remontadas distâncias e dos últimos confins da terra.

Se é difícil encontrar um varão fortalecido pela verdadeira virtude, quanto mais difícil será descobrir uma mulher provida do firme vigor da virtude! É que o género feminino é frouxo, fraco e inconstante, deixando-se levar em direções opostas pelo mais ligeiro sopro de vento; ardiloso e falso, astuto para maquinar embustes, desprovido do discernimento da razão para cumprir os deveres, muitíssimo inseguro para cumprir a palavra; [930] avaro, quando não cumpre sê-lo; perdulário, quando é recomendável a parcimónia; nocivo pelos seus amavios e temível pela sua ira. As mulheres ocasionaram a ruína de muitas cidades, reinos e povos; por causa delas, em inúmeros lugares a religião foi ultrajada e muitos mortais preci-

Quo igitur haec infirmitas magis quotidianis uitae communis exemplis explorata est, eo magis admiranda uirtus est mulieris, uirtutis et constantiae laude praecellentis.

Quid enim mirabilius quam cernere egregiam in summa naturae imbecillitate uirtutem et diuinam in muliebri fragilitate constantiam et in omni denique officiorum genere uirilem industriam, et laudem decoris et honestatis in omni rerum uarietate singularem? Quo enim uirtus aliqua minus speratur, eo, cum eminet et apparet, maiorem admirationem excitat. Illa uero interrogatio qua Sapiens utitur non uim negationis, sed difficultatis habet. Non enim significat nullam mulierem fortem reperiri, sed difficillime reperiri. Veluti cum Daud ait: “Quis ascendet in montem Domini, aut quis stabit in loco sancto eius?”¹⁴⁶ Comparat autem lectissimae feminae uirtutem, gemmis ex locis ualde longinquis aduectis. Nulla res est intra caeli complexum quae cum uirtutis splendore conferri merito possit, cum uirtus Solis etiam et Lunae claritatem uincat. Sed, quia gemmarum pretium omnibus opibus antecellit, maxime uero si ex longinquis terris aduehantur (ea enim quae aliunde importantur pluris aestimari solent quam illa quae tellus patria passim fundit), ideo uirtus excellentis mulieris cum gemmarum fulgore comparatur. Persequitur deinde fructus qui ex ea uirtute capiuntur, ait enim:

[11.] *Confidit in ea cor uiri sui, et spoliis non indigebit.* [Id est: “Nec opes quaesitae minuuntur”]

Multi quidem uiri curis molestissimis afflicti dum mulierum imbecillitatem considerant neque uident quomodo res adeo caras illi committant, cuius naturae diffidunt. Matrimonii quidem ius et sanctitas postulat ut sit uiro cum uxore rerum omnium communitio neque sit eorum alterutri quidquam ab altero seiunctum. Opus igitur est ut maritus uxori arcana, dignitatem, rem familiarem credat, si cupit matrimonii ius sancte tueri atque conseruare. Sic enim a laboribus animum reficiet et in fide mulieris optima conquiescet. Praeterea, cum sic inter uirum et mulierem officia dispartita sunt ut ille quaerat opes, illa conseruet, mulierem oportet sumptibus modum statuere ne opes, cum minime opus est, imminuantur. Aliter enim superuacanea erit uiri diligentis industria, si, quaecumque ille domum congesserit, illa sine modo consumpserit. Vt enim idem Salomon ait, mulier sapiens domum aedificat, stulta uero domus fundamenta conuellit.

Quid igitur miserius esse poterit uiro qui domum duxerit mulierem insanam et ab omni officio prudentis mulieris abhorrentem? Quomodo enim [931] mulier garrula teneri poterit ne secretum enuntiet? Aut proterua ne lectum genialem

¹⁴⁶ Vd. Vulgata, Ps. 23, 3.

pitados na desgraça sempiterna. Por conseguinte, quanto mais conhecida é esta fraqueza pelos exemplos quotidianos da vida corrente, tanto mais admirável é a virtude da mulher que se avanta pelos merecimentos de coragem e perseverança.

De facto, que mais admirável do que enxergar a mais singular virtude na natureza mais fraca e na fragilidade da mulher uma sobrenatural perseverança e, por derradeiro, no cumprimento de toda a sorte de obrigações, uma atividade varonil e um extraordinário lustre de honra e dignidade nas mais variadas circunstâncias? É que, quanto menos se está à espera de uma virtude, tanto ela, quando surge e avulta, provoca maior admiração. E aquela interrogação que o Sábio utiliza tem um sentido não de negação, mas de dificuldade, porquanto não significa que não se encontra nenhuma mulher forte, mas que se encontra com muitíssima dificuldade. Como quando Davi diz: *Quem subirá ao monte do Senhor? Ou quem estará no seu santo lugar?* [Sl 24. 3.] Por outro lado, compara a virtude da mulher de escol com as pedras preciosas trazidas de lugares muito longínquos. Coisa alguma existe de entre as que o céu abarca que com justiça possa cotejar-se com o esplendor da virtude, sendo certo que a virtude vence a claridade até do sol e da lua. Mas, a virtude da mulher excelente é comparada com o brilho das pedras preciosas porque o valor destas é superior ao de todas as riquezas, e sobretudo se são trazidas de terras longínquas (pois o que é importado de alhures costuma ser mais apreciado do que aquilo que o solo pátrio produz por toda a parte). Em seguida refere-se ao fruto que se colhe desta virtude, pois escreve:

11. *O coração de seu marido põe nela a sua confiança e ele não necessitará de despojos.* [Ou seja: “nem as riquezas procuradas se diminuem”]

Decerto que muitos maridos são atribulados por cuidados mui desagradáveis quando pensam na fraqueza das mulheres e não veem como deixar coisas muito valiosas ao cuidado de alguém de cuja natureza desconfiam. Ora, o direito e a santidade do casamento exigem que o marido tenha todas as coisas em comum com a esposa e que nenhum de ambos tenha seja o que for separado do outro. Por conseguinte, é mister que o marido confie à esposa os segredos, a dignidade e o património, se deseja respeitar santamente e observar fielmente o direito do matrimónio. É que assim restabelecer-se-á dos trabalhos e descansará na fidelidade da excelente esposa. Além disso, quando entre marido e mulher as obrigações estão de tal maneira repartidas que ele procura obter as riquezas e ela conservá-las, convém que a mulher imponha moderação aos gastos para que as riquezas não diminuam quando não é preciso. É que, caso contrário, será inútil a atividade do varão diligente, se ela sem moderação gastar tudo o que ele tiver ajuntado em casa. É que, como diz o mesmo Salomão, a mulher sábia constrói a casa, e a insensata arruína os seus alicerces.

Por conseguinte, que poderá existir de mais desventurado do que o homem que casar com uma mulher insensata e que sente aversão por todos os deveres

libidinis impuritate contaminet? Aut prodiga ne opes, uiri multo sudore quaesitas, absumat? Diffidentia igitur miseri hominis animum curis excruciat, ita ut numquam possit ullam quietis partem capere. Is igitur qui mulierem nactus est, et moribus recte constitutam et singulari fide praeditam et in re familiari conseruanda uigilantem, potest asserere, ut idem Sapiens attestatur, se esse a Deo egregio atque singulari beneficio cumulatum. Domi namque habet mulierem cuius sermone et communione delectetur, foris uero confidet omnia fore domi tranquilla. Non enim metuet ne mulier arcana diuulget aut pudorem uiolet aut opes effundat. Semper igitur confidens erit et ita in tranquilla pace uersabitur. Ait deinde:

[12.] *Reddet ei bonum, et non malum, omnibus diebus uitae suae.*

Male referunt gratiam maritis mulieres ignauae, petulantes, feroces et infestae. Ignauae namque pecuniam dissipant, multo uirorum labore partam; petulantes, dignitatem uirorum commaculant; feroces, contumeliis assiduis maritos afficiunt, et in illos nimis iracunde frequenter inuehuntur quos amare et reuereri perpetuo debuissent. Hoc non facit mulier laude dignissima, sed operam dat, ut cum uiro fide et beneuolentia certet, et ingrati animi crimine liberetur. Quod ut melius efficiat, otium fugit ne, dum uir eius est in augenda re uehementer occupatus, res ipsius ignauia dissipetur.

[13.] *Quaesiuit lanam et linum, et operata est consilio manuum suarum.*

Hoc in loco est annotandum, non modo laudari mulieris uigilantis industriam, sed etiam prudentiam atque moderationem illius quae non se in uiri opus interponit, sed muliebri tantum munus assumit. Non enim dicit: “Parabit arma, equos alet, uenationi operam dabit”. Neque dicit: “Capesset rempublicam et in curiam se conferet, ut consilio patriam iuuet, aut publicum aliquod munus administret.” Haec enim sunt officia uiris attributa, quae numquam mulier sapiens usurpabit. Vt enim uir qui numera mulieribus assignata suscipit se hominem animo pusillo et abiecto praeditum esse demonstrat, ita mulier, quae se uirorum operibus admiscet, audaciam et impudentiam indicat, uituperatione dignissimam. Est enim hoc naturae totius inuersio et munerum perturbatio atque confusio. Et, cum in uiro animi magnitudo requiratur, in muliere laus modestiae flagitetur, hanc officiorum peruersitatem uirtutis utriusque interitus consequitur. Nam neque uir fortis esse potest muliebribus officiis implicatus, neque mulier moderata uirile aliquod munus usurpans. Praeterea, cum id quilibet feliciter agat ad quod natus et aptus est, et sic a [932] natura constitutum sit ut aliud sit uiri, aliud uxoris officium, euenit, cum uel uir mulieris opera tractat uel mulier uiri munus arripit, ut nihil recte fieri possit. Hoc ne se crimine sapiens mulier astringat, linum et lanam quaerit, non solum ut ancillas exerceat, uerum ut ipsa, plus exemplo quam

da mulher prudente? Na verdade, de que modo [931] poderá a mulher tagarela deixar de contar um segredo? Ou a impudente de manchar com a impureza da sensualidade o leito matrimonial? Ou a pródiga de esbanjar as riquezas adquiridas com muito suor do marido? Portanto, a falta de confiança do marido infeliz, atormentará o seu espírito com preocupações, de tal maneira que nunca pode sentir um pouco de tranquilidade. Por conseguinte, o que obteve uma esposa não só provida de bons costumes, mas também dotada de extraordinária lealdade e ciosa da preservação do património doméstico, pode afirmar, consoante atesta o Sábio, que Deus o cumulou com um benefício extraordinário e fora do comum. É que tem em casa uma mulher com cujas palavras e companhia se deleita, e quando se encontra fora confia que no lar tudo ficará tranquilo. Com efeito, não se arreceia de que a mulher divulgue os segredos ou atente contra o pudor ou esbanje as riquezas. Portanto, estará sempre confiante e assim viverá numa paz tranquila. Diz em seguida:

12. *Ela lhe tornará o bem, e não o mal, em todos os dias da sua vida.*

Testemunham mal o seu reconhecimento aos maridos as mulheres preguiçosas, atrevidas, violentas e hostis. É que as preguiçosas esbanjam o dinheiro, obtido com muito esforço pelos maridos; as atrevidas, mancham a honra dos esposos; as violentas, cobrem de insultos incessantemente os maridos, e frequentemente arremetem com sobeja sanha contra aqueles a quem sempre deveriam amar e respeitar. Não faz isto a mulher totalmente digna de louvor, mas empenha-se em emular o marido em lealdade e bem querer, e em estar isenta de toda a tacha de ingratidão. A fim de melhor levar a cabo isto, foge da ociosidade para que, ao tempo em que o seu marido se ocupa em afanosamente aumentar o património, este não se dissipe por culpa da sua preguiça.

13. *Buscou lã e linho e o trabalhou com a indústria de suas mãos.*

Nesta passagem convém anotar que não só se louva a atividade da mulher desvelada, mas também a sensatez daquela que não se intromete no trabalho do marido, mas se ocupa exclusivamente das funções femininas. É que não diz: “Aparelhará as armas, alimentará os cavalos, entregar-se-á à caça”. Nem diz: “Entrará na carreira pública e dirigir-se-á para o senado, a fim de ajudar a pátria com os seus conselhos, ou encarregar-se-á de alguma função pública.” De facto, estes são cargos atribuídos aos varões, que a mulher sábia nunca ocupará. É que, assim como o varão que toma a seu cargo tarefas destinadas a mulheres demonstra que é homem de espírito apoucado e vil, assim a mulher que se imiscui em trabalhos de homens dá mostras de atrevimento e impudência, merecedora de grande vituperação. É que isto é a total inversão da natureza e a perturbação e confusão dos deveres de cada sexo. E, uma vez que no varão se requer grandeza

imperio, muneri satisfaciatur, manibus suis opus exsequitur. Quantum uero haec industria familiae conferat, ostendit Sapiens, dum ait:

[14.] *Facta est quasi nauis institoris, de longe portans panem suum.*

Si mulier nihil aliud ageret quam ut diligenter asseruaret ea quae uir suus domum importauerat, non parum adiumenti rebus domesticis attulisset. At, cum eo minime contenta, ne ignauia torpeat aut ancillas otio corrumpi sinat, opera multa ad usum uitae ualde necessaria moliatur, mirum est quantum diligentia sua familiae incolumitati prospiciat. Illam igitur Sapiens cum nauis comparat, e longinquis regionibus merces, non ad luxum, sed ad cultum uitae necessarium, conuehente. In longinquitatis autem uerbo mulieris prudentiam designat, quae non tum, cum necessitas urget, operi incumbit, sed multo ante familiae prospicit, ne repentino aliquo incommodo perturbetur.

Sed animaduertendum est an opera sua sic faciat ut aliquod signum uitae delicatioris emineat, ut illae facere solent quae opera, quidem muliebria, neglegenter tamen, ut non opus, sed ludus quaesitus esse uideatur, interdum agunt. Nihil minus, nihil enim otiose et neglegenter a muliere sapiente fit; nihil cum langore et desidia molitur, odit enim pigritiam, inertiam detestatur, otium uitae pestem putat, est enim infestum ualetudini, perniciosum rei familiari, uirtutibus inimicum. Mentem enim hebetem reddit, animum tenebris opplet, obliuionem decoris inducit et flagitiorum uim paulatim infert, ita ut uitiorum omnium seminarium in otio consistere uideatur. Hoc intelligens mulier ad laudem insignis, non exspectat dum Sol oriatur, sed ante lucem surgit ut noctis partem ad diurnum tempus adiungat. Sic enim sequitur.

[15.] *De nocte surrexit.*

de alma e na mulher se espera moderação, esta perversão dos deveres acarreta consigo o aniquilamento da virtude de ambos. Com efeito, nem o varão forte pode ser embaraçado com deveres próprios de mulheres, nem a mulher comedida indevidamente desempenhar alguma função varonil. Além disso, uma vez que qualquer pessoa faz com felicidade aquilo para que nasceu e tem aptidão, [932] e foi estabelecido pela natureza que o dever e ofício do varão seja um, e outro o da mulher, acontece que, quando ou o varão se ocupa de atividades de mulher, ou a mulher se atribui funções de homem, nada se pode fazer corretamente. A mulher sábia, para não incorrer nesta culpa, procura o linho e a lã, não só para ocupar as criadas, mas também para ela mesma, mais com o exemplo do que com a autoridade, cumprir com a sua obrigação, executando o trabalho com as suas próprias mãos. O Sábio mostra o quanto é útil à família esta atividade, ao dizer:

14. *Fez-se como a nau do negociante, que traz de longe o seu pão.*

Se a mulher não fizesse outra coisa que não fosse conservar sob a sua guarda aquilo que o seu marido trouxera para casa, teria contribuído com não pequena ajuda para a economia doméstica. Mas, uma vez que, insatisfeita com isto, a fim de não se deixar imobilizar na inação ou não permitir que as criadas sejam corrompidas pela ociosidade, se abalança a muitos trabalhos assaz necessários para utilidade da vida, é espantoso o quanto a sua diligência provê pela conservação da família. Por conseguinte, o Sábio compara-a com uma nau, que transporta de longínquas regiões mercadorias necessárias, não para o luxo, mas para a conservação da vida. Ora, com a expressão relativa a lonjura simboliza a prudência da mulher, que não se aplica à obra só quando a necessidade aperta, mas com muita antecipação vela pela família, para que um incômodo repentino a não perturbe.

Cumpre, porém, prestar atenção a se ela faz de tal modo os seus trabalhos que ressalte algum sinal de um teor de vida mais voluptuoso, como costumam fazer aquelas que por vezes se ocupam com trabalhos próprios de mulher, sem dúvida, mas de modo remisso, que dá visos de tratar-se não de trabalho, mas de uma distração que se procurou. Nada disto acontece com ela, pois a mulher sábia nada faz de forma negligente e ociosa; nada empreende com indolência e lassidão, pois odeia a preguiça, abomina a apatia e considera a ociosidade um flagelo, porquanto é prejudicial à saúde, pernicioso para o património familiar e inimiga das virtudes. Com efeito, torna o entendimento obtuso, cobre de trevas o espírito, leva ao esquecimento da honra e aos poucos traz consigo a pesada carga das infâmias, por tal forma que parece que no ócio se encontra a causa de todos os defeitos. Ciente disto, a mulher que se avantajava em merecimentos, não espera que o sol nasça, mas levanta-se antes do romper da alva a fim de juntar parte da noite ao tempo diurno. Com efeito, seguem-se estas palavras:

15. *Levantou-se de noite*

Praeterea, non sic est in re familiari diligens ut nimis restricta atque tenax sit, et familiae suae non benigne prospiciat. Intelligit enim eum qui male seruos habet duabus uirtutibus carere. Prima quidem est humanitas atque clementia, quam hominibus natura debemus, maxime uero domesticis, quibus diuino iure astricti sumus. Nam, praeter quam quod ab eodem generis fonte profluxerunt, in fidem nostram recepti sunt, ita ut sint a nobis animo patrio sustentandi. Altera uirtus est prudentia. Si enim seruos aspere tractamus, inimicos intra parietes alimus et eos furari compellimus, eorumque uitam, quibus bona pars rei familiaris continetur, in periculum inducimus. Haec ne flagitia fiant, sapiens mulier familiae [933] suae cibum large suppeditat. Sequitur enim:

Deditque praedam domesticis suis, et cibaria ancillis suis.

Hoc est: dabit domesticis suis cibum et demensum ancillis suis. Cum praeterea intelligat nihil esse agricultura fructuosius, opes enim reliquae aut diripiuntur, aut usu consumuntur, aut uetustate euanescunt, ager uero bene cultus singulis annis fructus affert, quibus homines aluntur et excoluntur et, pro parte sua, rempublicam sustentant: mulier igitur non purpuram, non gemmas, non maximi pretii monilia, ut pulchrior appareat, emenda putat, sed pecuniam, quam lautae mulieres in ornatum immodicum impendunt, in agrum confert, unde fructus uberes ad alendam familiam percipiat. Facile namque solidam utilitatem uanissimis ornamentis anteponit. Sequitur enim:

[16.] *Considerauit agrum, et emit eum; de fructu manuum suarum plantauit uineam.*

Non modo industriam, sed prudentiam et iustitiam mulieris optimae laudat, nihil enim temere, nihil nisi optimo consilio, facit. Antequam igitur agrum emat, consilium capit. Praeterea, non rapinis neque lenociniis pecuniam parat, sed operibus manuum suarum, ut in augenda re familiari nullum flagitii uestigium possit animaduerti. Neque solum est prudentiae laudem assecuta neque innocentiae puritate commendata, uerum et fortitudinis praesidio cincta. Sequitur enim.

[17.] *Accinxit fortitudine lumbos suos, et corroborauit brachium suum.*

Além disso, não é tão diligente no meneio do agregado familiar que se torne escassa e avara e vele pela família de modo pouco benévolo. É que entende que aquele que trata mal os servos carece de duas virtudes. Ora, a primeira é a humanidade e compaixão, que por natureza devemos aos homens, e sobretudo aos servidores domésticos, aos quais por direito divino estamos obrigados. Com efeito, para além do facto de que têm a mesma origem que nós, foram acolhidos sob a nossa proteção, de tal maneira que devem ser por nós amparados com ânimo paternal. A segunda virtude é a prudência. É que, se tratamos os criados com desabrimento, estamos a alimentar inimigos de portas adentro e a obrigá-los a roubarem, e pomos em risco as suas vidas, nas quais se cifra boa parte do património doméstico. Para que não se cometam estas indignidades, a mulher sábia [933] provê de abundante alimento a sua famulagem. Com efeito, diz-se a seguir:

e repartiu a presa aos seus domésticos e o sustento às suas escravas.

Isto é: dará aos seus domésticos alimento e às suas escravas a ração. Sendo, além disso, certo que compreende que nada existe de mais proveitoso que a agricultura, pois as demais riquezas ou são saqueadas, ou se gastam com o uso, ou desaparecem com o passar do tempo, ao passo que um campo bem cultivado produz frutos todos os anos, com os quais os homens se alimentam e se vestem e, na medida do que cada um pode, sustentam o Estado: por consequência, a mulher pensa, não que deve comprar tecidos de púrpura nem pedras preciosas nem jóias de elevadíssimo preço, para aparecer mais formosa, mas aplica o dinheiro, que as mulheres opulentas gastam em imoderados atavios, à propriedade agrícola, da qual colhe abundantes produções para alimentar a família. Com efeito, sem hesitação antepõe o sólido proveito aos ornatos totalmente fúteis. Com efeito, segue-se:

16. *Considerou um campo, e comprou-o; plantou uma vinha do fruto das suas mãos.*

Elogia não só a atividade, mas também a sensatez e justiça da mulher excelente. É que nada faz de forma irrefletida, nada faz sem ponderadíssima deliberação. Por conseguinte, antes de comprar um campo, toma conselho. Além disso, obtém o dinheiro, não mediante roubos ou alcovitices, mas com os trabalhos da sua mão, a fim de que no aumento do seu património familiar não se possa enxergar nenhum indício de desonestidade. E não só alcançou o louvor de prudente e a recomenda a pureza da inocência, como também se encontra cercada pela proteção da fortaleza, pois diz-se a seguir:

17. *Cingiu os seus rins de fortaleza e fortaleceu o seu braço.*

Non facit natura fortes, sed diuina gratia animos inuicto praesidio firmat. Nam et uiri robustissimi animis saepe concidunt, et mulieres nimis imbecillae facinora diuinae uirtutis edunt. Mulier igitur, quae fortis et constans est, se esse diuina gratia munitam argumento firmissimo demonstrat. Sic autem exploratum illi poterit esse labores suos inanes minime futuros.

[18.] *Gustauit, et uidit quia bona est negotiatio eius; non exstinguetur in nocte lucerna eius.*

Nihil enim est uirtute magis quaestuosum, quae non solum in uita praesidia firmissima comparat, uerum etiam in morte lumen praefert, et tunc uel magis mentem illustrat cum omnia tenebris sepeliri uidentur. Nec enim uerissimi decoris splendor immanitate mortis exstinguitur, est enim diuinus atque sempiternus. Laudis quidem est mulieris uigilantis tenebras nocturnas, in illius domo lucernis expelli, ut sit semper ad subitos casus parata et ut bona noctis pars, non in somno et desidia, sed in opere consumatur.

Hoc tamen in loco, oratio haec, non tam uidetur ad laudem [934] quam ad laudis praemium referenda. Cum igitur dicit non exstinguendam illius lucernam, uitam illius semper a mortis impetu tutam fore praedicit. Assignat deinde rationem quare lucerna illius non potest exstingui:

[19.] *Manum suam misit ad fortia, et digitos suos ad fusum.*

כִּישׁוּר etsi interdum ‘fusum’ significet, ‘aequitas’ tamen et proprius et frequentius hac uoce designatur. A uerbo enim כִּשָּׂו ducitur, quod idem ualet atque ‘congruum et conueniens esse’, quamobrem Latinus interpres ‘fortitudinis’ nomine illud explicuit: “Manus” inquit “suas misit ad fortia”. פֶּלֶךְ uero ‘baculum’ est, pro quo Latinus ‘fusum’ reddidit. Pro eo enim uocem Hebraeam aliqui usurpari putant, quia fusum ad baculum similitudinem se habeat. Vel igitur Salomon hoc in loco iterum studium celebrat quo mulier linum et lanam comparauit ut opus efficeret, uel, ut magis opinor, munus aliud et clarius, ut sententiae praecedenti respondeat, iure commemorat.

Nam in mentione lucis sempiternae, caussam illius ad aequitatem et fidem prudenter reducit. Sic enim ex Hebraeo oratio uerti potuisset, “Digitos suos misit ad aequitatem et palmis suis tenuit baculum”. – Quod autem munus aequitate et innocentia clarius esse potest ad immortalitatem comparandam? Quod autem baculum firmiter est fide ad naturae imbecillitatem fulciendam? Fides enim, cum uiget, pellit timores, erigit animum, lenit dolores, solatur afflictos, opem diuinam comparat et foedus cum Deo sancit, ita ut, qui ea nititur, quamdiu uis ipsius fidei manet, non possit ulla ratione concidere. Sensus igitur est: ‘Aequitatem unice coluit,

Não é a natureza que faz os fortes, mas a graça divina fortalece o ânimo com uma proteção invencível. Na verdade, não só varões muitíssimo fortes amiúde perdem a coragem, como também mulheres assaz fracas cometem façanhas de arrojo fora do normal. Por conseguinte, a mulher que é forte e perseverante demonstra com uma prova muitíssimo sólida que se encontra defendida pela graça de Deus. Ora, deste modo poderá ter a certeza de que os seus trabalhos não hão de ser em vão.

18. *Tomou-lhe o gosto e viu que a sua negociação é boa; a sua candeia não se apagará de noite.*

Na realidade, nada existe de mais lucrativo do que a virtude, que não apenas consegue na vida solidíssimas proteções, mas também mostra na morte a luz, e mais ilumina o espírito quando tudo parece sepultado em trevas. É que com o horror da morte não se extingue o esplendor da mais verdadeira honra, pois esta é divina e eterna. É motivo de louvor da mulher desvelada, na sua casa desterrar com as candeias as trevas noturnas, por forma a estar sempre pronta para as situações imprevistas e a gastar boa parte da noite, não no sono e inatividade, mas a trabalhar.

Todavia, nesta passagem, estas palavras não parecem visar tanto ao louvor [934] quanto ao prémio do merecimento. Por conseguinte, quando diz que não deve extinguir-se a candeia dela, está a predizer que a sua vida há de ficar sempre assegurada contra a arremetida da morte. Aponta em seguida o motivo pelo qual a candeia dela não pode extinguir-se:

19. *Ela meteu a sua mão a coisas fortes e os seus dedos pegaram no fuso.*

כִּישׁוֹר, embora por vezes signifique “fuso”, todavia com esta palavra, mais apropriada e frequentemente se designa “a equidade”. De facto, tem a sua origem no verbo כִּשַׁר, que significa o mesmo que “ser adequado e ajustado”. Razão pela qual o tradutor latino com a palavra que significa “fortaleza” expôs aquele passo, dizendo: *meteu a sua mão a coisas fortes*. Mas פֶּלֶךְ significa “bordão”, que o tradutor latino verteu por “fuso”. De facto, alguns pensam que traduziu por esta a palavra hebraica porque o fuso é parecido com o bordão. Por conseguinte, ou Salomão nesta passagem elogia de novo o desvelo com que a mulher obteve o linho e a lâ para fazer o trabalho, ou, opinião para a qual mais me inclino, com razão se refere a outra e mais ilustre função, por forma a corresponder à frase anterior.

Com efeito, ao mencionar a luz eterna está sensatamente a reconduzir a sua causa para a equidade e a fé. É que o texto teria podido traduzir-se do hebraico da forma seguinte: “Aplicou os seus dedos à equidade e com as palmas da sua mão segurou o bordão.” – Ora, para obter a imortalidade, que função pode ser mais ilustre do que a equidade e a inocência? Por outro lado, para amparar a

nec opibus humanis, sed fide, gressum stabilivit.’ Baculus enim illius semper in ardente fide consistit. Intellexit tamen non nudum fidei nomen salutem dare, nisi opera fidem consequantur quae dent fidei ipsius testimonium. Itaque non opes coaceruavit ut inclusas sine ullo fructu perpetuo contineret. Sequitur enim:

[20.] *Manum suam aperuit inopi, et palmas suas extendit ad pauperem.*

Est animaduertendum, cum digitis fiat opus quod maiorem sollertiam flagitat, ‘digitis’ in Sanctis Litteris acriorem animaduersionem in quolibet opere faciendo declarari. Vt igitur magis amplificet mulieris sanctae beneficentiam, non satis habuit dicere manus illius ad pauperes extensas fuisse, nisi etiam assereret digitos missos atque adeo proiectos ad egentium inopiam subleuandam exstitisse. Cum uero studium clementiae sit praecipue in domesticos conferendum (is enim, ut Paulus ait,¹⁴⁷ “qui domesticorum curam non habet, fidem prodidit”), docet quantum sapienti mulieri curae fuerit ut domestici uitam secure traducerent. Sequitur enim :

[21.] *Non timebit domui suae a frigoribus [935]niuis: omnes enim domestici eius uestiti sunt duplicibus.*

Prospexit atque consuluit familiae ne hieme, propter uestium paenuriam, frigus sustinere non posset. שני est coccinus. Coccinea autem uestis est ad frigus arcendum aptissima. Hic tamen “uestis coccinea” non utilitatem tantum, sed etiam lautitiam et opes significat, quas tantas fuisse dicit ut domestici etiam possent coccineis uestibus exornari. Interpres nomen Hebraeum ad uerbum פשר reuocauit. Duplices autem uestes appellat quia saepius mutari poterant, erat enim multiplex et uaria uestimentorum copia, quam sapiens mulier ad suorum cultum congesserat. Haec uero ad laudem mulieris referuntur, cuius uidelicet industria opes erant accumulatae.

Quae mulier non solum utilitatem, sed etiam munditiam secuta est. Nec enim in sordibus dignitatis elegantia conseruatur. Vt enim cultus immodicus continet elationis atque leuitatis argumentum, ita squalor et illuies dat animi sordidi atque tenacis indicium. Praeterea, lauta et pretiosa supellex in opibus etiam numeratur. Et, cum ad animi splendidi magnificentiam opes conferendae sunt, corporis etiam cultus non est omnino neglegendus, sed faciendum ut cultus corporis moderatus animi ornamento atque moderationi respondeat.

¹⁴⁷ Vd. Vulgata, *1 Tim.* 5, 8.

debilidade da natureza, que bordão e arrimo existe mais firme do que a fé? É que a fé, quando viça, afasta os receios, alenta o ânimo, alivia as dores, consola os atribulados, oferece a ajuda divina e celebra uma aliança com o Senhor, de tal maneira que, quem nela se apoia, de forma alguma pode sucumbir. Por conseguinte, o sentido é este: “Cultivou de um modo extraordinário a equidade e apoiou os seus passos, não nas riquezas humanas, mas na fé.” É que o seu bordão sempre consistiu numa ardente fé. Todavia compreendeu que o mero e despojado nome de fé não concede a salvação, se não acompanharem a fé obras que deem testemunho da mesma fé. Por isso não acumulou riquezas para as guardar perpetuamente encerradas sem qualquer fruto. Com efeito, vem a seguir:

20. *Abriu a sua mão para o necessitado e estendeu os seus braços para o pobre.*

Cumprir-se que, uma vez que se faz com os dedos a obra que requer maior destreza, nas Sagradas Escrituras por “dedos” dá-se a entender uma maior atenção na execução de qualquer obra. Por conseguinte, a fim de encarecer o bem fazer da mulher santa, considera que não era bastante dizer que as suas mãos se estenderam para os pobres, se também não afirmasse que estendeu e até lançou os seus dedos para aliviar a pobreza dos necessitados. E, sendo certo que a compaixão deve estar sobretudo dirigida para os servidores da casa (e que, como diz S. Paulo, *negou a fé quem não tem cuidado dos seus* [1 Tm 5. 8.]), ensina a grande preocupação que a mulher sábia teve para que os servidores domésticos gozassem de uma existência segura. Com efeito, vem a seguir:

21. *Não temerá que venham sobre a sua família os rigores [935] da neve, porque todos os seus domésticos trazem vestidos forrados.*

Velou e tomou providências para que o agregado familiar no inverno não pudessem passar frio devido à carência de roupas. שני significa “de escarlate ou púrpura”. Ora, as roupas de escarlate são as mais apropriadas para proteger do frio. Aqui todavia “roupa de escarlate” não significa apenas utilidade, mas também luxo e riqueza, que diz que foram tão grandes que até os servidores domésticos podiam ataviar-se com roupas de escarlate. O tradutor associou o nome hebraico com a palavra פשר. Ora, chama-lhes “vestidos dobrados”²⁷ porque podiam mudar-se com muita frequência, pois havia múltipla e variada abundância de roupas, que a mulher sábia fora juntando para ornamento dos seus. E tudo isto visa ao louvor da mulher: como é óbvio, daquela graças a cuja atividade as riquezas tinham sido acumuladas.

Mulher esta que procurou não apenas o proveito, mas também a elegância. É que o primor não se conserva no meio da sujidade. De facto, da mesma maneira

²⁷ Correspondem aos “vestidos forrados” da tradução de Pereira de Figueiredo.

In laudibus igitur mulieris in omni uirtute excellentis, numerat etiam suppellectilis lautae et copiosae pulchritudinem, non grandi pecunia emptam, sed industria ipsius perfectae mulieris domi factam. Ait enim:

[22.] *Stragulatam uestem fecit sibi; byssus et purpura indumentum eius.*

Cum uero cultus ornet uiri principis dignitatem, etiam in mulieris laude ponit uiri ornatum, ait enim:

[23.] *Nobilis in portis uir eius, quando sederit cum senatoribus terrae.*

‘Porta’ est forum et curia et locus denique in quo urbis rectores et consiliarii congregari solent, uel ut ius dicant uel ut quid maxime conducat reipublicae confulent. Haec enim omnia in urbium portis olim gerebantur. Mulier igitur sapiens laudatur quod opera illius fiat ut uestium nitore et elegancia uir eius inter reliquos senatores emineat. Hoc tamen est intelligendum, haec omnia esse multo magis ad animi cultum quam ad corporis ornatum referenda. Non quod cultus corporis moderatus uituperandus sit, sed quia, quantum animus antecellit corpori, tanto maior diligentia est ad animum excolendum adhibenda. Haec enim oratio, cum figurata sit et potissimum in animi decus et dignitatem respiciat, ad animi ornatum conferenda est.

[24.] *Sindonem fecit, et uendidit, et cingulum tradidit Chananaeo.*

[936] Ornat mulieris industriae nauitatem, illius enim diligentia tam fructuosa est ut non solum domum bonis expleat, uerum et egentes alat et exteris etiam nationibus emolumento sit. Multa enim facit quae mercatores emant ut in alias regiones exportent et cum lucro uendant. Linthea uestis, puritatem, cingulum, alacritatem designat. Exempla uero et puritatis et alacritatis e domo, quam mulier sapiens ornat, a multis, partim ciuibus, partim peregrinis assidue repetuntur. Quis autem illius cultus et ornatus sit oratione quae sequitur intelligi potest, ut uideamus in quem finem omnes istae laudes conferendae sint.

que um excessivo cuidado com a aparência constitui uma prova de arrogância e leviandade, assim a sujidade e desmazelo é indício de sordidez e mesquinha. Além disso, uma mobília valiosa e de luxo também constitui riqueza. E, quando as riquezas se devem aplicar para o esplendor de um espírito generoso, também cumpre que o cuidado com o corpo não seja totalmente posto de parte, mas convém proceder-se de modo a que um moderado cuidado com o corpo corresponda ao atavio e comedimento do espírito.

Por conseguinte, entre os merecimentos da mulher que sobressai em toda a espécie de virtudes, enumera também a beleza de uma mobília abundante e distinta, não comprada por preço muito elevado, mas feita em casa por iniciativa da mulher perfeita. Com efeito, diz:

Ela se vestiu de finíssimo linho e de púrpura.

E, uma vez que a elegância de vestuário ornamenta a dignidade do varão principal, também coloca entre os motivos de louvor da mulher o atavio do marido, pois diz:

23. Seu marido será ilustre na porta dos juízes, quando estiver assentado com os senadores da terra.

“Porta” é a assembleia e foro e enfim o lugar no qual costumam reunir-se os governantes e conselheiros da comunidade, para julgarem ou decidirem aquilo que mais convém aos interesses do Estado. É que antigamente tudo isto se tratava nas portas das cidades. Por conseguinte, louva-se a mulher porque graças à sua diligência o seu marido sobressai entre os restantes senadores pelo brilho e elegância das roupas. Todavia, deve entender-se que tudo isto deve aplicar-se muito mais à beleza do espírito do que ao ornato do corpo. Não que seja criticável o moderado cuidado com o corpo, mas porque, quanto o espírito se avanta ao corpo, tanto maior cuidado se deve empregar em cuidar do espírito. É que estas palavras, uma vez que são em sentido figurado e visam sobretudo à beleza e dignidade do espírito, devem aplicar-se à ornamentação deste.

24. Ela fez delicados lenços e vendeu-os e entregou um cinto ao cananeu.

[936] Elogia o empenho da atividade da mulher, pois a sua diligência é tão frutuosa que não apenas enche de bens a sua casa, mas também alimenta os necessitados e até é útil aos povos estrangeiros. Com efeito, faz muitas coisas que os comerciantes comprem para exportá-las para outras regiões e vendê-las com lucro. O lenço simboliza a pureza, e o cinto o entusiasmo. E os exemplos de pureza e entusiasmo, retirados da casa que a mulher sábia ornamenta, são incessantemente repetidos por muitos concidadãos e estrangeiros. Ora, qual seja

[25.] *Fortitudo et decor indumentum eius, et ridebit in die nouissimo.*

‘Virtutis’, inquit, ‘robore uestietur, decoris ornamentis exoletur, ita ut in posterum non possit ulla calamitate subito inuecta peruerti, ut illi faciunt qui falsis opibus efferuntur, qui uanissimis ornamentis insolescunt, qui sibi opem e rebus uanissimis pollicentur, qui mendacio denique et fraudibus innituntur.’ Cum enim irruit tempestas aut mors appropinquat et finem uoluptatibus imponit, intelligunt homines miseri se sine ullo fructu uitam in paradisi opibus fallacissimis contriuisse. Nec enim ex animo curas pellunt, nec corporum morbos curant, neque mortis impetum propulsant, neque iudicii diuini metu liberant, immo, quo se quisque furentius oblectabat, eo, cum ad extremum peruenit, maiore animi angore et cruciatu conficitur. Quod quidem minime faciet mulier quae dedit enixe operam ut uerissimis opibus et ornamentis, quae uirtute uerissima continentur, redundaret. Haec enim, et, quamdiu in uita manet firmam et stabilem uoluptatem ex uirtutis fructu consequitur, et, cum ad extremum uitae peruenerit, spe gloriae immortalis exsultabit.

Aliam deinde laudem illius Sapiens commemorat, quae continet certissimum maximae uirtutis atque pietatis argumentum. Haec autem est in oratione posita. Cum enim oratio e mente profluat, qualis est mentis status, talis inde oratio manat. Vt igitur qui animum gerunt morbis pestiferis infectum inclusam pestem uerbis indicant, ita qui habent animum opibus maximarum uirtutum egregie cumulatum, eas diuitias occultare non possunt. Quidquid enim in animo latet, erumpat necesse est et explicetur tandem atque proponatur, uel ad uirtutis laudem, uel ad flagitii dedecus et turpitudinem. Et, cum opera dent clarissimum affectionis latentis indicium, tum assiduus sermo continet maximum aut furoris insiti aut sanae mentis argumentum. Maxima igitur laus est mulieris sapientis in oratione constituta, quemadmodum statim sequitur :

[26.] *Os suum aperuit sapientiae, et lex clementiae in lingua eius.*

‘Non est’, inquit, ‘praeceptum nec immoderatum; nihil [937] exit ex illius ore nisi sapienter excogitatum; non est iracunda neque truculenta; nullum malum oratio illius molitur, immo omnes illius sermones ad beneficentiam conferuntur.’

o seu ornato e atavio pode entender-se pelas palavras que se seguem, para que vejamos o alvo a que devem dirigir-se todos esses louvores

25. A fortaleza e a formosura é o de que ela se reveste, e ela rirá no último dia.

Diz: “Vestir-se-á com a força da virtude, embelezar-se-á com os atavios da honra, de tal maneira que de futuro não possa ser destruída por nenhuma desgraça que ataque de súbito: como fazem aqueles que se ensoberbecem com as falsas riquezas, que inflam de arrogância com ornamentos totalmente vãos, que se prometem a ajuda de coisas sem consistência, que, finalmente, se apoiam na mentira e nos embustes.” Com efeito, quando a tempestade se abate ou a morte se aproxima e impõe o fim a todos os prazeres, os mofinos homens entendem que consumiram sem qualquer fruto a vida no esforço por obter riquezas totalmente enganosas. É que, nem expulsam do espírito os cuidados, nem curam as enfermidades dos corpos, nem rechaçam o ataque da morte, nem se libertam do medo do juízo de Deus, e até, quanto mais loucamente cada um se divertia, tanto, quando chegou ao fim, foi atormentado com maior aflição e tormento de espírito. Algo que decerto não fará a mulher que com todo o empenho se esforçou por possuir em abundância as mais verdadeiras riquezas e ornamentos, que se encerram na mais verdadeira virtude. De facto, ela, não só durante o tempo em que permanece nesta vida obtém do fruto da virtude um prazer sólido e estável, como também, quando chegar ao termo da existência, exultará de alegria com a esperança da glória imortal.

Seguidamente, o Sábio recorda outro motivo de louvor dela, que contém a mais certa prova da mais elevada virtude e piedade. Ora, esta funda-se na linguagem. De facto, uma vez que a linguagem procede do entendimento, qual o estado em que se encontra o entendimento, tal o tipo de linguagem que dali promana. Por conseguinte, da mesma maneira que os que têm um espírito infetado por pestilenciais enfermidades dão a conhecer o flagelo interior mediante as palavras, assim os que possuem um espírito singularmente cheio das riquezas das mais elevadas virtudes, não conseguem ocultar estes tesoiros. É que, o que quer que seja que se oculta no espírito, é forçoso que acabe por irromper e manifestar-se e ficar exposto à vista, quer para louvor da virtude, quer para desdouro e exprobração da infâmia. E se, por um lado, as obras oferecem um claríssimo indício dos afetos interiores, por outro o permanente uso da fala é o maior dos indícios tanto da loucura ingénita quanto de um entendimento são. Por consequência, o maior motivo de louvor da mulher sábia assenta na linguagem, tal como imediatamente a seguir se escreve:

26. Ela abriu a sua boca à sabedoria e a lei da clemência está na sua língua.

Diz: “Não é precipitada nem descomedida; nada [937] sai da sua boca se não depois de sabiamente pensado; não é iracunda nem truculenta; as suas

[27.] *Considerauit semitas domus suae, et panem otiosa non comedit.*

‘Non ea’, inquit, ‘est quae, mentis suae statu contenta, suorum uitam neglegat; immo animum in omnes domus partes intendit; quam quisque uitam agat, speculatur; quibus moribus omnes imbuti sint, animaduertit; an suum officium faciant, inquit; non denique otium patitur, sed operam dat ut semper honestissimus labor epulas antecedit nec umquam ad cibum sumendum accumbat antequam aliquid laude dignum diligenter efficiat.’

[28.] *Surrexerunt filii eius, et beatissimam praedicauerunt; uir eius, et laudauit eam.*

Filii plerumque matrum imperia recusant; matres etiam, non raro, filiorum animos offendunt; inter uirum et mulierem, dissidia concitantur. Illa igitur mulier beata merito dici potest quam filii laudibus summis afficiunt et cuius imperium libentissime sequuntur, et quam uir perpetua praedicatione celebrat et in cuius prudentia atque fide conquiescit. Sed laudationis epilogus, qui sequitur, est uehementer admirandus:

[29.] *Multae filiae congregauerunt diuitias; tu supergressa es uniuersas.*

Quid hoc est? Quae mulier tunc esse potuit in quam merito tam praeclara laus congeri potuisset? Num Bethsabée, Salomonis mater? Fuit illa quidem, ut coniciere licet, mulier insignis ad laudem et in omni genere uirtutis excellens. Quamuis enim fuisset adulterio maculata, multo tamen grauius Daudis crimen exstitit, cuius illa uiribus et cupiditati repugnare non poterat. Si igitur regis sapientissimi, qui se et libidinis impurissimae et caedis iniustissimae criminibus alligarat, scelus deletum fuit, multo facilius credendum est illius crimen, quae multo leuius in se facinus admiserat, fuisse remissum. Omnia siquidem peccata et suscepti doloris acerbitate et orationis assiduae sanctitate e memoria illius optimi et maximi parentis euelluntur. Post illius uero temporis maculam, multis argumentis conici potest illam fecisse et uirtute et pietate singulari. Aliter enim numquam rex sanctissimus illam tanti fecisset neque tam praeclara monita et officia illius in filium constitisset. Salomon enim non magis patris quam matris suae praecepta commemorat.

palavras não causam mal algum; e até todas as suas palavras se encaminham a fazer bem.”

27. Considerou as veredas da sua casa e não comeu o pão ociosa.

Diz: “Não é tipo de mulher que, satisfeita com a condição do seu espírito, não se preocupa com a vida dos seus: pelo contrário, estende a vista do seu espírito para todas as partes da casa; observa a vida que cada um leva; presta atenção aos costumes de que todos estão providos; procura saber se cada um cumpre a sua obrigação; finalmente, não tolera a ociosidade, mas esforça-se por que sempre um trabalho honestíssimo preceda a refeição e jamais se senta para comer sem antes fazer diligentemente alguma coisa digna de louvor.”

28. Levantaram-se seus filhos e aclamaram-na ditosíssima, levantou-se seu marido, e louvou-a.

Os filhos ordinariamente não obedecem aos mandados das mães, e também as mães, não raramente, ofendem os filhos; entre marido e mulher surgem desencontros. Por conseguinte, pode com razão dizer-se que é afortunada aquela mulher a quem os filhos cobrem com os maiores elogios e a cujas ordens obedecem de muito bom grado, e a quem o marido celebra com incessantes encômios e com cuja sensatez e lealdade se sente tranquilo. Mas o fecho dos louvores, que vem a seguir, é merecedor de viva admiração:

29. Muitas filhas ajuntaram riquezas: tu excedeste a todas.

Que é isto? Que mulher pôde então existir sobre a qual com justiça tivesse podido assentar um tão nobre elogio? Porventura Betsabé, mãe de Salomão? É que ela, consoante é lícito conjecturar-se, foi uma mulher digna do mais alto elogio e extraordinária em toda a sorte de virtudes. De facto, embora se tivesse manchado com o adultério, foi muitíssimo mais grave a ação criminosa de Davi, a cujas forças e desejo ela não poderia opor-se. Por conseguinte, se o crime do mais sábio dos reis, que incorrerá nos delitos da impuríssima sensualidade e de homicídio injustíssimo, lhe foi perdoado, é de crer que muito mais facilmente foi expungida a falta dela, que fora culpada de um ato criminoso muito mais ligeiro. Visto que todos os pecados são apagados da memória d'Aquele ótimo e máximo Pai, não só pela dor pungente do arrependimento, mas também pela santidade da incessante oração. E depois da nódoa daquele tempo, por muitos indícios pode conjecturar-se que ela se mostrou mulher de virtude e piedade fora do comum. É que, caso contrário, nunca o santíssimo rei a teria estimado tanto nem teria ficado memória de tão excelentes conselhos e bons ofícios seus ao filho. É que Salomão lembra preceitos tanto do seu pai quanto da sua mãe.

Vt tamen illa fuerit tantis uirtutibus ornata, eulogium tamen hoc longe clarius est quam ut in illius uirtutem conueniat. Quid enim? Hoc in loco opes terrestres, [938] an potius caelestes, in maxima laude ponuntur? Si terrestres dixeris, Salomoni sapientiam detrahes, si statueris illum tam illustri praedicatione huius uitae diuitias, quae malis artibus saepenumero comparantur et ad corporis cultum conferuntur et uariis casibus amittuntur et, si nihil aliud acerbitatis intercidat, morte tamen deseruntur, persecutum fuisse. Si caelestes dixeris, mirum est quid illi uenerit in mentem matrem suam omnibus sanctis mulieribus, quae umquam fuerant, anteferre. Numquid illa Annam, Samuelis matrem, sanctimonia superauit? Numquid diuinam Sarae uirtutem atque pietatem uincere potuit? Num omnes sanctae mulieres, quae a primordio generis humani in maxima laude uixerunt, Bethsabee de religionis studio atque pietate concedunt? Credibile non est!

Quid ergo caussae est cur non Spiritus diuini orationem ad diuinum sensum conferamus et, ex Iudaeorum tenebris et angustiis emersi, lucem respiciamus et animum in caelestis regionis latitudine collochemus? Cui enim dubium esse potest quin hoc eulogium in solam Virginem sanctissimam, quae Dei filium genuit, scriptum praecipue sit? Vt enim Salomon Christi imaginem adumbravit, ita mater illius, sub aliqua similitudine, Domini matrem expressit. Et quemadmodum, cum Salomonis regnum celebratur, omnis illa oratio praecipue ad Christi Regnum referenda necessario est (multa enim dicunt quae nullo modo in Salomonem, sed in Christum, conueniunt), ita, cum hoc in loco Bethsabee insigni praedicatione celebratur, multa referuntur quae nulla ratione ad Bethsabee pertinent, sed ad illam quae mirabili sanctitatis splendore omnibus sanctis mulieribus obscuritatem attulit. Vt enim sidera in Solem incurrentia claritate Solis ipsius obruuntur, ita uirtutes omnium mulierum quae sese excellentius in pietatis studio gesserunt, ad Diuinae Virginis sanctitatem comparatae, quodammodo lumen amittunt et euanescunt.

Singulas uero laudes, quas Salomon oratione complectitur, inspiciamus. Difficillimum inquit esse fortem mulierem inueniri. Quae mulier umquam sortis potius appellari debuit illa, quae numquam cessit cupiditati, numquam succubuit impuritati, quam numquam ulla peccati uis inflexit aut daemonis impetus retardauit aut mortis metus impediuit quominus, contento cursu studioque, ad ardentissimum summi Dei cultum properaret? Pretium igitur illius e longinquo est, atque adeo ab omni aeternitate, repetendum. Sic enim consilio diuino statutum fuit ut illa longe multumque inter omnes puras excelleret. Adiungit deinde uir Sapiens.

Todavia, ainda que ela tivesse sido ornada com tão grandes virtudes, mesmo assim este elogio é muitíssimo mais elevado do que o que se ajusta à virtude dela. Pois quê? Nesta passagem [938] são as riquezas terrenas, ou antes as celestiais, que recebem o mais elevado louvor? Se disserdes que são as terrenas, estareis a rebaixar a sabedoria de Salomão, se supuserdes que ele com tão brilhante elogio encareceu os bens desta vida, que amiúde se adquirem por vias desonestas e se destinam ao luxo do corpo e se perdem por variados casos fortuitos e, mesmo que não sobrevenha nenhuma outra desgraça, todavia se abandonam com a morte. Se disserdes que são as celestiais, é de espantar que lhe tenha acudido ao espírito antepor a sua mãe a todas as santas mulheres que jamais existiram. Porventura ela superou em santidade Ana, mãe de Samuel? Porventura pôde vencer a virtude e piedade divinas de Sara? Acaso todas as santas mulheres, que desde o começo do género humano viveram com os maiores merecimentos, são inferiores a Betsabé em zelo da religião e piedade? Não é de crer!

Qual é então a causa pela qual não damos um sentido divino às palavras do Espírito de Deus nem saindo para fora das trevas e estreitezas dos judeus, pomos os olhos na luz e alçamos o espírito para as larguezas da região celestial? Na verdade, quem pode ter dúvidas de que este elogio foi sobretudo escrito unicamente para a Virgem santíssima, que gerou o Filho de Deus? É que, assim como Salomão foi um esboço da imagem de Cristo, da mesma maneira a mãe dele, debaixo de alguma semelhança, representou a Mãe do Senhor. E, assim como, quando se celebra o reino de Salomão, todas essas palavras forçosamente devem ser referidas ao Reino de Cristo (pois dizem muitas coisas que de forma alguma se ajustam a Salomão, mas sim a Cristo), da mesma maneira quando nesta passagem com extraordinário encarecimento se celebra Betsabé, referem-se muitas coisas que de modo algum dizem respeito a Betsabé, mas àquela que com admirável esplendor de santidade reduziu à obscuridade todas as santas mulheres. É que, assim como os astros que vão ao encontro do sol são apagados pela claridade do mesmo sol, da mesma maneira as virtudes de todas as mulheres que se houveram mais excelentemente no zelo da piedade, comparadas com a santidade da divina Virgem, de certa maneira perdem a luz e desvanecem-se.

Mas²⁸ vejamos cada um dos louvores que Salomão abarca com as suas palavras. Diz que é muitíssimo difícil encontrar-se uma mulher forte. A que mulher jamais se deveu chamar forte mais do que àquela que nunca cedeu à cobiça, nunca sucumbiu perante a impureza, à qual nunca dobrou nenhuma violência de pecado ou ataque do demónio deteve, ou temor da morte empeceu de, com carreira fogosa e zelo, se apressar no ardentíssimo culto do supremo Deus? Por conseguinte, o valor dela deve ser procurado desde muito longe, e até desde toda

²⁸ A partir daqui o Autor faz um segundo comentário a alguns dos versículos do capítulo XXXI.

[11.] *Confidit ei cor uiri sui, et spoliis non indigebit.*

Virum non habuit alium Virgo praecellentissima praeter Deum, cui se despondit, quem unum [939] expetiuit, cui ardentissimo uitae studio consecrata fuit, a quo numquam diuelli ac distrahi ulla ratione potuit. Vnam igitur sponsam habuit sapientissimus ille formarum spectator, cui omnes suas opes crederet atque committeret. Quod ut rectius intelligatur animaduertendum est summam illam probitatem non esse inuidiae affinem. Itaque cupit omnes animos, quantum licet et fas est, ad similitudinem amplitudinis et dignitatis suae reuocare. Cur igitur id non facit in omnibus? Quia multi beneficia illius aspernantur atque repudiant; multi beneficia accepta temere proiiciunt et opes diuinas effundunt, et ita in grauiora mala incurrunt illis in quibus antea uersabantur. Itaque fuisset illi melius, ut Petrus ait,¹⁴⁸ numquam suauitatem Spiritus Diuini gustare quam, post tanti muneris amplitudinem, per summum flagitium, de statu concidere et ad sordes pristinas ingrati animi scelus adiungere.

Sunt etiam qui bonis diuinis insolescunt et efferuntur et ita se amant ut occaecati insaniant, quasi ipsi sibi caussam tantae felicitatis attulissent. Sic autem magnum sibi periculum atrocissimae calamitatis et miseriae sempiternae moliuntur. Quo enim altior erat gradus dignitatis in quo locati fuerant, eo, cum propter sui amorem debitam gratiam auctori bonorum omnium minime referunt et diuini amoris obliuiscuntur, maiorem miseriam subeunt et grauioribus ruinis opprimuntur.

Sic autem fit ut Deus aliis quidem munera sua deneget: illis nempe qui se longe ab illius benignitate remouent; alios uero donis suis afficiat, sed ita ut eos frequenter admoneat ne ad pristinas miseras, propter neglegentiam et obliuionem, recidant, et ita miserius afflicentur. In aliis uero modum in beneficiis conferendis statuit, ne superbia inflati corruant. At in Virginem sanctissimam omnes opes magnificentissime congegessit. Nec enim illa Dei beneficentiam erat aspernatura nec, ut opes collectas effunderet, commissura, neque postremo diuinae clementiae magnitudinem ad suam gloriam traductura, cum semper et admirabili fide et gratissima uoluntate et mentis ardore et amplissima humilitate praecelleret.

Tuto igitur fuerunt illi opes diuinae a Deo, cui se totum addixerat, commissae. Nec enim eas imminuit, sed auxit et cumulauit et uigilanter admodum perfecit ut ad eas in dies insignis accessio fieret. Non enim a se Dei opem uel flagitio repellebat, uel obliuione et neglegentia premebat, sed quotidie magis ad studium suae claritatis et amplitudinis diuinum Spiritum amoris uehementissimi flammis

¹⁴⁸ Vd. Vulgata, 2 *Petr.* 2, 22.

a eternidade. É que foi estabelecido por deliberação divina que ela se avantajasse em muito e de longe a todas as puras. Ajunta depois o varão Sábio:

11. *O coração do seu marido põe nela a sua confiança e ele não necessitará de despojos.*

A mui excelente Virgem não teve outro marido além de Deus, com quem se desposou, a quem unicamente [939] desejou, a quem consagrou a vida com ardentíssimo zelo, de quem nunca se separou nem pôde de maneira alguma ser apartada. Por conseguinte, Aquele sapientíssimo contemplador das formas teve uma única esposa, a quem confiar e encarregar de todas as Suas riquezas. Para se entender isto melhor, deve notar-se que aquela honestidade suprema não tem qualquer conexão com a inveja. Por isso deseja que todas as almas, na medida do possível e lícito, se tornem semelhantes à Sua grandeza e dignidade. Por conseguinte, por que motivo não faz isso a todas? Porque muitas desprezam e rejeitam os Seus benefícios; muitas desatinadamente abandonam os benefícios que aceitaram e lançam fora as riquezas divinas, e assim incorrem em males mais graves do que aqueles em que antes se espojavam. Por isso, conforme diz S. Pedro, teria sido melhor nunca ter provado a suavidade do Espírito divino do que, depois de uma imensa dádiva, através da maior das infâmias, decair da sua posição e, à primitiva sujidade, ajuntar o crime da ingratidão. [2 *Ped* 2. 22.]

Existem também os que se ensoberbecem e enchem de orgulho com os bens divinos e de tal maneira se amam a si mesmos que, atacados de cegueira, ensandecem, como se eles mesmos tivessem sido a causa de tão grande felicidade. Ora, deste modo aparelham contra si mesmos o perigo de uma desgraça funesta e da perdição sempiterna. De facto, quanto mais elevado era o grau de dignidade no qual tinham sido colocados, tanto maior é a desgraça que sofrem e com tanto maiores ruínas são esmagados, uma vez que, devido ao amor a si mesmos, não agradecem ao Autor de todos os bens e se esquecem do amor a Deus.

Ora, assim sucede que Deus a uns nega os Seus presentes: a saber, àqueles que se apartam para longe da Sua bondade; e a outros concede as Suas dádivas, mas de tal maneira que frequentemente os admoesta a não recaírem nas primitivas desgraças por causa da negligência e do esquecimento, e desse modo se verem mais mofinamente atribulados. E a outros estabeleceu limites na concessão de benefícios, para não sucumbirem inchados pela soberba. Na santíssima Virgem, porém, acumulou todas as riquezas com a máxima generosidade. É que nem ela haveria de desprezar a beneficência de Deus nem expor-se a esbanjar as riquezas recolhidas nem, por derradeiro, desviar a imensa clemência para sua glória pessoal, sendo certo que sempre se avantajaria pela sua admirável fé, vontade muitíssimo agradecida, ardor de espírito e imensa humildade.

Por conseguinte, Deus entregou em segurança as riquezas divinas àquela que a Ele inteiramente se dedicara. Com efeito, não as diminuiu, mas aumentou-as e

incitabat. Cum uero sancti homines uarias in uita mutationes subeant, et, quemadmodum nauis in medio mari non semper cursum tenet, sed uel aduersa tempestate iactatur, uel malacia retardatur, uel uarietate uentorum a portu quem petit excluditur, sic illi, uel, turbidis motibus agitati, pristina flagitia respiciunt, uel, ignauia torpentes, a studio deducuntur, [940] uel, curis impediti, non tam cito statum quem cupiunt assequuntur. At Virgo beatissima nullis erroribus uarie circumuehi, nullis tempestatibus exagitari et a cursu deduci, nullis hostium uiribus impediri potuit quominus, quo tendebat, inueheretur et diuitias suas coaceruaret atque ad Ecclesiae fructum reconderet. Diuitias uero Salomon ‘praedam’ appellat, ut ostendat uiri uirtute partas fuisse, Filius enim Dei Satanam profligauit spoliaque diripuit ut suos locupletaret. Ait deinde:

[12.] *Reddidit ei bonum, et non malum, omnibus diebus uitae suae.*

Malum Deo reddimus quotiens legem illius uiolamus et diuinis muneribus ad offensionem illius abutimur uel memoriam beneficiorum minime conseruamus. Quod Virgo diuina non fecit, cum neque peccati labe se aspergi sustinuit nec Deo gratias agere numenque illius celebrare destitit. Fecit deinde quod matres familias, ut opera moliretur quibus familiam uestiret, hoc est, iustitiae et puritatis ornamentis excoleret. Nam et monitis et exemplis et precibus, ad Deum fusis, Ecclesiae cultum et ornatum comparabat. Fuit tamquam nauis mercatoris e longinqua regione frumentum conuehens, e caelo namque panem flagitabat, ut suorum uitae atque saluti prospiceret. Non somno torpebat non desidia languebat, sed, cum esset de salute Ecclesiae sollicita, ante lucem surgebat ut suis salutarem uictum sanctissimis precibus impetraret. Omnes curas et cogitationes ad usum et fructum Ecclesiae conferebat. Hoc autem significat Sapiens cum ait eam agrum et uineam comparauisse. Virtus illius alacritas, industria designatur, cum dicitur eam sese fortitudine praecinxisse et ancillas suas etiam uirtute corroborasse. Inquit deinde:

[18.] *Gustauit, quia bona est negotiatio eius, non exstinguetur in nocte lucerna eius.*

acumulou-as e desveladamente se aplicou a que de dia para dia delas se fizesse um extraordinário acréscimo. De facto, à ajuda de Deus, não a repelia de si através de infâmias, nem a esmagava com o esquecimento e a negligência, mas todos os dias o Espírito divino com as chamas de uma veementíssima paixão mais a incitava ao amor da Sua claridade e grandeza. E, sendo certo que os homens santos passam por várias mudanças ao longo da vida, e, da mesma maneira que uma nau no meio do mar não mantém sempre o rumo, mas, ou é desviada por tempestade desfavorável, ou é retardada pela calma, ou pela variedade dos ventos é repelida do porto para onde se dirigia, assim eles, ou, agitados por emoções violentas, volvem os olhos para as antigas infâmias, ou, entorpecidos pela preguiça, desviam-se do zelo, [940] ou, embargados pelas preocupações, não atingem tão prestes quanto desejam a estabilidade de espírito. Mas a Virgem bem-aventurada não pôde ser arrastada em diferentes direções por nenhuns erros, nem agitada e apartada do seu rumo por nenhuma tempestade, nem por nenhuma violência dos inimigos impedida de ser levada para onde se dirigia nem de ajuntar os seus tesouros e ocultá-los para fruto da Igreja. E Salomão aos tesouros chama *presa*, para mostrar que se obtiveram graças à virtude do varão, porquanto o Filho de Deus derrotou Satanás e arrebatou-lhe os despojos para enriquecer os seus. Diz depois:

12. *Ela lhe tornou o bem, e não o mal, em todos os dias da sua vida.*

Tornamos o mal a Deus sempre que transgredimos a Sua lei e nos servimos das dádivas divinas para ofendê-Lo ou não nos lembramos dos Seus benefícios. Algo que a Virgem não fez, uma vez que nem suportou ser manchada com a nódoa do pecado, nem deixou de dar graças a Deus e de celebrar a Sua majestade divina. Depois, fez o que fazem as mães de família, entregando-se a trabalhos com que vestir a família, isto é, com que orná-los com os atavios da justiça e da pureza. Com efeito, mediante conselhos, exemplos e preces dirigidas a Deus, preparava o culto e ornamentação da Igreja. Foi como a nau do mercador que traz cereal de longínquas paragens, porquanto solicitava do céu pão, a fim de velar pela vida e salvação dos seus. Não ficava imobilizada pelo sono nem enlanguescia com a preguiça, mas, porque estava preocupada com a saúde da Igreja, levantava-se antes de romper o dia para com santíssimas rogativas conseguir para os seus o salutar sustento. Consagrava todos os cuidados e pensamentos ao proveito e utilidade da Igreja. Ora, isto é o que o Sábio quer dizer quando escreve que ela comprou o campo e a vinha. Simboliza-se o seu entusiasmo e atividade quando se diz que ela se cingiu de fortaleza e fortaleceu também as suas escravas com a sua virtude. Diz em seguida:

18. *Tomou-lhe o gosto, e viu que a sua negociação é boa; a sua candeia não se apagará de noite.*

Non est bona mercatura quae diuitias minime congerit. Non possunt appellari diuitiae quae utilitatem non afferunt. Parum utilitatis est in illis rebus quae neque morbos curant, neque doloris auferunt, neque uitam propagant, neque mortis pericula propulsant, neque sunt in alteram uitam salutare. Quae igitur est mercatura utilis et ualde quaestuosa? Ea quae pietate et religione et hominum caritate continetur. Ea namque sanat aegritudines, confirmat uires, conciliat pacem, illustrat mentem et ornat animum illiusque statum corroborat, epulas caelestes apponit, stabilem uoluptatem confert et aditum ad immortalem gloriam patefacit. Mens igitur tantis diuitiis expleta incredibili suauitate perfunditur et summo quodam gaudio cumulatur. Quo uero animus locupletior est et pluribus diuitiis abundat, eo plenior uoluptatem percipit. Cum igitur nulla mens tantis [941] diuitiis expleta fuerit ut esset cum ditissima mente diuinae Virginis conferenda, restat ut uoluptas illius summa semper exstiterit. Hoc est autem quod Sapiens ait “bonam esse illius mercaturam”. Mercatura uero nominatur pietatis studium quo caelestes opes pretio comparantur. Non enim emuntur auro, aut argento, aut gemmis, aut ulla rerum humanarum permutatione, sed fide et pietate et sanctis actionibus et animo denique amore et cupiditate diuinitatis inflammato. Qui hunc statum assecuti fuerint, in uita uerissimis opibus affluent et in morte lucerna illorum non exstinguetur. Nec enim qui cum iustitia uiuunt, cum e corpore excedunt, moriuntur, sed in uitam sempiternam ingrediuntur.

Aequitatem deinde atque fidem et misericordiam et beneficentiam erga pauperes commemorat, tum addit eam curam quam adhibet ut iniuriam niuis arceat frigusque a suis propulset, quos uestit indumentis coccineis. Omnis enim clarissima principis familia caritatis ornamentis excolitur. Domus bysso, id est, puritate, consternitur; uestimenta etiam e purpura conficiuntur, ut nihil aliud occurrat oculis nisi castitas, integritas, innocentia, cum amoris diuini significatione coniuncta. Dicit praeterea uirum illius in porta ciuitatis, inter senatores et principes, cultu et ornatu excellenter eminere. Christi enim decus sanctorum hominum uirtutibus illustratur, et tum demum quanta sit illius dignitas et amplitudo clarissime cernitur cum mentes purae et in studio amoris diuini uigilantes diuinae iustitiae splendore collucent, ita ut omnes sanctorum hominum actiones in Christi gloriam redundent, et tum maxime inter caelites ornamenta diuinae probitatis appareant cum opera bonorum in hominum luce ad Christi gloriam collocantur. “Sic luceat”, inquit, “lux uestra coram hominibus, ut uideant opera uestra bona, et gloriam tribuant Patri uestro, qui in caelis est”¹⁴⁹. Quod si cuiusuis hominis sancti probitas et uirtus, operibus maximis spectata et cognita, Christi gloriam insignem facit, quid de Matre illius dicemus, cuius exaggerata uirtus, in terris posita, lucem terris afferebat et, in caelum euecta, angelis ingentem admirationem commouebat? Nonne constat tanto

¹⁴⁹ Vd. Vulgata, *Mt.* 5, 16.

Não é bom negócio o que não acarreta riqueza. Não podem chamar-se riquezas as que não trazem proveito. De pouco proveito são aquelas coisas que nem curam as doenças nem acabam com as dores nem aumentam a vida nem afastam os perigos da morte. Por conseguinte, qual é o negócio útil e muito lucrativo? Aquele que se cifra na piedade, na religiosidade e na caridade pelos homens. Com efeito, este cura os pesares, fortalece as energias, granjeia a paz, ilumina o entendimento, ornamenta o espírito e dá solidez à sua estabilidade, coloca sobre a mesa as iguarias celestiais, oferece um prazer estável e franqueia a entrada para a glória imortal. Por conseguinte, um espírito repleto de tão grandes riquezas, é inundado por uma extraordinária suavidade e cumulado pelo mais elevado contentamento. E, quanto mais rico se encontra o espírito e abunda em maiores tesoiros, tanto é maior o prazer que sente. Por conseguinte, uma vez que nenhum espírito [941] foi cumulado com tão grandes tesoiros que pudesse ser comparado com o riquíssimo espírito da divina Virgem, resta que ela sempre gozou do mais elevado prazer. Ora, é isto o que diz o Sábio, ao escrever que *a sua negociação é boa*. E dá-se o nome de negociação ao zelo da piedade mediante o qual se compram as riquezas celestiais. De facto, não se adquirem com ouro ou prata ou pedras preciosas ou qualquer outra troca de coisas humanas, mas mediante a fé, a piedade, os atos santos e, finalmente, através de um espírito abrasado no amor e desejo da divindade. Os que conseguirem esta condição, durante a vida terão em abundância as riquezas mais verdadeiras e na morte a sua candeia não se apagará. É que, os que vivem com justiça não morrem quando abandonam os corpos, mas entram na vida eterna.

Em seguida, lembra a equidade, a fé e o bem-fazer e compaixão para com os pobres, aditando então o cuidado de que dá mostras para proteger os seus das agressões da neve e deles afastar o frio, vestindo-os com roupas de púrpura. É que todo o ilustríssimo agregado familiar do príncipe se atavia com os ornamentos da caridade. A casa é revestida de finíssimo linho, isto é, de pureza; também as roupas são feitas de púrpura, para que aos olhos não se ofereça outra coisa senão castidade, pureza, inteireza e inocência, unidas com a manifestação do amor divino. Diz além disso que o marido dela sobressai de modo extraordinário, na porta da cidade, entre os senadores e pessoas importantes, pelo seu atavio e elegância das roupas. É que a formosura de Cristo se ilumina com as virtudes dos homens santos, e o quão grande é a dignidade e grandeza dele só se enxerga com toda a claridade quando os espíritos puros e diligentes no zelo do amor divino resplandecem com o brilho forte da justiça divina, de tal maneira que todos os atos dos homens santos redundam em glória de Cristo, e os ornamentos da probidade divina aparecem entre os habitantes do céu sobretudo quando as obras dos bons são colocadas à vista dos homens para glória de Cristo. Ele mesmo diz: “Assim luza a vossa luz diante dos homens, para que eles vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus”. [Mt 5. 16.] Pelo que, se a honestidade e virtude de qualquer homem santo, dada a conhecer e

plus decoris illius pietatem Filio, qui uir etiam illius est, attulisse, quanto uirtus illius erat illustrior et studium pietatis ardentius et uitae decus excellentius?

Praterea, et humanitas Christi uestis erat fulgens et splendida, odore mirifico flagrans, animos ad sui admirationem mirabiliter alliciens. Hanc induit Dei filius cum secum humanam naturam admirando foedere copulauit. Is, cum, secundum humanae naturae rationem, inter populi sui senatores et principes sedeat, tamen inter omnes excellit, ut facile appareat quantus sit illius Principatus. “Vnxit”, inquit ille diuinus uir, “te Deus, Deus tuus, unguento laetitiae prae consortibus tuis”¹⁵⁰. Porro autem hanc tam pretiosam uestem e sanctissimis Mariae uisceribus, tamquam ex arc, deprompsit, quemadmodum scribit eodem in [942] carmine idem uates: “Myrrha”, inquit, “et casia a uestimentis tuis, ex domibus eburneis”.¹⁵¹ “Eburneam domum” uiscera sanctae Virginis appellat propter puritatis eximiae candorem et castitatis admirabilis ornamentum. Ornatus igitur Christi ad sponsae sanctissimae gloriam maxima ex parte pertinet: propterea non immerito Christi Regis indumenta in laudibus Mariae numerantur.

[24.] *Sindonem fecit et uendidit, et cingulum tradidit Chananaeo.*

Non domesticis, inquit, solum utilis fuit illius industria, sed exteris etiam et alienis quos ab impuritate uitae et a languore atque desidia ad uitae decus et ad perfecti officii studium traduxit. ‘Sindon’ enim continet nocturnum diurni laboris alleuamentum, ‘cingulum’ uero designat alacritatem, astringit enim uestem, ne diffluat, et facit animum ad laborem expeditum. “Accinge”, inquit Deus, “sicut uir, lumbos tuos”¹⁵². In Euangelio ait: “Accingite lumbos uestros”.¹⁵³ Opus igitur sanctissimae Virginis est defessos, exemplo et oratione, reficere, et otiosis alacritatem addere, quominus assignatum uigilanter administrent, et hoc tamen non absque pretio fit, non auri nec argenti, ut dictum est, sed religionis atque fidei. Quemadmodum scriptum est: “Emite absque argento et absque ulla commutatione uinum et lac”.¹⁵⁴

Chananaeos autem appellat eos qui ex gentibus ad Christum adiuncti sunt. Est autem annotandum omnia Christi beneficia ad Matris laudem et gloriam pertinere. Illa namque fide concepit, fide peperit, fide nutriuit, fide etiam pro nostra salute uota suscepit. Nec enim solum cum uinum ad nuptias postulauit, sed multis etiam in locis credendum est illam caussam egentium suscepisse et beneficia multis

¹⁵⁰ Vd. Vulgata, *Ps.* 44, 8.

¹⁵¹ Vd. Vulgata, *Ps.* 44, 9.

¹⁵² Vd. Vulgata, *Job*, 30, 3, e 40, 2.

¹⁵³ Cfr. Vulgata, *Lc.* 12, 35.

¹⁵⁴ Vd. Vulgata, *Is.* 55, 1.

revelada pelas obras mais perfeitas, torna insigne a glória de Cristo, que diremos em relação à sua Mãe, cuja virtude imensa, posta na terra, trazia a luz à terra e, levada para o céu, despertava nos anjos enorme admiração? Acaso não é manifesto que a sua piedade trouxe tanto mais lustre ao Filho, que também é esposo dela, quanto mais brilhante era a sua virtude e mais ardente o seu zelo da piedade e mais excelente a sua honra?

Além disso, a humanidade de Cristo era a roupa refulgente e brilhante, ressendo um perfume maravilhoso, que de modo espantoso atraía as almas para que o admirassem. O Filho de Deus vestiu esta roupa quando mediante admirável união juntou a si a natureza humana. Ele, embora, segundo a natureza humana, se sente entre os senadores e homens principais do seu povo, todavia sobressai entre todos, para que facilmente se veja quão grande é o seu principado. *Ungiu-te Deus, como diz o celebrado varão divino, o teu Deus, com óleo de alegria sobre teus companheiros.* [Sl 45. 8.] Ora, como de uma arca, extraiu do santíssimo ventre de Maria esta tão preciosa roupa, tal como logo a seguir escreve no mesmo [942] salmo o mesmo profeta: “Cheiro de mirra e de aloés e de cássia sai de teus vestidos, desde as casas de marfim.” Chama “casas de marfim” ao ventre da santa Virgem por causa da alvura da singular pureza e do ornato da admirável castidade. Por conseguinte, o atavio de Cristo tem em grande parte a ver com a glória da esposa santíssima, razão pela qual não sem motivo a indumentária de Cristo-rei se conta entre os motivos de louvor de Maria.

24. *Ela fez delicados lenços e vendeu-os e entregou um cinto ao cananeu.*

Diz que não foi útil apenas para os servidores do seu lar, mas também para os estrangeiros e gente de fora, aos quais fez passar de uma vida impura, remissa e preguiçosa para uma vida honrada e zelosa de perfeitamente cumprir os seus deveres. De facto, o “delicado lenço” representa o alívio do trabalho diurno e noturno, ao passo que o “cinto” significa o entusiasmo, pois aperta a roupa, para que não fique solta, e torna o espírito desembaraçado para o trabalho. Diz Deus: “Cinge os teus lombos como homem”. [Jb 40. 2.] E em Lc 12.35.: “Estejam cingidos os vossos lombos”. Por conseguinte, a obra da santíssima Virgem é, com o seu exemplo e palavra, alentar os cansados e transmitir entusiasmo aos ociosos, para que desveladamente cumpram a sua função, e todavia isto não se faz sem um preço, que não é de ouro nem de prata, como foi dito, mas sim de religiosidade e fé. Tal como foi escrito: “Comprei sem prata e sem comutação alguma vinho e leite.” [Is 55. 1.]

Por outro lado, chama cananeus àqueles que deixando o paganismo se juntaram a Cristo. Ora, convém anotar-se que todos os benefícios de Cristo têm por fim o louvor e glória da sua Mãe. É que ela concebeu pela fé, pela fé deu à luz, pela fé amamentou e também pela fé rogou pela nossa salvação. De facto, não é de crer que rogou a favor dos necessitados só quando pediu vinho para

mortalibus impetrasse. Iam uero, cultus et uestitus eius quam illustris exstiterit explicat Sapiens, cum ait:

[25] *Fortitudo et decor indumentum eius, et ridebit in die nouissimo.*

Quis umquam fuit fortior illa quae uictoriam ex omnibus hostibus, cum insigni gloria, reportauit? Illa corporis naturam compressit, illa labes omnes profligauit, cum peccati originis fuerit omnino expers, illa inferis manibus terrori fuit, illa in omnibus bellis semper inuicta permansit. Quid autem de uirtutum omnium laudibus et ornamentis dicendum? Nullum enim umquam exstitit in terris tam admirabilis decoris et honestatis exemplum. Omnis illius cultus et ornatus e caelo sumptus est, illam namque Sol radiis suis undique texit, illius pedibus Luna subiecta fuit, illius caput stellae fulgentes ornarunt,¹⁵⁵ illius denique pulchritudinem aurum diuinum et monilia in caelo facta gemmisque clarissimis distincta, longe clarius quam ullo ingenio comprehendi [943] possit, illustrauerunt.

Porro autem, quod ad sapientiam et eloquentiam attinet, illa diuinam sapientiam aluo inclusam continebat et diuitias sempiternas in mente coaceruabat, quemadmodum Lucas ait: “Maria conseruabat omnia uerba haec, conferens in corde suo”¹⁵⁶. Si uero quod in animo conditum est uis orationis euolutum ostendit et ex eo quod in animo redundat ad os emanat, quae diuitiae orationis illae fuerint, quas sanctissima Virgo suis iudicabat atque propalam collocabat, nullius oratione explicari poterit. Illa namque diuinam sapientiam exponebat, clementiae opes offerebat, ad studium Regni caelestis impellebat et omnes qui illi aures praebant ardentissimo amore Diuinitatis inflammabat. Diuina porro uirtus humana oratione explanari minime potest.

Addit deinde illam statum domus et familiae suae diligentissime curauisse nec umquam fructum sibi ex uirtute sua percepisse quin suis fructum eximiae caritatis impertierit. Hoc est autem quod significat, cum ait: “Panem otiosa non comedit”¹⁵⁷. Tum sequitur:

[28.] *Surrexerunt filii eius et beatissimam praedicauerunt: uir eius, et laudauit eam.*

Filii sunt quos illa in fidem recepit et qui nomen illius admirantur. Quis autem sit uir illius iam nouimus. Est enim idem quem illa peperit et a quo genita et informata

¹⁵⁵ Vd. Vulgata, *Apoc.* 12, 1.

¹⁵⁶ Vd. Vulgata, *Lc.* 2, 19.

¹⁵⁷ Vd. Vulgata, *Prov.* 31, 27.

as bodas, mas igualmente em muitas situações obteve benefícios para inúmeros mortais. Depois, quão brilhantes foram o atavio e roupas dela é o que o Sábio dá a conhecer, quando diz:

25. A fortaleza e a formosura é o de que ela se reveste, e ela rirá no último dia.

Quem foi jamais mais forte do que aquela que, com extraordinária glória, alcançou vitória sobre todos os inimigos? Ela reprimiu a natureza do corpo, ela destruiu todas as manchas, uma vez que foi totalmente isenta de todo o pecado original, ela apavorou todas as criaturas infernais, ela permaneceu invicta em todas as guerras. Por outro lado, que cumpre dizer-se acerca dos merecimentos e ornatos de todas as virtudes? É que nunca existiu na terra um tão admirável exemplo de honra e honestidade. Todo o seu atavio e brilho foi tomado do céu, pois o sol vestiu-a por todos os lados com os seus raios, a lua foi calcada pelos seus pés, estrelas resplandecentes ornaram a sua cabeça [*Apo 12. 1.*] e, por derradeiro, à sua formosura iluminaram-na oiro divino e joias feitas no céu e matizadas de brilhantíssimas pedras preciosas, com um resplendor muito mais claro do que qualquer inteligência pode entender.

[943] Ora, no que tange à sabedoria e eloquência, ela encerrava no ventre a divina sabedoria e acumulava no espírito as riquezas eternas, tal como diz S. Lucas: “Maria conservava todas estas palavras, confrontando lá no fundo do seu coração umas com as outras”. [*Lc 2. 19.*] Mas, se aquilo que se encontra oculto dentro da alma a força da palavra o mostra sem ambages e se sai até à boca aquilo de que transborda o espírito, ninguém poderá exprimir por palavras os tesouros daquela linguagem, que a santíssima Virgem dirigia aos seus e publicamente pronunciava. De facto, ela expunha a divina sabedoria, oferecia as riquezas da compaixão, incitava ao amor do Reino celestial e abrasava em ardentíssimo amor da divindade todos os que lhe prestavam ouvidos. Ora, a virtude divina não se pode expender mediante a linguagem humana.

Acrescenta depois que se ocupou com a máxima diligência da condição da sua casa e agregado familiar e que jamais recebeu algum fruto da sua virtude que o não repartisse com os seus com singular amor do próximo. Ora, isto é o que o Sábio pretende dizer com as palavras: “não comeu o pão ociosa”. Segue-se então:

28. Levantaram-se os seus filhos e aclamaram-na ditosíssima; levantou-se seu marido, e louvou-a.

Filhos são aqueles que ela recebe sob a sua proteção e os que admiram o seu nome. Ora, já sabemos quem é o seu marido. De facto, é o mesmo que ela deu à luz e pelo qual foi gerada e moldada e de modo único cumulada de riquezas divinas. Ele ornamentou-a com os mais elevados merecimentos, quando, para eu não dizer nada mais, a abrilhantou com o nome de Mãe, que foi o mais ilustre,

opibusque diuinis egregie cumulata fuit. Is eam summis laudibus ornauit, cum illam, ut nihil aliud dicam, nomine Matris illustrauit, quo nullum clarius, nullum amplius, nullum admirabilius a Deo tribui, nec in caelo nec in terra, potuit. Cum uero sit ille et iustissimus et sapientissimus et in meritis cuiusque ponderandis iudex aequissimus, per meritorum praestantiam, et dignitatis amplitudinem et nominis claritatem, tribuere solet. Ergo, cum eam nomine Matris ornauit, omnes in eam laudes contulit quibus illa fuit tam admirabilem gloriam consecuta.

[29.] *Multae filiae congregauerunt diuitias: tu supergressa es uniuersas.*

“Falias” appellat omnes quae singulari uirtute atque pietate floruerunt: nempe, quas Spiritus diuinus ab hominibus adoptauit ut deinceps Dei filiae appellarentur et essent. Filia fuit Sara, filia Rebecca et Rachel, atque aliae filiae fuerunt. Filia Maria, Mosis soror exstitit; filia similiter Anna, Samuelis mater, fuit; et Debora etiam mulier, numine Sancti Spiritus afflata, filiae nomen obtinuit. Omnes denique sanctae mulieres quae terris caelum, humanis diuina, caducis sempiterna praetulere, hoc nomine tam sancto illustratae sunt. At, quas opes in animos congesserunt? – Castitatis et integritatis diuinae candorem, iustitiae splendorem et magnificentiam, caritatis ardentissimae flammam, pietatis eximiae sanctitatem.

[944] Verum enimuero, si contentio fiat et uirtutes omnes sanctarum mulierum cum uirtute Virginis sanctissimae conferantur, splendore tam nouae et insolitae uirtutis obruentur. Et illae quidem non ita cursum uitae confecerunt ut numquam prolaberentur. Nam et Sara cum diffidentia risit; et Rebeca dolos struxit; et duae sorores, Rachel et Lia, aemulatione conflictatae sunt; et Maria lepra, propter obtrectionem, deformata fuit; et reliquae mulieres, antequam ad iustitiae puritatem Diuino beneficio peruenirent, peccati caeno atque labe contaminatae fuerunt: sola caelestis atque Diuina Virgo fuit, quam nulla umquam labes impuritatis infecit, cui ne tenuis quidem peccati macula inusta fuit, quae numquam a sanctitatis uia in alterutram partem declinauit, quam nullus labor, nulla contentio, nullus hostium conatus impedire potuit quominus uiam pietatis alacriter iniret et in dies susceptam religionem miris accessionibus amplificaret.

Tantum igitur opibus inter omnes non mulieres tantum, sed uiros etiam sanctitatis gloria praestantes, excelluit, quantum nec oratione disseri neque cogitatione comprehendi potest.

[30.] *Fallax gratia, et uana est pulchritudo: mulier timens Dominum ipsa laudabitur.*

Excitat uenustas amorem, incendit pulchritudo cupiditatem, concinnitas oblectat oculos et omnis denique lepos et apta partium compositio, siue in

o mais elevado, o mais admirável que Deus pôde atribuir tanto no céu como na terra. E, uma vez que Ele é o mais justo, o mais sábio e o juiz mais equitativo na avaliação dos merecimentos de cada um, costuma atribuir o nome elevado e grandeza da dignidade atendendo à superioridade dos merecimentos. Logo, quando a ornou com o nome de Mãe, concedeu-lhe todos os motivos de louvor pelos quais ela alcançou tão admirável glória.

29. Muitas filhas ajuntaram riquezas; tu excedeste a todas.

Chama “filhas” a todas que floresceram em singular virtude e piedade: a saber, as que o Espírito divino adotou dos homens para que depois fossem chamadas e se tornassem filhas de Deus. Filha foi Sara, filha Rebeca e Raquel e outras também foram filhas. Filha foi Maria, irmã de Moisés; igualmente foi filha Ana, mãe de Samuel. E Debora, também mulher, inspirada pelo Espírito Santo, também obteve o nome de filha. Finalmente, todas as santas mulheres que preferiram o céu à terra, as coisas divinas às humanas e as eternas às perecíveis, foram nobilitadas com este nome tão santo. Mas, quais as riquezas que acumularam na alma? – A inocência da castidade e da pureza divina, o esplendor e grandiosidade da justiça, a chama da ardentíssima caridade e a santidade de uma extraordinária piedade.

[944] Mas, de facto, se se fizer o cotejo e se compararem todas as virtudes das santas mulheres com a virtude da Virgem santíssima, ficam esmagadas pelo esplendor de uma virtude tão nova e fora do comum. E de resto elas não completaram o curso da vida de tal maneira que não deixassem de tropeçar alguma vez. De facto, até Sara se riu, por falta de confiança; e Rebeca, maquinou ardis; e as duas irmãs, Raquel e Lia, brigaram devido à emulação; e Maria ficou deformada pela lepra por difamar; e as restantes mulheres, antes de, por benefício divino, chegarem à pureza da justiça, foram manchadas pela lama e nódoa do pecado: a celestial e divina Virgem foi a única à qual jamais alguma nódoa de impureza corrompeu, à qual nem sequer um ténue tise de pecado marcou, que nunca se desviou do caminho da santidade quer para um lado quer para outro, à qual nenhum trabalho, nenhum conflito, nenhum ataque de inimigos puderam impedir de entusiasticamente empreender o caminho da piedade e de dia para dia aumentar com admiráveis acrescentos a religiosidade a que se entregou.

Por conseguinte, ela, não apenas entre todas as mulheres, mas também entre os varões que se notabilizaram pela glória da santidade, avantajou-se tanto em riquezas, quanto é impossível dizê-lo por palavras ou compreendê-lo com o pensamento.

30. A graça é enganadora e a formosura é vã; a mulher que teme ao Senhor, essa é que será louvada.

A graciosidade desperta o amor, a beleza atea o desejo, a elegância recreia os olhos e, finalmente, toda a donosura e simetria das partes, quer se encontrem

corpore, siue in corporis motu, siue in uoce sita sit, sensus uoluptate perfundit et, quemadmodum insulsitas et illuies alienat animos et ab amore auertit, ita elegantia et munditia animos ad se allicit amoreque deuincit. Verum, cum omnia quae ad corpus referuntur corporis ipsius naturam sequantur, et corpus sit natura caducum et imbecillum et morbis infinitis obnoxium, efficitur ut omnia corporis bona mutationes uarias subeant atque tandem morte deleantur. Fallax igitur et inanis est corporis uenustas atque pulchritudo: nempe, quae sit semper in motu et continuo labatur et fluat et, cum maxime grata est, tum uel maxime repentino aliquo incurso morbi grauioris euanescit.

Praeterea, cum uera uenustas in animo sit (ea namque sedes et regio totius decoris habenda est in qua lumen totius honestatis elucet et species pulchritudinis diuinae perspicitur), cum sic euenit ut in singulari corporis specie animus flagitiorum sordibus obsolescat et turpitudine insigni deformetur, fallacissima est corporis totius elegantia. Latet enim tunc sub honestatis specie turpitude, sub uenustate deformitas, sub decoris inanis splendore taeter flagitiorum aspectus. Sic autem fit ut, quod est odio dignum, oculis iucundum et amabile uideatur. Praeterea, nihil potest uerum bonum appellari quod mortis ui et incursione conficitur. Vera igitur pulchritudo [945] illa demum existimari debet quae semper insitam uenustatem retinet, quae morbis minime deflorescit, quae mortis telo non exstinguitur, quae denique sempiterna est et tum maxime splendet cum omnia quae in corpore eminebant omnino deleta sunt.

Haec autem diuina species et pulchritudo Dei timore conficitur. Timor enim Dei legem diuinam sancit; lex uero repellit omnes labes, euellit cuncta flagitia, sedat discordias, partes animi componit, mentem illustrat, uirtutis ornamentum comparat et tam illustrem speciem animi reddit ut in ea possis intueri diuinae pulchritudinis effigiem. Non igitur corporis candor, non uenustas et elegantia pulchritudinem ueram efficit, sed species uirtutis admirabilis est, amabilis et praedicanda multisque laudibus efferenda. Si igitur cuiusuis mulieris sanctae pulchritudo, quae metu Dei atque pura religione perficitur, est amabilis et perpetua praedicatione celebranda, quid de illius pulchritudine dicendum quae omnes sanctas mulieres longissimo interuallo superauit? Lunae splendor in conspectu illius obruitur, siderum claritas euanescit, radii Solis obscurantur. Angelorum etiam dignitas illi multum de dignitate concedit. Cuncti enim caelites speciem illius admirantur, illius gloriae seruiunt, illius laudes concinunt et tum se Christo imperator maxime placere sentiunt cum illius matrem sanctissimam perpetua laudatione prosequantur.

no corpo, quer nos movimentos do corpo, quer na voz, inundam os sentidos de prazer e, da mesma maneira que a insipidez e a imundície causam desgosto e desviam do amor, assim a elegância e asseio seduzem e ligam pelo amor. Mas, uma vez que tudo que se refere ao corpo acompanha a natureza do próprio corpo, e que o corpo por natureza é perecível e fraco e sujeito a numerosíssimas enfermidades, sucede que todos os bens do corpo sofrem várias mudanças e ao cabo são destruídos pela morte. Por conseguinte, a graça e beleza corporais são enganosas e vãs: a saber, aquelas que estão sempre em movimento e incessantemente fluem e passam e, quando são mais agradáveis, é então sobretudo que se desvanecem devido a algum ataque repentino de enfermidade mais grave.

Além disso, uma vez que a verdadeira graciosidade se encontra na alma (pois deve ser tida como morada e lugar de toda a honra aquela na qual resplandece a luz de toda a honestidade e se divisa a imagem da beleza divina), quando acontece que num corpo de extraordinária aparência a alma se eclipsa sob a sujidade das infâmias e se desfigura com a sua enorme torpeza, é inteiramente enganadora a elegância do corpo todo. É que então, sob a aparência da excelência, esconde-se a torpeza, sob a graciosidade, a deformidade, sob o brilho de uma beleza vã, o hediondo aspecto das infâmias. Ora, assim sucede que, aquilo que é merecedor de ódio, parece aos olhos agradável e amável. Além disso, não pode dar-se o nome de verdadeiro bem a nada que está sujeito à violência e arremetida da morte. Por consequência, deve considerar-se como verdadeira formosura [945] só aquela que conserva sempre a congénita graciosidade, que não emurchece com as doenças, que não se extingue com o dardo da morte, que, enfim, é eterna e resplandece sobretudo quando foram por inteiro destruídas todas as cousas que sobressaíam no corpo.

Ora, esta aparência e formosura divinas conseguem-se mediante o temor de Deus. De facto, o temor de Deus confirma a lei divina, e a lei repele todas as desonras, arranca todas as infâmias, apazigua as discórdias, harmoniza as partes do espírito, ilumina o entendimento, obtém o ornamento da virtude e torna tão brilhante a aparência da alma que nela pode contemplar-se a imagem da beleza divina. Por conseguinte, não são a donosura, graciosidade e elegância que fazem a verdadeira formosura, mas a aparência da virtude é admirável, amável e louvável e merecedora de ser exaltada com muitos elogios. Por conseguinte, se a formosura de qualquer mulher santa, que se obtém através do receio de Deus e da pura religiosidade, é amável e digna de ser celebrada com encómio perpétuo, que cumpre dizer-se acerca da formosura daquela que com muitíssima vantagem superou todas as santas mulheres? Diante dela, o esplendor da lua apaga-se, a claridade das estrelas desvanece-se, os raios do sol tornam-se escuros. Até a dignidade dos anjos desaparece diante da sua dignidade. De facto, todos os seres celestiais olham com admiração para a sua imagem, estão ao serviço da sua glória, entoam os seus louvores e sentem que aprazem a Cristo seu Senhor quando incessantemente louvam a Sua santíssima Mãe.

Concludit orationem noster Salomon cum omnes ad angelorum societatem incitat et admonet ut hanc tam diuinam decoris sempiterni formam admirantes perpetuo celebremus eiusque laudes in caelum canticis efferamus, et hoc tam diuinum numinis sempiterni fanum atque sacrarium non manibus hominum factum, sed opere Sancti Spiritus aedificatum et expolitum, amemus et ueneremur, nosque supplices ad illius pedes abiiciamus. Ait enim:

[31.] *Date ei de fructu manuum suarum, et laudent in portis opera eius.*

Docet nos iure astrictos esse ad meritum atque debitum munus diligentissime persoluendum. Operibus enim suis Dei mater nos omnes obligauit ad gratiam pro imbecillitate nostra referendam. Gratia uero quae a nobis exigitur est animus gratus et memor beneficii, est uirtutis diuinae praeconium, est perennis quaedam laus qua tantam decoris et dignitatis excellentiam perpetuo celebramus, ne umquam ex animis nostris tantum donum atque munus elabatur. Illa namque fuit nostrae salutis administra. Ardentissima namque fide et singulari uoluntatis alacritate, admirabili totius animi consensione, inflammato communis salutis studio concepit et peperit et enutriuit rerum omnium Dominum humanique generis liberatorem, nostrae salutis auctorem sempiternaeque gloriae et dignitatis architectum.

Sine fide Deo placere non possumus. Vt igitur is in nos beneficia [946] conferat, nostra fides antecedit opus est. Quo autem beneficium amplius et magnificentius est, eo firmior et constatior fides exigitur. Beneficium nullum umquam maius exstitit eo quo sumus affecti, cum Dei filius humanum corpus e uisceribus Virginis assumpsit. Quod, si illa non facillime animum ad credendum induxisset beneficium, illud exitum habere minime potuisset. Quid uero credidit? Id quod est a sensibus longissime remotum, quod ratio minime consequitur, cui natura uniuersa refragatur. Itaque sensus omnes abiecit, rationem pietati subiunxit, naturam uniuersam ad fidei imperium reuocauit. Quibus autem signis commota est? Nullis prorsus! Imbecillitatis enim est signa requirere. Satis habuit Virgo sanctissima exploratum et cognitum nuntium a Deo missum esse, et promissa diuina Dei ipsius fide sanciri, Deique fidem labare non posse neque potentiam illius impediri, quominus omnia quae promittit efficiat. Erecta igitur mens et excelsa, diuinaeque lucis radiis illustrata, in caelum penetrauit diuinae probitatis immensitatem perspexit, et praepotentis Dei numen uenerata est, seque promptam atque paratam ad impositum munus efficiendum ostendit.

O nosso Salomão²⁹ conclui o seu discurso ao incitar todos à companhia com os anjos e ao aconselhar a que, admirando esta tão divina forma da beleza eterna, incessantemente a celebremos e com cânticos levantemos aos céus as suas loas, e a este tão divino templo e sacrário da divindade sempiterna, feito e aperfeiçoado, não por mãos de homens, mas por obra do Espírito Santo, o amemos e veneremos e, em atitude suplicante, nos humilhemos aos seus pés. Com efeito, diz:

31. *Dai-lhe do fruto das suas mãos; e as suas obras a louvem nas portas.*

Ensina que nós pelo direito estamos obrigados a com toda a diligência cumprir o merecido e devido dever. É que pelas suas obras a Mãe de Deus a todos nós obrigou a, na medida da nossa fraqueza, lhe mostrarmos reconhecimento. E o agradecimento que de nós se exige é uma alma agradecida e lembrada do benefício, é a proclamação da virtude divina, é o perpétuo elogio com o qual celebramos tão grande superioridade de honra e dignidade, para que das nossas almas nunca desapareça uma tamanha dádiva e presente. É que ela foi a auxiliar da nossa salvação. De facto, com fé ardentíssima e entusiasmo da vontade, com admirável conformidade de todo o seu espírito, com abrasado zelo da salvação geral, deu à luz e amamentou o Senhor de todas as coisas, libertador do género humano, autor da nossa salvação e arquiteto da glória e dignidade sempiternas.

Sem fé não podemos agradar a Deus. Por conseguinte, para que Ele nos conceda benefícios, [946] é mister que antes tenhamos fé. Ora, quanto maior e mais magnífico o benefício, tanto mais firme e constante fé se exige. Jamais existiu benefício maior do que este que nos foi concedido, quando o Filho de Deus tomou corpo no ventre da Virgem. Se ela não tivesse induzido a sua alma a crer isto sem qualquer dificuldade, aquele benefício não teria podido realizar-se. E que foi aquilo em que acreditou? Algo que está muito apartado dos sentidos, que a razão não alcança e a que toda a natureza se opõe. Por isso renunciou a todos os sentidos, subordinou a razão à piedade, colocou a inteira natureza sob o senhorio da fé. Ora, que sinais a impeliram a isso? Absolutamente nenhuns! É que é próprio da fraqueza exigir sinais. A santíssima Virgem sabia e conhecia de sobejo que Deus tinha enviado um mensageiro, e que as promessas divinas eram confirmadas pela Sua palavra, e que a palavra de Deus não podia falhar nem o Seu poder ser impedido de levar a efeito tudo o que promete. Por conseguinte, com a alma alentada e levantada, e iluminada pelos raios da luz divina, penetrou no céu e viu claramente a imensidão da bondade divina e adorou a majestade divina de Deus todo-poderoso, e mostrou-se pronta e disposta a cumprir a função que lhe foi imposta.

²⁹ Após a interrupção, motivada pela reiteração do comentário aos versículos de 11 a 30, retoma-se aqui, e conclui-se, o comentário sequencial dos *Provérbios*.

Sanctissimi uiri in rebus multo minoribus interdum repugnabant. Nam et Abraham, ut certior esse posset se, exactata propemodum aetate, ex uxore infecunda et nonagenaria, marem filium suscepturum, signa requisivit. Similiter Moses signa saepe flagitavit. Gedeon, multis prius signis admonitus, arma sumpsit. Et multi praeterea, antequam minoribus promissis fidem haberent, signis admirandis confirmati fuere. At Virgo, cum primum audiuit se uirginem, sine ulla pudoris labe, rerum omnium conditorem et Dominum parituram, et, luce caelesti diuinitus illustrata, perspexit nuntium a Deo missum esse, fidem confestim adiunxit. Itaque non haesitavit diffidentia neque in partes uarias uersauit rationem, curiose nimis inquirens quomodo id fieri posset. Id tantum scire uoluit an Verbum Diuinum esset. Hoc satis illi fuit ut cogitationes omnes fidei repugnantes longe repelleret et argumenta diffidentiae inuicta uirtute profligaret. Omnes igitur homines diuinos fidei magnitudine longe multumque superauit. Cum uero uirtutes reliquae a Deo secundum uiuae fidei rationem animis inserantur, consequens est ut, quae fidei suae lucem tam longe lateque diffundit ut simul omnes qui magnos in pietatis studio progressus habuerunt facile uincat, uirtutum omnium opibus et ornamentis, inter omnes qui summum gradum uirtutis assecuti sunt, mirabiliter excellat. Et reuera non aliud Deum decebat.

Cum tabernaculum foederis, quod adumbratam imaginem maiestatis contineret, olim designauit, mirum est quantam operam et studium in illius aedificatione consumpsit. Primum enim ligna quae diutissime corruptioni resisterent comportari iussit. Aurum deinde et argentum et aes et gemmae et purpura uaria et pretiosa supellex et multa denique quae ad ornamentum [947] tabernaculi pertinebant, imperio illius undique congesta sunt. Artifices autem, postremo, quos operi praefecit spiritu suo incitauit ut omnia quae facerent ad exemplar dirigerent quod fuerat in monte praemonstratum.

Similiter et Salomon, ut templum exstrueret, quot modis fuit ope numinis instructus et ad fabricam illam admirandam eruditus? Nam, et opes ingentes habuit et singulari sapientia cumulatus fuit, et undique fabros accersiuit omnemque sapientiam eo contulit ut templum perficeret et absolueret, quo nullum opus in terris exstaret uel opibus magnificentius, uel artificio pulchrius, uel ad religionis inuitamentum sanctius, uel ad memoriam sempiternam nominis accommodatius. Quid autem erat uel in tabernaculo uel in templo reconditum, quod tantas opes et tam acre studium et tam praeclarum artificium flagitaret? – Lex diuina, in tabulis lapideis incisa. Quibus autem sacris operati sacerdotes, ut numen propitium redderent, elaborabant? Vmbris rerum caelestium, obscuris imaginibus, adumbrata denique sanctitate. Quid igitur dicendum? Si tanta opera cum tantis opibus in rerum caelestium imaginibus a Deo posita fuit, quantum studium in templo aedificando, in quo non adumbrate, sed uere erat ipse collocandus, erat iure atque merito consumendum?

Os varões mais santos por vezes em situações muito menos dificultosas resistiam. Com efeito, até Abraão, para ter a certeza de que, tendo quase ultrapassado a idade, haveria de gerar um filho macho da sua esposa infecunda e nonagenária, pediu sinais. Do mesmo modo, Moisés exigiu muitas vezes sinais. Gedeão pegou em armas só depois de admoestado por muitos sinais. E, além disso, muitos outros antes de darem crédito a promessas menores, foram corroborados por sinais espantosos. A Virgem, porém, assim que escutou que ela, uma virgem, haveria de, sem qualquer mancha da sua pureza, dar à luz o Criador e Senhor de todas as coisas, e, divinamente iluminada pela luz celestial, viu que o mensageiro fora enviado por Deus, imediatamente lhe deu crédito. Por isso a desconfiança não a fez hesitar nem se voltou em diferentes direções, procurando saber com excessiva curiosidade o modo pelo qual tal coisa se poderia levar a cabo. Só quis saber se se tratava da Palavra divina. Isto bastou-lhe para afastar para longe de si todos os pensamentos que se opunham à fé e com invencível coragem destruir os argumentos da desconfiança. Por conseguinte, em grandeza de fé avantajou-se de longe e em muito a todos os homens de superior religiosidade. E, uma vez que as restantes virtudes são por Deus inseridas na alma em proporção com a fé viva, segue-se como lógica consequência que, aquela que derrama a luz da sua fé tão ao largo e ao longe que do mesmo passo facilmente vence todos os que muito avançaram no zelo da piedade, de forma maravilhosa, com as riquezas e ornamentos de todas as virtudes, sobressai entre todos os que se guindaram ao grau mais elevado da virtude. E, na realidade, nem outra coisa ficaria bem a Deus.

Quando outrora planeou o tabernáculo da aliança, para nele encerrar uma imagem bosquejada da majestade, é admirável o grande trabalho e desvelo que à sua construção aplicou. É que, em primeiro lugar, ordenou que se transportassem madeiras que durante muitíssimo tempo resistissem à corrupção. Em segundo lugar, por Sua ordem de toda a parte se ajuntaram ouro, prata, bronze, pedras preciosas, púrpura, e variada e cara mobília e, numa palavra, muitas coisas que tinham a ver com a ornamentação [947] do tabernáculo. Ora, por fim, com a Sua inspiração moveu os artífices, a quem incumbiu da direção da obra, a que em tudo o que fizessem tomassem como modelo o que fora antecipadamente mostrado no monte.

Semelhantemente, a Salomão, para edificar o templo, por quantos modos o ajudou a inspiração da divindade e o ensinou a levar a cabo aquela admirável construção? Na verdade, não apenas teve riquezas imensas, como também foi cumulado de extraordinária sabedoria, mandou vir de toda a parte operários e consagrou todo o seu saber a concluir e aperfeiçoar um templo que seria na terra o mais magnífico em riquezas, o mais belo em primor artístico, o mais santo para incitamento à religiosidade e o mais adequado para lembrança eterna do seu nome. Ora, que se encontrava escondido, quer no tabernáculo quer no templo, que exigisse tão grandes riquezas, tão empenhado desvelo e tão elevado primor

In hoc igitur templo non lignum, sed corpus purissimum, ad fabricam delectum fuit; non aurum et argentum, sed opes fidei atque sapientiae et orationis diuitiae comparatae sunt; non gemmae, non purpura, non odores uarii, sed admirandae uirtutis splendor, sed ardentissimae caritatis insignia, sed sanctissimae religionis fragrantia, sed diuini decoris ornamenta ab ipso fonte bonorum omnium profluxerunt. In hoc tabernaculo non Bezabeel, non Ooliab operam suam interposuere; nullum humanum artificium adhibitum fuit, sed ipse summus architectus qui caelum manibus suis expoliuit et sideribus exornauit, hanc tam diuinam fabricam fundauit, perfecit, absoluit, diuinae uirtutis ornamentis illustrauit, ut in ea posset tamquam sedem sibi diuinae maiestatis amplitudini congruentem collocare.

Non immerito igitur idem Dominus nos ad Mariae laudes celebrandas adhortatur. “Laudent”, inquit, “in portis opera illius.” Non in angulo, inquit, non in solitudine (quamquam in solitudine etiam hoc officium non omittendum est), sed ‘in portis’ multo diligentius persoluendum. In portis conuentus, ut superius diximus, agebantur. Hoc est igitur quod ait: ‘Nomen illius debitis laudibus afficite operaque illius in omnium luce atque frequentia celebrate. Iustum enim est, cum illius beneficia in uniuersum genus humanum constiterint, ut omnium hominum, ad quos beneficia peruenerunt, uoce et praedicatione perpetuisque laudibus in caelum efferantur.’

Hoc in loco quaeramus de istis qui nimis Iudaicis sensibus astricti sunt, an credant hoc opus afflatu Sancti Spiritus editum fuisse. – Credere se dicent. Rursus interrogabo an existiment tantam curam Spiritum diuinum suscepisse laudationis Bethsabe ut iubeat eam a nobis in hominum [948] conuentu et celebritate perpetuis laudibus honorari. – Verisimile non est. Quae igitur haec mulier esse potest, cuius uirtus, industria, caritas, benignitas, religio, sapientia, eloquentia, diuinis laudibus ornatur? Quae omnibus sanctis mulieribus quae in pietatis gloria uixerunt longe praeponitur? Ad quam perpetua laudatione in conuentibus praedicandam uoce ipsius sancti Spiritus admonemur? Numquid alia potest esse nisi quam ipse diuinus Spiritus sibi despondit? Quae filio Dei sanguinem suum, unde carnem assumeret, largita est? Quae rerum omnium conditorem felicissimo partu ad omnium salutem edidit? Quae numquam se ab illo digredi atque diuelli sustinuit? Quae non solum lacte suo illum nutriuit, sed ei semper omni studio, cura, sollicitudine ministravit? Quae cum illo societatem doloris ignominiae et crucis denique ipsius sponte atque libenter iniuit? Quae denique apud Filium pro nobis preces adhibet?

artístico? – A lei divina, gravada em tábuas de pedra. Que sacrifícios faziam os sacerdotes para se esforçarem em tornar propícia a divindade? Sombras das coisas celestiais, obscuras imagens e, enfim, bosquejos da santidade. Que cumpre então dizer-se? Se Deus empregou tanto trabalho, juntamente com tão grandes riquezas, em imagens das coisas celestiais, quanto desvelo deveria com justiça e razão gastar na edificação do templo, no qual, não de forma bosquejada, mas verdadeira, Ele mesmo deveria ser colocado?

Por conseguinte, neste templo, para a sua construção, escolheu-se, não madeira, mas um corpo puríssimo; adquiriram-se não ouro nem prata, mas as riquezas da fé e os tesouros da sabedoria e da linguagem; mas manaram da própria fonte de todos os bens, não as pedras preciosas nem a púrpura nem os variegados perfumes, mas o admirável resplendor da virtude, mas os enfeites da ardentíssima caridade, mas as fragrâncias da santíssima religião, mas os atavios da formosura divina. Neste tabernáculo não se intrometeram a trabalhar Bezabel nem Ooliab;³⁰ não se usou de nenhum recurso da arte humana, mas foi o próprio Supremo Arquiteto, que acepilhou o céu com as Suas mãos e o ornamentou com estrelas, quem abriu os alicerces, construiu e acabou este edifício tão divino e o enobreceu com os atavios da divina virtude, para que nele se pudesse alojar como em morada condigna da grandeza da majestade divina.

Por consequência, não sem razão o mesmo Senhor nos exorta a celebrar os louvores de Maria. Diz: “as suas obras a louvem nas portas”. Quer dizer: não nos recantos, não no ermo (ainda que tão-pouco no ermo se deve deixar de lado esta obrigação), mas muito mais diligentemente se deve cumprir “nas portas”. Conforme dissemos mais atrás, as assembleias realizavam-se nas portas. Portanto, o sentido do que ele diz é o seguinte: “Elogiai o nome dela com os devidos louvores e celebrai as suas obras à vista e na presença de todos. Com efeito, quando os benefícios dela forem manifestos a todo o gênero humano, é justo que a voz e encarecimento de todos os homens, aos quais chegaram os seus benefícios, com incessantes elogios os exaltem até aos céus.”

Neste lugar, procuremos saber daquelas pessoas que estão excessivamente apegadas às interpretações judaicas, se creem que esta obra foi feita por inspiração do Espírito Santo. – Afirmarão que o creem. Perguntarei de novo se consideram que o Espírito de Deus teve tanta preocupação com o louvor de Betsabé que ordena que nós a honremos com incessantes louvores na assembleia e ajuntamento dos homens. [948] – Tal não é verosímil. Por conseguinte, que mulher pode ser esta, cuja virtude, atividade, caridade, bondade, religiosidade, sabedoria e eloquência são louvadas com encômios divinos? A qual é de longe preferida a todas as santas mulheres que viveram com o renome de piedosas? Que a voz do próprio Espírito Santo nos admoesta a elogiar nas assembleias com incessantes

³⁰ Vd. Êx 31. 2. e 6.

Vt enim filius patrem interpellat, ita mater filium. Ille uulnera et cruciatum et oboedientiae perfectionem, quae illum cruciamenta subire compulit, ostentans; haec filio integritatem, amorem, educationem, sanctissimi lactis ubertatem, laborum omnium societatem et communionem assidue repraesentans. Vt enim Pater Filium nobis dedit qui irati numinis offensionem salutari placatione leniret, ita Filius Matris sanctissimae puritatem et pietatem intuetur ut, illius meritis illectus, facilius nos gratiae suae participes efficiat. Ille enim, clementia sempiterna, ut nobis omni ratione consuleret, medios interponere statuit, quorum intercessione, saepenumero a seueritate ad misericordiam inflexus, ueniam supplicibus et abiectis impertiret. Semper enim uoluit ab hominibus sanctis exorari ut sic, et amicos suos honestaret, et aditum faciliorem ad clementiam suam miseris aperiret, et simul quanta sit uis uirtutis atque pietatis ostenderet. Tanta namque uis uirtutis est ut uirtutis ipsius parens et altor se precibus illius uinci facillime patiatur. Quod, si Deus tantam dignitatem seruis, quamuis ii non semper in officio permansissent, afferre uoluit ut eorum uotis cumulate satisfaceret, quid mater faciet, quae numquam a studio diuinae legis abducta fuit nec in se tenuissimam labem impuritatis admisit?

Non recusemus imperium; monitis diuinis obtemperemus; Reginae nostrae memoriam recolamus; illius uestigia consectemur; puritatem, humilitatem, moderationem, ardorem mentis, studium caritatis, amoris incendium admiremur, et laudes illius in ore semper habeamus, ut, illius precibus nixi, facilius ad gratiae thronum intromitti possimus. Sic autem fiet ut Filius, Matris precatione prouocatus, principes contineat ne libidinibus obsequantur, et afflictos excitet clementiaque sua reficiat ne desperatione frangantur; et abiectos, ad spem immortalitatis erectos, diuino praesidio saepiat et inuicto robore confirmet.

O diuinae mentis sacrarium templumque sanctissimum ipsius summi atque sapientissimi Domini, opibus et arte constructum, auro atque gemmis non e longinqua terra, sed e summo caeli [949] fastigio conuectis, illustratum. O maiestatis sempiternae solium, in quo Rex gloriae sibi sedem constituit. O caeli totius oblectamentum miseriaeque humanae perfugium, quis laudes tuas poterit enumerando percensere? Ne caelestis quidem eloquentiae uis et ubertas explicare dicendo poterit tantae uirtutis et dignitatis amplitudinem, tantae pulchritudinis et uenustatis elegantiam, tam eximiae sapientiae lumen et tam diuini splendoris, qui in te mirabiliter elucet, excellentiam. Te, summus et omnipotens angelorum conditor naturaeque caelestis aedificato, ex omni aeternitate temporis elegit in cuius pectus opes suas immensas includeret. Itaque tuae fidei, tuae puritati atque sanctitati, tuae uigilantiae, unicum Filium, sempiternae lucis effigiem, saeculorum omnium conditorem, credidit atque commisit.

loas? Acaso pode ser outra senão aquela com a qual o próprio Espírito Santo se desposou? Que deu ao Filho de Deus o seu sangue, para dele formar o corpo? Que, por felicíssimo parto e para salvação de todos, deu à luz o Criador de todas as coisas? Que nunca suportou dele apartar-se e desviar-se? Que não só com o seu leite o alimentou, mas sempre o serviu com todo o desvelo, cuidado e solicitude? Que com ele de bom grado e por sua livre e espontânea vontade se associou na dor, na infâmia e na própria cruz? Que, por derradeiro, roga por nós diante do Filho?

É que, assim como o Filho interpela o Pai, assim a Mãe o Filho. Ele, mostrando as feridas, os tormentos e a perfeita obediência, que o compeliu a suportar os tormentos; ela, incessantemente fazendo ver ao Filho a sua pureza, amor, criação que lhe deu, abundância de santíssimo leite com que o nutriu, associação e comunhão com ele em todos os trabalhos. De facto, da mesma maneira que o Pai nos deu o Filho, para que este, com salutar apaziguamento, aplacasse a divindade ofendida, assim o Filho contempla a pureza e piedade da santíssima Mãe para, conquistado pelos seus merecimentos, mais facilmente nos tornar quinhoeiros da sua graça. Na verdade, ele, pela sua eterna compaixão, para velar por nós por todas as formas, decidiu interpor medaneiros, graças a cuja intercessão, amiúde trocando a severidade pela misericórdia, concedesse o perdão aos que suplicam e se humilham. É que sempre quis que os homens santos o demovessem com rogos por forma a desse modo, não só honrar os seus amigos, mas também franquear aos infelizes um mais fácil acesso à sua compaixão, e ao mesmo tempo mostrar o quão grande é a eficácia da virtude e da piedade. Na verdade, a eficácia da virtude é tão grande que o pai e alimentador da própria virtude mui facilmente se deixa vencer pela preces dela. Pelo que, se Deus quis oferecer aos servos, embora estes nem sempre tenham cumprido os seus deveres, uma dignidade tão grande que plenamente satisfizesse os desejos deles, que fará a Mãe, a qual nunca se desviou do zelo da lei divina nem recebeu em si a mais leve nódoa de impureza?

Não recusemos o senhorio de Deus; obedeçamos às admoestações divinas; lembremo-nos da nossa Rainha; sigamos as suas pisadas; admiremos a sua pureza, humildade, comedimento, entusiasmo, zelo da caridade e abrasado amor, e tenhamos sempre nos lábios os seus louvores, por forma a que, amparados pelas suas preces, possamos mais facilmente ser admitidos ao trono da graça. Ora, assim sucederá que o Filho, persuadido pelas súplicas da Mãe, impedirá os grandes senhores de se submeterem à sensualidade, e alentará os atribulados e, com a sua compaixão, dar-lhes-á coragem para que o desespero os não quebrante, e, aos abatidos, erguendo-os para a esperança de imortalidade, cerca-os-á com a proteção divina e esforça-os-á com invencível vigor.

Ó sacrário do entendimento divino e templo santíssimo do próprio supremo e sapientíssimo Senhor, construído com riquezas e artes, ornamentado com oiro e pedras preciosas trazidas, não de longínqua terra, mas do cimo do céu! [949]

Tu sanguinem, tu corpus, tu uitam Deo in sacrificium ardentem obtulisti, et exercitus caelestis imperatorem humanaeque salutis uindicem felicissimo partu edidisti, et eum, cuius beneficio alimur [950] atque sustentamur, lactis tui dulcedine pauisti, omniumque laborum, quos in uita pro nobis suscepit, te illi sociam praebuisti, usque adeo ut merito te possimus ut nostrae salutis adiutricem precibus interpellare, ne officio tuo desis, et, quemadmodum incepisti, susceptum caritatis munus absoluas.

Te igitur, o caeli Regina, oramus et obsecramus ut nobis seruis tuis salutarem cibum, clementia illa tua singulari, subministres, ut a nobis imbris atque niuis iniuriam depellas, ut nos coccineis uestibus exornes, ne umquam animi nostri, terrenarum rerum studio, conglacient, sed semper amore et cupiditate caelestium concalescant. Nec enim quidquam tibi Filius ullis umquam saeculis denegabit, et ita fiet ut in omni conuentu et celebritate laudibus (non quae sanctitatis tuae meritis ulla ex parte respondeant, sed quas humanae imbecillitatis inopia tribuere potest) te prosequamur et studio uehementer inflammato ueneremur.

*Ego, Petrus Parra, de mandato Reuerendissimi Patris Magistri Sacri Palatii legi
librum hunc Commentariorum in Parabolas Salomonis, auctoris Reuerendissimi
Domini Hieronymi Osorii, Episcopi Siluensis. In quo nihil inueni contra religionem
Christianam uel contra bonos mores, immo utile fore iudico ut in lucem edatur.*

In quorum fidem hic nomen meum subscripsi.

Die 3 mensis Martii, anni 1592.

D. Petrus Parra, Societatis Iesu.

Ó sólio da majestade sempiterna, no qual o Rei da glória estabeleceu a Sua morada. Ó prazer do céu inteiro e refúgio da desgraça humana, quem poderá enumerar os teus motivos de louvor? Nem sequer a força e abundância da celestial eloquência poderão exprimir por palavras a grandiosidade de tamanha virtude e dignidade, a louçania de tão grande formosura e graciosidade, a luz de tão extraordinária sabedoria e a excelência de tão divino esplendor, que em ti tão maravilhosamente brilha. A ti, desde toda a eternidade o supremo e onnipotente Criador dos anjos e edificador da natureza celeste te escolheu para encerrar no teu peito todas as suas imensas riquezas. Por isso, à tua fé, à tua pureza e santidade, ao teu desvelo confiou e entregou o Seu único Filho, imagem da luz eterna e Criador de todos os séculos.

Tu com amor abrasado ofereceste a Deus em sacrifício o teu sangue, o teu corpo e a tua vida, e com venturosíssimo parto deste à luz o general das hostes celestiais e o resgatador da salvação humana, e com a doçura do teu leite alimentaste aquele graças a cuja bondade [950] somos alimentados, e a ele te associaste como companheira de todos os trabalhos que durante a vida suportou por nós, a tal ponto que, para que não faltes à tua função, com razão te podemos com rogativas interpelar como coadjutora da nossa salvação, e, da mesma maneira que começaste, pedir que cumpras inteiramente a função que assumiste de caridosa e benfeitora.

Por conseguinte, ó Rainha do Céu, te pedimos e rogamos que, pela tua singular compaixão, nos concedas, a nós que somos teus servos, o alimento salutar, e que de nós afastes os rigores da chuva e da neve, e que nos ornamentos com roupas de púrpura, para que o nosso espírito nunca se congele com a preocupação das coisas terrenas, mas sempre se esquite com o amor e desejo das celestiais. É que, o Filho jamais em tempo algum há de negar-te seja o que for, e assim acontecerá que, em todos os ajuntamentos e assembleias, te entoaremos loas (não as que em alguma medida possam corresponder aos merecimentos da tua santidade, mas as que te pode tributar a indigência da humana fraqueza) e com inflamado zelo vivamente te veneraremos.

Eu, Pedro Parra, por ordem do reverendíssimo padre mestre do Sacro Palácio, li este livro de Comentários aos Provérbios de Salomão, da autoria do reverendíssimo senhor D. Jerónimo Osório, bispo de Silves, e nele nada encontrei em contradição com a religião cristã e os bons costumes, e até considero que será útil que se publique.

Em fé do que subscrevi aqui o meu nome.

Dia 3 do mês de Março do ano de 1592.

Pedro Parra, SJ

Ego, Franciscus Peres Collado, de mandato Reuerendissimi Patris Magistri Sacri Palatii legi librum hunc Commentariorum in Parabolas Salomonis, auctoris Reuerendissimi Domini Hieronymi Osorii, Episcopi Siluensis. In quo nihil reperi quod rectae fidei et sanis moribus repugnet, immo assero in eo multa utilia et erudita contineri, atque ita utile fore iudico ut in lucem prodeat. In quorum fidem hic subscripsi. Die decimo tertio mensis Aprilis, anni 1592.

Franciscus Peres Collado.

Imprimatur.

P. Ant. Vicesg.

Imprimatur.

F. Barth. de Miranda, S. P. M.

Eu, Francisco Peres Collado, por ordem do reverendíssimo padre mestre do Sacro Palácio, li este livro de Comentários aos Provérbios de Salomão, da autoria do reverendíssimo senhor D. Jerónimo Osório, bispo de Silves, e nele nada achei que se oponha à perfeita fé e aos sãos costumes, e até afirmo que nele se contêm muitas coisas úteis e doudas, e por isso julgo que será útil que saia a lume,

Em fé do que subscrevi aqui o meu nome. 13 do mês de Abril do ano de 1592.

Francisco Peres Collado

Imprima-se

P. Ant. Vicesg.

Imprima-se

F. Bartolomeu de Miranda,

Mestre do sacro Colégio

(Página deixada propositadamente em branco)

ÍNDICE ONOMÁSTICO³¹

A

Abraão, 628-629.
Agur, 534-535, 536-537, 538-539, 544-545, 558-559, 580-581.
Alcum, 576-577, 578-579.
Algarve, 5, 6.
Almeida, Ferreira de, 573.
Ana, (mãe de Samuel), 610-611, 622-623.
Anticristo, 318-319, 578-579.
Antuérpia, 7.
Atenas, 10-11, 12-13.

B

Babilónia, 312-313.
Barbudo, 7.
Bezabel, 630-631.
Betsabé, 608-609, 610-611, 630-631.
Bolonha, 12-13.
Braga, 7.

C

Cícero, 255, 520-521.
Cícero Lusitano (sc. Jerónimo Osório), 5.

Coimbra, 5, 6, 7.

Collado, Francisco Peres, 636.
Cordeiro (Imolado), 134-135, 158-159.
Corinto, 10-11, 12-13.
Crespo, Gonçalves, 7.
Cristo, 6, 12-13, 28-29, 60-61, 142-143, 238-239, 314-315, 330-331, 338-339, 388-389, 390-391, 446-447, 463-464, 470-471, 534-535, 536-537, 556-567, 560-561, 562-563, 564-565, 566-567, 582-583, 610-611, 616-617, 618-619, 624-625.

D

Daniel, 312-313, 314-315.
Davi (= David), 22-23, 78-79, 150-151, 330-331, 338-339, 386-387, 396-397, 400-401, 510-511, 592-593.
Debora, 622-623.

E

Egito, 132-133, 312-313.
Emanuel, 582-583.
Epicuro, 288-289.

³¹ Este índice onomástico foi elaborado por Rogério Cardoso, distinto aluno de graduação do DLLP, do ICHL, da UFAM. Aqui se consigna o mais vivo agradecimento a alguém que consorcia raras qualidades de aplicação ao estudo com um genuíno interesse pela língua latina, que fazemos votos logrem plena realização numa carreira académica profícua e brilhante.

Erasmus, 14.

Espírito Santo, 18-19, 44-45, 48-49, 58-59, 152-153, 156-157, 196-197, 286-287, 362-363, 388-389, 390-391, 622-623, 626-627, 630-631, 632-633.

Etéocles, 346-347.

Ezequias, 454-455.

Ezequiel, 366-567.

F

Fassur, 504-505.

Fenícia, 10-11.

Figueiredo, António Pereira de, 7, 389, 573, 603.

Fúria, 16-17, 348-349.

G

Gálatas, 28-29.

Galatino, Pietro Colonna, 560-561.

Gedeão, 628-629.

H

Hesíodo, 219.

I

Iasub, Saer, 536-537.

Isaías, 62-63, 288-289, 400-401, 420-421, 470-471, 536-537, 560-561.

Israel, 22-23, 584-585.

Itália, 10-11.

Itiel, 534-535, 536-537, 538-539.

J

Jaque, 534-535, 536-537, 538-539.

Jeremias, 338-339, 498-499, 504-505.

Jerusalém, 582-583.

Jesus, 29-30, 339-340.

Job (= Jó), 5.

José, 312-313.

Judá, 454-455.

L

Lamuel, 536-537, 580-581, 582-583, 584-585.

Lia, 622-623.

Lisboa, 6, 293.

Lucas, S., 318-319, 458-459, 620-621.

Lutero, 170-171.

M

Magna Grécia, 10-11.

Manaus, 7.

Marcos, S., 456-457.

Maria (irmã de Moisés), 422-423.

Mateus, S., 194-195.

Média, 312-313.

Melquisedec (= Melquisedech), 576-577.

Mercúrio, 474-475, 476-477.

Miranda, Frei Bartolomeu de, 636-637.

Moisés, 58-59, 144-145, 148-149, 174-175, 450-451, 560-561, 622-623, 628-629.

N

Nutius, Martinus, 7.

O

Ooliab, 630-631.

Oseias, 566-567, 585-586.

Osório, D. Jerónimo, 5, 6, 7, 12-13, 14-15, 22-23, 90, 309, 561.

Osório Júnior, Jerónimo, 5, 10-11.

P

Paleotti, Gabriele, 6, 10-11.

Parra, Pedro, 634-635.

Paulo, S., 29-30, 61-62, 74-75, 88-89, 152-153, 156-157, 290-291, 372-373, 388-389, 416-417, 428-429, 439-440, 466-467, 468-469, 534-535, 538-539.

Pavor, 504-505.

Pedro, S., 214-215, 564-565, 612-613.

- Pinho, Sebastião Tavares de, 2, 3, 5, 7. 476-477, 478-479, 482-483, 484-485,
 Pinto, António Guimarães, 3. 490-491, 534-535, 536-537, 558-559,
 Pio XII, 90. 580-581, 582-583, 592-593, 600-601,
 Polinices, 346-347. 608-609, 610-611, 614-615, 626-627,
 Pontano, 14. 628-629, 634-635, 636-637.
 Portugal, 13. Samuel, 610-611, 622-623.
 Sara, 610-611, 622-623.
 Satanás, 120-121, 152-153, 242-243,
 614-615.
 Sebastião, rei D., 6, 7.
 Séneca, 297.
 Sião, 446-447.
 Silves, 634-635, 636-637.
 Síria, 10-11.
 Sócrates, 540-541.
- Q**
 Quintiliano, 231.
- R**
 Raquel, 624-625.
 Rebeca, 622-623.
 Rodes, 12-13.
 Rodrigues, M. Augusto, 5, 7.
 Roma, 5, 7, 12-13, 14-15, 346-347, 414,
 446, 536, 574, 576, 578.
 Rómulo, 346-347.
- S**
 Salomão, 5, 6, 7, 14-15, 20-21, 22-23,
 26-27, 28-29, 36-37, 48-49, 54-55, 56-
 -57, 58-59, 60-61, 64-65, 66-67, 78-79,
 88-89, 112-113, 122-123, 124-125,
 126-127, 144-145, 176-177, 186-187,
 194-195, 204-205, 218-219, 246-247,
 248-249, 260-261, 264-265, 288-289,
 292-293, 296-297, 304-305, 320-321,
 330-331, 334-335, 354-355, 386-387,
 394-395, 402-403, 404-405, 408-409,
 418-419, 422-423, 446-447, 448-449,
 450-451, 454-455, 468-469, 472-473,
- T**
 Tiago, S., 90-91, 330-331.
 Tosi, Renzo, 297.
- U**
 Ucal, 534-535, 536-537.
- V**
 Veneza, 293.
 Vénus, 98-99, 438-439.
 Vila Verde, 7.
 Villela, Dr. José António da Costa Ma-
 chado, 7.
 Virgem Maria, 6, 420-421, 560-561,
 562-563, 564-565, 618-619, 620-621,
 630-631.

(Página deixada propositadamente em branco)

ÍNDICE GERAL

| | |
|--|-----|
| NOTA PRÉVIA DO TRADUTOR | 5 |
| TEXTO E TRADUÇÃO | 9 |
| Carta-dedicatória de Jerónimo Osório, Sobrinho, ao Cardeal Gabriel Paleoto | 10 |
| Proêmio dos Comentários aos Provérbios de Salomão | 14 |
| COMENTÁRIO AOS PROVÉRBIOS DE SALOMÃO | 22 |
| Capítulo I | 22 |
| Capítulo II | 46 |
| Capítulo III | 56 |
| Capítulo IV | 78 |
| Capítulo V | 92 |
| Capítulo VI | 106 |
| Capítulo VII | 128 |
| Capítulo VIII | 136 |
| Capítulo IX | 156 |
| Capítulo X | 176 |
| Capítulo XI | 196 |
| Capítulo XII | 214 |
| Capítulo XIII | 228 |
| Capítulo XIV | 244 |
| Capítulo XV | 266 |
| Capítulo XVI | 284 |
| Capítulo XVII | 310 |
| Capítulo XVIII | 332 |
| Capítulo XIX | 352 |
| Capítulo XX | 368 |
| Capítulo XXI | 392 |
| Capítulo XXII | 410 |
| Capítulo XXIII | 426 |
| Capítulo XXIV | 440 |

| | |
|-------------------------|-----|
| Capítulo XXV | 454 |
| Capítulo XXVI | 472 |
| Capítulo XXVII | 488 |
| Capítulo XXVIII | 504 |
| Capítulo XXIX | 522 |
| Capítulo XXX | 534 |
| Capítulo XXXI | 580 |
| ÍNDICE ONOMÁSTICO | 639 |

(Página deixada propositadamente em branco)

